A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

"A Capital,, agita todos os assuntos que interessam á vida nacional.

N.º 4067 — 12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5

LISBOA — Terça-feira, 2 de Maio de 1922

Telefone n. 2233 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

As finanças do Estado

As propostas de lei apresentadas na Camara pelo sr. Portugal Durão começam agitando profundamente a opinião publica. A mais sucinta analyse revela lhes imediatamente a inexequibilidade e mais do que isso uma duresa intempestiva que não vem decerto, concentrar sobre o ministro nem as sympathias, nem o apoio da opinião publica.

Resulta dessas propostas, como do resto sucede na maioria de propostas deste genero, que é a classe média a maior senão a unica sacrificada no estado de cousas em projecto. Uma dedução de ideias, um conjunto de medidas que tivessem por fim fazel-a desaparecer por completo, não procederiam por outra forma. De facto é sobre a grande multidão que constitue a meia-classe que incide todo o rigor das propostas ministeriais.

Essas propostas excluem de todo e qualquer imposto o Chefe do Estado, os ministros, os deputados e senadores e as massas operarias. E principiam por considerar colectaveis todos os vencimentos a partir do limite minimo de mil e quinhentos escudos anuais. A numerosa multidão a quatro escudos por dia está sujeita á esmagadora pressão do imposto. Nas massas operarias onde não ha salarios de quatro escudos, esse imposto desaparece. Supõe-se que o aluguel mensal duma casa representa a sexta parte do rendimento e sobre essa base se pretende fazer pesar uma contribuição que vai de onze a trinta e seis por cento. E supõe-se tambem que todas as pequenas industrias que neste momento vegetam miseravelmente estão em condições de pagar importancias que podem ir até á terça parte do seu rendimento global.

Destas suposições falsas e destas exclusões vexatorias surge nitidamente o caracter odioso e odiento dos projectos do sr. Portugal Durão.

As suas propostas são inteiramente desoladas sobre a lei financeira passada pela folha do passado extremismo e da nossa rudeza habituais alem de serem duma lamentavel importunidade. Se o sr. ministro quizesse estrangular em massa, todos aqueles que não são parlamentares ou operarios, decerto não procederia doutra forma e muito embora seja nossa convicção que as suas propostas serão inteiramente modificadas porque são inteiramente inaplicaveis, o que é verdade é que não poderá deixar-se passar sem reflexão um conjunto de projectos de manifesta tonsuração sistematica embora seja clara a sua completa inviabilidade.

Não se votarão as propostas do sr. Portugal Durão. Um simples volver de olhos pela miseria que alastra e ameaça submergir tudo, bastaria para provar a veracidade da nossa asserção. Tal como existem ninguem as cumprirá porque ninguem as póde cumprir. A hora é de sacrificio mas não é do assalto. Nós temos de pagar, queremos pagar. Mas não queremos e não deixaremos que nos expoliem. E levaremos de frente esta questão como temos levado tantas outras: combatendo.

Governadores de Timor

Ha dias o cronista colonial de «O Dia» referindo-se de passagem a Timor, chamava-a «a... dos governadores originais extravagantes».

Nós que temos na memoria alguns dos mais originais «excentricos do meu tempo», do Palmeirim entre os quais figura um antigo governador de Timor, não tinhamos percebido a alusão recente aos «concentricos» contemporaneos que encobria a designação «extravagante», que andam vagos, á tôa, fóra de vida e tino.

Agora a «Epoca», nas suas «notas coloniais» põe os pontos nos i i... Existe um governador nomeado para Timor «ha um ano,,—e que ainda lá não poz os pés!... Ao que se vê voltam ao Ministerio das Colonias as antigas tradições... Aquela «caverna de Caco,... do grande Mariano de Carvalho.

Se não ha coragem de mandar esta «frieira», rata do queijo colonial, para outro sitio, ao menos, sr. ministro, mande-o para Timor... e ás moscas...

Febres tifoides

Curam-se com o «Lactobiase» associada á «Lactobiase Edema», patentes da invenção do Laboratorio Farmacologico, de que é depositario Raul Vieira Lda. Rua da Prata 51.

O ilustre "detective Sherlok "Holmes

EXPLICA Á "A CAPITAL,, QUAL A FUNÇÃO QUE DESEMPENHA A BENGALA QUE O AVIADOR GAGO COUTINHO LEVOU NA SUA VIAGEM AERIA

Do ilustre *detective* Sherlok Holmes recebemos a seguinte carta:

Sr. redactor:

A' minha casa de Madison-square trouxeram-me o *Times* e o *Standart* noticias de um acontecimento que neste instante preocupa a nação lusitana. Trata-se do *raid* magnifico dos srs. Gago Coutinho e Sacadura Cabral, oficiais da marinha de guerra portuguesa. O meu amigo, o dr. Watson, que conhece um pouco a lingua portuguesa e segue com atenção a leitura dos jornais de Lisboa, quiz ter a gentileza de me pôr ao facto de certas minucias sobre os dois aviadores, algumas das quais considero muito interessantes.

Sei, por consequencia, hoje, tudo que interessa aos *raid-men*. Conheço-lhes a filiação, os inventos, a arrojada audacia, o animo valoroso e forte. Um ponto, no entanto, permanecia, para mim, obscuro e vago e, decerto, assim se desenhou tambem ao meu velho amigo, dr. Watson, que para êle me chamou a atenção: trata-se da bengala, dá ligeira *badine* que comsigo levou o almirante Coutinho.

Habituado a considerar e a destrinçar, desde longos anos, os aspectos subtis e misteriosos das coisas, confesso-lhe, sr. redactor, que esta bengala me atraiu grandemente sobre ela exerci com mais intensidade as minhas habituais deduções. E', pois, o resultado delas que tenho a honra de lhe submeter, certo de que presto á historia do *raid* um serviço, que, embora modesto, não deixa de ter utilidade.

Principiei, como de costume, pelo metodo de eliminações sucessivas. Informei-me, com a segurança compativel com a distancia, se, de facto, o almirante Coutinho levou comsigo uma bengala. Sei hoje que é indiscutivel êsse facto. Levou. E é tanto mais notavel êste detalhe, quanto é certo, segundo me afirmam, que o almirante Coutinho anda habitualmente com as mãos nas algibeiras das calças ou da *gabardine* (donde presumo que em Lisboa faz, por vezes, frio) desdenhando, por consequencia, essa companheira habitual nas longas marchas.

Começou, pois, o ponto delicado das minhas investigações. Se o almirante português, ao descer a *Chiado-Street*, não usa bengala, porque motivo a levaria num avião, onde todo o movimento locomotor lhe era vedado? Os antecedentes dêste marinheiro levam-me á conclusão de que se não trata de um caso de exhibicionismo banal. Se uma bengala foi levada por êsse aviador — é porque, na realidade, essa bengala se tornava necessaria. Imediatamente duas conclusões se impunham: ou se tratava de uma falsa, de uma fingida bengala, ou em verdade ela existia, revestida dos seus atributos normais. Durante algum tempo supuz que a *badine* de Coutinho fosse apenas um longo tubo de chocolate destinado a funções de nutrição e que êste heroi, com a sua propensão para o excentrico e para o pitoresco, preferisse levar o seu cacau em bengalas em vez de o levar em *tablettes*. Com efeito, seria uma interessante maneira de transportar êsse saboroso comestivel. Mas tive imediatamente de pôr essa hipotese de lado depois que me foi afirmado pela imprensa portuguesa que a alimentação dos dois aviadores era conduzida por formas e processos normais.

Sempre seguindo o meu sistema de eliminações, deparei com dois resultados: ou a bengala seria para auxiliar a marcha do aviador Coutinho, ou era evidentemente levada com intuitos violentos e ofensivos. Foi-me afirmado ser absolutamente impossivel andar dentro do Farey 400, embora para dar meia duzia de curtos e hesitantes passos. Tive de separar da bengala a sua missão pacifica e habitual. Restava, pois, a bengala ofensiva, a bengala em função de bengaladas.

Confesso-lhe, sr. redactor, que esta ideia me encheu de puro horror. Afastada a ideia de que o almirante Coutinho queira bater em si proprio, luminosamente se impunha a convicção de que ela iria bater no seu camarada Sacadura Cabral. Em pleno Oceano, numa aventura perigosa e em regular altitude, pareceu-me esta manifestação um acto de caracterizada loucura. E só socceguei quando a imprensa de Portugal me afirmou igualmente que o almirante Coutinho tinha cerebro perfeitamente constituido e isento de qualquer sintoma de alienação mental.

Modifiquei ligeiramente, então, a minha ideia. Coutinho iria dar bengaladas em plena lucidez do seu espirito. E a logica das coisas levou-me a concluir que entre êle e Sacadura Cabral existiriam, dissimuladas mas latentes, profundas divergencias. E seria sobre a tragica solidão do Oceano, na infinita melancolia das aguas, que a bengala agiria nas costas do aviador Cabral. O amor morbido pelas explosões de ódio em circunstancias anómalas produz, ás vezes estas decisões. Caso paralelo já tive ocasião de tratar quando perseguia os assassinos da imperatriz da Polonia.

Tinha visitado já a casa construtora do Farey 400, examinara já aparelhos identicos, para, até certo ponto, me edificar uma opinião concreta, quando de novo me foi garantido pelo dr. Watson que não podia haver, entre Coutinho e Cabral, odios ou, mesmo, inimisades. E, sendo ponto assente que são os melhores amigos do mundo, forçoso me foi mudar mais uma vez de opinião.

Caso grave e doloroso. Durante noites sem fim, taciturno e rebarbativo, arranhei o meu violino, envolvendo-me em ondas de fumo de Alepo e bastante agressivo para o meu velho Watson. Não encontrava a solução do problema. E, como me pareça, sr. redactor, que a vida dos grandes homens, entre os quais estou definitivamente arrumado, deve ser do dominio publico, devo explicar-lhe como se fez a luz no meu espirito, muito embora não deva ás excepcionais qualidades da minha lucidez o X dêste interessantissimo caso. Será uma página das minhas memorias. E, conforme já afirmava Beethoven, a verdade antes de tudo.

Miss Kate é minha cosinheira e minha admiradora. Sinto um amor modesto, mas tenaz, desenvolver-se entre os fumos do meu *plum-pudding* habitual. E converso ás vezes com *miss* Kate.

— *Mister Sherlok* — disse-me ela esta manhã — curiosa maneira arranjaram os dois aviadores portugueses, que fazem a travessia do Atlantico, para falarem um com o outro...

— Como assim!!?

— Vão sentados um atraz do outro, como sabe, e relativamente afastados. O ruido estridente do motor torna impossivel uma conversa, mesmo aos berros. E vai então, um dêles, o que ia atraz, inventou um processo de conversa...

— Ah! Sim...

— Sim. Com a ponta de uma bengala, de que vai munido, toca ligeiramente no ombro do seu companheiro da frente e, conforme a duração do contacto, estabelece o alfabeto Morse com o ponto e o traço. Assim comunicam.

— Obrigado, Kate. Os ovos que fiquem mal passados...

Profundamente humilhado, refugiei-me nas recordações das minhas gloriosas pesquisas de outr'ora para esquecer êste vexame. Ah! sr. redactor, os gelos da idade não arrefecem a minha fulgurante fantasia! Mas devo-me á Historia, devo-me á humanidade e, muito embora se deva a Kate êste esclarecimento importante, não quero deixar de o comunicar á imprensa amiga e aliada. Está, pois, explicada a função da *badine* de Gago Coutinho e eu, sr. redactor, apenas agora tenho de me subscrever com toda a consideração e estima.

Londres, 29 de Abril de 1922. — *Sherlok Holmes.*

Uma carta do dr. Teofilo Braga

O sr. dr. Teofilo Braga enviou ao director do nosso colega «O Correio da Manhã» a seguinte carta:

Sr. dr. Anibal Soares. — Só hoje, 30 tive conhecimento de uma entrevista publicada no «Correio da Manhã» de 27 do corrente, acerca de assuntos sobre que foi pedida a minha opinião.

Apresso-me a declarar que nada dessa entrevista ditei, nem foi escrito deante de mim. Com surpreza, ela me aparece traduzida em linguagem de calão, desconexa e intencionalmente falsa, e impropria da minha exposição doutrinaria e scientifica de sempre.

Este facto já se tem repetido por vezes no mesmo espirito de intriga dissolvente e malevolencia, como sucedeu com os jornais «O Dia» e o «Diario de Lisboa».

Repugna-me a má fé daqueles que, sendo recebidos em minha casa com todas as atenções e, depois disso, nunca me mandando redacção alguma, nem provas tipograficas, nem sequer o numero do jornal em que se insere a entrevista, procuram manchar o meu nome com as suas inepcias.

Comunico isto a v. para justificar a declaração igual que faço a outros orgãos da Imprensa sobre este caso.

Sou, de v., com toda a consideração, etc. — 30-IV 1922. — *Teofilo Braga.*

O palacio para o Embaixador de Portugal no Rio de Janeiro

A comissão de Finanças da Camara dos Deputados deu parecer favoravel á proposta governamental para se contrair um emprestimo de 680 contos destinados á compra do palacio para a Embaixada de Portugal no Brasil.

As decisões do Parlamento

SÃO LETRA MORTA NO MINISTERIO DA GUERRA TENDO SE POSTO EM VIGOR A LEI 1244 SEM SE AGUARDAR A DISCUSSÃO DO NOVO PROJECTO DE LEI DO :—: :—: SR. ARAGÃO E BRITO :—: :—:

Conforme haviamos anunciado saiu a Ordem do Exercito que começa aplicando a lei 1244. Reforma nos termos dela os seguintes oficiais: cor. de art. José Joaquim Ribeiro e de inf. Rodrigo Salgueiro; ten.-cor. de art. José Pacheco e de inf. Carlos Moreira da Silva e Acacio de Abreu; maj. de inf. Arnaldo Dewans; medico Antero de Magalhães e farmaceutico Luiz Vieira de Castro; cap. de art. Luiz Martins, de inf. Jeronimo Carneiro, Antonio da Cruz Junior, José Ribeiro de Almeida e chefe de musica Antonio Romano; ten. de art. João de Sousa e Menezes, de cav. Antonio Rodrigues, de inf. Antonio Ribeiro, Virgilio dos Santos, João Barbosa e chefe de musica Joaquim Figueiras, do quadro aux. da adm. mil. João dos Reis e Agostinho Alves; alf. de art. Carlos Reis, Antonio Barradas Nunes, Elio Dias, Joaquim de Sampaio e do quadro aux. Augusto Guedes, de cav. Decio Freitas Alberto de Castro, de inf. Henrique de Melo, Jorge Pinto, Alberto de Albuquerque, Luiz Tavares, Francisco Cordoso e Silva, Antonio Ferreira Melo e Manuel Valerio Junior; da adm. mil. Antonio Alves Pires, José Alves Machado, Alfredo Pereira, Belarmino Lemos e Antonio Vaz de Almeida e do quadro aux. de saude João Barbosa e os caps. de cav. Flausino Torres e Anibal Viegas.

Não foi suspensa. Já o sabiamos. O facto não só nos não produz estranheza como tambem não diminuirá a intensidade da nossa justa campanha. Antes pelo contrario. Mas não deixamos de acentuar mais uma vez quanto atrabiliaria é a decisão que manda pôr em vigor a lei 1244 sabendo-se, como toda a gente sabe, que o Parlamento vai ainda resolver sobre o caso por nele estar pendente um projecto de lei do senador sr. Aragão e Brito.

Delfim Ernesto de Magalhães, coronel de reserva. Apoz a proclamação da monarquia este oficial fardou-se «todo liró» o que raras vezes fazia. Chegada a «coluna relampago» do capitão Sá Guimarães, a Vila Real, apresentou-se áquele oficial e bem assim ao padre Domingos pedindo-lhes que aceitassem os seus serviços, no que foi atendido, trabalhando «a valer» no Quartel General da divisão. Voltou a Republica e «para destruir» o que havia feito, andou a perseguir oficiais e sargentos com menores responsabilidades que ele.. Deu bom resultado «a fita» porque foi encarregado de levantar sindicancias aos seus camaradas «entalando-os» muito rasoavelmente... para podêr assim ser hoje um bom republicano...

José Joaquim Fernandes, major reformado. Este oficial era delegado das Juntas do Porto em Vila Real. Durante a monarquia comandou o regimento de infantaria 13, e nessa qualidade fez discursos violentos contra a Republica enaltecendo a monarquia.,. Mandou prender bastantes republicanos, ameaçando, com guia de marcha para o Porto, os oficiais que dêssem parte de doente. Nota elucidativa e indispensavel: A esposa deste oficial é prima do coronel Manuel Maria Coelho, revolucionario de 31 de janeiro, e chefe da revolta outubrista... Moralidade... vem cá abaixo...

Valerio Manco, tenente-coronel. Com este oficial deu-se outro genero de «esperteza» que felizmente para ele e para mais alguns que lhe seguiram as pizadas, deu otimo resultado... Quando foi proclamada a monarquia entendeu «por motivo de prudencia» dar parte de doente... Assim se conservou a vêr em que «paravam as modas» manifestando comtudo aos seus camaradas a alegria que sentia pelo novo estado de cousas, mas que a sua saude estava bastante abalada pelas comoções sofridas.. Que logo que estivesse melhor «exigiria» o logar «mais arriscado na luta que estava travada para a salvação da Patria...» Veio a Republica, e o «prudente» oficial «exige o logar mais arriscado na luta que se ia travar para a salvação da Republica!...» Está hoje no regimento de infantaria 34 a jogar a bisca no conchego da familia, como o senhor general Barreto jogava a bisca em Cintra, no 5 de outubro, emquanto o povo morria e se batia para elevar áquele senhor ás culminancias do poder... Os bons exemplos «imitam-se...»

Paul Deschanel

Um episodio da epoca da 2.ª Republica Francesa

Paul Deschanel, o ex-Presidente da Republica Francesa recentemente falecido, era um bom e grande amigo de Portugal.

Não ha muito tempo que o sr. Melo Barreto, então ministro dos Estrangeiros, teve oportunidade para oficialmente lhe agradecer palavras de amiga justiça que Deschanel ditou a um jornalista, fazendo o panegirico de Portugal, das suas Instituições e dos seus grandes homens.

Cremos que não é fóra de proposito publicar aqui um traço inedito da vida do pai de Deschanel.

Deschanel, pai, foi banido de França após o golpe de Estado de 2 de dezembro de 1851, vibrado pelo traidor Napoleão contra a 2.ª Republica Francesa.

Deschanel, pai, enfileirou, pois, entre aqueles intransigentes republicanos que não se resignaram ao crime do Bonaparte e que se viram forçados ao exilio. Victor Hugo pertenceu, como se sabe, a esse grupo.

O pai Deschanel foi para Bruxellas, onde viveu de lições de francez e de conferencias publicas. Numa destas, notou na assistencia das primeiras filas uma senhora de singular formosura.

Casaram, pouco tempo depois. Do matrimonio nasceu Paul Deschanel, o malogrado Presidente da 3.ª Republica Francesa, de que Deschanel, pai, fôra o precursor...

Quando o consorcio foi participado a Victor Hugo, que se exilára em Jeroly, Inglaterra, o grande e genial poeta expediu para Bruxellas um telegrama assim redigido:

—"Depressa! depressa! venha esse pequeno Deschanel prometido!,,

Os votos de Victor Hugo foram realisados. Paul Deschanel veiu ao mundo e encheu, com o seu nome glorioso, uma pagina da historia francesa. A sua carreira de politico foi, todavia, interrompida pela doença de que, afinal, veiu a sucumbir. Razão tinham os gregos (nota um jornal francez) quando diziam:—"Nunca afirmem que um homem foi feliz antes dele morto,,.

A reconstituição da Turquia e a auctoridade religiosa do Sultão

CONSTANTINOPLA, 1. — O governo aceitou as propostas aliadas no seu conjunto reservando-se o direito de discutir as questões financeiras, militares e as das reparações estreitamente ligadas ao problema da reconstituição da Turquia. Reclama tambem a manutenção da autoridade religiosa do sultão e protesta contra a vigilancia dos estreitos por uma comissão interaliada, prometendo inteira liberdade de navegação. — (R).

Coronel Correia Santos

Não é este nosso amigo e colaborador quem foi nomeado para uma comissão de serviço em Angola, como os jornais noticiaram, mas sim o sr. tenente coronel Santos Correia.

Mausoleu a Machado Santos

Sob a presidencia do sr. Antonio Evaristo secretariado pelos srs. Gomes de Carvalho e Adelino Pereira de Almeida reuniu ontem a comissão do Mausoleu ao vice-almirante Machado Santos. Antes da abertura dos trabalhos tomaram posse os novos vogais srs. dr. Macedo Bragança e capitão de mar e guerra Serejo Junior a quem o sr. presidente saudou e agradeceu a sua cooperação.

Resolveu-se exarar na acta da sessão um voto de muito agradecimento á imprensa da capital pela forma cativante porque atendeu os seus delegados portadores da circular, auxilio que teem dispensado e pela promessa de a continuar ajudando em seus intuitos.

Registaram-se os oferecimentos da Empresa do Coliseu dos Recreios e do empresario Luiz Galhardo, assim como dos arquitetos sr. Marques da Silva, escultores Costa Mota, Sobrinho e José Neto.

As listas de subscrição podem ser pedidas nos locais já noticiados e mais: Rua da Prata 208 2.º e Rua da Prata 227.

O total dos donativos já recebidos ascende a 2.130$00.

A sessão de ontem nos Deputados

A moção do sr. Sá Pereira -:- Ainda o caso dos 3 milhões de libras -:- Os "raid-men,, portuguezes recusam a promoção ao posto imediato

A's 15 horas estão presentes 37 deputados. O presidente, sr. Domingos Pereira, declara aberta a sessão. Na bancada ministerial ninguem. Nas galerias, cinco solenentos espectadores, sendo um do sexo formoso.

Diz-se que a maioria vai pronunciar-se contra o sr. ministro da Instrução, a proposito do caso da cadeira da Escola Medica. Será verdade? Se fôr, que tremenda *espiga* para a oposição, que tem de sustentar o Governo!

Um deputado da maioria democratica, interrogado a êste proposito, diz:

— Eu não sei nada. Nem me dá cuidado: a oposição é que tem de servir de *espeque!*

O sr. Sacadura Cabral enviou o seguinte telegrama á Camara:

«Os nossos mais comovidos agradecimentos, fazendo sinceros e ardentes votos pela maxima prosperidade da Patria a que nos honramos de pertencer e que de v. ex.ªs tanto espera.»

ANTES DA ORDEM — NEGOCIO URGENTE — O 1.º DE MAIO

Saudação do sr. Sá Pereira ao proletariado universal. Manda uma moção para a mesa. Requere urgencia e dispensa do regimento. Como ainda não ha numero para votações, vai-se dando a palavra aos deputados inscritos para antes da ordem do dia.

Entra o chefe do Governo. O sr. Pedro Pita pede-lhe providencias sobre varias irregularidades que diz terem sido praticadas pelos delegados do Governo no Funchal.

O sr. presidente do Ministerio toma nota das considerações do orador.

A questão principal é esta:

O sr. Pedro Pita acusa o actual governador civil do Funchal de não acatar as determinações do Poder Central, violando as leis.

O sr. presidente do Ministerio declara que, se tais factos se confirmarem e repetirem, o Governo adoptará energicas resoluções. A resposta não satisfaz o sr. Pedro Pita, que reclama do chefe do Governo a demissão imediata do sr. governador civil do Funchal.

O 1.º DE MAIO

E' aprovada a dispensa do regimento para a moção do sr. Sá Pereira.

O sr. Carvalho da Silva, pela minoria monarquica, vota a moção, contanto que ela não signifique incitamento á revolução social.

O sr. Moura Pinto, pelos liberais, associa-se ás saudações ao operariado, fazendo votos para que as reivindicações dos trabalhadores não se orientem pelo caminho do crime, da violencia ou dos desvarios. E' indispensavel uma colaboração de todas as classes sociais para se conseguir o equilibrio entre todas as tendencias.

O sr. Cunha Leal, pelos independentes, reconhece que o operariado, dada a desvalorização da moeda, vive em más condições. Verifica, porém, que o operariado não produzindo, agrava a situação. Já não quere falar do regimen de 8 horas de trabalho, mas regista que, mesmo durante essas 8 horas, o operario português não produz quanto devia produzir. Aprova a moção e faz votos para que a produção se intensifique, a fim de que o mundo se restabeleça dos males do momento presente.

O sr. Camoezas, pelos democraticos, associa-se, calorosamente, entusiasticamente, á moção do sr. Sá Pereira. O seu discurso é absolutamente favoravel aos movimentos de reivindicação social.

O sr. Juvenal de Araujo, pelos catolicos, sauda o operariado português e cita, a proposito, a orientação de Leão XIII, que o operariado universal devia respeitar e seguir. Não quere revolução nem anarquia: quere a ordem social dentro dos preceitos da igreja.

O sr. Alberto Jordão, pelos reconstituintes, aprova a moção, sem espirito de lisonja aos trabalhadores. Os excessos operarios não são senão o reflexo da desordem em que se debatem os politicos.

O sr. presidente do Ministerio, pelo Governo, aprova a moção. Manda para a mesa uma proposta de lei.

A moção, posta á votação, é aprovada por unanimidade.

A moção é esta:

«A Camara, ao iniciar os seus trabalhos na sessão de hoje, envia as suas mais carinhosas saudações ao proletariado de todo o mundo, em geral, e, em especial, ao que faz parte da população portuguesa, e afirma o seu mais fervoroso desejo de melhores dias para a humanidade. — O deputado (a) *Sá Pereira.*»

O «RAID» LISBOA-BRASIL

A proposta de lei que o sr. presidente do Ministerio mandou para a mesa, assinada tambem por outros membros do Governo, autoriza o Governo a dispender até á quantia de 250 contos com a consagração nacional ao esforço dos aviadores Sacadura Cabral e Gago Coutinho.

E' votada a urgencia.

Entra-se na

ORDEM DO DIA

que é a continuação da discussão sobre o regulamento de concessão de creditos pela força dos três milhões esterlinos.

Continua o seu discurso, iniciado na sessão anterior, o sr. Fausto de Figueiredo.

O orador trata a questão com perfeito conhecimento das vantagens e desvantagens do regulamento. Alguma coisa se conseguiu com a abertura do credito dos três milhões esterlinos. Entende o orador que o Governo não devia ir mais além, abstendo-se de exercer uma acção directa nas importações. Isso é perigoso. Sempre que o Estado se mete a comerciante, os prejuizos são fatais! O Governo devia encarregar dessa missão os serviços autonomos, tornando-os responsaveis pelos erros ou faltas verificadas. Isso, sim, que seria util. A orientação do Governo assumindo o papel de comerciante, é um crasso êrro, que ha de vir a prejudicar o Estado, quando fôr o ajuste de contas finais.

O orador, que trata o assunto com muita eloquencia, apesar da natural aridez, é ouvido com muita atenção pelos parlamentares de todos os lados da Camara.

O sr. Carvalho da Silva ataca o Governo, é claro. Manda para a mesa uma moção de desconfiança. Elogia os negociadores do emprestimo dos três milhões, mas ataca os Governos pela situação de descredito em que a Nação Portuguesa se encontra no estrangeiro. As considerações do orador são todas dedusidas dentro dessa distinção entre negociadores do emprestimo e Governos — naturalmente porque os negociadores são monarquicos. No que respeita propriamente ao regulamento em discussão, a sua divergencia com o Governo é absoluta naturalmente porque os negociadores já não estão em foco. A politica obriga, frequentemente, a tantas subtilezas...

Responde o sr. ministro das Finanças. O seu discurso é apenas a reprodução de argumentos e razões já produzidas em sessões anteriores, ao tratar-se, incidentemente, do credito negociado.

UM INCIDENTE

Os srs. Sacadura Cabral e Gago Coutinho telegrafaram ao Governo pedindo licença para apresentarem recusa das promoções com que foram agraciados.

O incidente, comunicado pelo sr. ministro da Marinha, provoca nova apoteose aos herois, em que tomam parte os srs. Carvalho de Abreu, Vicente Ferreira, João Camoezas, Juvenal de Araujo, Lucio dos Santos, Antonio da Fonseca, cada qual em nome do agrupamento politico a que pertencem, e, finalmente, o sr. ministro da Marinha, pelo Governo.

A Camara resolve manter as promoções.

CONTINUA O DEBATE SOBRE OS CREDITOS

Fala o sr. ministro do Comercio. Defende o regulamento em discussão.

O discurso do sr. ministro do Comercio foi, sem favor algum, extremamente interessante. Infelizmente, o pouco espaço de que dispomos força-nos a fechar aqui o extracto parlamentar.

Sobre o discurso do sr. ministro do Comercio é encerrada a sessão ás 18 horas.

A inquietação na região do Rhene

MOGUNCIA, 1. — Alguns manifestantes atacaram o automovel, em que seguia um capitão americano, e que acidentalmente atravessou o cortejo organisado para comemorar o 1.º de Maio. O capitão tirou um revolver da algibeira, tentando um dos manifestantes desarmá-lo. Nesta ocasião ouviu-se um tiro, que feriu o capitão num hombro. Efectuaram-se algumas prisões. — (H).

MOGUNCIA, 2. — Declara-se de fonte autorisada que é destituida de qualquer fundamento a informação dos jornais alemãis, segundo a qual os peritos aliados tinham chegado a acordo sobre um novo plano de ocupação.

Theatros e Cinemas

Primeiras representações

S. Carlos—*«Aventuras do Rafael» comedia em 3 actos de Abati e Reparaz, tradução livre de João Soller.*

A companhia Alves da Cunha déu-nos em despedida, uma daquelas comedias do velho reportorio do extinto Ginasio, que outro fim não tem que o de fazer rir e que, manda a verdade que se diga, conseguiu, em absoluto, o seu objetivo. Não tentaremos sequer relatar o entrecho tal a serie de situações creadas dentro da peça que o espectador pouco se preocupa com ele. O desempenho como em todas estas obras, gira em torno dum comico, o «Rafael», desempenhado por Joaquim Prata que conservou a plateia em constante hilaridade, merecedor dos justos aplausos que lhe foram tributados em trabalho extenuante e ao qual o artista necessita emprestar o maximo esforço da sua boa vontade e alegria para que resulte, como resultou. Coube a Berta de Bivar o papel de «Rafaela», a mulher amiga e crente que não admite sequer, a possibilidade de que o marido a engane e muito menos que seja um valdevinos, papel que desempenhou a contento, sendo apenas lamentavel que, a condizer com a sua cabeleira branca, se não tivesse lembrado de dar alguns traços de «baton», de forma a esconder a sua juventude. Celeste Leitão e Palma ajudando o conjunto, e Maria Pinto exagerando o seu papel, esquecendo de que existe uma grande diferença entre o teatro comedia e a farça e que a exuberancia de gestos que, em determinados casos, é, nesta desculpavel, é grave defeito na primeira. Finalmente Lino Ribeiro, muito conscienciosamete, progredido e creando um belo tipo.

Scenarios vulgares e á marcação acertada, se atendermos á dificuldade de a manter integralmente, em peças deste genero.

ALVARO LIMA

No Porto

Sá de Bandeira—*«Bonecos articulados», 3 actos do autor brazileiro dr. Claudio de Sousa, pela companhia Cremilda—Chaby.*

O autor feliz de «Eu arranjo tudo» e da peça deliciosa cujo titulo tem já por si um ritmo magnifico—Flôr de sombra, o autor ainda da «Ave de Rapina» e de tantas obras leves ou sentimentais, mas sempre engenhosas e nobres que é o dramaturgo paulista dr. Claudio de Sousa, tem, nos «Bonecos articulados» uma obra de teatro interessantemente mecanisada, em que aliás se revelam todas as alternativas do seu talento bem pessoal e bem irregular. Os «Bonecos articulados» são daquelas peças que sem terem em si, como «charpente» ou como indumentaria nenhum largo voo creador, nem resistirem a uma analise detalhada de logica ou de segurança de ação, se revelam no entanto agradaveis, faceis, correntes, simpaticas. Como certo teatro regional espanhol que vale mais como documentação local do que como obra de dramaturgia por si, esta pecinha brazileira tem, no largo campo pitorico, dos caracteres e das almas que é essencialmente o teatro moderno, aquela função que para a obra dos pintores exercem certos pequenos apontamentos de viagem, que fixam o ambiente duma região, e lhe dão logo seja onde for uma nota de evocação sugestiva que julgo que os «Bonecos articulados» estariam bem num especial teatro de regionalismo brazileiro, não regionalismo de trajes e de costumes, mas de caracteres e de conflictos. O que é peça?

Um casal simples e socegado que vive tranquilamente em plena fazenda. O marido é um homem que vive a plenos pulmões a vida clara das campinas, a domar de chicote poltros e caracús. A mulher indolente, sensual, «sinhá», estiráça-se sobre um sofá a ler romances sentimentais. Ha em casa um primo inverosimilmente patela e poeta. Certo dia um engenheiro de minas em cata de pedras preciosas descobre e explora aquele filão sentimental. A aza do adulterio toca ao de leve de vicio um passo de minueto, durante uma festa, mas tudo acaba em bem, com algumas palavras sinceras e humanas que substituem a crise literaria mais que sensual duma mulher seria.

O homem vence o boneco articulado, aqueles que só não são de papel, porque teem uma mola oculta: o coração.

* * *

Chaby Pinheiro, o actor a todos os titulos iminente que hoje, em plena e fulgurante posse dum dos mais extraordinarios temperamentos histrionicos que teem surjido entre nós se mantem a toda a altura, quiz, e fez bem, criar um papel cheio de simpatia, no bom brazileiro, senhor de campos, de vistas largas e sentimentos largos.

E' de toda a justiça citar o actor brazileiro Carlos de Abreu que no papel de pôeta marcou entre nós um inseparavel logar de centro comico, possuindo realmente para este genero de trabalhos uma veia de bom humor e uma frescura de representação apropriada.

Sem duvida alguma que é este o seu genero de teatro e é nele que um exito real lhe está assegurado. A sua voz de emissão nasalada, franca, e a gesticulação exuberante por vezes se contribui para nos papeis comicos lhe dar um realce interessante atraiçoa-o, sem duvida, nas altas criações dramaticas. E dizemos altas criações, sem desdouro algum pelo dificilimo genero de galãs comicos onde Henrique Alves e Estevam Amarante para só citar os melhores se elevaram á categoria de primeiros actores. Valerio de Rajante, num papel dentro do seu genero, esteve muito bem, dizendo com uma rara sobriedade e a inteligencia, que já lhe notei na passada cronica daqui.

Muito bem esteve tambem Gentil que é um actor—utilidade, excepcionalmente correto. Santos Melo e Lusitana Sayal, e em «bout de-rôle» Mariana Figueiredo Elvira Teles e A. Pera—aquele Pera em que lhes falei da outra vez, carpinteiro de teatro sem sentido literario—estiveram todos num ritmo de afinação grande, a que a distinção de Cremilda soube dar com certo prestigio de «encadrement» no seu papel importante, o caracter dum dos mais seguros exitos da companhia Chaby.

O HOMEM QUE PASSA

Agenda da semana

AMANHÃ — Politeama — Estreia da Rey Collaço com a 1.ª representação da peça «Azas quebradas».

QUINTA-FEIRA — Salão Foz — Primeira representação da revista «Piparote».

Noticiario

Entre nós

Está marcada para terça-feira 9, no teatro Nacional a festa artistica da talentosa e gentil actriz Ilda Stichini. Representar-se-ha nessa noite a linda peça de D. João da Camara «A triste viuvinha», desempenhando aquela artista o papel criado, na primitiva, por Rosa Damasceno.

◆ A companhia francesa do teatro Renaissance que nos meados do corrente mez vem ao teatro S. Luiz dar uma serie de cinco espectaculos representará entre outras peças a original de André Picard e François Croisset «Mon homme» um dos maiores exitos de Paris.

◆ A actriz Sofia Santos do teatro S. Luiz uma das caracteristicas mais justamente aplaudida, realisa ali a sua festa no proximo dia 11 com a reprise da opereta «A boneca».

◆ Tambem depois de amanhã ali realisam a sua festa anual as coristas daquele teatro com o 1.º e 2.º actos de «A leiteira de Entre Arroios» e um acto de variedades.

Estrangeiro

No teatro Apolo, de Madrid, anuncia-se para breve, a zarzuela de José Tellaeche, intitulada «Las mariscalas».

◆ Deve-se ter estreiado no teatro Centro, da mesma cidade, no ultimo sabado, a nova comedia de D. Antonio Paso «El auto de fé», escripta expressamente pelo seu autor para a companhia Alba Bonafé.

◆ Iniciou-se uma serie de «matinées» na sala Gaveau, de Paris, a nossa conhecida artist Yvette Guilbert.

◆ No teatro Porte-Saint-Martin, está marcado para hoje o ensaio geral de «Don Juanes».

◆ Mme. Rasimi, directora do Ba-ta-Clan, de Paris, acaba de embarcar em Bordeus, para a America do Sul, com a sua companhia, composta de 60 figuras. O repertorio é constituido por 4 revistas de Roser Ferréol Celval e José de Bergs, vestidas com 200 fatos que justificarão, decerto o epitheto de «reino des couleurs», dado a Mme. Rasimi.

Reclames

Nacional

Hoje repete-se no Nacional a delicada peça dos Quinteros, «O Centenario», que está de novo, obtendo, no elegante teatro, o mais brilhante e entusiastico exito, atraindo, ali, enorme concorrencia.

S. Luiz

Esta noite volta a representar-se a engraçada farça original de André Brun e Carlos Simões, com musica do inspirado maestro Pedro Blanc «A Lenda dos Tarlatanas» que todas as noites o publico se não cança de aplaudir com verdadeiro entusiasmo. Esta noite apresentará esta farça uma novidade, pois realisa a sua estreia neste teatro o baritono Alfredo Henriques, que desempenhará o papel que foi criado por Fernando Pereira.

Salão Foz

Afim de se ultimarem os ensaios da revista «Piparote», cuja premiére está marcada para 5.ª feira, não ha, ali, espectaculos até essa noite. A nova peça será representada em duas sessões e tem dois actos e 7 quadros.

Coliseu dos Recreios

Estreou-se ontem no Coliseu com justo sucesso, porque é uma gentilissima e valiosa artista, a coupletista espanhola Maria Del Mar. Ficou assim com mais um atraente numero a parte de Variedades que todas as noites, no Coliseu, precede o emocionante Campeonato Internacional de Luta.

Cartaz do dia

Teatro de declamação

NACIONAL—A's 9—«O Centenario».

Teatro musicado

S. LUIZ—A's 9—«A Lenda dos Tarlatanas».

APOLO—A's 9,15—«Belo Sexo».

AVENIDA—A's 9,15—«A Perola Negra».

Circos

COLISEU DOS RECREIOS — A's 9 — IX Campeonato Internacional de Luta e Variedades.

Animatografos

OLIMPIA—Rua dos Condes

CINEMA CONDES—Avenida da Liberdade

SALÃO CENTRAL—Praça dos Restauradores

O 1.º de Maio

Em França

PARIS, 1.—O dia 1.º de Maio decorreu tranquilo em toda a França. Paris apresentava esta manhã o aspecto dos dias ordinarios. Quasi que só se deixou de trabalhar nas industrias de construção civil e na metalurgica. Circulavam poucos taxis e esta era a unica nota que recordava a celebração da manifestação sindicaliste. Funcionam normalmente os transportes em comum, bem como os serviços publicos da agua, gaz e electricidade. O «chômage» é fraco entre os «watimen», chauffeurs, tramwais e autobus, quasi geral entre os chauffeurs de taxis, parcial nos operarios da construção civil, metalurgistas e cortadores. Os estabelecimentos que esta manhã não tinham aberto; em virtude da semana ingleza, retomaram de tarde a sua actividade. Os telegramas recebidos dos departamentos dizem que de manhã houve tranquilidade em toda a parte. O «chômage» não é geral em parte alguma e é quasi nulo nas regiões libertadas.—(H.)

PARIS, 1.—Comentando o caracter pacifico do dia 1.º de Maio, os jornais são unanimes em notar que as excitações extremistas tendentes a fazer da festa de 1.º de Maio um caso de terrorismo deram em resultado levar o operariado a manifestar um completo desinteresse.—(H.)

Em Espanha

MADRID, 1.—A's 10 horas organisou-se uma grande manifestação operaria, seguindo o cortejo, em que tomaram parte todas as artes e oficios com os seus estandartes desfraldados, pelas principais arterias de Madrid. Em atenção ao dia 1.º de Maio deixaram de trabalhar todos os empregados e operarios; só funcionam os serviços publicos.

Decorreu tudo na melhor ordem, resultando inutil a concentração da gendarmeria e das forças de policia, tanto a pé como a cavalo, nos principais pontos estrategicos.

A conferencia de Genova

Os juristas reunem outra vez

LONDRES, 1. — Dizem de Genova que o comité dos jurisconsultos esteve reunido toda a manhã a fim de discutir a recomendação britanica e que fez grandes progressos no caminho da solução do assunto.—(H).

GENOVA, 1. — O comité dos jurisconsultos elaborou uma «redacção comum, substituindo no acordo com os russos os textos diferentes francês e britanico. Foi adoptada uma formula de conciliação quanto ás dividas de guerra de governo para governo. A redacção que o projecto inglês estabelecia em principio será adoptada quando se tratar da liquidação geral das dividas de guerra interaliadas, colocando assim a Russia numa situação igual ás outras potencias e concedendo-lhe uma moratoria e os alivios apropriados.—(H.)

A divida da Russia

GENOVA, 1.—A comissão dos negocios russos continuou a discutir a nota dos aliados á delegação dos soviets tendo sido aprovado o preambulo. Durante a discussão do artigo sobre as dividas de guerra Barthou sustentou a resolução de Cannes confirmada pela entrevista de Bolonha sobre a manutenção integral das dividas de guerra da Russia facilitando-se contudo o seu pagamento. A discussão continuará hoje tendo por esse motivo ficado adiada a viagem de Barthou a Paris.

A sub-comissão economica estabeleceu a maior parte das disposições contra o «chomage».—(R).

NOVA YORK, 1. — Sob o titulo «A França tem razão»—o «Herald» apropa inteiramente a tese francesa a respeito das dividas da Russia e das propriedades dos estrangeiros na Russia, esforçando-se por manter aquela potencia no caminho da honra e prestalhe um serviço inapreciavel. O «Herald» declarou que a divida de guerra da Russia é uma divida sagrada e que as reclamações russas pelas operações consecutivas ao seu rompimento da aliança não constituem motivo para ela faltar á sua palavra. A Russia não estará sempre na sua situação actual, desesperada financeira e economicamente. O Mundo inteiro socorrê-la-ha, se ela reconhecer as suas obrigações para com os estrangeiros.

Na Russia, a unica industria florescente é a do material de guerra

PARIS, 1. — Da leitura do memorandum apresentado pelo delegado dos soviets Rakowski á conferencia de Genova vê-se que no regimen dos soviets á produção de maquinas agricolas baixou a 0 63 % da produção anterior á guerra e a dos wagons de caminho de ferro a 4,2 por cento. A unica industria florescente e a industria do material de guerra quando é muito mais importante do que sob o antigo regimen.—(R).

Centro Espanhol

Realisa amanhã uma conferencia no Centro Espanhol o ilustre periodista D. Luiz Gil Filtol. A entrada é por convites devendo o conferente usar da palavra ás 9 e meia da noite.

Agradecemos os convites que nos foram dirigidos.

Conselho de Ministros

O conselho de ministros reuniu-se ontem na secretaria do Interior, sendo a sessão mais demorada do que o habitual. A nota oficiosa fornecida á imprensa diz que o conselho se ocupou de assuntos correntes de administração publica e discussão de duas propostas de lei do ministro da Instrução, reformando as escolas primarias superiores e restabelecendo os exames do segundo grau, as quais foram aprovadas. Extraoficialmente consta que o conselho tratou tambem da questão Lopo de Carvalho, resolvendo apreciá-la no Parlamento.

REPRESSÃO DO JOGO

UM OFICIAL DA POLICIA ATACADO

O tenente Pio tem de se defender a tiro ficando ferido um "ponto" que recolheu ao hospital

Durante a noite passada andou a policia, sob a direção do tenente sr. Pio e alferes sr. Lopes Soares visitando os clubs onde havia suspeitas de que se estava jogando. Muitos foram os clubs visitados mas apenas em dois «comboios» se verificou que havia jogo proibido, motivo porque a policia teve de intervir, registando-se numa dessas casas uma scena de tiros que deixou um homem em estado grave. Foi o caso que tendo a policia entrado sem o menor estorvo e sem que pessoa alguma lhe embargasse o passo numa casa conhecida pelo «Peras», na rua de S. José foi deparar com uma banca franceza armada na ultima sala e ali abancados cerca de 60 «pontos». O tenente Pio em face do que era passado intimou os jogadores a não se mexerem dando, a todos voz de prisão.

Como é natural o caso produziu grande alvoroço e confusão no meio da qual um dos porteiros da casa de nome José Francisco Ferreira, apontador das obras dos Bairros Sociais atirou-se ao tenente Pio e procurou subjugal-o no intento de lhe arrancar a pistola. O referido oficial desfechou então indo uma bala atingir o Ferreira que foi conduzido ao hospital de S. José acompanhado pelo sr. Zeferino da Silva, chefe da Policia de Segurança do Estado, que passava no local e que foi atraido pela detonação. O ferido recolheu á enfermaria de Santa Antonio, depois de pensado no banco. Ao tempo havia já comparecido na rua de S. José varios guardas civicos que fazendo um cerco á casa conseguiram ainda deter 26 pontos porquanto os restantes se evadiram pelas trazeiras do predio que deitam para uns quintais. Foram apreendidos varios artigos de jogo, tais como fichas, dados, uma cornea, etc. sendo tudo removido para o governo Civil, juntamente com os presos.

Tambem foi assaltado um *comboio*, conhecido pelo 7 no Largo do Jardim do Regedor pertencente actualmente a um individuo conhechido pelo «José Bode» que foi proprietario de outra casa na rua do Socorro a qual se encontra fechada por ordem do Governador Civil. Os pontos ao pressentirem a policia trancaram solidamente todas as portas as quais tiveram de ser arrombadas. Não se poude constatar o flagrante delito, mas foram apreendidos artigos de jogo e presos 24 individuos sob a acusação de estarem reunidos sem autorisação do chefe do distrito. Os presos recolheram ao posto do teatro Nacional sendo mais tarde transferidos para os calabouços do Governo Civil.

Em poucas linhas

Cesar Sant'Ana, Caminho do Forno do Tijolo, 34, tomou ao seu serviço como criada, Helena de Abreu, rua de Campolide 12, a qual tendo saido hoje de manhã como de costume para fazer compras nunca mais apareceu.

O Cesar indo depois dar um balanço aos seus haveres verificou que lhe faltava a quantia de 350 escudos pelo que apresentou queixa na policia.

PELO TELEGRAFO

Pequenas informações

VARSOVIA, 1.—O encarregado de negocios da Polonia entregou ao governo de Moscou uma nota assinalando violações ao tratado de Riga e pedindo a restituição dos direitos de propriedades das egrejas polacas na Russia especialmente as catolicas.—(R.)

LONDRES, 1.—O chanceler do Tesouro deve apresentar hoje na Camara dos Comuns o seu projecto de orçamento.—(R.)

NEW-YORK, 1. — O sr. Fred Van Rensaler, celebre detective conhecido sob o nome de Nick Carter suicidou-se no quarto do hotel em que residia. Tinha sessenta e um anos de edade.—(R.)

MONTREAL, 1.—A senhora W. E. Wilson ofereceu ao museu desta cidade o esqueleto duma mulher, da epoca Neolitica, quer dizer com a idade de vinte e tres mil anos.—(R.)

TETUAN, 1.—Chegou a esta cidade o general Echague, que fez a viagem de aeroplano.—(R.)

MADRID, 1.—Teem continuado as conferencias entre os delegados encarregados de fazer o tratado franco-espanhol.—(R.)

LARACHE, 1.—O acampamento da coluna Navarro ficou estabele ido em Mesrrah nas proximidades do Arbaa el Kola.—(R.)

BERLIM, 1.—A policia recebeu ordem de proibir a representação do film monarquico Fredericus Rex.

Na cave duma casa dos arredores foram descobertas caixas com armas de guerra e granadas.—(R.)

LONDRES, 1.—A rainha de Espanha chegou a esta capital com as suas duas filhas.—(H)

ULTIMA HORA

Parlamento

Nos Deputados

(*Sessão de hoje*)

Abertura da sessão, sob a presidencia do sr. Domingos Pereira, com 61 deputados presentes.

ANTES DA ORDEM

O sr. Torres Garcia reclama providencias, pelo ministerio da Guerra, contra abusos praticados pelos funcionarios encarregados da execução das leis de recrutamento militar.

O sr. Presidente do Ministerio transmitirá ao titular da pasta da Guerra as considerações do orador.

O sr. Cunha Leal manda para a Meza um projecto de lei considerando como morto em campanha o oficial Humberto de Ataide. Este oficial suicidou-se em Africa porque, convencendo-se erradamente de que praticara um erro irremediavel sob o ponto de vista militar, proferiu a morte voluntaria á condenação da propria consciencia. O elogio do brioso oficial é feito, eloquentemente, pelo sr. Cunha Leal.

O projecto de lei, que entra em debate por ter sido votada a dispensa de regimento, é aprovado por unanimidade, com dispensa da ultima redação;

O sr. ministro do Comercio manda para a Meza uma proposta de lei referente á reconstrução das estradas portuguesas.

O sr. Antonio Correia chama a atenção do sr. ministro do Comercio acerca de certos casos referentes aos serviços dos correios e telegrafos rurais. Ha povoações isoladas pela supressão de estações.

O sr. ministro do Comercio fica sciente.

O sr. Cancela de Abreu pede a atenção do sr. ministro dos Estrangeiros para a falta de cumprimento da clausula exaradas em convenios internacionais para o respeito internacional das marcas regionais. Lá fóra, no estrangeiro, não se cumpre a lei garantidora das marcas dos vinhos do Porto e da Madeira.

Responde o sr. ministro dos Estrangeiros.

O sr. Barbosa de Magalhães, respondendo ao sr. Cancela de Abreu, negou que a nossa representação na Conferencia de Genova seja superior á de outros paises, entre os quais a Inglaterra. Foi *A Capital* que publicou a informação em que se baseou o sr. Cancela de Abreu. Encontramo-la num dos ultimos numeros do *Excelsior*, diario parisiense. Como não temos outros elementos de informação, visto que a nossa diplomacia continua a ser o mais secreta possivel, fizemos obra pelo que lemos no jornal francês e não estamos arrependidos. Porquê, a verdade é esta: não se sabe nada ácerca de Portugal na Conferencia de Genova, a não ser que os nossos delegados vão excelentemente lastrados de ouro. E, a proposito: quanto recebeu o sr. Vitorino Guimarães, á partida para Genova? Seria interessante esclarecer-se êste ponto.

Ha, todavia, um pormenor absolutamente verificado: os delegados á Conferencia de Genova são sacos de ouro, emquanto que os aviadores Sacadura e Coutinho partiram com ajudas de custo que, se fossem pagas em cedulas de meio tostão, não encheriam um saquinho de meio quilo.

Amanhã entra em discussão a proposta governamental referente á compra do predio para o Palacio da Embaixada.

Enviar-se-ha um telegrama de saudações ao Brasil, por motivo do aniversario da descoberta, que passa amanhã.

Vai entrar-se na

ORDEM DO DIA

que é a continuação da discussão ácerca do regulamento do credito dos três milhões esterlinos.

No Senado

Preside o sr. Pereira Osorio, secretariado pelos srs. Ramos Pereira e Sousa Varela. Aprovam a acta 32 senadores.

O sr. Ramos da Costa envia para a mesa o parecer da comissão de finanças ao projecto de lei relativo ás pensionistas do Estado, e protesta contra a venda de terrenos, junto á Estação Central de Electricidade, para a construção de um deposito de gazolina. Chamou tambem a atenção para o facto dos governos não terem cumprido, em 6 anos, a lei 520, mandando entregar ao Ministerio do Comercio o edificio das obras de Santa Engracia, onde se encontra actualmente instalada uma oficina de sapateiro.

O sr. Alfredo Portugal manda para a Mesa um projecto de lei regulando e garantindo a situação dos escrivães ajudantes remunerados pelo Estado.

O sr. Lima Alves lamenta que os documentos que pedira e que lhe foram enviados, não contivessem todas as indicações que desejava.

Vai entrar-se na ordem do dia, devendo alguns dos projectos serem retirados em virtude de não se encontrarem presentes os seus relatores.

A proxima sessão é na 5.ª feira.

Decreto suspenso

Foi mandado suspender a execução do decreto de 12 de abril findo sobre expropriação por utilidade publica nos termos compreendidos na concessão de minas Herdado, circulo de Arronches.

O bôdo aos pobres

Continua a trabalhar-se activamente no gabinete do sr. governador civil de Lisboa a fim de que tenha o maior brilhantismo e imponencia o bodo monumental que vai ser distribuido pelos pobres da capital, em sinal de regosijo pelo exito grandioso dos bravos aviadores portugueses Gago Coutinho e Sacadura Cabral. Ao chefe do districto continuam sendo entregues importantes quantias que vão avolumar a subscrição que se encontra aberta no Governo Civil. A direcção do Club Maxim's fez entrega ao major sr. Viriato Lobo da quantia de 3.056 escudos referente á *soirée* de caridade realisada ante-ontem no mesmo club. O conhecido empresario sr. Maximiano Ferreira, director do Club Montanha, tambem entregou a quantia de 1.250 escudos, produto de outra brilhante *soirée* realisada no domingo passado. A direcção do Palais Royal participou ao sr. governador civil que realisaria uma importante festa depois de amanhã. Na noite de 6 realizar-se-ha festas no Regateira-Club.

No Governo Civil foram hoje recebidas mais as seguintes importancias:

F. Nunes Bernardo, 5$00; J. Tavares, 50$00; Torres & Comandita, 20$00; Pastelaria Garrett, 30$00; J. Lima, 10$00; Eduardo Pinto de Sousa & C.ª, Limitada, 200$00; F. H. de Oliveira, 50$00; Manuel dos Santos, 20$00; lista n.º 81, a cargo do alferes sr. José Carlos, 407$50; duas velhinhas protegidas pelo *Diario de Noticias*, 2$50; Banco de Portugal, 1.000$00; Alberto Centeno & C.ª, 100$00; Hotel Internacional, 60$00; Club Montanha, 1.250$; Costa & Ribeiro, 30$00; listas numeros 51, 52, 54 e 57, a cargo da policia de investigação, 76$64; Club Maxim's, 3.056$00; Joaquim Borges do Rêgo, 100$00; Rêgo Gomes & C.ª, 100$00; Julio Mange, 10$00; João Leal, 50$00; Barroso & C.ª, Limitada, 20$00; Candido Sotto Mayor, 500$00; Antonio do Carvalhal Esmeraldo, 1$00; Fernandes & Martins, Limitada, 100$.

A subscrição, até ao fim da tarde de hoje, estava em 10.839$14.

Associação dos Lojistas

A Associação Comercial dos Lojistas de Lisboa, atendendo a que passa amanhã o aniversario da descoberta do Brazil e ainda pela travessia realisada agora por Gago Coutinho e Sacadura Cabral, convida o comercio de Lisboa a encerrar amanhã, 3 de Maio, as suas portas.

O inquerito ás policias

Instalou-se ontem no gabinete do antigo director da P. S. E. o sr. dr. Guisado, Governador Civil substituto de Lisboa, nomeado ultimamente para proceder a um inquerito ás policias de segurança e de investigação O sr. dr. Guisado que tem a secretaria lo o sr. Ferreira escrivão no tribunal da Boa-Hora já ouviu as declarações do Comissario Geral, devendo agora ouvir os oficiais, tenente sr. Pio, alferes sr. Lopes Soares e chefe Murtinheira, da 1.ª secção.

Policia assassino

Num dos calabouços do Governo Civil continua preso o guarda civico 729, da 4.ª esquadra Armando de Jesus Santos Martins, que ante-ontem á noite num quarto alugado na Travessa da Cruz de Soure 33 1.º assassinou com um tiro de pistola a sua amante Maria do Carmo Cardoso.

As investigações do caso foram entregues ao agente Borba da 4.ª secção o qual só amanhã iniciará as suas diligencias. O auto do ocorrido, para efeitos disciplinares, é levantado tambem amanhã pelo alferes sr. Lopes Soares.

Fogueiros de mar e terra

Os fogueiros de mar e terra inauguraram ontem a sua nova séde, realizando-se uma sessão solene a que assistiram bastantes delegados da organisação operaria.

Crise?...

Nos centros politicos admite-se a possibilidade da queda do governo, por motivo do conflito da Faculdade de Medicina

A questão da Faculdade de Medicina

pode vir a afetar, sensivelmente, a estabilidade ministerial

A' hora em que escrevemos estão reunidos, numa das salas da Camara dos Deputados, os parlamentares do partido democratico. Examina-se a questão do movimento grevista da Faculdade de Medicina.

Afirma-se que é profunda a divergencia de vistas entre os membros da maioria. O ponto de vista dos professores é defendido por uns, mas rudemente atacado por outros. Nestas condições, é possivel que o sr. ministro da Instrução não consiga reunir a unanimidade de opiniões entre os correlegionarios do Parlamento.

Nas oposições republicanas ha, tambem, divisão de pareceres. O sr. Antonio Fonseca, por exemplo, apoia o Governo, se ele se solidarizar com o sr. ministro da Instrução; entretanto, o sr. Carlos Olavo, seu correligionario, defende os professores. Quanto aos lealistas são, todos, cremos, a favor do Governo contra os professores.

Entre os liberais tambem não é perfeito o acordo. O sr. Moura Pinto defenderá o Governo emquanto que o sr. Ferreira de Mira se propõe atacal-o.

Embora se não saiba, ao certo, qual a atitude do gabinete, é opinião corrente que ele se declarará solidario com o sr. ministro da instrução a que porá a questão como de ordem publica.

Embora não haja uma absoluta paridade, não resistimos á tentação de expor um caso recentemente passado na Bulgaria. Foi assim:

O Governo do sr. Stambulosky decretou uma reforma ortografica, suprimindo trez caracteres do alfabeto bulgaro. As escolas superiores, principalmente a Universidade de Sofia revoltaram-se contra a iconoclastia do gabinete. Houve greve geral.

O Governo resistiu, mandando apreender todos os impressos onde aparecessem os tres caracteres suprimidos. Agravou-se o conflicto. Quasi houve uma revolução, que chegou a iniciar-se com um pronunciamento militar. Stambulosky cedeu, as letrinhas fatidicas voltaram ao redil e a paz restabeleceu se.

Parece-nos que o caso que vai debater-se na politica portuguesa não é tão grave.

As oposições concordam num armisticio por 48 horas

O sr. presidente do ministerio celebrou conferencias finda a reunião dos parlamentares democraticos, com os deputados que mais se teem pronunciado a favor dos professores da Faculdade de Medicina. Em virtude disso parece que a questão não será debatida no Congresso acordando-se em que o governo dentro de 48 horas diligencie negociar uma plataforma que ponha termo ao conflito.

O sr. dr. Queiroz Veloso pediu a exoneração de director geral de ensino superior afim de poder desmentir publicamente a entrevista com o sr. ministro da Instrução publicada no «Diario de Noticias» acerca do caso Lopo de Carvalho visando principalmente tres pontos que classifica de inexactos.

O ministro já enviou uma nota á direcção daquele nosso colega esclarecendo alguns pontos da entrevista. Se esses esclarecimentos satisfizerem o director geral do ensino superior, o sr. dr. Queiroz Veloso retirará o pedido de exoneração.

O sr. presidente do ministerio conferenciou hoje com o sr. ministro da Instrução sobre o assunto.

A ultima concepção de Lloyd George

O pacto de "não agressão"

Em Cannes abordou-se uma questão bastante curiosa, que agora novamente se agita: a questão do pacto internacional de não agressão.

Lloyd George, prevendo que a questão do pacto franco-ingles redundasse num fracasso e, pretendendo bem dispor a França para a conferencia de Genova, cuja presença não só considerava util mas ainda imprescindivel, imediatamente delineou no seu espirito a ideia do pacto internacional. Portanto, a base em que assenta ainda a ideia do pacto não outra senão a de procurar criar no animo das nações, mormente no da França, uma certa confiança e de-le afastar quaisquer receios ou temores. E' um pacto, pois, defensivo? E' um pacto util? E' um pacto pacifico? Parece-nos que não. O proprio momento em que se procura novamente agitar essa ideia justifica a nossa opinião.

Poderá, naturalmente argumentar-se que a questão do pacto tinha, forçosamente de ser discutida por isso que faz parte do programa organisado em Cannes.

Esse argumento, porem, não basta, não chega.

Para nós é ponto assente que na Inglaterra ou em outra qualquer nação jamais se pensará em organisar quaisquer alianças ou pactos que tivessem por fim exclusivo «evitar» uma nova guerra se, por ventura no espirito dessas nações reinasse a consciencia de um dever cumprido, existisse aquela confiança que naturalmente brota e vive no espirito de todos os que jamais provocaram, se excederam, ou atentaram contra a vida ou propriedades de outrem.

Em boa verdade, leitores, para que necessitavam os aliados de pactuar-se e aliar-se se tivessem sido coatos nas suas exigencias, se, finda a guerra, tivessem exigido dos vencidos apenas aquilo de que eles podiam dispôr, que eles possuiam sem que com isso, as reparações, as indenisações a fazer fossem, por qualquer modo, atentar contra o seu prestigio nacional, contra a sua propria vida? Para nada, não é verdade?

Claro, que é, leitores. Um pacto internacional na Europa de não agressão?! Mas quem pretenderá agredir as nações da Europa? De quem se receia? Quem se teme?

Porque esta é que é a verdade: se em todas as nações apenas palpita e vivo o desejo ardente do seu mutuo restabelecimento, do seu engrandecimento e da libertação da Europa da lutella estranha, se as nações da Europa actualmente se não preocupam com outra coisa que não seja a sua critica situação economica e financeira, se em todas as nações da Europa campeiam as mais redentoras ideias do pacifismo, se apenas se pretende fazer renascer o espirito da independencia internacional, da solidariedade internacional para que é preciso um pacto de não agressão?

Não desejamos defender a orientação seguida pela Alemanha para com a Russia: Sempre temos combatido a ideia, por vezes agitada na imprensa estrangeira, do reconhecimento dos «soviets».

Os actuais mentores e governantes da Russia precisavam de uma tremenda lição. A Russia sofreria com ela?

Era natural, Sofreria a principio, mas o exemplo estrangeiro seria o melhor incentivo para a sua libertação, para a sua redenção. O bolchevismo é o responsavel do cataclismo que a Russia suporta, logo era preciso cortar o mal pela raiz. Assim não se fez. Tanto peor para todos.

Contudo, dada a orientação que quasi todas as nações se propunham seguir para com o governo dos soviets no caso deste permitir a exploração da Russia pelas nações estrangeiras, justifica, até certo ponto, o procedimento da Alemanha. Pretendia-se a exploração das riquezas da Russia, não é assim? E' Essa exploração de que provavelmente resultaria o restabelecimento dessa nação, condicionavam-a as nações aliadas e as da pequena Entente ao pagamento pela Russia de umas certas reparações. Pois bem. A Alemanha resolveu-se a fazer o mesmo renunciando a essas reparações. E' no que difere o procedimento de uma e outras. Em nada mais.

Apareceu, então, o tratado russo-germano, tratado semelhante ao que as demais nações estariam resolvidas a assignar, caso os delegados bolchevistas concordassem com as suas urgencias. O seu efeito foi o de uma grande revolta. Estava criado o ambiente para o pacto. Sobre ele, até esse momento, fazia-se o silencio mais completo, mais absoluto. O tratado foi o rastilho. A Alemanha esta va ligada por um tratado á Russia. Tratado militar? Cremos que não; mas nem por isso mesmo deixa de ser considerado razão suficiente para as demais nações se coligarem. A precipitação com que se mexe nessa questão, com que se agita essa ideia que era o ultimo problema a abordar em Genova é flagrante de clareza para quem ainda se não deixou cegar de todo.

Em meio da atmosfera em que se vive, a mesma que oprime a Europa nos derradeiros momentos da guerra e ainda após a assinatura do armisticio e do tratado de Versalhes, parece nos dificil se não impossivel qualquer entendimento franco e sincero entre todas as nações representadas em Genova.

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações
Londres, cheque. . . .	4 5/16—4 3/16
» 90 dias. . . .	4 7/16— . —
Paris, cheque	1156— 1191
Suissa, cheque. . . .	2491— 2560
Belgica, cheque	1058— 1090
Italia, cheque. . . .	662— 682
Berlim, cheque. . . .	43— 48
Holanda, cheque. . . .	4795— 4938
Madrid, cheque	1949— 2008
New-York, cheque. . .	12566— 12941
Brazil, cheque. . . .	60— 53
Austria, cheque. . . .	[illegible]— 3
Noruega, cheque. . . .	2364— 2433
Suecia, cheque	3264— 3362
Dinamarca, cheque. . .	2671— 2751

Libras . . . . . 61$50 — 63$50

Ecos & Noticias

FALECIMENTOS

Faleceu ontem após prolongada doença o sr. Florindo Teles, avô do sr José Teles, tipografo da «Capital».

O funeral realisa-se amanhã, ás 15 horas, para o cemiterio dos Prazeres, sendo o acompanhamento a pé.

A' familia do extincto apresentamos os nossos pezames.

Professorado Primario

A direcção do Gremio dos Professores Primarios Oficiais de Lisboa vem declarar absolutamente falsa a noticia publicada num jornal da noite em que se afirma ter o professorado de Lisboa telegrafado ao Senado da Republica pedindo a publicação do projecto do senador Silvio Barreto.

SPORT

NOTICIARIO

LUTA

Começam hoje a disputar-se as finais do campeonato

O verdadeiro interesse pelo campeonato internacional de Luta que se está disputando no Coliseu dos Recreios começa hoje. A razão explica-se: de hoje em deante começam a disputar-se as finais entre os «doze» lutadores apurados. Como já em tempo dissemos a importancia dos premios é superior a 10 mil francos. Ora tratando-se de um campeonato entre profissionais compreende-se o interesse que cada um tenha em obter uma boa classificação. Dentre os lutadores finalistas figuram St. Mars e Wilson, os dois violentos e brutais que já nas eliminatorias sofreram os maiores protestos do publico. Como se portarão eles agora? Constant tem que se encontrar certamente com Fournier e St. Mars. Qual será o resultado destes encontros?

Manuel Grilo, que brilhantemente tem obtido vitorias, conseguirá uma boa classificação?

O que será o encontro de El Secondo com Ochôa?

Sonda, o simpatico lutador que derrubou homens muito mais pesados conseguirá classificar-se bem?

São estes os pontos principais de interesse que o campeonato tem e que de hoje em deante, todas as noites se verá no Coliseu.

Os doze lutadores finalistas são: Deriaz, El Secondo, Fournier, Ghyssens, Manuel Grilo (português), Constant Marin, Leon d'Angers, Masselli, Ochôa, St. Mars, Sonda e Stroobants.

FOOT-BALL

A proxima visita do team inglez Civil Service — Tres clubs portugueses contra os ingleses

Toda a gente já fala na proxima visita do importante team inglez Civil Service que vem a Lisboa a convite do Club Internacional e Sport Lisboa e Benfica devendo jogar nos dias 11, 13 e 14 deste mez.

Os dois primeiros jogos realisam-se no campo do Stadium e o terceiro no Campo Grande.

O valoroso team a que nos referimos é na realidade um dos mais fortes agrupamentos de «associations» de Inglaterra, aquele talvez que possue um maior numero de vitorias, devendo por esse facto chamar grande concorrencia aos tres desafios, tanto mais que os seus adversarios são os nossos melhores teams: Internacional, que já este ano venceu o Bemfica, este vencedor da «Taça Associação», e finalmente o Sporting campeão deste ano, terminando o campeonato apenas com uma derrota do Bemfica de 1 goal a zero.

Estes dois ultimos clubs vão por certo disputar contra os ingleses um lugar glorioso. Já pela visita dos Tcheco-Slovacos foi o Bemfica que conseguiu vence-los e ultimamente, contra os ingleses do Oxford City foi o Sporting o unico team portuguez que conseguiu infringir-lhes uma derrota.

Devemos contudo notar que por esta ocasião o Bemfica encontrava-se no Funchal. Agora com o Civil Service o caso muda de figura. Os dois velhos rivais encontram-se em Lisboa e ambos em optima forma.

Sobre o valor do Civil Service basta apenas citar algumas das suas vitorias como sejam:

London Cup em 1901-2.

Amateur F. A. Cup em 1909-10 e 9119-20.

Middlesex Cup em 1907-8 e 1912-13.

Southern Amateur League em 1911-12 e 1913-14.

O grupo reserva ganhou a A. F. A. Junior Cup em 1909-10, 1912-13 e 1920-21.

Hoje devem ser afixados pelos clubs organisadores os primeiros cartazes

ASSOCIAÇÃO DE FOOT-BALL DE LISBOA

Comunicações oficiais

Desafios para o dia 3 de maio (feriado):

«Taça de Honra» (desempate)
Bemfica contra Atletico, nas Laranjeiras, ás 16 horas.

CAMPEONATO DE LUTA

Fechou no dia 1 a inscrição para o Campeonato de Luta que o Ginasio Club organisou e que se realisa nos dias 8 e 9 do corrente mez.

Inscreveram-se nesta prova, o Ateneu Comercial de Lisboa, o Lisboa Ginasio Club, o Casa Pia Atletico Club e o Ginasio Club Portuguez, devendo a reunião dos delegados dos clubs concorrentes realisar-se no dia 4 ás 12 horas.

1.º de Maio

O comicio de ontem

Pelas 16 de ontem efectuou-se, como estava anunciado, no Parque Eduardo VII, o comicio promovido pela U. S. O., comemorando o 1.º de Maio.

Presidiu o sr. Alberto Monteiro, que, depois de expor o significado daquela data, propôz um voto de saudação aos nossos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral. Fizeram depois uso da palavra os srs. Manuel Gomes da Souza, da C. G. T.; Francisco Viana, da U. S. O.; Alfredo Lopes, da F. N. C. C.; Antonio Graça, da Federação Metalurgica; Heitor Veiga, da Federação Corticeira; Santos Aranha, da Federação Mobiliaria; Carlos Fortes, pelo pessoal da Carris de Ferro e José Esteves, pelas Juventudes Sindicalistas.

Todos os oradores se referiram á morte dos operarios do Chicago em 1886, razão de vir do 1.º de Maio, combatendo tambem a Confederação Patronal.

Foi aprovada uma moção apresentada pela U. S. O. sendo algumas conclusões as seguintes:

1.º — Ratificar a sua simpatia por todos aqueles que tenham revolucionariamente contribuido para a unificação do operariado sem fronteiras, visto a manifestação de hoje sintetisar uma aspiração nacional.

2.º — Honrar a memoria dos mortos de Chicago, não admitindo qualquer alteração no actual regimen de 8 horas de trabalho, usando-se para a defeza do mesmo horario de todos os meios ao seu alcance.

3.º — Afirmar a sua vontade inabalavel no triunfo da emancipação das classes productoras, não esquecendo neste momento solene o esforço gigantesco do operariado do Oriente a quem sauda.

4.º — Reclama a liberdade todos os presos por questões sociais, tendo em atenção que se formulem indultos assinados por elem ntos das chamadas forças vivas em que se pede a liberdade de presos por delito comum.

5.º — Reclamar a maxima liberdade do pensamento, de reunião e de associação, pois sem estes não se afirmam as manifestações de progresso antes ser retrograda nos tempos jesuiticos das trevas.

Como a mesa não quizesse dar a palavra aos delegados comunistas os sr. Bernardino Santos e Antonio Cardido, levantou-se grande borborinho.

Terminou este incidente fazendo uso da palavra os referidos delegados, tendo porem retirado todos os membros componentes da mesa do comicio.

Genova paradoxal

Se considerarmos a Conferencia de Genova como um paradoxo pelos elementos extraordinariamente heterogeneos que dela fazem parte e que, como tais, a deveriam encorajar ou mais tarde ou mais cedo, desde que cada um teimasse puxar para seu lado, — chegamos á triste conclusão de que hoje é mais do que paradoxal, é fantastica.

Quando os bolchevistas, cuja Russia os aliados costumavam separar da causa aliada, que depois assassinaram o tzar e familia imperial russa em circunstancias de revoltante barbaridade, que mataram, torturaram e fizeram com que fossem assassinados dezenas de milhares de compatriotas russos, que devastaram o tesouro publico e roubaram os bolsos particulares, os Bancos e as igrejas, que assolaram e desolaram a Russia a ponto de não haver esperanças da sua reconstrução; e que lançaram sobre ela o negro manto da fome a amortalhar milhares de desgraçados que se debatem nas mais atrozes miserias, — quando os representantes destes desgraçados foram convidados para Genova, para a 'Conferencia que tem por fim a reconstrução da Europa, parece que não pode haver maior paradoxo.

Porem, já aumentou mais.

Aplicando aos invitantes da Conferencia o principio «aio vos non vobis», os bolchevistas armaram-se em oitros desta reunião pan-europeia e am ido de violencia em violencia, Espalham uma propaganda insolente sobre todo o mundo.

Aceitaram as resoluções de Cannes «em principio» reservando contudo direito de emendar ou acrescentar s suas condições e não foram bani s da Conferencia reunida somente bre as bases daquelas condições. Convidados a entrar em negocios s particulares na vila do primeiro inistro britanico e a lanchar com e, durante elas assinaram um tratado particular com os alemães. Felizmente que não irão por diante arrogancias dos bolchevistas, mas o podemos prever que novos parvos surjam daqui em diante.

Historia do Brazil

O sr. dr. Antonio Ferrão efetua ámanhã pelas 21 horas na Universidade Livre, Praça Luiz de Camões, a 3.ª conferencia sobre historia brazileira, ocupando-se do periodo que vai do estabelecimento do Governo Geral no Brazil até á ocupação da Bahia pelos holandezes (1548-1624).

A Provincia na "Capital,,

OLHAO, 30. — Es'á sendo bastante concorrida a feira de maio havendo grandes transações de gados. O gado vacum vende-se por preço bastante baixo. Ha protestos contra as novas propostas de finanças. — (H.)

PRAIA DA ROCHA 1. — Foi bastante concorrida o dia de hoje nesta praia; os pic-nics na praia passaram de 300. Estiveram aqui mais de 6.000 pessoas. — (L.)

FARO, 30. — Pela canhoeira «Quanzas» foram apanhados 6 vapores espanhoes a pescar nas nossas aguas. — Foi celebrado o dia 1.º de Maio festejado nesta cidade, o mais pacificamente possivel. Casou a sr.ª D. Maria Luiza Coelho do Almeida com o sr. José Abelm empregado da casa bancaria Matos & Baião desta cidade. Baixaram os preços dos cerees verdes vaco 1$20 a 2$10 cada quilo. — (L.)

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

A azeitona de Sevilha

por ALBERTO BRAGA

Uma tarde de Agosto, em Sevilha, por uma rua estreita alastrada de um sol tropical, que fazia estalar as pedras da calçada, seguiam dois homens, de braço dado — um português e um espanhol. O português, êsse baixote, de pernas achamboadas, pé grande, barba cerrada, pescoço curto; o outro, o espanhol, êsse era alto, desempenado, gesto largo, bigode farto, ôlho vivo, com jaleca de alamares e bengalão de cana da India.

A meio da rua, o português estacou de repente, casou da algibeira uma caixa de prata, oferceu-a aberta ao espanhol e fungou ruidosamente pela narina esquerda — comprimindo com o polegar a narina direita — uma farta pitada de simonte.

O espanhol tirou do bolso da jaleca um grande charuto castanho, um *puro*, e acendeu-o; e, emquanto o português fungava, de cabeça baixa, a sua pitada de simonte, soprava êle do canto dos lábios, com a cabeça levantada, uma espiral de fumo côr de opala do seu charuto de Habana!

Ficava ao fundo da rua uma taberna, com um toldo listrado a alpendrar a porta.

Assim que ali chegaram:

— *Entre usted* — disse o espanhol, cedendo passagem ao português.

E o português, como era hospede na terra, sorriu-se agradecido e entrou primeiro, acedendo á cortesia gentil do espanhol.

Dentro, que sombra agradavel! que frescura! que bem estar!

Tomaram assento á mesma mesa, um defronte do outro, passando os olhos pelos outros fregueses.

A' mesa fronteira, com a cabeça descaída sobre a espadua de um *torero*, que tinha ao lado, estava uma sevilhana, bonita a valer, de olhos pretos, uma boca fresca, côr de cereja, cabelos escuros em caracolitos e belezas, um chale amarelo de Manilla cruzado sobre o seio.

Emquanto o toureiro levava pachorrentamente aos labios um calix de Xerez, que scintilava como um topazio, a sevilhana, toda reclinada para traz, com os olhos no tecto, de perna estendida, a abanar-se com o leque, cantarolava com voz de contralto:

> Seré para ti más firme
> Que la Isla de Léon
> Que el año del terremoto
> Tiembló, pero no cayó.

O espanhol magro, que tinha entrado com o português, gritou do seu lugar, batendo as palmas:

— *Bravo, Pepa! Viva el salero!*

Depois preguntou ao companheiro o que se havia de tomar.

— *Ihorchata de chufas, señor Pereira?*

— Muito obrigado — agradeceu o português, indeciso.

— *Aguardiente? Merengues? Azucarillos?*

— Obrigado, muito obrigado, D. Juan — agradecia o Pereira — olhe, eu comia umas azeitonas, hein? Que diz? Umas azeitoninhas cá da terra!...

— *Chico!* gritou D. Juan, batendo na mesa — *Aceitunas de las buenas!*

Veiu um prato com *aceitunas*, as celebres azeitonas de Sevilha, grandes, rijas, de pele fina, cobreada, com um picosinho de sal, que lhes dá graça!

No mesmo prato das azeitonas vieram dois garfos.

Depois, o espanhol de um lado e o português do outro, ambos de garfo em punho, espeta aqui, espeta ali, em pouco tempo deram cabo das azeitonas!

Mas... Não foi bem assim.

Ainda tinha ficado no prato uma azeitona que, por sinal, era a mais verde, a de pele menos curtida e mais dura.

O português não a quiz comer, para deixar no prato a *cortesia*; e o espanhol, vendo que o português a não queria, tratou êle de a comer.

Ora agora o vereis!

Espetava o garfo daqui, e a azeitona, como era dura, resvalava para o outro lado do prato. Atacava a azeitona dali, e a azeitona, como era dura, vinh dar ao lado de cá. Depois, ataca daqui, espeta dali, das bordas do prato para o centro, do centro para as bordas, a azeitona rebelde sempre a fugir!...

O espanhol, desapontado e furioso, desistiu e pousou o garfo na mesa, gritando como um barítono:

— Caramba!

> E's más dura que el bronce
> Y más valiente que Diós!

O português, o sr. Pereira, até levava as mãos á boca, para não rir alto, emquanto o espanhol tentava pilhar a azeitona.

E, depois, pegando cuidadosamente no seu garfo, foi-a baixando pouco a pouco, com muita cautela e receio de que ela fugisse, e... zás! espetou-a mesmo pelo meio, levantou-a triunfantemente nos dentes do garfo, e... comeu-a.

O espanhol sorriu-se desdenhoso e observou do lado, meneando pausadamente a cabeça:

— *Pero después de haber-la cansado!*

Como se agora uma azeitona fosse um touro!

FIM

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

"A Capital„ representa uma larga corrente da opinião publica.

N.º 4068—12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5

LISBOA — Quarta-feira, 3 de Maio de 1922

Telefone n. 2293 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Boa, 71 — Preço 10 centavos

FÉ

Segundo comunicam os jornais monarquicos parece assente e definitivo um acordo entre integralistas, manuelistas e outras «nuances» realistas de somenos importancia para se reconhecer no ex-rei D. Manuel o unico e possivel chefe de Estado dentro de umo hipotetica monarquia. E dentro das atribuições possiveis dum quimerico parlamento o infante D. Duarte Nuno será o sucessor.

Isto revela uma organização.

Verificou-se tambem, nas ultimas eleições para o Congresso que o partido monarquico apresentou as suas candidaturas, pugnou pela sua propaganda, construiu o seu recenseamento com muito mais viabilidade do que nas circunstancias anteriores. Levou ao Parlamento um numero relativamente vasto de deputados e no seu ataque sistematico á politica actual deduzem-se espirito de ordem e de logica.

Uma outra organização se revela egualmente.

Mas a par desta tendencia para a unidade e para a coesão, somos infelizmente forçados a constatar o que se passa não só dentro dos partidos republicanos mas dentro dos governos que vertiginosamente se teem sucedido uns aos outros. Não se verificam unicamente divergencias, nota-se uma absoluta falta de sequencia de ideias, programas controvertidos, incoerencias a cada passo — e mais grave ainda—uma absoluta falta de fé nos destinos da nação.

Assim um observador despido de paixões pode abarcar numa vista de olhos os dois grandes campos onde fatalmente deve desenrolar-se a vida nacional. E muito embora os primeiros simptomas, embora já evidentes, não sejam de molde a faser recear pelo futuro da Republica, o que é terminantemente certo é que estamos assistindo a um crescente espirito de coesão dentro das oposições ao passo que entre os governantes legais não constatamos mais do que inepcia, disparidade, desagregação e molésa.

E' isto grave? Evidentemente. Torna-se indispensavel, torna-se absolutamente necessario ter fé. Não temos de ser eloquentes nem de desperdiçar em oratorias faceis de comicio as flores de retorica que constantemente se prodigalisam. Temos apenas de ter fé. Os scepticos e os indiferentes que se supõem maioria, poderão sorrir na sua decadencia e apodar de infantilidade este desejo que traduz e indica o unico caminho possivel. Mas não se torna por isso menos exacta nem mais prescindivel esta suprema necessidade: ter fé. Ter fé para poder agir, mandar e orientar. Ter fé para poder colaborar, ter fé para que nesta hora de esforço doloroso, todos possam obedecer suavisando o seu sacrificio com ideal duma aspiração concreta e nobre.

Torneio de Bridge

Nas salas do Gremio Literario, realisou-se, hontem, o primeiro torneio de «bridge», entre os socios deste Gremio e os do Turf Club para a disputa duma linda taça adquirida pelos mesmos jogadores.

Jogaram por parte do Turf, os ex.mos srs. Eduardo Perestrelo de Vasconcelos, Marquez da Praia e Monforte, Eduardo Mata Cardoso, Conde dos Galveias, Bartolomeu Perestrelo de Vasconcelos, dr. José Gonçalves, D. Pedro de Melo e Castro, Conde d'Arge, Alvaro Pego e D. Luiz Pombal e por parte do Gremio os exmos. srs. dr. Camilo Castelo Branco, Domingos Centeno, Artur Quintela Saldanha, Artur Lima, João do Viveiros Perfeito, Jaime Antunes dos Santos, Alfredo Mendes da Silva, dr. Luiz Albergaria, Augusto Placido e Filipe da Silveira.

Ficou victorioso o grupo do Gremio Literario por 550 pontos contra 522 ganhos pelo grupo de Turf, tendo ficado aprazado um «return-match» para o proximo dia 13 do corrente nas salas do Turf Club.

Em seguida ao torneio, a que serviu de «umpire» o exmo. sr. Hermann de Moser, foi servido uma delicada ceia na linda sala de Jantar do Gremio trocando-se brindes muito afectuosos de parte a parte e retirando todos os convivas encantados com tão lindo festa.

"OS SPORTS„

Este bi-semanario, só amanhã de manhã será posto á venda.

O homem que vai salvar isto ?

Uma notavel iniciativa do senhor Luiz de Camões, moço poeta

UMA CONVOCAÇÃO DOS LUSIADAS

Luiz de Camões, mimoso poeta, autor do precioso livro de versos de que toda a gente fala mas que quasi ninguem leu — resolveu convocar, vendo o estado verdadeiramente inquietante do Estado portuguez, uma reunião dos grandes homens deste paiz. Essa reunião extraordinariamente concorrida realisou-se hoje, pelas duas horas da madrugada, aqui na Praça Camões e o jornalista não será muito indiscreto se revelar ao grande publico desta poetica cidade de marmore e pedrarias, o que se passou naquela reunião. Luiz de Camões, de Camões não pelo facto de ser cego dum olho mas por que realmente se chamava assim quiz-nos dar, nesta hora aflitiva mais um exemplo do seu admiravel patriotismo nunca desmentido atravez dos seus versos e dos seus feitos.

A' 1 hora da madrugada a vistosa praça do Camões começava a movimentar-se, com grande espanto do policia de giro—que giro que isto é!—que não encontrava maneira de explicar perante o seu criterio de agente de ordem publica, donde é que tinha vindo tanta e desvairada gente. A's duas horas, em volta da estatua do grande épico encontravam-se, vindos ao chamamento glorioso do Mestre, tudo quanto neste Portugal á beira mar plantado tem dado á luz—que «delivrance»—uma ideia, uma scintilação, um anceio de rejuvenescimento, uma scentelha de heroismo. Tudo. Eram os cronistas como Fernão Lopes os dois Joões de Barro, Garcia de Rezende, Damião de Goes; os grandes escritores do seculo XVI e XVII, vestidos á epoca pelo guarda-roupa Castelo Branco, eram os politicos, todos os politicos do Mousinho da Silveira e Sá da Bandeira; o senhor Afonso Costa e o senhor Marquês de Pombal; o senhor Carvalho da Silva e o senhor Augusto da mesma Silva; o senhor D. Sebastião e o senhor Magalhães Lima; o senhor Alfredo Pimenta e o senhor Sá Pereira este erguendo na mão um panfleto inflamado contra o clero, aquele, Oscar Wilde em fralda, trazendo um molho de orquideas; o senhor Teofilo Braga, especie de Jupiter olimpico, senhor dum guarda chuva e da travessa de Santa Gertrudes e o senhor Moreira de Almeida apregoando o Dia; depois os escritores, os novos, os velhos, os de meia idade, o senhor Henrique Lopes de Mendonça e o senhor Afonso Lopes Vieira, poeta amarelo; o senhor Aquilino Ribeiro e o senhor Trindade Coelho; o senhor Alvaro Lima distinto critico teatral em premieres e o senhor André Brun sobraçando um masso de revistas; etc, etc, etc....

A's duas horas e um quarto da manhã, Luiz de Camões abriu a sessão e pôs dignamente o problema. Tratava-se de salvar o paiz abalado por tantas comoções de caracter politico, de caracter financeiro, de caracter moral. Tratava-se de encontrar a pessoa, Hercules formidavel e energico capaz de erguer bem alto, por um esforço terminante de Deuses, este pobre paiz á beira mar plantado. Mas onde estava esse homem? Aonde? Onde estava esse Messias, esse D. Sebastião glorioso, capaz de salvar isto... Ah! pudesse ele, Luiz de Camões, tivesse ele ainda o coração dos vinte anos e a juventude dos tempos idos, e seria ele, ele sim, Luiz de Camões, quem estaria pronto a sacrificar o outro olho para para que Portugal, o seu Portugal abençoado, pudesse ainda ver o seu horizonte sem nuvens. Por isso tinha convocado aquela reunião para expor os perigos, os graves perigos que atravessa o paiz e como Diogenes de lanterna acesa, ele acendera a sua caixa de fosforos, para que no clarão luminoso da chama encontrasse emfim o salvador. Mais: que dava a palavra a quem a pedisse. Instantes depois ergue-se um vulto.

—Tem a palavra o sr. Afonso Costa.

—Eu pedi a palavra para afirmar a v. ex.ª e a todo o paiz que sou eu aquele que vos venho salvar isto—estão muito enganados.

Vozes: Fóra! Fóra. Ponha-se lá fóra.

O senhor Afonso Costa:

—E' para já...

E saiu da rua.

—Peço a palavra, senhor Camões.

—Tem a palavra o senhor Alfredo Pimenta.

—Eu uso da palavra, já tão usada, para afirmar de luva branca, que a salvação do paiz está, está no seu tinteiro... de Oscar Wilde.

—Não apoiado. Abaixo a reação...

O senhor Luiz de Camões:

—V. ex.ª senhor Sá Pereira deseja pedir a palavra?

—Eu nunca peço, eu nunca pedi nada...

—Tem a palavra o senhor Carvalho da Silva.

—Senhor Luiz de Camões: E' necessario salvar o paiz. Tem v. ex.ª razão. Mas como? Como? Elevando a renda das casas. O problema do paiz é o problema da habitação...

Vozes: Abaixo os açambarcadores...

—Peço a palavra.

—Tem a palavra o senhor Praxedes, cavalheiro respeitavel e pai de familia...

—Saudo em v. ex.ª a poesia da Patria. No momento em que os passarinhos cantam, em que a primavera surje, é necessario salvar o paiz, salvando o funcionario publico o eterno sacrificado, o manga de alpaca que não tem pano para mangas... Peço a v. ex.ª que sugestione o governo a aumentar-nos o salario...

Vozes: Pois é claro... E' claro.

A noite é cada vez mais escura.

—Peço a palavra... Já pedi a palavra tres vezes...

—Tem a palavra o senhor Marquêz de Pombal.

—Neste momento, em que fugiram as pombas e o Pombal se encontra triste, eu proponho que se resurjam os reis e se expulsem os jezuitas do Registo Civil.

Vozes: Fóra que é talassa... Anda façam-lhe agora uma estatua...

—Peço a palavra.

—Tem a palavra, o senhor Paiva e Pona.

—Em nome da Camara Municipal de Lisboa, que represento, eu afirmo a v. ex.ª, como a Leonor Teles, de tranças loiras, que antes a quero ver arrasada e lavrada a bois...

Vozes: Abaixo. Abaixo. E' por ess'as e por outras que encarece a carne no Matadouro... Não continua... Não pode continuar... Fóra... Fóra!

—Peço a palavra.

—Tem a palavra o senhor Lino Neto.

—Apesar de ser do Mação eu não sou mação, senhor presidente. Sou crente, como v. ex.ª o era... na era dos tempos que já lá vão...

O senhor Sá Pereira tonitruante:

—Abaixo a reação... Abaixo a reação...

Vozes: Ordem! Ordem! Haja serenidade... Fóra! Fóra!

Luiz de Camões, aborrecido:

—Isto assim não pode continuar... Eu levanto a sessão... vejo que não ha maneira de conciliar as correntes deste paiz. O homem capaz de salvar isto onde está? Não aparece? ou eu não o vejo... Talvez com a luz da manhã... Esperemos. Está levantada a sessão. Pôs o chapeu na cabeça e saiu do Pedestal. Chega um esquadrão da Guarda Republicana. O que se trata? Interrogamos. Consta que se está realisando aqui um comicio de gente sem trabalho. Toca a destroçar. Luiz de Camões retira-se, apressado, chiado abaixo... Perguntam-lhe:

—Então para onde vai, com essa pressa...

—Vou a Mazagão ceçar do outro olho... Não posso ver estas crises...

As leis monstruosas

O rói do dia-a-dia

Manuel Pereira da Costa—capitão da reserva. Foi este oficial chefe do Estado Maior da 6.ª Divisão do Exercito, durante o periodo monarquico no Norte. Com uma solicitude bastante grata aos monarquicos, foi ele proprio que içou a bandeira azul e branca no edificio do mesmo Quartel General. Deu ordens de serviço, exigindo que se cumprissem, «sem a menor hesitação», não abandonando os minimos detalhes, porque agora «era outra louça...» Mas como «a esperteza» é apanagio de poucos, o nosso bom capitão que é favorecido della, ao ter comunicação telegrafica que a Republica tinha sido reimplatada no Porto, participa-o para Chaves ao general Ribeiro de Carvalho, chefe das forças republicanas, oferecendo os seus serviços e pondo-se incondicionalmente ao lado dele para tudo «que fosse preciso a bem da Republica!!» A «esperteza» deu otimo resultado, porque nada sofreu, e é hoje em Vila Real um dos homens com que o Regimen pode contar...

Francisco Pereira da Costa—tenente do Ultramar. E' este oficial filho do antecedente, tendo-lhe herdado as qualidades indispensaveis para levar a vida sem contrariedades e «sempre de cima...» Coadjuvou seu pae em todo o serviço do Quartel General durante a monarquia, dormindo sempre no edificio militar porque, dizia ele, não queria deixar de estar sempre em comunicação com o Porto... Tambem, como seu pae, foi dos primeiros a oferecer os seus «desinteressados» serviços ao general Ribeiro de Carvalho... Foram aceites, porque o oficial nenhum castigo teve, e tambem é hoje um dos bons sustentaculos do Regimen...

Antonio Teixeira Vaz da Conceição, alferes reformado. Estava fazendo serviço este oficial em infanteria 13 quando se proclamou a monarquia em Vila Real. Aderiu ás novas instituições «por escrito». Como era oficial trabalhador, foi fazer serviço para o Quartel general da divisão, assinalando-se a sua passagem, durante a efemera monarquia, numa vontade de ferro para que «ela» vingasse... «Não vingou...» Mas como quem tem padrinhos a tudo escapa... em nada foi incomodado... E' tambem dos nossos...

Domingos Batista, alferes de infanteria. Estava arregimentado este oficial no regimento de infanteria 13. Ao proclamar-se a monarquia aderiu a ela, como de resto todos os seus camaradas... «Dois bons republicanos» de Vila Real «garantiram» que aquele alferes «eram dos nossos», apesar dele ter «dado provas» do lhe agradar o regimen sepultado no 13 de fevereiro... como bem o provou... Para bem, felizmente, deste oficial, os «bons republicanos» venceram... e o oficial está fazendo hoje do serviço no mesmo regimento... a contento de todos...

Dr. Mario Duarte

Por noticias recebidas hoje em Lisboa, sabe-se que em Milão e depois em Roma as Sociedades de autores dramaticos tendo á frente Nicodemi e Naraldo oferecerom magnificas festas de recepção aquele principal introdutor das suas obras entre nós. Nicodemi foi duma lisonjeira critica para os nossos dramaturgos publicados cujas obras se encontram nas bibliotecas das Sociedades referidas, tendo manifestado desejos de fazer traduzir os trabalhos mais merecentes da nossa dramaturgia.

Alguns jornais italianos referem-se a estada do sr. Mario Duarte, aproveitando a ocasião para serem simpaticos ao nosso paiz.

COISAS REVOLTANTES

O caso das conservatorias de Lisboa

Sr. Director.—Vimos solicitar de v. para que se digne chamar a atenção do sr. ministro da Justiça para o que se está passando nas conservatorias de Lisboa. Trata-se de um facto verdadeiramente revoltante, de uma exploração que pode conduzir a uma justificada revolta.

Como se sabe, foram criadas mais conservatorias em Lisboa, sob qualquer pretexto que não sabemos se é ou não justo. Mas não se trata de providenciar para que os arquivos passassem para as novas conservatorias criadas, de forma a não se produzir qualquer transtorno na vida dos cidadãos. Não só não se adoptou uma tal medida, como se obriga, quem precise de uma certidão a requerer para que se transfira o registo do que consta da antiga conservatoria para a nova. Citemos um exemplo, e um caso que observamos na 1.ª conservatoria para que o sr. ministro da justiça, o governo ou o parlamento apreciem a leviandade como se legisla nesta terra.

Uma mulherzinha precisou de uma certidão da 1.ª Conservatoria, mas como a sua freguesia tinha transitado para uma das novas Conservatorias, teve de requerer transferencia do registo da 1.ª, para a Conservatoria nova.

Essa certidão importou em 166$00!! Alem desta despeza dá-se ainda a circunstancia de se levar numerosos dias á espera que se obtenha uma certidão, o que causa sempre transtorno e por vezes prejuizos consideraveis.

Porque motivo não se adotaram ou não se adotam ainda providencias, para que os arquivos das antigas Conservatorias transitem na parte que lhes pertence para as novas?

E porque não de ser o requerente que não de pagar um tão pesado encargo?

Pela publicação desta fica muito grato a v.... etc.—' S.

UM BALÃO DE ENSAIO

da diplomacia alemã

TOKIO 3.—O ministro dos Negocios Estrangeiros japonez desmente oficial e formalmente a noticia publicada por alguns jornais americanos segundo o qual teria sido feito um acordo entre o Japão, a Russia e a Alemanha.—(R.)

O MINUTO POLITICO

A Crise Ministerial

é muito provavel, embora não se possa considerar declarada—A intriga politica em torno do conflito da Faculdade de Medicina —Significado politico duma carta ministerial —A situação, tal qual se vê pelo oculo da Presidencia do Governo!...

Nos centros politicos considera-se instavel a posição do Governo. A causa ocasional apareceu com o conflito dos professores e estudantes de medicina; mas os verdadeiros motivos veem de mais longe e são de natureza geral que não especial. Vamos tratar de examinar tudo isso.

* * *

O *Diario de Noticias* publica hoje a seguinte carta, subscrita pelo sr. dr. Augusto Nobre, ministro da Instrução:

«...Senhor dr. Augusto de Castro. Na rapida conversa que um redactor do «Diario de Noticias» teve ontem comigo ha três afirmações que eu rogo a V. a fineza de mandar rectificar.

A posse foi dada na Secretaria Geral.

Eu não me referi á Direcção Geral do Ensino Superior quando me queixei de não me terem sido fornecidos elementos para apreciar os direitos dos professores supranumerarios, direitos a que aludo na mesma conversa.

Tambem não disse que a informação da Direcção Geral do Ensino Superior era absolutamente favoravel, mas sim que ela me indicara que o art. 861, art. 2.º, tinha já sido aplicada duas vezes, apesar de não estar regulamentada.

Pela inserção destas linhas muito grato lhe ficará quem se subscreve com a maior consideração. De V., etc. — *Augusto Nobre*.»

Nesta prosa epistolar está toda a historia da crise que aflige o Governo. Historia anecdotica, é claro. Mas, no momento que vamos atravessando, tudo quanto se vai desenrolando nos bastidores da politica partidarista não é, porventura, uma chistosa anecdota, que só provoca lagrimas de desalento áqueles que possuem um sentimento patriotico fora da moda?...

A carta do sr. ministro da Instrução é dirigida ao *Diario de Noticias* e, aparentemente, destinava-se ao publico. Na realidade, o endereço está errado. O sr. dr. Augusto Nobre acertaria mais e melhor se a dirigisse ao sr. dr. Queiroz Veloso, director geral do Ministerio.

O que provocou a epistola foi a noticia de que o sr. dr. Queiroz Veloso ia pedir a demissão de director geral, para, em seguida, desmentir as afirmações do seu superior hierarquico, produzidas na entrevista publicada no *Diario de Noticias*. O sr. ministro da Instrução, que não pôde ou não soube resistir, a tempo, ás pressões de politicos de situação eminente, quiz salpicar com a agua que lhe inundava o capote as vestes do seu director geral. Este não se conformou. E o ministro deita agora agua na fervura, para que o sr. dr. Queiroz Veloso não agrave a posição insustentavel do estadista. Simplesmente a emenda não foi superior ao soneto. Antes pelo contrario!

Segundo informações que temos por certas, o sr. ministro da Instrução, que, pelo visto, não desdenha da cultura intensiva da literatura epistolar, escreveu, a proposito da transferencia do professor Lopo de Carvalho, uma carta suficientemente elucidativa, senão comprometedora. Receando que o sr. dr. Queiroz Veloso puzesse dificuldades legalistas á manobra da colocação em Lisboa de um psiquiatra suficientemente adventicio, o sr. dr. Augusto Nobre escreveu-lhe uma carta pedindo-lhe que redigisse uma informação que habilitasse o ministro a fazer a transferencia, deferindo o respectivo requerimento. Parece que o sr. dr. Queiroz Veloso satisfez o pedido. E o ministro, assim obsequiado, deu com os pratos na cara do director geral, na entrevista publicada no *Diario de Noticias!*

E' claro que tal gesto não agradou ao funcionario superior do Ministerio da Instrução e dahi, o anuncio do seu pedido de demissão — para, em seguida, restabelecer a verdade dos factos. Se tal se desse, a posição do ministro da Instrução seria catastrofica. Foi, para o evitar, que ele escreveu a carta que transcrevemos. O leitor dirá se ela serviu para alguma coisa...

* * *

Mas, porque motivo se empenha o Governo em manter a transferencia do professor Lopo de Carvalho? Vamos dizê-lo:

A pretensão foi e é apoiada pelos srs. Moura Pinto, liberal, e Antonio Fonseca, reconstituinte, ambos ex-ministros, parlamentares de destaque e, finalmente, homens publicos de decisiva influencia politica. Ambos se empenharam, junto do Governo e, em especial, do sr. ministro da Instrução, pela colocação em Lisboa do professor transferido. E, agora, os srs. Moura Pinto e Antonio Fonseca empenham-se em sustentar o acto governamental — sejam quais forem as consequencias. O sr. Antonio Fonseca chega mesmo a considerar como um atentado a ordem publica a gréve pacifica dos professores e estudantes de medicina. E' um ponto de vista talvez excessivo...

Por outro lado, o conflito não deve ter surpreendido o sr. Antonio Maria da Silva. Diz-se — cremos que com fundamento — que o chefe do Governo recebeu, muito a tempo e horas, uma carta do sr. Belo de Morais, pondo-o de sobre-aviso ácerca das manobras da transferencia do sr. Lopo de Carvalho. Essa carta apelava mesmo para a memoria do sr. Antonio Maria da Silva, que, por certo, jámais se esqueceu ou esquecerá dos serviços que lhe prestou o sr. Belo de Morais, num instante critico da agitada vida politica do ilustre democratico. E' possivel que o chefe do Governo nada pudesse fazer, visto que a carta a que aludimos nenhum resultado pratico produziu. De modo que...

* * *

Por muito dificil que seja a situação governamental em face do conflito da Faculdade de Medicina, ela não é positivo não é a menos de todas as dificuldades com que o Governo se debate.

O sr. Antonio Maria da Silva começa a convencer-se da ineficacia do seu Governo. Os problemas que existiam quando formou Ministerio subsistem — agravados. Perante o Parlamento, a acção governamental distingue-se pela inercia dos membros do gabinete. A não ser o sr. ministro do Trabalho, que resolveu, com talento, energia e felicidade, a questão dos Bairros Sociais, todos os outros ministros nada fazem ou fazem mal. O sr. ministro das Finanças fracassou estrondosamente: o cambio desceu e desce; o emprestimo dos três milhões esterlinos nenhuma melhoria trouxe á vida angustiosa do povo; a circulação fiduciaria foi aumentada; e, por fim, o agravamento tributario, estudado e delineado com a inconsciencia e a insciencia de um homem que sómente é rico de meios de fortuna material, arrasaria vinte governos fortes e populares, quanto mais este, que não é uma coisa nem outra!...

Assim, desajudado, quasi isolado, o sr. Antonio Maria da Silva começa a compreender que é indispensavel uma emenda politica á errata da organisação ministerial. Seria utilissima, nesta altura, uma recomposição, que sanasse o meio governamental, substituindo os titulares das pastas já condenados ao ostracismo pela unanimidade da opinião publica.

E' assim que o sr. Antonio Maria da Silva vê a actual situação politica? Pessoas que mais junto dele vivem afirmam que sim. Simplesmente o chefe democratico ainda não encontrou a formula resolutiva, o *modus-faciendi* da transformação politica inevitavel: *hoc opus*...

De modo que... é de boa previsão uma proxima crise ministerial.

A Italia de acordo com os "soviets„

LONDRES 3.—Diz-se que a Italia avisou a Grã Bretanha da conclusão do acordo comercial italo kemalista e que o «Foreign Office» enviou a Roma o seu protesto.—(H.)

A série de incendios em Malaga

Um bairro inteiro em chamas

MALAGA 2.—Depois de incessantes esforços poude-se dominar o incendio do bairro de Perchel que como o recente incendio da alfandega teve enorme gravidade. Os bombeiros conseguiram isolar as casas em que lavrava o incendio evitando que o fogo se propagasse a todo o bairro. Ficaram feridos 14 bombeiros.—(R)

Ecos do 1.º de Maio

MADRID 2.—Nos centros operarios reina grande excitação por motivo dos incidentes ocorridos entre socialistas e comunistas durante a manifestação do 1.º de Maio. Na casa del Pueblo teem havido tambem incidentes varios tendo-se passado a vias de facto. Calcula-se que estes acontecimentos tragam consigo consequencias politicas desenhando-se já a dissolução de algumas sociedades e a creação de novos sindicatos.—(R.)

O Iodismo

Só se evita tomando o «Iodal», o unico granulado de iodo-iodetado que se fabrica em todo o mundo, do que é depositario exclusivo Raul Vieira Ld., Rua da Prata 51.

A pele do urso...

Um pretendente unico á realeza morta. O sr. D. Manuel, ex-destronado e ex-entronado!

Segundo noticiam os jornais da manhã, está terminado o escandalo em que se debatiam as três facções do monarquismo portuguez. Os ultimos resquicios do partidarismo realista acordaram em reconhecer o ex-rei de Portugal, sr. D. Manuel II, como o unico legitimo pretendente á hipotetica corôa. Fundiram-se, para o efeito, os principios antagonicos do absolutismo miguelista e do constitucionalismo pedrista. Evora-Monte tem, pois, um epilogo verdadeiramente épico!

O sr. D. Manuel II foi duas vezes destronado. Nos republicanos, mandámo-lo para o exilio em 5 de Outubro de 1910; os integralistas re-destronaram-no, quando se separaram dos constitucionalistas. Agora, os rebeldes monarquicos, que publicamente exautoraram, por formas e feitios varios, o sr. D. Manuel, re-entronam-no... em efigie. Tudo isto é muito simples!

E' evidente que a chamada causa monarquica não fica nem mais rica nem mais pobre de homens do que o era em 1910. Com todos e mais o Estado organisado pudéram os republicanos da revolução libertadora. E hoje, que o Estado é republicano e que republicana é a enorme maioria dos cidadãos portuguezes, não pode haver receio de que a fusão bastarda de três monarquismos ponha em perigo, ou mesmo em dificuldades, as Instituições.

Entendemos, todavia, que os republicanos não devem abandonar o campo eleitoral aos monarquicos. Sob êsse ponto de vista, a conjunção monarquica pode criar uma situação dificil. Não o entendem assim os chefes dos partidos republicanos?...

A conferencia de Genova

Ainda se não saiu do regimen da nota preliminar

PARIS, 2.—O sr. Poincaré telegrafou á delegação franceza em Genova pra que esta convidasse os representantes aliados a não enviarem o memorandum aos soviets antes do gabinete francez dele tomar conhecimento. No caso em que esta démarche não dê resultado, os delegados francezes deverão fazer todas as reservas a respeito desse memorandum principalmente a respeito do artigo 6.º. O sr. Poincaré considera principalmente todo o qualquer divergencia com as vistas da Belgica inconveniente, pelo que, segundo se diz, teria enviado instrucções para se adotar completamente o ponto de vista do sr. Jaspar. O sr. Poincaré continua a considerar como inoportuna qualquer reunião do conselho supremo até ao vencimento de 31 de e, por conseguinte, é de parecer que para se começar a discussão do tratado de Rapallo é melhor esperar os resultados da conferencia de Genova.—(H.)

GENOVA, 2.—A's 16 horas reuniu-se a sub-comissão dos negocios russos. Não tendo assistido á sessão os representantes da Belgica, não obstante as numerosas e instantes solicitações que lhe foram feitas durante todo o dia, o sr. Jaspar persistiu em não ir tomar o seu logar no comité dos peritos e na sub-comissão. Logo ao começar a sessão o sr. Barrère declarou, na conformidade das instrucções que recebera de Paris, que a delegação franceza não podia dar a sua aprovação definitiva ao memorandum em virtude da redação do artigo 6.º.—(H.)

GENOVA, 3.—Tendo o sr. Barrère declarado na reunião da sub comissão dos negocios russos que a delegação franceza se não opunha á entrega do memorandum aos soviets sob reserva todavia, da oprovação do seu governo a sub-comissão resolveu enviar sem demora aos soviets o texto do memorandum.

A carta de envio não contem mais do que a formula de envio, á qual o sr. Schanzer, como presidente da conferencia, acrescentou a frase relativa á reserva da delegação franceza até á recepção de instrucções de Paris.—(H.)

GENOVA, 3.—Pela secretaria da conferencia foi entregue esta noite á delegação russa a carta de envio do memorandum, não lhe tendo sido fixado praso nenhum para a resposta.—(H.)

GENOVA, 2. — Na reunião da sub comissão que trata dos assuntos russos estudou-se o problema da divida. Embora a França continue intransigente exigindo o pagamento das dividas pré-guerra, julga-se que se aceitará a formula de Barthou referente á concessão de uma larga moratoria. Na sub-comissão acima referida proposeram-se as vitres para que a proposta franceza seja aceite pelos russos.—(R.)

Theatros e Cinemas

Nota do dia

Os jornaes deram, ha poucos dias, a noticia de que a commissão de Finanças tinha dado parecer contrario ao aumento da pensão a conceder á grande artista Virginia Dias da Silva. Seria curioso conhecer das razões que levaram os illustres representantes do povo a pôr o seu *veto* ao projecto em questão, mas parece que o parecer ainda não foi publicado e, consequentemente, é extemporanea a contradita a quaisquer considerandos em que se baseie tal parecer. Ha, porém, um facto curioso que merece a pena tornar publico e bem demonstrativo de que nem sempre o nosso simpatico Parlamento representa a vontade expressa dos seus eleitores. São os representantes do povo, dêsse povo que, num clamor unisono, vibrou, ha dias, de entusiasmo no teatro de S. Carlos, em que centenas de espectadores ficaram sem bilhete, pela sua diminuta lotação, muito embora sendo a maior de todas as nossas casas de espectaculo, que, em contradicção absoluta com a sua maneira de sentir, se opõem a que, áquela artista, se aumente de alguns centenares de escudos uma pensão que o proprio Governo da Republica julgou, oportunamente, mais que merecida. E lembrar-se a gente que se gastam tantos contos de réis em bombas, morteiros e foguetes...

ALVARO LIMA

Agenda da semana

QUINTA FEIRA — Salão Foz «Pinarote» revista e 2 actos de Xavier de Magalhães e Lourenço Rodrigues, musica de Filgueiras, Vidal e Portela.

SEXTA-FEIRA—Politeama —primeira representação da peça de Pierre Wolff «Azas quebradas».

Entre nós

Vae ser entregue á emprezá Alves da Cunha, um original em 3 actos, do nosso camarada Luiz Guimarães, intitulada «Os corvos de St.º André».

◆ Em seguida á temporada do Porto, a companhia Alves da Cunha dará uma serie de espectaculos em Braga e Vianna, seguindo depois para o Brazil.

◆ Desligou-se da companhia do teatro S. Luiz, o tenor Fernando Pereira, já contratado pela empreza que explorará aquele teatro na epoca de verão.

◆ Só na proxima 6.ª feira, faz a sua apresentação no Politeama a companhia Rey Colaço-Robles Monteiro.

◆ O cartaz do Nacional, após a representação da peça «Tristo Viuvinha» que subirá a scena em festa da Stichini, será constituido pela nova peça em 1 acto de Carlos Selvagem o pelo «Auto dos faroleiros» de D. Branca de Gonta Colaço.

◆ Consta que os artistas da companhia do teatro S. Luiz, pensam em fazer uma «tournée» pela provincia, na proxima epoca de verão.

Estrangeiro

M.lle Jane Marnac, uma das mais queridas artistas do publico de Paris, acaba de se queixar em juizo, contra um corretor de vendas M. Moch, por, isto se recusar a entregar-lhe um colar de perolas que ela lhe confiára para venda e que avalia em 150,000 francos. Por sua vez M. Moch, alega que, com pleno assentimento da artista liquidou já o assunto com a hipoteca duma propriedade que lhe proporcionou, devidamente autorisado para tal. Sucede porém, que a proprietaria do imovel hipotecado morreu e, nestas condições Jane Marnac prefere o seu colar á contingencia de credora, embora previlegiada duma defunta.

◆ Terminou em Paris o julgamento do processo de difamação intentado por M.lle Fabris contra René Benjamin e Fuyard em virtude dum artigo intitulado «Antoine dechaîné» Fabris e Benjamin foram condenados em 1,000 francos por perdas e danos a favor de M.lle Fabris pelos motivos seguintes:

Considerando que o autor do artigo, sem citar o nome dos interpretes fez entretanto uma descrição bastante precisa para que seja facil afinal reconhecel-os;

Considerando que, quando Benjamin atribuiu á actriz que faz o papel de «Arlesienne», certas atitudes ou certos proposítos, é M.lle Fabris que é directamente visada;

Considerando que do mesmo artigo se deduz que aquela artista representou a «Arlesienne» sob o aspecto duma cortezã despida de todo o pudor;

Considerando emfim que as imputações são de natureza a ofender a honra e a consideração da actriz...

Por esta amostra se vê a importancia que em França, os artistas ligam á critica.

Cartaz do dia

Teatro de declamação

NACIONAL—A's 9—«O Centenario».

Teatro musicado

S. LUIZ—A's 9—«A Lenda dos Tarlatanas».

APOLO—A's 9,15—«Belo Sexo».

AVENIDA—A's 9,15—«A Perola Negra».

Circos

COLISEU DOS RECREIOS — A's 9 — IX Campeonato Internacional de Luta e Variedades.

Animatografos

OLIMPIA—Rua dos Condes.

CINEMA CONDES—Avenida da Liberdade.

SALÃO CENTRAL—Praça dos Restauradores.

O "raid" Lisboa-Brazil

—A Comissão angariadora de donativos para a compra das insignias da Torre e Espada aos heroicos aviadores Coutinho-Sacadura recebeu, segundo nos comunica mais o seguintes donativos:

Banco Portuguez e Brazileiro, 500$00; Sociedade Luzitana de Electricidade 50$00; do pessoal da mesma sociedade 25$00; da Escola de Tiro de Artilharia de Campanha 80$00; Subscrição aberta pela leitaria da Rua da Betesga 25$00.—Total geral 2.994$80.

—Recebemos e agradecemos um curioso bilhete postal comemorativo da viagem aerea dos aviadores portuguezes e cuja edição é dos srs. Marques e Ramos, da R. D. Estefania.

—Os funcionarios da Misericordia de Lisboa, auxiliados pela administração da mesma, resolveram comemorar o feito heroico e scientifico dos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral, com uma distribuição de enxovais a creanças nascidas durante o periodo de tempo que medeie entre a partida dos aviadores de Lisboa e a sua chegada ao Rio de Janeiro, e cujas mães provem ser pobres e residirem em Lisboa.

A distribuição será feita numa sessão solene que se espera atinja o maximo brilhantismo, para que seja digna das tradições da Misericordia e do alto feito historico que está prendendo a atenção do mundo inteiro.

Os novos impostos

Algumas notas impressivas acerca das propostas de Finanças do sr. Durão. — Ha por ahi ferro, latão ou algum estadista para vender?...

O sr. Julio Maria Baptista, director geral das Contribuições e Impostos, enviou aos jornais uma carta, onde se empurra, para cima do sr. ministro das Finanças, com a responsabilidade das suas propostas de lei. Era inutil dizê-lo, para nós.

Ao contrario do que supoz o sr. Carvalho da Silva, cuja critica ás propostas provocou a carta do alto funcionario do Ministerio das Finanças, nunca supozemos que tão cerebrina produção tivesse colaboração alheia á gestão ministerial. Toda a obra é, com certeza, da concepção e autoria do sr. Portugal Durão e não poderia ser de outra pessoa. A tal respeito, o sr. ministro das Finanças deve sentir-se muito orgulhoso...

Efectivamente, nós não cremos que alguem, a não ser o sr. Portugal Durão, se lembrasse de incluir como materia tributavel o esforço produzido pelas pequenas industrias domesticas. E' certo que o art. 9.º da proposta sobre contribuição predial isenta do imposto «os operarios que trabalham em suas casas, quando trabalhem sós ou auxiliados pelos filhos menores, pelas filhas solteiras ou pelas mulheres, e não vendam directamente ao publico o que produzam». Apesar das restrições expressas e que, porventura, invalidarão na pratica a suposta isenção, dêmos de barato que as industrias domesticas, de importancia minima na massa industrial da Nação, não estão sujeitas a contribuição industrial. Mas não escapam ao imposto sobre transacções nem ao imposto pessoal de rendimento, visto que em nenhum dos respectivos diplomas encontramos disposição isentadora. Por aqui se vê qual o espirito cruel que presidiu ao estudo dos novos impostos. E' preciso, realmente, desconhecer absolutamente a vida miseravel dos trabalhadores citadinos para pretender arrancar-lhes uma parte do magro lucro das suas miserrimas transacções ou uma parcela daquilo a que, só por elegante eufemismo, a prosa oficial classifica de rendimento!

De resto, a ligeireza da redacção das propostas é tão manifesta, que o estudo das comissões parlamentares teria de ser duplo, — se, por acaso, as propostas lá chegassem...

Não é raro encontrar contradições flagrantes entre o que está escrito no relatorio e o que se lê no articulado. Por exemplo:

O relatorio diz que no imposto pessoal de rendimento se faz a dedução de 400$00 *por cada pessoa* a cargo do contribuinte, além do conjuge; mas o n.º 3.º do art. 49 da proposta expressamente declara que apenas se consideram a cargo do contribuinte, para efeito da isenção, *as filhas solteiras, viuvas, separadas ou divorciadas que vivam com o contribuinte.* As pessoas de que fala o relatorio ficam dest'arte singularmente reduzidas em numero... Nós preguntamos se é justo reduzir a tal insignificancia as isenções e se não seria mais razoavel manter a promessa do relatorio. Então, se com o contribuinte e á sua custa viver, por exemplo, uma criança de 10 anos, cunhada e não filha solteira, viuva ou divorciada, não é justo que haja isenção?

Não é preciso estudar profundamente as propostas para as condenar irremediavelmente, sem apelação nem agravo. Se as comissões parlamentares tiverem de as estudar, têm de as refundir, *de as redigir de novo...*

Como estão, não têm por onde se lhes pegue. Delas só pode concluir-se o seguinte: o sr. ministro das Finanças não soube o que fez. Só lhes reconhecemos uma virtude: livrarem a Nação do ministro desastrado. E' o que vai acontecer.

A mensagem a Guerra Junqueiro

A Academia Brasileira de Letras enviou a Guerra Junqueiro a seguinte mensagem:

«Quando nos chegou a noticia de que havieis sido indicado por vossa Patria para a representardes entre nós como seu embaixador intelectual, por ocasião das festas do centenario da nossa independencia, já esta Academia, da qual sois membro por voto unanime de todos os seus titulares, havia resolvido convidar-vos como seu hospede, prestando, nas homenagens que vos tributasse, um justo preito ao maior estro, verdadeiramente representativo da poesia portuguesa contemporanea. Escusaste-vos por inumeros motivos da missão. Nem por isso, entretanto, a Academia desiste do seu proposito, manifestado por votos entusiasticos.

O amor vos radica á terra patria, e, naturalmente, recusaivos partir pelo receio que tendes de que o vosso coração não suporte a nostalgia. Saindo das vossas plagas, não vos apartareis senão do solo, o mais tereis sempre presente nos sentidos.

Hão de vos surgir á mente as glorias do passado. Suplicareis aos mares cortados, pela primeira vez, a monção da ventura, pelas prôas altas dos galeões manuelinos.

Vereis os astros que alumiaram os navegadores da grande viagem misteriosa. Contemplareis a luz de ouro do nosso sol, terra que foi festivamente sagrada, batisada, esforçadamente desbravada, prodigamente semeada, heroicamente defendida pelos pescadores dos mundos e de gentes, saida ao clangor das tubas dos nossos campos, montes e cidades. Ouvireis contente o som da Patria que é o idioma, um tanto abrandado pela languidez das vossas vozes e instrumentos da alma. Achareis o altar e a mesma crença, na Historia, dos feitos dos vossos bravos e nos lares os mesmos habitos. Mudareis apenas de casa, a familia será a mesma, e aqui entre nós sob o toldo da nossa bandeira, com a qual vos acenamos, sereis, como o genio lirico de Portugal, a visita do amor á terra do Brasil.

Recebido no adito em que se conserva o fogo sagrado da nossa nacionalidade, lume que a nossa alma retirou do altar onde, em que flamejam os Lusiadas», rebrilham os fulgores de clarões de novas chamas, como as que aclaram a obra de Herculano, coruscam intensamente nos brasidos de Camilo, scintilam na tripole de Eça de Queiroz e Fialho de Almeida — vereis que a lingua é estimada com devoção pelos que nela procuram criar belezas como as que tendes realizado, mantendo á altura a que a elevaram os mestres entre nós e onde sois amado e admirado. Não andareis como estrangeiro senão como da familia. A poesia, vindo comvosco, das searas e das olivas, confraternizará a poesia juvenil das nossas florestas virgens.

A Academia Brasileira de Letras espera a vossa resposta para transmiti-la ao Brasil.

A Polonia previne-se contra uma agressão Russa

VARSOVIA, 3—A Polonia resolveu preparar-se para qualquer eventualidade, visto que a Russia trabalha febrilmente na preparação do seu exercito e o acumula na fronteira polaca.

Entretanto nos meios oficiais a impressão é ainda optimista, não se acreditando que a Russia venha a declarar guerra, sabendo que terá contra si toda a Europa com excepção da Alemanha.—(Lit. Am.)

Ultima Hora

Na embaixada do Brazil

Em virtude do falecimento do sr. Fontoura Xavier não se realisou hoje na embaixada do Brazil a costumada receção oficial.

Durante o dia quasi todos os membros do corpo diplomatico ali foram deixar os seus cartões, tendo estado tambem na Embaixada o sr. Jaime Atias, representante do Chefe do Estado e em nome do governo o sr. ministro dos Estrangeiros.

Tambem deixaram cartões o sr. general Gomes da Costa, dr. Lobo d'Avila Lima, dr. Antonio Ferrão, etc.

—O sr. Belford Ramos, encarregado dos Negocios do Brazil, esteve esta tarde no Governo Civil, procurando o chefe do distrito. Como não estivesse, s. ex.a ficou de ali voltar amanhã.

—Em todos os edificios publicos e muitos particulares esteve hoje hasteada a bandeira nacional.

O inquerito ás policias

O sr. dr. Guisado, governador civil substituto de Lisboa, continuou hoje ouvindo varias pessoas sobre o inquerito que está sendo feito ás policias de investigação e de segurança publica. Tal diligencia prende-se com os recentes conflitos que se deram entre o comissario geral da policia e o director dos serviços de investigação sr. dr. Reis Junior, e que tiveram o seu inicio naquele escandaloso caso do assalto ao Club Nacional no Chiado, onde, como é sabido, se deu uma scena de tiros, da qual foi protagonista um caboverdeano conhecido como *papo-séco* e que fazia parte da policia especial e secreta do major Carrão de Oliveira.

Depois disso, um novo conflito surgiu por questões de serviço em que o comissario geral pretendia ter interferencia e que afinal eram da exclusiva competencia do director da investigação.

Se o inquerito fôr feito com consciencia, como piamente acreditamos, é natural que surjam surpresas sensacionais e, então, fazendo-se justiça, a policia em geral deverá sofrer desta vez uma limpeza radical, de cima para baixo...

Em poucas linhas

Julio dos Santos Ferreira, rua do Olivel 151, 1.º queixou-se á policia de que seguindo num carro electrico lhe furtaram, um cordão de ouro, um passador e meia libra a servir de medalha, tudo no valor de 800 escudos.

— Amandio Maciel, director do Banco de Seguros, rua da Victoria tambem apresentou queixa na policia contra os actuaes administradores do mesmo banco, acusando-os de desvio de valores não só da séde do banco como das suas filiaes.

— O chefe Murtinheira, da 1.ª secção da policia de investigação, iniciou hoje as suas diligencias sobre aquele caso ocorrido no club do *Peras*, na rua Alves Correia, e a que ontem nos referimos. Foi levantado o respectivo auto, tendo sido presentes no referido chefe todos os artigos de jogo apreendidos no referido club. Os pontos continuam presos nos calabouços do Governo Civil.

Agrava-se o conflicto Faculdade de Medicina — A'manhã generalisar-se-hão os pedidos de demissão

Se amanhã, por todo o dia, o Governo não solucionar dignamente o conflicto da Faculdade de Medicina, os medicos dos hospitais enviarão requerimentos de demissão dos seus cargos. E' possivel, é mesmo quasi certo, que o movimento se estenda a todas as escolas superiores e aos serviços de assistencia e higiene publicas.

Continua a acreditar-se na queda do Governo. Se a hipotese se verificar, suceder-lhe-ha, provavelmente, um gabinete de concentração republicana, com um programa minimo de reconstituição economica, a executar imediatamente. A fim de o habilitar a produzir obra util e estavel, o Parlamento adiar-se-hia, votando previamente as bases de algumas reformas mais urgentes e a autorisação para as legislar durante o interregno parlamentar. O adiamento, entretanto, só se daria depois de discutido e votado o orçamento, em sessões a isso unicamente destinadas.

Ha, porem, quem atribua ao Chefe do Governo o proposito de resistir á pressão, apresentando o caso ao Parlamento como um problema de ordem publica. Este modo de vêr é sustentado, junto do sr. Presidente do Ministerio, pelos srs. ministros da Instrução e das Finanças e por alguns homens publicos de influencia, como, por exemplo, os srs. Moura Pinto e Antonio Fonseca.

Desaparecidos

Da casa de sua familia, sita no Pateo de Vila Teixeira, 18, loja, desapareceu Francisca Marques, de 75 anos.

E' coxo e forte, tendo o bigode grisalho. Veste calça azul e casaco castanha escuro.

—Tambem da casa de sua familia, rua dos Lagares, 3, 1.º, desapareceu a menor de 15 anos, Ilda de Jesus Silva.

E' forte, tem o rosto comprido e é um pouco morena. Veste saia escura, calçando sapatos amarelos.

Pelo Telegrafo

Pequenas informações

PEKIN, 3 —As legações estrangeiras recomendaram aos seus nacionais residentes fora da cidade que se refugiem no interior dela.

Espera-se a chegada de varios navios de guerra francezes e ingleses que ancorarão na embocadura do Pei-he.—(R.)

PARIS, 3.—O rei da Servia que se encontra incognito nesta cidade tem tido varios entrevistas com personalidades em destaque.—(R.)

TARRAGONA, 2. — Declarou-se um violento incendio no armazem da Sapataria de Panasaches. Todo o edificio que ocupa um quarteirão de casas abateu. Nas casas imediatas então a alfandega, adotaram-se as necessarias precauções. O incendio durou 24 horas e os prejuizos foram enormes.—(R.)

BORDEUS, 2.—Realisou-se o «match» de foot-ball entre francezes e espanhois. Assistiram a elo cerca de 10,000 pessoas. As equipes entraram no campo no meio de ovações, ouvindo-se os acordes da marcha real espanhola e da marselhesa. Desde o inicio do jogo os espanhois dominaram os francezes, tendo ganho a partida.—(R).

LONDRES, 3. — Depois dum trabalho consecutivo, os sete operarios que tinham ficado soterrados num desabamento duma galeria em construção em Klosters, no Prattigau foram tirados dos escombros.—(R).

O espiritismo é um facto?

O espiritismo criou, em todo o mundo, uma especie de religião nos seus adeptos, inexgotavel humorismo nos trocistas, e uma hipotese aos sabios que lhe teem dedicado não poucos trabalhos e horas de vigilia.

No seu «Tratado de metafisica» que ha pouco surgiu nas «vitrines», o professor dr. Richet, mostra quanto é precaria, fragil, seguramente prematura e provavelmente errónea, a hipotese da sobrevivencia dos espiritos.

Mas por mais cerrados que sejam estes argumentos não é facil que eles venham modificar a opinião geral, tanto que o dr. Gustavo Jeley director do Instituto de Metafisica Internacional de França e do qual é presidente de honra o dr. Carlos Richet propõe-se discuti-los á medida que os for apresentando na «Revista Metafisica» que é o boletim do Instituto.

E' que os fenomenos registados são infinitamente complexos, perturbantes, sem possibilidade de fraude.

Falando, por seu lado, dos misteriosas manifestações dos espiritos reencarnados, das personificações, diz o professor Richet:

«Nós temos estudado tantas, tantas e tantas dessas manifestações, evidentemente imaginarias, que somos obrigados a concluir que imaginarias são todas elas... Mal que essas entidades se manifestam, praticam taes erros, exorbitam de tal modo, dizem tais inutilidades, cometem esquecimentos tão graves e improdutivos, que é impossivel acreditar que seja o espirito do morto que reviva... Rarissimas vezes, a uma pergunta, surge uma resposta perfeita. Sim; se eles estivessem diante dum juri de examinadores, não «passariam» no exame, tão tolas são as suas respostas, respostas dadas á la diable».

Eis aqui porque—o que é desastroso para a hipotese espirita—até hoje nada foi revelado pelas personalidades dos mortos, que não seja conhecido pelos homens. Nunca, nunca me ensinaram a dor mais um passo na caminho da geometria, da fisica, da fisiologia, da propria metafisica! Nunca os espiritos poderam mostrar que é bem mais do que o vulgarmente conhecido seja sobre o que for! A banalidade das respostas causa desespero salvas excepções rarissimas. Nem uma parcela da sciencia futura deixam entrever».

Mas o auctor do «Tratado de Metafisica» assegura que a teoria espirita é uma hipotese não digna de acreditar as experiencias».

Tambem teve o de fazer voltar as mesas e perder as cabeças porque, os que duvidam, os interessados vão dizendo: «Eles virão!»

Que dizem a isto os espiritas a quem, de quando em quando, surgem os charlatães que vem aos teatros?

Ecos & Noticias

CASAMENTOS

Na igreja de S. Sebastião da Pedreira realisou-se o casamento de D. Maria del Consuelo Fernandes Méra, filha de D. Maria Guadalupe Fernandes Méra e de José Alonso Méra (já falecido) com o sr. David Bento Brís Garcia, filho de D. Francisca Garcia e do Mateu Brás Garcia. Celebrou a cerimonia o monsenhor Arcebispo de Metheline acolitado pelo reverendissimo Prior.

A igreja foi ornamentada sob a direcção do Padre Francisco Maria da Silva. Achava-se artisticamente decorada com grande profusão de lumes e flores. Assistiu a familia e os amigos muito intimos, e foram convidados por sua Santidade as bençãos e serviram de padrinhos os pais do noivo e por parte da noiva, sua mãe e Monsenhor Silvan Bessier. Depois do casamento foi servido em casa da noiva um copo de agua, pela pastelaria Bernard. Na Corbeille viam-se muitos e valiosas prendas.

Os noivos partiram para Cintra para casa da mãe do noivo em Santa Maria.

Conferencia de Genova

GENOVA, 3.—O malogro da conferencia manifesta-se cada dia com maior evidencia. A recusa dos belgas em tomar parte nos trabalhos de que os russos participem, é o principio da debandada. Já se fala em suspender a conferencia, adiando-se para oportunidade mais favoravel que negociações diplomaticas preparassem com cuidado.—(A).

GENOVA, 3—Tchitcherine comentando os dizeres da imprensa americana para aqui transmitidos pelo telegrafo, diz que essa imprensa labora num erro grosseiro, imaginando que a Russia não quer cumprir os compromissos tomados pelos governos anteriores com extrangeiros. Diz o celebre comissario do povo que a Russia não pode entrar em quaisquer combinações ácerca das dividas e do destino das propriedades particulares antes de ser reconhecido o seu governo pela nações interessadas. A atitude destas é a de reclamarem tudo o que lhes pertence, negando á Russia aquilo a que esta tem direito como, por exemplo, o direito de se governar como entender.

Tchitcherine remata os seus comentarios afirmando que a Europa precisa tanto da Russia, como esta da Europa, e que por isso as nações aliadas ver-se-hão obrigadas a adoptar para com a Russia uma atitude mais conforme com os principios do direito internacional.—(A).

Policia assassino

O agente Borba, da 4.ª secção da policia de investigação, iniciou hoje as suas diligencias sobre o crime de assassinio de que foi vitima a criada de servir Maria do Carmo Cardoso, a qual, conforme referimos, foi morta, num quarto alugado do 1.º andar do predio n.º 33 da travessa da Cruz de Soure, com um tiro de pistola, pelo seu amante, o guarda civico n.º 729, da esquadra da Praça da Alegria, Armando de Jesus Santos Martins.

Foram ouvidas varias testemunhas, as quais concordaram em que se trata de um crime e não de um suicidio conforme o assassino pretendeu, a principio, fazer crer.

O alferes sr. Lopes Soares tambem hoje iniciou as suas diligencias, para efeito disciplinar, servindo de escrivão o guarda Charondo, do serviço da Secretaria Geral.

Os serviços de viação no Porto

O Porto esteve ante-ontem sem os seus meios regulares de transporte. O pessoal da Carris reunido ha dias, tinha decretado a paralisação, sem a menor atenção pelos interesses da cidade e na desorientada visão de que serviços desta natureza, inteiramente de interesse publico, possam assim suspender-se. Mas a desorientação do pessoal não encontrou oposição nem da parte da companhia, que tem de dar os carros, nem da camara, que tem de fiscalisar o cumprimento do contrato, nem da autoridade superior do distrito, que tem de providenciar nestas questões que afectam a ordem e o interesse publicos.

Ha serviços que não podem parar, sem grave prejuizo para a população inteira. Se o pessoal dos serviços de gaz e electricidade tivesse pelos interesses do publico a mesma falta de respeito que manifestou o da Carris, muitas industrias teriam sido sacrificadas assim e a cidade teria ficado ás escuras, nas ruas e nos domicilios.

O fracasso da Conferencia de Genova

Dia a dia se torna mais evidente que aquelas esplendidas provisões que o mundo, e particularmente os delegados britanicos, faziam acerca dos resultados da Conferencia, estão falhando completamente.

Certa imprensa londrina criticou determinadas resoluções e atitudes tomadas por Lloyd George, quando este aceitou a entrada do bolchevistas na actual conferencia.

Quiz-se ver nessa atitude da imprensa uma influencia partidaria e nada poderia levar a outra conclusão, visto que se tratava da imprensa que realmente era contraria ao partido de Lloyd George.

Hoje, porem, devemos confessar que ela acertou e Lloyd George, positivamente, não se deve sentir bem neste momento.

Estão em foco os bolchevistas, como afinal o estarão até ao fim, visto que são eles que teem na mão a chave da Conferencia. Da atitude deles depende o resultado desta. Se eles batem o pé, se se entrincheiram teimosamente no seu almejado ponto de vista, se não cedem, numa palavra, se estiverem resolvidos a mais uma vez afastar preconceitos sociais que lhes possam tolher os movimentos e o resultado que desejam, a Conferencia de Genova tende a desfazer-se, ficando tudo ainda peor do que antes.

Um «ultimatum» que os aliados estão em vesperas de lhes mandar será o primeiro «obuz» lançado contra as muralhas da sua ousadia, que eles julgam inexpugnavel, e em cuja arena, habilmente manejada para eles, confiam para a sua vitoria final.

No entanto, eles já eram audazes antes da conferencia; o bolchevismo nasceu da violencia; a ousadia é uma preparação para a violencia.

Comtudo, os aliados, bem sabiam, e especialmente Lloyd George, que quasi chegou a pactuar com eles, que onde entrem bolchevistas não ha outra coisa a esperar senão arrogancia, grosseria, ousadia e violencia.

Eles claramente o teem afirmado.

Não são criaturas susceptiveis de regeneração. Ora, desde que isto é um facto por todos reconhecido, para que se levaram á Conferencia de Genova? Uma vez ali, porque não os dominaram? Não sabemos. Mas parece que da parte dos aliados se nota uma certa fraqueza, quasi que até um certo receio deles. Só assim podemos concluir do desenrolar dos factos.

Como disse, os aliados jogasinistras se estão acastelando no horisonte do futuro que nos predispõem mal, que nos fazem andar apreensivos, pois já ouvimos os primeiros rumores surdos e longinquos do trovão anunciador da borrasca, que, a desencadear-se, se transformará num pavoroso cataclismo que reduzirá tudo a montões de destroços.

Esse rumor surdo chega até nós nos ultimos telegramas anunciadores de uma nova guerra. São os primeiros trovões da grande tormenta que estamos vaticinando.

Em Genova não se desconhece este perigo e mal de nós se uma orientação criteriosa não fôr tomada na actual conferencia, tendente a evitar que estes vaticinios se venham a realisar.

Como se disse, os aliados jogaram o seu primeiro obuz. Vamos a ver se faz pelo menos estremecer a fortaleza bolchevista que até aqui tem dominado, pela posição estrategica que Lloyd George lhes facilitou, todos os seus adversarios.

Se continuam senhores da situação os resultados serão péssimos.

A Conferencia de Genova parece ter entrado francamente na sua fase decadente.

Não é, pois, de esperar que resultados de grande envergadura possam vir a obter-se, e o que mais triste é ainda de constatar, se alguns resultados se vierem a colher serão só tendentes a beneficiar a Russia bolchevista, a revigorar o bolchevismo e mais nada.

Para o bolchevismo, a Conferencia representará mais, muito mais, que o «mon parturiens» da fabula. Para os aliados nem o «mon parturiens» chegará a ser.

Armazens Reguladores

Nota oficiosa

Tendo-se propalado que vão ser despedidos os actuais fieis dos Armazens Reguladores para serem substituidos por oficiais reformados, cumpre esclarecer que apenas se substituiram uns fieis de armazem por irregularidades no desempenho das suas funções e queixas repetidas do publico contra eles, no que, de resto, apenas se pôs em pratica uma das clausulas do contrato com que entraram para o Comissariado, a qual permite serem despedidos logo que não convenham ao serviço. Sempre que haja conveniencia, a bem do publico, em entregar a gerencia dos Armazens a outra pessoa, nenhum prejuizo advirá para os interesses dos actuais fieis que do seu cargo tenham dado boa conta.

Comissariado Geral dos Abastecimentos, 2 de Maio de 1922.

O Comissario Geral, (a) F. Trigoso.

TAUROMAQUIA

Campo Pequeno

A empreza mantem para domingo proximo o excelente cartaz que tinha organisado para o ultimo domingo e que fazia prever uma animadissima lide. Ha um motivo para que a corrida desperte agora mais interesse: é o muito que os touros de João Coimbra —já excelentes de apresentação—ganham com este descanço duma semana nos touris.

O cavaleiro R. Teixeira, que ainda não trabalhou nesta epoca, está ancioso por fazer-se aplaudir. Rufino da Costa é o outro cavaleiro. A pé trabalham, Luciano, Alfredo Santos, Tomé, Agostinho Coelho, J. Dias e «Malagueno» e os praticantes M. Domingos e J. Cigarro. O cabo de forcados é o valente Casimiro Daniel.

Companhia Carris de Ferro de Lisboa

Aviso aos srs. passageiros

Para facilitar o movimento de passageiros nos carros fechados a entrada far-se-ha exclusivamente pelo lado esquerdo da plataforma da rectaguarda e a saida pelo lado esquerdo da plataforma da frente. Pede-se aos srs. Passageiros que estiverem nas plataformas o favor de facilitar a entrada e saida. A Direcção.

A Provincia na "Capital,,

LEIRIA, 2. — Comemorando o dia 1.º de Maio realisaram-se ontem nesta cidade varias festas que foram concorridas. Pelas 7 horas saiu um cortejo em que se encorporaram os bombeiros voluntarios, com respectivo estandarte, associação operaria e dos caixeiros academia sociedade de Tiro e Tuna União Liz. Esse cortejo, dirigiu-se ao cemiterio, cujas campas se achavam ornamentadas. Ai usou da palavra o presidente da Associação operaria.

—Pelas 14 horas houve no Quartel de Infanteria n.º 7 (parada exterior) festa militar em beneficio dos padrões de guerra.

—Finou-se no domingo passado a snr.ª D. Urania Rodrigues Casaleiro, filha do sr. Germano Rodrigues Casaleiro.

—Amanhã deve ser inaugurada uma lapide em homenagem ao aviador sr. Castilho Nobre, no local onde, perto de Regueira de Bentes, se deu o desastre que o victimou em 10 de Abril do ano findo, no cumprimento de dever.—(C).

SPORT

A Festa Nacional de Educação Fisica

Vai realisar-se este ano, pela primeira vez, a Festa Nacional de Educação Fisica, a que por imposição do Ministerio da Instrução Publica teem de concorrer todos os estabelecimentos oficiais do ensino secundario ou equivalentes, bem como ainda as Escolas Primarias Superiores.

Sob qualquer feição que se queira encarar esta Festa, só lhe notamos vantagens e beneficios inestimaveis.

Pelo lado do ensino oficial da Educação Fisica serve de incitamento a um labor inteligente, a um mais esforçado interesse por esta importantissima disciplina, obrigando os professores de Educação Fisica a não se deixarem influenciar pelo quasi irresistivel indiferentismo a que os magrissimos proventos auferidos muitas vezes os levam, pois que com toda a urgencia e cuidadosa atenção teem de preparar os seus alunos, de forma a correctamente executarem o esquema da lição de ginastica que do Ministerio da Instrução por todo o mes de Março lhes fôr enviado, assim como teem de treina-los convenientemente, para que a representação desportiva do estabelecimento onde ensinam seja o mais brilhante possivel, em quantidade e qualidade, capaz de lhes aumentar os creditos profissionais e de lhes grangear uma estima mais segura da parte do seu director ou reitor.

Quanto a propaganda, um dos grandes fins da Festa, ela é extraordinariamente util, porquanto aquele atencioso afan em apresentar um grupo de alunos melhor e mais cuidadosamente adestrados perante o scepticismo doentio do nosso publico, dando-lhe o esplendido e majestoso espectaculo de ver um avultado numero de rapazes e meninas cumprir disciplinadamente, conscientemente, alegremente, as ordens que um só individuo dá, compenetrados da sua situação, identificados com o grandioso papel que no momento desempenham, eles que, pela idade e pela indole irrequieta que geralmente possuem, são declaradamente indisciplinados e pouco dóceis, pelo lado da propaganda desportiva é ainda a Festa sumamente valiosa, pela certeza que nos da, pelo conforto belo que nos oferece, pela tranquilidade serena que nos leva a fruir quando meditamos sobre o futuro da nossa Sociedade arisca, sobre a disciplina e ordem social algum tanto combalidas.

Quebrar-se-ha por completo a revelha impressão que ainda hoje tam injusta e atrazadamente impera em muitos cerebros quanto ao errado conceito que formam sobre a Educação Fisica da população escolar, no respeitante ao fim pedagogico e educativo que aquela disciplina tem, e o exemplo forte da Parada de gimnastica tirar-lhes ha as ultimas teias poeirentas e sediças, libertá-los-ha de um mau e improprio juizo sobre uma coisa que desconheciam e que só apreciavam envolvida pelo preconceito tolo e velado que de longos anos lhes ensombrava o espirito.

E' natural que a Festa deste ano, por ser a primeira, não tenha aquele brilhantismo nem a grandiosidade que em anos futuros virá a mostrar, se atendermos as dificuldades de toda a ordem que uma primeira organização apresenta, ajuntar aos parcissimos elementos, aos reduzidissimos meios que os estabelecimentos de ensino oficial dispõem para os seus representantes se adestrarem devidamente.

Mas, apesar de todas as contrariedades, apesar do singelo brilhantismo e pequena grandiosidade que a Festa no presente ano venha a ter, um enorme alcance e uma grande vantagem advirão da sua realisação, ainda que imperfeita e reduzida ela seja—o de selecionar os futuros homens de desporto, os nossos futuros vencedores dos campeonatos portugueses.

A Festa Nacional de Educação Fisica será o pujante viveiro onde todos os anos iremos buscar as revelações e os elementos que darão brilho intenso ás lutas nacionais desportivas e coroação de gloria o nome sagrado da Patria, pelas suas vitorias nos concursos internacionais e olimpicos.

Temos a convicção bem funda que o desporto nacional, dentro de limitadissimo espaço de tempo, estará de posse de preciosos elementos de luta desportiva com que descançadamente poderá contar, e os Clubs, os organisadores de provas desportivas, as Federações, verão consagrado imenso o seu labor muito mais leve, muito mais facil, muito mais proficuo, para o conseguimento do fim por que se esforçam.

E' só para louvar, portanto, a criação da Festa Nacional de Educação Fisica, sob o alto patrocinio do Ministerio da Instrução Publica, folgando nós grandemente em notar que esta bela iniciativa partiu do Estado, quando o que sempre temos visto é a iniciativa particular anteceder de muito qualquer organisação oficial.

Para todos os que ardorosa e crentemente trabalharam na organisação oficial da Festa de Educação Fisica vai o nosso mais carinhoso aplauso, felicitando-os pelo esforço inteligente despendido, esperando só agora que, feita a sementeira, o fruto nasça em grande quantidade, em consoladora abundancia, como é de crer.

NOTICIARIO

TAÇA «LUSITANIA»

Continua aberta a inscrição das 21 ás 22 horas na secretaria do Ateneu Comercial de Lisboa até ao dia 9 de maio.

CLUB NACIONAL DE NATAÇÃO

O Conselho Tecnico do Club Nacional de Natação fixou a abertura oficial da epoca para 7 do corrente data em que entrará em vigor o seguinte horario de escolas:

Escola de cinto:
2.as, 4.as e 6.as das 7 ás 9 horas
3.as, 5.as e Sab. das 18 ás 19,30 h.
Escola de aperfeiçoamento:
2.as, 4.as e 6.as das 18 ás 19,30 h.
3.as, 5.as e Sab: das 7 ás 9 horas.

As escolas serão dirigidas pelos instrutores nomeados por este Conselho.

Foram já iniciadas os treinos de «water-polo» sob a direcção do capitão de «Water-polo» sr. Jaime Roussado dos Santos.

Não se poupará este Conselho a esforços para obter os melhores resultados tecnicos esperando que os socios facilitem a sua missão comparecendo assiduamente no Posto Nautico do Club.

LUTA

IX Campeonato Internacional no Coliseu dos Recreios

O Coliseu dos Recreios ontem teve uma verdadeira enchente. O entusiasmo do publico foi enorme. Constant venceu Deriaz, Wilson venceu com extrema facilidade Manoel Gonçalves; Grilo venceu El Secondo e Ghysens venceu Stroobantes. No programa de hoje figura o desafio em luta livre entre Constant e St. Mars. Para a «poule» final Fournier contra Deriaz e Ochôa contra Grilo. Em «poule» de consolação Wilson luta contra Charley.

A noite de hoje deve por isso ser sensacional.

FOOT-BALL

Os desafios que o team inglez Civil Service joga em Lisboa

Tendo alguns jornais dado uma noticia errada sobre os jogos que o importante grupo Civil Service joga em Lisboa apressamo-nos a publicar novamente a ordem dos encontros que é como segue:

Dia 11—No campo do Stadium Civil Service contra Internacional.

Dia 13—No campo do Stadium Civil Service contra Sport Lisboa e Bemfica.

Dia 14—No Campo Grande Civil Service contra Sporting Club de Portugal.

Na séde do Club Internacional de Foot-ball marcam-se desde já lugares de camarotes etc., para todos os jogos.

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

A GUERRA

por ALBERTO BRAGA

Logo abaixo dos açudes, ficava de uma banda do rio a azenha do Euzebio moleiro, e da margem oposta, um pouco mais abaixo, a azenha do tio Anselmo.

Eram dois velhotes viuvos, de bons sessenta anos, e amigos desde crianças. Para contradicção do anexim popular, estes dois moleiros queriam-se como dois irmãos, a despeito de serem do mesmo oficio.

Parece que o rio, naquele sitio, era até mais pitoresco! Por detrás das azenhas descia a enfesta de uma cerrada deveza de carvalhos e sobreiros, com o atalho aberto ao meio, que era por onde seguiam os machos carregados com os taleigos da fornada. Mesmo á ourela havia alguns amieiros e choupos, que se debruçavam sobre o rio. As aguas caidas nos açudes vinham costeando uma gandara, escondiam-se em meio de um canavial e surgiam depois mais limpidas até ás rodas do moinho, que as marulhavam e batiam constantemente.

No verão, quando a levada era minguada, os dois velhotes visitavam-se a miudo, atravessando destemidamente pelas poldras; mas, quando as chuvas do outono principiavam a tornar o rio caudaloso, limitavam-se então a falar de um lado para o outro. Era triste! Já tão velhotes! E depois dizia o Euzebio:

— Anselmo, fala mais alto, que te não oiço.

— O que é? — preguntava o outro, inclinando o pavilhão da orelha.

O Euzebio fazia um porta-voz com as mãos e gritava:

— Não te entendo.

Quando chegavam a falar, concordavam sempre que era o barulho das rodas do moinho, que os não deixava ouvir. Isso sim! Era o pêso dos anos que os tinha quasi surdos de todo. Pobres velhos!

O Euzebio tinha um filho, que era um rapagão de vinte e dois anos, como um castelo! Ainda o dia vinha longe, já êle estava a trabalhar, que era um regalo a gente vê-lo.

— Lida como um mouro! — diziam os conhecidos.

E se havia esfolhada, ou espadelada, quem lá não faltava era êle.

O pai, que, noutros tempos, tinha sido um folião, dizia-lhe, á boca da noite:

— Simão; se tens de ir a algures, parte, que eu cá fico, para aviar os fregueses.

— Estava arranjado! — respondia o moço, a rir. — Vocemecê já deu o que tinha a dar. Agora coma e beba e deixe-me cá com a vida!

Primeiro que tudo estava a sua obrigação. O rapaz, assim que não tinha mais fregueses a aviar, fechava a ucha do moinho e partia então para a brincadeira.

E o velhote do pai, quando alguem lhe contava as diabruras do filho, parece que até a alma se lhe ria na menina dos olhos.

O Anselmo tinha uma filha. Chamava-se ela Margarida e era formosa, daquela formosura campesina, sem artificio, jovial e expansiva. Em dotes do coração — que é a principal beleza! — nem as mais virtuosas a excediam.

Desde pequenina foi Margarida criada com Simão. Se não ficasse mal estabelecer agora paralelos já sabidos e repetidos, estava em dizer que os dois se queriam e estimavam como *Paulo e Virginia*.

Quando os quinze anos de Margarida, que era mais nova dois do que Simão, vieram pôr termo aos brinquedos de infancia, então principiou êle a olhá-la com aquele respeito com que se olha para uma irmã mais velha.

Mas vá-se desde já sabendo que êsse respeito não estorvava, antes acrisolava um outro sentimento, que principiava a exercer e a avultar no generoso coração do rapaz.

Margarida, quando Simão lhe falava na sua tristeza e no seu amor, fingia-se contrariada, carregava o sobr'olho e mudava de conversa.

Destas esquivanças repetidas, ateou-se o fogo da paixão na alma do moleiro.

— Margarida — dizia-lhe êle de uma vez — se não quizeres casar comigo, hei de morrer solteiro.

— Não te faltam mulheres, Simão.

— E se te vejo ser de outro — protestava o rapaz, com as lagrimas nos olhos — não sei que faça, que me não mate.

E Margarida era tão cruel, que assim despresasse o seu amigo e companheiro de infancia?

Nós veremos já até onde vai a dedicação de uma mulher.

* * *

Isto passava-se no tempo em que se guerreavam os partidos de D. Pedro e de D. Miguel.

Quando ás aldeias chegavam noticias aterradoras, as mães estremeciam ao contemplar os filhos afadigados na lavoura.

— De mortos nem a conta se sabe! — diziam os mensageiros. Vai por ahi o fim do mundo!

— Jesus, Senhor! E então diz que é guerra de irmão contra irmão! Valha-nos Deus!

De uma vez, oito soldados e um furriel pararam á porta da azenha do Euzebio. Passado um instante, a gente da aldeia chorava com brados aflitivos, vendo o Simão do moleiro no meio da escolta com os braços presos, como um degredado! O velho, assim que lhe arrebataram o filho, ainda tentou abraçá-lo; mas — coitadinho! — como já lhe custava a andar, quando chegou á porta, ia o rapaz a subir a encosta.

Aos gritos da visinhança, acudiu Margarida ao postigo da azenha. Preguntou o que tinha acontecido da outra banda; e, quando lhe disseram que o Simão tinha sido levado para a guerra, a pobre rapariga soltou um grito agonisante e caiu desfalecida nos braços do pai.

As aguas tinham engrossado com as ultimas chuvas e os dois velhos, quando se avistavam de longe, desatavam a chorar, como duas criancinhas!

Decorridos oito dias, a gente da aldeia acordou sobresaltada com o tiroteio, com o rufo das caixas e o som dos clarins. Feria-se uma batalha a pequena distancia.

Quando a tropa ali passou, todos viram o Simão moleiro, que parecia outro! Ia magro, esfalfado, com os sapatos rotos, coberto de pó, a espingarda ao ombro, a mochila ás costas e a chorar! Ao passar rente das casas, ia saudando os conhecidos e dizia ás raparigas que pedissem a Deus por êle.

Saiu do povoado sem ter visto o pai nem Margarida. Levava o coração retalhado!

Assim que a filha do Anselmo o soube, quiz logo ir ter aonde pudesse falar-lhe.

— Isso, Deus te livre! — disse-lhe do lado uma visinha. — Se lá vais, lá ficas! E, de mais a mais, teres de falar com soldados! credo!

— Lá isso — atalhou a moça — tambem o Simão é soldado, tia Joaquina!

Ao fim da tarde principiaram a chegar as ambulancias dos mortos e feridos. Vinham apinhados, uns com as cabeças ligadas, com as faces empastadas de sangue, outros com os braços ao peito, mutilados, outros com as pernas partidas, quasi todos moribundos.

Nunca se tinha visto uma coisa assim! Aos gemidos dos feridos, reuniam-se os clamores da gente que se aglomerava para os vêr.

Destacavam-se algumas frases das ambulancias:

— Ai! minha pobre mãe!

— Ai! meus ricos filhos!

E as mulheres, quando isto ouviam, de cada vez choravam mais.

Alguem dentre o povo ouviu gemer de uma das carretas da ambulancia:

— Meu... pai! Marga... rida! Eu morro!

E viu-se que um dos feridos, que ia reclinado, deixou pender a cabeça sobre o peito e descair um braço fora do carro.

Os artilheiros, que levavam pela camba dos freios os cavalos insofridos, voltaram-se para uma formosa rapariga que os interrogava aflita. O retinir das molas da carreta, rodando nas lages irregulares de uma vereda, não os deixou ouvir. Mas, de repente, a moça aproximou-se mais de um carro, pegou no braço que bambaleava estendido fora da ambulancia, á mercê dos solavancos, reparou atentamente num anel que o morto levava, e principiou a gritar:

— O Simão! Morreu! Morreu!

E debatia-se, angustiada, nos braços das amigas que a seguravam.

Quando um visinho entrou na azenha do Euzebio, para lhe dar a noticia da morte do filho, encontrou o moleiro sentado na ilharga da cama, a rezar, com os olhos postos num crucifixo e um rosario entre os dedos.

— Reze-lhe por alma! — disse o visinho a chorar.

O velhote, que estava muito mais surdo, ergueu-se e preguntou, espantado:

— O que é? — e aplicou os quatro dedos da mão direita ao ouvido correspondente.

— Morreu! — gritou-lhe o outro.

O Euzebio empalideceu subitamente, aprumou-se, fitou os olhos no visinho; e, sem pestanejar, dirigiu-se apressadamente á cabeceira da cama e tirou detrás uma espingarda.

— Isso para que é, tio Euzebio? — preguntou-lhe o outro ao ouvido.

— Vou matá-los! — respondeu o moleiro, com uma voz convulsa.— Vou matá-los!

Mas quando ia, com a espingarda ao ombro, a transpôr a soleira da porta, cambaleou e caiu fulminado para a outra banda...

Na madrugada do dia seguinte, um moço de lavoura chegou aflito a casa, a esbofar, dizendo que, pouco abaixo da azenha, vira um corpo de mulher levado na corrente do rio, a fugir, a fugir!...

* * *

Ainda conheci, ha muitos anos, o pai de Margarida.

Era por uma formosa manhã de Abril.

O velho estava fora da azenha, sentado em uma cadeira de entrevado, com os pés estendidos a uma restea de sol. Em volta dêle chilreavam os passarinhos na ramaria frondente do arvoredo.

Referia-me, ao certo, a morte do Simão e do seu amigo Euzebio; e depois, quando chegava ao lance de ter perdido a filha, voltava a cabeça para o rio e preguntava baixo, de si para si:

— E a Margarida?!...

E ficava como mentecapto, com os olhos turvos a contemplar as aguas do rio, que derivavam mansamente entre os salgueiros!

FIM

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

"A Capital" faz unicamente a politica da Nação.

N.º 4069 — 12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5 — LISBOA — Quinta-feira, 4 de Maio de 1922 — Telefone n. 2293 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

A eloquencia e os alvitres

Dentro em breves dias irá concluir-se o «raid» a que se propõem os aviadores Coutinho e Cabral. Muito provavelmente em todo o decorrer da proxima semana deverão chegar a bom termo á capital fluminense mas neste compasso de espera a que se viram obrigados em Fernando de Noronha, decerto que lhes chegaria em grande parte o rumor que em Portugal se tem feito acerca do seu feito indiscutivelmente grande e invulgar.

Coutinho e Cabral cumpriram sem duvida alguma uma empresa capaz de arrebatar e de entusiasmar a opinião publica dum paiz inteiro. O ruido e o frio engenho de Gago Coutinho aliado á bravura energica de Sacadura Cabral conseguiram realisar uma façanha que outros melhor apetrechados não conseguiram levar a cabo. E agora, na solidão do seu rochedo, olhando com lentidão as solidões imensas que transpuzeram, decerto o seu coração de homens fortes terá batido num legitimo orgulho. E no silencio apenas cortado pelo eterno bater da vaga na falesia americana,—aguardam para continuar simplesmente sem frase e sem pompa logo que lhes chegue o novo hidro-avião.

Enquanto eles esperam recolhidamente, em Portugal passa-se alguma cousa que não é mais, no fundo, do que a clara fotografia duma sociedade no delirio da sua desagregação. O adjectivo subiu até tocar nos limites da mais terminante idiotice e os alvitres, as ideias para comemorar o feito, tão abundantes como as estrelas do céu, sobem já neste momento a milhares porque cada qual se julga no dever de ter ideias para exaltar as façanhas dos outros, na esperança confusa e vaga de que essas façanhas desbotem um pouco nos inventores da adoração. E a tal ponto subiu a eloquencia adjetivante de tanta maneira se cruzaram e se desenvolveram os alvitres que já foi dito tudo e pouco provavel será que se possa fazer alguma cousa.

Se a opinião publica delira em extravagancia neste momento, o que poderá, o que deverá suceder no dia em que os aviadores descerem pausadamente na bahia do Rio de Janeiro? Não haverá já palavras e o esforço para conceber novas rajadas de eloquencia e novos lirismos enogrecendo papel; resultará inteiramente inutil e muito possivelmente, como todas as exagerações, tocará as raias do grotesco.

Por outro lado, a turba multa dos alvitres, nenhum de fôlego pode resultar viavel porque todos se contradizem e mesmo se combatem e sobre tudo porque se não coordenam num unico e progressivo esforço. Ha dias nos referimos a quantias dispendidas em telegramas, em insignias, em lapides, em louvores de toda a especie, eloquentes como as rosas de Malherbe. E como resulta tambem que da opinião publica pouco mais tem saido até agora do que torneios de retorica, as quantias isoladas pela sua remissão fragmentaria não terão nunca uma ação preponderante ou para uma real recompensa ou para um monumento duradoiro.

Estando tudo dito e nada estando feito, que poderemos nós, portugueses, oferecer a Gago Coutinho e a Sacadura Cabral quando eles voltarem do Rio de Janeiro, tendo realisado integralmente o seu «raid»? Não soubemos ou não podemos ter o sentimento das proporções e o equilibrio do sentimento que inclusivamente nos deveria ter obrigado a calar, «a se comprimir», como dizem os espanhois. De forma que, na realidade, só poderemos dar-lhes de novo a ler tudo quanto se tem escrito a seu respeito, reeditando tudo novamente. E' pouco. E' nada. E é comico.

O novo presidente da Republica de Venezuela

O sr. ministro da Venezuela em Portugal comunica nos ter recebido o seguinte telegram:

CARACAS, 3—O Congresso Nacional acaba de designar para presidente da Republica para o periodo de 1922 a 1929 o general Juan Vicente de la Gomez.

N. R.—Agradecemos ao ilustre ministro da Venezuela em Portugal sr. conde Planas Suarez, o especial favor de nos enviar copia deste telegrama.

O entusiasmo que despertou esta noticia está perfeitamente explicada pelos serviços que tem prestado aquele paiz o general Gomes.

Por varias vezes tem ocupado este alto cargo, conseguindo sempre cordiais relações diplomaticas com todos os paizes do mundo, sendo Portugal considerado um dos grandes amigos da Venezuela.

PELA REPUBLICA!...

Os realistas fundaram em Londres um "Centro de Propaganda Monarquica no estrangeiro,,

Impõe-se a união dos republicanos para defeza das Instituições

Diz-se que os monarquicos portugueses, passando por cima de Evora-Monte e dos principios fundamentais que sempre separaram os constitucionalistas dos absolutistas, conseguiram organisar um bloco unico, a fim de combaterem mais eficaz e energicamente a Republica. Estão no seu direito e nós não lho contestamos. Liquidam, como entendem, as suas divergencias internas, e concertam, como querem, as formulas conciliatorias. Isto não nos interessa, senão anecdoticamente. E nada temos a opôr no plano de combate que, porventura, acordem contra a Republica, desde que o façam no campo legal, escudados na lei que é igual para todos os portugueses. Pode ser que o tratado de concentração realista contenha alguns artigos secretos, alargando o campo de acção além dos limites que as leis conferem á propaganda de todas as ideias e principios politicos, sociais ou religiosos. Se assim fôr, ha de ver-se concretisado na pratica. A Republica, então, defender-se-ha, como é do seu direito e do seu dever. Mas, por emquanto, é justo dizer-se que os monarquicos portugueses, compreendendo a lição de Monsanto e da Traulitania, não dão excessivas demonstrações de uma combatividade extra-legal.

Examinemos, todavia, o que já se tem feito no campo monarquico: aprender até morrer...

* * *

Duas vezes tiveram os monarquicos portugueses o Estado nas mãos: em 1910 e em 1919. Em Outubro de 1910, a Republica triunfou, — e, para a Vitoria, foi suficiente a devoção de algumas dezias de homens armados; em Janeiro de 1919, os realistas tiveram o dominio do norte do paiz e foram sitiados em Monsanto, o que não impediu a derrota conceirista do Porto e o aprisionamento dos rebeldes de Lisboa com trinta canhões e milhares de espingardas. Não citamos, porque não é preciso, as numerosas incursões fronteiriças, a revolteca de Mafra e outros incidentes, porque tambem não é preciso para atingir a conclusão logica dos factos. E essa conclusão é a seguinte: os monarquicos convenceram-se de que não lhes era possivel destruir a Republica com as armas na mão, mesmo quando não ocultamos nem é caso para se lhes ocultar, na guerra, nos pactos do mundo... segundo as lições por processos cuja lealdade é muito discutivel. Por isso, mudaram de tactica...

Não sendo eficaz a violencia, apelam para a astucia. Presentemente, os realistas querem dar ao mundo — ao mundo restrito, que para nós olha e nos vê... — a impressão de que são um partido politico organisado, que vale o que quere, que conhece a estrada que pisa e que se propõe alcançar, com tempo e geito, o Poder. Imitam os republicanos da oposição. Devemos constatar, embora com um pesar de que não podemos dizer-nos, de que... e que se isso, que esta orientação legalista não é encarada, no seu justo valor e no seu provavel alcance, pelos orientadores das massas populares republicanas. Esmagados sob o peso dos louros colhidos, os vitoriosos não vêem o trabalho dos vencidos. Má politica, essa!

Porque, a verdade exprime-se assim, rudemente: os monarquicos ganham terreno. Nunca os receámos quando apelaram para a guerra pelas armas, porque sabiamos que os esperava a derrota, infligida pelo povo; mas sentimos que a inercia republicana nas lutas legalistas começa a deixar campo aberto á acção dissolvente, mesmo destrutiva, das hostes realengas.

Por êsse paiz fora, os monarquicos não descansam na propaganda da restauração. Reorganisaram a sua imprensa. Dispõem, em Lisboa, de cinco jornais declaradamente monarquicos, que são o *Correio da Manhã*, *O Dia*, *A Epoca*, *A Monarquia* e *O Tempo*. Não é duvidoso que ainda outros os auxiliam. E nas provincias, a imprensa monarquica multiplica-se.

Por outro lado, é certo que se fundam agremiações realistas em quasi todos os centros populosos do paiz. Emfim e em resumo: a concentração monarquica efectiva-se por toda a parte, — para futuras contingencias... para todas as eventualidades...

A actividade monarquista exerce-se tambem no estrangeiro. Muito recentemente, fundou-se em Londres o CENTRO DE PROPAGANDA MONARQUICA, que se propõe advogar, nos jornais britanicos, a necessidade da restauração realista em Portugal. Havemos de seguir atentamente a forma como essa propaganda se faz no estrangeiro, mas, desde já, apelamos para todas as autoridades legitimas, a todos os republicanos de alma e coração, para que á dissolvente propaganda monarquica no estrangeiro se contraponha a defesa da Republica, das suas instituições e dos homens publicos que a servem.

* * *

Perante todos êstes factos e outros que não são expostos porque não é ainda oportuno fazê-lo, nós preguntamos a todos os republicanos se não chegou emfim a hora de se unirem, num bloco unico, para defesa das Instituições. Como nunca fomos partidaristas — nem fomos, nem somos, nem seremos... — não temos que nos penitenciar do mal que á Republica tem feito a divisão dos republicanos, tão parecida, desgraçadamente, com o divorcio que minou os politicos da defunta monarquia e que tornou relativamente facil a vitoria de 1910. E, como tambem nunca fomos governo e jámais o seremos porque nos falta competencia para gerir os negocios publicos, não somos torturados, pelos remorsos de consciencia, por erros ou crimes praticados por alguns detentores do Poder. A paixão partidarista e a vaidade do mando têm cegado muitos republicanos, que não compreendem que poderiam ser bons regedores de uma freguesia sertaneja, se limitassem as suas ambições politicas á justa medida das suas faculdades intelectuais.

A acção de uns e de outros tem concorrido para os males da Patria. Não será tempo, mais que tempo, dos republicanos operarem um movimento de concentração geral contra as manobras dos realistas?...

A união franco-belga

Estreitam-se as relações entre os dois paizes

PARIS, 4.—Todos os jornais aprovam plenamente a decisão do governo francez de manter estreitamente a união da França com a Belgica cujos interesses são não sómente solidarios mas tambem unidos pelo laço moral, mais apertado ainda em vista da atitude da Belgica em agosto de 1914.

«Petit Parisien» diz que para a França são-lhe queridas todas as suas alianças o que o governo teria mesmo permitido novas concessões, posto que dolorosas á amisade britanica mas como se trata de interesses belgas, trata-se duma causa sagrada. Os jornais dizem tambem que o sr. Poincaré ouviu ontem numerosas individualidades politicas tais como os presidentes da camara e do senado sendo todos de opinião que a França deve permanecer ao lado do paiz que em 1914 foi o primeiro a infiloirar-se ao seu lado.—(H.)

Na margem das leis

Suspendemos hoje, para recomeçarmos amanhã, o rol das injustiças que se praticaram e continuam a praticar á sombra das monstruosas leis 1040 e 1244, para pormenorisadamente relatarmos o caso do alferes de infanteria Francisco Cardoso e Silva, arregimentado em Barcelos, quando se proclamou a monarquia no norte, sucintamente narrado num dos numeros do nosso jornal.

E' ele tão monstruoso que só por si seria suficiente para derrubar, não uma lei injusta, mas o ministro que a tivesse posto em execução. Mas o sr. general Barreto continua a digerir placidamente os seus inumeros e chorudos ordenados, sem se lembrar que inumeros dos seus camaradas que se bateram em França e na Africa, emquanto s. ex.ª se deleitava numa vida regalada e cheia de confortos, são lançados agora na miseria, arrastando nela as esposas e os filhos, em virtude das iniquas leis!

E é no declinar da vida, em que o coração mais se condoe com as desgraças alheias, que o sr. Barreto friamente assim procede... e ainda é hoje o chefe do glorioso Exercito portuguez!

Sem o menor comentario, por desnecessario, ai vai o assombroso caso:

Em 23 de Janeiro de 1919 houve uma formatura geral para o terceiro batalhão de infantaria 8, cujo fim particularmente se sabia que era para uma revista de fardamento, visto dias antes se ter distribuido pela primeira vez o fato de campanha a todas as praças. O caso, porem, saiu diferente daquilo que se contava ao verificar-se que o batalhão era conduzido pelo proprio comandante já com o fim de prestar continencia á bandeira monarquica, mas por meio de um «truc», sendo o artigo da ordem regimental seria claro e conciso dizendo o fim, conforme está determinado e é de costume. Mas não. A redacção de artigo daquela ordem era a seguinte:

«Formatura geral: Amanhã por 11 1/2 horas se acha formado o batalhão constituido duas companhias e dois pelotões sob o meu comando, devendo comparecer todo o pessoal prompto e impedido no serviço do corpo com excepção dos rancheiros. Todo o pessoal em uso do uniforme de campanha, 1.ª companhia será comandada pelo sr. alferes Novais, tendo como subalternos os srs. alferes Cunha e Silva. 2.ª companhia será comandada pelo sr. alferes Frota, tendo como subalternos os srs. alferes Bastos e Sergio. Desempenha as funções de ajudante de batalhão o sr. alferes Vasconcelos».

Ora a verdade é esta: Foram áquela formatura assim vigarisados sete oficiais, e simplesmente punido por esse facto o alferes Cardoso e Silva, agora reformado pela monstruosa lei 1244 e com o soldo de 16 escudos por mez!!!

Aos restantes oficiais não foi tomado este facto como culpavel, se bem que fossem punidos por terem marchado com forças para a Regua e Lamego á excepção do alferes Bastos que tendo feito tudo isto e mais alguma cousa, nada sofreu por ser protegido!

E é com casos destes, sr. general Barreto, que se dignifica o Exercito?

FAUSTO DE FIGUEIREDO

O Banquete de Homenagem

E' amanhã, sexta-feira, pelas 20 horas, que no Hotel de Inglaterra se realisa o banquete em honra do sr. Fausto de Figueiredo. Os cartões de inscrição estão á disposição dos convivas hoje dos 17 ás 19 horas no escritorio do hotel.

A intriga alemã

BERLIM, 4—A noticia de que o governo dos soviets concluiu um acordo com a companhia Shell pelo qual esta fica com o monopolio do transporte e da venda do petroleo russo fez com que o governo francez exigisse que as concessões dadas anteriormente a francezes não fossem dadas a outras nações.

Ao receber os jornalistas Poincaré disse que a atitude da Inglaterra na conferencia de Genova talvez fosse influenciada pela esperança de obter as antigas concessões francezas e belgas do petroleo do Caucaso e os contratos de Odessa e Petersbury.—(Lat. Am.)

BERLIM, 4—O ministro das finanças Hermes informou o Reichstag que o total das receitas provenientes dos impostos e contribuições para o ano de 1922 está calculado em cento e oitenta mil milhões de marcos, dos quais só se poderão empregar 3,9 0/0 nas despezas de administração.—(Lat. Am)

BERLIM, 4—Desmente-se semi-oficialmente que se esteja a negociar um acordo com a Ukrania.—(Lat. Am.)

Pio XI e Tchitcherine

Vão encontrar-se, muito brevemente

ROMA, 4—O Papa receberá Tchitcherine que visitará em breve esta cidade e que tenciona firmar varios acordos com a Santa Sé.—(Lat-Am).

A guerra civil na Irlanda

Combate-se nas ruas de Kilkenny

LONDRES, 3.—As tropas do estado livre da Irlanda obtiveram novos sucessos em Kilkenny City onde as forças regulares tinham ocupado o edificio da Camara, os quarteis e outras posições importantes. Por informações oficiais sabe-se que as tropas do estado livre investiram com os insurretos em varios pontos e que retomaram quasi toda a cidade. Foram aprisionados cerca de 100 rebeldes com os seus armamentos e municiamentos. A resistencia que ofereceram foi enorme mas o cerco da cidadela feito pelas tropas governamentais foi de tal maneira apertado que inutilisou toda a resistencia. Na catedral da cidade, por uma fuzilaria furiosa os rebeldes içaram a bandeira branca tendo sido aprisionados.—(R.)

POR MOÇAMBIQUE

O sr. Brito Camacho reincide

Politica de inercia e de desconfiança

O Conselho Legislativo, na sua sessão inaugural, não tem... numero. Compareceram apenas os vogais que são funcionarios publicos

Mais uma vez apelamos para os altos poderes, interpretando o sentimento de protesto que em Moçambique se manifesta com aspectos pouco tranquilisadores. Procura-se, em certa imprensa, fazer acreditar ao publico, em especial aos nossos coloniais, que *A Capital* pretende que se faça uma revisão do diploma que instituiu os Altos Comissariados, com o fim de restringir as garantias descentralisadoras que, por tal diploma, as colonias conquistaram e que, em absoluto, são compativeis com o seu estado de adiantamento e progresso. Nunca pensámos em tal. Sabemos por demais que a descentralização administrativa só pode contribuir para a maior prosperidade das nossas colonias e que não só lhes é necessaria, mas indispensavel.

O proposito de ruim malsinação, se existe, não nos colhe.

O que nós vimos proclamando, desde o inicio desta campanha, é que apenas visa a garantir o equilibrio nos actuais processos da administração colonial, é a necessidade da intervenção por parte do Ministerio, em razão de factos anormais que têm vindo ao nosso conhecimento e de origem insuspeita e isenta de qualquer fim perturbador. São os jornais de Moçambique, são os testemunhos de colonos distintos, testemunhos eloquentes que *A Capital* arquivou, é a propria leitura do *Boletim Oficial* da colonia, que nos faculta elementos seguros para afirmarmos, sem receio de desmentido, que o regimen administrativo em uso, hoje, na provincia de Moçambique, não oferece garantias, não corresponde ao alto fim internacional que provocou a criação dos Altos Comissariados e, além disso, mantém a população ordeira daquela colonia — e que é republicana como nenhuma outra — num alarmante estado de desconfiança e de intranquilidade.

Os protestos vêem de toda a parte. Não ha forma de lhes desvirtuar o significado, qualquer que seja a boa vontade das pessoas empenhadas em defender o sr. Brito Camacho. Mas não é só intranquilidade; o espirito de revolta sente-se nas colunas dos jornais que consultamos. E nisto está o maior perigo.

O regimen dos Altos Comissariados está de pé, e assim deve ser. O que se impõe é a fiscalisação dos seus representantes

Em face, pois, desta situação, nós nunca poderiamos pedir a revisão do decreto que criou os Altos Comissarios, no sentido de restringir as prerogativas que as colonias alcançaram e que são o justo premio dos arduos esforços que desde longe veem fazendo. Mas uma coisa bem diferente e legitima, em face dos desmandos, arbitrariedades e violações constantes da lei — é pedirmos ao Governo que não abdique dos direitos de fiscalização *sobre a acção dos Altos Comissarios*.

E nada mais temos pedido, como nada mais pediremos. A instituição é boa, é necessaria e apta a garantir o progresso das colonias e, assim, desfazer definitivamente a lenda da nossa incapacidade como nação colonizadora.

Mas, quanto aos homens que a Republica investiu na mais alta magistratura das nossas provincias coloniais, e especialmente o sr. Brito Camacho, continuamos a sustentar que a escolha foi, não diremos desacertada, mas pessima.

Provas? Mas têmo-las publicado em numero tão suficiente, que mal se explica a inercia, o silencio e o desinteresse do Ministerio das Colonias.

Hoje publicamos mais uma. E' um artigo do sr. Augusto Cardoso, antigo oficial da marinha, colonial da mais reconhecida competencia.

O artigo é em resposta a um outro, publicado no *Diario de Lisboa* pelo ilustre jornalista, sr. Norberto de Araujo, a proposito do aniversario da partida de sr. Brito Camacho para Moçambique.

Quando combatemos a administração do sr. Brito Camacho, administração que se apoia na ditadura do funcionalismo, apresentamos factos concretos e precisos, criticamos as providencias para as destruir e indicamos o que se devia fazer não só em linhas gerais, mas mesmo em detalhes.

Isto é o que se tem visto nas colunas deste jornal, especialmente no que respeita á questão monetaria, á mão de obra indigena, a pagamentos em ouro, reforma de serviços, agencia da Colonia, etc., etc.

Na Metropole não se faz assim; procede-se com palavriado balofo, formulando afirmações vagas que não resistem á mais simples analise e que bastes vezes chegam a ser ridiculas.

Assim, no artigo acima transcrito, diz-se:

«Abriu estradas, realisou a fiscalisação superior, resquirindo-lhe o prestigio, regulou as finanças, experimentou o equilibrio orçamental, preparou o convenio, castigou os abusos, o despresou a formulagem e a cortezã popularidade das classes».

Sem duvida o sr. Alto Comissario mandou construir uma ou duas duzias de quilometros de estrada de macadam para Marracuene, e abriu alguns quilometros de mato em Barué e Tete, mas isso está muito longe de ser o que aquela expressão «abriu estradas» quere dizer. Não nos recusamos no entanto a admitir que neste particular o sr. Alto Comissario pouco fez mais fez talvez porque preferiu aumentar a despeza com a maquina burocratica.

Mas «exerceu a fiscalisação superior», o que quere dizer?

«Readquiriu-lhe o prestigio», que significa?

O que vem a ser «regulou as finanças»?

«Experimentou o equilibrio orçamental» nunca se ouviu, e ninguem sabe o que é.

«Preparou o Convenio». Como? Com a declaração de que não saiam indigenas que fossem necessarios aos trabalhos internos?

Mas isso já estava dito e redito antes de o sr. Alto Comissario ali chegar. Seria outros preparativos que tenham a publico por meudos, o que se considere como tal o convite ao sr. Freire de Andrade.

«Castigou os abusos»? Homologando o fornecimento dos duzentos mil sacos de cimento ao Caminho de Ferro e mandando pagar em ouro gratificações e serviços extraordinarios, fornecendo gazolina e automoveis a certos funcionarios que precisam tanto deles como nós que não os temos?

Quais foram os castigos aplicados?

«Desprezou a famulagem e a cortezã popularidade das classes»?

Se a afirmação fosse verdadeira em toda a sua latitude, que não é, poder-se-hia dizer: «Estas verdes não prestam, são cães as podem tragar».

O que se quere com isto, o que se tem querido, de outras vezes, na Metropole, é dizer que a gente da Provincia de Moçambique é uma «sucia» que nem mereceu nem é capaz de compreender a personalidade e o valor do sr. Alto Comissario, tão elevado e transcendente, e que o que o sr. Alto Comissario não pode conviver com gente tão relés e tão estupida. Sempre a estupidez tropical.

Isto e nada mais.

Mas isto consegue-se analisando detalhadamente a obra do sr. Alto Comissario e mostrando a esta «sucia» de cá como e que consiste o aumento de impostos, e o alargamento das despezas publicas, promoveram o aumento da produção agricola, o aparecimento de novas industrias, o melhor condicionamento do comercio e o maior prestigio da nossa soberania.

Emprazamos a imprensa da Metropole a que o faça.

E palavriado balofo como o que transcrevemos estamos fartos; venham factos, como foram prometidos.

* * *

O articulista explica, ao seu engraxador, (por que ao seu engraxador?) que não é amigo nem politico nem intimo do dr. Brito Camacho, e que não lhe deve favor nenhum.

Antes pelo contrario—deve ser seu inimigo; o fazendo essa declaração que com certeza dar maior relevo á sinceridade e imparcialidade com que aprecia a obra administrativa do sr. Alto Comissario.

Conhecemos o artificio.

Apezar de não sermos jornalistas não nos são desconhecidos os truques do metier.

Que sabe o sr. Norberto de Araujo da obra do sr. Alto Comissario para poder fazer dela! Tem lido este jornal ou os outros desta Provincia? Destas coisas que se fala de cor, como tem de as ver, de o ouvir, fale, e falará com autoridade e sciencia; antes disso só pode fazer de ouvido.—*Augusto Cardozo.*

Por ultimo, e como sintoma iniludivel da atitude hostil da colonia de Moçambique para com o Alto Comissario, apenas acentuaremos que a sessão inaugural do Conselho Legislativo não se realisou por falta de numero. Apenas compareceram os chamados *vogais natos*, porque são funcionarios e, como tais, sujeitos ao regulamento da disciplina.

E os representantes das associações? A Camara de Comercio, o Fomento Agricola, a Associação dos Proprietarios, Lojistas, etc., tudo e todos, emfim, a quem mais directamente interessava o exame dos diplomas publicados em ditadura pelo sr. Brito Camacho, dos quais nenhum ali compareceu.

Porque não assistiram?

Negam-se a colaborar com o sr. Brito Camacho?

Quizeram significar-lhe por êste meio o seu desgosto?

Mau sintoma...

A homenagem nacional ao senhor Cardeal-Patriarca

Está organisando se uma homenagem nacional ao chefe da Egreja Portugueza, o senhor D. Antonio Mendes Belo, Cardeal Patriarca de Lisboa que muito brevemente completa 80 anos de edade.

Entre as figuras de iniludivel destaque, não só dentro da Egreja como ainda em todas as «elites», o vulto do senhor D. Antonio impõe-se com intelectual realce. Não é apenas o prelado notavel guiando e orientando os destinos da sua Egreja com a luminosidade dum espirito superior. E' tambem o elemento ponderado que durante o periodo dificil da guerra deu as maiores provas de dedicado zelo pela sua religião e de tacto inconfundivel perante a situação turbulenta que as contingencias crearam ao nosso paiz.

Pastor e diplomata, apostolo e politico, sacerdote dotado de eminentes qualidades combativas, o senhor D. Antonio Mendes Belo tem como qualidade dominante uma sensibilidade oportuna, das cousas com senso devido ao... nas de circunstancias. Mantem fidalgamente as tradições de inteligencia, de combate, de viveza e de senso que através da historia portugueza mostraram tanta vez os seus antecessores, bispos e arcebispos de Lisboa. E' um politico da escola de frei Alexandre de Gusmão temperado pela agudeza critica de Mgr. Rocha-grin. A consagração que se pretende fazer-lhe com caracter nacional, é dá todo o ponto justa. E podemos acrescentar: é necessaria, pois não se encontram infelizmente, entre nós, com abundancia homens da envergadura do senhor D. Antonio Mendes Belo.

A conferencia de Genova

O sr. Facta continua cumprimentando emquanto os outros delegados fazem votos

GENOVA, 3.—O senhor Facta cumprimentou as comissões pelos seus trabalhos, tendo dito que o acordo havido nas comissões eram um bom presagio para o resultado da Conferencia. Esta atmosfera de conciliação tornaria possivel um entendimento entre todos os povos e o espirito de egualdade, de equidade e de justiça. O senhor Karnebeek por parte da Holanda aderiu ás conclusões das comissões de finanças. Disse que a participação de tantos estados representados por eminentes especialistas dava prestigio moral aos trabalhos realisados que marcariam o inicio da restauração da Europa. Frisou que as dividas entre as nações dominavam a situação economica da Europa e que o sucesso final dos trabalhos realisados na Conferencia dependia da resolução destes assuntos. O delegado da Suissa senhor Schulthess declarou que a sua delegação aderia ás resoluções tomadas pela comissão de finanças frisando ser necessario remediar no mais breve espaço de tempo possivel as oscilações do mercado cambial. O senhor Tchitcherine declarou que a delegação russa fez tudo quanto pode para cooperar com os trabalhos das comissões e que o seu governo faria todo o possivel para pôr em execução as resoluções das comissões. Declarou comtudo que a delegação russa não tem reservas á cerca da comissão de finanças.

O senhor Rathenau delegado alemão exprimiu a esperança de que as resoluções da comissão de finanças serão postas em execução imediatamente.

Os relatorios das comissões de finanças e de transportes foram aprovados.—(R).

Recusas e protestos

GENOVA, 4.—Segundo instruções recebidas de Paris Barrère recusou-se a assinar o memorandum a enviar aos soviets. Depois de acalorada discussão provocada pela nova emenda franceza apresentada por Seydoux e memorandum foi assinado por Lloyd George e Schanzer tendo Barrère tambem assinado com a condição de ser subsequentemente aprovado pelo governo francez. O delegado belga não assistiu á reunião.—(R).

GENOVA, 4—A delegação turca do governo de Angora protestou contra a admissão dos delegados gregos na conferencia.—(R).

Aprovam-se relatorios e ouve-se o sr. Barthou

PARIS, 3.—A Agencia Havas refere telegrama de Genova, dizendo que na segunda sessão publica, a conferencia aprovou o relatorio da comissão financeira e o da comissão dos transportes. Anteriormente á os delegados tinham dado a adesão de seus respectivos paises aos dois relatorios. Tchitcherine fez reservas, especialmente pelo que respeita aos relatorios estabelecidos pela comissão entre a Sociedade das Nações e os seus orgãos tecnicos, relativamente á recomendação para os cambios com respeito ao sistema de nacionalisação em vigor da Russia.—(H.)

Theatros e Cinemas

Agenda da semana

AMANHÃ — Politeama — primeira representação da peça de Pierre Wolff «Azas quebradas» para apresentação da companhia Rey Colaço-Robles Monteiro.

Nota do dia

Com o final de temporada no teatro S. Carlos, a dissolução da companhia do Eden e o encerramento provisorio do Politeama, Salão Foz e Chiado Terrasse, temos estado reduzidos a um teatro de declamação, um de opereta e um de revista que, se não é muito, seria contudo o bastante para, em qualquer deles funcionar, no seu genero, uma companhia de primeira ordem que, para tanto teriamos artistas, de forma a dignificar o teatro portuguez. Infelizmente a disperção dos nossos comediantes vem já de longa data e mercê de variadas contingencias a que não é estranha a vaidade e a permanente e constante intriga que lavra no mundo dos bastidores, julgo bastante dificil fazer reunir, novamente, esses elementos que, quem sabe mesmo, se se conseguiram ainda disciplinar, habituados a uma independencia, embora enganadora para muitos deles. Seria necessario uma boa vontade de que, até certo ponto, é licito duvidar e principalmente um emprezario que, pelo seu esavoir faire», pelo seu prestigio e pelo seu valor intelectual conseguisse demover ás más vontades e desconfiança que existem por parte de todos esses artistas. Ora, como presentemente, o «tipo» de emprezario, de tempos idos, é o sr. Ruas, do Apolo e esse mesmo, um pouco afastado do meio teatral lisboeta, é caso para pedir a Diogenes que volte á terra com a tão apregoada candeia...

ALVARO LIMA

Noticiario

Entre nós

Dissolveu-se, no Porto, a companhia Luz Veloso que trabalhou aqui, durante a epoca de inverno, no Chiado Terrasse.

◆ Terminou hoje a preferencia aos seus logares, dos assinantes dos concertos Blanch, para a assinatura das 5 recitas da companhia franceza que naquele teatro se deve estreiar no proximo dia 15 e cujo repertorio é constituido pelas seguintes peças: «Mon homme», «La danseuse rouge», «La femme masquée», «La passerelle» e «Zazá».

◆ A actriz Beatriz Baptista do teatro S. Luiz, realisa ali a sua festa no proximo dia 13, com dois actos de variedades e um acto duma das operetas do repertorio da companhia Armando de Vasconcelos.

◆ A actriz Ilda Stichini, societaria do teatro Nacional, realisa a sua recita na proxima terça-feira, 9, com a «reprise» da peça de D. João da Camara, «Tristo Viuvinho», desempenhada por: Eduardo Brazão, José Ricardo, Rafael Marques, Clemente Pinto, Laura Cruz, Ilda Stichini e Laura Hirsch.

◆ Na revista «Piparote» que vai ser representada no teatro Salão Foz, o actor Gomes, do Trindade, faz o «compère» que dá pelo nome de pobre diabo».

Otelo de Carvalho, que ensaia o novo original do Xavier de Magalhães e Lourenço Rodrigues, interpretou «Bernardino, Professor, Cardeal, Genro e Je sais toute».

◆ Encontra-se em via de restabelecimento a actriz Irene Grave, que só reaparece no teatro Nacional na noite da sua festa, desempenhando o papel de «Santuza» do drama em 2 actos «A Cavalaria rusticana» peça extraida da conhecida opera, por Teixeira Lopes.

◆ Alguns dos «levers-de-rideau» anunciados para subirem á scena no teatro Nacional com as peças espanholas e francesas que ali vão constituir os espectaculos do verão são originais do nosso colega que usa o pseudonimo de «O homem que passa» o qual se estreia como autor dramatico. Um dos episodios já entregue e aceite naquele teatro intitula-se «O homem que passa».

Estrangeiro

Segundo uma estatistica do critico inglês Lane Cranford, no seu livro «Wo and the theatres» a influencia da mulher no teatro, é inconstestavelmente muito superior á do homem. Assim 75 % da assistencia é constituida por senhoras e são elas que por si e pela influencia que exerceu, quer nos lares, quer nas suas relações, provocam o ambiente propicio ao sucesso ou á queda das peças. Na literatura teatral inglesa, mais de 80 % dos autores, são mulheres. No genero ligeiro «Mitress's Again» o Spencer são as autoras mais procuradas. Por sua vez, um tudo o que diz respeito á beneficencia, asilos, casas de repouso, etc., dos artistas ingleses, o maior impulso a todas essas iniciativas tem sido dado, ainda por uma mulher, Mrs Carson, autora de um livro curioso, intitulado «Guia teatral para uso das damas».

◆ Damos a seguir a nota das primeiras representações que esta semana tem logar nos teatros de Paris. No Porte-Saint-Martin, «les Don Juanes»; no Edouard VII, «Une petite main qui se place»; no teatro Michel «Il est Ange vint»; no Nouveautés, «Dicky»; na Comedie Française, «Vautrin»; no Marigny «Péché de jeunesse» e no Grand-Guignol, «Le grand Epouvante» e «Alcide Pépée».

◆ No teatro Odeon de Paris teve logar a primeira representação da adaptação de Georges de la Fouchardière «Le Songe d'une nuit d'été», de Shakespeare, sendo unanimes os elogios da critica á adaptação e á montagem de Gemier.

Cartaz do dia

Teatro de declamação

NACIONAL—A's 9—«O Centenario».

Teatro musicado

S. LUIZ—A's 9 — «Leiteira d'Entre Arroios».

APOLO—A's 9,15—«Belo Sexo».

AVENIDA—A's 9,15—«A Perola Negra».

Circos

COLISEU DOS RECREIOS — A's 9 — IX Campeonato Internacional de Luta e Variedades.

Animatografos

OLIMPIA—Rua dos Condes.

CINEMA CONDES—Avenida da Liberdade.

SALÃO CENTRAL—Praça dos Restauradores.

Conferencias

O jornalista Araujo Regallo, realisa amanhã, pelas 9 horas da noite, na sede da Sociedade de Propaganda de Portugal uma interessante conferencia sobre Portugal e Brazil.

A Provincia na "Capital"

COIMBRA, 3.—Na segunda, terceira e ultima sessões do congresso das juventudes catolicas foram discutidas e aprovadas as bases da federação das juventudes. Foram tambem aprovadas saudações ao jornalista Fernando de Sousa, ao centro catolico de Lisboa, e as ordens religiosas e nomeados presidente o vice-presidente os drs. Mario de Figueiredo e Diniz da Fonseca.

—Na cadeia de Santa Cruz realisou-se hoje o casamento de José Bettencourt da Silva e D. Eugenia de Novais protagonistas do crime de Serrozes. O acto revestiu a maior intimidade. —(H).

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações
Londres, cheque. . . .	4 5/16—4 9/16
» 90 dias. . . .	4 7/16— —
Paris, cheque.	1146— 1180
Suissa, cheque.	2481— 2505
Belgica, cheque	1045— 1076
Italia, cheque.	666— 684
Berlim, cheque. . . .	40— 45
Holanda, cheque. . . .	4811— 4957
Madrid, cheque	1947— 2006
New-York, cheque. . .	12540—12915
Brazil, cheque.	60— 33
Austria, cheque. . . .	1— 3
Noruega, cheque. . . .	2323— 2393
Suecia, cheque	3249— 3346
Dinamarca, cheque. . .	2667— 2746

Libras . . . . . 61$00 — 68$00

Em França

Continua diminuindo o coeficiente da natalidade

PARIS, 4.—As estatisticas nos tres primeiros meses de 1921 houve 24.582 nascimentos nesta data de contra 27.489 no primeiro semestre. Houve menos casamentos no ano de 1921 do que nos anos de 1910 e 1920.—(H).

Criminoso á força

Um bebado faz-se passar por assassino do dr. Pedro de Matos

Hoje, apresentou-se á prisão no Governo Civil um individuo tipo de operario, trajando de ganga azul, que declarou chamar-se Alexandre Belo, residir na rua Marques da Silva, 43 e ser o principal autor da morte do dr. Pedro de Matos.

Como os nossos leitores devem estar lembrados o dr. Pedro de Matos foi assassinado a tiro quando acompanhado da esposa regressava uma noite a sua casa na Avenida Almirante Reis.

Pelas averiguações a que a policia procedeu foram presos alguns dos jovens sindicalistas que faziam parte do «complot», faltando prender o tal Alexandre Belo considerado como principal instigador e autor do atentado.

Não é pois para admirar que a apresentação voluntaria do criminoso causasse grande sensação no Governo Civil, onde imediatamente trataram de ouvir o homensinho, chamando-o á presença do ch fe Murtinheira da 1.ª secção, que em tempo dirigiu as investigações do caso.

O preso foi levado á presença do chefe referido e após rapidos interrogatorios logo se verificou não se tratar do verdadeiro criminoso mas sim de um bebado ou de um maluco que se fez passar pelo assassino.

A falta de recursos, — disse ele — motivaram a falsa declaração acabando por confessar que nada conhecia nem sabia do atentado.

O falso criminoso que se chama Anibal Rodrigues de Carvalho, trabalhador da Camara Municipal de Lisboa, recolheu aos calabouços por ter prestado falsas declarações á policia.

Provas de Educação Fisica

Na ultima reunião do juri das provas inter-escolares de educação fisica, que se realisaram no dia 28 do corrente, foi resolvido: Nomear tesoureiro e secretario respectivamente os srs. Pedro José Ferreira e Anibal Pinheiro. Encarregar o jornalista A. de Campos Junior da propaganda na imprensa, da Festa Nacional de Educação Fisica, que gentilmente acedeu ao convite. Conceder á Federação Portugueza de Sports Atleticos a organisação e homologação das provas atleticas.

O mesmo juri resolveu agradecer á Empresa do Stadium a cedencia do seu campo atletico onde se realisará a parada de ginastica e marcar nova reunião do juri para o proximo sabado 6 do corrente pelas 21 horas e meia.

A China agitada

Wu Pei-fu provocou o governo de Pekim, por detraz do qual está o seu rival Chang Tso-lin, e este prepara-se para se defender.

Ha quinze dias o total das forças do Chang Tso-lin era quasi de 20.000 homens. Hoje é de 70.000.

Alem disso parece ter a seu lado dois homens notaveis, Tuan Chi-jui e Chang Hsun, que são duas figuras tipicas do exercito chinez.

Qualquer destas duas figuras de destaque tem muito sequazes e admiradores entre as classes militares, e, se realmente eles se alistarem sob a bandeira de Chang Ts -lin, a sua presença deve influir bastante no bom exito deste ultimo.

E' natural que as noticias de Pekim ou Tentsin pouco nos iluciden sobre os movimentos das tropas de Wu Pei-fu; mas este comandante mostrou tanta pericia no seu ataque contra o exercito de Anfu, proximo de Pekim, em 1910, que podemos asseverar que a sua energia não faltará.

Durante dezoito mezes que ele tem estado cuidadosamente preparando as suas forças para este feito, e todos os que tem visitado os seus acampamentos têem-de lá muito bem impressionados com a boa disciplina e boa disposição de espirito que mostram os seus homens.

Os seus soldados manifestam uma lealdade e um entusiasmo pela politica do seu chefe que são decididamente pouco vulgares nas tropas chinezas.

Por outro lado, Chang Tso-lin tem á sua disposição tropas recrutadas em provincias onde ele não exerce a sua jurisdição e alguns de seus oficiais não se teem mostrado plenamente satisfeitos com o seu sucesso.

Contudo, as tropas de Chang são bem pagas e superiores em artilharia e cavalaria ás de Wu Pei-fu.

Ainda continua a supor-se que existem intermediarios, e é notorio que Pekim não se mostre nada apreensivo, quando, é costume, o capital chineza imediatamente se enche de panico quando estão eminentes quaisquer hostilidades nas suas visinhanças.

Comtudo ainda continua a alimentar-se a esperança de um entendimento pacifico, embora isso não seja muito provavel.

ULTIMA HORA

PARLAMENTO

Nos Deputados

A QUESTÃO LOPO DE CARVALHO — OPINIÕES PRÓ E CONTRA O GOVERNO — ATITUDE QUE SE ATRIBUE AO SR. ANTONIO MARIA DA SILVA — O GOVERNO VAI CAIR EM PLENO PARLAMENTO?...

Se avaliassemos o resultado final das votações pela opinião singular dos deputados, exposta livremente na sala dos Passos Perdidos, o Governo do sr. Antonio Maria da Silva teria os minutos contados. Deita-lo-hia abaixo uma moção de desconfiança, lançada nesta Camara a proposito do caso Lopo de Carvalho.

Mas uma coisa é a opinião singular de um representante do povo e outra, ás vezes diametralmente oposta, é a que se traduz praticamente no voto que encerra as discussões e que é expresso sob a pressão do seu grupo politico. Ora êsse voto, a nosso vêr, acabará por ser favoravel ao Governo, se êste fizer provocar ou aceitar a questão de confiança, a proposito do caso Lopo de Carvalho.

Diz-se, aliás, que a questão está proxima a encerrar-se, tornando-se publico um requerimento do sr. Lopo de Carvalho, desistindo da transferencia que o beneficiou.

Emfim, o que fôr, soará. As opiniões nos diversos agrupamentos parlamentares republicanos estão divididas. O sr. Carlos Olavo, por exemplo, é irredutivelmente adverso ao Governo. Afirma-se que êste ilustre parlamentar levantará a questão na sessão de hoje e, logo que esteja presente o chefe do Governo. Veremos se isto se confirma.

Ha quem atribua ao chefe do Governo o proposito de esboçar uma resistencia, apenas com o secreto intuito de posteriormente se demitir. Mencionamos esta versão simplesmente a titulo informativo.

ANTES DA ORDEM DO DIA

Abertura á hora habitual, sob a presidencia do sr. Domingos Pereira.

Fala o sr. Alberto Vidal. Trata duma questão já exposta pelo sr. Lino Neto, leader catolico. Contradiz este orador, defendendo a acção das autoridades num caso de abuso sacerdotal. Ha um padre que se serviu do confessionario para sugestões deshonestas a solteiras, casadas e viuvas. Por estas e por outras o paroco em questão concitou contra si a animadversão do povo da freguezia, que não deseja senão que o livrem do «pastor».

Replica do sr. Lino Neto. A sua argumentação é esta: se o paroco delinquiu levem-no aos tribunais; mas em questão espiritual e religiosa o Estado não tem que ingerir-se, porque as igrejas estão dele separadas.

O sr. Lino Neto aproveita a ocasião para reclamar providencias para os tres casos, entre os quais o estado vergonhoso da igreja de Santo Antonio de Lisboa,—igreja que está servindo de arrecadação.

Entrou na sala o sr. Airos d'Ornelas. Lá perde o sr. Carvalho da Silva o bastão de leader da minoria monarquica!

A requerimento do sr. Alvaro de Castro entra em discussão a proposta de lei, vinda do Senado, respeitante a pensões concedidas ás vitimas de 19 de outubro. Aprovada, por unanimidade e sem discussão, incluido as emendas do Senado, que não alteram estructuralmente o diploma, já conhecido do publico.

Os srs. Antonio Fonseca e Cunha Leal celebraram um longa conferencia. Não é preciso ser muito perspicaz para supôr que se trata do caso Lopo de Carvalho. Qual dos dois ilustres parlamentares se dará por convencido ou por vencido?...

O sr. Constancio d'Oliveira fala sobre tabacos, preços, reclamações varias ao sr. ministro das Finanças. O susurro das palestras não deixa ohegar até nós senão uma outra palavra: o decreto...a elevação do preço dos tabacos... mais 50 por cento... disposições legais. Emfim, não se compreende nada! O sr. Presidente Domingos Pereira castiga a companhia e grita:

—Peço a atenção da Camara!

Mas não consegue nada.

O sr. ministro das Finanças responde: Parece que andam ceviados dos cofres do Estado uns 4.000 contos. O sr. Portugal Durão vai ver, vai estudar... Estamos servidos!

As galerias estão tão concorridas como nos grandes dias. Povoam-nas especialmente os estudantes, que põem uma mancha escura com as suas capas negras.

ENTRA EM DISCUSSÃO O CASO LOPO DE CARVALHO

A Camara resolve ouvir o sr. Carlos Olavo sobre o caso da Faculdade de Medicina, em negocio urgente, requerido pelo orador.

Se até hoje esta questão não foi levantada, é porque desejavamos dar ao Governo o tempo suficiente para a resolver. Mas não é possivel esperar mais. E' tempo de interrogar o Governo!

Não queremos aumentar as dificuldades do gabinete. Mas seria indigno desta assembleia conservar-se silenciosa por mais tempo.

Não concorda com o acto governamental da transferencia do professor Lopo de Carvalho. Ele foi ilegal. O sr. ministro da Instrução só podia fazer a transferencia, se ela fosse necessaria ao ensino. Isto é expresso na lei. E qual foi a estação competente que o Governo consultou a tal respeito? Foi a Faculdade de Medicina? Não foi. E, no entender do orador, só ela tinha real competencia para informar o ministro ácêrca da oportunidade da transferencia com relação ao ensino. Nega que o professor Lopo de Carvalho possua conhecimentos suficientes para reger a cadeira para onde o transferiram, não só porque iria substituir o dr. Julio de Matos, um principe da sciencia, mas ainda porque confessara a sua incompetencia profissional quando fôra nomeado para reger a cadeira de psiquiatria na Universidade de Coimbra.

O orador cita o caso de um concurso, onde o sr. Lopo de Carvalho não conseguiu triunfar.

O orador continua o seu discurso, com veemencia e eloquencia, atentamente escutado por todos os lados da Camara.

O sr. ministro da Instrução responde ao sr. Carlos Olavo.

Tem frases como esta:

«Se eu tivesse sido devidamente informado, é possivel que hesitasse na transferencia do sr. Lopo de Carvalho». (Apoiados).

Somos forçados a encerrar, nesta altura, as nossas notas de reportagem. Ninguem perde nada com isso. A exposição do sr. ministro da Instrução é feita quasi em voz baixa, como quem diz um segredo para os parlamentares que junto dêle se encontram. Até nós não chegam senão frases soltas, com as quais não é possivel reconstituir a argumentação, mesmo no seu aspecto geral ou de conjunto.

O debate vai ser generalisado. E' natural que muitos deputados nele intervenham. O mais certo, pois, é que na sessão de hoje não se esgote a materia, a não ser que a sessão seja prorogada ou surja um requerimento para dar a materia por discutida. Esta hipotese é, todavia, muito improvavel.

CONSEQUENCIAS POLITICAS

Acredita-se que, se o Governo quizer ficar, fica; só cairá se fôr êsse o proposito, oculto por enquanto, do chefe do Governo.

Tudo depende da maneira como o Governo puzer a questão politica. Trata-se de uma questão de ordem publica? O Governo arrancará á Camara uma moção de confiança, votada por unanimidade, — ou quasi. Trata-se de uma questão de interpretação da lei? Sendo assim, tambem o Governo não cairá, porque as oposições, mais simuladas que reais, cederão á ultima hora, pouco mais ou menos como aconteceu quando o sr. Alberto Xavier poz a questão Barbosa de Magalhães.

Em ultima analise: os parlamentares recuarão, se, por acaso, a questão se tornar demasiado irredutivel, ameaçando a eclosão duma crise total do gabinete.

O debate foi generalizado. Esta falando o sr. Lucio dos Santos. Os deputados inscritos são muitos.

A sessão continua.

No Senado

Preside o sr. Pereira Osorio secretariado pelos srs. Ramos Pereira e Fernandes de Almeida. Aprovam a acta 35 senadores.

O sr. presidente propõe que uma comissão de senadores vá visitar ao hospital de S. José o senador Mendes dos Reis que ali se encontra doente. Foi aprovado tendo sido nomeados para esta comissão os srs. Ramos Pereira, Fernandes de Almeida, Lima Alves, e Vicente Ramos.

O sr. Lima Alves propõe um voto pelas melhoras do sr. Jacinto Nunes, sendo-lhe comunicada esta manifestação da Camara por meio de telegrama.

Associam-se a este voto os srs. Cunha Barbosa, Artur Costa, Paes Gomes, e o sr. ministro da Justiça em nome do governo.

O sr. Xavier da Silva envia para a Mesa telegramas que recebera de varios comerciantes das colonias protestando contra a demora havida por parte dos T. M. E. em satisfazer os seus credi os.

O sr. Machado Serpa, egualmente envia para a meza um telegrama comunicando que na cidade de Horta, lavra grande descontentamento no comercio e no publico em geral contra o pessimo serviço das encomendas postais para ali.

O sr. ministro da Justiça promete transmitir ao sr. ministro do Comercio as considerações dos oradores.

São 16,30 horas. A sessão continua.

Malas postais

Amanhã sahem os expresso malas postais pelo «Tras-os-Montes», para Pernambuco, Pará, Monaus, Bahia, Rio de Janeiro e Santos; pelo «Aguila», para Las Palmas, e pelo «Funchal», para a Madeira e Açores e Africa Oriental, via Madeira. A ultima tiragem da caixa é ás 8 horas para o primeiro e ás 9 para os restantes.

A questão Lopo de Carvalho

Dizia-se hoje na Sala dos Passos Perdidos da Camara dos Deputados que a questão Lopo de Carvalho, capaz de produzir uma crise ministerial, era sustentada presentemente por um puro capricho ministerial, ao qual não são estranhas pressões familiares. Parece que o pedido feito ao ministro da Instrução partiu primitivamente do dr. José Domingues dos Santos por influencia junto deste do dr. Moura Pinto.

O parentesco existente entre o titular da pasta da Instrução e o sr. dr. Coroça torna aquelo dependente deste e o sr. dr. Coroça faz capricho em sustentar a transferencia do sr. dr. Lopo de Carvalho para a Faculdade de Medicina de Lisboa.

Estas informações, cuja delicadeza extrema não é pará desprezar são dadas sobre reserva, a todos os titulos.

A gréve dos mobiliarios

Voltaram hoje a reunir os operarios da industria mobiliaria, apoiando a marcha do conflito, cuja solução parece estar ainda demorada.

Reunião dos professores dos liceus

No gabinete do sr. ministro da Instrução reuniram hoje, pelas 14 horas, os delegados dos liceus do paiz, continuando a apoiar as reclamações a apresentar ao Parlamento.

Repressão do jogo

O agente Ferreira da Silva da investigação esteve hoje ouvindo os individuos presos nos «comboios» do Largo do Jardim do Regedor, 7, e no Club de Perass na rua Alves Correia. Tambem foram ouvidas varias testemunhas tendo estado a depôr no gabinete do chefe Murtinheira o tenente sr. Pio e o alferes sr. Lopes Soares.

Contra o tenente Pio, com quem se passou aquela scena de tiros no Club do Perass se que resultou ser ferido por uma bala o apontador Francisco Ferreira, dos quais vae ser levantado auto de corpo de delito.

Para essa diligencia foi nomeado o tenente Graça da policia que tera como escrivão o alferes sr. José Pedro.

O apontador Ferreira, que se encontra em tratamento numa das enfermarias do Hospital de S. José, continua melhorando.

O alferes sr. Lopes Soares que como é sabido foi encarregado de dirigir as brigadas de repressão do jogo, recebeu ontem pelo correio muitas cartas anonimas ameaçando-o de morte. Trata-se sem duvida duma brincadeira de mau gosto.

Demissão do Governo?

Acredita-se que o debate parlamentar ácerca do caso Lopo de Carvalho terminará pela demissão colectiva do gabinete.

O sr. Antonio Maria da Silva, realisa, no momento de fechar-mos o nosso jornal, demarches junto dos chefes partidarisias supondo-se que se trata de formação d'um governo de concentração republicana.

Estão congregadas as forças de oposição republicana

Terminaram as negociações para a fusão dos partidos liberais, reconstituinte e liberal com exito feliz. Esta fusão pode virtualmente considerar-se realisada. E' natural que se forme com esses elementos um novo partido regido superiormente por um directorio.

Conselho de Ministros

O conselho de ministros esteve hoje reunido na secretaria do interior, principiando a sessão ás 11 horas e terminando cerca das 14. No final foi fornecida á imprensa a seguinte nota: «Na sua reunião de hoje o Conselho de ministros examinou diversas propostas de lei apresentadas ao Parlamento pelos srs. ministros das finanças e dos estrangeiros, tendo-se ocupado tambem de assuntos correntes de administração publica».

Todavia sabemos que o conselho tratou especialmente da atitude a assumir no Parlamento em face da questão Lopo de Carvalho.

O "raid" Lisboa-Brazil

A subscrição aberta no Governo Civil está em 12.000 escudos

O Governador Civil de Lisboa, continua recebendo no seu gabinete importantes quantias destinadas a engrossar a subscrição a favor do bodo de bodo que vai ser distribuido pelos pobres da capital em signal de regosijo pelo heroico feito dos bravos aviadores portuguezes Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

Durante o dia de hoje foram recebidas mais as seguintes importancias:

Companhia de Seguros Ultramarina, 1$00; Sociedade Comercial Luso Americana, 50$00; Joaquim das Neves Silverio, 10$0; Fonseca & Araujo, 200$0; lista 180, 31$00; lista 181, 13$00; Videira & Pedrosa, 10$00; Companhia do Papel do Prado 50$00; Centro Democratico Espanhol, - $00 A. Duarte 5$00; Isidoro Mendes Ribeiro 10$00; Joaquim J. Paiva Moniz 10$00; Guimarães & Jardim 5$00; João Atayde Costa 2$0 0.

José Carlos Teixeira Alves 5$00; Sociedade Estoril 5$00; Lista n.º 11 8$00; Artur Monteiro 5$00; Flores & Ferreira 10$00; Aníbal Braga 5$00; Silva Correia 20$00; Pereira & Santos Lda 7$00; Augusto Augusto dos Santos 5$00; H. Silva L.da 10$00; E. da Silva Soares 2$00; Alexandre de Almeida 10$00 Augusto Antonio da Silva & C.ª 10$00.

Até ás 17 horas de hoje a subscrição estava em 12.038$00.

Hoje á noite realisa-se no Paiais Royal uma grandiosa festa de Caridade a favor do bodo, devendo depois de amanhã realizar-se outra festa com o mesmo fim no Regaleira Club.

Os bombeiros Voluntarios Lisbonenses que deram todo o seu apoio á iniciativa do chefe do distrito resolveram de acordo com o activo emprezario do Campo Pequeno sr. J. J. Segurado realisar no domingo proximo naquela praça uma «quete» a favor da grande subscrição.

O Brazil em fóco

A comemoração do centenario da independencia politica brazileira teve a virtude de despertar não só as simpatias das outras nações, como os proprios instintos civicos dos nossos irmãos de alem mar.

Por todo o paiz, do sul a norte, ha um verdadeiro prurido de são patriotismo e já é notoria a maneira como varios paizes se farão representar no grande certamen de setembro. O Brazil está, pois, em fóco.

E' visivel o interesse que industriais e agricultores, principalmente do Velho Mundo estão manifestando pelo conhecimento directo das coisas brazileiras.

Escusado é dizer que muito concorreu para tais demonstrações de verdadeira e util fraternidade internacional o modo como o Brazil se apresenta nos mercados europeus nos dias memoraveis da maior crise de generos por que passava a Europa conflagrada.

Todo o mundo apreciou a comprehensão humana que eles teem dos graves circunstancias em que, em materia de subsistencias, se achava o Velho Mundo, privado de todas as actividades uteis.

E sa compreensão foi a de intensificar a produção brasileira, o que se fez de modo a surpreender todos as correntes, «merecendo o cognome de celeiro do Mundo».

O Brasil conquistou, então, muitos mercados novos, para os quais ainda exporta em pequena quantidade e em cujos consumidores deixou a impressão mais lisongeira.

Nada mais natural que essa gente queira verificar «de visu» as possibilidades, o grau de organisação das industrias, a materia prima da grande republica americana.

E' oportuno lembrar que, não podendo competir em qualidade com muitas industrias estrangeiras, em algumas manufacturas o Brasil terá de conquistar merecidos aplausos, tais como os que teve na ultima exposição de borracha em Londres.

Alem disso em outros produtos, como as rendas do Norte, terá oportunidade de apresentar interessantes provas do seu engenho autentico e da sua capacidade realisadora.

E' com verdadeira satisfação que registamos todos os factos symptomaticos dessa renascença das suas virtudes ethnicas.

De certo tempo a esta parte vimos, acompanhando a actividade dos nossos amigos brasileiros. Estimulados pela efervescencia civica ora dominante em todas as ordens de actividade, os brasileiros ausentes teem sido solicitos em atrair a atenção dos paizes onde se encontram.

Ainda ha tempos liamos a importante conferencia que o coronel Gaelzer Neto, realizou em Viena, no salão nobre da Companhia Austriaca de Navegação e Companhia Colonial.

Essa conferencia teve os melhores efeitos praticos, visto como foi acompanhada de projecções panoramicas ilustrativas das riquezas florestaes e da aparelhagem das industrias brasileiras.

Os Estados Unidos correspondendo, por sua vez, as aspirações dum mais estreito e reciproco entendimento comercial, deram inicio ao pavilhão com que sua gloriosa bandeira estrelada participará na memoravel exposição do centenario.

Por tudo isso, que põe em fóco o Brasil, precisamente no momento em que a Europa se reconstroe é quasi certo que a capacidade produtora e financeira do Brasil entrará numa fase de notavel prosperidade.

Na Islandia

O Hecla dá indicios de proxima erupção

LONDRES, 4.—O navio de pesca alemão «Woken» chegou a Aberdeen com um carregamento muito pequeno. A tripulação diz que estando a pescar a cinco milhas ao largo da Islandia o navio foi de subito envolvido por densas nuvens de fumo. Depois a cratera do vulcão Hecla começou a lançar chamas. Os peixes desapareceram completamente das proximidades da Islandia.—(R.)

Em volta do Presidente DESCHANEL

Na lista dos homens que na terceira republica franceza tem ocupado a alta magistratura, e que já conta uns onze, salvo erro, a figura de Paul Deschanel é das mais interessantes. Tudo o indicava para esse alto cargo; independencia, saber, conhecimento dos homens e das coisas, elegancia de palavra e de porte, finura de raciocinio e de espirito, e o «charme» caracteristico dos eleitos da Sorte, e no entanto quando chega ao fim da estrada, já vencedor, é vencido pelos nervos como se fosse qualquer menina historica e tem de ceder o logar a que tão distintamente atingira. Os fatalistas explicarão, como bem lhes parecêr, o caso, que cai como tantos outros no dominio da sciencia, para mostrar que os mais fortes não estão isentos dos males mais triviais. Tambem os grandes troncos que não dobram ás rajadas do vento, caem quantas vezes prostrados pela obra invisivel mas daninha do microbio. E' a força dos infinitamente pequenos!

Começára ha mais de quarenta anos a sua vida publica e bem perto dessa idade a sua actividade parlamentar com dois interregnos na cadeira presidencial dos deputados, o primeiro de quatro e o segundo de oito anos.

«O primeiro filho do exilio como lhe chamou Vitor Hugo quando ele nasceu em 1826, em Bruxelas, para onde o pai se exilára com a familia depois de 2 de dezembro de 1850, formou-se em letras e em direito, e se este segundo bacharelato o impelia para a politica, nunca esqueceu o primeiro, o que um contemporaneo apresenta como a razão primeira da harmonia de toda a sua carreira. Em verdade ha na obra escrita deixada por ele, dois livros que podem constituir os alicerces dessa harmonia: «La question de Tonkin» e «Figures de femmes», editados com seis anos de intervalo. No primeiro revela-se o politico, no segundo o literato, mas em um e no outro o que brilha é o alto espirito do pensador firme e delicado. O elogio do jornalista orleanista Hervé, que ele foi substituir na Academia franceza, é um primor literario como são na maioria os seus discursos dentro e fóra do parlamento, como o foram sempre as suas intervenções do alto da Presidencia, cheias de imparcialidade, de firmeza e quanto possivel de graça!

Deschanel teve a habilidade de se fazer estimar por todos os deputados das mais desencontradas opiniões. Entendeu sempre que os politicos ganhavam muito em encontrar-se a miudo, para melhor e mais a frio aprenderem a conhecer-se e a apreciar-se, afastados dos exagêros da polemica sugerida no momento da luta, e em sua casa os reunia a miude em festas que ficavam afamadas tanto pelo eclectismo como pela distinção.

Esta anedota o prova. Numa sessão mais agitada, um deputado da extrema esquerda começara a interromper violentamente um orador da direita, que falava da tribuna e que se mostrava nervoso contra a obstinação do colega. O Presidente depois de inutilmente chamar o interruptor á ordem, debruçou-se para a tribuna e disse para o orador em voz baixa, mas que parte da sala ouviu ainda: «Não faça caso, que ele almoçou hoje em minha casa. Sou eu que lhe peço desculpa!

Esta frase tinha o condão de provar duas coisas: a graça e os vinhos de Deschanel que parece ter tido ainda, para melhor exito destas «boutades,» o cuidado de se conservar sempre afastado das lutas militantes da politica. Em verdade se assim não acontecesse, como poderia ele encontrar na sua pessoa, apesar de todos os atrativos proprios, a força indespensavel para reunir em seu torno parlamentares de todos os lados da Camara, desde os mais conservadores até aos mais «sans culottes,» se por acaso ainda se encontra algum «exemplar destes na Camara franceza, em cujos processos, aspectos e fisionomia tanto poderiam aprender os politicos portuguezes.

Ignoramos se o ex-Presidente teve a ambição, aliás natural, de ascender á primeira magistratura da França, mas tudo na sua vida dá a impressão que sim, até mesmo a doença que o tirou de lá. Quem poderá negar que a recusa sistematica em ser ministro, não fosse já uma regra imposta ao seu feitio politico para mais libertamente chegar ao cume do monte? E uma vez aqui, feliz por ter atingido a sua justa ambição, não fosse victima da sua propria felicidade? Pertencemos ao numero dos que tem certo respeito por esta Senhora, um mixto sentimento de pavor e de atração. A felicidade seduziu-nos sempre, mas amedrontou-nos tambem sempre.

Na politica portugueza houve um exemplar frisante: o de Carlos Lobo d'Avila. Os rapazes do seu tempo a começar pelos primeiros condiscipulos de colegio, lembram-se de o ter ouvido dizer muita vez que estudava para ministro. E tão bem estudou, que chegou lá, muito novo ainda mas exuberante de talento. Tão depressa como galgára a estrada, foi espalhando em profusão as riquissimas qualidades de um temperamento essencialmente politico, brincando, ele uma creança, com os homens mais velhos como se fossem bonecos. Apesar de muito ter prometido, foi quasi uma revelação o que dava, quando a angina pectoris o derrubou.

Pode concluir-se então que a ambição só é eficaz... nos tolos!

SPORT

Um livro sobre atletismo

Na proxima semana vai ser posto á venda em todo o paiz, um livro sobre atletismo de que é auctor o sr. dr. Salazar Carreira. Este livro, de grande utilidade a todos os sportsmen é o primeiro da biblioteca do jornal «Os Sports».

NOTICIARIO

FOOT-BALL

A visita do team inglez Civil Service Foot-Ball Club

Está despertando já o maior interesse a proxima visita do team inglez amador Civil Service Foot-Ball Club que como temos dito realisará o seu primeiro desafio no dia 11 deste mez no Stadium contra o team do Internacional. No dia 13 jogam os inglezes contra o Sport Lisboa e no dia 14 contra o Sporting Club de Portugal.

O Civil Service é um dos melhores clubs amadores da Inglaterra. Todos os anos finda a epoca do campeonato faz «tournées» onde consegue regressar com victorias. Para o leitor poder avaliar o valor do team em questão, basta publicar os seguintes dados curiosos sobre as suas «tournées» efectuadas:

1901 e 1903—Pung, Vienna, Buda, Pesth.
1904—Dresden, Praga, Vienna.
1905—Berlim, Leipzig, Praga, Vienna.
1907—Francfort-sob e Meno, Praga, [illegible]sen.
1909—Dresden, Praga, Kodno, Porlabice.
1910—Paris, Stuttger, Praga.
1911—Paris, Bilbau, S. Sebastian, Irun.
1912—Paris, Bilbau, S. Sebastian.
1913—Dresden, Praga, Z[illegible]kow.
1914—Bordeus, Irun, S. Sebastian Bilbau.
1921—Paris, Barcelona.

Em 1911, Mr. A. G. Russell, o actual Presidente do Club e seu secretario fundador, organisou um grupo para jogar em Auteuil (Paris) contra uma selecção parisiense, tendo ganho por 6 bolas a 1.

Pelo que deixamos dito, vê-se que o Civil Service visitou inumeras vezes a cidade de Praga, sempre a convite do Slavia Club daquela cidade. Em 1919 o Slavia em prova de estima por aquele club nomeou-o seu Membro Honorario.

O Civil Service encontra-se em Espanha onde conseguiu já uma victoria sobre o team inglez Crook Town por 3 goals a 2.

Na séde do Club Internacional, rua do Crucifixo 86 1.º, marcam-se desde já bilhetes para os trez desafios internacionais.

ASSOCIAÇÃO DE FOOT-BALL DE

Comunicados oficiais

Na sua ultima reunião a direcção resolveu diversos assuntos de expediente e tomou as seguintes resoluções.

—Julgar improcedente o protesto do Grupo dos Fosforos no seu desafio final de 3.ª categoria com o Bom Sucesso sendo este apurado campeão.

—Organisar no dia 28 de Maio com o concurso dos Clubs filiados, dois desafios de foot-ball sendo o produto liquido desses desafios distribuido em partes eguais pelo Fundo de Assistencia da Associação Azilo Escola Antonio Feleciano de Castilho, Associação «O Enxoval do Recemnascido» e Escola Oficina n.º 1.

Desafios para o dia 7 de Maio:

Taça Especial de 2.ª categoria—Desafio final. Vitoria contra Belenense, no Campo Grande, ás 14 horas, juiz o sr. Jaime Ribeiro.

Taça de honra, meia final — Sporting contra Bemfica no Campo Grande, ás 16 horas, juiz o sr. M. Frooo.

Provas Escolares de Foot-Ball—Campeonato Geral, desafios para o dia 7 de Maio. Pupilos contra Casa Pia, ás 12,30 horas, Afonso Domingues contra Asilo Maria Pia, ás 1[illegible] horas.

Conselho Tecnico — Este conselho reune na quinta feira, as 21 horas.

TAÇA ATENEU

Desafios para o dia 7

1.ª Serie—Carcavelinhos-Marvilenses, em Benfica, as 13 horas, juiz Ernesto Antunes (C. P. A. C.) Belenenses-Internacional nas Laranjeiras, ás 11 horas, juiz Mario M. Silva (G. D. C. F.)

2.ª Serie—Sporting-Fosforos no Lumiar A ás 11 horas, juiz José Vicente Gabriel (M. F. C.) Adiceuse-Benfica, em Benfica ás 11 horas, juiz Rui Costa (G. S. C. Q.)

O PROBLEMA IRLANDEZ

A cada passo estão surgindo novas complicações no eterno problema irlandez.

A Irlanda, após conquistar o nome pomposo e desde sempre almejado por ela, de Estado Livre da Irlanda, tem-se visto a braços com continuas agitações internas que não a deixam pensar noutra coisa senão em tratar de pôr os seus subditos mutuamente em segurança contra as represalias verdadeiramente barbaras cujo conhecimento os jornais teem feito chegar até nós.

Duas tentativas se fizeram já para pôr termo a este lastimavel estado de coisas.

A primeira foi a conferencia que se realisou em Londres, a convite de sua magestade; esta tentativa foi de resultados nulos, pois, passados poucos dias, as lutas recrudesciam em logar de diminuir.

Passaram-se assim alguns dias em que as noticias que de lá nos chegavam eram verdadeiramente alarmantes. Nada se conseguia, e até hoje parece nada se ter conseguido de positivo, apesar da segunda conferencia reunida, chamada a conferencia da paz, e para cuja realisação muito concorreu o partido laborista que não queria meio termo. Ou paz, com que todos lucrassem, ou, a continuar a guerra, eles se encarregariam de ser os unicos a lucrar.

Protestam contra o militarismo e a desordem e o primeiro resultado substancial do partido laborista irlandez contra o militarismo, tornou-se bem evidente quando a voz do seu representante se fez ouvir na conferencia da paz realisada na «Mansion House».

Os membros primitivos da conferencia eram Griffith e Collins, defendendo os interesses do Estado Livre; De Valera e Brugha, defendendo os interesses republicanos; o arcebispo Byrne e Lord Mayor de Dublin representando a grande maioria da opinião publica que deseja a paz.

As duas primeiras sessões da conferencia não deram resultado algum.

Contudo o partido laborista irlandez firmou o seu poder, e o direito de assistir ao conselho de paz das nações que acabaram de estar em guerra.

Na ultima reunião da conferencia estavam presentes Tomaz Johnson, William O'Brien e Cathal O'Shanon, como representantes do partido laborista irlandez e em nome do poder executivo nacional.

A sua presença ali fez nascer algumas esperanças de que algum entendimento temporario surja da conferencia, que restitua a ordem publica e prepare o caminho para que a vontade do povo se manifeste livremente.

O fim principal dos representantes do partido laborista é conseguir pelo menos este resultado da conferencia e é natural que o consigam.

Pois apesar desta segunda tentativa para se conseguir a paz tão necessaria dentro da Irlanda, e apesar de já terem passado uns cinco dias depois da conclusão da conferencia os jornais ainda nos mostram telegramas que nos deixam ver que a agitação continua talvez ainda mais violenta.

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

O SERMÃO

por ALBERTO BRAGA

Era um dia de festa e de grande romaria.

Desde madrugada, que eu estava debruçado no muro do meu quintal, á sombra de uma acacia, onde trinava um rouxinol, para ver passar os romeiros, que se dirigiam, em bandos, para o arraial.

Antes de se chegar ao adro, passava-se por dois arcos de murta com flores, dos quais pendiam bandeiras e galhardetes de côres garridas.

A's onze horas da manhã ouvia-se o murmurinho surdo do ajuntamento no lugar da romaria. Pela estrada já pouca gente passava; e a que ainda vinha á festa, caminhava de vagar, fatigada, rente dos muros das quintas, para se abrigar do calor ardente e abafadiço de Julho.

De repente, na curva que a estrada faz, junto do pinheiral, apareceu a carruagem da sr.ª viscondessa, que era, nesse ano, a juiza da festa.

Os transeuntes paravam, encostados aos muros, e voltavam-se para ela, com os chapeus na mão, como se abrissem passagem respeitosa a uma rainha. A carruagem descoberta era tirada por duas eguas inglesas, que esbofavam com ruido, batendo as patas a compasso na areia fina e reluzente da estrada. O cocheiro vinha aprumado na almofada, com as pernas esticadas, e na mão direita levantada suspenso o pingalim. Dentro, reclinada no estofo escuro da carruagem, a sr.ª viscondessa sorria afavel para os lados, agitando levemente a cabeça. Um guardasolinho, côr de perola, abrigava-a do sol. No lugar da frente ia o sr. abade, um abade ainda novo, muito escanhoado, vestido com batina lustrosa, cabeção de renda, barrete de setim levemente inclinado na corôa da cabeça. Levava as mãos cruzadas sobre o ventre e os olhos fitos no vestido da viscondessa, um vestido verde-mar, com guarnições de renda, que se abria diante dêle, como um leque.

Os romeiros, só depois da carruagem passar, é que continuavam o caminho, e, olhando entre si de um lado e de outro da estrada, sorriam gloriosos.

Quando a sr.ª viscondessa apeou á porta da igreja, estalou no ar uma girandola de foguetes; e eu, que não tencionava assistir á festa, acendi um charuto e dirigi-me vagarosamente para o lugar da igreja, antes que principiasse o sermão.

* * *

Estava a igreja armada com sanefas e cortinas de damasco escarlate, onde as luzes das tocheiras de prata do altar punham reflexos vermelhos.

Fora da teia gardeada do altar-mór, via-se o povo, de pé, apinhado, com o olhar espantado e perdido na decoração ostentosa do templo. A pedra do altar-mór estava revestida com toalha franjada de rendas. Um tapete largo de variegadas côres cobria o estrado do altar, descia os três degraus, preso por varões de metal lustroso, e estendia-se na capela-mór até á grade. Três padres velhos, avergados sob o peso das capas de asperges com brocados de oiro, estavam sentados ao lado, com os pés unidos e estendidos para a frente. Sentia-se um cheiro forte de incenso; e, no côro, soavam as ultimas notas plangentes das rabecas acompanhadas a orgão e rabecão.

A sr.ª viscondessa entrou apressada pela porta lateral, que dava para a sacristia, e ajoelhou-se em frente do altar, com a cabeça muito levantada e os olhos pregados na imagem do Cristo crucificado em meio de luzes e ramos de flores. Depois de rezar, com as mãos postas em suplica junto do seio, persignou-se lentamente e sentou-se.

Nesse instante, houve um rumor vago entre os fieis, que enchiam o templo.

O prégador aparecera no pulpito. O seu rosto oval, de uma palidez maviosa, fronte larga, barba escanhoada e azulada no queixo, destacava-se da alvura da sobrepeliz de cambraia bordada.

As suas mãos estreitas e brancas saiam de entre as rendas aniladas das mangas, que lhe chegavam até á raiz dos dedos.

O abade olhou atentamente o auditorio, e ajoelhou. Ergueu-se depois, arrepanhou os canhões da sobrepeliz, ageitou a estola, expigarrou com tom solene e passou á flor dos labios o lenço, que depoz cuidadosamente ao lado. Em seguida, fincando a palma das mãos no parapeito do pulpito, adiantou o busto para a frente e principiou com voz debil:

— *«Mulierem fortem quis invenietl? Proverb. 31.»*

Era o sermão de Santa Isabel, rainha e martir. O prégador historiou a vida da santa, desde o tempo em que, menina e moça, nos seus palacios de Aragão, o seu principal divertimento era a oração e o exercicio da caridade. Desposada por el-rei de Portugal, D. Diniz, em breve as leviandades amorosas do esposo lhe amarguraram o coração traido.

— «Porque — exclamava o prégador alçando o braço — quantas vezes o manto de uma rainha esconde um coração atribulado!? Em meio da ostentação de um palacio, cercada de todas as magnificencias reais, filha e esposa de rei, como a grande rainha de Lacedemonia, *quæ Regis filia, Regis uxor*, a princesa santa não tinha o socego, o descanso, a alegria da mulher humilde de um mecanico!

Era rainha, *Regis uxor*, era poderosa, era rica; mas a principal riqueza era a da sua alma.

O oiro copioso dos seus cofres não tinha o grande valor do oiro de alto quilate do seu coração, — oiro de lei, purissimo, sem liga, que se não gasta e consome, com o uso, antes se acrisola e engrandece com o exercicio das boas acções!»

Algumas mulheres soluçavam, comovidas; e a sr.ª viscondessa, que o ouvia com atenção, fechava os olhos em sinal de concordancia e acenava afirmativamente a cabeça.

Proseguia o sermão. O prégador falava da santa, quando acudia pressurosa aos infelizes.

Referiu o milagre da transformação dos pães em flores, sendo surpreendida pelo rei, quando ia esmolar aos pobresinhos!

Depois, adiantando paralelas as mãos, como se quizesse atrair num braçado o auditorio estupefacto, dizia:

— «Vêde para que serve o oiro! Não vos julgueis desgraçados, se vós não assistem grandes riquezas! Não deixeis que a inveja se enrosque, como serpente ardilosa do inferno, em vossos corações.»

E, apontando o indicador para o ceu, proseguia com voz mais solene:

— E' ahi que se vê a previdencia de Deus! Concedeu o oiro aos ricos, para que o distribuissem pelos pobres! Pedir não é humilhação nem vergonha! Deu-nos o exemplo Jesus, o Divino Mestre, que ensinou aos discipulos a pedir com humildade!

E que maior consolação — continuava o prégador — que maior consolação do que socorrer com a esmola áqueles que a fortuna fez menos abastados!? Apagar a fome, saciar a sêde, vestir os nus, enxugar as lagrimas das viuvas, amparar a orfandade, dar arrimo á velhice!»

E exclamava:

— Oh! santa caridade! Oh! flor sacrosanta do altar de Deus! A caridade...»

E retraindo-se no pulpito, arqueando os braços á frente, aproximando as mãos com as cabeças do indicador e polegar delicadamente unidas, recitava com voz untuosa, repassada de mimo:

> A' noite a virgem modesta,
> A casta filha de Deus,
> Furta-se aos hinos da festa,
> E envolta em candidos veus,
>
> Desce a escada suntuosa,
> Mãe dos maus, irmã dos bons,
> Lá vai levar carinhosa
> A toda a parte os seus dons.

Foi de um efeito surpreendente! O auditorio sentia calefrios: passava nele a corrente magnetica do entusiasmo!

O prégador rematou em tom familiar, com voz mais baixa, aconselhando aos pobres que seguissem o exemplo de Jesus, que andou a pedir pelo mundo; e aos ricos que se amoldassem pela Rainha Santa, que distribuia pelos desgraçados as riquezas do seu palacio.

— «*Amen.*»

E saiu do pulpito açodado, vermelho, anhelante, a enxugar com o lenço o suor copioso, que lhe corria da testa.

* * *

Nesse dia, jantou o sr. abade com a sr.ª viscondessa. Quando eu cheguei, tinham-se já levantado da mesa e estavam sentados no terraço, á sombra do toldo listrado.

Defronte da viscondessa, o abade, refastelado numa larga cadeira de vime, sorvia o café a pequeninos goles.

Cumprimentei o prégador pelo sermão, e a sr.ª viscondessa, levantando entusiasticamente a cabeça, confirmou do lado:

— Admiravel! Admiravel! Diga-me, sr. Alberto — continuou ela, batendo-me familiarmente no joelho — não acha que o abade recitou a poesia com mais mimo e mais sentimento do que a Emilia Adelaide em D. Maria?

— Ah! — exclamei eu, espantado do confronto — sem duvida!

O escudeiro entrou com uma bandeja de prata para receber as chicaras. Aproximou-se da sr.ª viscondessa e disse-lhe a meia voz:

— Está lá em baixo uma pobre, que pede uma esmola a v. ex.ª

— Que impertinencia! — exclamou ela, carregando o sobr'olho com gesto de enfado. — Pois dê-lhe lá uma esmola, Francisco.

O sr. abade, que ia para beber o ultimo gole de café, ouvindo aquilo, suspendeu a chicara no ar e acudiu do lado, com modo insinuante:

— Isso! Costume-os, sr.ª viscondessa — dizia êle, meneando pausadamente a cabeça — costume-os mal e verá que lhe não largam a porta!

FIM

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

N.º 4070—12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5

LISBOA — Sexta-feira, 5 de Maio de 1922

Telefone n. 2293—Endereço tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

OS CONFLITOS INUTEIS

Este caso lamentavel da Faculdade de Medicina tem dado que falar com certo ruido e chegou intensivamente a pôr em cheque a vida do Governo. Casos deste genero só se podem dar em Portugal onde a opinião publica desdenhando dos grandes problemas de interesse vital se compraz em questões de «lana caprina», de duração efemera e de resultados mais efemeros ainda. E o caso não teria passado dos limites duma simples menção incidental se nele tivesse havido a ponderação ligeira que o facto requeria e que o teria resolvido em dois momentos sem mesmo chegar ao dominio do grande publico.

O feitio truculento, a optica peculiar no instante que passa, fizeram avolumar um facto que não devia ter a mais ligeira importancia desde que nele se tivessem aplicado os bons principios do respeito pelos organismos constituidos e pela disciplina natural das coisas. Foi assim que de um «fait-divers» insignificante se passou repentinamente a um caso de importancia capital.

Os esforços que o Chefe constitucional do pais empregou e emprega para amparar o actual gabinete, a atitude homogenea que este proprio tomou para se manter no governo, a triste espectativa que se abria diante de nós no caso duma crise ministerial, nada disso foi suficiente para embargar projectos de obstrução e porventura outros projectos ainda mais nefastos de queda do governo. Assim com as pequenas causas se procuram grandes efeitos.

Efeitos nocivos incontestavelmente. Mas que poderiam ter-se evitado. Ha muito pouco tempo tratou-se nas repartições competentes do caso da transferencia de um continuo das Ilhas dos Açores para a Faculdade de Medicina. Para esse episodio caseiro e vulgarissimo, não faltou a consulta prévia a quem de direito, correram os papeis, pregaram-se interminaveis considerandos e a Faculdade de Medicina foi ouvida. Tratava-se de um simples continuo, logar obscuro que pretendia uma obscura transferencia. E para maior legalidade do assunto ouviu-se toda a gente.

Surge agora o caso Lopo de Carvalho cujos antecedentes podem dar motivo a reflexão. Tratava-se duma transferencia de superior amplitude e o processo correu celeremente e o que é facto é que a Faculdade não foi ouvida. Porquê? A resposta está no animo de toda a gente para que seja necessario estende-la mais uma vez em letra redonda.

Vê-se pois dum lado a falta inicial cometida pelos poderes publicos. Do outro uma intransigencia que apoiando-se num pedaço de fundamento, levantou atrictos de toda a especie. Ha culpas dos dois lados. Um espectador imparcial não tomará partido nem pelos troyanos nem pelos gregos, mas poderá pensar, e muito sensatamente, que afinal estas cousas cabem bem duma comedia de Shakespeare—«Muita bulha para cousa pouca»—e que não é realmente oportuno neste segundo gravissimo, estar a lustar contra bolas de sabão quando por toda a parte surgem os problemas e o paiz inteiro espera decisão, coração, energia e iniciativa para as cousas que valem a pena e para as cousas vitais da Nacionalidade.

Os estudantes brasileiros convidam os seus colegas portugueses a visitar o Brasil

Os estudantes brasileiros reunidos em sessão numa das salas da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro enviaram ao dr. João de Barros, e á Federação Academica de Lisboa, a seguinte mensagem:

João de Barros — Lisboa — Os Academicos brasileiros da Universidade do Rio de Janeiro, reunidos em assembleia no Gremio Juridico Candido de Oliveira, como prova de amisade convidam por vosso intermedio o pelo da Federação Academica de Lisboa os estudantes portugueses a vir ao Brasil no Centenario da Independencia.—Dr. Paulo de Magalhães, presidente da assembleia; Al y Domillecamps, Adelberto Sant'Ana, secreta...

A TRADIÇÃO

A Paz Dinastica no Tratado de Paris, segunda edição á Convenção de Evora-Monte

Legitimistas e integralistas, mais uma vez "comidos" pelos constitucionalistas!...

E-nos indiferente — já o dissemos e agora o repetimos — a fórma como os realistas das diversas facções liquidam os seus negocios dinasticos. Que nos pode importar a nós, republicanos, que pelo estrangeiro apregoem o seu pretendentismo num, dois ou mais principes? Evidentemente, nada! Fomos nós que os colocámos nessa situação, mandando o sr. D. Manuel para o exilio, onde já estava a familia do ex-rei D. Miguel I, homisiado por virtude da Convenção de Evora-Monte. Emquanto por lá andarem, pouco mal podem fazer á Nação. Os seus negocios são-nos, pois, indiferentes, excepto a parte anecdotica, que sempre pode servir para o comentario jornalistico. Aproveitemos as ultimas noticias para êsse efeito.

* * *

Anunciou-se pomposamente um acordo politico celebrado, por diligencias de zelosos intermediarios, entre os dois ramos desavindos dos Braganças. Chamou-se a êsse *A Paz Dinastica*. E os documentos do acordo, publicados na imprensa, são a mais completa e insofismavel demonstração do desprêso que aos realistas merecem os principios de que se dizem hereditariamente depositarios os seus representantes actuais dos dois ramos da casa de Bragança. Não ha nada mais facil de demonstrar.

Os legitimistas tiveram como soberano de facto e de direito o sr. D. Miguel I, destronado por D. Pedro IV, que arvorou, para tal conseguir, a bandeira maçonica do constitucionalismo. O rei exilado ficou depositario dos papiros da realeza inadaptavel ás ideias e principios da Revolução Francesa; e o rei-soldado transigiu com êles e doou á Nação uma Carta Constitucional, que prevaleceu até ser substituida pela Constituição Republicana, que por ninguem nos foi doada, mas na redacção da qual colaboraram os eleitos do povo português. De certa forma, a Republica é a consequencia de Evora-Monte, visto que a monarquia constitucionalista não foi, em Portugal como em toda a parte, senão a transição entre o principio inflexivel da vontade real e o outro, que se lhe opoz vitoriosamente, da vontade popular ou nacional. A tradição pertence aos legitimistas; o presente e o futuro aos republicanos; os monarquicos constitucionalistas figuram como um periodo historico de transição, bastante limitado no tempo, e mais nada.

Aconteceu que o ex-rei D. Manuel não tem descendencia. Ou antes: acontece que até hoje ainda a não teve. Entretanto, não quere dizer que não venha a ter um ou mais herdeiros do seu nome e dos seus pretensos direitos, os quais direitos nós, republicanos, não reconhecemos como existentes e que os legitimistas afirmam simplesmente usurpados. O sr. D. Manuel é, pois, um pretendente sem herdeiro. Pelo seu lado, o sr. D. Miguel I teve filhos e netos, que abdicaram, um porque contraiu uma *mésalliance*, e outro porque se encontrou envolvido num processo escandaloso, em Londres. Restava, portanto, o sr. D. Nuno Duarte, detentor da bandeira tradicional da realeza lusitana.

De que se lembraram, dadas estas circunstancias, os negociadores da tal Paz Dinastica? Fizeram uma combinação nestes termos: os legitimistas dão o herdeiro e nós damos o rei; quanto aos principios, não falemos mais nisso...

Não ha nada mais simples. Inundou-se o paiz de sangue com a guerra fratricida entre D. Pedro e D. Miguel; morreram, em holocausto ás ambições dinasticas, muitas dezenas de milhar de cidadãos; as forcas do conde de Basto e os bacamartes dos salteadores da Beira não tiveram descanso durante muitos anos; as familias mais ilustres de Portugal expiraram no exilio o crime da sua fidelidade ao rei vencido; a paz varsoviana consolidou no trôno Dona Maria I, a louca... E, no fim de alguns anos, dois, quatro ou poucos mais cavalheiros resolvem rasgar essas dolorosas páginas da Historia de Portugal e celebram, com magno gaudio, a Paz Dinastica, parodia infantil, visto do avesso, á Convenção de Evora-Monte. Como as coisas mais complicadas se tornam simples... quando ha boa vontade!

Os legitimistas acatam, afinal, a Carta Constitucional, base do sistema representativo; renunciam ao direito divino do seu soberano absoluto; passam uma esponja sobre os latrocinios de que foram vitimas por parte dos liberais; dão plena absolvição aos portugueses que sustentaram e sustentam o herdeiro do usurpador D. Pedro IV. E tudo isto, para quê? Para presentiar com um herdeiro provisorio o sr. D. Manuel II, que é natural vir a ter descendencia, como a historia reza ter acontecido com outros imperantes. Napoleão I julgava-se incapaz de ter filhos e, afinal, a culpa não era dêle, como o provou a imperatriz Maria Luisa. O tal acordo dinastico é, por isso, muito semelhante ao negocio que entre si fizeram dois saloios:

—Tu, dizia um, dás o dinheiro para os cigarros e eu, depois, fumo-os...

—E eu, que faço?...

—Tu cospes!...

Os constitucionalistas fumam o cigarro que os integralistas ajudaram a comprar. Quanto aos legitimistas... cospem e estão com sorte!...

O tratamento da tuberculose

Realisa-se com exito, com o emprego da «Fibrocalcina», associada a «Zomobiose» extracto de carne glicerinados e ás gotas de gaiacol compostos.—Pedidos a Raul Vieira L.da —R. da Prata, 55, 1.º

Na Escola Militar

O Problema da Fortificação

A conferencia que o professor da Escola Militar, tenente coronel de engenharia sr. Silveira e Castro devia realizar no Salão Nobre desta Escola no proximo sabado, conforme foi noticiado, ficou transferida para segunda feira seguinte, dia 8, ás 17 horas, em virtude de motivos de ordem especial que a isso obrigaram.

A conferencia versará «O problema da fortificação» que pelo assunto palpitante e pela autoridade especial do conferente está despertando um vivo interesse nos nossos meios navais e militares.

Esta conferencia continua a serie brilhantemente iniciada pelo sr. Charles Millet, distinto adido militar francez no nosso paiz e que o Conselho de Instrução da Escola Militar deliberou levar a efeito, como subsidio magnifico para a instrução dos alunos, mas que, pela sua elevação e oportunidade dos assuntos ventilados tem chamado a atenção dos mais ilustres oficiais da nossa Armada e do nosso Exercito, bem como muitos civis parlamentares, aos quais não pode ser indiferente o problema do aperfeiçoamento das nossas instituições militares. A assistencia, que foi numerosa ás conferencias do nobre oficial francez, não será por certo menor na conferencia do sr. tenente coronel Silveira e Castro, oficial proficientissimo e um dos mais distintos professores do nosso primeiro estabelecimento de instrução militar.

As excéções da lei

Apontam-se mais casos curiosos á atenção do sr. ministro da Guerra

Continuamos colecionando alguns casos pitorescos que mais de perto dizem respeito ás leis 1040 e 1244. Temos apenas o embaraço da escolha e a falta de espaço com que luctamos não nos permite dar a este sudario o desenvolvimento que ele merece. Algumas duzias de casos apontamos já e temos ainda material para mais do dobro. Mas devagar chegaremos a dar logar a todos. E como a lista é extensa, provavelmente só pararemos no dia, felizmente proximo em que fôr definitivamente lançada no cesto dos papeis velhos a lei 1244... e a outra.

João Ferreira Machado, capitão do Secretariado Militar. Este oficial encontrava-se em Vila Real quando se proclamou a monarquia no norte. Fez durante esse tempo serviço no Quartel General da divisão a contento das autoridades monarquicas, pelo seu zelo e dedicação ao novo regimen... Nada sofreu, encontrando-se hoje na reserva, «a seu pedido», gosando a tranquilidade e o socego a que lhe deu direito o seu zelo e dedicação... Deus o conserve por muitos anos e bons!

Anibal Augusto Ferreira Vaz, alferes de infantaria 13 ao tempo da monarquia. Continuou no seu regimento, sendo um dos primeiros a acatar as novas instituições... Cumpriu com dedicação os seus deveres profissionais, enaltecendo as vantagens do novo sol que despontava... Tambem não foi incomodado, felizmente, e hoje é tenente, continuando arregimentado no mesmo regimento em que o sol é outro... o que para o caso pouco importa...

Francisco Xavier Calejo, alferes miliciano de infantaria. Estava arregimentado tambem este oficial em infantaria 13, fazendo a declaração por escrito de acatamento á monarquia. E' dos nossos porque as leis 1040 e 1244 não o atingiram como aos seus camaradas milicianos que, por ela, foram todos demitidos com enorme gaudio dos varios barretos...

José Maria Rodrigues, capitão reformado. Egualmente este oficial fazia serviço em infantaria 13, e como todos os seus camaradas, aderiu á monarquia, verbalmente, por escrito e por actos que o tornavam merecedor de bem servir a Republica, a monarquia ou o que viesse... Continuou no mesmo regimento depois de reimplantada a Republica e é dos nossos... nada sofrendo...

Afonso Pinto da Costa, capitão do Secretariado Militar. Foi um dos melhores auxiliares durante a monarquia, no Quartel General da 6.ª Divisão do Exercito... Deu ordens de saidas de colunas para combater as forças republicanas, sendo meticuloso no municiamento das forças para que lhes não faltassem munições... Teve bons padrinhos, e por isso as monstruosas leis só atingiram os outros... E' tambem dos nossos...

A conferencia de Genova

Palavras... palavras

PARIS, 4.—O conselho de gabinete resolveu por unanimidade aceitar a conclusão, por parte da França, do pacto da não agressão de Genova, com a condição que a Russia adira ao mesmo pacto e se comprometa assim a não atacar os seus visinhos, considerando definitivos durante 10 anos o regimen territorial que criou o tratado de Versailles, no qual ela não tomou parte. O pacto não deve brigar com as sanções que para os aliados resultam do tratado de Versailles. No caso em que a Alemanha falte ás suas obrigações, deve tambem respeitar os compromissos internacionais, o pacto afastando do trono dos Habsburgos e dos Hohenzollern os acordos defensivos e especialmente os acordos franco-belga e franco-polaco ou os que ligam a «Petite Entente»; não deverá, finalmente, impor medidas de desarmamento alem das previstas pelo artigo 8 do pacto da Sociedade das nações.—(H).

Apesar do desmentido

PARIS, 4.—Os meios oficiais desmentem categoricamente a noticia, vinda de Genova, de origem inglesa, relativamente á mobilisação das classes de 1.918 e 1.919, na previsão de operações a efectuar no Ruhr, no caso em que a Alemanha não cumprisse as suas obrigações no dia 31.—(H).

Para cá e para lá...

PARIS, 5.—O sr. Barthou partiu para Genova.

Como o Brasil

organisou os seus serviços de meteorologia em auxilio dos aviadores

A ilha de Fernando Noronha transmitiu pelo Sudam e Westêro, aos aviadores desde a sua chegada a S. Vicente, diariamente, observações meteorologicas especiais, colhidas ás 4 horas da manhã, 12 e 4 horas da tarde, na estação climatologica daquela Ilha.

A cidade do Recife faz serviço identico para os aviadores em Fernando Noronha, por intermedio da Sudan.

Com o auxilio da Western, a Baía comunica as suas observações especiais da meia noite, 4 horas da manhã, 12 e 4 horas da tarde, e o Instituto Central envia aos aviadores o tempo reinante no Rio, de quatro em quatro horas, assim como previsões e indicações gerais para todo o trajecto entre Rio e Recife, baseadas em informações frequentes do Recife, Aracaju, Baía, Ilheos, Vitoria, Cabo Frio.

As estações radiotelegraficas de Olinda, Amaralina, S. Tomé e ilha do Governador emitem os seus avisos usuais de quatro em quatro horas.

NA PENUMBRA DA GRANDE GUERRA

O SUPLICIO DUMA ALMA

UMA PLAQUETTE PRIMOROSA DE MARIO DE CAMPOS

O novo trabalho do distincto professor, destinado especialmente á Exposição Internacional do Rio de Janeiro, tem despertado o mais vivo interesse, por se tratar duma grande alma, portuguêsa pelo sangue.

Do ilustre oficial damos hoje alguns traços do seu perfil: escritor militar cuja obra a critica tem recebido com louvor. Dela se póde bem dizer que é toda feita com amor, cuidado e estudo.

Nos seus trabalhos históricos emprega traços rapidos, distinguindo-se por uma forma literaria elegante.

Uma das suas mais antigas publicações é o «Desenho panoramico militar», adoptado nas Escolas Militares do Rio de Janeiro e Buenos-Aires.

Entre as mais recentes figuram o «Bosquejo da Grande Guerra» e «Na Quadrela Flamenga», paginas simples, ardentes de patriotismo e de segura erudição.

Na Escola de Guerra, ha muito que conquistou pelas afirmações do seu belo espirito e pela elevação do seu caracter, a estima dos seus colegas e dos seus discipulos.

Uma rainha artista de cinema

A rainha da Romania firmou um contracto com uma das principais companhias cinematograficas da America do Norte para desempenhar o papel de protagonista num film fantastico. Entre os papeis que fundamentam o contrato figura uma carta de sua Magestade escrita do palacio real de Bucarest.

Entre as condições figura a do manuscrito e plano do «film» devem ser aceites pela rainha. Deve, alem disso a ação passar-se em Bucarest ou outras cidades do Romania. Receberá a testa coroada a importancia de dollars 75.000 e mais 60 % sobre o producto liquido do «film». Ficou á disposição da Companhia Cinematografica o palacio real de Bucarest e os seus jardins para efeitos scenicos.

A rainha Maria da Romania deve ir aos Estados Unidos logo depois da cerimonia da sua coroação como rainha da Transilvania, completar as scenas desta aparatosa pelicula que se chamará: «Para o meu povo».

E' necessario acrescentar que o producto liquido da fita e os vencimentos que perceberá sua Magestade, destinaa-se a engrossar a subscrição de dez milhões de dollars para os romaicos vitimas da guerra.

A rainha Maria é uma princesa inglesa, filha do duque de Erdiburgo e prima do actual rei de Inglaterra.

Jornalistas portugueses

Na comemoração da conquista nas Canarias

MADRID, 4.—Comunicam de Santa Cruz de Tenerife que decorrem ali com grande brilhantismo os festejos comemorativos da conquista de Tenerife. Deu o seu primeiro concerto o orfeon madeirense de agremiação portuguesa Passos Freitas, o qual foi muito ovacionado. Entre os excursionistas encontram-se os jornalistas portugueses redactores do «Diario de Noticias», «Correio da Madeira» e «Diario da Madeira» que teem tido uma cordial recepção por parte dos seus colegas de Tenerife.—(R.)

Em Malaga

Nunca mais tem fim a serie de incendios

MALAGA, 4.—Continua a serie de incendios nesta cidade. Ao da Alfandega e do bairro do Perchel ha a acrescentar mais dois; um numa fabrica de rebuçados, que entretanto foi prontamente extinto, outro num sapateiro que revestiu mais importancia pelas proporções que atingiu o alarme que causou na cidade. Neste ultimo fico ferido um guarda civico.—(R)

Quem é Vianna da Motta?

O que pensa a imprensa brasileira

Da «Patria», do Rio de Janeiro, transcrevemos:

Vianna da Motta, o grande pianista portuguez que ainda este mes teremos a ventura de ouvir no Lyrico nasceu em 1868, na ilha de S. Tomé, na Africa Ocidental portugueza.

Fez a sua educação artistica na Allemanha, para onde partiu quando completou 13 anos. Antes de deixar o solo da patria realisou um concerto no salão da Trindade, de Lisboa, que constituiu um verdadeiro triunfo. Fizeram-se por essa ocasião as mais lisonjeiras referencias ao menino prodigioso.

Em Berlim compoz varias peças para instrumentos de corda, uma sonata para piano, uma «Ave Maria», para dois sopranos e dois contraltos, com acompanhamento de orquestra, intitulada «D. Inez de Castro».

Em 1885 foi recebido como discipulo de Franz Liszt. Só dois musicos portugueses tiveram essa honra: ele e Artur Napoleão.

A respeito do grande mestre hungaro escreveu Vianna da Motta: «Eu conheci Liszt em 1885. Tinha eu então 17 anos e havia estudado tres anos com Xavier Scharwenka, em Berlim. Tocava muitos dos transcripções de Liszt mas a não ser conhecendo-o bem, é claro, as obras originais. Não era contudo só para estudar os seus obras que eu desejava conhecer o grande mestre... Por um lado Liszt, tendo já 74 anos, achava-se, com efeito, no fim da vida; era por outro lado, o maior pianista e, especialmente, o maior interprete de Bethoven que jámais existiu.

Eu desejava pois, submeter-me por todas essas razões á influencia desse vulto extraordinario, certo que receberia dele (como mais tarde recebi de Bulow) impressões fecundas que guiaram toda a minha vida. Não foi dificil a apresentação. Liszt era o mais acessivel grande homem que se pode imaginar em excesso até, o que a sua amabilidade e bondade o levavam muitas vezes a tolerar, em sua casa, pessoas que nem eram dignas de tomar o tempo, nem deviam impedir outras mais tolerantes de se fazerem ouvir».

Em Weimar estudou composição com Hertung; estudou depois piano e orquestra com Schaffer e estilo com Hans von Bullow.

Foi companheiro de Pablo Sarasate, o eximio violinista, numa «tournée» por diversas cidades alemãs e dinamarquezas.

Veio ao Brazil pela primeira vez em 1806 com Moreira de Sá, despertando aqui, como em toda a parte, agrado geral.

Durante a guerra foi chamado ao Conservatorio de Genebra para professor de virtuosidade.

Em Lisboa dirigiu, nos anos de 1918 e 1919, os concertos sinfonicos do teatro Politeama.

Recentemente foi condecorado com a Legião de Honra.

E' o actual director do Conservatorio de Lisboa.

As iniciativas sem fundos

Toda a gente sabe que a Camara Municipal poisou ha tempos no Rocio. O que ela lá fez, ou por outra, o que ela lá não fez, não vem agora a talho de fouce. Coisas lamentaveis em que é conveniente não bulir. Mas dá-se o facto assustador da mesma Camara ter agora poisada no Terreiro do Paço. Está lá, neste momento erguendo uma pansinhos bastante magros e que pelo seu caracter provisorio tem toda as probabilidades de se tornarem definitivos. E a cousa realmente não merece reparo desde que a população de Lisboa se desinteressou absolutamente dos manejos sinistros da ilustre vereação.

Mas o que se torna curioso é que estas obras do Terreiro do Paço foram começadas no sentido de se organisar um festival publico por ocasião da chegada dos aviadores ao Rio de Janeiro. A coisa lá foi indo até ao presente, data em que a Camara parou porque já não tem verba para mais? Não terá a insolita vereação os de-soito vintens necessarios para retirar os pausinhos que tão apressadamente lá mandou pôr? E como vai a douta vereação pagar as tricanas que encomendou em Coimbra para animar a Camaral função? E quando deixará a celebre companhia de ridiculorisar ainda mais esta já de si ridicula cidade?

A cidade de Leiria

inaugura o monumento ao malogrado aviador Castilho Nobre

Realizou-se em Leiria a inauguração do monumento que uma comissão de Regueira de Pontes mandou erigir no proprio local onde, em 19 de Abril de 1921, se deu o desastre que vitimou o malogrado aviador Castilho Nobre. Fômos assistir a êsse acto, que revestiu grande solenidade, no qual assistiram milhares de pessoas. Pelas 15 horas, assumiu a presidencia o governador civil sr. Adolfo de Figueiredo, convidando a presidir a sessão o comandante da divisão, visto tratar-se de uma solenidade militar. Tendo tomado êste a presidencia, convidou para o secretariar o mesmo governador civil e o presidente da comissão que levou a efeito a construção do monumento, sr. Joaquim Martins Pereira, após o que expoz os motivos desta solenidade e agradeceu ao povo de Regueira de Pontes a sua iniciativa.

Usando em seguida da palavra o comandante do campo de aviação, sr. Freitas Soares, teceu o elogio de Castilho Nobre, que foi vitimado no cumprimento do dever. Os capitães de infantaria 7 srs. José Pereira Pascoal e Jaime Tomás da Fonseca, fizeram também bem dois discursos.

Falou o presidente da Academia de Leiria, agradando o seu discurso, após o que foi descerrada a lapide do monumento, apresentando armas as forças de infantaria e artilharia que ali tinham ido para prestar as honras militares, tocando nessa ocasião a banda de infantaria 7 o hino nacional e sendo o acto saudado com uma salva de 21 morteiros. O cumprir que ficou contiguo ao local onde se deu o desastre a que acima se faz referencia e que em 1921 foi aproveitado para campo de aterrisagem, é vastissimo e, segundo a opinião dos entendidos, magnifico para esse fim.

Como dissemos, o acto que vimos descrevendo chamou ao campo de aviação milhares de pessoas, sendo inumeros os automoveis e carros que de Leiria conduziram pessoas a Regueira de Pontes, muitas das quais seguiram no comboio n.º 201, regressando a Leiria no n.º 206. A Associação Operaria, Academia, Escola Industrial, Associação dos Caixeiros e os bombeiros voluntarios faziam-se acompanhar dos respectivos estandartes.

Dr. Gomes Teixeira

Está fixado já o dia 20 do corrente para a cerimonia do doutoramento do ilustre matematico e professor sr. dr. Gomes Teixeira, na Universidade Central, de Madrid. Vão assistir á cerimonia, que deve ser imponente, muitos professores das Universidades portuguezas, que foram convidadas pela sua congenere de Madrid para se fazerem representar.

A Faculdade de Sciencias do Porto, a cujo corpo docente pertence o eminente matematico, resolveu em sessão de lhe conceder... no seu... solho escolar, congratular-se com a homenagem tributada ao sr. dr. Gomes Teixeira e fazer-se representar por muitos dos seus professores na cerimonia do doutoramento.

Reuniu a comissão executiva da Associação para o Progresso das Sciencias, que aprovou um voto de congratulação pela alta homenagem prestada ao seu ilustre presidente, o sr. dr. Gomes Teixeira, e deliberando fazer-se representar na cerimonia de Madrid por uma numerosa deputação.

Theatros e Cinemas

ILDA STICHINI

Ingenua dramatica

Conversa com "A Capital"

Ha mulheres bonitas, daquela beleza plastica das caixas de fosforos, e ha mulheres simplesmente interessantes; mulheres que imprimem a correção duma feição com a correção duma atitude, mulheres companheiras que a gente não vê como mulheres, que a gente encara como camaradas.

São as mulheres-simpatia, as mulheres-«shake-hands», as mulheres tu a tu, cómodas, com todas as qualidades de mulheres e sem nenhum dos defeitos dos homens—as unicas com quem se pode manter, pela vida fóra, relações vagas ou intimas, sem perigo duma zanga violenta, dum disparate de nervos, dum excesso de ternura.

Para quem escreve estas linhas, que vão surpreender Ilda Stichini no seu camarim do Nacional, logo á noite, num intervalo sonolento do «Centenario», a admiravel ingenua dramatica é uma das boas amigas, tão raras nos romances e tanto mais raras na vida.

Quis conversar ontem com ela e apanhei-a ainda, toda taful de cambraias brancas pronta para o ultimo acto da adoravel peça dos Quinteros que ilumina ainda agora os velhos scenarios do Nacional como uma lufada de bom vento de Espanha ou um raio do bom sol doirado da Andaluzia.

Conversámos. Aquela boa alma sentimental e romantica, aquela voz leiro suave e risonha, aqueles olhos que sabem rir como nenhuns, aquela portuguesinha miuda e morena, contém, intimamente, o encanto de sentir e de fazer viver a doce figura do velho João da Camara. E' que aquele casto lirismo, ingénuo e subtil que tocava, como um ritmo de aristocracia, todas as figuras plebeias do creador dos «Velhos», se casa, plenamente, numa comunidade de sentimento e numa ternura de alma, com aquele coração bom e generoso, amigo e sofredor que pulsa sob o colete justo da «Assumpção» da «Triste Viuvinha».

* * *

Depois da tradição saudosa de Rosa Damasceno e dessa suave figura que desapareceu da scena e que foi Leonor Faria, Ilda Stichini representa a mais segura e indiscutivel afirmação moderna no genero dificilimo das ingenuas dramaticas, onde excepcionais recursos são exigidos para poder animar e colorir apagadas figuras de meias-tintas, que vivem duma tenue gama de exteriorisações dramaticas, que se desenham muitas vezes na reticencia indecisa duma lagrima e em que toda a orbita de sentimento cabe dentro da curva dum sorriso ou na ternura serena dum olhar.

Eminente hoje como ingenua dramatica, possuidora duma voz clara mente timbrada, quente, bem colocada Stichini, deu-nos ha pouco—e por que não dizel-o—improvisadamente uma extraordinaria prova das suas altas faculdades de adaptação histriónica. O papel que lhe coube na «Casa cercada», fóra de todo o seu genero, com as responsabilidades e as comparações de ver creado simultaneamente no Porto por Palmira Bastos e de trazer de Paris a etiqueta dum grande nome, deixou-a ela, modesta rapariga ainda acanhada e timida, brilhantemente vitoriosa—vencedora incontestavel de mil dificuldades graves.

* * *

Mas, Ilda Stichini, na intimidade da sua «loge» do Nacional—o seu comfortavel triunfal de ante-camara, cheio de «toilettes»—sorria, com os olhos, com a boca, com as mãos—que Ilda Stichini sorri com todo o corpo—e fica-se a olhar estas mulheres que não irrigam, possuindo um pai mito de cara e um sorriso, dominam uma plateia de tantos homens maiores suspendem dos seus labios a pulsação de tantos corações endurecidos enternecem duma lagrima generosa tantos olhares cinicos e violentos...

* * *

Nota do dia

O portuguesinho amador de teatro, na espectativa sempre de qualquer novidade, teve ontem uma alegria e quasi seguidamente uma decepção. E' que o alfacinha da gema, se, algumas vezes, não simpatiza extraordinariamente com os nossos visinhos de Espanha, teve sempre uma particular predilecção pelas mulheres espanholas e não esquece facilmente os sucessos de algumas das suas artistas trazidas até nós em tempos idos por intervenção do falecido empresario Visconde S. Luiz de Braga. Assim ao ler a noticia de que, muito brevemente, teriamos, no Eden uma companhia espanhola, rejubilou, soltou dois formidaveis «olés», comprou um bilhete para a proxima corrida de touros, dando-se ares de aficionado só por economia, não adquiriu também o classico chapeu á Mazzantini. Mas... apoz a leitura da noticia, ao ver o reportorio da companhia, ignorando que o teatro espanhol na sua evolução, aboliu já, quasi por completo, o «genero chico», creando em sua substituição o teatro regional de comedia, estriou um pouco, traduzindo o seu descontentamento já não em exclamações na lingua do paiz visinho mas em portuguez portuguezissimo e ficou triste.

Ele que esperava voltar a ver a «Verbena», o «Trebol», o «Pobre Valbuena» e tantas outras zarzuelas, teve em sua substituição a «Eva», «Conde de Luxemburgo» e uma grande maioria das operetas que já viu entre nós, com tres e quatro desempenhos diferentes. Sofreu uma verdadeira desilusão, mas como é da muito está provado que vale mais um cabelo de mulher que uma junta de bois, não me admira que a companhia Ballester alcance entre nós sucesso, conhecedor um pouco do nosso feitio sentimental e amoroso ao excesso e que se traduz no comentario de alguem que, ontem me dizia: «Sempre espero que fosse uma companhia de zarzuela mas, ainda assim, se trouxer mulheres interessantes...» E como o meu interlocutor, ha centenas de espectadores que só apreciam o teatro sob este aspecto.

ALVARO LIMA

Noticiario

Entre nós

Inaugura-se a 1 de junho, no Avenida Parque, o novo teatro *Maria Victoria*, que é o maior de quantos se tem armado em feiras, e com a lotação para 1.000 pessoas. A peça de abertura é uma revista da autoria de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos, que, desta vez, se fazem tambem acompanhar de Henrique Roldão.

◆ Esta noite realisa no teatro de S. Luiz, a sua recita anual o estimado fiscal dos porteiros deste teatro Antonio Coelho de Abreu, com a ultima representação do lindissimo operete «A Duqueza do Bal Tabarin» um dos grandes exitos da companhia Armando de Vasconcelos.

◆ E' definitivamente amanhã que a companhia Robles Monteiro—Rey Colaço, faz a sua apresentação no Politeama, com a primeira, entre nós, da peça de Pierre Wolff «Azas quebradas».

◆ Tambem estão marcadas para amanhã, as primeiras representações da revista «Piparote» no Salão Foz.

Agenda da semana

AMANHA — Politeama — primeira representação da peça de Pierre Wolff «Azas quebradas» para apresentação da companhia Rey Colaço-Robles Monteiro.

— Primeira representação no Salão Foz da revista «Piparote».

Cartaz do dia

Teatro de declamação

NACIONAL—A's 9—«O Centenario».

Teatro musicado

S. LUIZ—A's 9 — «Duqueza do Bal Tabarin».

APOLO—A's 9,15—«Belo Sexo».

AVENIDA—A's 9,15—«A Perola Negra».

Circos

COLISEU DOS RECREIOS — A's 9 — IX Campeonato Internacional de Luta e Variedades.

Animatografos

OLIMPIA—Rua dos Condes

CINEMA CONDES—Avenida da Liberdade

SALAO CENTRAL—Praça dos Restauradores

O "raid" Lisboa-Brazil

O bôdo aos pobres

A grande subscrição popular está já em 13:500 escudos

Ao gabinete do sr. Governador Civil de Lisboa continuam chegando dia a dia importantes quantias para o grande bôdo que o chefe do districto vae distribuir brevemente a 10.000 pobres da capital em sinal de regosijo pelo heroico feito dos bravos aviadores portuguezes Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

Durante o dia de hoje foram recebidos pelo major sr. Viriato Lobo mais as seguintes importancias:

Andersen & Henrique, 10$00; Manuel Joaquim Costa & F.º, 5.$00; Jeronimo Martins & F.º, 50$00; Olinda de Oliveira & C.ª, 50$00; Valerio Lopes & C.ª L'd., 50$00; A. Piano Juni r & C.ª, 100$00; Celestino Balsemão 10$00; Nunes de Carvalho & C.ª, 50$00; Antonio Ferreira Gomes Ltd., 100$00; José pinheiro de Melo; 0$00; Nunes Ferreira Lda. 50$00; Lista 78 a cargo de José Afonso Viana 74$10; listas 48 e 50 a cargo do alferes sr. José Carlos 68$50; Chester Merril Ramos & C.ª 20 escudos.

A's 18 horas de hoje a subscrição estava em 13 350$60, devendo amanhã registar-se a receita da festa realisada ontem no palacio Royal que foi imponentissima.

A Companhia dos Tabacos comunicou ao Governador Civil que contribuia com a quantia de 500 escudos para o grande bodo, tendo a direcção da companhia de seguros Comercio e Industria resolvido contribuir com 100 escudos.

Amanhã ás 15 horas deve realisar-se no gabinete do sr. Governador Civil uma reunião de empresas teatrais a fim de se acordar na realisação do espectaculo de caridade a favor do bodo.

Esté será distribuido numa praça publica, talvez a de Camões por ser a mais central e a que melhores condições apresenta para o brilhantismo da festa.

No Regaleira Club realisa-se amanhã uma imponente «soirée» cujo produto será entregue ao chefe do distrito e á qual prestam o seu concurso os ilustres artistas Angela Pinto, Alda Rodrigues, Faria Coelho, Rafael Marques, Nascimento Fernandes, Henrique de Albuquerque, D. Francisco de Sousa Coutinho, Sales Ribeiro, Augusto Machado, Casimiro Trindade, Reinaldo Duarte, José Novais, Alfredo de Sousa, Trindade Pereira e Francisco Judicibus.

O programa deverás interessante compõe-se de canções, monologos, fados, recitações de poesias etc.

Depois de amanhã durante a tourada no Campo Pequeno os Bombeiros Voluntarios Lisbonenses dirigidos pelo seu comandante sr. G. Maia farão uma «quête» a favor do grande bôdo.

Segundo nos informaram hoje, no Ministerio da Marinha não se comunicação ainda de que o cruzador «Republica» tivesse chegado já aos rochedos S. Pedro e S. Paulo.

A comissão angariadora de donativos para a compra das insignias de Torre e Espada comunica-nos ter recebido ontem mais os seguintes donativos: Da Companhia dos Tabacos de Portugal 500$00; dos oficiais do Deposito de Adidos da Guarnição de Lisboa 40$50; o que eleva a subscrição á totalidade de 3.617$80.

A comissão pede-nos tambem para solicitar das Empresas e estabelecimentos comerciais para onde foram enviadas listas de subscrição a devolução das mesmas á medida que forem preenchidas.

O vice-almirante sr. Almeida d'Eça e o segundo tenente piloto aviador, sr. Azevedo e Silva foram incumbidos pelo sr. ministro da Marinha de elaborar uma memoria de propaganda do paiz e no estrangeiro, da viagem aerea Lisboa-Rio de Janeiro.

Pereira Cardoso

Vindo do norte encontra-se em Lisboa o jornalista Pereira Cardoso vindo expressamente a esta cidade para fazer a reportagem telegrafica do «raid», Lisboa-Rio, para o nosso colega fluminense "Jornal do Brasil".

Pelo Telegrafo

Pequenas informações

VARSOVIA, 4.—O celebre chefe dos insurgentes da Ukrania Makhno que tinha passado a fronteira com 16 companheiros foi preso perto de Lvow pelas autoridades polacas e internado no campo de Stjolow.—(R).

NEW-YORK, 4.—Em Atlantic City uma india de 42 anos tem 24 filhos tendo tido gemeos por seis vezes.—(R).

CAIRO, 4.—Quando o aviador O' Gormon se preparava para aterrar no campo de aviação de Heliopolis o avião foi de encontro a um mastro de telegrafia sem fios esmigalhando-se no solo. O aviador teve morte instantanea.—(R).

LONDRES, 4.—Morreu em Italia onde se encontrava ha tempos a celebre romancista inglesa Mrs. Agnes Egerton Castle.—(R).

REVAL, 4.—Os jornais de Moscou dizem que o comissario do povo da instrução publica Litkens foi assassinado na Crimeia pelos bandidos.—(R).

Seixas Pereira

Veio a esta redação apresentar-nos as suas despedidas o actor Seixas Pereira que a bordo de «Traz-os-Montes» parte para o Brazil com uma companhia portuguesa. Agradecemos a atenção.

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações
Londres, cheque. . . .	4 3,8— 4 1/4
» 90 dias. . . .	4 1/2 — —
Paris, cheque	1120— 1163
Suissa, cheque. . . .	2389— 2459
Belgica, cheque	1032— 1063
Italia, cheque. . . .	657— 677
Berlim, cheque. . . .	41— 45
Holanda, cheque. . . .	4745— 4884
Madrid, cheque	1918— 1974
New-York, cheque. . .	12356— 12719
Brazil, cheque. . . .	60— 55
Austria, cheque. . . .	1— 3
Noruega, cheque. . . .	2289— 2356
Suecia, cheque	3199— 3293
Dinamarca, cheque. . .	2624— 2701

Libras	60$00 — 62$50

A guerra civil na Irlanda

Estabelece-se uma tregua

LONDRDES, 5.—Estabeleceu-se uma tregua entre os exercitos rivais do sul da Irlanda depois de encontro de trez oficiais generais do Estado livre e de trez oficiais vindos do Quartel General. A tregua começou ás 16 horas de hontem e acaba ás 16 de segunda-feira e tem por fim permitir ás duas facções a repressão dos actos de violencia contra pessoas e propriedades.

O sr. Michael Collins tem feitos varios discursos e apelos para que se estabeleça uma paz definitiva, e o sr. De Valera disse tambem recentemente que acreditava que se podia inaugurar a paz e estabelecer um governo na Irlanda que honrasse o paiz.—(R)

A Russia bolchevista

Fixa os seus efectivos militares

COPENHAGNE, 4.—O correspondente em Riga do «Gothenborg Handel-Stidnead» desta cidade informa que o governo dos soviets publicou um decreto fixando em dois milhões e meio de homens o efectivo do exercito em tempo de paz e em cinco milhões de homens e dois milhões de mulheres voluntarias os efectivos em tempo de guerra.—(R.)

Criminoso á força

O falsso assassino do dr. Pedro de Matos foi restituido á liberdade

Disse-nos ontem que o trabalhador da Camara Municipal de Lisboa, Anibal Rodrigues de Carvalho se apresentára á prisão declarando chamar-se Alexandre Belo e ser o principal autor da morte do dr. Pedro de Matos. Tambem noticiámos que após as diligencias a que o chefe Martinheira procedeu, se apurou tratar-se de um bebado ou de um desiquilibrado porquanto apurado ficou que o Rodrigues de Carvalho nada teve com o atentado. Pois apesar de tão detalhados pormenores fornecidos pela policia, alguns jornais da manhã de hoje insistem em que se trata do assassino chegando um deles a insinuar que o agente José Augusto de 1.ª secção conseguira arrancar a «confissão» ao criminoso!

O preso foi hoje restituido á liberdade pois apurado ficou tratar-se de um desiquilibrado, conforme já ontem afirmámos e que com os seus ditos mais não tem feito que trazer a familia em constantes sobresaltos.

Está é que é a verdadeira noticia, embora os nossos colegas que se disem bem informados (?) digam o contrario.

ULTIMA HORA

PARLAMENTO

A sessão abre á hora habitual, sob a presidencia do sr. Domingos Pereira.

Está presente o sr. presidente do Ministerio.

Nas galerias ha, como ontem, muitos estudantes, atraidos, naturalmente, pela continuação do debate ácerca do caso Lopo de Carvalho, que está na ordem do dia.

ANTES DA ORDEM

Fala o sr. Duarte Silva, da minoria monarquica. Manda para a mesa um projecto modificando a lei de indemnizações aos individuos e corporações prejudicados pelas revoltas monarquicas.

O sr. Antonio Maria requere que os orçamentos entrem em discussão na proxima sessão. Após longo debate, no qual tomou parte metade da Camara, nada se resolveu, passando-se á

ORDEM DO DIA

que é a

CONTINUAÇÃO DO DEBATE ACERCA DO CASO LOPO DE CARVALHO

O sr. Rocha Saraiva, que principia por declarar que falará, não como professor, mas sim como representante da Nação. O seu discurso é de oposição ao sr. ministro da Instrução. Cita a frase proferida ontem pelo titular daquela pasta, onde ficou expresso que, se êle, ministro, tivera sido informado, hesitaria em fazer o que fez.

Interrupção do sr. ministro da Instrução, rectificando a frase citada. Não a ouvimos e, por isso, não a podemos reproduzir.

Deixemos, por instantes, que o orador desenvolva os seus argumentos. O leitor encontrará, mais abaixo, o sentido geral da oração.

A proposito da discussão urgente dos orçamentos, travou-se um breve duelo oratorio entre o sr. presidente do Ministerio e o *leader* liberal sr. Barros Queiroz. O chefe do Governo acusou a Camara de ser pouco assidua aos trabalhos; as minorias republicanas gritaram que a responsabilidade era da maioria democratica; e o sr. Barros Queiroz, secundando tais afirmações, falou com energia desusada. Este incidente era geralmente interpretado como sinal de arrefecimento entre liberais e governamentais. Será tambem indicio de modificação ministerial a breve prazo?

O sr. José Domingues dos Santos apareceu florido, muito sorridente. Na lapela, do lado esquerdo, que é o do coração, o irrequieto parlamentar ostentava uma bela rosa encarnada. Outro indicio de crise ministerial proxima!

O sr. Rocha Saraiva diz isto: o acto ministerial da transferencia do professor Lopo de Carvalho foi, talvez; legal, mas foi inoportuno e inconveniente. Nesse caso, anule-se a transferencia e feche-se o incidente. E' o que o sr. ministro da Instrução tem a fazer. (Muitos e calorosos aplausos [illegible] calorosos apoiados).

Devia ser consultada a Faculdade de Medicina ácerca da vantagem para o ensino da transferencia do professor Lopo de Carvalho. Não se fez assim. E havia, por acaso, individuo mais digna de ser consultada do que a Faculdade de Medicina?

Fez-se tudo precipitadamente no requerimento do sr. Lopo de Carvalho: o despacho, o visto do Conselho Superior de Finanças, a publicação no «Diario do Governo». Para que se fez tudo ás ocultas da Faculdade de Medicina? Deve estranhar-se que a Faculdade, desconsiderada, magoada e ferida, reaja? De que sangue seriam feitos os professores, se não reagissem? A reacção está justificada. Não faz a apologia dessa reacção, mas explica-a pelo natural desforço de quem é violentamente ofendido. De resto, a atitude dos professores que pediram a demissão não é a de rebeldes, mas somente a de protestantes.

Aprecia o decreto de transferencia no terreno juridico. Cita leis e regulamentos varios. Os textos legais e o espirito das leis não permitem duvidas: o decreto de transferencia é ilegal. E, sendo ilegal, é nulo!

O sr. Rocha Saraiva demonstra isto: faleceu o professor Julio de Matos; havia um supranumerario, que era o dr. Sobral Cid; êste passava a reger a cadeira de Julio de Matos, que lhe pertencia por lei, visto que era supranumerario. Dest'arte não havia vaga. O decreto de transferencia do dr. Lopo de Carvalho é, pois, nulo, porque colocou um professor onde não havia cadeira.

Esta argumentação, que não é facil de destruir e até mesmo de contestar, restabelece a verdadeira doutrina. Os apoiados, que cobrem o discurso do orador, são disso sinal certo.

Se o ministro errou, porque não ha de emendar o erro? Se não ha vaga, não podia haver transferencia. Nesse caso, declara-se nulo o decreto de transferencia, que foi simplesmente proveniente de um engano. Não havendo vaga, como a principio se supunha, não ha onde colocar o transferido. A anulação do decreto de transferencia impõe-se, portanto, como um acto de respeito á lei e não como um gesto de transigencia á rebeldia da Faculdade de Medicina.

O sr. Rocha Saraiva fez um discurso notavel, sob todos os pontos de vista. A impressão produzida na Camara foi decisiva. O sr. Rocha Saraiva esgotou a materia. E o sr. ministro da Instrução devia avançar, primorosamente, pela ponte que o orador lhe estendeu. Fá-lo-ha? E' duvidoso.

Fala o sr. Cunha Leal. Manda para a mesa uma moção: cuja redacção parece ter obedecido a um espirito nitidamente conciliador.

São 17 horas e meia. Fechamos aqui as nossas notas. A sessão continua, havendo ainda muitos oradores inscritos. O incidente Lopo de Carvalho dificilmente ficará hoje resolvido, sob o ponto de vista parlamentar.

Confirma-se a noticia que ontem demos acerca da fusão dos elementos reconstituintes e liberais. O sr. Thomé de Barros Queiroz deve apresentar hoje ao Directorio do seu partido as bases dessa fusão que aliás está já individualmente aceita pelos vultos em destaque nos dois partidos. Por esse motivo é que a nossa informação de ontem era e é exacta porquanto dissemos que a fusão estava virtualmente feita mas não acrescentamos que ele estava absolutamente realisada.

E' natural que a adesão dos leaders ao novo partido se venha a fazer.

O discurso que o sr. Antonio Maria da Silva fez hoje na Camara dos Deputados a proposito da lentidão com que corriam os trabalhos parlamentares deu a impressão nitida de que o chefe do governo procura um pretexto legitimo para a demissão colectiva do gabinete pela impossibilidade em que realmente se encontra de obter uma colaboração activa da propria maioria democratica.

Efectivamente não ha projectos ou propostas de lei promptos para entrar em discussão e a responsabilidade não é das minorias visto que os relatores deteem os diplomas para estudo e não mandam para a mesa quaisquer documentos para discussão.

Isto é tanto assim que se por acaso não existisse o projecto das expropriações por utilidade publica os trabalhos parlamentares teriam de ser suspensos por não haver materia para discussão.

Em todo o caso não se acredita que a demissão do Governo venha a ser uma consequencia imediata do conflito com a Faculdade de Medicina, porque é bem possivel que esse conflito se resolva pela anulação do decreto de transferencia, ficando o governo numa situação bastante enfraquecida mas não suficiente para abandonar as cadeiras do poder.

No Senado

Preside o sr. Pereira Osorio, secretariado pelos srs. Ramos Pereira e Pereira das Neves.

O sr. Ramos de Miranda envia para a meza tres pareceres da comissão da guerra, favoraveis, e que são as seguintes:—sobre um requerimento do alferes de artilharia 3 pedindo para lhe ser contada a antiguidade no quadro permanente, da data em que foi promovido a alferes miliciano; mandando contar aos oficiais de artilharia a pé, em serviço no Arsenal do Exercito, o tempo que ali teem servido, como serviço efectivo de tropas ou de comando; e, mandando abranger pelo artigo 1.º do decreto 7823 os oficiais e sargentos milicianos.

O sr. presidente consulta a Camara se consente que vá depor no processo o relativo aos acontecimentos da noite tragica. Foi concedido.

O sr. Ribeiro de Melo protesta contra a nomeação do sr. dr. Alexandrino de Albuquerque para adjunto do juizo de investigação criminal junto do Quartel General, declarando terminantemente que não lhe prestará declarações algumas.

O sr. presidente declara estar aquele magistrado desempenhando legitimamente aquele cargo. (Apoiados).

O sr. Ribeiro de Melo afirma energicamente não comparecer naquele juizo. A sessão continua.

Em poucas linhas

Foi presa Maria Angelina sem residencia conhecida que furtou a quantia de 500 escudos a Abilio Pires, rua dos Correeiros 204, 3.º.

—Foi presa Maria Angelina, sem residencia nesta cidade, por furtar 500 escudos a Emilio Pires, morador na rua dos Correeiros, 252.

Banco de Seguros

O fiel depositario dos bens do Banco de Seguros arrolados em casa dos administradores, confirmou ao director da policia a queixa apresentada pelo sr. Amandio Maciel.

O "S. Miguel"

O vapor «S. Miguel» da Empreza Insulana de Navegação é esperado no Tejo no proximo domingo ou segunda-feira de regresso da Madeira e Açores.

O conflicto da Faculdade de Medicina

Ultima informação

O sr. Antonio Maria da Silva declarou-se solidario com o sr. ministro da Instrução. O debate, na Camara, prosegue. Se o Governo tiver maioria, será muito pequena. Crê-se que o Governo prepara a propria demissão.

Repressão do jogo

Foram remetidos para o tribunal da Boa-Hora os 23 "pontos" presos ha dias quando do assalto ao "comboio" do Largo do Regedor 7. Nos calabouços do Governo Civil continuam detidos os que foram encontrados no "Club do Peras" na rua Alves Correia onde como é sabido se deu aquela scena de tiros de que saiu ferido o apontador Ferreira dos bairros Sociaes. O chefe Murtinheira que está dirigindo as investigações ainda hoje ouviu varias testemunhas bem como o tenente sr. Pio e alferes sr. Lopes Soares.

Directorio do Partido Republicano Liberal

Reuniu hoje, pelas 13 horas, na séde do edificio do jornal "A Lucta", o directorio do P. R. L. tendo apreciado a marcha dos trabalhos parlamentares e outros assuntos de carater partidario.

No Governo Civil

Uma comissão de operarios da construção civil conferenciou hoje com o sr. Governador Civil sobre a situação dos seus camaradas presos numa reunião na séde da C. G. T.

— Com o sr. dr. Alfredo Guizado, Governador Civil substituto, avistou-se tambem uma comissão das juntas da freguezia.

Poeira da Arcada

O conselho superior de higiene emitiu parecer no sentido de que o capitão do vapor inglez «Comprador» deve ser relevado do pagamento da multa que lhe foi imposta no porto de Lisboa por falta de carta de saude de Huelva, visto ter-se verificado que a solicitou a tempo no respectivo consulado.

—Segundo o boletim de Sanidade Interna, na semana finda em 29 de abril manifestaram em Lisboa 8 casos de difteria, 6 de febre tifoide, 3 de meningite e 14 de variola, e no Porto, 4 de difteria, 1 de febre tifoide e 1 de meningite.

MARINHA DE GUERRA

Devido ao mau tempo a canhoneira «Bengo» foi forçada a arribar a Las Palmas onde terá de fazer a beneficiação da caldeira. Hoje chegou daquele porto o aviso «5 de outubro.»

—O comandante do cruzador «Vasco da Gama» comunicou ao ministerio da Marinha que a pedido das autoridades locais e da colonia portugueza, permanecerá em Tenerife até que terminem os festejos que ali se estão realisando. Comunicou tambem que os marinheiros portuguezes foram recebidos em Tenerife pela forme mais cariuhosa.

Malas postais

Pelo vapor francez «Belle Isle» são amanhã expedidas malas postais para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, sendo ás 9 horas a ultima tiragem da Caixa Geral.

As abortadeiras

O chefe Murtinheira da 1.ª secção de investigação enviou hoje para o Tribunal da Boa Hora, Elvira da Encarnação Souza Borges de Carvalho, rua José Antonio Serrano, 4, rez do chão, que provocou um aborto a Maria da Nazareth que residia na Calçada do Desterro 14, 1.º A parturiente em consequencia das dozes que lhe foram ministradas veiu a falecer no Hospital de S. José.

O bolchevismo velho como o homem

Floresceu já em todos os paizes e em todas as religiões atravez de vinte seculos

Distribuiram os operarios chineses um manifesto anarquista, que, sendo um manifesto de propaganda, é, ao mesmo tempo, um programa. Este facto causou, em alguns, certa impressão de temor, parecendo a outros antes causa de troça e riso; vendo, contudo, todos, confirmado pelo manifesto o boato, que ha tempos corre, da existencia de intimas relações entre os meios avançados chineses e o governo de Moscou e seus agentes, tanto mais que o manifesto fecha com uma frase celebre de Trotsky.

Ora os chineses não precisavam de recorrer a estranjeiros para saber o que era o comunismo, pois tal regimen foi oficialmente posto em pratica na China, ha perto de dez seculos.

* * *

Em 1067 subiu ao trono da China, com vinte anos de idade, o imperador Chen-Tsung. Uma longa serie de guerras civis, agravada por toda a especie de calamidades, inundações, fome, epidemias, abalara profundamente o imperio e originara um estado de espirito que dia a dia se encaminhava para a revolução.

O partido conservador, então no poder, reconhecia não ser capaz de deter a onda revolucionaria. Alguns dos seus membros aconselharam o imperador a que chamasse para junto de si um filosofo de trinta anos, de já grande nomeada, Wan-Ngan-Cheu. Este, que criara um plano de organisação social semelhante ao que hoje se chama socialismo de Estado, começou a fazer junto do imperador uma intensa propaganda a favor do seu sistema. Mostrou-lhe a gloria que lhe adviria se criasse uma sociedade melhor, não baseada na miseria do maior numero nem na exploração cinica do pobre pelo rico, mas fundado na igualdade e na justiça.

Dizia o filosofo ao imperador que o imperio estava num momento critico da sua historia; que os erros e crimes do passado estavam agora produzindo lagrimas e catastrofes; que era absolutamente necessario abandonar os antigos desvarios, canalizar e dirigir a corrente revolucionaria, sob pena de se ser arrebatado por ela; que o tempo urgia, pois em breve os insurrectos estariam senhores do paiz; que era indispensavel suprimir a miseria, desde que se não quisesse ser suprimido pelos miseraveis; que a supressão da miseria dependia apenas da vontade do imperador; que este a podia extinguir, se ousasse fazê-lo.

As ideias do reformador iam criando adeptos e calando fundo no animo do imperador. Só o chefe do partido conservador, Tsé-Ma Kuang, se opunha abertamente a elas. Mas vendo que os seus conselhos de nada serviam, resolveu recorrer a um meio extremo: levar os censores a chamar, segundo o uso, a atenção do imperador para as calamidades publicas, convidando-o a examinar se algumas culpas suas não teriam provocado a cólera divina. Compreendeu Wan Ngan-Cheu o perigo e convocou o Conselho do Imperio. Aí expoz Tsé-Ma Kuang ao imperador todos os males que afligiam a nação, esforçando-se por demonstrar o perigo das reformas, ao que Wang Ngan-Cheu respondeu:—As calamidades que nos perseguem teem causas fixas e evariaveis. Os tremores de terra, as secas, as inundações, a fome não teem relação nenhuma com as acções boas ou más dos homens. Esperas por ventura mudar o curso das coisas? Esperas que a natureza modifique as suas leis por tua causa?

—Muito para lamentar, replica Tsé-Ma-Kuang, são os soberanos que teem ao seu lado homens que ousam afirmar tais maximas e destruir neles o temor da cólera celeste! Que freio poderá depois detê-los nos seus desmandos? Entregar-se-hão sem remorsos a todos os excessos e nem os mais fieis subditos conseguirão modificá-los. A estes só lhes restará beberem o veneno da fidelidade para não assistirem, impotentes, á ruina do imperio e do seu senhor.

Venceu, contudo, o reformador que completamente livre de embaraços, começou a pôr em pratica o seu plano, tendo previamente o cuidado de colocar em todas as funções publicas os seus amigos e discipulos, a quem dizia que para se alcançar o fim que se tinha em vista era preciso suprimir a miseria, e, para suprimir a miseria era necessario destruir a riqueza que a cria e dela vive. E assim foi proclamado o principio de que o Estado era o unico proprietario do solo. Expropriado o solo, era êle repartido em cada distrito pelas familias ai moradoras proporcionalmente ao numero dos seus membros adultos. Os produtos da terra pertenciam igualmente ao Estado, que os distribuia pelas familias, não segundo a fórmula socialista «a cada um conforme o seu trabalho», mas segundo a formula anarquista, «a cada um conforme as suas necessidades».

O comercio e a industria tambem passaram para o Estado, porque, dizia Wang Ngan Cheu, só ha um obstaculo á solidariedade dos homens, é o amor do ganho, do luxo, que sempre frustrou as regras naturais da rectidão humana. A industria, o negocio e as operações bancarias criam, para desgraça dos homens e ruina das sociedades, o amor imoderado do dinheiro que estraga e corrompe os corações. Por isso essas formas de actividade tambem constituem monopólio do Estado, que com os seus lucros provê a todas as despesas publicas, dispensando assim os impostos.

Já o novo regimem funcionava plenamente em toda a China, quando o imperador Chen-Tsung morreu repentinamente, deixando um filho de dez anos, pelo que o poder passou para as mãos da imperatriz viuva Kao, terrivel inimiga do reformador. Esta apressou-se a chamar Tzé-Ma Kuang. E foi então a vez de Waug-Ngan-Cheu se retirar para o fundo duma provincia, donde assistiu, cheio de imensa tristeza, á destruição completa da sua obra.

* * *

Teem, pois, os comunistas chineses na historia do seu proprio pais a tradição do regimen que defendem, e até as leis para o seu estabelecimento, não carecendo, por isso, de recorrer ao modelo russo. Basta-lhes o modelo nacional.

Exposição do Rio de Janeiro

Partiu para o Porto com o fim de continuar os seus trabalhos, o delegado do Comissariado Geral naquela cidade, que ha dias se encontrava em Lisboa. Este funcionario continuará, como anteriormente, a receber todos os dias, pelas 11 horas da manhã, na Associação Comercial (Palacio da Bolsa) todas as pessoas que o procurem para tratar de assuntos da Exposição, prestando todos os esclarecimentos e informações que lhe forem pedidos.

Conferencias

Sobre a «Necessidade mundial da extinção das tabernas» realisa-se hoje, 6.ª feira, 5, ás 20,30 h. no Ajuda Club, R. do Jardim Botanico, 2, uma sessão de de divulgação popular contra o alcoolismo, em que serão oradores os srs. Leovegildo Sales, Luciano Silva, Lion de Castro e Virgilio Sousa, sendo livre a entrada.

TAUROMAQUIA

Campo Pequeno

Comquanto a transferencia da corrida annunciada para o ultimo domingo tivesse contrariado os aficionados, que com razão esperavam muito dos magnificos elementos que havia, é certo que o publico ganha com isso, porque os touros do sr. João Coimbra, se vinham bonitos e bem tratados, melhores ficarão agora com esta semana de repouso e bom alimento nos curraes da praça. E os elementos artisticos são os mesmos: os arrojados cavaleiros Rufino e R. Teixeira, os bandarilheiros Luciano, Alfredo Santos, Tomé, Agostinho Coelho, J. Dias e «Malagueño», os praticantes M. Domingos e J. Cigarra e o cabo de forcados Carneiro Daniel com a sua gente.

A Provincia na "Capital,,

COIMBRA, 4.—Na sala dos capelos da Universidade realisou-se hoje a conferencia de M. Hubert Gillot sobre o romantismo em França antes de 1.830. Presidiu o dr. Antonio Luiz Gomes, reitor da Universidade. O ilustre professor da Universidade de Straburgo faz amanha outra conferencia na faculdade de letras. — Na quinta da B. a Vista, quando tomava banho com outros estudantes, morreu afogado Francisco Luiz Bobela, aluno do 3.º ano medico, filho de José Bobela Mota, escrivão de direito em Montemor-o-Velho.—(H.)

ALVITO, 4.—D. Virginia Pessanha promoveu grandiosas festas a N. S. de Aires. Foi aberta uma subscrição a favor do bodo aos pobres em Lisboa, em honra dos denodados aviadores, rendendo a importancia de 88$30.—(H.)

SPORT

Coisas de sport...

Um jornal de sport, fez num dos ultimos numeros o reclame de luta do Coliseu em estilo empolado, na 1.ª pagina. No mesmo numero na 3.ª pagina diz da luta o que Mafoma não disse ao toucinho...

E' um record novo, o record da incoerencia...

* * *

Carpentier, o campeão da Europa e o seu «manager» Decamps, o campeão do «bluf»..., estão em Inglaterra.

O pugilista francez tem feito de vez em quando exibições de box, com um tal Marcot, que é nada mais nada menos do que o cosinheiro que o acompanha nas tournées.

Um bate nos bifes na cosinha, e em paga, Carpentier, bate-lhe na cara, em publico...

* * *

Quando algum lutador se excede lutando, ha «habitués» que gritam, e que ameaçam com as bengalas. O atleta sabe da fita, olha serenamente para eles, a gritaria cessa, e as bengalas desaparecem...

Ha tambem cães que ladram e não mordem...

* * *

Constant le Marin, Massetti, Fournier, Ochoa e Raul Saint Mars, é um quinteto que em qualquer parte do mundo se impõe. Que diferença fazem dos antigos lutadores pesados e ventrudos, cujo peso era a sua melhor arma. São 5 atletas que os grandes artistas da antiguidade não desdenhariam para modelos...

RUY DA CUNHA.

Um livro de atletismo

O jornal "Os Sports" vai pôr á venda uma obra util ·:· ao sport nacional ·:·

O bi-semanario «Os Sports», que já conta trez anos de trabalho em prol do desenvolvimento do sport nacional, tomou a iniciativa de editar uma biblioteca sportiva. Desta forma vai já pôr á venda na proxima semana um livro de atletismo de que é auctor o sr. dr. José Salazar Carreira, denominado «Tecnica e Preparação Atletica».

O ilustre clinico sr. Pinto de Miranda que prefacia o livro escreve:

Sintetizando doutrinas autorizadas em questões de exercicios fisicos, disse eu algures que o jogo difere do desporto em que, quem joga tem por fim unico divertir-se, ao passo que no desportista o prazer resulta da satisfação experimentada pelo proprio aperfeiçoamento.

Aquele que maneja uma raquette ou dá pontapés a uma bola de *foot-ball* só deve ser considerado um *sportman* quando saiba aproveitar os exercicios fisicos que êsses engenhos proporcionam, dentro das regras estabelecidas, como agentes de desenvolvimento progressivo da propria individualidade. Em suma, o jogo é um fim, o desporto é um meio.

Infelizmente, entre nós, onde tudo se perverte, se os jogadores são muitos, poucos são os *sportmen*, muito embora as mais das vezes se confundam na mesma designação. E o mal destas confusões não está apenas na perda dos verdadeiros beneficios fisicos, morais e sociais da boa pratica dos desportos, mas tambem em que muitas criaturas nas melhores das intenções se deformam, se prejudicam fisicamente, não conseguindo sequer resultados que satisfaçam o seu amor proprio.

Os exercicios fisicos nas suas multiplas aplicações, medicas, higienicas, educativas ou de cultura fisica, são facas de dois gumes que impõem metodos precisos de aplicação, condições individuais definidas, adaptação daquelas a estas para realizar sem perigos o seu fim.

Por isso, para colher beneficios da cultura dos desportos, não basta praticar os exercicios fisicos que êles comportam, é preciso saber primeiro se existem as condições fisicas necessarias para os fazer, preparar previamente as várias funções organicas para os executar com a flexibilidade e intensidade convenientes, adaptar-se á tecnica especial de aperfeiçoamento que impõem, possuir finalmente o espirito desportivo que implica a consciencia do fim que se pretende atingir, mixto de perseverança no esforço, disciplina nas acções e firmeza de caracter. Só assim se pode conseguir ser um verdadeiro homem de desporto.

Impondo a pratica dos desportos disposições fisicas e faculdades morais diversas, não se julgue todavia que a sua aplicação é um meio de aperfeiçoamento reservado apenas a um pequeno numero de individuos; haverá sempre, é certo, uma minoria que pelos seus dotes especiais e esforço particular se tornam elementos de selecção e constituem campeões, mas o grande numero pode tambem compartilhar dos beneficios fisicos e satisfações morais que a pratica desportiva proporciona, desde que saibam dominar-se e se queiram sujeitar ás regras ditadas pela sciencia e pela experiencia. O que se torna indispensavel, dada a extensão que a cultura fisica vai tendo entre nós, e a forma em geral defeituosa e mal orientada como é conduzida, é fazer a propaganda dos conhecimentos fundamentais da preparação e tecnica desportiva, sobretudo nos desportos atleticos ao ar livre, particularmente vantajosos quer para o individuo, quer para a colectividade.

O meu presado colega dr. Salazar Carreira, que, com a dupla qualidade de persistente cultor dos desportos atleticos e de medico ortopedista, está perfeitamente categorizado para versar assuntos de cultura fisica, realiza a divulgação e ensinamentos da preparação desportiva na série de capitulos que vão seguir, e nos quais as diversas questões são, não só metodica, clara e simplesmente expostas, mas sobretudo adaptadas ao nosso meio especial, o que lhes dá realce, valor e interesse para os nossos praticantes.

Salazar Carreira, definindo praticamente a tese que de um modo geral expuz, orientando metodicamente os principiantes e praticantes dos desportos, indicando-lhes as regras que devem seguir, os cuidados higienicos que mais lhes conveem, o modo como progressivamente se devem treinar, as insuficiencias a combater para evitar desharmonias musculares, a ginastica geral e respiratoria essencial, sobre que deve assentar todo o desenvolvimento, organiza incontestavelmente um trabalho cujo beneficio para o desporto nacional merece todo o aplauso.

Só faço votos para que os nossos cultores de desportos saibam apreciar e seguir as regras expostas, pois orientando-se por elas, não só poderão mais facilmente conseguir uma especialização de *élite*, mas sobretudo, sem prejuizo da saude, com disciplina e consciencia poderão promover o seu desenvolvimento integral e aperfeiçoamento fisico e moral, fim nobilissimo dos desportos.»

NOTICIARIO

CAMPEONATO REGIONAL DE LUTA

E' nos dias 8 e 9 do corrente ás 21 horas que no salão do Ginasio Club Portuguez se realisa o Campeonato Regional de Luta que o mesmo club organisou, estando inscritos os seguintes clubs com os concorrentes que abaixo vão designados:

Ateneu Comercial de Lisboa—Carlos A. Simões, Benjamim E. Araujo: Antonio Silva, Aquino S. Nunes, Franklin Pereira, Manuel A. Marques, Eduardo A. da Silva.

Sport Lisboa e Benfica—Manuel S. Claro.

Casa Pia Atletico Club—Julio do Couto, Antonio M. Raposo, Mario S. Marques, Agostinho dos Santos, Antonio B. Catarino.

[illegible] Ginasio Club—Octavio R. Costa, João C. Guimarães, Mario Pereira, Guilherme Guedes, José C. Li[illegible] Henrique S. Piedade.

Ginasio Club Portuguez—José Gonçalves Pereira, Pascoal Barceló, Antonio Soares, Henrique L. Viana[illegible]iz N. de Almeida, Paul A. Duert[illegible] Manuel de Paiva, José Lopes de Azevedo, Antonio S. de Almeida.

Foram convidados para arbitros os srs. Humberto Caldas e Claudio de Oliveira e cronometrista o sr. J. Rodrigues Santos

LUTA

IX Campeonato Internacional—Hoje Manuel Grilo contra Leon d'Angers

Está interessando imenso o Campeonato de sessões de luta no Coliseu dos Recreios. As finais que são disputadas entre os melhores, estão dia a dia a despertar o interesse no publico.

Ontem, as lutas marcadas decorreram com entusiasmo. St. Mars venceu Stroobants, Massetti venceu Deriaz, Ochoa depois dum assalto movimentado conseguiu vencer Fournier, e Favre venceu Charley.

Hoje o programa ea quatro lutas boas e de dificil previsão:

Deriaz contra St. Mars, Sonda contra o espanhol El Secondo, Manuel Grilo contra Leon d'Angers. Estas tres lutas são da poule final. Bouchio ai contra Roberti na poule de consolação.

Para a sessão de hoje ha grande numero de lugares marcados nas bilheteiras.

COMUNICADO OFICIAL DA FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE BOX

Titulo da categoria «meio-medio» — Profissionais:

Tendo a F. P. de B. examinado os documentos relativos ao combate Ruivo-Crespo, realisado na cidade do Porto, em 1 de abril ultimo resolveu:

Considerar sem efeito para a disputa do titulo o referido combate em virtude de não ter funcionado regularmente o sistema de dois juizes e arbitro como preceitua o regulamento para campeonatos.

Considerar o titulo vago e faze-lo disputar novamente e no mais curto [illegible] possivel pelos citados boxeurs Ruivo-Crespo.

Homologar a vitoria de Tavaro Crespo no citado combate por serem as decisões dos arbitros irrevogaveis em face do Regulamento da F. P. B.

Menager:

Em virtude do requerimento do sr. Carlos Oscar da Silva e das declarações dos boxeurs Silva Ruivo e Silvestre Alves da Silva resolveu a Federação considerar o primeiro como menager dos referidos boxeurs e portanto como seu representante para todos os assuntos. Sendo desempenhado este cargo sem qualquer remuneração continuará o sr. Oscar da Silva no gozo da sua qualidade de amador.

O Secretario—Salomão Anahory.

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

O ABANDONO DO MOINHO

por ALBERTO BRAGA

Junto á porta da azenha estava o macho intonso preso pelo cabresto a uma argola da parede.

Emquanto o não carregavam, voltava melancolicamente a cabeça para o lado, estendia o pescoço lanudo e ia tosando uma moita de silvas, que murava o atalho.

De entre o ruido tremulo da mó e o marulho da levada, caindo do cubo nas penas do rodisio, em baixo, ouvia-se gritar lá dentro:

— Anda dahi, que são horas. Avia-te.

Depois, appareceu á porta o moleiro, com o chapeu enfarinhado, caido para o ombro esquerdo, segurando no ombro direito o taleigo da fornada. Vinha ainda a gritar:

— Despacha-te, rapariga. Mexe-te, filha.

E atirou com o fole para cima da besta. A moça veiu depois e carregou-a com um fole do outro lado. Atiraram-lhe em seguida a eilha para cima; e o moleiro, com o joelho fincado na barriga do macho, principiou a apertar a carga, torneando o arrocho com esforço.

— Pronto! Põe-te já a caminho, que eu não me dilato, Terezinha.

Apenas se julgou fora da alcance da vista do pai, que se deixou ficar á porta, com uma perna cruzada sobre a outra, o chapeu braguez derrubado para os olhos, a vê-la subir a encosta, a rapariga saltou para cima do macho, ageitou-se no meio dos taleigos, e continuou pelo atalho acima, a cantar:

> Ao passar hoje no rio
> Vi nas aguas o teu rosto;
> Cuidei que ias na levada...
> Ai! coração, que desgosto!
>
> E ao ver o teu rosto ali
> (O que são coisas do mundo!)
> Cuidei logo que uma estrela
> Tivesse caido ao fundo.

O moleiro voltou para dentro, a prover a moega de grão; enfiou depois a jaqueta de cotim axadrezado, calçou as sapatas ferradas que tinha a um canto, fechou por fora a porta da azenha, arrecadou a chave e abalou na piugada da filha.

Assim que chegou a meio do atalho, cortou á esquerda por uma quelha pedregosa, atravessou por um carreiro, que costeava uma bouça; e, fincando as mãos no muro tosco de rebos, saltou de um pulo para o meio da estrada.

Corriam os primeiros dias de Março.

Como tinha descampado havia pouco tempo, os caminhos estavam lamacentos, sulcados pelas rodas dos carros; e nas terras baixas viam-se ainda as aguas da chuva empoçadas e cobertas de limo. O ceu era de um azul cristalino, a atmosfera muito limpida; e, ao meio dia, quando o sol caía de alto nos prados, até parece que as roxas previncas, as flores amarelas do trevo e as margaridas retraiam as corolas ao peso abafadiço do calor! Nos ramos folhudos dos carvalhos e dos pecegueiros, que já floresciam, os melros assobiavam, alegres, e no fundo azul do firmamento destacavam-se duas borboletas brancas que voavam de entre os silvados, subindo, subindo sempre, a tremer, num raio de sol rourado! Oh! era encantador!

O moleiro, apenas escalou o muro tosco da bouça, parou um instante, colocando a mão sobre os olhos, como uma pala, para ver se lobrigava a filha. A distancia de trinta metros, a estrada volteava para a direita. Uma copada deveza de sobreiros, ao fundo, não o deixava enxergar por além. Por isso, foi continuando por ali fora, apertando mais o passo, com os braços bamboleantes e a esbofar de calor.

De um lado e de outro, nos campos, fazia-se a lavoura. Duas juntas de bois castanhos, aguilhoados pelo lavrador, tiravam lentamente o arado, que ia levantando e revolvendo a leiva. Aquem e além, no declive do monte, de entre a verdura tenra da enfesta, alvejavam as frontarias caiadas de alguns casaléjos, batidos do sol do meio dia. Era um calor de rachar!

De um atalho, que ia dar á igreja, surgiu o sr. abade, montado na sua egua, oh! uma boa egua de abade, gorda, pacifica e mansa que nem uma ovelha. Sua reverencia vinha abrigado por um enorme guarda-sol de paninho azul, e o seu ventre redondo e farto oscilava pachorrentamente ao chouto pesado da cavalgadura.

— O' José moleiro, — chamou êle, com voz de papo. — Eh! homem! Tu vais á cata dos franceses?

O moleiro descobriu-se respeitosamente e, enxugando o suor da testa á manga da vestia, respondeu-lhe:

— Vou ver se topo a minha Tereza, que foi levar a fornada da outra banda, a casa da morgada.

O abade, do alto da egua, continuou:

— Vi-a ontem; e olha que está féra e bonita.

— Escorreitinha é ela, graças a Deus, — disse o José, seguindo ao lado o passo da cavalgadura.

— E é moça de tino, — proseguiu o padre circunspectamente — mas tem-me cuidado nela, que olha o demo, José, quando as arma, escolhe sempre do melhor, ouviste?

Mais adiante, ao passarem por um quinchoso, a cujo muro estava debruçada uma rapariga esguedelhada, com os braços pendentes para fora, preguntou-lhe o abade:

— Que é de teu pai, ó cachopa?

— Está a trabalhar nas obras do rio, sr. abade, — respondeu ela, córando.

O abade esporeou a egua e disse para si:

— Ele é bem melhor ganhar o pão ao pé da porta, lá isso, não tem duvida.

— Pois quant'é! — concordou o moleiro, acenando afirmativamente a cabeça.

E continuaram ambos pela estrada, até a uma cangosta, por onde o abade meteu, deixando só o José moleiro.

O caminho agora descia, até ao rio, onde andavam as obras da ponte nova. Já de longe se avistavam os trabalhadores.

Havia ali um grande movimento de gente. Por entre o tronco nu dos salgueiros, viam-se já as primeiras pedras do arco, subindo pelo *simples* de madeira, que se levantava de uma á outra margem.

Uma fileira de mulheres e crianças passava constantemente da draga do areal com cestos carregados á cabeça. Antes de chegar ao rio, a estrada aparecia toda coberta de cascalho, que reluzia á luz intensa do meio dia.

Como as aguas tinham diminuido, uma barca com linguetas levadiças á prôa e á pôpa, que no inverno servia de transporte, como uma jangada, estava da outra banda, presa por amarras aos troncos de dois amieiros. As pessoas que tinham de atravessar o rio, iam pelas alpondras desanegadas; mas quando acontecia aparecer uma cavalgadura, então era preciso que os trabalhadores lançassem sobre as pedras duas pranchas largas, que serviam de passadiço.

Quando a filha do moleiro chegou ao rio e ia meter o macho na agua, um dos homens que ali estava gritou-lhe:

— Não metas o burro á agua, rapariga; olha que te afogas e mais êle. Espera que eu lá vou.

A rapariga sofreou o macho e esperou.

Ao aproximar-se o homem com prancha de pinho levantada ao alto, o macho espantou-se, empinou as orelhas, recuou de subito e, de um salto, atirou comsigo e com a rapariga ao rio.

O trabalhador, que viu aquilo, principiou a gritar por socorro. Acudiram os outros; mas, quando chegaram, o macho tinha seguido para o meio, onde a corrente do rio era mais impetuosa e fazia redemoinho. A filha do moleiro caiu para o lado, estonteada do sobresalto e da sensação do frio; e os homens que lhe gritaram da terra viam-na seguir a cavalgadura com a mão presa na extremidade do cabresto.

Nesse momento, um homem que corria, muito aflito, pela vereda abaixo, logo que chegou á margem, atirou com o chapeu para a banda e lançou-se de repente ao rio; mas apenas a agua lhe bateu pelo tronco, estremeceu todo, bracejou um instante e apareceu estirado á flôr da agua, a boiar, com as faces roxas da congestão.

* * *

Quando ia ver as obras do rio — era êsse o meu divertimento — façam ideia como eu fiquei!

Sobre uma escada de mão, trazida como uma padiola, por quatro robustos trabalhadores do rio, vinha estendido de costas o pobre José moleiro, com a bôca entreaberta, os olhos vidrados e os labios roxos.

Mais adiante, a dez passos, no meio da aglomeração curiosa de homens, de mulheres e de crianças, que comentavam e lamentavam o caso, descobri a desgraçada Terezinha, morta, deitada sobre a terra, com a saia de chita colada ao corpo pelo peso da agua, deixando ver o contorno juvenil dos seus membros inteiriçados.

Ao lado, o macho, a escorrer, com a cabeça pendida e os grandes olhos fitos no chão, estava naquele doloroso abatimento, em que deve precisamente ficar um homem, depois de se lhe ter disparado a espingarda contra o peito de um amigo!

E até parece que, diante daquele quadro funebre, os salgueiros do rio, debruçando-se melancolicos sobre as aguas, entoavam, balouçados pela aragem, uma vaga lamentação de tristeza!

* * *

Ao passar, alta noite, pelo atalho da azenha, [illegible] lá dentro o ruido tremulo da mó, o marulho triste da levada; e, como fazia um luar de primavera, vi destacar-se claramente no fundo azul do ceu, agachada sobre o esgalho nodoso de uma figueira, que ficava ao lado — em vez do alegre rouxinol que ali cantava todas as noites — uma coruja muito grande, a piar, a piar...

FIM

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

Quando se resolve a comissão de guerra a dar o seu parecer sobre a proposta do senador Aragão e Brito?

N.º 4071 — 12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães. Redacção e Administração — R. do Norte, 5 | LISBOA — Sabado, 6 de Maio de 1922 | Telefone n. 2293 — Endereço tel. CAPITAL. Oficina de Impressão — Rua da Bica, 71 | Preço 10 centavos

Nova orientação

O banquete ontem oferecido ao sr. Fausto de Figueiredo teve significações varias que se não pode nem deve desconhecer. Poucas vezes, mesmo, um acto desta natureza revestiu precisamente por esse facto, uma tão grande importancia. Na realidade, ele constituiu mais um sinal dos tempos, demonstrando que na sociedade portuguesa se define imperativamente uma orientação a que não é possivel fugir sem que se queira aceitar uma responsabilidade consciente nos erros e nos delictos do passado.

O sr. Fausto de Figueiredo é uma das figuras mais representativas do grande esforço que o povo portuguez está executando, não só para se salvar, mas para progredir e engrandecer-se. Nesse facto se deve filiar a principal razão da homenagem que lhe foi prestada. Para solenisar, para consagrar a benemerencia desse esforço congregaram-se elementos de politicas diversas, e até mesmo adversos a todas as politicas. E' que o acto que se estava realisando tinha um aspecto nacional que não escapou á inteligencia de todos que nele colaboraram.

Contra um homem como o sr. Fausto de Figueiredo, que se poz á frente dum movimento de energias fecundas sem a acção das quais a salvação da patria se pode considerar extremamente problematica, ergueram se um dia furias assassinas.

Essas furias eram superadas pelo espirito das paixões mais turvas que podem obscurecer a consciencia dos homens, Era a velha intolerancia fanatica, resuscitada, para maior iniquidade em nome da liberdade e da democracia, que nada são sem a tolerancia e a justiça. O sr. Fausto de Figueiredo por minutos apenas deixou de ser victima dos carrascos que o procuravam, dementados pelas campanhas repugnantes em que a calunia e o insulto teem tomado o logar dos argumentos e dos principios. Exilou-se, e voltou. Outro qualquer não voltaria, mais ferido ainda, na alma, pela ingratidão, do que ameaçado, na propria existencia fisica, pelas espingardas e pelos punhais. Foi logico que voltasse, porque é logico que persista na missão que se impoz. O paiz vê-se retratado neste exemplo, porque tambem ele persiste em trabalhar, para que a patria não seja afundada pela ferocidade dos sicarios, servidores da tirania do crime.

No banquete de ontem dois oradores, sobretudo, expressaram o sentimento que ali congregava homens vindos dos campos mais diversos para afirmar uma admiração comum.

Um foi o sr. dr. Augusto de Castro que vincou, com palavras repassadas de sentimento, a impressão de horror que o 19 de outubro, de que o sr. Fausto de Figueiredo esteve para ser victima, como dele foram victimas Antonio Granjo e Machado Santos, provocou em todo o paiz. O outro foi o sr. dr. Alvaro de Castro que, com uma grande serenidade de raciocinio, demonstrou que não se pode responsabilisar um povo inteiro nem nenhum principio baseado na rasão e no direito, certos factos que não passam de detalhes, apagando-se no conjunto dos grandes acontecimentos historicos. O sr. Alvaro de Castro, com viva penetração e elevada justiça, mostrou que nem Portugal nem a Republica podiam ser manchados por um facto que não teve de forma alguma, qualquer solidariedade da parte do paiz ou da grande massa republicana, que nela assegura a integridade das instituições.

No banquete do sr. Fausto de Figueiredo falou-se muito em conciliação. Melhor se teria dito consenso geral, aplicando-se este termo ao pensamento que reuniu em torno do homenageado representantes não só de todas as forças vivas da sociedade portugueza, mas ainda de correntes politicas diversas.

Para uma manifestação de tal natureza, esse concurso era natural e revelou-se expressivamente.

Realisado esse acto todos continuarão certamente com as suas ideias, não menos naturalmente irreconciliaveis. Mas afirmou-se, mais uma vez, um alto sentimento nacional; honrou-se o trabalho, a perseverança, a energia, a fé, qualidades genuinas da raça e deu-se mais um impulso á regeneração dos nossos costumes politicos, que tem de operar-se mediante a substituição do odio truculento das facções pelo debate fecundo das ideias.

OS POETAS PORTUGUEZES

O novo livro de João de Barros

«RYTHMOS DE EXALTAÇÃO» MARCA NA VIDA LITERARIA DO SEU AUTOR UMA NOVA EVOLUÇÃO DE CONCEITO E DE ANALISE :—:

O poeta João de Barros, publicou agora o seu ultimo livro «Rythmos de Exaltação» que é, como não podia deixar de ser, mais uma prova da vitalidade literaria do artista fresco e cristalino que concebeu e escreveu os «Algas». Tratar do seu novo trabalho é marcar uma nova forma, um novo periodo evolutivo do seu belo talento creador. Melhor ou peor? Não. Diferente. Convem não esquecer que na obra de João de Barros houve sempre o poeta sensivel e atormentado mas acima de tudo o poeta combativo.

Mas este poeta sensivel e atormentado, onde parece ter adormecido momentaneamente a fuga triunfante da «Vida Victoriosa», não desenha apenas aquela vaga tristesa que sempre, em determinada altura da vida surge imperiosamente e avassala os espiritos delicados e subtis. Não é apenas uma das muitas

—Almas presas no mesmo captiveiro
de anciedade mortal...

é tambem a expressão ultra-moderna deste desalento melancolico e angustioso que vem com os primeiros cabelos brancos e que pouco a pouco vai transformando numa ideia fixa, a ideia da inutilidade da vida, a ideia da supremacia definitiva da morte. Ele o diz: «nem a chimera da infancia, nem o desejo do amor, nem a coragem da ambição resistem á morte». E embalada nesta formula, que não é tão literaria como á primeira vista se pode imaginar, surge a negação sentida e formidavel: «A esperança é uma mentira, a ilusão um engano, a volupia uma dôr sem remedio...»

Decerto, nas horas amargas da sua propria comtemplação, o espirito deste poeta escuta atentamente o primeiro, plangoroso dobre que reduz a um frio e desatento encolher de hombros o triunfo da verdade, o triunfo da fama, o triunfo do amor para só lembrar, apenas circunscrever, o implacavel triunfo da morte. Mas estas ideias supremas da Poesia em vinte seculos de Poesia, que deram em Petrarcha uma soberana e inflexivel magestade, em Chatterton uma languidez suave e triste, em Heine ou em Anthero uma filosofia transcendental, por vezes violenta, produziram nos poetas latinos do nosso sol e do nosso tempo uma visão indecisa, sem nome e sem forma, da realidade das cousas, onde não ha a nitchesiana ideia da força e onde tambem não existe a resignação passiva e absoluta que varre definitivamente a chimera e o sonho.

E' uma concepção côr de lilaz, hesitante, esperando obscuramente, instintivamente, «quand même». E não devemos esquecer que João de Barros, poeta de sol e de contrastes vibrantes, poeta marcado com o «facies» da escola coimbrã a que pertenceu, não podia de fórma alguma excluir-se desta regra que está dentro da sua epoca e do sentir literario do seu tempo. A sua afirmação de desalento é compensada pela sua vivacidade de amoroso sonhador. O admiravel soneto «Saciedade» resume num grito o anceio indefinivel que em todo o seu livro transparece. O melancolico, subtil pensador,—da aureolada saudade do que se esvaiu em passado, tira uma desgostosa e lassa expressão, lenta e desiludida expressão de quem tem tido em partes eguais o seu quinhão de vida e de dor. Com efeito. Mas a sua frescura inicial não desaparece, tempéra o negativismo do seu espirito torturado e mostra irrompendo atravez de tudo «a sua sêde imensa de ventura». Nesta nova formula é ainda o enternecido epico da «Ode á Belgica» sem deixar de ser o febril, o dessasocegado pensador da «Anciedade». O poeta do «Anteu» —é fundamentalmente, por muito paradoxal que isto pareça,—um poeta lyrico.

* * *

Para expôr, para fazer vibrar, para transmitir o seu «Ritmo de Exaltação», João de Barros serve-se duma rima e duma metrica concisas e fortes. Deus louvado, neste poeta incontestado não aparecem nem a extravagancia exagerada nem a contração grotesca que ordinariamente vão buscar os que pedem á acrobacia literaria uma notoriedade que lhes não dá um talento seguro e claro. E' notavel sobretudo, o seu alexandrino, largo e flexivel, um verdadeiro alexandrino de teatro, musical, sonóro é simples. Ha versos obesos como ha versos esbeltos. Existem, na forma, versos sem eco e sem calor, como outros ha vibrantes, como notas de clarim fremendo no ar agudo das madrugadas. Na «Evasão», n'«As Tagides acordam», passa o cristal estridente desse clarim e ha esbelteza, donaire em todos os «sonetos de amor». Por vezes, aqui e alem, uma rima mais descuidada parece dar ainda mais relevo ao córte impecavel do verso. O notabilissimo soneto «Saciedade» tem o ultimo terceto fraco; entretanto não ha na moderna literatura portugueza muitos que se lhe possam comparar. O que sobretudo se reclama dos poetas é a sinceridade, sem a qual não ha Poesia possivel. Essa sinceridade, esse «literario impudor» como lhe chama o Benjamin das Graças que foi Paulo Heyse, transparecem em toda a obra de João de Barros. Por isso ele é o poeta que se lê, que se discute e até mesmo que se critica. A critica só é possivel e só é util com os que a merecem. E desejariamos que na aluvião monstruosa dos poetasinhos surgisse mais repetidas vezes o poeta masculo que é João de Barros, trazendo com a frescura do seu verso a afirmação constante do seu talento. Não são, infelizmente, frequentes os seus «clarões de sól».

Para defender a lei 1244

Não conseguiu ainda pôr-se em discussão o projecto de lei que a ha-de revogar

Tem sido estranhada a demora em aparecer á discussão o projecto de lei do sr. Aragão e Brito revogando as leis 1040 e 1244 e estabelecendo um novo «modus pacienti» para a depuração do exercito. Somos informados que a comissão de guerra encarregada de dar o seu parecer sobre o projecto tem muita pressa em fazê-lo por saber de boa fonte que o projecto encontrará a irreductibilidade do sr. ministro da Guerra.

Nós, de certo, vivemos no paiz das surpresas e a todo o momento elas nos surgem, pitorescas ou lamentaveis e todas dando a nota da mais extravagante desorientação. Mas nunca suporiamos que uma comissão cujo principal e unico dever consiste em emitir pareceres sobre projectos enviados á mesa, se detivesse perante rasões que não lhe fazem em verdade muita honra. Se as diferentes comissões não cumprem o seu dever no receio de uma certeza de serem desagradaveis aos ministros, é natural que se pergunte para que servem. E ocorre tambem perguntar para que serve o Parlamento se todas as ideias, todos os projectos dos parlamentares ficam previamente sugeitos, antes da discussão, á simpatia ou repulsa do poder executivo.

Nós voltaremos a este caso com a mesma teimosia, com a mesma tenacidade com que diariamente temos publicado elementos para o estudo e aplicação da lei 1244. Mas a pergunta fica desde já posta: Quando se resolve a comissão de guerra a dar o seu parecer sobre a proposta do sr. Aragão e Brito?

Festa Nacional de Educação Fisica

Reune hoje pelas 21 horas e meia, Ministerio da Instrução o juri da Festa Nacional de Educação Fisica, festa que se realisará no dia 28 deste mez.

O principe imperial alemão

faz uma afirmação honrosa para Clemenceau

LONDRES, 6. — O Kromprinz foi entrevistado por um jornalista americano, a quem mostrou a sua intenção de voltar á Alemanha, mas não projectava entrar com um golpe de Estado parecido ao do falecido Carlos de Habsburgo. O Kromprinz mostrou-se extremamente curioso de saber variadissimos assuntos, tendo entre outras coisas perguntado qual o motivo porque a America se recusara a entrar na conferencia de Genova. Encerrou as suas declarações afirmando que «a Alemanha teria ganho a guerra se tivesse á sua frente um homem como Clemenceau.—(R.)

O "raid" Lisboa-Brazil

Segundo comunicação recebida no Ministerio da Marinha, o cruzador *Republica* chegou ontem aos penedos de S. Pedro e S. Paulo, conduzindo os aviadores Sacadura e Gago Coutinho, que vão aguardar o vapor *Bagé*, que ali deve chegar ámanhã.

Critica literaria

Estando em via de reorganisação a secção da critica literaria neste jornal, apenas se farão referencias a livros de que nos tenham sido enviados dois exemplares.

A Escamoteação de Paris

D. Nuno desaparece pelo alçapão que lhe abriu o sr. Aires de Ornelas —Então para que abdicou o sr. D. Miguel II?

Os documentos que vamos publicar são duma grande eloquencia demonstrativa.

Eis o primeiro, segundo o qual o sr. D. Miguel II abdicou um favor do Infante D. Nuno:

Eu, Dom Miguel II de Portugal, duque de Bragança, etc, filho de El-Rei Dom Miguel I, querendo acima de tudo o bem estar e a prosperidade da Nação Portuguesa, tendo respeito a que o estado em que Portugal se encontra exige uma ação politica em que a juventude venha dar o entusiasmo da sua edade aos principios tradicionais, que eu sempre defendi e encarno e reconhecendo que melhor assegurarei os interesses da Dinastia que represento não continuando a manter pessoalmente os direitos á Corôa de Portugal e seus Dominios, que de El-Rei meu Pai herdei com a honra do seu nome e a tradição das suas virtudes, hei por bem, de motu proprio e de livre vontade, ceder todos os meus direitos á Corôa de Portugal e á sua Soberania em Pessoa do meu muito querido e amado filho, o Infante Dom Duarte Nuno de Bragança, e em seus filhos legittmos descendentes, visto encontrar-se afastado da sucessão, por sua expontanea renuncia, o meu muito querido e amado Filho primogenito Dom Miguel, Duque de Vizeu. E atendendo ainda ao socego e tranquilidade publico, e para evitar o embaraço e perturbação que sempre causa ao estado politico a incertesa da pessoa que ha-de suceder no governo do Reino, mais me apraz determinar que, se o dito meu Filho Dom Duarte Nuno falecer sem deixar filho ou filha legitimos, lhe suceda, pela ordem respectiva do nascimento, aquela de suas irmãs, que, por então, se mantiver solteira, ou seja casada com portugues e conserve os direitos á Corôa de Portugal.

E em fé e verdade de assim o querer e mandar, e para que tenha seu cumprido efeito, sob o selo das minhas Armas o escrevi e firmei.

Em Brombach, aos 31 de Julho de 1920. a) Dom Miguel de Bragança.

A abdicação ficou perfeita com a renuncia do Duque de Vizeu:

Eu, Dom Miguel de Bragança, Duque de Vizeu, filho primogenito de Dom Miguel II de Portugal, Duque de Bragança, tendo em consideração circunstancias de ordem varia, de todo o ponto atendiveis e respeitaveis, decido, por minha livre e expontanea vontade, renunciar de hoje em deante, para todo o sempre, por mim, e meus descendentes, á sucessão nos direitos, de meu muito amado e augusto Pai á corôa portuguesa, sem que este acto diminua de modo algum o meu amor e meu zelo pelo bem e pela prosperidade de Portugal.

E como eu quero que esta minha solene declaração de renuncia para sempre valha e tenha força e vigor, a escrevi e firmei.

Em Brombach, aos 21 de Julho de 1920. a) Dom Miguel de Bragança, Duque de Vizeu.

Como D. Nuno era menor a tutoria foi confiada á princesa D. Aldegundes, duqueza de Bragança.

Eu, Dom Miguel II de Portugal, Duque de Bragança, etc., no momento em que renuncio em meu muito querido e amado Filho Dom Duarte Nuno, todo o direito legitimo e tradicional que representava e possuia, porque o dito Infante se encontra ainda na menoridade, hei por bem confiar desde hoje o encargo da sua tutela á minha muito amada e presada irmã Dona Aldegundes de Bragança, a fim de que, com o titulo de Duqueza de Guimarães, que agora lhe transmito e confirmo, assuma, como em Regencia, a direcção politica da causa Nacional Portuguesa, até que, conforme a tradição, e as antigas leis, o mesmo Infante seja em idade e entender de, com a graça de Deus, por si reger, governar e defender a terra de Portugal. E á augusta Infanta, minha muito querida e prezada Irmã, peço por mercê queira aceitar este cargo e fazer todo o bem que Eu, sem alguma duvida, por conhecer suas muitas virtudes e a prudencia e zelo que em todas as coisas tem creio e confio que grandemente saberá fazer.

E assim mandamos que tudo se cumpra e guarde como neste se contem

Em Brombach, aos 31 de Julho de 1920. a) Dom Miguel de Bragança.

Passou-se tudo isto em 1920 e foi obra da diplomacia integralista. Dois anos depois a diplomacia do sr. Aires d'Ornelas anulava o reforço dos integralistas e a abnegação dos legitimistas, realisando a escamoteação do sr. D. Nuno, Eis o documento:

«Os abaixo assignados, analisado detidamente a situação politica do Paiz e conscios de que interpretam o sentir da grande maioria dos monarquicos portuguezes que são a maioria do Paiz, desejando sincera e lealmente ver terminadas as dissenções entre a familia monarquica, que só aproveitam aos partidos da Republica, com grave prejuizo da nossa causa e do nosso Paiz:

Ouvidos os seus Augustos Mandantes e por eles devidamente autorisados, declaram:

O primeiro signatario: a) que o Seu Augusto Mandante, na falta de herdeiro directo, aceitará o Sucessor indicado pelas Côrtes Geraes da Nação Portugueza.

b) Egualmente aceitará as resoluções das mesmas Côrtes, quanto á Constituição Politica da Monarquia Restaurada.

c) Que de acordo com a Santa Sé será resolvida a questão religiosa, mediante diploma a ser submetido ás Côrtes.

Pelo segundo signatario foi dito: que perante as declarações anteriores, o Seu Augusto Mandante pedia e recomendava a todos os seus partidarios que acatem como rei de Portugal o senhor D. Manuel II e que se unam lealmente sob a mesma bandeira que obriga todos os monarquicos, que é a bandeira da Patria e a bandeira que ha-de salvar Portugal.

Feito em Paris, aos 17 de Abril de 1922. — (a) *Ayres d'Ornelas, Conde d'Almada e Avranches*».

O sr. D. Nuno nem é citado neste documento! E quanto á regente-tutora, foi um ar que lhe deu!...

E' reconhecido como unico legitimo o pretendente D. Manoel II. Em troca, este principe não dá nada, porque apenas se obriga a aceitar aquilo que o Parlamento lhe ordenar como, aliás, é obrigação do rei constitucional e irresponsavel.

Foi ou não foi uma escamoteação?..

A eloquencia e os alvitres

Uma carta do sr. Paiva e Pona

A proposito do nosso editorial com este titulo, recebemos a seguinte carta:

Sr. Redactor: — Mil parabens pelo seu artigo de fundo a respeito dos nossos valentes aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral, denominado «A Eloquencia e os alvitres», e publicado no seu conceituado jornal de 4 do corrente.

V. reproduz aquilo que eu exactamente tenho defendido e julgo ser a verdade.

Alvitres aos milhares, e quanto ao que se projecta fazer resume-se em banalidades — excepto a inscrição na Torre de Belem, corriqueirices, feriados nacionais, tolerancias de ponto, luminarias e tric-tracs, etc. et., tudo pretextos para não se trabalhar com a competente pagodeira á mistura.

E repare v. neste paradoxo:

São eles que trabalham; são eles que fazem o esforço inaudito, são eles que arriscam a vida e nós descançamos, gosando o feriado já prometido e pedido em mil alvitres. Faz lembrar-me a historia do fumador de charuto, tendo ao lado um, que enquanto o outro fumava ele... cuspia!

Ponha v. á prova tanto patriotismo berrado por todos os cantos do paiz e atire ca para fóra tambem o alvitre de que a melhor forma de corresponder-se ao heroismo desses homens, seria prestar-lhe uma homenagem, a unica que se amoldaria ao caracter e psicologia desses bravos e que [corresponderia pelo menos á ideia que os levou á pratica de tão alto feito. Essa homenagem seria, no dia ou dia seguinte á sua chegada ao Rio, todo o portugues, fosse qual fosse a sua categoria ou o seu mister, desde o sr. Presidente da Republica até ao mais humilde marçano, trabalhava mais uma hora.

Que linda homenagem e como eles dariam por bem empregado todo o seu trabalho ao saberem que deram motivo a que no seu paiz, embora num só dia, se trabalhou mais um pouco e se produziu um pouco mais. Att. ven. e crd.—*Paiva e Pona*

Melo Barreto

Partiu hoje para Madrid onde vai assumir o seu posto o sr. Melo Barreto, ministro de Portugal junto da côrte de Espanha, que teve a gentileza de nos vir apresentar as suas despedidas.

Os bolchevistas

tomam para o seu exercito, os viveres destinados aos famintos

STOCKOLMO, 5—Segundo informações de fonte segura um comboio de viveres enviado pela Cruz Vermelha sueca para os famintos russos foi desviado do seu destino e onze vagons com viveres foram, por ordem das autoridades bolchevistas enviados á fronteira polaca onde estão concentradas forças do exercito vermelho.—(R).

DIZE TU... DIREI EU...

Crise ministerial?...

SEGUNDO UNS, ESTA PARA BREVE; SEGUNDO OUTROS, DECLARA-SE EM JUNHO... ENTRETANTO JÁ VÃO APARECENDO OS PRETENDENTES ÁS CADEIRAS DO PODER! : : : :

ULTIMAS INFORMAÇÕES

A questão politica, que ontem apareceu nitidamente posta, em plena Camara dos Deputados, pelo ilustre presidente do Ministerio, esclareceu a situação. O chefe do Governo disse o seguinte:

a) — Demito-me, se em 30 de Junho não estiverem votados os orçamentos;

b) — Declaro-me, por mim e pelo Governo, solidario com o sr. ministro da Instrução, no caso da transferencia do professor Lopo de Carvalho para a Faculdade de Medicina de Lisboa.

A crise, ou ainda relativamente remota, ou já muito proxima, está, pois, virtualmente declarada e a sua eclosão definitiva só pode evitar-se:

a) — Discutindo-se e votando-se os orçamentos dentro do ano economico corrente;

b) — Aprovando-se uma moção de confiança ao Governo, no final do debate ácerca da questão Lopo de Carvalho — Faculdade de Medicina.

Vejamos apenas a crise iminente, deixando folgar as costas...

A crise ministerial pode resultar, nos primeiros dias da semana proxima, de uma moção de desconfiança ao Governo. E pode ainda verificar-se após a moção de confiança, porque as dificuldades de governar serão muito provavelmente agravadas, se o Governo não transigir com o professorado de medicina, já apoiado pelo espirito da classe do corpo docente e dicente de toda a Universidade.

Entendemos que ao Governo não deve ser negada a moção de confiança. Quere-nos parecer que a ilegalidade do decreto de transferencia do professor Lopo de Carvalho foi demonstrada, com muita clareza, pelo sr. Rocha Saraiva. Este parlamentar não deixou duvidas nos seguintes pontos:

1.º — Que se deu uma vaga na Faculdade com o falecimento do dr. Julio de Matos;

2.º — Que existia um supranumerario para ocupar a cadeira vaga, supranumerario que era o sr. dr. Sobral Cid;

3.º — Que a cadeira, portanto, lhe pertencia, por lei;

4.º — E que, sendo assim, não havia vaga, sendo nulo o decreto de transferencia do dr. Lopo de Carvalho.

Isto parece-nos indestrutivel. E', todavia, verdade que a interpretação da lei se tem prestado a uma larga controversia. O Governo, pela voz do seu chefe, não está de acordo com o sr. Rocha Saraiva. Sustenta o decreto de transferencia. Sustentá-lo-ha sempre e atravez de tudo? Supômos que não. Suspeitamos que o Governo tem o designio secreto de anular o decreto, *mas somente depois de arrancar ao Parlamento um voto de confiança.*

Seria esta, realmente, uma solução habil e que a ninguem deixaria mal colocado. O Parlamento, não negando a sua confiança ao Governo numa questão que tem alguns aspectos ligados á ordem publica, não abdicaria nem transigiria, mas apenas se amoldava ás necessidades prementes de uma ocasião excepcional; o Governo, transigindo com a opinião publica, não se desprestigiava, antes se fortalecia, demonstrando praticamente que a sua inflexibilidade não é a de um teimoso ou de um casmurro; e a Faculdade de Medicina, e a Universidade de Lisboa, e, emfim, todos aqueles, professores e estudantes, que pugnaram pela legalidade ou por aquilo que julgaram e julgam ser a legalidade, considerar-se-hiam satisfeitos. Restaria apenas um queixoso: o sr. Lopo de Carvalho. Mas isso que importancia tem? A Republica não é dêle nem de familia alguma, desde que se emancipou do sr. Afonso Costa.

* * *

Entretanto, ha tambem quem diga que nada disto sucederá. Afirma-se que o sr. Antonio Maria da Silva se empenha, mais que ninguem, na declaração formal da crise, abrigando o proposito de chefiar, em seguida, um Ministerio de concentração republicana, constituido por representantes dos partidos da Frente Unica. E' um modo de ver, muito contrariado, aliás, por aqueles elementos do partido democratico, que já o hostilizaram, mais ou menos abertamente, no Congresso de Coimbra.

Um gabinete de concentração já não repugna aos liberais. Chefiado pelo sr. Antonio Maria da Silva? Isso não. Os liberais prefeririam que um dos seus, o general sr. Silveira ou o coronel sr. Freiria, ficassem á testa do Governo, porque os supoem de energica envergadura, como convem á orientação politica que entendem se deve imprimir á nova situação politica. Se tais ideias fossem traduzidas praticamente, o Governo preconizado pelos liberais seria, ontem á noite, éste:

Presidencia e Guerra, general Silveira ou coronel Freiria; Interior, José Domingues dos Santos; Comercio, Vasco Borges; Finanças, Cunha Leal; Estrangeiros, Barbosa de Magalhães ou Julio Dantas; Colonias, Herculano Galhardo; Agricultura, Aboim Inglez; Trabalho, Afonso de Melo; Justiça, Lopes Cardoso; Instrução, Rêgo Chagas, e Marinha, Vitor Azevedo Coutinho.

Este elenco ministerial está, evidentemente, contra-indicado, mas não é fantasista. Se o mencionamos, é só para dar ao leitor uma ideia aproximada do delirio que ainda domina nas altas esferas da politica partidarista...

* * *

E a opinião de *A Capital*?... Porque não havemos de a dizer, francamente? Ela vai expressa na primeira parte dêste artigo. Foi-nos comunicada por um cavalheiro muito das nossas relações. Como se chama êle? Chama-se Bom Senso e é proximo parente do nosso malogrado amigo e inolvidavel Mestre o sr. conselheiro Acacio, que vocelencias conheceram muito bem.

A conferencia de Genova

Ainda as restricções

GENOVA, 5.—O sr. Barrera avisou oficialmente o sr. Facta de que a França não assinará o memorandum enquanto a Belgica não o assinar tambem. Os srs. Barthou e Lloyd George tomarão amanhã pela manhã uma decisão com respeito á entrevista comum eventual com os srs. Wirth e Rathenau.

A comissão economica terminou os seus trabalhos aprovando uma resolução concernente ás materias primas liberdade de comercio, concorrencia desleal de dumpins ás questões agricolas e ás do trabalho.—(R).

Dinheiro para a Russia

GENOVA, 6.—As negociações para constituir o Consorcio Internacional de socorro á Russia deu os seguintes resultados: França, Italia, Belgica, Inglaterra concorreram cada uma com 3 milhões. O Canadá um milhão. O Japão e Holanda meio milhão, respectivamente o meio milhão a Tchecoslovaquia, Suecia, Dinamarca, Noruega e Suiça, Os Estados Unidos repartirão por si proprios a importancia da participação no caso de o desejarem fazer. A Espanha ainda não fez conhecer a sua vontade a este proposito.—(R).

O pacto de «não agressão»

BERLIM, 5.—A imprensa da direita recebeu com receios a proposta de Lloyd George na conferencia de Genova acerca do pacto de «não agressão». Pelo contrario a imprensa da esquerda mostra-se favoravel ao ponto de vista inglez.—(R).

Um grave desastre na aviação

Dois aviadores mortos

BRUXELLAS, 5.—Dois aviadores militares o sargento Steenhout, piloto e o sargento Godts, bombardeador, tendo levantado voo do aerodromo de Bierset-Awans, perto de Liege, deram uma queda mortal parece que devido á perda de velocidade. O aparelho cahiu verticalmente duma altura de 150 metros tendo os aviadores ficado despedaçados debaixo dos destroços do avião.—(R.)

Theatros e Cinemas

Nota do dia

Alguem que se assina «leitor assiduo» e que, justamente por essa assiduidade, merece toda a minha consideração, escreve me perguntando, ironicamente, se as minhas relações pessoais com o sr. Augusto de Pina são a razão do meu silencio sobre o teatro Nacional, ao contrario do que sucedia no tempo do sr. Galhardo em que eu, quasi diariamente, não poupava e muito embora a situação daquela casa de espectaculos seja perfeitamente a mesma de então.

Tenho a certeza de que o tal «leitor assiduo» me não conhece pessoalmente e por isso, não só não assinou, o bilhete postal mas—quem sabe?—supoz até que eu não lhe responderia. Como vê, enganou-se redondamente e para que não possa supôr que as minhas simpatias sobrelevam o que considero o meu dever de cronista, começarei por declarar-lhe que a mesma consideração que tenho pelo sr. Pina, a tenha pelo sr. Galhardo e que, embora reconhecendo que o actual administrador da casa de Garrett, apesar da sua boa vontade, á qual presto a devida justiça, não tem conseguido muito mais do que o seu antecessor, justo é frisar que, pelo menos, na sua «mise-en-scene» de peças que ultimamente ali teem sido montadas, tem sido objecto dum cuidado a que, de ha muito, nos desabituaramos.

No resto, o mal vem de ha muitos anos, os interesses criados e a autonomia adquirida por determinados artistas é de tal ordem que, muitas vezes, são estes quem mandam e não quem deve mandar. Emquanto o regimen do teatro Nacional comportar um quadro oficial de artistas em numero de 18 e tiver outros tantos contractados, apesar dos privilegios de que goza, é mais facil ganharem dinheiro as diferentes exposições que, periodicamente, se fazem no Salão, do que a administração do teatro. De ha muito que existem 4 vagas por preencher sem contar com as que deveriam existir de facto e que estão ocupadas por artistas de quem o publico já nem sequer se lembra, tão raras são as suas aparições em scena.

Mas... ha empenhos, ha interesses, habituamo-nos já a ver a estatua da Justiça com os olhos vendados e consequentemente tudo o que se diga em nada aproveita ao que não tem remedio, desde que as entidades oficiais aceitam aquilo como bom. Para o Brasil na companhia Lucilia, segue o societario Rafael Marques que, segundo se diz não voltará e portanto já vê o «leitor assiduo» que, tal como está o teatro Nacional será pessimo para o publico mas em compensação é optimo para os que lá trabalham, e que com justa razão, não veem necessidade da fundação da tal Casa Gil Vicente. Se eles teem o teatro Nacional...

ALVARO LIMA

Agenda da semana

HOJE — Politeama — Primeira representação da peça de P. Wolff «Azas quebradas».

AMANHÃ — S. Luiz — Matinée em beneficio do maestro Manoel Benjamin.

— Salão Foz — Primeiras representações da revista em 2 actos e 11 quadros «Piparote».

Noticiario

Entre nós

Veiu apresentar-nos as suas despedidas o actor Seixas Pereira que segue para o Brasil na «tournée» Lucilia Simões.

◆ Terminou hoje no S. Luiz, o praso para a requisição dos bilhetes marcados para a companhia franceza dispondo desde esta data a empreza, de todos os que não foram retirados. A estreia da companhia de que é primeira figura Madame Cora Laparcerie e da qual faz parte o actor Collins, deve realisar-se na noite de 15 decorrente com uma das melhores peças do reportorio.

◆ O Colegio Parisiense promove na proxima segunda-feira uma «matinée» no teatro Nacional.

◆ E' amanhã que no S. Luiz, se realisa a interessante «matinée», em beneficio do maestro Manuel Benjamin, na qual tomam parte muitos dos nossos mais aplaudidos artistas.

Estrangeiro

No teatro Recreio, do Rio de Janeiro, apoz a representação da opereta do Schubert «A casa das trez meninas» que teve sucesso, deve já ter subido á scena a opereta do dr. Assis Pacheco «O carnaval do amor». Da companhia, são primeiras figuras Leopoldo Froes, Almeida Cruz e Adriana de Noronha.

◆ Para a grande homenagem que no teatro Republica, do Rio de Janeiro se projecta apoz a chegada ali dos destemidos aviadores Coutinho e Cabral, o numero de pedidos de bilhetes tem sido tal que seria necessario uma lotação trez vezes superior á que aquele teatro tem.

◆ O cartaz do teatro Renaissance, de Paris, conserva em scena até á sahida da companhia para a sua «tournée» que se iniciará entre nós, a peça «La femme masquée» com que o mesmo teatro fará a reabertura da proxima epoca de inverno.

◆ Acaba de ser posta á venda nas livrarias parisienses, a deliciosa comedia de Miguel Zamacois «L'homme aux dix femmes».

Reclames

Nacional

Completa hoje 52 representações, no Nacional, a linda comedia o «Centenario», a interessantissima peça que tão extraordinaria concorrencia tem atrahido ao elegante teatro. Portanto, pode bem profetisar-se que o espectaculo desta noite, ali, decorrerá entre o maior entusiasmo.

Apolo

E' cada vez mais o entusiasmo do publico pela revista «Belo Sexo», que o Apolo tem em scena.

E' um exito enorme o que está obtendo a Companhia Rasi, com a famosa peça que ao popular teatro atrai todas as noites, grandes enchentes.

Para comodidade do publico, e no intuito de evitar contrariedades e aglomerações, á ultima hora, a empresa do Apolo resolveu começar a venda de bilhetes para as recitas com o «Belo Sexo», ás 11 da manhã.

Eden

Tem tido um franco sucesso, os admiraveis «films» que se estão estreiando no Eden, de tal forma que é raro o teatro não esgotar a lotação. Os espectaculos são a preços populares, que abrangem os camarotes, frizas, balcões, logares de plateia e promenoir, custando a entrada neste apenas 50 centavos.

O programa de hoje é uma maravilha. Amanhã no Eden, ha «matinée» ás 14 horas.

Cartaz do dia

Teatro de declamação

NACIONAL—A's 9—«O Centenario».

Teatro musicado

S. LUIZ—A's 9 — «A Lenda dos Tarlatanas».

APOLO—A's 9,15—«Belo Sexo».

AVENIDA—A's 9,15—«A Perola Negra».

Circos

COLISEU DOS RECREIOS — A's 9 — IX Campeonato Internacional de Luta e Variedades.

Animatografos

OLIMPIA—Rua dos Condes

CINEMA CONDES—Avenida da Liberdade

SALÃO CENTRAL—Praça dos Restauradores

Belas Artes

O Comissariado Geral da Exposição do Rio de Janeiro expediu um aviso aos expositores de trabalhos de belas artes, comunicando que o praso da entrega das obras de arte a expôr termina em 15 de Maio corrente, devendo todos os trabalhos serem enviados até áquela data impreterivelmente, para as Sociedades Nacionais de Belas Artes de Lisboa e Porto nos termos da 3.ª parte do Regulamento Geral daquele Comissariado,—Regulamentação artistica.

ANTONIO PINHEIRO

Foi concedida licença ilimitada ao actor Antonio Pinheiro, professor da 5.ª cadeira da Escola de Arte de Representar.

ESCOLA ACADEMICA

Visita de Estudo

Os alunos do 4.º ano do Curso Comercial deste importante estabelecimento de ensino, foram ontem e hoje em visita de estudo á fabrica Jansen, na rua do Alecrim.

Acompanhava os estudantes o professor de Industrias, sr. engenheiro Bernardo Vila Nova que durante a visita foi gentilmente coadjuvado pelos srs. Diniz Ferreira e Durrer, habeis empregados daquela fabrica.

Professor e alunos sairam com as mais agradaveis impressões, pela forma como foram recebidos.

Francisco Antonio Ramires Sobrinho

FALECEU

D. Clementina Salles Ramires, Gabriel José Ramires Junior, D. Matilde Henriqueta Ramires dos Reis, seu marido e filhos cumprem o doloroso dever de participar a todos os seus parentes e pessoas de suas relações que faleceu seu presado marido, irmão, cunhado e tio e que o seu funeral se realizará amanhã, domingo, pelas 15 horas, (3 da tarde) da Praça de Mousinho de Albuquerque, n.º 4, para o cemiterio Oriental.

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações	
Londres, cheque. . . .	4 5,16—	4 3,16
» 90 dias. . . .	4 7,16—	—
Paris, cheque. . . .	1147—	1182
Suissa, cheque. . . .	2419—	2491
Belgica, cheque	1049—	1080
Italia, cheque. . . .	675—	695
Berlim, cheque. . . .	42—	47
Holanda, cheque. . . .	48 8—	4952
Madrid, cheque	1947—	2006
New-York, cheque. . .	12525—	12898
Brazil, cheque. . . .	60—	54
Austria, cheque. . . .	1—	3
Noruega, cheque. . . .	2326—	2395
Suecia, cheque	3241—	3337
Dinamarca, cheque. . .	2662—	2471
Libras	59$00 —	61$500

A DIPLOMACIA DELES...

A "PAZ DINASTICA" TRANSFORMADA EM "GUERRA DECLARADA"

DUAS MARIAS, UMA LOUCA E OUTRA TRAIDORA!...

A leitura dos jornais monarquicos de ontem e de hoje faz crer que a denominada Paz Dinastica, muito artificialmente arrumada no Pacto de Paris, fracassou perante a evidencia dos factos contraditorios com as habilidades diplomaticas do sr. Aires d'Ornelas. Assinaram-se documentos que são uma deposição de armas em despreso de fundamentais principios; fizeram-se combinações de gabinete para servir interesses de familia á custa da renuncia de convicções; não se atendeu a obrigações de consciencia para só ver as conveniencias politicas d'ocasião... Tudo isto e o mais que se passou e é já do dominio publico não podia satisfazer os homens que, durante tanto tempo, religiosamente guardaram as tradições da monarquia legitima, conservando-se fieis ao seu rei D. Miguel I e seus legitimos sucessores. Os legitimistas não aceitam o Pacto de Paris. E não o aceitam porque não se julgam mercadoria em almoeda ou titeres politicos dos quais pode dispor um capricho real. Já em tempos longiquos se falou assim aos reis absolutos: Senão, não! Podia a sr.ª D. Aldegundes ouvir agora resposta diferente? Não, evidentemente. Mais depressa os legitimistas ingressarão na Republica — dizem êles — formando na extrema direita com um agrupamento politico de reivindicações aproximadas aos seus principios politicos e ás suas crenças religiosas, do que irão engorssar as fileiras dos constitucionalistas, bastardia politica que já não é realeza, mas não se atreve a ser Republica. Entre servir os sucessores do usurpador D. Pedro IV e usar livremente das garantias da lei republicana, os legitimistas preferem a segunda hipotese, da qual nada fundamentalmente os afasta, emquanto que a veneração do passado os torna incompativeis com os cumplices de D. Pedro IV, libertador do Brasil...

Os partidarios do pretendente D. Manuel compreendem isto muito bem. E tanto assim é, que procuram convencer os legitimistas alegando o espirito de sacrificio que obrigou a princeza D. Aldegundes a firmar o Pacto de Paris. Nesse sacrificio falam o *Correio da Manhã* e o *Dia*. Entretanto, é curioso verificar que o sacrificio foi das ideias e principios do absolutismo e, até agora, pelo menos, não correspondido com nenhuma *amande honorable* pronunciada pelo sr. D. Manuel ácerca do crime ou do êrro constitucionalista. Não se sacrificou. A cedencia é toda da parte da princesa Aldegundes, que renuncia aos direitos dos seus antepassados e acata definitivamente o facto consumado do poder usurpado. Bonito sacrificio, êste ultimo!

E os integralistas? A posição politica em que os deixou o Pacto de Paris é ainda mais lamentavel. Deposeram o sr. D. Manuel II, imitando os republicanos; fizeram contra o ex-rei de Portugal uma campanha demonstrativa, pelo menos, da sua fraqueza soberana; ridicularizaram os seus gestos politicos, sem compaixão pelos verdes anos da sua inexperiencia; apresentaram-no perante a Nação Portuguesa como um gosador da vida facil dos reis no exilio, ricos e sem cuidados... Depois de tudo isto e do mais que se sabe e se não cita por desnecessario, o Pacto de Paris quere que eles se submetam á autoridade unica do soberano deposto por verificada incompetencia mental. E' simplesmente extraordinario!

E os principios, para onde são arremessados? Os integralistas construiram o edificio hipotetico, dentro do qual divinizaram o sr. D. Nuno; fizeram a propaganda que lhes foi possivel para que a Nação Portuguesa se convencesse da necessidade de adoptar as concepções politicas dos pensadores do partido; sustentaram polemicas jornalisticas com a imprensa manuelista, que, pelo seu lado, não hesitou em tentar ferir politicamente a propria princesa Aldegundes, chacoteando do seu nome, um pouco arrevesado a ouvidos portugueses... Fez-se isto e o mais que se sabe. E, no final, aparece o Pacto de Paris, referendado pela princesa Aldegundes, arremessando despresivelmente para as ortigas com o produto de tanto estudo, de tanta devoção mantida através das necessidades de uma fortuna ingrata. Triste sorte!

E que resulta, em ultima análise, do Pacto de Paris? A Paz Dinastica? Seria ridiculo supôr que homens livres, cultos e honrados, vão submeter-se ao capricho de um rei *faineant* e de uma princesa insensivel. Pode, por momentos, dar-se uma aparente deposição de armas, um armisticio... Mas é impossivel, absolutamente impossivel, que o choque de principios e ideias opostas não volte a deflagrar. A fusão é praticamente impossivel. Não se misturam liquidos de densidades diferentes. Poderão, todavia, emulsionar-se. Mas o decorrer dos tempos fará com que todos retomem os seus lugares, como inflexivelmente ordena a lei da Natureza. E, quando isso acontecer, num prazo de tempo que não poderá ser longo, os integralistas encontrar-se-hão numa posição de extrema *gaucherie*, obrigados a repudiar uma companhia que já fôra verificada de indesejavel.

Aparte a questão fundamental da realeza (que, aliás, os repele...) os integralistas poderiam, querendo, juntar-se aos legitimistas intransigentes e constituir o bloco republicano da extrema direita. E, porque não?... O exemplo é-lhes dado pela igreja catolica. Esta não engeita a Republica, quaisquer que tenham sido os esforços feitos em contrario pelo bastardismo constitucionalista. A Santa Sé não vê incompatibilidade entre a Fé e a Politica. Um partido republicano, que revindicasse os direitos do livre exercicio espiritual, quer no campo religioso, quer no campo politico, seria perfeitamente adaptavel aos sentimentos, ideias e principios de legitimistas e integralistas. E' o que supomos. Não temos, aliás, a pretensão de falar do assunto *ex cathedra*, porque, para nós, o regimen republicano é fundamental. E é fundamental porque a historia ensina que, se houve uma rainha louca, que se chamou dinasticamente D. Maria I e lançou no exilio o maior estadista de Portugal, existiu tambem uma D. Maria II, que gozou de suficiente juizo para chamar a Portugal as tropas espanholas do general Concha. Entre as duas, escolha o diabo!

Ecos & Noticias

PARTIDAS E CHEGADAS

A bordo do vapor *Mossamedes*, parte no proximo dia 15 para a Guiné o nosso camarada na imprensa, sr. Verdu Martins.

"OS SPORTS,,

Por motivo de força maior, só amanhã é posto á venda o bi-semanario «Os Sports».

PELO TELEGRAFO

Um roubo sacrilego

PARIS, 5.—Dizem de Moscou que um bando de malfeitores assaltou a capela conhecida pelo nome de «Virgem Espanhola», roubando alfaias e outros objetos sagrados no valor de 8 milhões de rublos.—(R).

Ainda o incendio de Malaga

MALAGA, 5. — Abateu o andar principal do edificio da Alfandega recentemente destruida por um incendio. Nas dependencias que ocupava o Governo Civil encontrou-se mais um cadaver completamente carbonisado. (R).

A ex imperatriz Zita

MADRID, 5. — No Palacio Real do Prado começaram os preparativos para que nele se possam instalar a ex-Imperatriz Zita de Austria e os seus filhos, que são aguardados nesta capital dentro de alguns dias.—(R).

Um novo serviço aerio

BERLIM, 6.—Foi inaugurado com grande exito o serviço aerio entre Koenisberg-Moscou, o que permite que os jornais russos circulem em Berlim na manhã do dia seguinte á sua publicação.—(R).

Escola de Arte Aplicada de Lisboa

Abre amanhã ao publico uma exposição da oficina de lavores femininos dirigida pela sr. D. Helena Gameiro. A exposição continuará durante toda a proxima semana até ao dia 14.

ULTIMA HORA

"Raid,, Lisboa-Brasil

Bodo aos pobres

A subscrição aberta pelo sr. Governador Civil está em 15.000 Escudos

O sr. Governador Civil de Lisboa continua recebendo importantes quantias para o grande bodo que vai distribuir pelos pobres em sinal de regosijo pelo glorioso feito dos intrepidos aviadores portuguêses Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

Durante o dia de hoje foram recebidas pelo chefe do distrito mais as seguintes verbas:

Campos Ferreira & C.ª, 20$00; Domingos A. Viana, Limitada, 20$; listas 183 e 184 a cargo do administrador do 1.º bairro, 42$00; Companhia dos Tabacos, 500$00; Augusto Lacerda e Melo, 10$00; Antonio Mauricio Sousa Amorim, 10$00; José Antonio Carlos, 10$00; Francisco dos Reis Fernandes, 10$; Manuel Nuno Saldanha, 10$00; Alvaro Pereira Peralta, 10$00; Antonio Passos Rodrigues Junior, 10$00; Bourbon e Lencastre, 10$; Antonio da Costa Caldas, 10$; Pery de Linde, 10$; Silva Neves & C.ª, 20$; J. P. Bastos & C.ª, 20$; W. A. Sarmento, 50$; Banco Internacional de Comercio, 50$; J. Pereira da Silva, 5$; João da Cruz Xavier, 5$; Francisco Manuel Pereira, Limitada, 20$; Companhia de Seguros Comercio e Industria, 100$; J. de Oliveira Cardoso & C.ª, 20$; Belo Fialho, 10$; Ivo dos Santos Barroca, 50$; lista 92, a cargo do sr. J. Antunes Baptista, 200$; listas 75 e 7, a cargo do alferes sr. José Carlos, 218$05; Campos Ferreira & C.ª, 20$; Casa Portuguesa, 20$; Domingos & Lavadinho, 250$; Empresa Insulana de Navegação, 100$; Sociedade Vinicola do Sul de Portugal, 30$; José Neto Varela, 10$00.

A subscrição, até ás 17 horas de hoje, estava em 15.236$65.

No gabinete do sr. Governador Civil realisou-se hoje pelas 15 horas uma reunião de todas as empresas teatrais a fim de acordar na realisação de um grande sarau que terá logar na noite de 14 do corrente no Coliseu dos Recreios. Esta magestosa casa de espectaculos foi já posta á disposição do sr. Governador Civil pela respectiva empreza estando agora a organisar se o programa que será constituido por elementos de todos os teatros da capital.

No programa figurará ainda um concerto monstro pelas bandas da G. N. R. e uma grande apoteose á aviação maritima devendo ser passados no «ecran» quadros animatograficos da saida do hidro-avião da doca do Bom Sucesso. Nessa ocasião deve usar da palavra um dos mais distintos dos nossos oficiais aviadores.

Legitimistas e Integralistas vão reunir-se brevemente—A corrente, entre eles, é adversa ao Pacto de Paris

Muito brevemente, talvez ainda antes do fim do mez corrente, reunir-se-ha em Coimbra uma assembleia magna de Legitimistas e Integralistas a fim de discutirem o Pacto de Paris e resolverem a sua futura orientação politica. A grande maioria é já irredutivelmente adversa á fusão com os constitucionalistas.

Segundo as mais legitimas previsões, a assembleia tomará resoluções importantes, que poderão influir no desenvolvimento e alargamento da politica catolica portugueza.

Conferencias

O sr. José Pais de Vasconcelos conferenciou com o sr. ministro do Trabalho sobre assuntos hospitalares. Com o mesmo sr. para tratar de assuntos locais, avistaram-se os srs. coronel Raimundo Meira, deputado por Alcobaça e dr. Marques Vidal.

—O deputado sr. Serafim de Barros esteve expondo ao sr. ministro do Trabalho a situação angustiosa em que se encontra a Misericordia de Alijó, que não podia continuar a exercer a sua benefica ação sem o Estado lhe acudir.

O sr. ministro do Trabalho prometeu atender o pedido logo que o Senado vote uma proposta que já passou na Camara dos Deputados.

Operarios da Construção Civil

Uma comissão de operarios da Construção Civil conferenciou hoje com o sr. Governador Civil de Lisboa sobre a situação dos seus colegas presos.

A volta do globo em avião vai tenta-la o inglez Blake

PARIS, 5.—O major inglês Blake que vae tentar a volta ao mundo em avião começou hontem a treinar-se. Partindo de manhã de Londres veio tomar o pequeno almoço a Paris, depois voltou a Londres para lunchar, regressou a Paris para tomar chá e á noite partiu de novo para Londres.

Fez assim um total de onze horas de vôo.

Paiva Couceiro em Lisboa

Um jornal da manhã de hoje dá a noticia sensacional de que o celebre caudilho e guerrilheiro monarquico Paiva Couceiro se encontra de novo em Portugal e que um seu ajudante desembarcou ha dias na estação do Rocio, onde tomou um automovel que o conduzia para o lado das Janelas Verdes.

Esta noticia segundo o mesmo jornal foi obtida no Governo Civil pelo que a informação não podia merecer contestação.

Fomos hoje ao gabinete do chefe do distrito e ao da Policia de Segurança do Estado afim de colher mais esclarecimentos e ali recebemos somente a seguinte resposta:

—Isso é «palha»...

Maria Judice da Costa e Brunilde Caruson

Partem ámanhã para o Rio de Janeiro, a bordo do paquete *Belle-Isle*, as distintas actrizes Maria Judice da Costa e sua filha Brunilde Caruson, que tiveram a gentileza de nos apresentar as suas despedidas.

O orçamento dos E. U. do Brasil

As receitas só atingiram a verba que se esperava

RIO DE JANEIRO, 6 — No orçamento apresentado ás Camaras as despesas orçadas em 75.660 contos oiro e 714.495 contos papel, atingiram somente 53.034 contos oiro 547.588 contos papel. — (Lat. Am.)

UM HOMEM MORTO

Hoje de tarde apareceu morto no quarto de uma hospedaria na rua da Madalena 230 um individuo cuja identidade é por enquanto desconhecida. O cadaver deve ser ainda hoje removido para a morgue, parecendo tratar-se de uma morte subita e não de um crime.

Em poucas linhas

Armando Mendonça Costa Neves, rua José Estevam, 3 3.º, queixou-se á policia que tendo tomado ao seu serviço como creada uma rapariga de nome Carolina esta fugiu de casa depois de lhe ter furtado varios objetos e dinheiro, tudo avaliado em 4 000 escudos.

—Foi hoje enviado para o tribunal da Boa-Hora Francisco da Conceição, travessa da Queimada 19, 3.º, que furtou objectos no valor de 2.300 escudos ao teatro Salão Foz.

—Tambem seguiu para juizo Mariana de Jesus, Telheiras de Cima que tratou de empenhar varias roupas que lhe tinham sido confiadas para lavagem, pelo hospital militar Veterinario no Campo Grande.

—O chefe Martinheira da 1.ª secção concluiu já as suas diligencias sobre o assalto á casa de tavolagem conhecida pelo «Peras» da rua de S. José. Os pontos presos em flagrante foram hoje enviados para o tribunal da Boa-Hora.

O presidente da Republica do Uruguay

declara-se contra o presidencialismo

O dr. Brun, presidente da Republica Oriental do Uruguay, declarou que um dos maiores obstaculos levantados contra a liberdade eleitoral era a instituição da presidencia, pois que os cidadãos que ocupam esse cargo têm carácter absorvente e influem, por todos os meios, nos resultados eleitorais.

Por esse motivo, o ex-presidente sr. Batlle y Ordoñez propoz a substituição do cargo de Presidente da Republica por um conselho nacional eleito directamente pelo publico, semelhante ao governo da Suissa.

O sr. Ordoñez julga que elegendo-se nove cidadãos por votação directa e secreta, será dificil que cinco se associem para fazer mal, como acontece quando o governo se encontra nos mãos de um só homem, como no regimen presidencial. Todas as desgraças que acontecem ás Republicas sul-americanas provem de que os poderes triunfantes procuram reter o poder nas suas mãos afastando os seus concorrentes.

A oposição, impotente para conquistar a vitoria, pelos meios legais, vê-se obrigada a recorrer á força para alcançar os seus fins.

O Presidente, na America do Norte, não faz sentir toda a sua força, em virtude da autonomia que gosa nos Estados da União.

Assim, a influencia presidencial não vai até ás questões internas; de tal modo se limita á influencia politica e eleitoral.

Nos paises latino-americanos, incluindo os federados, a função do Presidente é outra. A autonomia dos Estados não se funda na tradição. Dahi resulta que o poder presidencial chega a ser omnipotente.

Pela proposta do sr. Ordoñez, o paiz dividiu-se em duas correntes, uma colegialista e outra presidencialista. A colegialista não logrou a maioria na assembleia encarregada de reformar a constituição, e, depois de acaloradas discussões, transigiu-se, criando-se um governo mixto, limitando-se a função presidencial á conservação da ordem e ás relações exteriores, emquanto que o Conselho Nacional se encarrega do resto da administração do paiz. Este regimen resultou defeituoso, visto que a força publica reside na mão de um homem.

Nós, os colegialistas, aceitamo-lo, certos de que o povo se convencerá de que, em breve, o Conselho Nacional seria o orgão do governo mais conveniente para garantir as liberdades publicas, esperando-se que, após breves anos, se reformaria novamente a constituição, suprimindo-se o cargo do Presidente da Republica. Hoje, os apaixonados presidencialistas já se mostram partidarios do regimen colegialista e não será de estranhar que, na actual ou na proxima presidencia, venha a ser suprimido o cargo do Presidente, ficando o Poder Executivo a cargo de um conselho. Este, além de oferecer maiores garantias, tem a vantagem de nele se acharem representadas as minorias, o que, naturalmente, evitará as violencias revolucionarias dos descontentes. O Conselho Nacional, nestas condições, será composto de nove membros, que serão renovados de dois em dois anos e no qual se incluirão dois membros da maioria e um da minoria.

Neste regimen constitucional não se poderão ampliar as discussões com fins de obstrucção, pois que existe um artigo, dispondo que, em qualquer momento se poderá dar por terminada a discussão, podendo proceder-se á votação, quando a solicitar um membro do Conselho e a aprovar a maioria dos seus partidarios. Cada dia que passa, me convenço mais fortemente de que esta a melhor forma de governo para os paises latino-americanos e tenho a certeza de que dentro de poucos anos será ela adoptada pela maioria dos paises do continente sul-americano.

Referindo-se á Conferencia do Desarmamento de Washington, o dr. Brun disse terem já produzido os seus resultados as tentativas para a consolidação da paz mundial e para a iniciação do desarmamento universal. Sobre o que diz respeito á estreita amisade entre os paises latino-americanos, declarou que todos esperam da inteligencia e boa vontade do Presidente Harding uma feliz solução para a questão do Pacifico.

A Exposição do Rio de Janeiro

Aos poderes publicos deve merecer os maiores cuidados a nossa representação na grande Feira mundial

Poucos mezes faltam para que se inaugure a grande Exposição Internacional com que o Brazil comemora o primeiro centenario da sua independencia. No Rio de Janeiro dar-se-hão «rendez-vous» os povos das mais afastadas regiões, das mais diversas linguas e de diferentes castas, porque todos eles compreendem que neste momento é para todas as nacionalidades, apoz a tremenda luta que foi a grande guerra, uma questão de vida ou de morte o vencer na batalha economica que está travada e que não deixará, embora não seja sangrenta, de trazer ruinas para os que para essa batalha se não aperceberem devidamente.

Conquistar mercados novos, assegurar os que já se tem, expandir o comercio, alargar as transacções, aumentar a exportação, tudo isso representa para um paiz um acrescimo de progresso, de actividade, de bem-estar material, de riqueza, hoje tão indispensavel aos povos, que não podem viver confinados a dentro das suas fronteiras, nenhum havendo que possam bastar os produtos do seu sólo, do seu comercio, da sua industria, tendo, por isso, de ir buscar fóra o que lhe faltam. E se não produz o suficiente para por seu turno exportar, di', ó bem de vêr, um desequilibrio economico tremendo, que o arrastará á miseria, a toda a sorte de privações.

Todos os paizes, dizemos, com preenderam portanto a importancia do certamen que no proximo mez de setembro vai abrir no Rio de Janeiro.

Uma pergunta se impunha, portanto, desde logo, ao nosso espirito. Estamos preparados para ir á Exposição e está assegurada a nossa representação?

Ninguem melhor para nos responder do que o Comissario Geral da Exposição, que tem, como se sabe, á sua frente um homem de vasta inteligencia e invulgar cultura, o engenheiro sr. Lisboa de Lima, nome bem conhecido e que da sua inteligencia tem dado sobejas provas em todas as comissões de serviço que lhe teem sido confiadas e em todos os elevados cargos, a começar pelo de ministro, que tem exercido.

O Comissariado não tem descançado. A obra já por ele realisada faz lhe honra. E' certo que muito há ainda a fazer, mas é verdade tambem que se pode confiar o futuro a quem tão bem soube trabalhar até agora.

O exito da Exposição está plenamente assegurado. Concorrentes á secção portugueza não faltam, expondo amostras da actividade portugueza em todos os ramos, artistico, industrial e comercial. E' de crer mesmo que as instalações não chegarão, apesar do Palacio das Industrias Portuguesas ocupar uma area de 4.000 metros quadrados e o Pavilhão de Honra cobrir uma superficie de 400 metros quadrados.

Haverá talvez necessidade de expôr por turnos e isto não é já pouco para demonstrar que o Comissariado Geral soube fazer despertar energias um tanto ou quanto adormecidas, interessando na Exposição todas as grandes forças economicas do Paiz.

Mas é necessario, dado o ponto a que chegámos, que os poderes publicos se não desinteressem e que a nossa representação lhe mereça os maiores cuidados. A assistencia do Estado é indispensavel e em subsequentes artigos demonstraremos a necessidade de assim se proceder.

Um artigo caseiro

de grande utilidade

Vão ser brevemente postos á venda uns acendedores denominados «Lamparina Firophero» que consta de reservatorio esferico de metal niquelado susceptivel de comportar cerca de 20 cc. de gazolina, rematado por um estreito gargulo a que se liga um tubo, no interior do qual passa a mecha que mergulha no reservatorio e aflora o extremo do mesmo tubo que lateralmente tem o dispositivo destinado á produção de faiscas. Este acendedor pesa vasio 100 gramas e o reservatorio está disposto a fazer assentar esvaelmente o aparelho sobre uma superficie plana e horisontal e tem a aparencia dum «bibelot» elegante e maneiro.

A companhia dos fosforos quiz opor-se á venda deste acendedor automatico mas o seu requerimento foi indeferido pelo Ministerio das Finanças.

No norte do paiz o seu uso generalisou-se tanto que não ha casa onde se não encontre o acendedor caseiro. Para Espanha estão em fabrico vinte mil acendedores comprados por uma importante casa de Barcelona e em Lisboa vão aparecer á venda em muitas casas, pois ha centenas de pedidos, estando a fabrica, que é situada em Vila Nova de Gaia, com uma produção diaria de 500 lamparinas, esperando-se que esta produção aumente com as novas maquines que se estão montando.

O unico depositario com exclusivo de venda para o Sul do Paiz e Colonias é o sr. Manuel Gouveia Correia com escritorio na Rua do Ouro, 127.

SPORT

NOTICIARIO

FOOT-BALL

O team inglez Civil Service joga em Lisboa a 11, 13 e 14 deste mez

Como temos dito, nos dias 11, 13 e 14 deste mez realisam-se os anunciados desafios internacionais de foot-ball entre o valoroso team inglez Civil Service Foot-Ball Club e os trez clubs portuguezes: Internacional, Sport Lisboa e Bemfica e Sporting Club de Portugal.

As direcções do Club Internacional e Sport Lisboa estão recebendo pedidos para o team do Civil Service no seu regresso á Inglaterra passar por S vilha, visto que este encontrando-se em Barcelona tem de jogar em Lisboa no dia 11. Manifestam desta forma os jogadores de Sevilha grande interesse em se encontrarem com o team inglez.

O team do Internacional, o primeiro a defrontar-se com os inglezes apresenta-se reforçado com a defeza do Casa Pia, Antonio Pinho e Gomes dos Santos o que por certo tornará o team portuguez mais equilibrado. Este jogo realisa-se no Stadium na quinta-feira 11. No dia 13 no mesmo campo jogam os inglezes contra o Sport Lisboa e finalmente a 14 com o Sporting campeão deste ano. Na séde do club internacional já se marcam bilhetes e encontram-se as quotas dos socios em atrazo visto que a entrada dos socios é regulada com a quota de abril ou maio.

CAMPEONATO DE LUTA

Realisa-se este Campeonato nos dias 8 e 9 do corrente, sendo a pesagem dos concorrentes que são em numero de 29, feita no domingo 7 ás 21 horas no Ginasio Club Português.

A entrada é facultada aos socios dos Clubs concorrentes por meio de convites.

TAÇA LUSITANIA

Organisado pelo Grupo Desportivo da Companhia Portuguesa do Fosforos vae disputar-se um torneio de 3.as categorias uma taça que denominaram «LUSITANIA».

E' uma homenagem justissima prestada por um humilde team de foot-ball aos grandes portuguêses Gago Coutinho e Sacadura Cabral pelo seu arrojado raid Lisboa-Rio de Janeiro.

A esse torneio podem concorrer todos os teams da 3.a categoria inscriptos na A. F. L. pelo qual se rege toda a sua organisação.

A inscripção é feita por especial deferencia no Ateneu Comercial ás 21 horas até 9 do corrente.

A taça que nos dizem ser um mimo de arte devo ser exposto em breve juntando-se-lhe um objecto de arte, oferta de um estabelecimento da baixa que assim quer mostrar a sua simpatia pelo Grupo organisador.

O SARAU DO GIMNASIO CLUB

O Coliseu tem todos os anos, no sarau do Gimnasio Club Portuguez, uma das suas mais festivas e animadas noites. Os programas do Gimnasio Club são sempre brilhantemente organisados e do proximo sarau manterá essa fama, na variedade e valor dos numeros, entre os quais sobressairão a classe infantil da gimnastica sueca, do professor Artur dos Santos; os exercicios de esgrima de florete, feitos em conjunto por uma numerosa classe do mestre Antonio Martins; os trez numeros aereos: vôos, barras paralelas e triplo-trapezio sem rêde; a equitação (volteio e alta escola) etc.

LUTA

IX CAMPEONATO INTERNACIONAL

As lutas de ontem, como nas noites anteriores, despertaram grande interesse. O combate St Mars-Deriaz terminou pela vitoria do primeiro.

Foi uma luta em força mas que manteve o publico interessado. Grilo venceu Leon d'Angers, Bouchtoui venceu Roberti, El Secondo venceu Sonda.

Hoje o programa é atraente. Manuel Grilo luta com Constant Mario, Masseti contra Ghyssen e Deriaz contra El Secondo.

São trez lutas da final que devem ser rijamente disputadas.

TAUROMAQUIA

Campo Pequeno

Bem desejada tem sido pelos aficionados a tourada que para amanhã está anunciada. Como os touros de João Coimbra teem sempre saido bons e bravos, o nome do escrupuloso ganadeiro no cartaz atraiu as atenções. E como os lidadores são artistas de reconhecido e grande merito, ha fundadas esperanças de que a corrida resulte animada e satisfaça o publico. Rufino da Costa e Ricardo Teixeira são os cavaleiros; a pé trabalham Luciano, Alfredo Santos, Tomé, Agostinho Coelho, Jaime Dias e «Malagueño». E Casimiro Daniel é o cabo de forcados, entre os quais um dos nossos melhores pegadores. A corrida começa ás 4,45.

A crise do papel

Paralisa um grande numero de periodicos alemães

BERLIM, 5.—Por causa da enorme carestia do papel, deixaram de se publicar na Alemanha nos dois ultimos mezes 233 diarios e revistas. —(R)

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

Nem escultura nem pintura...

por ALBERTO BRAGA

Nem escultura, nem pintura — dizia o general.

E naquela inabalavel insistencia em não deixar que a filha aprendesse escultura nem pintura, havia uma expressão de tamanha tristeza, o seu rosto palido contraia-se de um modo tão pungente, que me deixou para sempre no espirito uma impressão extraordinaria!

— Nem escultura, nem pintura.

E levantou-se agitado da cadeira, passando as mãos tremulas pela testa, como se quizesse afastar uma ideia que o atormentava!

Carolina, a filha, quando eu sahia, esperou-me á porta da sala, e disse-me baixo, com uma voz suplicante:

— Meu amigo, veja se resolve o papá. Sinto tanta vocação!...

E com os seus grandes olhos azuis fitos nos meus, retendo-me ambas as mãos nas suas, insistiu:

— Sim, meu amigo? Sim?

Era um encanto!

Imagine-se que Carolina, que tinha então dezoito anos, era alta, airosa, de cabelos alisados á Bressant, com uns graciosos caracois a brincarem-lhe sobre a testa. Depois, muito elegante, franzina, com o corpete longo do vestido cingi-la como uma couraça de lim...

Falava-nos sempre com um sorriso adoravel, deixando entrever uma pontinha dos dentes, uma covinha no meio das faces, a bocinha de lado, na postura humilde e carinhosa de uma pomba! Ninguem se podia resistir a um pedido seu.

Eu respondi logo que sim; mas façam ideia como sahi de casa! Toda a santa noite passei a resolver a maneira de convencer o general! Diabo! ele era teimoso, quasi invencivel; mas adorava a filha.

Todas as tardes, depois do café, vinha com ela para o terraço, encostava a cabeça no seu ombro e ali ficava horas e horas, ouvindo-a ler o romance predilecto, encantado daquela voz que suavisava tanto a leitura!

No dia seguinte, quando entrei, era já no fim do jantar.

O general estava mais palido; e logo que eu apareci na sala, enrugou-se-lhe a testa, dissimulando a custo a má impressão da minha presença.

Carolina, apenas acabou o jantar, retirou-se para o quarto, e deixou-nos a sós.

Sahi para o terraço com o general, acendemos os nossos charutos; e, ainda antes de eu principiar a falar, fixou-me ele vivamente excitado, de cenho carregado, com uma expressão de dôr que o transfigurava.

— Quero dizer-lhe hoje a razão da minha recusa ao pedido que ontem me fez. O senhor bem sabe quanto eu adoro a minha filha, sabe quanto sou extremoso por aquela criança, como procuro sempre adivinhar-lhe os minimos desejos...

— Mas então, general...

— Mas — interrompeu ele, impondo-me silencio com um gesto— mas é por isso mesmo, por querer evitar-lhe a mais ligeira sombra de desgosto, que insisto cruelmente na minha resolução.

Sentou-se defronte de mim, reclinou a cabeça no espaldar da cadeira, e proseguiu pausadamente:

— Nunca conheceu minha mulher? Era uma santa de formosura e de virtude. Tinha eu mais vinte anos do que ela, quando a conheci, uma noite, num baile do ministro inglês. Passados seis meses do nosso primeiro encontro, casámos.

Minha mulher tinha recebido uma educação esmerada. Filha de um distinto diplomata português, desde os mais tenros anos principiou a viajar por quasi todas as côrtes da Europa. Quando seu pai foi nomeado ministro em Italia, junto do Vaticano, Leopoldina esteve ali perto de sete anos. Os raros dotes da sua inteligencia de artista encantavam os que a ouviam. De um caracter naturalmente melancolico, quasi romanesco, o espirito mais propenso para admirar os produtos da imaginação, do que para atender ás realidades prosaicas da vida, todas as obras dos grandes artistas a maravilhavam.

Visitava sempre os museus, e, por isso, eram-lhe familiares os quadros e as estatuas dos autores mais notaveis.

O ministro, vendo a paixão dominadora da filha, convidou um artista afamado de Roma para lhe ensinar escultura.

Leopoldina revelou desde as primeiras lições uma vocação excepcional.

Depois que casei, de longe em longe, pedia-me para fazer o meu busto em gesso; eu, porém, esquivava-me sempre, nem sei dizer-lhe porque...

Ao cabo de três anos de casados, tinhamos dois filhos: Carolina, que é a criança que o senhor conhece, e um filho, que se chamou Luiz, e que morreu, tendo apenas quatro anos de idade.

Foi por esse tempo que Leopoldina me disse que queria esculpir em grupo a cabeça das duas crianças.

— Oh! meu amigo — exclamou o general, pondo os olhos no ceu — que deliciosos momentos eu passei então no *atelier* de minha mulher!

Imagine. As duas crianças sentadas sobre a mesma almofada, pousando uma um beijo na bôca da outra. Eu, ao lado, cheio de entusiasmo e de orgulho, contemplava o talento com que a escultora ia revelando no pedaço de barro informe e tosco os perfis adoraveis dos meus filhos!

Debaixo dos seus dedos esguios, delicados, de uma brancura de jaspe, as duas cabeças iam aparecendo, avultando, surgindo pouco a pouco, feição, por feição, quasi como que por encanto!...

— Um dia, porém — continuou o general, depois de uma longa pausa — inesperadamente, o pequenino adoeceu.

A cabeça da filha estava admiravelmente acabada; mas a cabeça do irmãosinho, apenas esboçada, entrevia-se já como se fosse atravês de um veu pouco espesso.

A criança teve um sofrimento horrivel durante três dias e morreu no quarto de uma meningite!

Minha pobre mulher endoideceu em seguida á morte do filho.

Então, meu caro amigo, cortava o coração ver aquela desgraçada louca, sempre que chamava para junto de si a filha e a beijava, procurar anciosa, de um lado e do outro, a cabecinha loura do Luiz. Havia um leve sorriso nos seus labios, quando os estendia em procura da bôca do filho... Depois, cahia num abatimento profundo, muito triste, de olhos fixos no chão, com um movimento tremulo dos dedos, desenhando incerto no espaço o perfil da meiga cabeça de criança!...

No momento em que ia morrer, pediu-me suplicante, de mãos postas, que lhe aproximasse do leito os *seus filhos*.

Levantei nos braços a Carolina e aproximei-a, para receber o ultimo beijo da mãe.

Ela, então, quasi a expirar, pousou um beijo longo na bôca da criança, ergueu-se com esforço no leito, procurando hesitante, com as mãos, a cabeça do filho, e desfaleceu, pouco a pouco, soluçando, com os dedos tremulos a moverem-se vagamente no espaço...

Exalou o ultimo suspiro a sorrir! Ai! E' o sorriso consolador de toda a mãe, que, ao morrer, entrevê já na eternidade a imagem querida do filho que a espera!

O general escondeu o rosto nas mãos e esteve assim algum tempo, a chorar.

Quando se levantou, caminhou direito para mim, abraçou-me comovido, e disse:

— Já vê! Nem escultura, nem pintura!

FIM

PINTO & SOTTO MAYOR

BANQUEIROS

LISBOA-PORTO

REPRESENTANTES EM PORTUGAL

DO

— BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL —

LISBOA	PORTO
R. do Ouo, 18 a 24	28, Paça da Liberdade, 29

Rua do Comercio, 136 a 140

Mario Duarte
Cirurgia da boca e dentes
P. RESTAURADORES, 13
Telef. 314 C.

Agua de CALDELLAS

BANDEIRA DE MELLO, L.DA

Rua Augusta, 75, 1.° e 2.°

Banco Nacional Ultramarino

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Séde em Lisboa R. do Comercio—Agencia em Lisboa-C. Sodré

Capital Social Esc. 48.000.000$00
Capital Realisado Esc. 24.000.000$00
Reservas Esc. 26.000.000$00

FILIAIS NO CONTINENTE—Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Mirandela, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Povoa de Varzim, Regoa, Santarem, Silves, Torres Vedras, Vianna do Castelo, Vila Real e Vizeu.
FILIAIS NAS ILHAS—Funchal, Ponta Delgada, e Angra do Heroismo.
FILIAIS NO ESTRANGEIRO—Paris Rue de Helder, 8, Londres 27 B Throgmorton Street, New York 28 Liberty Street.
FILIAIS NAS COLONIAS—S. Vicente e S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, S. Tomé, Principe, Cabinda Kinshassa (Congo Belga), Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Belmonte (Bihé), Mossamedes, Lubango, Lourenço Marques, Inhambane, Beira, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique, Ibo, Mormugão, Nova Gôa, Bombaim (India Ingleza), Macau e Dilly.
FILIAIS NO BRAZIL—Rio de Janeiro, Campos, S. Paulo, Santos, Bahia, Pernambuco, Parahiba, Pará e Manaus.

Recomendam-se ás Filiais deste Banco no Brazil para os saques sobre qualquer localidade de Portugal, Correspondentes nas principais localidades do Continente e Ilhas Adjacentes e em todas as cidades do mundo, operações bancarias de todos os generos, compra e venda de saques, notas e moedas estrangeiras, coupons, operações de Bolsa, cartas de credito directas ou circulares sobre as colonias e todos os paizes do mundo.

Banco Colonial Português

Séde:—Rua Aurea, 175 a 191

LISBOA

Sucursais:

PORTO — Casa Pinto & Sotto Mayor

RIO DE JANEIRO — Banco Português e Brasileiro

TELEGR. — **Procolonia**

CAPITAL AUTORIZADO: Escudos 100.000:000$

CAPITAL EMITIDO: Escudos 10.000:000$

SUCURSAIS NA AFRICA OCIDENTAL e ORIENTAL PORTUGUESA

Correspondentes em todas as localidades do continente, ilhas e em todas as praças estrangeiras

Efectua todas as operações bancarias: descontos, transferencias, depositos á ordem e a prazo em moeda nacional e estrangeira, contas correntes, compra e venda de cambiais e de moedas e notas estrangeiras, pagamento por ordem telegrafica e por correspondencia, cartas de credito, ordens de bolsa no País e no estrangeiro, compra e cobrança de coupons, emprestimos caucionados, transacções sobre mercadorias, etc.

Sociedade Industrial de Adubos, Pêlos e Grudes, Limitada

Séde em Lisboa—Rua da Prata, 59, 2.°
Endereço telegrafico: JOSELIA

TELEFONES: Séde — Central, n.° 2293
Fabricas — Paio Pires n° 16
Armazens — Poço do Bispo, n° 25

FILIAIS: No Porto, Rua de Santa Catarina, n.° 108, 2.°
Em Pampilhosa de Botão, Estrada da Mealhada
FABRICAS: No Seixal, "Moinho do Breyner„
DEPOSITOS: Lisboa, Poço do Bispo, Porto, Rio Tinto, Rana, Pampilhosa do Botão e Leiria
AGENCIAS: Em varios pontos do paiz

Fabricação especial de adubos compostos de todas as qualidades e para todas as culturas

Superfosfatos, sulfato de amonio, nitrato de sodio, fosfato Tomaz, sais potassicos, guanos e farinhas de peixe

Productora e fornecedora das melhores purgueiras do mercado

Sulfatos de cobre e de ferro e enxofres

Consultas e informações gratuitas sobre todos os assuntos agricolas.

No proprio interesse dos srs. lavradores aconselhamelos a não fecharem as suas compras sem primeiro nos consultarem.

EXCELENTES RESULTADOS

Anibal Neves, Limit.

Rua da Prata, 242 a 248 — **Rua de Santa Justa, 26 a 32**

Telef. 3040 C. — **LISBOA** — Teleg.: *Vapor*

SECÇÃO TECNICA

Fornecimentos de maquinas e ferramentas para todas as industrias
Instalações de fabricas e centraes de força

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS de:

Maschinenfabrik Badenia Weinheim (Alemanha)
Locomoveis e semi-fixas de todas as potencias

Saechsische Turbinenbau Und Maschinenfabrik, Meissen (Alemanha)
Turbinas, instalações de ceramica, etc.

Usines Reduuwée S. A. Liége (Belgica)
Bombas e compressores

Storebro Aktiebolag. Storebro (Suecia)
Maquinas-ferramentas

Rudal & C.° Dresden (Alemanha)
Aparelhos de elevação e transporte

Franz Sieper Remscheid (Alemanha)
Ferramentas para industrias e oficios

Berna Lorries, Limited Olten (Suissa)
Camions, tractores de estrada e agricolas, carros de reboque

Edoardo Bianchi S. A. Milão (Italia)
Automoveis, motos e bicicleter

POÇOS ARTESIANOS
Abertura de poços, trabalhos de irrigação

OFICINAS
de reparação de automoveis, construções mecanicas e metalicas, soldadura autogenea

SECÇÃO DE IMPORT E EXPORT

Materias primas, materiaes de construção, tintas, vernizes, productos quimicos etc.

SECÇÃO CORKY

Pavimentos sem lendas de superior qualidade. Isolamentos para instalações de vapor e frigorificas

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

N.º 4072-12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5

LISBOA — Segunda-feira, 7 de Maio de 1922

Telefone n. 2293 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

Os aviadores esperarão nos rochedos o momento de levantar vôo directamente para a costa da America.

De antes quebrar que torcer

Pelos documentos publicados no nosso numero do sabado, ficaram os leitores elucidados sobre a situação creada no campo monarquico pelas ultimas negociações entaboladas entre os diversos grupos que procuram restaurar uma realeza em Portugal.

Essas negociações obedeceram a tres propositos, cada um definindo o interesse privativo de cada grupo contratante.

O sr. D. Manuel vi-se na situação dum rei sem trono e sem herdeiro. Os integralistas tinham a muito custo arranjado um rei inteiramente desconhecido da nação. Os legitimistas tinham já visto o representante da sua causa procurar por diferentes maneiras a capitulação do seu proprio credo, certamente por pertencer ao numero dos que já não acreditam nas sebolas do Egito.

Nas altas esferas dirigentes destes grupos existia pois uma atmosfera propicia para o entendimento agora realisado.

O sr. D. Manuel de Bragança é natural que já não tenha a minima esperança de tornar a reinar em Portugal. Dahi, porventura, a facilidade com que terá anuido ao chamado pacto de Paris. Acedendo a essa comedia, livrava-se das instancias inoportunas de alguns dos seus correligionarios, que levam a teimosia para fóra da esfera humana. O sr. D. Miguel já ha tempo se livrara do papel ridiculo de pretendente chronico. E quanto á sr.ª D. Aldegundes o que está provado é ter apenas empenho, ou antes capricho feminino, em que o seu pupilo D. Nuno possa ter uma só probabilidade, que seja, de ainda exigir uma corôa.

Como se vê, em todos estes propositos nota-se absolutamente a ausencia dum ideal, patenteia-se a indiferença por principios, que deveriam ser os unicos, ou pelo menos, os principais inspiradores da acção dos monarquicos.

Não se descortinam senão questões de interesse particular. São só as pessoas que estão em jogo; não os principios.

E, todavia, o que se combateu por esses principios!

Desde a Vila francada, com que os absolutistas feriram a liberdade nascente em Portugal, até á convenção de Evora Monte, com que finalisou a guerra civil entre nós, quanto sangue derramado, quantos sacrificios, quantos mortirios, para que prevalecesse na nossa terra ou a monarquia tradicional, ou a monarquia adaptada aos principios da democracia triunfante!

Houve perseguições, houve barbaridades houve crimes, que se prolongaram até depois do exilio de D. Miguel, e chegaram a aproveitar o recurso do banditismo puro; mas ao menos a lucta era inspirada por uma paixão sincera, excessiva, mas explicavel; fanatica, mas grande!

Agora pizam-se aos pés todos os principios, e um novo grupo, o integralista, que em nome de principios se batia, vai tambem ser apenas o degrau duma ambição regia!

Nunca se assistiu a um maior descalabro de ideias, de crenças, de compromissos solenes. Unem-se os partidarios da monarquia liberal e da monarquia absoluta, para aguardarem a decisão dumas futuras côrtes, em que se estabelecerá o sistema do governo. Quer dizer: marcham todos para o desconhecido. Jogam todos em loteria! Portugal tanto pode vir a ser uma monarquia á ingleza como um sultanado á turca. O figurino que o sr. D. Manuel terá de adotar tanto pode ser o do «negus» da Abyssinia, como o do sultão de Marrocos, como o do principe de Monaco. Todavia, o sr. D. Manuel é um monarca constitucional. Jurou a mesma lei fundamental do Estado que seu pae, seu avô e seu bisavô haviam jurado. E por esse lado, os absolutistas, que entendem que o rei é apenas e exclusivamente por graça divina, vão sujeitar o proprio Deus a levar um cheque no parlamento anunciado.

Em toda a parte do mundo e em todas as epocas da historia, os povos pronunciam-se, e os parlamentos legislam, sobre sistemas que lhes são apresentados pelos servidores de determinadas causas. Aos parlamentos de 1822 e 1834, levaram os liberais o seu programa liberal, e a representação nacional adoptou-o, como ao parlamento de 1911 levaram os republicanos o seu programa fundado nos principios da Republica, e esse parlamento egualmente o adoptou. Mas para os monarquicos do pacto, as coisas fazem-se doutra maneira. Irão, sem ideias assentes, receber as ideias que lhes quizerem impôr, e o constitucionalista sairá desse parlamento absolutista, ou o absolutista sairá constitucionalista, conforme esse parlamento decidir, contentando-se apenas com a certeza de que D. Manuel reinará, com a esperança de que D. Nuno lhe suceda. Não ha duvida que estes monarquicos são de antes quebrar que torcer!

Orçamento de Inglaterra

Reducção nos impostos

No orçamento apresentado ao governo inglez no dia 1 de maio, figuram entre outras reduções, a de um shilling por libra, no imposto do *income-tax*.

Enquanto em Portugal se pensa em agravamento de impostos, na Inglaterra conseguem-se algumas reduções, não só no imposto acima mencionado, mas nos direitos sobre diversos artigos, como o chá, o cacau, o café e a chicória, tendo sido reduzidos os direitos sobre o primeiro deles em quatro *pences*, e diminuindo os direitos sobre os restantes, numa proporção analoga.

A reducção dos direitos sobre o chá, de 1 shiling para 8 *pences* é tambem aplicado ao chá estrangeiro.

Outras reducções se conseguiram, notoriamente as que se referem a taxas postaes.

Assim a franquia das cartas diminuiu para *penny* e meio e os bilhetes postaes baixaram para um *penny*.

Algumas modificações se fizeram nos cargos dos serviços telefonicos que trarão grandes economias ao paiz.

Para pôr a agricultura no mesmo pé que as outras industrias, resolveu-se fazer algumas concessões aos agricultores.

Numa palavra, o orçamento apresentado ao parlamento inglez no dia 1 de maio é de todo o ponto animador.

O sr. Melo Barreto em Madrid

Hospedou-se no Ritz

MADRID, 8.—Chegou a esta capital o novo ministro de Portugal em Madrid sr. Melo Barreto, tendo havido em seguida á sua chegada recepção no palacio da legação portugueza á qual concorreram numerosas pessoas em destaque na politica e na Sociedade Espanhola. O ilustre diplomata hospedou-se no hotel Ritz.—(A).

PELO TELEGRAFO

A guerra civil na China

NEW-YORK, 7. — Comunicam da China que o general Wu começou um movimento envolvente esperando derrotar o exercito do marechal Chang cujas tropas teem já pouca confiança na vitoria. Parte dos soldados deste ultimo exercits pretenderam ingressar em Pekin mas o governo ordenou que fossem fechadas as portas da cidade. Grande numero de estrangeiros não poderam tambem penetrar na cidade, entre eles Mrs. Ray Atherton esposa do segundo secretario da legação americana que foi achada do lado de fóra dos muros da cidade e protegida por alguns destacamentos que faziam o serviço de vigilancia.—(R.)

35 mil homens regressam ao trabalho

LONDRES, 7.—Está resolvida depois de seis semanas de paralisação de trabalho, a greve dos estaleiros, devendo na proxima semana voltar ás suas funções 35 mil homens.—(R.)

A descoberta do polo sul

LONDRES, 7.—Dizem de Eilvese que o comandante do barco explorador «Quest» descobriu terras continentais antarticas que até agora não tinham sido assinaladas por nenhum outro explorador.—(R.)

O tratado de Riga

PARIS, 7. — Chegou-se finalmente a acordo ácerca da questão do Tratado de Riga que deu motivo a tantas discussões entre os governos russo e polaco. O acordo foi estabelecido entre o presidente da delegação polaca em Genova sr. Skirtmunt e Tchitcherine.—(R.)

Um grande abalo de terra na região de Bari, na Calabria

ROMA, 7.—São horrorosos as noticias recebidas da região do Bari que foi assolada por um violento terramoto. E' incalculavel o numero de vitimas. Só em Corato cairam duzentas casas.—(R.)

O recomeço do "raid"

Gago Coutinho e Sacadura Cabral recomeçarão o seu vôo modificando os seus pontos de escala

E' já do dominio publico a noticia da chegada do «Bagé» aos rochedos de S. Paulo e a da sua partida para Fernando Noronha. Como de resto tudo indicava, o paquete brasileiro não poude desembarcar o avião junto dos penedos devido á agitação do mar, que ali é sempre muito revolto pelas proximidades do vulcão submarino de S. Paulo, que está em frequentes erupções produzindo constantes abalos de terra nessa parte quasi deserta do Atlantico.

Os aviadores recomeçarão, pois, em Fernando Noronha vindo tornear novamente os rochedos e seguindo depois directamente para a costa brasileira.

Por motivo do diminuto raio de ação do novo aparelho em que prosegue o «raid», foi o itinerario primitivo ligeiramente modificado de maneira a que a nova ave possa pousar mais frequentes vezes para se reabastecer. Assim estava primitivamente resolvido apenas tocar em Pernambuco (Recife), Bahia e Rio de Janeiro. Escolheram-se agora dois pontos intermedios. Entre Recife e Bahia será Maceió ou S. Salvador. Entre Bahia e Rio, Vitoria ou Porto Seguro. Por esta fórma as etapes serão de curta envergadura e a maior de todas não excederá 300 milhas. A chegada ao Rio dependerá do tempo em que os aviadores se demorarem nas diferentes localidades em que desçam.

O que são os rochedos de S. Pedro e S. Paulo

e a razão porque tem este nome

A 27 de dezembro de 1831 partia das costas de Inglaterra o navio «Beagle», para uma viagem de exploração scientifica á roda do mundo.

Essa memoravel expedição durou cinco anos e dela fazia parte Carlos Darwin. Foi de tão fecundos resultados a viagem do «Beagle» que, póde dizer-se, com ela se iniciou uma nova éra para as sciencias biologicas.

Por uma singular coincidencia, os nossos heroicos aviadores seguem pelo ar quasi o mesmo caminho que, ha 90 anos, sulcou aquele navio na primeira parte da sua viagem, pois que o «Beagle» passou pelas Canarias e por Cabo Verde, onde ancorou no porto da Praia. Passou depois pelos Rochedos de S. Paulo, foi dar á Ilha de Fernando Noronha, em seguida á Bahia, costeando o Brazil até ao Rio de Janeiro.

E' curiosa a descrição que faz Darwin dos Rochedos de S. Paulo, que, segundo o grande naturalista, surgem abrutamente das profundezas do Oceano, aparecendo de longe com uma alvura scintilante. São constituidos por uma aglomeração de penedos situados á distancia de 540 milhas da costa da America e de 350 da Ilha de Fernando de Noronha. O pico mais alto tem 50 pés acima do nivel do mar e a sua circunferencia total é inferior a tres quartos de milha.

A flora da Ilha de S. Paulo era absolutamente nula, ao tempo da visita de Darwin, e a sua fauna muito pobre. Apenas ali viviam duas especies de aves, tão mansas, tão estupidas e tão pouco habituadas a vêr gente, que se deixavam facilmente apanhar.

Essas aves alimentam-se de peixes. Havia nas fendas dos penedos uma especie de caranguejo que procurava os ninhos daquelas aves para lhes devorar os filhos. Alguns insectos e aranhas parasitavam as mesmas aves, demonstrando todos os sêres que habitavam S. Paulo que, mesmo naquele recanto solitario do mundo, é uma lei necessaria a concorrencia vital.

Com a portentosa viagem aerea de Gago Coutinho e Sacadura Cabral, os penhascos de S. Paulo ficam, por um duplo motivo, ligados á historia da Sciencia.

Os rochedos de S. Pedro e S. Paulo tem este nome por terem sido descoberto a 29 de Junho de 1524, dia de S. Pedro e S. Paulo.

A situação financeira da Inglaterra

LONDRES, 7.—Tem sido muito comentado o discurso pronunciado na camara dos comuns pelo senhor Bonar Law em que este disse que a situação financeira da Inglaterra era muito grave e que este paiz tinha um fardo que pesaria ainda sobre duas gerações.—(R.)

O SUDARIO

Mais casos a divulgar para edificação dos defensores da lei 1244

Alberto Simões Dias, alferes de infantaria. Estava este oficial arregimentado em infantaria 6 quando se proclamou a monarquia naquela cidade. Foi «um dos primeiros» oficiais a usar corôa no bonet, e fez parte duma força que em Viana do Castelo impediu o desembarque dos marinheiros. Foi preso, juntamente com outros oficiais, mas como teve bons padrinhos nada sofreu a não ser a prisão preventiva e hoje entrou para o rol dos nossos...

José Lopes dos Santos, alferes de artilharia. Foi o primeiro oficial que hasteou a bandeira azul e branca na sua residencia. Aderiu por escrito á monarquia por meio de juramento aos Santos Evangelhos. Não sofreu a menor «beliscadura», felizmente para ele, para nós que nenhum empenho tinhamos que fosse punido, e para o sr. Barreto que o pode contar no seu Gremio que é o dos espertalhões e bons defensores...

Manuel Martiniano de Oliveira Marrecas, capitão de cavalaria. Este oficial foi comandante duma força para repelir o ataque duma força monarquica. Aos primeiros tiros, e como as suas convicções não eram muito arreigadas, «passou-se para as forças monarquicas rogando destas que o não enviassem preso para o Porto porque era um bom monarquico... Veio a Republica e o oficial «arma» em heroi, fez-se perseguidor feroz dos seus camaradas, o que lhe valeu nada sofrer, e ser hoje um admirador dos varios «barretos...»

Domingos Vaz Junior, tenente miliciano de infantaria. Tambem este oficial fazia parte dum destacamento com a missão de se opôr ao avanço das forças monarquicas, mas como nessa altura as «probabilidades» estavam para o lado monarquico, o bom do nosso tenente, ao tempo dos acontecimentos então alferes, «passa-se» para eles e os monarquicos desde essa hora contaram nas suas fileiras mais um defensor... E' reimplantada a Republica, e para Ela este oficial «se passa», com a mesma facilidade com que já se tinha «passado» para a monarquia... Nada lhe aconteceu, e é hoje um homem com que o Regimen pode abertamente contar...

Exemplo a seguir

Por cá... e por lá...

PARIS, 7.—A comissão de finanças que está estudando o orçamento é de opinião que se devem reduzir os ordenados dos ministros, os subsidios aos presidentes das Camaras e a lista civil do presidente da Republica.—(R).

PARIS, 8—O «Journal Oficiel» publica um decreto suprimindo 50.000 empregos do estado, o que representa uma economia de cerca de 300 milhões de francos no orçamento de 1923.—(R.)

O Toureiro Granéro

é colhido de morte

MADRID, 8. — Na corrida de hontem na praça de touros de Madrid, foi colhido de morte o grande espada espanhol Granéro. E' profunda a consternação.—(A).

Uma iniciativa musical

Vamos dar aos apreciadores de boa musica uma noticia em primeira mão: Sabemos que um grupo de artistas cantores portugueses, entre os quais se conta o que de mais categorisado se encontra no nosso meio artistico, se prepara para inaugurar muito brevemente a sua primeira exibição de opera lirica.

Não podemos regatear o nosso fervoroso acolhimento a uma tão bela iniciativa que virá por certo destruir a lenda de que não temos cantores que se abalancem em conjunto a tais cometimentos.

Se as nossas informações não erram, será já no proximo sabado que no teatro S. Luiz em festa artistica da distinta actriz cantora Beatriz Batista, se cantará o segundo acto do Rigoletto, com o concurso do ilustre professor de canto Antonio Garcia (baritono), Fernando Pereira tenor, D. Elvira Loureiro (contralto) e Carlos Lopes (baixo) e de um corpo coral exclusivamente constituido por portugues.

Dizem-nos que ha um verdadeiro entusiasmo para a audição desta primeira tentativa, a que, vá lá a indiscrição, se seguirá a «Cavalaria Rusticana» já muito adiantada em ensaios.

Não podemos deixar de enaltecer uma tão simpatica iniciativa, agora que o nosso paiz parece querer ressurgir, após a letargia de tantos anos de marasmo e indiferença artistica a que os diversos sucessos politicos lançaram as belas artes musicais.

A conferencia de Genova

Tchitcherine começa pedindo dinheiro

BRUXELAS, 7. — Segundo diz a «Independence Belge», Tchitcherine, resumindo a questão russa, perguntou aos srs. Lloyd George e Schanzer se os aliados estavam dispostos a adiantar imediatamente á Russia a importancia de 3 biliões de francos em oiro. Os srs. Lloyd George e Schanzer reconheceram as necessidades da Russia, mas declararam que o adiantamento era impossivel, em virtude das condições especiais da cada paiz e da oposição dos respectivos parlamentos. Os ingleses e os italianos apenas concederiam creditos aos seus compatriotas que fossem para a Russia.—(H.)

GENOVA, 7.—A declaração da secretaria da delegação italiana preconisa uma acção particularmente energica para salvar a conferencia, em consequencia do pedido dos russos para obterem creditos de 3 biliões de rublos em oiro, pedido que não podia ser submetido a nenhum parlamento. A declaração oficial italiana confessa, pois, que os russos são os responsaveis pelo malogro da conferencia.—(H.)

...e os delegados continuam dispersando

PARIS, 7.—A Agencia Havas recebeu um telegrama de Genova, dizendo que na receção dada aos jornalistas ingleses e americanos, o sr. Barthou recordou que logo desde o principio da conferencia, o governo francês deu provas do mais leal desejo de colaboração. Se a França tivesse querido fazer malograr a conferencia ela ter-se-ia aproveitado da assinatura do tratado de Rapallo; todavia, resolveu continuar com as conversações, muito embora se associasse ao protesto interaliado. O sr. Barthou disse que a França apoiou a Belgica, por uma questão de principio e que o texto proposto não era suficientemente categorico quanto ao respeito do direito de propriedade. No espirito do governo frances nunca se tratou de escolher entre a Belgica e a Inglaterra, mas simplesmente de tomar partido pela doutrina de texto belgo, que se aproximava mais do texto da resolução de Cannes. Por outro lado é preciso que os russos respondam sim ou não, pois é preciso acabar com isto. E' preciso acabar com as hesitações, que já duram ha um mez. Ao terminar, o sr. Barthou disse que o pacto europeu é impossivel sem a adesão da Russia.—(H.)

Exposição do Rio de Janeiro

Os productos a expôr devem ser enviados ao Comissariado Geral quanto antes

Como se aproxima a epoca do embarque dos productos que se destinam a figurar na secção portugueza da Exposição do Rio de Janeiro, o Comissariado Geral fez expedir uma circular solicitando dos expositores a fineza de enviarem urgentemente os seus mostruarios cuidadosamente encaixotados para o armazem daquele Comissariado, em conformidade com as instruções que deu na circular n.º 461.

Excepcionalmente haverá um outro embarque de productos para os expositores, que por razões de varia ordem, não possam estar preparados para o primeiro, mas é de toda a conveniencia que os mostruarios já prontos sejam remetidos imediatamente.

E' de absoluta necessidade que todos os productos cheguem ao Rio de Janeiro a tempo de ficarem instalados antes do dia da abertura da Exposição para o que o Comissariado está disposto a empregar todos os esforços.

UMA DECISÃO ORIGINAL

A Persia convida a colaborar na sua administração os elementos americanos

ALLAHABAD, 7.—Dizem de Teheran que o gabinete persa resolveu contratar conselheiros financeiros e doutras especialidades americanas para auxiliarem o progresso da administração do paiz.

O ministro da Persia em Washington tem-se esforçado por obter a coadjuvação do governo dos Estados Unidos para pôr em pratica aquele projéto e fala-se na nomeação do senhor Morgan Sauster antigo tesoureiro geral, para conselheiro financeiro da Persia.—(R).

A tirania da moda

LONDRES, 7. — Os grandes costureiros de Londres e das grandes cidades inglesas resolveram decretar que seja moda este verão na «toilette» das senhoras a saia curta contra a qual se desenhava oposição entre os costureiros de Paris.—(R.)

Beijam-se as mãos a Suas Altezas Reais

E, DISCUTINDO-SE A POSSE DO OVO ANTES DE POSTO, ENVOLVEM-SE EM ACRIMONIOSA DISCUSSÃO OS DESCENDENTES DE D. NUNO ALVARES PEREIRA

No grande portão doirado do castelo de *lady* Parckney, de Parckney-Hall, Parckney-Parck em Parckneyshire. Porteiro á Luiz XIV com barbas talmudicas, encaracoladas e negras:

— O secretario de S. Alteza?

— Quem é V. Ex.ª?

— Carlos Filipe de Fokstan, filho de Filipe Carlos de Fokstan senhor de sete castelos e membro de uma das principais ordens de S. Vladimiro...

— Caso grave é êsse. Dirija-se V. Ex.ª ao segundo porteiro, que melhor do que eu, o poderá informar...

Segundo porteiro. Cara rapada á Luiz XVI. Perfil bourboniano. E' talvez um dos muitos filhos do sr. D. João VI.

— O secretario de S. Alteza?

— Quem V. Ex.ª?

— Carlos Filipe de Fokstan, filho de Filipe Carlos de Fokstan, senhor de sete...

— Queira entrar.

Toda a heraldica dos castelos ingleses. Armaduras dos brutos que se bateram em Poitiers e em Azincourt. Varias arcas holandesas do seculo XVI. Um pano de *crochet*, esquecido em cima de uma cadeira. E, numa saleta imperio, um homem de frack braceja:

— Sou eu o secretario particular de sua magestade D. Nuno VIII, rei de Portugal e dos Algarves, senhor da conquista e da navegação da costa da Guiné...

— Etc....

— Etc. E vou mostrar-lho.

— Prefiro que me diga o que êle pensa.

— Não pensa nada. Nós nunca pensamos nada. E' a nossa força, a nossa superioridade. Se pensassemos, estavamos perdidos. Todo o caminho trilhado pelo consideravel rebanho das ovelhas de Panurgo deve ser posto de parte. Ora o rebanho pensa de quando em quando. Nós não pensamos nunca.

— D. Nuno VIII, pretendente...

— Não. D. Nuno VIII, rei. *Dieu et mon droit.* Negamos, negamos em absoluto tudo quanto não seja isto. Portugal caiu em letargia desde o dia em que se assinou a convenção de Evora-Monte. Tudo quanto depois sucedeu, vai em noventa anos, é como se não tivesse existido. Ao regressar, faremos o general Mollelos marechal de campo e o conde de Basto primeiro ministro. Pina Manique irá para Intendente da Policia.

— Mas êsses cavalheiros já morreram...

— Nada é impossivel á vontade de Deus. A Virgem Maria ressuscitá-los-ha. Será um ligeiro adiantamento sobre o dia da ressureição dos mortos.

— Porque não caminhar com o tempo?

— Nós não conhecemos o sr. Simão de Laboreiro. Não conhecemos ninguem desde 1833. Se entrassemos num acordo, se negociassemos um pacto, reconheciamos implicitamente a existencia dinastica de uma familia que impropriamente se apelida de Bragança...

— Impropriamente?

— Pois decerto. Bragança somos nós. Os filhos segundos são sempre outra coisa. Convem não esquecer os bons principios.

— Que pensa então fazer D. Nuno ao regressar?

— Rezaremos. No sitio onde se levanta a estatua do usurpador D. Pedro, antes de lá erguermos o necessario patibulo, entoaremos, sob o ceu rutilante de Portugal, um *Te-Deum laudamus*, que será, indubitavelmente, de trás da orelha...

— De trás?...

— Da orelha. E, refugiados no seio da Divina Providencia, introduziremos os jesuitas, faremos reviver a inquisição, porêmos em vigôr os morgadios, restabeleceremos os vinculos e descobriremos o caminho maritimo da India.

— Da India?

— Da India, principiando pela costa da Guiné. Sua alteza real o infante D. Henrique tratará do caso.

— Mas o pacto?

— Que pacto?

— O de familia. A sucessão...

— Não queremos ouvir falar nisso. *Deus nobis hæc otia fecit.*

— ?

— Esses pretendentes não são serios. Basta de reis impostores; não queremos mais pescadores nem mais pasteleiros. Reis de pacotilha, reis que empolgaram a nossa corôa subitamente sem mesmo dizerem agua-vai..

— Agua?

— Vai. Não pactuaremos nunca. D. Nuno VIII entrará na Patria dos seus maiores, empunhando a espada de Condestavel, do seu ilustre avô D. Nuno Alvares Pereira, com a sinistra, empunhando na dextra o *Amadis de Gaula*, que é a sua leitura favorita. Não temos mais nada a declarar.

Não podem dizer mais nada.

Não temos. Estamos absolutamente vasios de ideias. Grande e nobre afirmação. Não pensa. Nesta epoca miseravel em que toda a gente pensa, é dar um vasto, um decisivo passo no caminho da mais incontestavel superioridade.

— Bem. Beijo por procuração a mão de Sua Alteza Real...

— Carlos Filipe de Fokstan, filho de Filipe Carlos de Fokstan, veja o que diz. Beija a mão do rei de Portugal e dos Algarves, senhor da conquista e navegação...

Os sons cristalinos de um Pleyel desferem a abertura do *Se eu fôra rei.* Uma voz cavernosa rouqueja: *Deus... Patria... Rei.* O porteiro talmudico permanece imutavelmente talmudico. Lá fora, o ar tem um perfume casto...

Cannes. A hora do chá. Um *interprete*, que foi principe russo e é hoje corretor de hotel, elucida:

— Sua Magestade D. Pedro VIII não está. Veiu ontem muito tarde do casino de Monte-Carlo. Dormiu mal. Nem almoçou. E foi ha três quartos de hora para o *match* de *polo*, em Villefranche.

— E a corôa?

— Creio que, a exemplo do rei Henrique, se desfez dela.

— Por um cavalo?

— Não. Por uma *cocotte*. Quem é V. Ex.ª?

— Um neto dos liberais da Terceira.

— Excelente. Vou levá-lo ao primeiro andar e ao primeiro veador, o conde de Fornos de Algodres.

— Esse está?

— Está sempre. Não sae da cama.

Quarto estilo *Palace*. Aguas correntes, quentes e frias. Telefones, comutadores. Uma toalha molhada caida na *carpet*. Espelhos *bisautés* escalavrados. Em cima de um par de calças um prato com uma aza de perdiz. Uma voz entre os lençois:

— Anima-nos um grande espirito conciliador. Somos do Progresso e vamos para o Progresso. Se os fosseis não compreendem a necessidade de marchar na vanguarda, tanto peor para os plesiosauros de Parckney-Park. Onde estão as minhas calças?

— Senhor conde...

— Bem sei. Sou conde, mas venho das massas populares. A nossa democracia é a mais sã. Tudo quietinho; tudo socegadinho. Dois partidos. Rotativismo. No verão, Cascais; Necessidades, aos primeiros frios. O tempo ditoso e aconchegado que vai do sr. Saldanha ao sr. João Franco. *Et après nous le déluge.*

— E o senhor D. Nuno?

— Caturrices. Não podemos ver a Alfagundes. E' intoleravel. Cheira a rapé e a formiga. Veste á 1830 e tem um lobinho positivamente indecente...

— E o pacto?

— Démos o que pudémos. *Après nous.* E já fizemos demasiadas concessões. Mas vamos retirar tudo.

— Beijo por procuração a mão de sua magestade.

— Diga antes de sua alteza real. E' assim que nos tratamos na maior simplicidade... Onde estão as minhas calças?

Em baixo, no *hall*, o grupo de tziganos rompeu com um *pot-pourri* do *Se eu fôra rei*. Crepusculo. Recolhimento e doçura. No ceu, tremuluzia uma estrelinha.

Exposição de fotografias

Realisou-se hoje, pelas 14 horas a abertura da exposição de retratos fotograficos do sr. Fernandes Tomaz, no seu «Studio» da rua Ivens 31, tendo sido muito concorrida.

PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES

TEATRO POLITEAMA—Azas quebradas—3 actos de Pierre Wolff, tradução de Arnaldo Figueirôa :—: :—:

Les Ailes Brisées, uma das mais lindas peças do autor ilustre de *Les Marionnettes*, *Secret de Polichinelle* e *L'Amour Défendu*, que Arnaldo Figueirôa correntemente traduziu e que ha dois dias subiu á scena no Politeama com o titulo *Azas quebradas*, foi pela primeira vez representada no teatro *Vaudeville*, de Paris, em Outubro de 1920.

Ao contrario do que sucede numa grande parte do teatro francês, Pierre Wolff recomenda-se especialmente pelo fundo de moralidade que preside a todas as suas peças. Todas as suas personagens são absolutamente vividas e não filhas da sua imaginação ou pecando na definição dos seus caracteres, pelo inverosimil. Como carpinteiro de teatro, tem a habilidade suprema de conduzir as suas peças de forma a que os proprios episodios dramaticos são, no momento preciso, atenuados por scenas cujos dialogos, pelo brilhantismo como tão tratados e pelos conceitos que encerram, conseguem transformar a comoção sofrida num sorriso expontaneo e saudavel. E' o que sucede nesta peça, cujo terceiro acto não teria razão de existir para qualquer autor menos seguro da dificil arte de fazer teatro. Toda a sua acção se resume e se resolve nos dois primeiros.

Fabriège (Robles Monteiro), homem de 56 anos, tendo levado uma vida dissoluta e de conquistas faceis numa sociedade que êle cultiva e prende pelo *charme* de uma eloquencia amorosa, que é a razão de ser da sua vida, apaixona-se, certo dia, e quando os cabelos lhe começam a embranquecer, por uma joven divorciada, madame Remon (Amelia Rey Colaço), que, mais por curiosidade, um pouco ainda por vaidade feminina, consente em ir a casa do seu apaixonado, convidada para um jantar, que representa para êle a conquista definitiva dos seus novos amores. Nesse momento, porém, o filho, George (Raul de Carvalho), ausente ha perto de seis meses em Inglaterra, regressa e surge o conflito entre a velhice proxima do pai e a mocidade exuberante de vida do filho. *Jacqueline* apaixona-se por êste, e, muito embora o grande desejo de não ocasionarem um profundo desgosto a *Fabrège*, um pouco pela ternura filial, mas principalmente para lhe não demonstrarem que, embora o coração se conserve sempre joven, a velhice não pode lutar com a mocidade, um momento ha em que o pai, já desiludido pelo desprendimento daquela que ambicionara, duvidoso ainda do que lhe assevera o seu mais intimo amigo, com cujas teorias se revolta, ouve involuntariamente as confidencias dos dois amantes, acabando por se convencer do que ha de verdadeiro e profundo quando *Pascal* (Gil Ferreira) lhe diz:

«Crois-moi, nous avons tous le droit de verser une larme sur nos plus belles années... et de souffrir aussi de n'être plus aimés... mais dans l'ombre, simplement, pour ne pas être ridicules. Et si, un jour, une femme trop jeune pour nous est assez indulgente pour nous dire que nous ne lui déplaisons pas... montrons-nous satisfaits. Contentons-nous de son sourire qui nous éclaire, de sa jeunesse qui nous égaie... et si par hasard elle nous donne quelque chose de plus... bénissons le ciel qui nous permet de recevoir encore d'aussi jolis présents! Enfin, si nous sommes trahis, ne nous révoltons pas, ne cassons pas les vitres, ne soyons pas jaloux... et fermons les yeux gentiment... comme d'autres, probablement, les ont fermés jadis quand nous avions vingt ans!... Voilà, c'est tout ce que je voulais te dire.»

Este é, sumariamente, o enredo da peça, cuja acção, como já atrás ficou dito, se desenvolve nos dois primeiros actos, sendo o terceiro preenchido pelos conceitos que o autor põe na boca de cada uma das suas personagens por tal forma, que êle não perde o interesse.

As figuras principais são traçadas e definidas por mão de mestre, á excepção de *Jacqueline*, cujo caracter é, talvez, um pouco superficialmente tratado. Esse pequeno senão não prejudica, porém, o exito que a peça teve em Paris e que, seguramente, terá entre nós, pelo menos por parte do publico que, como o da primeira representação, saiba distinguir o bom do mau teatro.

Resta-me falar da montagem e do desempenho. A primeira representa um esforço de trabalho e uma probidade artistica raras vezes igualada em teatros portugueses. Falando de Amelia Rey Colaço e Robles Monteiro, cabe bem aqui a interpelação feita por Mounet Sully quando um dia pensou em ocupar um *fauteuil* na Academia das Belas Artes, de França; se o comediante devia ser considerado como um artista professando, consequentemente uma arte, se um profissional exercendo, com mais ou menos brilho, um oficio. Em Portugal, os profissionais são ás dezenas, os artistas muito raros! E, por isso mesmo, é consolador citar os poucos que procuram nobilitar o teatro, no numero dos quais é de justiça mencionar êsse casal, que, presentemente, explora o Politeama e que, acima do comodismo e do conforto do seu lar, pensa primeira em fazer realçar a beleza da sua arte, que cultivam com um carinho bem merecedor de aplausos.

Encarregou-se Amelia Rey Colaço da principal figura feminina, encarando-a de uma forma perfeita e deixando no publico a nitida impressão dos seus progressos, que são, sobretudo, notaveis, na dominação que, em scena, consegue já fazer dos seus nervos.

A scena do jantar, no primeiro acto, tal como é feita, só a pode fazer uma grande actriz.

Angela Pinto, seguindo a verdadeira doutrina de que não ha pequenos papeis, mas sim carencia de artistas que bem os interpretem, encarregou-se de uma rabula que fez brilhantemente, contrascenando toda a scena sem exageros e marcando uma soberba saída.

Em papeis secundarios, Constança Navarro, muito gentil, imprimindo á sua personagem a ingenuidade que a mesma requere, e Ester Leão, com uma bela dicção e muito á vontade, completaram o quarteto interessante que nos foi dado apreciar, para cujo sucesso não deixaram de concorrer as lindas *toilettes* apresentadas.

Robles Monteiro fez o *Fabrège*, papel cheio de *nuances* a um tempo, frivolo, amoroso e ponderado, e se, nem em todo o decorrer dos três actos foi de uma perfeição absoluta, scenas houve, como a do jantar do primeiro acto, o final do segundo, na scena com o filho, e toda a representação do terceiro, que mereceram os incondicionais aplausos do publico.

Gil Ferreira, por sua vez, tem no genero da comedia, muito diferente do que, até aqui, tem explorado, o seu primeiro papel de responsabilidade e que nos deixa a impressão do muito que ha a esperar das suas faculdades e do seu trabalho. A scena da leitura do *menu* e a do telefone marcam na vida de um actor. Arranjando uma caracterização adaptada ao tipo do *raisonneur*, sensato, bonacheirão e amigo do seu amigo, de forma a, no momento preciso, podê-la transformar, de forma a tornar essa transformação vivida e natural, mostrou o cuidado que lhe merece o detalhe e que o espectador premiou, aplaudindo-o sem reservas. Finalmente, o papel de *Georges*, porventura o mais ingrato da peça, coube a Raul de Carvalho, um novo, com pouco mais de um ano de palco e que deve ter ficado plenamente satisfeito com a vitoria que alcançou. Não suponha, porém, permita-me a franqueza, que foi perfeito em toda a sua interpretação. Fez, é certo, com uma grande verdade e sem cair no ridiculo, (êste é o melhor elogio ao seu trabalho), a scena final do segundo acto, com Robles Monteiro, e toda a representação do ultimo, mas, ou fosse da comoção da primeira representação, ou por qualquer outro motivo, muitas das inflexões do primeiro acto sairam erradas e ha que cuidar delas.

ALVARO LIMA

Uma gréve monstruosa na Tcheco-Slovaquia

PRAGA 8.—A greve dos operarios metalurgicos tendo por causa a diminuição dos salarios e que já afectava 32.000 homens está-se estendendo á Bohemia ocidental onde 12.000 operarios das fabricas Skoda se declararam tambem em greve.—(R.)

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações
Londres, cheque	4 5/16— 4 3/16
» 90 dias	4 7/16— —
Paris, cheque	1147— 1182
Suissa, cheque	2417— 2489
Belgica, cheque	1040— 1080
Italia, cheque	674— 694
Berlim, cheque	42— 47
Holanda, cheque	4801— 4945
Madrid, cheque	1944— 2002
New-York, cheque	12513— 12886
Brazil, cheque	60— 54
Austria, cheque	1— 3
Noruega, cheque	2330— 2400
Suecia, cheque	3233— 3336
Dinamarca, cheque	2662— 2742

Libras . . . . . 60$500 — 62$500

A morte do ex-Imperador Carlos

estimula o apetite dos pretendentes

BUDAPEST, 7.—O arquiduque Frederico, ex-comandante em chefe do exercito austro-hungaro que tinha saido da Hungria depois da separação da Hungria da Austria, voltou inesperadamente a esta cidade acompanhado pelo principe Alberto, seu filho. O arquiduque Alberto é um dos candidatos ao trono hungaro e o seu regresso antes das eleições geraes causou grande sensação.—(R).

A republica de Panamá

COM OS SEUS NOVOS SECRETARIOS DE ESTADO VAI CAMINHANDO PARA UMA ERA —:— —:— DE PROSPERIDADE —:— —:—

A situação creada pela guerra ás grandes e pequenas nações, quasi todas — menos nós, infelizmente — procurando vencer, pelo trabalho e por medidas de fomento a crise que a todas assoberba, colocou sobre a nossa banca, algumas fotografias acompanhadas de curiosos pormenores sobre a vida da Republica do Panamá, umas e outras demonstrativas do seu engrandecimento. Eis o que nos levou a uma palestra com o nosso amigo sr. Ramalho Ortigão, digno consul daquele paiz para o ouvir descrever a vida do Panamá, republica moderna onde muito ha que aprender, pois são as boas lições que levam á conquista do Futuro.

Recebidos pelo sobrinho do saudoso prosador, e exposto o fim da visita, avançamos:

—Se o não fatiga...

—Qual!—respondeu amavelmente. Tenho em tal imenso prazer e creia que gostosamente procurarei satisfazer o seu desejo. Não sou, como sabe, consul de carreira, isto quer dizer que tudo o que disser sobre a Republica do Panamá e o que vou compilando de documentos dimanados do florescente paiz que me honro de representar, e que espero visitar mal que a oportunidade o permita.

—Boa a situação geografica?

—Admiravel, sem duvida; e está destinada a representar papel valioso na balança mundial. Hoje, aberto o canal, pelo Panamá passam inumeros carregamentos, viajantes sem conta e todas as actividades nas suas multiplas formas; a esse paiz chegando prontamente os boas e as más noticias que dominam a Humanidade. Isto justifica-se: o corte do Istmo e a ligação do Atlantico ao Pacifico, modificaram o itinerario da navegação, encurtando distancias...

—Paiz tranquilo?

—Desde a independencia á separação da Colombia, houve, por vezes, serias agitações politicas, ensaiando governos em meio de lutas quasi fratricidas, o que teve a Republica do Panamá num estragamento que passou de ha muito.

—Foi um bem, a separação?

—Sem duvida. Se trouxe dissabores, trouxe famosos beneficios: a transformação das cidades de Colon e Panamá, são hoje, livres da praga dos mosquitos, centros famosos de higiene: todas as epidemias foram varridas. Contam o dobro da população e não temem confrontos com as melhores do mundo. E' admiravel o abastecimento de aguas, que são purissimas; o saneamento; a viação electrica; iluminação profusa; ruas perfeitamente calcetadas, de aceio irrepreensivel...

—... Não como as nossas... E riqueza?

—Panamá não é rica, mas nada tem de pobre. Não ha mendigos pelas ruas, nem se vêm pessoas andrajosas. O operario, patriota e trabalhador vive em casas onde a comodidade causaria inveja a muitos ricos...

—E... liberdades; serviços tecnicos?

—Oh! E' uma democracia perfeita, onde toda a liberdade não tem coacções... Quanto a serviços, são modelares; ha ordem, criterio em todas as repartições; correios e telegrafos causam inveja e ha, em quasi todas as povoações belo serviço telefonico.

—Tambem não como o nosso... E o povo culto?

—E' a instrução que mais cuidados merece ao governo; o professorado, inteligentissimo, é muito bem remunerado, e a ele se deve a prosperidade do paiz.

—E... finanças... boas?

—Sim. Apesar da crise que avassala o mundo, as dividas, interna e externa vão 85.885.464.00, ouro, mas, pela economia dos governantes e patriotismo do povo, devem desaparecer em curto. Só nos Estados Unidos tem o Panamá, em hipotecas, seis milhões de dolars, alem dos depositos bancarios destinados ao fomento, e que vão a mais três milhões. No orçamento de 1919 houve um «superavit» de cinco milhões, graças ao trabalho dos seus quatrocentos mil habitantes. No orçamento de 1923, a receita, calculada em $14.672.985.00, será assim aplicada: governo e justiça, $3 063.448.00; relações exteriores, 365 680.00; fazenda e tesouro, 2.681.430.00; instrução, 1.750.000.00 e fomento e obras publicas 6.822 530.00

—E comunicações?

—Magnificas. Ao lado da instrução são as estradas que mais prendem o labor dos governantes, e, neste momento, o grande hospital de S. Tomaz, á beira-mar, composto de 12 pavilhões orçados em dois milhões e meio, e que este ano deve ficar concluido.

«Ha edificios esplendidos. Panamá e Colon são cidades modelares, alem dos serviços electricos, de gaz, teem matadouro, crematorios e formosas avenidas e parques, os edificios do palacio do Governo, Correios e Telegrafos, Banco Nacional, cujo capital vai a $1.019.685 88; Instituto Nacional, Belos teatros, estações de Caminho de ferro, estabelecimentos, a Cruz Vermelha que vive sobre a proteção do Estado; hoteis como Washington, Imperial, Tivoli e Internacional.

«O hospital do Panamá de completa assistencia; o de Ancon, edificado na encosta do monte que lhe dá o nome, é rodeado de jardins e padaria deslumbrante... Os hospitais são exemplo de comodidade, protegidos por redes metalicas contra os insectos, com ascensores... Nada ali falta; os operadores não encontram embaraços... Ha um manicomio a três milhas do hospital e, perto dele, uma granja onde vivem as pessoas que no serviço do canal se inutilizaram e se entregam á criação de animais, á lavoura...

— E medicos; homens de valor?

— Olhe, os hospitais têm trinta e três medicos permanentes, a quem é vedado exercer profissão fora do hospital... Medicos celebres? Deixe ver... Ah! O dr. Herrick, cirurgião famoso, que tem consultorio no centro da cidade, dali seguindo para os hospitais os doentes: Reeder, medico alienista; James, doenças dos tropicos; o radiologo Vilarino, Prieto, Arias...

— Fale-nos do canal.

— Assombrosa, a construção, que representa o termo da ideia de um dos companheiros de Balboa, quando em 1513 atravessou o istmo e descobriu o Pacifico, depois de Cristovão Colombo ter visitado, em 1502, a costa do Panamá. Os primeiros trabalhos foram confiados a franceses, que os não realizaram; ocupada a zona do canal pelos americanos, em 1904, a 3 de Agosto de 1914, ali passava o primeiro vapor, sendo o canal aberto ao comercio a 15 desse mês e, oficialmente, a 12 de Junho de 1920. O seu comprimento, em recta, é de 34 milhas. Têm 3 comportas iluminadas a electricidade: em Jatry (Atlantico); Pedro Miguel e Miraflores (Pacifico). Podem os maiores vapores atravessá-lo, em média diaria, de 48. A travessia do canal leva 6 a 10 horas e por êle passou o «America», de 22.622 toneladas!

— E' famoso!

— Se é! O seu comprimento, em aguas profundas, é de 81-24 quilometros. Tem caes acostaveis, depositos de carvão, petroleo, fundições. Os vapores têm ali quanto carecem.

— Grande comercio conosco?

— Sim. Portugal mantem, com o seu comercio, largas relações de importador, exportando os seus famosos vinhos do Porto, conservas, etc., que têm absoluta aceitação e a qual procurarei estreitar, como me cumpre.

— E os jornais?

— A «Gazeta Oficial», muitos diarios e — coisa curiosa! — é habito publicar constantes estatisticas demonstrativas da prosperidade do Panamá, as quais versam serviços publicos, comercio, assistencia...

— Ha, no Panamá, tantos ministros como entre nós?

— Não. A Republica tem seu o seu Presidente e este cinco secretarios de Estado: Governo e Justiça, Relações Exteriores, Fazenda e Tesouro, Instrução Publica e Fomento! Poucos, como vê.

— E' curioso, na verdade!

Era tarde. A palestra encantava, porque marca belos exemplos a seguir esta bela viagem *in menti*, mas era tão tarde...

Em poucas linhas

Foi preso Arnaldo das Neves, morador na rua das Gaveas, 42, 3.º, a pedido de Manuel Vieira Alves, travessa da Cara, 8 a 12, que o acusa de lhe ter feito um desfalque na importancia de 1.500$00, quando foi seu empregado.

Tambem foram presos Nicolau dos Santos, soldado do regimento de infantaria 1; Manuel Martins, rua do Olival, 196, e Jaime Pereira, travessa da Cova da Moura, 1, loja, por, na rua 24 de Julho, terem agredido e roubado Charles Jorges Didelet, primeiro sargento do exercito francês, morador na rua da Lapa, 55, na quantia de 165$00 e varios documentos.

ULTIMA HORA

Parlamento

Nos Deputados

ECOS DOS PASSOS PERDIDOS

Diz-nos um deputado da maioria, muito confidencialmente:

—Quer v. uma nota inedita acerca do conflito da Faculdade de Medicina?...

—Venha.

—Ouça: antes do lavrar o despacho no requerimento de Lopo de Carvalho o ministro da Instrução chamou os estudantes e arrancou-lhes a promessa de que acatariam a resolução ministerial e não fariam greve.

—Mas isso é extraordinario!

—Mas não é o cumulo. Ouça o resto: os estudantes aquiesceram e o ministro pediu-lhes ainda que por fórma alguma, comunicassem o projecto da transferencia aos professores da Faculdade.

—Mas isso não pode ser!

—Se pode ser ou não pode ser, não sei. O que sei é que foi assim mesmo.

São 14 horas e meia. Na sala já estão uns doze legisladores. Na banca a ministerial, a meio, está uma cadeira de pernas para o ar.

Para antes da Ordem do Dia está marcada a discussão e votação das propostas para se iniciar a discussão dos orçamentos. A comissão de finanças está reunida e diz-se que trará materia prima para trabalhos parlamentares imediatos.

Para a Ordem do Dia temos a continuação do debate sobre o conflito da Faculdade de Medicina com o Governo.

Foi distribuido aos deputados um documento interessante.

Trata-se duma representação dos herdeiros do sr. Antonio Mourão, notario portuense recentemente falecido. Os herdeiros dizem-se violenta e ilegalmente esbulhados da posse dum predio, graças á influencia politica do sr. dr José Domingues dos Santos, que dele necessita para instalação do cartorio, logo que se faça a sua nomeação para a vaga deixada pelo dr. Antonio Mourão. O caso está entregue aos tribunais do Porto.

São 15 horas. Está a fazer-se a chamada. Haverá numero, com certeza. Preside o sr. Domingos Pereira.

Entra na sala o sr. Leote do Rego, que vem ocupar o seu posto de legislador. E' introduzido com o cerimonial do costume. E' muito cumprimentado.

ANTES DA ORDEM

O sr. Presidente comunica que estão na mesa propostas varias acerca da discussão de propostas de finanças, incluindo os orçamentos. Falam alguns deputados, fica o sr. Pedro Pita com a palavra reservada e não se resolve nada, porque é a hora de se passar á

ORDEM DO DIA

que é a continuação do debate acerca do conflicto da Faculdade de Medecina.

O sr. Almeida Ribeiro, que ficara com a palavra reservada, resta as suas considerações, que devem ser interessantissimas mas que não podemos extratar, porque até nós não chega senão uma ou outra palavra. Parece porem, que o orador se propõe difunder a acção governamental, como, aliás, compete no seu papel de «leader» democratico.

Enquanto o sr. Almeida Ribeiro prolonga infinitamente a sua argumentação, mal costando a sua autorizada voz o sussurro da geral palestra agora liximos algumas revelações curiosas, produzidas pelo sr. Alberto Xavier a proposito dos propostas sobre a discussão dos orçamentos.

O sr. Alberto Xavier não quer pressa na discussão. Isso não deve ser. Os orçamentos e propostas de finanças teem de ser devidamente estudadas, relatados e discutidos: só assim pode haver um voto consciente.

A proposito, diz isto: votaram-se verbas nos duodecimos que nenhum ministro ousaria propôr em forma de credito extraordinario! E promete fazer outras revelações, em ocasião oportuna.

Não ha duvida que a oração do sr. Alberto Xavier impressionou a Camara. E ninguem rectificou o que disse o orador, nem mesmo o sr. ministro das Finanças, cuja impassibilidade é verdadeiramente notavel...

O debate acerca do conflito da Faculdade arrasta-se, sem interesse. A questão, sob o ponto de vista parlamentar, está realmente esgotada. Entretanto ha ainda muitos deputados inscriptos. E o sr. Almeida Ribeiro continua a falar, a falar, a falar... Não acaba mais!

ULTIMAS INFORMAÇÕES

Está falando o sr. Alvaro de Castro, cujo discurso é nitidamente de oposição ao Governo.

A hipotese dum gabinete de concentração republicana seria viavel se, porventura, o ilustre presidente da Camara dos Deputados aceitara a chefia. Isso é que nos parece muito duvidoso.

A queda do ministerio pouco inevitavel. Afirma-se que estão intransigentes nesse ponto os srs. ministro das Finanças e do Comercio.

"Raid,, Lisboa-Brasil

Uma modificação na rota a seguir

Segundo informações colhidas no ministerio da Marinha, o hidro-avião que seguiu no «Bagé» não poderá comportar a gazolina precisa para ir de Fernando Noronha aos penedos e voltar ao ponto de partida, a não ser que seja colocado o tanque sobresalente que foi de Lisboa. Essa colocação, segundo as mesmas informações, não será facil de realisar, sendo portanto, possivel que o cruzador «Republica» conduza o aparelho aos penedos, e ali aguardem os aviadores que o tempo lhes permita prosseguirem na viagem.

O "S. Miguel,,

Chegou hoje dos Açores e Madeira o vapor «S. Miguel», trazendo um importante carregamento de produtos insulares e 261 passageiros para Lisboa.

Marinha de guerra

Vindo de Genova, onde esteve a receber importante fabrico, chegou a Tunis o destroyer «Guadiana».

Excursionistas em Lisboa

Nos proximos meses de junho e julho devem chegar ao Tejo dois grandes navios inglezes com excursionistas. Um desses navios traz mais de 1000 individuos.

Conferencias ministeriais

No gabinete da presidencia do ministerio realisou-se hoje demorada conferencia entre o chefe do Governo e os srs. ministros da Justiça, Finanças, Estrangeiros e Comercio, versando, ao que consta, sobre assuntos parlamentares.

O mercado do Aterro

será finalmente removido?

A Associação dos Agricultores e Horticultores do Districto de Lisboa, representada pelo seu presidente, sr. O'Neile Pedrosa e pelo vogal da direcção, tem conferenciado com a Sociedade Estoril e com a Camara Municipal, no sentido de se melhorar o pessimo estado de coisas no mercado 24 de Julho, que envergonha a capital.

A mesma colectividade deliberou escolher varias localidades, dos mais centrais do districto para ter depositos de adubos e productos quimicos a fornecer aos socios. Já existem depositos em Vialonga, Alhandra, Coina e Malveira.

Theatros e Cinemas

Agenda da semana

AMANHÃ — Nacional — Reprise da comedia «A triste viuvinha»
QUARTA-FEIRA — Salão Foz — Primeira representação da revista «Pipiroló».

Medalhão

Ilda Stichini

Com a reaparição em scena da linda peça de João da Camara «A Triste Viuvinha» faz amanhã a sua festa no teatro Nacional, a actriz Ilda Stichini.

Temperamento de artista, fazendo da sua arte um sacerdacio, a festejada de amanhã tem conseguido impor-se por um valor, que, certamente, lhe terá acarretado algumas sensaborias e principalmente muitas invejas, das que, no teatro Nacional mais do que em qualquer outro, supõem que o simples facto de serem societarias, lhes conquistou a celebridade!

No reduzido numero de comediantes com que conta a actual geração, Ilda Stichini tem se afirmado, dia a dia, pelo seu estudo, pela probidade do seu trabalho, não descurando nem o detalhe nem a observação, num coeficiente de valor de que nem todas as suas colegas se podem orgulhar e cuja biografia se resume em poucas palavras, bem demonstrativas do seu progresso: foram-na buscar ao Salão Foz, é hoje uma das figuras mais justamente categorisadas do teatro Nacional. Deve ter orgulho por isso.

Nota do dia

Realisou-se ontem no S. Luiz, a «matinée» promovida em favor do maestro Manuel Benjamin.

O nosso bom povo, sempre amigo dos artistas e a quem a vida, por vezes amargurada, desta linda terra não consegue ainda, embotar os sentimentos efectivos que são bem uma caracteristica da nossa raça, ali acorreu pressuroso, não permitindo que alguem pudesse duvidar, sequer um momento, de que ele seria incapaz de deixar de cumprir um dever, quando ditado pelo coração. Devem ter ficado satisfeitos os organisadores da festa e em especial o actor Joaquim de Oliveira que conseguiu com a sua exuberante juventude concorrer, mais do que qualquer outro, para o bom exito duma festa simpatica sob todos os aspectos e principalmente pelo fim altruista que visava. E' na decrepitude que, mais do que nunca, a mocidade deve ajudar a velhice. E quando esse auxilio é ditado por essa bela virtude que se chama a caridade, quando esta se nos apresenta sem enfeites nem atavios, com o fim unico para que foi creada, qual o de fazer o bem pelo prazer de bem fazer, é muito mais bela ainda! E por isso, no decorrer dessa festa, brilhando pela sua simplicidade, tocante pelo que, de bom e são, ela encerrava, ninguem houve, quero crer, que se envergonhasse das lagrimas rebeldes que lhe marejaram o olhar quando esse velho expontaneamente, quis vir, em pessoa, ao palco, agradecer num grande abraço a todos que tinham procurado mitigar a sua desventura.

Eu quero supôr que o exito desta segunda festa, fará reflectir os artistas da minha terra. Qualquer delas, pelo seu significado, deve-lhes ter demonstrado á evidencia de quanto são capazes e o muito que poderiam obter, em prol da sua classe. Se isso é tão facil, o reunirem-se, de alma e coração, para acudir a um ou outro colega, isoladamente, porque não hão de empregar a mesma boa vontade e os esforços procurando beneficiar a todos

Creio bem que as festas dos teatros de S. Carlos e S. Luiz devem ter sido a melhor propaganda em favor da casa Gil Vicente. Oxalá me seja dado o enormissimo prazer da verdade de um vaticinio.

Noticiario

Entre nós

Desligou-se da companhia Alves da Cunha, o actor Samwel Diniz.

◆ A companhia Robles Monteiro-Rey Colaço apenas dará uma curta serie de espectaculos no Politeama por este teatro se achar alugado para exibição de «films» no proximo verão.

◆ Intitula-se «A hora do diabo» o novo original que está escrevendo Victoriano Braga.

◆ Encontra-se em Paris o «costumier» Castelo Branco, estudando novos modelos o cuidando das ultimas novidades para a proxima revista de verão no S. Luiz.

◆ A nova peça de Carlos Selvagem, terá por titulo «O herdeiro».

◆ Pode-se considerar como certo o ingresso da actriz Palmira Bastos na companhia Robles Monteiro.

◆ Partiu ontem para o Brazil a companhia Lucilia Simões, que teve uma despedida muito afectuosa. A juntar-se aquela companhia deve ainda seguir viagem, por todo este mez, o actor Rafael Marques.

◆ Dá-se como certo, a vinda a Lisboa, no proximo inverno, de 5 companhias francesas, entre as quais a da Comedie, do Casino de Paris e do Folies Bergéres que trabalharão no Politeama.

◆ No mesmo teatro e em favor da Casa Gil Vicente, deve proximamente realisar-se uma recita desempenhada por autores e artistas, com a peça de Victoriano Braga «O Salão de Madame Xavier».

◆ Veiu apresentar-nos as suas despedidas, antes da sua partida para o Brazil, o actor Ribeiro Lopes.

◆ No mesmo paquete da companhia Lucilia, seguiu para o Rio de Janeiro, o nosso camarada de imprensa Antonio Ferro.

Estrangeiro

Na «premiére» de «Une petite main qui se place» de Sacha Guitry realisada ha pouco no Eduardo VII os interpretes e o seu autor foram chamados dez vezes ao proscenio.

◆ Devia ter subido á scena no ultimo sabado em Paris a peça «Dicky» de Armont, Gerbidor e Manaussi.

◆ Dois moços escritores Bouyelet e Bradby foram autores de um grupo de escritores uma peça intitulada «Barbe-Bloude» que será representada por Burguet.

◆ Um dos maiores exitos da temporada teatral de Paris foi «Le Chemineau» que voltou á scena ontem domingo na «Opera-Comique».

◆ A «premiére» de «Un geune ménage» realisa-se no La Iolinière no dia 17 deste mez. Está destinada a um grande sucesso.

Cartaz do dia

Teatro de declamação

NACIONAL—A's 9—«O Centenario».

Teatro musicado

S. LUIZ—A's 9 — «A Lenda dos Tarlatanas».
POLITEAMA—A's 9,30—«Azas quebradas».
APOLO—A's 9,15—«Belo Sexo».
AVENIDA—A's 9,15—«A Perola Negra».

Circos

COLISEU DOS RECREIOS — A's 9— IX Campeonato Internacional de Luta e Variedades.

Animatografos

OLIMPIA—Rua dos Condes
CINEMA CONDES—Avenida da Liberdade
SALÃO CENTRAL—Praça dos Restauradores

SPORT

Coisas de sport...

«Dempsey», foi a Londres, a Paris, e está agora em Berlim Aparece, cumprimenta, diz que está pronto a baterse, mas não ha quem aceite o convite á valsa.

Já o hespanhol da anedocta dizia «Ha por ahi algum valiente...»

A publicidade da luta no Coliseu tem sido mal orientada.

Assim por exemplo, a respeito de «Ochôa», o grande publico quasi nada sabe. Pois é «Ochoa» um dos melhores homens do mundo, que já venceu «Constant le Marin».

Ha 20 anos que ando nesse meio, poucas vezes tenho visto um lutador tão completo.

E' um «Petersen» em ponto grande.

Vai recomeçar o «raid» até ao Brazil, pelos aviadores portuguezes, que como se dizia na «Verbena de la Paloma» são homens que:

«Tienen verguenza «Pundonor, e lo que hay que tener...»

Continua a aventura como disse um «pae da patria...»

Vai aparecer um livro de atletismo pelo «Dr. Salazar Carreira.»

Vamos com certeza ter coisa boa, visto que o autor conhece e assumpto.

Quanta diferença entre este que pratica o «sport» e os varios doutores que ocupam os altos logares nas direcções de educação fisica, e para quem os professores de cultura fisica são espantalhos.

Pois se eles só conhecem isto de «ouvido...»

RUY DA CUNHA.

NOTICIARIO

FOOT-BALL

O team inglez Civil Service joga já na quinta feira

Devem chegar amanhã a Lisboa, os jogadores do team inglês Civil Service Foot-Ball que, a convite do Internacional e Sport Lisboa vem realisar em Lisboa tres matchs internacionais.

O primeiro, realisa-se já na quinta feira proxima no campo do Stadium contra o team do Internacional que alem de apresentar o seu melhor «onze» reforça a linha com os jogadores Pinho e Gomes dos Santos da Casa Pia. Este desafio deve chamar ao Stadium grande concorrencia. Todos desejam admirar o belo «Associaton» do team ingles. A sua forma de jogar é optima o seu conjuto deve entusiasmar o nosso publico.

Na séde do Club Internacional rua do Crucifixo, 86, 1.º estão patentes as quotas dos socios em atrazo a fim de evitar questões á entrada é isto quo regulado com a apresentação das quotas de Abril ou Maio.

CAMPEONATO DO LUTA

E' hoje que no Ginasio Club Portugues, se inicia o campeonato de luta para o apuramento de Campeão de Lisboa.

A calcular pelo numero de concorrentes que este ano atingem 29 concorrentes, o campeonato deve resultar bastante animado.

FOOT-BALL HOCHEY

Comunicado oficial—A fim de auxiliar e desenvolver a pratica deste magnifico sport, resolveu a direção deste Club, mediante determinadas condições que se encontram patentes na sua séde, ceder o seu campo de foot-ball, na Quinta das Larangeiras em Sete Rios, aos Clubs que não possuam campo proprio.

Os clubs que se queiram utilisar desta concessão, poderão jogar entre si, ou com qualquer «team» do H. C. P.

—Para disputa de 3 artisticas medalhas, realisa-se no dia 25 do corrente, uma «poule» de espada intersocios, encontrando-se aberta, a inscrição, no Club.

—No campo do Hockey Club de Portugal, em Sete-Rios, realisou-se no passado Domingo, um desafio de foot-ball, entre este Club e o Sport Lisboa e Benfica, vencendo o H. C. P., por 5 bolas a 0.

AUTOMOBILISMO

A Rampa da Pimenteira vai realisar-se no domingo

Vai finalmente realisar-se no domingo 14 do corrente a corrida automobilista da Rampa da Pimenteira organisada pelo jornal «Os Sports». Apesar do pequeno numero de inscritos como abaixo se vê «Os Sports» não deixa de efectuar a prova.

E' lamentavel, isto. O automobilismo, entre nós, não se pratica. Não ha provas. Um jornal de sport toma a iniciativa de organisar uma corrida, ou por outra, de reeditar uma prova que foi brilhantemente disputada ha anos. O meio anima-se, e, de todos os lados, surgem aplausos á ideia de «Os Sports». Prometem-se inscrições, concursos desinteressados. Chegados porém, ás vesperas do dia da prova, verifica-se que apesar do todo esse entusiasmo, o numero de concorrentes é pequeno.

As inscrições que o jornal «Os Sports» recebeu até agora são as seguintes:

1.ª categoria — «Citroen», firma Eduardo Rosa L.da.

2.ª categoria—«Stadebaker», firma C. Santos L.da.

«Bugatti», firma Benedito Ferreirinha & Filhos.

«Alfa Romeo», Lisbon Motor Company, L.da.

3.ª categoria—«Delage», firma Artur Mimoso, L.da.

«Studebaker», firma C. Santos, L.da.

«Bugatti», firma Benedito Ferreirinha & Filhos.

Consta que um conhecido automobilista de Beja tambem se inscreve.

Na proxima quinta-feira reune na redacção de «Os Sports» o juri da prova que é constituido pelos srs.:

Sebastião Teles, Pereira de Carvalho, Vasco Anjos Jardim, A. Correia Leal, de «Os Sports».

A cronometragem da corrida está a cargo do A. C. P.

Para ficais de pista foram convidados os srs.:

Constantino Mouton Osorio, Fernando Koku, Henrique Mouton Osorio, Augusto Farinha Beirão, Francisco Ribeiro Pereira da Silva.

Em frente da «méta» será estabelecido um recinto reservado com cadeiras, a fim de o publico poder assistir comodamente á chegada dos concorrentes.

O serviço de policiamento e ordem será confiado aos escoteiros e bombeiros voluntarios.

Salão Central

O tenente do Cruzeiro Vitoria

Coração de ferro e coração de oiro

Duas maravilhosas peliculas serão exibidas no espectaculo desta noite no vasto e sumptuoso «Salão Central».

A primeira—*O tenente do Cruzeiro Vitoria*, em segunda apresentação, é um dos mais apreciados trabalhos de Pola Negri, a gloriosa protagonista da afamada pelicula *Madame Dubarry*, que tão grande sucesso obteve neste Cinema.

A segunda—*Coração de ferro e coração de oiro*, que o publico recebeu com verdadeiro agrado, é um drama intenso, cheio de interesso, com lindissimas passagens e uma mise-en-scena lumiosa.

A terminar o espectaculo, *A Panacéa de Luisinho*, uma autentica fabrica de gargalhadas.

João Martins Lopes Bispo

Ficou hoje sepultado no Cemiterio dos Prazeres o sr. João Martins Lopes Bispo, o mais antigo amanuense da Camara Municipal, pai do sr. Francisco Martins Lopes Bispo, escriturario da mesma Camara, e José Lopes Bispo, escriturario da secretaria dos Matadouros e nosso amigo e colaborador.

PORTUGAL

PAIS

essencialmente agricola e colonial deve formar nestas actividades o seu ressurgimento

Ouvimos muitas vezes falar do atrazo das nossas colonias, de estado de abandono dos seus recursos naturais e, por vezes, quasi duvidamos de que tudo o que se diz seja verdade.

E duvidamos pela simples rasão de sermos obsecados na ideia do patriotismo, que a muitos cega, a ponto de não vermos o que os outros notam á primeira vista. Emfim, ainda se a unica causa da nossa ignorancia aparente fosse apenas motivada pelo espirito de patriotismo, ocultando-nos aquilo que nos podesse envergonhar e deprimir, era caso para a gente não ficar muito apreensiva. Mas... o peor é que nós não sabemos que as nossas colonias podiam valer mais 90 ou do que aquilo que valem, nós o que é mil vezes peor, não queremos saber. Fazemos por ignorar. Não nos damos por achados.

E assim vamos muitas vezes gastar grandes verbas em obras de alcance mui pequeno e quasi sempre negativo, para deixar de dispender as mesmas importancias em lucrativas obras de fomento nacional, que tão atrazado está, ou em vantajosas obras de expansão colonial, cujas consequencias seriam as mais lucrativas para o nosso paiz.

E' preciso que nos lembremos o que nos compenetremos bem destes verdades.

Portugal e um paiz essencialmente colonial, o que quer dizer que Portugal, comercialmente falando, depende mais colonias do que do pequenino rectangulo encaixado na extremidade sudoeste da Peninsula Iberica, que forma o territorio minusculo da metropole.

E' verdade que só os nossos vinhos são uma riqueza. Alem disso a cortiça, a fructa, etc., fazem deste pequeno torrão um paiz riquissimo, que poderia bem passar sem importar um certo numero de generos, caso a agricultura estivesse desenvolvida como podia estar.

E' pela agricultura que o nosso paiz terá facilidade, principalmente em se rehabilitar.

Portugal foi, é e será, um paiz essencialmente agricola e alem disso um paiz essencialmente colonial.

Muitos povos nos terão inveja e nós de prezamos estas duas belas caracteristicas que por si só, quando tomadas na devida consideração, poderiam fazer de nós ainda um grande paiz.

No entanto nós vêmos e sabemos o que por ahi se tem feito e se continua a fazer, Em logar de se ir destruir a causa do mal, de se ir atacar na raiz, adoptam-se medidas que em vez de melhorarem a gravidade da situação a complicam cada vez mais.

Assim, pergunta-se qual será o resultado pratico do aumento das contribuições?

E' o que todos sabemos. No entanto reincide-se neste erro e ninguem se lembra de remediar tal estado de coisas. Ha processo de se chegar á conclusão de que o unico caminho a seguir, que a unica medida acertada seria aproveitarmos aqueles dois caracteristicos do nosso paiz, que atraz apontamos, desenvolver a nossa agricultura ao maximo e aproveitarmos todos os recursos das nossas vastas e ricas colonias por meio de uma colonisação perfeita e assente em processos modernos.

E' realmente vexatorio que por exemplo o nosso porto excelente de Lourenço Marques, que podia rivalisar com todos os portos sul-africanos, esteja sendo prejudicado pelo da cidade do Cabo, para onde vão todos os productos exportaveis, principalmente fructas, antes de seguir para a Europa.

O porto de Lourenço Marques, que fica a muito menor distancia dos districtos productivos, podia ser o utilisado para a exportação de fructas mesmo para Londres, caso fosse servido por boas vias de comunicação.

Assim, isolado, com enormes extractos de terreno á sua volta por cultivar e apenas servido pelos navios da mala sul-africana, o porto de Lourenço Marques perde, sem duvida, em todos os sentidos.

Qual deveria ser, pois o caminho a seguir pelo Governo. Desenvolver a rêde ferroviaria que a ligando o porto com a fronteira da União Sul-Africana, estabelecesse ligação facil e rapida entre a nossa colonia e a União, podendo muitos dos productos que vão para a cidade do Cabo ser trazidos para o nosso porto, aumentando assim o seu trafico e portanto o seu valor.

Era esse que devia ser o cuidado dos nossos governantes, que só pensando assim e encarando por este lado, poderão fazer alguma obra aproveitavel a nós todos.

COMPANHIA PORTUGUESA DE PHOSPHOROS

Sociedade Anonima, Responsabilidade Limitada

Capital realisado, Esc. 4:500.000$00

Séde: Rua de S. Julião, 139 - LISBOA

Emissão de Esc. 4:500 000$00 em 100.000 acções de valor nominal de Esc. 45$ 0, de coupon, ao preço de Esc. 65$00 cada uma, com direito a dividendo desde 1 de Janeiro do corrente ano, conforme a deliberação da assembleia geral extraordinaria de 25 de abril ultimo e devidamente autorizada pelo governo

São convidados os srs. accionistas que desejarem usar do seu direito de preferencia (na proporção de uma acção nova por cada uma das actuais), a apresentar os seus titulos na séde da Companhia desde 10 a 25 do corrente mez, das 10 1/2 ás 13 1/2 horas, acompanhados de competente declaração em impresso fornecido no nosso escritorio.

Os titulos serão carimbados e em seguida restituidos, contra o pagamento correspondente ás acções que subscreverem.

A emissão está garantida por um grupo financeiro portuguez e estrangeiro.

Lisboa, 6 de Maio de 1922.

Pelo Conselho de Administração

(a) D. Luis de Lencastre
(a) Hugo O'Neill

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

O SONHO DA NOVIÇA

por ALBERTO BRAGA

Quando Gertrudes chegou á portaria, acompanhada da tia e do primo, no relogio da tôrre do convento bateram pausadamente cinco horas da tarde.

O mosteiro de Santa Clara ficava situado no respaldo de uma colina e emboscado numa deveza de carvalhos.

Era nos primeiros dias de Novembro. O ceu, toldado de nuvens, que corriam para o norte, batidas de um vento aspero, estava de uma tristeza indefinivel. A cada passo houvem mais densa, côr de chumbo e pesada, escurecia o firmamento e uma chuva miudinha, como um borrifo, cahia então obliquamente. Quando passava a chuva, um pé de vento forte e rasteiro levantava em redemoinho as folhas amarelecidas do outono, que alastravam o chão.

A fabrica do convento era pobre, de frontaria humilde; as paredes escuras e deterioradas pelo decurso dos anos acentuavam o conspecto melancolico e lugubre da clausura.

Era um nicho fronteiro á porta de entrada, aparecia a imagem de Santa Clara, vestida com o habito de freira, os olhos extacticos levantados para o ceu, suspendendo com fervor ascetico, nas mãos brancas, uma custodia dourada. Debaixo do habito apareciam os pés da santa, quasi nus, cruzados no peito pelos atilhos amarelos das alpargatas.

Diante do nicho, uma lampada de ferro, pendente de um carritel, oscilava como um turibulo; e a tenue da lamparina bruxuleava nos espaços, ainda esmorecida na claridade poente do dia.

Antes de entrar, esteve Gertrudes com a cabeça descaida sobre o ombro da tia, a chorar; depois, cingiu-a estremecida no derradeiro abraço, soluçando:

—Adeus, minha tia, adeus!

Aproximou-se de Mateus, que assistia do lado, palido e tremulo, áquela separação, abriu os braços para o apertar e disse-lhe, com voz debil, fitando nele os olhos rasos de lagrimas:

—Mateus!...

E transpoz, soluçante e oprimida, o limiar do convento.

* * *

A comunidade viera receber á entrada, seguindo as praxes conventuais, a soluçante noviça. As freiras professas e as recolhidas estavam dispostas em duas filas, tendo á frente a madre abadessa, já muito velha, arrimada a um baculo de prata lavrada.

Aquela sala de recepção era humida, espaçosa, fria e soturna. Entrava-lhe a luz tenue coada pelas rexas oxidadas de duas frestas, que davam para o claustro. Ao fundo, sobre um altar e no meio de duas jarras com palmas e flores artificiais, estava a imagem de um Cristo, de metal amarelo, com os braços abertos cravados nos braços de uma cruz de jacarandá. No peito nu e descarnado do Cristo reflectia-se, como uma chaga viva, a luz vermelha da lampada de latão, suspensa do docel.

A escrivã passou o braço com protectiva ternura á cinta de Gertrudes e encaminhou-a para diante de abadessa, dizendo-lhe a meia voz:

—Beije a mão á nossa madre abadessa, menina.

Gertrudes baixou os labios á mão tremula da freira e recebeu, numa postura humilde, com os olhos fechados, o abraço receptivo. Em seguida, abraçou-a a escrivã; e depois, de abraço em abraço, foi Gertrudes passando todas as freiras e senhoras recolhidas até á derradeira.

* * *

Abria para a cêrca a janela estreita da cela de Gertrudes.

Avistava-se ao longe, recortada no azul limpido do ceu, a cumiada alvacenta e escalvada de uma serra.

Mais abaixo, por entre a verdura da encosta, descia a estrada em largas curvas, como uma fita que se vinha desenrolando e alargando pelo monte.

Ao meio dia, quando o sol cahia perpendicular, a diligencia subia vagarosamente, levantando espessas nuvens de pó. Viam-se os almocreves, que vinham á cidade, trazendo pela arreata a recova dos machos.

Em madrugadas serenas, ouvia-se até o chiar longinquo dos carros de bois pelos atalhos das aldeias, o tlintar monotono das campainhas dos machos e o estalido sêco do chicote da mala-posta.

Um dia, logo que saiu do refeitorio, emquanto as freiras se recolhiam ás celas para dormir a soneca da sesta, dirigiu-se Gertrudes para a cêrca.

Era uma hora da tarde.

Na horta, as largas folhas das couves pendiam desmaiadas com o calor intenso da estiagem. Na ramaria verde do pomar rumorejava uma viração agradavel. Em baixo, perto do tanque, corria uma água fresca; na sombra das laranjeiras, na vibração da luz, agitava-se uma nuvem transparente de *efemeros*.

Por debaixo das latadas passeiavam de braço dado algumas meninas recolhidas.

Gertrudes seguiu sósinha, cosida com o muro, por onde havia uma esteira de sombra. Ao fundo da cêrca, encostado ao tronco de uma magnolia, que projectava no saibro sêco e faiscante da rua uma larga sombra, havia um banco de pedra.

Gertrudes sentou-se, tirou do bolso do avental um livro brochado e abriu-o cuidadosamente, retirando com as pontas dos dedos, dentre as folhas marcadas, um grande *amor-perfeito* já mirrado e desbotado.

Ao cabo de alguns minutos de concentrada leitura, ouviu pipilar em cima.

Na extremidade de um ramo, que baloiçava de leve, chilreava um passarinho, inclinado para baixo, entreabrindo assustado, com fremitos, as azas. Gertrudes pousou o livro de banda, subiu ao banco, e, fincando-se na ponta dos pés, apurou-se para espreitar.

Entalado num esgalho e meio oculto na folhagem, havia um ninho fôfo e tepido, do qual surdiam duas cabecinhas penujentas. Em baixo do rebordo do ninho, estava uma toutinegra ministrando alimento aos filhos.

Gertrudes estava encantada! Até suspendia a respiração, com receio de perturbar a tranquilidade do ninho!

* * *

A' noite, com a cabeça deitada sobre a brancura virginal do travesseiro, a noviça sonhava e sorria, acalentada num sonho de criança!

Ora vejam!

Estava de pé, sobre o banco da cêrca, espreitando o ninho da magnolia. Os passarinhos implumes abriam sofregos o bico para receberem da mãe o alimento.

Gertrudes identificava-se tanto com o que via, que—em sonho—chegou a sentir o gôso inefavel da mãe que administra o sustento aos filhos. As cabeças penujentas dos passaros do ninho—que graça!—já lhe pareciam duas cabecinhas louras de criança deitadas no mesmo berço!

E o passaro que chilreava em cima, alcandorado no ramo superior, foi perdendo, pouco a pouco, a forma que tinha e — como a gente vê num quadro dissolvente — foi transformando a cabeça pequenina de ave numa cabeça de homem, com cabelos anelados, os olhos pretos e vivos, o bigode farto e um doce sorriso de pai...

E entreviu, então, Gertrudes, através de uma nuvem côr de rosa, em que o seu espirito se embalava, a imagem clara do primo Mateus, que a contemplava, a sorrir!...

FIM

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

"A Capital" é um jornal de combate

N.º 4073 — 12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5 | LISBOA — Terça-feira, 9 de Maio de 1922 | Telefone n. 2293 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Bica, 71 | Preço 10 centavos

No Parlamento

Terminou no Parlamento o debate sobre a questão da transferencia do professor Lopo de Carvalho. Terminou, após uma longa discussão, em que falaram muitos oradores e se apresentaram umas poucas de moções, e terminou como? Ficando tudo na mesma, porque, evidentemente, essa questão não era daquelas que se resolvem com votações dos nossos ilustres legisladores. O Governo alcançou um voto de confiança, mas não o necessitaria se esta questão se não levantasse. Quanto ao assunto em si, tem de ser resolvido fora do Parlamento e só tem três soluções. Ou o professor Lopo de Carvalho desiste da sua transferencia, o que poderá harmonisar gregos e troianos, ou a Faculdade cede ou o Governo se demite. Para chegarmos a êste resultado não era necessaria a intervenção parlamentar.

De tudo isto só derivaram desvantagens e inconvenientes. Desvantagens para o Governo, que assim se vê enredado em mais um incidente, que, diga-se o que se disser, não foi de molde a apertar os laços de solidariedade entre o gabinete que o sr. Antonio Maria da Silva chefia e os diferentes grupos parlamentares, sem excluir o do seu proprio partido. Inconvenientes para o Parlamento, que se vê exposto a durissimas censuras da opinião publica, a qual o vê malbaratar o seu tempo, tão necessario para a resolução dos gravissimos problemas que sobre nós impendem, em discussões absolutamente estereis.

Não era isto o que o paiz esperava. O paiz esperava que Parlamento e Governo conjugassem os seus esfôrços para fazer sair a nacionalidade portuguesa da tremenda crise que há muito a punge e que já se prolonga por forma que raros são os que não lhe adivinham o desfecho como uma catastrofe. E o paiz vê que se trata de tudo, menos das medidas urgentes, verdadeiras medidas de salvação publica, cuja necessidade está na consciencia de todo um povo.

Não é só de agora que isto sucede. Em geral, as questões que mais apaixonam os parlamentos são precisamente as menos importantes, pelo menos em relação ao bem geral do paiz. E são elas que quasi sempre fazem caír os Ministerios e provocam as situações mais alarmantes. Lembra-nos muito bem que, no tempo da monarquia, caiu um gabinete regenerador, que resistira a mil embates, em virtude de uma questão de campanario entre Braga e Guimarães. Foi por causa de um conflito entre a Camara dos Deputados e o Senado que caiu, em principios de 1914, o primeiro gabinete Afonso Costa. Agora, só por um triz, é que o gabinete Antonio Maria da Silva não sossobrou nas ondas encapeladas da tempestade levantada pela transferencia de um professor.

O paiz esperava outra coisa. Esperava vida nova. Esperava por um Governo livre de sectarismos e independente de corrilhos que empenhasse exclusivamente os seus esforços no ressurgimento nacional. Esperava um Parlamento que no mesmo elevado intuito se inspirasse. Esperava que não tivessem sido esquecidas as lições do passado, nem se desatendessem as necessidades actuais. Em vez disso, vê que se reincide nos velhos processos politicos, mesquinhos, irritantes, absurdos. Como é que assim se pode reclamar a confiança do paiz para a obra dos seus dirigentes?

De mãos dadas

A Alemanha ajuda a Russia a fabricar armamento

HELSINGFORS, 9.—Partiram para Petogrado mil e quinhentos tecnicos alemães que segundo parece se vão empregar nas fabricas de armamento.—(R).

OS BAIRROS SOCIAIS

O sr. ministro do Trabalho tornou-se credor da gratidão nacional — Veja se pode emprestar uma parte desse credito ao seu colega das Finanças!

Conforme noticiam os jornais da manhã, a questão dos Bairros Sociais teve ontem o seu epilogo: as obras foram suspensas e os operarios e funcionarios foram dispensados. Já, muito oportunamente, aqui salientámos a habilissima administração do sr. Vasco Borges no Ministerio do Trabalho. Não nos dispensamos de chamar para êle, de novo, a atenção publica.

Os Bairros Sociais eram um sorvedouro de dinheiro e uma escola oficial de latrocinio e corrupção. O sr. Vasco Borges, que já anteriormente, no caso dos Transportes Maritimos do Estado, demonstrara ser dotado de rara energia e instantanea visão politica, deu, na solução do problema dos Bairros Sociais, novas demonstrações do seu talento, levando a questão ao Parlamento e conseguindo arranjar-lhe a lei que o habilitou a morigerar — emfim!... — aquele ramo de publica administração. E é ainda digno de especial registo que tudo se efectivou sem conflitos e com tão escassa exibição, que passou quasi desapercebido um facto que, a todos os respeitos, mereceria gerais louvores. Não falta ao dever de lhos tributar — *à tout seigneur*... — *A Capital*, que, se não hesita em censurar ministros inconvenientes, como é, por exemplo, o titular da pasta das Finanças, que ousou arremessar, do alto da tribuna parlamentar, uma acusação gratuita, mas infamante, á imprensa portuguesa, — não hesita tambem em registar com aplauso a obra perfeita do titular da pasta do Trabalho. Há homens e Homens!...

T. M. E.

Porque motivo não se fala na sua dissolução

Ultimamente, mercê da campanha mais violenta que de todos os lados se levantou, tornou a ventilar-se a desgraçada questão dos Transportes Maritimos do Estado e parecia entrar o caso em bom caminho adjudicando-se os barcos existentes a varias Empresas e a entidades de categoria. Era de resto o unico caminho a seguir e trilha-lo era de resto repetir o exemplo salutar do Brazil com o Lloy Brazileiro.

Sucede porem que nunca mais se falou em semilhante cousa. Porquê? Porque motivo não se tornam publicos os trabalhos ou as decisões já com certeza tomadas sobre o assunto. Parece-nos de todo o ponto interessante que se faça mais luz sobre este caso, muita luz para compensar a escuridão forçada dos antecedentes...

Nas Salas da Liga Naval

Concerto do pianista Botelho Leitão

As salas da Liga Naval abriram-se hontem, á noite, para nelas se consagrar mais uma vez, o talento privilegiado e cultivadissimo do ilustre concertista de piano que é Fernando Botelho Leitão. Dicipulo querido de Rey Colaço, o moço pianista herdou do mestre todos os seus vastissimos recursos conhecidos, a impecabilidade da sua execução, a profundeza detalhada e a alta mestria na identificação com a obra dos mais notaveis autores. A noite de hontem foi bem uma noite de festa e de consagração. Botelho Leitão, na interpretação de Schumann, Liszt, Debussy, Chopin e ainda num elegante bailado de Lima Fragoso, afirmou-se um concertista perfeito, cheio de cultura e de vibração, de erudição e de sentimento que está, certamente, destinado para vôos mais distantes duma gloria mundial.

As salas da Liga Naval encontravam-se literalmente cheias de uma assistencia elegante e culta.

Subsidios para a historia da lei

Os casos de hoje

Se a condenação das monstruosas leis 1040 e 1244 não estivesse já sobejamente feita, bastava o facto que vamos apontar para se avaliar bem a desorientação que houve na sua confecção e aplicação.

O capitão de infantaria Antonio da Cruz Junior, a que já nos referimos na nossa longa compilação das injustiças á sombra delas praticadas, foi punido com 3 mezes de inactividade, por ter tido a infelicidade de ser o oficial mais antigo do regimento de infantaria 32, durante os acontecimentos do norte, e por isso ter assumido o comando do regimento em virtude do comandante ter dado parte de doente, comando que exerceu «duante horas», porque a sua missão resumiu-se a telegrafar o facto para o Quartel General, que imediatamente enviou outro oficial de patente superior para assumir o dito comando. Pois por este facto, e em virtude da lei 1244, o capitão Cruz Junior foi reformado. O melhor do caso é que, na mesma Ordem do Exercito em que aquele oficial vem reformado, vem tambem condecorado com a medalha de ouro de comportamento exemplar, o que equivale á recompensa de 30 anos de serviço «sem castigo algum!»

E' claro, que tendo o oficial sido amnistado, o castigo de 3 mezes de inactividade desapareceu da sua Nota de Assentos, e portanto com toda a justiça, o oficial «tinha direito», como muito bem assim o entendeu o sr. general Correia Barreto, ministro da Guerra, assinando o decreto concedendo-lhe a medalha de ouro de comportamento exemplar.

Mas... o oficial foi reformado por ter sido punido com 3 mezes de inactividade, «que não constam da sua Nota de assentos», porque foram «trancados» pela amnistia!

Como explica o sr. ministro da Guerra este caso?

O oficial tem comportamento exemplar, e a prova é que foi condecorado com a medalha de ouro; mas o oficial foi reformado por não ter comportamento exemplar, e sim 3 mezes de inactividade, que não constam na sua Nota de Assentos, unico documento que encerra minuciosamente a vida do oficial desde que assentou praça até que morreu!

E foi o mesmo ministro da Guerra que assinou os dois decretos!!!

Ora aqui está um caso que o sr. general Correia Barreto decerto esclarecerá com a sua comprovada sciencia juridica.

Assim o esperamos.

E para terminar, lá vai mais um caso, para juntar ao nosso já numeroso rol, e fiquem os leitores certos que ha muitos e muitos mais...

José Correia Noronha e Menezes, tenente de infantaria. Encontrava-se este oficial na Guarda Republicana do Porto, e nessa qualidade foi com a mesma Guarda para o Monte Pedral á formatura que ali se realisou para a proclamação da monarquia. Como um dos primeiros decrétos da Junta governativa foi transformar a Guarda Republicana em Guarda Real, o oficial continuou portanto a prestar os seus serviços na dita Guarda Real. Os acontecimentos sucederam-se, a monarquia estava por um fio, e a Guarda Real que tinha sido Guarda Republicana, reimplantou a Republica no Porto passando novamente a ser Guarda Republica! E o oficial em questão, passando por todas estas metamorfoses, nada sofreu, felizmente para ele, o que demonstra ter tido muita sorte e bons padrinhos, o que é bem bom para os tempos que vão correndo... Encontra-se actualmente ao serviço, e pelas provas dadas, podem contar com ele os regimens passados, presentes e os que hão-de vir...

Dr. Hermano de Medeiros

A bordo do paquete S. Miguel chegou hontem a Lisboa o dr. Hermano de Medeiros que depois de breve demora entre nós tenciona regressar aquele arquipelago. Consta que o dr. Hermano de Medeiros não ocupará a sua carteira de deputado.

Os processos teutonicos

Todos os estrangeiros de fortuna forçados a subscrever para o emprestimo

BERLIM, 9—Todos os estrangeiros residentes na Alemanha que possuam uma fortuna superior a 200.000 marcos serão obrigados a concorrer para o emprestimo forçado que este paiz vai fazer.—(R.

As estradas de Portugal

Pedem urgentemente quem olhe por elas -:- com olhos de ver -:-

A proposta sobre estradas, que o dr. Alvaro de Castro apresentou ultimamente ao Parlamento, constitue o estudo de uma das mais importantes, mais urgentes necessidades nacionais. O estado de indiscutivel desmazelo em que se encontram todas as nossas vias de comunicação, nacionais ou distritais, é perfeitamente lastimoso e por demais conhecido por todos aqueles que, embora ligeiramente, tenham percorrido o paiz.

Para se remediar êste problema, encontra-se o Paiz na situação em que habitualmente se defronta com outros problemas igualmente importantes: sem verba ou com insuficientissimos meios. A verba indispensavel para pôr um pouco de ordem nas comunicações ordinarias do paiz ascende a 10.603 contos. A verba orçamentada é de 3.050 contos.

Pelas clausulas que regularam o problema das estradas em 1915 deveriam existir 14.342 quilometros de via. Existiriam para construir, e construindo o minimo indispensavel, perto de 4.000 quilometros. O preço de construção por cada quilometro está orçado em 25 contos, o que representa para os 4.000 quilometros, a que acima aludimos, uma verba de 100.000 contos.

E' necessario reparar aproximadamente 5.900 quilometros de estradas. Só no distrito de Lisboa ha 1.024 quilometros que precisam um concerto avaliado em 18 contos por cada mil metros, o que dá um total de 104.724 contos.

Tratá-se, evidentemente, de somas enormes, que é necessario encontrar urgentemente, sob pena de se perder o existente. Não se trata só de construir o indispensavel, é tambem necessario reparar e conservar o que existe.

A proposta a que acima aludimos tende, como não podia deixar de ser, para o emprestimo, por ser a unica forma possivel de arcar com a situação. Um emprestimo de 20.945 contos por ano, durante cinco anos, ou, ainda, um outro de 10.000 contos anuais, durante dez anos, serão as formas mais viaveis de se resolver o problema da viação.

Para fazer face a êstes compromissos a tomar, conta-se com o imposto anual de transito nas estradas, com um imposto especial para estradas e com as leis especiais dos fundos de viação e de turismo.

As memorias do Kronprinz

Atestam a impericia de Moltke na batalha do Marne

BERLIM, 9—Os jornais alemães estão publicando as memorias do ex-Kronprinz. Este diz que em novembro de 1918 o ex-imperador não quiz ouvir os conselhos que lhe davam de continuar á frente das suas tropas e de reprimir a revolução, porque não desejava a guerra civil entre alemães. Referindo se a batalha do Marne disse que os alemães foram derrotados devido á impericia de Von Moltke.—(R.)

A politica do presidente Harding

NEW-YORK, 9.—Discursando em um banquete o sr. James Beek, Attorney geral em Washington amigo intimo do presidente Harding afirmou que este rejeitará sempre uma politica susceptivel de enfraquecer a antiga e fiel aliada a França.

O caso Lopo de Carvalho

pode considerar-se solucionado

Com a votação da moção de confiança no governo, a crise eminente considera-se anulada, continuando o gabinete do sr. Antonio Maria da Silva na gerencia dos negocios publicos. Podia o governo encontrarse perante um problema de dificil solução se, por acaso, o sr. Lopes de Carvalho não a facilitasse. O que se diz, porem, é que o Chefe do Governo já ontem obtivera a promessa formal de que o sr. Lopes de Carvalho desistiria da sua petição, anulando-se, «ipso facto», o decreto que motivou o conflito com a Faculdade de Medicina. E' natural que, uma vez dado o decreto como não existente, os requerimentos de demissão dos professores de Medicina sejam retirados, por inuteis.

O sr. deputado Domingos dos Santos, deve ler no final da sessão um requerimento em que o sr. dr. Lopo de Carvalho, não querendo crear dificuldades ao Governo, apresenta a sua demissão de professor da Faculdade em Lisboa.

A mão de obra em Moçambique

E os primeiros balões de ensaio da imprensa sul-africana

Como se sabe o general Freire de Andrade, acompanhado pelos seus colaboradores, já chegou á cidade do Cabo, tendo partido para Lourenço Marques os srs. Sá Carneiro, Galvão e Bianchi, os outros delegados, onde vão ultimar os preparativos indispensaveis.

A importancia que teve o convenio luso-transvaliano agora denunciado e a que terá o proximo acordo que vai negociar-se, não escaparam, como é natural á perspicacia do boer que é incontestavelmente mais terrivel do que a perspicacia do inglez. Os jornais da Pretoria e especialmente os de Johannesburg começam já fazendo acerca da chegada da missão, a politica que convem aos interesses da Sout-Africa, com uma candidez tal que nem se dá ao trabalho de mascarar as suas conveniencias.

Assim o «Daily Mail», de Johanesburg, começa por tratar da questão da mão de obra e diz pouco mais ou menos que em virtude da depressão industrial que existe em Moçambique julga-se em vários centros de opinião que para as necessidades portuguesas não devem ser precisos mais de 10,000 indigenas da costa oriental e embora, evidentemente, os portuguezes tenham todo o direito a disporem como entenderem, da sua mão de obra indigena, pensa-se nesses centros que seria definitivamente em seu beneficio, visto o estado em que se encontra o comercio nos territorios da Costa Oriental, entrar num acordo de caracter liberal com o governo da União da Africa do Sul no que respeita á mão de obra indigena. Como uma autoridade sobre o assunto disse ontem: o emprego lucrativo da mão de obra indigena portugueza da Costa Oriental na industria da União quer ela seja a das minas de ouro ou qualquer outra, só pode representar um beneficio para as provincias da Costa Oriental Portuguesa.

De facto os portuguezes podem dispor da sua mão de obra como melhor o entendam mas o «Daily-Mail» vai sempre lançando o barro á parede admitindo com ingenuidade que nos bastam para a Africa Oriental 10.000 negros e que o excedente bem pode derivar para a União.

Ainda mesmo que Portugal apenas tivesse como possessões a Provincia de Moçambique, esta opinião seria mais do que contestavel. Não se pode compreender que, ainda mesmo que Moçambique fosse inteiramente arida nos bastassem 10.000 homens o que nos daria uma percentagem de 1 homem quasi para cada 70 quilometros quadrados. Isto é já de si ridiculo.

Mas quando se reflectir que a Africa Oriental é até certo ponto um dos viveiros onde teremos de ir buscar a mão de obra para a desprotegida colonia de S. Thomé, verifica-se que os numeros lançados pelo «Daily Mail», como balão de ensaio são perfeitamente visiveis.

Claro que o que pretende a União é estabelecer como ponto de partida em proximas negociações a sua base numerica agora exposta pela imprensa. Impôr inocentemente um numero não para que ele se aceite, mas para que sobre a cifra se edifiquem os calculos e as conclusões do novo convenio. Tudo quanto seja partir das bases que os nossos visinhos propõem será evidentemente mais uma ruina para nós. Nunca será demais repetir que tratar da provincia de Moçambique, das suas condições, das suas necessidades é tratar tambem, embora indirectamente de S. Thomé, a melhor, porventura a nossa mais florescente colonia. E se de facto precisamos de fazer concessões, não deveremos nunca perder de vista de que não empobreceremos nós para enriquecer os outros.

Agencia Geral de Moçambique

O conselho legislativo da Provincia de Moçambique resolveu depois de discussão admitir a moção da Agencia Geral de Moçambique no continente, instituição que fôra posta em pratica pelo alto comissario, dr. Brito Camacho e que agora recebeu a aprovação do conselho.

Os delegados russos

consideram a reunião de Genova como factor de nula importancia

BERLIM, 9.—Assegura-se que Lenine em nome do Conselho dos Comissarios do povo concedeu a Tchitcherine plênos poderes para romper com a conferencia de Genova e fazer tratados separados principalmente com a Inglaterra.—(R).

NO BRASIL

O falecimento prematuro do Vice-Presidente eleito Urbano dos Santos e o problema politico que esse acontecimento ocasiona

Telegramas do Rio de Janeiro dão noticia do passamento de Urbano dos Santos, recentemente eleito vice-presidente da Republica, na lista governamental que deu ganho de causa á candidatura do sr. Manuel Bernardes para a chefia da Nação. Na lista vencida figuravam, como se sabe, os nomes do sr. Nilo Peçanha, para a presidencia da Republica e J. J. Seabra para a vice-presidencia.

A Constituição Brasileira não prevê este caso, textualmente, mas manda proceder a nova eleição no caso de falecimento do chefe do Estado. Pode, pois, entender-se, por analogia, que a mesma regra se deve aplicar á hipotese do falecimento do substituto legal do presidente. E é naturalmente o que vai fazer-se.

E' possivel que a vaga aberta pelo desaparecimento do sr. Urbano dos Santos abra caminho a negociações entre os dois grupos politicos que se bateram nas recentes eleições presidenciais. Uma conciliação entre eles parece tanto mais necessaria e urgente quanto é certo que a victoria eleitoral da lista governamental não foi agradavel ao Exercito federal e até mesmo á Armada Nacional. Não faltou quem falasse na possibilidade dum acto de força das classes armadas impedindo, no ultimo momento, a transmissão de poderes na suprema magistratura da Nação.

Esta versão foi, aliás, categoricamente desmentida pelas autoridades legais e estações oficiais, mas todos sabem o valor muito relativo que se deve ligar a estes desmentidos, que são invariavelmente os mesmos, quer haja ou não haja rasão fundamentada para os lançarem á publicidade. Esse perigo, se realmente existiu, encontra-se agora singularmente diminuido, porque o passamento do sr. Urbano dos Santos torna possivel e talvez mesmo facil o lançamento duma ponte conciliatoria entre os dois agrupamentos politicos que se degladiaram no pleito eleitoral.

Simplesmente a titulo anedotico mencionamos o facto, muito conhecido, da «chance» que sempre favoreceu os planos politicos do sr. Nilo Peçanha.

Este homem publico, que é um dos grandes e sinceros amigos de Portugal e dos portuguezes, é, sem duvida, uma estrela de primeira grandeza na constelação numerosissima dos estadistas do Brazil. O seu talento excecional e a cultura do seu espirito de eleição afirmaram-se sempre, quer nas escolas, quer na tribuna oratoria. Tais qualidades seriam mais que suficientes para o destacarem no meio social em que vive. E' certo, todavia, que os acontecimentos acabam sempre por aplanar o caminho das suas ambições legitimas, dando razão aparente áqueles que vêem no sr. Nilo Peçanha o «enfant gaté» da inconstante Fortuna.

A morte do sr. Urbano dos Santos é pranteada, claramente, por toda a Nação, sem exclusão dos seus adversarios politicos, com o sr. Nilo Peçanha á frente.

As 8 horas de trabalho de "A Batalha"

A «Batalha» vem hoje muito satisfeita a diluir em tres tremendas colunas varias coisas pitorescas sobre a jornada de 8 horas. E assim, por exemplo, sae-se com esta:

«A Confederação Sindical alemã procedeu, no ano passado, a um inquérito, pelo qual averiguou que, em 29 localidades, num total de 1.389.413 operários, agregados em 22 profissões, 601.594 trabalham o «maximum,» isto é, 48 horas por semana, e 787.819 trabalham menos de quarenta e oito horas.»

Claro que a «Batalha» quer que o dia de 8 horas represente o «maximum» e não o dia normal de trabalho, susceptivel de ser aumentado. E verifica que de 1,389.413 operarios apenas 601,594 dá o «mavimum».

Deve ler-se que em 1.389,413 «já» 601,594 dão o «maximum». E este numero tende a aumentar e nem de outra forma era facil explicar o prodigioso renascimento da industria alemã, que está de novo inundando o mundo. E convem notar que a lei ou entendimento em que a «Batalha» se funda para dar os seus numeros, nasceu no curto periodo bolchevista da Alemanha logo após o armisticio e que pelas força das coisas e até pelos proprios numeros apresentados essa lei tende a transformar-se dia a dia.

A omnipotencia dum funcionario

Os ministros são paus mandados nas mãos dos directores gerais—E o Parlamento vale... o que vale!...

Ha casos tão estranhos, que, apesar da frequencia com que entre nós se repete o paradoxo, deixam abismados os que dêles têm conhecimento. O Ministerio da Agricultura acaba de fornecer á Nação mais um exemplo da imoralidade administrativa reinante. Ora leiam os republicanos o que se segue e digam-nos, depois, se isto é ou não uma grandecissima... reinação!

Foi ministro da Agricultura o sr. João Gonçalves, velho republicano, hoje tão pobre ou mais ainda do que já era nos tempos da propaganda. Não lhes parece que isto já quere dizer muito?...

Entre o ministro João Gonçalves e o seu director geral sr. Joaquim Belford surgiram atrictos, que tiveram o seu epilogo nas conclusões de um inquerito parlamentar, assim expressas:

1.º — Que todas as conclusões, quer publicas, quer não, referentes aos actos do sr. dr. João Gonçalves, como ministro da Agricultura, são absolutamente injustas e infundamentadas e que *aquele exministro defendeu sempre os interesses do Estado com todo o zêlo e com a maxima honestidade;*

2.º — Que o director geral do Comercio Agricola, sr. Joaquim Belford, *não procedeu com lealdade no desempenho das suas funções* emquanto o sr. dr. João Gonçalves foi ministro da Agricultura, *tendo chegado a praticar actos irregulares, a exorbitar das atribuições que lhe competem e a fazer afirmações menos verdadeiras em documentos oficiais;*

3.º — Que o mesmo director geral foi o autor ou o principal inspirador da injustissima campanha feita nos jornais, principalmente no *Tempo*, contra o sr. dr. João Gonçalves.

A estas conclusões chegou a comissão parlamentar de inquerito aos actos do ministro João Gonçalves e do director geral Joaquim Belford. Num paiz de administração publica, já não dizemos honesta, mas pouco debochada, o director geral era simplesmente demitido. Pois, até agora, tal não lhe aconteceu, nem coisa parecida. Durante muito tempo continuou a desempenhar as suas funções, *como se nada houvesse*. Como, porém, o escandalo era tremendo, mandou-se-lhe fazer novo inquerito, naturalmente para, no final, o gratificarem com uma portaria de louvor. Não seria, aliás, caso virgem, como talvez ainda demonstremos...

E o Parlamento? O Parlamento... moita! As conclusões do seu inquerito foram letra morta para o sr. ministro da Agricultura; o juizo já emitido vai ser substituido por outro, arranjado *ad hoc*; o sr. Joaquim Belford sairá de tudo isto tão limpo, que a sua alvura ha de parecer-se com a das onze mil virgens; e o Governo, se a coisa vier a azedar-se (o que é pouco provavel...), declara-se solidario com o colega da Agricultura e passa adiante, pela ponte de uma moção de confiança.

Que farça, que é tudo isto!...

Promoções

Um aumento de 400 contos

Do nosso colega «Jornal do Comercio» recortamos esta curiosissima noticia:

«O nosso informador da Arcada diz-nos constar ali que a ser convertido em lei o projecto do deputado tenente-coronel sr. Henrique Pires Monteiro, sobre promoções de limites de edade no exercito, passariam ao quadro de reserva 14 generais e 117 oficiais superiores, alem de varios capitães e subalternos, o que daria logar á promoção de 590 oficiais aproximadamente, entre os quais 10 coroneis do estado maior.

Um dos oficiais a passar ao quadro da reserva será o coronel medico sr. Brito Camacho.

Está computado em cerca de 400 contos o aumento de despesa proveniente daquele projecto de lei, no 1.º ano da sua execução».

Com efeito ainda ha logar para isto tudo. O que ainda não se sabe é onde se vai buscar o dinheiro

O SR. BARTHOU

A situação da França perante a Alemanha

O sr. Barthou voltou agora para Paris e o sr. Poincaré apressou-se a convocar a reunião do conselho de ministros para o escutar, para ouvir da sua boca uma exposição tanto quanto possivel clara dos acontecimentos que se teem vindo desenrolando em Genova, da situação em que se encontram as negociações.

Todos desconhecem o que resultará da viagem de Barthou a Paris; contudo já não falta quem preveja que a delegação franceza mudará de orientação, enveredando por um caminho de transigencias.

Em boa verdade o devemos dizer; nós não conseguimos prevêr coisa alguma.

Bem sabemos que a França ha de ter reconhecido que á sua roda se levantou uma atmosfera pouco propria para a deixar respirar larga e livremente, uma atmosfera de respiração que muito bem pode mudar o *feitiço contra o feiticeiro*, isto é, que muito bem pode, num dado momento, fazer que contra ela se voltem todas as afiadas lâminas da diplomacia estrangeira e sobre ela faça recair os odios das nações.

Pois se já se chegou, em jornais estrangeiros, a dar como provavel uma aliança anglo-germano-russa!

Mas, como vinhamos dizendo, quanto a nós, não é crivel que a França entre agora num caminho de transigencias de tal ordem que possa conduzir as nações a um franco e sincero entendimento, condição *sine qua non* da solidariedade internacional na obra de rehabilitação europeia.

Quem nos diz a nós que essas transigencias não actuarão num unico e determinado sentido, como seja, por exemplo, o caso de se querer condicionar uma aproximação, a realização de um tratado até com os russos? Quem nos diz a nós?

E, se assim fôr, que lucrará a Europa com a nova orientação, com as transigencias da França?

Não se levantará ainda mais acêsa a guerra de odios, de intrigas, de ambições que, em Genova, se tem travado?

Porventura, será possivel que de uma conferencia que tão simplesmente se propunha estudar, equalizar e resolver o problema economico que assoberba, desorienta, amarfanha e vai escravizando, não uma ou outra nação, mas o grupo de nações que forma a Europa, possa derivar qualquer acção benefica, resultar o quer que seja de util quando as nações, pelo menos pelo pensamento e pela boca dos seus delegados, se esquecem, em absoluto, do fim que a todos reunia, que a todas, amigas, inimigas e neutras procurava unir em laços de estreita e intima amisade e encaminham e norteiam os seus passos no caminho dos mais desencadeados odios, das mais instantes intrigas, dos mais desnorteadores e desorganizadores principios?

Não, não é possivel.

A França não perdôa á Alemanha. Uma Alemanha a quem seja dado um pouco de liberdade, que comece a ser considerada num pé de igualdade relativamente ás demais nações, a quem seja consentido levantar cabeça pelo desenvolvimento que dê ás suas industrias e ao seu comercio, não convém, por principio algum, á segurança da França.

Pode a Alemanha concorrer, em muito, no ressurgimento da Europa. Embora. Para a França é preferivel que a Europa se não reça, se não rehabilite, se não liberte, a fim da Alemanha não ressurgir no seu passado de grandeza e de força.

Deste modo de vêr não ha quem possa arredar o pensamento da França. São inuteis todos os esforços. A França vai mudar de orientação? Talvez, mas não que o faça porque reconhecesse que acima dos seus proprios interesses deve colocar os de toda a Europa, mas apenas porque, numa aproximação com a Russia — presentemente ligada á Alemanha — vê ainda a melhor forma de poder fazer largas ás suas ambições de grandeza e no mesmo tempo poder combater contra a Alemanha.

E quem ganhará? Vê-lo-hemos.

Em poucas linhas

Queixou-se á policia José de Brito, morador no Campo Grande, quinta das Galhanas, que deixando-o ... um banco na Praça do Comercio, quando recordou dela pela falta do relogio de prata e dinheiro, tudo no valor de 135$00.

—Foi preso Ricardo Martins, Azinhaga dos Sete Casteles, 7, por ter ... processo do «conto do vigario» objectos e dinheiro no valor de 673$70 a Roberto Pinto, rua Silva de Carvalho, 109, lojo.

A familia imperial russa

teve a sua paixão, o seu calvario e desapareceu num martirio que dá a medida da ferocidade humana

Tchitcherine, o comissario dos negocios estrangeiros da republica dos «soviets», declarou em Genova que só o tzar Nicolau II tinha sido fuzilado, mas que as gran-duquezas Olga e Tatiana estavam na America, vivas, sãs e casadas.

O diplomata, segundo o aforismo de Bismarck é: «Um homem enviado a um paiz estrangeiro pode mentir em proveito do seu», Tchitcherine segnia á risca este preceito.

Em tempo, não ha muito, Nicolau de Berg-Poggenphol, publicou na «Revue des Deux Mondes» a primeiro relatorio verdadeiramente autentico do assassinio da familia de Nicolau II, cometido na noite de 16 para 17 de julho de 1918 em Ekaterinenburg. Foi o general Die Derichs, antigo comandante das tropas tchéco-slovacas na Siberia, que forneceu os elementos desse relato. O general Die Derichs procedeu nos proprios locais a minuciosas investigações. Registou documentos directos, adquiriu provas irrecusaveis, materiais e levantou autos que ainda estão em seu poder.

* * *

A familia imperial foi transferida de Tobolsk para Ekaterinenburg em fins de Abril de 1917. O tzar e a gra-duqueza Maria Nicolaievna, acompanhados do principe Dolgorukof, do dr. Botkine, da condessa Henrikof, do particular Srdnep e do lacaio Demidoro, foram levados a 26 de abril; a tzarina, o tsa evitch, que estava doente e as tres gran-duquesas só chegaram a Ekaterinenburg 10 de Maio e metidos todos um casa Ipatief, onde os guardaram com o maximo rigor: dois postos no interior, cinco no exterior, com duas metralhadoras assestadas em frente da casa.

A guarda compunha-se de trinta e seis homens escolhidos entre o pessoal de uma fabrica proxima. Dez deles eram criminosos soltos das cadeias, bem como Avdeif, ajudado do comissario Wratchkowski. Em seguida o cruel Jurowsky, auxiliado por seis ajudantes e de um bando de letões, que foram os verdadeiros carrascos dos principes e do seu sequito. As algozes suprimiram mesmo o serviço religioso quotidiano, unico goso da familia imperial.

No ultimo dia em que se disse missa na casa Ipatief, ocorreu um facto curioso, que assumiu o caracter de uma verdadeira advertencia. Na missa, segundo o rito ortodoxo, a prece é rezada em voz baixa na missa ordinaria, e cantada no serviço funebre. Neste dia o sacerdote enganou-se, ou fingiu que se enganou e entoou em voz alta o cantico desta prece...

Na noite de 16 para 17 de julho de 1918, ás duas horas da manhã, Jurowskyh, acompanhado de cinco delegados dos soviets, penetrou nos quartos onde dormiam os membros da familia imperial. Conduziram-os ao proximo e ao seu sequito ao subsolo do edificio. Ali Jurowskyh leu um papel, e declarou:

—Como vê, a tua vida acabou.

—Estou ao seu dispôr—respondeu Nicolau II.

O tsar, a tsarina, a gra-duqueza Olga Nicolaievna e o Dr. Botkine fizeram o signal da cruz. As tres outras gran-duquesas desmaiaram, o tsarevitch ficou de pé, com os olhos esgaseados... Jurowkyz disparou um primeiro tiro e revolver o matou o tsar á queima roupa, o logo começou um morti inio furioso, a tiros de espingarda e de revolver. Os que não morreram imediatamente, acabaram-nos a coronhadas e baionetadas. A gran-duqueza Anastacia que apenas estava ferida, principiou a gritar. Lançaram-na. O sangue correu até ao subsolo visinho. Os assassinos foram Jurowskyh, os dez guardas letões, os cinco delegados dos soviets e o ajudante do guarda Paulo Medvedief. Este sucumbiu decorridos tres dias a uma crise cardiaca. Estes factos foram autenticados pelo sacerdote, pelo diacono e pela viuva de Medvediof, a quem seu marido confessara tudo pela irmã de Jurowskyh o por dois guardas.

* * *

Praticado o crime, os cadaveres foram amontoados num camion e transportados a vinte quilometros de Ekaterinenburg, onde foram revistados, despojados e queimados. Foram precisos nada menos de tres dias para fazer desaparecer os restos das vitimas, e o que subsistia ainda, depois do fogo, atiraram-no para o poço duma mina. Encontrou-se, todavia, naquele sitio a dentadura artificial do dr. Botkine, um dedo da mulher que pôde ser identificado e inumeros objectos que tinham pertencido á familia imperial, nomeadamente alguns restos das joias do tsar. Outras coisas foram identificadas em Ekaterinenburg e achadas na posse de parentes dos assassinos.

No dia seguinte ao do crime, telegrafaram ao soviet de Alapaevka, ordenando a execução imediata dos presos que se encontravam nessa cidade, isto é, da gran-duqueza Isabel Feodorovna, irmã da tsarina, do grão-duque Sergio Michailovitc, dos tres filhos do grão-duque Constantino, do principe Paleiy e do mordomo Remeza. Esta ordem executou-se nesse mesmo dia num bosque visinho da cidade e os corpos foram lançados num poço de mina. Todos os cadaveres foram identificados e encontrou-se neles numerosas cartas e documentos.

Finalmente, a 20 de julho de 1918, isto é, trez dias depois do crime, os bolchevistas mandaram seguir oficialmente de Ekaterinenburg, um comboio, no qual diziam, viajavam os presos imperiais; na realidade esse comboio só transportava a Perm a leitora da imperatriz, M.lle Schneider, a condessa Hendrikof, o mordomo Nagorni e dois criados de quarto, Valkof e Trun. Todos estes desgraçados, com excepção de um dos creados, que conseguiu fugir, foram fuzilados proximo de Perm a 22 de agosto de 1918.

Isto são factos. Como poderá contradizê-los Tchitcherine, embora fosse enviado á Conferencia de Genova para mentir em proveito dos soviets?

"O Tempo,,

Comunica-nos êste jornal que, por motivo de não querer empregar na sua tiragem mais papel da Companhia do Papel do Prado, se vê forçado a suspender a publicação, durante três ou quatro dias, até receber o papel estrangeiro que adquiriu e já está no Tejo.

Questão dos trigos

A Comissão de Inquerito

Os vogaes da comissão importadora de trigos e farinhas congregaram hontem com o sr. ministro da Agricultura, sobre o relatorio da comissão parlamentar de inquerito á questão dos trigos, publicado no «Diario» de 27 de Abril findo, e encarregaram-lhe a seguinte declaração:

1.º A comissão mantém absolutamente tudo o que consta das actas das suas sessões e ás quais se reportou um dos seus membros na sua entrevista no *Seculo* de 3 de Março de 1921.

2.º Que nenhumas acusações fez a qualquer dos srs. ministros da Agricultura, limitando-se apenas a chamar a atenção de alguns daqueles senhores para o stricto cumprimento da lei, na defesa dos legitimos interesses nacionais.

3.º Que embora solidarios com o seu presidente, na doutrina expendida nas actas das suas sessões, cujas resoluções foram aprovadas por unanimidade, não compreendem contudo o motivo porque a comissão de inquerito os pretende envolver nos assuntos exclusivos da Direcção Geral do Comercio Agricola, como parece depreender-se do seu relatorio.

4.º Que nunca a qualquer dos funcionarios do Estado, que da comissão fazem parte, foram dadas quaisquer instruções especiais, nem lhes foi coartada a sua liberdade de acção, de maneira a não deliberarem sempre como ditames da sua consciencia.

§ 1.º Que não obstante a muita consideração que têm por todas as entidades consultadas e ouvidas, mantém todos os seus pontos de vista, que sempre tiveram em mira sómente salvaguardar os interesses do paiz.

As pensões de sangue

Um projecto de lei

A Comissão de Finanças do Senado composta pelos senhores Herculano Galhardo, Antonio Alves de Oliveira, Santos Garcia, Vicente Ramos (com declarações), Frederico Antonio Ferreira de Simas, Francisco de Sales Ramos da Costa, relator, apresentou, o seguinte projecto de lei que interessa a maioria de pessoas e que vai entrar brevemente em discussão:

Artigo 1.º — As pensões de sangue que não foram elevadas por qualquer disposição legal anterior á lei n.º 880, de 16 de Setembro de 1919, são elevadas ao quantitativo total correspondente ás tabelas de vencimento em vigor, com execução, nos termos do art. 6.º da mesma lei.

Art. 2.º As ajudas de custo de vida concedidas mensalmente aos pensionistas do Estado pela lei n.º 1.159, de 2 de Maio de 1921, são aumentadas, a partir de 1 de Janeiro de 1922, das seguintes importancias:

Sendo um só herdeiro, 30$;
Sendo dois herdeiros, 50$;
Sendo três ou mais herdeiros, 60$.

Art. 3.º São extensivas as disposições do artigo 2.º e as da citada lei n.º 1.159 ás merceeiras e viuvas e orfãos dos oficiais do exercito e da armada a quem foram concedidos os subsidios mensais de 6$, nos termos do artigo 5.º da lei n.º 880, de 16 de Setembro de 1919, aos pensionistas da Caixa de Auxilio dos Empregados Telegrafo-Postais, aos pensionistas do clero, filhos e mulheres dos padres pensionistas com direito á pensão por morte déstes.

Art. 4.º E' considerada vitalicia a pensão concedida a D. Ana Rosa Martins, viuva do tenente da guarda nacional republicana, José Martins, pela lei n.º 1.202, de 6 de Setembro de 1921, sem limitação do tempo estabelecido na mesma lei.

Art. 5.º As pensões concedidas ás familias dos falecidos cidadãos Carlos Candido dos Reis, Miguel Augusto Bombarda, José Estevão de Vasconcelos, José Elias Garcia, João Duarte de Meneses e Ernesto Rodolfo Hintze Ribeiro são aumentadas, a titulo de subvenção para cada uma delas atingir 3.600$ anualmente.

Art. 6.º Os abonos de que trata esta lei e que são retroativos a 1 de Janeiro do corrente ano, serão satisfeitos pela verba da despesa extraordinaria do orçamento do Ministerio das Finanças, atribuida a pagamento de subvenções e ajudas de custo de vida, ficando o Governo autorizado a abrir os creditos especiais que forem necessarios para seu reforço, com dispensa do estabelecido no artigo 4.º da lei de 29 de Abril de 1913.

Art. 7.º Fica revogada a legislação em contrario.

A atitude da França em Genova

menos apreciada por Lloyd George

LONDRES, 9—O sr. Poincaré dirigiu no domingo uma carta a Lord Harding declarando que o sr. Lloyd George não apreciou devidamente a verdadeira atitude da França em Genova a proposito do incidente sobre a Belgica. «Ninguem em França, declara o sr. Poincaré, esqueceu os serviços prestados pela Inglaterra durante a guerra. A França não pretendeu de forma alguma escolher entre os dois aliados. A sua decisão foi ditada por uma questão de principios, que é o respeito pela propriedade.—(H.)

Ainda Versailles

A opinião da imprensa norte-americana

NEW-YORK, 9. — «A New York» proclama em editorial o direito da França ás reclamações em virtude da lei das nações, do Tratado de Versailles. Constata que a Alemanha aceitou não sómente o principio das reparações mas consentiu em pagar uma quantia fixada pela comissão das reparações. Conclue, dizendo que a tese de que a Alemanha pode subtrair-se a esse contracto é não sómente contraria ao interesses do America, mas da propria humanidade.—(H.)

Como morreu o tenor Cazette

Os grandes efeitos das pequenas causas

Os jornais francezes, chegados ontem a Lisboa, dão conta da morte tragica do celebre tenor da Opera-comica, Louis Cazette, artista consumado e que uma simples picada, nos fragmentos de vidro de um espelho, que lhe caíra das mãos, dias antes, arrebatou prematuramente aos aplausos do publico parisiense, quando o esperava o mais brilhante dos futuros, na sua magistral carreira.

O artista, que mal contava 34 anos, cravou num dos dedos, um pedaço de cristal, do já citado espelho, esquecendo-se das mais simples precauções de antisepsia. Com o dedo ainda ferido e sem se munir dum penso oclusivo, entreteve-se tres dias depois, a plantar diversos arbustos em vasos, no jardim da sua residencia, longe de suspeitar, que contraía os germens da morte, com essa operação, na aparencia tão inocente!

No domingo 30 do mez findo sentiu-se doente, com os movimentos precisos nos membros inferiores. Dois dias depois falecia no meio de atrozes sofrimentos.

ULTIMA HORA

Parlamento

Nos Deputados

ANTES DA ORDEM DO DIA

Aberta a sessão ás 15 horas, com 44 legisladores presentes, iniciou o torneio oratorio o ministro do Trabalho, sr. Vasco Borges. Dissemos torneio oratorio e é verdade. Porque, a proposito dum simples requerimento do sr. ministro do Trabalho, tendente a habilitar a Meza a pôr amanhã, em ordem do dia, uma determinada proposta de lei, levantou-se tal debate que nele interveio meio mundo, discursando, enquanto o outro meio mundo fazia barulho.

O sr. ministro do Trabalho acabou por retirar o requerimento e ficou tudo como dantes.

O que o sr. Vasco Borges desejava é que a Camara resolvesse, sem demora, ácerca do Porto de Lisboa. Mas não havia ainda parecer das comissões respectivas. «Passar por cima das comissões, é confessar a sua falencia! «E' possivel—replica o sr. ministro do Trabalho—mas eu não tenho responsabilidade na falencia das comissões e posso vir a ter na falencia do Porto de Lisboa! Nem mesmo isto comoveu a Camara!

Ha um negocio urgente, requerido pelo sr. Rego Chaves. A maioria rejeita. Votaram com a maioria os monarquicos e contra os catolicos. Esta discordancia tem-se repetido frequentemente.

Outros oradores prendem a atenção da Camara, eufemisticamente falando. Mas, por fim, entra-se na

ORDEM DO DIA

que é a continuação do debate, ácerca da distribuição do credito de tres milhões esterlinos, interrompido por virtude—ou por causa...—do incidente da Faculdade de Medicina.

O primeiro orador é o sr. Vicente Ferreira. Inicia o seu discurso censurando um jornal da manhã; diz ao sr. presidente do ministerio que a minoria liberal continua a dar-lhe apoio, o que não significa que se não critique, porque criticar não é fazer oposição; e, para provocar o que disse, felicita o Governo pelo feliz exito das negociações do emprestimo dos tres milhões esterlinos.

O Governo Granjo tentou—disse—obter um emprestimo de 12 milhões esterlinos, destinado a fazer a melhoria cambial, pela compra, com as forças do emprestimo, daquelas mercadorias da importação forçada e ainda a alargar e intensificar a cultura do algodão e cereaes nas colonias.

E' muito possivel que a acção do Governo liberal teria obtido pleno exito se, por desgraça, o pronunciamento de 19 de outubro, não tivesse interrompido os trabalhos iniciados.

O orador continua.

Estendemos que não vale a pena prolongar o noticiario desta sessão. A questão esgotada. A votação final será favoravel ao regulamento em discussão. Esse regulamento nem mesmo será alterado com emendas fundamentais. Tudo isto não quer dizer que, estando todos de acordo, a discussão se não prolongue por algumas sessões, tanto são os oradores inscriptos e ainda em maior numero aqueles que tencionam demonstrar á Nação os seus profundos conhecimentos financeiros.

No Senado

Preside o sr. Pereira Osorio. Secretarios, os srs. Ramos Pereira e Fernandes d'Almeida.

Acta aprovada por 32 senadores

O sr. Vicente Ramos insta para lhe serem enviados varios documentos que pedira.

O sr. Godinho do Amaral protesta contra os crimes praticados por soldados da Guarda Republicana em Vouzela, cuja barbaridade levou o comercio local a encerrar as suas portas em sinal de protesto.

O sr. Presidente do Ministerio promete tomar imediatas providencias.

O sr. Ramos da Costa volta novamente a protestar contra a pretensa instalação de depositos de gazolina junto da Central Eletrica.

O sr. Presidente do Ministerio promete transmitir as considerações do orador.

Vai entrar-se na ordem do dia devendo discutir-se o projecto de lei relativo ás Pensionistas do Estado.

"Raid,, Lisboa-Brasil

Um telegrama do piloto aviador sr. Bettencourt

O comandante Sacadura telegrafou ao sr. ministro da Marinha, comunicando que o hidro-avião chegou e foi ensaiado, estudando agora a forma de continuar a viagem.

O 1.º tenente piloto aviador Ortins Bettencourt tambem enviou o seguinte telegrama:

Avião aparelho em Fernando Noronha foi entregue aos aviadores que fizeram um vôo de experiencia com bom resultado. Eu e o 1.º tenente engenheiro Augusto Marques seguimos no «Bagé», passando o restante pessoal ao cruzador «Republica».

O sr. ministro da Marinha comunicou aos aviadores que o Parlamento não aceitou o pedido de renuncia da promoção por distinção.

O café da Brazileira do Rocio foi hoje todo engalanado com palmas e bandeiras devendo, logo que se tenha conhecimento da chegada dos nossos aviadores a Fernando de Noronha, ser escorrado o u m retrato alegorico.

A partida da viuva do sr. Fontoura Xavier para o Brasil

Partiu hoje para o Brasil, a bordo do «Almanzora», acompanhada de sua filha, a viuva do sr. Fontoura Xavier.

A's ilustres senhoras foram apresentar cumprimentos de despedida, representantes do Chefe do Estado, do Governo, membros do corpo diplomatico, grande numero de senhoras da primeira sociedade, e os srs. Mario Artagão e familia, Belford Ramos, encarregado dos negocios do Brasil, Graça Aranha, Macedo Soares etc. etc.

O embarque efectuou-se no Arsenal, pelas 14 e meia horas.

POEIRA da ARCADA

O «Diario do Governo» publicou hoje a seguinte portaria:

Manda o Governo da Republica Portugueza, pelo Ministerio do Interior, que seja louvado o cidadão Raul Esteves dos Santos, por serviços importantes e distintos desempenhados com muito zelo, assiduidade, enexcedivel lealdade e provada competencia.

—Por se encontrar incomodado de saude, não foi hoje ao ministerio da Marinha o chefe de gabinete do respectivo ministro.

—Com o Chefe do Governo conferenciaram alguns parlamentares e o sr. Governador Civil de Lisboa.

— Com o sr. ministro do Trabalho conferenciou o sr. Amor do Melo sobre a situação do sanatorio de Valadares, para o qual pediu uma verba para a sua manutenção.

Gra a em Braga o tifo exantematico

O sr. ministro do Trabalho recebeu hoje um telegrama do sr. governador civil de Braga comunicando-lhe que grassa naquela cidade a epidemia de tifo exantematico, pedindo, para o seu debelamento as necessarias providencias.

O DISCURSO do sr. Fausto de Figueiredo na Camara dos Deputados

O deputado sr. Fausto de Figueiredo pronunciou hoje na Camara dos Deputados uma oração, cuja oportunidade é absolutamente inegavel. O ilustre homem publico insistiu, com uma certa vivacidade, na urgencia do sr. ministro das Finanças introduzir no Regulamento aquelas disposições que mais proprias fossem para garantir as responsabilidades dos particulares na distribuição do credito dos 3 milhões esterlinos.

O ponto de vista do sr. Fausto de Figueiredo foi expresso claramente: desejaria êste parlamentar que tanto quanto possivel o Estado se conservasse estranho á distribuição dos creditos, tanto a experiencia demonstra que a intervenção de politicos influentes possa desnaturar a aplicação dêsses recursos e influir desastradamente nas cobranças futuras. E' claro que nós não reproduzimos as palavras pronunciadas pelo sr. Fausto de Figueiredo, porque a nossa memoria o não permite, mas extractamos com a possivel fidelidade aquilo que nos pareceu ser o ponto de vista que mais o preocupava.

Não sabemos a impressão que as palavras do orador produziram no animo do sr. ministro das Finanças, que, aliás, as ouviu com toda a atenção. O que, entretanto, pudemos verificar é que a Camara se impressionou favoravelmente no sentido das ideias expostas pelo sr. Fausto de Figueiredo e que muito possivelmente uma grande maioria daria vencimento de causa se essas ideias fossem convenientemente traduzidas em emendas ou aditamentos ao Regulamento.

Em todo o caso, o espirito que preside á redacção do Regulamento que está sendo discutido, não foi, quere-nos parecer, o daquele que ditou as palavras proferidas pelo sr. Fausto de Figueiredo.

Conselho de Ministros

Foi novamente adiado para amanhã ás 10 horas, o conselho de ministros que devia realisar-se hoje.

Comissão de estudos corticeiros

Sobre a presidencia do sr. ministro dos Negocios Estrangeiros reune-se depois de amanhã a comissão de estudos corticeiros, composta de proprietarios, industriais, negociantes e operarios. São de grande interesse os trabalhos desta comissão.

Duquesa do Porto

A sr.ª Duquesa do Porto voltou hoje a conferenciar com o sr. ministro das Finanças.

Feriados ás quintas-feiras

Foi para o «Diario do Governo», a lei sobre a aplicação da quinta feira nas escolas de ensino infantil e primario geral.

Malas postais

São amanhã expedidas malas postais, pelo «Winfried», para a Madeira, Las Palmas, Guiné e Fernando Pó, e pelo «Canadá», para os Açores e New York, sendo a ultima tiragem de caixa geral, respectivamente, ás 8 e 9 horas.

Theatros e Cinemas

Agenda da semana

HOJE — Nacional — Reprise da comedia «A triste viuvinha» em festa de Ilda Stichini
AMANHÃ — Salão Foz — Primeira representação da revista em 2 actos «Piparote».

Nota do dia

Uma das coisas que mais deve andar afinada no teatro é, sem sombra de duvida, a orquestra. Pois querem os leitores saber quem deu a *nota* discordante na *matinée* do S. Luiz, em favor do maestro Manuel Benjamim? Os musicos. Os promotores da festa, procurando um numero interessante para a organização do programa, lembraram-se de reunir a orquestra do Politeama com a do S. Luiz. Oh! diabo, que tal fizeste! Os respectivos regentes, conhecedores da bela *harmonia* existente entre os seus subordinados, deliberaram imediatamente não fazer quaisquer ensaios de conjunto, mas, mesmo assim, no ensaio geral e no proprio dia da festa, não houve entraves que não surgissem para cada qual se escapulir. O pobre actor Joaquim de Oliveira suava por todos os poros, porque êste queria uma cadeira, áquele faltava uma estante, Fulano não tocava ao pé de Ci-crano, emfim, uma solidariedade tão perfeita que uma parte não tocou, outra fingiu que tocou dentro dos bastidores e o espectaculo começou uma hora mais tarde.

Se, porém, amanhã, surgir qualquer conflito, por pequeno que seja, com uma determinada empresa, o caso muda de figura e já, então, pertencem todos á Associação de Classe. Nessa altura, é que é vê-los, gritando a plenos pulmões: *viva a união!*

ALVARO LIMA

Noticiario

Entre nós

E' amanhã que, definitivamente se realisam no Salão Foz, as primeiras representações da nova revista de Xavier de Magalhães e Lourenço Rodrigues «Piparote». Alem dos varios papeis que na mesma desempenha, Laura Costa executará ainda um «bailado oriental».

◆ Realisou-se hontem a apresentação da companhia do novo teatro Maria Victoria no Parque Mayer, que deverá ser inaugurado no proximo dia 1 do Julho.

◆ Tem tido um grande sucesso, a assignatura aberta para as representações da companhia franceza no S. Luiz, já poucos bilhetes restam.

◆ Parece pensar-se numa nova sala animatografica, utilisando-so, para tal, a parte baixo do predio em que está instalado o Ateneu.

◆ Para 10 recitas da «Companhia Espanhola», todas com peças diferentes, incluindo a da estreia da companhia está aberta a assinatura, no Eden, findando hoje o praso de preferencia para os assignantes daquele teatro.

Estrangeiro

Adelia Carbone, a ilustre atriz e culta escritora espanhola, foi, há dias, muito aplaudida, em Madrid, numa conferencia que fez subordinada ao tema «Las heroinas del teatro».

◆ No teatro Comico, daquela cidade, fez-se «reprise» da peça dos irmãos Quintero «Malvaloca» com Concha Torres na protagonista.

◆ No teatro Centro, efectuou-se sabado passado, o beneficio da actriz Irene Alba, tendo subido, pela primeira vez á scena o novo original dos irmãos Quintero «Cabellos de Plata», escrito expressamente para aquela artista.

◆ Em Paris, vai ser adaptada ao «film» a peça de Pierre Wolff «Secret de Polichinelle».

◆ Segundo a critica franceza, a adaptação ao teatro do romance de Marcel Prevost «Les Don Juanes», fracassou por completo, apesar do desempenho brilhante de André Brulé e Madeleine Lely e das magnificas «toilettes» apresentadas por todas actrizes.

◆ Tambem parece não ter obtido um grande sucesso a nova peça de Sacha Guitry que, ha dias, se representou no teatro Edouard VII, foi escrita, pelo seu auctor, no curto periodo de oito dias e o seu entrecho é, resumidamente, o seguinte: Adrien Dorigue, casado com uma mulher encantadora, é atraiçoado por esta e por um amigo intimo, no momento em que uma gentil costureirinha se oferece para criada do quarto do casal. A criadita, muito gentil, apaixona-se pelo patrão e, de medico amador, leve já, anteriormente ocasião de auscultar como cliente.

Adrien, depois de ter feito passar no «film» a prova da sua desventura conjugal, deixa a mulher ao amante e parte em viagem «avec la petite main qui se passe... et qui s'est bien placée!

Cartaz do dia

Teatro de declamação

NACIONAL—A's 9— «Triste Viuvinha»

Teatro musicado

S. LUIZ—A's 9 — «A Casta Suzana»
POLITEAMA—A's 9,30—«Azas quebradas»
APOLO—A's 9,15—«Belo Sexo»
AVENIDA—A's 9,15—«A Perola Negra»

Circos

COLISEU DOS RECREIOS — A's 9 — IX Campeonato Internacional de Luta e Variedades.

Animatografos

OLIMPIA—Rua dos Condes
CINEMA CONDES—Avenida da Liberdade
SALAO CENTRAL—Praça dos Restauradores

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações
Londres, cheque. . . .	4 1/4 — 4 1/8
» 90 dias. . . .	4 3/8 — —
Paris, cheque	1154 — 1180
Suissa, cheque.	2467 — 2531
Belgica, cheque	1058 — 1085
Italia, cheque.	676 — 696
Berlim, cheque.	40 — 45
Holanda, cheque. . . .	4801 — 4945
Madrid, cheque	1974 — 2084
New-York, cheque. . .	12715 — 13100
Brazil, cheque.	—
Austria, cheque. . . .	1 — 3
Noruega, cheque. . . .	2365 — 2436
Suecia, cheque	3286 — 3386
Dinamarca, cheque. . .	2701 — 2783

Libras . . . . . 61$500 — 63$500

O tifo exantematico na Russia atinge proporções incriveis

A situação profilaxica da Russia é como todos sabem qualquer coisa de horrivel e que excede toda a descrição. As doenças de caracter infeccioso vitimam aos milhões e pode dizer-se que não ha provincia da Russia sobre a qual não tenha caido um flagelo microbiano de qualquer especie.

Ultimamente o governo polaco convidou todos os estados europeus a reunirem-se em Varsovia para um grande congresso de combate á doença. Os representantes de quasi todas as nações da Europa iniciaram os seus trabalhos e imediatamente se constatou em primeira mão que tinha havido na Russia, durante estes dois ultimos anos, «quinze milhões» de casos de tifo exantematico, quer dizer uma quantidade que dá a proporção de 1 caso para cada seis habitantes.

Na Polonia tambem a invasão do tifo se fez sentir, embora com menos intensidade. Em 1920 registaram-se no novo Estado 157.000 casos mas em 1921 desceram a 48.000. Este declive deve-se ao rigoroso combate que os polacos desenvolveram, conseguindo diminuir a importancia do flagelo em proporções notaveis. Mas na Russia, país em que todo o esforço continuo e metodico é presentemente impossivel, o numero de casos tende diariamente a aumentar e vai provavelmente assumir amplitudes ainda maiores.

O ensino elementar primario e a sua difusão

O professor dr. Henrique de Carvalho apresentou ao Congresso Socialista de Tomar uma tese muito interessante e subordinada ao titulo acima indicado, tese que foi aprovada por unanimidade.

Depois de reflexões judiciosas o professor Carvalho apresenta as conclusões da sua tese que são as seguintes:

O ensino primario, em geral, deverá ser reformado de molde a tornar-se o mais util e pratico, delo se varrendo toda a especie de superstição. Tendendo a contribuir para o levantamento do genio e caracter da raça, se Estado, pela sua função geral, cumpre a respectiva difusão e manutenção, alargada ao maximo para o ensino elementar, que no mais pequeno lugarejo deveria estabelecer-se. A situação material do professor necessita de cuidados que até agora não teem havido, abandonado do todos, como tem sido, na incompreensão da missão importante, que é a sua e da qual depende o futuro do aglomerado humano portuguez. O livro a adotar na escola deve ser unico em cada especialidade. Determina o facto motivo de economias para os pais, a que se não pode ser indiferente e ao mesmo tempo, a uniformidade do ensino, que julgamos tambem importante. A inteligencia dos alunos não é igual, é certo; mas a explicação do professor completaria o que no compendio, parecendo claro a uns, para outros o não era. Este ponto surge aqui como uma indicação a aproveitar enquanto se não determine o metodo pedagogico acima referido.

Tambem julgamos interessante e de exequibilidade o desenvolvimento do ensino primario — nomeadamente o elementar—nas colonias portuguesas espalhadas pela America do Norte, nas ilhas de Hawai, Fall-River, New-Bedford, S. Francisco da California, Boston, Providence, Island, etc., nesse sentido entendendo que se devem empregar os esforços que a Republica descurou.

a) Deve-se pugnar pela obrigatoriedade do ensino primario elementar em conformidade com o seu programa, exercendo uma acção mais sentida junto dos governos republicanos;

b) Estudando o método pedagogico que melhor se adapte ás condições fisicas, intelectuais e morais da grande familia portugueza, procurar-se-ha interessadamente fazê-lo adotar pelos mesmos governos;

c) Compreendendo a importancia da missão do professorado primario, procurar-se ha pelo proprio esforço e de colaboração no que for necessario com as entidades oficiais, a dignificação moral e intelectual do mesmo professorado, sem esquecer a imprescindivel melhoria da sua situação.

d) A' obrigatoriedade do ensino corresponde um trabalho de assistencia, que não podera se esquecer e que se prestará no maximo possivel, auxiliando as alheias tentativas;

e) Ou mantendo escolas ou influindo para que o Estado republicano as estabeleça, procurar-se-ha a difusão das escolas elementares no paiz, na mais insignificante das aldeias ou lugarejos, como nas suas colonias portuguesas, dispersas pelo mundo inteiro, de forma a conservar sempre um traço de união e simpatia entre todos os mais afastados elementos da nossa grande familia.

TAUROMAQUIA

Campo Pequeno

A corrida, do proximo domingo é admiravel toureiro que é o novilheiro Eladio Amorós, traz consigo outra atracção valiosa: o seu bandarilheiro Manuel de La Plaze, que alternará com os nossos melhores bandarilheiros. Deve dizer-se que Gallito proteg este toureiro e chegou a bandarilhar com ele um touro em Madrid, que foi honra excepcional.

Reaparece no domingo o popular e artistico cavaleiro João Casimiro, que alternará com R. Teixeira na lide dos bonitos touros do sr. Norberto Pacheco. A pé trabalharão entre outros, Alfredo Santos, Agostinho Coelho, Antonio de Carvalho, Antonio da Cruz e Filipe Felix.

Casa da Moeda

Expedição para Angola

A Administração Geral da Casa da Moeda e Valores Selados, expediu para a provincia de Angola os seguintes valores postais e selados, na importancia total de 2.690.508$00, a saber:

Franquia	1.478.835$00
Porteado	32.676$00
Imposto do selo	1.169.000$00

SPORT

Discorrendo...

Um jornal da manhã, falando sobre sport diz:

Dos tempos de Atenas e de Roma dos Cesares até nós se tem sempre provado que o valor dum povo se pode avaliar pelo seu desenvolvimento sportivo. No campo da sciencia, a grandiosidade duma raça depende do numero de descobertas feitas, da percentagem de homens de ciencia e da envergadura intelectual destes ultimos. No campo sportivo, o valor dum povo prova-se pela maneira como ele pratica o sport e verifica-se nas lutas com os outros povos, nos torneios internacionais.

O povo que mais pratica o sport é aquele que, decerto, possue melhor exercito, porque são os homens que combatem e não os engenhos, por mais terriveis e colossais que eles sejam.

Os meus 6 leitores habituais devem estar lembrados, que tantas vezes temos repetido aqui o mesmo, lamentando a fobia que varios intelectuais, sentem pelo sport. Bate certo o que diz o colega.

Mas onde ha erro é quando afirma que:

Pelo caminho que o sport está tomando em Portugal, é de crer que o povo portuguez venha a ser, dentro dalguns tempos, um dos mais fortes...

Ora pelo caminho que o sport vai tomando continuaremos a anuar para traz.

Fundo de parte o hipismo, e por vezes a esgrima, nos outros ramos apezar dos progressos do foot-ball, esta mos á esquerda de quasi todos os paizes.

E isto durará emquanto os dirigentes de varias associações e federações, ejam «parvenus», cheios de vaidade e exemplos de imaticipaira, cujos conhecimentos do assunto, são duvidosos...

* * *

Estão anunciados tres saraus de sport, o que o «Ginasio Club», promove anualmente, outro organisado pelo «Ginasio Club de Lisboa», e ainda outro que a comissão da «Camara Municipal», meteu no programa dos festejos aos aviadores.

Estamos bem de quantidade, vamos a ver a qualidade...

RUY DA CUNHA.

NOTICIARIO

O SARAU DO GINASIO CLUB

Está marcada para a noite de 16 do corrente o grande sarau anual do Ginasio Club Portuguez no Coliseu do Recreios, um dos nossos festivais sportivos mais valiosos e ao mesmo tempo mais elegantes. Sucintamente, podemos dar ja uma nota do programa, dizendo que ele comporta tres magnificos numeros aereos, que são vôos, triplo-trapezio e barras paralelas, uma classe infantil de ginastica sueca, um numero de esgrima de florete em conjunto, forças combinadas, duplo trapezio, argolas, box, atletica, jogo de pau e, entre outros numeros mais, um animado trabalho de volteio por discipulos do guarda Gonçalves de Miranda e a apresentação dum cavalo em alta-escola pelo distinto amador sr. Jorge Oom, discipulo do mesmo professor.

O FOOT-BALL NO BOMBARRAL

Jogaram com o União Sport de Caldas da Rainha o 2.º grupo do Sport Club Bombarralense tendo este vencido por 2 a 1.

Apenas alguns lances interessantes o mais muito monotono não jogando o Bombarralense nada bem e o Caldas não soube tambem aproveitar-se a não ser no pouco de mais linhas.

No dia 15 joga em Caldas o 1.º grupo do Sport Bombarralense.—(C.)

UM LIVRO SOBRE ATLETISMO

E' posto á venda na quinta feira proxima, o livro sobre atletismo «Tecnica e Preparação Atletica» de que é autor o sr. dr. José Salazar Carreira. Este util trabalho é o primeiro da biblioteca do jornal «Os Sports».

O seu preço é de 2$50.

FOOT-BALL

O primeiro desafio dos inglezes do Civil Service

Jogam na proxima quinta-feira, no Campo do Stadium os teams de foot-ball dos inglezes Civil Service e Club Internacional de Foot-Ball. Este encontro está despertando o maior interesse no nosso meio não só por se saber o valor do team inglês, como ainda por o team do Internacional se apresentar reforçado com dois optimos elementos do Casa Pia.

CONCURSO HIPICO

Damos em seguida os resultados das ultimas provas do Concurso Hipico, brilhantemente terminadas na segunda-feira com uma grande concorrencia de espectadores e muito entusiasmo:

Taça de honra — 1.º premio, José Mousinho, no *Hebraico*; 2.º, Jorge Oon, no *Mimoso*; 3.º, Castro Cabrita, no *Spad*; 4.º, Delfim Maia, no *Bank-Holt*; 5.º, Mario Cunha, no *Kionga*.

Percurso de caça — 1.º premio, Mario Cunha, no *Kionga*; 2.º, Eça de Queiroz, no *Kismet*; 3.º, Borges de Almeida, no *Gaillard*; 4.º, José Mousinho, no *Hebraico*; 5.º, Manuel Gomes, no *Ici*; 6.º, Eça de Queiroz, no *Profond*; 7.º, H. Margaride, no *Vencedor*; 8.º, Sousa Coutinho, no *Bataléro*; 9.º, Fausti no da Gama, no *Quorum*; 10.º, Ivens Ferraz, no *Barraquene*; 11.º, Ivens Ferraz, no *Armamar*; 12.º, Delfim Maia, no *Storn*.

Alfandega de Lisboa

LEILÃO

Quarta feira, 10, ás 14 horas, no Entreposto Colonial ao Jardim do Tabaco, será vendida, por conta e risco de quem pertencer, uma baleeira encontrada abandonada no Tejo.

Quinta-feira, 11, ás 13 horas, no Entreposto de Santos, serão vendidas as seguintes mercadorias: Um automovel, 188 fardos de lã churra, 50 tambores de ferro vazios, 22 barricas de tinta em pó, 73 sacos de cimento, 51 rolos de arame de ferro, uma porção de aduelas, pipas abatidas, folha de Flandres e caixas de madeira vazias.

Sexta-feira, 12, ás 12 horas, no armazem de leilões desta casa fiscal, serão vendidas mercadorias demoradas e arrestadas, que constam de um aparelho cinematografico, tintas em pó, medicamentos, papel para embrulho, lapis, moldura, lamparinas electricas, doce, café moido, arroz, barris de vinho, roupa usada e outras, que serão presentes no acto do leilão.

Alfandega de Lisboa, 6 de Maio de 1922.

O escrivão, *Alfredo Marcolino d'Almeida.*

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

SALVADOR E MADALENA

por JULIO CEZAR MACHADO

Madalena e Salvador não se encontraram senão duas vezes. Nesse intervalo reside o romance de toda a sua vida!

Ao avistarem-se, da primeira vez, tudo parecia dizer esperança; ao separarem-se, parecia tudo dizer amor! Ai! de mim! Da segunda vez que se juntaram, quasi um ano depois, já se sentia o desgosto no olhar lutuoso que acompanhou as raras frases que trocaram, e ao apartarem-se, — dessa vez, que foi a ultima! — havia tristeza no ar e respirava-se morte!

Esta historia é a mais singela, a mais inocente, a mais natural do mundo, e todavia a mais inacreditavel de!: é a historia de dois amantes... em que nenhum dêles era enganado pelo outro!

Erro infinito do amor, que se esquece ás vezes de ser verosimil, descuidando-se... até no sublime!

Nos fins do inverno de cincoenta e oito, num dos ultimos bailes do club, Salvador, que principiava a enfastiar-se, resolveu dançar. Formava-se uma quadrilha e o mancebo espalhou a vista pela sala, com a caracteristica expressão de um homem perplexo. Ouvia então uma voz possante e nervuda, uma afectação requebrada, presumida e ridicula, que lhe disse:

— Procura-me, sr. Salvador?

O mancebo inclinou-se diante da baronesa de Vila Marim, senhora de trinta anos, se é que não tinha cincoenta; destas mulheres sem idade, cujo tipo viril desmente o encanto do sexo amavel: alguma coisa de masculina Sapho, sem o olhar inspirado da poetisa de Lesbos: fisionomia dilatada, difusa... prolixa: pele bexigosa, como uma carta geografica: ares presunçosos de uma criatura que nasceu burgueza e donzelona, que a fortuna procurou debalde tornar aproximavel e que se fez beata, dando-se a Deus por não achar pecador a quem se desse! Salvador estremeceu, á ideia de ir dançar com este ancerto de tambor-mór!

— Procurava-a, sim! respondeu, aproveitando uma inspiração. Ia pedir-lhe para fazer companhia a minha irmã, durante esta quadrilha, que vou dançar com minha irmã!

— Impossivel! retrucou a virago, no seu tom intrepido. Estou acompanhando esta minha amiga, que se obstina a não dançar esta noite!

Salvador volveu a vista para uma senhora, que se achava, efectivamente, ao lado da sua interlocutora, e, Deus santissimo! dir-se-ia que renasceram nesse instante as paixões subitas, que com as xacaras e baladas pareciam haver fugido da terra! O seu olhar fixou uma palida fronte de mulher, cuja fisionomia, de expressão serena e poetica, prometia á alma um mundo ignorado de expressões e segredos!

— E' a senhora condessa de Foyos, a quem tenho querido apresentá-lo tantas vezes! Lembra-se? disse a granadeira com os seus ares pomposos... de guarda de honra!

Salvador, sacrificado por esta grosseria, mordeu levemente o bigode:

— Senhora condessa, disse depois, sinto agora o que houve de imprudencia, em não ter adivinhado mais cedo de que prazer seria para mim ganhar o conhecimento de V. Ex.ª!

A condessa inclinou levemente a fronte, com uma expressão delicada, suave e afavel. Era uma fisionomia de mulher que sofre, em que se desencerrava uma alma expansiva que tinha necessidade do infinito, devorand-se em sonhos febris e perigosos no centro desta sociedade de cifras, que só cuidava de lhe averiguar a fortuna!

Salvador trocou com a condessa algumas simples frases. Que foram simples, é certo: se triviais, não sei; é de crês que não, porque ambos êles, — diga embora o leitor que isto é absurdo, falso, incrivel! — porque ambos, num rapido sentimento de atracção, adivinharam que iam amar-se. E as palavras, por estas ocasiões, são de um valor, de um alcance, de um futuro, Deus piedoso! E' a tibia hesitação do amor, que não nos deixa nunca dizer tudo, e refere do que tudo que dissessemos! A cada frase balbuciante e tenue, não respondem então os olhos, mas a curiosidade, a curiosidade... e não é o desejo... E' a esperança! é o exordio do amor!

De que falaram êles? Para que dizê-lo, se falta o olhar e a voz que o estilo não pode dar! Disseram qualquer coisa. Frases de baile: frases em que o intervalo é tudo; porque o silencio, então, diz mais ainda. Que olhos, sedutores de luz e de fogo, os da condessa! Que cabelos negros e magnificos, em roda da sua mascara de marmore! Que nobreza no perfil distinto e altivo dessa fronte graciosa! Palida e serena, fixava a vista naquele turbilhão de gente avida de *Lanceiros*, de sorrisos, de apertos de mão, de dialogos de instante, — felicidade, que ao primeiro alvor da madrugada empalidece como a luz do gaz! Deopis, baixava ainda mais o olhar e pregava-o vagamente num e outro objecto, com a expressão sincera de uma alma esquecida que se esquece das vaidades do mundo. Desconfio muito dos olhos, que, á falta do céu, procuram o tecto e se contentam em o fixar!

A musica devia produzir-lhe alguma grande comoção, porque parecia fascina-la mergulhando-a no sonambulismo; as feições iluminavam-se-lhe por uma luz interior, e os seus labios encetavam um vago sorriso, com uma boca adormecida que sorri ás visões de um sonho... Creio que nessa hora o mundo desaparecia para ela, e, se a sala do club se devorasse num incendio, continuaria a arrolar-se nas ondulações da harmonia, até que a chama viesse queimar-lhe o gaze das suas mangas...

A concorrencia era extrema. Estava reunida ali a elegancia mais pura á nobreza mais antiga. Realezas acatadas pela beleza, ou pelo espirito: celebridades de todos os generos: ilustrações, cujo direito de imperio nasce do brilho dos olhos, do alvejar dos dentes, do negrume de cabelos, da airosidade de formas, do encanto de conversação, ou da melancolia insinuante de um silencio que se deixa adivinhar. Um paraizo de mulheres, de musica e de flores!

No meio dêste baile, a aparição da condessa tinha alguma coisa de singular. A' semelhança das flores de um *bouquet*, as senhoras, num baile, quando a concorrencia é imensa, não podem todas ser vistas de improviso: mesclam-se os lirios e as rosas, ainda que a palidez de uns perto da rubra côr das outras deva engrandecer-lhes a beleza. E, todavia, a condessa distanciava-se e era vista. Seria por frequentar raramente a sociedade, por viver afastada dela, e alcançar nessa noite os primeiros triunfos da novidade? Acusava o vestuario dela as pretensões excentricas da provincia, quando tenta fazer-se notar em Lisboa? Ou era a sua beleza de um tão especial assombro, que prendesse o olhar, atraindo-o, no instante em que o fixavam?

Não sei se era mais formosa; sei que era diferente das outras; sei que havia especialidade, originalidade, singularidade, naquela fronte que recordava o genio grego!

Dois anos antes dessa noite, a condessa sofrera o duplice golpe da morte de seu pai e de uma irmã. Sob o peso de um desgosto profundissimo, fôra procurar refugio para a companhia da marquesa de Eyras, que ainda era sua parenta e amiga constante da sua familia. A casa da marquesa era em Miragaia; e a condessa deixou Lisboa desesperando talvez de encontrar jámais a felicidade! Durante a vida de seu pai, Madalena sacrificara á obediencia filial a sua existencia e o seu destino, que o egoismo paterno afastara de todos os afectos que não se encontrassem na familia. Esta vida torturado, sufocada, aflita, disfarçara-se aparentemente pelas graças de uma amabilidade de indole, que lhe davam o aspecto de uma criatura feliz. As lagrimas do desconforto e da angustia soltavam-se-lhe apenas nas longas noites de insonia, em que, sós com Deus e a sua consciencia, parecia pedir perdão á sua alma da amargura a que tentava condená-la! No dia em que expirou seu pai, Madalena tinha vinte e cinco anos, e, se para o espirito ha idade, o seu espirito.. tinha trinta!

Não era a mulher que conhece a vida, mas a mulher que a divisara através de um véu de lagrimas! A desgraça é uma sciencia cruel, que tem o impio condão de nos fazer adivinhar tudo que ha na existencia de triste e de miseravel! A condessa, que não conhecia o mundo, adivinhou-o e criou-lhe medo: no dia em que seu pai lhe faltou, ela preguntou á sua alma o que desejava, e a sua alma calou-se! A velha duquesa disse-lhe uma vez, entre dois abraços:

— E' de recear para mim, que a tua companhia pouco tempo me dure! Tens vinte e cinco anos e a sociedade acha-te formosa! Quem te merecerá, Madalena?!

A condessa sorriu com um leve ar de melancolia e um gesto desdenhoso e altivo pareceu responder: — Ninguem!

(Conclue depois de amanhã)

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

N.º 4074-12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5 || LISBOA — Quarta-feira, 10 de Maio de 1922 || Telefone n. 2293 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

A CONFERENCIA DE GENOVA

Póde considerar-se fracassada a conferencia de Genova? As ultimas noticias já não permitem ao que parece, que se duvide desse insucesso. A derrocada iniciou-se com o acordo germano-russo, e depois disso, por mais que se tenha pretendido evitar um descalabro total, a verdade é que não se passa um dia em que não tombe mais uma pedra do edificio.

Entretanto, se as consequencias da reunião de Genova deveriam certamente ser importantissimas, no caso de se ter chegado a um acordo geral, Elas não deixam de ser consideraveis por não se ter alcançado esse objectivo.

Ha situações insustentaveis em que, porventura qualquer solução pode sempre representar uma vantagem. A situação da Europa, antes da conferencia de Genova, era insustentavel. A conferencia de Genova tinha de a modificar por qualquer forma O fracasso da conferencia modifica-a tambem.

Com a reserva de uma melhor opinião, afigura-se-nos que não era possivel conciliar os interesses da França, tendo em vista a conceção rigida do sr. Poincaré, com os interesses gerais europeus. A impossibilidade dessa conciliação patenteou-se em Genova.

E' que a França pensa sobretudo em si, e é preciso pensar na sorte de todo o mundo. Para a França não ha outra questão que não seja a de obrigar o Alemanha a pagar as reparações dos prejuizos que lhe causou a guerra, e pagal-as dentro dos estritos limites do tratado de Versailles. Para os outros paizes, excluindo porventura a Belgica, tambem largamente devastada, a questão tem um horisonte maior. Trata-se acima de tudo de reparar o desiquilibrio geral produzido pela guerra, desiquilibrio tão profundo e tão grave, sob qualquer aspecto que se observe, que de dia para dia em logar de atenuar se agrava. As condições em que a politica internacional tem sido posta até agora não consentem nenhuma esperança de melhoria.

A sorte da Alemanha, a sorte da Austria, não são indiferentes á Europa, como não pode ser a da Russia. E não são só os paizes neutrais que disso se apercebem; egualmente o verificam os paizes vencedores. Não é possivel, não é humanamente possivel, dispensar o concurso de paizes que tanto teem concorrido sempre para a economia mundial. Nem pela extensão territorial. nem pelos furores da pretenção, nem pela mão de obra nem pelo genio inventivo e organisador, esses paizes podem ser sequestrados da existencia universal. Pensal-o sequer constitui um erro enorme; procurar manter essa quarentena internacional, é um patente absurdo.

Compreendeu-o o sr. Lloyd George, e quanto a nós é uma tremenda injustiça acusal-o de conivencia com a Alemanha ou com a Russia. A Inglaterra fez esforços, como a França, para sufocar a Russia bolchevista. Não o conseguiu. Reconhecer a verdade das situações é uma das principais qualidades politicas, O sr. Lloyd George reconheceu o que a França nunca quiz aceitar, chegando á leviandade de reconhecer como governo regular da Russia o acampamento do general Wrangel, com alguns milhares de soldados esfarrapados, e que as tropas dos soviets facilmente desbarataram. Da mesma maneira, a França não tem dado o devido valor ás circunstancias da Alemanha. O maior perigo para ela não era, nem é, que a Alemanha não pague, no proprio dia do recebimento, as prestações estipuladas no tratado da paz. O maior perigo estava, e está, num acordo entre á Alemanha e a Russia. Esse acordo, primeiro financeiro e economico, pode acabar por ser militar. Isso tornaria a situação gravissima, e que ha motivo para o receiar prova-o o facto de terem acabado de partir para a Russia 1.500 tecnicos alemães que vão trabalhar nas suas fabricas de armamento.

O sr. Lloyd George quiz evitar esta ligação da Alemanha e da Russia, á qual a Alemanha diga-se a verdade, longo tempo insistiu. Hoje ela está feita; mas o futuro dirá quem tinha rasão.

Como consequencia logica destes acontecimentos graves dizem hoje os telegramas que se considera fatal o rompimento da «entente» entre a Inglaterra e a França. Eis outro facto alarmante. Não! A conferencia de Genova não finda, sem resultados importantes. Simplesmente não são aqueles que se almejavam, quando anunciou a sua reunião, destinada a cimentar, em solidas bases, a paz do mundo.

UM NOVO PROJECTO DE LEI SOBRE A DEPURAÇÃO DO -:- -:- -:- EXERCITO -:- -:- -:-

O sr. Aragão e Brito não descura o assunto. —"A Capital" continua o seu rol

Começa a aproximar-se o tempo em que podemos já tirar as ilações indispensaveis para o que chamaremos a filosofia da lei 1244. Quasi uma boa centena de casos temos inserido nas nossas colunas sem que uma só tivesse sido desmentida ou ao menos controvertida. E o que resulta da analise desses casos não é de molde a opiniões optimistas.

As conclusões que todo o espirito imparcial deduz e colige, estão de tal forma patentes que o sr. senador Aragão e Brito apresentou ontem no senado um outro projecto de lei e que por falta de espaço não publicamos na integra.

Destacamos entretanto dele:

São anuladas as leis n.º 1040 e 1244 e todos os seus efeitos.

Paragrafo unico—Se o ministro da Guerra ou da Marinha entender que sobre qualquer dos oficiais que foram abrangidos por essas leis, impedem a suspeita de terem procedido contra a honra e o brio militar por causa da nomeação para serviços de campanha durante a grande guerra e por outros motivos, de ordem moral, ordenará que eles sejam submetidos a julgamento no Supremo Conselho de Disciplina do Exercito por tais factos, seguindo-se o processo regulamentar, e ficando esses oficiais sujeitos ás consequencias do «veredictum» proferido pelo mesmo Conselho, sobre a sua honorabilidade militar.

E mais adeante.

E' concedido aos militares compreendidos no artigo terceiro o direito de revisão dos seus processos, a qual será realisada no Supremo Tribunal Militar a requerimento dos interessados.

Os oficiais reformados, demitidos ou separados do serviço compreendidos nos artigos primeiro e segundo, deverão apresentar-se no goso de trinta, sessenta, noventa, ou cento e oitenta dias, conforme estejam residindo no continente da Republica, Ilhas adjacentes, colonias ou estrangeiras, no quartel general da divisão ou comandos militares mais proximos da sua residencia ou na repartição do gabinete do Ministerio da Guerra ou da Marinha, os que residirem no estrangeiro.

Artigo setimo — Todos os oficiais abrangidos pelos artigos primeiro e segundo desta lei, renovarão do quartel general da divisão do exercito em cuja area estiveram residindo e na presença de todos os oficiais da guarnição, o seu compromissso de honra.

E continuemos com os nossos subsidios:

O alferes da Administração Militar, Antonio de Seixas Pires, esteve em França 14 mezes, no Front, e nunca foi «cachapim...» Regressou de lá gaseado e por determinação da Junta hospitalar. Pouco tempo depois de estar em Portugal, foi mandado fazer serviço para a Povoa de Varzim, «apanhando-o» naquela situação os acontecimentos do norte, para os quais em nada concorreu, Cumpriu ordens, como explicámos no nosso já longo rol de injustiças, e por esse delicto foi punido com 3 meses de inatividade, depois de cento e tantos dias de prisão preventiva na Casa da Reclusão do Porto. Com oito anos de serviço efectivo e cinco de oficial, foi agora reformado em virtude da escandalosa lei 1244, e depois de ter sido amnistiado! E pasmem todos, principalmente o Exercito: Este oficial ficou com o soldo de 16$081 (desesseis escudos e oitenta e um centavos) por mez, fóra descontos!! E por ter estado no Front 14 mezes, esse soldo atinge aquela «enorme quantia», por que tem o aumento de 27 (vinte e sete centavos, reparem bem, meus senhores, vinte e sete centavos, duzentos e setenta e seis ominosos, por mez!!! E é assim que se recompensam aqueles que pela Patria se sacrificam! Comentarios? Para quê?

E para a inexgotavel serie das monstruosidades praticadas, vai hoje só um caso, porque o espaço escasseia, Artur Guedes Pinto, tenente de infantaria, na reserva. Este oficial estava fazendo serviço em infantaria 32, e na vespera de ser proclamada a monarquia no norte recebeu «a senha» que os revolucionarios lhe enviaram. Imediatamente «armou-se» de pistola á cinta, com os carregadores bem cheios, e partiu para a cidade Invicta. No dia seguinte assistiu á proclamação da monarquia no monte Pedral, e dias depois foi incorporado na coluna que marchou para Estarreja, onde se deu o combate com as forças republicanas. A monarquia «foi a terra», e o oficial foi preso. Durante o captiveiro manifestou aos seus camaradas o seu republicanismo, dizendo ter sido enganado... e que era republicano antiquissimo... Mostrava-se alucinado, e essas manifestações, talvez aconselhadas por quem sabia do «métier», deram optimo resultado... O tenente saiu solto, as leis 1040 e 1244 só atingiram os outros, e encontra-se actualmente bom de saude, graças a Deus, sem alucinações, e sem ter gasto nada com medicos e farmacia porque a doença desapareceu por encanto... após a liberdade... Ainda bem. porque é mais um dos nossos...

Os milagres do seculo XX

A patria tradicional e opipara, a multidão de seis seculos, Vai reunir na rua Serpa Pinto

Reuneu no proximo dia 14 do corrente os integralistas que discordam do pacto de Paris e conservam a sua intransigencia intacta. O que vai resolver-se nessa reunião grave e suntuosa talvez não seja isento de um certo cheiro a bafio, mas dará incontestavelmente uma nota pitoresca. A vitalidade desta tremenda agremiação, que pretende atravancar a opinião publica e que não ficaria mal embocetada numa das pareas dos Jeronimos, vai resolver agora sobre estas coisas profundas do sr. D. Nuno, que é uma criança e que ha de vir a ser rei de Portugal um dia á noite.

Mas ocorre perguntar quem são e quais são essas forças fabulosamente vivas, que tanto barulho aspiram a fazer. Constata-se que, na proxima reunião, apenas terão ingresso no templo integralista os puros, os autenticos, os iniludiveis partidarios do rei D. Nuno. São os delegados das forças integralistas os unicos que penetrarão nas salas da *Monarquia*. Mas êsses delegados que forças representam? Onde estão as massas, as multidões legitimistas que os nomearam para a eloquencia do conselho? Sabido que não existem, infere-se que os delegados são afinal pura e simplesmente delegados de si proprios, o que é realmente a maneira mais segura de ser delegado nestes tempos em que a simpatia das multidões é tão agitada e tão variavel.

Vamos, pois, assistir a uma reunião de delegados *ensimesmados*, delegados unidades, delegados solitarios e tristonhos, curvados sobre o pano verde da mesa conferencial, sem o amparo, o conforto moral de grandes massas ululantes que os nomeiem. Donde se conclue que todo o partido integralista, todo, completo, homogeneo, em blóco, vai figurar na reunião. Todos, dirigentes e dirigidos, marechais e soldados, obscuros obreiros e grandes chefes, letras maiusculas da Historia e até letras a prazo da vida vão reunir no terceiro andar da sua Serpa Pinto. E isto estarrece.

Isto estarrece! Pois quê! Toda a Patria tradicional e magnifica, o direito Divino, a hirta pompa da legitimidade, as brancas quinas, o espirito vivo de todos os Braganças mortos, as tubas canoras de Canavarro, a oratoria do padre Antonio Vieira, a facundia do sr. Pina Manique, todos os brigadeiros catarrosos, todos os monsenhores da Patriarcal Queimada, todas as freiras de Odivelas, toda a multidão hieratica arrastando o pendão das quinas e resmungando *landuns*, tudo isto sobe ao terceiro andar da rua Serpa Pinto!!! Coisa milagrosa! Coisa delirante e super-quimerica!!!

A FALENCIA DE GENOVA

Já se procuram entendimentos fóra das decisões da conferencia

PARIS 9.—A agencia Havas recebeu um telegrama de Genova, dizendo que a Italia e a Alemanha elaboraram um projecto de convenção de trabalho, o qual está actualmente submetido á apreciação do governo de Berlim para ser ratificado. Está em via de elaboração um acordo geral, politico e economico entre a Italia e a Grã Bretanha com o fim de garantir a situação da Italia no Mediterraneo. —(H.)

A Situação Politica

Declarações do Chefe do Governo — E' esperado em Lisboa o sr. Victorino Guimarães — Fusão de partidos ou simples bloco parlamentar?...

Parece certo que a solução imposta no conflito da Faculdade de Medicina veiu desanuviar os horizontes politicos. O sr. presidente do Ministerio é tão optimista, que já fez publicar uma declaração, segundo a qual já não ha crise e o Governo não quere senão que lhe permitam continuar na gerencia dos negocios do Estado. Folgamos que assim venha a suceder. O paiz nada lucra com crises ministeriais repetidas. Isto é já um lugar comum. E' mesmo um axioma.

Da opinião do sr. Antonio Maria da Silva não são todos os ministros. Ha alguns que, só muito contrariados, se conservam no Terreiro do Paço. Não será o sr. ministro das Finanças um dêles? Afirma-se que sim. E o regresso repentino do sr. Vitorino Guimarães, que abandonou a Conferencia de Genova por ter sido chamado telegraficamente a Lisboa, não é de molde a desfazer por completo a versão de uma crise ministerial de eclosão proxima, — crise aliás desmentida pelas palavras diplomaticas do sr. presidente do Ministerio. Diz-se mais que o sr. Vitorino Guimarães seria ouvido, uma vez limpo o pó da viagem, sobre a viabilidade de um gabinete democratico ou a sobre a preferencia a dar a um Ministerio de concentração republicana. O decorrer dos acontecimentos esclarecerá tudo isto.

Noticiamos que a fusão dos reconstituintes e liberais estava *virtualmente* feita. *Virtualmente*, não é *realmente*. A informação que demos está sendo confirmada, como se pode ver no noticiario dos jornais da manhã, que já admitem a possibilidade proxima duma completa fusão dos dois partidos.

E' claro que, em politica, não é facil a previsão, nem queremos abalançar-nos a fixá-la precisamente. Que as negociações para a fusão efectiva vão caminhando bem, é certo; tambem não é duvidoso que, se o momento fosse julgado oportuno, já estaria feito o bloco parlamentar, obedecendo a um comando unico, — o que seria, sem duvida, a confirmação plena da fusão virtualmente aceite; mas, apesar de tudo isso, pode surgir um rompimento formal, aliás ontem á noite dado como absolutamente improvavel.

O sr. Antonio Maria da Silva declarou, em plena Camara dos Deputados, que, se os orçamentos não estiverem aprovados até 30 de Junho, o gabinete abandonaria imediatamente o Poder, não governando nem mais uma hora. A fim de satisfazer o chefe do Governo, empenham-se muitos homens eminentes do seu partido. Mas — e aqui é que bate o ponto!... — tambem se afirma que outros, não menos eminentes, não veriam com desagrado que o sr. Antonio Maria da Silva se encontrasse perante uma situação dificil, mesmo antes de expirado o prazo que êle proprio fixou.

No Ministerio das Colonias

Um pessoal incompleto torna-se ainda mais incompléto porque se não preenchem os quadros

O Ministerio das Colonias, repartição do Estado, possuindo numeroso pessoal, na maior parte inabil ou incompetente, pouco tem produzido em beneficio das provincias ultramarinas, cuja superior administração lhe compete. Verificou-se, por exemplo, que a sua organização, decretada (pela quarta vez) em Outubro de 1920, não satisfazia ás necessidades do serviço, e que é de tal maneira complicada, que a sua remodelação se impõe urgentemente. Anunciou-se já que a reorganização dos serviços do Ministerio das Colonias, cujo estudo está a cargo de uma comissão a que preside o sr. Rodrigues Gaspar, actual ministro das Colonias, vai breve fazer-se. Porque demora essa reorganização? Haverá empatas a quem ela não convenha? Mas quando se trata da organização ou reorganização de um serviço publico, jámais se deve procurar subordiná-la aos interesses do respectivo pessoal, mas ter em vista as necessidades do serviço, sem deixar de se considerar possivelmente os direitos dos funcionarios.

Mas a reorganização de 1920, pela qual se regulam actualmente todos os serviços do Ministerio das Colonias e dêle dependentes, não obstante se considerar imperfeita ou defeituosa, continua em pleno vigor e não consta que haja outra lei que a tenha revogado. Precisa de ser modificada. E' certo. Mas, emquanto essa remodelação se não fizer, vigoram as leis existentes.

Não se compreende, pois, que com fundamento apenas numa futura reorganização ou numa lei que ainda está em projecto, se determine desde já a suspensão do movimento do pessoal que serve nas Colonias. Se existem vagas em qualquer serviço, quer na metropole, quer nas colonias, essas vagas devem ser providas, por nomeação ou promoção, sobretudo quando haja funcionarios que adquiriram direito a êsse acesso.

Como medida de economia, razoavel seria que se remodelassem primeiro os serviços, para, consequentemente, se fazer a redução do pessoal. Antes disso, os cargos que existirem vagos devem ser preenchidos conforme a legislação que vigora.

Nas auditorias fiscais das colonias ha vacaturas que têm de ser preenchidas nos termos da lei. Porque motivo se não faz o provimento dêsses cargos? Será licito deixá-los indefinidamente vagos, com prejuizo do serviço e dos direitos dos funcionarios? Cremos que não. E quere-nos parecer que emquanto êsses serviços não sejam remodelados no sentido duma possivel redução do seu pessoal, não podem deixar de ser providos os cargos que actualmente estão vagos, porque o contrario seria o desrespeito da lei.

A industria do papel

Do nosso colega «Comercio do Porto»:

«Por um recente decreto foi, inesperada e intempestivamente, modificada a pauta aduaneira, no regimen estabelecido para a importação de papel.

Para abranger especialmente o papel calandrado, como se fosse imitação de papel «couché», creou-se a rubrica «Papel de impressão e para litografia não especificado», com o direito de 4 réis em kilo.

Não se pode alegar que fosse intuito da creação da nova rubrica aumentar as receitas do Estado. Efectivamente, se o papel calandrado fosse classificado como «papel não especificado» pagaria 60 réis oiro e como «papel de escrever», 140 réis oiro e o que paga como «papel de impressão de jornal» 25 réis oiro, passará a pagar 4 réis, oiro, havendo, portanto, desfalque nas receitas aduaneiras.

O caso é ainda gravissimo, por trazer comsigo a ruina da industria do papel e, consequentemente, não só a perda dos capitais nele empregados, como dos milhares de operarios que ocupa.»

O animo leve com que se tratam estas coisas, produz sempre estes espantosos resultados. E' ponto assente que o mercado do papel atravessa uma crise angustiosa. Como se resolve? Como se dulcifica? Com os decretos draconianos que a ignorancia atira cá para fóra sem pensar dez minutos seguidos no que está fazendo.

NA ESCOLA DE AVIAÇÃO

AS PRIMEIRAS E AS SEGUNDAS ASAS QUE VOAM PELO ATLANTICO SUL

O que nos disseram na doca de Belem

Na Escola de Aviação, um pouco acima de Belem,—na doca do Bom Sucesso. Quatro e meia da tarde. Ainda um calor infernal. Havia pescadores cosendo as rêdes de pesca; botes ancorados; marujos; o Tejo de sempre, e a linda Torre de Belem—a eterna pesarosa da companhia que lhe deram...

—Está ainda algum oficial na escola?—preguntamos a um marujo, baixo e forte, que saia, nesse instante, o portão.

—Sairam todos já ha muito

—Mas não ha lá ninguem que diga coisas á gente a respeito de aviação?

—Agora só lá está o sargento...

—E o sargento percebe alguma coisa disso?

—Pouco deve perceber. Está lá ha pouco tempo!

O jornalismo é feito de audacia—dizem. Deve-se acrescentar: o jornalismo é feito de paciencia.

Um jornalista sem paciencia é um jornalista falhado.

O jornalismo faz-se, muitas vezes, á custa de saber esperar. Saber esperar é tudo—no jornalismo e na vida.

—Mas o que desejava o senhor saber?—perguntou. o marujo espantado.

—Apenas isto: as diferenças essenciais entre o «Lusitania» e o novo aparelho que partiu para os Rochedos.

O marujo fita-nos melhor. Toma um ar de importancia. E, como um homem dado a coisas de aviação, explicou-nos:

—O «Lusitania» constituia um tipo unico. Foi feito exclusivamente para o governo portuguez. Tinha apenas dois logares, e os flutuadores maiores do que o costume para poderem conservar um tanque de gasolina, com sessenta e dois galões.

—E este...

—Este tem tres logares. Constitui o tipo A, da marca de que o «Lusitania» constituia o tipo B. O motór é perfeitamente igual ao do «Lusitania». E, emquanto o novo aparelho pode andar entre 95 e 100 milhas á hora, o outro só podia andar setenta. Tem, por conseguinte muito maior andamento.

—O facto deste aparelho ter tres logares não influe no tamanho do motor?

—Como, se o motor deste é precisamente igual ao do «Lusitania"?

—E' verdade!... Sabe se algum outro oficial aviador acompanhará Sacadura Cabral e Gago Coutinho?

—O tenente Betencourt partiu daqui no "Bage". Não sei se o aproveitarão...

(Como os leitores sabem o tenente Betencourt tambem tomou parte no "raid" Lisboa Madeira, sendo um dos nossos mais categorisados oficiais aviadores).

Nada mais nos poude dizer o marujo, que, providencialmente, obstou a que tivessemos ido baldadamente a Belem... O novo aparelho, prestes a triumfar, é, pois, irmão do "Lusitania" apenas com um logar a mais, logar que, a ser preenchido, só vem honrar dobradamente a aviação portugueza. Se até aqui temos contado dois herois—poderemos, em breve, contar tres.

Que heroico, é todo esse povo, que sabe admirar e acreditar em herois.

O que pensam os norte americanos sobre o raid dos marinheiros portugueses

«O brigadeiro-general William Mitchell, chefe da secção de aviação do exercito norte-americano e o contra-almirante William Moffett, director da aviação naval, que são considerados as principais autoridades, nos Estados-Unidos, em questões de aviação, foram entrevistados pela United Press sobre o «raid» Lisboa Rio de Janeiro, achando ambos que a empreza será coroada de exito.

Indubitavelmente, disse Mitchell, a tentativa é audaz e digna de ser levada a cabo pelos que a empreenderam. O seu exito significará o estreitamento das relações de toda especie entre a Europa e a America do Sul.

O contra-almirante Moffet disse:

«Os corajosos aviadores portuguezes merecem a felicidade de realisar o «raid». Antecipadamente, afirmo que eles o conseguirão. Essa tentativa é um verdadeiro esforço pratico para resolver o problema da navegação transoceanica. O facto de ser um hydro-avião o aparelho de que os portuguezes se servem aumenta as probalidades de sucesso do empreendimento e diminue os riscos e os perigos. A observação dos «raidmen» será de valor inestimavel para os futuros voos atravez do oceano».

Na ultima sessão do Conselho de Instrução da Escola Militar foi votada por aclamação uma saudação de homenagem aos heroicos navegadores do ar, almirante Gago Coutinho e comandante Sacadura Cabral por proposta do sr. general Abel Hipolito ilustre comandante daquela Escola.

Por proposta do sr. coronel-professor Ferreira do Simas, foi nomeada uma comissão composta pelos professores srs. tenente-coronel Pires Monteiro, Freitas Soares, Ribeiro de Almeida, capitão-tenente Botelho de Sousa e major Beja Neves, incumbida de representar a Escola em todas as manifestações em honra dos Gloriosos aviadores e promover a participação da Escola na comemoração do notavel feito, que tanto enaltece o nome de Portugal e exalta a sciencia.

A produção intelectual da Alemanha

O espirito contra o Imperio

O viajante que se detem deante das montras dos livreiros na Alemanha, fica impressionado com a extraordinaria riqueza das publicações de toda a ordem. Em 1911, os editores alemães lançavam 31.000 obras no mercado, contra 11.000 em França e 10.000 na Inglaterra. A proporção continua a ser hoje sensivelmente a mesma. E a qualidade material das edições não parece reflectir as condições economicas do paiz. Fica-se admirado do luxo com que são apresentados livros como o de Grantoff, sobre a pintura franceza depois de 1914, revistas como a «Feniuss» e a «Fever»... A gente pergunta-se a si mesma como os editores alemães vão ousar para as suas despesas, visto o leitor alemão ter a fama de pedir emprestados ou alugar livros. Mas a clientela estrangeira é atraida pelo cambio, e o proprio leitor alemão compra hoje mais do que outrora. Alguns numeros são eloquentes. Das obras de Rabindranath Tagore, 300.000 exemplares tem sido vendidos ultimamente. O «Retour de l'enfant prodigue» de André Gide em 1917 teve uma edição de 25000 exemplares, e agora nova tiragem. São visiveis os indicios de uma actividade intelectual exasperada pela guerra. Mas, qual é a orientação dêsse povo assim avido de ler? A direção do movimento intelectual continua a ser a que era antes da guerra?

Hoje, em vez da Kultur politik, que se pretende, na Alemanha, é a cultura politica, que tem sentido diverso. Foi o que mais lhes faltou á Alemanha. O pensamento, que se acreditava mais bem protegido contra as agitações, perdera a sua autonomia. Ora, é essa autonomia que se procura reaver. O Imperio dizem eles era voltado contra o espirito. O espirito, por sua vez, se volta contra o Imperio. Aos olhos desses homens que não ligavam ainda educação politica, para quem a palavra «Republik» não é mais que um simbolo, não se trata de triunfos eleitorais nem de partidos. O unico partido que importaria seria o do espirito, reclamando primeiro o direito de se governar, em seguida o direito a governar.

A Hungria realista

Aguarda o auxilio das potencias e procura reconstituir-se

Depois da Russia, a Hungria vai requerer todo o auxilio das potencias:

Com a morte de Carlos IV, a Hungria tornou-se mais realista do que nunca. A noticia dêste acontecimento não arrefeceu o zelo legitimista: imediatamente foi fixada em Budapest uma proclamação, emoldurada de preto, onde notabilidade de nome, como o conde Andrassy, declarávam partir para o Funchal em procura do «rei» Otto, que trariam para a sua capital. Estes grandes senhores esqueciam simplesmente que lhes era preciso, para esta pretendida operação maritima, um certo passaporte que a mais alta potencia não está ainda disposta a conceder-lhes. Não resta a menor duvida de que toda a Hungria chora, se lastima, quere um rei e se torna cada vez mais realista, com uma nostalgia que um lirismo tzigano estimula.

O realismo sem rei degenera em breve em anarquia.

Do soberano, os direitos caem gradualmente nas mãos de facções e sociedades secretas irresponsaveis. Ha alguns dias, o partido democratico oferecia um jantar aos seus membros mais em destaque, quando, subitamente, explodiu uma bomba, que matou seis convivas e feriu gravemente quarenta. Quem cometeu este novo crime? A sociedade dos hungaros que desperta!

Em vão Bethleu ameaça êstes jovens com a polvora dos seus soldados; eles recomeçarão em alguns dias. Muitos persuadem-se que esta famosa sociedade, bem como os não menos famosos destacamentos militares são os mais caros agentes de execução do governo.

Chega-se a dizer que, quando o ministerio sente que alguem o embaraça, encarrega a sua policia secreta de o fazer desaparecer: o belo Danubio azul recebe mais que um corpo por intermedio de uns tais bolchevistas brancos de que não é facil saber-se os nomes.

As lutas politicas são mais encarniçadas que antes da guerra: á falta do rei, os reisinhos surgem em todas as juntas civicas como em cada destacamento militar, onde o comandante reina. Neste momento domina a preparação das proximas eleições (de Junho) o partido mais fortemente representado na Camara até aqui e que parece dever voltar a sê-lo com mais poder, é o dos pequenos proprietarios, ao qual o conde Bethleu aderiu com uma habilidade que provocou o escandalo durante alguns dias.

Apesar de matisado de grandes proprietarios, é bastante homogeneo, sendo exclusivamente materialista, e luta com firmeza contra os impostos que possam atingir duramente a propriedade. O seu presidente, Szabo, combateu o levantamento sobre o capital territorial e fez votar uma reforma agraria que lhe fosse favoravel.

O bloco cristão é uma combinação muito mais heterogenea, onde a aristocracia feudal e o clero antisemita tomam os ares de bolchevistas karovistas. Prometem aumentar os ordenados dos funcionarios e pensam em despojar os judeus ricos.

Os *orgesch* hungaros estão ás suas ordens; e a estas tropas regulares juntam-se os terriveis aliadores lioses da S. d. h. q. s'E. Os dissidentes, os independentes e os turbulentos (partido Friedrich) não se negam por vêzes a votar com os partidos maiores, tendo em vista expropriações proveitosas.

Em politica externa, os pequenos proprietarios têm uma tendencia a manifestarem-se contra os alemães, emquanto que o bloco cristão e principalmente o partido Friedrich são germanofilos. O bloco liberal é ententofilo.

Mas as questões diplomaticas são dominadas pelas questões economicas.

O paiz, reduzido dos dois terços do seu antigo territorio, privado das suas riquezas principais (minas, florestas, etc.), com a sua industria bastante arruinada, tornou-se um Estado exclusivamente agricola que não pode chegar a pagar as suas dividas de guerra e não intensificar a sua cultura. Por vêzes, financeiros de valôr, tais como Laurent Hegedues, têm sabido electrizar a nação, provando-lhe que ela chegaria a vencer todas as dificuldades se não se escandalisasse. A Hungria chegará a compreender que da Alemanha não poderá vir-lhe, em tempo algum, o concurso financeiro moderno mais duradouro e desinteressado que a «Entente» pode fornecer-lhe.

Exposição do Rio de Janeiro

Informam-nos do Comissariado Geral do Governo na Exposição do Rio de Janeiro que a sua função é levar á grande exposição mundial os produtos do trabalho nacional e não os produtores dêsse trabalho, qualquer que seja a modalidade em que se tenham especializado.

Em cumprimento dessa função, o Comissariado Geral tem-se empenhado em levar ao Rio de Janeiro a maior quantidade possivel de produtos do trabalho nacional, mas informam-nos tambem que, por maior que seja a quantidade dêsses produtos, o seu dispositivo nos recintos do certamen e a manutenção da representação portuguesa até seu final, não ocupará senão um muito reduzido numero de pessoas e só êsse reduzido numero é que constituirá o pessoal do Comissariado no Rio de Janeiro, recrutado entre os funcionarios que em Portugal têm trabalhado na organização da representação nacional, sem outros vencimentos que não sejam aqueles que ganham nos serviços publicos a que pertencem e por onde continuam a receber.

E mesmo os funcionarios que têm prestado serviço no Comissariado só uma parte deles irá ao Rio de Janeiro, porque, se aqui e até agora, tem havido e continua a haver trabalho intensivo que a todos ocupa, no Rio de Janeiro não haverá trabalho senão para um reduzido numero de funcionarios e só êsse reduzido numero é que irá, porque de mais se não necessita.

E tudo quanto disto se afaste é produto de fantasia, que o Comissario Geral não pode evitar que brote expontanea na imaginação de cada um, embora isso o embarace, porque não cessa a corrente dos que desejam cooperar no Rio de Janeiro nos trabalhos do Comissariado Geral, sem que haja forma de poderem ser aceites tão bons desejos.

A intriga russa

continua interessando os trabalhos da conferencia de Genova

GENOVA 10.—Tchitcherine dirigiu uma nota ao presidente da conferencia perguntando se o governo francez já tinha aprovado o memorandum dos aliados e em caso contrario quais os governos que lhe tinham dado a sua aprovação. Entretanto os russos reservavam a sua resposta até hoje.—(R.)

O sistema ultra-moderno da cremação

Está desenvolvendo-se em Inglaterra

O sistema da cremação está tomando um grande incremento na Grã Bretanha, segundo se depreende dos dados agora publicados pela Cremation Society da Inglaterra, na sessão que acaba de realisar-se, sob a presidencia de uma mulher, a sr.ª Spencer Graves, facto que pela primeira vez, em cincoenta anos, ocorre nessa sociedade.

De acordo com os referidos dados, realisaram-se, durante o ano passado, 1922 cremações, em todos os quatorze fornos crematorios espalhados pelo paiz, tanto que só o Crematorium de Golders Green, desta capital, tornou em cinzas 893 corpos.

Entre os principais directores da Sociedade encontram-se dois cirurgiões da familia real e outros medicos eminentes, e entre os cremados do ano findo foram registrados nomes de juizes, bispos, cirurgiões, pares, membros do parlamento, jornalistas, artistas, soldados, marinheiros e numerosas senhoras.

A cremação da duqueza de Connaught, por instruções especiais suas, teve o caracter de uma inovação no cerimonial das exequias reais. Mas a reforma tem encontrado sempre muito forte apoio da parte da nobreza britanica.

O duque de Bedford, que é filho de um dos fundadores da sociedade, fez construir um «crematorium» para uso exclusivo da sua casa ducal.

O custo actual de uma cremação, no que foi comunicado á sociedade, é de cerca de 30 dollars. Agora, estão sendo muito raramente usadas as urnas destinadas a recolher as cinzas, porque o que está em voga é espalhar as cinzas nos chamados «jardins dos restos», construidos ao pé dos «crematorios».

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Fracas	Cotações
Londres, cheque. . . .	4 1/4— 11/8
» 90 dias. . . .	4 3/8— —
Paris, cheque	1155— 1190
Suissa, cheque. . . .	2453— 2527
Belgica, cheque	1053— 1085
Italia, cheque. . . .	674— 694
Berlim, cheque. . . .	43— 48
Holanda, cheque. . . .	4889— 5037
Madrid, cheque	1975— 2037
New-York, cheque. . . .	12720— 13106
Brazil, cheque. . . .	[illegible]9—53
Austria, cheque. . . .	1— 2
Noruega, cheque. . . .	2382— 2451
Suecia, cheque	3273— 3372
Dinamarca, cheque	2701— 2783
Libras	61$500 — 63$000

A questão dos trigos

A proposito da nossa noticia de ontem com este titulo, recebemos a seguinte carta:

Sr. director de «A Capital»—Como esclarecimento ao que «A Capital» publicou no seu numero de 9 do corrente mez, ácerca do Inquerito á Questão dos Trigos, permita-me v. dizer o seguinte:

1.º—Emquanto o sr. dr. João Gonçalves foi ministro da Agricultura nunca em publico discuti os seus actos.

2.º—Depois do sr. dr. João Gonçalves ter saido do ministerio e no Parlamento fazer acusações ao director geral, pedindo a nomeação de uma Comissão Parlamentar de Inquerito á Questão dos Trigos, ficava me naturalmente o direito de contestar o que o sr. dr. João Gonçalves, como homem particular, entendia dizer em sua defeza.

3.º—Quem á imprensa veio em primeiro logar fazer referencias á Questão dos Trigos e ao director geral do Comercio Agricola foi o sr. dr. João Gonçalves, conforme se verifica pela resposta que lhe foi dada ao «Seculo» pelo vogal da Comissão de Importação de Trigos, o ex.mo sr. Luiz Gama.

4.º—Que voltando o sr. dr. João Gonçalves, á imprensa a dizer de sua justiça, foi então que em artigos por «mim assinados» respondi ao sr. dr. João Gonçalves.

5.º—Que falando e escrevendo o sr. dr. João Gonçalves, «como particular», visto já não ser ministro, não era, para os efeitos do Regulamento Disciplinar, «meu superior hierarquico».

6.º—Finalmente, que ao relatorio da ex.ma Comissão Parlamentar, já foi feita a devida contestação, e nesta, como em tudo que se refere á Questão dos Trigos nunca foi posta em duvida a honestidade do sr. dr. João Gonçalves. — De v. etc., Joaquim Belford.

Um problema vital

A côrte de Inglaterra preocupa-se com o comprimento das saias

LONDRES, 10.—Os figurinos que foram aprovados por Suas Magestades para os vestidos das senhoras que frequentam a côrte contem uma nota dizendo que o comprimento da saia deve chegar até 4 a 5 polegadas do chão, ficando assim resolvida a questão que tão debatida tem sido este ano, pelo menos no que diz respeito á alta sociedade que frequenta a côrte.—(R.)

As condenações á morte na Hespanha

Provocam grandes protestos em todo o visinho reino

Em Lerida foram condenados á morte Angela Ballesté Bastru e seu marido Antonio Farré Sellart, por haverem roubado e assassinado Dolores Bastris, mãe da Angela.

Na povoação de Santaliña, um individuo de nome Antonio Novan Miquela armou-se com uma espingarda e entrou numa casa em que habitavam marido e mulher para os roubar. Houve resistencia e Novan Miquela assassinou o homem e eriu gravemente a mulher. Foi preso, julgado e condenado á morte.

Em Sabadell, Barcelona, os operarios Victorio Sabatir e Martin Martin assassinaram o industrial Teodoro Jenny, pelo que foram tambem condenados á morte.

As execuções dêstes reus deviam realizar-se ontem; mas tanto em Lerida como em Barcelona organizaram-se comissões, com pessoas de representação social, para solicitar o indulto dos condenados, enviando telegramas e representações ao governo.

A resposta foi, porém, desconsoladora: os ministros lamentam que a indole dos crimes praticados os impossibilitem de aconselhar o indulto.

De Barcelona foi enviado ao presidente do conselho o seguinte telegrama:

«A pena de morte repugna á consciencia juridica universal; e levantar ao mesmo tempo sete patibulos na Catalunha constitue uma nova afronta a êste povo, cuja criminalidade é muito inferior á de outras regiões. Em nome da minoria republicana da Mancomunidade pedimos evite esta dolorosa vergonha á Catalunha.»

Ora, em Barcelona esperava-se que a execução da sentença aplicada aos dois operarios que assassinaram Teodoro Jenny se efectuasse na manhã de segunda-feira e que dela se encarregaria o carrasco de Burgos.

Os operarios de Sabadell declararam-se em gréve como protesto contra a recusa do indulto, parando o trabalho em todas as oficinas.

Fazem-se comicios. Os carpinteiros recusam-se a levantar o patibulo.

ULTIMA HORA

PARLAMENTO

UMA INTERPELAÇÃO

O sr. Alves dos Santos, antigo ministro do Trabalho, enviou para a mesa da Camara a seguinte nota de interpelação:

«Nos termos do regimento, anuncio uma interpelação ao sr. ministro do Trabalho sobre o modo como tem executado a lei n.º 1.258, de 5 de Maio corrente; e sobre o que pensa propôr ao Parlamento, em execução do disposto no art. 2.º da mesma lei. E, como esta questão dos *Bairros Sociais* se relaciona intimamente com a *crise de habitação* que assoberba o paiz, previno ainda o sr. ministro do Trabalho de que tambem o interpelarei sobre a parte que lhe pertence na *politica economica do Ministerio*, que se relacione com aquela crise.»

A's 15 horas, estão presentes 41 legisladores. Está aberta a sessão! — diz o presidente sr. Domingos Pereira.

Nas galerias, meia duzia de *mirones;* no hemiciclo palestra-se animadamente; na bancada ministerial, ninguem, por emquanto; e na mesa lê-se a acta, que é aprovada sem discussão e o expediente, com o qual ninguem se importa. A meio, diz o sr. Rêgo Chaves:

— Peço a palavra para um negocio urgente!

Deve tratar-se do contracto do Banco de Portugal. Logo se sabe, ao certo.

Entrou o sr. ministro da Guerra.

ANTES DA ORDEM

O negocio urgente do sr. Rêgo Chaves era o que supunhamos. O *leader* da maioria, sr. Almeida Ribeiro, concorda com a urgencia, mas sómente depois de encerrada a discussão do regulamento dos três milhões esterlinos. O sr. Rêgo Chaves concorda.

Continua o debate sobre as propostas para se iniciar a discussão dos orçamentos.

O sr. Alberto Xavier tem agora a palavra. Diz que os paises de boas e sãs finanças, como os Estados Unidos e a Inglaterra, ao lado da politica fiscal energica e decisiva destinada ao desenvolvimento de receitas, inauguraram uma politica não menos energica e decisiva de economias.

Nos Estados Unidos, essa politica, encetada por Wilson, foi continuada com decisão pelo seu sucessor, Harding, que deu ao director dos serviços do orçamento, o general Charles Dawes, os mais altos poderes de investigação. Este funcionario privilegiado realizou, em materia de economias, verdadeiros prodigios, e as suas principais indicações foram adoptadas pelo presidente Harding sem hesitações. O resultado dêste trabalho admiravel, declara o orador, foi que Harding, em Dezembro ultimo, poude afirmar que o orçamento de 1922 deve acusar economias num montante de um bilião e meio de *dolars*, prevendo para o ano de 1923 uma redução de despesas superior a dois biliões.

O que se tem feito, exclama o sr. Alberto Xavier, em Portugal? Nós vivemos lançando mão de expedientes grosseiros. A nossa desordem financeira é deploravel. Ha alguns anos que não se exerce a fiscalização das despesas publicas, porque o orçamento não é discutido. A nossa divida publica cresce assustadoramente. O *deficit* orçamental previsto pelo Governo é de 327 mil contos. As despesas continuam aumentando. Nem politica fiscal, nem politica de economias.

Esta situação melindrosa não póde manter-se, acrescenta o orador. E' preciso reduzir as despesas com energia e sem que façamos alguma coisa de apreciavel neste sentido, não poderemos exigir sacrificios ao contribuinte.

O que é licito pensar da situação portuguesa?

Concluindo as suas considerações, o sr. Alberto Xavier envia para a mesa o projecto de lei para o qual pede a urgencia e dispensa do regimento, e requere que aprovada a dispensa, o projecto seja incluido na *ordem do dia* de amanhã.

O sr. Cunha Leal, que se segue no uso da palavra, sustenta que a discussão dos orçamentos é inutil, se antes se não cria a receita indispensavel para o equilibrio. Isto no que respeita a receitas. Mas o mesmo se dá nas despesas, porque se anunciam reformas de Ministerios e reducções várias. Sendo assim, de que serve fazer a revisão dos orçamentos, se tudo, receitas e despesas, será posteriormente modificado? O que se compreendia é que o sr. ministro das Finanças insistisse pela discussão das suas propostas imediatamente.

O sr. presidente do Ministerio não está de acordo com o sr. Cunha Leal.

Passa-se á

ORDEM DO DIA

Que é a discussão do regulamento dos três milhões esterlinos.

A' hora de encerrarmos o nosso extracto, está falando o sr. Cunha Leal.

No Senado

Constituida a mesa, á hora regimental, pelo sr. Pereira Osorio, secretariado pelos srs. Ramos Pereira e Fernandes de Almeida, aprovam a acta 26 senadores.

ANTES DA ORDEM DO DIA

O sr. Santos Garcia insta novamente pela remessa de varios documentos que pedira pelo ministerio da Agricultura.

O sr. ministro da Agricultura declara não ter tido conhecimento do caso, e promete mandar satisfazer, com brevidade, ás reclamações do orador.

O sr. Ribeiro de Melo refere-se ás acusações que foram feitas ao ex-ministro da Agricultura, sr. dr. João Gonçalves, contra as quais protesta, elogiando o republicanismo e honorabilidade daquele senhor.

O orador protesta, por ultimo, contra a permanencia do sr. Joaquim Belford no seu logar de funcionario da Republica.

O sr. ministro da Agricultura declarou que as conclusões do relatorio feito ilibam perfeitamente o sr. dr. João Gonçalves das falsas acusações que lhe foram feitas. Declarou tambem já ter afastado do serviço o sr. Joaquim Belford.

O sr. Julio Ribeiro pede providencias ao sr. ministro da Guerra para o facto de se encontrar em Portalegre, louco e ao abandono, um soldado que serviu na Grande Guerra.

O sr. ministro da Guerra promete tomar providencias no sentido de fazer justiça áquele infeliz.

A sessão continua.

Dr. Macedo Soares

Deu-nos hoje o prazer da sua visita o sr. dr. Macedo Soares, o notabilissimo secretario da Embaixada do Brasil que quiz ter a gentileza de vir expressar-nos o seu reconhecimento pelas noticias publicadas no nosso jornal sobre o dr. Fontoura Xavier recentemente falecido e sobre M.me Fontoura Xavier, que ontem partiu para o Rio de Janeiro. O ilustre diplomata que comnosco conversou alguns momentos, deixou-nos gratissimos pela sua fidalga gentileza.

POEIRA DA ARCADA

Foram autorisadas: a delegação de Assistencia Nacional aos Tuberculosos, em Viana do Castelo, a aceitar o legado correspondente a metade do remanescente da sua herança, deixado por Beatriz Augusta do Pinho Barbosa Nogueira; a Misericordia de Evora, a aceitar o legado de 300$00, deixado por Luiz Maria da Costa; a Misericordia da Horta, a aceitar o donativo de 1.420$78, feito pela comissão encarregada de angariar donativos para as vitimas sobreviventes do naufragio do barco «Amigos do Povo», convertendo-o em inscrições de assentamento e aplicando os respectivos juros a socorrer maritimos da ilha do Pico.

—A comissão presidida pelo almirante sr. Inacio Leforte, que tem a seu cargo o estudo da instalação das brigadas de marinha, visita amanhã o edificio do Lazareto, a fim de verificar se para ali poderá ir uma das mesmas brigadas.

Os desvios no Banco de Seguros

Vai ser encerrada a séde

O fiel depositario do Banco de Seguros foi hoje novamente ouvido pela policia, bem como o escrivão das execuções fiscais, que hoje mesmo fez o arresto ao direito que o Banco tem da séde.

O mesmo fiel depositario vão mandar encerrar a séde por não ter confiança na administração e até que se proceda a um inquerito judicial pois que na opinião do director geral sr. Amandio Maciel o Banco de Seguros alem do seu capital inscrito deve mesmo assim ter um fundo de 350 contos aproximadamente.

O crime de ontem á noite

Duas prisões por suspeita

Foi hoje removida para a morgue aquela pobre tolerada que ontem á noite dois malvados estrangularam, para em seguida a roubarem.

Pelas 12 horas de hoje compareceu no local do crime o sub delegado de saude sr. Agostinho Lucio, que verificou o obito e o juiz de paz da freguezia das Mercês, sr. José Joaquim de Almeida, que mandou remover o cadaver para o Necroterio.

A victima, Olinda Maria, tem 52 anos de idade e era natural de Portalegre.

Matriculou-se em 29 de Outubro de 1895.

Por suspeita foram hoje presos dois individuos que parece vão ser postos em liberdade por nada se apurar contra eles.

CONSELHO DE MINISTROS

O conselho de ministros reuniu-se hoje efectivamente na secretaria do Interior, durando a sessão desde as 11 horas até ás 13,30. No final foi fornecida á imprensa a seguinte nota: «O conselho de ministros na sua reunião de hoje ocupou-se apenas de assuntos de administração publica».

Entretanto consta-nos que o conselho tomou conhecimento da forma como foi solucionado o incidente Lopo de Carvalho.

Incendio

Proximo das 14 horas e meia declarou-se incendio no estabelecimento da Parceria Antonio Maria Pereira, á rua Augusta. Os bombeiros compareceram sem demora e o incendio foi rapidamente extinto. Os prejuizos, apenas materiais, não são avultados.

O bodo monumental

A festa do Regaleira Club

Realisou-se no sabado passado, conforme noticiamos a festa neste interessante club a favor do bodo monumental promovido pelo sr. Governador Civil. Na festa que revestiu extraordinario brilhantismo colaboraram com o seu belo espirito Ana la Pinto, Nascimento Fernandes, L. Francisco de Sousa Coutinho, etc., sendo o seu producto liquido, 3:696$00, entregue ao sr. Governador Civil para ser engrobado no bodo que esta autoridade vae promover. O sr. Viriato L. ... teve palavras de agradecimento honrando a iniciativa do Regaleira-Club.

Em poucas linhas

Na sala das observações do Hospital de S. José deram entrada em estado grave João Esteves, morador na Cabeço de Montachique que ali foi atropelado por um automovel, fracturando a base do craneo e o menor Teofilo Marques da Fonseca, de 12 anos, morador na rua 24 de Julho 102, 3.º que andando a brincar na muralha de Braço de Prata caiu, fracturando egualmente a base do craneo.

300.000 rublos mensais para bolchevisar a Estonia

REVAL 9.—O chefe comunista estonio que foi ontem executado, confessou antes de morrer que recebia da Russia 300.000 a 400.000 rublos estonios por mez, importancia que lhe era remetida pela legação sovietica por um correio especial.—(F.)

Theatros e Cinemas

Agenda da semana

HOJE — Salão Foz — Primeira representação da revista «Piparote».
SEXTA-FEIRA — Chiado Terrasse — Primeira representação da revista «Tiro ao alvo».

Medalhão

Sofia Santos

Faz amanhã a sua festa no S. Luiz e justo é que, nesta secção onde se procura sempre fazer justiça, prestando homenagem a todos que, mercê do seu esforço, conseguem em teatro ser notados pelo publico, o nome de Sofia Santos não seja esquecido. Ele é, seguramente, dentro do teatro musicado a nossa primeira caracteristica e quando tantos comediantes se conseguem evidenciar, mercê dum reclame que só, efemeramente, consegue fazê-los pôr em foco, a artista que amanhã realisa a sua festa, a tem marcado o seu logar na scena portugueza por si e só por si. Esse é o melhor elogio que se lhe pode fazer e marca bem a sua individualidade. Daqui lhe auguramos uma linda festa de que ela, aliaz, é bem merecedora.

Nota do dia

A nossa vida teatral não é de tal forma intensa que nos possa fornecer, quasi diariamente, motivo para uma nota. E assim é que, nesta secção em que o cronista não tem a pretensão de fazer valer as suas opiniões, os assuntos que, muitas das vezes, não abundam, têm que ser substituidos pelos comentarios a que se prestam pequeninos nadas que, dentro da nossa profissão, observamos, procurando reduzir a escrito a impressão sofrida e tendo por unico objectivo o fazer-lhe a critica sem quaisquer intuitos de molestar, ao de leve que seja, êste ou aquele artista.

Feita esta declaração, vamos á nota. Na noite da primeira representação das *Azas quebradas*, no Politeama, eu recebi, como quasi todos os espectadores, um programa da distribuição da peça. Ao passá-lo pela vista, não pude deixar de sorrir ao ver impresso, em tipo diverso, perfeitamente igual ao dos nomes de Angela Pinto e Amelia Rey Colaço, o da actriz Ester Leão, senhora a quem tributo todo o respeito e por causa de quem, eu, que abomino os conflitos, já tendo uma scena de pugilato, defendendo-a justamente, quando da sua estreia no antigo Republica. Scismei, reflecti, voltei a ver se me enganara, mas não havia duvida possivel; nem sequer representava um primeiro papel. Qual o motivo, então, porque essa actriz, cuja craveira artistica não pode sofrer pontos de comparação com as suas colegas acima notadas, enfileirava numa mesma categoria, quando o valor de cada uma delas é tão imensamente maior, que só, por *blague*, se pode aceitar o criterio que presidiu á factura dêsse programa!

Vaidade? Julgo a sr.ª Ester Leão suficientemente inteligente e educada para poder afirmar que nunca pensaria em, por tal forma, alcançar a sua notoriedade. E, porque assim penso, acostumado como estou ás gralhas dos tipografos, fico absolutamente convencido de que se trata de um erro de tipografia. Que, vamos com Deus, há alguns bem comprometedores.

ALVARO LIMA

Noticiario

Estrangeiro

No Comico, de Madrid, devo já ter subido á scena o drama em 3 actos, original de D. Enrique Contreras y Camargo, intitulado «El secreto».

◆ Tambem no teatro Rey Alfonso, daquela cidade, se devo realisar, brevemente, o beneficio do actor comico Salvador Mota, com a estreia da farça «Se necesita un marido».

◆ E' Mello Jeanne Provost, a creadora do papel de «Jacqueline» na peça «Les Ailes Brisées», presentemente em scena no nosso Politeama, quem interpretara a nova comedia de Tristan Bernard, no teatro Capucines, intitulada «Ce qu'on dit aux femmes».

◆ Fez um grande sucesso no teatro da Opera, de Monte Carlo, o tenor Giffin, na opera «Amadis», de Massenet.

◆ M. Figgis, um dos grandes livreiros de Londres foi ultimamente vitima de uma «escroquerie» por parte dum tal André Gide que se propoz vender-lhe alguns manuscritos e cartas de Oscar Wilde, o escritor inglez falecido em Paris. M. Figgis chegou a effectuar a compra de duas cartas mas duvidoso da sua autenticidade veiu a Paris, reconhecendo então ter sido ludibriado e queixando-se á policia que não effectuou a captura do intrujão por este se ter evadido a tempo.

Reclames

Nacional

Em «recita da moda» repete-se hoje, neste teatro, a encantadora peça de D. João da Camara. «A Triste Viuvinha», que ontem, na sua «reprise» foi acolhida com o maior agrado, que se exteriorisou em entusiasticos aplausos a todos os seus interpretes.

Apolo

Vai, a toda a força a caminho da centesima representação o «Belo Sexo», incomparavel revista do Apolo, e apesar disso as enchentes, ali, repetem-se, sendo rara a noite em que não se esgotam os bilhetes de varias categorias.

Eden

Neste teatro inicia-se hoje a assinatura livre para 10 recitas da companhia de opereta e zarzuela, Barreto-Ballester, sendo os espectaculos constituidos por peças diversas.

Coliseu dos Recreios

Estão sendo agora muito mais interessantes os combates de luta no Coliseu para o resultado da poule final que tem o seu fim esta semana. Os numeros de variedades são magnificos, tendo feito grande sucesso a notavel bailarina Nieves Mimosa que ontem fez a sua estreia.

Por absoluta falta de espaço, deixamos, para amanhã, a publicação da critica de Alvaro Lima, á peça «Triste Viuvinha» de que ontem se fez reprise no teatro Nacional.

Cartaz do dia

Teatro de declamação
NACIONAL—A's 9—«Triste Viuvinha»
Teatro musicado
S. LUIZ—A's 9 — «A Casta Suzana»
POLITEAMA—A's 9,30—«Azas quebradas».
APOLO—A's 9,15—«Belo Sexo».
AVENIDA—A's 9,15—«A Perola Negra»
Circos
COLISEU DOS RECREIOS — A's 9 — IX Campeonato Internacional de Luta e Variedades.
Animatografos
OLIMPIA—Rua dos Condes
CINEMA CONDES—Avenida da Liberdade
SALÃO CENTRAL—Praça dos Restauradores

A LEI 1244

Da sua execução resultam graves injustiças

Do nosso colega «A Tribuna» transcrevemos:

Entrou já em execução a Lei 1244, ultimamente aprovada pelo Parlamento, e pela qual são demitidos ou reformados diversos oficiais do Exercito.

Promulgada na intenção patriotica duma intransigente defesa das Instituições, o que é certo é que da sua aplicação está resultando um grande numero de iniquidades que vem causando entre a familia militar um grande descontentamento.

E a verdade é que não pode deixar de ser iniqua e injusta a aplicação de tal diploma, certo como é que ele não vem senão corroborar, agravando-a, a doutrina das leis 1040 e do decreto 5368 executadas já com uma injustiça flagrante.

Por estes diplomas ja determinados oficiais tinham sido atingidos, tendo uns sofrido a pena de inatividade e ainda outros a de demissão pura e simples, e do criterio com que estas leis foram executadas e aplicadas falam os mesmos casos de oficiais subalternos sofrendo as suas consequencias, enquanto comandantes das unidades a que pretenciam e oficiais superiores sob cujas ordens serviram, ficaram gozando a mais revoltante impunidade.

Contra estes factos, absolutamente anormais e de todo o ponto inqualificaveis, produziu-se então um côro de protestos, não apenas por parte daqueles que viam a fórma iniqua e desigual com eram tratados, mas de todos que pensam que para defender a Republica é absolutamente desnecessario e até contra producente ir desencadear uma tempestade de odios com favoritismos inqualificaveis.

Temos de reconhecer, como republicanos que somos, que tanto o decreto 5368 como a lei 1040 visavam atender as reclamações da opinião republicana, justamente alarmada com a atitude de alguns oficiais do exercito perante o regime, mas que podemos, de maneira alguma concordar com a forma atrabiliaria, verdadeiramente de favor, com a forma desumana mesmo, como a doutrina dessas leis foi posta em execução. A lei ou recai implacavelmente sobre todos que estão abrangidos nas suas sanções, ou não deve aplicar-se sob pena de, não se corrigindo um mal, ir-se cometer um maior qual seja o de deixar impunes individuos sobre quem recaiam graves responsabilidades, para fazer pesar todo o seu rigor sobre outros que tenham responsabilidades menores ou que, porventura, nem sequer sejam responsaveis dos delitos que se propõe punir.

E a lei 1244, de que nos estamos ocupando e que, como deixemos dito vem simplesmente corroborar e agravar a doutrina daqueles outros diplomas, não pode deixar, na verdade, de ser iniqua na sua aplicação, porquanto não atinge senão aqueles que já haviam sido punidos pelos dois diplomas anteriores, a que já fizemos referencia. De maneira que com a sua execução em nada lucra uma boa, inteligente e sã defesa da Republica, visto como aqueles «protegidos da fortuna» que tiveram a boa sorte de escapar pelas malhas da lei anteriores, continuarão gozando tranquilamente a sua impunidade e o rigor da lei irá recair simplesmente sobre todos esses que não tiveram «padrinhos» e cujas responsabilidades andam ultimamente ligadas ás dos outros, por eles mesmos lhes tendo sido criadas na maior parte dos casos que conhecemos.

Demais, com a Lei 1244 vem ferir-se aquele principio estabelecido pelo direito de todos os paizes e segundo o qual ninguem pode sofrer mais que uma pena pelo mesmo delito. Conceito a maior parte dos oficiais agora atingidos sofreram já os seus castigos, não é justo, nem é admissivel que pelo mesmo facto sejam agora novamente punidos.

Falamos de uma maneira geral mas estamos convencidos de que conhecidos um a um, poucos são os casos que em si mesmo não sejam revoltantes.

A todo o instante vemos apregoar-se a necessidade de se conciliar a sociedade portugueza e, todavia, os motivos de discordia, como este, surgem-se sem que se atente nas graves consequencias que para a vida da Republica daí possam advir. E entre o Exercito, não haja duvida, a execução da Lei 1244 vem sendo esse motivo de discordia, pelo que ela representa de injustiça.

Na Escola Militar

Conferencia sobre a Guerra

E' no proximo sabado 13 ás 17 horas que no Salão Nobre da Escola Militar que o sr. tenente coronel do Estado Maior Couceiro d'Albuquerque realisa a sua anunciada conferencia sobre a *Evolução do armamento da Infantaria da Grande Guerra*. Esta conferencia, como as anteriores, está despertando o mais justificado interesse, pois que o conferente foi um aluno distinto da Escola Superior de Guerra de Paris, no primeiro ano depois da guerra e ai teve como professores os oficiais do Exercito francês, que mais brilhantemente se tinham afirmado pela sua alta competencia.

Esta conferencia pertence á serie promovida pelo Conselho de Instrução da Escola Militar, tão brilhante e competentemente iniciada pelas conferencias dos srs. comandante Charles Millet e tenente coronel d'engenharia professor Silveira e Castro as quais despertaram um vivo interesse especialmente nos nossos Estados Maiores Naval e Exercito e a que assistiram os oficiais mais distintos e muitos civis, que aos assuntos militares dedicam a sua atenção.

Salão Central

A mascara da morte

A exibição dos dois primeiros episodios desta maravilhosa pelicula, intitulados «A profecia» e «O Narcotico», que hoje se estrearam no «matinée» do Salão Central, atraiu alí uma numerosa e selecta concorrencia.

Raras vezes se tem apresentado nos nossos ecrans um «filme» tão interessante, não só pelo desempenho do seu protagonista, a cargo do eminente actor Hans Mierendorff como pela sua riquissima «mise-en scène» e pelos seus magnificos aspectos, verdadeiras obras primas da fotografia animada.

Esta noite serão exibidos os mesmos episodios, figurando tambem no programa o enorme sucesso de todas as noites «O tenente do Cruzeiro Vitoria» verdadeira coroa de gloria da ilustre actriz Pola Negri, que o publico tanto admirou quando da sua notavel interpretação da M. dame Dubarry.

SPORT

Realisa-se no domingo ás 14 horas, a II Corrida -DA- RAMPA DA PIMENTEIRA

organisada pelo jornal "Os Sports"

Realisa-se no proximo domingo, 14 do corrente, pelas 14 horas, a «II corrida da Rampa da Pimenteira», organisada pelo nosso colega da imprensa sportiva «Os Sports», sob o patrocinio e com a colaboração do «Automovel Club de Portugal».

A inscrição fecha amanhã, 11 realisando-se ás 21,30 horas, na redação do jornal organisador, uma reunião dos membros do juri e fiscais da pista, a fim de se assentar nos ultimos pormenores da corrida. O juri, que funcionará sob a presidencia do delegado do A. C. P., é constituido pelos srs. Sebastião Teles, Pereira de Carvalho, Vasco Anjos Jardim e A. Correia Leal (representante de «Os Sports»).

Para fiscais de pista foram convidados os srs. Constantino Montoo Osorio, Fernando Kabu, Henrique Montou Osorio, Augusto Farinha Beirão e Francisco Ribeiro Pereira da Silva.

A prova, que se disputa num percurso de 1.500 metros em subida, deve atrair grande concorrencia do publico, que terá o ensejo, bem raro em Portugal, de assistir a uma boa prova automobilista.

A fim de que a assistencia possa presenciar comodamente a chegada dos concorrentes, haverá, em frente da méta, um recinto reservado com cadeiras.

Alem das medalhas e diplomas que «Os Sports», oferece aos vencedores de cada categoria, disputando duas magnificas taças, a «Taça Goodyear» e a «Taça S. E. V.», cujas gravuras publicamos hoje, e que foram instituidas, respectivamente, pelas firmas Carvaceira, Mariano & Gomes Lda. e Artur Mimoso, Lda.

A «Taça Goodyear» será entregue ao concorrente de qualquer categoria que fizer o percurso em menos tempo e a «Taça S. E. V.» destina-se ao automobilista que executar a subida mais rapida.

A inscrição reune os carros mais conhecidos das grandes corridas auto e comporta as seguintes marcas:

1.ª categoria — Citroen, Eduardo Ross, Lda.
2.ª categoria—Studebaker, C. Santos, Lda.
Bugatti, Benedito Ferreirinha, Filhos.
3.ª categoria — Delage, Artur Mimoso, Lda.
Studebaker, C. Santos, Lda.
Bugatti, Benedito Ferreirinha Filhos.

A ... que se disputa na corrida de automoveis da Rampa da Pimenteira

Um livro de atletismo

E' posto á venda amanhã um livro de atletismo, editado pelo jornal «Os Sports», de que é autor o sr. José Salazar Carreira.

O livro, que está bem apresentado, é de grande utilidade para o meio desportivo; nele encontra, todo o desportista que queira dedicar-se ao atletismo, preceitos de vir a ser um perfeito «sprinter» ou qualquer prova que queira especialisar-se.

Este livro, que é posto á venda em todas as livrarias do paiz e agencias de «Os Sports», custa 2$50; pelo correio acresce a importancia de 15 centavos.

NOTICIARIO

FOOTBALL

O team inglez Civil Service joga amanhã

Efectua-se amanhã no campo do Stadium, principiando ás 17 horas o primeiro desafio internacional entre os inglezes amadores do Civil Service e Club Internacional de Foot-Ball.

No meio sportivo reina grande interesse pelo match de amanhã, pois os inglezes, que já se encontram em Lisboa, acabam de obter uma grande victoria sobre o melhor team de Espanha, Barcelona-Foot-Ball Club. O club inglez conseguiu marcar 5 goals contra 3, no referido team espanhol.

A procura de bilhetes tem sido grande sendo de esperar uma concorrencia enorme, isto apesar do seu dia de semana.

2.º CAMPEONATO REGIONAL DE BOX

Continua aberta a inscrição até ao dia 20 do corrente para este Campeonato organisado pelo Ginasio Club Portuguez, sob os regulamentos da Federação Portugueza de Box.

A inscrição é gratuita podendo concorrer todos os clubs filiados na Federação.

Espera-se a inscrição de alguns novos que ultimamente teem afirmado o seu valor como pugilistas.

LUTA

As finais do Campeonato Internacional

As lutas de ontem respeitantes á 24.ª sessão, tiveram para o publico um interesse invulgar. Houve luta violenta entre Gillo e St. Mars que terminou pela victoria deste, e a luta scientifica entre Constant e Fournier. Stroobants venceu Simon e Wilson venceu Favre.

Hoje no programa figuram as seguintes lutas: Raul St. Mars contra o italiano Massetti, Constant Marin contra Leon d'Angers, El Secondo espanhol contra Fournier e na poule de consolação Favre luta com Roberti.

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

SALVADOR E MADALENA

por JULIO CEZAR MACHADO

Que significava isto, pois? Era, porventura, uma alma fria, que desconhecia o amor, uma alma altiva que renegava dele, ou uma alma prudente que procurava fugir-lhe? A duquesa dispoz debalde de toda a vasta perspicacia do seu fino instinto de fidalga velha: fim de dois anos de intimidade, apenas alcançara a convicção de que Madalena tinha pelos homens uma mediocre estima, senão antipatia absoluta!

—Em que tempo vivemos! ponderava a si propria esta nobre dama, que florescera no reinado da senhora D. Carlota Joaquina.. Em que tempo vivemos, para as meninas de vinte e cinco anos terem os olhos vivos e a alma extinta?

Uma carta da baronesa de Vila Marin instou muito com a condessa, nessa ocasião, para vir passar um mês em Lisboa na sua companhia. A instancias da marquesa, que esperava que esta estada na capital desse no espirito de sua sobrinha um novo curso de ideias e uma feição nova de caracter, Madalena veio de visita á sua amiga a baronesa, com quem o leitor a avistou no baile.

—E parte, decididamente, ámanhã? disse Salvador á condessa, continuando um dialogo.

—Impreterivelmente!

—Tenciona, porém, voltar no inverno proximo?

—Não sei!

Foram estas frases trocadas num tom rapido, como acusando que conheciam ambos a necessidade de as dizer depressa. Depois, com voz humilde, o mancebo acrescentou, confuso, indeciso, ancioso:

—E permitir-me-ha, V. Ex.ª, escrever-lhe, a informar-me respeitosamente da jornada que vai tentar?

Madalena respondeu com uma simplicidade extrema:

—Porque não?

Nesse momento, Salvador viu sua irmã, que por um aceno mostrava querer falar-lhe: o mancebo despediu-se, por um instante, das duas senhoras e foi ao encontro dela.

—Que tens tu estado a conversar tanto tempo? preguntou-lhe Maria Carolina, uma menina de dezaseis anos, que aparecia nessa noite pela primeira vez em sociedade. Quem são aquelas senhoras?

—A baronesa de Vila Marin! respondeu Salvador, preocupado.

—A baronesa de Vila Marin não é das senhoras: quem é, pois, a outra?

—Dois olhos magnificos!

—Dois olhos... que se chamam?

—A condessa de Foyos!

—Uma fidalga da provincia?

—Uma senhora, para toda a parte!

—Estás namorado, Salvador?

—Estou tonto, Maria Carolina!

—Precisas dançar. Aproveita esta valsa! Dá-me o teu braço.

—Achas que faz bem ao coração dançar, Maria Carolina?

—Acho que faz bem ao coração... fazer dançar sua irmã, Salvador!

—Tens razão! E olha, é uma valsa de Strauss! A dois tempos!

—Ainda bem!

Salvador, no fim da valsa, volveu a vista para o sitio em que se achava a condessa, mas os lugares das duas senhoras estavam desamparados. Havia deixado o baile.

Já os primeiros clarões do dia despontavam e dançava-se ainda no club. Eram seis horas da madrugada. Salvador, numa das salas pequenas, encostado a uma mesa de *wisth*, sem jogar nem ver jogar, sem falar nem ouvir falar, pregava vagamente a vista nos objectos que tinha em frente de si. O dia amanhecera lindissimo, e suscitou-se ali a idéa de partir do baile para Cintra. Um dos seus amigos instou muito Salvador, para que se associasse; o mancebo procurou debalde recusar, porque ninguem prescindia dele para uma festa em vendo probabilidade de alcançar! A's sete horas partiram numa caleche. Julgaram-no contrariado, ao principio; triste e namorado, depois. Ao chegar a Cintra, ele exigiu, primeiro que tudo, um quarto: em seguida, desculpou-se para com os amigos de não assistir ao almoço; finalmente, pediu-lhes tambem que fossem passear sem ele.

—Mas, é então para isto que vens a Cintra?

—Sim! respondeu Salvador, quase rendo sorrir, e entrando para o quarto que pedira.

Então, como os amigos de Salvador concluissem que ele nem estava triste nem namorado, porém tinha sono, almoçaram e foram passear sem ele.

Se o leitor ainda não fez trinta anos, adivinhou já que Salvador, tão depressa se encontrou só no seu quarto do Victor, não quiz dormir, mas... escrever. Foi uma extensa carta, das que dez vezes se principiam, dez vezes se riscam, dez vezes se recomeçam. E' possivel que Camões não fizesse borrão para os *Lusiadas*, mas aposto que empregaria este cauteloso processo da epistolografia amorosa na primeira carta que escrevesse a Catarina! Na nossa epoca mesmo, em que o estilo é o passaporte literario dos escritores sem ideias, tenho visto estilistas, que a nomeada aclama, tornarem-se palidos de susto ao arredondar o primeiro periodo de uma declaração amorosa.

E que, escrever uma carta de amor é puramente fazer literatura, e literatura da mais dificil! Ser simples, é parecer frio; ser verdadeiro, é não saber redigir; ser exacto, é parecer grosseiro! Mentir! Mentir! ao acaso! Mentir! de proposito! Exagerar ridiculamente, parecendo natural; para ter ares de sincero! Ser charlatão, para aparentar de sublime!

Alguns dias depois, Madalena recebia em Miragaia a carta de Salvador. Era simples, respeitosa, e de uma trivialidade que afectava o tom sincero. A condessa respondeu a esta carta, por algumas vulgaridades tambem: que o mundo era pequeno, que havia almas infelizes, que a idéa de Deus era aqui a unica esperança, *et caetera, et caetera, et caetera!* A estas cartas seguiram-se outras; seguiram-se muitas. O *tom menor* do estilo de Salvador principiou a avultar, e algumas flores retoricas foram medrando. Ao fim de dois meses de uma correspondencia curiosa pela *arte de ataque* do mancebo e *arte de defesa* da condessa, Salvador, numa carta, permitiu ao seu estilo este periodo, gravemente arriscado: «E' para mim uma coisa decidida e segura que há algum misterioso influxo que me vence e me conduz para si!» Madalena respondeu, que queria fugir-lhe, porque a sua alma abatida e exausta não tinha que dar ao amor. «Diz-lhe que tem sofrido! ponderava o mancebo em resposta a isto. Mas, se eu não lho tivesse lido nos olhos ... as faces, pensa porventura V. Ex.ª que me haveria interessado assim? A ... da existencia é os sofrimentos. São, por assim dizer, *diplomas de vida!*»

Havia desde muito tempo, entre Madalena e a baronesa de Vila Marin, uma correspondencia constante e activa. A' proporção, porém, que da parte da condessa aumentava a efectividade de correio para Salvador, diminuia para com a sua amiga. Há apenas um ... mais violento e mais danado, que o de uma mulher por um homem, é o de uma mulher... por outra mulher! A baronesa teve ... de Madalena e conseguiu saber que era Salvador quem lhe roubava os extremos dela. Foi uma luta surda e implacavel, desde esse instante, e eu faço votos para que Deus defenda o leitor de conhecer um dia as sensaborias de tal situação, se cair no abismo de ter por concorrente ao coração de uma senhora... outra senhora!

Mil meios se empregaram, para impedir o nó desse amor: conselhos, insinuações, denuncias, calunias... Infelizmente, tudo isso chegou tarde, e já se amavam de mais para se abandonarem sem provas! Madalena disse apenas á sua amiga que a dispensava da menor admoestação sobre este assunto; e, tempo depois, numa carta a Salvador, escrevia-lhe: «Da nossa amiga baronesa, tenho tido cartas duas vezes por semana. Pode ser que tu gostes de saber se ela me tem falado em ti: nem mais uma palavra. Eu, que nunca tive segredos para ela, não quero dar-lhe lugar a dizer-me uma coisa menos agradavel. Ainda que a fé que eu hoje tenho em ti te proteja no meu conceito, não quero, se a minha ventura se aniquilar um dia, que seja pela minha mão.»

Foi um periodo de afectos leaes, que ambos atravessaram, como raramente é dado experimentar neste mundo. Nos primeiros tempos, Salvador, que não adquirira ainda a convicção de que era amado, e a quem apenas guiava a veemencia da sua esperança, sentia-se a cada momento embaraçado pela sua timidez senão pelo misterioso terror que os homens de imaginação experimentam no momento da realização dos seus sonhos, e que não é mais do que o receio confuso de se lhes quebrar o encanto! Mas, depois! Quando o amor iluminou as cartas de Madalena, que de sensações, que de ansiedades, que inquieta alegria, que felicidade melancolica, unica que é doce!

Ele saía muitas vezes para Cintra sem o dizer a ninguem, sem o haver dito a si proprio sequer uma hora antes de partir! Que ia lá fazer, assim de repente, no outono, quando Deus não quer ... de inverno? Ora! ia escrever a Madalena, respondendo-lhe a uma carta no meio da triste solidão das tardes do outono no campo: havia sido em Cintra que pela primeira vez o fizera, e em nenhuma parte lhe sabia tão docemente á alma escrever do amor como ali! Não o acusem, oh! não o acusem de pueril, porque o amor é, como a natureza, grande principalmente nas coisas pequeninas!...

A distancia oprimia-o. Ele sonhava a cada instante com Madalena, e não a via nunca! Teria de ser sua? Eis no que mal pensava, apesar de morrer por ela. O presente era tudo para o seu coração, em as indecisas bonanças de momento. A sua alma ardente precisava sofrer, para sentir que vivia. Pode ser que a felicidade o enfastiasse!

As cartas de Madalena ascendiam-lhe a inquieta aspiração ao impossivel, que nenhuma realidade satisfaz. Sentia-se posto no seu amor. Madalena elevava-o, e era adorado por ele. A sua imaginação empreendia o desenho de mil quadros amenos. Em Cintra, ás noites, ao ver scintilar a neve da serra, sob os raios ... da lua, sentia uma devoradora tristeza de não ter Madalena a seu lado, como Werther tinha Carlota, para embeberem as suas almas na contemplação da natureza adormecida...

CONCLUE AMANHÃ

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

N.º 4075—12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Gu... Redacção e Administração — R. do ...

LISBOA — Quinta-feira, 11 de Maio de 1922

Telefone n. 2293—Endereço tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

A noticia da chegada dos aviadores a Fernando de Noronha, de regresso dos penedos de S. Paulo, deve ser conhecida em Lisboa entre as 9 e 10 horas da noite.

A patrulha monarquica

Afigura-se-nos que já demonstrámos largamente que a causa monarquica, com a fusão ultimamente realisada de elementos de caracter mais heterogeneo não só não ganhou, como perdeu extremamente em autoridade moral e politica. Mas ganharia ao menos na quantidade dos seus adeptos, afetos á unidade partidaria, sem programa que realmente os una, relegando os principios para uma esfera absolutamente secundaria, e apenas com a mira num soberano hipotetico, com um sucessor mais hipotetico ainda?

De forma alguma.

Os monarquicos constitucionais, com o vergonhoso pacto de Paris, alcançaram para as tileiras comuns meia duzia de miguelistas e uma duzia de integralistas. Nada mais.

Porventura alguem julgará que os miguelistas sejam ha muito tempo em Portugal, uma duzia, se tanto?

Verdadeiros sebastianistas, ninguem lhes ligava a minima importancia no tempo da monarquia constitucional. Tiveram durante muito tempo um diario, «A Nação». Pois até esse deixaram morrer, depois do proprio sr. Antonio Cabreira os abandonar.

Não podem ter ido para o campo monarquico unificado mais de meia duzia, porque a outra meia duzia, teve a dignidade de não esquecer nem os seus principios tradicionais nem as lutas terriveis do passado.

Com a colheita de integralistas sucede quasi precisamente o mesmo.

Como se trata duma nova seita, com alguns rapazotes de sangue na guelra, atribuamos-lhe duas ou trez duzias de adeptos. Mas quando reflectirmos que a maior parte dos integralistas ficou ao lado da Junta Central, que repudiou o cambalacho de Paris, e essa vai fazer um congresso, para que são convidados individualmente todos os integralistas, dando-se a circunstancia de esse congresso se realisar na sala da redação da extinta «Monarquia» que não é de forma alguma a «Sala do Risco», chegamos á conclusão do que o integralismo será tudo menos excessivamente numeroso. Logo, tendo ido um terço para o campo unificado, esse terço não irá alem duma duzia.

Posto isto, pergunta-se; que grandes reforços obteve a causa monarquica, cujo grosso é representado pelos antigos constitucionalistas.

Nada, ou quasi nada. Apenas alguns elementos que hão de exercer uma acção dissolvente no partido, porque não poderão esquecer as divergencias essencialissimas que sempre os separaram dos liberais.

A causa monarquica continua a ser uma patrulha. Ninguem já o ignora dentro das suas fileiras. E a prova teve-a o publico nas ultimas eleições, quando os monarquicos que diziam ter todo o paiz comsigo não tiveram possibilidade de apresentar candidaturas por todos os circulos como deveriam ter feito se fosse verdadeira a sua asserção. Nem candidatos nem eleitores possuiam em numero suficiente, apesar de proclamarem que teem ao seu lado todas as competencias governativas e que o povo portuguez só almeja um ensejo de firmar a sua fidelidade ás antigas instituições.

A Republica nada tem a temer de semelhantes inimigos que ainda tornaram maior a sua fraqueza com a ignominia a que recorreram.

O governador de Lerida

Teria sido demitido por falta de decisão no caso das ultimas condenações á morte

MADRID, 11.—Assegura-se que foi destituido o governador civil de Lerida por não ter tido a energia suficiente para dar seguimento ás ordens recebidas com respeito á execução dos condenados á morte que ha dias escaparam a sofrer a pena por se terem recusado os carpinteiros a montar o patibulo.—(Lat. Am.)

A EXPOSIÇÃO DE ARTE APLICADA

A notavel artista D. Helena Roque Gameiro

FAZ UMA EXPOSIÇÃO DE TRABALHOS FEMININOS, QUE RESULTA UM CERTAMEN NOTAVEL—UMA :—: VISITA Á NOVA ESCOLA :—:

A senhora D. Helena Roque Gameiro que é uma das nossas mais notaveis pintoras de aguarela, dessa dinastia distinta dos Roque Gameiro, foi em tempo nomeada para dirigir e orientar a aula feminina da Escola de Arte Aplicada de Lisboa, que justamente neste momento abre ao publico, pela primeira vez as suas portas. Como quer que esse nome notavel de Roque Gameiro nos atraisse, escrito imprevistamente no cartão que nos foi enviado, fomos ontem até á Rua Visconde de Santo Ambrozio visitar essa exposição.

Pela primeira vez nos interessou e nos prendeu uma exposição de trabalhos femininos. Em geral, mais bordado a branco, menos pesponto em aberto esses certamens, comquanto podessem interessar a senhoras, a nós homens, demais preocupados por tantas coisas futeis mas absorvedoras, não conseguiam dispertar a nossa atenção. Mas, fomos, e ficamos admirados, porque se não trata realmente de uma banal exibição de trabalhos escolares, que o inspector do bairro déve ver e elogiar no relatorio. Não, o nome da exposição, esse nome de Roque Gameiro que era realmente um bom cartaz já havia produzido o seu efeito, os trabalhos eram orientados por alguem artista, por alguem notavelmente artista. A arte de decoração interna das habitações, a arte aplicada dos pequenos detalhes de «toilette» duma casa, os cortinados, os tapetes, os «napperons», é uma arte eminentemente feminina, e por isso mesmo, costuma ser conarte de muito restrictas uma cepções.

Que lhe dirão porem os nossos leitores se lhe asseguraramos que os magnificos bordados da Escola Oficial de Arte Aplicada de Lisboa são, pelo gosto excecional que os orientou e sugeriu, alguma coisa que merece com efeito a nossa admiração e a comtemplação demorada dos nossos olhos cançados de olhar coisas feias.

A Republica, com a creação da Escola que vimos referindo e que se deve ao distinto artista e homem de sciencia que é o dr. Azevedo Neves, deu corpo a uma aspiração de ha muito latente nos melhores espiritos da nossa terra. A arte popular, as pequenas industrias regionais, os mais insignificantes artefactos do povo, feitos por ele e para ele, seriam muito mais belos, se houvesse em Portugal, em vez duma, muitas escolas de arte aplicada.

E, assim, essa democracia da intelectualidade que gira ainda como dogma de aspirações colectivas da nação, teria, nessa pura democracia de estetica, uma expansão de justo orgulho e de merecido aplauso.

Quando uma raça conta almas de eleição, almas de artistas de superior élite—e os artistas de «élite» são, naquele eterno paradoxo da arte, tanto mais de «élite» quanto mais fortemente estão impregnados da genese popular—ela vive amplamente, com confiança em si e com a simpatia dos outros, porque os artistas são a expressão da fé, e enquanto há fé, ha vida.

Por isso, á sr.ª D. Helena Roque Gameiro que duma forma tão superior soube, dignificando a sua arte, crear, num reduzido curso de raparigas do povo, um tão notavel conjunto de productos, de harmonia e bom gosto, nós a felicitamos vivamente daqui com a certeza de que as nossas felicitações são a de todas as pessoas que passearam os seus olhos pela exposição da Rua de Santo Ambrozio.

Ainda ao sr. Espirito Santo director, e aos professores da Escola cujos trabalhos se apresentam tambem ao publico, daqui, em nome dum jornal que sempre defendeu e pugnou pelo prestigio da Republica—que só se prestigia pelo trabalho—os felcitamos, com o nosso bom agradecimento de portuguezes.

Portugal no Brazil

E' indispensavel que o governo não descure os assuntos que se prendem com a representação portugueza na Exposição do Rio de Janeiro—Temos ou não temos transportes?...

Não sabemos o que o Governo pensa com respeito ao transporte para o Rio de Jenairo do pessoal e do material destinado á Exposição Internacional. Sabe-se que segue proximamente para a capital do Brasil o *Pedro Nunes* com material vario, entre o qual a ossatura de ferro dos dois pavilhões da secção portuguesa, Mas o resto? E' urgente resolver os problemas que se prendem com os transportes e visto que o exito da Exposição, no restante, está já suficientemente assegurado. E seria realmente lamentavel que a nossa imprevidencia deixasse perder tanto esforço dispendido.

E' preciso providenciar tambem — e quanto antes!... — para que não faltem os recursos monetarios. O Parlamento votou, inicialmente, uma verba de 2.500 contos, para despesas com a secção portuguesa, mas o mais comesinho bom senso ensina que tal quantia é verdadeiramente insuficiente. Esses 2.500 contos são apenas nominais, porque, reduzidos a moeda brasileira, não excedem 1.500 contos. Quere-nos parecer que êsse dinheiro deve estar absorvido ou quasi absorvido pelas despesas feitas com os pavilhões e obras complementares e que não ha outro remedio senão reforçar convenientemente a quantia inicial, para não se perder o trabalho já produzido. De resto, o calculo dos 2.500 contos portugueses ou dos 1.500 contos brasileiros foi realizado em circunstancias diferentes das actuais. O Governo brasileiro resolveu, recentemente, que a Exposição se conservasse aberta durante sete meses e não apenas três, como primitivamente pensara. E' claro que essa resolução acarreta uma maior despesa para as nações representadas no certamen. Imagine-se quanto se vai gastar a mais só em luz! Mas a vantagem é, em ultima análise, toda dos expositores, que terão assim um prazo de tempo muito maior para fazer a exibição e propaganda dos seus produtos. O Governo não tem, pois, que hesitar e deve, sem demora, recorrer ao Parlamento para que êste o habilite a sustentar dignamente o bom nome português no estrangeiro.

Entrega dos projectos de cartazes artisticos

Do Comissariado Geral da Exposição informam-nos que não tendo sido ainda reclamados os projectos com as divisas abaixo indicadas, apresentados ao concurso de cartazes artisticos, aberto pelo Comissariado Geral do Governo na Exposição do Rio de Janeiro, previnem-se os respectivos apresentantes de que os mesmos projectos serão entregues na séde do Comissariado, Sociedade de Geografia, contra a apresentação do documento que foi passado a cada um dos concorrentes;

Douro, 7; Exportação, 13; Ad Augusto, 5; Inacabado, 1.

Um sem divisa ao qual foi aposto o n.º 2.

Não se sabe ainda se será o cruzador auxiliar «Pedro Nunes» o navio que levará ao Brasil os productos portugueses destinados á exposição do Rio de Janeiro, porquanto uma empresa de navegação holandesa apresentou, segundo consta, proposta para a condução dos referidos productos, por quantia manifestamente inferior á que se dispenderia com a viagem do cruzador.

Dentro da lei 1244

Continuam apontando-se mais casos curiosos e sintomaticos

Francisco Gonçalves Calheiros, capitão de infanteria n.º 3, cheio de generosidade e patriotismo monarquico, para que ao tenente coronel de infanteria Martins de Lima—que se encontrava dimitido, por ser um devotado paivante—nada lhe faltasse, para bem comandar as tropas monarquicas em Estarreja, emprestou-lhe a sua «espada e pistola». Pois bem, este senhor estando filiado num partido radical da Republica, não só a traiu, como o partido em que se encontrava filiado. Mas, como era dos nossos e bem dos nossos, reimplantada a Republica em 13 de Fevereiro, nada sofreu, e era quem tudo mandava em Viana do Castelo. Assim, tornou a ser um dos mais solidos esteios da Republica, como o foi durante a vigencia da monarquia, a quem não ofereceu o seu sangue, talvez por falta de oportunidade, mas sim a sua «espada e pistola». Não pode deixar de ser de confiança!...

O alferes Eduardo Francisco, do quadro auxiliar de artilharia e em serviço em infanteria 3, era ver o seu entusiasmo e acrisolado patriotismo monarquico, a numiciar todas as praças que partiram para Estarreja, a fim de combater as tropas republicanas. Qual a recompensa por tão devotada dedicação? Continuar sem encomodo algum, no serviço do regimento, porque tendo o seu «salvo conducto» de filiado num partido radical da republica, continuou, por certo, devido a um «enternecido arrependimento» a ser um dos nossos e bem dos nossos, e esteio de confiança, pois que sempre é bom estar de bem com Deus e com o Diabo!...

Alferes miliciano Antonio dos Reis de infantaria 3, como bem cavalheiro e dedicado monarquico, que passou a ser, logo que viu o novo sol nascente, exerceu com proficiencia o logar de aspirante do comando da coluna monarquica que marchou para Estarreja combater as tropas republicanas. Imagina o leitor que este oficial foi incomodado? Não senhor, porque passou a ser novamente republicano dos sete costados,—porque o novo sol tinha já chegado ao acaso,—duma dedicação sem limites pelos seus correligionarios, pois á cautela ainda tinha o cartão de identidade do centro, para provar que foi sempre dos nossos...

Mausoleu a Machado Santos

Na ultima reunião efectuada pela comissão do mausoleu a Machado Santos foram recebidas muitas e valiosas adesões e donativos muito importantes. De entre as pessoas que deram a sua adesão, enunciaremos os srs. dr. Magalhães Lima, que, numa comunicação a um dos membros desta comissão e referindo-se ao saudoso almirante, recordou as suas grandes qualidades de português e os seus trabalhos nos tempos da propaganda, mostrando grande desejo de lhe prestar homenagem cooperando com a comissão; o distinto escritor Fernando Reis, que prometeu interessar os seus amigos das Colonias na subscrição para o mausoleu, e dos velhos republicanos srs. Carvalho Neves, que procurará obter o auxilio da colonia portuguesa no Rio de Janeiro, especialisando os portugueses filiados nos centros republicanos da capital do Brasil, e Martins Junior.

A comissão encetou trabalhos para efectivar um grande sarau de homenagem no Coliseu dos Recreios, tendo-se realizado já uma conferencia com a empresa, que cede a casa graciosamente, contando com a coadjuvação dos nossos maiores oradores e artistas.

A soma dos donativos recebidos é já importante e afluem em numero consideravel os pedidos de listas de subcritores.

O aviador brasileiro Santos Dumont regressa aos seus estudos de aviação

PARIS, 11.—Santos Dumont o pioneiro da aviação brasileira volta amanhã a esta capital depois de sete anos e meio de ausencia para se dedicar de novo á aviação.—(R.)

Tourada dos Estudantes de Medicina

Os estudantes de Medicina realisam em Algés, na proxima quinta feira, 18, a sua tradicional festa que, como de costume, promete grande animação. Os bilhetes estão á venda na Faculdade a partir de sexta-feira.

TEATRO PORTUGUEZ

A proxima representação da "Ribeirinha,, no TEATRO POLITEAMA

«SEGUIMOS A ROTA—A ROTA DO NOSSO SONHO—FAZER TEATRO PORTUGUEZ»— -:- DIZ-NOS JOÃO CORREIA D'OLIVEIRA -:-

Na «Marques». Uma casa de chá socegada, sem orquestra infernal e mulheres indiscretas. Uma casa de chá propicia para entrevistas.

João Correia d'Oliveira, «habitué» da casa, esperava-nos. Tinhamos marcado um «rendez-vous»—para se falar da sua peça, das suas ideias sobre teatro, de tudo, emfim, que surgisse, ao acaso, com a mesma expontaneidade com que surgem as emoções verdadeiras.

—A vossa «Ribeirinha», João?

—Seguimos a rota,—a rota do nosso sonho—fazer teatro portuguez. A «Ribeirinha» segue-se aos «Lôbos». A curva do nosso plano continua-se; da Terra á Historia... Depois, os «Ultimos», na forja, com o aspecto melancolico das horas confusas do presente.

—«Ultimos» que não serão a ultima?

—O que depois vier, virá com a graça de Deus, mas sempre na rota:—fazer do nosso teatro uma arte e da nossa arte uma expressão da raça.

Urge que todos nós, os novos, trabalhêmos neste sentido. Se, em todos os seus aspectos, a nossa literatura se abastarda de um estrangeirismo doentio, na produção dramatica esse sintoma de desintegração mental vai até ao crime... Porque chega a ser criminoso o decalque continuo, em essencia e em processos, do mau teatro «lá de fóra». Talento, por si, nos que trabalham para a scena? Sem duvida! Muito talento e muitas qualidades que é pena que se desintegrem do seu meio, por uma influencia nefasta de más leituras.

—Falta-lhes a visão directa...

—Isso mesmo.—Todas as raças que teem uma arte, uma literatura sua, teem, naturalmente, um teatro seu. Veja a Italia, a Espanha, a Noruega. A propria Paris, preversa e futil, tem um teatro em que se resume e espelha,—como uma cocotte, á hora da «toilette», no cristal da sua «psiché».

Não póde ser de outra parte uma peça do Paris, Só nós, que temos uma arte, uma literatura, não possuimos ainda o nosso teatro,—mau grado Gil Vicente, Garrett, Lopes de Mendonça, D. João da Camara... Porquê? Não se percebe bem...

—E o que entende v. por teatro portuguez?

—Não é facil, de momento, condensar-lhe, em sintese, o que é, nesse particular, a minha visão.

Teatro portuguez será aquele em que, sinceramente, em maior ou menor grau, o escritor, exprimindo-se, exprima, através o seu temperamento, o temperamento colectivo; teatro portuguez será aquele em que os personagens falem e sintam em «portuguez», aquele em que os conflitos sejam encarados e resolvidos adentro da nossa maneira de os sentir e liquidar. Teatro portuguez, da Terra e da Grey, será aquele que ponha em scena figuras e sentimentos que façam parte do «nosso meio» e da «nossa moral». Teatro portuguez será aquele que consiga estabelecer entre o personagem da scena e o personagem da plateia, intensidades de alma, afinidades de espirito, solidariedades e reciprocidades emocionais.

Será aquele, emfim, que saiba projectar no palco o espectador.

—Mas será Portugal, paiz essencialmente lirico, consequentemente subjectivo, um paiz—permita-me a expressão—«dramatisavel»?

—E', Portugal está cheio do «seu» drama e da «sua» comedie. E' sentir-lh'os e exprimir-lh'os. Sei que é dificil. Não temos ainda uma literatura de teatro, a lingua é dura e circenta, pobre de oromatismo, de formulas expressivas, concisas. O dialogo lento, pesado,—pouca elasticidade plastica... Mas, é trabalhar! O proveito material estará certamente na lei do menor esforço—trabalhar com materiais já destilisados. A unica alegria, porém, de fazer Arte, consiste na porção de «sonho» e de «esforço» que ela nos custa.

Feliz... ou infelizmente — quem sabe?—não queremos ser industriais.

—E o que é a «Ribeirinha», como peça historica?

—Dizer-lhe que fizemos reconstituição historica, no significado restricto desta palavra, seria uma tolice.

Tanto a anedocta tragica que nos serviu de motivo, como o fundo de epoca em que a acção decorre, são, «historicamente», irreconstituiveis para a scena sobre a figura da famosa concubina do Rei Sancho,—«senhora branca e vermelha»—trovas de Paio Soares,—mirosca de olhos glaucos, cuja carne ardente e cuja alma de galo desvairava os homens, perdendo-os, é deficientissima a informação colhida nas linhas do «Nobiliario».

Chamamos-lhes, portanto, um trabalho de «emoção historica»— a que chegámos mais pela intuição estetica das coisas do que por um esforço de reposição evocativa.

Quizemos, em suma, dar o movimento e a vida da nossa infancia nacional, esfumada em longes barbaros...

E' um amplo quadro de costumes...

—E o que vem a ser a «Ribeirinha», psicologicamente?

—Uma figura estranha, enigmatica, parodoxal, Amor, lascivia e odio. Paixão e morte, Como que numa estatua viva, de carne, toda a volupia e toda a rebeldia.

O embroglio tragico com Gomes Lourenço que, depois de a raptar e rouçar, foi por ela trasido de Leão para Portugal, e por ela entregue ao cutelo do carrasco, tem com o claro escuro sibilino do seu problema psicologico, tentado alguns dos nossos melhores escritores de teatro. Não é com vaidade que lho digo, não! E' com um medo imenso de termos levado longe de mais, na nossa ancia de arte lusa, o ousio das realisações, Enfim, vamos a vêr. Sonhamos e realisamos com sinceridade. O resto...

—Quanto a desempenho e scenarios?

—A peça, como sabe, vai subir no «Politeama». Amelia Rey Colaço dar-nos-ha um «Ribeirinha» absolutamente condigna do nosso sonho.

E os scenarios serão feitos segundo «maquetes» de Antonio Quaresma, onde não será esquecido o minimo detalhe de fidelidade historica.

E, por fim, com o ultimo cigarro e o ultimo golo de chá:

—Compreende... E', uma peça em vesperas de subir á scena. Não nos pertence já! Não temos o direito de desvendar o imprevisto da sua intriga—o interesse episodico da sua execução.

As operações espanholas

Podem considerar-se terminadas

MADRID, 11.—Uma alta personalidade recentemente chegada de Melilla declarou que os espanhois dominam completa e absolutamente a maior parte do territorio que perderam em resultado do desastre de julho e que, por consequencia, as operações na parte da zona oriental do protetorado podem dar-se por terminadas. Acrescentou que na zona ocidental faltam apenas duas operações complementares das de Beni-Aros que se efectuarão imediatamente. Concluiu dizendo que a fome devasta as kabilas e que os ifenhos desejam ardentemente oportunidade para se apresentaram, porque se encontram reduzidos á mais espantosa miseria.—(Lat. Am.)

O governo espanhol expõe aos jornalistas o criterio adoptado para repatriação das tropas

MADRID, 11.—O ministro do interior, mr. Piniés, convocou para uma reunião no seu ministerio os directores dos jornais de Madrid, expondo-lhes o criterio que vai ser adotado na repartição das tropas de Marrocos que obdecera á necessidade de não enfraquecer demasiadamente os contingentes que tiverem de ficar em Marrocos. Acrescentou que convinha que no interesse da Espanha a repartição não desse origem a boatos falsos e exagerados, sendo mister, por isso, que a imprensa tratasse do assunto directamente.

Houve perfeita concordancia de vistas entre todos os assistentes.—(Lat. Am.)

A constituição do Egypto

pretende englobar o Sudão nos territorios do novo Estado

CAIRO, 11. — A comissão encarregada de preparar o texto da nova constituição juntou-lhe uma clausula declarando que o Sudão faz parte do Egito e que o rei do Egito é ipso facto soberano do Sudão.

Esto facto causou uma grande sensação e teme-se que dê origem a uma grave crise. Com efeito sabe-se que Lord Allenby, alto comissario britanico declarou ao chefe sudanes em Khartum que a intima associação entre a Inglaterra e o Sudão seria mantida.—(R).

As memorias do Kronprinz

Sobre a Inglaterra o ex-principe via lucidamente os factos, em desacordo com o chanceler alemão

O ex principe imperial da Alemanha, está agora protestando energicamente contra as acusações de que foi alvo de ser o principal fautor da grande guerra e que começaram a tomar corpo depois da publicação do livro a "Alemanha armada,, no qual escreveu o prefacio e onde exhortava a mocidade do Vaterland a cumprir o seu dever.

O Kronprinz relata com todas as minucias o assassinato do archiduque Fernando que deu origem á guerra e conta uma conversa que uma noite teve nos jardins de Postdam com seu pae, o ex-imperador, e com o seu tio o principe Henrique.

O Kronprinz teve uma altercação com seu tio por que era de opinião que em caso de guerra a Inglaterra tomaria partido pelos Aliados e o principe Henrique sustentava o contrario, dando assim prova dum optimismo identico ao de Bethmann-Holweg. O Kaiser conservava-se indeciso.

Relata tambem uma altercação que teve com o chanceler antes de partir para o "front,,. O ex principe imperial julgava necessaria uma aliança com a Bulgaria e a Turquia, alianças estas a que Bethmann-Holweg se manifestava contrario considerando-as como a maior desgraça que poderia sobrevir á Alemanha que assim perderia a amisade e a neutralidade positiva da Gran-Bretanha concluindo tais acordos.

Os factos encarregaram-se de demonstrar quem tinha rasão.

Um grande desastre em Piza

Abate uma ponte á passagem do comboio

ROMA 10.—Abateu uma ponte do caminho de ferro á passagem do comboio que saia da gare de Pisa.

Todas as carruagens exceto a maquina e os dois wagons da frente cairam num canal numa altura de 10 metros.

Os primeiros telegramas anunciam muitos mortos e feridos.—(R.)

A subversão da Apulia

Uma provincia inteira da Italia meridional furiosamente abalada

Continuam sentindo-se grandes tremores de terra na região de Apulia. Toda a provincia de Bari vai abatendo, desaparecendo as cidades umas após outras. O sub-solo da grande parte da Italia meridional vai ruindo, tragando em abismos insondaveis, cidades e povoações, deslocando o curso dos rios e fazendo ruir montanhas.

Na vertente da Calabria que dá para o golfo de Otranto, desapareceu um sistema orografico completo. Estão neste momento perto de 70.000 pessoas sem abrigo e ainda não se pode avaliar quantas terão sucumbido. Está a organisar-se um sistema de socorros proximo de todas as cidades de Italia.

A terra abre-se em fendas consideraveis supondo-se que as causas da subversão sejam motivadas por deslocamentos de correntes subterraneas, desviadas do seu curso devido a abalos terrestres que modificam a substructura do globo.

O rei Victor Manuel partiu já para Facuza, um dos centros que mais tem sofrido.

A Yugo-Slavia

começa a agitar-se e a reivindicar os seus direitos

BELGRADO, 10.—Dizem de Genova que as negociações italo-jugo-slavas para a aplicação do tratado de Rapalo não teem dado resultados apreciaveis. Nos meios da delegação jugo-slava nesta cidade crê-se ainda na possibilidade dum acordo definitivo e diz-se que Lloyd George interveio junto das delegações italiana e jugo-slava afim de conciliar os respectivos pontos de vista.

Por outro lado a imprensa jugo-slava afirma que não tendo as negociações dado resultado, serão definitivamente abandonadas.

Parece que o governo de Belgrado se decidiu apelar para a Sociedade das Nações para regular a aplicação do tratado de Rapalo, sendo os seus representantes os srs. Troumbitch e Po...itch.—(R).

A assistencia aos recemnascidos

A "roda,, de ontem e a "Maternidade,, de hoje, que urge -:- -:- -:- instituir -:- -:- -:-

A missão do jornalista, batendo os quatro cantos da cidade, na «démarche» quotidiana da busca de noticias, mais uma vez nos levou para os lados do Instituto de Medicina Legal, e, ali, nos demoramos pelo interesse de, sobre o caso do capitão Vaquinhas, alguma coisa mais apuramos alem do conhecido.

Os «ventos» ainda não são os da desejada feição. Temos de esperar mas, enquanto não chega quem esperamos, depara-se-nos o ensejo de trocarmos impressões com o sr. Leonel Pereira, o perito dactyloscopista que presta notaveis serviços no Instituto de Medicina Legal.

Fomos encontrar o sr. Leonel Pereira entre milhares de boletins dactiloscopicos, metodicamente empilhados em centenas de cacifos do arquivo de tal maneira organisado que facilita extraordinariamente a busca de qualquer identificação. Uns simples algarismos dão-nos imediatamente as impressões digitais de qualquer individuo ou cadaver que tenha dado entrada no Instituto de Medicina Legal quer para ser submetido a exame directo, quer entrado na «Morgue».

«Os serviços de identificação na policia de Lisboa, diz-nos o sr. Leonel Pereira é justo confessa-lo, estão admiravelmente montados. O sr. Balbino do Rego tem-lhe dedicado interesse e, dahi, vê se a sua competencia. Porem, não é tudo; nestes casos, varios devem ser os factores a agir, elementos que dispersos se encontram, e que são indispensaveis para o concerto logicamente scientifico-pericial.

Fala-se muito da policia estrangeira. Sim, decerto, muito bons serviços se conhecem pelos relatos dos jornais mas, cá por casa, tambem algo ha para apreciar e que dignifica o interesse e o valor dos nossos em serviços bem espinhosos. O incendio da Madalena, por exemplo, foi um notavel serviço da nossa policia.

«Recentemente os trabalhos de investigação para a descoberta dos autores da violação da correspondencia nos correios, é um serviço que dignamente classifica o chefe Alfredo Macia e o habilissimo e inteligente Pereira dos Santos, modelar agente da nossa policia judiciaria.

—As nossas leis nesse sentido é que sofrem duma grande falta de unidade... Não acha?

—Diz muito bem. Quando a legislação sobre serviços da policia, identificação e investigação scientifica, conseguirem merecer a atenção dos jurisconsultos e medico-legistas, tornar-se-ha um elemento de alta influencia para a defeza social, pelo quanto interessará no saneamento das causas dos deliquentes. Os serviços da policia, auxiliados pela superior tecnica scientifica do «Instituto de Medicina Legal» onde preside a sabia erudição do mais modelar scientista, o ilustre professor dr. Azevedo Neves, oferecerá o melhor exito quando ao desejado: justiça quando justiça se impõe ser feita.

O arquivo dactiloscopico e os serviços de identificação

—E o que me diz sobre os serviços de identificação?

—O arquivo dactiloscopico no Instituto de Medecina Legal—continua o nosso amigo—é riquissimo de elementos e já uma preciosa obra a par das muitas outras a que a energia e saber scientifico do dr. Azevedo Neves está legitimamente enraizado, e cuja chefia, a cargo do dr. Xavier da Silva é escusado encarecer.

Presentemente, no paiz, a não ser o arquivo da Policia de Lisboa não ha melhor.

—Mas não existe uma outra repartição e com os mesmos fins, o arquivo de Identificação?

—Isso é um assunto para tratar e apreciar o ministro da Justiça, levando ao Parlamento a historia enigmatica do Decreto 4887 de 20 de Setembro de 1918, e ponderando os prejuizos que acarretou á identicação e estatistica criminal. Esse decreto é um aborto legislativo que está a pedir exame juridico a bem dos serviços publicos.

«Deixe-me abordar o assunto de um alto significado moral, como seja o da mortandade das crianças, os crimes considerados de aborto e infanticidio. E' diaria, a funebre romaria, caminho da Morgue, para a entrega dos tristes achados, e duma impressão moral que arrepia e gela, tal o sentimento que inspira a presença nos tons mais tragicos e selvagens das creanças indiferentemente vitimadas por falsas mães que criminosamente se alheiam ao sentimento do misero destino das vitimas.

O assassinio nestes termos, que razão alguma pode justificar, é da mais requintada crueldade.

«E, ás vezes, com que pezar se contempla a robustez perdida que se evidencia nos infelizes,

Impõe se a abertura da «Maternidade», a unica medida que poderia evitar os crescentes infanticidios

Estavamos interessados na exposição do nosso entrevistado que continuava conversando sobre um tão momentoso problema para que todos veem a solução, menos o Estado.

Positivamente, impõe-se um remedio que evite esta constante serie de abandonos, podendo e muito influir a abertura dos serviços da Maternidade nesse belo edificio que aguarda as providencias dos clarões legislativos e profilaticos dos estadistas.

—E o que ha a fazer?...

—Urge, pois que a existencia dos serviços de socorro para com os pequeninos entes, no edificio da Maternidade, se torne um facto e, dai o melhor elemento para o decrescimento no numero dos infanticidios; porque, mórmente nas classes de serviçais, influirá sobremaneira a sua existencia como recurso logico e justo que a sociedade lhe oferece para suavisar-lhe as agruras quotidianas da luta pela vida:

«E' bem certo que a sociedade, por vezes madrasta, nem sempre acolhe uma creada que se acompanhe de um filhinho; mas, assim, e vulgarisada a assistencia e os seus beneficios, evitar-se-ha que a prevaricação se dê sob a acção da falta de recursos proprios para atender e cuidar do entesinho que está em via de completa fecundação ou após o seu nascimento.

A velha instituição de caridade conhecida pelo nome de «Roda» é de uma excelente profilaxia criminal contra os inocentes

«Nos tempos que não vão longe—prosegue o sr. Leonel Pereira—e quando existiam as filantropicas instituições chamadas da «roda», o numero de infanticidios era diminuitissimo: as creanças vingavam, iam para a «roda» mas não eram eliminadas do seu direito á vida nem assassinadas.

O actual governador civil tem junto de si um precioso elemento para o conseguimento de uma boa, honesta e exemplar assistencia á maternidade, o ilustre advogado dr. Alfredo Pedro Guizado, caracter peregrino, coração sempre aberto a acolher os desventurados, a mitigar lhes as dores da indigencia, factos por mim muitas e muitas vezes confirmados nos seus gestos como Presidente do Conselho Central das Juntas de Freguezia, o ministro do Trabalho terá ensejo de com o seu concurso atingir uma obra salutar de beneficencia:

«E se tanto fosse preciso: ou seja que a Imprensa tome justamente a peito um caso tão grave e de inadiavel providencia: o rapido inicio dos serviços da maternidade.

A reunião e boa união dos elementos de trabalho é tudo.

«A legislação actual sobre tais serviços carece de ser remodelada a valer e de modo a tornar-se uma salutar medida em beneficio da sociedade.

Dôa a quem doer, acima de todas as conveniencias, a justiça pela justiça e como sã justiça!

Ora, a meu ver, a oportunidade é das melhores e seria um gesto que perpetuaria a iniciativa do legislador e, fixaria a bem da sociedade, a inergia e indiscutivel talento dos seus cooperadores, secundados, certamente, por um espirito claro, inteligente e justo.

O sr. Leonel Pereira que gentilmente nos dá estas ligeiras informações, despede-se de nós.

ALBERGARIA DE LISBOA

A Direcção desta benemerita casa de caridade vae mais uma vez tentar levar a cabo a extinção da mendicidade em Lisboa e ainda internar os menores que aos bandos, pelas ruas da Capital seguem o caminho da prostituição do vicio e do crime! Para isso vae recorrer a todos os corações generosos visto ser muito precario o estado financeiro desta Instituição. Vae oficiar a todas as colectividades e entidades; vae apelar para a Imprensa da capital, pedindo-lhe para abrirem subscrições a seu favor e vae continuar com a iniciativa já tomada de precorrer as ruas da baixa, pedindo para que todas as pessoas que ainda não sejam subscritoras se inscrevam pois é de absoluta necessidade acabar com este espectaculo degradante que nos envergonha a nós e nos envergonha perante o estrangeiro.

Cuidar-se-ha da manutenção de todos, ministrando ás menores a educação literaria e profissional, regenerando-as e assim serem uteis a si e á sociedade.

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações	
Londres, cheque	4 5/16—	43/16
» 90 dias	4 5/16—	—
Paris, cheque	1146—	1180
Suissa, cheque	2415—	2487
Belgica, cheque	1038—	1068
Italia, cheque	664—	684
Berlim, cheque	42—	47
Holanda, cheque	4819—	4962
Madrid, cheque	1945—	2003
New-York, cheque	12502—	12883
Brazil, cheque	79—53	
Austria, cheque	1—	3
Norega, cheque	2348—	2418
Suecia, cheque	3226—	3322
Dinamarca, cheque	2701—	2783

Libras . . . . . 61$500 — 63$000

Uma iniciativa de grande utilidade publica

Uma bela instituição

Continua tendo a sua benemerente acção em Queluz, o «Posto de Socorros» instalado naquela localidade desde outubro do ano findo a expensas de alguns dos seus mais dedicados habitantes e sem qualquer auxilio oficial.

E' já avultado o numero de curativos, alguns de grande importancia, que teem sido feitos no referido Posto, podendo, entre eles, citar-se o de Joaquim dos Santos, vendedor ambulante, que, em consequencia duma queda, partiu uma costela e foi, ainda, atacado de congestão cerebral, podendo afirmar-se que a sua salvação a deveu á prontidão dos socorros que, proficientemente lhe foram ministrados pelo director do Posto, sr. Manuel de Jesus Pereira, sargento-enfermeiro do grupo a cavalo, aquartelado em Queluz.

E' um exemplo digno de ser imitado,

O Vaticano e os bolchivistas

não chegarão provavelmente a um entendimento concreto

ROMA, 10.—Confirma-se a noticia de que a visita de Tchitcherine ao Vaticano não se efectuará. Sómente o sr. Varovski será brevemente recebido pelo cardeal Gasparri, com o fim de assentar definitivamente as condições em que serão ab rtas as fronteiras russas as ordens dos jesuitas alemais, aos capuchinhos francezes e aos oblatos francezes.—(R).

Caixa Geral de Depositos

Reuniu o Conselho Fiscal da Caixa Geral de Depositos que é constituido pelo dr. Alberto Xavier, director geral da Fazenda Publica, Antonio Malheiro, director geral da Contabilidade Publica, José Barbosa, presidente do Conselho Superior da Administração Financeira do Estado, dr. Antonio Fonseca, director geral da Secretaria da Junta do Credito Publico, Sousa Varela, senador, dr João Camoezas, deputado e dr. Marques Vidal, juiz do Supremo Tribunal Administrativo, que nos termos da lei tem de apreciar o relatorio do Conselho de Administração e as contas de gerencia do ano economico de 1920-1921.

Os lucros totais atingiram a quantia de Esc. 11.325.510$14, dos quais foram abatidos juros liquidados no montante de 3.964 269$93 e despeza de gerencia e administração na importancia de 878.900$04.

Do saldo da conta de ganhos e perdas, na importancia de 6.771 63[illegible]$60 pertencem ao fundo de reserva da Caixa (20 %) na importancia de Esc. 1.354 327$92 e para o Estado (80 %) a importancia de 5.417 311$68.

O fundo de reserva ficou elevado a Esc. 5 935 238$30.

O Conselho Fiscal aprovou o relatorio e contas apresentadas, que vão ser distribuidos.

A sindicancia

á Direção Geral do «Comercio Agricola

O «Diario do Governo» de hoje publica a portaria nomeando o juiz para instruir a sindicancia requerida pelo Director Geral do Comercio Agricola e que é o sr. dr. Antonio Nunes Rios.

Em Espanha

No mesmo dia foram colhidos gravemente 5 toureiros

MADRID, 11.—O passado domingo foi aziago para os toureiros. Alem da colhida e morte de Granero em Madrid, foi gravemente atingido em Cordoba o bandarilheiro «Maera de Cordoba». Em Malaga foi colhido o espada «Checa». Na novilhada de Granada foi colhido Cartellos sofrendo graves traumatismos e na novilhada de Almeria o toureiro «Gordillo» apanhou uma pontoada leve no estomago.—(Lat-Am).

Serviços de Emigração

A Associação de Classe dos Agentes de Passagens e de Passaportes de Portugal, considerando ilegal a portaria n.º 3175 do 10 do corrente, conserva-se em sessão permanente, como protesto contra esse ilegalissimo diploma, que afectando os liberrimos principios do direito de defeza, que ainda eram uma garantia neste paiz, representa, ao mesmo tempo, uma afronta á Magistratura Portugueza, a quem estavam confiadas as punições dos delitos e transgressões dos serviços de emigração. A Associação a que nos referimos vai entregar no Parlamento uma energica representação, pedindo a anulação da ilegal portaria n.º 3175.

Poeira da Arcada

O conselho de ministros reuniu-se hoje extraordinariamente, começando a sessão ás 11 horas e terminando depois das 14. No final da reunião foi fornecida á imprensa a nota de sempre, isto é, que o conselho se ocupou de assuntos correntes de administração publica.

—Foram mandados louvar, o sr. João José Perdigão, por ter oferecido tres predios para instalação e serviços da Creche e Lactario de Evora, e a direcção e a assembleia geral da Caixa Economica de Angra do Heroismo, por terem feito larga distribuição dos seu bens liquidos pelas casas de caridade daquele distrito açoreano.

—Chegou hoje a Bizerta o destroyer "Guadiana", que, como se sabe, vem a caminho de Lisboa.

ULTIMA HORA

'Raid' Lisboa-Brasil

O novo avião largou de Fernando Noronha ás 8 horas e 7 minutos da manhã.

Até á hora de fecharmos o nosso jornal, não havia noticia da chegada dos aviadores a Fernando de Noronha. Tendo partido esta manhã, ás 8 horas e 7 minutos (hora brasileira), deverão estar de regresso a Fernando de Noronha ás 5 horas da tarde (hora brasileira), correspondentes a 7 horas e um quarto de Lisboa. Provavelmente, só depois das 9 horas da noite a noticia será conhecida na cidade.

No ministerio da marinha foi recebido um telegrama do comandante Sacadura Cabral dizendo que se conseguirá a colocação do tanque sobrecelente no avião e que por isso ia partir para os Penedos, devendo na viagem de ida e volta a Fernando de Noronha gastar 8 ou 9 horas. Efectivamente, segundo outra comunicação os heroicos aviadores largaram de Fernando Noronha pelas 8 e 7 minutos, hora brazileira.

O cruzador «Republica» largou para o alto mar em serviço combinado com os aviadores.

Uma comissão de vendedores do Mercado da Praça da Figueira, desejando comemorar o fausto acontecimento da chegada dos arrojados e Patrioticos aviadores, Sacadura Cabral e Gago Coutinho, ao Rio de Janeiro, resolveu abrir uma subscrição no mesmo mercado para ali efetuar um bodo aos pobres apoz a noticia oficial do exito de tão grande cometimento. Desse bodo que constará de 1.000 senhas de 2$50 cada uma, tive ram a gentileza de nos enviar 5 para os nossos pobres.

A distribuição terá lugar no referido mercado, ás 17 horas do dia imediato áquele em que a noticia oficial da chegada for recebida em Lisboa

As 5 senhas recebidas e que muito agradecemos serão distribuidas a 5 dos nossos protegidos.

Para o grande bodo que o sr. Governador Civil de Lisboa vai distribuir pelos pobres desta cidade, foram recebidos hoje mais os seguintes importantes donativos:

Companhia dos Fosforos 500$00; Toreano e Companhia Lda. 1[illegible]$00; Miguel S. e Companhia 2[illegible]$00; Imprensa Nacional 148$50; M. C. Pimenta 5[illegible]$00; Carlos Frederico 17$5[illegible]; Antonio José da Silva 20$00; Companhia Carris de Ferro 25 $00; A. H. Chaves Limitada 2[illegible]$00, etc. etc.

Parlamento

Nos Deputados

Abertura da sessão, ás 15 horas, sob a presidencia do sr. Domingos Pereira.

ANTES DA ORDEM

Continua a discussão da proposta do sr. Alberto Xavier ácerca da forma de discutir os orçamentos. Falam deputados de todos os lados da Camara.

Nada se resolve de definitivo, ficando a continuação do debate para a sessão de ámanhã.

ORDEM DO DIA

Continuação do debate acerca do credito de três milhões esterlinos.

Entra-se na discussão da especialidade.

Ha muitos deputados inscritos. O primeiro a usar da palavra é o sr. Almeida Ribeiro, que manda para a mesa algumas propostas de emenda.

No Senado

Preside o sr. Pereira Osorio, secretariado pelos srs. Ramos Pereira e Fernandes de Almeida. A acta foi aprovada por 28 senadores.

O sr. Julio Ribeiro manda para a mesa um projecto de lei actualizando os contractos de arrendamentos de predios rusticos, feitos em dinheiro, podendo os senhorios recolherem generos equivalentes á importancia da renda, sendo a quantidade avaliada pela média dos generos nos ultimos 5 anos.

ORDEM DO DIA

Inicia-se a discussão do projecto de lei determinando que sejam abrangidos pelo artigo 1.º do decreto 7.823 os oficiais e sargentos milicianos ou milicianos de reserva, que, com manifesto prejuizo e sacrificio, têm prestado serviços á Patria e á Republica.

Pronunciam-se sobre êle os srs. Ramos de Miranda, Rêgo Chaves e Xavier da Silva.

Defendem-no ainda os srs. Aragão e Brito, Artur Costa, Ribeiro de Melo, Querubim Guimarães e novamente o sr. Ramos de Miranda, que elogia a acção e o valor dos militares que actuaram em prol das instituições vigentes, principalmente quando foram esbocados os movimentos monarquicos e de Santarem.

O sr. Artur Costa declara não poder ser votado êste projecto, em virtude de êle estar incurso na lei travão.

O sr. Aragão e Brito requere que êle baixe á comissão de Finanças.

E' regeitado.

Entre os srs. Julio Ribeiro, Querubim Guimarães e Ribeiro de Melo trocam-se varios apartes.

A sessão continua.

Em Alcantara um violentissimo incendio

Destroe material de guerra depositado nos hangares tendo rebentado algumas granadas e ficado totalmente inutilisados varios productos ali armazenados

Em Alcantara, defronte da Rocha de Conde de Obidos, declarou-se um violento incendio, hoje, pelas 5 horas da manhã, do que resultou a perda total de um barracão de madeira, em tempos destinado a deposito de material de guerra do C. E. P., hoje em poder dos T. M. E. e que servia para deposito de mercadorias salvas do vapor *India* e onde existiam restos de material de guerra, que se destinava a embarcar no vapor *S. Vicente* com destino a Macau.

Os antigos *hangares*, construidos de madeira, cobertos de telha, mediam, aproximadamente, 200 metros de frente por 30 de fundo, e estavam edificados junto á muralha de Alcantara, proximo do posto de Desinfecção. Neles estavam diversas mercadorias, tais como coconote, mancarra, cacau, sizal, feijão e milho, e ainda diversas granadas e um avião encaixotado.

Essas mercadorias, abandonadas pelos diversos carregadores já tinham sido vendidas por duas vezes ás firmas Buzaglos Irmãos e Nobre, Joaquim & Garcia, por intermedio do Tribunal do Comercio, mas sempre ficaram sem efeito por a Alfandega invalidar essas vendas, alegando razões varias, embora por diversas vezes reclamasse, bem como outras entidades, contra a estadia das referidas mercadorias, por perigar a saude publica em virtude do estado de putrefacção em que se encontravam.

Parece que o incendio se atribue a combustão, porquanto, ao romper da manhã, nada se notou no local, quando o guarda da Exploração apagou a iluminação, só sendo visto sair fumo mais tarde e quando as diligencias dos guardas fiscais 420 e 467 foram infrutiferas para o apagar.

Entretanto, o fogo tomou serias proporções, seguindo-se-lhe a explosão de granadas, cuja metralha foi cair a distancia, felizmente, sem causar desastres pessoais.

Pouco depois, começou chegando ao local do sinistro o material de incendios, encetando os bombeiros os seus trabalhos, correndo serio risco, mas no cumprimento do dever, não olhando ao perigo, os serviços foram sendo feitos com metodo, conseguindo-se em poucos segundos estabelecer o ataque com 15 agulhetas, alimentando-as seis bombas a vapor e duas manuais, comparecendo mais tarde o rebocador *Cabo da Roca*, que foi aproveitado no rescaldo.

Proximo do local do incendio estavam 4 gruas, sendo 3 de 3.000 quilos e uma de 1.500, que sofreram bastante, ficando curvada a lança da de 1.500 quilos, que com a acção do calor dilatou, curvando-se sobre os escombros.

Tambem á muralha estavam o vapor *Maio*, carregando toros de pinho, e o veleiro *Graciosa*, descarregando fava, os quais, vendo o perigo, mudaram imediatamente de ancoradouro.

De todos os pontos da cidade, ao ouvirem-se as detonações, estabeleceu-se certo panico, mas, mais tarde, sabendo-se de que se tratava, os pontos altos encheram-se de povo para presenciar o espectaculo.

A direcção do ataque, que se prolongou por todo o dia, foi feito sob as ordens do comandante interino sr. Baptista Ribeiro, tendo como auxiliares os chefes de secção srs. Matos Alves, Boto, Luiz, Rodrigues, Almeida, Marcelino e Santos.

Os serviços de policia foram feitos por piquetes de infantaria e cavalaria da G. N. R. e policia civica da proxima esquadra.

Ficaram totalmente destruidos mais dois aeroplanos que ali se encontravam encaixotados.

Os estilhaços das granadas que explodiram foram atingir enormes distancias.

Ficaram levemente feridos, quando procediam ao serviço de ataque do incendio, os bombeiros municipais 96 e 373.

Os trabalhos de rescaldo continuam, devendo prolongar-se ainda por todo o dia de ámanhã.

Todo o pessoal empregado no serviço de extinção demonstrou o maior esforço e dedicação.

Ao local do sinistro tem afluido muita gente.

Ministro de Portugal em Viena

Informam-nos que o sr. dr. Veiga Simões, ministro de Portugal na Austria regressa brevemente ao nosso paiz tendo instado pela sua demissão, alegando incomodos de saude.

Os roubos nos Caminhos de Ferro

A firma Ruy Pinho & Irmão, Limitada, com sede em Mealhada, vai processar o agente Custodio das Dôres e mais responsaveis por um processo de difamação e abuso de autoridade praticados na pessoa do socio daquela firma, sr. Ruy Pinho.

Segundo aquela firma declara, tinha mandado despachar 25 cascos em grande velocidade, de Mealhada para Soure, e ao levantar a referida remessa, verificou que havia troca de alguns cascos.

Tendo feito, depois, a respectiva reclamação e requisitado ao inspector sr. Quadros a policia para os auxiliar na descoberta dos cascos, o agente Custodio das Dôres, intervindo no caso, pretendeu coagir a firma queixosa a aceitar os cascos que lhe não pertenciam, ao que o socio sr. Ruy Pinho se recusou, sendo por êsse motivo detido aquele senhor.

A firma Ruy Pinho & Irmão, Limitada, que vein apresentar queixa ao director da policia de investigação, nomeou seu advogado o sr. dr. Jaime Silva.

O crime do Bairro Alto

A prisão de um dos autores?

A policia de investigação continua activamente nas suas diligencias para a descoberta dos autores do crime ha dias cometido no Bairro Alto, que até aqui tem permanecido envolto no maior misterio.

A policia tem já em seu poder elementos que a podem conduzir á descoberta dos assassinos da infeliz tolerada.

Sobre o crime foram hoje ouvidas algumas pessoas, devendo pelas 18 horas de hoje ser ouvido um individuo preso no Seixal que além de outros crimes de que é acusado e que já confessou se julga ser tambem um dos autores daquele crime.

Exposição de rosas e cravos na Camara Municipal

Foi visitada pelo Chefe de Estado

Numa das salas da Camara Municipal de Lisboa foi hoje inaugurada uma exposição de cravos e rosas criados nos viveiros do Parque Eduardo VII e jardins municipais, tendo sido muito visitada.

O sr. Presidente da Republica visitou tambem demoradamente a linda exposição.

Em poucas linhas

Luiz Maia Pereira dos Santos, morador na rua Filipe Folque, queixou-se que os gatunos, por meio de arrombamento, lhe furtaram da sua residencia diversos objectos no valor de 1.50[illegible] $00.

—Tambem o sr. José Antonio de Oliveira, morador na Almirante Reis 95, se queixou á policia que lhe furtaram num electrico um relogio de ouro com brilhantes no valor de 600$00.

—Com o sr. Governador Civil de Lisboa conferenciou hoje uma comissão de ex-empregados da Carris de Ferro, sobre a sua situação.

—Foi louvado em portaria o Grémio 5 de Outubro, do Funchal, pela oferta o Estado de cinquenta e sete bandeiras nacionais para serem distribuidas pelas escolas primárias dos circulos escolares com sede naquela cidade.

Theatros e Cinemas

Primeiras representações

NACIONAL—Triste Viuvinha, *3 actos de D. João da Camara*

D. João da Camara! Fazer reviver o seu teatro, é evocar todo um poema de ternura, de bondade e de saudosas recordações. Justamente que os simples são sempre bons, as suas obras que são bem o espelho da sua alma, captam no nosso coração, enternecem-nos e conseguem afugentar as paixões ruins. E, afinal, não ha artificio na sua maneira de escrever, tudo é real e verdadeiro, as personagens vividas, ontem como hoje e não sendo a sua melhor obra, seguindo-a atentamente, que grande escritor de teatro! A ligação é perfeita, os caracteres nitidamente definidos, as transições faceis, a alegria e a tristeza sabiamente doseadas. E' um teatro consolador e a sr.ª Ilda Stichini, escolhendo ésse original português para a sua festa, procedeu não só inteligentemente, mas merece ainda o incondicional aplauso de todos que amam o nosso teatro, o teatro genuinamente português.

A remontagem feita no teatro Nacioanl foi cuidada não só no que respeita á sua *mise-en-scène*, mas na distribuição das figuras que teriam que interpretar a obra. Brazão foi o actor de sempre e ninguem, como êle, mercê do seu talento e da beleza da sua voz, nos faria sentir tão comovidamente a scena final do segundo acto da peça. Laura Cruz, no papel que, primitivamente, criou da *Nazareth* afora o tom choramingas que dá a toda a representação, não nos dando sequer a transição natural nas scenas de amor, fez, conscienciosamente a sua personagem.

O mesmo defeito notámos em Clemente Pinto, que, sendo incontestavelmente um dos novos com valor, o não fadou Deus para os galãs romanticos. A sua interpretação é pesada, a sua maneira de exteriorizar mais de um descrente que de um apaixonado.

José Ricardo, muito bem, sendo apenas de lamentar que a sua voz, apesar dos seus bons esforços, se não amolde, por vezes, á emotividade, que necessaria se torna transmitir a publico.

Os nossos incondicionais aplausos são para Rafael Marques, Laura Hirsh e Ilda Stichini. Esta pode, afoitamente, dizer que criou, na sua galeria artistica, um dos seus melhores papeis. Imprimindo-lhe toda a sua mocidade e frescura, dando-lhe, sem exageros, a nota de alegria e tristeza, foi perfeita em toda a representação, não esquecendo um detalhe e marcando superiormente a scena da saida do segundo acto. Os nossos louvores são tambem incondicionais para Rafael Marques e Laura Hirsh. A sua interpretação nos papeis, respectivamente, de *Barros* e *Maria do Q.*, dão-nos o enormissimo prazer de constatar que, felizmente, embora poucos, ainda temos artistas que procuram nobilitar o teatro português.

A' saida, uma senhora, (que, afinal, são sempre as mulheres que notam as pequenissimas coisas), comentava desfavoravelmente o facto de ter aparecido em scena uma *corbeille* oferecida á sr.ª Laura Cruz, na festa da sr.ª Ilda Sticini. O marido, então, tipo bonacheirão, ainda comovido, talvez, pelo ambiente e pela singeleza da peça que acabara de ver, respondia-lhe, reflectidamente:

— «Não tens razão, minha filha. As flores, ou foram mandadas pelo João da Alegria, antes de partir para Beja, ou, então, é costume darem-se quando qualquer artista está muito tempo sem representar, que é para chamar a atenção do publico.

ALVARO LIMA

SALÃO FOZ—Piparote, *revista em 2 actos, de Xavier de Magalhães e Lourenço Rodrigues, musica de Hugo Vidal, Filgueiras e Portela.*

Após varios adiamentos, lá tivemos ontem o *Piparote*. E, sinceramente o dizemos, muito embora o prologo nos fizesse supôr que sairiamos alegres e contentes, porquê, afinal de contas, um piparote é, quasi sempre, recebido com um sorriso, a nossa espectativa foi iludida, porque a nova revista não tem, a nosso ver, nem um só numero que a recomende. E' banal, muito banal e num pequenino palco como é o do Salão Foz, ha ainda a vencer essa dificuldade, que só pode ser suprida por um esplendido scenario, do qual apenas ha que fixar como interessante o quadro das flores e o das revistas estrangeiras, e por uma marcação que, na peça que ontem subiu á scena, deixa muito a desejar. Toda a figuração anda aos encontrões e a entrada final pela plateia é de uma sensaboria que é dificil ultrapassar. Todos fizeram a diligencia por agradar, mas a tarefa era ingrata e assim é que, apesar dos seus esforços, nem mesmo artistas, já consagrados no genero, como Gomes, José Vitor, Laura Costa e Lina Demoel, conseguiram despertar o publico da sua quietação que, apenas nos finais, se manifestou desagradavelmente.

Da musica, alguns numeros ha interessantes, mas quasi todos estrangeiros e, por sinal, alguns bem mal aproveitados.

Não se compreende mesmo que se tornasse necessario reunirem-se três maestros para tão pouca musica original. Esta é a melhor impressão.

ALVARO LIMA

Noticiario

Entre nós

O actor Chaby Pinheiro que tinha adoecido gravemente em Braga, está felizmente melhor tendo seguido já com a sua companhia para Viana do Castelo.

◆ Afirma-se que o teatro Nacional será explorado na proxima epoca de verão.

◆ Diz-se que o actor Rafael Marques não está ainda autorisado superiormente, para se ausentar para o Brazil onde figurará no elenco da companhia Lucilia Simões.

◆ Parece que não será ainda na proxima sexta-feira que terá logar, no Chiado Terrasse, a primeira da revista «Tiro ao alvo».

◆ O resultado financeiro da tournée Chaby Pinheiro, durante a sua permanencia no teatro Sá da Bandeira, do Porto, foi superior a 120 contos, livre de despezas.

◆ Ia sendo victima dum desastre grave a actriz Elisa Santos. Uma lampada de alcool que se incendiou, queimou-a nas costas, felizmente sem gravidade, encontrando-se de coma com assistencia medica.

◆ Realisa-se hoje no S. Luiz, a festa da actriz Sofia Santos, com a «Boneca» e um acto de variedades.

◆ E' na noite do dia 20 do corrente que no teatro de S. Carlos em beneficio do baritono portuguez D. Francisco de Souza Coutinho (Chico Redondo) se canta a opera «Bohemia» de Puccini. Os artistas que são todos discipulos do beneficiado excepto a sr.ª D. Manuela Pinto Bastos, desempenham gentilmente os seus papeis e por tal forma bem que um dos nossos melhores criticos musicais nos afirmou ser um espectaculo interessantissimo e uma esperança de noites bem passadas ouvindo musica dos melhores escritores estrangeiros e maestros portugueses e mais ainda, cantados na lingua de Camões e Guerra Junqueiro. Estreia-se pois a grande companhia portuguesa no S. Carlos, dando apenas uma recita em beneficio do seu director e fundador partindo no principio do proximo mez para o Porto onde dará 6 operas e 3 operetas sendo 3 nacionais. Nesta prometida noite de arte far-se-hão ouvir num acto de variedades os principais artistes cantores de opera e opereta da nosssa terra, e os amadores D. João da Camara, Ribeira Jorge Macieira, D. Antonio Sequeira, C. S. Martinho, e o aplaudidissimo Luiz Macieira, 4 amadores estes que são verdadeiramente 4 grandes artistas. A orquestra será regida pelo glorioso maestro Luiz Felgueiras e os acompanhamentos ao piano serão feitos pelo grande artista Bonet.

Estrangeiro

Deve ter estreiado no fim do mez passado, no Palacio Teatro do Rio de Janeiro, com a peça de Nicodemi «A inimiga» a companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho que ali dará uma curta serie de espectaculos, antes da sua ida para S. Paulo e emquanto não chegar a companhia Lucilia Simões.

◆ O director do teatro Marconi, do Buenos Ayres, no desejo de intensificar o intercambio teatral, pediu á Sociedade Brasileira de Autores Teatraes a remessa de peças de autores brazileiros para serem representadas naquele teatro.

◆ A actriz Maria Falcão, ha muitos anos no Brazil, parece que fará parte do elenco da companhia que se está formando para o Centenario, contra o que se insurgem alguns jornaes do Rio de Janeiro, visto aquela artista não só não ser brazileira mas nem sequer ter feito ali a sua carreira artistica.

◆ Iniciam-se no proximo dia 18 do corrente, os bailados russos na Opera de Paris.

Cartaz do dia

Teatro de declamação

NACIONAL—A's 9— «Triste Viuvinha»

Teatro musicado

S. LUIZ—A's 9 — «A Boneca»
POLITEAMA—A's 9,30—«Azas quebradas».
APOLO—A's 9,15—«Belo Sexo».
AVENIDA—A's 9,15—«A Perola Negra»
SALAO FOZ—A's 8,30, e 10,30—«Piparote».

Circos

COLISEU DOS RECREIOS — A's 9— IX Campeonato Internacional de Luta e Variedades.

Animatografos

OLIMPIA—Rua dos Condes
CINEMA CONDES—Avenida da Liberdade
SALAO CENTRAL—Praça dos Restauradores

O proximo Convenio luso-transwaliano

A União Sul Africana tem declarado abertamente que não pode prescindir da apropriação de Lourenço Marques

O interesse moral que nos dão os vôos audaciosos dos nossos aeronautas não deve fazer-nos esquecer o interesse material que se enquadra actualmente nas nossas questões economicas, financeiras e coloniais. O problema do cambio, o da moeda e o do desiquilibrio orçamental são tão graves e dificultosos de solução que todos os talentos dos nossos estadistas e parlamentares somados não serão de mais para os resolver. E inutil será esperar, como quer o sr. ministro das finanças, pelas decisões da Conferencia de Genova. Só quem é cego poderá confiar em que essa assembleia das nações produza alguma coisa de proveitoso.

Entre as questões coloniais que de muito perto nos respeitam, ha a do convenio luso-transwaliano para beneficio comum dos respectivos interesses. Dizemos beneficio comum porque nos custa a crêr que o ilustre colonial sr. Freire de Andrade, possa comprometer o nosso paiz com condescendencias que o prejudiquem, na conversa que vai ter que a esta hora estará tendo, com o general Smuths sobre o assunto.

Está provado que a União Sul-Africana pretende a todo o transe exercer uma influencia directa sobre o porto e o caminho de ferro de Lourenço Marques. Em 1909, outro colonial, não menos ilustre, o general Garcia Rosado, conseguiu estabelecer um acordo que garantia as boas relações de todas as partes—acordo que o partido republicano combateu, então violentamente, como combatia todos os actos da monarquia, fossem bons ou fossem maus—mas que esse mesmo partido quando no poder, deixou de fiscalisar com o indispensavel rigor, consentindo que o comercio português fosse preterido no transito de mercadorias para alem de Ressano Garcia, que é a estação terminus dos oitenta quilometros de via, assente no nosso territorio.

O novo convenio, caso agora se celebre, e seja pelo menos tão aceitavel como foi aquele, deve merecer aos poderes publicos e ao alto comissario de Moçambique que uma fiscalisação mais atenta, por ser verdade que os estrangeiros daquelas regiões teem uma pronunciada tendencia para ludibriar os interesses portugueses No momento presente essa tendencia vai mais longe. A União Sul-Africana tem declarado abertamente que não pode prescindir da apropriação de Lourenço Marques, e uma vez que lhe são sistematicamente rejeitadas pelo governo de Lisboa as propostas de compra, está usando de processos e doutrinas que a seu tempo venham a satisfazer-lhe as aspirações. Paiz riquissimo e de vastas proporções, a União não tem um porto suficientemente largo para respirar que não seja Lourenço Marques. Agrega-lo a si, fazer dele um interessado na União Sul-Africana—eis o objectivo do general Smuths, o sonho dourado da sua missão governativa.

E pode vencer. Smuths é um «charmeur». Não ha um unico portuguez de valor que tenha estado em Moçambique que não venha encantado com ele. De resto, a sua teoria é captivante. Pois não é Portugal o fiel aliado da Inglaterra? Não tem recebido do governo inglez os primores de uma verdadeira amisade? E, por outro lado, se a Inglaterra consentiu na União; se deu a autonomia ao Transwal e a Orange; se protege esta federação como uma parcela importantissima do seu imperio colonial—porque motivo ha-de Portugal temer a entrada de Lourenço Marques nessa União? Tem Portugal tudo a lucrar; e a sua posição na Africa Oriental, aderindo ao convite de Smuths, fica perfeitamente em pé de igualdade ao da sua velha aliada!

Foi esta a doutrina que Smuths defendeu em Londres, quando em 1919, o governo inglez convocou os representantes de todo o imperio para os advertir dos perigos da paz depois da guerra, e para lhes incutir a necessidade de uma maior coesão e harmonia entre todas as colonias e a sua metropole britanica. Então, na Sociedade de Geografia da capital ingleza, Smuths discursando (28 de janeiro de 1919) disse que os Estados do Sul de Africa deveriam formar uma unidade federativa politica e geograficamente completa, e que esta unidade teria de ser conquistada á custa de todos os sacrificios.

Está-se a vêr para que rumo vai ser orientada a conversa que a proposito do acordo luso transwaliano, se prepara, ou já se está efectuando, entre Smuths e o sr. Freire de Andrade Do resultado da conversação não tardurá a ter-se noticias. Que elas sejam agradaveis é o que sinceramente desejamos, disseram as gazetas que o alto comissario de Moçambique não está satisfeito, contando regressar a Lisboa. Como causa deste desgosto, poderiamos talvez imaginar que o sr. dr. Brito Camacho fosse considerado incompetente pelo governo para dirigir os interesses do convenio. Mas se esta imaginação póde provar-se como exagerada, o facto é que a actual conversa diplomatica na Africa do Sul parece excluir a intervenção do alto comissario. Será assim?

E' bem claro que se o governo portuguez permite que Lourenço Marques dê um passo á frente no caminho da Federação Sul-Africana, a nossa admiravel colonia da costa oriental começará a escoar-se para o dominio inglez com tanta velocidade quanta marcou o hidro-avião na sua gloriosa marcha através do Atlantico. Paiz pequeno, mas cheio de responsabilidades, Portugal, se não pensa senão na sua gloria aerea, póde em finanças e colonias ser vitima de outra especie de gloria.

A Provincia na "Capital,,

VILA NOVA DE OUREM, 10.— No proximo dia 13 e 14 está projectado realisar-se uma manifestação na Cova da Iria freguesia de Fatima conhecido pelo milagre vindo dos distritos de Santarem Leiria, Coimbra e Lisboa, grande numero de pessoas

Contra a referida manifestação, projectum realisar outra de protesto elementos contrarios, por verem tratar-se duma exploração relegiosa e politica.

Receiam-se graves acontecimentos e as autoridades não providenciarem.

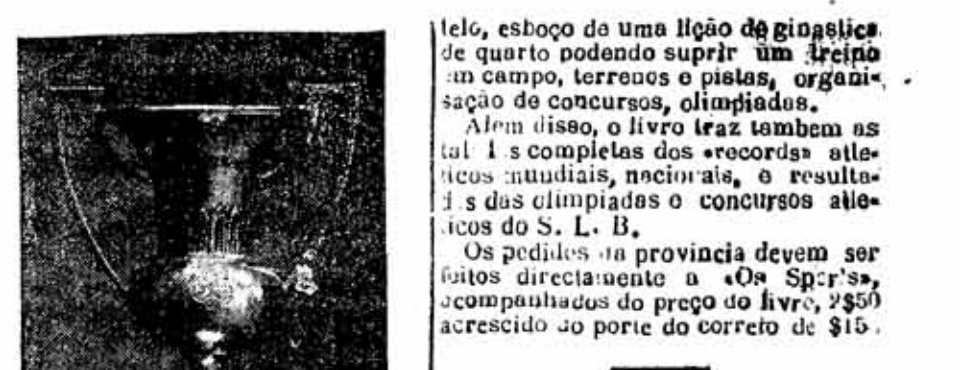
Todos os meios de transporte estão alugados em Torres Novas, Leiria e neste concelho para uns e outros manifestantes.—(C).

Pela Policia

Com uma frequencia muito regular, quer de superiores, quer de praças, foi aberto um curso de francez nesta corporação. Em breve veremos a policia falando correctamente este idioma o que é sem duvida um grande melhoramento para o nosso paiz, por ser muito frequentado por touristas, principalmente na epoca corrente, sendo esperado no dia 19 do corrente um navio, o S. S. Meteor, e onde veremos a grande necessidade da policia, pelo menos, estar habilitada com o idioma francez.

E' professor um modesto guarda, um dos recentemente alistados, José Estevam da Silva Batalha, pessoa habilitada, e antigo interprete.

SPORT

A Taça S. E. V. que no domingo se disputa na corrida de automoveis da Rampa da Pimenteira

Um livro sobre atletismo

Foi hoje posto a venda o 1.º livro da biblioteca de «Os Sports»

Foi hoje posto á venda, o livro de atletismo «Tecnica e preparação atletica», do dr. Salazar Carreira.

Correspondendo a uma necessidade indiscutivel, este livro, o primeiro da «Biblioteca de Os Sports», será sem duvida de grande utilidade para os nossos «sportsmen».

«Tecnica e preparação atletica» reune uma porção de ensinamentos de grande valor para todos os que desejem dedicar-se ao atletismo. Duma feição caracteristicamente pratica, a sua leitura, claramente elucidativa, acompanhada de numerosas gravuras, basta para orientar o principiante desconhecedor das regras e treinos para as provas de atletismo.

E' um livro de valor que todos os homens de sport devem possuir e que todos os organismos sportivos devem enfileirar nas suas bibliotecas.

Prefaciado pelo dr. Pinto de Miranda e A. Correia Leal, duas autoridades no assunto, o livro consta dos seguintes capitulos: Preparação para o sport, condições atleticas, do treino em geral, da velocidade treino para 100 e 200 metros, os 400 metros, os 800 metros, corridas de estafetas, os 1500 metros e outras provas de meio-fundo, os 5.000 e os 10.000 metros — corridas de fundo, maratonas, cross-country, corridas de barreiras, marcha, saltos em altura, saltos em comprimento, salto á vara, lançamento do peso, lançamento do disco, lançamento do dardo, lançamento do martelo, esboço de uma lição de ginastica de quarto podendo suprir um treino em campo, terrenos e pistas, organisação de concursos, olimpiadas.

Alem disso, o livro traz tambem as tabelas completas dos «records» atleticos mundiais, nacionais, e resultados das olimpiadas e concursos atleticos do S. L. B.

Os pedidos da provincia devem ser feitos directamente a «Os Sports», acompanhados do preço do livro, 2$50 acrescido do porte do correio de $15.

NOTICIARIO

O GINASIO CLUB NO COLISEU

Entre os numeros do brilhantismo programa com que o Ginasio Club Portuguez realisa em 16 do corrente no Coliseu dos Recreios, o seu sarau anual publico, sobresaem os vôos, pelo sr. Angelo Mendonça; a classe infantil de ginastica sueca, professor Artur dos Santos; o volteio, por alunos do distinto equitador Gonçalves de Miranda; o cavalo «Bombita», em alta escola, montado pelo sr. George Oom, discipulo do mesmo professor; o triplo-trapezio, sem rêde, pelos sr. Luiz Worm, J. Castelar e Angelo Mendonça; o «mur» de esgrima (assaltos simultaneos de fleurete) por dez alunos do mestre Antonio Martins; o duplo-trapezio, pelos srs. João Gomes da Costa e Antonio Simões; as barras paralelas aereas, pelos srs. J. Castelar e L. Worm; as argolas, pelos srs. Mario Miranda e M. Simões; as forças combinadas, a luta, o «box», o jogo de pau etc.

CAMPEONATO REGIONAL DE LUTA

Tem decorrido extraordinariamente animado e com bastante interesse o Campeonato regional de Luta, que o Ginasio Club Português está realisando na sua séde.

O Campeonato continua amanhã devendo afinal disputar-se no proximo sabado.

CAMPEONATO DE SABRE PARA CIVIS E MILITARES

Sob a organisação do Ginasio Club Português deve realisar-se ainda este mez o 4.º Campeonato de sabre para civis e militares.

A inscrição está aberta na secretaria do Club, sendo a taxa de inscrição de Esc. 5$00 por concorrente podendo concorrer todas as salas de armas quer civis quer militares.

Os premios são constituido por medalhas de vermeil e prata para os trez melhor classificados.

TAÇA LUZITANIA

O Grupo Desportivo do pessoal da Companhia dos Fosforos resolveu prorogar até ao proximo sabado a inscripção do Club, para disputar da «Taça Luzitania», que obsequiosamente está sendo feita na Secretaria do Ateneu Comercial as 21 horas.

A reunião de delegados será na segunda feira e os primeiros desafios ao domingo 21 do corrente mez.

Em breve será exposta a taça na Casa Rubi, que oferece um objecto de arte para o club classificado em segundo logar.

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

SALVADOR E MADALENA

por JULIO CEZAR MACHADO

Estavam ambos, no mais belo periodo do amor. A esperança afagava-os com as suas brancas azas! Eram felizes pelo presente e pelo porvir. Confiavam um no outro.

Foi nesta ocasião que Salvador, procurando um jornal antigo, remecheu todas as gavetas e atirou para cima da sua secretaria alguns dos papeis que lhe vinham á mão.

Entre esses papeis, uma carta.

Uma carta echada, mas com o sobrescrito em branco.

Como o leitor não tem muita pressa, talvez, não vejo inconveniente em que eu lhe explique que esta carta havia sido escrita, muito tempo antes, a uma *prima-dona* do teatro lirico, a quem Salvador fizera a côrte: como havia tido o destino de ser entregue mão por mão, não tinha sobrescrito: e como não chegara a ser entregue, tinha voltado para casa na carteira e fôra lançada na gaveta donde agora se tirou. — «Amo-te, escrevia o mancebo á cantora, que ia partir; amo-te e não amo mais ninguem, porque só tu no mundo és digna de ser adorada: tu, que és a inspiração, tu, que és a harmonia, tu, que és o amor.» E continuava neste tolissimo estilo, enriquecido de juramentos pantafasudos e melodramaticos!

Depois de encontrar o jornal que procurava, Salvador enviou-o ao seu destino e poz-se a escrever a Madalena. No fim fechou a carta, remecheu os papeis que estavam sobre a mesa, a procurar o lacre, que finalmente achou; viu diante de si uma carta com o sobrescrito em branco, escreveu: «Ex.ma sr.ª condessa de Foyos, Miragaia.» E mandou para o correio.

Decorreram alguns dias, sem o mancebo receber carta da condessa. Ao fim de uma semana, numa noite em que Salvador recolhia do teatro, ao chegar a casa dirigiu ao criado a classica pregunta de cada noite:

— Veiu carta?

— Não, senhor.

— E alguem, veiu?

— Um moço de almocreve, que trouxe uma caixa.

Salvador entrou no seu quarto, abriu a caixa indicada e encontrou... as suas cartas a Madalena.

Debalde preguntou mil vezes a si proprio: Que significa isto? Procurou entre as dêle alguma carta da condessa, mas não vinha uma só letra dela. Esperou alguns dias a explicação dêste sucesso, mas a explicação não chegou.

— Não me ama já! Que remedio lhe hei de dar!? O amor é um sentimento involuntario, que vem sem se saber porque, e da mesma sorte foge! Ninguem tem culpa de já não sentir uma atracção! Capricho infinito de uma imaginação de mulher. Para que me jurava então o amor veemente e santo que me oferecia emquanto eu o quizesse? Quebrar, sem um adeus nem uma saudade Oh! em amor a coragem... é do que sente menos!

Passou-se mais de um mês nesta anciedade, até que, de uma ocasião em que estava inventariando os seus papeis e varrendo a secretaria de jornais antigos e cartas inuteis, encontrou uma, fechada e com o sobrescrito em branco. Esta circunstancia ganhou-lhe a curiosidade de a ler, antes de a atirar ás chamas dêsse auto de fé. A primeira linha da carta dizia: «Minha querida Madalena...»

A alma de Salvador assombreou-se, num ruim presagio, de toda a vaga tristeza de alguma grande desgraça.

— Poder infernal do acaso! exclamou. Porque me adivinha o coração, que fui eu proprio que criei a desventura de nós ambos?!...

Na situação que o oprimia, toda a esperança era inutil; todo o expediente, impossivel. A amargura devorava-o implacavel, sem que no horizonte da sua existencia fulgisse um raio de luz; já não podia aspirar ao amor de Madalena, porque aquela nobre alma julgava-se enganada!

Nem êle procurava vê-la, preferindo a resolução do Icaro atirando-se ao mar, ao sentir-se cair do ceu, em vez de viver condenado a voar eternamente nas regiões intermediarias!...

Uma carta de um dos seus amigos do Porto, preveniu-o, porém, neste momento que a condessa estava ali. Era uma ocasião excelente de se encontrarem e Salvador não teve animo de a perder. Três dias depois chegava ao Porto, indagava noticias da condessa e alcançava saber dali a instantes que Madalena estava nesse momento na rua de Cedofeita, de visita á sua amiga D. Piedade. O mancebo teve o tempo apenas de se vestir e caminhar para lá.

D. Piedade era uma dama de quarenta anos: não é um crime; só os anjos ficam sempre nos quinze, por ser a idade eterna que lhes deu o Senhor. Vivia cercada de amigas: criaturas enfastiadas, que iam entreter o dia com ela e que diziam num tom presumido e languido: A roda do carro da vida saiu dos seus eixos; em que havemos nós de ocupar-nos?!

Madalena estava mal entre estas senhoras que aspiravam a *ter estilo*, porque só ela não cuidava disso. O estilo de Madalena eram os seus olhos admiraveis de luz e de encanto, o oval harmonioso da sua fronte, os seus braços elegantes, os seus dedos longos e finos; o estilo de Madalena era a beleza e a graça; o estilo de Madalena era a doce serenidade do ideal antigo!

No momento em que o criado anunciou o nome de Salvador, ela procurou debalde ocultar a impressão que sentira. O mancebo, pela sua parte, traiu-se no momento de a fixar. Tambem, em que estado encontrava êle a condessa! Os olhos pareciam ter perdido o brilho, e nos seus labios já não resplandecia a fresca purpura de outr'ora! Extenuada, abatida e de uma palidez sepulcral, Madalena era ainda bela, mas bela como o anjo da morte; a sua magreza era tal, que um diadema lhe serviria de cinto: ao vê-la mudar de atitude, cuidava a gente que ela ia quebrar-se toda! Era a segunda vez que se encontravam, e — como eu o disse ao leitor no primeiro periodo dêste conto, — havia tristeza no ar e respirava-se morte!

D. Piedade, depois de apresentar Salvador ás suas amigas, dirigiu a conversação ácerca de Lisboa e pediu noticias dos espectaculos e bailes da capital.

— Oh! imagine V. Ex.ª, respondeu o mancebo, que eu não vou aos teatros ha perto de um mês e aos bailes ha perto... de um ano!

As senhoras entoaram um grito de horror shakspeariano.

— Lembro-me bem, continuou Salvador dirigindo-se a Madalena, que permanecera grave e séria, que foi justamente no ultimo baile em que apareci que eu tive a fortuna de fazer o conhecimento da senhora condessa!

Madalena estremeceu ligeiramente.

exclamou D. Piedade.

— Sim! respondeu a condessa, erguendo-se: encontrei êste senhor no club.

— Que fazes? Partes já?

— Sim, minha amiga; a magoa deve ser toda minha de não poder ficar mais tempo!

— Um instante, apenas! Um simples instante!

— Não! Não!

D. Piedade olhou de lado para Salvador, que não despregava a vista da condessa, e disse-lhe com um sorriso de intenção:

Olhe, sr. Salvador, quere vêr o que a minha cara Madalena me fez a graça de escrever no meu album?

A condessa procurou impedi-la, mas D. Piedade proseguiu:

— Eu pedia-lhe um desenho, mas isso fatigava-a muito e preferiu escrever...

— E escreveu? preguntou Salvador.

— Uma simples frase! acudiu Madalena, tomando o album de cima da mesa e estendendo-o cautelosamente. Queres fazer-me arrepender da minha imprudencia, Piedade?

— Imprudencia! Como, imprudencia! Uma frase linda, menina! Uma frase linda, que ha de consentir que eu leia!

A condessa, cedendo, entregou o album.

— Depois de eu partir! disse ela.

Apenas Madalena saiu da sala, Salvador travou do album, procurou a folha em que ela escrevera e leu, tremulo, estas duas linhas:

A desgraça tem conservado cidas, que a felicidade teria extinto!

O mancebo não poude impedir que os seus olhos se humedecessem de lagrimas e ficou por instantes contemplando extatico a triste frase da condessa.

— Quem sabe se a tornaremos a ver! disse D. Piedade, espiando que impressão produziam em Salvador! estas palavras.

— A condessa vai partir? preguntou el ancioso.

— Embarca ámanhã. Os medicos aconselham-lhe ficar algum tempo na ilha da Madeira, na esperança de a salvarem ainda da afecção pulmonar que a devora!

O mancebo conseguiu apenas reprimir o grito de angustia que lhe exalou do peito.

— Oh! Pobre Madalena! disse êle á sua alma. Pobre Madalena!

Salvador procurou a condessa dessa tarde, mas não foi recebido. Escreveu-lhe, mas devolveram-lhe a carta. Foi a bordo, na esperança de lhe falar, mas Madalena recusou-se a vê-lo. O espectaculo das suas lagrimas distraiu D. Piedade, que voltou de bordo no mesmo bote que êle, contemplando com curiosidade a angustia devoradora que o oprimia. Era uma senhora de espirito que se contentava em avistar nos outros as paixões, as manias, e as miserias da existencia civilizada. Os horrores para ela eram a melhor das suas distracções, á semelhança de certos casos raros e monstruosos, que fazem a alegria dos naturalistas!

FIM

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

N.º 4076 – 12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5

LISBOA — Sexta-feira, 12 de Maio de 1922

Telefone n. 2293 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Sicá, 71 — Preço 10 centavos

A ALMA DE PORTUGAL

Os revezes sofridos em nada diminuem a gloria dos nossos grandes aviadores

Sacadura Cabral e Gago Coutinho são hoje o que eram ontem, o que eram depois do vôo heroico e matematico que os levou de Cabo Verde aos penedos de S. Pedro e S. Paulo. São os condutores da alma portugueza. Ela é indestructivel, ela é invencivel. Nenhum infortunio a abate, porque tem conhecido todos. Podem desfazer-se aviões, como podem desabar cidades. O que nunca se despedaça é o espirito. Sacadura Cabral e Gago Coutinho tem sido combatidos pelos elementos naturais, tem sido detidos pelo destino. Mas até a morte hesita diante do crime de os sacrificar. A alma de Portugal não dorme!

OS AVIADORES E O AVIÃO

A situação é esta, nitida, clara, insofismavel: os nossos heroicos aviadores que se empenharam no «raid» Lisboa-Rio, tem cumprido. O paiz, ou antes o Estado é que não cumpriu.

Para realisar o grande cometimento sonhado, reuniram-se, em subido grau, esses dois admiraveis portuguezes a sciencia e a intrepidez. O «raid» de Sacadura Cabral e de Gago Coutinho tem estas duas caracteristicas notabilissimas. Tem sido feito com a frieza dos matematicos e com o ardor dos paladinos. Pode afoitamente dizer-se que ninguem disporia de melhores qualidades para a empresa a realisar. Simplesmente, ela não se faz apenas com o genio e com o coração. E' preciso que instrumentos de acção perfeitos, e na quantidade necessaria surjam para obviar a qualquer revez: E' isso que se não deu.

O hidro-avião «Lusitania», no qual se iniciou a viagem, e que realisou a prodigiosa «étape» de Cabo Verde aos rochedos de S. Pedro era um aparelho do qual era licito esperar um exito feliz para o projecto grandioso. Uma travessia como a que iam efectuar os nossos ilustres compatriotas era a maior que se tentava sobre as aguas oceanicas. Ainda assim, o «Lusitania» era relativamente fraco, dispondo de reduzida capacidade para conter a gazolina necessaria a grandissimos percursos. Provou-o o facto de não poder ir de Cabo Verde a Fernando de Noronha. Mas depois do acidente dos penedos, pensou-se em concluir a viagem, e para isso não havia, nem ha nenhum aparelho egual ao "Lusitania,,. Foi preciso recorrer a um aparelho vulgar, fraco, insuficiente para um percurso relativamente diminuto como é o da ida e volta entre os penedos de S. Pedro e o presidio de Fernando Noronha. O resultado está patente.

Não trepidaram um instante os heroicos aviadores. O que eles não querem é que alguem suponha, um momento que seja, não estarem eles na disposição de efectuar a conclusão do "raid,,. O que é que se arriscava? A vida. Gago Coutinho e Sacadura Cabral encolheram os hombros.

Mas o aparelho, a que se adaptará um tanque de gazolina que não era o seu, e que decerto dificilmente se lhe adaptava, só á terceira tentativa conseguiu descolar em Fernando de Noronha, tão grande era a carga que necessitava erguer e transportar. Mas foi! Os heroicos aviadores libraram-se nos ares. Que sucedeu, depois? Não o sabemos nos seus detalhes, mas não se falando em tespestades, na violencia do vento, em quaisquer obstaculos naturais, subitamente revelados, somos induzidos a acreditar que foi o aparelho que não poude levar a viagem até ao fim. Sacadura Cabral e Gago Coutinho eram os mesmos aviadores do "Lusitania,,. O "Farey 16,, é que não era o "Lusitania,,.

Mercê de Deus, salvou-se a vida preciosa de dois heroicos portuguezes. Pode, pois, dizer-se que nada está perdido. Nem desfaleceram aqueles intrepidos corações, postos á prova de tantas emoções terriveis, nem se apagou o juizo que fulgura nos seus cerebros. Nada está perdido. Eles realisarão o seu "raid,,. Mais tarde ou mais cedo, hão de realisar muitos outros, e as suas capacidades de inteligencia, de bravura e de invenção hão de ainda contribuir eficazmente para os progressos da humanidade. A vida dos dois herois é um penhor da sua actividade constante, da sua invenção fecunda, da sua admiravel coragem. Neste momento, a alma de Portugal está mais do que nunca integrada no seu espirito, essa alma que nunca tem conhecido o triumfo senão depois de transitar por dolorosas sendas!

A TENTATIVA DE COUTINHO E CABRAL

AS PRIMEIRAS NOTICIAS EM LISBOA — PROVAVELMENTE O "RAID,, SOFRERÁ APENAS :-: MAIS UMA INTERRUPÇÃO PASSAGEIRA :-:

Hoje da 1 para as duas da madrugada o movimento no Terreiro do Paço para para se saberem noticias dos aviadores portugueses, foi muito intenso. Um compacta multidão estacionou horas defronte da central dos correios e do ministerio da Marinha, chegando a invadir as dependencias dessa repartição do Estado.

A anciedade era talvez mais aguda do que na «étape» precedente se manifestou entre nós, Havia receios pelo exito da tentativa e conhecida como era a informação de Sacadura Cabral de ser a sua travessia duma pontualidade matematica, resultava a ideia de que não tendo os aviadores chegado na hora marcada, se tornava muito problematica a conclusão do circuito dos penedos.

No ministerio da Marinha os corredores e as salas estavam literalmente pejadas de oficiais vendo-se na multidão que circulava pelo Terreiro do Paço, pessoas de todas as categorias sociais. Entretanto, como nota curiosa, não se viu nem num sitio nem noutro a sombra sequer dum senador ou de um deputado,

Tardissimo, já de madrugada começaram chegando as noticias. Em Fernando de Noronha reservava-se um contra tempo. O «destroyer Pará» da Marinha de guerra brasileira fizera-se ao mar, o «Republica» zarpara tambem seguindo a derrota do avião.

O vapor «Paris City» que recolheu os aviadores, pelas paragens em que se encontrava, entre os rochedos e Fernando de Noronha deve ser provavelmente um barco de carreira entre os Estados Unidos e o Norte do Brazil, fazendo escala por Barbados. Geralmente os vapores que fazem a travessia da Europa para a Sul-America passam muito ao sul dos rochedos de S. Pedro e S. Paulo.

No Ministerio da Marinha, onde a azafama tem sido espantosa, conseguimos ouvir da boca de um oficial da marinha animadoras palavras que nos deixam entrever a possibilidade de diminuir o ambito do contratempo.

— Parece — diz-nos êle — que o avião só pousou no mar depois de ter dado a volta aos penedos, o que faz com que virtualmente o ponto extremo alcançado até agora no *raid* passe a ser Fernando de Noronha. Com efeito, voar desta ilha para os penedos, travessia agora cumprida, é a mesma coisa do que a inversa no sentido da distancia total percorrida.

E', pois, êste o primeiro ponto a verificar. Os *raidmen* conseguiram o seu intuito até Fernando de Noronha.

Deduz-se tambem que, por qualquer motivo que ainda não pudemos averiguar, o aparelho teve de poisar no Oceano. Desarranjo de motor? Falta de gasolina? Qualquer outra causa ainda desconhecida? E' cêdo para expôr uma afirmativa a tal respeito. Mas devemos notar que Gago Coutinho e Sacadura Cabral foram encontrados pelo *Paris-City* numa linha de navegação. Logo foram senhores do aparelho, puderam guiá-lo e levá-lo a poisar no mar em sitio que mais lhes conviesse. E' muito provavel que o aparelho esteja intacto. E, nesse caso, só restará levá-lo de novo a Fernando de Noronha para se concluir o *raid*.

Entre as mil versões, mais uma versão. Os aviadores chegaram aos penedos com pouquissima gazolina porque se viram obrigados a despeja-la pelo caminho para aliviar o aparelho. Conservaram apenas uma diminuta porção para se poderem aguentar em pequenos vôos intercalados de descanços no mar, até se avistar o cruzador «Republica».

A tornar como possivel esta hipotese o avião estaria intacto e o «raid» continuará sem demora maior.

NA EXPOSIÇÃO DO RIO

Uma orquestra portugueza no Brazil

— QUEM É FRANCISCO DE LACERDA? — UM HOMEM QUE NASCEU PARA SER CHEFE DE ORQUESTRA — AFIRMA VINCENT D'INDY. — UM DOS MAIS NOTAVEIS MAESTROS COMTEMPORANEOS — ESCREVE ROMAIN ROLLAND.

Está agora sendo debatido o caso da ida possivel duma orquestra portuguesa ao Rio de Janeiro. Citam-se nomes, debatem-se personalidades e lavra como de costume, uma intriga medonha sobre o assunto. Como somos dos que pensam que a maxima representação de Portugal em coisas de arte no proximo certamen do Rio nunca será nem um esforço nem um dinheiro perdidos, advogámos sempre a ideia de se enviar uma orquestra á Capital Fluminense. Mas ao nucleo dessa orquestra já de si pouco facil de conglobar, poderia faltar ainda na realidade um chefe de raça. Esse regente está encontrado. E' Vincent d'Indy, Director da «Scola Cantorum», de Paris, é Dukes, é Debussy, Gauthier-Villars e Romain Rolland, que indicam pela sua opinião incontestada e autorisada, o portuguez com a mestria indispensavel. Esse portugues é o maestro Francisco de Lacerda.

O natural sucessor de David de Sousa

Apresentar ao publico de Lisboa o maestro Francisco de Lacerda parece paradoxal. Mas noteremos de passagem que foi nas colunas de «A Capital» que se estabeleceu o traço de união entre David de Sousa e o publico que terminou por o adorar, quando o malogrado maestro com uma brilhante reputação nos grandes meios musicais da Europa, era quasi um desconhecido entre nós. Do nosso jornal partiu David de Sousa para a justissima fama que alcançou. Nas nossas colunas pela primeira vez se fez a referencia publica elogiosa a esse moço cheio de invulgar talento que se chama Ruy Coelho. Hoje «A Capital» pondo em foco Francisco de Lacerda, não segue apenas uma tradição: cumpre tambem um dever.

Francisco de Lacerda é mais melhor do que alguma coisa:—é alguem. Professor do Conservatorio de Lisboa onde foi recebido por unanimidade, foi depois um pensionista do Estado em Paris, e de talento já tão acentuadamente reconhecido que o proprio Estado o dispensou de prestar as provas da praxe para obter essa regalia. Apesar disso apresentou-se e desde então a sua vida tem sido longo e cheio combate. Fundou a «Sociedade Orquestral e Coral», de Nantes que dirigiu durante tres anos. Primeiro discipulo, depois amigo de Vincent d'Indy, com ele trabalhou sete anos, substituindo-o na direcção de concertos. Regeu na sala Evard, dirigiu concertos na sala Pleyel, na Suissa, sempre por concurso, foi o director artistico e o primeiro chefe da Orquestra de Montreux, durante tres anos. Uma das primeiras orquestras europeias, a Sinfonica de Marselha, elegeu-o, ainda por concurso entre alemães, franceses, italianos e russos, seu regente e lá esteve até que a guerra o trouxe a Portugal. Duma extraordinaria actividade, foi professor na Escola de Altos-estudos Sociais anexa á Sorbonne, e fundador do «Laboratoire de Recherches Analitiques» na mesma escola. Com Romain Rolland e Louis Laloy fundou o «Mercure Musical». Debussy entregou-lhe a direcção da orquestra para a 1.ª audição de sua «Damoiselle élue», publicou um estudo sobre Damião de Goes musico e o trabalho mais completo sobre frei Manuel Cardoso, mestro de D. João IV, é assinado por ele. O grande Vincent d'Indy referindo-se a Lacerda escreve: «De Lacerda est un chefe d'orquestre» e Romain Rolland, o critico notabilissimo engloba-o entre os mais notaveis regentes de orquestra hoje existentes. Eis o homem.

Deve ir ao Brazil uma orquestra portugueza?

Foi já dificil vaguear pelas revistas estrangeiras para compilar estes apontamentos, dispersos pela «Revue Musicale» e pelas publicações Hicherta da especialidade. Foi ainda mais dificil encontrar Francisco de Lacerda. Mas apanhou-se, como tudo se apanha no mundo, entre uma parede e uma mesa que oferecia obstaculo intransponivel. Uma bela e expressiva cabeça de cavaleiro da Renascença, mais do que grisalha, quasi branca, profundos olhos duma mobilidade extrema.

Ali, bem seguro entre a parede e a mesa, respirámos um bocadinho. «Ecce homo!» E a primeira pergunta faiscou:

—Sempre vai uma orquestra portugueza á exposição do Rio?

Francisco de Lacerda ergueu os braços risonho:

—Não sei. Não sei de nada. Eu sou um pouco e oficiosamente a pessoa que o Comissario sr. Lisboa de Lima encarregou de estudar os preliminares da questão. Mas está ainda tudo para resolver.

—Mas v. ex.ª é de opinião que essa orquestra deve ir?

—Incontestavelmente. Temos os elementos suficientes para compor uma boa orquestra e no Rio de Janeiro, onde, aliás, costumam ir as melhores orquestras do mundo, poderiamos com um pequeno esforço manter-nos num primeiro plano. São obvias as razões em virtude das quais deveremos produzir o maximo da nossa vitalidade artistica especialmente neste momento e no Brazil. Creio que o sucesso dos musicos portuguezes na capital fluminense seria garantido debaixo de todos os pontos de vista, pelo lado moral e pelo lado material.

A Banda da G. N. R. na capital carioca

—Fala-se tambem na ida da Banda da Guarda Republicana á exposição.

—E que duvida! Entendo que deve ir. A banda é uma das melhores. Tem-no provado aqui e no estrangeiro. Garanto-lhe que mesmo nas bandas nacionais alemãs ou austriacas não se encontra melhor. O actual regente sr. Fão, é uma competencia em qualquer parte por muito exigente que se possa ser. A banda deve ir ao Rio.

—Mas nesse caso a orquestra?

—Não tem nada uma coisa a outra. A banda toca nos jardins, nos cortejos

Os professores de ginastica nos Liceus

Está-se tornando cada vez mais urgente um brado em favor dos professo de ginastica dos Liceus. E' a unica classe de funcionarios do Estado que ha mais de cinco anos conserva a situação do «provisorios» sem que apareça alguem que olhe para esta injustiça.

Note-se que nos liceus estão os melhores professores de ginastica que ha em Portugal, e, se uns 4 ou 5 já lá não estão é porque cá fora teem encontrado situações melhores e mais fixas.

Ha 2 anos foi aberto um concurso documental para passar a efectivos os professores provisorios dos liceus, pois não obstante a Repartição de Saniodade Escolar já ter feito as classificações, o quadro dos efectivos ainda está por preencher, visto que tudo serve de pretexto para protelar as nomeações.

Cremos que isto não pode continuar assim.

Ver na 3.ª pagina a nossa campanha acerca das leis 1244 e 1040.

A revolta vermelha no Rand

Perto de 800 homens fóra de combate nos ultimos recontros

PRETORIA, 12.—Na ultima revolta do Rand as forças sul africanas tiveram 74 mortos e 285 feridos, tendo morrido 182 civis e ficado 287 pessoas feridas.—(R.)

A agitação anti-bolchevista

reaparece de quando em quando aqui e alem

BOMBAIM, 12. — Comunicam de Simla que rebentou um movimento anti-bolchevista na Bukhara oriental tendo os insurgentes lançado fogo aos poços de petroleo e marchado em direcção de Tashkent onde se revoltou um regimento vermelho.—(H.)

A conferencia de Genova

Reconvocam até ao fim

GENOVA, 11 — Os srs. Lloyd George, Barthou e Schaszer resolveram convocar ámanhã a sub-comissão dos negocios russos, com excepção dos alemães e dos russos, a fim de refutarem a parte da critica da nota dos *soviets* e nomearem a comissão dos peritos encarregados de examinarem o problema russo fora da Conferencia. — (H.).

Realisam sessões...

GENOVA, 11 — Realizou-se a decimo oitava sessão do conselho da Sociedade das Nações, sob a presidencia do sr. Quiñones de Léon.

...E não resolvem nada

PARIS, 12 — Nos meios parlamentares de Paris julga-se que a resposta dos russos procura iludir os compromissos previos da Conferencia de Cannes e que, por isso, é inaceitavel. Julgam especialmente que a discussão dos negocios russos se tornou no futuro inadmissivel para a delegação francesa, sem que dêsse facto resulte o abandono da Conferencia que deve resolver os problemas economicos que se referem á missão empreendida em Bruxelas e Barcelona, mas os meios franceses são de parecer que os delegados das potencias que fizeram o convite para a Conferencia não são qualificados para tomarem conhecimento das questões abordadas nas primeiras reuniões e pensam ao mesmo tempo que a tentativa não se renovará. — (H.).

ACERTOU!

O raid não se malogrou. Nunca o reconheceriamos. Foi um compasso de espera, uma fatalidade que vai remediar-se. Homens da tempera de Coutinho e de Cabral não recuam nunca. E a Fé que os anima não nos abandonou ainda. Ha tempos escreviamos:

«O poeta tem fé; o artista tem fé; o sabio tem fé; o inventor tem fé; o guerreiro tem fé como o apostolo tem fé. Gago Coutinho e Sacadura Cabral teem fé. Um povo inteiro compartilha dessa fé.

Por momentos chegamos a convencer-nos que o proprio ar onde o «Lusitania» desfere o vôo está repleto das moleculas dessa fé, que lhe favorecem o caminho, que o auxiliam na derrota maravilhosa!

Assim pensamos e continuaremos a pensar. Os derrotismos sinuosos não entram comnosco. E vêm a pêlo transcrever tambem de «O Dia»:

«Animando-nos tambem a emitir voto, somos de parecer que o hidro-avião novo não deve ser «batisado». Deixem-no ir com a sua designação de nascença, á ingleza, «Fairey 401», que lhe não fica nada mal.

E para meter ferro ao enguiço, experimentem não lhe dar nome até que, já no Brasil, o «apadrinhem» os dois ilustres aviadores e lhe ponham então a designação que quizerem.

Antes não! *Na hipotese improvavel e que a Providencia afaste, de se dar o desastre de sossobrar o aparelho*, imagine-se a que trocadilhos de mau gosto se prestaria o caso de ir para o fundo o «Antonio José», o «Republica», o «Pedro Alvares»..., ou o «Portugal».

O italico é nosso.

União Cristã da Mocidade

Hoje pelas 21,30 horas realisa-se na séde da Associação Cristã da Mocidade uma sessão em que o sr. Eduardo Moreira fará o relato da sua viagem á cidade de Nimes, no Languedoc, onde foi assistir á conferencia dos «leaders» dos paises latinos das Associações Cristãs da Mocidade, realisada de 26 de abril a 3 de maio corrente.

Na mesma ocasião o sr. Eduardo Moreira fará as suas despedidas por ter de partir em breve para o Porto onde vai assumir o cargo de secretario geral da Associação congenere daquela cidade. Usarão da palavra por esse motivo alguns oradores.

Alma Nova

Reapareceu esta revista de resurgimento nacional, tendo-nos sido enviado um exemplar que agradecemos. Vem consideravelmente melhorada com gravura nitida e elegante.

Centro Republicano 5 de Outubro

O Centro Republicano 5 de Outubro publicou uma folha volante intitulada: «Na ilha da Madeira».—«Autoridades administrativas que não merecem confiança á Republica» E' um protesto contra a politica local escrito com rigorosa energia.

9.000:000 de horas perdidas

em conflitos inuteis e perniciosos

LONDRES, 12.—O dr. Macnamara, ministro do Trabalho disse na Camara dos Comuns que em resultado dos conflitos operarios se tinham perdido em março e abril nove milhões de horas de trabalho.—(R.)

...mesmo junto ao proprio pavilhão portuguez. A orquestra tocaria nos teatros ou nos salões de concerto. E a ida das duas seria uma vantagem para ambas. A orquestra iria buscar a banda os seus excelentes metais de já encontraria. Por seu turno a banda lucraria visto que os musicos que a compõem, alem dos seus vencimentos e subsidios teriam ainda os honorarios correspondentes ao seu serviço na orquestra.

—E desejaria v. ex.ª reger essa orquestra?

—Não teria a minima duvida. E' a minha profissão

—Sim. Nós sabemos que v. ex.ª foi um chefe de orquestra em muitas salas de concerto no estrangeiro.

Francisco Lacerda tem um gesto decisivo e cortante:

—Sim. E' possivel que tivesse sido isso que diz. Mas não vejo que a coisa venha a talho de fouce...

—Será viavel a ida da orquestra?

Os grandes efeitos das pequenas causas

—Torno a repetir-lhe que nade sei. As coisas mais ligeiras entram ás, tomam por vezes aspectos des concertantes. E tenho afinal que me resolver a falar um pouco de mim...

—Como assim?

—Trapalhadas. Contusões. Um torrou! Olhe, por exemplo, um jornal da tarde tem publicado essa já tão longa serie de «cartas» nas quais, ligeiramente, se ataca e condena a «ideia de ir uma orquestra sinfonica ao Brazil», eu espero que esse mesmo jornal me não recusará a gentileza de publicar, oportunamente, uma breve carta em que eu, por minha vez, diga o que penso sobre o assunto e responda, embora rapidamente, a certas insinuações descabidas e ridiculas.

Julguei,—pelo que muito sincera e dedicadamente fiz pela Arte durante vinte e tantos anos—ter o direito de não ser confundido com sabotinos ou comerciantes de papel pautado, que, por esse mundo fóra, medram á ge frossa sombra da Musica... Julguei. Felizmente que um velho amigo meu —um verdadeiro defensor da Arte e um dos melhores espiritos deste paiz, —veio dizer a sua opinião sobre o caso e esclarecer, em parte, a questão. Antonio Arroyo é um erudito e um justissimo critico de arte;—se alguns dos que se dizem profissionais tivessem um decimo da sua elevada altura e do seu bom-gosto, bem iriam as coisas artisticas da nossa Terra...

—E' sempre assim.

—Com efeito, E' sempre assim. Mas nós temos o direito e o dever de reagir.—Cagnac?

—Não. Obrigado.

—Um charuto?

—Ainda menos. Um aperto de mão e até á vista. Continuaremos, em duvida.

AUTOMOBILISMO

Realisa-se no domingo a Rampa da Pimenteira

Realisa-se definitivamente no domingo a corrida da «Rampa da Pimenteira» organisada pelo jornal «Os Sports».

O juri reuniu ontem, tendo deliberado que a corrida principie ás 13 horas em ponto, devendo os concorrentes comparecer no local da partida ás 13,30 a fim de serem examinados os categorias dos carros pelos «livres» de circulação».

O juri é constituido pelos srs. José Milo presidente, Sebastião Teles juiz de partida, Pereira de Carvalho juiz de chegada, Monteu Osorio fiscalisação da pista, o secretario A. Correia Leal.

«Os Sports» confere alem das duas magnificas taças o que nos temos referido, duas medalhas de ouro oferecidas pela Sociedade Portugueza de Automoveis e Pereira de Carvalho, L.da, que serão entregues aos vencedores da 1.ª e 2.ª categoria.

A inscrição até ontem, atingiu «nove» dos principais marcas.

A auxiliar o serviço de fiscalisação «Os Sports» pediu o concurso dos Aduaneiros de Portugal e Corpo de Salvação Publica.

A corrida da Rampa, deve por isso despertar grande entusiasmo.

Theatros e Cinemas

Nota do dia

Estamos a poucos dias da vinda a Lisboa de duas companhias estrangeiras, uma das quais chega precedida de grande fama, aliás justificada, se fôr efectivamente a *troupe* do *Renaissance*. O publico de Lisboa tem, até certo ponto, razão para ser descrente, porquanto, várias vezes, tem sido ludibriado. Uma qualquer figura de destaque, conhecida no mundo dos bastidores, dá o nome á *tournée* e tanto basta para que o negocio se torne rendoso e o espectador, a eterna criança, confiadamente, se deixe iludir na sua espectativa, quasi sempre benevola. Assim tem sucedido e ainda, ultimamente, o facto se passou com a *troupe* de madame Pierat. Mas, sejamos francos, são ainda os cronistas de teatro os maiores culpados. Habituámo-nos de tal forma ao elogio a tudo o que é estrangeiro, mercê de um *snobismo* idiota, que só nos torna ridiculos, que, com um receio pueril de, sucessivamente, contraditarmos a opinião dos que constituem a chamada sociedade elegante, depreciamos a miude os nossos artistas, que não conhecem porque raras vezes os vai ver, nos deixamos ir na corrente, falseando reflectidamente o nosso criterio, conquistando de uma maneira facil e até certo ponto comoda o aplauso dos que vão ao estrangeiro, para quem a nossa terra é a eterna piolheira e se julgam no direito de falar de catedra, seja qual fôr o assunto.

E' certo que muitos dos artistas procuram mostrar o seu fingido reconhecimento com a costumada oferta da fotografia, mas não tenham a menor duvida que, ainda dentro do territorio portuguez, se riem ás escancaras da nossa ingenuidade, apreciando a nossa educação artistica de tal forma, que, chegados aos seus paizes, Portugal não existe. Isso sucedeu com André Brulé após a sua visita a Lisboa, onde foi recebido gentilmente e que nas entrevistas dadas a todos os jornais quando do seu regresso a França, se não lembrou sequer de dizer que tinha estado em Portugal. A nossa benevolencia vai ao ponto de, como sucedeu, com a *tournée* Pierat, só após a sua partida daqui, os jornais, pela pena dos seus cronistas, virem a publico apontar todos os defeitos e deficiencias da *troupe*.

Isso faz-se, sim, mas na primeira representação, ou logo que haja motivo para o fazer, pela verdade que devemos ao publico, para que os que cá veem nos não suponham ingenuos ou parvos e, principalmente, pelo respeito que devemos a nós proprios.

E o que se devia fazer com o estrangeiro, mais necessario se tornava que se puzesse em pratica entre nós, para o que muito concorreria que todos os jornais obrigassem *sempre* os seus criticos a assinar o que escrevem.

ALVARO LIMA

Noticiario

Entre nós

Na recita do actor Rafael Marques, no Nacional, a 15 do corrente, a peça «O Centenario» faz definitivamente as suas despedidas do publico e «A Ceia dos Cardeais», tem, nessa noite, apenas uma unica representação, sendo seus interpretes Eduardo Brazão, José Ricardo e o festejado.

◆ Enfermou, com uma pneumonia, estando, felizmente, livre de perigo, o distincto actor Alfredo Ruas.

◆ A nova revista de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos e Henrique Roldão, com que vae ser inaugurado o teatro Maria Victoria, ao Avenida Porque, terá musico dos maestros Venceslau Pinto e Alves Coelho.

◆ A revista fantasia o «Belo Sexo», em scena no Apolo, será ampliada amanhã, sabado com 3 numeros novos, intitulados: «Mademoiselle Fifi», interpretado por Deolinda Seyal; «Antiga historia de amor», por Josefa Lociante e «Beleza de Ruas, por Guilhermina Paiva e Margarida Ferreira.

◆ Regressou de Coimbra, o escritor Lui Ferreira.

◆ A companhia hespanhola que se deve estrear no Eden na 2.ª quinzena do corrente mez, traz no seu elenco os seguintes artistas: 1.ºs actores e directores: Luiz Belester e Pedro Barreto; Maestros, directores de orchestra; Severo Muguerza e Eugenio R. Vilches; Actrizes, Natalia Daine, Carmen Escobar, Maria Galego, Lola Gomez, Matilde Gomez, Eucarnita Lopez, Conchita Mir, Blanca Montero, Pilar M ya, Eugenia Prado; Angelita Pollo, Presentacion Nadal, Concha Urdazpal, Maruja Valero; Actores, Francisco Arias, Luiz Belester, Pedro Barreto, José Fernandez, Rafael Lopez, Enrique Robles, Rafael Alarin, Laureano Serrano, José Soler, Pareja (e baile); Bianquita Monteiro y Pepito Fernandez. O corpo coral é composto de 26 figuras. As decorações são propriedade da companhia Barreto Balester.

Estrangeiro

No proximo mez de setembro, contratado pela empreza Mochi, concessionaria do teatro Municipal do Rio de Janeiro, durante a temporada lirica oficial, um grupo de 10 artistas cantores alemães, irão ali cantar a celebre «Tetralogia» de Wagner.

◆ Tambem a Sociedade Filarmonica de Viena, dará no mesmo teatro, uma série de concertos, sobre a regencia de Weingartner.

◆ Apoz a sua excursão pelo Sul e antes do seu regresso á Europa, a companhia Aura Abranches, devia dar uma série de representações no Rio, estreiando-se com a peça original de Aura Abranches «Madalena arrependida», já representada e percorrendo com sucesso em S. Paulo e Rio Grande do Sul. Daquela companhia faz parte Alexandre de Azevedo.

Cartaz do dia

Teatro de declamação

NACIONAL—A's 9— «Triste Viuvinha»

Teatro musicado

S. LUIZ—A's 9 — «A Boneca»

POLITEAMA—A's 9,30—«Asas quebradas».

APOLO—A's 9,15—«Belo Sexo».

AVENIDA—A's 9,15—«A Perola Negra»

SALAO FOZ—A's 830, e 10,30—«Piparote».

Circos

COLISEU DOS RECREIOS — A's 9— IX Campeonato Internacional de Luta e Variedades.

Animatografos

OLIMPIA—Rua dos Condes

CINEMA CONDES—Avenida da Liberdade

SALAO CENTRAL—Praça dos Restauradores

O foot-ball em Alhandra

ALHANDRA, 10.—Com uma bela concorrencia, predominando o elemento feminino teve logar no passado domingo, como noticiamos o encontro das 1.ª e 2.ª categorias do «Alhandra Sporting Club» respectivamente com os «teams» do Parque Material Aeronautico de Alverca e Centieira Foot-Ball Club.

Dado começo ao de 2.ª categorias no campo de jogo, sr. Jaime Cadete, começou desde logo o Centieira a mostrar superioridade sobre os rapazes de Alhandra. A falta de treino destes, embora muito trabalhadores com manifesta vontade de ganhar, deu em resultado serem furadas as suas redes duas vezes pelo Centieira, pelos bons e bem combinados ataques. Teve o Alhandra eguais avanços, mas o mau remate e precipitação, deram logar a não conseguirem para o seu efectivo, bola alguma.

A arbitragem boa e correta. Devemos citar com especial elogio a defesa do Alhandra David, que sempre admiravelmente colocado e desarmando com relativa facilidade os seus adversarios, soube desta forma evitar maior derrota para o seu Grupo.

Começando o desafio de 1.ªs com os simpaticos rapazes do Parque, foi este encontro sempre esperado com mais interesse pelos elementos componentes dos dois grupos, bons e alguns de bastante valor. O resultado de um empate de 1 a 1, teve a sua origem no constante equilibrio dos dois grupos. Jogaram muito bem com bastante correcção. Avanços bons e muito bem conduzidos de parte a parte; a assistencia seguiu com satisfação o decorrer do desafio.

A fazerem-se menções, deveriamos fazê-las a todos. No entanto é de justiça destacar as defezas do Parque, Pimenta e Bastos, aquele principalmente e o seu guarda-redes Geado. De Alhandra José Vicente, Luiz Borges, Antonio da Cruz, este muito activo e trabalhador. Egualmente gostamos do Lino e João Ferreira. A arbitragem a cargo do nosso amigo Americo de Castro, foi boa e energica, mas talvez afastada. Deve de ter acompanhar mais de perto o jogo.—(C.)

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações
Londres, cheque. . . .	4 5|16— 4 3|16
» 90 dias. . . .	4 7|16— —
Paris, cheque	1141— 1175
Suissa, cheque. . . .	2414— 2486
Belgica, cheque	1038— 1069
Italia, cheque. . . .	664— 684
Berlim, cheque. . . .	43— 47
Holanda, cheque. . . .	4819— 4962
Madrid, cheque	1943— 2001
New-York, cheque. . .	12506— 12879
Brazil, cheque. . . .	49— 53
Austria, cheque. . . .	1— 3
Noruega, cheque. . . .	2348— 2418
Suecia, cheque	3226— 13322
Dinamarca, cheque. . .	2662— 2742

Libras . . . . . . 61$500 — 63$000

Morte aparente

O DUELO

São os titulos dos 3.º e 4.º episodios da esplendorosa pelicula «A mascara da morte», que se estrearam na «matinée» de hoje com notabilissimo sucesso.

O Salão Central mais uma vez bateu o «record» das enchentes! Camarotes, tribunas e plateias estavam literalmente cheias dum publico ancioso de assistir ás estreias anunciadas.

E, escusado será dizer, o exito foi ruidoso, completo. Aspectos fotograficos lindissimos, acção cheia de interesse, «mise-en-scene», rigorosa, surpreendente.

Que diremos do desempenho?

Uma troupe de verdadeiros artistas, todos de grande nome á frente dos quais se encontra o inimitavel actor Hans Mierendorff.

Os episodios, estreados hoje, como os anteriores, serão de novo exibidos no espectaculo desta noite, acompanhados de maravilhoso «film», O Tenente do Cruzeiro Vitoria, que Pola Negri desempenha com todos os recursos da sua formatura e do seu talento.

"RINDO E CHORANDO..."

por LUZIA

«Rindo e chorando...» é a continuação logica de outro livro, que vai á na segunda edição e se epigrafa com o titulo de «Os que se divortem».

Nos dois volumes escritos pela pena de uma conhecida e talentosa senhora, cultora das letras, notabilisada pela arguçia da inteligencia, passa o mesmo ar malicioso, franzindo os labios num sorriso de desdem por uma serie de personagens infelizmente risis e verdadeiros.

A autora observou-os de perto.

Pertencem a um mundo amoral, sem descrever uma casta privilegiada, uma sociedade de escol, o modo de ser do um povo.

Nasceram nas perversões de uma civilisação sem outros requintes que não sejam o dos educações mal dirigidas.

Na alma dessas criaturas frivolas não ha um sentimento perduravel nem o arrepio de uma emoção.

Vivem num falso luxo, satisfazendo os seus caprichos, confundindo a exibição ridicula com a saridade que brota expontanea no coração dos simples, o desbragamento do vestuario com a elegancia distinta, as frases equivocas com a conversa de bom tom.

Não tem apego á terra que os viu nascer, não conheceram as afadigações do trabalho, as canceiras da vida. Não lutaram por uma ideia nobre, nem são capazes de um sacrificio pelos parentes, pelos amigos, pela patria.

Horas se consomem no «Bridge» ou nas futilidades de um devaneio que não tem a consistencia de uma paixão, crise de abnegação e do infinito ternuras.

Folhas velhas e mirradas, cahidas ao longo dos caminhos, assim lhes são as ilusões que que brotaram um segundo para se desfazerem breve emurchecidas por um septicismo decorrente que seria grotesco se não fosse criminosamente cinico.

Donde a onde no livro se fere a nota sentimental e a elegia intensa humedecer os cilios num abalo condoido.

Mas logo passa a lufada de fogo comburindo a fina flor rescendente de suave perfume, que desabrocha expontanea nos corações bem formados.

Este rodopio de pessoas que adoram o «fox trot», que viajam ao longo da «cote d'azur», dizendo mal do seu paiz, que vivem sem sentir a vida, que não idealisam nada de espiritual, atolando-se nas proverbios materiais, o define Luzia, com um admiravel poder de análise, com uma vivacidade que despresa sem fereza e ironisa sem violencias rudes.

A rir castiga os costumes de uma especie antipatica de gente que se supõe aristocratizada e não tem uma só das virtudes das gerações nobres e não possue nenhuma das qualidades sadias do bom povo.

Dialogam os personagens com tão extrema facilidade que apetece perguntar á Autora porque se não abalança a exibir os «fantoches vivos» á luz crua da ribalta numa moralisada Comedia de Costumes?

EDUARDO PIMENTA

Exposição do Rio de Janeiro

O catalogo oficial da representação portuguesa

Foram já iniciados os trabalhos de composição e de impressão do catalogo oficial da representação de Portugal na Exposição Internacional do Rio de Janeiro.

Como já dissemos o referido catalogo constitue uma obra primorosa que será, alem de uma demonstração segura e sugestiva da actividade industrial do paiz, uma afirmação interessantissima do progresso das nossas artes graficas.

Os anuncios do catalogo oficial da Exposição do Rio de Janeiro, representam já uma receita de mais de cem contos de reis, tendo os respectivos contractos, assinados pelas principais firmas industriais e bancarias do paiz, dado entrada já no Comissariado Geral da Exposição.

Como se sabe, esta receita é destinada a cobrir as despezas feitas com o serviço de publicidade e de propaganda em todo o paiz que, deste modo, desaparecem inteiramente dos encargos tomados pelo Comissariado.

ULTIMA HORA

O "RAID"

Consta que o aparelho está indemne — O que pensa o Presidente do Ministerio—Ultimas informações

Nem o presidente do Ministerio, sr. Antonio Maria da Silva, nem o sr. ministro da Marinha podem ainda afirmar que o *raid* se continuará. Depende ainda da opinião dos aviadores o proseguimento da tentativa. O sr. presidente do Ministerio teve os mais altos elogios para os nossos heroicos aviadores que efectuaram a travessia do Atlantico.

O comandante Nunes Ribeiro, director do posto de Monsanto, conserva-se em constante comunicação com o paquete portuguez *Tras-os-Montes*, que se dirige para o Brazil e que se encontra presentemente em Cabo Verde.

Do paquete não tem chegado até agora nenhuma noticia.

Até ás 5 horas da tarde o Governo não tinha recebido noticias directamente. Todas as informações sobre os aviadores, que felizmente se confirmam, vieram para a imprensa.

O cruzador *Republica* foi ao encontro do avião até meio caminho entre Fernando de Noronha e os rochedos para reabastecer o aparelho de gasolina, caso ele a necessitasse.

O paquete *Paris-City* chegou a ver o avião a dar a volta aos rochedos, vindo a receber-lhe mais tarde na latitude sul 1 grau e 16 minutos e na longitude de 31 graus e 10 minutos a oeste de Greenwich.

Consta que o avião está salvo. Nesse caso, o *raid* proseguirá. O ponto de partida agora é Fernando de Noronha directamente para Pernambuco, visto que a distancia S. Paulo-Fernando de Noronha já foi coberta embora em direcção inversa.

Dizia-se hoje na Arcada que os fabricantes dos motores Rolls-Royce ofereceram 4.000 contos pelo invento de Gago Coutinho.

O *Paris-City* vinha em viagem da America para a Europa.

Depois das 5 horas

OS TELEGRAMAS OFICIAIS

No Ministerio da Marinha foram hoje recebidos, de madrugada, os seguintes radios:

Fernando de Noronha — Demora inquietante. Saiu *destroyer Pará* procura aviadores.

Pernambuco — Até ás 20 horas nenhuma noticia avião. Cruzador *Republica* até ás 16 horas sem haver vestigios.

Pernambuco — Até á hora que telegrafo não chegou avião, tendo *destroyer Pará* ido aos rochedos. Tambem não ha noticias sobre aviadores nem do cruzador *Republica*. que saiu após partida do avião.

Pernambuco — Hidro-avião partiu Fernando Noronha ás 8 e 7. São 20,30 Pernambuco sem noticias. Cruzador *Republica* partiu ás 8,30 e avisara ás 16,30 não o ter encontrado como devia ás 16 horas na altura combinada. O *destroyer Pará* partiu para os penedos ás 19 horas. (a) Consul.

Pernambuco — Pesquisas cruzador *Republica* infrutiferas até ás 23 horas.

Do cruzador Republica — (Radio) Aviadores foram encontrados na latitude 1º,8' N., longitude 31º,10' W. pelo vapor inglês *Paris City*. Sigo para êsse ponto para os embarcar. Os aviadores procuraram a linha de navegação Pernambuco-Canarias.

Poder-se-ha salvar o avião?

De bordo do «Republica» em Radio das 11,55 se comunica estar este crusador junto do "Paris-City,, procurando salvar o hydro-avião. Os aviadores estão bem.

Os aviadores confiam proseguir no mesmo aparelho depois de reparado. Em Lisboa não ha presentemente nenhum "Fairey,, que possa seguir para Fernando de Noronha.

O sr. ministro da Marinha leu na Camara dos Deputados os despachos recebidos pelo Governo, que, em resumo, confirmam o que acima vai publicado.

O crime do Bairro Alto

Continuam as diligencias da policia, encontrando-se presos 4 individuos

A policia de investigação prosegue afanosamente nas suas diligencias para a descoberta e prisão não só dos dois malvados que estrangularam a infeliz Olinda Maria, como dos restantes individuos, todos cadastrados, que fazem parte da famosa quadrilha a que os dois criminosos pertencem.

Como suspeitos de autores do referido crime já 4 prisões foram efectuadas, recaindo porem mais fundadas suspeitas sobre o João Manuel Afonso, ontem tão habilmente capturado pelo agente amador.

Todos estes individuos que figuram na quadrilha vigiada pela policia, fazem parte daqueles 400 facinoras chegados há pouco de Africa tendo daí regressados desde Janeiro findo nada menos de 800 cadastrados o dos mais perigosos que infestam as ruas da cidade.

Tambem o cabo 227 prendeu na rua da Prata, Inacio da Costa Ferreira, de 19 anos, carpinteiro, rua de S. Pedro, 33, 3.º, quando no estabelecimento de ourivesaria pertencente a Marques Belo e Sequeira, L.da estava vendendo uns pedaços de cordão de ouro, que se presumia pertencerem ao cordão furtado a vitima depois de estrangulada.

Averiguou-se, depois que aquele individuo furtara o referido objecto a uma sua tia, estando portanto postas de parte todas as suspeitas.

O João Manuel Afonso, um dos autores do crime preso já, foi hoje novamente submetido a um rigoroso interrogatorio continuando o criminoso numa sistematica negativa, devendo ainda hoje ser acareado com algumas pessoas que o reconhecem como sendo um dos individuos saidos da residencia da Olinda Maria apoz o crime.

Lisboa Ginasio Club

Está despertando vivo entusiasmo no nosso meio sportivo o brilhante festival que esta colectividade real sa no proximo dia 18 no Coliseu dos Recreios, programa que em breve everá ser anunciado, revestirá um excepcional brilhantismo devendo ser executados apreciaveis trabalhos por amadores cujos triunfos serão indubitaveis.

Far-se-há a exibição das fotografias dos dois arrojados aeronautas que neste momento incarnam as excelsas virtudes da raça, pelo que a Direcção não quiz olvidar os nomes destes dois bravos na sua festa.

Lima Alves. Foi aprovado por unanimidade.

O sr. Vasco Marques protesta novamente, com toda a inergia, contra o facto de, ha 3 meses, se encontrarem em S. Julião da Barra, presos, oficiais do exercito como implicados nos acontecimentos de 19 de outubro, lamentando que não haja coragem para castigar culpados e soltar os inocentes.

O sr. ministro da Guerra declara estar o caso afecto aos Tribunais Militares, estando na convicção de que os oficiais presos sairão ilibados das acusações que lhes foram feitas. O ministro da Guerra,—disse,—nada tem com o facto do proceder ás investigações, o sr. dr. Alexandrino de Albuquerque, o que tem, é o que que mais deseja é a conclusão do inquerito.

O orador aproveita o ensejo para enderar encarregar-se hoo ilitado e responder á interpelação do sr. Costa Junior.

O sr. Tomaz de Vilhena chama a atenção do Senado para o facto do actual Governador Civil de Castelo Branco, acumular outros cargos publicos incompativeis com aquele, a respeito de que se recorda que os heroicos aviadores, congratulando-se com o facto deles, finalmente, se terem salvo.

O sr. Ramos da Costa chama a atenção do sr. ministro da Guerra para o facto de se encontrar ainda em França, e em Ponta Delgada, vario material de guerra, respectivamente do C. E. P. e aquele que nos ofereceu a Base Naval Americana, e voltou a reclamar contra a instalação do gasometro junto da Torre de Belem; instalação de uma oficina de sapateiro na Igreja de Santa Engracia; contra o que sucedeu que causou a lamentavel explosão que se deu nos hangares dos T. M. E., e ainda, contra o facto dos Jeronimos, não sendo Pan teon Nacional, se encontrem restos mortais de individualidades que ali não devem permanecer.

O sr. ministro da Guerra promete tomar providencias no que correr pela sua pasta, e transmitir aos seus colegas as considerações do orador.

A sessão continua.

PARLAMENTO

Na presidencia está hoje o sr. Nunes Loureiro. A chamada faz-se á hora regimental e acusa a presença de 33 legisladores.

ANTES DA ORDEM

Continua a interminavel discussão ácerca da forma mais rapida de discutir e votar os orçamentos. Santo Deus! Quantas palavras têm sido gastas e quanto tempo despendido! Eis uma curiosa maneira de acelerar a discussão das contas do Estado...

E' claro que não desconhecemos o fim que se pretende atingir. Supõe-se que o desperdicio de tempo feito agora é generosamente compensado pela restrição futura á eloquencia parlamentar. E' preciso não conhecer nada, mesmo nada, o feitio verborreico nacional para se acreditar que será facil opôr-lhe um eficaz tampão.

Já discursaram, mais ou menos abundantemente, os srs. Ferreira da Rocha, Almeida Ribeiro, Cancela de Abreu e Alberto Xavier. Agora fala o sr. João Camoezas, que anuncia que mandará para a mesa uma nova proposta, moldada sobre o uso parlamentar britanico.

Maul! maul... dizemos nós, com os botões da vestia. Já, noutros tempos, se pretendeu governar á inglesa e o resultado foi desastroso...

Ha um aspecto interessante a fixar: os oradores vibram de indignação por causa do desperdicio de em tempo em *discussões parasitarias*, que é o delicioso eufemismo inventado para aplicar aos palavrosos do Parlamento; mas, os oradores gastam tempo infinito e palavras incontaveis a explicar tudo isso. Somos habitantes dum delicioso paiz, plantado de laranjeiras e alimentado de ilusões!

Mais oradores, todos empenhados na discussão urgentissima dos orçamentos: srs. Carvalho da Silva, Almeida Ribeiro (tri-repetente), Cunha Leal (que diz que as restrições á oratoria parlamentar não servem para nada e que aproveita a ocasião para expôr á Camara ideias novas ácerca dos orçamentos, sugeridas pelos resultados da Conferencia de Genova), Pereira Bastos, Alberto Xavier, (multi-repetente), Rêgo Chaves, etc.

Não se resolve nada, como já é da praxe. E passa-se á

ORDEM DO DIA

que é a continuação do debate sobre o regulamento dos três milhões esterlinos.

O sr. ministro do Comercio, que ficara com a palavra reservada, continuou a argumentação destinada a convencer a Camara de que aquele que ela já sabe, isto é, que o regulamento será aprovado com insignificantes alterações.

Outros oradores se seguirão ao sr. ministro do Comercio, mas é possivel, embora não possa afirmar-se que seja certo, que o regulamento receba hoje o beneplacito dos ilustres representantes do povo.

No Senado

Preside o sr. Pereira Osorio secretariado pelos srs. Ramos Pereira e Fernando de Almeida. Aprovam a acta 32 senadores.

ANTES DA ORDEM DO DIA

O sr. presidente propõe um voto de pezar pelo falecimento do sr. João Narciso Olivia, parente do senador sr. Silvestre Falcão, nomeado para se incorporar no funeral, uma comissão composta pelos srs. Rego Chaves, Afonso de Lemos. Dias Andrade e

A NOSSA PRIMEIRA RECAPITULAÇÃO

Os oficiais envolvidos na rêde das leis 1040 e 1244

(Campanha de "A Capital„)

Apresentam-se nesta edição popular os casos extravagantes que "A Capital" tem notificado diariamente ao publico e que transformaram a chamada depuração do Exercito numa serie de inepcias proprias do Grão-ducado de Gerolstein

Capitão José Eugenio Ribeiro de Almeida. Este oficial encontrava-se em diligencia no Porto, comandando uma companhia. Proclamou-se a monarquia e recebeu ordem de se incorporar na coluna que marchou para o sul. Tomou parte no combate de Angeja. Reimplantada a Republica foi preso e demitido pelo então ministro da guerra sr. Helder Ribeiro Entrou para a Penitenciaria de Lisboa, como civil, respondendo nessa qualidade em conselho de guerra sendo absolvido «por unanimidade». O sr. Helder Ribeiro, o ministro que o havia demitido, reintegrou-o no Exercito, punindo-o porem com 8 mezes de inatividade que cumpriu em Elvas. Já meio doido provavelmente, este oficial era positivamente uma bola neste tumultuar de decisões. E não ficou por aqui o desfilar perpetuo de situações diversas. Em virtude da lei 1040, publicada «dois anos depois», este oficial era dem tido, depois das suas prisões no Porto e na Penitenciaria, dos seus oito mezes de Elvas, depois da sua «absolvição maxima», depois de todo este fadario de Judeu Errante. Poderia supor se que a coisa ficava por aqui. Mas não. Surge a emenda, nasce a lei 1244, e o capitão Ribeiro de Almeida é reformado!

O capitão da A. M. Eduardo Napoleão Soares de Moura e Castro. Este oficial estava na Povoa do Varzim onde era tambem professor oficial. Nesta dupla qualidade fez «duas declarações por escrito», reconheceu duplamente a monarquia. Essas declarações estão juntas ao seu processo disciplinar. Nada sofreu. E é hoje de toda a nossa confiança...

Antonio Pinto, alferes de infantaria. Acatou a monarquia fazendo para isso a declaração por escrito e aos Santos Evangelhos. Cuadjuvou como ajudante do regimento todo o serviço regimental naquele periodo anormal, trabalhando para que tudo andasse como «um relogio» e não houvesse a menor hesitação no cumprimento de todas as ordens. Num dos dias da efemera monarquia em Penafiel, os srs. Fernando e Manuel Guedes, grandes proprietarios daquela cidade, deram na sua casa da Avelada uma festa noturna comemorando aquele movimento. O alferes Pinto não faltou a ela, tendo no brindo que fez esta bela imagem: «a minha espada só se desembainhará para o serviço de S. M. El-Rei e pela monarquia». Veiu a Republica e a «transformação» foi rapida... «Rapa» dum braçal verde e encarnado enfia-o no braço, e declara-se membro do comité revolucionario!!! Foi louvado em ordem regimental «pelo auxilio que prestou no lugar de ajudante do regimento para a reimplantação da Republica fazendo parte do comité revolucionario, tendo sido um dos melhores auxiliares com a sua lealdade, no que mostrou muita dedicação pela Republica». «Nota elucidativa»: Em Penafiel só houve comité revolucionario depois da reimplantação da Republica!... O «Jornal do Penafiel» orgão do partido democratico daquela cidade, publicou então uma noticia «afirmando» que aquele oficial tinha praticado «tudo aquilo» como «espião», e pelo seu grande amor á Republica!!! Este truc foi largamente explorado na defesa de muitos oficiais comprometidos, truc que nos «bonitos meninos» bons resultados produziu... Este oficial é hoje tenente e continua como ajudante do regimento de infantaria 32. Este sim, este é que é dos nossos...

Capitães de infantaria Pedro de Andrade Piçarra e Gouveia e Jaime Rodolfo Novais e Silva. Pertenciam ambos estes oficiais á Guarda Republicana do Porto tomando ambos parte na proclamação da monarquia. Continuaram na Guarda, então «Guarda Real», com «coroa e tudo» nos bonets. Os seus autos foram arquivados! São de confiança porque o primeiro faz serviço actualmente no ministerio da guerra e o segundo encontra-se arregimentado na Figueira da Foz.

Fernão Couceiro da Costa, alferes de cavalaria ao tempo dos acontecimentos do Norte, hoje tenente. Este oficial fez parte da coluna do tenente-coronel Corte Real Machado que se bateu no sul com as tropas republicanas em varios combates. Não teve o menor castigo. Este oficial é sobrinho do nosso ministro sr. Couceiro da Costa.

Manuel Joaquim Camelo major reformado do exercito colonial. Este oficial jurou «por escrito» e aos Santos Evangelhos aderir á monarquia, o que realmente fez de alma e coração... Andou de coroa no bonet e não foram poucas as que ofereceu aos seus camaradas... para eles não gastarem dinheiro... Tomou parte em todas as manifestações oficiais e particulares que se fizeram em Penafiel assistindo ás exequias de D. Carlos e de D. Luiz Filipe, no dia 1 de Fevereiro, ajudando a missa «fardado», como sacristão... Nada sofreu. Teve bons padrinhos nos mandões da terra, o que lhe não levamos a mal, tendo como recompensa dos serviços prestados o ser nomeado para a Taxa militar no distrito de recrutamento 32, lugar que actualmente exerce a contento de todos...

Alferes da A. M. Antonio Vaz de Almeida. Este oficial depois da reimplantação da Republica no norte esteve preso 125 dias, punido depois com tres mezes de inactividade, e agora pela lei 1244 foi reformado! O seu comandante Joaquim da Silva Geraldo, major da Administração Militar, comandava o 3.º grupo da Companhia da Administração Militar na Povoa do Varzim. Deu todas as ordens de serviço ao alferes, que apenas as cumpriu. Pois o alferes «apanhou» e «apanha tudo», e o comandante «que é dos nossos», nada sofreu sendo nomeado «como recompensa» inspector dos Serviços Administrativos da 4.a Divisão. Passado um ano requereu a reforma, gosando actualmente os prazeres do descanso e da tranquilidade bem adquiridos... Não o censuramos por isso.

Capitão, hoje major, Fernando Pedro Alfaio de Chelmicki da Administração Militar. Este oficial era capitão, e no Porto durante o tempo em que ali esteve a monarquia, fez, por conta da Junta Governativa, compra e distribuição de fardamento para as tropas, organisou comboios de viveres destinados ás colunas que combatiam as forças republicanas. Nada sofreu! Foi louvado por ordem da 3.a Divisão!!! E está actualmente em Lisboa na 2.a Repartição do Ministerio da Guerra!

Alferes Joaquim da Fonseca Patacas, da Administração Militar. Era o ajudante do major Chelmicki, coadjuvando-o portanto em todos os serviços de que aquele oficial foi encarregado. Nada sofreu como aconteceu ao seu hierarquico superior!

Tenente coronel de infantaria Acacio Mengo de Abreu. Este oficial estava no Estado Maior e em virtude da ordem da Junta Governativa fez a sua declaração de acatamento ao novo estado de coisas, como de resto o fizeram centenas de individuos. A sua declaração «foi o unico delicto com ela» mas como não fez desaparecer mais tarde a sua declaração, «como tantos outros e fizeram», foi punido com 4 mezes de inactividade e pela lei 1244 foi reformado!

O alferes de infantaria Carlos Manuel Teixeira Malheiro, chegado á França e passados uns meses, sem que tivesse so menos ouvido o troar do canhão, por não ter passado da Base, é reformado: Regressa a Portugal, e em virtude duma nova lei do paiz, (1917-1918), vai á junta medica e volta ao serviço activo. Quando se proclamou a monarquia no norte, aderiu a ela «com todas as véras da sua alma», num acatamento «por escrito e aos Santos Evangelhos», pelo que lhe é levantado o respectivo processo disciplinar. Qual foi a recompensa que o sr. ministro da guerra de então, lhe deu pelos seus relevantes serviços á Patria, á Republica, á Monarquia e novamente á Republica? Mandou-lhe arquivar o processo, encontra-se actualmente ao serviço, e nada sofreu! Este é dos nossos... e sempre nossos...

O tenente d'infantaria João Herminio Barbosa, tem 24 anos de serviços prestados na Africa e toda a campanha da França, pelos quais lhe resultou ser «apenas» condecorado: «Torre Espada do Valor, Lealdade e Merito (oficial)—Duas cruzes de guerra — Medalha de bons serviços—Medalha da Victoria—Medalha de prata de exemplar comportamento—Medalha comemorativa das Campanhas—Medalha 9 de abril—Distintivo do valor militar, e uma serie de louvores, um dos quais por ter praticado em Campanha, actos de que resultaram beneficios para a «Patria e Humanidade». Este oficial, como na quasi totalidade os que se encontravam no norte a quando dos acontecimentos politicos monarquicos de 1919, viram-se envolvidos nesses acontecimentos, sem os terem aconselhado ou fomentado, mas coagidos pela força das circunstancias a acatarem, e cumprirem as ordens superiores que recebiam, por se encontrarem arregimentados. Como a todos sucedeu, pelo mesmo delicto politico, e em face da legislação «ultra novissima», foi lhe levantado um auto de corpo de delicto, e um processo disciplinar, isto é, «duas redes», para que «o peixe» não podesse escapar... Em virtude do auto respondeu em conselho de guerra e ficou absolvido «por unanimidade».

Vamos á outra rede: processo disciplinar. Qual a recompensa dos serviços por este oficial prestados? Foi pelo ministro da Guerra de então «na rede que lhe restava», punido com a pena de uns mezes de inatividade. Este oficial, cumprida a penalidade, volta ao serviço, o qual prestou com boas informações; mas vem a celebre lei 1040, lança o para o Estado Maior da arma ha perto de 2 anos, cerceando os vencimentos a quem tem a seu cargo mulher e 9 filhos, o que motivou ser lhe concedido, enquanto esteve na inactividade, a pensão da Torre e Espada com que é condecorado. Depois de 2 anos numa situação de incertezas e mal definida, aparece lhe agora a «emenda pior que o soneto» da lei 1244 que o reforma, por não ter sido, como tantos ou ros, «persona grata», e os servi os prestados não serem de naturesa politica! Este... não é dos nossos...

Major de infanteria Afonso Henriques Barbeitos Pinto. Este oficial, durante a monarquia comandou o regimento de infanteria 9, assumindo o comando militar de Lamego. Assistiu ás exequias por alma de D. Carlos e principe D. Luiz Filipe; forneceu forças e dirigiu combates contra as forças republicanas; perseguiu sargentos e musicos mandando-os presos para a casa de reclusão do Porto, «por serem republicanos». Devido a grandes influencias politicas não foi punido e hoje comanda um batalhão isolado em Barcelos. E' de confiança.

Alferes de infanteria Francisco Cardoso e Silva. Este oficial não é dos protegidos, foi punido com quatro mezes de enatividade e foi reformado em virtude da lei 1244. A falta cometida foi ter em 23 de Janeiro de 1919, tomado parte numa formatura dum batalhão que prestou honras á bandeira monarquica. Este oficial «provou» que foi nomeado em virtude da ordem regimental, cuja copia juntou ao processo, e em que se vê, «pela redação dessa mesma ordem», que a formatura não era para aquele fim, sabendo-se extra-oficialmente que era para uma revista de fardamento. Sete oficiais que tomaram parte nessa formatura não foram punidos!

O chefe de musica Antonio Romano, de infantaria 18, foi punido com trez mezes de inactividade e foi agora reformado pela lei 1244. Cometeu o «crime» de «por ordem superior» mandar tocar á banda regimental o hino da Carta na ocasião em que se prestava as honras á bandeira monarquica.

Chefe de musica Augusto Guerreiro Alves. Era do regimento de infantaria 32, praticou egual «crime» com a agravante de «por sua livre vontade» incorporar-se numa manifestação monarquica que percorreu as ruas de Penafiel com vivório e foguetorio! «Foi-lhe arquivado o processo por falta de fundamento!!!». Fez-se revolucionario quando se implantou a Republica e conseguiu ser louvado em «Ordem regimental por ter prestado serviços á Republica!!!»

Alferes da Administração Militar Antonio Seixas Alves Pires. Tinha regressado de França de licença este oficial, tendo-lhe sido ordenado ir fazer serviço no 3.º Grupo de Administração Militar na Povoa do Varzim. Passados dias após a proclamação da monarquia no norte, foi lhe passada guia de marcha para se apresentar no comando da 3.a Divisão. Cumpriu a ordem do seu legitimo superior e a Divisão mandou o apresentar na Inspecção dos Serviços Administrativos afim de fazer o serviço de processos. Passados dias ordenaram lhe que acompanhasse um comboio com generos da estação das Devezas para a de Estarreja. Por somente cumprir ordens como oficial disciplinado que sempre foi, esteve preso 90 dias. Foi punido com 6 mezes de inactividade e agora pela lei 1244 foi reformado! Tambem não é dos nossos...

Manuel Leal de Magalhães tenente coronel de infantaria. Era este oficial 2.º comandante de infantaria 20. Veiu a monarquia e continuou o serviço aderindo a ela. Andou de coroa no bonet, convocou as classes licenceadas para que não faltassem homens para defender as novas instituições. Determinou aos seus subordinados a entrega da declaração de acatamento á causa monarquica como se prova pela nota que se enviou ao tenente do seu regimento João Herminio Barbosa «que está assinada pelo seu proprio punho» e se encontra junto ao auto que se levantou a este oficial para ele poder provar que não cumpriu tal ordem apesar de a ter recebido «por escrito» para o fazer. Foi, emfim, um bom auxiliar... Como recompensa foi nomeado comandante da Guarda Republicana em seguida ao 13 de fevereiro. Apostamos que ninguem põe em duvida o seu republicanismo desde menino e moço...

Joaquim Jacinto Figueiras tenente chefe de musica. Era chefe de banda da Guarda Republicana no Porto no tempo de Paiva Couceiro. O «seu crime» foi cumprir as ordens do seu comandante continuando a reger a banda. Este «terrivel» desacato foi punido com tres meses de inactividade e foi agora reformado!

Eugenio Ivo de Parada e Silva Leitão capitão de infantaria. Ao proclamar se a monarquia aderiu a ela fazendo a declaração «por escrito» ao novo regimen, declaração que está junta ao seu processo e irrefragavelmente clara. Em seguida á reimplantação da Republica conseguiu «arrancar» o seguinte louvor em ordem regimental:—«Louvado pela sua dedicação á Republica e espirito de sacrificio de que deu provas, pedindo a sua demissão de oficial do exercito logo em seguida á restauração da monarquia e como não lhe fosse aceite declarou que não assumia o comando de tropas contra forças republicanas, começando desde então a organisar elementos republicanos para derrubar a monarquia, tendo sido aclamado comandante do regimento a seguir ao movimento revolucionario de 13 de fevereiro».—Nota elucidativa: Nunca pediu a sua demissão de oficial porque não aparaceu tal declaração como se prova pelas declarações dos seus camaradas, não comandou forças porque lhe não pertenceu, visto o comandante com o maximo escrupulo só ter feito nomeações «por escala» sem indagar se o nomeado era monarquico ou republicano, ninguem soube até hoje que elementos organisou para derrubar a monarquia, ninguem o aclamou comandante do regimento de infantaria 32, ele é que se aclamou, bem assim o tenente coronel Manuel Mesquita Monteiro que chegou a mandar um telegrama para a divisão nesse sentido não tendo nem um nem outro assumido esse comando por serem demasiadamente «forta cores»... O resto do louvor... está certo... Pois está hoje na Guarda Fiscal é de confiança, e podem contar com ele para tudo... e mais alguma coisa...

O major reformado Antonio José Pires Moreira fazia serviço na companhia de saude no Porto, quando da proclamação da monarquia. Não se salientou em coisa alguma, aderindo ás novas instituições «como todos». Foi punido com 9 mezes de inactividade, esteve preso no Porto 123 dias, e agora pela lei 1244 são-lhe cerceados os vencimentos de oficial reformado.

O chefe do precedente tenente coronel medico Antonio da Cunha Prelada que dava as ordens mas que soube «jogar de portas», tendo um pé na Republica e outro na monarquia nada sofreu. Diz ele que o mundo não se fez para os tolos... E' hoje sub-chefe dos serviços de saude da 3.ª Divisão do Exercito.

Alfredo Augusto Ribeiro da Fonseca, capitão de reserva. Este oficial ao ser proclamada a monarquia no Porto apresentou-se a Paiva Couceiro e apesar de revolucionario de 5 de outubro deu-se como perseguido pela Republica e preterido na promoção pelo que foi mandado apresentar em infantaria 18 «pondo os galões de major»! Magnifico! Ao voltar da Republica «tirou os galões de major» e com este «tira» e com este «põe», conseguiu atestados que lhe fizeram «arquivar» o processo continuando no serviço efectivo. Reformou-se voluntariamente tempos depois...

Antonio Ribeiro da Silva, alferes de infantaria. Este oficial encontrava-se de licença de campanha em Penafiel. Regressára de França bastante doente e gazeado. Recebeu ordem de se apresentar no regimento sendo nomeado subalterno duma companhia que marchou para Vila Real. Foi punido com os seguintes castigos: 1.º 6 meses de inactividade; 2.º 1 mez de prisão correcional; 3.º tendo-lhe sido aplicada a lei 1040, por ter estado na guerra, «foi simplesmente» reformado, porque «se não tivesse tido a sorte» de ter estado em França «era simplesmente demitido»; 4.º com a lei 1244 são-lhe cerceados os vencimentos que tinha como reformado, porque aquela lei, para ainda a tornar mais odiosa, diz que não é aplicado aos oficiais reformados em virtude da lei 1040, o disposto na lei 1039! O seu antigo comandante do regimento, tenente-coronel Alexandre Carneiro Pinto, que não esteve em França, foi-lhe arquivado o auto disciplinar, punido com trez meses de prisão correcional, e agora reformado. Este oficial proclamou a monarquia com toda a solenidade no quartel, assistiu a festas, deu ordens oficiais, fez sair todas as forças requisitadas, etc.; etc. O seu comandante de divisão, coronel Henrique Batista da Silva que deu ordens para toda a divisão, durante algum tempo em que a monarquia esteve no norte, e que não esteve na França, foi punido sómente com a reforma! O pobre do subalterno que apenas cumpriu ordens apanhou «a metralha toda». O comandante do regimento que «o nomeou», e o comandante da divisão que «requisitou a força», e que eram protegidos tiveram penas muito menores.

Alferes Joaquim Ferreira da Silva, de infantaria 20, fez parte como subalterno, duma companhia que combateu contra as forças republicanas. Esteve algum tempo preso, mas como «teve bons padrinhos», foi tudo «abafado» e nada sofreu continuando a fazer serviço no seu regimento e com certeza que «é de confiança». Este oficial é miliciano e todos os outros seus camaradas milicianos que cometeram faltas muito menores foram «todos demetidos» em virtude da lei 1244.

Inacio Chumbo, tenente de infantaria. Era este oficial da guarnição do Porto quando ali foi proclamada a monarquia, combateu em Estarreja contra as tropas republicanas. Reimplantada a Republica nomeou-se a si proprio comandante de infantaria 6 publicando uma ordem regimental proclamando a Republica! Foi-lhe levantado um processo que «foi mandado arquivar» encontrando-se actualmente este oficial arregimentado em Tomar. E é de confiados!

Alferes Alfredo Temudo Corte Real e Domingos Martins Romão. Estes oficiais eram ambos de infantaria 32 quando ali se proclamou a monarquia. O primeiro fez parte da «Juntinha». Aderiram ao «novo sol que aparecia para nos salvar» segundo a opinião do primeiro... Assistiram a todas as festanças oficiais e extraoficiais que se faziam em Penafiel todos os dias. Fizeram a declaração «por escrito» de acatamento á monarquia e passagem ao quadro permanente, visto serem milicianos, que esta declaração envolvia. Quando se reimplantou a Republica «armaram» em revolucionarios, e como naturalmente provaram ter sido republicanos desde nascença, nada sofreram! São ambos oficiais milicianos. O primeiro está em Lisboa, o segundo no Porto, em infantaria 6, e pela lei 1244 «todos» os milicianos com muitissimo menos responsabilidades que estes oficiais, foram demitidos.

Joaquim Jeronimo Cordeiro de Brito Faria, capitão, hoje major de infantaria. Este oficial estava no Porto quando se proclamou a monarquia. Aderiu a ela, «andou de coroa real no bonet», prestou os seus serviços no quartel general da 3.ª divisão com o coronel Accioli, hoje demitido para que tudo «corresse bem...» Nada sofreu... Teve bons padrinhos...

Agostinho Alves, tenente da A. M. Encontrava-se arregimentado na Povoa do Varzim. O seu regimento, pela voz do seu comandante, major Silva Geraldo e por ordens «escritas e verbais» deste senhor emanadas, aderia á monarquia. O tenente foi punido com 3 mezes de inactividade que cumpriu em Elvas, e agora pela lei 1244 foi reformado! O comandante nada sofreu! E' de confiança.

Capitão de infantaria Antonio da Cruz Junior. Este oficial estava arregimentado em infantaria 32 quando a cidade soube da proclamação da monarquia no Porto e a ela aderiu tambem. O comandante de infantaria 32 proclamou então a monarquia das janelas do quartel, mandou convocar as reservas, desembestou com tremendo aparato belico, bandeiras, hinos, toda a lira e harpa completa. Passados porem 10 dias, ou por estar mal de saude ou por outro motivo que de facto não vem a talho da fouce, este comandante deu parte de doente. E o oficial mais antigo, o capitão Cruz Junior, assumiu o comando, agarrou se desesperadamente ao telegrafo, preveniu do facto a 3.ª divisão de que dependia, reclamando novo coronel, novo comandante. E de facto horas depois aparecia vindo do Porto, uma outra vitima, que estando de licença de campanha, tinha sido intimada a recolher ao regimento depois de uns dias de demora, que a custo conseguira, e que, por ser mais graduado teve de assumir o comando interino. O primitivo comandante tenente-coronel Alexandre Carneiro Pinto, o que proclamou o que convocou, o que acedeu, o que se conformou logo, viu arquivado o seu processo disciplinar e nem pena disciplinar lhe aplicaram. O capitão Cruz Junior que, pela força das circunstancias e obedecendo a uma disposição militar teve do contra-ventade, comandar o regimento durante horas apenas foi punido com 3 meses de inactividade! E agora pela lei 1244 foi reformado! Este oficial combateu em Africa contra os alemães de quem esteve prisioneiro. Bonita paga de serviços á Patria!

A lei que se publicou apoz a reimplantação da Republica no norte, dava atribuições ao ministro da Guerra para aplicar os seguintes castigos: Inatividade Reforma, Separação do serviço e Demissão. Entre outras anomalias deu-se a seguinte: O coronel Henrique Batista da Silva foi comandante da 3.ª divisão durante algum tempo em que esteve implantada a monarquia no norte. Foi punido com a «reforma». Entendeu o ministro da Guerra que a sua falta merecia a «segunda penalidade». O major medico Antero Augusto Ferreira de Magalhães, cuja falta foi continuar a prestar os serviços clinicos sem se preocupar com monarquia ou republica, foi punido com 3 meses de inatividade, «primeira penalidade». Vem a lei 1244 que não atinge o coronel Batista, mas atinge o seu subordinado major Magalhães, «reformando-o». O oficial que cometeu menor falta, na opinião do ministro da Guerra que estudou os processos, «é punido duas vezes», o que cometeu maior falta, tendo exercido um logar de destaque, na opinião do mesmo ministro, «é punido uma vez!»

Capitão de infantaria 8 Francisco Lopes. Este oficial comandou uma companhia composta de praças dos regimentos de infantaria 8 e 29 que saindo de Braga foi para Caminha e Viana do Castelo, guarnecer o litoral desde Esposende á Povoa de Varzim, afim de evitar o desembarque das forças republicanas. Não teve castigo algum. E' tambem «dos nossos...»

Tenente de infantaria 3, Guilherme da Purificação Mendes. Marchou com uma companhia de Viana do Castelo para Estarreja onde combateu contra as forças republicanas. Tambem não sofreu castigo algum. E' sustentaculo... dos venha a nós...

O major Manuel de Oliveira Serrano do quadro auxiliar, estava em Penafiel quando se proclamou a monarquia. Fez a declaração de adesão, tomou parte no cortejo que percorreu as ruas da cidade com vivorio e foguetorio! Embandeirou as janelas da sua casa com bandeiras só azues e brancas. Iluminou-as com lampadas azues e brancas. Arranjou atestados dos democraticos da terra, em como era antigo e bom republicano... Nada sofreu e a Republica pode abertamente contar com ele... e bem assim a monarquia se cá voltar...

Manuel Silvestre Vilhena, coronel de infantaria. Encontrava-se em Penafiel no Estado Maior. Fez a declaração por escrito de adesão á monarquia. Engalanou as janelas da sua casa com bandeiras azues e brancas, e iluminou-as com profusão de luzes. Nada sofreu por ser amigo dos democraticos da terra, que muito lhe deviam, quando foi presidente das juntas de inspeção. Foi arvorado em oficial sindicante, e devido a ele muitos oficiais foram presos e condenados...

José Antonio de Oliveira Bastos, alferes de infantaria. Comandou forças que saíram de Barcelos para a Regoa e daqui para Lamego para combater tropas republicanas. Tambem não sofreu castigo algum. «E' dos nossos...»

José Alves de Sousa Cardoso, tenente coronel do quadro de reserva. Entrou no quartel de cavalaria 9, a cujo efectivo ainda pertencia, na ocasião em que o clarim tocava a selar, e perguntando o que havia responderam-lhe que se tratava duma formatura para a recepção do ministro da Guerra. Embora estranhasse a alteração, entrou no quartel onde encontrou já montada a força disponivel do regimento e arreado o seu cavalo. Quando se preparava para montar foi chamado á secretaria e ahi informado de que estava restaurada a monarquia em Lisboa, Santarem, Coimbra, Vizeu e outras cidades, devendo por determinação superior confirmar-se o referido acto em parada geral no Monte Pedral, para o qual convergia naquele momento toda a guarnição do Porto. Seguiu, pois, para o local indicado, persuadido de que procedia correctamente e com a sua habitual subordinação, assistindo pacificamente (sem exercer quais funções) á cerimonia que se celebrava e da qual pouco ou nada percebia devido á grande distancia a que se encontrava do ponto principal. Por esta naturalissima manifestação de obediencia, foi preso demitido, separado do serviço com 50 0/0 de vencimento, preso novamente, submetido a conselho de guerra e punido por este (apesar de nenhuma testemunha o acusar) com 5 mezes de prisão correcional, demitido segunda vez pela famosa lei 1040.

Antonio Fernandes, era capitão do Secretariado Militar, chefe da 2.ª repartição do quartel general da 3.ª divisão. Quando foi proclamada a monarquia exercia aquele logar, continuando a executal-o a contento da junta governativa que nele tinha absoluta confiança. Em nada foi incomodado, dizendo-se abertamente que assim aconteceu por ter tido a sorte de ter um filho, segundo sargento, que estava filiado no revolucionario Grupo da Nau Catrineta do Norte. Olha se não fosse... não teriamos a lamentar mais uma victima das leis 1040 e 1244? Felizmente que tal não aconteceu, e aquele oficial é hoje major.

Zeferino Antonio Monteiro Falcão, tenente-coronel da Administração Militar. Como o seu camarada anterior, este oficial fazia serviço no quartel general da 3.ª divisão como chefe dos serviços administrativos. Proclamada a monarquia aderiu a ela, continuando a exercer o mesmo logar, não tendo havido a menor alteração nos serviços correndo tudo na melhor ordem, merecendo rasgados elogios de Paiva Couceiro. Reimplantada a Republica foi-lhe levantado um auto, que em nada o incomodou, porque continuou, a exercer o mesmo logar, auto que por fim foi mandado arquivar! Este oficial reformou-se depois, gosando o descanço em Chaves, sua terra natal.

Alferes Veiga Cabral da A. M. Este oficial foi director da sucursal da Manutenção Militar no Porto, quando da monarquia. Era o que dirigia todos os serviços na Sucursal, fornecendo o pão para as tropas monarquicas. Nada sofreu! Este é dos nossos...

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

O CASAL

por JULIO CEZAR MACHADO

I

Aqui vai uma historia entre dois copos de cognac.

Quando principiou a contar-ma, encheu o primeiro, dos dois, e: — Ouviste-a no teatro, muitas vezes, disse-me êle, e cuido lembrar-me ter-te encontrado num entre-acto, no seu camarim. Nem da sua voz, nem da sua beleza, precisas que eu te fale. Quem, depois de a escutar uma vez, esqueceria o tom mavioso e melancolico do seu canto? — alguma coisa de triste e poetico como um raio de lua por entre uma chuva de lagrimas! Quando ela conversava, quando desprendia a prosa humilde dos mortais, em frases mais ou menos graciosas, não reparaste nunca que o orgão da sua voz conservava a mesma melodia do canto, ainda que frouxa e debil? Depois, se nos dizia um segredo ao ouvido, o bichanar daquela voz prestigiosa, que ainda na vespera enchera o teatro com o ruido esplendido das suas *volatas*, era tão meigo e tão suave, que parecia escutar-se o som melifluo e encantador do adejar de uma pomba ou de uma fada! Pois bem, meu amigo, essa mulher perdeu-me, e perdeu-me quando me salvou! Nunca mais poderei amar. O seu caracter foi sempre para mim um segredo: ainda hoje o é. No verdor da vida e das esperanças, ela não tinha mesmo ás vezes um sorriso para pagar á gloria os sorrisos que ela lhe dava; noutras ocasiões, por qualquer nada, era uma alegria, um capricho de ideias, um frenesi de gargalhadas! A criança mais louca não faria metade. Tudo então a entretinha, tudo lhe parecia sedutor e azul. Esperava-se instantes e voltava a inquietação, o espirito triste, a distracção quasi insultadora. Preguntava cada um a si mesmo, nessa hora, se haveria apenas fantasia naquele humor caprichoso, ou se eram os desvarios de uma imaginação febril e docente? Fui-lhe apresentado por um amigo que lhe disse não ter ela em Lisboa um mais fervoroso admirador do que eu. Isto não era verdade então, mas foi verdade depois: porque, não sei; o certo é que depois dêsse dia preguntei maravilhado a mim proprio, sempre que a aplaudia num frenesi de entusiasmo, se ela era apenas uma grande artista, se uma mulher que eu amava!

O amor tem o quer que é de crime; ou uma pessoa ama como quem se perde, ou não sente o amor. A minha consciencia principiava a ter medo; mas, para dizer a verdade, havia uma força oculta que me impelia para pensar naquela mulher, ao passo que um recato inexplicavelmente melindroso sabia impedir-me de falar nela aos indiferentes. Todos os dias a visitava, e passavamos horas a conversar de musica; ela gostava de me contrariar nas minhas predilecções, e quanto mais eu insistia, mais ela teimava, dando-se o ar de amuo de uma criança ofendida nos seus caprichos. A' noite, como tinha sempre o seu mundo de cortezãos a adorá-la em casa quando não havia teatro, era-me impossivel alcançar do seu espirito a original confiança de ideias que só sabia dar á intimidade; conservava-me ali como os outros a conversar de futilidades que se repetiam cada hora, e que quasi sempre, como é vulgar aos artistas, tinham por assunto as intrigas do palco. Eu não conhecia nenhuma das outras cantoras dessa estação, a Varenzi, ou a Giannoni; mas, a poder de ouvir falar delas, já eu proprio descrevia e analisava os actos mais particulares da sua vida como se me interessasse pela sua existencia e vivesse entre a gente da sua condição. Amar uma *prima-donna*, tem isso de mau, amigo; identifica-se um homem com aquela natureza e destinos, e principia a sentir-se cantor... excepto a voz! As Leonoras, Lucias, as Saphos da scena lirica deixam ficar no camarim a alma, a poesia e o genio; em casa, são umas afaveis criaturas, que entretêm com as visitas longas dissertações sobre os segredos da veneziana *polenta*, ou sobre as astucias de caracter da cantora rival, que alcançam da empresa óperas que lhe não pertenceu; é um mundo de coisas aviltantes e penosas, onde a calunia de D. Basilio marcha num *crescendo* impiedoso. Dizem tudo com uns ares adoravelmente apaixonados, maneiras tentadoras, ondulações de gata namorada, suspiros flauteados e atitudes melancolicas; chega-se a considerá-las vitimas ignoradas; grandes genios que os empresarios não entendem! e indignamo-nos contra as outras cantoras, acusando-as de desafinarem! de terem três amantes! de serem tisicas como visões! ou, se são gordas, de terem pernas que parecem pés de elefante... com meias! de não saberem dizer a frase! de terem dentes postiços! de haverem sido lavadeiras de um *maestro* que as fez cantoras! de serem mais feias fora da scena do que Medusa com a cabeleira de viboras!

A indole de Angiolina não era essa, todavia, habituara-se a ser assim, como eu me habituei a ela tambem; um genio imprudente e franco, é o que ela era; conhecia-se isto nas suas predilecções, nos seus caprichos, nos seus impetos ao acaso; é a unica italiana que eu tenho visto gostar de toiros! Mas, gostar de que forma, com que entusiasmo, com que ardor! Já de vespera um inquieto frenesi a agitava: — Amanhã! dizia-me ela, ámanhã! Oh! que o dia esteja esplendido como a festa! Que o sol doire a praça! Que um ceu azul sorria por cima das nossas cabeças! Que tudo seja belo e grande nesta tarde que vale um dia, neste dia que vale um ano! a turba se precipite em torrentes, e encha até as trincheiras falsas! Que ninguem chegue a um lugar qualquer sem se estribar nas mãos, nos pés, nos cotovelos! Que uma liberdade inquieta e nervosa dê á festa a sua feição de tumultuosa alegria! Que todos falem, gritem e apostrofem, esmagando-se uns aos outros com um solene despreso pelas leis fisicas! Que morram amanhã, que morram! E ria como louca, e como louca pulava, tiroteando um trecho de aria, depois uma serenata de gondoleiros, depois alguma cançoneta melancolica de umas que ela sabia, que eu nunca ouvi a mais ninguem. A tristeza, assim como a alegria daquela rapariga, tinham o quer que é de fantastico; muitas vezes me lembrei, a olhar para ela, dos talismans das lendas; tinha, entre outros artificios, o segredo de quebrar a sua tristeza quando queria, e ficar alegre e risonha, como se atirasse ao mar em vaso fechado com o sêlo magico, que nenhum espirito quebra, o genio da melancolia, que os pescadores das *Mil e uma noites* deixam escapar da entre-aberta urna em turbilhões de fumo negro!

O primeiro passo dado na carreira dos meus amores, foi mudar a hora de fazer visita a Angiolina. Pobre anjo, tinha tão pouco tempo para poder conceder-me, que era preciso que eu pela minha parte estivesse á mira dos instantes que lhe não fizessem falta. Como repartia ela o dia? Oh! Parece um milagre, para o quanto êle lhe chegava! O seu *maestro* ia procurá-la todas as manhãs para uma lição de exercicio; das duas ás quatro horas, ia passear; jantava ás cinco, e os ensaios ou as recitas tomavam-lhe a noite; — que tempo podia ficar para mim em toda esta marcha incessante, senão a rapida hora em que ao voltar do seu passeio dispunha de alguns minutos antes de ir para a mesa? Por ésses minutos, alterava eu o meu dia inteiro muitas vezes...

Houve neste ponto uma pausa, e êle encheu o segundo copo.

Por ésses minutos alterava eu o meu dia inteiro muitas vezes, é certo — continuou êle — e corria avido a pedir-lhe um sorriso, em troca de fazer esperar um amigo, em troca de esquecer um negocio, em troca do jantar com minha mãe, que eu lhe sacrificava a ela! Tudo isto era acolhido entre duas *volatas*, recebendo-me pelo *Vieni, Arturo!* dos *Puritanos*, despedindo-me pelo *Addio* do *Rigoletto*: um recitativo entremeava éstes trechos.

(Conclue depois de amanhã)

PINTO & SOTTO MAYOR

BANQUEIROS

LISBOA-PORTO

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

— BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL —

LISBOA	PORTO
R. do Ouo, 18 a 24	28, Paça da Liberdade, 29
Rua do Comercio, 136 a 140	

Mario Duarte
Cirurgia da boca e dentes
P. RESTAURADORES, 13
Telef. 914 C.

Agua de CALDELLAS

BANDEIRA DE MELLO, L.^DA

Rua Augusta, 75, 1.º e 2.º

Banco Nacional Ultramarino

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Séde em Lisboa R. do Comercio—Agencia em Lisboa-C. Sodré

Cap.tal Social Esc. 48.000.000$00
Capital Realisado Esc. 24.000.000$00
Reservas Esc. 26.000.000$00

FILIAIS NO CONTINENTE—Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Mirandela, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Povoa de Varzin, Regoa, Santarem, Silves, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real e Viseu.
FILIAIS NAS ILHAS—Funchal, Ponta Delgada, e Angra do Heroismo.
FILIAIS NO ESTRANGEIRO—Paris Rue do Helder, 8, Londres 27 B Throgmorton Street, New York 28 Liberty Street.
FILIAIS NAS COLONIAS—S. Vicente e S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, S. Tomé, Principe, Cabinda Kinshassa (Congo Belga), Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Belmonte (Bihé), Mossamedes, Lubango, Lourenço Marques, Inhambane, Beira, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique, Ibo, Mormugão, Nova Gôa, Bombaim (India Ingleza), Macau e Dilly.
FILIAIS NO BRAZIL—Rio de Janeiro, Campos, S. Paulo, Santos, Bahia, Pernambuco, Para'iba, Pará e Manaus.

Recomendam-se ás Filiais deste Banco no Brazil para os saques sobre qualquer localidade de Portugal, Correspondentes nas principais localidades do Continente e Ilhas Adjacentes e em todas as cidades do mundo, operações bancarias de todos os generos, compra e venda de saques, notas e moedas estrangeiras, coupons, operações de Bolsa, cartas de credito directas ou circulares sobre as colonias e todos os paizes do mundo.

Banco Colonial Português

Séde: — Rua Aurea, 175 a 191

LISBOA

Sucursais:

PORTO — Casa Pinto & Sotto Mayor
RIO DE JANEIRO — Banco Português e Brasileiro

TELEGR. — **Procolonia**

CAPITAL AUTORIZADO: Escudos 100.000:000$
CAPITAL EMITIDO: Escudos 10.000:000$

SUCURSAIS NA AFRICA OCIDENTAL e ORIENTAL PORTUGUESA

Correspondentes em todas as localidades do continente, Ilhas e em todas as praças estrangeiras

Efectua todas as operações bancarias: descontos, transferencias, depositos á ordem e a prazo em moeda nacional e estrangeira, contas correntes, compra e venda de cambiais e de moedas e notas estrangeiras, pagamento por ordem telegrafica e por correspondencia, cartas de credito, ordens de bolsa no País e no estrangeiro, compra e cobrança de coupons, emprestimos caucionados, transacções sobre mercadorias, etc.

Sociedade Industrial de Adubos, Pêlos e Grudes, Limitada

Séde em Lisboa—Rua da Prata, 59, 2.º
Endereço telegrafico: JOSELIA

TELEFONES: Séde — Central, n.º 2293
Fabricas — Paio Pires nº 16
Armazens — Poço do Bispo, nº 2[illegible]

FILIAIS: No Porto, Rua de Santa Catarina, n.º 168, 2.º
Em Pampilhosa do Botão, Estrada da Mealhada
FABRICAS: No Seixal, "Moinho do Breyner"
DEPOSITOS: Lisboa, Poço do Bispo, Porto, Rio Tinto, Runa, Pampilhosa do Botão e Leiria
AGENCIAS: Em varios pontos do país

Fabricação especial de adubos compostos de todas as qualidades e para todas as culturas

Superfosfatos, sulfato de amonio, nitrato de sodio, fosfato Tomaz, sais potassicos, guanos e farinhas de peixe

Productora e fornecedora das melhores purgueiras do mercado

Sulfatos de cobre e de ferro e enxofres

Consultas e informações gratuitas sobre todos os assuntos agricolas.

No proprio interesse dos srs. lavradores aconselhamolos a não fecharem as suas compras sem primeiro nos consultarem.

EXCELENTES RESULTADOS

Anibal Neves, Limit.

Rua da Prata, 242 a 248 — Rua de Santa Justa, 26 a 32

Telef. 3040 C. — **LISBOA** — Teleg.: *Vapor*

SECÇÃO TECNICA

Fornecimentos de maquinas e ferramentas para todas as industrias

Instalações de fabricas e centraes de força

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS de:

Maschinenfabrik Badenia Weinheim (Alemanha)
Locomoveis e semi-fixas de todas as potencias

Saechsische Turbinenbau Und Maschinenfabrik, Meissen (Alemanha)
Turbinas, instalações de cerâmica, etc.

Usines Bednowée S. A. Liége (Belgica)
Bombas e compressores

Storebro Aktiebolag. Storebro (Suecia)
Maquinas-ferramentas

Badal & C.º Dresden (Alemanha)
Aparelhos de elevação e transporte

Franz Sieper Remscheid (Alemanha)
Ferramentas para industrias e oficios

Berna Lorries, Limited Olten (Suissa)
Camions, tractores de estrada e agricolas, carros de reboque

Edoardo Bianchi S. A. Milão (Italia)
Automoveis, motos e bicicletes

POÇOS ARTESIANOS
Abertura de poços, trabalhos de irrigação

OFICINAS
de reparação de automoveis, construções mecanicas e metalicas, soldadura autogenea

SECÇÃO DE IMPORT E EXPORT
Materias primas, materiaes de construção, tintas, vernizes, productos quimicos, ...

SECÇÃO CORKY
Pavimentos sem fendas de superior qualidade. Isolamentos para instalações de vapor e frigorificas

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

N.º 4077—12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redação e Administração — R. do Norte, 5

LISBOA — Sabado, 13 de Maio de 1922

Telefone n. 2293—Endereço tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Boa, 71 — Preço 10 centavos

O governo e o exercito

Hontem, na Camara dos Deputados, travou-se um importante debate sobre a calamitosa situação economica dos oficiais do Exercito. O sr. Pereira Bastos citou factos pelos quais se prova que essa oficialidade não vive só com dificuldades, porque já luota com uma miseria atroz, e extranhou que o sr. ministro das Finanças tivesse discordado do projecto de lei que elevava os vencimentos dessa classe em que repousa a segurança da nação. O sr. ministro das Finanças reconheceu a justiça que assiste aos oficiais, embora persistisse na sua atitude, declarando ser impossivel atendê-los; mas o sr. Antonio Maria da Silva, que falou com singular veemencia, não se limitou a uma atitude identica. Proferiu frases donde se conclue uma apreciação injusta para o Exercito, e ainda mais, uma manifesta hostilidade contra as suas reclamações.

Aludiu o chefe do Governo a pronunciamentos militares, parecendo ter seu proposito lançar a responsabilidade destes pronunciamentos sobre o Exercito. Ha um ano a esta parte não se tem assistido senão a pronunciamentos no Exercito a barulho entre as civis, disse o sr. Antonio Maria da Silva. Com razão lhe retorquiu o sr. Lelo Portela demonstrando que tais pronunciamentos não foram da responsabilidade do Exercito. Na realidade, foi até ao exercito que recorreu o sr. Antonio Maria da Silva para que novos pronunciamentos se não dessem.

O sr. Antonio Maria da Silva foi discipulo do sr. Afonso Costa. Tem como este antigo estadista democratico, a preocupação de estar sempre em conflito com alguem. Para quem segue este criterio, não se governa senão estando em combate aceso com classes ou individuos. Por isso tambem, de lanço, em riste, o sr. Antonio Maria da Silva arremeteu contra o Exercito que tem sofrido toda a especie de injustiças e de privações, com preseguições á mistura. E' o sestro resultante desse espirito de combatividade levado ao extremo duma obcessão doentia.

Que faz o Exercito? Pede que melhorem a sua situação, ou alguem por ele reclama essa melhoria? Está no seu direito. Não é caso para o sr. Antonio Maria da Silva o encarar desde logo como um inimigo da Patria, da Republica, e sobretudo da tranquilidade ministerial.

Foi o espirito atrabiliario, erigido em norma de Governo, que profundamente prejudicou a ação governativa do sr. Afonso Costa. A ele, com a dureza e arrogancia aque o gravaram, se deveu em descalabro em dezembro de 1917, terminando, como tudo o indica, a sua acção ministerial na Republica. E' preciso que o sr. Antonio Maria da Silva não esqueça esta lição. Governar, hoje, é função muito delicada e melindrosa. Não vai com ataques de nervos nem com aparencias de excessivo predominio.

O sr. Antonio Maria da Silva é homem que tem dado provas de que as lições de experiencia não o deixam indiferente. Todavia, de vez em quando, revela a costela afonsista. Isso só pode prejudicá-lo, como tão profundamente tem prejudicado, e continua prejudicando o seu partido.

A lei 1244 comentada

Os casos d'hoje

Teve um brilhante sucesso a nossa terceira pagina de ontem. Muito brevemente publicaremos uma segunda, porque não nos falta, graças a Deus, material para ela.

Pontualmente, metodicamente, havemos de provar que para se fazer a depuração do Exercito tal como a entendem presentemente no Ministerio da Guerra será necessario substitui-lo quasi por completo.

E' isto, na realidade o que se pretende mas é isto que não se realisará nunca.

Temos sobre a nossa mesa de trabalho documentação elucidativa cujo papel se pode medir aos quilos. Paulatinamente a iremos produzindo. As conclusões virão depois e está a chegar o tempo em que uma documentação suficiente nos permita começar o que chamamos a filosofia da lei 1244. Por agora apenas acumulação de materiais.

Alferes da administração militar—Antonio Estevão de Carvalho. Este oficial achava-se arregimentado em uma das unidades do sul, e como por encanto apareceu no Porto já no mez de Fevereiro, indo oferecer os seus serviços á Junta Governativa. Não chegaram a ser utilisados os seus tão dedicados serviços por se ter reimplantado a Republica no dia 13 de Fevereiro. Como qualquer mortal esteve preso na casa de reclusão no Porto, mas, «como quem tem padrinhos não morre mouro» foi posto em liberdade mais tarde, como sendo um dos nossos, de confiança ilimitada governando-se, é o termo, quer que não lhe levamos a mal.

Alferes de artilharia de campanha—Armando Lami Varela. Este oficial, acatou as instituições monarquicas, prestando serviços durante a sua vigencia. Encontrava-se fazendo serviço em artilharia n.º 6, e quando se reimplantou a Republica em 13 de Fevereiro «como a boa tactica é tudo» e encontrando-se de serviço, fez causa comum com os republicanos, entregando-lhe o quartel e pondo-se inteiramente ao seu lado, e portanto imediatamente passou á categoria dos nossos e bem nos nossos, e que lhe valeu não sofrer o minimo encomodo... e ser da confiança.

Joaquim Tristão Pereira Pimenta—tenente de infantaria. Este oficial era ao tempo alferes de infantaria n.º 29 e quando foi proclamada a monarquia no norte, encontrava-se de licença em Viana do Castelo. Como o prestar serviços a qualquer causa é o fim, ei-lo a oferecer-se voluntariamente em infantaria n.º 3, para qualquer serviço. Como era dos nossos, e muitos atestados comprovaram ser um «leal» defensor da instituição republicana, goza em pleno socego o seu republicanismo...

A SITUAÇÃO

SALVE-SE QUEM PUDER!...

OS DISCURSOS DO SR. CUNHA LEAL NA CAMARA DOS DEPUTADOS—AUGMENTO DE IMPOSTOS E REDUÇÃO DE DESPEZAS—VALORES QUE PERMANECEM INTACTOS—JULGANDO ILUDIR OS OUTROS SÓ A NÓS PROPRIOS NOS ENGANAMOS...

O sr. Cunha Leal tem exposto, por vezes, na Camara dos Deputados, um ponto de vista muito interessante ácêrca da discussão, prestes a iniciar-se, dos orçamentos ministeriais, ou, mais propriamente, do Orçamento Geral do Estado. Muito resumidamente, o ilustre ex-presidente do Ministerio disse o seguinte, não pelas palavras que vão ser escritas, mas segundo o sentido que elas traduzem:

E' absolutamente inutil á discussão que vai fazer-se sobre os orçamentos enviados pelo Governo á Camara dos Deputados. E, por uma razão muito simples: tendo de fazer-se, mais tarde ou mais cêdo, redução de despesa e tendo tambem, urgentemente, de criar-se aumento de receita, todas as verbas orçamentais são mentirosas, são uma pura ficção, emquanto tal obra reformadora não se realizar. O Governo anunciou que se estudavam reformas nos serviços administrativos, tendentes a conseguir uma consideravel diminuição das despesas publicas; o sr. ministro das Finanças apresentou á Camara algumas das suas propostas de reforma tributaria. Nesse caso,diga eu: discutam-se e votem-se umas e outras e reorganise-se o orçamento dentro da verdade aproximada das despesas e receitas aprovadas.

Cremos que foi isto, essencialmente, o que o sr. Cunha Leal disse. Devemos confessar que, dentro dos limites que ficarão expressos na letra e no espirito dêste artigo, o sr. Cunha Leal expoz, com clareza, uma verdade dificilmente contestavel. Simplesmente, ele não a expoz completamente...

E' exacto que o orçamento que vai ser engendrado pelas comissões e pelo Parlamento será mais um *bluff* a acrescentar ao artificio em que todos nós, portuguezes, nos debatemos. O calculo das despesas assenta, por exemplo, na diferença de cambios, o que avoluma extraordinariamente o *deficit*. E' facilmente compreensivel que o excesso das despesas sobre as receitas sofreria uma redução consideravel, se, por ventura quiçá inatingivel, pudessemos substituir a divisa de 4 e pouco pela de 25. Isto, aliás, não pode taxar-se de aspiração excessiva, visto que já gosámos o paraizo perdido de uma divisa cambial girando em tôrno do numero 45, agora empurrado para o polo positivo do infinito inatingivel. Daqui se conclue, evidentemente, que o primeiro objectivo a atingir seria o de sanear a moeda nacional, a fim de impulsionar os cambios para uma marcha ascensional. E' isso que o sr. ministro das Finanças supõe vir a conseguir, se o Parlamento tomar na devida consideração as suas locubrações cerebrosas, traduzidas na já celebre reforma tributaria. Simplesmente acontece isto: o ilustre titular engana-se. As suas propostas, baseadas na politica da vida cara, não podem, isoladas, exercer senão uma influencia depressiva no valor da moeda nacional. Subtraír á economia nacional um montante anual de 400 mil contos é uma concepção absurda, irrealizavel pela inflexibilidade das proprias leis da natureza, que não admitem a existencia do vacuo absoluto. Mas — dir-se-ha — se o paiz não pode canalizar 400 mil contos anuais para os cofres do Estado, sempre poderá refrescá-los com menor quantia. E' claro que sim. E importante. Mas não 400 mil contos, nem 200 mil, nem coisa que se pareça. E o pouco que se possa alcançar com o agravamento tributario, influirá poderosamente na elevação do custo da vida. E é nisto que reside principalmente a dificuldade de encontrar solução ao problema que tanto aflige a nacionalidade. Expliquemos a ideia.

...

O que seria verdadeiramente util não consiste, como entende o sr. Cunha Leal, em discutir as propostas de finanças e as reformas de administração antes do Orçamento, mas sim ao mesmo tempo que êste. Qual é o melhor *desideratum* a atingir? Evidentemente, êste: que se entre definitivamente num regimen de verdade, abandonando-se a mentira, a ficção, as habilidades politiqueiras, *que só servem para nos iludir a nós proprios*. Se queremos a verdade, temos de corrigir as verbas orçamentais segundo as legitimas previsões tiradas das leis tributarias e das reformas administrativas, visto que as primeiras aumentam as receitas e as segundas diminuem as despesas. O trabalho a executar tem de ser de conjunto e de intima correlação; o isolamento, quer de um lado, quer do outro, não conduz á verdade, antes nos mantem a todos nós no regimen delecterio da mentira sistematica.

Mas ha ainda mais. Pretender regenerar as finanças publicas simplesmente á custa dos dois factores combinados do aumento do imposto e da diminuição da despesa, é outro fundamental êrro. Esse processo, adoptado como unico possivel para remediar a situação, é contraproducente, porque arrastará a Nação ao agravamento maior e mais incomportavel da economia particular. Com a redução da despesa surgirá o problema dos sem-trabalho; com o aumento dos impostos irradiará, ainda mais poderoso e invencivel, o cataclismo da vida cara; as duas providencias não darão outro resultado senão o agravamento cambial, como reflexo de um mal-estar geral e de um mais acentuado desequilibrio. E' preciso fazer mais que isso...

Mas, o quê, então? E' necessario pôr de parte as velhas regras da economia politica, excelentes na vida normal e corriqueira, que os povos glutonamente gozaram antes de 1914, antes da guerra. Este factor *guerra* modificou tudo, transtornou tudo. Por causa disso é que se realizam conferencias internacionais, onde concorrem os grandes pensadores do mundo, sem exceptuar as glorias nacionais que Portugal enviou á Conferencia de Genova. Se não tivesse havido guerra e se esta, pela sua extensão e intensidade, não criasse um modo de ser absolutamente diverso do de 1914, a reconstituição financeira e economica das nacionalidades já estaria feita, aplicando-se as regras gerais ensinadas pelos tratadistas e expositores das sciencias financeiras e economicas. Mas não é assim. E' preciso, para nos salvarmos do abismo, *criar e não aplicar*. Em resumo: é forçoso encontrar fórmulas novas e aplicá-las com decisão sobre um povo antecipadamente preparado para o sacrificio. E' contraproducente tributar além dos limites da capacidade das forças produtivas; é contraproducente economisar á custa do desenvolvimento economico do paiz e com prejuizo da vida diaria das classes menos abastadas; mas é util, é necessario, é indispensavel criar receitas e diminuir despesas, sem afectar a vida da nacionalidade, estancando as fontes da produção. Deve ordenhar-se a têta tributaria com geito, sciencia e, principalmente, consciencia, porque, de contrario, mata-se a vaca que dá o leite. O sr. ministro das Finanças, dentro da sua incuravel simplicidade politica, quere exaurir a Nação, importando-se muito pouco, ou mesmo nada, da situação que vai criar ás gerações futuras. Que deploravel cegueira!

Os homens que hão de executar um programa de salvação publica não expozeram ainda completamente as suas ideias reformadoras. Ao lado do agravamento tributario e da redução da despesa é preciso dar poderoso impulso e vitalidade nova á Nação. Este não é só o Continente com as suas Ilhas Adjacentes. *Isso era até 1914*. Agora, depois da guerra, a Nação estende-se até aos confins coloniais. As colonias são um valor intacto. Ha outros ainda: os monopolios dos tabacos e dos fosforos são apenas continentais; não existe o monopolio do sal; as oleaginosas são valores; e, por aqui fora, sem excluir os rendimentos aduaneiros das alfandegas coloniais, que nos parece não estarem ainda enfeudados a nenhum serviço especial de credito internacional. Pois bem: nós dizemos que a salvação está em saber jogar com êsses valores, temperando, com os recursos obtidos, a acção delecteria e nefasta para a economia publica do aumento consideravel dos impostos e redução visivel das despesas. Temos gente com capacidade para realizar essa grande obra de reformação nacional?... E' possivel, mas ainda se não viu. Nem se suspeita!

De resto, ha um factor importante para conseguir a melhoria geral: é fundamental que a Nação se convença da impreterivel urgencia de fazer tais reformas. *Ainda não está convencida e só o estará á sua propria custa*. Emquanto houver papel fiduciario em excesso, abarrotando os cofres dos argentarios e insuflando coragem ao açambarcador, a Nação vive hipnotisada sob o influxo de uma prosperidade ficticia, que enche, a deitar por fora, os locais de diversões publicas, que inunda de luz os clubs de jogo e cobre de brilhantes a prostituição e o vicio ao passo que estiola as industrias, asfixia o comercio e mata, pela fome, as classes medias. O destino parece, pois, condenar-nos a esperar pelo *Salve-se quem puder*... Talvez que, depois, a Nação reaja triunfantemente. Antes, não. Todo o esforço se perde!

...

O sr. Cunha Leal acertou, portanto, quando disse que era inutil discutir e aprovar um orçamento, que seria uma tão manifesta mentira como o foram os duodecimos. Estes foram leis a vigorar por prazos mensais; o orçamento é apenas uma lei a vigorar por doze meses, tão falsa e tão impudoramente arranjada como um simples duodecimo. Viveu-se na mentira e na mentira se continuará a viver. Mas essa mentira, que é consciente depois de tão claramente desvendada, só nos engana a nós, portuguezes, que nos persuadimos que, por êsse mundo além, só ha povos com olhos vendados!

A Conferencia

As eternas formalidades burocraticas

PARIS, 12 — Um telegrama que a Agencia Havas recebeu de Genova diz que, não tendo a delegação franceza assinado o *memorandum*, não colaborará na resposta que o sr. Lloyd George vai dirigir aos *soviets* e que deve ser lida ámanhã na reunião da subcomissão dos negocios russos. — (R.).

A guerra civil na China

Misteriosa e remota parece terminar como começou: bruscamente

HANKEOU, 13 — O general Feng-Puh-Siang, partidario de Ou-Pei-Fu, batou completamente as forças do governador militar de Honan, em Tchu-Chen-Hien, e avançar agora em direcção de Kai-Foung Fou. — (R.).

PEKIM, 13 — Cessaram por completo as operações militares nesta região. — (R.).

Lisboa de Lima

Um grande grupo de industriais, comerciantes e financistas em signal de apreço pelo sr. Lisboa de Lima e pelos notaveis serviços prestados pelo distinto engenheiro como comissario do Governo Portuguez á Exposição do Rio de Janeiro vai oferecer-lhe brevemente um banquete que deve reunir todas as individualidades em destaque nas forças vivas do seu paiz.

Os estudantes portuguezes

EM MADRID

Como a imprensa espanhola se refere á sua visita

A imprensa continúa unanimemente ocupando-se com elogio da visita dos estudantes portuguezes «El Sol» escreve, no seu editorial, depois de qualificar de heroica a visita, dada a actual situação do cambio:

«Os estudantes do Porto, que se encontram, ao transpor a fronteira com a sua moeda reduzida á decima parte do seu valor nominal, fazem a sua viagem na plena consciencia do sacrificio que implica e com o impelidos pelas demonstrações de mutua simpatia que nestes ultimos mezes, e a partir do Congresso Scientifico do Porto, se deram portuguezes e espanhois.

A ultima visita, dos estudantes espanhois da Residencia, foi como que a ultima gota de agua que enchesse o vaso da confraternidade peninsular.

Não são nem um nem dois que veem de cabeça descoberta e com as classicas capas, que usaram tambem em tempos os nossos estudantes salmantinos.

São 250 nada menos; dos quais 200 do Orfeon, representantes das diferentes faculdades do Porto, que na 2.ª e 3.ª feira darão concertos no teatro Espanhol para divulgarem canções portuguesas.»

O «Imparcial» falando do acolhimento que se dispensou em Madrid aos encarregados de preparar a viagem dos estudantes portuguezes, diz: que em todas as partes os estudantes portuguezes não somente foram recebidos com verdadeira cordealidade, mas tambem obtiveram promessas e garantias de que a estada do Orfeon Academico do Porto em Madrid, pelos elevados objectivos da sua visita, terá um acolhimento entusiastico.

Historia do Brazil

Na Universidade Livre, efectua amanhã pelas 21 horas o sr. dr. Antonio Ferrão a 5.ª conferencia sobre a Historia do Brazil, ocupando-se de: «A administração e o governo portuguezes no Brazil no seculo XVII».

O abade Perosi

Notavel espirito, musico como Pergolese ou Lalande astronomo como Sechi ou Frew, parece atacado de alienação mental

ROMA, 13—Os medicos encarregados de examinar o estado mental do abade Perosi recomendaram-lhe descanço e isolamento, porque o encontraram com sintomas de excitação que, embora com lucidez de ideias, originam crises de delirio.—(Lat. Am.)

N. R.—O abade Perosi, musico, matematico, astronomo, polyglota, autor musical notavel, do varias missas e «requiems» na capela Sixtina, descobridor de alguns planetas telescopicos, e que primeiro tentou a paralaxe de Sirius, tem atravancado o telegrafo há alguns anos com esta parte pelo seu feitio atrabiliario e turbulento. Foi notoria a sua polemica com o Papa Pio X que teve um episodio mais interessante num escandolo de Perosi em plena capela Sixtina, na ocasião da missa de S. Santidade. Com Crowford e Hiens, astronomos americanos, que de resto o contradiziam sem rasão, provocou interminaveis discussões. Com um altissimo saber e uma indiscutivel superioridade, tem-se visto excluido de todas as outras congregações onde é conhecido como um elemento de desordem e de indisciplina. E' a forma agora explicado o seu «tacies» habitual. O abade Perosi um dos mais notaveis homens de sciencia e, tambem um musico ilustre, parece atacado de alienação mental.

Abalos de terra

nos Açores

A população de algumas localidades junto de Ponta Delgada, principalmente nos concelhos da Ribeira Grande e Vila Franca do Campo e Vale das Furnas, tem andado ha dias alvorada com frequentes abalos sismicos, registando-se alguns com a duração de 60 segundos e com uma certa violencia. Felizmente, não há vitimas a lamentar, nem importantes prejuizos materiais. Só tendas em algumas casas velhas e desmoronamentos em muros de cedra sobrepostos.

Os vencidos de ontem

podem possivelmente ser os vencedores de amanhã, em face da incoherencia de grande parte da Europa

Já anda a correr mundo o texto integral do tratado de Rapalo que é, afinal o tratado germano-russo.

Consta de 12 artigos de caracter militar, cujos principais acordos são os seguintes: o estado-maior alemão facilitará ao exercito russo armamento e material de guerra para 180 regimentos e artilharia para 20 divisões; reorganizará a frota russa; fornecerá uma frota aerea de 500 aeroplanos; instruirá o estado maior do exercito russo; e por ultimo montará varias fabricas de material de guerra em territorio russo. A Russia, pela sua parte, intensificará os trabalhos dos caminhos de ferro de transporte de Novoiasl e Alexandrowsk, sob a direção e planos de tecnicos alemães, concedendo vantagens especiais aos produtos da Alemanha.

A importancia decisiva deste tratado não pode deixar de chamar a atenção de todos os paizes da Europa. Que a Alemanha não desarmou, é mais do que evidente,—que possue por todos os modos a sua reconstituição imperialista e militar, toda a gente o pode ver. Esse espirito do «revanche» transparece em todos os actos até nos mais simples, em todas as decisões, até mesmo naquelas que tem um caracter absolutamente pacifico. Verificando-se que o desenvolvimento economico e industrial da Alemanha cresce de dia para dia e sendo do dominio publico que, pela sua indole e pelas necessidades vitais da sua existencia politica é um paiz essencialmente guerreiro,—facil será de conjecturar que apesar de tudo, em breve tempo estará de novo apta a inundar a Europa com a onda de um militarismo espirito militarista.

Os factos desenrolados na conferencia de Genova mostraram a incapacidade absoluta dos diplomatas europeus. Falou muito o sr. Lloyd George, mecheu-se muito o sr. Barthou. Entretanto Tchitcherine deu a lei e a sua dialectica estribando-se como ponto de partida na conferencia de Cannes, não só não encontrou contraditores armados de argumentos de peso, como tambem apareceu imposto no animo dos representantes da grande e da pequena Entente. Tchitcherine foi a figura de relevo em Genova.

Esta preponderancia que se desenha, dá agora as mãos á Alemanha. E de mãos dadas russos e alemães veem possibilidade de ressuscitar de novo uma força e um espirito guerreiros antagonicos ás ideias indisciplinadas e confusas que se geram no acordo anglo-francez, muito comprometido já. Resultará inevitavelmente uma nova guerra. E dada a incoerencia, a desarmonia do bloco latino e do bloco saxão, não será dificil admitir que os vencidos de ontem serão os vencedores de amanhã.

Para onde vão os socorros da Europa

O exercito vermelho devora as provisões de 50 milhões de famintos...

GENEBRA, 12 — Um russo, que poude sair da Russia depois de grandes dificuldades, declarou aos jornalistas que dois terços dos socorros enviados aos famintos são desviados dos seus destinos em proveito do exercito vermelho. (R.).

... mas as autoridades desmentem

GENEBRA, 13 — E' formalmente desmentido o boato que correu de que os *soviets* tinham confiscado onze *vagons* de viveres destinados aos famintos russos e os haviam enviado ao exercito vermelho da fronteira. O alto comissario do *Comité* Internacional de Socorros á Russia recebeu varios telegramas da secção da Cruz Vermelha sueca participando que os onze *vagons* enviados por seu intermedio haviam chegado ao seu destino sem incidente algum. — (Lat. Am.).

LEAFIELD, 13 — Têm sido recebidas noticias favoraveis de Samara (Russia). As substancias alimenticias provenientes dos portos do Baltico chegam regularmente. Só um carregamento tardou 12 dias a chegar. — (Lat. Am.).

A economia nacional

Exige o emprego de productos portuguezes o muito mais quando são superiores aos estrangeiros como sucede com a «Fibrocalcina», o recalcitante recomendado no tratamento da tuberculose.

Lituanos e polacos

Não se encaminham as coisas para que reine a paz em Varsovia

VILNA, 13 — Continuam as violencias das tropas da Lituania contra a população polaca da zona neutra entre a Polonia e a Lituania. Teem havido ataques acompanhados de pilhagem em muitos sitios, especialmente nas comunas de Szyrwinty e Musniki, onde os lituanios esperavam apoderar-se dos delegados da população que tinham ido a Varsovia pedir a incorporação da zona neutra na Polonia. Por outro lado, sabe-se que o governo da Lituania mobilisa as classes de 1916 a 1921, chamando os recrutas da zona neutra, muitos dos quais se refugiam na Polonia. — (R.).

Torneio de "bridge"

Nas magnificas salas do Turf, realisou-se ontem o «return-match» entre os socios daquele aristocratico club e os do Gremio Literario, para a disputa duma linda taça que, no proximo match tinha ficado em poder do Gremio. Jogaram 8 equipes por parte de cada um dos clubs, compostas dos nossos melhores «bridgistas» havendo igualdade no numero de pontos ganhos de parte a parte, (515) tendo sido proclamado vencedor o Turf Club por maior numero de vitorias, visto os seus socios terem vencido em 14 «rubbers», contra 11 ganhos pelos adversarios.

Seguidamente, a direção do Turf, ofereceu aos seus convidados uma finissima ceia, tendo sido trocados afectuosos brindes.

Muito brevemente e a pedido do Gremio, realisar-se-ha um novo match que, é natural, se efectue após as representações da companhia franceza que vem ao S. Luiz.

Partido Socialista Português

O P. S. P. pensa em convidar o socialista espanhol, Fabras Ribas, a realizar uma conferencia numa das boas salas de Lisboa.

Tambem o P. S. P., promoverá um jantar de homenagem ao notavel jornalista, cuja inscrição está aberta.

SERVIÇOS PUBLICOS

As Bibliotecas Scientificas

A DO "INSTITUTO DE MEDICINA LEGAL", SOB A DIRECÇÃO DO SR. RUY GOMES DA COSTA, MERECE REFERENCIA

Quem passa em frente do velho e derruido Instituto de Medicina Legal, mais conhecido pelo antipatico e improprio nome de «Morgue» não avalia sequer a riqueza scientifica que aquela laboriosa e produtiva casa encerra e os beneficios que ela presta ao paiz.

Há muito que ouvíamos falar na perfeição com que os varios ramos de serviço estavam montados naquele estabelecimento do Estado dirigido pelo professor dr. Azevedo Neves uma das figuras de maior destaque no nosso meio scientifico.

Para avaliarmos bem de perto a organisação dalguns serviços, procurámos ali o sr. Ruy Gomes da Costa, Bibliotecario Arquivista, que nos prometeu dizer alguma coisa sobre o funcionamento da Biblioteca e Arquivo, cujos serviços estão a seu cargo.

Ao entrarmos nas escadinhas decadencias deste edificio em ruinas e que o Estado parece ter votado ao ostracismo, temos a impressão de que não estamos num estabelecimento publico mas num centro de trabalho activo e produtivo.

Os funcionarios das varias dependencias trabalham nos serviços a seu cargo. Entramos na Biblioteca aonde o nosso entrevistado nos recebe.

Esta é uma pequena sala subterranea e junto á casa para onde entram os cadaveres vindos da via publica.

Em torno desta sala vem-se altas estantes apinhadas de livros, muitos deles ricamente encadernados e de grande valor.

—Ha 11 anos—diz-nos o sr. Gomes da Costa—não havia biblioteca, sem livros e hoje, graças ao esforço do sr. director professor A. Neves tenho já na Biblioteca perto de 9.000 obras, prontas a serem consultadas, não só pelos estudantes de Medicina e Direito como pelos estudiosos em geral, a quem o professor A. Neves franqueia esta sala de leitura onde se encontram entre outras, secções de Toxicologia, Medecina Legal, Questões Sexuais, Policia Scientifica, Psychiatria e Antropologia.

«A organização dos catalogos para busca das obras é o elaborado em 1912 por uma comissão especial composta de varios catalogos onomasticos e de classificação racional, graças a este sistema de catalogação, resolvem-se todos os problemas de busca de livros com extrema facilidade e rapidez.

Dia para dia a nossa Biblioteca é enriquecida com novas obras, quer por oferta quer por compra, tendo havido já necessidade de mandar construir estantes em varias dependencias do Instituto para guardar os volumes que já não cabiam na Biblioteca. Temos tambem um grande numero de revistas, jornais e publicações estrangeiras, havendo bastantes Institutos que permutam os seus arquivos ou revistas pelos nossos arquivos, dirigidos pelo professor A. Neves.

«E' bom frizar que um grande numero de obras hoje pertencentes á Biblioteca deste Instituto foram oferecidas pelo seu Director que tem uma secção especial aonde estão todas as obras que oferece.

«Infelizmente—diz-nos o nosso entrevistado—não possuimos por falta de materiais os meios indispensaveis para a desinfeção e conservação dos livros; alguns exemplares de raro valor teem sido atacados pelos terriveis vérmes, mal que temos tentado debelar com naftalina e outros preparados que pouco ou nenhum resultado dão.

Os serviços que o arquivo presta e a organisação dos processos de autopsias

Depois de vermos a modelar organisação desta Biblioteca que poderia rivalisar com as melhores se tivesse casa apropriada, perguntamos ao nosso entrevistado se o arquivo do Instituto tambem tinha egual organisação.

—Talvez melhor, e sem sombras de orgulho, posso-lhe garantir que dificilmente encontrará em repartições publicas e particulares melhor organisação.

Este ramo de serviço mereceu especial cuidado ao director e graças á sua esplendida organisação poderá qualquer pessoa que aqui venha pedir alguma informação sobre qualquer cadaver, exame corporal de sanidade, analyses, etc., que ela lhe será dada com todas as minuciosidades no praso maximo de 10 minutos!

Vimos alguns processos e realmente a sua organisação é completissima. Cada processo contem alem de todos os documentos oficiais que a ele se referem as noticias dos jornais sobre o assunto, fotografias, esquemas, referencias particulares, etc.

Perguntamos se, devido ao grande movimento de cadaveres haveria possibilidade de qualquer engano de identificação?

—De forma alguma—responde-nos o sr. Gomes da Costa—. A autoridade que acompanha o cadaver tornece todos os dados de identidade, que são lançados num impresso especial que tem no verso um esquema proprio para se tirarem as impressões digitais do cadaver, serviço este que é feito em presença da autoridade que trouxe o cadaver e de um medico da Secção de Tanatologia.

Como se procede á identificação dos cadaveres

Momentos antes do cadaver ser autopsiado, são novamente tiradas as impressões digitais, que são confrontadas com as primitivas, a fim de não haver duvidas sobre a sua identidade.

Este e outros documentos posteriores que se referem ao cadaver são registados na Secretaria em livros especiais, de onde se tiram as respectivas indicações para catalogação de busca.

Desta maneira, como vê, não pode haver trocas ou equivocos.

Os objectos de que o cadaver é portador tambem estão absolutamente assegurados, pois são todos verificados e contados na presença da autoridade que o acompanha e que assina (juntamente com o empregado do Instituto que recebeu o cadaver) a respectiva relação.

Estes objectos são depois entregues á familia do morto mediante recibo e depois do Juiz de Paz mandar fazer a entrega.

Saimos. E' para lamentar que o Estado não aproveite convenientemente a boa vontade dos seus funcionarios dando á Biblioteca de que tratamos os meios precisos para ele continuar a transformação do seu Instituto ao qual eis tem dispensado uma invulgar dedicação.

ULTIMA HORA

O "RAID"

As ultimas informações No ministerio da Marinha Do avião salvou-se apenas o motor

No ministerio da Marinha foram recebidos durante a tarde duas comunicações telegraficas, uma dos aviadores e outra do comandante do crusador «Republica». Ambos eles, embora se tivesse decifrado o seu conteudo palavra por palavra, não oferecem sentido, permanecendo incertos e por vezes discordantes.

Por esse motivo as auctoridades de Marinha telegrafaram para Fernando de Noronha pedindo a sua repetição.

* * *

Confirma-se a noticia de que o avião ficou destruido salvando-se apenas o motor. Caso o «raid» prosiga, para o que se espera a opinião de Gago Coutinho e de Sacadura Cabral, o Governo dispõe ainda de um terceiro hydro-avião identico ao destruido agora e que se encontra completo e apto para o serviço e que rapidamente poderia seguir viagem.

Consta tambem que o Governo vae adquirir no extrangeiro um aparelho potente e dos mais modernos para ser enviado imediatamente aos aviadores afim de continuarem o «raid».

* * *

Na previsão de que os aviadores requesitem o «Fairy 17,» o Governo ordenou que se fizessem os preparativos necessarios para imediato embarque.

* * *

MADRID, 12.—E' hoje que a gazeta oficial publica o decreto concedendo a Grán-Cruz do merito militar ao capitão de mar e guerra sr. Gago Coutinho.—(H).

* * *

A casa Burnay está promovendo uma grande subscripção para a compra dum aparelho a oferecer aos aviadores e capaz de realisar as maiores travessias.

* * *

O sr. Carlos Moniz, escrevendo-nos alvitra que todos iniciem a manifestação nacional contribuindo com a importancia correspondente a um dia de salario, ordenado ou qualquer outro rendimento diario, e que seja depositado á ordem do Centro de Aviação Maritima, nas delegações da Caixa Economica Portugueza, Caixa Economica Postal, e Delegações ou agencias das instituições bancarias existentes, em todos os recantos do territorio portuguez. O produto desta importante manifestação patriotica seria para adquirir um ou mais aparelhos, que viriam a constituir a esquadrilha de que se utilisariam os nossos valentes aviadores em futuros "raids", ou, porventura, na terminação do actual, se tiver de ser interrompido.

* * *

Os oficiais do regimento de infantaria 20 vão abrir uma subscripção para a compra de um potente hydro-avião a oferecer ao Estado ou aos aviadores.

* * *

O director da aviação maritima comandante Moreira de Carvalho, conferenciou hoje com o sr. ministro da Marinha, acerca da possibilidade de mandar novo aparelho a Fernando Noronha a bordo do cruzador «Carvalho Araujo».

O CRIME da travessa dos Fieis de Deus

O chefe Tavares, da policia de investigação, não conseguiu, hoje, obter qualquer novos esclarecimentos sobre o nefando crime praticado ha dias na travessa dos Fieis de Deus e de que foi vitima Olinda Maria. Continuam presos, por suspeitos, cinco individuos, entre os quais figura o temido gatuno João Manuel Afonso, que, largamente interrogado, continua negando terminantemente qualquer responsabilidade no assassinio.

A policia tem a impressão de que o Afonso não fala verdade e que, se não tomou parte no crime, conhece pelo menos os assassinos e procura agora encobri-los, tudo fazendo crer que tem responsabilidades, devido ás contradições constantes em que é apanhado. Este gatuno tem no cadastro nada menos de 44 prisões e é conhecido como um dos mais habeis larapios de arrombamentos. Fez parte de várias quadrilhas e, com outros, assaltava os transeuntes usando o conhecido golpe do *Pere Lachaise*, que em Lisboa passou a ser chamado *gravata*.

Ficou memoravel um assalto nessas condições, feito no beco do Cascalho, figurando na *troupe* dêsses *gravateiros* o Manuel Afonso.

A' hora a que *A Capital* vai entrar na maquina, está o temido larapio a ser mais uma vez interrogado pelo chefe sr. Eduardo Tavares.

Deve seguir ainda hoje para Vila Franca de Xira o carroceiro Avelino Justino Teixeira, preso por suspeito, no Seixal, onde, ao ser interrogado, confessou-se conivente no crime, vindo depois a apurar-se que se tratava de um desequilibrado, que desfalcou em 270 escudos o seu patrão, proprietario de um estabelecimento em Vila Franca.

O grande bodo aos pobres

O major sr. Viriato Lobo continua trabalhando com toda a actividade, a fim de que resulte brilhantissimo o grande bodo que vai ser distribuido pelos pobres da capital, por motivo do *raid* Lisboa-Rio de Janeiro. O sr. governador civil recebeu hoje mais os seguintes donativos:

Da comissão dos proprietarios de estabelecimentos alugados ao Comissariado dos Abastecimentos, 40$; Carrasqueiro & Teixeira Limitada, 100$; Sociedade Portugueza de Administrações, 50$; Casa Planeta, 10$; Banco dos Pobres, 20$; Lopes & Pais, 20$; Monteiro Francisco, 5$; Kodack, Limitada, 200$; Restaurante Braz, 50$; Meco Limitada, 100$. dr. João da Conceição Sousa e Silva, 25$00.

O bodo deve ser distribuido por 10 a 15.000 pobres sendo cada pobre contemplado com 5$00.

Theatros e Cinemas

Medalhão

Rafael Marques

Fez na proxima 2.ª-feira a sua festa o teatro Nacional.

Nesta secção onde se procura fazer justiça a velhos e novos, indistintamente, cabe bem a afirmação de que, dentro da nova geração, Rafael Marques é dos muito poucos que teem sabido marcar o seu logar no teatro portuguez Mercê da dispersão artistica que, cada vez, mais se acentua nos nossos palcos, de lamentar é que se não tenha fixado e consequentemente evoluido até á perfeição, dentro dos papeis que estariam, naturalmente indicados para o seu feitio e para a sua mocidade, o que é prova o seu valor, fazendo indistintamente e sempre com brilho, «galãs comicos, dramaticos» e até «vegetes» O publico que, ao contrario do que muita gente supõe, sabe distinguir, melhor o que ninguem, o bom do mau será o primeiro a festejá-lo na noite de 2.ª-feira. Depois, não esqueçamos que é ainda uma qualidade hoje rara decorar os papeis que lhe são confiados.

Nota do dia

Alguem me chamara, ha dias, a atenção para a nossa Escola de Arte de Representar, fazendo comentarios mais que justificados sobre o seu funcionamento, o que, até certo ponto, já não deveria causar espanto, por se tratar de uma instituição oficial e sabermos, de ha longos anos, o carinho e a atenção que os nossos governantes dedicam a tudo o que diz respeito a arte. São uns verdadeiros artistas! E' certo que os alunos do Conservatorio têm, por lei, um certo numero de prorogalivas, entre as quais as que estariam naturalmente indicadas de, mercê do seu estudo, encontrar com facilidade relativa uma colocação, quasi imediata, após a conclusão do seu curso. Mas como tomar a serio as suas aptidões, se, antecipadamente, é do conhecimento publico que não foram convenientemente orientadas?

Porque a verdade é esta: Quem os ensina? Os professores da Escola de Arte de Representar? Onde estão êles? Carlos Santos, no Brasil; Chaby Pinheiro, em *tournée*, Lucinda do Carmo, faleceu; Antonio Pinheiro, *metteur en-scène* da Invicta Film, está no Porto; Castelo Branco, costumier, viajo pelo estrangeiro; Augusto Pina, pouco tempo tem, decerto, para leccionar, etc., etc. Não lhes levamos a mal que tratem dos seus interesses, pois sabemos bem que as entidades oficiais lhe dão apenas o suficiente para não morrer de fome. Mas, por isso mesmo, os alunos só podem sair de lá convenientemente adextrados numa unica cadeira: a de *dizer mal de tudo* aquilo.

ALVARO LIMA

Noticiario

Entre nós

Contam-nos que, ao contrario do que se tem dito, a revista do André Brun *Bola de Sabão* só mais tarde será posta em scena no S. Luiz e não a seguir a que, presentemente, ali se está representando.

◆ Principiaram no S. Luiz os ensaios de côros, da «Revista de Pra- zeres» de André Brun.

◆ No proximo domingo, 26 do corrente, realisa-se no teatro Politeama, a sua festa artistica a professora e canto, Madame Mantelli, constando o programa da opera em 1 acto, de Mascagni «Zanetto», e do 3.º acto do «Rigoletto», cantado por Luiz Macieira (barítono), Jorge Macieira (tenor) e uma distinta amadora soprano-lirico ligeiro, sendo a orquestra e o amadores regida por D. Henrique de Alarcão.

◆ Estreiou-se em Ponta Delgada, com grande sucesso, a companhia de operetas, dirigida pelo actor Eduardo Raposo, de que é primeira figura a actriz Maria Teres Marinho.

◆ A companhia C... de Oliveira teve um grande prejuizo financeiro, na sua «tournée» as ilhas, devendo já ter seguido para o Brazil, conforme projectava.

◆ O pianista Rogger Godier que se fez ouvir em Lisboa não conseguiu alcançar sucesso nos Açores, no contrario do que sucedeu com o nosso conterraneo Oscar da Silva.

◆ Deve chegar hoje a Lisboa, a companhia de grande actriz franceza Gina Laparcerie que ao segundo-feira proxima debutará no S. Luiz, com a peça «Mon Homme» uma das suas mais belas corôas de gloria, na qual é brilhantemente coadjuvada pelo actor Colin.

Reclames

Nacional

Tem agradado muito acertadamente a administração do Nacional, com a escolha das peças: cada uma que faz representar é um novo exito. Assim está sucedendo com «A Triste Viuvinha», a deliciosa peça de D. João da Camara, que, ao elegante teatro, está atraindo numerosa e selecta concorrencia, repetindo-se hoje, ali.

Apolo

A sensacional e inegualavel revista do Apolo, «Belo Sexo», que tem atraido a atenção geral, é hoje ampliada com a estreia de 3 numeros, que estão destinados a despertar o maior agrado. Intitulam-se eles «Mollo Fifi», pela gentil e graciosa Deolinda Sayal, «Antiga historia de amores», por Josefa Lorientes e «Beleza e graça», por Guilhermina Paiva e Margarida Ferreira.

Salão Foz

Sem receio de errar, pode afirmar-se que a nova revista do Foz terá longa carreira. Para tal conclusir basta ver o entusiasmo e alegria com que o publico está festejando o «Piparote» enchendo a casa, todas as noites, nas duas sessões a que tão sonde ela se representa.

Eden

Pode, desde já, afirmar-se que, no Eden Teatro, as recitas da «Companhia Espanhola Barreto-Ballesteros», vão reunir-se mais distinctas familias de Lisboa visto que muitas das principaes, já tomaram assinatura para 16 espectaculos, incluindo o da inauguração da temporada.

Coliseu dos Recreios

Hoje é o penultimo espectaculo de lutas e variedades no Coliseu dos Recreios que equivale a dizer-se que deve ser uma noite de enchente para aquela casa de espectaculos que continua a ser a mais comoda e a mais economica de Lisboa.

Cartaz do dia

Teatro de declamação

NACIONAL—A's 9—«Triste Viuvinha»

Teatro musicado

S. LUIZ—A's 9 — «A Boneca»

POLITEAMA—A's 9,30—«Azas quebradas».

APOLO—A's 9,15—«Belo Sexo».

AVENIDA—A's 9,15—«A Perola Negra»

SALÃO FOZ—A's 8,30, e 10,30—«Piparote».

Circos

COLISEU DOS RECREIOS — A's 9— IX Campeonato Internacional de Lutas e Variedades.

Animatografos

OLIMPIA—Rua dos Condes

CINEMA CONDES—Avenida da Liberdade

SALÃO CENTRAL—Praça dos Restauradores

Pelo Telegrafo

A bolsa de Madrid

MADRID, 13.—A bolsa desta cidade estará fechada nos dias 15, 16 e 17 do corrente, por serem feriados, motivo porque não haverá cotações nesses dias. (R.)

As grandes expropriações na Hungria

PRAGA, 13. — Corre que brevemente vai ser apresentado um projecto de lei ao parlamento ordenando a expropriação dos grandes dominios slovacos pertencentes ás familias Andrassy, Apponyi, Rakowski e Windischgraetz, que defenderam com grande ardor a causa carlista. Diz-se tambem que as Termas de Pistyani serão propriedade do Estado.—(R.)

Delimitação de fronteiras

HELSINGFORS, 13.—Inaugurou-se nesta cidade a conferencia para tratar das questões de delimitação de fronteiras entre a Noruega e a Finlandia.—(R.)

A viagem dos reis de Inglaterra

BRUXELAS, 13.—Os reis de Inglaterra partiram para uma excursão de 3 dias aos campos de batalha incluindo Zeebrugge.—(R.)

As finanças da Austria

VIENA, 13. — O ministro das finanças pediu a demissão em consequencia da comissão das finanças da camara ter recusado o seu voto á reforma dos impostos alfandegarios.—(R.)

Ecos & Noticias

NASCIMENTOS

Deu á luz uma robusta criança do sexo feminino a Ex.ma D. Maria Madalena Moreira da Fonseca Marques, esposa do sr. Augusto Stegner Marques.

Mãe e filha encontram-se bem.

Na Escola Militar

A conferencia de hoje

E' hoje que, ás 17 horas, o sr. tenente coronel Conceiro d'Albuquerque, realisa no Salão Nobre do Conselho de Instrução desta Escola a sua conferencia, aguardada com tão justificado interesse, especialmente pelas altas qualidades que distinguem este oficial e pelo sugestivo tema da sua conferencia «Evolução do armamento da infantaria na Grande Guerra»; será, então, ensejo de dissertar sobre a tactica da arma e como se tornou necessario modificar os processos de acção de todas as armas.

Interesses açoreanos

Segundo informações que temos por seguras os parlamentares açoreanos independentemente da sua filiação partidaria vão formar nas Camaras um grupo que se vai dedicar com a maior atividade á elaboração duma série de projectos de lei tendentes ao desenvolvimento do arquipelago dos Açores.

Ritz-Club

Realisa-se hoje no Ritz-Club um grande sarau de caridade a favor do bodo organisado pelo sr. Governador Civil. No programa figuram elementos de subido valor e dada a magnifica instalação do «club» é mais do que certo que a festa será revestida de extraordinario brilhantismo.

Crise na Grecia

E' adiada a abertura do parlamento

ATENAS, 12 — Tendo-se demitido o governo grego, a Camara dos Deputados adiou-se até á formação do novo gabinete. — (H.)

Portaria de Louvor

O sr. ministro do Trabalho assinou uma portaria, mandando louvar o sr. dr. Carlos Arcos dos Santos, pela grande generosidade e altruismo na dedicação que empregou no estabelecimento duma consulta de doenças de ouvidos, nariz e garganta para as classes pobres, na Provedoria Central da Assistencia de Lisboa.

Gremio Lafonense

Como de costume realisa-se neste Gremio no domingo dia 14, uma soirée dançante abrilhantado por um esplendido quarteto de Thezganos.

Promete ser grandioso devido a uma frequencia escolhida que de ha tempos a esta parte vem frequentando as salas deste Gremio.

Poeira da Arcada

Segundo o boletim de sanidade interna, na semana finda em 6 do corrente, manifestaram-se em Lisboa 5 casos de difteria, 7 de febre tifoide, 2 de meningite, 1 de sarampo e 14 de variola, e no Porto, 1 de difteria, 1 de febre tifoide e 1 de tosse convulsa.

—Os srs. ministros do comercio, da agricultura e da instrução saíram efectivamente hoje de manhã de Lisboa, indo os dois primeiros examinar o estado de acorremento dos campos marginais do rio Liz, em Leiria, e o ultimo visitou a Cond laria Nacional, a escola primaria de Santarém e a escola tecnica secundaria de agricultura.

Sindicato Agricola de Elvas

Por iniciativa deste sindicato realisa-se nos proximos dias 21 e 22 de maio uma grande exposição e concurso de gados em Elvas. E' uma exposição regional para todas as especies de gado e seus concursos oficiais de gado bovino, suino, ovino, caprino e cavalar, com premios pecuniarios podem concorrer os creadores de todo o paiz.

Em poucas linhas

Foi preso Domingos Rodrigues, morador na rua Cardiff, letra S, 4.º, a pedido de Melchior Botelho, morador na mesma rua 15 que o acusa de lhe ter furtado um corte de fazenda no valor de 116$00.

—Queixou-se Joaquim Castro, residente no Cadaval, de que estando num bonde da Avenida da Liberdade dois individuos, por meio do conhecido processo do «conto do vigario» lhe apanharam 15$00.

—Foi detido Agostinho de Almeida, rua Entre Campos, 40, que furtou a carteira com 100 escudos ao seu companheiro de casa Fernando Nunes.

—Manuel Surrauce Delpeche, queixou-se de que num carro electrico lhe furtaram a carteira com 800 escudos.

—José Maria Correia Meirelles, rua Herois de Kionga, 6, queixou-se de que lhe furtaram o relogio e a corrente de ouro no valor de 100 escudos.

Os roubos nos Caminhos de Ferro

Em poder do agente Custodio das Dores, encontram-se mais reclamações falsas apresentadas á Companhia Portugueza pela firma Ruy Pinho & Irmão da Mialhada, continuando o referido agente nas suas investigações.

A queixa apresentada ao sr. dr. Reis Junior da Policia de Investigação pela referida firma contra o agente Custodio das Dores é um «truc» para dos mostrar se deligencias da policia, que segundo consta são inumeras as burlas praticadas pelo representante da firma Ruy Pinho de Oliveira, que ha dias foi preso na estação de Soure, pelo referido agente por tentar burlar a C. P. em 5 000 escudos encontrando-se afiançado em 5 000 escudos.

A Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, vae constituir-se parte no processo que se está instaurando na Anadia contra a firma burlista.

Em Inglaterra

A vida social começa normalisando-se sendo regular o desenvolvimento do custo da vida

New York entrou ultimamente num periodo de febril colocação de dinheiro em fundos de toda a especie, o que é considerado pelos observadores competentes daquela cidade como o preludio do restabelecimento, em larga escala, do comercio. Não é impossivel que um facto semelhante se dê no Inglaterra, posto que, devido a diferentes circunstancias, a restauração do comercio se deva dar provavelmente por uma forma mais lenta e uma vaga procura de fundos na Bolsa venha a ser mais limitada do que na America. Seja como fôr, as coisas parece deverem tomar êste rumo, ainda que seja muito possivel que o orçamento, o qual está para ser introduzido no principio da proxima semana, se apresente de maneira a desconcertar bastante e a conter em dados limites o crescente optimismo actual.

Havia esperanças, no fim da semana passada, de solucionar o conflito existente na industria mecanica. Mais uma vez, porém, as esperanças ficaram frustradas e as negociações entre os patrões e os seus operarios rompidas. Este conflito está conservando sem trabalho cêrca de 240.000 trabalhadores, e a sua prolongação embaraça seriamente, como é natural, os varios ramos da industria metalurgica.

Vê-se claramente, pelas contas e calculos oficiais ultimamente publicados, que, se não fosse esta tão prolongada disputa, seria agora perfeitamente visivel, evidente mesmo, um grande melhoramento nas condições do proprio operariado. Tal como está, o numero total dos trabalhadores registados nos escritorios oficiais do trabalho como desempregados desceu durante o mês de Março de 1.837.000 a 1.740.000.

Houve um simultaneo progresso relativamente no trabalho a tempo limitado.

No fim de Fevereiro o numero dos operarios trabalhando segundo o sistema do periodo reduzido de horas, o que os qualificava para aproveitar-se dos beneficios concedidos aos sem trabalho, era de 260.000; no fim de Março o numero dêsses trabalhadores era de 223.000. A redução dos salarios continua, sofrendo durante o mês de Março 1.350.000 trabalhadores uma redução superior a 223.000 libras nos seus salarios semanais. Nos primeiros três meses de 1922 a proporção da mudança operada nos salarios e noticiada ao ministro do Trabalho deu em resultado uma redução de mais de 1.200.000 libras por semana nos salarios de perto de 5.900.000.

Entretanto, o custo da vida continua a descer. No fim de Março o custo da vida para uma familia mediana da classe trabalhadora, segundo os calculos do Ministerio do Trabalho, era de cêrca de 8? por cento acima do nivel mantido no periodo que precedeu a guerra. E' caso para comparar êste preço com o registado em 1920, em cujo mês de Novembro o custo da vida atingira a cifra elevada de 176 por cento acima do nivel anterior á guerra. A' excepção de uma pequena interrupção no verão de 1921, houve uma continua diminuição desde então, e os algarismos ultimamente observados são os mais baixos desde Outubro de 1917.

Academia de Amadores de Musica

Esta academia realisa amanhã, domingo, o 162.º concerto, no seu salão, rua Antonio Maria Cardoso, ás 21 horas.

Tomam parte os professores de harpa, sr.ª D. Cecilia Borba, de canto sr.ª D. Sara de Sousa e de violino, sr. Flaviano Rodrigues, que executarão um escolhido programa.

Centro Republicano 5 de Outubro

Sob a presidencia do sr. Celestino de Vasconcelos reuniu esta coletividade que entre outros assuntos de caracter administrativo resolveu protestar contra a actual situação politica da Madeira e lamentar que figadais inimigos da Republica estejam a exercer funções administrativas.

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações
Londres, cheque	4 1/4 — 4 1/8
» 90 dias	4 3/8 — —
Paris, cheque	1159 — 1191
Suissa, cheque	2449 — 2523
Belgica, cheque	1047 — 1079
Italia, cheque	678 — 698
Berlim, cheque	43 — 47
Holanda, cheque	4906 — 5054
Madrid, cheque	1976 — 2035
New-York, cheque	12704 — 13089
Brazil, cheque	50 — 53
Austria, cheque	1 — 3
Noruega, cheque	2453 — 2527
Suecia, cheque	3250 — 3348
Dinamarca, cheque	2754 — 2838
Libras	61$500 — 63$000

Mutilado da Guerra Morrendo á Fome!

No hospital de Portalegre está recolhido por esmola até que, acabados os nenhuns recursos daquela casa, o estendam na valeta do caminho, um homem que, em qualquer outro paiz, estaria — não ha duvida alguma — ao abrigo de todas as vicissitudes.

Chama-se Manuel Marques, o desgraçado que nas trincheiras da Flandres os gases asfixiantes intoxicaram.

Quando, finda a guerra, a cabeça aberta pelos sabrados dos inimigos, as pernas esburacadas pelas balas e os braços quasi ankilosados pelas cicatrizes de fragmentos de granadas e tiros sobre tiros, o desgraçado recolheu á Patria pela qual bravamente se batera, — como vinha doente, atiraram-no — osso esburgado — para fóra do seu regimento, o 16 de infantaria, que ele tanto honrára, que tão nobremente distinguira, erguendo-lhe alto, em face do inimigo cruel, e sempre num desaio que as chagas das suas feridas gloriosas tornavam mais nobre, mais vivo, a sua bandeira, — aquela que, á hora da partida, amorosamente saudara!...

Eis o pago que lhe deram, não a Patria, não, — mas aqueles que passam, sem a vêr, junto da sua agonia!

Arremessado para a rua, o valente soldado — valente como poucos — o cerebro, dominado pelos gazes mortiferos tombou na loucura!... Endoideceu, o pobre!...

E morre de fome, ao abandono, o valente, o soldado que, cheio de cicatrizes gloriosas — quantos as apresentam? — a guerra inutilisou nos campos flandrinos, lá longe da sua Patria!...

Que vergonha! Que criminosa vergonha!

Senhor ministro da Guerra, Senhor Presidente da Republica: — dignem-se acudir ao soldado valente, áquele que nunca voltou as costas ao inimigo! Acudam-lhe; não para que ele viva, não; mas para que, ao menos, na sua hora extrema, ele adormeça tranquilamente, longe dos homens egoistas e injustos!...

TAUROMAQUIA

Campo Pequeno

Brilhante e animada deve decorrer a lide de amanhã no Campo Pequeno pelos touros, que são oito escolhidos animais da acreditada ganaderia da Chamusca, sr. Norberto Pedroso, e pelos lidadores entre os quais sobresahem o eximio cavaleiro José Casimiro — que ainda não toureou este ano — o artistico, adornado e variado toureiro que é o novilheiro Eladio Amorós, e o seu notavel bandarilheiro Manuel de La Pieza, que alternará com os nossos bandarilheiros.

Alem doutros artistas tomam parte o cavaleiro R. Teixeira, os bandarilheiros Alfredo, Agostinho, A. Carvalho, A. Cruz, F. Teles e Alfarero, e os praticantes F. Henriques e F. Froes e um rijo grupo de forcados, chefiado por A. Pilé.

O bandarilheiro Luciano Moreira dirige a corrida, a qual começa ás 4,45.

SPORT

Coisas de sport...

Houve quem levasse a mal, o eu dizer que fôra mal orientada a publicidade de luta no Coliseu.

Depois do campeonato provarei que tenho razão.

Os que se zangam devem lembrar-se do adagio francez que diz:

«Tu te faches», donc «tu as tort»..

* * *

Em França, na escola de Jainville vai crear-se um museu de sport, onde devem figurar entre outras coisas os moldes em gesso dos braços, pernas e tarsos dos melhores atletas.

Daqui podiamos enviar os pés do professor Anibal Pinheiro...

Batiamos o record ..

* * *

Os jornais franceses, que aliás estão de acordo em que Carpentier não podia fazer nada diante de Dempsey, criticam este ultimo por não encontrar o francez.

E' um paradoxo, que se explica, pois o match em questão renderia alguns milhares de francos de publicidade...

«Les afaires sont les afaires...

* * *

A Federação Portugueza de Box, teve mais um rasgo de genio...

Não aprovou que o titulo de campeão de Portugal fosse disputado no encontro Raivo-Crespo, mas não revalidando a troca do titulo, aceitou a decisão do combate.

Perceberam?

Eu tambem não...

* * *

Numa festa de box, que se realisou num dos clubs de Paris, apareceram inscritos 8 boxeurs, que se soube depois serem policias...

Está descoberta a maneira de se dar uma sova num agente, sem ter a parte carregada...

RUY DA CUNHA.

AUTOMOBILISMO

Realisa-se amanhã a corrida da Rampa da Pimenteira

Nove carros inscritos — Premios no valor de 2500 escudos

Realisa-se definitivamente amanhã a corrida da «Rampa da Pimenteira» organisada pelo jornal «Os Sports».

O juri reuniu ante ontem, tendo deliberado que a corrida, principie ás 14 horas em ponto, devendo os concorrentes comparecer no local da partida ás 13,30 a fim de serem examinadas as categorias dos carros pelos «livretes» de circulação.

O juri é constituido pelos srs. José Lino presidente, Sebastião Teles juiz de partida, Pereira de Carvalho juiz de chegada, Mouton Osorio fiscalisação da pista, e secretario A. Correia Leal.

«Os Sports» confere alem das duas magnificas taças a que nos temos referido, duas medalhas de ouro oferecidas pela Sociedade Portugueza de Automoveis e Pereira de Carvalho, Lda. que serão entregues aos vencedores da 1.ª e 2.ª categoria.

A auxiliar o serviço de fiscalisação «Os Sports» pediu o concurso dos Escoteiros de Portugal e Corpo de Salvação Publica.

A inscrição, até á hora de fazermos esta noticia era a seguinte:

Dois carros «Studebaker» da firma C. Santos Lda.

Um carro «Citroen» da firma Eduardo Rosa Lda.

Um carro «Delage» da firma Artur Mimoso Lda.

Um carro «Alfa Romeu» da firma Lisbon Motor C.ª

Dois carros «Bugatti» da firma Benedito Ferreirinha Filhos, do Porto.

Um carro «Secqueville-Hoyau» da firma J. T. Pinto Vasconcelos Lda.

Um carro «Morris-Cawley» do amador Antonio Medeiros e Almeida.

A corrida que está despertando grande interesse deve atrair ao local grande numero de curiosos.

Depois das 17 horas «Os Sports» afixará no «placard» dos seus escritorios os resultados da prova.

NOTICIARIO

TAÇA ATENEU

A Comissão Organisadora resolveu na sua reunião do dia 10:

Tomar conhecimento da desistencia desta prova, do 4.º Grupo do Sporting Club de Portugal.

Castigar com repreensão registada o Grupo Sport Adicense por jogar com um jogador não inscrito, no desafio Bemfica-Adicense.

Homologou os seguintes desafios jogados no dia 7.

Carcavelinhos vence Marvilense por 10-0

Belenenses vence Internacional por 3-1.

Bemfica vence Odicense por 7-0.

Fosforos marca 2 pontos, por Sporting ter desistido.

Desafios para o dia 14:

Bom Sucesso Belenenses, nas Laranjeiras ás 11 horas — Juiz Alberto Mata (S. L. B.)

Carcavelinhos-Cruz Quebrada, em Bemfica ás 11 horas — Juiz Tomaz Mata (A. C. L.)

Casa Pia-Adicense, no Lumiar A ás 13 horas — Juiz João P. Figueiredo (C. I. F.)

Ateneu Fosforos, no Lumiar A ás 11 horas — Juiz Antonio F. Cunha (G. L. C. G.).

NATAÇÃO

Casa Pia Atletico Club

A comissão desportiva deste club comunica a todos os seus associados que amanhã domingo ás 10 horas da manhã, inaugura o posto nautico que o club possue na Doca de Alcantara, realisando os nadadores do club algumas provas.

A escola de natação para principiantes começa a funcionar na proxima semana, em dias e horas que oportunamente serão anunciados.

GINASIO CLUB PORTUGUEZ

O sarau no Coliseu

O Coliseu tem todos os anos, no sarau do Ginasio Club Portuguez, uma das suas mais festivas e animadas noites. Os programas do Ginasio Club são sempre brilhantemente organisados e o do proximo sarau manterá essa fama, na variedade e valor dos numeros, entre os quais sobressairão a classe infantil de ginastica sueca, do professor Artur dos Santos; os exercicios de esgrima de florete, feitos em conjunto por dez discipulos do mestre Antonio Martins; os numeros aereos, vôos, barras, paralelas, triplo-trapezio, sem rêde e duplo trapezio. Ha ainda atletica, luta, box, forças combinadas e dois sensacionais numeros de equitação, saltos do picadeiro do sr. Gonçalves de Miranda, professor do club; o volteio, por numerosos alunos e o cavalo «Bombita» em alta escola montado pelo distinto «sportman» sr. Jorge Oom.

O sarau realisa-se na proxima terça-feira.

O DESAFIO DE FOOT-BALL DOS ACTORES

Está despertando grande interesse os desafios de foot-ball entre actores e dois dos nossos primeiros «teams» promovido pela Associação de Classe dos Trabalhadores de Teatro a favor da sua Caixa de Reformas e Pensões, sendo já muitos os pedidos de lugares que a comissão não pode satisfazer por não ter sido ainda marcado pela Associação de Foot-Ball o dia em que se devem realisar.

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

O CASAL

por JULIO CESAR MACHADO

Quando eu saia de lá não lhe tinha dito uma unica palavra do que havia feito tenção de dizer-lhe; era ela que conduzia a conversação e guiava-a tão loucamente, que nunca se sabia do que se tratava; falava-me do seu passado, dos seus amores de infancia, das carruagens de Lisboa, do nariz do Mercadante; preguntava-me se eu era forte ao florete, quantas mulheres tinha amado, de quantos jornais era assinante; fazia-me cantar bocados de opera, ria como uma criança, depois suspirava triste, ia para o piano em seguida, depois para a janela, depois para a mesa!

Uma ocasião, demorámo-nos mais tempo a conversar e a sua mão esqueceu-se entre as minhas. Falava-me de sua mãe, a quem deixara aos vinte anos, trocando as serenas felicidades do lar pelas ambições da independencia, pelo sonho dos triunfos, pela visão da gloria: principiámos ambos a falar de familia, contámos um ao outro as reminiscencias da nossa infancia, fizemo-nos de novo crianças pelo pensamento, e fechando os olhos para ver melhor na alma, corremos de mãos dadas para traz até encontrarmos a nossa primavera morta! Nessa tarde, o seu olhar fixou-se por momentos no meu, e uma nuvem passou entre nós, como afugentando uma ideia superior á sua razão e á sua vontade. Angiolina desviava de repente a vista, e parecia querer retirar a mão de entre as minhas; eu segurava-lha com ancia, e estremeciamos ambos; continuavamos outra vez a trocar a confidencia das nossas recordações ou dos nossos sonhos, do que tinhamos visto, ou do que haveriamos querido ver e, á proporção que falavamos do passado, iamo-lo esquecendo; levei a mão dela aos labios e beijei-a; ela disse-me apenas:

— Estamos ambos numa hora melancolica; tenho medo destas conversações meio tristes ao cair da tarde; vá, adeus; deixe-me só. Vejo-o amanhã á noite no teatro? Nos entreactos quero tê-lo no meu camarim! Vou apresentá-lo á minha côrte como o pretendente mais perigoso. Parta; adeus!

Na noite imediata, ela cantou a *Favorita*. Que impressões acordou na minha alma, Deus meu! como a sua voz era doce, afectuosa e divina! que meiguice sedutora, que frescura, que extase, que ceu! O seu tipo não era bem o da mulher formosa, mas o da mulher insinuante; não era uma rosa, mas um lirio; não era um sorriso, era um suspiro, mas de felicidade e de amor. Cantava e representava a sua parte com um tão grande sentimento dramatico, que nunca errava uma intenção, nem descuidava uma frase. Tão moça como era ainda, que presciencia tinha dos segredos da dôr que tão bem os reproduzia pela arte! Os seus olhos negros atiravam por vezes numa vista um poema sublime de sentimento. O seu metodo não era o dos ornatos e dos enfeites no canto, mas ninguem melhor do que ela sustentava a inteligencia, a paixão, a côr da musica, dando á parte de Leonor o seu triplice aspecto, pela alegria, pelo sentimento, pela angustia, de amante, de mulher e de martir! Oh! eu namorava-a nessa noite com o entusiasmo, com a admiração, com o frenesi de um idolatra! Toda me parecia bela como eu nunca encontrara mulher no mundo. Os seus cabelos negros e magnificos moldurayam-lhe o palido semblante com um encanto indizivel; ela tinha os beiços tão longos mas tão flexiveis, tão languidos, tão brandos, que as notas ao roçarem por êles adoçavam-se como um suspiro de anjo, ou um beijo de irmã!

— Oh! dizia eu a mim mesmo, ao contemplar o noviço despedindo-se apaixonado e melancolico do seu convento de S. Tiago de Compostela, por não poder já com as tristezas do claustro, e sentir que já não lhe bastava Deus, — oh! pobre alma aflita, que trocas a religião pelo amor, é ainda a fé, debaixo de uma nova face, que te anima e te impele! Feliz, ah! feliz se ainda crês! feliz se amas! feliz se esperas! Podias tu ter evitado oferecer-lhe a agua benta, e os teus dedos roçarem pelos dela? Tens tu hoje a força, pobre saudoso, de a afugentar da tua imaginação, tu, que já não podes rezar e te devoras na aspiração a outra vida? Pois se dessa visão só vives, dessa imagem, dêsse anjo que encontraste aos pés do altar orando a Deus, — se a julgas pura e nobre como é bela, que voz fatidica irá dizer-te a rir, que amas a amante do rei, uma cortezã como as cortezãs, uma mulher perdida que se vendeu mais cara do que as outras, mas que se vendeu! que é beijada por um rei, mas que é beijada por um homem que não é seu pai e que não és tu! Oh! canta! canta ainda! canta e sofre! Deixa o velho frade, ancião desconfiado da felicidade e do amor, lembrar-te a fragilidade das paixões e a incerteza das coisas humanas! *Io l'amo!* dizes. *Mio padre, io l'amo!* E nisso dizes a sorte, a esperança, a providencia, a fatalidade, o destino! Oh! canta! canta e ama! Se um dia a excomunhão pesar sobre a tua cabeça, irás sob o anatema de Deus pedir-lhe o teu perdão a êsse mesmo altar de onde foges hoje!

E a *bella del Rè*, que adoraste na vida faustuosa do palacio, virá pedir-te a ti, pobre, andrajosa e maldita, o mesmo perdão que tu estiveres pedindo a Deus! E perdoar-lhe-has, tu! tu, sim: Deus é que não te perdoará a ti, talvez, porque ainda tentarias fugir-lhe de novo, se a morte não viesse tocar com os seus palidos dedos a fronte da favorita!

E nisto, bebendo êle outro golo de cognac, houve uma nova pausa...

II

Depois: Sofria naquelas noites de teatro, como um louco. Se não aplaudiam Angiolina, tinha acessos de colera indomaveis; se lhe davam palmas, tinha ciumes do publico, da gloria, e da felicidade! A' proporção que ela desempenhava uma opera, ia tornando-a impossivel a outra cantora.

Era um talento privilegiado, unico. Quando era *Norma*, e aparecia coroada de verbena, deixando perder o olhar no argenteo clarão da lua, — quando era *Gemma*, e o ciume lhe contraia o rosto numa expressão de raiva e de martirio, — quando era *Martha*, e, na feira, com o seu disfarce de camponesa, sorria aos galanteadores que queriam levá-la no seu carro, — quando era *Sapho* e dedilhava a lira, soberba de genio e de desgraça, — aquela interessante cabeça, como esculpida pelo Phidias, erguia-se, nobre, sobre ombros de marmore, e a mascara, admiravel, de pureza, de correcção, e de vida, que paixões violentas não conseguiam alterar, conservava-se bela durante as agonias dramaticas!

Uma grande amargura devia pesar mais tarde ou mais cêdo na minha alma; um dia, emfim, chegou, e horrivel; veiu pelo ciume.

Habituado aos devaneios simples e serenos das afeições de namorado, ou dos caprichos de amante em regiões temperadas, encontrei-me, subitamente, num mundo que não me era conhecido e para o qual o meu coração não havia sido criado. A cada hora vinha um acontecimento, por mais leve, por mais insignificante que parecesse aos outros, acordar-me na imaginação a ideia dolorosa, de que o meu amor não era compreendido na sua elevação, nem compensado na sua lealdade.

O caracter imprudente e leve de Angiolina despertava-me a todo o instante desconfianças, hesitações, sobresaltos; uma palavra dela, um erguer de olhos ao ceu, um movimento de ombros, como quem diz que lhe não importa, um simples gesto de quem se sente morente, bastavam todavia para me dispôr em colera contra mim proprio.

Tudo devia perdoar-se áquela rapariga, pelo talento, pela imaginação pitoresca e devaneadora, pelos acasos de um espirito inquieto, pelas fantasias inocentes do seu caracter sonhador. Quando era afectuosa, dedicada, terna, nunca o amor cuidou ter tanto poder na terra: a sua mesma melancolia tornava-se condão para me seduzir de entusiasmo e de respeito por aquele destino singular e triste, tão cheio de glorias como de tristezas. Ela sofrera e conhecia a vida.

(Conclue depois de amanhã)

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

N.º 4078—12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5 || LISBOA — Segunda-feira, 15 de Maio de 1922 — Telefone n. 2293—Endereço tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

Depois de um ultimo discurso do sr. Lloyd George, encerrou-se a Conferencia de Genova que demonstrou um fracasso para os Aliados e uma vantagem diplomatica para russos e alemães.

No campo monarquico

O orgão constitucionalista, o "Correio da Manhã,, publicou hontem complacentemente a carta que os integralistas unitarios da Academia de Coimbra dirigiram ao Congresso integralista que tambem hontem reuniu em Lisboa a fim de apreciar o chamado pacto dinastico de Paris.

O "Correio da Manhã,, andou habilmente porque quanto os elementos integralistas que esse pacto aceitaram sobre ele discretearem, mais se enterrarão no oprobio em que mergulham sempre os que renegam as suas doutrinas por qualquer interesse que não seja o de novos principios leal e sinceramente reconhecidos.

Nesta questão do pacto de Paris não se atendeu aos principios: atendeu-se apenas ás pessoas, sobretudo do lado dos adversarios das doutrinas liberais. Esses não viram senão a possibilidade de vir a ser rei o pobre rapasinho que se chama D. Duarte Nuno e, quando muito, alguns nutrem aquilo que se pode dizer a hipotese da hipotese, ou seja a criação dum novo tipo monarquico depois da restauração da monarquia constitucional

Porque se se desse a restauração monarquica o que se restauraria não podia deixar de ser a monarquia existente em 4 de outubro de 1910, ou seja a monarquia liberal, considerada sempre usurpadora pelos miguelistas que a atribuiam a verdadeira legitimidade dinastica, e reputada uma Republica de facto, pelas integralistas que não podem suportar a idéa da democracia.

Os integralistas unitarios de Coimbra proclamam ser principio axiomatico da doutrina monarquica que o rei procede sempre bem. Esta doutrina monstruosa já não é aceita pelas monarquias constitucionais, e mesmo nas monarquias absoluta o recebeu por vezes severas contestações. Mas é assim que pensam os integralistas unitarios de Coimbra, e todavia vão sujeitar-se a um acordo, do qual pode, e é mesmo natural que resultaria, se tal facto ocorresse, a continuação do regimen constitucional, em que o rei reina mas não governa, isto é, que não procedendo bem, dentro das funções quasi automaticas do seu cargo, nenhuma força possue para evitar até uma deposição legal.

Os integralistas que hontem reuniram em Lisboa estão ao menos dentro da logica e da dignidade dos seus principios. Eles querem um rei absoluto, ou quasi absoluto, mas para aplicar determinadas doutrinas que consideram úteis para a nação. Segundo os seus principipios, esse rei será o orgulho dum principio a que se dedique de alma e coração. Quem assim pensa não pode aceitar a realeza do sr. D. Manuel que já claramente declarou não estar de acordo com as doutrinas integralistas. E muito póde aceitar a possibilidade de ser adotado um regimen que está em completa contradição com as suas aspirações.

Pela primeira vez haviamos de dar razão aos integralistas puritanos. E' que eles estão dentro dos seus principios, e, mantendo-os, mostram que se movem por ideias e não por interesses. Os outros, cómo dissémos no principio deste artigo, só teem pessoas. E' pouco, para quem deseja dirijir um paiz.

A viagem do Principe de Galles

Um acidente num «match» de polo

MANILA, 15.—Quando o principe de Galles estava jogando o polo foi ferido sem gravidade pela bola atirada pelo cavaleiro que ia atraz dele; a bola bateu de raspão por cima da sobrancelha direita produzindo uma ferida de polegada e meio de comprimento que foi cosida com dois pontos. O principe voltou para bordo do couraçado Renown não podendo assistir ao jantar e recepção dadas pelo governador geral em sua honra. Parece que amanhã já poderá assistir ás festas.—(R).

Quando se revoga a lei 1244?

O PROJECTO DE LEI DO SR. ARAGÃO E BRITO CONTINUA SEPULTO NO SEIO MISTERIOSO E SECO DA COMISSÃO DE GUERRA

Ha dias na nossa chronica parlamentar, notificamos o desgosto do sr. Antonio Maria da Silva pela forma porque o Parlamento condusia os seus trabalhos. Com efeito, a languidez dos parlamentares apenas consegue a muito custo arrancar das Comissões os pareceres de um ou outro projecto de lei, gastando a maioria do tempo em questões infantis de que o paiz se desinteressou e que não trasem para a Nação nenhum positivo interesse. Entretanto existe na Comissão de guerra, entre outros, um projecto de lei do sr. Aragão e Brito, projecto que revoga a mais inepta, a mais estravagante lei que jámais tem saido dos cerebros ossificados dos «Evangelistas» do Ministerio da Guerra—a lei 1244.

O parecer favoravel ou contrario ao projecto do sr. Aragão e Brito ainda não subiu ao Parlamento. Fizemo-nos eco do boato que afirmava jazer ele no seio da comissão de guerra por ser desagradavel ao sr. ministro da Guerra. Hoje, podemos concluir que é de facto assim. O sr. ministro da Guerra quiz depurar o exercito servindo-se da lei 1244 e declarando contra tudo e contra todos que ela é excelente, embora fosse o primeiro a dizer que havia excepções dignas de consideração. Não lhe serve outra lei senão a que apadrinhou e muito embora s. ex.ª esteja já farto de saber que a lei 1244 não só não depura, como tambem é perniciosa á indisciplina do exercito, faz abafar toda a discussão oficial em volta dela, servindo-se de processos que lhe podem parecer rasoaveis mas que são inegavelmente inconstitucionais.

Os casos que temos publicado e continuaremos a publicar sobre a lei 1244 não foram ainda contraditados ou sequer corrigidos por ninguem, nem mesmo por aqueles que porventura se vejam maltratados. Logo, são rigorosamente exactos. Quem tiver seguido atentamente o que a este respeito temos publicado, verifica que os castigos aplicados pelo Ministerio da Guerra não se fizeram segundo um criterio de justiça e de equidade mas simplesmente e odiosamente perseguindo os fracos, os obscuros e os desprotegidos, obtendo-se vagas para os apaniguados, vagas que afinal não chegam para satisfazer uma voracidade tão grande que teve de se lhe dar a outra «lei do diluvio dos coroneis». Vêmos que oficiais com egualdade de culpas são indistintamente punidos ou isentos de processo segundo o belo praser de quem manda e dispõe. E' perfeitamente a teoria do patrão que despede o empregado ou lhe aumenta o salario conforme lhe apetece e segundo o criterio da sua simpatia.

Ora o que é verdade é que ninguem está no Exercito por favor do Ministerio da Guerra. Nenhum oficial, nem mesmo o mais obscuro, o menos graduado, deve a nenhum ministro da Guerra o seu modesto galão e o chefe do Exercito só tem o direito de excluir dessa agremiação aqueles que não prestaram á lei e ás instituições a necessaria obediencia. Mas esse direito, porque é soberano, precisa de ser meditado e precisa de obedecer sempre a um profundissimo criterio da justiça.

A lei 1244 é má. E' pessima. Mas se ela tivesse sido aplicada a quem claudicou e a «todos» que claudicaram, nada teriamos a dizer e os nossos reparos poderiam só incidir sobre a sua estructura e nunca sobre a sua aplicação. Mas é isto precisamente o que se não dá. Pune-se ao acaso e consoante os rancores de quem pode punir. Ha intangibilidades e ha perseguições. De forma que segundo este criterio, a escola da honra, do desinteresse e do brio que deve ser o exercito, desapareceu de todo e o sudario que temos publicado não mostra senão espionagens, baixezas, traições, intoleraveis ubiquidades de caracter e de opinião, vergonhas de toda a especie. Não se depura por consequencia cousa alguma e antes se favorece a florescencia de todas as hipocrisias e de todas as deslealdades para se conservarem os galões. E acresce a isto oque tantas vezes temos significado e significaremos ainda tantas outras: E' punido quem não agrada, é isento quem é protegido.

Decerto a indiferença publica sobre os interesses vitais da nação parece profunda. Mas parece unicamente. Não suponha o sr. ministro que estas cousas se fazem sem que ninguem repare nelas. O sr. ministro da Guerra defendendo «á outrance» a sua lei 1244 não presta um serviço nem a si proprio, nem ao Exercito de que é chefe, nem á Republica de que é ministro. E se ouvir um bocadinho que se passa cá por baixo, pode ser que se dê a reflectir e conclua que para punir é preciso, é indispensavel ser cego e não obedecer a coações de nenhuma especie.

Os nossos casos de hoje continuam com certo interesse Para os «gourmets» damos estes tres bocadinhos de Evangelismo:

Os majores de infantaria Nicolau Jóaquim de Barros Bacelar e Francisco Feio do Vale, e o alferes da mesma arma, Americo Jacob dos Anjos Pires, estavam fazendo serviço no quartel general da 3.ª divisão em Braga, quando ali foi proclamada a monarquia. O comandante não sendo da confiança, foi destituido, ficando porem os oficiais citados a bom contento e como bons elementos, prestando os seus serviços á causa monarquica, com a dedicação de leais servidores. Reimplanta-se a Republica, continuam «porque quem esta mal é que se muda» prestando os seus serviços como bons e leais republicanos, dos nossos emfim, valendo-lhe a mutação rapida o não serem encomodados, «governando-se» é o termo.

Major de infantaria 20 Francisco Martins Ferreira, este oficial, quando proclamada a monarquia no Porto veiu de Guimarães para esta cidade, fazendo parte do pessoal do Ministerio da Guerra da junta governativa. Foi-lhes instaurado o respectivo processo disciplinar, mas, «como quem tem unhas é que toca guitarra» arranjou um amigo e um bom padrinho de Guerra, que lhe conseguiu arquivar o processo. Não lhe levamos a mal o ter-se arranjado, mas o que é mais extravagante, é ser esse padrinho de guerra hoje um defensor da monstruosa lei 1244.

Gualdino Ribeiro Guimarães Passos, alferes de artilharia 5, proclamada a monarquia em Viana de Castelo, prestou á causa relevantes serviços, e de absoluta confiança, pois era o encarregado da transmissão de ordens naquela cidade. Imagina o leitor que foi talvez encomodado por aqueles serviços á causa que tinha findado? Antes pelo contrario, é hoje tambem de «absoluta confiança», republicano dos historicos, porque não pode ser mais...

Aos Pais e Professores

Acaba de publicar-se o n.º 42, do 6.º ano, da «Revista Infantil», destinada á propaganda educativa e moralisadora entre as crianças dos lares e escolas portuguêsas, a quem é gratuitamente distribuida pelos paes e professores.

Gratuitamente tambem se enviará um numero specimen a todas as pessoas que o requisitem para a séde da Redacção, Calçada do Poço dos Mouros, J. C. 1.º esquerdo Lisboa.

A viagem dos reis de Inglaterra

Os soberanos regressam a Londres

LONDRES, 15.—Os reis de Inglaterra voltaram á noite a Buckinham Palace depois da sua visita aos campos de batalha da França e da Belgica. Terminando a peregrinação com a visita ás sepulturas dos soldados inglezes o rei Jorge pronunciou um sentido discurso. Antes de sair de Bolonha o rei dirigiu um agradecimento cordeal ao presidente da Republica franceza e fez o mesmo ao rei dos belgas quando desembarcou em Inglaterra.—(R).

DESLEIXO IMPERDOAVEL

Codigo Administrativo

A comissão nomeada para o elaborar ainda não se instalou, e nada resolveu por emquanto

A vida politica portugueza padeceu sempre dum grande desleixo—no que toca á realisação de problemas que de algum modo contribuam para o engrandecimento do paiz. Faz-se, em geral, politica por politica, como se faz arte pela arte.

A politica—como a arte dos palavrosos, é, quasi sempre, infelizmente, uma coisa sem sentido.

Ha mais de dois meses que foi nomeada no Ministerio do Interior uma comissão para a elaboração dum «Codigo Administrativo». Pois essa comissão—sabemo-lo de fonte segura—ainda não se instalou junto do respectivo ministro, nada tendo resolvido até agora—desleixo tanto mais imperdoavel quanto é certo impôr-se cada vez mais a necessidade de se acabar com a fragmentação das normas administrativas que não são duma instabilidade tão absoluta que não possam fixar-se na criteriosa e inteligente sistematisação dum codigo.

As normas administrativas que regulam a vida do paiz, encontram-se disseminadas em dois velhos codigos do tempo da monarquia—os de 1878 e 1896—e ainda nas leis republicanas de 7 de agosto de 1913 e 23 de junho de 1916.

Ora não será util sistematisar estas normas que andam dispersas—dificultando, assim, a consulta—num unico monumento juridico, em que elas, de acordo com o evoluir do proprio direito administrativo, sofrem as alterações necessarias? Parece-nos bem que sim. Qual a razão, pois, deste desleixo?

A comissão nomeada no Ministerio do Interior, compõe-se de ilustres advogados que, ao estudo do direito administrativo, desde ha muito se teem entregado com vontade. Faz tambem parte dessa comissão o dr. Rocha Saraiva, professor de direito administrativo na Faculdade de Direito de Lisboa, uma das maiores competencias no assunto.

Não compreendemos, pois, a razão de tal desleixo e aqui deixamos lavrado o nosso protesto.

Urge que a comissão comece, quanto antes, os seus trabalhos, orientando-os de forma a ficarmos com um codigo administrativo que satisfaça, por completo, as actuais exigencias das autarquias locais.

E' bom não esquecermos que o nosso paiz tem fortes tradições administrativas para que é preciso reparar, atendendo-as.

Cá ficamos á espera...

Mas o desleixo deve ser atribuido, sobretudo, á iniquidade parlamentar—que nada faz, nada produz, nada resolve.

Palavras, palavras e, quasi sempre palavras más?

Passearam ontem Lisboa

varios conceituados industriais do roubo

E' escandaloso o que se está passando nas ruas da cidade onde por todos os lados se vêm gatunos do cadastro, tendo chegado alguns de Africa onde estavam entregues ao Governo.

Uma volta pela Baixa e pela Mouraria foi ontem curiosamente elucidativa. Na conhecida taberna do «Carapau» junto duma viela da Mouraria lá encontramos os conhecidos «sportsmen» do arrombamento, o «Trinca» e o «Gago Menirista». Em S. Domingos, no café dos cegos, avistamos o «Galego», o «Menina» e o «Arrepio». Em volta da praça da Figueira vagueavam algumas gatunas de forasteiros a «Sára», a «Maria Mulatá», a «Cara de cavalo» e outras de alcunhas mais energicas. Tudo muito interessante e muito pitoresco.

Na rua da Prata tomavam ventos, entretendo-se em atacar as senhoras que subiam para os eletricos, a fim de lhes furtarem as malinhas, os «de golpe», como sejam o «Saloio» e o «Pires Gago». No Terreiro do Paço, encostados ao kiosque que está defronte da Cruz Vermelha tambem notámos chupando languidamente cigarros, o «José da velha» e o «Ganço». Proximo do Grandela esperava um eletrico o celebre «Pão Negro» e ao pé do café Chave de Ouro, operando no ajuntamento, a figura insinuante do «Parolo» ia trabalhando os parolos.

Policia é que não vimos nenhuma. Estará provavelmente toda na cadeia.

QUESTÕES DO DIA

Os vencimentos dos oficiais do Exercito, vistos atravez de duas opiniões autorisadas

A Vitoria, de ontem, publica a seguinte informação:

«Um nosso ilustre amigo recebeu ha dias uma carta de Gago Coutinho, seu velho amigo de infancia. Dela extraimos os seguintes trechos, suficientemente elucidativos para dispensarem quaisquer comentarios:

A nossa viagem foi pretexto para que alguns navios saissem ao mar, treinando assim o seu pessoal, que poderá, por um momento, sair da miseria, desalentadora e vexante, em que vive, sobretudo se a compararmos com o que ganham, por exemplo, os carroceiros. Avalio-a por mim, que, depois de uma vida inteira de trabalho, recebo por mês 370 escudos. Para refazer uns velhos galões, antes da abalada e modificar um fato antigo, gastei mais do que isso.».

A opinião do chefe do Governo, sr. Antonio Maria da Silva, é expressa, com insofismavel eloquencia, na local que abaixo transcrevemos do *Diario de Noticias*, de hoje:

«Ao que consta, o sr. presidente do Ministerio mantem-se intransigente na sua discordancia com o aumento de vencimentos aos funcionarios civis e militares, emquanto não forem aprovadas as propostas de fazenda.

Diz-se, no entanto, que o Governo aceitará qualquer proposta que seja votada pelo Parlamento, elevando os soldos á classe militar, desde que a despesa que dahi resulte encontre compensação em economias a fazer com o licenceamento de praças de pré.»

Não se dirá, agora, que o problema não está posto com clareza. Temos, de um lado, um oficial glorioso, o maior de todos os portugueses, que, ao fim da sua carreira e no momento em que enche o mundo com o nome de Portugal, recebe 370 escudos mensais, menos que um carroceiro; por outro lado, possuimos um chefe de Governo que não vê a impossibilidade de se manter tão deprimente e desprimorosa situação.

Mas o sr. presidente do Ministerio não se limita a cortar assim, *carrement*, a questão. Vai mais longe. Com uma deliciosa ironia, que lhe fica a matar, o sr. Antonio Maria da Silva admite a hipotese do aumento de vencimentos aos oficiais do exercito, contanto que se licenceiem as praças de pré. Passariamos assim a possuir um exercito sómente composto de oficiais, porque os soldados iriam para os seus lares cavar batatas, emquanto os chefes, bem alimentados, entretinham as horas vagas, que passavam a ser todas, a cavar pés de burro. Como fórmula governativa, esta é de escacha!

Sabe-se, apesar de tudo, que os esbanjamentos continuam a esvasiar os cofres do Estado, sem que baste, para o evitar, a mão forte do sr. Antonio Maria da Silva. Os delegados á Conferencia de Genova receberam os seus vencimentos em boas libras de cavalinho, o que não foi de mais para o proveitoso serviço publico realizado; o exercito diplomatico que o paiz mantém no estrangeiro é sustentado a sopas de esterlinos, o que, presentemente, é o melhor remedio para a anemia palustre do Palacio das Necessidades; continuamos a possuir, junto das legações, fardas brilhantes de todas as armas, a desempenharem funções enigmaticas de adidos militares, sendo de notar que só um déles recebe, por varios canais, uma quantia que não está longe de 500 escudos diarios; finalmente, para não alongar demasiadamente a lista, já se apresta a partida para uma doce veligiatura no estrangeiro de boa porção de parlamentares, que irão exemplificar, na Conferencia Inter-parlamentar de Comercio, o luxo e o *savoir vivre* de um paiz falido de moeda inconvertivel com curso forçado...

O que nos vale é que as propostas do sr. ministro das Finanças, convertidas em lei, vão fazer abarrotar os cofres publics com notas do Banco de Portugal. As novas leis tributarias terão a virtude, segundo o Governo nos diz, de canalizar para o Estado uns 250 mil contos anuais; com mais uns pósinhos que o sr. Portugal Durão tem debaixo de ôlho, o *deficit* orçamental, que os optimistas calculam apenas em 400 mil contos, ficará extinto de vez; e, como consequencia benefica de tanto deboche tributario, o valor aquisitivo do escudo chegará a uma altura himalaica, com grande pezar do bacalhau, que, desta vez, ha de vir realmente para o preço paradisiaco de pataco o quilo... Entretanto, nós, que não conseguimos ainda compreender a acrobacia financeira do sr. Portugal Durão, preguntamos aos nossos botões (que fazem o papel do lendario Conrado...) que massa enorme de papel-moeda será ainda necessario lançar em circulação para que anualmente se possa extrair á economia publica o montante de 400 mil contos, sem afectar mortalmente as fontes de produção. E' certo, todavia, que o sr. presidente do Ministerio pensa que a circulação fiduciaria se reduzirá automaticamente com a aplicação da receita *demodée* do imposto sem limites.

Os oficiais do exercito e da armada que esperem, pois, pelo El-Dorado que lhes promete o sr. ministro das Finanças, mai-l'o Governo. E' isso que ordena o patriotismo... dos outros. O estomago suplica o contrario. Aconteceu o mesmo com o burro do inglês, lembram-se?

A paixão e o calvario de Oberammergau

Recomeçam hoje depois de interrompidos pela guerra

OBERAMMERGAU, 15. — Hoje terá logar pela primeira vez depois da guerra a representação da celebre scena da paixão.—(R.)

N. R.—E' sempre notabilissima a reconstituição que costuma fazer-se anualmente nesta aldeia da baixa Baviera, da paixão, calvario e morte de Cristo. Esta cerimonia habitual ha mais de um seculo precedeu pelo arranjo, pela ideia e pelo «mise-en-scene» todos os grandes «films» da actualidade. Todos os habitantes de Oberammergau desempenham um papel que é sempre o mesmo e passa de pais para filhos atravez de gerações. A figura de Cristo está a cargo dum homem pitorescamente conhecido em toda a Alemanha pelo «Cristo de Oberammergau. Caifaz, Pilatos, Judas, S. Pedro, etc. são outros tantos personagens inamoviveis. Toda esta multidão prepara durante um ano a sua indumentaria e desenvolve com o possivel rigor historico, nas colinas da Baviera, durante dois dias, a reconstituição das ultimas oito horas de Jesus, passeando com magnifica pompa pelas ruas da aldeia e pelos cabeços das alturas uma curiosa scena de ha dois mil anos.

E' esta a unica industria de Oberammergau, conhecida em toda a Baviera por esta curiosidade, elevada hoje á altura duma industria.

Sir Walter Raleigh

Faleceu o notavel intelectual inglez

LONDRES 15.—Faleceu Sir Walter Raleigh, professor de literatura ingleza na Universidade de Oxford, —(R.)

N. R.—Filosofo, humanista, literato, comentador insigne do Pope e de Milton, Walter Raleigh era um dos maiores intelectuais do Reino Unido e uma das mais brilhantes figuras da mentalidade ingleza moderna. A rainha Victoria concedera-lhe o titulo de «Sir». Era descendente em linha recta do celebre filibusteiro do seculo XVII que devastou as costas da America do Sul e morreu carregado de honras e de riquezas depois de ter sido pirata vinte e trez anos.

Um calculo curioso

Os metereologistas calcularam a quantidade de agua que cai anualmente no solo. Se, esta massa liquida podesse subtrair-se á ação da evaporação e não fosse absorvida, circundaria a terra com uma camada de um metro de espessura, no fim de um ano, o peso desta massa de agua seria de 464 174,620 milhões de toneladas, só. Quer isto dizer que caem quotidianamente sobre o globo 1272 milhões de toneladas de agua ou sejam mais de um milhão de toneladas por minuto.

POLITICA

A fusão dos partidos republicanos de oposição já tem principio de realisação

Noticiamos, já ha bastantes dias que estava virtualmente resolvida a fusão de lealistas, reconstituintes e liberaes. A noticia foi apressadamente desmentida. Um facto recente confirma a, apesar de tudo.

Esse facto foi a entrada do sr. Cunha Leal no P. R. L., que importará, evidentemente, a integração dos seus amigos politicos, os chamados lealistas, no partido onde vai brilhar o seu chefe.

A fusão entre liberaes e reconstituintes ha-de vir a fazer-se, tambem. Continuamos a afirmar que, virtualmente, é já um ponto assente. O resto... é questão de tempo e tambem de geito. Tempo tem-no o sr. Cunha Leal na frente de si e geito não lhe tem faltado nem virá a faltar...

Atitude da oficialidade do Exercito e da Armada

Nos circulos politicos afirmava-se hoje que a oficialidade de mar e terra não esta convencida da inutilidade de «demarches» pacificas, tendentes a obter melhoria na angustiosa situação economica em que se debate. Pensa-se, agora, numa petição ao Parlamento, sem o aspeto de manifestação coletiva porque será feita em requerimentos singulares, de redação absolutamente igual.

Assegura-se que esta questão preocupa muito o governo, junto do qual fazem pressão muitos parlamentares que são oficiais do Exercito e da Armada.

Um advinho abade

Descobre nascentes com duas barbas de baleia

LILLE, 15.—A municipalidade de Bailleul que supunha haver na area municipal agua suficiente para o consumo da povoação, chamou o famoso advinho, cura da povoação de Ardelot, abade Bouly, o qual com a tradicional varinha reconheceu a existencia no subsolo de numerosas e potentes correntes de agua a que não só indicou o logar e a direção como tambem determinou a profundidade. Esta noticia dá a entender que o abade Bouly especula, para qualquer fim, deixando-se alcunhar de advinho, com um processo conhecidissimo de determinar a existencia de agua no subsolo por meio de duas barbas de baleia e um fio de prumo, processo que se afirma dar sempre bom resultado.—(Lat. Am.)

O GRANDE BODO

O que nos disseram no Governo Civil

A chegada dos dois heroicos aviadores portugueses ao Rio, vai ser festejada em Lisboa com manifestação entusiastica, como teem anunciado todos os jornais.

Entre as festas que se propõem levar a efeito, figura o dum grande bodo oferecido aos pobres de Lisboa—para que eles, no meio da sua desgraça quotidiana, possam tambem sentir, de algum modo, a beleza do grande feito.

Fomos hoje ao governo civil a fim de nos inteirarmos do numero certo dos contemplados, e da quantia certa destinada ao referido bodo.

Na ausencia do sr. governador civil, falamos ao sr. Zeferino encarregado desta comissão que prontamente nos disse o seguinte:

—O numero certo de pobres contemplados não sabem ainda qual seja,

—Mas os jornais falam em 15.000.

—Por ora não sabemos nem podemos calcular.

—A quanto já monta a verba?

—A trinta mil escudos.

Esperamos, no entanto, receber mais donativos, resultantes de ofertas particulares e de festas que tencionam realisar.

—Vai ser um bodo grandioso, como se diz, não é verdade?

O nosso entrevistado sorri e acrescenta:

—Vai ser um bodo!

—Despedimo-nos e viemos a pensar, a caminho da redação, no grande numero de infelizes que, não tomando parte no bodo, não poderão sentir, como os contemplados, que Sacadura Cabral e Gago Coutinho são dois herois nacionais.

E é pena!

AS HORAS QUE NÃO VOLTAM

Fernando de Magalhães

O portuguez cuja esquadra foi a primeira a dar a volta ao mundo, morre em combate nas Filipinas no dia de hoje, 15 de maio

Faz hoje 401 anos que morreu Fernando de Magalhães, cuja esquadra foi a primeira a dar a volta ao mundo. Não ha vida mais terrivel que a dêste homem. E' uma existencia forte, vibrante e energica. Tudo é combate, navegações distantes, fugas e processos, naufragios e assassinios — e por fim a morte entre os barbaros. Peleja em Africa, peleja na India. Vive entre malaios bravios e ferozes. Ele proprio é um barbaro tambem, feroz e bravo.

Na sua larga residencia na Asia recolhe todas as noticias, prepara a sua grande expedição, a sua tentativa de ir pela America ás ilhas molucas. Tinha a certeza de encontrar a especiaria buscando-a no paiz originario por melhor preço do que o que tinha então, trazendo-a do ocidente da India. A empresa na sua ideia primitiva foi pois inteiramente comercial. Um abatimento no preço da pimenta foi a primeira inspiração da mais notavel e heroica viagem que se tem feito no globo terrestre.

O primeiro e venturoso Manuel vivia numa côrte onde dominavam a inveja e o espirito cortezão. Magalhães, maltratado, passou á Espanha, onde Carlos V lhe deu cinco navios e lhe impoz um associado castelhano. Magalhães partiu entre dois perigos: a inimisade espanhola e a vingança portuguesa que o procurava para o assassinar. Viu a revolução na sua esquadra e desenvolveu um heroismo terrivel, indomavel e barbaro. Prendeu o socio, proclamou-se unico chefe. Emquanto a fragil *Trinidad* cortava lentamente as aguas mandou apunhalar, degolar, esquartejar... Pela tolda da caravela corriam rios de sangue. No meio de tudo isto, naufragios, navios perdidos, catastrofes de toda a especie. Ninguem queria segui-lo e, quando se avistou o aspecto aterrador da ponta da America, a desolada terra do Fogo, o hispido cabo Forward, sufocara á cutilada os gritos de horror e de espanto que alastravam pela nau. Nessa sinistra paisagem da Patagonia, pedaço de terra arrancado do continente por violentas convulsões, pela furiosa ebolição de mil crateras, — Magalhães pisava o castelo da prôa da *Trinidad*, violento como um anjo de exterminio. Em derredor, a horrivel tormenta de granito, picos agudos, campanarios excentricos, negras terras extravagantes, dentes fantasticos de três pontas. E toda essa formidavel massa de basalto e de lava estava lugubremente coberta de neve.

Era de mais, era excessivo para todos. Mas êle vagueou, buscou, desenredou-se de cem ilhas, errou em delirio no pelago misterioso semeado de rochedos, onde as aguas são coruscantes, onde são terriveis os ventos. Numa linda manhã, quando o sol iluminava obliquamente a imensa superficie liquida, a prôa da *Trinidad* saía do estreito das Onze Mil Virgens, pela primeira vez transposto, e entrava no Oceano Pacifico. E o barbaro Magalhães, sinistro degolador que impunha a sua vontade e apoiava na ponta das espadas as suas resoluções, ajoelhado no convez da vante, de barba ao vento, tão perturbado que nem mesmo coxeava, limpando as lagrimas espessas com o braço remangado, soluçava: — *Graças te sejam dadas, Virgem Mãe, Virgem Purissima, porque trilho um mar novo, um mar que nunca ninguem viu!...* E, nesse momento, Fernando de Magalhães, naturalizado espanhol, rodeado de espanhois, em caravela espanhola e ao serviço de Espanha, falava em português!

Longos meses errou pelo maior oceano do globo. Emagrecera. Era uma sombra, em que apenas poisavam dois olhos negros, vivissimos. A bordo bebiam agua fétida, coziam arroz com agua do mar. *Graças te sejam dadas, Virgem purissima!* A ceia de Magalhães, durante um ano inteiro, compoz-se de resquicios de bolacha intoleravelmente impregnada de urina de rato. E pelos arquipelagos vagos e misteriosos da Malasia ia pairando a *Trinidad*, guiada pelos dois olhos negros, vivissimos.

Longas horas, longas agonias. E sempre a revolta a bordo. Os homens morriam como moscas, o escorbuto devorava as melhores energias. Fernando quebrava com a espada as que lhe eram adversas. Como Drake, como Hawkins, tinha uma alma de flibusteiro. Chorava e rugia. Esquartejava barbaramente no castelo de prôa e, á tarde, ao sol posto, com a pompa soberba e magestosa do adormecer das coisas, o capelão de bordo desenvolvia com ritual magnifico, os paramentos palpitavam na brisa lenta, os turibulos perfumavam de leve as emanações salinas, emquanto a marinhagem, tisnada e rumorejante, corria os escapularios. O capitão orava. *Graças te sejam dadas, Virgem Purissima!* Era formidavel e enternecido, blasfemo e crente, agreste serrano de Trás-os-Montes, que remia toda a rudeza do seu gesto sanguinario quando punha as mãos e fitava com misticismo aqueles ceus que êle era o primeiro a vêr.

Vagueando, surdiu um dia nas Filipinas. As relações com os indigenas foram sempre precarias, sempre falsas. Hostilidades de parte a parte. De bordo depradações e roubos, de terra doblez e traição. Na madrugada de 15 de Maio de 1521, Magalhães desembarcou com os seus, disposto a castigar. Marcharam até á praia com agua pela cintura durante mais de vinte minutos. Ao tornear de um penhasco, na grita subita do inimigo, uma nuvem de flechas encobre os castelhanos. Magalhães cae varado. Como era coxo, não poude resistir á fôrça da corrente. Leva-o a agua. Sobre o soldado de Azamor precipitam-se os filipinos e desaparecem com o corpo. Agora a *Trinidad* está viuva do seu capitão, as carinas que vieram de tão longe já não têm a alma tutelar e orientadora que as trouxe aos antipodas de Portugal. Assim morreu Magalhães na manhã de 15 de Maio de 1521. Tinha provavelmente quarenta e um ou quarenta e dois anos. *Graças te sejam dadas, Virgem Purissima!*

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações
Londres, cheque. . . .	4 5/—16 43,16
» 90 dias. . . .	4 7/16— —
Paris, cheque.	1140— 1174
Suissa, cheque. . . .	2413— 2485
Belgica, cheque	1032— 1063
Italia, cheque. . . .	668— 688
Berlim, cheque. . .	42— 46
Holanda, cheque. . . .	4835— 4978
Madrid, cheque . . .	1947— 2005
New-York, cheque. . .	12520— 13089
Brazil, cheque.	—
Austria, cheque. . . .	1— 3
Noruega, cheque. . .	2417— 2482
Suecia, cheque . . .	3204— 3298
Dinamarca, cheque. . .	2714— 2795
Libras	61$000 — 63$000

PELO TELEGRAFO

As cheias no Canadá

MONTREAL, 15.—A grande cheia no distrito de Winnipeg só daqui a alguns dias é que atingirá o seu maximo. A região de Raiburn está transformada num grande lago e as aguas já chegaram ao caminho de ferro de Campas que está sendo protegido por meio de sacos com areia.—(R.)

Contra os «trusts»

WASHINGTON, 15. — O senado ordenou um inquerito sobre a causa do ultimo aumento do preço do petroleo.—(R.)

600.000 contos para combater o alcoolismo

BERLIM, 15.—Dizem de Viena que o governo tenciona gastar cincoenta milhões de corôas numa campanha contra o consumo das bebidas alcoolicas.—(R.)

Theatros e Cinemas

Agenda da semana

HOJE—S. Luiz — Estrêia da companhia franceza do teatro Renaissance, de Paris.

QUARTA-FEIRA — Eden—Estreia da companhia espanhola Barreto-Ballester.

Nota do dia

Vai ser hoje, finalmente, satisfeita a curiosidade do publico que dará ponto de reunião no S. Luiz, na primeira recita da companhia franceza do teatro Renaissance. Não é natural que a espectativa sofra uma desilusão desde que se saiba que, a jornalistas francezes, antes da sua partida, M.me Cora Laparcerie, fez a seguinte declaração:

«Mon mari et moi nous nous sommes arrangés de façon à présenter es spectacles que je donnerai de façon impeccable».

Habituados, como estamos, a «tournées» meramente mercantis, é caso para nos regozijarmos e oxalá os artistas francezes nos proporcionem a ocasião de sinceramente os aplaudir, tanto mais que o bom desejo de sermos agradaveis aos nossos hospedes, não vai ao ponto de enfileirarmos no côro de elogio mutuo que, entre nós, é uso e costume tributar a tudo que vem do estrangeiro. Os artistas nacionais, algumas vezes se queixam de que, por parte da critica, os seus trabalhos não são acolhidos com a benevolencia que seria de esperar, chegando, por vezes, ao ponto de lhes ser apontadas deficiencias minimas. Com muito maior razão, se deve empregar esse rigor, tratando-se de artistas de reputação mundial, precedidos de uma fama que não deve ser apenas apregoada mas que é necessario se justifique, sob pena de continuarmos a ser os eternos «portugais toujours gais!»

ALVARO LIMA

Noticiario

Entre nós

Na proxima sexta feira, realisa no Salão Foz a sua festa artistica, com a revista «Piparote», o estimado actor Gomes que, na mesma desempenha o «compère».

◆ Realisou-se ontem pelas 2 1/2 da tarde, a imposição «do pau de fileira», no novo teatro Maria Victoria, que em junho será inaugurado no «Avenida Parque» (antigo Parque Mayer).

Dos proprietarios do edificio assistiram ao acto os srs. Lino Ferreira e Leopoldo O'Donnell, que foram muito felicitados.

◆ E' hoje que no Nacional realisa a sua festa o estimado actor Rafael Marques, subindo á scena a «Ceia dos Cardeaes», de Julio Dantas, na qual o festejado interpretará o papel criado pelo saudoso actor Augusto Rosa.

◆ A apresentação da companhia hespanhola «Barreto-Ballester,» far-se-ha, na proxima 4.ª feira no Eden com a primeira representação, entre nós, de «Las Veronicas».

Estrangeiro

A «tournée» Cora Laparcerie, iniciada em Lisboa, visitará seguidamente, Porto, Madrid, Lille, Bruxelles, La Haye, Amsterdam, Rotterdam, Anvers, Liége, Nancy, Besançon, Lausanne, Genéve, Lyon, Chalons, Dijon, Vichy, Nevers, Dunkerque, Dieppe, Beziers, Toulouse, Pau, Bayonne, Biarritz, Arcachon, Bordeaux, Royan, Angoulême, Tours, Angers, Saint-Nazaire, Nantes, Caen, Le Havre, Rouen. A «tournée» deverá durar quatro mezes e meio, sendo o repertorio constituido apenas pelas 5 peças que aquela artista representará entre nós.

◆ A' empreza do Grand-Guynol de Paris, foi intentado um processo correcional por desvio de fundos e ultrages aos bons costumes por intermedio da imprensa.

◆ Foi devorado por um incendio o Casino de Paris.

◆ Não obteve grande sucesso na Maison de l'Oeuvre, em Paris, a peça de Bernardo Shaw «Le dilemme du docteur».

◆ No Trianon Lyrique, deve ter já subido á scena, a comedia em 3 actos de Paul Gavault e Robert Chervay, «L'enfant du meracle».

Cartaz do dia

Teatro de declamação

NACIONAL—A's 9— «O Centenario» — «A Ceia dos Cardeais»

Teatro musicano

S. LUIZ—A's 9 — «Mon Homme»—Companhia franceza.

POLITEAMA—A's 9,30—«Azas quebradas».

APOLO—A's 9,15—«Belo Sexo».

AVENIDA—A's 9,15—«A Perola Negra»

SALAO FOZ—A's 830, e 10,30—«Piparote».

Circos

COLISEU DOS RECREIOS — A's 9— IX Campeonato Internacional de Luta e Variedades.

Animatografos

OLIMPIA—Rua dos Condes

CINEMA CONDES—Avenida da Liberdade

SALAO CENTRAL—Praça dos Restauradores

Senhorios e inquilinos

Veio procurar-nos Anibal de Matos, morador no Arco do Carvalhão, pateo do Coxaneta, 11, que tendo ha 21 meses depositado á renda da casa em que habita se viu ultimamente intimado a sair da sua moradia sem que sequer lhe tivessem explicado os motivos desse procedimento que ele não compreende pois tem cumprido todas as disposições da lei.

Acrescenta o sr. Matos que, pagando á sua senhoria, D. Camila Rodrigues Mota a quantia de tres escudos mensais lhe ofereceu mais 17, elevando a renda a 20 escudos sem que esta senhora aceitasse estas propostas que considera vantajosas por se tratar duma casa em ruinas e quasi inhabitavel.

Universidade de Lisboa

O Senado Universitario, na sua reunião de 13 do corrente, resolveu agradecer ao Senado da Universidade de Coimbra, á Escola Superior de Medicina Veterinária de Lisboa e á Faculdade de Medicina do Porto as suas captivantes provas de solidariedade.

Resolveu tambem consignar na acta a expressão do seu reconhecimento aos ilustres deputados e jornalistas que defenderam a causa da Universidade; tornando conhecida esta deliberação por intermedio da Imprensa.

Homenagem a Julio Martins, no Teatro Nacional

Ouvimos que se pensa na realisação duma sessão de homenagem á memoria de Julio Martins, tendo sido solicitado, ao sr. ministro da instrução, a cedencia do teatro.

Reuniões que se não realisam

Por falta de numero não reuniram hoje os manipuladores de pão e os fragateiros do porto de Lisboa.

Na Liga da Ação Social Cristã

Conferencia da sr.ª condessa de Nova Gôa

Nesta Liga realisou hoje a sr.ª condessa de Nova Gôa uma conferencia sobre João de Deus, sendo a assistencia essencialmente constituida por senhoras da nossa melhor sociedade.

Partido Socialista Portugues

Aderiu a este partido o sr. dr. Amancio de Alpoim outras adesões egualmente importantes espera o P. S. P.

Ecos & Noticias

PARTIDAS E CHEGADAS

Esteve na nossa redação a apresentar-nos os seus cumprimentos de despedida por motivo de partir depois de amanhã para Bolama, o nosso antigo camarada da imprensa, Verdu Martins.

Aviso importante

A Sociedade Comercial Portuguesa de Publicações e Telegrafia, Lda, com sede no Largo de S. Domingos, 11 (Palacio Conde de Almada), tem a honra de levar ao conhecimento do publico que acaba de decretar um grande abatimento no preço dos jornais francezes e inglezes.

Assim os jornais francezes «Matin» Journal e todos os outros de frs. 0 15 serão vendidos ao publico a $20 em lugar de $25. Os jornais ingleses de 1 d. serão vendidos a $10 em vez de $50. O «Times» será vendido a $80; o «Daily Telegraf» a $75. O «Daily Mail» de Paris será vendido a $35 em lugar de $50.

Tambem leva esta Sociedade ao conhecimento do publico que se tende visto obrigada a suspender os seus fornecimentos de jornais e publicações á Tabacaria Inglesa (Praça Duque Terceira, 18) e Tabacaria Borbosa (Rua Nova do Carmo, 67) os encontrará á venda em todas as outras tabacarias de Lisboa nos sitios mais proximos ás acima indicadas nas Tabacarias Royal, Praça Duque da Terceira, 14 Internacional, Rua do Corpo Santo, 40; Biblioteca desta Sociedad na Estação do Cais do Sodré, Monaco Rocio, 21 e American Gold, Rua Nova do Carmo, 15.

As pessoas que desejarem fazer as suas assinaturas de qualquer publicação na sede desta Sociedade lucrarão assim uns 20 o/o alem da vantagem de receber regularmente os jornais nas suas residencias com maior rapidez.

ULTIMA HORA

Parlamento

Nos Deputados

A's 15 horas, o presidente, sr. Domingos Pereira, declara aberta a sessão. Nas bancadas ministeriais, está o Governo representado pelo sr. ministro das Finanças.

Nota-se que o sr. Cunha Leal mudou de carteira, indo sentar-se junto dos seus novos correligionarios, os liberais.

Exarou-se na acta dois votos de pezar pelos falecimentos da mãe do antigo deputado sr. Hermano de Medeiros e prematuro passamento do dr. Julio Martins. Associam-se os leaders dos grupos parlamentares e o Governo. Em homenagem á memoria de Julio Martins, a sessão é suspensa durante trinta minutos, conforme fôra proposto pelo sr. Domingos Pereira.

E' distribuido o parecer da comissão de Finanças, favoravel á abertura de um credito de 250 contos para despesas com a consagração e divulgação da travessia aerea do Atlantico, realizada pelos gloriosos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral. Assinou, vencido, o sr. Mariano Martins; com restrições, assinaram os srs. Almeida Ribeiro, Carlos Pereira, Rêgo Chaves, Alberto Xavier, Lucio de Azevedo e Ferreira de Mira; com declarações, assinou o sr. Vicente Ferreira, e, sem nota alguma, o sr. Correia Gomes, relator.

E' possivel que, durante o debate, se compreenda tudo isto.

Entrou na sala o sr. presidente do Ministerio.

A sessão reabre ás 17 horas.

O sr. Alvaro de Castro pregunta pelos pareceres da comissão de verificação de poderes respeitantes á eleição de Cabo Verde. Os deputados eleitos ainda não tomaram assento, o que não é justificavel.

EXPLICAÇÃO DO SR. PRESIDENTE DO MINISTERIO ACERCA DO EXERCITO E DA ARMADA

O sr. Alvaro de Castro pede que o sr. presidente do Ministerio confirme ou desminta certas palavras que os jornais lhe atribuiram no relato da sessão ultima. E' certo que o chefe do Governo falou em pronunciamentos das forças armadas e fez outras revelações?

Responde o chefe do Governo. Afirmou não ter dito nada donde se possa concluir que não que o exercito não gose de uma vida confortavel, mas que tal se não pode conseguir á custa de um aumento de circulação fiduciaria, que teria por efeito imediato um maior encarecimento da vida. «Eu disse do exercito aquilo que se deve dizer, fazendo as afirmações dignas do passado glorioso das forças armadas». Não disse nada que fosse capaz de diminuir o prestigio do exercito; o que disse é que, nesta vida perturbadora em que andamos, os pronunciamentos militares só servem para perturbar a marcha progressiva do paiz. «Isto é diminuir o exercito? Ninguem, de boa fé, o poderá dizer, com justiça». O Governo está empenhado em melhorar a situação geral, o que não exclue, é evidente, a melhoria economica dos oficiais do exercito e da armada. Se alguem tinha o direito de se magoar com as palavras que proferiu seriam os parlamentares, mas nunca os oficiais. Resumo: não ha dinheiro para os oficiais nem para mais ninguem.

O sr. Alvaro de Castro replica. E' interrompido pelo sr. presidente do Ministerio, com veemencia:

— Não disse que o exercito só servia para pronunciamentos. Nem falei em exercito! Referi-me, é certo, a pronunciamento militar, o que não é a frase que os jornais me atribuiram.

O sr. Alvaro de Castro reforça a declaração, afirmando que o exercito nunca fez pronunciamentos, porque sempre esteve no lado da legalidade. E que tem os pronunciamentos com a situação economica dos oficiais? São duas coisas sem relação entre si.

São 17 e um quarto. O sr. Alvaro de Castro continua o seu discurso.

Conselho de Ministros

Reuniu hoje o conselho de ministros, na secretaria do Interior. Segundo a nota oficiosa fornecida á imprensa ocupou-se da discussão de varias propostas de lei a apresentar, brevemente ao Parlamento, entre elas o da reforma da lei do inquilinato.

Cruzador "Pedro Nunes"

O transporte de guerra «Pedro Nunes» concluiu o fabrico para poder seguir para o Brasil, conduzindo os produtos portugueses destinados á exposição do Rio de Janeiro.

O crime do Bairro Alto

A policia de investigação procedeu a varias diligencias no local do crime

Conforme dissemos, entre as testemunhas ouvidas pela policia figura o vendedor de jornais Antonio de Almeida e Sousa, o qual, sendo interrogado ante-ontem na policia declarou ter visto o João Manuel Afonso assassinar a infeliz Olinda Maria, no que foi auxiliado por um outro individuo por emquanto desconhecido. As declarações do Almeida e Sousa causaram certo espanto na policia, tanto mais que o pequeno vendedor de jornais dizia ter *visto praticar o crime*, não sendo, portanto, para admirar que o chefe Tavares procurasse esclarecer convenientemente o caso, visto que o indigitado assassino afirmava aos quatro ventos que o seu acusador não sabia o que dizia...

Hoje, de manhã, o referido chefe, acompanhado do pequeno Almeida e Sousa, do juiz de paz da area sr. José Joaquim de Almeida, e dos agentes srs. Arnelin, Pimentel, Serodio e Esteves, dirigiu-se á casa da travessa dos Fieis de Deus, onde se desenrolou o crime, a fim do garoto reconstituir como os factos se passaram. Tendo-se verificado que todos os esclarecimentos eram precisos e verdadeiros, foram então dadas as ordens para que o criminoso comparecesse no local, o que de facto se fez, vindo o Manuel Afonso da esquadra do Bairro Alto escoltado por varios agentes. Uma vez na casa da assassinada, o preso fez-se livido, vacilou, mas acabou por se manter na anterior negativa, não havendo forma de lhe arrancar a confissão, apesar de tudo se combinar para o comprometer.

O indigitado assassino seguiu depois para o Governo Civil acompanhado de muito povo, indo mais tarde acompanhado do chefe Tavares, de varios agentes e do garoto Almeida e Sousa, á Morgue, a fim de encarar a sua vitima, o que fez a principio de soslaio e por fim com certa relutancia, terminando por fingir-se forte e decidido.

Na Camara dos Deputados

O Governo foi hoje batido, em votação que não é politica

Para a ordem do dia estava marcada a discussão do orçamento do Ministerio do Trabalho. Foi requerido que se continuasse na discussão da proposta de lei sobre expropriações, com prejuiso da discussão orçamental.

Posto o requerimento á votação, os democraticos e os ministros votaram contra, sendo vencidos.

O sr. Presidente do Ministerio teve esta frase, de comentario:

—E' assim que o Parlamento quer discutir os orçamentos.

A votação, que bateu a maioria e o Governo, não tem, é claro, significado politico, mas demonstra sem duvida alguma, a instabilidade das votações.

Mas, afinal, tudo ficou prejudicado, porque a Camara resolveu que o sr. Rego Chaves fizesse uso da palavra em negocio urgente.

A questão que o ilustre parlamentar está tratando refere-se á ultima assembleia geral do Banco de Portugal, que aprovou o contracto com o Governo sobre augmento da circulação fiduciaria.

AUTOMOBILISMO

Os resultados da II Corrida da Rampa da Pimenteira

Comunicado oficial — As classificações oficiais da «II Corrida da Rampa da Pimenteira», levada ontem a efeito pelo jornal da especialidade *Os Sports*, foram as seguintes:

1.º, Artur Mimoso (Délage), em 2', 5''; 2.º, Miguel Palma de Vilhena (Alfa Romeu), em 2', 12'', 45; 3.º, Benedito Ferreirinha (Bugatti) em 2', 14'' e 15; 4.º, Monteiro Pinte (Bugatti), em 2', 36'' e 25; 5.º, Antonio Couto (Citroen), em 2' e 41''; 6.º, Moniz Pereira (Secqueville Hoyau), em 3'.

Congresso Integralista

Em virtude das resoluções tomadas pelos organismos integralistas na sua reunião de ontem a Junta Central deliberou regressar imediatamente á actividade politica.

Hoje publicar-se-á um suplemento da «Monarquia» com o relato do Congresso e dois documentos firmados pela Junta Central um definindo a sua atitude e o outro informando da saida do sr. conde de Vilar Boas do referido organismo.

Brevemente a «Monarquia» voltará a publicar-se, devidamente remodelada.

O "RAID"

No Ministerio da Marinha recebeu-se o seguinte despacho do aviador Sacadura Cabral:

FERNANDO NORONHA 15 — O que aconteceu foi isto: não amarei nos Penedos, por causa duma «panne» na canalisação do motor Amarei ao mar, por 1,25 de Lat. Su. e 30,54 de Long. Oeste. O «Republica» encontrou o «Paris-City» na altura de 1,25 Lat. Sul e 30,58 Long. Oeste. Estou muito sensibilisado pelos sentimentos manifestados pelo paiz e tenho o maior empenho em fazer tudo que o paiz e o Governo desejem e exijam.

O "Fairey 17,, pode servir, mas a aviação em Lisboa não tem pessoal. Caso continue a viagem, julgo melhor mandar ahi pessoal para preparar o hidro-avião, por forma a que venha em condições semelhantes ás do "Bagé, desembarcando em Fernando Noronha. Outra solução consiste em mandar já um hidro-avião para Pernambuco prepara-lo ali e seguindo depois para Fernando Noronha

Entretanto é indispensavel que este siga apetrechado, por não haver em Pernambuco recursos de aviação Caso o Governo encontre solução mais exequivel, acato e aceito antecipadamente.

Foram excelentes os serviços prestados pelo cruzador "Republica,, bem como os do comandante Orlando Machado, do destroier brazileiro "Pará,,.

O sr. ministro da Marinha telegrafou ao sr. Sacadura Cabral comunicando que o novo Fairey pode embarcar imediatamente no «Carvalho Araujo», desde que se aproveitem em Fernando Noronha o radiador e a helice de qualquer dos aparelhos anteriores.

O Governador Civil de Lisboa major sr. Viriato Lobo recebeu hoje varias quantias destinadas ao bodo que vai ser distribuido aos pobres por motivo do raid Lisboa-Brasil.

Hoje foram recebidas as seguintes importancias:

M. Motta 20$00; A. C. Marques & C.ª Filhos 25$00; Cabral, Sousa & Dias L.da 100$00; Associação dos Caixeiros Viajantes 50$00; Quete na Tourada do Campo Pequeno 277$75; Quete nos salões Foz e Central 76$45; Quete no Teatro Apolo 38$30; Lista n.º 271 a cargo da P. S. E. 35$00; Empreza Matalurgica L.da 25$00; Listas n.º 328 329 e 46 a cargo do Teatro Apolo 3 $00; R. Chaves L.da 25$00; Instituto Comercial Pereira de Souza 100$00.

Com o referido ministro estiveram esta tarde em conferencia alem do seu pessoal de gabinete varios oficiais, para troca de impressões sobre o «raid».

A convite do administrador do concelho do Seixal realisou-se na administração do mesmo uma reunião das colectividades locais, incluindo a Associação Comercial, a fim de se assentar na organisação do programa das festas por motivo dos feitos gloriosos de Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

O programa constará de alvorada geral, bodo aos pobres, sessão solene, embandeiramento geral e cortejo civico.

O sr. ministro da Marinha recebeu hoje tambem do comandante Sacadura um telegrama incompleto, pelo qual se verifica que, pouco depois de começada a transmissão, se deu qualquer interrupção na linha.

O cruzador *Carvalho Araujo* estará pronto para seguir, caso seja preciso, com o avião, dentro de 2 ou 3 dias.

A função das Escolas Normais Primarias

O que nos diz o professor Dr. João da Silva Correia, da Escola Normal Primaria de Lisboa:

1.º É preciso alargar a esfera de recrutamento descente das Escolas Normais Primarias e das Escolas Normais Superiores;

2.º Convem refundir os programas e agrupar as disciplinas afins das Escolas Normais Primarias, em nome da pedagia e da boa administração;

3.º Será providencia a um tempo de alcance economico e moral o imediato acabamento das obras da Escola Normal Primaria de Lisboa, em Bemfica.

Aludindo a falar-se na apresentação ao Parlamento de propostas de reformas do ensino resolvemos ouvir sobre a razão e necessidade de tais reformas alguns professores, que dentro dos respectivos ramos didaticos possam ser considerados figuras representativas.

Um dos primeiros que teve a gentileza de nos dar alguns informes foi o dr. João da Silva Correia, assistente da Faculdade de Letras e diplomado pela Escola Normal Superior da Universidade com os cursos do magisterio dos liceus e das escolas normais primarias, e que na Escola Normal de Bemfica é por enquanto um dos poucos professores efectivos.

A nossa primeira pergunta:—Concorda v. ex.ª com o actual organisação das escolas normais primarias?—o dr. Correia respondeu:

—Concordo, mas não inteiramente. Eu sou por escolas normais exclusivamente tecnicas ou profissionais; liceus com ramo pedagogico, e escolas normais de cultura geral e profissional,—são coisas que já deram o que tinham a dar. Estamos na idade das escolas normais profissionais; deixaram-se, todavia, mais amplas, podendo, ou melhor, devendo receber todos os individuos que se destinassem ao magisterio elementar, de cultura formal ou geral, como de cultura artistica e tecnico industrial, comercial, agricola; todos sem excepção alguma, quer se tratasse de pessoas que se destinassem ao ensino de disciplinas de caracter manual, quer de pessoas que se destinassem ao ensino de disciplinas de caracter intelectual.

«Tambem paralelamente entendo que as escolas Normais Superiores Universitarias (e digo escolas normais superiores porque há duas—a de Lisboa e a de Coimbra, se bem que as necessidades do paiz bastasse uma—a da capital, pois a França, bem maior e mais rica que Portugal, só tem a de Paris)—tambem entendo, ia a dizer, que as escolas normais superiores devem ser franqueadas a todos os individuos que se destinem ao magisterio secundario e superior qualquer que seja o caracter de tal magisterio, formal como o liceal, tecnico ou profissional secundario como o das escolas de industria e de comercio e das escolas normais primarias, altamente scientifico ou scientifico profissional como o das Faculdades de Letras e Sciencias ou o das Faculdades de Direito, Medicina, Institutos Superiores Tecnicos de Comercio, de Agronomia e de Veterinaria, artistico como o dos Conservatorios de Musica, Escola de Belas Artes, Escola da Arte de Representar.

—Só concordando com uma Escola Normal Superior quantas escolas normais primarias, por sua vez, entende v. ex.ª que devem existir?

Não ressuscitemos as escolas normais distritais: seriam uma ponte por onde passariam as inferioridades

Eu sou só por trez escolas normais primarias, a de Lisboa, a do Porto e de Coimbra.

Chegam para as necessidades discentes do paiz e asseguram um recrutamento capaz.

«Foram as destes trez centros no antigo regime de escolas normais, que deram ao magisterio primario maiores competencias profissionais. As escolas distritais, se ressuscitarem mercê dos acasos da politica, hão-de ser o que as antigas eram: a ponte por onde as inferioridades entraram numa carreira que só deve ter valores. Já existe uma em Braga cuja criação, de alcance meramente eleitoral e bairrista, foi um erro a um tempo economico e pedagogico. E' preciso que se repare nas pessimas consequencias profissionais de escolas de duas bitolas ou preços:—as de bitola alta e de bitola baixa, os barratos e os caros.

—Que vantagem vê v. ex.ª na passagem de todos os candidatos ao magisterio elementar de natureza formal ou de natureza tecnica ou artistica pelas trez escolas normais primarias?

—As maiores, pois que pondo todos os professores em contacto com os metodos criticos e com o espirito scientifico moderno, tornam considerados e respeitados por sua preparação pedagogica mestres como os dos trabalhos oficinais,—coisa que não é de somenos importancia numa terra cheia de preocupações de casta, onde se julga que é lindo e degradante o exercicio de uma profissão manual,—ou o seu magisterio.

Para todos os alunos das escolas normais primarias seria fecundissima a maior amplitude do recrutamento de candidatos ao magisterio: o contacto, ou melhor, o embate das ideias de individuos que possuem preparação cultural diversa tem as maiores vantagens: abre e areja o espirito, dá-lhe sobretudo uma qualidade sem a qual ele não é nunca nobre e alto—a da tolerancia.

—Quantos anos deve durar o curso normal?

—Parecem-me suficientes os trez anos da lei vigente: uma escola exclusivamente profissional trez anos bastam para joeirar as noções de que os alunos são portadores, acerta-las pelo relogio da hora scientifica moderna, e canalizá-las no sentido da sua melhor utilização docente.

—E os programas actuais satisfazem?

—De modo nenhum. Nem os programas, nem o quadro das disciplinas, nem o regulamento dos exames: o programa de portuguez—e falo-lhe desse porque é o que conheço por experiencia propria,—é uma verdadeira monstruosidade pedagogica. Quem o fez ignorava em absoluto tudo quanto precisava conhecer para poder orientar-se na sua execução. Psicologia infantil, sciencias filologicas, orientação geral do ensino normal primario, são coisas em que se tem a impressão de que o autor do programa — ou autores, — ignoro a paternidade do aborto — nunca ouviu falar. E isto porque: separar o estudo da lingua do da literatura; dar a este estudo um desenvolvimento paralelo ao que ele deve ter no curso complementar das letras dos liceus; atar no mesmo molho, com a duzia de escritores notaveis da nossa literatura, uma centena de mediocridades que em homenagem ao bom gosto e ao bom senso não devem ser lidas; não dizer quasi palavra acerca da metodologia do ensino da lingua patria nos varios graus da escola primaria,—é isto e o que afinal se determina no actual programa, — é desconhecer a função profissional do ensino normal primario, é fazer uma pauta malfazeja e inepta, que só serve para desnortear os mestres e derrancar os discipulos.

O quadro das disciplinas tambem requere modificações. Ha algumas cujos programas se interpenetram e subsumem—o que convem fundir com vantagem para a pedagogica e para o exgotado tesouro publico. E no que respeita aos exames é necessario regulamenta-los de modo que não conduzam, como os actuais, se porventura se executarem conforme a letra taxativa da lei, ao cemiterio ou ao manicomio. Não pode haver por parte do candidato provas de todas as disciplinas cursadas—duas desenas, nem menos, — mas tão somente qualquer coisa como a inspecção pedagogica de um aluno da escola primaria com respectivo relatorio sujeito a discussão, uma dissortação á escolha do candidato sobre materia scientifica ou didatica e respectiva critica, e duas lições-modelos—uma intelectual, outra manual, ou artistica, sorteados com vinte e quatro horas de antecedencia.

—Quanto ao recrutamento de professores que me diz V. Ex.ª?

Urge concluir a Escola Normal Primaria de Lisboa diz-nos o nosso entrevistado.

—A minha opinião é que todos os professores das Escolas Normais primarias deveriam passar pela Escola Normal Superior,—alargada a esfera do recrutamento discente desta. A todos isso conviria: aos que se destinassem ao ensino das letras e das sciencias, como aos que se destinassem ao do desenho, do direito, dos trabalhos manuais ou da ginastica, pois só quem tenha conhecimentos pedagogicos pode dar boa orientação ao ensino normalistico—todo de metologias especiais.

—Quanto á Escola Normal Primaria de Lisboa que me diz em especial V. Ex.ª

—Que é indispensavel concluí-la com urgencia, já porque os temporais estragam os madeiramentos e paredes destelhadas, já porque é preciso instalar serviços e aulas no logar competente. Só tarde e a más horas chegou o prurido da economia, que devia ter existido quando se apresentou o projecto de uma edificação convencional, pesada, carissima e anti-pedagogica—os edificios escolares hoje são constituidos por pavilhões leves, simples, economicos, á prova de incendio até,—e quando se mandaram parar na invernia de operarios que se estorvavam uns aos outros,—e que, sem contracto de trabalho que salvaguardasse os interesses do Estado—davam ao observador das estagnadas obras a impressão de que procediam como Penelope, desfazendo de tarde o que faziam de manhã.

Agora o que é economico—e o que é moral até—é terminar as construções, dando a capital a Escola Normal Primaria apresentavel, civilisada, pedagogica—que a capital precisa ter.

Imposto do sêlo

A revista «Eco de Finanças», acaba de publicar, em separata, a nova tabela do sêlo, rectificada e escrupulosamente anotada, pelo seu proprietario, o nosso amigo Joaquim Alfredo dos Santos, funcionario da Direcção Geral das Contribuições e Imposto.

E' um trabalho completo, sendo grande a sua utilidade.

Acha-se a venda em todas as livrarias.

ALBERGUE DAS CRIANÇAS ABANDONADAS

Festa do seu aniversario

Proseguem com muita actividade os preparativos para as festas do 25.º aniversario da fundação daquela util e popular casa de beneficencia.

A comissão encarregada dos festejos tem recebido já muitas e lindas prendas para a Kermesse, e donativos importantes em dinheiro.

O grupo dramatico da Academia Instrutiva de Pessoal dos Caminhos de Ferro de Leste e Norte, representará no teatro de Albergue algumas peças do seu repertorio.

SPORT

AUTOMOBILISMO

Realisou-se hontem a corrida da Rampa da Pimenteira — Artur Mimoso, vencedor — Extraordinaria concorrencia e grande entusiasmo

Levada a efeito pelo jornal «Os Sports» com a colaboração do Automovel Club, realisou-se ontem a II Corrida da Rampa da Pimenteira que vai da Ribeira de Alcantara á Cruz da Oliveira. Foi uma tarde de entusiasmo, isto apesar dos poucos carros inscritos. A concorrencia foi enorme superior a 10 mil pessoas, principalmente aglomerado junto do local da chegada, donde se via quasi que o percurso todo. Pela estrada, tambem o publico se estendia o que por vezes dificultou o policiamento apesar dos escoteiros policias e do Corpo de Salvação serem em grande numero.

Contudo, pouco depois das 14 horas o juri deu a saida do primeiro carro inscrito na 1.ª categoria. O entusiasmo então foi enorme. De 10 em 10 minutos fizeram-se as sahidas dos concorrentes sendo o ultimo a correr o «Delage» de Artur Mimoso que se fazia acompanhar de Placido Duro. Foi este o carro que devia ter atingido mais velocidade nas retas e Palma de Vilhena num «Alfa Romeu» foi o que fez as curvas que eram deficilimas e mesmo perigosas, em maior velocidade. O amador Monteiro Pinto num «Bugatti» acompanhado de Campos Junior fez uma optima corrida.

Couto Junior num «Citroen», apesar de se ter precipitado na primeira curva fez uma corrida boa. Apenas houve a lamentar um ligeiro incidente de Medeiros e Almeida na curva da ponte. Foi pena que se tivesse dado este incidente porque Medeiros devia classificar-se bem levando o melhor tempo.

Moniz apesar de ter sofrido uma avaria no carro fez um percurso inteligente.

Terminada a corrida pelas 16 horas e meia o publico começa a debandar, satisfeito pelo espectaculo emotivo que lhe proporcionaram sem nada gastar.

Ao sr. Artur Mimoso foi entregue a «Taça Goodyear» 1.º classificado na classificação geral e do sr. Palma de Vilhena a «Taça S. E. V. 2.º classificado. As classificações por categorias foi hoje feita pelo juri que reuniu na redação de «Os Sports».

O tempo gasto por Mimoso foi 2' e 5" e por Palma de Vilhena e' 12" e 4,5.

Felecitamos os organisadores que bem merecem pelo esforço feito—A.

O GINASIO CLUB NO COLISEU

Efectua-se amanhã o seu sarau anual

O programa do sarau que o Ginasio Club Portuguez realisa amanhã no Coliseu dos Recreios é em extremo valioso e variadissimo. O professor de equitação do club, Gonçalves de Miranda, apresenta um numero de volteio por alunos seus e o cavalo «Bombita» em alta escola, montado pelo sr. Jorge Oom: o primoroso ginasta Angelo Mendonça estreia-se em voos; este mesmo amador, com J. Worm e J. Castelar, executarão a grande altura, e sem rêde, o triplo-trapezio; o proficiente mestre Artur dos Santos apresenta uma animada classe infantil de ginastica sueca; J. Castelar e Worm fazem um novo numero aereo: barras paralelas; o mestre Antonio Martins apresenta um «mur» de florete (assaltos simultaneos por dez atiradores); Mario Miranda e M. Simões trabalham em argolas e J. Gomes da Costa e Antonio Silva no duplo-trapezio. Ha luta, jogo de pau, forças combinadas, atletica, etc. Em «box», encontram-se os srs. Aragão Andrade e Abel da Cunha campeão dos «leves e meio-leves».

Os amadores que tomam parte no «mur» do floreto são os srs. Daniel de Oliveira, Armando Bab'y, Albano Prazeres, Emilio Afonso, Cesar Rumina, Rui Franco Oliveira, Transmontano Carvalho, Francisco Paiva, Antonio Marques Simões e D. Pedro de Alarcão. E' um numero brilhante de conjunto, precisão e elegancia de movimentos, apresentado com distinção.

Ainda o mestre Antonio Martins e o distinto «sportsman» sr. dr. Manuel Queiroz farão um asalto de florete.

CAMPEONATO DE BOX

Continua aberta a inscrição para este campeonato sob a organisação do Ginasio Club Português, um dos Clubs que mais se tem interessado pela propaganda deste sport.

O Campeonato disputa-se sob o patrocinio e sob os regulamentos da Federação Portuguesa de Box.

A inscrição é gratuita e podem concorrer todos os amadores socios de Clubs filiados na Federação.

A filiação pode ser feita por oficio dirigido para a Federação cuja séde é no Ginasio Club Português, rua Serpa Pinto, 4.

Universidade Livre

Historia do Brasil

Amanhã pelas 21 horas, na séde desta colectividade, continua o sr. dr. Antonio Ferrão, o seu interessante curso, sobre a historia do Brasil, tratando da administração e do governo portuguêz durante o seculo XVII. Deter-se ha na descripção missionaria e catequetica dos jesuitas.

O Padre Antonio Vieira, a luta contra os jesuitas no norte e a sua expulsão no Maranhão e no Pará, e referir-se-ha á luta contra os Quilombos ou povoações de negros e á tomada do reduto de Palmares em 1695.

TAUROMAQUIA

O amador e artista Simão da Veiga vai tomar a alternativa

Um acontecimento que vai agitar e surpreender a «aficion», que ao mesmo tempo o receberá com jubilo: o antigo e distintissimo amador sr. Simão de Veiga, rico proprietario e «ganadero», pintor eximio, vai tomar a alternativa de cavaleiro. Notavel em todos os lances da lide, até muleteando e matando touros em pontas, Simão da Veiga vem ocupar no profissionalismo um posto brilhante.

A empreza contratou para esta corrida o valente espada, bandarilheiro insigne, «Rodalito».

Salão Central

A mascara da morte

Se os quatro primeiros episodios deste notabilissimo «film» tão vivo interesse e entusiasmo despertaram, os 5.º e 6.º, estreados na «matinée» de hoje, alcançaram o mais ruidoso dos sucessos.

O actor Hases Mierendorff no desempenho do seu dificilimo papel, eleva-se á altura dos artistas já de ha muito consagrados.

Elegante, vestindo ao rigor da epoca, sem esquecer o mais pequeno detalhe da sua antipatica personagem, o famoso actor faz verdadeiros prodigios, ora apresentando-se terno, carinhoso e cheio de distinção, ora mortificando, levando o desalento ao seio duma familia poderosa, no desejo de se apossar da sua enorme fortuna.

No espectaculo desta noite será exibido o «film» todo, o que é uma garantia para que se encha por completo o vasto e sumptuoso Salão Central.

Associação de Socorros Mutuos «O Oriente»

Séde-R. do Poço dos Negros 86 1.º

Convoco a assemblea geral ordinaria para a séde desta colectividade, no dia 17 do corrente mez pelas 21 horas.

ORDEM DOS TRABALHOS

1.º—Apreciação e votação do relatorio, contas e parecer do Conselho Fiscal, da gerencia de 1921. 2.º—Apreciação e votação duma proposta da Direcção para o aumento da cotisação social.

Não reunindo por falta de numero legal, fica desde já convocada nova reunião para o dia 25 do corrente mez á mesma hora e no mesmo local. Os livros e mais documentos de receita e despeza do ano findo encontram-se patentes na séde da Associação, para exame dos socios, todos os dias uteis das 9 ás 12 horas.

Lisboa, 14 de Maio, 1922.—O presidente da Meza da Assemblea Geral, João Maria do Couto Brandão.

Associação de Socorros Mutuos «S. Fernando»

Séde-R. do Poço dos Negros 86 1.º

Convoco a assemblea geral ordinaria para a séde desta colectividade, no dia 22 do corrente mez pelas 21 horas.

ORDEM DOS TRABALHOS

1.º—Apreciação e votação do relatorio, contas e parecer do Conselho Fiscal, da gerencia de 1921. 2.º—Apreciação e votação duma proposta da Direcção para o aumento da cotisação social.

Não reunindo por falta de numero legal, fica desde já convocada nova reunião para o dia 30 do corrente, á mesma hora e no mesmo local. Os livros e mais documentos de receita e despeza do ano findo encontram-se patentes na séde da Associação para exame dos socios todos os dias uteis das 9 ás 12 horas.

Lisboa, 14 de Maio, 1922.—O presidente da Meza da Assemblea Geral, Acacio Eduardo dos Santos.

COMPANHIA PORTUGUESA DE PHOSPHOROS

Sociedade Anonima, Responsabilidade Limitada

Capital realisado, Esc. 4:500.000$00

Séde: Rua de S. Julião, 139 - LISBOA

Emissão de Esc. 4:500.000$00 em 100.000 acções do valor nominal de Esc. 45$00. de coupon, ao preço de Esc. 65$00 cada uma, com direito a dividendo desde 1 de Janeiro do corrente ano, conforme a deliberação da assembleia geral extraordinaria de 25 de abril ultimo e devidamente autorizada pelo governo

São convidados os srs. accionistas que desejarem usar do seu direito de preferencia **(na proporção de uma acção nova por cada uma das actuais)**, a apresentar os seus titulos na séde da Companhia **desde 10 a 25 do corrente mez, das 10 1/2 ás 13 1/2 horas**, acompanhados da competente declaração em impresso fornecido no nosso escritorio.

Os titulos serão carimbados e em seguida restituidos, contra o pagamento correspondente ás acções que subscreverem.

A emissão está garantida por um grupo financeiro portuguez e estrangeiro.

Lisboa, 6 de Maio de 1922.

Pelo Conselho de Administração

(a) D. Luis de Lancastre
(a) Hugo O'Neill

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

O CASAL

por JULIO CESAR MACHADO

Os imbecis que a rodeavam não sabiam presentir quanto era conhecedora do mundo aquela mulher em quem apenas viam uma artista e uma criança.

Tinha, sobretudo, como nunca vi, os delirios e extases da felicidade. O olhar iluminava-se-lhe de uma luz divina, como se a alma se lhe debatesse no fragil involucro que a encerrava, sequiosa de mais mundos.

Ha mulheres de quem se gosta, como quem atira comsigo a um abismo; eu sentia a fatalidade a pesar sobre mim e não tinha animo de me separar dela, em de a fazer infeliz com a minha propria infelicidade. Ela mesma me disse que adivinhava desgraça; nas horas mais doces do nosso amor, nunca se esquecia até ao ponto de supôr a eternidade dêle.

São tristes os amores assim, mas são, talvez, os unicos que prendem. Conheces umas flôres, que ha no campo, da côr da primavera, mas nuncias do outono? Nem perfume, nem verdura em redor da haste; e, na corola, um ponto escuro, que parece estar de luto pelos dias bonitos do verão. A Angiolina fazia lembrar estas flôres; a sua alma saudosa não sabia ter esperanças, nem dá-las; entrava na vida com o sorriso de quem se despede; o meu amor poderia servir de balsamo para aquele coração ferido por ignorados golpes, mas — ainda em cima! — uma secreta raiva do afecto levava-me a atormentá-la.

Entrámos num paraizo e converti-o num inferno. Foi horrivel. Tão depressa a abraçava em extase, como tinha horror de a olhar. Chorava encostando a cabeça ao meu ombro e um beijo acabava tudo. Sorriamos depois da minha loucura... Mas, assim se ria quebrantando a confiança, o entusiasmo, a estima mesmo, talvez.

A inquietação, a febre, a insonia, iam-me devorando lentamente a razão e a vida.

O frenesi da minha desgraça aumentava na proporção do amor de Angiolina: maior era a luz da felicidade que ela me dava por instantes, maior depois e mais densa a sombra dos meus receios.

A nossa existencia era doce, mas triste; muitas vezes os seus beijos vinham banhados em lagrimas, sem causa e sem razão: a nossa alegria mesma era melancolica e a ideia de que haviamos de separar-nos minava-nos de desventura.

O seu retrato, que eu costumava vêr, nas horas em que não podia vê-la a ela e em que o sôno não queria nada comigo, produzia-me uma impressão fatal, que não soube nunca explicar-me; aquela invariabilidade dada a uma criatura que não se conservava um momento a mesma, afligia-me como uma mentira. Queria fechar por instantes aqueles olhos, sempre abertos como o dos sonambulos, que me seguiam sem me vêr.

A datar dêsse periodo de efervescencia, de exaltação, de anciedade, nada mais sei ao certo. Contam que, numa noite, uma congestão cerebral me tornou louco.

A minha familia, por conselho dos medicos, enviou-me para um casal que temos perto de Belas. Ali, numa tranquilidade toda bucolica, sem que pudesse avistar senão campo, sem que pudesse ouvir senão os passaros, esperavam que, com o tempo, a razão e a paz voltassem á minha alma. Dizem que pouco falava e que, na ocasião que dos acessos, apenas algumas palavras soltas, ou um trecho de musica, revelavam que me lembrava ainda das noites de teatro.

Aquele casal perdido entre oliveiras tomou subitamente um caracter poetico. Dir-se-hia o local da expiação do amor! Das minhas sinceras afeições, dos meus votos, das minhas ideias, das minhas crenças, formara eu a fogueira que houvesse de consumir-me. Enchia tudo de terror, á roda de mim. Ora me consideravam a ponto de ser salvo, ora me devam por perdido. Uma alegria, um intimo gôso, uma aspiração poderiam valer-me; mas como?

Fica o firmamento povoado de fogos inextinguiveis, em o dia apagando as faiscas do grande luzeiro; mas no ceu do pensamento, onde as esperanças são estrelas, o que fica em se elas indo embora? Foi passando tempo sem melhoras para mim. Os medicos começavam a desanimar. A loucura, meu amigo, é doença degradante: ao leproso ninguem se chega; e, do louco, foge-se. Valeu-me o querer a Providencia fazer alguma coisa nisto; e a hora chegou.

Angiolina, que nunca mais soubera de mim, voltava numa noite de Belas, onde havia passado o dia, quando a sua carruagem se quebrou na altura da estrada que conduz ao casal. Era tarde, a noite ia fria e as precauções da cantora levaram-na a querer recolher-se nalgum sitio resguardado do vento, emquanto não se achasse meio de continuar a jornada. O cocheiro apareceu á porta do casal a pedir agasalho por aquela noite para uma senhora, que, partindo-se-lhe a carruagem em que ia, se encontrava sem saber onde se recolhesse. Angiolina entrou para o quarto do meu enfermeiro, dizendo-se-lhe, apenas, que, não havendo na casa senão dois quartos e estando ocupado o outro, deveria sujeitar-se a ficar mal acomodada ali. Ela respondeu que não queria deitar-se e que de madrugada partiria. O casal voltou á tranquilidade de um silencio de sepulcro. Eu nada vira e nada ouvira do que se havia passado. No dia imediato devia ser a festa da Pascoa; do meio da noite em diante ranchos e ranchos de aldeões passaram pelo casal, dirigindo-se a Caneças.

Iam alegres e contentes, respirando esperança. A noite tornava-se tepida e perfumada; o luar doirava os campos; os aldeões passavam abraçados ás namoradas, cantando e beijando-as.

Angiolina espreitou á janela, por entre os vidros, aquele mundo de rusticas felicidades. Levantou depois a vidraça devagar, para incomodar menos o cortinado de hera e, extatica, escutou e olhou.

Iam cantando uma trova, cuja toada ela repetiu logo, dando-lhe pelo encanto da sua voz um poder singular.

De onde partia, de onde vinha aquela voz, que havia sido a minha vida, a minha felicidade, a minha loucura até?

Como descrever a sensação que se apoderou de mim?

Corri á janela, como preguntando á noite o segredo dêste raio de graça; parecia-me que ouvia as arvores falarem baixinho e murmurarem de ramo em ramo suplicas, que a minha alma entendia. Angiolina cantava ainda, espalhando na solidão do casal as perolas e lagrimas do seu canto. A imaginação principiava a criar-me visões como que alem desta vida. Via Angiolina em cada raio da lua, como se transformasse a terra na imagem do ceu e me convidasse a mudar de patria.

Abriu a janela e, a cantar, ficou vendo a noite.

Maravilhava ainda mais o canto dela ao ar livre, a acompanhar os sons da agua na sombra; era ainda melhor a cantar entre flôres, abrigada por arvores naturais, tendo por tecto o firmamento, de que em jardins de teatro.

Não presentia ela sequer que tão perto de si, separados apenas por uma parede, estava êste infeliz que o amor tornara louco por ela... Mas, a pouco e pouco, a razão voltava; aquele canto falava-me; era conhecida da minha alma aquela voz; o casal parecia tornado num palacio de encantamentos... Quando o dia principiava, a voz calou-se.

Apenas, depois, se ouvia a fala do cocheiro. E, em seguida, o rodar surdo da carruagem e o demorado trancar das portas.

Angiolina? gritei.

A carruagem continuava a rodar e o meu grito perdeu-se nas nevoas da madrugada.

Um abraço, que me deu o medico, como que me falava de alegrias.

Que se passou, então? eu contei.

Ele respondeu-me:

Sonhou.

Dias depois, já salvo voltei a Lisboa. A época lirica acabara. Estava fechado S. Carlos. A cantora tinha-se ido embora: criatura de destino errante, proseguira em procura do futuro, que é o ceu dos artistas...

FIM

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

N.º 4079 — 12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5 | LISBOA — Terça-feira, 16 de Maio de 1922 | Telefone n. 2293 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Bica, 71 | Preço 10 centavos

A CADEIA

O que ontem se passou na sessão noturna da Camara dos Deputados foi uma vergonha, mas não foi uma surpreza.

Para que o fosse, teriamos de ignorar em que condições se encontram naquele recinto a maioria dos parlamentares.

Dois terços desses parlamentares estão ligados a Companhias, tem dependencias financeiras, enleiam se numa rede de interesses que só o deixam pensar no paiz quando esses interesses não estão em jogo.

Como é que uma Camara, assim composta, pode ocupar-se, com plena liberdade de espirito e plena liberdade de acção, da regularisação do orçamento e das propostas de finanças?

Os interesses a que aludimos não exigem economias: exigem maiores sacrificios do tesouro: só reclamam novas e colossais especulações.

Na realidade estamos nas mãos duma plutocracia desalmada. Essa plutocracia caracterisa-se, como é natural, pelo egoismo. Ninguem espera que ela faça ou consinta que se faça qualquer sacrificio que saia da sua bolsa para acudir á patria em perigo.

Não ha nada mais desumano do que esse egoismo. Comove-se o coração dos despotas: não se comove o coração dos açambarcadores, dos ganhões, dos especuladores. Dir-se-ia que neles a alma de Harpagão se liga á alma de Nero.

Pois bem! Os parlamentos são formados por gente desta especie, ou por creaturas que dela são incondicionalmente serventuarias.

Podem os governos querer reagir. Nada conseguirão. Os partidos estão eivados desta praga. Acolheram-a, acarinharam-a. Sacrificaram-lhe os bons e leais republicanos, desinteressados, idealistas, patriotas.

Foi sempre o grande escolho das democracias republicanas a facil corrupção dos meios parlamentares. Como em cada deputado, em cada senador, existe uma parcela de soberania, o plano dos corruptores é aliar a consciencia desses homens que só deviam pensar no paiz de que são representantes. A França ainda não teve na historia da Terceira Republica nenhum perigo serio senão o que revelaram os escandalos do Panamá. Os Estados Unidos, o Brasil sofrem dessa lepra. E' o grande, perigoso, lado fraco da Republica.

Entre nós, os partidos não mantiveram independencia. Lançaram-se, a começar pelo partido democratico, que é o mais numeroso e porisso mesmo o mais atacado, nos braços dos especuladores, dos «brasseus-d'affaires», dos aventureiros que irrompem como cogumelos nas ocasiões de crise. Dai o descalabro a que assistia. Tudo podia remediar o parlamento. Mas quê! Como dissemos dois terços do parlamento são constituidos por essa gente ou estão nas mãos dessa gente, á qual o que convem é a continuação da desordem administrativa que favorece as suas manobras.

Não estavam senão meia duzia de deputados na sessão noturna de ontem. A maioria do parlamento não cumpriu o seu dever. Até um ministro preferiu ir para o teatro a dar conta dos assuntos da sua pasta.

Pode continuar esta situação?

Talvez continue, mas ela ha de ter, forçosamente, como desfecho uma catastrofe sem nome.

Lá fóra tambem a plutocracia se revela. Mas protesta-se, mas luta-se contra ela. Ha uma consciencia civica. Ha uma politica limpa. Ha um ideal que transparece nos mais agudos debates dos principios adversos.

Aqui, é a capitulação perante estes sintomas morbidos da sociedade portugueza. Não se sabe o que se ha de fazer, porque não se quer descontentar os parlamentares desleixados ou criminosos para não descontentar os partidos, corrompidos ou desvairados, nem se quer descontentar a desalmada plutocracia a que eles se encontram enfeudados.

A situação é esta. Reconhecer um mal é dar o primeiro passo para a cura. O remedio está num acto de energia da Republica.

O feito dos aviadores portugueses

COMEÇA PROVOCANDO NA OPINIÃO PUBLICA ALVITRES SENSATOS E PONDERADOS PARA OS QUAIS O GOVERNO PODIA :—: E DEVIA OLHAR COM ATENÇÃO :—:

Recebemos a seguinte carta, que gostosamente publicamos:

Sr. redactor. — *Um leitor assiduo, velho assinante, cultor de boas letras, amigo da verdade*, o que V. melhor quizer, arrebata da pena e solicita uma coluna do seu muito lido jornal. Obscuro portuguès que fica em casa e em casa vê desfilar êste curioso kaleidoscopio da vida portuguesa, bastante crinfrim, valha a verdade, tenho seguido com toda a atenção o barulho que se tem feito em volta da notavel tentativa do srs. Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

Tem-se dito bastantes asneiras, sr. redactor, e muito provavelmente outras mais se dirão ainda. Mas o que é facto é que na aluvião de alvitres e de imbecilidades ainda não apareceu uma ideia concreta e util que pudesse pôr-se em execução com viabilidade e com futuro. Terei eu a lucidez suficiente para conceber e expor uma que me ocorre e me parece de facil execução? V. o dirá, se quizer.

Pois, em volta dêste *raid*, surgiu agora um telegrama importante. A colonia portuguesa do Brasil está disposta a abrir uma subscrição nacional para dotar as escolas de aviação portuguesa com alguma coisa que se veja. Sabe V. sr. redactor, que as subscrições nacionais, por serem relativamente raras, têm ainda certa possibilidade de ir a bom termo e de formarem somas consideraveis.

Porque não se aproveitarão os bons desejos dos nossos irmãos de além-mar, não apenas secundando os seus projectos, mas dando-lhes o amparo moral e oficial de que êles carecem? Assim, por exemplo, esta coisa pratica e simples poderia vir a lume:

O Governo reuniria os organismos superiores de todos os Bancos e de todos os capitais em circulação; expor-lhes-ia a necessidade, a urgencia de dotar a aviação portuguesa com bons e solidos aparelhos, neste momento em que dois marinheiros da nossa terra fazem a mais colossal, a mais americana *réclame* da sua Patria; empregaria todas as razões de sentimento, de patriotismo e de logica para lhes estimular a generosidade. Esses Bancos nomeariam comissões destinadas a receber os donativos: uma para Portugal e ilhas, outra para o Brasil, outra para as colonias de Africa e da Asia e ainda uma outra para os importantes nucleos portugueses da California e de Sandwich. As somas que poderiam advir são garantidas. Mercê delas, de uma estampilha a fazer circular, de uma moeda comemorativa a cunhar e da verba que o proprio Estado pudesse entregar, o mesmo Estado pediria logo a êsses Bancos, e cobrindo-se com estas garantias, a importancia de 10.000 contos.

Com êstes 10.000 contos, o primeiro cuidado do Estado, a exemplo do que fazem outros Estados, seria mandar entregar a Gago Coutinho e a Sacadura Cabral 300 contos a cada um para evitar a êsses dois homens, ilustres portadores do nome português aos quatro ventos do mundo, todo e qualquer cuidado material pela sua existencia. Criaria, em seguida, uma escola de aviação digna dêsse nome, com aparelhos que não fossem de papelão e, para um outro *raid* que os aviadores tentassem, facultaria todas as verbas e toda a *outillage*, de forma a que um exemplo de coragem animosa e de sciencia nobre e altiva se não vissem constantemente a braços com necessidades mesquinhas e improprias de uma nação livre e soberana.

Sabe V., sr. redactor, que infalivelmente Gago Coutinho e Sacadura Cabral vão proseguir nos seus trabalhos. Não são homens para se ficarem em repouso depois dos louros colhidos. Ou tentarão o regresso Rio-Lisboa, ou, mais tarde, atravessarão de novo o Atlantico, quer pelo sul, quer pelo norte. Que recompensa haverá melhor para êstes dois homens do que dar-lhes toda a possibilidade de confirmarem iniludivelmente a sua audacia e a sua sciencia?

Os fundos são, pois, indispensaveis. O Estado só pode canalizá-los e compulsioná-los dando á sua reunião um caracter de uma subscrição nacional. E ao favor desta subscrição, facilmente arranjará desde já os 10.000 contos de que acima falava. Só assim se poderá obter um resultado concreto e logico.

Premio pecuniario aos aviadores.

Fundação de uma escola moderna de aviação dotada com o que houver de melhor.

A elevação do monumento comemorativo que poderá muito bem ser aquele que a «Capital» lembrou ha tempos e que devia erigir-se defronte dos Jeronimos.

Tudo isto é facil de obter desde que se congreguem todos os esforços para um unico fim e o Estado precisa tomar a iniciativa deles.

Lembrar-lhe-hei que uma subscrição nacional seria, neste momento, uma operação segura. Sempre o foram entre nós, especialmente nos momentos em que a alma popular vibra intensamente.

Pois não seria isto melhor, mais mais nobre e mais util do que todas as tentativas fragmentarias para comemorações que no fundo nada significam. Como poderemos nós supor que homens como Coutinho e Cabral liguem a mais ligeira importancia a telegramas com oitenta mil assinaturas ou a insignias recamadas de brilhantes? E todavia quanto dinheiro mal empregado? Decerto eles prefeririam um bom e solido avião onde pudessem recomeçar, renovar, espantar de novo o mundo. O que eles querem está em desarmonia com o que o paiz lhes pretende dar.

Não devemos medir estes homens pela mesma bitola que serve para mensurar os homemsinhos do Chiado e da pasmaceira. Alem de injusto é deprimente. Estes homens que fizeram um esforço grande e simples, só desejam do paiz, sem palavras e sem arrebiques, um esforço grande e simples tambem.

A melhor maneira de ser util a quem tão util foi ao nosso paiz, é iniciar a subscrição nacional, fortelecê-la, torna-la na verdade uma realidade adquirir o que for necessario á aviação e dizer depois simplesmente a Gago Coutinho e a Sacadura: — «Aqui está tudo. Recomecem. Sejam sempre grandes, levem longe o nome nossa terra.» E nós cá ficamos para os seguir com a vista e para os admirar!

Pois não lhe parece isto, sr. Redator. — «Obscuro Portugues».

Mello Barreto

Apresenta as suas credenciais

MADRID, 16. — **A apresentação das credenciais ao rei por Mello Barreto, novo ministro de Portugal em Madrid está marcada para hoje, devendo revestir um grande significado politico para a aproximação entre Portugal e Espanha. Os jornais continuam a referir-se á Melo Barreto com as palavras mais elogiosas.— (Lat. Am.)**

A Companhia Zepelin

constroe dirigiveis de 70.000 metros cubicos

BERLIM, 16.—A companhia Zepelin deu ordens para a construção dum novo dirigivel de 70.000 metros de capacidade para os Estados Unidos em substituição de um dos sete que foram destruidos pela Alemanha antes da assinatura do tratado de paz. —(R.)

O major «Evangelista» traduzido em hespanhol

MADRID, 16. — A' hora a que era aprovado no congresso o projecto de recompensas militares, morria o heroico tenente Gonzalez Tablas, cuja heroicidade não póde ser recompensada nesta vida, mercê das dificuldades levantadas ao projecto pelas comissões informativas das armas do exercito.—(Lat-Am).

Estudantes de Coimbra

Nos fins do corrente mes ou principios de Junho deve vir a Lisboa, regido pelo dr. Elias de Aguiar o «orfeon» da Universidade de Coimbra composto de mais de 180 figuras e que dará num dos melhores teatros da capital um ou dois concertos.

Tomarão parte nos espectaculos alem do «orfeon», um grupo dramatico e muitas outras pessoas em destaque no nosso meio artistico.

Que é isto?

Macau e Timor são letra morta

De um jornal macaista recortamos:

«Vemos num jornal estrangeiro a seguinte noticia:

O delegado português em Washington, visconde de Alte, protestou contra a decisão das quatro potencias de quererem garantir as nossas possessões no Pacifico.

Tal como está redigida, a noticia é incompreensivel. Não saberá o governo local do que se trata?

E' possivel que o saiba, mas dado o sistema de *cairinha* até hoje seguido, certamente o não saberemos nós.

Este silencio governamental é devido, segundo nos consta, ao facto de se julgar que os governos só enviam notas oficiosas á imprensa que lhes é afecta.

Estranha concepção!

Perguntar por estas coisas é positivamente imitar a celebre *vox clamantis in desertis*... Ha por lá coisas muito mais interessantes, segundo a opinião de todos os nossos governantes.

Em geral, as nossas colonias oferecem apenas, de quando em quando, materia para discussões de *lana caprina* no Parlamento e mesmo assim são só os de Africa. Sobre Macau e sobre Timor faz-se um silencio religioso. Talvez até os governos se tenham esquecido que elas existem!

Como se solveu a questão com a China ultimamente só de uma forma vaga e confusa se conseguiu saber em Portugal. Vexames houve, com certeza, e talvez sacrificios de ordem moral e material. Mas continuou tudo no melhor dos mundos possiveis.

De Timor, então, não só não se fala, como até nem se pensa nessa colonia, tão desditosa como longinqua. A começar pelo seu governador, nomeado ha tempos sem fim e que ainda se encontra na metropole, sem se saber ao certo quando embarca e mesmo se embarcará.

Emquanto estas coisas se passam por cá, toda a gente esqueceu as pretensões da China sobre a pequena colonia de Macau, toda a gente ignora que a influencia holandesa na Malasia cresce de dia para dia e ninguem supõe, sequer, que possa haver vantagem para os Estados Unidos no estabelecimento de uma base naval ao norte da Australia, fechando o Pacifico Central com o triangulo Filipinas, Sandwich, Timor. Estas questões, de alto interesse mundial, perdem o valor neste canto adormecido da Europa. E' mais interessante discutir coisas que toda a gente sabe em termos que toda a gente tem! Mas um dia, breve, quando a cupidez alheia irromper com a violencia de quem vai desfechar o golpe decisivo, que farão governos, parlamentos, organismos sociais, forças vivas, emfim, toda a formidavel *blague* da nossa organização social, em face do facto consumado e grave?

A fantasia telegrafica

e as suas ferteis invenções

Um telegrama com data de ontem comunica que o ministro belga Vanderveide partiu para Moscou onde vai defender o «sr. Mencheviki» perante o tribunal revolucionario.

Por mais que se parafuse não se chega a compreender quem seja este «sr. Mencheviki»: Afinal é simples. Não existe ninguem chamado Mencheviki, o que existe é um partido socialista chamado Mencheviki. E foi provavelmente este partido que o sr. Vanderveide como socialista que é, foi defender. O facto na realidade não tem importancia, mas é supinamente hilariante a fórma porque estas cousas se transmitem e geralmente se aceitam sem contrôle e sem observação prévia. A incalculavel soma de tolices que o telegrafo espalha todos os dias, escapa a toda a imaginação. E a grande maioria dos estomagos digére tudo isto.

Tambem qualquer acontecimento de vulto é deturpado e deformado quando subsiste durante dias. Assim por exemplo, a imprensa italiana depois da ultima «etape» do nosso «raid», ao noticiar que os aviadores portuguezes tinham descido no mar, entre os Penedos e Fernando de Noronha, para acabar definitivamente com a questão, não duvidou matar ambos os aviadores e fê-lo sem mais fórma de processo.

A REVOGAÇÃO DA LEI 1244

O NOVO PROJECTO DE LEI DO SENADOR SR. ARAGÃO E BRITO—CONTINUA-SE O RELATO DE ESTRANHOS E CURIOSOS :—: :—: :—: :—: CASOS :—: :—: :—: :—:

Artigo 1.º—São considerados nulos a partir da data da presente lei todos e quaisquer efeitos ainda subsistentes resultantes das penas disciplinares impostas, por motivo do movimento monarquico de 1919, aos militares do exercito e da armada na conformidade dos decretos n.ºs 5:203 e 5:368, de 5 de Março e 8 de Abril de 1919 ou de outras disposições anteriores, e bem assim os das penas disciplinares impostas por motivos politicos pelos tribunais militares até á presente data.

§ 1.º — Os militares abrangidos pelas disposições deste artigo serão imediatamente restituidos á efectividade do posto ou situação de serviço ou reforma, em que se encontravam quando foram punidos, salvo se por direito de antiguidade lhes pertencer maior posto, caso em que serão a ele promovidos, e serão colocados no Estado Maior ou no quadro das suas armas ou serviços, não podendo ser nomeados comandantes de companhias, batalhões separados ou unidades independentes, nem chefes de serviços autonomos no continente da Republica durante doze mezes, e serão considerados os primeiros da escala de nomeação por comissões de serviço do ultramar durantes dois anos.

§ 2.º—A reintegração nos termos desta lei não dá direito a qualquer restituição de vencimentos ou ajuda de custo, de que os agraciados foram privados até á data da presente lei em virtude das penas que lhe foram impostas.

Art. 2.º—São considerados igualmente nulos todos e quaisquer efeitos ainda subsistentes das penas correcionais, impostas até á presente data, pelos tribunais militares, por crimes politicos, aos militares do exercito ou da armada, em quem concorra algum dos seguintes requisitos:

a) Serem condecorados com alguns dos graus da Ordem da Torre Espada, Cruz de Guerra, medalha da Classe do Valor Militar, medalha de Bons Serviços concedida na vigencia do regime republicano, medalha de Assiduidade ou de Serviços Distintos no Ultramar, medalha de ouro da Classe de Comportamento Exemplar;

b) Terem feito parte do Corpo Expedicionario á França ou de qualquer expedição ao ultramar até 1919.

§ 1.º A estes militares é aplicavel o disposto nos §§ 1.º e 2.º do artigo anterior, sendo-lhes defeso comandarem unidades independentes ou separadas ou dirigir serviços autonomos, elevado ao dobro, isto é, a dois anos.

§ 2.º Os militares em quem não concorram quaisquer dos requesitos enumerados no presente artigo gozarão das mesmas garantias, com a diferença de se manterem no mesmo lugar da escala do acesso em que forem colocados em virtude das penas que lhes foram impostas.

Art. 3.º Os militares em quem concorram os requisitos enumerados no artigo anterior ou sejam maiores de cincoenta anos, com, pelo menos, vinte e cinco de serviço militar, e que tenham sido condenados em pena maior por motivos politicos, da qual resultasse, como efeito necessario, a demissão, serão colocados na situação de inatividade por motivos politicos, tendo como vencimento o soldo que lhes competiria no tempo em que foram condenados.

§ unico. Estes militares ficarão privados do direito de usar uniformes militares e sujeitos á diciplina militar como se fossem reformados.

Art. 4.º São anuladas as leis n.ºs 1.040 e 1.214 e todos os seus efeitos.

§ unico. Se o Ministro da Guerra ou o da Marinha entender que sol qualquer dos oficiais, que foram abrangidos por essas leis, impende a suspeição de terem procedido contra a honra e brio militar por causa da nomeação para serviços de campanha durante a Grande Guerra, ou por outros motivos de ordem moral, ordenará que eles sejam submetidos a julgamento no Supremo Conselho de Disciplina do Exercito por tais factos seguindo-se o processo regulamentar e ficando os oficiais sujeitos ás consequencias do «veredictum» proferido pelo mesmo Conselho, sobre a sua honorabilidade militar.

Art. 5.º—E' concedido aos militares, compreendidos no artigo 3.º, o direito de revisão dos seus processos, a qual será realisada no Supremo Tribunal Militar, a requerimento dos interessados.

Art. 6.º—Os oficiais reformados, demitidos ou separados do serviço, compreendidos nos artigos 1.º e 2.º, deverão apresentar-se no praso de trinta, sessenta, noventa ou cento e oitenta dias, conforme estejam residindo no continente da Republica, ilhas adjacentes, colonias ou estrangeiro, no quartel general da divisão ou Comando Militar mais proximo da sua residencia ou na Repartição do Gabinete do Ministerio da Guerra ou da Marinha, os que residirem no estrangeiro.

Art. 7.º—Todos os oficiais abrangidos pelos artigos 1.º e 2.º desta lei renovarão, no quartel general do exercito, em cuja area estiverem residindo e na presença de todos os oficiais da guarnição, o seu compromisso de honra.

Art. 8.º—Fica revogada a legislação em contrario.

Art. 9.º—A presente lei entra imediatamente em vigor.

Capitão de infantaria José de Magalhães Q. de Abreu do Coutinho. Este oficial foi comandante duma força que havia de servir de apoio a duas bocas de fogo instaladas na Gelfa, proximo de Ancora, a fim de impedir o desembarque da «Limpopo» e «Pedro Nunes». No dia 13 de fevereiro reimplantada a republica, tentou suicidar-se, por ver a causa perdida. Felizmente curou-se, e ainda bem, pois que não tendo outro susto a não ser o que acima nos referimos, gosa hoje no 8.º grupo de metralhadoras, o descanço a que tem jus pelo seu nunca «desmentido republicanismo...»

Tenente reformado Julio Faria. Este oficial, não podendo fardar-se por não ter a mão direita, esteve contudo prestando bons e leais serviços á causa monarquica, sem duvida voluntariamente, no 3.º batalhão de infantaria 8. Como os seus serviços foram feitos á paisana, á paisana se escapou pelas malhas da rede, nada o encomodando, prestando então em recompensa de se ter escapulido, o serviço de depor nos autos levantados aos seus camaradas como testemunha de acusação, passando a ser assim «um bom republicano...» dos tais nossos...

Capitão de infantaria 15, Antonio Augusto Mateus. Este oficial de convicções arreigadas, e sempre pronto a prestar os seus serviços, a quando das juntas militares do Porto, não esteve de acordo com elas, mas proclamada a monarquia, apresentou-se, dizendo-se monarquico dos sete e meio costados. Como quem o não ouviu, o foz prender, conseguiu libertar-se, revelando então o seu entranhado republicanismo de sempre, sendo das principais testemunhas de acusação dos seus camaradas. Este é que é dos bons... se calhar era espião...

A agitação operaria em Inglaterra

Uma fabrica de leite condensado «comunisada»

LONDRES, 15.—Os operarios de Carryck on Suire, que trabalhavam numa fabrica de leite condensado, apoderaram-se de todo o edificio e maquinas, nomearam um director e tomaram por sua conta a fabricação. Casos analogos, registaram-se em varios sitios, nomeadamente em Tipperary, Clommem e Mellow.— (R).

Esta-se em presença de casos analogos aos que se deram em Italia com os comunistas daquele pais e que durante tres meses transformaram a cidade de Milão num centro de agitações constantes.

As propostas financeiras

Do «Comercio do Porto»:

«Sabemos que se o Governo insistir na conversão em lei das propostas financeiras, um ruidoso protesto se levantará em toda a industria do norte».

Confirmamos. Simplesmente o sr. ministro das Finanças não será apenas aclamado no norte, mas tambem nos outros pontos cardiaes. Em Lisboa, então, será um tal delirio que até ha-de parecer o fim do mundo!

"Para onde vais, Maria?"

O ultimo livro de Manuel de Sousa Pinto

O autor notavel do «Feminario» e de «Magos e Histriões», acaba agora de publicar o seu ultimo trabalho «Para onde vais Maria?» porventura um dos melhores da obra já vasta deste castiço prosador.

Falar de Manuel de Sousa Pinto é constatar mais uma vez até que ponto é forte e vigorosa a sua pena que segue as tradições gloriosas de Ramalho e de Fialho d'Almeida. A serie de quadros delicados, cheios de claro escuro, que dá origem ao seu novo trabalho, é, sem duvida, neste periodo de decomposição literaria, pela sobriedade, pelo equilibrio exacto, pela intensa verdade do descritivo, uma soberba afirmação de talento da parte do seu autor e da vitalidade das letras portuguezas. A magestosa e doce paisagem portuguesa tem nele um cantor enternecido com o rarissimo dever de ver e de saber trasmitir o que vê. Em Sousa Pinto não verificamos apenas desta vez o suave e lento cantor do Mondego e da paisagem incomparavel dentre Formoselha e Penacova. E' o apaixonado cantor de toda a terra portugueza usando dum vocabulo e duma expressão que lhe são peculiares e que erguem com incomparavel tresoura todos os aspectos subtis da aguarela minhota, animam a melancolia poeirenta da Extremadura, realçam a magestade por vezes sinistra dos aspectos beirões. Livro de Portugal composto com a ternura dum portuguez enamorado da sua terra, «Para onde vais Maria?» ficará entre a obra de Sousa Pinto como um dos mais veementes, um dos mais sentidos e verdadeiros livros do notabilissimo escritor.

Os estudantes portugueses em Madrid

O que diz a imprensa espanhola

MADRID, 15.—A imprensa continua dedicando preferente atenção á visita dos estudantes e aviadores portugueses, simbolo da fraternidade dos dois povos.

«La Libertad» dedica o seu editorial a este assuntos, dizendo: «Portugal, hoje mais que nunca, é para Espanha lar de excepcionais virtudes, simbolo de tantas e tão belas energias espirituais, que vê na sua historia contemporanea uma inquietação de vida, de exuberancia ideal, de plenitude de vigores eticos, que asseguram a esta formosa nação um futuro esplendido, uma manhã de magestosas grandezas».

Termina por esta forma: «Portugal soberano e livre para sempre; Espanha livre e soberana perenemente, unidos, juntos, irmanados, fundidos no mais alto ideal humanitario, a obra de justiça, um dia compareceerão de novo perante a historia para continuar esse esforço magno que nenhum outro povo, nem ainda as maiores potencias, puderam igualar. A voz da Historia, que um grande pensador disse que era eco da voz de Deus, chama-nos para esse sublime labor; escutemo-la e obedeçamo-lhes e teremos cumprido a nossa missão no mundo».—(R.)

MADRID, 15.—Na Residencia de Estudantes celebrou-se uma solene receção em honra dos estudantes portuguezes. Em nome do Governo apresentou-lhes as boas vindas o director geral de Comunicações D. Jorge Silvela. Divididos em grupos, segundo os seus estudos, visitaram os estudantes as faculdades de Medecina, Sciencias, Direito, Letras e Farmacia, sendo recebidos pelos respectivos decanos e acompanhados pelos estudantes espanhoes. Pela tarde celebrou-se no teatro espanhol o 1.º concerto, estando o teatro totalmente cheio. O orfeão academico interpretou diversas composições, sendo ovacionado com entusiasmo, especialmente ao terminar a rapsodia de canções populares portuguesas. Para corresponder ao entusiasmo delirante do publico, teve de cantar varios fados fora do programa.—(R).

MADRID, 16.—Todos os jornais, sem distinção de cor politica, fazem o mais caloroso acolhimento aos estudantes portuguezes que vieram a Madrid e todos esperam que das visitas inter-universitarias resulte apertarem-se cada vez mais os laços de amisade que unem os dois paises. O «Diario Universal» diz que especialmente a visita dos estudantes do Porto parece do mais alto interesse e que que quereria que tais visitas se reproduzissem e fossem imitadas pelas Universidades espanholas. O mesmo jornal acrescenta que não havendo já conquistas territoriais a fazer é preciso conquistar os corações, que é o que engrandece hoje os povos

Theatros e Cinemas

Agenda da semana

HOJE—S. Luiz—2.ª recita da companhia franceza do teatro Renaissance, de Paris.

AMANHÃ—Eden—Estreia da companhia espanhola Barreto-Ballester.

"Tournée,, Cora Laparcerie

TEATRO S. LUIZ — «Mon Homme», *3 actos de André Picard e Francis Carco.*

O publico alfacinha, que ontem encheu por completo o S. Luiz, dando-lhe o aspecto das grandes solenidades, não demonstrou, sejamos francos, muito efusivamente o seu aplauso ao trabalho dos artistas da companhia franceza que ontem se estreava. Porque ela o não merecesse? Não; simplesmente porque, quero crer, muita gente havia que, desconhecedora do genero que constitue o repertorio da companhia do Renaissance, supoz ir vêr algumas das modernas comedias do reportorio francês, com tudo o que encerram de futil e em que, apenas ha que admirar, e nem sempre, a tecnica de teatro, o brilhantismo do dialogo e as *toilettes* das actrizes. Compreende-se, portanto, que o espectador e, principalmente, o que, só nestas ocasiões, aproveita o ensejo de levar a prole ao teatro, para conhecer dos seus progressos na lingua de Voltaire, se sentisse chocado, um tanto ou quanto, com o realismo da descrição feita no segundo acto, por *Liane*. Porque, manda a verdade que se diga, sem ser isenta de defeitos, alguns dos quais desculpaveis numa primeira representação, a companhia de madame Cora Laparcerie é, em conjunto, pelo que ontem nos foi dado apreciar, uma das mais homogeneas que ultimamente nos tem visitado. Mesmo no que respeita á *mise-en-scène*, vê-se que, da sua directora, houve um cuidado e um carinho que nem sempre estamos habituados a vêr. Quanto ao desempenho, agradou-nos, em absoluto, por parte de Colin, que tem, nesta peça, ocasião de demonstrar o seu valor em toda a scena muda do segundo acto. Dispondo de uma boa figura e de uma optima voz, cuidou a sua personagem, não esquecendo o minimo detalhe e foi perfeito em todo o seu trabalho, fazendo a scena da morte como um grande artista.

Madame Cora Laparcerie vestiu e marcou todo o seu papel com um rigor absoluto e pena é que o seu metal de voz não consiga, por vezes, transmitir ao publico a emotividade necessaria para uma *assile* completa. E tanto assim que na scena do primeiro acto, quando, a sós com *Liane*, recorda a sua infancia e o meio em que viveu, o publico, apreciando o seu trabalho, não a aplaudiu como era natural, pela simples razão de que a artista o não conseguiu comover.

Em papeis secundarios, madame Arielli foi quem, sem contestação, obteve, no seu papel de ingenua, o aplauso unanime da multidão. Um pouco, talvez, pela simpatia dispensada á propria personagem, mas muito pela graça e pela frescura que ela lhe imprimiu.

O sr. Favières, de lamentar é que não soubesse o papel, e o sr. Angus, interpretando o secretario de um principe, veste mal uma casaca que, decerto, é já muito antiga, e tem, por vezes, uma dureza de expressão que nem sempre está de acordo com a interpretação a dar ao seu papel.

Foi esta a impressão colhida na primeira representação, que, certamente, ha de melhorar nas recitas seguintes, desde que ha que desculpar as necessarias hesitações de artistas em contacto, pela primeira vez, com um publico que por completo desconhecem.

ALVARO LIMA

Nota do dia

Da actriz Laura Cruz, societaria do Teatro Nacional, recebemos a carta que abaixo transcrevemos na integra, conforme pede:

«... Sr. Redactor de «A Capital»—Mão amiga acaba de me enviar o seu muito apreciado jornal de 11 do corrente, onde v. ex.ª firma uma noticia sobre a peça de D. João da Camara, «Triste Viuvinha».

Pelo final dessa critica vejo que um espectador, por certo, mais «blagueur» que bonacheirão, e que não tinha sido honestamente informado, respondeu á esposa um dislate, que só podo estar a caracter com a observação da meticulosa consorte...

A linda «corbeille» que me foi oferecida, não podia ser enviada pelo «João Alegria» porque este era suficientemente educado para se atrever a enviar ostensivamente presentes á senhora sobre a qual não lhe era já permitido ter pretensões; nem tão pouco as flores o eram por fim chamar a atenção do publico sobre a minha insignificante pessoa, porque para isso bastaria: recordar a forma carinhosa como fui tratada pela critica quando da primeira representação desta peça, os cumprimentos da Grande Duse, quando ha anos assistiu á representação da mesma, como consta do noticiario da imprensa preterita; e finalmente, a gentileza, sem muito agradeço, como a critica actual apreciou novamente o meu trabalho.

As flores foram-me oferecidas por amigas muitos gratas, porque tendo eu estado durante toda a época afastada da scena, por motivos a que sou alheia, e acrescendo ainda a circunstancia de eu não fazer este ano festa artistica, aproveitaram a minha reaparição para me obsequiar.

Tudo isto, «que é muito simples», eu desejaria que tambem por intermedio do seu muito lido jornal, podesse ser levado ao conhecimento do tal espectador bonacheirão para que, com mais criterio, ele possa acalmar os impetos biliosos da esposa.

Assim, pela publicação desta na integra, muito reconhecida lhe ficaria a signataria.—Com a mais distinta consideração, *Laura Cruz.*

Alheios, em absoluto, aos comentarios dêste ou daquele, não duvidamos um só momento da veracidade das afirmações feitas na carta acima, e, por isso mesmo, a publicamos.

E, se alusão fizemos ao comentario ouvido no final do espectaculo, foi simplesmente porque, em nossa opinião, a apresentação da *corbeille* em questão, no palco do Nacional, na festa de uma das suas actrizes, em nosso criterio de categoria não inferior á da sr.ª Laura Cruz, foi mal escolhida pela tal comissão de senhoras, podendo ser interpretada como uma falta de camaradagem, que é sempre desagradavel observar em teatro.

ALVARO LIMA

Noticiario

Entre nós

Foi marcada pela Administração do Teatro Nacional a noite de 25 corrente para a primeira representação da peça de D. Branca de Gonta Colaço «Auto dos Faroleiros» e do original em um acto, de Carlos Selvagem, «Cavalgada das nuvens».

◆ Foram contractadas para o teatro Maria Victoria no antigo Parque Mayer, as actrizes Elisa Santos e Clara Batista, tendo começado hontem os ensaios da revista que ali será, apresentada brevemente.

◆ Tambem para o mesmo teatro, cuja direcção artistica está a cargo do actor José Climaco, foram contratadas as actrizes Amelia Perry e Ema Viçoso.

◆ Irene Grave e Jorge Grave realisam a sua recita no Nacional, na noite de 22 corrente, com as peças «Fidalguia rustica» (Cavalaria Rusticana) adaptação de Afonso Gaio; a ultima da peça «Carta Anonima» e um solo de violoncelo pelo artista Silva Passos.

◆ Em 3.ª recita de assignatura, a companhia franceza, presentemente no S. Luiz, dar-nos-ha amanhã, a peça «La femme masquée».

◆ Recebemos a visita da actriz Elisabeth Pola contratada para o teatro S. Luiz na epoca de verão e que ha muito se achava afastada da scena.

◆ No dia 29 do corrente, faz a sua festa no Salão Foz, a actriz Laura Costa, primeira figura daquele teatro, com a revista agora em scena para a qual os seus auctores estão escrevendo alguns numeros novos.

◆ Foi adiada para o proximo dia 24 a festa do aplaudido baritono D. Francisco de Sousa Coutinho (Chico Redondo) que, como já demos noticia se realisa em S. Carlos. Nessa noite a orchesta será regida pelo maestro Luiz Felgueiras sendo a enscenação da actriz cantora Isabel Fragoso e do seu marido, o actor Matias d'Almeida.

Cartaz do dia

Teatro de declamação

NACIONAL—A's 9— «A Triste Viuvinha»

S. LUIZ—A's 9— «La Danseuse Rouge» Companhia franceza.

POLITEAMA—A's 9,30—«Azas quebradas».

Teatro musicado

AVENIDA—A's 9,15—«A Perola Negra»

APOLO—A's 9,15—«Belo Sexo».

SALÃO FOZ—A's 8,30, e 10,30—«Piparote».

Circos

COLISEU DOS RECREIOS — A's 9 — Sarau ginastico e equestre do Ginasio Club Portuguez.

Animatografos

OLIMPIA—Rua dos Condes

CINEMA CONDES—Avenida da Liberdade

SALÃO CENTRAL—Praça dos Restauradores

O que eles dizem!
— E —
Como eles se contradizem!

Do «Correio da Manhã», da carta dos integralistas unitarios:

«E' principio axiomatico da doutrina monarquica o de que os Reis procedem sempre bem; só quando nos provarem irrefutavelmente o contrario devemos admitir que procedem mal.

Se partimos do principio oposto, se assentamos em que os soberanos procedem sempre mal, e só admitimos que procedem bem quando no-lo demonstrem irrefutavelmente—não podemos ser monarquicos mas sim se nos impõe que sejamos radicalmente anti-monarquicos».

Da «Monarquia» em «en-tete»:

«O pacto de Paris põe o Parlamento acima dos direitos de Deus na questão religiosa, dos direitos do Rei na questão dinastica, dos direitos da Nação na questão constitucional».

Vá lá percebe-los.

Pelo Telegrafo

O acidente do Principe de Galles

MANILA, 16.—O principe de Galles veio hontem a terra mostrando-se muito bem disposto, sendo o unico vestigio do desastre de hontem uma forte echimose no olho direito. O presidente Harding enviou ao principe um cordeal telegrama de boas vindas. —(R).

Um ciclone na baixa Bretenha

PARIS, 16.—A Venda foi devastada no sabado por um violento ciclone que causou grandes prejuizos em mais de 150 fazendas e residencias particulares.—(R).

As comunicações telegraficas

BERLIM, 16. — Estão funcionando todas as comunicações telegraficas entre a Alemanha e a Russia da Europa e da Asia.—(R).

Um banco falido

HAVANA, 16. — O banco Upmann fechou definitivamente em virtude da «Clearing House» lhe ter recusado um emprestimo.—(R).

A Austria e a Hungria em litigio

VIENNA, 16.—Uma nota da comissão de reparações ameaça a Hungria com represalias economicas se esta não entregar o gado até ao dia 10 de Junho, e mostra a sua surpreza pelo facto da Hungria querer ligar o pedido de reparações com a concessão de creditos estrangeiros. Foi regeitado o pedido da Hungria para que os danos causados pela ocupação romaica fossem deduzidos do total das reparações.—(R).

As concessões dos «soviets»

RIGA, 16.—Dizem de Moscou que o governo dos soviets autorisou a concessão por quatro anos das minas de oiro e platina a companhias, cooperativas e a particulares incluindo os antigos proprietarios.—(R).

O casamento de Isidora Duncan

LONDRES, 16.—Dizem que a celebre dançarina Isidora Duncan casou em Moscou com Sergio Yessenin. —(R).

Associação dos Retalhistas de viveres

Realisa amanhã pelas 21 horas, na séde desta associação uma conferencia subordinada ao titulo «Da liberdade do Comercio», o sr. João Nascimento dos Santos.

Em poucas linhas

Foram presos Narciso Martins Paulo e Maximina Vidal, rua dos Vinagres 122, que furtaram varias peças de vestuario no valor de 200 escudos a José Lopes Marques, Avenida Almirante Reis, 16.

—A um dos calabouços do Governo Civil recolheu Luiz de Freitas, rua dos Fanqueiros 286, 3.º, que furtou a Merculano Marques Ferreira Coelho, seu companheiro de casa, varios objectos avaliados em 240 escudos.

—Tambem foi detido Maximino Augusto travessa da Ferrugenta á Ajuda, 2.º, que furtou 41 quilos de chumbo proprio para canalisações.

ULTIMA HORA

Parlamento

Nos Deputados

A's 15 horas ha numero e o sr. Presidente Domingos Pereira profere as palavras sacramentais:

—Está aberta a sessão.

Os legisladores, fatigados do esforço diurno e noturno das duas sessões de ontem, estão sonolentos, conversando pouco e conservando um relativo silencio.

Na Mesa lê-se a proposta para a discussão dos orçamentos, proposta regressada do Senado. Aprova-se tudo, com ligeiras referencias feitas pelos srs. Almeida Ribeiro (que continua infatigavel), Vieira da Rocha, Alberto Xavier, Moura Pinto, Paulo Mariano e Cancela de Abreu.

Durante a discussão o sr. Vieira da Rocha sustentou um ponto de vista muito sensato. Pela proposta, a comissão do orçamento ficaria com faculdades para examinar toda a especie de documentos do Estado, sem previa autorisação do Poder Executivo e indo procura-los onde eles estiverem, não podendo qualquer funcionario, sob nenhum protesto, negar-se a mostra-las. Mais ainda: a comissão do orçamento poderia convocar e fazer vir á sua presença qualquer funcionario, sem dependencia de permissão ministerial.

Sustentou o sr. Vieira da Rocha que isto era excessivo e, dentro de certos limites, até mesmo inconstitucional. Perante o Parlamento respondem os ministros e a comissão do orçamento, arrogando-se uma função demasiadamente extensa, iria invadir as atribuições ministeriais, invalidando o equilibrio dos poderes, base essencial da organisação politica e administrativa da Republica.

O sr. Vieira da Rocha vota, pois, contra a disposição que impugna e é acompanhado no seu criterio por outros deputados.

A Camara reconhece a legitimidade das observações feitas, aprovando uma emenda conveniente. E assim se evitou, melhor ou pior, mais uma lei organisadora da Anarquia Administrativa do Estado. Ficaram outros...

Entra-se depois de aprovada a proposta sobre o orçamento, na

ORDEM DO DIA

que é a continuação da discussão do projecto alterando a lei de expopriação, na primeira parte da Ordem do Dia e proseguimento da analise para lamentar ao orçamento do Ministerio do Trabalho, que ocupará a segunda parte da mesma Ordem do Dia.

O Governo estava representando, desde o inicio da sessão, pelos srs. Presidente do Ministerio e Ministro do Trabalho.

No Senado

Preside o sr. Pereira Ozorio, secretariado pelos srs. Ramos Pereira e Sousa Varela. Aprovam a acta 32 senadores.

O sr. presidente comunica ao Senado o falecimento do sr. dr. Julio Martins, propondo um voto de pezar. Foi aprovado por todos os lados da Camera.

O sr. ministro da Guerra comunica que, retribuindo uma visita dos aviadores espanhoes, partiram ás 7 da manhã os aviadores militares que vão realisar o «raid» Lisboa Madrid. Um dos aparelhos, ao fazer uma experiencia, «encapotou», avaria que foi facilmente reparada, não tendo havido desastres pessoais. Outro, partiu a helice, devendo ambos seguir hoje para ali. Não se comparando este empreendimento com o «raid» Lisboa-Rio de Janeiro, e, no entanto, diz, um gesto que muito dignifica a aviação e o exercito.

O sr. Machado Serpa chama a atenção do sr. ministro da Guerra para o facto de muitos açoreanos abrangidos pela amnistia a varios crimes militares, não podessem regressar ás suas terras devido á maneira excessivamente rigorosa como ali estão interpretando as leis militares.

O sr. ministro da Guerra promete providenciar, declarando no entanto que as leis teem de ser compridas.

O sr. Roberto Batista chama atenção de s. ex.ª para os exiguos vencimentos dos oficiais do nosso exercito.

O sr. ministro da Guerra declara magoá-lo imensamente a situação dos seus irmãos de armas, estando o governo na disposição de atender quanto possivel as suas justas reclamações.

O sr. ministro do Interior promete egualmente, não descurar o assunto.

Apezar de tudo...

o soldo dos oficiais de mar e terra parece que vai ser aumentado

Segundo hoje se afirmou nos Passos Perdidos da Camara dos Deputados as reclamações, muito justas, dos oficiais de mar e terra, acerca da melhoria para a desesperada situação economica que atravessam, vão ser atendidas, licenciando-se as praças de pret e aplicando-o saldo obtido no aumento dos soldos.

PORTUGAL FABRICANTE DE VOOS

RAID LISBOA - MADRID

Lisboa-Madrid em 4 horas

Os tres aeroplanos saidos do Campo da Amadora aterraram sem novidade no aerodromo de Quatro Vientos

Conforme estava indicado sairam hoje de Portugal com destino a Hespanha onde vão retribuir a visita de ha meses, dos aviadores da nação visinha ao nosso pais, os aviadores portuguêses os quais deviam seguir em 5 aparelhos conforme varias vezes noticiamos.

A' ultima hora porem apenas poderam seguir 3 aparelhos, em consequencia de um ter sofrido avarias varias uns momentos antes da largada e outro não ter havido tempo de aprontar.

A partida realisou-se ás 7 horas e 10 minutos subindo em primeiro logar o «Vasco da Gama», aparelho Martiuside, tripulado pelo comandante do grupo de esquadrilhas de aviação Republica capitão Maia. Seguiram-se os aeroplanos n.º 10 «Breguet» tripulado pelo tenente Pais Ramos que levava como observador o tenente sr. Rodrigues Alves e o «Breguet» n.º 2, «Hercules», timonado pelo tenente sr. Paiva Simões que levava como observador o tenente sr. Pereira Gomes. A largada fez-se sem qualquer incidente desagradavel tendo assistido á partida dos bravos aviadores portuguezes o sr. ministro da Guerra, varios oficiais do Exercito, todo o pessoal do grupo de esquadrilhas Republica e muitas das familias da Amadora que acenavam com os lenços aos aviadores manifestando-lhes os seus desejos de uma feliz viagem

O aeroplano «Portugal», um "Limousine,, que devia seguir tambem como acima deixamos dito não poude largar por não ter havido tempo de o transformar convenientemente. O "Portugal,, que só sairá ámanhã pelas 5 horas, será timonado pelo capitão sr. Beires tomando nele logar o jornalista sr. Rocha Junior, do "Diario de Noticias,,.

Tambem ámanhã á mesma hora larga do campo da Amadora, o aparelho n.º 9, um "Breguet,, que será timonado pelo tenente sr. Sergio da Silva que levará como observador o tenente sr. Montenegro. Este aparelho vai substituir o "Condestavel,, n.º 3 que hoje de manhã antes da largada e após ter efectuado um vôo de experiencia, ao aterrar, afocinhou, sofrendo o "Condestavel,, avarias de certa importancia Os aviadores que tripulavam este aparelho, o tenente sr. Sergio da Silva e capitão sr. Beires nada sofreram mas o "Condestavel,, ficou impossibilitado de seguir viagem.

A's 11 horas e 25 minutos era recebido em Monsanto um radiograma annunciando que os dois primeiros aviões haviam chegado a Madrid ás 11 horas e 20 minutos e o terceiro ás 11 horas e 35. Os tres aparelhos aterraram no aerodromo de Quatro Vientos sem novidades sendo os seus tripulantes aclamadissimos.

O capitão sr. Maia tambem telegrafou para Lisboa dizendo que a viagem magnifica foi feita em 4 horas e um quarto!

MADRID, 16.—Preparam-se grandes manifestações de cordealidade e de entusiasmo para a recepção aos aviadores portuguezes. No palacio da legação será oferecido um banquete aos aviadores que serão cumulados tambem de atenções por parte das entidades oficiais e centros sportivos espanhois.—(Lat. Am.)

Raid Portugal-Brasil

Sobre o raid Portugal-Brasil não foi recebida hoje no ministerio da Marinha qualquer informação.

Continuam activamente os preparativos para o embarque do «Fairey 17» a bordo do «Carvalho Araujo».

Só amanhã deve chegar a resposta do telegrama do sr. ministro da Marinha.

Reuniu hontem a comissão de Professores da Escola Militar encarregada de prestar homenagem aos gloriosos oficiais da Armada almirante Gago Coutinho e comandante Sacadura Cabral sob a presidencia do tenente-coronel Freitas Soares, assistindo os srs. tenente-coronel Pires Monteiro, capitão-tenente Botelho de Sousa e major Beja Neves. No cumprimento do seu mandato esta comissão representará a Escola em todos os festejos de homenagem para que fôr convidada, e nomeou, como delegado permanente junto da Grande Comissão, o sr. major Beja Neves, professor desta Escola. Quando os heroicos navegadores do ar regressarem a Portugal, realisar-se-ha uma sessão de homenagem na Escola Militar.

O sr. ministro da Marinha fez expedir hoje o seguinte telegrama:

Malheiro Dias.—Rio de Janeiro.—Presumo que a obtenção ahi de um hidro-avião será demorada. A parte a fazer da travessia do Atlantico será ainda de 300 milhas.

Para a completar vai ser imediatamente enviado a Fernando Noronha um hidro-avião egual ao que ultimamente se inutilisou.

A oferta da colonia revelando um nobilitante patriotismo será aceite com desvanecimento pelo Governo português para outras futuras viagens, em que serão ouvidos os aviadores. Peço transmita aos nossos compatriotas a expressão dos nossos agradecimentos. Ministro da Marinha.

Consul de Portugal. — *Pernambuco* — Já foram ouvidos os aviadores sobre o modo de se concluir a travessia. Irá o *Farey 17* transportado nas condições do anterior. O Governo agradece e aceite desvanecido os esforços patrioticos da colonia portuguesa para adquirir um potente hidro-avião para viagens futuras. — *O ministro da Marinha.*

Acontecimentos graves em Moçambique?

Correu hoje em Lisboa a notícia de que graves acontecimentos se estavam desenrolando em Moçambique. No Ministerio das Colonias desmentiram completamente esse boato.

Poeira da Arcada

O governo americano solicitou do nosso governo o «agrement», para ser nomeado adjunto do adido naval americano em Lisboa, sr. Ramon S. James.

—O sr. ministro da Marinha, deu ordem ao arsenal para aprontar com urgencia o cruzador «Carvalho Araujo» preferindo tudo quanto lhe diz respeito a quaisquer outros serviços.

A bordo do referido cruzador vai ser montado o pau de carga do vapor «Viana» dos Transportes Maritimos a fim de conduzir o hidro-avião.

O "19 d'Outubro'

Ecos dos acontecimentos no Senado da Republica — Discurso do sr. Ribeiro de Melo e resposta do sr. presidente do ministerio

O sr. Ribeiro de Melo, que faz parte dos legisladores que compõem o Senado da Republica, pronunciou hoje um discurso, que impressionou profundamente a assembleia e as galerias. O ilustre senador reclamou providencias contra a demora no julgamento dos oficiais e praças suspeitos de responsabilidades nos crimes que enodoaram o pronunciamento de 19 de Outubro. Não é admissivel — exclamou — que se protele indefinidamente a instrução dos processos e julgamento final, conservando sob custodia oficiais distintos, incapazes de cometer os crimes nefandos de que os suspeitam.

O sr. presidente do Ministerio, em resposta, mais uma vez sustentou que não podia nem devia intervir nas resoluções do poder judicial, quer civil, quer militar, mas que, como cidadão, tem feito e continua a fazer o possivel para acelerar a instrução dos processos, restituindo-se imediatamente á liberdade aqueles presos acerca dos quais não houver duvidas de inocencia e fazendo-se julgar e punir os que realmente forem convictos de crimes.

O sr. Ribeiro de Melo, na replica, deu-se por satisfeito com as declarações do chefe do Governo e proferiu uma frase singular, cuja interpretação entregamos á argucia do leitor:

— Em vista das intenções manifestadas por V. Ex.ª, posso assegurar-lhe que o Governo não será perturbado na sua missão de justiça e equidade!

Depois dêste debate, o sr. presidente do Ministerio realizou, nos corredores do Senado, uma longa conferencia com o coronel sr. Ponce de Leon, secretario dos Tribunais Militares.

O crime da travessa dos Fieis de Deus

O chefe Tavares, da investigação, esteve hoje, durante três horas, interrogando novamente o pequeno vendedor de jornais Antonio de Almeida e Silva que, como é sabido, presenciou o crime de que foi vitima Olinda Maria, na travessa dos Fieis de Deus.

O pequeno Silva, que ontem descreveu minuciosamente tudo quanto presenciara, apareceu hoje a desdizer-se, vindo por fim a declarar que assim procedia a conselho da mãe, Maria de Jesus Almeida e Silva, e de uma vizinha de nome Maria das Flores, as lhe meteram medo dizendo que se falasse muito ficava preso e que depois seria assassinado pelos homens que haviam morto a Olinda Maria.

Muito instado pelo pai, que é guarda civico 91, o pequeno Antonio, depois de mais senhor de si, voltou a confirmar todas as suas declarações.

Vae continuar a matança?

Deve ser distribuida depois de amanhã a «Ordem do Exercito n.º 7, da 2.ª serie.

As estradas EM PORTUGAL

A viação publica, em Portugal chegou á mais miseravel situação.

Estamos longe de possuir os meios de comunicação reclamados para a nossa expansão economica, e os deficientes de que dispomos chegaram, em muitos pontos, a tal estado de ruina que não satisfazem naturais exigencias dos transportes.

Estradas de 1.ª ordem, hoje chamadas «nacionais», por tal forma se arruinaram, que as comunicações entre centros importantes do paiz estão seriamente comprometidas.

E' bem conhecido, mas, infelizmente, inteiramente esquecido, o aforismo economico: — «Sem meios de comunicação, não pode haver desenvolvimento economico».

Sendo assim, de que vale pensar na solução dos varios e importantes problemas economicos, se toda e qualquer solução terá forçosamente de baquear diante do medonho e vergonhoso obstaculo da falta de comunicações?

Expansão do comercio?! Como, sem estradas por onde sejam facil e economicamente transportadas as mercadorias?

Expansão da industria?! Como, se não ha estradas pelas quais cheguem facilmente e, sem grandes encargos, ás fabricas as materias primas e sejam expedidos os productos aos mercados consumidores?

Expansão da agricultura?! Como, se por toda a parte as estradas são inviaveis, os caminhos inacessiveis de modo que os transportes caros encarecem ainda mais os adubos e os productos da terra?

Temos, pois, de velar cuidadosamente pela viação nacional, se quisermos promover, como se torna indispensavel, a restauração economica de Portugal.

Nesse sentido, acaba de ser presente ao parlamento, pelo sr. ministro do Comercio e das Comunicações, uma proposta de lei, com disposições de alcance pratico e imediato, tendentes a conseguir a reparação das nossas estradas.

Iniciativa prestante é esta, da qual poderão resultar grandes beneficios para o paiz, se fôr levada por diante, com a devida continuidade e acerto.

Conseguir-se-ha atrair para tão importante proposta a atenção do parlamento?

Eis o que constitue motivo para sérias duvidas.

Infelizmente, não são as questões economicas as que logram merecer do parlamento o estudo indispensavel. Prefere-se-lhes, geralmente, questiunculas politicas ocas que servem para lisongear paixões e marcar no xadrez partidario; mas que não trazem o menor concurso aos interesses do paiz.

Mal irá, porém, a Portugal, se o magno assunto da viação publica continuar á mercê da politica, ou no lamentavel abandono em que o temos visto.

Está calculado que a grande reparação terá de abranger 5:818 kilometros. Calculando o custo medio das grandes reparações em 18 contos por kilometro, o sr. ministro do Comercio resume serem necessarios 104:724 contos para tal serviço, ou 20:945 contos em cada um dos cinco anos. Além disso, seria preciso manter a conservação normal de toda a rêde de estradas, a fim de evitar que chegassem a estado de ruina.

A proposta obriga a pesadas contribuições aqueles que mais se utilisem das estradas com veiculos. Será legitimo proceder assim, sem que as estradas possam ser utilisadas por forma a não deteriorarem constantemente os mais resistentes veiculos constituindo as reparações novos e pesados impostos?

Crêmos bem que não é.

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações
Londres, cheque	4 1/4 — 4 1/8
» 90 dias	4 3/8 —
Paris, cheque	1159 — 1194
Suissa, cheque	2489 — 2515
Belgica, cheque	1056 — 1088
Italia, cheque	670 — 690
Berlim, cheque	43 — 46
Hollanda, cheque	4806 — 5054
Madrid, cheque	1964 — 2055
New-York, cheque	17689 — 18074
Brazil, cheque	59 — 63
Austria, cheque	1 — 3
Noruega, cheque	2184 — 2250
Suecia, cheque	3264 — 3353
Dinamarca, cheque	2706 — 2788
Libras	61$500 — 63$000

A intervenção do Papa na Conferencia de Genova

S. Santidade Pio XI julgou necessario e oportuno fazer sentir mais uma vez a sua palavra sobre a conferencia de Genova e, fê-lo num momento em que a conferencia se debatia em meio de espinhosas dificuldades em consequencia do estado de espirito de grande numero dos delegados, quando se receava, assaz fundadamente, a falencia da importante reunião dos povos europeus na soberba cidade da Prijuria.

Pio XI, depois de ter acompanhado com os seus votos o inicio da conferencia, tem seguido com atenção os seus trabalhos até este momento em que julgou oportuno intervir, para experimentar se em Genova seria ouvida a palavra que o mundo invoca para encontrar realmente a paz e, tambem para indicar de novo o caminho necessario para conseguir os resultados ardentemente desejados.

O Papa falou em nome da humanidade e da civilisação e a sua palavra tem assentos de justiça, de igualdade e oportunidade grandiosos, dizendo ainda palavras de amor para o povo russo, mostrando os seus desejos de restabelecer a paz e a união das duas igrejas:—a catolica e a ortodoxa.

Documento de uma importancia, este, que deve ser profundamente meditado por todos os governos e povos para que saibamos fazer a tempo os sacrificios necessarios para o bem comum, a fim de que a justiça e a paz possam emfim dar-se o abraço fraterno.

A repercussão deste importante documento foi tal, que deu logar a que fosse admirada mais uma vez ainda a iluminada sabedoria da politica vaticana, a qual revelou uma segura previsão dos acontecimentos politicos e a exacta noção do seu curso historico.

Lloyd George tem manifestamente demonstrado o seu apreço pelo augusto acto, com uma declaração em termos calorosos pela feliz intervenção da mais alta auctoridade moral do mundo no Tribunal de Genova.

Assim se exprime a imprensa ingleza, italiana, tudesca e a dos outros paizes, vencedores e vencidos, a qual atribui o mais alto valor á cooperação inestimavel do Papa para a pacificação duradoura dos povos.

Os representantes dos «soviets» exprimiram a sua optima impressão acerca do documento pontificio considerando-o da maior oportunidade no momento mais dificil da conferencia, acrescentando que experimentaram a maior alegria no que respeita ao proposito do Papa em socorrer a Russia tão necessitada de Paz.

Desta forma, o governo dos «soviets» reconhece a grande auctoridade moral do Papa, disse Litwinoff, e estão em via de ser resolvidas, entre o Vaticano e a Russia, varias questões de caracter religioso.

TAUROMAQUIA

A alternativa de Simão de Veiga

Causou sensação a noticia de ir Simão de Veiga no domingo proximo ao Campo Pequeno, receber das mãos de José Casimiro a alternativa de cavaleiro. Antigo amador de raro merecimento, cavaleiro, bandarilheiro e até matador (nas suas propriedades) «ganadero» e pintor amador de renome, o sr. Simão de Veiga garante com a sua resolução melhores dias ao torneio português.

Vão ser lidados touros dos irmãos Terré, da Golegã.

O arrojado espada Rodalito, bandarilheiro primoroso, toma parte na lide.

Setubal

Principia no domingo a epoca, que deverá ser animada porque a empreza é de dois amadores tauromaquicos muito apreciados, que preparam já todas as suas corridas com elementos de agrado.

No domingo, toureiam o cavaleiro Ricardo Teixeira, que está muito artistico; os novilheiros Teofilo Guerra e «Cantillana», que foi bandarilheiro de espada «Faculdades»; os bandarilheiros Alfredo dos Santos, Custodia, Rodrigo Largo, F. Felix e Plas Flores e o unido e belo grupo de pegadores de que é cabo J. Alves, setubalense de merito. O antigo amador sr. João Marcelino de Azevedo dirigirá a lide, para a qual veem dez bonitos touros dos srs. Mendonça & Irmão, do Cartaxo.

SPORT

Um livro de atletismo

Obteve um grande sucesso e está tendo larga procura

O jornal «Os Sports» pôs á venda o livro de atletismo «Tecnica e Preparação Atletica» de que é autor o sr. dr. José Salazar Carreira tendo obtido um grande sucesso.

O livro, que é o primeiro da biblioteca de «Os Sports» tem tido larga procura; é caracteristicamente pratico o que o torna de facil utilisação por todos os que se interessam pelos sports atleticos, está despertando um justificado interesse no nosso meio sportivo.

O livro, acompanhado de grande numero de gravuras, consta dos seguintes capitulos:

Preparação para o sport, condições atleticas, do treino em geral, da velocidade, treino para 100 e 200 metros, os 400 metros, os 800 metros, corridas de estafetas, os 150 metros e outras provas de meio-fundo, os 5000 e os 10.000 metros—corridas de fundo, maratonas, «cross-contry», corridas de barreiras, marcha, saltos em altura, saltos em comprimento, saltos á vara, lançamento do peso, lançamento do disco, lançamento do dardo, lançamento do martelo, esboço de uma lição de ginastica de quarto podendo suprir um treino em campo, terrenos e pista, organisação de concursos, olimpiadas.

Alem disso, o livro traz tambem as tabelas completas dos «records» atleticos mundiais, nacionais, e resultados das olimpiadas e concursos atleticos do S. L. B.

Os pedidos da provincia devem ser feitos directamente a "Os Sports", acompanhados do preço do livro, 2$50, acrescido do porte do correio, que é $15.

NOTICIARIO

O SARAU DO GINASIO CLUB

Efetua-se hoje no Coliseu com numeros esplendidos

Como todos os anos sucede, a festa do Ginasio Club no Coliseu vai ser hoje uma festa de grande entusiasmo. O publico distingue, ha muitos anos, estes saraus com a sua predileção e vai afluir esta noite, a aplaudir os amadores e professores do club nos excelentes numeros do programa, que é o seguinte:

1.ª parte—Duplo-trapezio, pelos srs. João Gomes da Costa e Antonio Silvo; luta greco-romana, entre os srs. Claudio de Oliveira, professor obsequioso do club, e Jesus Calado; argolas, pelos srs. Mario Miranda e Manuel Silva; assalto de jogo de pau, entre os srs. Artur dos Santos, professor do club, e Filipe Martins.

2.ª parte—Triplo-trapezio, sem rede, pelos srs. Luiz Worm Junior, João Castelar e Angelo Mendonça; assaltos de florete (assaltos simultaneos) pelos alunos do mestre Antonio Martins, Ramos Afonso, D. Pedro de Alarcão, Rui de Oliveira, J. Simões Marques, Cesar Rumina, Francisco Paiva, Francisco Vilhena, Antonio Transmontano, Albano Prazeres e Daniel de Oliveira; assalto de florete, entre os srs. Antonio Martins, mestre de armas do club, e dr. Manuel Queiroz, campeão amador de Portugal; classe infantil de ginastica sueca, cincoenta meninas e meninos, sob a direcção do seu professor sr. Artur dos Santos; equitação, trabalhos de volteio, pelos srs. Mario Garcia, Valentim Arias, Rafael Teves, Frederico Taveira, Silva Contreiras, Pedro Cunha Belem e J. Benoliel, discipulos do professor do club, J. Gonçalves de Miranda.

3.ª parte—Vôos á Leotard, pelo sr. Angelo Mendonça (estreia em saraus do club). o cavalo «Dartmoor», en alta escola, montado pelo sr. Jorge Oom, discipulo do professor Miranda; Assalto de «box», em quatro «rounds» entre o profissional francês e professor Marius e o amador Abel da Cunha, campeão de Portugal dos «leves» e «meio-leves»; pesos e alteres, pelos srs. Alvaro Costa e Mario Costa.

ASSOCIAÇÃO DE CLASSE DOS TRABALHADORES DE TEATRO

Dia a dia vai crescendo o entusiasmo pelos matchs de foot-ball organisados por esta Associação em favor da sua Caixa de Reformas e Pensões. Esse entusiasmo mais aumentará hoje com a noticia de que a disputar a taça «Trabalhadores de Teatro» jogarão o Sport Lisboa e Bemfica e o Casa-Pia Atletico Club, e como se tal não fosse já um verdadeiro triunfo para a comissão organisadora, podemos dar com prazer a noticia de que por especial deferencia para com a comissão, tomam parte no desafio jogando como halfback centro, Cosme Damião e Antonio Couto d'Abreu, jogando o primeiro com o Sport Lisboa e Bemfica, e o segundo com o Casa-Pia Atletico Club.

A marcação de bilhetes para esta festa continua a fazer-se na séde da A. C. T. T. rua do Mundo 81-2.°.

FOOT-BALL

A Final da Taça de Honra

A recente visita do Civil Service fez adiar para o dia 21 a final da mais importante prova organisada pela nossa Federação de Foot-Ball.

São conhecidos no meio desportivo os adversarios que são os finalistas desta prova, o Sport Lisboa e Bemfica e o Vitoria Foot-Ball Club cujo passado glorioso os tem tornado bem populares.

Nas eliminatorias provou o Vitoria a sua excelente forma vencendo clubs que no decorrer dos campeonatos tenham conquistado os melhores logares e entre eles se conta o União Lisboa que só ele conseguiu vencer.

O Bemfica, o mais popular club de Lisboa, venceu ainda recentemente o seu antigo rival, na tarde de 7 de maio no mais energico e interessante desafio da época, estando ainda bem recordado a correção com que foi jogado este desafio.

PASSEIO FLUVIAL

E' no proximo dia 28 de maio que o Luzitano Club Ciclista realisa o seu passeio e almoço anual no Dafundo achando-se desde já aberta a inscrição para socios e não socios na U. V. P., Aguas & Irmão e Velo-Estefania.

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

Os dois pescadores de Lessa da Palmeira

por JULIO CESAR MACHADO

I

E' preciso vêr Lessa da Palmeira, ao cair da tarde, quando o sol beija saudoso a costa, depois de se despedir do rio, e as mulheres dos pescadores, concertando as redes na praia, entoam as canções da noite!

Toda a gente vos dirá que é no tempo dos banhos, quando uma grande parte da sociedade do Porto para ali vai habitar, e consegue dar á vila o bulicio, a vida, a elegancia, — toda a gente vos dirá que é nesse tempo que deveis vêr Lessa. — Eu, não.

Nem o meu conto ia entender-se com a sua acção simples e vaga, se eu não vos dissesse já que tudo isto que vai ler-se, se passou em principios de Junho, mês em que a sociedade já não dança nas cidades, mas em que a natureza é a elegante!...

Não é uma coisa facil, por fim de tudo, descrever Lessa em toda a sua feição melancolica e maritima. Não se sabe bem, ao vê-la, se é uma rica vila, se uma pobre aldeia. Por entre choupanas humildes, erguem-se predios magnificos. Dir-se-ia o sorriso do luxo a insultar as lagrimas da miseria, se a melhor poesia dêste logarejo não consistisse exactamente neste singular contraste, cuja explicação forma o seu louvor.

Eis o segredo:

Lessa é uma terra de pescadores: cada um dos barqueiros da costa tem ali a sua cabana, onde procura no seio da familia o esquecimento das lutas do mar, e a serena alegria do amor domestico. A's vezes, êstes pescadores, cançados dos perigos, ou levados pela ambição, embarcam como marinheiros, a bordo de algum brigue, e vão ao Brasil procurar fortuna. Mas, antes de partirem, cada um deles ajoelhando diante da capela do Senhor dos Aflitos, — que fica situada na praia, olhando sempre o mar, — dirige a Deus a promessa de, no caso de voltar rico da terra para onde parte pobre, edificar um opulento predio no sitio em que deixa a sua cabana.

A crença popular conserva e aumenta de dia para dia a fé consagrada a esta capela, que as ondas banham quando o mar vai alto. Foi junto dela que se encontrou o braço do Senhor de Matosinhos. Porque se lhe chama Senhor de Matosinhos é que eu ignoro: a cronica, — que não é pequena aliás, e forma um grave volume de quatrocentas paginas in-4.°, de que o unico exemplar que resta se mostra por curiosidade a quem visita a igreja — denomina-o Bom Jesus de Bouças.

Como é a historia do braço do Bom Jesus de Bouças, ou Senhor de Matosinhos, ou mesmo Senhor dos Aflitos, como se vê da historia que ao principio lhe chamavam? Oh! Uma simples tradição, uma lenda toda infantil; meio graciosa, meio ingenua; galante quasi: nem muito séria nem irrisoria; levemente fantastica; coisa entretida de ouvir; que não dá nem tira ás coisas dêste mundo: e que, em todo o caso, quem não quizer estar serio pode dispensar-se de lêr!

O Senhor de Bouças perdera um braço. Ele estava na sua igreja, bem agasalhado, bem servido, bem festejado, — mas, pobre Bom Jesus, faltava-lhe o seu braço: um dos seus braços: se era o direito ou esquerdo é o que eu fiz mal em não indagar, mas a verdade fiel é que os meus apontamentos nada me dizem sobre isso.

Tinha a gente dos arredores magoa veemente que tão bom Senhor assim se visse privado da satisfação de estar completo. As velhas do sitio, — e se ha sitio em que tenha havido velhas era Lessa de Palmeira! — rezavam em cada noite orações expressas para que um milagre do mesmo Senhor lhe deparasse o braço que perdera.

— Vejam! Vejam! exclamava a velha Brazia, a quem por ali chamavam a coruja do pinhal: — Vejam o que é o poder divino, que tem mais á mão o braço de cada um do que o seu proprio! Perdera eu o meu, e veriam se o Bom Jesus de Bouças mo tornava logo a pôr, ou não!

— O Bom Jesus de Bouças não perdeu o seu braço — redarguiu a velha Paula, conhecida ali pela *nortada*: foram os fariseus que lho tiraram, para o deitarem ao rio!

— Se êle estivesse no rio, via se!

— O rio levou-o para o mar!

— Se estivesse no mar, havia calma!

— Que te Deus livre! Ele tem na mão a tormenta!

Um furacão rompia; a vaga espumava na costa; as gaivotas adejavam e fugiam.

— T'arrenego! T'arrenego! Ai! os malditos dos fariseus! Não ouves o vento? Não ouves o mar? E' a vingança! E' o castigo! E' a morte! O braço do Senhor de Bouças revolve as ondas!...

Muito tempo decorreu desta forma, entre terrores e sustos. O braço do Senhor de Bouças era a preocupação constante da gente devota de Lessa da Palmeira. Onde estaria êle? Que seria feito dêle? Havê-lo-iam roubado, escondido, aniquilado? Singular destino!

Uma ocasião, um padeiro do sitio despediu um dos moços, por lhe haver faltado ao respeito. A contenda nascera simplesmente de que o rapaz se lhe queixava de estar endemoinhado o forno!

— Oh! rapaz excomungado! gritava o padeiro fulo de colera. Endemoinhado o meu forno! — o meu forno que faz o melhor pão de Deus, que ha por êstes sitios, a cem leguas em redor!

— Endemoninhado! E digo! E repito! Todo eu me sinto queimado pelas lavaredas do maldito, que repele um tronco da lenha que se lhe deita!

— Repele agora um tronco! Já se viu alarve assim?

— Tão certo seja, que Deus me alumie enquanto eu quizer viver!

Despedido o moço, outro o substituiu. Ao terceiro dia, porém, o pobre rapaz estava tambem queimado e despedia-se, cheio de terror, do forno maldito.

— Oh! praga de moleiros! exclamava o padeiro na maior consternação; que descredito! Que abandono iminente para a minha fabrica! Vejam se é possivel, como êstes marotos inculcam, que o forno ouse repelir a lenha que se lhe deita! Eu proprio, voto a Cristo! — vou mostrar aos visinhos, para que me sirvam de testemunhas, o embuste dêstes dragões, que querem desacreditar-me! Acerquem-se os meus moços! Chegue-se a minha familia! Reclamo a visinhança! Peço o concurso dos imparciais! Eh! rapazes! (a uns barqueiros que iam passando). Venham cá tambem, se têm amor á verdade! Entre na minha casa a gente de boa lingua. Ao forno!... Ao forno!...

E o padeiro, cercado de uma multidão imensa, caminhou resoluto ao forno e lhe atirou pela terceira vez o tronco, que no dizer dos moços, já o fogo duas vezes repelira. Então, o assombro foi geral e a vozearia nos circunstantes subiu aos ares em gritos de medo: por entre a lenha, que o fogo aceitava, as chamas repeliram o tronco, que veiu bater sobre a multidão! O povo fugiu horrorisado e o padeiro caiu de cama, tão doente ficou de susto. A autoridade e o cura da paroquia visitaram nesse mesmo dia o estabelecimento, que, parecendo mal agourado, tinha de ser o lugar glorioso de onde saisse o primeiro grito do mais festivo jubilo de Lessa da Palmeira: — o paroco reconheceu com inefavel alegria que o tronco, que o fogo regeitava, era o braço do Bom Jesus de Bouças!...

Convocada uma romaria, foram os devotos á igreja de Matosinhos entregar ao Senhor o seu recem-chegado braço e, como êle lhe ajustasse *á propria*, ofereceram-se-lhe muitos grilhões de oiro, muitas argolas de filagrana, tudo ao som de foguetes, de vivas, de orações e de soluços das beatas, prometendo-se logo edificar uma capela no sitio do abençoado forno, celebrar todos os anos a gloriosa e produtiva romaria do Senhor de Matosinhos, Senhor de Bouças, Senhor dos Aflitos ou Senhor do Braço, como lhe chamava a gente rustica dos arredores.

Hoje ainda, — ainda e sempre! — a crença popular conserva na veneração mais sincera o culto pela tradição. Os pescadores de Lessa, nas tormentosas noites do inverno, quando o mar açoita a costa, que o vento geme nas ondas e o catraio perde o leme, não tem senão uma prece e um voto para elevar a Deus:

— Piedade, Senhor! Pelo vosso bemdito braço!

II

Diziase em Lessa que a mãe do pescador Raimão tinha quarenta anos. Por mais que ela e a sua certidão de idade porfiassem em atestar cincoenta e dois, não havia quem lhes desse credito. O povo tinha razão, talvez; a verdadeira idade de uma mulher é a que ela parece ter; quem não prefere uma de quarenta anos, que pareça ter trinta, a uma de trinta que pareça ter quarenta!

Era branca de neve e parecia ter sido extremamente formosa: as leves rugas que se lhe divisavam na fronte, tinham o ar de se encontrarem em direcções combinadas e davam-lhe um aspecto grave e melancolico; chamava-lhe ela dadivas da experiencia.

(Continua)

PINTO & SOTTO MAYOR

BANQUEIROS

LISBOA-PORTO

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

— BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL —

LISBOA — R. do Ouo, 18 a 24

PORTO — 28, Paça da Liberdade, 29 — Rua do Comercio, 136 a 140

Banco Colonial Português

Séde: — Rua Aurea, 175 a 191

LISBOA

Sucursais:

PORTO — Casa Pinto & Sotto Mayor

RIO DE JANEIRO — Banco Português e Brasileiro

TELEGR. — **Procolonia**

CAPITAL AUTORIZADO: Escudos 100.000:000$

CAPITAL EMITIDO: Escudos 10.000:000$

SUCURSAIS NA AFRICA OCIDENTAL e ORIENTAL PORTUGUESA

Correspondentes em todas as localidades do continente, Ilhas e em todas as praças estrangeiras

Efectua todas as operações bancarias: descontos, transferencias, depositos á ordem e a prazo em moeda nacional e estrangeira, contas correntes, compra e venda de cambiais e de moedas e notas estrangeiras, pagamento por ordem telegrafica e por correspondencia, cartas de credito, ordens de bolsa no País e no estrangeiro, compra e cobrança de coupons, emprestimos caucionados, transacções sobre mercadorias, etc.

Mario Duarte

Cirurgia da bocca e dentes

P. RESTAURADORES, 13

Telef. 914 C.

Agua de CALDELLAS

BANDEIRA DE MELLO, L.DA

Rua Augusta, 75, 1.° e 2.°

Banco Nacional Ultramarino

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Séde em Lisboa R. do Comercio—Agencia em Lisboa-C. Sodré

Capital Social Esc. 48.000.000$00
Capital Realisado Esc. 24.000.000$00
Reservas Esc. 26.000.000$00

FILIAIS NO CONTINENTE—Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Mirandela, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Povoa de Varzim, Regoa, Santarem, Silves, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real e Viseu.
FILIAIS NAS ILHAS—Funchal, Ponta Delgada, e Angra do Heroismo.
FILIAIS NO ESTRANGEIRO—Paris Rue de Helder, 8, Londres 27 B Throgmorton Street, New York 28 Liberty Street.
FILIAIS NAS COLONIAS—S. Vicente e S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, S. Tomé, Principe, Cabinda Kinshassa (Congo Belga), Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Belmonte (Bihé), Mossamedes, Lobango, Lourenço Marques, Inhambane, Beira, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique, Ibo, Mormugão, Nova Gôa, Bombaim (India Ingleza), Macau e Dilly.
FILIAIS NO BRAZIL—Rio de Janeiro, Campos, S. Paulo, Santos, Bahia, Pernambuco, Para'iba, Pará e Manaus.

Recomendam-se ás Filiais deste Banco no Brazil para os saques sobre qualquer localidade de Portugal, Correspondentes nas principais localidades do Continente e Ilhas Adjacentes e em todas as cidades do mundo, operações bancarias de todos os generos, compra e venda de saques, notas e moedas estrangeiras, coupons, operações de Bolsa, cartas de credito directas ou circulares sobre as colonias e todos os paizes do mundo.

Sociedade Industrial de Adubos, Pêlos e Grudes, Limitada

Séde em Lisboa — Rua da Prata, 59, 2.°

Endereço telegrafico: JOSELIA

TELEFONES: Séde — Central, n.° 2293
Fabricas — Paio Pires n° 16
Armazens — Poço do Bispo, n° 25

FILIAIS: No Porto, Rua de Santa Catarina, n.° 108, 2.°
Em Pampilhosa do Botão, Estrada da Mealhada
FABRICAS: No Seixal, "Moinho do Breyner,,
DEPOSITOS: Lisboa, Poço do Bispo, Porto, Rio Tinto, Runa, Pampilhosa do Botão e Leiria
AGENCIAS: Em varios pontos do paiz

Fabricação especial de adubos compostos de todas as qualidades e para todas as culturas

Superfosfatos, sulfato de amonio, nitrato de sodio, fosfato Tomaz, sais potassicos, guanos e farinhas de peixe

Productora e fornecedora das melhores purgueiras do mercado

Sulfatos de cobre e de ferro e enxofres

Consultas e informações gratuitas sobre todos os assuntos agricolas.

No proprio interesse dos srs. lavradores aconselhamo-los a não fecharem as suas compras sem primeiro nos consultarem.

EXCELENTES RESULTADOS

Anibal Neves, Limit.

Rua da Prata, 242 a 248 — Rua de Santa Justa, 26 a 32

Telef. 3040 C. — **LISBOA** — Teleg.: *Vapor*

SECÇÃO TECNICA

Fornecimentos de maquinas e ferramentas para todas as industrias

Instalações de fabricas e centraes de força

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS de:

Maschinenfabrik Badenia Weinheim (Alemanha) — Locomoveis e semi-fixas de todas as potencias

Saechsische Turbinenbau Und Maschinenfabrik, Meissen (Alemanha) — Turbinas, instalações de cerâmica, etc.

Usines Beduwée S. A. Liége (Belgica) — Bombas e compressores

Storebro Aktiebolag. Storebro (Suecia) — Maquinas-ferramentas

Budal & C.° Dresden (Alemanha) — Aparelhos de elevação e transporte

Franz Sieper Remscheid (Alemanha) — Ferramentas para industrias e oficios

Berna Lorries, Limited Olten (Suissa) — Camions, tractores de estrada e agricolas, carros de reboque

Edoard[illegible] [illegible]chi S. A. Milão (Italia) — Automoveis, motos e bicicletes

POÇOS ARTESIANOS

Abertura de poços, trabalhos de irrigação

OFICINAS

de reparação de automoveis, construções mecanicas e metalicas, solddadura autogenea

SECÇÃO DE IMPORT E EXPORT

Materias primas, materiaes de construção, tintas, vernizes, productos quim[illegible]

SECÇÃO CORKY

Pavimentos sem fendas de superior qualidade. Isolamentos para instalações de vapor e frigorificas

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

N.º 4080—12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5

LISBOA — Quarta-feira, 17 de Maio de 1922

Telefone n. 2293—Endereço tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

Debaixo da espada

Como hontem acentuámos no extracto parlamentar, o sr. Ribeiro de Melo, senador democratico, depois de ouvir certas declarações ao sr. presidente do Ministerio, relativamente ao processo dos oficiaes presos na Torre de S. Julião da Barra, como implicados nos acontecimentos da noite tragica, afirmou que essas declarações o satisfaziam e concluiu com esta frase:

—Em vista das intenções manifestadas por v. ex.ª, posso assegurar-lhe que o Governo não será perturbado na sua missão de justiça e de equidade!

Considerámos singular esta maneira de dizer, e afigura-se-nos que o publico não divergirá de tal opinião. E' com efecto estranho que diante do chefe dum Governo se levante alguem garantindo-lhe a tranquilidade publica, que esse Governo tem por dever fundamental manter, dispondo para isso de recursos de força e autoridade que asseguram a normalidade dos Estados.

O sr. Ribeiro de Melo foi, senão um dos revolucionarios do Outubrismo, em que tantos democraticos entraram, pelo menos um cooperador de maior confiança, do sr. Manuel Maria Coelho, chefe da revolução e presidente do Ministerio que dessa revolução saiu. Deve o sr. Antonio Maria da Silva dar-se por inteiramente feliz pelo facto de o sr. Ribeiro de Melo o tomar sob a sua protecção, garantindo-lhe o socego que evidentemente não poderia desfructar se tivesse respondido de maneira a não contentar o antigo chefe de gabinete do sr. Manuel Coelho? Não sabemos, o que sabemos é que o prestigio do poder ficou muito diminuido com a declaração do sr. Ribeiro de Melo, que o sr. Antonio Maria da Silva não fez esclarecer nem repeliu, como tambem lhe seria licito, ou mesmo até forçoso.

No momento em que por toda a parte se fala num novo movimento revolucionario, de caracter militar, o sr. Antonio Maria da Silva devia tomar uma atitude bem diversa, não se conformar, não se sugeitar, a essa especie de tutela feita pelos que tem as armas na mão aos que legitimamente se encontram investidos nas funções do poder. A lei deve ser respeitada, e a nação precisa saber que é defendida com os recursos de que os Governos devem dispôr. O que o Senado esperava, certamente era que o sr. Antonio Maria da Silva se erguesse do seu «fauteiul» bradando ao senado que tão singularmente se exprimia: «Quem garante que a missão governativa não será perturbada sou eu e não V. Ex.ª! Não preciso que me poupem; o meu Governo não é um tutelado. A Republica tem uma existencia normal baseada nos poderes do Estado, e não está á mercê da vontade dos revolucionarios profissionaes».

Mas não! O sr. Antonio Maria da Silva não disse uma palavra. Ficou muito contente com a promessa do sr. Ribeiro de Melo. Agora o seu futuro politico afigura-se-lhe caracterisado por uma estrada florida. Não é certamente o primeiro homem do Estado que toma como realidades os seus bons desejos.

A verdade é que, com a simples frase a que nos reportamos, e que o sr. presidente do Ministerio de maneira alguma levantou, nós regressamos plenamente á anormalidade da situação do regimen que o sr. Antonio Maria foi, por consenso geral, encarregado de substituir pela logica e necessaria normalidade do regimen, pelo paiz inteiro reclamada. Ficámos sabendo que ainda não deixou de existir um poder oculto agindo na sombra, um poder oculto que ha muito deveria ter desaparecido, depois de ter-se constatado que das suas abusivas intervenções só tem resultado prejuizos, crimes e vergonhas.

Nós, como toda a gente, estavamos capacitados da força e da auctoridade do Governo. Imaginámos estar garantidos de novas perturbações pelo sr. Antonio Maria da Silva. Afinal de contas o sr. Antonio Maria da Silva é que precisa de garantias, o sr. Antonio Maria da Silva é que necessita um protector. E' uma inversão absolutamente lamentavel que vem pôr de novo em foco esse velho problema da ordem publica que julgavamos solucinado, e que todavia, continua impendendo sob a cabeça do sr. Antonio Maria da Silva e sobre a nossa, como uma verdadeira espada de Damocles.

Voltamos á primeira fase: por cima da Republica, por cima da sociedade inteira descortina-se o gladio das sedições. Que o sr. Antonio Maria da Silva reaja, e esse gladio entrará em scena.

E' o que se deduz da frase singular do sr. Ribeiro de Melo. Singular? Talvez o termo seja improprio, visto tratar-se duma situação, que na sua anormalidade já conquistou direitos de cidade na nossa desgraçada politica.

A opinião da inglesa

(Bilhete postal ao sr. governador civil)

Meu caro sr. Governador.—Eu não tenho uma opinião fixa acerca de v. ex.ª—mas não se escandalise, porque sobre governadores civis ninguem a tem. O governador é um mito, um mito, que passa de automovel, veloz, superior a nós, invisivel—daquele invisivel palpavel do sr. Leonardo Coimbra.

Eu não tenho opinião sobre v. ex.ª mas ontem, ao começo da tarde, uma velha inglesa do meu conhecimento, convenceu-me a formular sobre v. ex.ª o meu juizo definitivo. Sabe acerca de quê? Do enterro da Olinda, do enterro daquela desgraçada a que dois dedos selvagens puzeram nas guelas um horroroso ponto final.

Meu caro senhor Governador, o espectaculo duma fila de trens transportando prostitutas, e atravessando em pleno sol o coração da cidade, com paragens pateticas no Chiado em ar de funerais nacionais, um cortejo com carro triunfal e filarmonica de «Filhos da Harmonia», tipoias com marujos, creanças, e largo pessoal operario—tudo isto seguindo a carreta duma mulher como a Olinda, é qualquer coisa de arrepiar uma inglesa, mesmo, feia, mesmo pecadora mesmo inglesa, como essa dama do meu conhecimento. Onde estaria v. aquela hora—a complicada hora em que se espalitam na Garret os dentes de pois do almoço?

Eu supunha que esse vago prestigio das instituições, que tornaram possivel a ascénção de v. ex.ª ao cargo que ocupa, exigia, antes de mais nada, o decoro das ruas e das pessoas—decoro externo, sem o qual, não é possivel viver e respirar em sociedade. V. ex.ª que a essa hora devia estar muito ocupado demais para ouvir a opinião da velha ingleza, não poude talvez observar esse degradante aspecto, de plena dissolução, que nem por ter dado um chá das cinco muito literario num periodo chic, deixa de ser, do mais vil, do mais sordido, do mais abjecto que Lisboa tem presenceado.

E' certo que v. ex.ª não teve na imprensa diaria um eco que o censurasse vivamente pelo desmaselo repelente que representa a permissão dum tal cortejo, de morbidas dedicações postumas, de glorificações de sentimentalismo piegas e decadente, de crápula social—numa palavra.

Não v. ex.ª não teve na imprensa quem o acusasse por consentir em semelhante espectaculo, e não o teve porque todos nós, mais ao menos transigimos com esta especie de fatalismo doentio da Raça, que insiste em achar bela a saia vermelha da rua da Atalaia. E, no entanto, mais do que nunca v. ex.ª merece as censuras de toda a gente de bem, toda a gente que ainda acredita que um coração de mulher puro vale um pouco mais que a objeção e a imunice da Olinda Maria.

Não, sr. Governador Civil, a população portuguesa anda doente—doente sobretudo do coração.

A Raça está definida, é preciso salva-la, é preciso a todo o custo dignifica-la, honra-la sob todos os aspectos, limpa-la, enobrece-la. E, a v. ex.ª competia faze-lo, dentro do seu cargo, tão cheio de graves responsabilidades, e tão sugeito a irremediaveis descuidos como o de ontem. Dirá v. ex.ª que não tem importancia. A isso lhe objectariamos nós, e comnosco—pode ter a certeza—todas as pessoas que tem honestidade e, neste momento, em que superior e desinteressado v. ex.ª rola no seu automovel—que tem a importancia duma pose sintomalogica.

A nossa velha inglesa, por muito que em Londres se conheçam os escandalos de Witechapell, tinha rasão.

X.

Pela Espanha!

Ha momentos em que parece que a vida coletiva das populações toma aspectos e atitudes individuais.

São os momentos em que de todos os lados, como vozes que obdecessem a um só cerebro, como corações que pulsassem ao mesmo ritmo, se erguem unisonas e esplendidas, as mais caras e mais sagradas aspirações. Sem que ninguem os chame, os espiritos que melhor veem e melhor sentem, acorrem a essa misteriosa e intima chamada e ahi estão pontuais, firmes, plena e nobremente conscientes.

Ha dias, ha talvez um mez, que Portugal vive horas da mais admiravel e salutar reação moral.

Os melhores fundos de exaltação patriotica, os mais fortes e ainda puros sentimentos etnicos deste povo tão manifico de mocidade, vieram ao de cima da ondulação da vida, fulgurantes, dominadores—como pode aflorar ao labios duma ovarina da Ribeira, nestas manhãs plenas de maio, um sorriso confiante e dominador tambem.

Portugal, pelo ritmo melancolico dos poetas, pelas lagrimas das mulheres, pelas mãos postas do «padre nosso» das creanças, não resou pelo exito duma aventura, como outrora.—Portugal ajoelhou, comovido e contrito, e resou um grande poema de exaltação, e foi moço, belo, nobre, idealista, magnifico!

E' a hora da Raça!

* * *

Como duas grandes curvas traçadas no azul do infinito, o rasto dos aviões de Lisboa, correu a Espanha, e ao Brazil, a anunciar, um sonho bom.

A' Espanha, ao Brazil!

A's almas da nossa alma, ás raças da nossa raça!

Essa grande união iberica das almas está feita!

Ha agora, mais do que nunca o dever de fixar definitivamente o entendimento de Portugal com aquele paiz que por tudo, está mais perto dele.

Quem escreve estas linhas, tem lido, com particular e desvanecido interesse os artigos e as noticias dos ultimos dias sobre a apoteose feita em Espanha aos aviadores de Lisboa e aos estudantes do Porto.

E' consolador ler a imprensa espanhola. E' consolador tambem verificar que a imprensa portugueza, pela voz dum dos seus mais categorisados profissionais do jornalismo,—o sr. José Sarmento—sentiu e compreendeu maravilhosamente a expressão deste momento excepcional.

Outros homens de imprensa ha, e no seu primeiro plano se destaca a figura do jornalista moderno e europeu que é o sr. dr. Augusto de Castro, que teem sido francamente partidarios duma larga politica de aproximação com a Espanha. A ideia dum congresso jornalistico lançada pelo primeiro dos escritores citados nas colunas dum nosso colega da tarde, estou convencido, que hade ter neste momento entusiasticos adeptos.

A imprensa portugeza é hoje uma das mais adiantadas organisações nacionais, é preciso ter a vaidade e o orgulho de afirma-lo. Na dolorosa epoca de transição, tão agitada e tão desiquilibrada, que Portugal tem vivido, quasi toda a imprensa tem sabido manter uma linha de conduta orientada pelos principios mais patrioticos e mais elevados—e a propria e efemera imprensa partidaria, se muitas vezes contribue com os seus excessos para desastrosas eclosões, fê lo com uma sinceridade e uma ancia de ideal, que até certo ponto poderiam servir para desculpa-la.

A ideia de fazer reunir em Lisboa ou em Madrid, os homens que teem a grave responsabilidade de orientar a opinião publica dos dois paizes, quer me parecer que é decisiva para a vida internacional da Peninsula. No dia em que Portugal estiver convencido de que não precisa de saltar por cima dos Pirineus ou navegar muitas milhas, para obter um franco apoio para as suas necessidades; no dia em que Portugal estiver disposto a dar á Espanha tudo quanto lealmente ela possa receber, e saiba exigir em troca uma assistencia honesta e profícua—Portugal será muito maior, e a Espanha só terá com isso a ganhar.

* * *

Encontra-se hoje na Legação de Madrid, um homem cujo tipo de diplomata não é vulgar dentro da Republica.

Quando os paizes, como o nosso, são pequenos em territorio e grandes em necessidades—os representantes no estrangeiro teem que fazer alem duma politica oficial habil—uma habilissima politica pessoal. O sr. Melo Barreto, velho jornalista, com ressaibos aristocraticos do antigo regimen, parece-nos excelentemente dotado para isso.

Ele, com o seu vago ar de literato palaciano, a sua serena inteligencia e o seu vivo espirito, deverá saber provocar na corte de Madrid, uma atenção favoravel aos nossos interesses. A Espanha espera justamente a oportunidade de se aproximar de Portugal, que, ouvi eu dizer em Madrid criticando o nosso alheiamento, estava mais longe de Badajoz que do Japão.

A Espanha é nossa amiga.

E nós, — esta é a verdade—temos sido um velho povo desconfiado e truculento.

E' o momento de nos darmos as mãos. E' o momento de nós conhecermos alguma coisa mais de Espanha, alem dos toureiros e das cançonetistas, e de Espanha conhecer de Portugal qualquer coisa tambem a mais das revoluções e dos fados.

A nossa arte, a nossa literatura,—a nossa alma sobretudo—tem que ir a Espanha, e alguma coisa dela foi, nas cruzes dos aviões.

A Espanha começou a senti-la. E no momento em que uma plena identificação nos unir espiritualmente, a Peninsula afirmará em definitivo uma das mais belas expressões latinas.

MUITA PARRA...

"WELCOME!,,

A BOCETA DE PANDORA DOS DELEGADOS A' CONFERENCIA DE GENOVA—O SEU RECHEIO DEVE -§- SER DE RESPEITO... -§-

Encerrou-se a Conferencia de Genova. Os muros da Ulyssea já guardam ciosamente algumas das personalidades eminentes que o Governo destacou para a cidade Italia, onde viram almoçar Barthou, olharam por um oculo para Lloyd George e não conseguiram dar palmadinhas amistosas nos herculeos ombros do enigmatico Thetcherine. Ainda não entrou em Lisboa o sr. Vitorino Guimarães, naturalmente porque foi telegraficamente chamado ao seio amoravel do seu partido: em compensação, o sr. Ricardo Malheiro já retomou o lapis e concluiu a conta de somar, que deixou em meio ao partir...

Não tardará muitos dias que a delegação portuguesa recolha totalmente aos patrios lares, encantada com as ruinas de Pompeia, evocadoras de uma civilização extinta, e com o *macarroni* saboroso dos restaurantes napolitanos: *Welcome!*

Não são conhecidos ainda — sê-lo-hão algum dia?... — os magnificos resultados obtidos pela delegação portuguesa, a mais numerosa de todas que compareceram em Genova. Apesar das instancias que os indiscretos jornalistas indigenas têm dirigido ao Governo, o segredo de Estado não transpirou e a turba ignara não foi elucidada ou desiludida. Quando o ilustre sr. Malheiro, director geral da Contabilidade Publica, terminar os exercicios das quatro operações aritmeticas ou o insigne sr. Portugal Durão, ministro das Finanças, tiver dado por concluidas as novas propostas tributarias, haverá então vagar para instruir o paiz ácêrca dos milagrosos efeitos do caudal de ouro esterlino que regou o caminho trilhado pela ostentosa delegação de Portugal á Conferencia de Genova. Entretanto, esperemos. E, principalmente, preparemo-nos todos nós, contribuintes, para conceder as honras do triunfo aos vitoriosos diplomatas!

São legitimas todas as esperanças. O sr. Portugal Durão declarou, em plena Camara dos Deputados, que a sua politica cambial seria orientada pelos resultados colhidos na Conferencia de Genova. O ilustre titular já deve conhecer os beneficios colhidos nas conversações genovesas, mas é natural que muito pela rama, conhecida a dificuldade de exposição do sr. Ricardo Malheiro, cujos recursos não são comparaveis aos do sr. Vitorino Guimarães. Apesar disso, o sr. Portugal Durão já deve estar desconfiado de que, finalmente, conseguiu arranjar um bom *tuyau*, capaz de o orientar na politica a seguir, para salvação de todos nós e dêle proprio. Com as informações que lhe trouxer o sr. Vitorino Guimarães, o ilustre titular da pasta das Finanças verá abrirem-se escancaradamente os portões intelectivos e surgir, inopinada e brilhante, a fórmula governativa da politica dos cambios: *Welcome!*

Porém, a verdade é esta, diga-se o que se disser: a melhoria cambial, que nos conduzirá á vida barata (ou menos cara), é, por emquanto, uma aspiração. Houve uma esperança com o credito dos três milhões esterlinos. Quando se anunciou que êsse manancial aurifero fôra descoberto pela varinha prodigiosa de um novo Moysés, os portugueses, estupefactos mas jubilosos, gritaram: *Welcome!* Mas, no final das contas, a fatal divisa dos cambios não deu sinal de sentir o vivificante revulsivo, e continua, imperturbavel, a castigar-nos com um numero mais fatidico que o fatal 13, porque nem a 5 chega. Falharam, pois, os calculos do sr. ministro das Finanças, o que não é para estranhar, visto que os jornais continuam a justificar a tremenda acusação que contra êles lançou o sr. ministro das Finanças: fazem a politica da baixa cambial. São terriveis!...

Não sabemos, ninguem sabe, o que fizeram os delegados portugueses em Genova. Em todos os paizes do mundo a imprensa é informada, antecipadamente, ácêrca do objectivo nacional que se pretende atingir nas grandes relações internacionais. Ainda, ha dias, um telegrama informava que a Yugo-Slavia conseguira negociar um importante emprestimo externo nos mercados niorquinos; e os paizes vencidos não ocultam as diligencias constantemente feitas para obterem credito no exterior. O Governo português não diz nada, nunca. Nem antes, nem durante as negociações. Nada, pela palavra nada! O segredo é a alma do negocio... Mas o silencio é tão pertinaz, que nem mesmo se rompe depois de terminadas as missões dos homens que andam sempre num corropio, de Lisboa para o estrangeiro e do estrangeiro para Lisboa. Nada se sabe ácêrca dos triunfos portugueses na Conferencia de Genova, nunca se saberá coisa que geito tenha. Mas consola-nos, apesar de tudo, a ideia de que — finalmente! — estão de regresso os grandes homens — *Welcome!* —, agora, mais que nunca, absolutamente resolvidos ao sacrificio de continuarem a fazer-nos o favor de nos governar. O sr. ministro das Finanças, forte com o apoio de tão insignes personagens, não deixará de murmurar, comovidamente, apertando-os nos braços carinhosos: *Welcome, Welcome!...*

OS HEROIS DA LEI 1244

Dois felizardos e uma victima

Alferes de infantaria, João dos Santos Carvalhães — Estava fazendo serviço em infantaria 13. Proclamada a monarquia, acatou e aderiu ao novo estado de coisas, continuando a prestar os seus bons serviços. Reimplantada a Republica, como bom e leal servidor, continuou a prestar com tanta dedicação os seus serviços, que lhe valeu nada sofrer, gosando os frutos do seu nunca desmentido «republicanismo»!

Alferes de infantaria, Mateus Augusto Sepulveda de Sampaio—Este oficial seguindo, em infantaria 13, onde fazia serviço, os passos-monarquico-republicanos do seu colega Carvalhães, tambem conseguiu, passar á categoria dos «historicos» e assim, não provar da 1244.

Elias de Vasconcelos Dias, alferes de infantaria de campanha. Pelo «grave delicto» do estrito cumprimento de ordem dos seus legitimos superiores, durante o perido monarquico, aqui está um oficial que foi punido «seis vezes pelo mesmo delicto», ao passo que muitos com muitos maiores responsabilidades, como temos demonstrado, são hoje considerados, «sem mistura», republicanos da gema. Ahi vai o sudario do «desprotegido» alferes: 1.º—Preso e incomunicavel durante 70 dias! 2.º—Transferido de regimento em Ordem do Exercito antes do apuramento das faltas incriminadas! 3.º—Demitido do Exercito! 4.º—Enviado para Elvas a fim de cumprir o castigo de inatividade com que foi substituida a demissão! 5.º—Afastado novamente do Exercito, em virtude da lei 1040 e depois de ter prestado bons serviços! 6.º—Reformado por ter sido abrangido pela lei 1244! Ora como todas estas «rapidas mutações de scena» na vida dum oficial, implicam imediatamente cortes consideraveis no magro soldo, consta-nos que este oficial, não tendo mais que vender, tenciona «vender a camisa» para, pelo menos, umas horas sustentar a familia. Tão edificante é semelhante facto que vai sem comentarios.

Raid Portugal-Brasil

Continuam a ser distribuidas por todo o paiz, listas de subscrições para a compra e oferta das insignias da Torre e Espada a oferecer aos bravos portugueses Sacadura-Coutinho.

Em Lisboa, tambem já começou a ser feita a distribuição por varios estabelecimentos, encontrando a comissão presidida pelo general sr. Gomes da Costa a maior boa vontade por parte dos seus proprietarios em aceder a esse alvitre.

Ontem recebeu a comissão as importancias de que abaixo damos nota:

Transporte, 5.113$50. Companhia do Luabo, 20$00; Companhia do Comercio de Moçambique, 20$00; Direção Geral de Credito e Instituições Sociais Agricolas, 28$25; Regimento de Artilharia de Montanha, 40$00. Total, 5.221$75.

A festa de Santo Izidro

A tradicional romaria madrilena decorre com brilhantismo

MADRID, 17.—Teem procedido com grande brilhantismo as festas de Santo Isidro, tendo sido concorridissima a tradicional romaria á Bradera vendo-se as madrilenas com os seus lenços da Manilha. Tambem foi muito visitado o corpo do santo, exposto na catedral. Momentos antes de começar, nesta, os oficios religiosos despendeu-se da aboboda uma das grandes lampadas de vidro, podendo-se dizer que foi quasi um milagre que não haja desgraças a lamentar visto que naquele momento estavam entrando no templo muitos fieis. A lampada ficou em estilhaços.—(R).

A economia nacional

Exige o emprego de productos portugueses e muito mais quando são superiores aos estrangeiros como sucede com a «Fibrocalcina», o recalcificante recomendado no tratamento da tuberculose.

O denunciante de Edith Cawell

O tribunal regeita o apelo da sentença

BRUXELAS, 17.—O tribunal regeitou o apelo feito por Armand Jeannes da sentença que o condenou á morte por alta traição e por ter denunciado Edith Cawel.—(R.)

A baixa dos salarios

provoca mais uma gréve em Inglaterra

LONDRES, 17. — Declararam-se em greve mil operarios manufactadores de calçado da cidade de Leister por causa do salario ter sido deminuido em dois shillings de harmonia com o acordo nacional.—(R).

Partido Republicano Liberal

A Junta Consultiva do P. R. L. reune amanhã ás 9 horas da noite.

A propaganda bolchevista

Faz-se com intensidade e a golpes de ouro nos estados do Baltico

VILNA 17.—A propaganda bolchevista continua com toda a actividade nos Estados do Baltico. Na Estonia um conselho de guerra condenou o comunista Aingsep por ter recebido algumas dozenas de milhões de marcos estonianos dos representantes dos soviets.—(Lat. Am.)

O rei de Inglaterra

fala perante os tumulos dos soldados inglezes — — em França — —

O rei de Inglaterra, na sua visita aos cemiterios inglezes no norte da França, pronunciou no cemiterio de Terlinctun o seguinte discurso:

«Pela liberdade toda uma geração de homens se sacrificou sem hesitar e quasi sem que fosse necessario lembrar-lhe o sacrificio. Estes tumulos, testemunho permanente da sua coragem e perante os quais nos inclinamos hoje, e encontram se em toda a superficie do globo e tambem existem no fundo de todos os mares. Podemos dizer em verdade que a terra inteira está coberta com as sepulturas dos nossos mortos. Para alem das nobres necropoles da França, atravez da Italia e da Europa Oriental, estendem-se em cadeia ininterrompida, cruzam o santo monte das oliveiras, em Jerusalem, vão até ás margens longiquas do Oceano Indico e do Oceano Pacifico. De Zeebrugge a Coronel, de Dunkerque ás misteriosas regiões da Africa equatorial toda a terra recebeu os nossos mortos. Mas nesta terra da França que sofreu a mais furiosa conflagração, os tumulos dos nossos irmãos contam-se infelizmente por milhares. Estão sob a salvaguarda dum amigo provado e generoso, dum camarada d'armas valente e cavalheiresco que num sentimento de simpatia espontanea reserva para sempre o solo em que dormem os nossos filhos para que nós e os nossos descendentes possamos para todo o sempre velar com respeito o seu campo de repouso.»

Os aliados pensam em outra...

passeando pela Europa o fracasso de sucessivas conferencias...

WASHINGTON, 17. — Respondendo ao convite para tomar parte na conferencia da Haia o sr. Hughes numa nota que dirigiu ao sr. Child, embaixador dos Estados Unidos em Roma, disse que o governo norte-americano não via as vantagens de tomar parte nessa conferencia que parece ser a continuação da de Genova com um nome diferente e que estará destinada a esbarrar nas mesmas dificuldades se a atitude assumida no memorandum russo de 11 de maio não for modificada.—(R).

...com Lloyd George interminavelmente falando!...

GENOVA, 17.—Lloyd George disse que a projectada conferencia da Haia que terá um caracter preliminar se destina a aproveitar as possibilidades dum acordo e declarou que os representantes da Russia e os das outras potencias se reunirão depois de 26 de Junho num perfeito pé de egualdade.

A situação parece mais desanuveado depois das explicações que Schanzer teve Tchitcherine. Lloyd George acentuou que se a Russia se recusar a tomar parte na conferencia da Haia não haverá mais nada a fazer.—(R).

Uma magestade indignada

declara não ser artista de cinema

NEW-YORK, 17—A rainha da Roumania nega indignadamente o boato de que aparecerá nos «films» projétados no outono que vem, durante a sua visita aos Estados-Unidos.—(Lat. Am.)

Dissémos em tempos que a Rainha Maria da Roumania ia exibir-se num «film» intitulado «Para o meu povo» e que ia até por esse motivo embarcar para a America a fim de «pousar» na pelicula que se preparava. A noticia, que de resto circulou por toda Europa, parece, em virtude do telegrama acima, um dos muitos «canards» com a forma peculiar nos americanos. Quer S. M. entre ou não no «film», o fim está atingido. Qualquer senhora de cinema a irá substituir mas para todos os efeitos será sempre a rainha da Roumania quem figurou. Já se não livra desta!

As dividas dos aliados aos Estados Unidos

São maiores do que a reserva de oiro disponivel em todo o mundo!

NEW-YORK, 17.—O relatorio da comissão de finanças da camara de comercio dos Estados Unidos sobre a situação das dividas inter-aliadas acentua a impossibilidade dos diversos governos excepto o inglez pagarem essas dividas, que na sua totalidade são maiores do que a reserva de oiro disponivel de todo o mundo.—(Lat. Am.)

A Irlanda

entrará num regimen de paz e de tranquilidade?

Ha quatro meses, alguns criticos irlandeses declaravam cinicamente que a situação peoraria na Irlanda antes de melhorar definitivamente.

A profecia cumpriu-se e a batalha campal de Kilkenny e as recentes séries de atentados dentro da propria Dublin, são os pontos salientes que testemunham a continuação da desordem.

Cada vez se torna mais evidente que os *leaders* politicos do partido republicano, que criaram esta situação, nunca concorreram em nada para reprimir os elementos agitadores que andaram sempre á solta.

Parece que os gritos de horror, soltados pela população civil, foram ouvidos ainda assim por alguns dos dirigentes.

Não foi De Valera, porém, que teiu lembrar uma negociação de treguas. Este politico tem menos humanidade do que os *leaders* do exercito rebelde, que acabam de entrar em acordo com os chefes das forças regulares, para a realização de umas treguas de quatro dias, durante as quais se espera que o *comité* organizado pelo *Dail* consiga vir a um acordo para a realização das eleições e a constituição de um governo nacional.

Para a Irlanda, actualmente sentindo as vantagens e desvantagens do governo autonomo, êste facto de ela ter de estar á mercê da vontade do povo e a imposições de *leaders* militares, talvez não pareça uma coisa muito satisfactoria.

Contudo, deve-se reconhecer o facto de que o exercito que o povo irlandês se tem acostumado a olhar com religiosa veneração está actualmente sujeitando á obediencia forçada uma nação pacifica.

Se a «consciencia» da raça, cuja posse há muito tempo De Valera reclamou para si, veiu a ser confiada á segura guarda dos homens de armas, sómente êstes têm o poder de exercer o seu direito divino de clemencia, bem como de assassinio.

Parece que é portanto bom sinal para o futuro socego do paiz que a ideia de pacificação de hostilidades tenha partido dos chefes militares, visto ser isto uma amostra de clemencia da parte daqueles que governam e obrigam á obediencia o povo irlandês.

Prisão de um assassino

A pedido de José Inacio Junior, soldado n.º 2.292 da 1.ª companhia de saude, foi hoje preso João Henriques, casal dos Acyprestes, no Bairro Novo, em Bemfica, acusado pelo Inacio de ter assassinado seu pai, á facada, em Aldeia Grande, Torres Vedras, em Dezembro de 1920.

O acusado vai ser remetido para a referida localidade, por onde correm as investigações.

Theatros e Cinemas

Agenda da semana

HOJE—S. Luiz—3.ª recita da companhia franceza do teatro Renaissance, de Paris.

AMANHÃ—Eden—1.ª recita da companhia espanhola Barreto-Ballester.

— Chiado Terrasse — 1.ª representação da revista «Tiro ao alvo».

Primeiras representações

TEATRO S. LUIZ—2.ª *recita de assinatura com* «*La danseuse rouge*» *de Charles Henry Hirsch.*

E' do conhecimento de todo o nosso publico a polemica levantada dentro e fora do dominio do teatro francês pela critica, por vezes, feroz, á peça que ontem a *troupe* do Renaissance veiu representar no S. Luiz, historiando, mais ou menos fantasiosamente, a condenação á morte da celebre bailarina Mata-Hari, por crime de espionagem. Todas essas discussões influiram grandemente no reclame da peça e a elas se deve uma boa parte do sucesso que obteve, pelo muito que conseguiu apaixonar o publico.

O assunto em tôrno do qual a peça gira é por demais conhecido para que o relatemos, tanto mais que os nossos colegas da manhã se encarregaram já de o fazer. Resta, portanto, dizer algumas palavras sobre a interpretação dada á obra e sobre o seu *encadrement*, os dois factores principais e, neste caso, absolutamente indispensaveis para o seu agrado.

A companhia de madame Cora Laparcerie, refeita das hesitações naturais da primeira noite, teve ontem ocasião de constatar que, ao contrario do que á primeira vista se possa supôr, o publico de Lisboa conhece e aprecia teatro, sabendo premiar justa e efusivamente o trabalho histrionico, desde que, no desempenho do mesmo, se faça Arte e não comercio, como tantas e tantas vezes tem sucedido por parte de algumas *tournées* vindas até nós.

E nós, criticos, devemos regosijar-nos com o facto, que tem ainda um objectivo, que, necessario se torna não pôr de parte, qual é o de serem os artistas que agora nos visitam os primeiros a poderem testemunhar a colegas do seu paiz que, quando o publico lisboeta não aplaude, não é por *snobismo* ou por ignorancia, mas simplesmente porque entende não dever aplaudir, sob pena de dar ao estrangeiro uma fraquissima ideia da sua mentalidade.

Madame Cora Laparcerie e Mr. Georges Colin devem ter ficado satisfeitos com a noite de ontem, em que, salvo melhor criterio, ficaram definitivamente consagrados, entre nós, pelo seu trabalho probo, honesto, eminentemente perfectivel, atingindo por vezes uma rara beleza na sua exteriorização, á qual, para ser completa, não faltou seguer o principio da estetica, quasi sempre tão descurado em teatro. Dêsses aplausos, que foram quentes e vibrantes, compartilharam os seus colaboradores, dos quais é justo destacar em primeiro lugar M. Argus, que disse com uma perfeita entonação e sem esquecer o mais pequeno detalhe o seu discurso de acusação no segundo acto; M. Favières, que presidiu ao conselho de guerra como um verdadeiro militar, e, finalmente, Labry, criando um magnifico tipo, e Mercier, absolutamente discreto e merecedor de elogio pela forma por que fez o seu depoimento.

Como já na primeira noite tinhamos notado, a *troupe* do Renaissance afirmou-se em definitivo como uma companhia de conjunto, cuidando honestamente, não só da interpretação das peças do seu reportorio, mas da sua *mise-en-scène*.

ALVARO LIMA

Noticiario

Entre nós

Está marcada para amanhã a estreia da companhia de operetas hespanhola Barreto-Ballester no Eden Teatro. Consta, porem, que a apresentação da companhia será transferida para, após as recitas de Cora Laparcerie, no S. Luiz.

◆ A distribuição da peça «Cavaleria Rusticana» que, no teatro Nacional, subirá á scena em festa de Irene e Jorge Grave, na proxima segunda feira, é a seguinte: «Santuza»: Irene Grav; «Tia Nunzia», Laura Hirsch; «Lola», Ana d'Oliveira; «Camila Brazi», Amelia Croner; «Turiddu», Jorge Grave; «Algio, Almocreve»: Luiz Listão, «Tio Brazzis, Antonio Nascimento. O «Prior», Francisco Sena.

◆ A companhia franceza do Renaissance, dará amanhã «La Passerelle» e na proxima sexta-feira, em ultima recita de assignatura, «Zazá».

◆ Dedicada pela empreza Armondo de Vasconcelos, realisa-se na noite de 24 do corrente no teatro de S. Luiz, uma recita dedicada aos cronistas mundanos dosso teatro nossos colegas na imprensa Carlos de Vasconcelos e Sá e Carlos da Mota Marques. Representar-se-ha pela ultima vez nesta temporada a encantadora opereta «A Boneca» completando o espectaculo um acto de variedades em que tomarão parte varios artistas.

Estrangeiro

No teatro da Porte-Saint-Martin de Paris, vai fazer-se reprise da peça «Arsène Lupin», um dos grandes sucessos de André Brulé.

◆ Será Gemier o intérprete do papel principal da peça «Le dent rouge» de Lenormand, que, brevemente, será representada no Odeon.

◆ No Apolo, de Paris, subiu há dias á scena, a nova opereta em 3 actos de Maurice de Marsan, musica de Mme. Germaine Raznel *Pouick.*

Cartaz do dia

Teatro de declamação

NACIONAL—A's 9—«A Triste Viuvinha»

S. LUIZ—A's 9—«Le femme masquée» Companhia francesa.

POLITEAMA—A's 9,30—«Azas quebradas».

Teatro musicado

AVENIDA—A's 9,15—«A Perola Negra»

APOLO—A's 9,15—«Belo Sexo».

SALÃO FOZ—A's 830, e 10,30—«Pipa rotas».

Circos

COLISEU DOS RECREIOS — A's 9— Espectaculo de luta.

Animatografos

OLIMPIA—Rua dos Condes

CINEMA CONDES—Avenida da Liberdade

SALÃO CENTRAL—Praça dos Restauradores

Festa de caridade

Consta-nos que, na primeira quinzena de Junho, se deve realizar num dos melhores salões de Lisboa uma interessantissima festa de caridade, organizada a capricho e destinada a causar sensação.

Essa festa, para a qual já se trabalha com afan, fará reviver usos e costumes genuinamente regionais e terá, decerto, exito imenso.

Por emquanto, nada mais podemos dizer...

Um aviso aos extrangeiros

Segundo as leis portuguesas, todos os cidadãos estrangeiros têm o dever de legalizar as suas residencias no nosso paiz, após as 48 horas seguintes á sua entrada em Lisboa. Sucede que grande numero de estrangeiros, por ignorancia, por descuido ou, talvez propositadamente alguns dêles, deixa de cumprir tal dever, motivo por que o director da policia administrativa, sr. dr. Clemente Gomes, deu ordem no sentido de que se active a fiscalização respectiva.

Para evitar que sejam aplicadas as sanções da lei aos que não cumprem os seus deveres, o sr. dr. Clemente Gomes oficiou a todos os consules estrangeiros pedindo-lhes que adoptem as providencias que o caso requere.

Como esclarecimento, diremos que os estrangeiros que não cumpram o que sobre o assunto está preceituado, serão postos na fronteira ou enviados ás tribunais competentes, que por sua vez os farão tambem expulser.

Cadaver á tona de agua

Na doca de Santos foi encontrado hoje o cadaver de um homem, cuja identidade se desconhece.

Pelo estado em que se acha, parece ter caido á doca ha mais de oito dias.

Foi removido para a Morgue.

Agua da Certã

A agua minero-medicinal da Foz da Certã apresenta uma composição chimica que a distingue de todas as outras até hoje usadas na therapeutica.

E' empregada com segura vantagem nas Diastases—Dyspepsia—Catarros gastricos putrido ou parasitarios; — nas preversões digestivas derivadas das doenças infecciosas; — na convalescença das febres graves; — nas atonias gastricas dos diabeticos, tuberculosos, brighticos, etc.; — no gastricismo dos esgotados pelos excessos ou privações, etc., etc.

Mostra a analyse bacteriologica que a Agua da Foz da Certã, tal como se encontra nas garrafas, deve ser considerada como microbicamente pura, não contendo colibacillo, nem nenhuma das especies pathogeneas que podem existir em aguas. Além d'isso, gosa de uma certa acção macrobicida. O Tiphico Diphterico e Vibrão cholerico em pouco tempo n'ella perdem toda a sua vitalidade; outros microbios apresentam, porém, resistencia maior.

A Agua da Foz da Certã não tem gazes livres, é limpida, de sabor levemente acido, muito agradavel quer bebida para quer misturada com vinho.

Pelo Telegrafo

Os gregos... gregos...

ATENAS, 17. — O sr. Stratos renunciou o encargo de formar gabinete em virtude da recusa de colaboração do do sr. Boussios, chefe do grupo macedonio e do sr. Theotokis, ministro da Guerra.

Nos meios parlamentares julga-se apenas possivel a formação de um gabinete de concentração com gounaristas, macedonios e reformistas, sob a presidencia provavel do sr. Lombardos, actualmente presidente da camara.—(Lat. Am.)

A situação sanitaria da Russia

PARIS 17.—No conselho da Sociedade das Nações, Nansen insistiu sobre o agravamento constante das epidemias na Russia. Os europeus que vão a Russia correm enormes riscos.

Lord Balfour salientou o interesse do relatorio clamando de Nansen e propoz que se recomendasse á conferencia de Genova o exame das propostas de Nansen com o fim de coordenar os elementos de informação concernentes ao estudo do problema russo.—(Lat. Am.)

As barbaridades na Asia-Menor

LOUDRES, 17.—Mr. Chamberlain comunicou ontem á Camara dos Comuns as propostas feitas pelo governo inglez ao governo francez, italiano e americano para que se faça imediatamente um inquerito sobre a crueldade e barbaridade com que os turcos de Angora teem tratado a população cristã na Asia-Menor.—(Lat. Am.)

"A Canção do Sul"

O distinto maestro sr. Alfredo Mantua, acaba de lançar no mercado um lindo fado-canção da sua autoria e que poz o sugestivo titulo de «A Canção do Sul» e que ha anos foi muito aplaudido no extinto teatro da Trindade na revista «De ponta a ponta».

A inspirada composição de Alfredo Mantua tem letra do nosso colega da imprensa sr. Machado Correia, um dos autores da revista.

A edição é primorosa.

Cenaculo Victurum de Coimbra

O «Cenaculo Victorum de Coimbra», com séde ali e constituido por uma pleiade de moços inteletuais, na sua maior parte academicos, resolveu delegar no sr. Aragão Paiva, autor do livro de versos «Lampejos e Sombras», a criação do nucleo de Sul nesta cidade. O mesmo «Cenaculo», na sua ultima reunião, resolveu chamar a si todos os novos que se evidenceiem com o seu valor inteletual nas artes, nas sciencias e nas letras.

Ecos & Noticias

FALECIMENTOS

Faleceu ontem a menina Mariana Odete Pio Correia, de 7 anos, sobrinha do sr. Manuel de Oliveira, empregado superior da Companhia Nacional de Navegação, e tenente Pio, comissario da 3.ª divisão da policia.

A pequena morta vivia com os seus pais adoptivos, sr. Antonio Tiberio de Carvalho, proprietario da *Imprensa Africana*, e da sr.ª D. Ana de Carvalho, rua da Escola Politecnica, 15, 2.º esquerdo.

O funeral realiza-se amanhã, pelas 13 horas, para o cemiterio oriental.

A' familia, que se encontra deveras consternada, apresentamos os nossos pezames, em especial ao sr. tenente Pio.

O grande bôdo aos pobres

O sr. Governador Civil recebeu hoje mais as seguintes quantias para o grande bôdo a real sar por motivo do raid Lisboa-Brasil: David Martins Ltd 2$00; Grupo «Deixo Andar», 20$00; Paiva Nogueira, 50$00; Barros & Santos, 100$00; Companhia do Luabo, 200$00; Companhia do Comercio de Moçambique, 20$00; Thomaz F. ribeiro Lima, 10$00; Alberto Henriques Ltd. 60$00; Thomaz dos Santos Henriques Ltd., 50$00; e listas n.º 324 a 326, da fabrica de Barcarena, 43$63; José Henriques Totta, 500$00; Romão Martins 30$00; Companhia Electrica, 30$00.

Ao contrario do que malevolamente se tem espalhado as senhas para o bodo serão distribuidas unica e simplesmente pelas juntas de freguezia as unicas entidades que teem devidamente organisado os cadastros da pobreza de Lisboa. O chefe do districto encarregara pois as juntas das freguezias de procederem á distribuição das senhas respectivas.

Em poucas linhas

Queixou-se Elisa da Silva, rua da Achada, 15, 1.º, que Rosa Rodrigues, moradora na mesma rua, 172, 1.º, lhe furtara diversos objectos no valor de 50$00.

—Antonio Guilherme da Cunha, travessa de Santa Tereza, 23, 2.º, queixou-se contra Maria Gomes, moradora na travessa dos Remolares, 23, 4.º, que a acusa de lhe furtar a importancia de 70$00.

—Tambem apresentou queixa a policia Gloria das Neves Vidal, residente na Vila Franca de Xira, que lhe furtaram pequeno saco com objectos de ouro e dinheiro no valor de 140$00.

Ultima Hora

Parlamento

Nos Deputados

Hoje preside o sr. Alberto Vidal, que declara aberta a sessão ahi por volta das 15 horas.

O sr. ministro das Finanças faz a sua aparição na bancada ministerial, rivalizando em luvas com o sr. Alfredo Pimenta. Nas galerias, alguns tristes espectadores. Ambiente sorumbatico.

ANTES DA ORDEM

O sr. Almeida Ribeiro, sempre infatigavel, fala esfingicamente ácêrca da necessidade de se discutir, sem mais aquelas, um certo projecto de lei. A Camara aprova o requerimento. Logo se levanta o sr. ministro do Comercio, que manda para a mesa uma proposta de lei destinada a remediar a crise economica da ilha da Madeira.

Retoma a palavra o sr. Almeida Ribeiro. E, após as suas razões, a Camara aprova uma lei que não sabemos o que seja. Talvez logo se decifre o enigma.

O sr. Paulo Menano requere tambem para entrar em discussão outro projecto. Bem se diz que, emquanto ha vento, é que se molha a vela!

Um dos projectos que foram postos á discussão, isenta a Camara Municipal de Cascais do pagamento de contribuição de registo por aquisição de predios rusticos e urbanos. O sr. Almeida Ribeiro, *leader* democratico, pronuncia-se contra a sua aprovação.

O outro projecto, que foi aprovado, isenta de umas contribuições quaisquer um determinado estabelecimento scientifico.

Ainda não estão escolhidos todos os parlamentares que farão parte da Conferencia Inter-parlamentar de Comercio, indo tambem a Bordeus. Ao certo, só se sabe que partirão brevemente os srs. Cunha Leal e Antonio da Fonseca, em serviço publico e não para tratarem de negocios particulares, como erradamente se noticiou.

Pediu a demissão de vogal da Comissão Administrativa dos Caminhos de Ferro do Estado o deputado sr. Virgilio Costa, capitão de engenharia.

Entra-se na

ORDEM DO DIA

que é a continuação da discussão do orçamento do Ministerio do Trabalho.

O sr. Carvalho da Silva manda para a mesa a declaração de que a minoria monarquica se desinteressa da discussão dos orçamentos. A declaração é lida na mesa.

A sessão continua, estando no uso da palavra o sr. Alves dos Santos.

No Senado

O sr. Medeiros Franco referindo-se ao acolhimento galhardo que o Espanha tem despensado ao Orfeon Academico Portuense, e á consagração que vai prestar ao professor sr. dr. Gomes Teixeira, propoz um voto de saudação a S. M. o Rei D. Afonso XIII pelo seu aniversario natalicio. Aprovado por unanimidade.

O sr. Fernando de Almeida lamenta que o sr. ministro do Trabalho, apenas, comparecesse no Senado durante a ordem do dia, pois que deseja chamar a atenção da sua ex.ª sobre a ordem para os trabalhos que se prendem com a assistencia publica no provincia que representa, o assim se é impossibilitado de o fazer.

O sr. Joaquim Crisostomo fez largas considerações acerca da acção do sr. Lisboa de Lima, combatendo-a energicamente, declarando que este funcionario, como Comissario Geral junto da Exposição Internacional do Rio de Janeiro, tivesse recrutado uma enorme legião de funcionarios incompetentes para servir no respectivo Comissariado, aludindo tambem á forma como é feita a publicidade da nossa representação.

O sr. Vicente Ramos insiste, novamente, pela remessa de varios documentos que pedira pelo Ministerio da Agricultura.

O sr. ministro do Comercio respondendo ao sr. Joaquim Crisostomo, combate as considerações do orador fazendo justiça á honorabilidade e competencia do sr. Lisboa de Lima.

A' hora de encerrarmos este extrato, a sessão continua, indo entrar, na ordem do dia, iniciando-se a discussão que regula a autorização do credito de 3 milhões de libras.

Assalto e roubo numa alfaiataria

Limpeza completa

Os gatunos, por meio de arrombamento, assaltaram a noite passada o estabelecimento de alfaiataria pertencente á firma Lopes & Cruz, sita, ha pouco mais de um ano, na rua Gomes Freire, 148-A, donde furtaram 14 cortes de fazenda no valor superior a 3 contos.

Os assaltantes, que se supõe serem em numero de três, depois de escalarem o muro de um quintal contiguo á casa roubada, penetraram ali, tendo arrancado o vidro de uma das portas e feito, com o auxilio de um trado, um enorme buraco na porta interior.

Na fuga, voltaram a saltar o muro, com o auxilio de dois bancos sobrepostos.

Segundo declarou um dos moradores do predio em questão, pelas 24 horas de ontem foram vistos encostados ao muro do referido quintal três individuos que se lhe tornaram suspeitos, mas presume-se que o assalto se tivesse dado ás primeiras horas da manhã.

Foi encarregado das investigações o agente Mario, da 4.ª secção, tendo tambem ali estado o pessoal do posto antropometrico para efeito das impressões digitais deixadas pelos assaltantes.

O crime da Travessa dos Fieis de Deus

O processo segue amanhã para juizo juntamente com o assassino

O chefe Tavares da 2.ª secção de investigação ainda hoje se ocupou do barbaro crime praticado ha dias na Travessa dos Fieis de Deus e de que foi vitima Olinda Maria, tendo ouvido varias pessoas da Picheleira, apontadas como tendo induzido ou aconselhado o pequeno vendedor de jornais Antonio de Almeida e Silva a não prestar mais esclarecimentos á policia. Como todas essas pessoas metessem os pés pelas mãos e se tornasse dificil afirmar-se se a mãe do pequeno procedera criminosamente ou apenas fora vitima da sua estupidez e ignorancia, por fim foi mandada em paz.

Pelas diligencias efectuadas chegou-se á conclusão de que o principal autor do crime havia sido João Manuel Afonso, o qual como é sabido se encontra preso ha dias. O criminoso e tem estado detido numa esquadra foi hoje de manhã transferido para um dos calabouços do Governo Civil, devendo seguir amanhã juntamente com o processo para o Tribunal da Boa Hora.

"O Raid" Lisboa-Madrid

Devido ao tempo incostante de hoje, não puderam seguir ainda para Madrid, conforme estava anunciado, os aparelhos *Portugal* e o n.º 9 *Breguet*, que deviam ir juntar-se aos que ontem partiram para o paiz visinho.

Tanto na Amadora como para os lados de Espanha o tempo continua bastante nublado, motivo por que os aviões referidos não puderam levantar vôo, aguardando, no entanto, na pista do Grupo de Esquadrilhas Republica na Amadora, que o tempo melhore para seguirem viagem.

Coisas do Senado

Jogos malabares do sr. Joaquim Crisostomo, que fizeram bocejar a Camara

O senador sr. Joaquim Crisostomo, integerrimo magistrado do Tribunal de Indefesa Social, ativou-se hoje á imprensa como Santiago aos mouros. Foi a proposito (ou a desproposito?...) da Exposição do Rio de Janeiro e da propaganda que toda a imprensa, com excepção de um jornal de Lisboa que criou para si uma situação especial, patrioticamente tem feito ácêrca da participação portuguesa. Descobriu o sr. Joaquim Crisostomo que a Agencia Latino Americana fizera, com o Comissariado Geral da Exposição, um contracto para elaboração de um catalogo da secção portuguesa, cujas receitas seriam, em parte, compensadoras da despesa da publicidade. Fundado nisso o senador sr. Crisostomo fez um arrazoado de oposição ao sr. ministro do Comercio, a quem êle queria forçar a intervir para se faltar á boa fé dos contractos. Excelente doutrina, deslisando dos labios de um membro da magistratura judicial!

E' claro que a resposta do sr. ministro do Comercio não podia deixar de ser esmagadora para a logica falhada do infeliz senador.

Queria o sr. Crisostomo, por acaso, que a publicidade fosse contractada com uma loja de barbeiro ou de fato feito, em vez de ser canalizada por profissionais competentes do jornalismo, como são todos aquêles que trabalham na Agencia Latino-Americana?

Nós temos, evidentemente, o maior respeito pelo Poder Legislativo, mas é lastimavel que, ás vezes, êle se desprestigie a si proprio...

O Senado compreendeu, aliás, a inocencia do senador sr. Crisostomo, recusando, por unanimidade, a generalização do debate. E ficou o negocio arrumado.

Aniversario de Afonso XIII

Por passar hoje o aniversario natalicio de S. M. o rei de Espanha, houve, pelas 15 horas, recepção na legação.

Alem da colonia daquele paiz em Lisboa, esteve tambem ali o corpo diplomatico, ministro dos Estrangeiros e sr. Jaime Athias, em nome do sr. Presidente da Republica.

Os professores de ginastica dos Liceus

Esta classe de funcionarios do Estado, que tem sido votada ao esquecimento, é bem merecedora que os poderes publicos por um momento reparem na injustiça com que a tem tratado. Desde 1904 05, que oficialmente foi tornada obrigatoria a ginastica nos Liceus e embora os nomeados não fossem positivamente os melhores, todavia foi escolhido um grupo de bons.

Estes professores durante tres anos, salvo erro, ficavam sujeitos a uma experiencia sobre as suas qualidades de competencia e assiduidade no trabalho; findo este tempo passavam ao quadro dos professores efectivos. Pois bem, esses professores, todos os anos foram reconduzidos aos seus logares, e jamais passaram a efectivos até á implantação da Republica.

Com o novo regimen, houve nova organisação e assim foi que em 1911 quando da Reforma da Instrução Publica, saiu um decreto em que pelo Ministerio da Instrução Publica, eram conferidos «Diplomas de competencia» para todos os professores de ginastica que apresentassem atestados comprovativos de exercer o professorado com bom conhecimento. Passado determinado praso nenhum individuo podia ser professor de ginastica sem ter o respectivo diploma.

Na lei que instituiu oficialmente a ginastica nos Liceus, já se falava na abertura da Escola Normal de Educação Fisica para preparar futuros professores. E' claro que em mais de dezasseis anos, esta Escola nunca passou de projectos no papel e comtudo os professores provisorios de ginastica, continuavam a desempenhar o seu cargo com toda a proficiencia e zelo e serem reconduzidos aos seus logares.

Discipulos iam produzindo e para melhor testemunho é ver essa pleiade de desportistas e a actual geração que já vem muito melhorada. Se se estabelecessem fichas de crescimento e robustez, por certo que se encontrariam algumas alterações para melhor.

Só em 1921 um ministro da Instrução Publica resolveu Regulamentar em definitivo a Escola de Educação Fisica. Dá-se o caso do Regulamento estar por tal forma feito, que foi beneficiar em primeiro logar os medicos. Mas em 1920, foi aberto um concurso documental para colocação no quadro como efectivo, aos professores já diplomados de Educação Fisica. No devido praso a Repartição de Sanidade Escolar, classificava os concorrentes, e quando ia submeter á sanção do ministro, este declarou que primeiro ia regulamentar a Escola de Educação Fisica, e depois ver-se-ia.

Parece que ha o firme proposito de se atirar para a rua os actuais professores de ginastica logo que haja o novo professorado saido da Escola de Educação Fisica.

A fazer-se tal coisa, e de uma injustiça flagrantissima pois deixar-se-ha de tomar na devida consideração os professores que já teem mais de 5, 10 e 15 anos de assiduo serviço, em que foram obrigados a cumprir todos os deveres, ficando coartado do mais infimo direito.

Isto é justo? Ha mais

Com os actuais professores de ginastica, se constituiram juris para diplomar candidatos que foram a exame para terem o Diploma de Competencia. Há mais.

Com os actuais professores de ginastica, se fez o «Regulamento Oficial de Ginastica», adoptodo oficialmente nas escolas do Governo.

E' com os actuais professores de ginastica dos Liceus, que os alunos da Escola de Educação Fisica, estão fazendo o estagio para a pratica da ginastica e assim poderem ir ao exame para terem a carta de habilitação.

Então depois de oficialmente se reconhecer competencia aos actuais professores de ginastica; quando se trata de os colocar no respectivo quadro como efectivos é que se diz não terem valor e como tal não poderem ingressar no quadro? Então só tem valor quem tirou o curso?

Quer-nos parecer que na vida pratica, o que concluiu o curso, são é logo o melhor; ainda tem que praticar uns tempos para depois começar a ser algo.

Dopois, é preciso que haja um periodo transitorio em que não serão admitidos aos Liceus, mais professor algum sem ter o curso, e os actuais com plenissimo direito passarem a efectivos e agregados, e os que concluirem o curso, entram como provisorios, indo preenchendo os quadros á medida que se forem dando vagas. Assim é que é direito e assim é que é fazer justiça. Os que já estão ficam, tendo os mesmos direitos e regalias dos outros efectivos dos Liceus.

Todos ralham e ninguem tem rasão!

A França e a Inglaterra arruinadas divergem cada vez mais nas suasi deias

Como era de prever, como era natural agora mais do que nunca, os aliados divergem nos seus pontos de vista, nos seus modos de ver. E não ha que tentar aproximal-os. E não ha que procurar assimilar, identificar os desejos, os interesses de cada um delo.

Desde ha muito, desde a assinatura do armisticio primeiro e do tratado de Versailles depois, que é flagrante e constante o choque dos principios, das ideias, dos interesses da França e da Inglaterra.

A guerra deixou-as deploravelmente arruinadas, fortemente abaladas, gravemente enfermas. Porém, os males, as enfermidades de uma não eram nem são os da outra.

Se uma e outra estavam economica e financeiramente arruinadas e se as causas dessa ruina eram as mesmas, nem por isso tinha que ser da mesma forma, pelos mesmos meios e processos que cada uma delas se tinha de refazer, de se reabilitar.

Quanto a nós, pretende-se medir pela mesma raza, pelo mesmo quilate o grau de desequilibrio de cada uma delas, e traçar para ambas o mesmo diagnostico é praticar-se um gravissimo erro, que tudo pode confundir, baralhar e, o que é mais, perder.

A Inglaterra tem as suas industrias sériamente embaraçadas, o seu comercio paralisado e, por via das constantes lutas que o continente tem suportado com os seus dominios, dia a dia tem visto agravar-se a sua situação economica e financeira.

A França, depois de ter gasto o que possuia e não possuia em longos e interminaveis anos de guerra, deparou com algumas das suas mais ricas e mais ferteis regiões removidas e arrazadas do mesmo passo que se via impotente para as restaurar e reconstruir em virtude do grande numero de braços que o cutelo terrivel da guerra lhe decepou e arrebatou e da escassez de recursos financeiros.

O carvão inglez apanhou um cheque mate, donde a industria hulheira se raquitisou a ponto de ter de dispensar os braços que a serviam.

A's demais industrias inglezas sucedeu-lhes mais ou menos o mesmo fracasso. Dahi, algumas dezenas de milhões de desempregados. Logo, com o seu elevado numero de desempregados e ao mesmo tempo impossibilitada de rehabilitar-se por meio da producção dado que não teria consumo possivel para ela, e, debatendo-se ainda, com gastos tremendos sem que possa refazer os seus cofres de oiro de que forçada e ininterruptamente se vêem despojados, do que a Inglaterra carece é de alargar o ambito de sua acção comercial, e de conseguir centros onde, ao mesmo tempo que aproveite a actividade dos seus desempregados possa encontrar fontes de riqueza.

Por seu turno, a França, do que principalmente carece é de braços para restaurar o que a guerra destruiu e de proventos financeiros com que não só possa fazer face aos dispendios a que a obriga essa restauração, mas tambem com que possa equilibrar o seu orçamento e desenvolver a sua producção.

Em face dos males de que enfermam as duas nações aliadas e que são absolutamente diferentes é facil constatar que não será pelos mesmos methodos, pelos mesmos processos que se conseguirá extirpal-os.

Desde que assim é, desde que emquanto a França precisa principalmente de oiro e de muito oiro, a Inglaterra tem de voltar os seus olhos para paragens distantes do seu continente e buscar longe colocação para os braços que lhe são de dificil aplicação e para os seus capitaes actualmente paralysados, como seria possivel evitarem-se os incidentes, os mal entendidos que se têem desenrolano e sucedido em Genova?

A França precisa de dinheiro? Precisa; logo deseja receber as reparações, logo não pode entender-se com a Alemanha que não pode satisfazer os seus compromissos a menos que não deseje arruinar-se totalmente e com a Inglaterra que, até certo ponto, pode dispensar a parte que lhe cabia no bodo.

A Inglaterra precisa das regiões petroliferas da Russia e dos mercados russos para largamente expandir a sua actividade comercial e industrial logo não pode estar de acordo com a França nas exigencias feitas á Russia visto que o que apenas quer é que lhe garantam a colocação dos seus capitais.

Não ha que vêr. As divergencias serão continuas como continuas serão as desinteligencias entre as duas nações; d'onde é facil de concluir que não ha possibilidade na edificação de um acordo geral das nações para comumente trabalharem na reabilitação economica da Europa e que as nações se limitarão a concluirem, entre si, acordos que possam satisfazer os seus proprios interesses.

NOTICIAS DA ARGENTINA

Como a grande Republica da America do Sul se faz representar na Exposição Internacional do Rio de Janeiro

«La Razon», um dos mais importantes jornais de Buenos Aires, dá informações, no ultimo numero chegado a Lisboa, do inicio dos trabalhos para preparar a participação da Republica Argentina na Exposição do Rio de Janeiro.

A dotação inicial para despesas com a secção argentina é de um milhão de pesos, que, reduzidos a moeda portugueza perfazem 4.500 contos. E' de notar que Buenos Aires fica proximo do Rio de Janeiro, sendo por isso muito reduzidos os fretes de transporte de pessoal, amostras e material para a Exposição; apezar dessas e doutras circunstancias, a Argentina compreendeu que as despezas com a Exposição seriam relativamente grandes, não hesitando em destinar ao inicio uma verba de 4.500 contos, muito superior áquela que o Parlamento Portuguez votou e que foi apenas de 2.500 contos, ou quasi exactamente, de 1.500 contos em moeda brazileira. Aconteceu, é claro, o que não podia deixar de acontecer: esses 1.500 contos esgotaram se e o Governo Portuguez, em concordancia com o Parlamento, terá impreterivel a urgente necessidade de reforçar a verba, a fim de que os trabalhos do Comissariado da Exposição proseguissem sem uma solução de continuidade que poderia vir a ser ruinosa.

E' interessante verificar tambem que o Governo argentino impoz a obrigação de que o pavilhão a erigir no Rio de Janeiro fosse desmontavel e pudesse regressar, findo o certamen, ao paiz, a fim de ser utilisado como proprio nacional. Igual criterio seguiu o Comissario Portuguez, sr. Lisboa de Lima, que contratou com as industrias nacionais a construção em gesso dos nossos dois pavilhões. O esforço desenvolvido pelas industrias metalurgicas para satisfação, a tempo e horas, da encomenda foi verdadeiramente notavel e os pavilhões serão a demonstração pratica, no local da Exposição, do progresso e da capacidade produtora da industria metalurgica portugueza. Alguns criticos faceis expozeram a opinião de que o Comissario sr. Lisboa de Lima devia ter aberto concurso publico para adjudicação da construção dos pavilhões. E' uma opinião inocente, aprendida de cór e por ouvir dizer. Realmente não se abriu concurso porque não haveria concorrente, visto que o esforço das fabricas foi apenas suficiente para a construção total dos pavilhões. E, ainda assim, houve hesitações, tão diminuto era o praso para a conclusão da obra!

O que se conclue é que muito dificilmente se consegue realisar em Portugal seja o que for. Surgem dum instante para o outro, as dificuldades opostas por aqueles que, sendo incapazes de produzir, invejam a produção alheia. Parece que este defeito é de nascença...

Insistimos, pois, em recomendar ao Governo e ao Parlamento que não permitam a expansão dos trabalhos da secção portuguesa da Exposição Internacional do Rio de Janeiro, não deixando de amparar a acção proficua dos organismos competentes com os meios materiais indispensaveis e com aquele apoio e solidariedade moraes, sem o que nenhum homem honesto pode caminhar em estrada progressiva da nacionalidade.

A Camara Portuguesa do Comercio e Industria do Rio de Janeiro, telegrafou ao sr. engenheiro Lisboa de Lima comunicando lhe que, pesarosa pela noticia do seu pedido de demissão do cargo de Comissario Geral, apelava para o seu elevado patriotismo a fim de que reconsiderasse sobre tal decisão, estando convencida de que a sua permanencia em tão honroso cargo seria a segura garantia do exito brilhante da nossa representação em tão grandioso certamen.

SPORT

Coisas de sport...

No match de box, que se disputou em Lourenço Marques, entre um inglez da localidade e o portuguez Rosa Brito, a receita foi de 200 libras. Mas o publico protestou e partiu cadeiras no valor de 35 libras.

«Cá e lá más fadas ha...

* * *

Carpentier, vendo que com Dempsey não faz nada, entretem-se a jogar com boxeurs de classe e de peso inferior.

Quer dizer, não acertando num pleno, joga nos pequenos...

* * *

Numa festa no Coliseu o amador Soares lutou com um profissional.

Continua a confusão...

Como querem as nossas Federações serem tomadas a sério?

* * *

Recebi o livro do dr. Salazar Carreira, que «Os Sports» tiveram a amabilidade de me enviar.

E' uma compilação interessante de varios metodos de treno, e conselhos de alguns especialistas estrangeiros.

RUY DA CUNHA.

O sarau do Ginasio Club

Amanhã, critica detalhada do sarau realisado ontem no Coliseu.

NOTICIARIO

TAÇA ATENEU

Desafios para o dia 21

Bom Sucesso - Carcavelinhos em Bemfica ás 11 horas. Juiz Faustino Alcaide Junior (S. C. P.)

Belenenses-Marvilonses nas Larangeiras as 13 horas. Juiz Alfredo Silva (G. S. A.)

Bemfica-Ateneu nas Larangeiras ás 11 horas. Juiz Carlos Canuto (C. F. C.)

Casa Pia-Fosforos em Palhavã ás 11 horas. Juiz Alfredo Pedroso (C. F. B.)

TAÇA LUSITANIA

Desafios para o proximo domingo 21

Bemfica-Cruz Quebrada em Bemfica ás 13 horas. Juiz José Gonçalves (A. C. Z)

Fosforos-Nacional no Lumiar A ás 10 horas. Juiz Indio Nogueira (S. L. B.)

Ateneu-Bom Sucesso no Lumiar A ás 13 horas. Juiz Augusto Marques da Silva (G. D. C. F.)

UM NOTAVEL COMBATE DE LUTA

Constant tentará hoje desforrar-se de Ochôa

Todo o campeonato de luta que se realisou no Coliseu e terminou no domingo não valeu, apezar da sua importancia, o interesse que tem o combate de hoje. E' que Constant Le Marin, campeão do mundo, viu-se vencido em Lisboa por Ochôa, seu rival antigo e duro. Quer desforrar-se e tental-o-ha hoje! Ochôa, a principio, não quiz, mas depois decidiu-se a instancias dos seus compatriotas. O espectaculo de hoje é dedicado á colonia hespanhola.

Enquadrando o sensacional combate ha cinco lutas livres: Saint Mars contra Wilson, Grilo-Secondo, Massetti-Fournier, Stroobants-Roberti e Ghyssens-Leon d'Angers.

A luta terceira tem caracter de desforra, porque Massetti, ha uns cinco dias, venceu Fournier no campeonato.

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações
Londres, cheque.	4 1/4 — 4 1/8
» 90 dias.	4 3/8 — —
Paris, cheque.	1161— 1196
Suissa, cheque.	2419— 2492
Belgica, cheque	1056— 1089
Italia, cheque.	670— 690
Berlim, cheque.	43— 46
Holanda, cheque.	4918— 5068
Madrid, cheque	1948— 2044
New-York, cheque.	12693— 13078
Brazil, cheque.	59— 53
Austria, cheque.	1— 3
Noruega, cheque.	2184— 2250
Suecia, cheque	3248— 3346
Dinamarca, cheque.	2706— 2788

Libras . . . . . 61$500 — 63$500

TAUROMAQUIA

A corrida dos estudantes de medicina

Realisa-se amanhã em Algés, a festa taurina anual que os estudantes da «Faculdade de Medicina organisam a favor do cofre da sua associação. Encarregam-se os estudantes de todos os cargos da lide, em que costumam fazer maravilhas de arte desconhecida, que darão á assistencia uma tarde alegre. Do programa, todo ele feito com imensa graça, faz parte uma quadrilha de toureiras espanholas. Ha varios atrativos, como o «D. Tancredo» e o «homem-milho» etc.

A festa começará ás 5 horas.

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

Os dois pescadores de Lessa da Palmeira

por JULIO CESAR MACHADO

Os seus olhos, comquanto não tivessem já o brilho fantastico, que passa com a mocidade, guardavam ainda luz bastante para que uma vista sua penetrasse a alma e decifrasse sem custo os mais guardados segredos. Tinha o nariz pronunciadamente aquilino e, apesar da idade, conservava todos os dentes alvos e brilhantes. Desenhava-se-lhe pelo rosto uma expressão continuadamente perscrutadora, severa, e, por vezes, de uma ironia, que gelava a alma.

Ana se chamava. Tratavam-na em Lessa pela «senhor'Ana». Estava viuva havia nove anos; desde a morte de seu marido, que era um dos pescadores mais remediados do sitio, ninguem teve que ralhar dela; e comquanto se enfeitassem muitos para a tentarem a segundas nupcias, nenhum conseguiu obter dela o mais leve olhar de promessa.

Tinha dois filhos. A um dêles, na intenção de o fazer seguir estudos, chegou a mandá-lo a um colegio do Porto: um dia, porém, foram tambem precisos á casa aqueles dois braços e o pequeno, trocando a aula pelo mar, fez-se barqueiro aos doze anos.

Todo o periodo da sua mocidade foi triste como a noite. Ele nem sequer andava na catraia de seu irmão, e teve de sujeitar-se, por alcançar mais lucros, a fazer parte da companha de outro barco da costa. Quando alguma vez, por estar muito rijo o vento e o mar em vagalhões, não podiam sair á pesca, o pobre rapaz passava a tarde na praia, ajudando a concertar as redes e deixando insensivelmente correr-lhe o pranto pelas faces.

— Que diabo tens tu, rapaz, preguntavam-lhe os companheiros.

— Tristezas a que sou dado! respondia êle, sorrindo e disfarçando. Isto é do sitio!

Os barqueiros espalhavam a vista em redor e pareciam dar-lhe razão. A natureza ali é tudo; natureza agreste, ainda que cheia de encantos em todo o seu tom de melancolia, de saudade e de fé. Rio, arvores e mar! Está-se bem ali, mas sente-se a necessidade de chorar! A' medida que se alarga a vista por aquele horizonte da côr da esperança, porque não sente esperança a nossa alma? Mil ideias fatais nos lembram! Chega a parecer-nos felicidade o morrer moço, e diz a gente a si proprio, olhando para o farol e para as ondas: — Quantos irão no comboio da tarde, levando pena de não haverem ido no da manhã?!...

Todos do sitio estimavam Roberto. O patrão da catraia, que tinha uma filhinha linda como os amores, havia dito um dia á mãe do mancebo:

— Esta ha de ser para o seu Roberto!

A mãe sorriu-se; o rapaz fez-se córado.

— E então eu fico ao sinal? preguntou Raimão, rindo.

— Tens razão, meu rapaz. Esquecia-me de ti! Pois digo-te que ha de tudo ser regulado por outra bitola. Ela é que ha de escolher a seu tempo aquele de vocês que lhe quadrar mais ao geito.

A criança pendurou-se a um braço de Roberto e exclamou num tom caloroso:

— Este!...

Foi puramente uma galanteria. Ficou por muito tempo na memoria do povo esta graça infantil. ria do povo esta graça infantil. Um dia, porém, houve quem visse Roberto ir ajoelhar-se diante da capela do Senhor dos Aflitos: êle tinha treze anos então: a prece que dirigiu a Deus foi a prometer um palacio edificado no logar da sua cabana, se tivesse vida e fortuna para voltar rico. Criança ajoelhou e ergueu-se homem; — estava marinheiro. Já nessa noite não apareceu em casa, e quando na manhã seguinte se espalhou a noticia de que êle partira a bordo de um brigue para o Brasil, a mãe recordou-se aterrada de que o pequeno lhe humedecera a mão de lagrimas, a ultima vez que lha beijou!

Catorze anos se passaram desde êste acontecimento: na ocasião em que principia o meu conto voltara Roberto do Brasil e correra a abraçar sua mãe e seu irmão áquela humilde choupana de Lessa da Palmeira, que o tinha visto nascer!...

III

Entre os dois irmãos o contraste era completo. Roberto era um mocetão alto, magro, levemente palido, de olhos negros e melancolicos, expressão serena e elegante. Raimão parecia ter quarenta anos, não tendo mais que trinta e dois: era baixo, grosso, córado, olhos claros, expressão alegre e um caracter franco, prazenteiro e rude. Tinha as boas qualidades do primeiro, probidade, sisudez, bom coração e boa indole, mas faltava-lhe a sua principal qualidade, o seu principal defeito talvez, — a ambição —; por isso, emquanto Roberto lutou com as dificuldades da vida material, atravessando a miseria para chegar á fortuna, Raimão proseguiu na sua condição obscura, passando os melhores dias da sua mocidade numa catraia sobre as ondas!

Raimão estava casado. O patrão do barco havia morrido e êle desposara a filha que ficara orfã — aquela criança que se pendurara ao braço de Roberto, no escolhê-lo por noivo. Isabel — era o seu nome — tinha a êste tempo vinte e três anos.

Toda a gente de Lessa se recordava de vêr um velho de barba grisalha e longos cabelos brancos que lhe davam um ar de patriarca e que levava sobre a fronte, sem ela se lhe curvar por isso, as neves de oitenta invernos. Alguma coisa de altivo e digno, uns restos de antigo ar maritimo, atitude de de antigo ar maritimo, atitude de coragem, que não se perde nunca, revelavam que êsse velho era um pescador tornado mendigo, que ganhava amargamente aquele triste pão de cada dia, que se pede cada noite ao ceu. Ao seu lado, como uma Antigona rustica, ia sempre uma rapariga, sua filha, cujo ombro se oferecia á mão do octogenario, apesar dêle afectar que andava direito e leve. O seu fato, quasi tão velho como êle, tinha o aceio da miseria altiva; nem uma nodoa, nem um buraco. A rapariga dava uma graça severa ao seu traje, mais que simples, que parecia um molho de farrapos noutra que não fosse ela. A sua tez palida, a sua fraqueza que dissimulava uma vontade energica, o seu ar de reserva, quasi soberbo, de tanta frieza era, indicava uma dôr profunda que se aceitou, um segredo penoso calado para sempre!...

Esse velho, outr'ora patrão num barco de pesca, perdera o barco no mar; quando Deus o chamou para si, a raparigita que o acompanhava a pedir esmola, ficou orfã. Raimão viu-a uma manhã ao sol e achou-a tão formosa que a quiz para noiva. Era Isabel.

Durante a ausencia de Roberto, a vida daquela familia era tranquilissima. De manhã fazia-se o trabalho da casa; e de tarde, um pouco antes do pôr do sol, iam a senhor'Ana e sua nora passear pela praia até avistar a catraia, quando Raimão andava no mar; ou, se partia êle de noite, ficavam as duas a fazer serão.

Voltou Roberto emfim e quebrou-se naquela cabana o socego habitual, para que o filho ha tanto tempo arredado de sua familia fosse recebido sob o tecto paterno com um aparato ruidoso, que equivalia em Lessa da Palmeira ao festim de Salomão á rainha de Sabá, ou ao do rei Assuero á judia Esther. Roberto chegou a Lessa no começo de uma linda noite de Junho, e no dia seguinte foram convidados todos os pescadores do sitio para um jantar na praia. Eram para cima de trinta homens do mar, com as suas familias, todos sentados na areia, em roda das caldeiras da cozinhada de peixe miudo.

— Eis-me entre vós, dizia Roberto; eis-me entre vós como outr'ora, irmãos! A fortuna não me tornou altivo e a maior alegria da minha existencia é tornar a vêr a minha terra e poder dizer: — A minha familia está aqui! E' minha mãe! é meu irmão! os pescadores de Lessa! Eis a minha familia, irmãos!

— Esqueceu-te falar de mais alguem que te é parente! exclamou Raimão, indicando Isabel.

— Oh! Perdoa-me, Raimão! A mulher do nosso irmão é nossa irmã, e depois de minha mãe sois vós dois a quem eu estimo mais no mundo. Como é a sua graça, mana?

— Isabel! respondeu a rapariga, fazendo-se córada.

— Nome de santa! replicou Roberto em tom de cumprimento.

— E' dos sitios?

— E mais que é, disseram os pescadores.

— Bem pequena a viste! redarguiu Raimão.

— E' o que fizeste em ir para o Brasil! exclamou a senhor'Ana rindo e beijando Roberto. Perdeste a Isabel!

— Agora perdeu! disseram os pescadores.

— E' que vocês não sabem a historia! O caso passou-se assim: Haverá hoje quinze anos, o pai desta rapariga disse-me por esta maneira: «Senhor'Ana, esta minha filha ha de ser para um dos seus rapazes!» Isabel, que teria nesse tempo seis anos, agarrou a mão de Roberto e gritou: — Ha de ser êste!

— Ai que graça!

— Mas depois, com o tempo, — acrescentou Raimão, rindo — tive artes para fazer mudar de vento, e preguei com ela bem mastreada, na capela-mór do Senhor de Matosinhos, onde o padre me deu para a mão o leme, navegando até hoje com maré a favor!...

E' uma coisa imprudente avivar lembranças do passado. Se o passado é o nada, para que evocar fantasmas? O coração deixa-se levar ás vezes de visões, e eu não sei que haja predilecções mais perigosas do que as que uma sombra inspira... Os olhos de Roberto procuraram os de Isabel, e, ao encontrarem-se, pareceram fugir-se.

(Continua)

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

N.º 4081 — 12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5 | LISBOA — Quinta-feira, 18 de Maio de 1922 | Telefone n. 2293 — Endereço tel. CAPITAL | Oficina de Impressão — Rua da Bica, 71 | Preço 10 centavos

O Governo e os aviadores

Não sabemos se os leitores terão reparado que, quando lhe é anunciado o projecto da compra de um avião para futuras e longinquas viagens, o comandante Sacadura começando por se confessar extremamente grato, não deixa de acrescentar imediatamente: «contanto que seja eu quem adquira o aparelho».

Tem razão o comandante Sacadura. Se está provada á saciedade a sua pericia e a de Gago Coutinho, assim como tambem a precisão scientifica dos seus planos e da sua marcha, não menos está provado á saciedade que não tem tido aparelhos convenientes para a audaciosa tentativa em que se empenharam. O proprio *Lusitania* não era uma garantia suficiente para o exito do seu vôo, e o *Fairey 16* muito menos, como se reconheceu pelo mau funcionamento do seu motor.

O comandante Sacadura Cabral, e da mesma forma Gago Coutinho, podem arriscar a sua vida. Mas o que é preciso não é simplesmente mostrar bravura; o que é preciso é provar que se encontrou maneira de percorrer o ar como se percorre a terra num comboio ou o mar num navio. E, para isso, o aparelho tem de ser perfeito.

Não ha duvida que o *raid* aereo Lisboa-Rio, intentado pelos dois aviadores com modestia e simplicidade, se converteu, aos olhos do nosso povo e até do estrangeiro, num verdadeiro acontecimento nacional. Como todos os acontecimentos nacionais, tem feito vibrar todo o organismo patrio. Não admira, por isso, que de toda a parte, quer se trate da metropole, quer da colonia portuguesa no Brasil, sempre devotada ás glorias do paiz, surjam projectos de oferecer aviões aos dois herois, a fim de que êles possam continuar maravilhando o mundo.

Nota-se, porem, dispersão em todas estas iniciativas, em todos êstes projectos, e essa dispersão pode dar em resultado que fracassem as melhores intenções dos patriotas.

Porque não ha de o Governo dar coesão a êste movimento? Porque não ha de pôr-se á frente de um designio de caracteristicas verdadeiramente nacionais? A verdade é que o Governo não tem correspondido ao grande momento que passa. Nota-se a sua indecisão, a sua fraqueza. Todo o paiz exulta uma comoção profunda e manifesta-a com calor, com entusiasmo. O Governo gagueja, embrulha-se, parece andar á mercê dos acontecimentos. E' preciso que interprete os sentimentos da Patria; é preciso que contribua de muitas e variadas formas para a obra patriotica em que os aviadores se enobrecem. E um dos actos que o publico espera do Governo é que êle centralise todos os concursos que a sociedade portuguesa deseja prestar aos homens que tanto a dignificam, abrilhantando o nome da Patria.

Não se compreende que haja subscrições dispersas para a aquisição de aviões. Todos os donativos alcançados devem ser recolhidos no mesmo cofre, e, conforme a sua importancia, assim se comprarão os aviões. Subscrições parciais que se não somem umas ás outras não dão resultado. O que é preciso é que se saiba com quanto se pode contar. Conhecida a totalidade dos dinheiros, então se verá o que se pode comprar.

Mas sempre com a condição de que sejam os aviadores que escolham os tipos dos aparelhos e os estudem. Repetimos: é a segurança das suas vidas que são preciosas e a garantia dos seus empreendimentos, que são o nosso maior orgulho no tempo presente.

Ninguem melhor do que êles escolherá o que lhes convém, que o mesmo é dizer o que convém á aviação nacional. Senão, corre-se o risco de ir gastar, com aparelhos de qualquer forma deficientes, o dinheiro com que é preciso adquirir um ou mais aparelhos destinados a fim especiais. Compreendeu-o o Governo? Nada mais deve ser necessario para assumir a atitude que a Nação dêle espera, atitude activa, zelosa, decidida, de quem sabe o que quere, e não continue a dar-nos a impressão de uma apatia realmente desagradavel. Estar no Poder, não é só fazer figura: é sobretudo fazer alguma coisa de util para o paiz e para a humanidade.

LISBOA - CINEMA

Como se faz um film

EM PLENA CIDADE — O PUBLICO E A VELHA IMPERTINENTE — AS CAVERNAS DOS BANDIDOS

Quem ha de nós que ao assistir num Cinema ao correr veloz dum film não terá perguntado a si proprio num mixto de curiosidade e de admiração:

—Como diabo se faz uma coisa destas?

Pois, meus amigos, o autor destas linhas a correr neste «écran» efemero que é o jornalismo vai revelar a v. ex.as alguns apontamentos colhidos em flagrante durante o tempo fugitivo em que nós assistimos á sua preparação. Os nossos leitores imaginaram alguma vez que em plena Lisboa, no coração da cidade, aqui a dois passos de nós, entre a Rua Barata Salgueiro e a Rua Rosa Araujo, pudesse existir, escondida num barracão desmanchavel, um verdadeiro «atelier» de filmagem? Pois nem eu. E afinal nada mais exacto. Quando ha pouco por uma manhã linda de sol subimos a Avenida, cortámos a uma das travessas e minutos depois batiamos a um portão verde, de ferro, fechando um trato de terreno desabitado, confessamos que uma lufada de admiração nos sacudiu. Entrámos. Acolhe-nos a figura risonha, amabilissima de Ruy da Cunha, uma especie de «Globe-trotteur» da vida, uma especie de homem de sete instrumentos fazendo, com a mesma facilidade, um numero de forças e um argumento de film. Conversamos uns momentos. Alguns actores e actrizes. Amelia Perry loira, dum loiro fabuloso, inverosimil, um sinal na face, um sinal com que hoje todas as mulheres se assinalam... Mais gente. Fernando Machado, curioso espirito de jornalista trazido para o cinema, por uma invencivel curiosidade... Ernesto de Albuquerque, «metteur-en-scène», um rapaz de valor, dos primeiros entre a complicadissima arte do cinema.

Uma scena, uma das scenas do «Suicida da boca do Inferno». A ação — a ação no cinema como afinal no teatro é tudo—passa-se numa sala-escritorio armada á pressa, com cuidado e sobretudo com gosto no barracão improvisado. Moveis de pau preto, Secretaria. Um contador. Jarras com flores. Estão dois actores no palco. Ensaia-se a correr, em duas pinceladas, a scena.

E' uma coisa rapida, vai reproduzir-se na fita. Apresta-se a maquina; o operador olha, observa, manda repetir a scena. Mais uma observação. Mais um comentario. A maquina começa a tocar. A scena decorre durante alguns instantes. Está feita uma scena, uma das mil e uma scenas da fita. Vai desmanchar-se o scenario: substitui-lo por outro. O primeiro não torna a servir. Nunca mais torna a servir. O cinema é o instante. E' o momento. Depois...

Rey da Cunha diz-nos agora:

—Está em presença duma empreza de cinema onde tudo é portugues... o capital, o trabalho, o «Meteur-en-scene»... Caso raro, não é verdade?

—E' verdade.

—E deixe-me dizer que a industria do cinema, a terceira industria do mundo—primeiro o trigo, depois o carvão, por fim o cinema—começa a desenvolver-se em Portugal. Sabe quantos animatografos existem no paiz?

—Não.

—135. E' um numero consideravel. Não imagina como o publico portuguez se interessa pelo animatografo. Não digo já frequentando-o mas até auxiliando a confecção dos «films». Ainda ha pouco, aqui perto, em plena rua realisamos uma scena. Pois foi o povo que fez o serviço de policia...

Fernando de Carvalho intervem neste momento, num sorriso:

—De centenas de pessoas que assistiram á filmagem apenas uma velha, com um cesto na mão, teimou em atravessar a rua... Não houve demovê-la...

—As velhas já não querem saber de fitas—comentou Ruy.

—Diga-nos: acha os nossos actores com vocação para o cinema?

—Bastante. E' claro que existem alguns que para o conseguir se veem obrigados a lutar consigo proprios... Mas emfim lá vão...

Percorremos agora todo o recinto. Tem o ar dum grande patio deshabitado, em ruinas...

Diz-nos Ruy:

—Foi aqui nestas ruinas que nós fizemos as cavernas daqueles bandidos do «Rei da Força»... Quem tal diria? em plena Lisboa? Em plena rua Rosa Araujo, junto á Sociedade Nacional de Belas Artes... Este terreno pertence á S. N. B. A. Estamos ameaçados de sair daqui... Emfim...

Entendem que uma companhia de cinema não faz bem á arte... E' uma opinião.

—Depois deste que films vão executar?

—Veremos... o que lhe dou é a novidade de que Alves da Cunha e Berta de Bivar vão interpretar um novo film... Um film de arte...

Vai iniciar-se a filmagem doutra scena.

A «mise-en-scene» mudou. A maquina toma uma nova posição. O operador compõe as figuras. De repente detem-se num gesto:

—Assim, assim está bem... E a maquina começa a palpitar, a crepitar. Os actores falam em voz baixa procurando ampliar, justificar com a voz a fisionomia expressiva dos gestos.

São duas horas da tarde. O sol esta quentissimo. Arde. Vamos deixar o «atelier» onde a luz é uma grande actriz, a maior de todas...

Todos aqueles que já foram ao cinema e que ainda não viram, como nós, fazer um film não advinham, porque não podem advinhar a força de paciencia, de trabalho, de metodo que existe num minuto de fita. A' saida perguntamos ainda a Ruy da Cunha:

—Então vai dedicar-se definitivamente ao cinema?

—Não, não... Ainda outro dia fiz jogos de força no Coliseu... De vez em quando... Sabe porquê?

—Para demonstrar que não estou velho ainda e de que sou capaz de realisar na vida, tudo quanto realiso nas fitas...

Os interesses de Zambezia

O Grémio de Proprietarios e Agricultores da Zambézia reclamou do Parlamento a promulgação de uma lei, alterando as disposições da Carta Organica da provincia de Moçambique, estatuindo:

1.º Que o distrito de Quelimane seja representado no Conselho Legislativo por quatro delegados, a saber:

a) Um representante da Associação Comercial;

b) Um representante do Gremio de Proprietarios e Agricultores da Zambezia;

c) Um representante da Comissão do Melhoramentos;

d) Um representante dos interesses gerais do distrito.

2.º Que o distrito de Tete seja representado no mesmo Conselho por dois delegados, a saber:

a) Um representante da Associação Comercial;

b) Um representante dos interesses gerais do distrito.

3.º Que sejam elegiveis para os cargos de membros não oficiais do Conselho Legislativo os funcionarios do Estado e dos corpos e corporações administrativas, reformados, aposentados ou na situação de licença ilimitada

Um regulo submetido

O Alto Comissario de Moçambique comunicou ao sr. ministro das Colonias, que o regulo Macumbe de Barué, que em 1917 se tinha revoltado, que tinha regressado do ponto onde se tinha refugiado, apresentando-se com a familia, protestando fidelidade e reconhecimento do Governo portuguez e afirmando que todos os refugiados breve se apresentariam.

O caso do vapor "Emilia,,

No ministerio da Marinha recebeu-se um telegrama do capitão do vapor «Emilia» comunicando que o referido vapor se tinha perdido no Cabo Bojador em 19 de abril ultimo, devido á neblina e á grande corrente de agua, e que a tripulação ficou toda em poder dos mouros até 13 de maio, data em que foram entregues ao governador do posto militar do Paiz do Ouro, sob condições e que seguem para Las Palmas.

Pela Espanha!

O artigo que hontem publicamos com este titulo é devido á pena do nosso brilhante colaborador «O homem que passa» sendo unicamente por lapso que não foi assinado como habitualmente costuma fazer.

A lei 1244 filosofada e comentada

Um «atingido pela lei» manifesta uma pressa que a seu tempo será satisfeita

Recebemos a seguinte carta:

Sr. redactor.—Tenho seguido com grande interesse os casos diariamente publicados por v. acerca da lei 1244 que pretende depurar o Exercito. E' um bonito ról que de dia para dia se torna celebre e que pelo visto apresenta caracter de autenticidade incontestavel. Mas quer-me parecer, sr. redactor, que remexendo unicamente os casos da decantada monarquia do Norte, a «Capital» apenas faz ouvir um som, muito interessante, sem duvida mas que seria realçado com acompanhamento de orquestra.

Ora essa orquestra, sr. redactor, pode encontrar-se vasculhando alguns casos, muitos casos que se deram no rol, nomeadamente no periodo que vae desde a morte do presidente Sidonio Pais até á aventura de Monsanto, deram-se extraordinarios casos cuja publicidade não ficaria mal junto dos seus habituais sobre o norte? Porque motivo os não divulga v.?

Varios cavalheiros que habitualmente encontramos por ahi, em todos os cantos da Baixa dariam assento a notaveis referencias, talvez muito mais pitorescas e sobretudo mais sugestivas do que os de muitos do norte. Posso garantir-lhe que com facilidade obteria elementos para uma boa centena de tipicos e extravagantes casos. Detalhes que revelam parcialidade de compadrice, espionagem, velhacaria e pouca vergonha, afirmo-lhe que são tão abundantes no sul como no norte. A sua campanha, profusamente demonstrada ficaria completa com este côro complementar. Tenteá. De v. etc.—«Um atingido pela lei».

Não tenha muita pressa o «atingido pela lei». Não queremos expor nem divulgar factos de que não tenhamos inteira e plena autenticidade. Todos os dias se encontram sobre a nossa mesa elementos muito curiosos a que só damos a lume depois de verificar a sua verdade. E' um trabalho lento e trabalhoso mas temos a vaidade de poder afirmar que não receamos desmentidos. Os casos do sul virão a seu tempo, e quando tivermos feito a verificação dos que já temos em nosso poder, pode o «atingido pela lei» ficar descançado que hão de vir á letra redonda.

E continuamos.

Tenente do Q. R., José Maria da Silva. Este oficial, estando já na reserva, serviu voluntariamente a causa monarquica, como ajudante do 3.º batalhão do regimento de infantaria n.º 8. Cumpriu ordens, como tantos outros, e deu ordens aos seus subordinados, que, por as cumprirem, foram punidos. O que era natural que a êste oficial sucedesse, em face dos atestados de *bom republicano*? Ficar gozando num *dulce far niente* o seu «bem atestado» republicanismo... E' ou não é um dos nossos...

Coronel medico, Manuel Ferreira Lopes Barrigas. Este oficial, chefe dos Serviços de Saude da 6.ª divisão, quando proclamada a monarquia, aderiu e continuou prestando os seus bons serviços. Reimplantada a Republica, sem por sombras ser incomodado, continuou em pleno socego prestando os então lealissimos serviços. Outros, que muito menos fizeram, e como não tinham «lampada acesa em Méca», as comissões do «afasta» divisionarias, os precipitaram na rede ministerial. Colhido o peixe na rede e enviado ás cabazadas para a repartição do «Santo Oficio» do Ministerio da Guerra, ahi se fazia a escolha daqueles que deveriam ser devorados em holocausto, daqueles outros, que, embrulhados em tantos atestados, provavam que, jámais em tempo algum, deixaram de ser... «historicos»...

João Ulrich

A bordo do «Africa» partiu hoje para S. Tomé e Angola o governador do Banco Nacional Ultramarino, sr. João Ulrich que se dirige á Africa Ocidental Portugueza em viagem de estudo.

O sr. João Ulrich conferenciará com o Alto Comissario, general Norton de Matos sobre questões que interessam a provincia de Angola devendo tratar-se da circulação fiduciaria naquela possessão e bem assim dum emprestimo para ocorrer ás despesas indispensaveis.

A exposição internacional do Rio e a intriga nacional de politiquismo

Uma campanha surda de descredito que pretende lançar-se sobre o Comissario da Exposição do Rio de Janeiro traz á superficie — — — o notavel sr. Crisostomo — — —

Temos assistido ha algum tempo com provas inequivocas de paciencia e de moderação a uma campanha surda e insubsistente que pretende envolver a imprensa, toda a imprensa numa rêde aleivosa de considerandos que não a atingem, certo é, mas que tem a pretenção de ser ferroadas dadas malevolamente a uma classe que trabalha e que produz como pode e como sabe, com inteira isenção.

Por varias vezes no Senado o senador Joaquim Crisostomo tem pedido a palavra para se espraiar em considerações de nenhuma utilidade e de menos gramatica e que todas tem por fim, oculto ou claro, procurar ferir a imprensa e envolver o Comissariado da Exposição do Rio de Janeiro numa atmosfera de suspeição tão mesquinha e tão pequenina que não vale em verdade duas linhas de reflexão. Mas o sr. Crisostomo, de tão prodigioso e incansavel fluxo labial, demonstra tão claramente o seu espirito atrabiliario e truculento servindo-se de formulas de tanta maneira infantis quanto perniciosas, — que julgamos não dever por mais tempo tolerar esse tal estado de coisas.

O sr. Chrisostomo pede de quando em quando a palavra para dizer, valha a verdade, coisas absolutamente nulas. As suas observações sem consistencia referem-se á pouca seriedade, do Comissariado e ao papel da Imprensa na questão da exposição. Como este senador se limita a generalidades tão vagas e nebulosas quanto descabidas de fundamento, não merecem as suas observações a menor referencia. Mas como «un sôt trouve toujours un plus sôt qui l'admire», poderá alguem supor que este senhor pensará atacar com documentação abalisada, uma cousa de que está provado não fazer a mais ligeira ideia.

Pela forma vaga e imprecisa com que o sr. Joaquim Chrisostomo se refere ás agencias de publicidade, á imprensa e ao Comissariado, resalta á evidencia que este sr. apesar de muito politico e muito senador, não faz a mais ligeira ideia de como estas cousas se passam na realidade. Vamos nós dizer-lhas.

O Comissariado da Exposição do Rio de Janeiro, necessitado de uma larga publicidade em todos os jornais do paiz, não podia, nem devia mandar alguem pelas redações a solicitar de chapeu na mão a inserção deste ou daquele anuncio. Seria uma tarefa que nunca mais terminaria. Fez, por consequencia, o que se faz em toda a parte do mundo, e o que fazem todos os grandes organismos que reclamam a atenção do publico; encarrega uma agencia propria de tratar da publicidade dos seus interesses. Se o sr. Crisostomo tivesse a curiosidade de verificar o que se passa nas grandes emprezas mundiais, qualquer que seja o seu objectivo, concluiria que todas essas emprezas não se dirigem aos jornais directamente mas sim encarregam uma agencia de publicidade de velar pelos seus interesses. Assim fazem a «Agencia Cook», a «Propaganda Suissa», a «Italia turista» e outras de que certamente este notavel senador ha-de ter ouvido falar.

O Comissariado, procedendo de maneira identica, compreendeu devidamente a moderna orientação da «reclame» e da publicidade, fazendo alem disso uma notavel operação financeira. Se se dirigisse directamente ao jornais teria, quando muito um desconto de trinta por cento nos preços habituais de publicações pagas isto é, teria já neste momento desembolsado «seis vezes mais» com a publicidade feita até agora do que na realidade tem gasto. Logo, dirigindo-se a uma agencia especialista, procedeu como ninguem de bom senso o poderá negar, com acerto, com bom criterio e com espirito de metodica economia. Eis aqui o primeiro ponto que o sr. Crisostomo com certeza ignorava.

Um outro segundo ponto resta a esclarecer. Necessita o Comissariado para a sua publicidade de cousa parecida com um milhar de colunas de jornal, dividido pela imprensa de Lisboa e Porto. Evidente essa publicidade custa uma notavel porção de contos de réis. E essa porção de contos de contos de réis não é, como o sr. Chrisostomo pode deixar supor, «uma soma arrancada ao Estado e que o Estado dá». Não! E' simplesmente uma soma que o Estado adianta com a garantia de duas entidades financeiras que o sr. Chrisostomo com certeza não desconhece e que alem disso é coberta como producto dos anuncios do catálogo da Exposição, producto que o comissariado «cobra e arrecada» para com ele fazer face á despeza. Se o sr. Chrisostomo ignora estas cousas, fazemos obra de misericordia revelando-lhas. Se as não desconhece, o que é mais provavel, as suas observações inconsistentes no Senado revelam uma provada má fé que nos não incomodaria se não pretendesse envolver toda uma classe a que nos honramos de pertencer.

Nós, pelo nosso lado, no nosso labor diario, não pensamos no sr. Chrisostomo mais do que o indispensavel e por isso não somos habituais em divulgar que o sr. Chrisostomo ousou levantar suspeições de toda a especie sobre firmas comerciais e industriais de incontestavel influencia, esquecendo provavelmente que esses firmas tinham a posto carimbos e assinaturas que se pagam com chéques. E tambem nunca nos referimos ao correntissimo boato que afirma s. ex.a remecher nesta questão, por puros interesses materiais. Não, nós não admitimos estas versões e apenas as citamos para as repelir com horror. E neste nosso proceder revela-se uma forma inteiramente diferente da do sr. Chrisostomo que faz impender sobre a Imprensa, sobre as casas bancarias e sobre as grandes firmas comerciais e industriais acusações injuriosas e incompletas que não pode nem completar nem concretisar por que lhe faltam em absoluto os elementos para isso.

Certo deputado independente, não nas cadeiras da Camara, mas nos corredores dela, parece seguir a esteira e as opiniões do sr. Crisostomo. Para ele poderiamos reeditar as mesmas considerações que endereçamos ao sr. Crisostomo. Porque bom é que estes senhores partam do principio de que nós não defendemos outros interesses que não sejam os nossos, de jornalistas, e que para os defender, seguindo um caminho de lealdade e de argumentação cerrada, orientaremos a questão sem nos servirmos dos surdos expedientes de D. Basilio que muito possivelmente são habituais a certos senadores e a certos independentes, do nosso conhecimento, mas que nos repugnam a nós.

O ministerio e o directorio do P. R. P. reuniram-se na Secretaria do Interior — A nota oficiosa e os comentarios que -:- ela sugere -:-

No Ministerio do Interior reuniram-se hoje, em conferencia, o Governo e o Directorio do P. R. P. A sessão foi bastante prolongada, sendo fornecida á imprensa a seguinte nota oficiosa:

«Reuniu-se hoje o conselho de ministros, na Secretaria do Interior, durando a sessão cêrca de 3 horas. A convite do Governo, compareceu o Directorio do Partido Republicano Português, tendo-se trocado impressões sobre a marcha dos negocios publicos e, em especial, sobre o andamento dos trabalhos parlamentares.»

A marcha dos trabalhos parlamentares deve realmente preocupar o Governo.

O sr. presidente do Ministerio não prescinde da aprovação dos orçamentos e propostas de Finanças até 30 de Junho. Entretanto, só com esforço enorme dos democraticos o poderá conseguir, mesmo que as oposições republicanas sancionem, pela inercia, as discussões por contas votas e as votações sem numero legal.

A situação ainda será peor se o bloco parlamentar das oposições chegar a constituir-se e resolver intensificar a fiscalização parlamentar aos actos do Governo.

Nestas condições, é natural que o sr. Antonio Maria da Silva quizesse expôr a situação politica, com clareza, ao Directorio do seu Partido, a fim de que se esclareçam certas posições duvidosas, já exteriorizadas no Parlamento por alguns membros das duas Camaras filiados no P. R. P.

A fusão dos partidos de oposição republicana

Confirma-se uma informação de "A Capital,, desmentida por outros jornais

Em 4 do mez corrente publicamos a informação de que podia considerar-se virtualmente resolvida a fusão de lealistas reconstituintes e liberais, para a constituição dum bloco de oposição republicana. Acrescentamos que seria natural vir a formar-se, com esses e outros elementos, um novo partido, superiormente regido por um directorio. Estas versões foram apressadamente desmentidas por outros jornais.

Os factos confirmam as noticias de «A Capital». Efectivamente, os lealistas ingressaram no partido liberal, com o seu chefe á frente; e a seguinte nota oficiosa não deixa duvidas acerca das intenções dos reconstituintes:

«Reuniu ontem á noite o grupo parlamentar do Partido Reconstituinte, a quem o Directorio expoz as conversações havidas com o Directorio do Partido Liberal e a delegação dos poderes que conferira aos srs. drs. Antonio Fonseca e Vasco Marques para, com os delegados do P. R. L., estudarem o problema da formação de uma grande força politica, orientada nos superiores interesses da Patria e da Republica.

O grupo, reconhecendo embora que o Partido Reconstituinte — por si só, uma força politica que á Republica tem dado o melhor do seu esforço e pode continuar a prestar os serviços que ela lhe exija, deliberou aceitar em principio a ideia de um entendimento politico, aguardando os trabalhos dos seus delegados para resolver definitivamente, ouvidos os diferentes organismos partidarios.

Trata-se, como se vê, da «formação duma grande força politica», já virtualmente resolvida em virtude de «conversações havidas entre o Directorio do Partido Liberal e a Delegação do Partido de Reconstituição Nacional».

Opomos o mais formal desmentido á noticia, que outros jornais fizeram circular, da reentrada dos reconstituintes no Partido Republicano Portuguez.

Chegados a este ponto, continuaremos a investigar, por forma a não permitir, impunemente, gratuitos e infundados desmentidos.

ALICE REY COLAÇO

Realisou-se hoje a abertura da exposição promovida por esta interessante artista, inaugurando-se ás 3 horas da tarde na casa Araujo e Bastos, na rua da Palma 132.

Os meritos de Alice Rey Colaço são de sobejo conhecidos para que possamos vaticinar á encantadora artista um seguro exito na sua exposição.

O aumento dos soldos aos oficiais

Consta que algumas unidades do Exercito, e entre elas o Grupo de Artilharia a Cavalo de Queluz, não se fazem representar em qualquer reunião que, porventura, se realize para pedir ao Governo aumento de soldo, a não ser que isso seja determinado pelo Ministerio da Guerra.

A fortuna da America

As fabulosas somas dos bancos americanos

NEW-YORK 18 — As existencias de ouro nos Bancos Americanos chegaram pela primeira vez a ultrapassar trez mil milhões de dollars, o que mostra um aumento de 131 milhões de dollars desde o principio do ano e de 612 milhões em doze mezes. A circulação de notas diminuiu 3.300.000 dollars ultimamente.—(R).

Trocada em moeda portuguesa com o valor actual os tres mil milhões de dollars representam em papel nacional 39 milhões de contos de reis, isto é perto de cincoenta vezes a soma total da circulação fiduciaria do paiz.

Comissariado Geral do Governo na Exposição do Rio de Janeiro

Entrega das obras de arte e eleição do juri para a apreciação das mesmas

O envio dos boletins de inscrição

Do Comissariado Geral da Exposição do Rio de Janeiro pedem-nos a publicação do seguinte:

As obras de arte sujeitas á apreciação do juri de admissão devem dar entrada nas Sociedades de Belas Artes de Lisboa e Porto até ao dia 25 do corrente.

A eleição do juri a que se refere o paragrafo 1.º do artigo 3.º, do regulamento geral (secção de arte), realiza-se nas Sociedades de Belas Artes de Lisboa e Porto no proximo dia 18, pelas 21 horas.

Tendo o Comissariado Geral da Exposição recebido uns questionarios emanados da Comissão Brasileira, organizadora do certamen do Rio de Janeiro, questionarios que têm de ser preenchidos com uns elementos que lhe são fornecidos pelos boletins de inscrição, roga-se a todos os interessados que enviem com a maior brevidade possivel aqueles boletins.

A Comissão Brasileira pretende, com os questionarios a que acima nos referimos, organizar o catalogo geral da Exposição (não confundir com o catalogo oficial da secção portuguesa que o Comissariado está confeccionando), e por ele se depreende que ha a maxima vantagem em que enviem com a maior rapidez os seus boletins, pois, contrario, não serão mencionados no questionario e implicitamente no catalogo geral.

Devemos ainda acentuar que os mesmos boletins são tambem, indispensaveis para o estudo prévio da distribuição dos mostruarios, a fazer por êste Comissariado, como por vezes se tem tornado publico.

A America alheada dos negocios da Europa

Os Estados-Unidos não querem comparticipar na obra dos estadistas europeus

NEW YORK, 18.—Os meios de Wall Street aprovam a recusa do governo em participar na conferencia de Haia.—(R.)

WASHINGTON, 18.—Consta que o governo dos Estados Unidos não está disposto a tomar parte na comissão de inquerito ás atrocidades cometidas pelos turcos na Asia Menor.—(R.)

Ecos & Noticias

FALECIMENTOS

Para o cemiterio oriental, efectua-se hoje, pelas 13 horas, o funeral da menina Mariana Odete Rio Correia, sobrinha do comissario da 3.ª divisão da policia, sr. tenente Pio, sendo o funeral bastante concorrido.

Aniversario de Afonso XIII

Comemorando o aniversario natalicio do rei de Espanha, efectua-se no proximo domingo, pelas 21 horas, no Teatro Espanhol, uma festa dedicada ao sr. Ministro de Espanha e esposa. Será representada a comedia «Hostilidades» na qual entrarão as sr.as D. Maria V. Anton, Candida Marques, Rosaria Fernandez, e os srs. Luiz E. Gonzalez, Teodoro Medina, Godoi, José Fernandes, Vicente, Luiz Carrasco, Teodoro Medina Pires Francisco Barcelo Penas.

Seguir-se-ha um grandioso baile, que se prolongará pela madrugada, devendo ser abrilhantado por um sexteto.

Agua da Certã

A agua minero-medicinal da Foz da Certã apresenta uma composição chimica que a distingue de todas as outras até hoje usadas na terapeutica.

E' empregada com segura vantagem nas Diastases—Dyspepsia—Catarros gastricos putrido ou parasitarios; — nas preversões digestivas derivadas das doenças infecciosas; — na convalescença das febres graves; — nas atonias gastricas dos diabeticos, tuberculosos, neurasthenicos, etc.; — no gastricismo dos esgotados pelos excessos ou privações, etc., etc.

Theatros e Cinemas

Primeiras representações

S. LUIZ — «La femme masquée», 4 actos de Charles Meré.

Havia um interesse especial em ver a peça que ontem se representou no S. Luiz, já por ser a mais moderna do reportorio do Renaissance, já porque está indicada para fazer o cartaz de abertura daquele teatro na proxima época de inverno, o que, até certo ponto, demonstra o bom acolhimento que teve em Paris.

Mentiriamos, se dissessemos que a peça nos agradou. Com um primeiro acto que, teatralmente, pode ser considerado bem feito, o seguimento do segundo pode, quando muito, deixar a impressão do trabalho de dois artistas, porquanto, o que respeita ao desenvolvimento da acção, é inverosimil e falso, acima de tudo. Ficamos em presença de um sadico que vai além de tudo que está convencionado em teatro. Nem mesmo na Turquia, e o *barão de Sivas* habituado a deslumbrar Paris com os seus milhões é um *galant homme*, se admite o convite a uma mulher que se diz adorar, para a misturar num meio que seria suficiente para provocar justificada repulsa e porventura acarretar o odio ao conquistador que tivesse tão *excentrica* ideia. E, só um *doido*, nas vascas da agonia, permitiria a bacanal a que assistimos durante todo o decorrer do terceiro acto, sem que se vislumbre sequer a autoridade de um medico, que é, afinal, em casos tais, quem manda, que ponha cóbro, se não preferisse pôr na rua toda aquela sociedade pouco recomendavel de que se rodeia o *barão de Sivas*.

O ultimo acto, porventura o mais interessante, em nossa opinião, é ainda e sempre contraditorio. Qual o motivo que levou, afinal, *Diane* a dar a sua anuencia ao convite de *Sivas*? O bom desejo de querer elevar, não só em gloria, mas materialmente, o marido, a quem ama apaixonadamente. Como explicar, então, a repulsa pelos milhões de que, inesperadamente, se torna herdeira? Houve, é certo, a baixeza de procedimento por parte do testador, mas ha, acima de tudo, a consciencia da sua inocencia, proclamada bem sinceramente, aceite pelo proprio marido. E', portanto, uma peça para apreciar o trabalho dos comediantes, e êsses, muito embora a *mise-en-scène* não tivesse merecido os cuidados que seria para desejar, deixou-nos a melhor impressão já sentida, por parte de madame Cora Laparcerie e Colin.

Num papel de dificilima interpretação e de que é dificil a *rensite*, M. Argus conseguiu, por vezes, impressionar-nos, o que é já muito, exteriorizando a complicada e extravagante personagem do *barão de Sivas*.

ALVARO LIMA

Nota do dia

Não posso deixar passar em claro um facto que ontem, durante um dos intervalos da representação da companhia francesa, se passou nos bastidores do S. Luiz e que é, infelizmente, bem sintomatico do que somos, e demonstra á evidencia por que forma procuramos valorizar-nos perante o estrangeiro.

Algumas pessoas que, justamente, têm aplaudido o trabalho da companhia de madame Cora Laparcerie lamentavam, quando do grande sucesso obtido por aquela artista na *Danseuse rouge*, que as *troupes* estrangeiras, que nos visitam, raras vezes tivessem tido ensejo de ver representar os nossos comediantes em qualquer peça do reportorio francês, em que êles, mais facilmente, poderiam avaliar, de vi-u, do progresso e do valor dos nossos artistas e do nosso teatro.

Constando o facto á empresa do Politeama, imediatamente Amelia Rey Colaço e Robles Monteiro, dois artistas dos poucos que, entre nós, procuram fazer teatro, com uma gentileza que atesta, mais uma vez, a sua boa educação, pensaram em realizar uma *matinée* na proxima sexta-feira com a peça *Azas quebradas*, a qual, a grande maioria da critica comentou com incondicionais louvores, oferecendo êsse espectaculo á *troupe* do Renaissance e prestando assim aos seus colegas uma prova que deveria ser interpretada, ao mesmo tempo, como de camaradagem, de afecto e de homenagem. E, assim é que, ontem, num dos intervalos, Alfredo Cortez, o autor aplaudido da *Zilda*, em seu nome, foi ao S. Luiz com o intuito de fazer os respectivos convites, caso a sua oferta fosse bem aceite. Não conhecendo nenhum dos artistas da companhia francesa, pediu a Mario Bonança, nosso colega na imprensa, o unico que foi esperar a companhia, que falasse no assunto a M. Jacques Richepin, ao que aquele imediatamente se prestou.

Mas... aqui começa a *tragedia*. Interrompendo a conversa, o sr. dr. Ricardo Jorge, que sabemos ser bacharel, mas que, em assuntos teatrais, é apenas o herdeiro ocasional de uma casa de espectaculos, teve esta frase, que preferimos não comentar e que, em nosso criterio, demonstra apenas que s. ex.ª é, por vezes, infeliz, ... dulcificando o termo, — nas suas observações... inoportunas:

— «*Mais n'insistez pas sur la matinée... Pourquoi? Il ne vaut pas la peine d'y aller pour voir jouer si mal...*»

Ouve-se e não se acredita! Que os artistas franceses, pelos seus muitos afazeres e preparativos de viagem, que outro motivo, estou absolutamente convencido, não tinham sequer direito a alegar, se recusassem, vá. Mas que o sr. dr. Ricardo Jorge, que, segundo supomos, é portuguez, nascido em Portugal, por mero *snobismo*, porque de competencia ainda não deu provas, se arvore em *mentor* do teatro portuguez é do valor dos seus artistas, é triste, muito triste e chega a ser ridiculo. Já acima o dissemos, não faremos comentarios e mantendo com os artistas portugueses as melhores relações, não temos procuração de nenhum. No caso, porém, de Amelia Rey Colaço e Robles Monteiro, não deixariamos de enviar cartões de agradecimento ao emprezario do S. Luiz e amigos que comungam nas mesmas ideias e que são, com certeza, muito poucos, em seu nome e no da arte de teatro em Portugal.

ALVARO LIMA

Noticiario

Entre nós

Emquanto não está completamente construido o novo teatro Maria Vitoria, que será levado á realidade, no «Avenida Parque», (antigo Palacio Mayer), a companhia que trabalhará ali, está ensaiando no Eden. A peça que representá, e cuja «première» deve efectuar-se a 1 de junho, é a revista «Lua Nova», original de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos e Henrique Roldão.

O prologo da nova peça intitula-se: «E' entrar meus senhores».

◆ No Salão Foz realisa amanhã a sua festa artistica, o actor Gomes que, na revista, ali em scena, faz o «Conter. Pob : Diabo».

◆ Recebemos dos emprezarios Balester e Pedro Barreto, cuja companhia hoje se estreia no Eden, uma carta de cumprimentos que agradecemos.

◆ No proximo sabado realisa-se no Politeama uma *matinée* de arte para apresentação do grandioso film «Atlantida» de Pierre Benoit e que vai ser exhibido em Lisboa no dia 2 do proximo mez, ou neste teatro ou no Coliseu, caso as negociações entabolada para que Robles Monteiro ali fique sejam coroadas de bom exito. O nosso camarada André Brun fará uma conferencia e a orquestra sob a regencia do maestro Fão acompanhará a exhibição do «film». O emprezario Conceição e Silva arrojado empreendedor e um dos unicos competentes do «metier», dedica esta matinée á imprensa e amigos.

Cartaz do dia

Teatro de declamação

NACIONAL—A's 9—«A Triste Viuvinha».

S. LUIZ—A's 9—«La Passerelle» Companhia franceza.

POLITEAMA—A's 9,30—«Azas quebradas».

Teatro musicado

AVENIDA—A's 9,15—«A Perola Negra».

APOLO—A's 9,15—«Belo Sexo».

EDEN TEATRO — A's 9 — «Las Veronicas»—Companhia espanhola.

SALÃO FOZ—A's 830, e 10,30—«Pipa-rotes».

Circos

COLISEU DOS RECREIOS — A's 9 — Espectaculo de luta.

Animatografos

OLIMPIA—Rua dos Condes

CINEMA CONDES—Avenida da Liberdade

SALÃO CENTRAL—Praça dos Restauradores

A vida familiar nos Estados Unidos

Um ferrenho amador do «golf»

NEW-YORK, 17.—A sr.ª Helen See, esposa dum fabricante de Detroit, acaba de obter o divorcio absoluto. Fundava-se o seu pedido em que o seu marido a tinha abandonado para jogar o «golf».

Ao dar á luz o seu ultimo filho, a sr.ª See informou disso o marido, o qual não fez caso da chamada e continuou, não obstante, no seu jogo favorito.—(R.)

O custo da vida

A ultima estatistica do ministerio do Trabalho em Inglaterra

LONDRES, 18.—As estatisticas do ministerio do Trabalho mostram que o custo da vida em 1 de maio era 81 % mais elevado do que em julho de 1914.—(R.)

Partido Nacional Republicano Presidencialista

Amanhã, pelas 21 horas, efectua-se uma reunião conjunta da Direcção e comissões politicas do P. N. R. Presidencialista.

ULTIMA HORA

Parlamento

Nos Deputados

O sr. Domingos Pereira declara aberta a sessão ás 15 horas regimentais, com 44 legisladores presentes. Na bancada ministerial, o titular da Agricultura. As galerias estão quasi desertas.

ANTES DA ORDEM DO DIA

Fala o sr. Leote do Rêgo. Discurso patriotico, exaltando o feito de Gago Coutinho e Sacadura Cabral. Referencias á guerra, citando a atitude digna dos srs. marquês do Soveral e Aires de Ornelas. Alusões á Conferencia de Genova e ás consequencias que ela pode vir a trazer á paz do mundo. Conselhos para que terminem as discordias politicas entre os portugueses. E outras ideias semelhantes, que a Camara ouve atentamente, cortando o discurso de repetidos apoiados.

Responde o sr. Aires de Ornelas. Principia por cumprimentar e elogiar o sr. Domingos Pereira, pela imparcialidade que tem mantido na direcção dos trabalhos da Camara. (Apoiados da minoria monarquica).

Dissertação historica: as descobertas dos portuguezes não foram devidas ao acaso; não foi por acaso que Pedro Alvares Cabral chegou ao Brasil, como não foi por acaso que Sacadura e Coutinho chegaram aos Penedos de S. Pedro e S. Paulo. Termina associando-se á saudação aos aviadores e ao Chefe do Estado, proposta pelo sr. Leote do Rêgo.

Aprovação unanime da Camara a estas saudações.

Segue-se o sr. Paulo Cancela. Discurso de oposição, com acusações aos governos da Republica, que nada têm feito a favor da agricultura nacional. Trata-se de um arrazoado de «pesca no voto rural», que provoca, uma vez por outra, protestos dos deputados provincianos.

O que o sr. Paulo Cancela quere é isto: dê-se liberdade de comercio e acabe-se com a importação de trigos pelo Estado; regresse-se ao regimen anterior á guerra, porque só ele pode intensificar a produção de trigo nacional, libertando a Nação do tributo ruinoso pago ao exportador de trigo exotico.

A resposta foi dada pelo sr. ministro da Agricultura. Cremos que convenceu o sr. Paulo Cancela, a avaliar por certos gestos de aquiescencia; entretanto, a voz do sr. ministro da Agricultura não chegou aos nossos ouvidos...

Diz-se que no sabado e domingo proximos serão marcadas sessões para apressar a discussão do orçamento.

E' exarada na acta um voto de sentimento pelo falecimento do antigo deputado sr. Costa Bastos, que fez parte da Constituinte.

Entra-se na

ORDEM DO DIA

que é a continuação do projecto de lei que isenta da contribuição de registo os bens adquiridos pelas Camaras Municipais para fins que visem a utilidade publica.

A sessão continua.

No Senado

Preside o sr. Pereira Osorio secretariado pelos srs. Ramos Pereira e Fernandes d'Almeida. Aprovam a acta 32 senadores.

O sr. Aregão e Brito protesta, como membro da Comissão Interparlamentar do Comercio, contra o facto desta ter ontem reunido sem que o tivessem convidado.

Os srs. Herculano Galhardo e Fernandes d'Almeida, membros da mesma comissão fazem identicas declarações.

O sr. Ribeiro de Melo refere-se á nossa representação na Exposição Internacional do Rio de Janeiro, afirmando não ser contra o Alto Comissario, mas sim, contra a nomeação de uma numerosa legião de funcionarios incompetentes, feitas por aquele senhor.

O sr. ministro dos Estrangeiros promete transmitir as considerações do orador ao sr. ministro das Finanças. Declara já estar habilitado a responder á interpelação que lhe anunciara o sr. Ribeiro de Melo.

O sr. Alvaro Cabral pede providencias no sentido de ser facultada a exportação de ananazes para Hamburgo.

O sr. ministro dos Estrangeiros promete não descurar o assunto.

Com a solenidade do costume foi proclamado senador por Cabo Verde o sr. Vera Cruz.

São 16,30. A sessão continua.

Adido espanhol

No «sud-express» partiu hoje para Valladolid o tenente-coronel sr. Carlos de Rivera, adido militar espanhol. A despedida compareceram na gare do Rocio, entre outras pessoas, os srs. tenente-coronel Nelio, chefe do gabinete do ministerio da Guerra, capitão Quaresma, ajudante do sr. ministro da Guerra, coronel-medico Adriano Pimenta, tenente-coronel Mario de Campos, major Esmeraldo de Carvalhais, capitão Viegas, representante do chefe do Estado Maior do Exercito, tenente Costa, representante do quartel mestre general, Espirito Santo Lima, etc.

Tribunal de Defesa Social

Voltou hoje a reunir o Tribunal de Defesa Social para julgamento de 15 individuos, 8 mulheres e 7 homens todos acusados de se entregarem á vadiagem. Foram condenados a ser entregues ao governo Ana dos Santos, Adelaide de Jesus, Rosalina Viegas Tavares, Samuel Julio Carvalho e José Ramalho. Os restantes foram absolvidos.

Raid Portugal-Brasil

A subscrição para o grande bôdo aos pobres está já em 31.209$37

O chefe do distrito major sr. Viriato Lobo continua trabalhando activamente a fim de que tenha em brilhamento fóra do vulgar o grande bodo que vai distribuir por 10.000 pobres da capital, em sinal de regosijo pelo feito heroico dos bravos aviadores portuguezes Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

Hoje foram entregues ao sr. Governador Civil mais as seguintes verbas: Antonio José da Silva, 50$00; Ritz Club 1.104$85; Sociedade Alunos de Apolo 7 escudos e Alberto Soares Ribeiro 20$00. A subscrição até no fim da tarde de hoje estava em 31.209$37.

O pessoal da Aviação Maritima continua trabalhando no hidroavião «Fairey 17» a fim de embarcar no cruzador «Carvalho Araujo». Este navio deve ficar pronto amanhã para embarcar o aparelho, devendo seguir a seu bordo algum pessoal da Aviação para durante a viagem preparar o avião de modo a poder ser logo utilisado á sua chegada a Fernando Noronha.

A grande matança!

Foi adiada para amanhã a distribuição da «Ordem do Exercito» da 2.ª serie.

Em poucas linhas

A requisição da policia do Porto, a policia da 2.ª secção de investigação prendeu hoje Nicolau Luis Lobo e Antonio Leite Fernandes, acusados de terem praticado um furto importante na capital do Norte. Vão ser para ali remetidos.

—Henrique Valadares, travessa do Bôito, pateo Vila Rosario, 11, queixou-se á policia de que lhe furtaram uma carteira contendo varios documentos importantes e dinheiro.

—Foi preso Fausto da Silva Gerdo, Vila Monteiro, Estrada de Sete Rios, que furtou varios objectos e dinheiro, tudo no valor de 370 escudos a João da Silva Vide, rua Barbosa do Bocage, 14.

—Santos Ganhão, de S. Martinho do Porto e acidentalmente em Lisboa, queixou-se de que seguido pela rua do Alecrim num electrico lhe furtaram a carteira com 120 escudos, o relogio e a corrente tudo avaliado em 270 escudos.

—João Alves, com oficina de ourives, na travessa do Monte, 50, loja, apresentou queixa ao director da policia de investigação contra Berto Fernandes, Bairro Lamora, P. C, 1.º que se recusa a dar-lhe contas de varios objectos de ouro e prata no valor de 2.486 que lhe confiara para vender.

—Na Morgue foi já reconhecido aquele individuo que conforme noticiamos foi encontrado a boiar na doca de Santos. Trata-se de Corgos Antonio, que foi empregado do Posto Maritimo de Desinfecção e que caiu ao rio em 20 de Abril.

"O Raid" Lisboa-Madrid

Em Espanha, o tempo continua nublado motivo porque ainda hoje não poderam sair da Amadora os dois aviões que foram retidos em Lisboa.

Os referidos aviões que foram retirados dos «hangars» encontram-se na pista promptos a largar á primeira vez parecendo no entanto que não chegaram a partir porquanto se torna agora inoportuna a viagem.

Desvio de espolio?

A policia da 2.ª secção de investigação a cargo do chefe Tavares prosseguiu hoje nas suas deligencias sobre uma queixa, apresentada por tres inividuos do logar de Terruge, Cintra, contra Antonio Filipe da Silva acusando-o de ter desviado o espolio de Herminia de Morais, falecida ha dias. A referida Herminia que era irmã dos queixosos vivia maritalmente com o Silva, o qual sendo largamente interrogado no Governo Civil, declarou que todos os objectos apontados como sendo desviados ou seja ouro, pratas, louças, roupas, acções e papeis de credito, etc., lhe tinham sido deixados em testamento pela amante o que podia provar com a copia do referido documento. O acusado ficou de apresentar o testamento na policia a fim do assim provar o que afirma. Os queixosos dizem que o espolio é aviado em 30.000 escudos.

Um negocio de azeite

Francisco da Costa Ribeiro Loiria de Vila Velha de Rodam, de passagem em Lisboa, esteve hoje a queixar-se perante o director da policia de investigação sr. dr. Reis Junior, contra Albano Santos Rosa, rua Augusta 61, 1.º, acusando-o de ter recebido em seu proveito o quantia de 7.064 escudos proveniente de um pagamento de azeite que lhe confiara para vender. O Santos Rosa negociou o dito azeite, mas «esqueceu-se» de o pagar ao fornecedor.

Suicidio de um coronel

Hoje de tarde suicidou-se em sua casa na estrada de Benfica 11, 1.º, o coronel sr. ... Marques Paixão. O ... que contava 65 anos e que davam como tendo morte instantanea ... esposa que muito estremecia ...

O caso ... que o cadaver foi entregue ...

Organisações e desorganisações do Exercito

Prepara-se uma nova fornada... de generais!...

Depois da aplicação da lei 1239, com o seu diluvio de promoções de que resultou a mais flagrante desorganisação nos quadros do exercito, começa-se a pensar já em novos projetos, que se diz irem ser transformados em lei, o que a ser verdade, alem do grande aumento da despeza que traria para o paiz, tornariam o posto de general um exclusivo dos mesmos vidrinhos de sempre que no exercito assambarcaram tudo, incluindo as comendas.

Quero referir-me á falada redução dos limites de edade, que reformaria uma imensidade de oficiais validos, e á promoção por escolha ao posto de general.

Está-se a vêr o caso:—aliviar, primeiro que tudo, os quadros dos oficiais superiores, com uma varredoura de reformas, pelo limite de edade, para se fazer depois a promoção por escolha ao generalato, dentre os que ficarem. Isto é: alguns dos que, possuindo influencia, não estão presentemente na altura da escala de acesso, para poderem ser escolhidos, operariam, por efeito do novo limite de edade, uma prodigiosa ascenção que os faria coroneis, nada mais sendo preciso para que se fizessem escolha para generais.

Quando este projecto dos limites de edade e da promoção por escolha foi apresentado nas Camaras, foram geraes os protestos nos meios militares; mas pode dizer-se que, na imprensa, nada sobre o assunto apareceu, a não ser um artigo isolado, onde, á força de se pretender condenar a promoção por escolha ao generalato, esta se facilitava, deixando os exclusivos numa situação verdadeiramente desgraçada.

O articulista em questão não quer escolha, mas sim uma seleção baseada no merito individual evidenciado em prova publica, de subido e incontestavel valor scientifico e profissional e bem assim no «registo de melhores qualidades de caracter.»

Depois de varias considerações, o referido articulista, repete, ingenuamente,

«Entendemos que ao exercicio destes altos cargos dirigentes só deverão ascender as individualidades que se imponham pelo seu elevado caracter, pela sua lucida inteligencia, pela sua vasta ilustração e pela sua bem vincada competencia».

Afigura-se que o articulista desconhece o meio em que vive, e depositando assim uma confiança cega nos selecionadores que, positivamente, na nossa terra, estariam bem longe de ser umas divindades, de cujas supremas deliberações não saisse senão o que fosse justo e digno.

Não chega a constituir quasi um logar comum esta afirmação que, a todo o momento, para ahi se ouve, de que o nosso paiz está «atravessando uma verdadeira crise de carater?»

Ora, concordando em absolutamente com as condições de seleção, propostas, pelo que diz respeito ás provas publicas, a que deveriam ser submetidos os candidatos aos altos postos do exercito, não se pode, no entanto, admitir que a escolha, chamar-se-lhe-ha já assim, se baseie noutros elementos de ordem moral que não sejam as informações oficiais que acompanham, pela vida fóra, os respectivos candidatos, na sua carreira militar.

Tudo quanto assim não seja, só ao favoritismo conduz, e portanto a uma escolha, muito mais condenavel do que aquela contra a qual o articulista se insurge.

Assim, suponha o articulista que, não obstante a sua lucida inteligencia, a sua vasta ilustração e bem vincada competencia, para nos servirmos das suas expressões, é excluido da promoção. Como explicará o publico este facto? Aqueles que o conhecem, os seus amigos, atribuirão um tal acontecimento a qualquer intriga politica, inteiramente inofensiva do seu caracter; mas, o que pensariam os outros e especialmente os seus inimigos, porque certamente o articulista os tem, como toda a gente que alguma coisa vale?

Nós podemos confiar seguramente na lucidez da nossa inteligencia, na vastidão dos nossos conhecimentos profissionais e na nossa bem vincada competencia; poderemos, em face da nossa consciencia, ser um modelo de virtudes civicas e morais, e portanto estarmos em condições favoraveis para uma seleção, a que presidisse a justiça; mas, sob este ultimo aspecto, estamos bem longe de conhecer o que, em torno do nosso caracter, se maquina.

Parece-nos que a nova trapalhada que se prepara, vem apenas aumentar a barafunda do exercito creando em torno dessa situação, já de si vexatoria para tantos, outras situações de suspeita, de dobles e de espionagem na intimidade de todos, absolutamente intoleravel.

PROVAS AUTOMOBILISTAS

II Rampa da Pimenteira organisada pelo jornal "Os Sports"

O CARRO «ALFA ROMEO» CONDUZIDO PELO ENGENHEIRO PALMA DE VILHENA, 1.º CLASSIFICADO NA 2.ª CATEGORIA E 2.º NA CLASSIFICAÇÃO GERAL

SPORT

O SARAU DO GINASIO CLUB PORTUGUEZ

Com regular concorrencia, meia hora de atrazo, e com a assistencia do chefe do Estado realisou-se terça-feira passada o sarau anual do G. C. P.

Abriu com o numero aereo do duplo-trapezio por João Gomes da Costa e Antonio Silva.

E' do melhor que temos visto no genero, a destacar umas «passadas de pés e mãos», e a queda para a rede dos dois amadores.

O trabalho foi apresentado com extrema elegancia, o que não é vulgar nos nossos «sportmans».

Mario Miranda e Manuel Silva fizeram um trabalho de argolas regular. Um soberbo «cristo» do primeiro e uma «plancha de costas» num braço o segundo merecem referencia. A «peitoral» num braço que Silva fez, de mau efeito pela posição das pernas.

Deve tambem Silva deixar o cumprimento feito com os braços, ou então ensaiado convenientemente.

Como está dava a ideia que queria atirar os braços fóra...

Claudio de Oliveira, professor do club e Jesus Caludo, fizeram um pouco de luta, no que foram pouco felizes.

Não ha melhor na classe do club?

Artur dos Santos, eternamente joven e Filipe Martius, o seu eterno discipulo, fizeram um assalto movimentado de jogo de pau que foi aplaudido com justiça.

O triple-trapezio por Worm, Mendonça e Costelar bem ensaiado e de efeito.

Antonio Martins, apresentou um grupo dos seus discipulos no mur de esgrima, fazendo a seguir um assalto com o amador Manuel Queiroz. Foi um belo «passo» de armas.

Seguiu-se a classe infantil. E' o numero que fez mais propaganda do club. Artur dos Santos que não precisa elogios apresentou a classe afinada em extremo. Não se faz melhor.

Terminou a segunda parte com o trabalho equestre do «voltaio», pelos discipulos do Gonçalves Miranda, numero que fez sucesso.

O primeiro ginasta que é Angelo Mendonça, fez um trabalho de trapezio volante.

Com calma, elegancia, e faculdade, Mendonça deu-nos a esperança que pode vir a suceder a Arrata e Lavy; não percebemos porque se anunciou como estreia o trabalho do simpatico amador.

A não ser que cada representação seja estreia nesse dia... Misterio do reclame...

Jorge Oom fez alta escola nesse cavalo que Miranda ensinou. Lobulo no passo espanhol, a passage e o galego com as «passagens de mão a tempo.»

Depois o senhor Abel, professor do club de box, fez uma coisa com o profissional frances Marines, coisa que nos cartazes se chamou combate, e que foi uma pessima exibição.

Não ha alunos na classe do club?

Não serve o sarau para propaganda dessas classes?

Foi mau o trabalho, e má a ideia.

Depois Alvaro Costa e Moreira fizeram um numero de atletica.

São dois rapazes de boa presença e de valor, mas que não sabiam serem campeões.

O G. C. P. é o primeiro club de Sport do paiz.

A sua comprovada honestidade sportiva não deve ser posta em duvida.

Como se percebe, que numa festa sua, chame nos cartazes feitos por ele, campeão, a quem não o é.

E' a indisciplina de cima. Foi lapso que se não deve repetir.

A Direcção actual que tem produzido um belo esforço e que é composto de rapazes que ao Sport, dedicou toda a sua actividade, não deve repetir o caso.

RUY DA CUNHA.

As resoluções uteis e imperiosas

A necessidade da redução de despesas

Já ha dias nos referimos com prazer a uma resolução levada a efeito na França, que consistia em aquele paiz dispensar dos serviços do Estado mais de 52.000 funcionarios ou empregados do mesmo.

Perguntamos porque cá não se fazia o mesmo, lamentando que ainda não se tenha feito.

Acabamos de ler num jornal inglez uma noticia afirmando que identica medida vai ser posta em pratica pelo governo da India.

Aceitou o cargo de dirigente do «comité» que será nomeado por esse governo, Lord Inchcape, que será encarregado de estudar e examinar todos os ramos da administração a fim de vêr não só qual a economia que se poderá fazer nesses serviços, mas tambem se o valor do trabalho realisado justifica a despeza feita.

Com esse fim Lord Inchcape partirá para a India no proximo outono.

E' escusado fazer mais comentarios.

E' necessario que não esqueçamos que nós temos muito que fazer neste sentido. Porque não se faz? E' preciso que os competentes que o são, é nessas medidas de verdadeiro alcance pratico, que póde assentar o nosso levantamento economico.

Porque não concorremos para essa bela obra patriotica?

Porque não envidam os nossos governantes todos os seus esforços para que neste sentido alguma coisa de positivo se realise?

Ha para ahi tantos funcionarios superfluos, gastam-se tantas verbas inutilmente...

Porque não se pensa nisto a sério e, a exemplo dos outros paizes não se encaram os problemas pelo lado que êles devem ser encarados e não se ataca o mal na sua raiz?

Que estes exemplos sirvam de estimulo, e estamos certos que veem a servir, atentas as qualidades boas que ainda são apanagio da nossa raça.

Companhia de Linificios Portugueza (em Liquidação)

Assembleia Geral Extraordinaria

Convocação

Convocamos a Assembleia Geral Extraordinaria nos termos do Art.º 130 e seguintes do Codigo Comercial, a reunir no proximo dia 2 de Junho do corrente ano, pelas 15 horas, nas salas do Ateneu Comercial de Lisboa, na Rua Eugenio dos Santos, n.º 140, para apresentação e votação de contas de liquidação final desta Companhia.

Não havendo numero legal para o funcionamento desta Assembleia, fica a 2.ª reunião desde já convocada para o dia 17 do mesmo mez de Junho, á mesma hora e no mesmo local.

Lisboa, 17 de Maio de 1922.

Os Liquidatarios

Bensaude Antunes Barbeças
Carlos Ferreira de Almeida

NOTICIARIO

BOX

Realisam-se hoje, pelas 21,30 as finaes do Campeonato de Box organisado pela Federação Socialista de Desportos Atleticos. As provas efectuam-se na sua séde, Palacio das Galveias ao Campo Pequeno e a entrada é rigorosamente feita por convites que são entregues pelos representantes dos agrupamentos federados.

NATAÇÃO

Casa Pia Atlectico Club

A Comissão desportiva deste Club comunica aos seus consocios que a escola de natação se inicia esta semana, com o seguinte horario:

Para principiantes: ás segundas, quartas e sextas das 18 ás 20 horas e ás terças, quintas e sabado das 7 ás 9 horas.

Aperfeiçoamento: ás segundas, quartas e sextas das 7 ás 9 horas.

Water-Polo: ás terças, quintas e sabados das 18 ás 20 horas.

OLIMPICO CLUB PORTUGUEZ

No passado dia 10 do corrente, realisou-se a assembleia geral do Olimpico Club Português para a eleição dos novos corpos gerentes, ficando assim constituidos:

Direcção: Presidente, Santos Maria Varela, 1.º secretario, João Pereirinha Junior; 2.º secretario, José Luiz de Araujo; tesoureiro, Gustavo Loromenho; voga, José Clemente.

ASSOCIAÇAO DE FOOT-BALL DE LISBOA

Desafios para o dia 21: Campeonato Geral Escolar. Final. Casa Pia contra Asilo Maria Pia no Campo Grande ás 15 horas, Juiz o sr. Ilidio Nogueira.

Taça de Honra. Final. Vitoria contra Benfica no Campo Grande ás 17 horas; juiz o sr. H. G. Frood. Fiscais de linha João Gomes dos Santos e Antonio de Pinho.

LISBOA GINASIO CLUB

A festa anual do Lisboa Ginasio Club, que se realiza no dia 22 no Coliseu dos Recreios, com a assistencia do sr. Presidente da Republica, promete êste ano atingir um brilho desusado, não só pela cuidada organização do seu programa, como ainda pelos elementos que nela tomam parte e que são, em trabalhos equestres, gimnasticos e acrobaticos, o que ha de melhor e mais correcto no nosso meio sportivo. Não será, pois, de admirar que o Lisboa Ginasio Club marque êste ano uma *étape* gloriosa na sua vida ainda curta mas prospera, para o que os organizadores do festival estão empenhando os seus melhores esforços. Do programa fazem ainda parte jogos de pau, luta, esgrima e numeros comicos, que serão desempenhados por elementos de grande valor artistico.

CORRIDA DA PIMENTEIRA

Sr. Redactor—Em virtude de umas pequenas inexactidões que, a proposito da Corrida da Pimenteira, teem corrido no publico e mesmo numa parte da Imprensa, devido sem duvida ás dificuldades com que a reportagem lucta em casos desta natureza, venho pedir a v. sr. redactor, como juiz de chegada que fui da dita corrida e tambem a pedido do interessado e por ser verdade, que se digne publicar o seguinte:

1.º—Que o carro Morris-Cowley, pilotado pelo sr. Medeiros de Almeida, era, dos carros da sua categoria, o que trazia melhor tempo quando se deu o incidente.

2.º—Que o mesmo incidente não foi da responsabilidade do tripulante do referido carro, mas sim devido a uma parte do publico ter invadido a estrada, não tendo havido atropelamento algum, mas unicamente a queda de dois rapazes sob o automovel que estavam em cima do muro na estrada indevidamente.

3.º—Que, se o dito carro não continuou a correr, foi devido unicamente ao tempo perdido neste incidente e tanto assim que retirou á Garage, funcionando e sem auxilio algum.

Esperando que v. se dignará fazer inserir esta no seu conceituado jornal e agradecendo penhorado este obsequio, subscrevo-me com a maior consideração.—De v. etc.—Guilherme Pais Carvalho Junior.

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações
Londres, cheque. . . .	4 1/4 — 4 1/8
» 90 dias. . . .	4 3/8 — —
Paris, cheque. . . .	1156 — 1190
Suissa, cheque. . . .	2434 — 2506
Belgica, cheque	1052 — 1083
Italia, cheque. . . .	660 — 686
Berlim, cheque. . .	42 — 47
Holanda, cheque. . . .	4918 — 5038
Madrid, cheque	1987 — 2074
New-York, cheque. . .	12689 — 13074
Brasil, cheque. . . .	59 — 63
Austria, cheque. . . .	1 — 3
Noruega, cheque. . .	2184 — 2250
Suecia, cheque	3248 — 3346
Dinamarca, cheque. . .	2706 — 2788

Libras . . . . . . 61$500 — 63$500

AVISO IMPORTANTE

A Sociedade Comercial Portugueza de Publicações e Telegrafia, Limitada, com séde no Largo de S. Domingos, 11 (Palacio Conde de Almada), tem a honra de levar ao conhecimento do publico que acaba de decretar um grande abaixamento no preço dos jornais franceses e ingleses.

Assim os jornais franceses «Matin, Journal» e todos os outros de frs. 0,15 serão vendidos ao publico a $20 em lugar de $25. Os jornais ingleses de 1 d/ serão vendidos a $10 em vez de $50. O «Times» será vendido a $80; o «Daily Telegraf» a $75; o «Daily Mail» de Paris será vendido a $35 em lugar de $50.

Tambem leva esta Sociedade ao conhecimento do publico que tendo-se sido obrigada a suspender os seus fornecimentos de jornais e publicações á Tabacaria Internacional (Praça Duque de Terceira, 18) e Tabacaria Barbos (Rua Nova do Carmo, 67) encontrará á venda em todas as outras tabacarias de Lisboa nos sitios mais proximos ás acima indicadas nas Tabacarias «Royal», praça Duque de Terceira, 14; «Internacional», rua do Corpo Santo, 40; «Biblioteca» desta Sociedade na estação do Cais do Sodré; «Monaco», Rocio 21, e «America Gold», Rua Nova do Carmo, 15.

As pessoas que desejarem fazer as suas assinaturas de publicações na séde desta Sociedade lucrarão assim 2% alem da vantagem de receber regularmente os jornais nas suas residencias com a maior rapidez.

Homenagem aos aviadores

Recebemos e agradecemos o envio que nos foi feito de 10 exemplares dum cromo de homenagem a Gago Coutinho e Sacadura Cabral, e que traz a fotografia dos heroicos aviadores. O produto da sua venda reverte em favor da grande subscrição nacional.

A gravura que é muito nitida e constitue um belo trabalho tipografico pode ser requisitado aos srs. José Silvestre Portela e Armando G. de Almeida, na tipografia Machado Barreto, rua da Palma 134 e 138, para onde devem ser dirigidos todos os pedidos.

COMPANHIA PORTUGUESA DE PHOSPHOROS

Sociedade Anonima, Responsabilidade Limitada

Capital realisado, Esc. 4:500.000$00

Séde: Rua de S. Julião, 139 - LISBOA

Emissão de Esc. 4:500.000$00 em 100.000 acções do valor nominal de Esc. 45$00, de coupon, ao preço de Esc. 65$00 cada uma, com direito a dividendo desde 1 de Janeiro do corrente ano, conforme a deliberação da assembleia geral extraordinaria de 25 de abril ultimo e devidamente autorizada pelo governo

São convidados os srs. accionistas que desejarem usar do seu direito de preferencia (na proporção de uma acção nova por cada uma das actuais), a apresentar os seus titulos na séde da Companhia desde 10 a 25 do corrente mez, das 10 1/2 ás 13 1/2 horas, acompanhados do competente declaração em impresso fornecido no mesmo escritorio.

Os titulos serão carimbados e em seguida restituidos, contra o pagamento correspondente ás acções que subscreverem.

A emissão está garantida por um grupo financeiro portuguez e o estrangeiro.

Lisboa, 6 de Maio de 1922.

Pelo Conselho de Administração

(a) D. Luis de Lancastre
( ) Hugo O'Ne'll

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

Os dois pescadores de Lessa da Palmeira

por JULIO CESAR MACHADO

— A' saude da campanha! disse Raimão, empunhando um dos cangirões de vinho.

— A' saude de Roberto! gritavam os pescadores, bebendo.

— A' saude da menina Isabel! exclamou Roberto.

— Mana Isabel é que se lhe chama! Redarguiu Raimão. Meninas são as crianças, meu rapaz!

— A' saude da sr.ª Isabel, gritaram os pescadores.

— Parece tudo isto á minha alma um sonho! exclamou a mãe. Estares tu em Lessa da Palmeira, rico e feliz! Meu bom filho!...

Roberto sorriu-se para Isabel.

— Não és tu feliz!?

— Porque não o seria, se estou ao lado de nossa mãe?

— Mas deixaste-a para seres rico! respondeu Raimão, rudemente.

— Nunca mo perdoarão, bem sei. Na terra é uma loucura querer ter muito; tudo aqui se ha de deixar!...

A senhor'Ana não perdeu um unico movimento de Roberto nem de Isabel; quando acabou o jantar, e Roberto lhe pediu a benção, foi com singular expressão de severidade que ela lhe respondeu:

Deus te acuda!

Raimão estendeu a mão a Roberto e sentiu a dêle fria e tremula: então, com um sorriso de bondade, preguntou-lhe, abraçando-o:

Que tens tu, vamos, que tens tu?

Roberto, fixando a vista na de seu irmão, retorquiu, fazendo-se palido:

— Eu!?

IV

Porque parecia Roberto entristecer-se no meio das festas? Que melancolia indefinivel se desenhava no seu palido sorriso, quando, mergulhando-se em extase, demorava um olhar anuveado sobre o primeiro objecto que a vista lhe encontrasse? Ah! Pobre mãe... Pobre mãe! Só ela sentia o alcance de todos êstes indicios, que pareciam esclarecer-lhe o que o coração lhe adivinhava! Roberto não dirigira nunca a palavra a Isabel senão com um indizivel ar de amargura, e a rapariga de quando em quando arriscava até êle um olhar fugitivo, mas dir-se-hia que preocupado.

Alguns dias se passaram depois da chegada de Roberto, sem sucesso notavel naquela casa. Apenas a senhor'Ana continuava prescrutando tudo e fazendo experiencias para conseguir tirar uma conclusão que ela cuidava presentir. Uma noite — era na vespera de S. João — a senhor'Ana e Isabel, sentadas cada uma de seu lado a uma janela que dava para o rio, conversavam ácêrca dos diferentes caracteres dos dois irmãos. Isabel, falando de seu marido, conservava o ar de frieza que lhe era habitual; quando, porém, se tratou de Roberto, parecia ver-se o ceu no fogo do seu olhar, sentir-se a felicidade na perfumada doçura da sua voz. A senhor'Ana fixou a vista na de sua nora e disse-lhe em leve acentuação de ironia:

— Que entusiasmo quando falas de Roberto e que frieza em falando de teu marido!

— E' porque saudo em Roberto qualidades, que meu marido não possue.

— Não é por isso, Isabel!

— Então...

— E' porque o amas!

— Eu! exclamou a rapariga, tornando-se palida.

— Tu mesma! repicou a mãe do pescador, severamente.

Depois, tomando-lhe uma das mãos, continuou assim:

— Ouve, Isabel. Ha cinco dias que meu filho Roberto voltou a Lessa e ha cinco dias que conheço em ti uma fatal mudança. Tu tens vinte e um anos, Isabel; e eu tenho cincoenta e dois. Gostas pela primeira vez de um homem — sim! porque nunca quizeste a teu marido! E' infame, êste atrevimento. Seu proprio irmão! Oh!

Isabel deixou pender a cabeça sobre o peito e pareceu scismar. A noite estava tão amorosa, que tudo parecia alheio ás paixões terrestres. O mar sussurrava ao longe, a brisa suspirava no rio; cuidava-se ouvir a harmonia das esferas, julgava-se sentir a dança dos astros; cada grão de areia tinha voz de poeta: murmurio encantador e inexplicavel como o bater das azas das pombas e das fadas! Oh! que linda noite de Junho!

A senhor'Ana, sem despregar a vista de Isabel, foi dizendo-lhe:

— Ambos são meus filhos e quero tanto a um como a outro; mas quero ainda mais á honra desta casa; á tua, á dêles!... Bem sei que Roberto não é capaz... nem tu tão pouco, bem o sei; não é de nenhum que eu me receio, mas do amor de ambos! Raimão quere-te, Isabel; quere-te a seu modo, e bem sabes que aquela alma não é de paixões ardentes, mas suave e boa, honesta e santa, como não é para despresar na terra; supõe — defenda-nos Deus! — que êle desconfiava dessa simpatia, que te prende a Roberto! Naquelas organizações como a dêle, são muito mais para temer certas crises, e se a vida nesta casa tem sido até hoje o ceu, não tens tu remorsos de ir fazer um inferno de um paraizo?

Isabel ergueu a fronte e balbuciou:

— Logo, ás fogueiras, hei de ir falar-lhe: pedir-lhe-hei que me esqueça, que me não perca, que me não tente!

— A's fogueiras?

— Sim; depois da ceia. E' a primeira vez que me fala. Será a ultima em que lho conceda ás escondidas. Hoje irei.

— Não has de ir.

— Não sei de...

— Não.

— Quere então que o engane, que o faça esperar?

— Não esperará debalde, Isabel, socega. Ha de encontrar alguem. Encontrar-me-ha a mim!

— Quê!

— E' preciso.

— E tem animo...

— De remediar tudo; daqui a pouco seria já tarde!

Viram neste momento Raimão e Roberto, que vinham pela estrada. Isabel teve apenas tempo para dizer com ar suplicante á senhor'Ana:

— Ao menos, não seja aspera para com êle, não?

— E' para não vir a sê-lo, que lhe irei falar. Nem uma palavra. Vê bem!

— Não sou eu quem mais que ninguem precisa que nada disto se saiba?!

V

Os pescadores, as mulheres e os filhos dançaram toda essa noite na praia, em redor das fogueiras. Raimão, a senhor'Ana, Isabel e Roberto foram tambem assistir ao queimar das alcachofras. Oh! a poetica noite! a noite saudosa! a noite de um instante!

— Olhae! dizia Roberto aos pescadores. Em as estrelas fugindo do ceu, já as moiras saem das covas, seduzidas pelo perfume da erva pinheira queimada que sobe aos ares com os canticos do amor!

— Não sabiamos, diziam os pescadores. Conta-nos isso, Roberto; tu que sabes contar tão bem!

— As moiras, meus amigos, vivem escondidas nas suas covas. Ficaram aqui desde a dominação mourisca, e ocultaram-se para melhor guardarem os seus tesouros.

— O que é o tesouro das moiras? preguntavam as raparigas.

— E' um mundo de perolas, de esmeraldas, de rubis e de safiras! Os pescadores de coral nunca o avistaram tão rubro como o dos seus braceletes; nas séstas do Oriente nunca se adornou a favorita com perolas mais palidas que as dos seus colares: nem as damas da Europa mostraram num baile mais esplendidos diamantes que os dos seus toucados!

— Ih!!!!! exclamaram as raparigas.

CONCLUE AMANHÃ

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

4082

N.º 4083 - 12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5

LISBOA — Sexta-feira, 19 de Maio de 1922

Telefone n. 2293 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

Compressão de escandalos

Continua a falar-se insistentemente na chamada compressão de despesas, mas até agora não vemos ameaçados por essa famosa compressão senão alguns funcionarios publicos que não chegam a ganhar o pão de cada dia.

Em compensação, os mesmos que proclamam essa reducção ou se calam, ou aceitam ou promovem as mais exhorbitantes, e escandalosas despesas, em que se exhaurem os dinheiros do Estado sem ao menos aliviarem, na realidade, a miseria latente numa sociedade onde a classe media não tem onde se empregue, porque tanto a industria como o comercio são entre nós incipientes.

Veja-se o que se está passando com as comissões ao estrangeiro. E' para elas que se escôam os rendimentos da nação, por meio de fabulosas despesas. São ás dezenas e dezenas os comissionados civis e militares que recebem centenas e centenas de contos em virtude da espantosa desvalorisação da nossa moeda. Ainda hontem, no parlamento, o sr. ministro da Guerra teve de concordar com estas observações que estão no animo de toda a gente, prometendo acabar com os adidos militares junto de varias legações, mas declarando que ainda deixa um em Paris com uma justificação qualquer.

Se as despesas com as comissões de caracter diplomatico são exhorbitantes, não menos exhorbitantes, por exemplo, são as despesas com os automoveis do Estado. Gasta-se em gazolina, em certos ministerios e serviços publicos mais do que com os funcionarios que executam esses serviços. E o mais interessante é que, ainda por cima, esses automoveis estão quasi sempre em concertos, que são sempre despendiosissimos.

Se se fôr por todos os estabelecimentos do Estado inquirindo dos esbanjamentos e desvios que ali se sucedem, estamos persuadidos de que não seria preciso tirar o pão a ninguem para equilibrar as contas da administração publica.

Mas se tal não se fizer, uma cousa tem de ficar assente: é que não ha o direito de prejudicar nenhum funcionario do Estado, dos que ganham uma insignificancia, e neste numero entram os proprios Directores Geraes, cujo vencimento maximo é de 4 500 escudos anuaes, emquanto esses esbanjamentos, esses escandalos, esses desvios, todas as despesas e todos os prejuizos causados pela presistencia ou pelo desleixo, não terminaram duma vez para sempre.

Os funcionarios ameaçados de serem tirados dos seus quadros, colocados na disponibilidade ou dispensados, são precisamente aqueles que nas secretarias do Estado vivem uma vida de miseria. Os grandes especuladores, os que conseguem, por toda a especie de combinações artistas ou pressões violentas, receber dezenas e dezenas de contos, anualmente, esses continuarão a gozar, aqui ou no estrangeiro, uma vida despreocupada e luxuosa.

Não póde ser! O Governo, o Parlamento, não podem ter em mira sacrificar os pobres, emquanto os «Gros bonnets» dos partidos continuam a sugar este desgraçado paiz.

Em Portugal o funcionalismo publico, de carteira, foi sempre pessimamente retribuido. Em todo o caso até á Guerra, podia viver.

Agora que o custo da vida aumentou 10 ou 12 vezes, e esse funcionalismo aumentou apenas 3 vezes os seus vencimentos, a sua situação é a da fome. Mas o que é peor é que ele compartilha das responsabilidades dos devoristas que absorvem centenas de contos, ele que por esses devoristas é depresado como um modelo da mais desagradavel e abjecta pelintrice.

Compressão de despesas? Melhôr sa diria: compressão de escandalos porque só dessa compressão resultará eficazmente a das despezas.

Francisco de Lacerda
CHEFE DE ORQUESTRA

Publicando o retrato do insigne chefe de orquestra Francisco de Lacerda, devido ao lapis veemente de Meneses Ferreira, presta «A Capital» a sua homenagem ao colaborador e ao amigo de Vincent d'Indy e de Debussy, que tão notavelmente tem divulgado no estrangeiro o nome de Portugal.

A figura brilhantissima de Francisco de Lacerda, que durante anos surgiu á frente das primeiras orquestras da Europa está naturalmente indicada para chefiar uma grande orquesta portugueza que vá ao Rio de Janeiro dar a nota do espirito artistico moderno em Portugal. Se a ideia simpatica e utilissima fôr definitivamente acolhida pelos poderes publicos; impõe-se a figura de Francisco de Lacerda, que, pelas provas dadas, pela sua notoriedade incontestavel nos grandes meios musicais do estrangeiro, e pelo seu talento absolutamente firmado, está apontado como chefe notavel duma orquestra genuinamente portugueza.

Os penedos de S. Paulo

perdidos na imensidade do mar são agora alvo das atenções de todo o mundo

Os rochedos de S. Pedro e S. Paulo onde pousaram os aviadores portuguezes, são ilhotas situadas nas costas do Brazil aos 0°55' de lat. N. e 21°39' long. O. de Paris.

Constituem um grupo de rochedos conicos com a extenção de 500 a 600 metros N. S. E. SS. O. e uma altura de 20 metros que os tornam visiveis a 13 milhas de mastreação de um navio e a 9 do convez.

Vistas em qualquer direção, apresentam um perfil de rochedos muito recortados, de pontas agudas e desnudadas e cobertos de aves marinhos e manchas brancas de guano.

São escarpidas; a uma amarra de distancia acha-se 50 a 60 metros dagua; quando faz bom tempo póde-se desembarcar em uma pequena enseada a N. O. Depois que se passa o Equador, no Oeste, estes rochedos ficam na estrada mais frequentada; deverá, pois haver a mais activa vigilancia quando se corta o seu paralelo de noite; em torno delos a corrente geral é entre ONO—NNO e a sua força media de 20 a 40 milhas em 24 horas.

Ninguem diria que estes penedos perdidos na imensidade atlantica fossem objecto, um dia, da atenção mundial...

Aquele arquipelago abandonado e inacessivel, com as suas ilhotas de pedra, rompendo as ondas revoltas e gigantescas, como que a resuscitarem o sonho de Atlantida, tornou-se agora, com o feito glorioso de Sacadura Cabral e Gago Coutinho, o alvo de todos os olhares anciosos, de todos os corações palpitantes...

A quem pertencem?

Ao mesmo tempo, porém, para o espirito calmo dos estudiosos, dos homens meditadores; a proeza dos dois herois de aviação militar portugueza traz aspectos novos e interessantes, de ordem scientifica e juridica que seria interessante esclarecer, ouvindo as opiniões das diversas autoridades no assunto.

Trata se de saber um ponto ainda obscuro na obscura e magestosa historia dos agora, celebres rochedos de São Paulo? A quem pertencem eles?

O facto de estarem determinadas terras ou rochas situadas no mar territorial não quer dizer que elas sejam nacionais. Ha exemplos, como o das ilhas nas costas de Dinamarca, no Pequeno e Grande Sund, cuja posse pertencem á Inglaterra e á Alemanha. No caso referente aos rochedos de S. Paulo e S. Pedro, existe uma questão, mais de «lana caprina», do que propriamente uma questão de ordem juridica, perfeitamente delineada. Quem poderá contestar ao Brazil a posse destas penedias?

Que signal de posse ou convenção existem contrarias ao direito sobre estas ilhas?

O facto das citadas penedias estarem afastadas das costas brasileiras não implica a sua posse estrangeira, mesmo porque o caso juridico das «res nullius», já não está previsto.

Os rochedos com o nome de S. Paulo figuram na maioria dos tratados geograficos impressos a raiz dos descobrimentos dos seculos XV a XVI como por exemplo no do «Teatro de la Tierra» do famoso geografo e cartografo Abraham Ortelius, dedicado a El Rei de Espanha, em Antuerpia, a 11 de 1588, e é com esse mesmo nome de «S. Paulo» que eles aparecem no «Atlas do Imperio de Brazil», do conselheiro Candido Mendes de Almeida, em 1868, sendo exquisito que não figurem de forma alguma no «Atlas» do mesmo titulo de barão Homem de Melo e Pimenta Bueno, em 1882 nem no «Atlas do Brasil» deste mesmo titular e do dr. F. Homem de Melo em 1909.

Um jornalista expulso

Os bolchevistas não querem nem olhos nem ouvidos

REVAL, 19. — Por ordem do governo dos soviets foi expulso da Russia o correspondente da United Press, sr. Pullinger.—(R.)

Os grandes proprietarios rurais

Vemdem as suas granjas para evitar o pesadissimo imposto

LONDRES, 19. — Em consequencia dos grandes impostos que tem que pagar o duque de Richmond e Gordon resolveu vender as suas imensas propriedades no condado, de Aberdeen.—(Lat. Am.)

A união dos vencidos

poderá trazer o desassocego na Europa

Causou uma grande sensação na Europa a noticia semi-oficial que circulou de que os aliados tinham encontrado os meios de obrigar os alemães a rasgarem o tratado que tinham concluido com a Russia. Se esta noticia tiver confirmação, ela vem dissipar um grande pesadelo, pelo menos temporariamente, mas ao mesmo tempo o efeito nefasto desta aventura, ha de certamente influenciar o espirito dos diferentes delegados á Conferencia, que pelo menos ficam com a certeza de que se não pode confiar na Alemanha, não falando já na repercussão que este facto terá em todos os assuntos a tratar de futuro.. E' preciso não esquecer que um dos fins da Conferencia era a restauração economica da Europa com o auxilio e cooperação de todos os Estados e elaborar um plano para evitar guerras no futuro, trabalhando todos na Paz e no Progresso e pondo de lado rivalidades politicas e de raça. Foi nesta ordem de ideias que a Russia e a Alemanha foram admitidas á Conferencia e tudo parecia caminhar em maré de rosas, quando surgiu o tratado entre estes dois paises. Era natural que a Russia e a Alemanha, na sua qualidade de proscritos internacionais, se esforçassem para, trabalhando em conjunto, se protegerem mutuamente, mas o seu procedimento, ao que deu lugar foi a um descredito absoluto para poderem tomar parte em conferencias internacionais. Se este tratado fosse permitido, a sua influencia economica seria tão vasta, que nós não podemos sequer supôr as consequencias que dele adviriam, considerando os recursos da Alemanha e da Russia, industrial e comercialmente falando. Se encararmos a questão pelo lado da população e de uma aliança militar, a realização deste tratado seria bastante para deitar por terra todos os projectos que se alimentassem de paz mundial e, portanto, a Conferencia de Genova veria em ruinas imediatamente uma das medidas que se propoz tomar. Se os aliados têm ou não força bastante para destruir o tratado, é o que nós estamos para vêr, contudo o que nós podemos dizer já, é que a habilidade da Alemanha já conseguiu afectar o sucesso da Conferencia de Genova e certamente a confiança universal nas teorias que ali foram discutidas, não deve ser grande.

Exposição do Rio de Janeiro

Declarações do sr. senador Ribeiro de Melo

Recebemos a seguinte carta:

Sr. director. — Como continua a confusão atribuindo-se-me palavras que absolutamente não proferi, peço a V. se digne consentir que eu declare não ter jamais atacado o Comissariado da Exposição de Portugal no Rio de Janeiro, mas somente estranhado a ilegitimidade de nomeações feitas pela Direcção Geral das Alfandegas e outras Repartições do Estado.

O comissario sr. Lisboa de Lima, pelo que tem feito em relação á publicidade da Exposição e sua propaganda na imprensa, só merece a minha inteira simpatia e os meus aplausos, porque tenho a felicidade de conhecer as bases do contracto e, sobretudo, os seus bons resultados.

Pela publicação desta se confessa muito grato, o de V. (a) — *Ribeiro de Melo, senador.*

A mão de obra em S. Thomé

Uma palestra com um agricultor proprietario naquela ilha, demonstra iniludivelmente a situação dificil em que se encontra a mais preciosa das nossas colonias -§- -§- -§- -§-

Esta questão da mão de obra em S. Tomé em que todas as atenções, todos os cuidados dos legisladores se deveriam concentrar duma forma definitiva e eficaz, vem de quando em quando á superficie trazendo quasi sempre, infelizmente um comentario pouco favoravel.

E' positivo que S. Tomé, a melhor, porventura a mais rendosa das nossas colonias, é justamente aquela que mais tem sofrido, enfermando continuamente de males que bem ligeiros remedios curariam se alguem pensasse em os aplicar com um criterio e uma largueza de vistas indispensavel. Em todas as opiniões dos interessados e dos entendidos, que temos procurado colher resalta sempre com a mesma evidencia a exclamação pedindo o remedio para a mesma necessidade: a mão de obra abundante e facil.

Condição indispensavel para a existencia das grandes emprezas e das grandes roças, é, de identica forma a preocupação quasi angustiosa do pequeno e do médio cultivador. E verificado como está ser de S. Tomé que nos vem ou nos pode vir a maxima parte do ouro estrangeiro, a indiferença ou a inercia dos poderes publicos em semelhante materia toca nas raias de um acto criminoso.

O sr. Virgilio Teixeira, proprietario em Lisboa e um dos cultivadores de S. Tomé, quiz ter a gentileza de nos fornecer algumas indicações, que são em resumo a sumula das necessidades menospresadas que assoberbam as ilhas do cacau e do café. A sua viveza amavel, traduz com relevo a sua preocupação dominante. S. Tomé pode evidentemente perder-se se lhe não lançarem olhos misericordiosos.

—Talvez o trabalhador negro tenha relutancia em ir trabalhar para S. Tomé?—inquirimos.

—De forma alguma. Posso mesmo garantir-lhe que os que tem conhecimento dos nossos processos e dos nossos contratos, não desejam outra coisa mais do que vir para as nossas plantações. O negro, quer de Angola, quer de Moçambique, que vem trabalhar para S. Tomé é tratado optimamente, melhor do que em qualquer outra colonia.

—Mas apesar disso não vem.

—Não vem porque não pode, unicamente. Ha leis especiais que pretendem regularisar e orientar a mão de obra em S. Tomé. Como sabe os trabalhadores para esta colonia costumam vir habitualmente de Angola e de Moçambique. Os altos comissarios destas duas provincias por motivos que não vem agora a pélo, não só parecem alhear-se do assunto, como até o hostilisam.

—Como assim?

—Em S. Tomé precisamos de 40.000 serviçais que tem de constantemente ser substituidos pelos que terminam os seus contratos. E' condição indispensavel e, pode-se dizer, unica para o desenvolvimento e exploração da nossa riqueza em cacau e em café. Pois não temos processo de os obter!

—O quê?

—Não ha forma. Em Moçambique a expedição dos serviçais para o Rand, em territorio inglez, não só é permitida como até mesmo facilitada. E não se trata ahi de tres duzias de milhares de serviçais. Não. São centenas de milhar. Ha sempre processo de os expedir para fóra do territorio da Provincia. Trata-se de nós, da nossa mais florescente colonia e não podemos obter com viabilidade os 40.000 de que carecemos e que querem vir, desejam absolutamente vir quando conhecem as vantagens que lhe oferecemos...

—Curiosa cousa!

—Diga antes aflitiva cousa. Os serviçais de que actualmente dispomos em S. Thomé são em numero reduzidissimo e esse numero tende constantemente a diminuir por muitas e variadas causas. Em virtude das modernas leis dos Altos Comissarios não temos forma de os substituir!

—E dura ha muito tempo essa situação?

—Quasi se pode dizer que é normal em S. Thomé. O sr. Norton de Matos vai agora permitir o contrato de mil pretos de Angola. E' alguma cousa. Mas é ainda pouco. Pouquissimo. Isto demonstra alguma boa vontade—mas não basta ainda.

—Em todo o caso é já uma promessa...

—Sim. Uma promessa que desejariamos por todos os motivos ver ampliada. Compreende? Isto é para nós uma questão vital.

—Poderia fazer-se alguma coisa com esses mil serviçais novos?

—Muito pouco. Estes quasi que apenas virão cobrir as vagas que se teem dado nos existentes e que já são escassos. E depois, um outro problema surge, importantissimo tambem.

—Qual?

—O praso do contracto. Antigamente não havia praso. Hoje só podemos contractar os serviçais pelo espaço de 18 mezes...

—E' pouco?

—Pouquissimo. Nesse lapso de tempo, temos que trazer o negro da sua provincia originaria, educal-o, adaptal-o ao clima, ensinar-lhe o mister e finalmente repatrial-o.

—Quanto tempo perdido!

—Calcule. Quer o serviçal venha de Moçambique, quer do sertão de Angola, a viagem é longa e a menor duração que podemos arbitrar-lhe nunca é inferior a quasi dois mezes. Ponha outro tanto para a repatriação e ahi temos já quatro meses. Se calcular que nos são precisos pelo menos outros quatro para adaptar os trabalhadores a um clima diferente e ensinar-lhe os rudimentos do seu serviço, teremos um total de 8 meses. Oito meses perdidos em 18! Quasi 50 o/o do tempo do contrato desaparece nestas cousas. De forma que o trabalho e o tempo uteis reduzem-se a metade.

—Não poderão evitar todas essas coisas?

—Seria facilissimo desde que se quizesse pensar nisso um pouco a serio. E' urgente. Faço-lhe notar que a riqueza de S. Tomé influe em grande parte na economia geral da nação e que essa riqueza não pode de forma alguma progredir, nem mesmo estabilisar-se se o problema da mão de obra não for resolvido com justo criterio. E' preciso trabalhar tenazmente sim. Ou mão de obra facil e abundante ou estagnação absoluta da nossa produção agricola. Não ha que sahir deste dilema.

Tendo agradecido ao sr. Virgilio Teixeiro, despedimo-nos.

NA IRLANDA TURBULENTA

Parece que nunca mais haverá socego

LONDRES, 19. — Teem continuado os tumultos em Belfast. O parlamento votou hontem um credito de 75.000 libras para o governo do norte da Irlanda destinado a indemnisações as vitimas do terror que ali tem reinado.—(R).

A lei 1244 comentada e anotada

Os tres felizardos de hoje

Coronel do quadro de reserva, José Duarte Pereira Pinto. Este oficial, apesar de já reformado, dava planos, deu a sua adesão entusiasta á causa, e andava sempre animando as colunas monarquicas. Como muitos outros, conseguiu escapar-se da tormenta, gosando felizmente a sua reforma, em pleno socego, depois de se refazer do susto ao ver sair tantas leis «golhotinas...» Em compensação outros que fizeram apenas a sua adesão, para poderem continuar a receber os seus parcos vencimentos de reforma, sofreram os rigores implacaveis das leis que se sucediam, ampliando a sua esfera de ação «guilhotinal...»

Coronel reformado da arma de cavalaria, José Monteiro Cabral de Vasconcelos. Este oficial animava os monarquicos na luta «á outrance» dando tambem as suas ordens. Como se deveria recompensar, quem depois de reformado assim com entusiasmo prestava serviços? Encarrega-lo do levantamento de autos, por ter sido sempre «republicano historico». E mais ainda, devido aos ultimos serviços colocou-se bem... era merecedor

Tenente de infantaria, Manoel Soeiro de Faria. Este oficial era alferes de infantaria 13, quando das juntas militares do Porto andou em esitações continuas, se sim ou não... mas, implantada a monarquia o seu entusiasmo, levou-o, a fazer-se com os trauliteiros, acompanhando-os nos seus «entusiasmo...» Nada sofreu coitado da «entusiasmite aguda», mas, refeito do susto que apanhou, foi depois uma acerrima testemunha de acusação dos seus camaradas, enfim prestou então serviços relevantes..

Em Londres

1.200 comboios por dia

A Rainha de Inglaterra inaugurou solenemente em fins do mes passado a nova estação de Waterloo, o grande «terminus» em Londres do caminho de sudoeste. Os trabalhos de reconstrução levaram vinte anos sem se ter interrompido o serviço dos comboios. Para se fazer uma ideia do tamanho da estação, basta dizer que o movimento diario dos comboios é de mil e duzentos, e o numero de passageiros que diariamente transitam pela estação é de cento e quarenta mil.

Waterloo ficou sendo a maior estação do mundo, e está dotada de todos os ultimos aperfeiçoamentos. Ocupa uma area de 25 acres e tem vinte e duas plataformas paralelas algumas com mais de 900 pés de comprimento. Tem uma casa de sinais onde se fazem vinte e cinco mil movimentos de alavanca por dia.

A construção representa um maravilhoso trabalho de engenharia, por isso que o local em que foi construida, era antigamente um terreno pantanoso.

O EGITO

Soberano e independente

Quem é o novo Rei Fuad I

Por 292 votos contra 70 a Camara dos Comuns reconheceu o Egito como um Estado, isto é, soberano, independente. Isto foi no dia 15 e até agora as festas civicas ainda dominam as praças e ruas do Cairo. O novo rei, Fuad, I, logo depois de recebidas as comunicações oficiais, publicou o respectivo decreto estabelecendo a nova ordem politica e providenciando a nova organisação administrativa. Em seguida rodeado de seus ministros, recebeu a sagração na mesquita de Mohamed Ali e passou revista ás tropas, entre aclamações.

O rei do Egito é um espirito superior. Fez seus estudos na Escola Militar de Terim. E' amante das artes e das sciencias. Deve-se-lhe a fundação da Universidade Egipcia, do Instituto Ichtiologico e Sociedade de Geografia.

Essa independencia ainda não é a que aspiram os «intransigentes», partido extremista que se bate pela soberania absoluta. Em todo o caso ela representa uma conquista relevante, embora a Inglaterra ainda fique senhora do vale do Nilo, do canal de Suez e obrigada a defender o Egito contra agressões exteriores.

O uniforme do rei do Egito é o de general do exercito britanico.

O desenvolvimento do "raid" Lisboa-Rio

O que está feito e o que falta ainda fazer

ETAPES	Dias	Partida	Chegada	PERCURSO Milhas	PERCURSO Kilom.	Velocidade Quilom.	Tempo
Lisboa - Las Palmas	30	7 h.	15 h. e 12 m.	710	1.316	156	8 h. e 12 m.
Las Palmas - Cabo Verde	5	8 h. e 30 m.	17 h. e 20 m.	840	1.546	167	8 h. e 20 m.
Cabo Verde - Rochedo S. Paulo	18	5 h. e 50 m.	18 h. e 35 m.	986	1.828	152	12 h. e 35 m.
Rochedo S. Paulo - F. Noronha				360	667		
F. Noronha - S. Salvador				605	1.121		
S. Salvador - Rio de Janeiro				1.346	2.495		
TOTAIS				4 238	7.841		

Ainda um echo do 9 de Abril

O correspondente portuguez dum grande diario fluminense, fala das derrotas que são victorias e das victorias que são derrotas

Transcrevemos de «A Noite», do Rio de Janeiro:

Lisboa, 9 de abril de 1922.

Comemora-se hoje mais um aniversario da batalha do Lys. Esta derrota foi uma vitoria. Por isso a alma portugueza se expande. Estes aparentes paradoxes merecem algumas considerações.

A batalha do Lys foi um simples episodio da grande guerra. Nesse formidavel luta, onde se jogaram os destinos do mundo, o velho Portugal estava representado por alguns milhares dos seus filhos. Fôra a Alemanha que nos declarara a guerra,—essa poderosa Germania que, em pleno paz e abusando da sua força material, nos arrebatara traiçoeiramente alguns quilometros do territorio portuguez, lá nos confins da Africa, na terra hoje sagrada, de Kionga, que pela paz de Versailes foi reintegrada no legitimo dominio colonial portuguez. Ao desafio dos formidaveis exercitos da Alemanha, apoiados pelas hostes da Austria-Hungria, da Turquia e da Bulgária, respondemos nós, portuguezes, com o envio a terras de França e Africa, dos nossos soldados, que foram procurar o inimigo onde ele estava, visto que não podia vir ter comnosco. Vencemos em Africa onde, colaborando com os inglezes e belgas, obrigamos os alemães a aceitarem a capitulação final; e vencemos tambem em França, parque a gloria do armisticio suplicado pelos germanos não é só das grandes potencias mas de todas as que prepararam a eclosão final da vitoria, incluindo o Brasil, que tambem esteve na guerra e tambem venceu. Que importa que a divisão portugueza tivesse cedido á pressão do exercito alemão? Numa frente de 12 quilometros o Estado Maior Alemão arremessou contra a divisão portugueza nada menos de oito divisões de tropas escolhidas. Tropas frescas, cheias de vigor, contra um grupo de homens cansados, quasi exaustos. Oito contra um! A divisão portugueza foi aniquilada no campo de batalha, com os artilheiros agarrados ás peças, com a infanteria formada em quadrado, vomitando sobre o inimigo as ultimas munições, perdendo em poucas horas oito mil homens, mas impedindo, até ao esgotamento total de forças, o avanço vistorioso dos exercitos do Kaiser. Fez o seu dever, com heroicidade antiga. Não era possivel fazer mais, porque morreu. Por isso nós dizemos: Esta derrota foi uma vitoria!

Bem faz a Nação em celebrar a data do 9 de abril. Ela pertence á historia, é um legado glorioso da geração presente á posteridade. A batalha do Toro foi uma derrota que não apagou Aljubarrota; Alcacer-Kibir não empanou o brilho da epoca das conquistas de navegação; Bussaco não foi senão uma batalha indecesiva, mas marcou a primeira «étapa» da decandencia dos invenciveis exercitos do Grande Corso, o maior cabo de guerra que o mundo tem visto; a batalha do Lys gravou, com rutilantes letras de Glorias, uma pagina da Historia Patria; não maior que tantas outras, mas egual a elas: a infanteria portugueza, guarnecendo as trincheiras que se estendiam desde Lavantie até ao Loison, cederam ao formidavel embate de 240.000 homens; defenderam o terreno palmo a palmo e se retiraram quando restavam meia duzia de sobreviventes e se encontrou sem o apoio dos inglezes. O exercito portuguez—se assim se pode chamar á hoste lusitana!...—cumpriu a sua missão até final. Esta derrota foi uma victoria!

Desgraçadamente, ha outras vitorias que são derrotas. As revoluções intestinas, que sacrilegamente, se tem encoberto sob a bandeira da Republica, tem sido triunfos, vitorias... Tristes vitorias e malfadados triunfos! A' parte a revolução de 5 de outubro de 1910 e o episodio, verdadeiramente épico de Monsanto, quanta miseria e quanta vergonha em todas essas lutas sanguinolentas, que não tem por verdadeira finalidade senão a supressão de um opressor por outro, tão mau, tão inepto, tão criminoso como o vencido! Tais vitorias são derrotas. E derrotas são tambem as afirmações de vitalidade doentia, tão frequentemente exteriorisadas pelas classes operarias, empurradas para infindaveis e insoluveis greves por «meneurs» interessados na anarquia geral da sociedade. Essas periodicas suspensões de trabalho agravam continuamente a já tremenda crise de produção, encarecendo cada vez mais a vida diaria e empobrecendo a Nação, agora á deficitaria até em generos alimenticios de primeira necessidade. O cancro sindicalista róe os organismos vivos da economia nacional. Entre nós, as reivindicações proletarias tomaram a feição francamente bakunista, que não se compadece com o Estado organisado, antes o combate e procura totalmente destruir. Deveria ter-se previsto o perigo, auxiliando-se a formação até á estabilidade, de um partido socialista, que conquistasse ao Estado burguez as regalias possiveis atenuadoras do parasitismo capitalista.

Não se fez assim. Pelo contrario: após Monsanto, a Republica, pelo ministerio do Trabalho, deu larges possibilidades a «Confederação Geral do Trabalho», e á «União dos Syndicatos Operarios», que agremiaram muitos milhares de trabalhadores citadinos e estenderam a acção deleteria da sua propaganda intensiva até aos centros industriaes do paiz — a Setubal, a Arrentela, á Covilhã e a outros pontos — e mesmo aos campos, onde já existem nucleos de syndicatos de trabalhadores ruraes. Tudo isto constitue «etapes» para o aparecimento dessa Ordem Nova, cujo exemplo maximo de efeitos perniciosos reside agora na Russia, devastada pela mais horrivel fome que tem castigado a terra e debatendo-se na agonia da sua economia nacional tão intensa que o rublo já nem cotação tem nos mercados do resto do mundo. Estas victorias é que são derrotas!...

E' claro que taes contrastes produzem uma grande impressão no Novo Mundo, especialmente entre as classes cuja educação filosofica não é suficiente para os avaliar, segundo o seu justo valor. A desordem impressiona, talvez ainda mais a desordem mental que a material. Aqueles, porém, que conhecem a historia, que se conta por milhares de anos, do mundo civilisado, não ignoram que os povos são, de tempos a tempos, agitados pela vaga aparentemente louca da destruição e do homicidio, mas que taes crimes não são senão os prodromos de transformações sociaes, ainda em gestação, mas visiumbrados pelos espiritos clarividentes, no futuro longinquo.

Os povos revigoram-se na guerra para progredirem na paz. E felizmente, para esta quasi milenaria nação do Ocidente europeu, tudo parece indicar que a crise está proxima do fim e que os dias de paz vão suceder-se aos agitados anos com que a guerra nos castigou. A sociedade portugueza disciplina-se pouco a pouco, muito lentamente, ai de nós! mas, emfim, disciplina-se. Cremos que a comemoração que hoje se fez é disso sinal certo e evidente, tal a solenidade respeitosa, por assim dizer religiosa, que o nevrotico povo de Lisboa lhe soube imprimir. Não nos impressionou, evidentemente, o acto aficial da comemoração. Não foi um melhor nem peor que outro qualquer. Tropas na rua, discursos, salvas... eis tudo! Mas foi singularmente emotivo o espaço breve dos poucos minutos seguintes ás 5 horas da tarde, quando trez tiros de canhão anunciaram á cidade o inicio do momento silencioso. Nesse instante desciamos a pé a avenida Almirante Reis. Vimos que toda a gente parou e se descobriu, que os bondes e outros meios de transporte suspenderam a marcha, que um silencio solenissimo, verdadeiramente comovedor, envolveu toda a cidade, como se ela se transformasse na nave dum templo votivo á ideia segrada da patria. Nesses trez breves minutos, os corações portuguezes pulsaram pela grandeza da nação e pela sua eternidade; e as almas elevaram-se até Deus, junto do qual tiveram éco as preces pelo descanço glorioso dos que cairam varados pela metralha no campo de batalha do Lys. Emquanto nós, portuguezes, formos capazes de compreender e executar estes sentimentais gestos, é crime supor que a nação vai morrer...

Não, não vai. A raça é ainda apezar de tudo a mesma, tem as mesmas energias de outrora, mesmo dos tempos longiquos em que «deu mundos novos ao mundo». E atravessia do Atlantico, tentada por dois lusitanos ilustres, vem revigorar a fé nos destinos gloriosos da nacionalidade. na historia de Portugal está-se escrevendo mais uma brilhante pagina, e a historia é o espelho das nações Coutinho e Cabral vão em demanda do Brasil, atravez dos ares, como em 1500—ha mais de 400 anos!—outro Cabral o descobriu, rasgando audaciosamente as aguas do oceano desconhecido. Os dois Cabrais: que maravilhosa coincidencia!

Nós pertencemos ao numero daqueles a quem a fé anima. Sabemos muito bem que os audaciosos navegadores do ar não vão ao acaso—exatamente como o não foi o primeiro Cabral, que, atravez do desconhecido, procurou e encontrou uma terra provavel, quasi certa. Mas fiamo-nos muito mais na justiça imanente que no calculo dos homens.

E é por isso que temos fé no exito completo da viagem de Coutinho e Cabral, já festejados e acarinhados, até á apoteose, por essa entusiasta população do Rio de Janeiro, onde a generosidade é resultante natural da fusão animica de brasileiros e portugueses, cujo ardor patriotico é tão intenso que nem mesmo pode atenuar-se pela separação no tempo e no espaço. Rejubilemos todos: seja qual fôr o destino da veia Lusitania, a lingua portuguesa, falada em todos os continentes do mundo, aperfeiçoada e brunida nessa paradisiaca terra do Brasil, atestará atravez de todos os seculos da eternidade infinita que um povo existiu e existe, sempre joven, sempre audacioso... Os novos arautos de Portugal chegarão, pois, ao Brasil. Mas, se por desgraça e por motivo do imprevisto imponderavel, lá não aportaram, a conquista do caminho aereo para o Brasil pertence de direito e de facto a Portugal, porque foram dois portugueses os primeiros que chegaram a S. Vicente de Cabo Verde. Gloria a tão insignes patriotas!

Theatros e Cinemas

Agenda da semana

HOJE—S. Luiz—Despedida da companhia franceza.
—Eden—2.ª recita da companhia hespanhola.
—Salão Foz—Recita do actor Antonio Gomes.
AMANHÃ—Chiado Terrasse—Primeiras representações da revista «Tiro ao alvo».

Medalhão

Antonio Gomes

Faz hoje a sua festa no Salão Foz, de que é primeira figura. Se lhe não estampamos o retrato, é simplesmente porque o não temos. Mas, ao mesmo tempo, para quê? Quem ha que o não conheça, que não tenha rido com as suas faccecias, que não tenha aplaudido o seu trabalho de minucia e detalhe, mas sempre sem exagero? E' um comico, mas é, ao mesmo tempo, um actor, e a procar tal afirmativa, basta citar a sua interpretação no «Dia de Juizo», do mestre Schwalbach. Hoje, como sempre, terá mais uma vez a prova de estima que o publico lhe dispensa.

Primeiras representações

EDEN—«Las Veronicas», *3 atos de Manoz Seca e Perez Fernandez, musica do maestro Vives.*

Fez ontem a sua apresentação no Eden a companhia Barreto-Ballester e, se o primeiro acto da peça levada á scena nos deixou uma impressão, quando muito, sofrivel, a verdade é que a modificámos por completo no decorrer dos actos seguintes, em que tivemos ensejo de constatar que a *troupe* espanhola é, ao contrario do que supunhamos, uma companhia organizada, contando com elementos de valor, alguns dos quais se fizeram justamente aplaudir pelo publico.

«*Las Veronicas*» recomenda-se apenas pelo seu segundo acto e, sinceramente o dizemos, todo êle está muito bem marcado; coros afinadissimos e a regencia da orquestra, a cargo do maestro Murgheza, já nosso conhecido, com uma proficiencia digna de nota.

Teve «*Las Veronicas*» a vantagem de nos dar a conhecer quasi todo o elenco e, talvez, por êsse facto, se justificasse a apresentação da companhia com aquela peça. Assim é que Ballester e Barreto, nos seus papeis comicos, se fizeram, por vezes, aplaudir sem reservas. Serrano nos deixou a impressão de um artista com quem ha que contar no *genero chico*, e Lopez com uma voz de baritono, bem timbrada, deixando propositadamente para o fim o elemento feminino da companhia.

Para o genero opereta, que constitue o seu grande reportorio, Presentácion Nadal é talvez, das que vimos, pela voz e figura, a que mais completamente poderá desempenhar os papeis brilhantes dêsse genero de teatro. Na zarzuela *chica*, Daina e Prado foram as que, pela sua alegria e vivacidade, conquistaram, desde a sua entrada, o portuguesinho valente e certamente se farão aplaudir em espectaculos futuros.

Guarda-roupa muito limpo, scenario pobre, excepção do final do segundo acto, que agradou sem reservas, e a musica, como toda a do maestro Vives, alegre, viva e de facil audição.

ALVARO LIMA

S. LUIZ—«La Passerelle», *3 actos de Francis de Croisset.*

A peça que ontem a *troupe* de madame Laparcerie-Richepin apresentou ao publico de Lisboa descançou-o das recitas antecedentes, um pouco pesadas e onde, decerto, o excepcional talento da notavel artista brilhou com tanto esplendor como ontem.

A peça, de Croisset, autor *boulevardier* e ligeiro, que a habitual exportação franceza, faceta e descuidosa, vai passeando pela Europa, não pode ter evidentemente foros de grande notoriedade. E', no entanto, apesar da sua frescura, que toca as raias de uma imoralidade muito pervertida e muito desabusada, uma peça onde o genio gaulez, futil e borboleteante, aparece constantemente com um espirito e uma graça apenas possiveis na lingua franceza, quando os assuntos frisam uma grande liberdade de linguagem e de acção.

Claro que, para êste genero em que excela o autor do *Cœur dispose*, os artistas que compõem a *troupe* de madame Laparcerie, com muito mais facilidade podem pôr em realce as suas qualidades naturais. E foi, de facto, o que sucedeu. Madame Laparcerie, compreendendo as disposições hilariantes e benevolas da plateia, carregou um pouco a tendencia principal do seu papel, produzindo abertamente a *charge*. A magnifica artista, em verdade superior em todos os generos que tem abordado, não nos mostrou apenas, desta vez, o seu *facies* grave e pomposo de sacerdotisa de Melpomene, hieratica como uma cortezã de Veneza, ou magestosa como as heroinas do neo-romantismo. E' a graciosissima, espirituosa dama muito franceza e muito moderna, enredando, complicando, com um chiste e uma viveza que não devem ser habituais no seu temperamento artistico.

A *mise-en-scène*, delicada e cuidadosamente elaborada, traz uma nota fresca, quasi inedita. As boas tradições da *Renaissance* foram, de facto, mantidas, muito embora o espirito tutelar dêsse teatro não acompanhe a actual *tournée*. Mas, de facto, os elementos que secundam madame Laparcerie coadjuvam notavelmente o seu trabalho. Não só se verifica isso no detalhe material, como até no esforço dos seus colaboradores directos. Beaumont e Collins foram notaveis, bem como todas as figuras secundarias do programa. Lindas *toilettes* em suma, as *toilettes* de Redfern e de Malquins, feitas para os contornos quasi masculos da mulher moderna. Bom gosto, inquestionavelmente.

Noticiario

Entre nós

Deixou de fazer parte da companhia do teatro Gil Vicente a actriz Zina Novais.

◆ Depois de uma grave infermidade encontra-se já restabelecido o apreciado e distinto actor Chaby Pinheiro e que no proximo dia 1 de Junho reaparece no teatro Avenida, depois de uma ausencia de dois anos, ao lado actriz Cremilda d'Oliveira, que o nosso publico tanto aplaudiu na opereta e que hoje se dedica a comedia onde já conquistou tambem um logar de destaque.

A comedia de estreia é da autoria de André Brun, «A Maluquinha de Arroyos».

◆ Com destino á «Companhia Ruas» estão escrevendo uma fantasia-revista em 2 actos e 13 quadros, os escritores portuenses Ascenção Barbosa e Abreu e Sousa, os festejados autores do «Belo Sexo». A nova peça intitula-se «Cigarro Brejeiro».

◆ E' já no proximo dia 22 que, no teatro S. Luiz se fará «reprise» da engraçada opereta «Rainha do Animatografo», em festa de Alfredo de Sousa que interpretará o papel criado por José Ricardo, fazendo Auzenda d'Oliveira a protagonista.

◆ A «Companhia Espanhola Barreto Ballester» representa hoje, no Eden, em 2.ª recita de assinatura, a opereta «La Princeza de la Czarda», cuja protagonista está a cargo da 1.ª tiple Presentacion Natal. Amanhã, sabado, inauguração dos espectaculos «genero chico», subindo á scena «Los tios primos» e «El assombro de Damasco».

◆ Despede-se hoje do publico de Lisboa, a companhia franceza de Madame Cora Laparcerie, com a conhecida peça «Zizá», magistralmente interpretada, entre nós, por Angela Pinto.

Cartaz do dia

Teatro de declamação

NACIONAL—A's 9—«O Centenario»
S. LUIZ—A's 9—«La Passerelle» Companhia franceza.
POLITEAMA—A's 9,30—«Azas quebradas».

Teatro musicado

AVENIDA—A's 9,15—«A Perola Negra»
APOLO—A's 9,15—«Belo Sexo».
EDEN TEATRO—A's 9—«La Princesa de la Czarda»—Companhia espanhola.
SALAO FOZ—A's 8,30, e 10,30—«Piparote».

Circos

COLISEU DOS RECREIOS—A's 9—Espectaculo de luta.

Animatografos

OLIMPIA—Rua dos Condes
CINEMA CONDES—Avenida da Liberdade
SALAO CENTRAL—Praça dos Restauradores

ULTIMA HORA

PARLAMENTO

Nos Deputados

NOS PASSOS PERDIDOS

A Camara desembaraçou-se, rapidamente, dos orçamentos dos ministerios do Trabalho e da Marinha; ver-se-ha livre, talvez hoje mesmo, do orçamento do ministerio da Guerra, que está dado para ordem do dia. Graças á estagnação a que o sr. Cunha Leal chama «Solar dos Barrigas», o Governo vai singrando de vento em pôpa, com legitimas esperanças de ver transformado em alegre reformador o triste politico que preside á gestão laboriosa das finanças publicas. Para aplanar o caminho, afirma-se que o sr. Antonio Maria da Silva se empenha agora, em satisfazer as reclamações economicas do funcionalismo armado e desarmado. Ouvimos a tal respeito, um politico categorisado. Eis o que nos disse:

—O Antonio Maria da Silva vai dar subvenções de familia aos empregados publicos e á oficialidade do exercito...

—Mas ele disse que não...

—E agora diz que sim. E' a isso que se chama, nestes tempos de incerteza, fazer hoje o contrario do que se afirmou ontem.

—Mas donde sai o dinheiro?

—Dos cofres do Estado. Para conhecer a volta-fece é que o chefe do governo enviou ao Parlamento a proposta de lei, alinhavada á pressa, da redução do funcionalismo.

—Diga-me outra coisa: V. sabe quanto rende a taxa militar?

—Não. Mas porque pergunta isso?

—Porque talvez esse importante imposto podesse dar uma parte do dinheiro necessario para as subvenções de familia.

—E' possivel. Mas deixe-me ir responder á chamada.»

E o nosso amigo, acreditado parlamentar desta praça, engolfou-se na sacrosanta incubadora das leis.

Terminou a chamada, com numero suficiente para as votações. O chefe do Governo já está presente. Como espirito superior que é, não se lhe nota na fisionomia a menor inquietação: Devem ser tendenciosos os boatos de alteração iminente da ordem publica. De resto, a fiança que, na outra Camara, lhe deu o sr. Ribeiro de Melo, é suficiente garantia da sua tranquilidade.

ANTES DA ORDEM DO DIA

O torneio oratorio é inaugurado pelo sr. Alberto Xavier. Trata-se de um negocio urgente, a que o sr. Presidente do Ministerio terá de responder.

E' o problema das reparações de guerra que o sr. Alberto Xavier põe em foco. Parece que a Alemanha conseguirá contrair um emprestimo importante na America do Norte, empenhando-se no exito das negociações o conhecido argentario Morgan. Vai realizar-se uma conferencia internacional, onde o problema das reparações será novamente discutido. Que sabe o Governo a este respeito? Até hoje ainda a Alemanha não entregou nada do que nos deve? O sr. Jaime de Sousa, nosso delegado, afirmou que já alguma coisa nos fôra entregue, podendo o montante servir de base para uma mobilização de capitais. Que diz o Governo?

O orador desenvolve, com pormenores varios, as suas considerações.

A resposta do chefe do Governo ao sr. Alberto Xavier foi dita em segredo, para a duzia e meia de deputados que o rodeavam. Essencialmente, parece que disse isto: a questão das reparações merece a atenção constante dos Governos aliados; se a Alemanha conseguir um emprestimo, mais facil lhe será pagar em marcos-ouro; se o não conseguir, os aliados transigem com o pagamento em maquinas e mercadorias.

Reputamos absolutamente segura a informação que certifica não haver, no presente momento, nenhuma justificação para os boatos de uma proxima alteração da ordem publica.

Passa-se á

ORDEM DO DIA

que é a discussão e votação do orçamento do Ministerio da Guerra.

O primeiro capitulo é aprovado sem discussão. Para a analise do capitulo 2.º pede a palavra o sr. Barros Queiroz, que inicia o seu discurso mandando para a mesa uma emenda.

A sessão continua.

No Senado

Preside o sr. Pereira Ozorio, secretariado pelos srs. Ramos Pereira e Fernandes de Almeida.

Acta aprovada por 32 senadores.

ANTES DA ORDEM DO DIA

O sr. Xavier da Silva insta para que os documentos que pedira pelo Ministerio da Justiça lhe sejam fornecidos com urgencia.

O sr. Constantino dos Santos envia para a mesa um projecto de lei concedendo uma pensão á viuva do alferes José Enes.

O sr. Santos Garcia envia para a mesa uma proposta de lei reduzindo o numero de vereadores das Camaras Municipais.

O sr. Herculano Galhardo refere-se ás instancias feitas pela Administração do E. P. L. junto de varias entidades para retirarem de um barracão as granadas ali existentes, vindas do C. E. P.

O sr. ministro da Guerra declara que esse material explosivo deve pertencer ao Ministerio das Colonias, prometendo transmitir ao titular daquela pasta, as considerações do orador.

O sr. Aragão e Brito declara não ter a Alfandega responsabilidade alguma no caso. São 5 horas.

A sessão continua.

Raid Portugal-Brasil

O novo aparelho radio-telegrafico que foi colocado a bordo do cruzador «Carvalho Araujo», é de 1|2 k w e pode atingir por meio da telefonia 250 milhas e pelas ondas hertzianas mais de 100 milhas podendo Monsanto comunicar com o «Carvalho Araujo até ao sul de Cabo Verde.

A bordo deste navio devem ir as malas do correio com destino ao cruzador «Republica» e aos aviadores até 21 do corrente.

O hidro avião deve ser embarcado a bordo amanhã ou depois; sobre o assunto teve hoje uma conferencia com o sr. ministro da Marinha, o oficial piloto-aviador sr. Moreira de Carvalho, director da Aviação Maritima.

O director dos Correios e Telegrafos em Lourenço Marques enviou hoje ao sr. ministro da Marinha o seguinte telegrama: «Em meu nome e no do pessoal dos correios e telegrafos desta provincia saudo efusivamente governo Republica na pessoa de v. ex.ª gesto nobre e patriotico enviando novo avião complement. viagem Brazil.

Do consul do Pará, o seguinte telegrama: Reunião do Consulado, colonia, associação resolvido saudar v. ex.ª governo patriotica persistencia realisação raid Lisboa-Rio intrepidos aviadores patricios respeitosos cumprimentos.

Pelo ministerio dos Estrangeiros foi hoje enviado ao da Marinha, o seguinte oficio: Tenho a honra de comunicar a v. ex.ª, para os fins convenientes, que, segundo informa o ministro de Espanha em Lisboa, Sua Magestade Catolica, agraciou os heroicos aviadores portugueses Gago Coutinho e Sacadura Cabral, respetivamente com a Gran-Cruz de Merito Militar e a Cruz de 3.ª classe de mesma Ordem, a imediatamente inferior, sendo cada um destes graus os imediatamente superiores aos que pelo regulamento da mesma Ordem correspondeJriam á actual categoria dos agraciados da Armada Portugueza».

A bordo do «Carvalho Araujo» ficam hoje prontos todos os trabalhos que se prendem com o assunto para poder receber com toda a segurança a bordo o novo hidro-avião.

Confederação Patronal

A confederação patronal reuniu hoje, pelas 14 horas, na Associação dos Lojistas, sendo largamente discutida a atitude que tomaram alguns industriais mobiliarios na ultima greve do pessoal daquela industria.

A' referida reunião foi permitida a entrada aos representantes da imprensa.

"O Raid,, Lisboa-Madrid

No Ministerio da Guerra continuaram-se hoje a receber boas noticias sobre o estado dos nossos arrojados aviadores em Madrid, acentuando-se por parte de toda a população da capital espanhola as maiores demonstrações de simpatia pelos bravos portuguezes, empreendedores de mais este raid.

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações	
Londres, cheque.	4 5/16—	43,16
» 90 dias.	4 3/8—	—
Paris, cheque.	1140—	1171
Suissa, cheque.	2400—	2470
Belgica, cheque.	1040—	1072
Italia, cheque.	650—	670
Berlim, cheque.	40—	45
Holanda, cheque.	4650—	5000
Madrid, cheque.	1965—	2025
New-York, cheque.	12500—	12880
Brazil, cheque.	50—	54
Austria, cheque.	1—	3
Noruega, cheque.	2355—	2426
Suecia, cheque.	3250—	3348
Dinamarca, cheque.	2708—	2700

Libras . . . . . 61$000 — 63$000

Em poucas linhas

Foi preso José Augusto de Alcantara, travessa do Arco da Graça, 24, 1.º, por haver furtado artigos de farmacia, no valor de 10$00, a Manoel Luiz Sequeira, com farmacia na Praça de D. Pedro, 122.

—Queixou-se Maria Nunes do Céo, beco de Mó, 2, loja, de que lhe haviam furtado um vestido de seda no valor de 70$00, ignora quem fosse o autor do furto.

O Hidro-Avião do "A B C zinho,,

Fez-nos hoje uma visita o sr. Filipe Rei, autor do já famoso Hidro Avião do «A B C zinho», o interessante jornal para creanças que cada dia tem maior exito.

O engenhoso colaborador do «A B C zinho» trazia comsigo o hidro-avião e umá das folhas que servem para a sua construção.

E' de facto muito curioso e chega a parecer impossivel que naquele bocado de papel se encontrem todas as peças que constituem o gracioso brinquedo que uma vez armado é uma miniatura exacta do aparelho em que os gloriosos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral fizeram a heroica travessia.

O avião do «A B C zinho» tem tido um exito invulgar, não só por parte da petizada, mas até dos papás.

Hoje inauguraram-se nas «vitrines» da «Maison Blanche», no Rocio e na do «Damião», do Chiado exposições do aparelho por onde os entusiastas compradores poderão ver de perto como se constroe o hidro-avião.

Agradecemos a visita do sr. Filipe Rei, felicitamos o colega «A B C zinho» por mais este notavel exito.

A cidade de Paris

Perpetua a recordação do seu bombardeio na sexta-feira Maior de 1918

Os franceses inauguraram em Paris, na Egreja de Saint Gervais, um grandioso monumento que relembrará o bombardeio que os alemães fizeram contra aquela egreja, justamente na semana Santa de 1918, isto é, em 29 de Março do mesmo ano.

O monumento é erigido em memoria das centenas de pessoas que nele foram vitimadas.

Não ha quem não se recorde ainda do que foi o bombardeio da Egreja de Saint Gervais verificado no periodo mais agudo da grande guerra. Diariamente os Gothas e o grande canhão «Bertha» vomitavam sobre Paris as suas bombas e os seus obuzes, espalhando o terror pela população. Era pela Semana Santa de 1918. Houve dois dias em que o terrivel canhão «Bertha» calou. Esperava-se a todo o momento que ele recomeçasse mas nunca se poude imaginar que tornasse a funcionar na Sexta-feira Santa, exactamente na hora em que no mundo inteiro os cristãos comemoravam a morte de Cristo. Ninguem podia imaginar que nesse dia se bombardeassem as egrejas. Por isso, talvez, todos os templos catolicos de Paris se encheram de fieis que foram fazer preces diante do Cristo morto.

Estava a Egreja de Saint Gervais, repleta, quando recomeçou o bombardeio sobre Paris. No mesmo instante foi ela atingida por um obuz. A sua aboboda desmoronou-se, emquanto uma nuvem de poeira e de fumaceira envolvia tudo. Os mortos, os agonisantes e os feridos jaziam sobre os escombros. Foram terriveis visões de horror, seguidas de scenas comoventes e de reconhecimentos pateticos. Entre as vitimas, contava-se uma maioria de mulheres, de velhos e de creanças.

São essas recordações que o monumento evoca. A cerimonia da sua inauguração foi presidida pelo cardeal de Paris com a presença do presidente Millerand.

O monumento é obra do estatuario H. Lefebvre e do arquiteto Paul Lebret. Nele se vem, ao pé de um Cristo, á esquerda, os fieis prosternando-se para beijar a Cruz da Sexta-feira Santa. A' direita, as almas das vitimas evoquam dos escombros para os braços do cruxificado que se abaixam para recolhe-las. O conjunto dessa obra de arte é completado por um belissimo vitral. De cada lado do altar, leem-se os nomes dos 91 mortos nesta dolorosa catastrofe, talvez a mais dolorosa que Paris tenha experimentado.

Ainda o caso dos poveiros

O QUE ACERCA DESTE INCIDENTE, ESCREVE :—: :—: :—: MALHEIRO DIAS :—: :—: :—: :—: :—: NA CAPITAL FLUMINENSE :—: :—:

Es'e incidente deploravel já foi suficientemente analisado, sob o criterio brasileiro. Jornalistas com o genio combativo de Paulo Barreto, jurisconsultos com a autoridade de Pedro Lessa e de Rodrigo Octavio impugnaram quer a falta de equidade da medida violenta, quer a inconstitucionalidade da lei que a originou.

Muito outro tem de ser o criterio com que deveremos examinar essa delicada questão. Não nos cumpre apreciar se a lei da fiscalisação da pesca é, ou não anti-constitucional. Cada um em sua casa comete os erros que quer, admitindo que essa lei séja inspirada por um erro. Os legisladores brasileiros entenderam que convinha ao Brasil a aplicação de principios novos, não aplicados nos demais paizes da Europa e da America, ao exercicio da pesca nas aguas territoriais? Quem lhes póde contestar o direito soberano de legislarem em sua casa como lhes aprouver? Aliás, essa legislação não atingia apenas os pescadores portuguezes, mas impunha a naturalisação a todo o pescador estrangeiro, sem distinção.

Dessa lei só conhecemos aqui as clausulas que reputámos intoleraveis, e, contudo, a famosa lei brasileira, cuidando do arregimentar, instruir, sanear e proteger os nucleos de pescadores dispersos na imensidão do litoral, possue um aspecto altruista, digno de incondicional admiração.

Quando, há uns quatro anos, o pequeno cruzador «José Bonifacio» zarpou do Rio de Janeiro, levava para os mares uma missão humanitaria das mais belas que jámais foi confiada a um navio de guerra! Comandava o «José Bonifacio» um oficial que duas vezes devia a vida a portuguezes: pela sua ascendencia e pela hospitalidade que encontrara, na hora do perigo, a bordo de um navio portuguez. Sem duvida, não infundia grande terror a pequenina belonave. Apesar de seu armamento moderno, ela não teria atemorisado, há quatrocentos e vinte e dois anos, a armada de Cabral, se lhe houvera aparecido no Porto Seguro de Vera Cruz. Mas a sua missão não era de guerra, antes de assistencia e de paz.

Vós sabeis o que sucedeu. No cumprimento da lei, que cumpria fazer acatar, o comandante do «José Bonifacio» houve-se de modo a merecer as aclamações dos nativistas. Os poveiros foram compelidos a naturalisarem-se ou a abandonar a sua profissão. Abrira-se um conflito em que, de parte a parte, estava em jogo o brio patriotico. Esse conflito—e esta é a parte essecial da questão, que sempre vos tem sido sonegada—atingiu a plenitude num momento em que as atenções do governo estavam absorvidas na recepção dos soberanos da Belgica. Porem, dias antes da sua culminancia, o sr. Presidente da Republica recebera com simpatia, no palacio do Cattete, uma comissão de poveiros que lhe ia oferecer um exemplar gigantes da fauna litoranea, e que o Presidente pediu para que fosse antes ofertado ao seu real hospede, o rei Alberto, a quem os mesmos poveiros o foram entregar.

Dias depois, ausente o Chefe do Estado, que acompanhara os reis da Belgica a Belo Horizonte e a S. Paulo o incidente dos poveiros alcançara a sua fase critica, e, sem aguardar a solução oficial em que a negação de uma «habeas-corpus» pelo Supremo Tribunal tirara a esperança, os poveiros heroicamente se prestaram a ser os penhores da honra portugueza, preferindo guardar a fidelidade á sua Patria, e regressar a Portugal, do que renegarem, por interesse, o seu nascimento e concorrerem para intensificar e prolongar um conflito que ameaçava abranger toda a colonia e suscitar um estado de animosidade entre portuguezes e brasileiros.

Para nós, esse incidente valeu por uma apologia do amor patrio. Consentiu-nos testemunhar nosso resistente nacionalismo. Deu-nos o ensejo, na obscura hora presente, de cometer uma bela ação, talvez romanesca, mas honrada. De que nos queixamos, pois? Aqueles que encaminharam o conflito para este teatral desenlace cumpriram, com resolução um dever. Mas o Governo brasileiro não teve directa e imediata responsabilidade nessa solução imprevista.

Os poveiros deixaram os seus barcos e as suas rêdes, mas guardaram a sua Patria. Abandonaram a sua profissão mas trouxeram intacta a sua honra. Foi um belo dia para Portugal. Não nos queixamos, nem por nol-o ter proporcionado, queirais mal ao hospitaleiro Brasil, para onde muitos deles já voltaram!

SPORT

LISBOA GINASIO CLUB

Tudo se prepara para que a festa anual do Lisboa Ginasio Club que se realisa, no proximo dia 22, no Coliseu do Recreios, com a assistencia do Chefe do Estado seja organisada á altura dos creditos que teem firmado aquela modelar instituição sportiva. Do programa, que oportunamente publicamos, fazem parte trabalhos em paralelas, jogo de pau, luta greco-romana, esgrima de florete, pesos e alteres, argolas, ginastica sueca (classe infantil) intermedios comicos, barra, jiu-jitsu, equitação, acrobalismo olimpico, saltos comicos e batuda americana. Todos estes numeros são desempenhados pelos melhores amadores das especialidades.

TAUROMAQUIA

Uma corrida sensácional — Simão da Veiga e «Rodalito»

Vae-se assistir no domingo, no Campo Pequeno, a um dos mais sensacionaes acontecimentos da nossa tauromaquia de todos os tempos: a alternativa de um dos nossos mais distintos homens de sociedade, conhecido como amador de pintura de relevantes meritos, ganadero e proprietario importante. E' uma alternativa por aficion, mas bem justa para quem tem sempre demonstrado facilidade e dominio em todo o genero de lide, até mesmo muleteando e matando á hespanhola touros em pontas. José Casimiro, o eximio artista o cavaleiro tambem da corrida, é quem tem a honra de dar a alternativa a Simão da Veiga.

O novilheiro Rafael Rubio «Rodalito», que é um artista insigne com bandarilhas, como o nosso publico tem visto em outras ocasiões, fará a sorte de «bandarilhas da morte», se algum touro se prestar. Consiste em colocar ferros a cambio, tendo deitado entre os pés seu bandarilheiro «Navarrito».

Os nossos bandarilheiros são Cadete, Tomé, J. da Costa, Agostinho Coelho, E. Cebola e o praticante F. Frois, tomando ainda parte na corrida o excelente toureiro hespanhol «Púnteret».

A resposta russa ao famoso "memorandum,,

A delegação bolchevista respondeu já ao «memorandum», e respondeu como aliás, nós o haviamos previsto recusando-se a aceder aos desejos dos signatarios desse «memorandum».

¿Os Estados, diz a resposta russa, convidando a Russia, ao mesmo tempo que aos outros Estados para a actual conferencia, basearam o seu convite na necessidade de «restituir ao sistema europeu a sua vitalidade hoje paralisada.»

O meio de que lançar-se mão para se atingir o fim desejado «consistirá na reconstrução economica da Europa central e oriental». Segundo opinião unanime, aquele dos Estados cuja reconstrução economica apresentava mais interesse para a Europa e para o mundo inteiro era precisamente a Russia.»

Isto é ou não é o que temos dito já por mais de uma vez?

Disseram-lhes que a reabilitação economica da Russia era a condição primeira do resurgimento economico da Europa. Não cuidaram de estudar aturada e cuidadosamente o problema e coloca-lo no seu devido pé. Desprezaram os mais rudimentares ensinamentos da sciencia economica pondo de parte a condição essencial da produção que é, sem duvida, a existencia do direito de propriedade. O resultado não podia ser outro, com todas as suas desagradaveis consequencias: o termo da conferencia.

«A delegação russa, diz a referida resposta, acedendo ao convite de Cannes, apresentou-se em Genova com um conjunto de projectos e propostas concernentes á realisação de creditos e emprestimos necessarios á Russia em troca de garantias riais, a enumeração das garantias juridicas já realisadas na legislação da Russia, etc. Mas até agora, o lado mais importante do problema russo e do «problema economico mundial» nem sequer foi abordado.»

E' claro: se o resurgimento economico da Russia é absolutamente necessario á restauração economica da Europa, antes de tudo, o que os bolchevistas precisam é de oiro, ¡para facilmente poderem consolidar, naquela grande mas infeliz nação, o regimen que a desorganisou e arruinou totalmente.

E as dividas?

Não, dizem os bolchevistas, o reconhecimento das dividas do antigo regimen não são, por principio algum, condição essencial para que os capitaes estrangeiros possam afluir á Russia, mas o que é indispensavel é que a Republica dos «soviets» seja pelas outras nações reconhecida «de jure».

E, nestas circunstancias, ante as exigencias feitas no «memorandum», os russos chegam á conclusão de que «o combate que trata em Genova em volta do problema russo visa mais longe e mais alto. A nação politica e social que se seguiu, na maior parte dos paizes, aos anos de guerra, procura na decadencia da Russia «sovietica», que representa as tendencias colectivistas na organisação da sociedade, o triunfo completo do individualismo capitalista».

Clarissimo. Os russos bolchevistas vêem o que nós não vimos e que deviamos ter visto, porque sem isso é totalmente impossivel reorganisar-se não só a Russia como a Europa.

A Russia subordinada a um regimen que é a negação mais completa da ordem e da organisação em nada, ou em muito pouco, póde servir o interesse geral da Europa, emquanto continuarem sendo despresados todos os ensinamentos das sciencias: politica, economica e financeiras.

A favor das vitimas da Murtosa

Récita dos empregados do Banco Nacional Ultramarino

Em virtude de inumeros pedidos dirigidos á comissão promotora do espectaculo que os empregados do Banco Nacional Ultramarino levaram a efeito no teatro de S. Carlos, em 6 do corrente mez, resolveu a mesma comissão repetir a representação da graciosa revista «Era uma vez...», original dos empregados srs. Alvaro Leal e Jaime Ferreira, com musica do maestro Alves Coelho.

Essa «reprise» realisar-se-ha no proximo dia 27 do corrente mez, no mesmo teatro, havendo numeros novos na revista, que foi remodelada de modo a ficar mais leve.

Este espectaculo é, como o primeiro em beneficio das Vitimas da Murtosa.

Os bilhetes são marcados na Secção de Expediente do Banco.

A moralidade no Cinema

A grande empreza americana «Paramount-Arte-raft faz determinações virtuosas

Não se deve usar nos films qualquer quadro de atracção sexual nem se devem aceitar argumentos que tenham por themo o trafico das brancas; as dansas excitantes, e o nu' devem ser excluidos, assim como não se deve fazer atractivo do jogo ou da embriaguez; prolongar o menos possivel as scenas de amor e recusar por completo argumentos que tenham por ponto culminante o vicio ou o crime não se devem aceitar tambem argumentos que possam influir nos espiritos debeis inclinados ao crime; nada de scenas que possam significar falta de respeito a objectos religiosos, como a Biblia ou o Crucifixo, ou molestar adeptos de qualquer religião; as scenas de morte, se forem indispensaveis, devem ser feitas de modo que não se veja correr sangue».

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

Os dois pescadores de Lessa da Palmeira

por JULIO CESAR MACHADO

— Tal qual como êle reza! ponderavam os pescadores.

Roberto continuou:

— As moiras têm cordões de oiro, que é um sonho! brincos e aneis, que é um milagre! Logo, pela volta da madrugada, é que elas saem das covas para arejarem o seu tesouro sobre a terra... E' quando as estrelas empalidecem e a noite se despede num saudoso suspiro... Então, elas saem e ninguem as vê! ninguem as presente! A natureza não acordou ainda: a lua esconde-se entre duas nuvens brancas e não se deixa vêr mais; o rouxinol calou-se; as namoradas sonham; a onda nem rumoreja; as brisas da noite quietaram-se... Tudo dorme... E as moiras estendem os seus tesouros! e olham-os estaticas! ébrias de felicidade! de opulencia! de prestigio! Oiro e joias!... A alegria! A riqueza! A força!...

— Como é belo! exclamaram as raparigas.

— Como é belo! disseram os pescadores.

E Isabel, que o escutava extatica, balbuciou, olhando-o:

— Oh! Sim! E' belo!...

— E depois? preguntou Raimão.

— Depois, aos primeiros raios do sol, as moiras desaparecem e os seus tesouros apagam-se! Pobres encantadas, vão de novo para debaixo da terra guardar, á sombra, a sua beleza e as suas joias. Atirem, donzelas, a alcachofra á fogueira. Nesta noite tudo tem virtude e o futuro sabe-se por qualquer coisa! Deitem cinco réis no lume!... deixar queimá-los bem! De madrugada, é dá-los a um pobre pedinte, sem mais que estas palavras: «O teu nome, irmãosinho?» O nome do pobre ha de ser o do noivo da dama, que lhe dá a esmolinha do S. João! E depois, é os bochechos! é as sortes no copo de agua! é nadar de noite! é ir lavar a cara á fonte para ficar bonito! é amar! é esperar! viver!...

— Toca a bailar! gritaram os pescadores.

— Que dança ha de ser? preguntaram as raparigas.

— A *feliz cadêa!* A *feliz cadêa*, que é dança de feição.

— Rompam os pares! Alcachofra ao lume!...

— Alcachofra ao lume!

Os pares formavam uns detrás dos outros, girando em redor da fogueira, dançando no fim de cada volta e mudando de par em seguida.

— Vivam os pescadores de Lessa da Palmeira!

— Viva a noite de S. João!

— Viva!

— Viva!...

Roberto, aproveitando a ocasião, afastou-se lentamente pela praia e foi mais para perto do mar, esperar Isabel no sitio ajustado. Estava a noite pesada, mas serena; a brisa discreta da madrugada beijava as ondas e fugia rapida. O ar estava morno e debil, o ceu sem nuvens, ainda que sem transparencia. Todas as forças naturais pareciam extinguir-se e os espiritos participariam da mesma atonia, se aquela não fosse a noite do ruido, da alegria, da esperança, a noite de S. João, — noite que até as aves conhecem, porque ela acorda aos seus canticos e sorri aos seus amores! Ouviam-se apenas as vozes dos pescadores e das raparigas, depois, a intervalos, ao longe, uma flauta executando modas do povo, musica não se sabe donde, que o ar espalha! O orvalho da noite impregnava-se de perfumes: a areia estremecia no aproximar da onda; os latidos surdos dos cães da aldeia perdiam-se lentamente no espaço.

A pobre mãe sentiu confranger-se-lhe o peito de intima dôr, ao aproximar-se de Roberto; mas o mancebo, ao avistar um vulto de mulher, não se lembrou sequer que pudesse ser outra senão Isabel, e exclamou fervorosamente:

— Obrigado por ter vindo, Isabel! A minha alma precisava tanto revelar-lhe que sentimentos lhe inspira!

A senhor'Ana, que ia baixando a fronte, ergueu-a para que seu filho a conhecesse; Roberto balbuciou com voz tremula:

— Quê! Não és tu, Isabel? Então, é...

— Tua mãe!

A morna aragem, precursora das tempestades, pareceu nesse instante gemer nas ondas.

— Mas porque motivo a encontro eu aqui, tão distante das fogueiras, perdida na noite!

— Eu devia preguntar-to a ti, se não soubesse o que aqui te trouxe!

— Pois sabe...

— Tudo!

Ficaram por algum tempo silenciosos ambos.

— Roberto — disse a senhor'Ana ao fim de instantes — esperavas encontrar Isabel, e era tua mãe que te esperava! Não mintas; não tentes mentir-me. Estás-te portando infamemente, porque insistes em amar Isabel, e Isabel é a mulher de teu irmão!

— Devia ser minha noiva; não mo disse já?

— E' hoje mulher de teu irmão! replicou a senhor'Ana, austeramente.

— Mas se sinto, ao avistar estes sitios queridos e memoraveis, que acordou de novo na minha alma êsse amor de criança, que o tempo adormecera?

A mãe fixou os olhos nos dêle e disse-lhe com uma expressão de bondade e de consolação infinita:

— Não deves, filho, permanecer aqui. Lembra-te da honra de teu irmão! Isabel não te ama... Não... Foi ela quem me disse que lhe pediras uma entrevista para esta noite...

— Disse-lhe...

— Disse. E eu prometi dissuadir-te dessa louca temeridade, e soceguei-a, jurando-lhe que ha de reinar de novo nesta casa a tranquilidade, que sempre tornou feliz o nosso lar. Partirás esta madrugada, sim, Roberto? Peço-te eu!

— Impossivel!

— Ordena-to tua mãe, Roberto!

— Mas...

— Nada mais. E' uma afronta á honra de Isabel teimares nesse amor. Dirás, direi eu, que os novos habitos da tua existencia te não deixavam viver aqui entre nós: chamar-te-hão soberbo, talvez; quererás antes que te chamem ruim? Partirás?

— Partirei, minha mãe!

Quando voltaram para entre os grupos, que dançavam em redor das fogueiras, encontraram já alguns dos pescadores a desamarrar as catrais.

— Que é isso? disse Roberto a Raimão. Para a pesca já?

— Vão fugir as estrelas; são mais que horas!...

— Um favor, Raimão! Tenho neste momento um capricho, quero recordar-me das noites da minha infancia; empresta-me a tua catraia e segue tu nalguma dos companheiros. E' um desafio que te proponho; arredado do mar ha tantos anos, quero vêr se êle me conhece ainda: na madrugada se verá qual de nós recolhe com mais paixe!...

Os pescadores romperam num grito de alegria:

— Viva Roberto, o pescador!

Raimão abraçou-o, chorando.

— Alma de marinheiro! Ha de ser sempre boa! Leva a catraia, leva! Guia-a sósinho, tu a quem Deus guiou!

— Ao mar! exclamou Roberto.

Depois, abraçando sua mãe, olhou para Isabel, dizendo com a voz toldada de lagrimas:

— Parto! Bem vê!...

As fogueiras continuaram ainda. Aos descantes da festa misturavam-se as vozes dos pescadores, cantando no mar. As catraias afastaram-se, em direcções contrarias; quando deixou de se avistar a de Roberto, Isabel abraçou-se á senhor'Ana, e ambas choraram em silencio, orando. Uma ideia de susto as oprimia. A escuridão é um espectro sem forma, que dispõe para crenças e para terrores: quem tem medo, reza!... Ao ruido insolentemente alegre da festa confundia-se por instantes o rumor dos soluços e suspiros. Para aquelas duas almas — da mãe e da amante — cada hora que decorreu até a madrugada teve a intensidade. Pareciam inspirar aos que dançavam um sentimento de susto vago, supersticioso, e, como êles se arredavam, elas tinham sempre em redor de si um circulo de solidão. Cada uma delas dizia á outra palavras de que o eco lhe causava medo. Uma louca aragem lhes trouxe ainda ao ouvido, frouxamente, uma voz que cantava, ao longe, no mar. Ambas estremeceram, no primeiro momento, e disseram sorrindo de esperança:

— A voz de Roberto...?

Mas, ouviram apenas êste nome, que as ondas pareceram repetir.

— E' o éco! disse a mãe, tremendo. E' aquele espião, que se esconde nos rochedos!...

Ia romper a aurora: as fogueiras extinguiam-se; os pares fatigados da noite, pareciam expirar com ela, á medida que se dissipavam no ar os perfumes, que ela exala da sua urna... Avistaram então, as duas mulheres, uma sombra ao longe, no mar; a maré crescia... crescia... e a sombra vinha aproximando-se da praia. A' palida claridade do crepusculo elas puderam reconhecer a catraia de Roberto.

— A catraia! Oh! A catraia!... exclamaram ambas, com a alegria no olhar e o paraizo na alma.

Mas o barco vinha vogando á mercê das ondas, sem leme e sem barqueiro. Elas olharam-no fixamente numa vista desesperada e funebre, como interrogando o mar. Pouco depois, numa lancha que vinha da mesma direcção, apareceram uns poucos de pescadores, conduzindo um cadaver: o cadaver do Roberto, que se atirara ás ondas!

— Roberto! gritaram as duas mulheres, como loucas. Roberto!

O grito perdeu-se nas brisas da madrugada.

— Morto! exclamou a mãe. O meu filho! Morto! e... por mim!... Oh! E sobre aquela cabana, em que devia erguer-se um palacio, teremos de erguer um tumulo!

A voz de Raimão cantava ao longe...

FIM

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

N.º 4084 — 12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5 | LISBOA — Sabado, 20 de Maio de 1922 | Telefone n.º [illegible] Oficina de [illegible] | Telegr. CAPITAL — R. da Boa, 71 | Preço 10 centavos

CAMINHO ERRADO

Será ainda preciso clamar aos ouvidos dos nossos governantes que continuam seguindo por caminho errado nas questões que principalmente influem na administração do Estado e nas condições economicas da sociedade?

Veja-se o que se tem passado com o credito de 3 milhões de libras.

Ao contrario do que muita gente esperava, anuncia-se o credito, e a melhoria do cambio foi insignificante.

Declarou o Governo o maquinismo da operação, o cambio conservou-se insensivel.

Foi levado o credito ao parlamento que entendeu dever regulamentá-lo, e o cambio, em vez de melhorar, peorou.

Se tudo isto tem sucedido, antes do credito ser utilisado, não podem subsistir duvidas de que quando o Governo tiver de pagar a primeira prestação em ouro, do debito creado por essa operação, as libras, que será necessario procurar no mercado, atingirão um preço ainda mais exorbitante.

Que quer isto dizer?

Quer dizer que o remedio eficaz para a situação em que nos debatemos não está em expedientes financeiros, mesmo os mais habeis e atraentes.

Vejamos agora o orçamento do Estado.

O Governo apresentou-o em tempo proprio; o parlamento dispoz-se não a discuti-lo, mas a sanciona-lo com um simulacro de discussão. Aprovado esse orçamento, ficaremos sabendo o que já sabiamos: que temos um «deficit» superior a 400.000 contos.

Hoje esse «deficit» é de 400.000 contos, como amanhã será de 500.000 ou 600.000. Na realidade, tudo é a mesma coisa, porque se trata da moeda desvalorisada, que está hoje numa relação com a moeda forte, antiga, como amanhã pode estar noutra, sem que isso altere a situação, sempre calamitosa, porque a mesma libra pode valer agora 12 vezes mais e dentro em pouco 15 ou 20 vezes mais.

Para reduzir o «déficit» o governo apresentou as suas famosas propostas de finanças. E' sempre o criterio fiscal que inspira, sobretudo os ministros democraticos. Olham para todos os problemas da economia e das finanças com os olhos do mais bronco e rotineiro guarda da alfandega. Impostos e mais impostos. Simplesmente, esses impostos só podem complicar e agravar ainda mais a vida portuguesa. Porque em ultima instancia quem paga é o publico, e a carestia da vida antingirá propoções monstruosas.

Que quer tudo isto dizer?

Quer dizer que está tudo errado.

O resurgimento economico e financeiro só pode vir do trabalho. Só póde vir da utilisação dos nossos recursos que são enormes; só pode vir do esforço inteligente e audaz com que aceitamos e acompanhamos todos os progressos.

Então, sim. Estaremos em face de realidades, e não de artificios. As soluções que encontraremos serão positivas, e não quimericas, falsas, convencionais, ineficazes.

Basta de espedientes! Lancem os olhos para o pais: a metropole, as ilhas, as colonias. Vejamos o que se pode e deve fazer, e punhamos mãos á obra. Do trabalho vem a riqueza e a vida; dos artificios, das habilidades, dos expedientes, vem a miseria e a morte. Sim: a Morte!

Sempre a lei!!

As anotações d'hoje

Coronel do quadro da reserva, José Anastacio de Lis Falé. Este oficial aderiu á monarquia, como o fizeram tantos outros. Reimplantada a Republica e como as suas coisas não estivessem preparadas, remedio não teve senão hospedar-se no hotel de S. Bento no Porto, a que chamavam a Casa de Reclusão. Mas, os atestados, começaram a avolumar-se, e eis senão quando se vê, em plena liberdade, sem mais encomodos, por sem duvida ter provado o seu... «republicanismo».

Capitão do quadro da reserva, Augusto Cesar Alves Aguia. Este oficial como o seu camarada Falé, aderiu, entusiasmou-se, mas, como nem tudo são rosas, ei-lo tambem na Casa de Reclusão do Porto, depois de reimplantada a republica. Pouco depois, sim sem o menor encomodo, tinha sido engano era... «tambem historico».

Os alferes de infantaria n.º 13, Francisco de Carvalho Figueiredo e Bartholomeu da Silva Varela. Ser viam com dedicação a monarquia, prestando os seus melhores serviços. Reimplantada a Republica, e para que podessem sair são e salvos, da cartada jogada, era preciso prestar serviços importantes. Começaram por serem testemunhas de acusação dos seus camaradas, de factos que mesmo nunca tinham visto ou presenciado, e de tal fórma se houveram, que nada sofreram, acabando por entrar assim, na categoria dos... «historicos».

Tenente Jaime Lourenço Guedes. Este oficial era alferes em serviço na Guarda Republicana do Porto, quando se proclamou a monarquia. Como grande entusiasta pela causa, entrou com a dita Guarda no Monte Pedral, continuando os seus bons serviços de corpo e tudo, na Guarda Real. Palpitando que as coisas estavam dando a alma ao Criador, fez parte da contra-revolução que reimplantou a Republica em 13 de fevereiro. E assim, goza hoje como comandante da secção da Guarda Fiscal em Vila Nova de Gaia, o belo descanso, sem, de fórma alguma ter sido encomodado, e o fruto do seu «duplo heroismo» monarquico-republicano, passando á categoria dos... «historicos» é hoje dos meninos da confiança.

Capitão de infantaria n.º 29, Francisco Lopes de Azevedo. Este oficial quando proclamada a monarquia em Braga, comandou uma companhia contra as forças republicanas, compunha que se destacava pelo uso dum braçal azul e branco. Tão bons foram os seus serviços prestados á causa, que se a coisa vinga, boa recompensa ihe estava prometida. Como foi bem apadrinhado, «não morreu mouro» mas conseguiu viver na efectividade de serviço, sem encomodo algum, na mesma guarnição, sendo hoje um dos mais solidos esteios, «cheios de pureza republicana»... emfim sempre dos nossos.

O Bota-Abaixo!...

Os liberais na oposição para inglez ver, inclinando-se para a redução do Exercito — Entretanto o parasitismo oficial atropela operarios em Paris!...

Aos nossos ouvidos, ensanguentados pelo raspar da insasatez politiqueira, chegou o éco das palavras pronunciadas por um principe da Republica ontem, na Camara dos Deputados. Os liberais advogaram, pela voz tonitroante do seu Jupiter, que se reduzam os regimentos do Exercito, — daquele Exercito que esteve na Flandres e em Africa. Assim é que é dar-lhe!

As classes armadas custam, á Nação, uma continha calada. Todos os rendimentos do paiz, bem somados, não chegam para lhes pagar. Entretanto, os oficiais do Exercito e da Armada são ridiculamente retribuidos, tão sofregamente estipendiados, que só têm o recurso de se deixarem morrer lentamente de inanição. Eis o contra-senso! Eis o paradoxo! Para onde vai então o dinheiro?

Ninguem sabe. Toda a gente desconfia. Mas, ao certo, ninguem sabe. Supõe-se que as verbas se escoam, pelas vielas da nossa contabilidade publica, para fins diversos, embora legais. Quanto custa, por exemplo, o exercito dos nossos adidos militares? E qual é a função que êles desempenham no estrangeiro? Deve ser importante, porque, só assim, se justifica que êles custem o seu peso em oiro. Ainda ontem, por exemplo, chegou a noticia de que um dêsses oficiais atropelara, em Paris, uma operaria. Chamado aos tribunais, alegou imunidades diplomaticas. Estava, em Paris, ao serviço do Estado Português. Devia, em virtude dos tratados, ser julgado por tribunais portugueses. Entretanto, a justiça francesa averiguou que o ditoso filho de Marte, cuja lampada continua acesa na Méka do Terreiro do Paço ou das Necessidades, corria os *boulevards* parisienses, não a tratar dos negocios do Governo, mas dos seus proprios, em propaganda de latas de sardinha.

Para isto não ha falta de dinheiro. Para o deboche internacional ha ouro a rodo. O pão é caro. Vai ser mais caro ainda. O cambio não atinge, por mais que lhe puchem as orelhas, a casa inacessivel dos 5. Pudera! As cambiais escoam-se para pagar o luxo das viagens ao estrangeiro, na ostentação continua em que andam os estadistas de Lisboa para Montmartre e de Montmartre para Lisboa. Aquele *Rat Mort*, que beleza! E aquele *Ciel*, que encanto! E a *petite femme*, que apetite!...

Navegamos por entre os escolhos de um Baixo Imperio. Rombo aqui, rombo acolá, vamos singrando. O Ministerio das Finanças calafeta os rombos com cambiais, tiradas *á forceps* do ventre da economia nacional. Durará muito, tudo isto? Não se sabe. A agonia de um paiz é longa. Ha, antes do fim, convulsões. Ha o instinto da vida, ao menos. E o povo, que não conheceu Cicero, já formula a fatal pregunta, mesmo sem ser em latim: *Usque tandem?*... Mas não injuriemos a memoria de Catalina.

O comercio de Inglaterra

O que diz o "Board of Trade Journal"

Não deixa de ser interessante um calculo sobre o comercio ultramarino, publicado pelo «Board of Trade Journal». Este orgão oficial calculou de novo as importações no primeiro trimestre deste ano e do ano passado aos preços correntes de 1913.

Julgadas sobre esta base as exportações britanicas no trimestre passado foram de 17 por cento mais do que no primeiro trimestre de 1921, sendo o progresso visivel principalmente nas exportações de mercado rios manufacturados.

Baseando-se nos preços de 1913, em ambos os casos, as exportações de artigos manufacturados no trimestre passado elevar-se-hiam a 66.300.000 libras, contra 56.900.000 libras ha um ano, mas a comparação resulta desfavoravel se a fizermos em relação a libras 74 milhões, cifra de ha dois anos, e a 102.550.000 libras nos primeiros tres mezes de 1913.

Calculando sobre a mesma base, as importações de materias primas, no trimestre passado, são avaliadas em 33.700.000 libras, tendo sido no primeiro trimestre de 1913 de 59.900.000 libras.

Mostra isto claramente que o volume do comercio do ultramar avançou na verdade muitissimo e por outro lado tem ainda muito que andar antes de atingir a proporção mantida antes da guerra.

Ao animador desenvolvimento recentemente notado podemos hoje acrescentar alguns numeros promotedores com relação á industria do ferro e do aço. As estatisticas publicadas pela Federação Nacional dos Manufactureiros de Ferro e do Aço, mostram que a produção do ferro em barra, durante o mes de Março, se elevou a 390.800 toneladas, contra 300.100 toneladas em Fevereiro e 285.000 toneladas em Março de 1921.

A produção do aço em barra e fundido foi de 134 400 toneladas a mais do que em Fevereiro ou 549.000 toneladas, a mais elevada cifra de todos os mezes desde Dezembro de 1920, em que a produção fora de 746.000 toneladas. A media mensal em 1921 foi de 302.200 toneladas.

A ressurreição alemã

A invasão comercial de Deutschland

As ultimas estatisticas publicadas mostram as mudanças sofridas nos mercados de exportação alemã depois da guerra.

Os principais estados neutros (Holanda, Escandinavia, Suissa e Espanha) não representavam para a Alemanha antes da guerra mais do que 20 % da sua exportação, isto é uma quinta parte. Hoje representam 36, 5 %, ou seja mais de um terço.

Pelo contrario os compras da Inglaterra, França, Italia e Belgica diminuiram de 36, 4 % para 16, 2 %.

No Extremo Oriente a Alemanha realisa um grande esforço comercial com excelentes resultados até agora.

As exportações para os restantes paizes mantem-se no mesmo nivel.

O PRINCIPIO DO FIM

A FOME,

graças ás leis que a protegem, aumenta de dia para dia

Governo de cegos e surdos, falando pelos cotovelos

Caminhamos para o abismo. Ha sinais. Ha sintomas. O Governo não os vê, porque cegou, logo á nescença. E é surdo aos clamores dos esfomeados! A anarquia de cima contagia-se ás classes populares. O roubo foi arvorado em sistema. Deitou-se a vergonha para traz das costas. Já não ha pudor!

Clamámos aqui, em tempo oportuno, contra a Lei da Fome. Foi o mesmo que nada. A pretexto de se dar protecção á navegação nacional, carregou-se com um imposto iniquo a marinha mercante estrangeira. Resultado: os navios exotidos fogem dos portos portugueses, como se êles estivessem empestados. E a protecção á navegação mercante portuguesa exemplificou-se logo, mandando amarrar os barcos dos T. M. E. ou alugando-os, por tuta e meia, a empresas particulares, que os gosam, que os exploram, que os destroem, sob o olhar carinhoso de sua magestade o Empenho.

A Lei da Fome conduziu ao encarecimento geral da vida. Previ-mo-lo. Disséno-lo. Afirmámos que a cobrança em ouro do imposto sobre a navegação estrangeira teria êstes resultados imediatos: portos portugueses desertos de navegação estrangeira; encarecimento geral dos generos alimenticios de primeira necessidade. Não nos enganámos. Desgraçadamente não exagerámos. A Lei da Fome expulsou e expulsará dos portos do continente português os navios estrangeiros. A Lei da Fome, sobrecarregando excessivamente as empresas da navegação estrangeira, trouxe uma alta consideravel no custo da vida. Tudo sobe: a batata, a cebola, o arroz, o açucar, a manteiga... aumentando a miseria. Esta impera como rainha despotica. O seu septro é a enxada com que se está abrindo uma sepultura...

Esta Lei da Fome necessitava de revisão, senão da anulação pura e simples. O Governo reconheceu-o, alarmado pelos seus terriveis efeitos. Apressou-se a dizer que a Lei seria. Esta impera como rainha. Foi uma *blague*! Foi um *bluff*! Não se sabe. Quem ha ahi, por perspicaz que seja, capaz de surpreender os verdadeiros e reais objectivos de um governo que se submete ao Acaso?... Ninguem, por certo. Porém, a verdade é esta: o Parlamento ahi está a funcionar e a Lei da Fome continua a minar a economia publica. Admitamos que está a funcionar, é claro. Mas não o juremos... Funcionar, é desempenhar uma função; quem ousará expôr, com clareza, a função patriotica do Parlamento?

O Governo disse, gritou mesmo, que o mal maior era a Fome e que contra ela, ia providenciar. Dizer, disse; mas que tem feito, até hoje, para convencer a Nação de que o preocupa tal problema? Nada, pela palavra nada. O Governo cuida atentamente da politica de corrilhos e de campanario. Isso, sim. O resto não é nada, para êle. Que o povo rebente famelico, que as familias escondam, dentro dos tugurios onde se abrigam, a miseria fisiologica das mulheres e das crianças... que tem o Governo com isso? Venham, triunfem os *nossos amigos* e o resto é... *chair à canon*...

Para onde caminha a Republica, assim? Eis a pregunta que confrange a nossa alma, que aperta, num doloroso torno, o nosso coração de patriota. A força da Republica está no povo. Então porque o desprezam? Foi o povo, o anonimo povo a quem os realistas cognominam de canalha, que tomou Monsanto de assalto. Pois é êsse mesmo povo que o Governo agora tortura com a Fome, a Fome mais negra, mantendo essa lei horrivel, que faz a ruina da Nação, embora momentaneamente abarrote os cofres do Ministerio das Finanças com algumas tristes e criminosas cambiais.

A Nação, por obra da nefasta Lei da Fome, devora-se a si propria. Entramos no regimen politico da Autofagia Nacional. O Parlamento... moita! Ha um outro problema a atender, primeiro que tudo. Esse grande, êsse enorme problema, é o da fusão dos partidos. Os estadistas (irrisão!...) ocupam-se dêle. A incognita da equação é procurada. Ha de encontrar-se. Entretanto, rebenta com a fartura da Fome, ó povo!

Os estudantes portugueses em Hespanha

São alvo das mais carinhosas manifestações

Os estudantes portugueses vieram trazer uma rajada de alegria portuguesa, forte e sadia, á buliçosa vida madrilena, agora animada pelas festas de Santo Izidro, padroeiro dos agricultores e da cidade de Madrid — festas que tiveram este ano maior relevo que de costume, por tratar-se de comemorar o terceiro centenario da canonização do Santo Lavrador.

Os estudantes chegaram ás 8 horas da manhã de domingo e tiveram uma brilhante recepção na estação do norte. Ali estavam o ministro de Portugal sr. Melo Barreto e os srs. dr. Vasco de Quevedo, adidos militares da legação, o consul e representações do Ayuntamiento, da Universidade Central, da Sociedade de Amigos de Portugal, da Residencia de Estudiantes e de outras corporações, portugueses residentes nesta capital, numerosos estudantes espanhois e uma nutrida multidão de curiosos.

A's 11 horas, uma comissão de escolares do Porto foi cumprimentar as autoridades e a legação. Aqui foram recebidos pelo ministro e por toda a representação diplomatica e consular. Discursaram os srs. Melo Barreto, dr. Vasco de Quevedo, o consul dr. Feliz de Carvalho e o estudante sr. Mario Lopes. Ao meio dia, realizou-se, na Residencia de Estudiantes, uma festa em honra dos nossos simpaticos academicos. Estes seguiram pelos passeios de Recoletos e da Castellana, acompanhados por uma enorme multidão, que lhes manifestava a sua simpatia. Na Residencia de Estudiantes foram recebidos pelo presidente sr. Jimenez pela representação diplomatica e consular do nosso paiz, pelo alcaide, catedraticos da Universidade e outras escolas, estudantes. Presidiu o alcaide de Madrid, que sentou á sua direita o sr. dr. Vasco de Quevedo. Proferiram calorosos discursos de saudação e confraternidade os srs. alcaide, Jimenez, presidente da Residencia, o estudante português de Medicina sr. Martins, o regente do Orfeon, sr. dr. Clemente Ramos. Fechou a série de discursos o sr. dr. Quevedo, pronunciando em espanhol uma bela oração, que levantou tempestades de aplausos.

De tarde, os nossos estudantes espalharam-se pela cidade e arredores; alguns foram aos touros; outros assistiram a uma partida de *foot-ball*; outros passearam pela Noncloa, pelo Retiro ou pela Castellana.

Ontem, á tarde, tambem muitos estudantes assistiram á corrida de touros, ou a parte deste espectaculo, porque antes do anoitecer começava o concerto no Teatro Español pela tuna e orfeon dos estudantes portugueses. O teatro, que fôra cedido graciosamente pelo Ayntamiento, encheu-se completamente. O entusiasmo dos espectadores excedeu todas as previsões. Esta tarde realiza-se o segundo concerto, que será outro acontecimento.

Os estudantes portugueses conquistaram absolutamente o povo de Madrid! Onde quere que apareçam, com a sua impecavel correcção de rapazes cultos e bem educados e com as suas capas, tipicas e tradicionais, o publico esmera-se em acolhê-los com esta franca simpatia e cordealidade propria do nobre povo madrileno.

Todos os jornais dedicam extensos artigos aos estudantes portugueses: os criticos musicais dizem maravilhas do Orfeon e da Tuna e das belezas da nossa musica nacional, interpretada com sentimento e expressão inexcediveis pelos futuros doutores.

O prestigio desta juventude ilustrada e alegre aumenta á maneira que vão passando os dias! Esta manhã, um grupo de estudantes assistia ao render da guarda do palacio. O rei assomou-se a uma das sacadas do Alcaçar e o publico prorompeu em uma ovação calorosa ao soberano e aos academicos lusitanos.

A vinda dos estudantes e a dos aviadores portugueses, que devem já ter chegado ao aerodromo de Cuatro Vientos no momento em que traçamos estas linhas, constituem um belo prologo á cerimonia universitaria que vai realizar-se em honra do nosso eminente sabio dr. Gomes Teixeira.

Os estudantes estão entusiasmadissimos com Madrid e com os seus habitantes, as autoridades, os catedraticos, os intelectuais, os colegas escolares, a imprensa, o povo, todos á porfia se esmeram em encherem-nos de atenções e obsequios. Devem levar deste paiz uma impressão muito diferente daquela que tantos dos nossos compatriotas influenciados por absurdas lendas, tinham a respeito de Espanha.

A vida comercial e excentrica nos Estados Unidos

167 falencias numa semana

NEW YORK, 19.—Durante a semana finda em 13 do corrente houve 167 falencias, mais 15 do que na semana anterior.—(R.)

O nó aquatico

NEW YORK, 19.—Dois nadadores americanos muito conhecidos, Miss Mary Ragle de Filadelfia e o sr. Frank Fisher de Brooklyn casaram-se dentro de agua em Atlantic City.

A noiva e o noivo deitaram-se a nado em fatos de banho feitos de proposito para a ocasião sendo seguidos pelo Mayor da cidade Mr. E. L. Boyer e pelo oficial do registo civil Mr. L. Clarence. A cerimonia teve logar estando os noivos dentro da agua.—R.

A influencia Japonesa

De dia para dia toma maior incremento no extremo-oriente

HELSINGFORS, 20. — O jornal russo «Izvestia» publica o texto das reclamações japonesas, que são as seguintes: 1.º Vladivostok porto livre, 2.º Aceitação do principio da propriedade particular; 3.º Alargamento dos direitos de pesca japonezes; 4.º Direitos para os japonezes adquirirem terras; 5.º Livre navegação no rio Amor; 6.º desmantelamento das fortificações na costa do pacifico.—(R.)

Um caso inexacto

Como o conta a "Batalha" e como ele é realmente

Um local publicada na «Batalha» num dos ultimos dias mencionava um caso sob o titulo «Senhorio deshumano», que é inexacto do principio ao fim. Trata-se do sr. Luiz Gonzaga Ribeiro acusado ferozmente e com a enfase peculiar á «Batalha», de ter posto na rua uma porção de locatorios a quem alugava quartos. Não é assim. Uma inquilina do sr. Gonzaga Ribeiro alugava quartos. Como ela resolvesse acabar com este ramo de negocio, deixou de ocupar uma casa que não lhe era precisa, motivo porque o seu proprietario está no direito de alugar a quem muito bem quizer. Sucedeu porem que os hospedes desta senhora, cuja existencia o sr. Gonzaga Ribeiro desconhece, nem estados por terem de sair dos quartos onde pagam uma ninharia, —lembraram-se de atribuir culpas ao sr. Gonzaga Ribeiro que nem sequer supunha, tornamos a repetir, a sua existencia. A casa vaga porque a inquilina deixou de a querer e de a pagar, unicamente isto.

Negociantes de cadaveres

Fugidos dum canto de Hoffmann praticam um rendoso modo de vida

BUDAPEST, 19.— A policia hungara prendeu seis empregados da Universidade desta cidade acusados de negociarem com cadaveres.

Os acusados receberam mais de 100 cadaveres dos hospitais de Paris, Berlim e Dresden que depois vendiam para Copenhagen e Stockolmo. O preço destes cadaveres chegava ás vezes a atingir 60.000 coroas.

Foi preso mais pessoal da Universidade que depois foi solto sob fiança para não se intromperem os trabalhos anotomicos.—(R)

Historia do Brasil

OVIEDO, 20. — A greve mineira nesta região apresenta um aspecto de gravidade, tendo-se o movimento extendido ás minas de Turon e Sagui, com o que ficam mais 3.700 operarios em greve.—(R.)

O sr. dr. Antonio Ferrão fectua amanhã, pelas 21 horas na Universidade Livre a 6.ª conferencia sobre historia e Brasil tratando do Brasil colonial no seculo XVIII.

Politica grega

Por cá e por lá os governos são identicos

ATENAS, 20.—Está já formado o novo gabinete, tendo o presidente do conselho sr. Stratos ficado com a pasta dos Negocios Estrangeiros e interinamente com a da Guerra.—(R.)

O jogo do rei ou o rei dos jogos

Realisou-se, em Paris, uma colossal partida do jogo de xadrez

O jornal parisiense «Excelsior» organisou uma partida de xadrez, em honra de Capablanca, campeão do mundo.

Capablanca não tem, segundo parece, «de phisique du metier». Um grande jogador de xadrez deve ter, pareceo, os cabelos grisalhos (pelo menos), os olhos miopes e o ar concentrado dum matematico. Mas Capablanca é, pelo contrario, um moço de 30 anos, jovial e sem a aparencia desse espirito concentrado. O seu jogo, de resto, é aberto e franco, quasi repentista: olha o taboleiro, move a sua peça com segurança, sem franzir as sobrancelhas nem largar o sorriso, e muda a pedra.

Contra Capablanca bateram-se quarenta dos melhores jogadores de Paris, entre os quais Alfred Capros. O resultado final foi este: Capablanca ganhou 33 jogos, perdeu 1 e empatou outro. Para a partida foram os jogadores dispostos em torno dum mesa retangular. Capablanca percorria os taboleiros, fazia o seu jogo e se voltava ao inicio depois de atingir o ultimo dos jogadores. Estes dispunham de muitos, duma vantagem sobre Capablanca, porque havia um intervalo consideravel de tempo para reflectirem sobre o jogo a fazer.

De resto, como iá dissemos, Capablanca não gastava senão uns ou dois minutos na meditação do jogo a fazer.

O vencedor de Capablanca foi o ar. Papse, já aureolado por outras vitorias. Eis a opinião exposta por ele a respeito do campeão do mundo Capablanca:

—E' um incomparavel mestre a um tempo prudente e atrevido. Estuda o adversario com alguns golpes, passa logo a fazer uma idéia perfeita da sua força e bate-o, aproveitando-o mais insignificantes erros ou descuidos.

EM HESPANHA

declara-se uma nova grève

OVIEDO, 19.—O Congresso dos mineiros reunido nesta cidade proclamou a grève geral.—(H.)

Uma gloria nacional

E' já considerada a descoberta do «Fibrocalcina», que mais «sombras» causa pelos seus admiraveis as recuperação dos tuberculosos; como se nota em todos os sanatorios de ponto, producto duplamente economico.

Pedidos a Raul Vieira Lda. R. de Prata 51.

A REPUBLICA DE CUBA E AS SUAS RELAÇÕES COM PORTUGAL

ONDE SE DESCOBRE UMA VERDADEIRA :—: :—: :—: OBRA DE ARTE :—: :—: :—:

Aquela florescente republica sul-americana que tem feito a admiração geral do mundo, pelo seu sempre crescente progresso material e moral, que Portugal pouco ou quasi nada conhece, como reflexo da sua morbida apatia politica, aquela florescente republica sul-americana,—diziamos nós —que do outro lado germina e progride a olhos vistos, onde se fala uma lingua muito semelhante á nossa, e que se chama a Republica de Cuba é representada em Lisboa pelo ilustre diplomata o sr. D. Luiz Rodolfo Miranda,—um nome portuguez na sua essencia, como é portuguez o ilustre ministro, pela alma, pela tradição, pela religião.

Conservamos ainda bem presente no nosso espirito reconhecido e amigo, a forma galharda e atraente como aquele ilustre diplomata nos recebeu nas salas da legação, á Avenida da Republica.

Atravez os seus oculos divisamos a bonhomia atraente dos seus olhos tão moços e espertos.

As primeiras palavras que nos dirige são de agradecimento e de satisfação por nos receber na sua casa, e logo depois a conversa cai diplomaticamente sobre coisas de arte e literatura. Fala-nos da Torre de Belem, elogia aquele puro estilo manuelino, fala-nos dos Jeronimos, da Batalha, e tambem do palacio da Ajuda, a que ele chama «o cerne de tudo quanto ha de mais rico, de mais artistico, de mais belo.»

Quando recebo a visita de algum patricio vai logo mostrar-lhe estes monumentos de arte.

Depois, entre as espirais azulinas dum «havano» Rodolfo Miranda evoca-nos o belo clima de Portugal, as belezas naturais de Cintra, Cascais, Bussaco, Estoril, etc.

Falamos depois de finanças, comercio, politica, e Rodolfo Miranda que, como nós, é tambem jornalista, mostra-nos os artigos magnificos que a nosso respeito tem escrito na imprensa de Habana.

Pelo que toca a finanças escusado será dizer que a republica de Cuba não tem sentido as suas modelações. Não se teme as depreciações cambiais não ha medo de orçamentos, não ha reduções de despesas e se alguma coisa ha a registar é o aumento de despesas, não muito, todavia, mas tambem não tão compassado como seria para desejar.

As medidas financeiras são suficientes, proficientemente, é o termo, estudadas pelos governos que, quando ascendem ao poder logo tratam de trabalhar nos orçamentos, apresenta-las ás camaras e conseguir a sua aprovação no fim de cada ano.

—De modo que a politica de Cuba se segue, disciplinada e proveitosa?

—Sobretudo proveitosa, sim, porque os politicos tem como especial ocupação a questão financeira, não porque seja um problema dificil de estudar ou resolver, mas porque reconhecem estar no equilibrio financeiro a base da segurança e prosperidade do paiz. Dizia um sabeio economista da sul America, Brostamante y Sirvén, «huy mas que nunca viven los individuos y los pueblos en relaciones estrechissimas de las finanças».

Durante a guerra a republica de Cuba conseguiu realisar grande soma de negocios que deu em resultado o aumento do certas industrias e por consequencia, o aumento da riqueza nacional.

A forma galharda como estão feitas as leis que respeitam aos estrangeiros é tal que eles afluem ali em grande numero. A imigração por parte da Espanha, do Perú, de Chile, da Italia e do Brazil tem aumentado sensivelmente nos ultimos tempos.

—E esses imigrantes ocupam-se no comercio?

—No comercio pouco. Os imigrantes que nós, pela lei, consideramos como irmãos pelo sangue seja qual fôr a sua raça e a sua lingua.

Ocupam-se especialmente nos trabalhos das minas de ouro, de petroleo e de cobre que se exporta para a Europa e mesmo para a America do Norte em grande escala.

A ilha é tambem um produto de grande riqueza para Cuba e na sua manufactura trabalham milhares de operarios extrangeiros.

—A colonia portuguesa é pequena?

—Muito pequena. Creio não atingir uma centena o numero de portuguezes ali residentes mas os que lá existem, que teem ali o seu trabalho e as suas ocupações, teem logrado vastos meios de fortuna.

—As relações de Cuba com Portugal são muitas ligeiras...

—E' esse talvez o principal factor, as relações entre os dois paizes, comquanto sejam de fortes laços espirituais e morais, de uma amisade forte e inquebrantavel, não são entretanto como se desejava e permanecem quasi na promiscuidade.

«Muito grato será para a Republica de Cuba que Portugal, esta nobre patria onja alma vitoriosa e heroica neste momento atravessa os aros desconhecidos continuar a cooperar-se do inter-cambio intelectual e comercial.

O ilustre diplomata mostra-nos um jornal do seu paiz que se refere a Gago Coutinho e Sacadura Cabral em termos elogiosos e que traduzimos:

E' o jornal «El Mundo», que depois de aludir ás descobertas meritimas dos portuguezes diz dos ilustres aviadores Cabral e Coutinho:

«Esses dois bravos portuguezes na ancia de continuidade sublime da sua raça lusitana, partiram do Bom Sasso sob os mais aureos auspicios, com a fé na alma e a inteligencia no cerebro, e pisaram já terra brazileira.

Que diria Pedro Alvares Cabral se pudesse levantar-se na penumbra da sua campa fria?

Depois com um sorriso nos labios e um gesto cortez, conduz-nos á sala de recepções.

Ali a nossa alma palpita ante um quadro magnifico de Malhôa que é nem mais nem menos que o retrato do ministro, e em que mais uma vez o talento inegualavel desse grande pincel de um portuguez cintila entre a luz doirada das lampadas de cristal, em noites de festa, naquele salão onde teem passado ministros da côrte de Vitor Manuel, de Italia, e Afonso XIII de Espanha, senhores das republicas americanas e outros paizes.

Theatros e Cinemas

Primeiras representações

S. LUIZ — «Zizá», 5 actos de Berton.

Com a nossa conhecida Zazá, fechou ontem a série dos seus espectaculos a companhia do teatro Renaissance, por ventura a melhor das que, ultimamente, nos tem visitado, e que, quer pelas figuras principais, quer pelo seu esplendido conjunto, conquistou os aplausos unanimes da plateia, que ontem, carinhosamente, aplaudiu madame Cora Laparcerie. No ultimo intervalo, esta, em meia duzia de palavras, agradeceu ao publico de Lisboa a simpatia que lhe dispensara, frisando, o que é interessante notar, que todos os artistas da sua *troupe* faziam parte do teatro Renaissance e prometendo voltar. Oxalá efective a sua promessa no proximo ano, na certeza de que será recebida de braços abertos e não com desconfiança, justificada quasi sempre pela duvida e pela incerteza de reclames que, na maioria das vezes, não representam a expressão da verdade.

A companhia de madame Cora Laparcerie fez a *Zazá á sa façon*. A peça é tão bela, tão cheia de situações, interessa por tal forma, de principio a fim, que resiste a todas as interpretações, e, em nosso criterio, a de madame Cora não é das mais felizes, excepção feita á do ultimo acto.

Pertencendo ao numero das peças que o publico de Lisboa mais vezes tem visto interpretar por companhias estrangeiras, não querendo estabelecer confrontos, não se esquece facilmente o colossal desempenho que, na primitiva, essa peça teve entre nós e, *malgré tout*, recordei ontem com intensa saudade os nomes de João e Augusto Rosa, dois grandes artistas em toda a parte do mundo, e o desempenho primoroso de Carolina Falco e Angela Pinto, que ontem aplaudiu sinceramente a sua colega, e a pequenina *Tolo*, por ventura a interprete mais feliz de toda a peça.

ALVARO LIMA

EDEN TEATRO — «La Princeza de la Czarda», opereta em 3 actos pela Companhia Barreto Ballester.

A opereta que ontem subiu á scena no «Eden» não é de origem espanhola: é adaptada. Mas com tanto espirito, com tanta graça, com tanta vivacidade — o espirito, a graça, a vivacidade espanhola,—Casimiro Peralt realisou essa adaptação que eu iu jurar que ao contrario do que muitas vezes sucede, ele conseguiu tornar mais palpitante ainda a curiosa opereta de Stein e Senebach.

O enredo é um enredo elemero de opereta, destas eternas operetas vienenses em que ha principes, cafés-concertos, taças de champagne—beijos, amor, mulheres... A musica é de Kalman, sempre endiabrada, bulicosa, imprevista, sem claves de dó... O desempenho — e eu quero referir-me a ele com particular interesse—foi brilhante. A desenvoltura espanhola, cheia de côr e de sol, revela-se a cada passo, em cada passo... Tem-se, por vezes a impressão de que um enxame invisivel de abelhas morde a polpa rosada das mulheres... Nadal e Prado com uns olhos onde ha castanholas, pandeiretas, cravos vermelhos; Ballester um comico duma sobriedade admiravel; todos os outros sem desmanchar o conjunto, pelo contrario dando-lhe relevo, vida curiosidade. A marcação como eu desejaria ver em Portugal... A orquestra sem desmanchar a harmonia.

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

Noticiario

Entre nós

E' grande o interesse que está despertando a festa do baritono portuguez D. Francisco de Sousa Coutinho (Chico Redondo), que se realiserá em S. Carlos, na proxima 5.ª feira, estando quasi esgotados os bilhetes de frisas e os dos camarotes das duas primeiras ordens.

A marcação de bilhetes continua aberta na rua do Alecrim 17-1.º devendo abrir tambem nos escriptorios do teatro de S. Carlos, para onde poderá ser dirigida toda a correspondencia na proxima 2.ª feira, só ficando então uma locação de 10 %, que reverterá a favor de «As Florinhas da Rua» instituição está a que (Chico Redondo) dedica a sua festa, entrando depois para os cofres da mesma com uma precentagem da receita liquida.

◆ No restaurant Tavares, realisa-se na proxima 5.ª feira, um almoço de despedida aos artistas Estevam Amarante e Luiza Satan la que brevemente, seguem para o Brazil.

◆ Serão afixados no dia 30 do corrente, os cartazes com o novo «elenco» para a temporada de verão, que, no teatro Salão Foz fará a «Companhia Chelo de Carvalho».

Do elemento femenino alem doutras artistas, continuará na companhia a actriz Laura Costa, estando, tambem, a contratadas Deolinda de Macedo e Rosa Cerca.

◆ Realisa-se no proximo segunda feira 22 do corrente pelas 17 horas no Eden Teatro uma sessão solene promovida pelo Nucleo de Atores e Atrizes da A. C. T. T. a fim de receberem da mão dos artistas da Companhia Barreto-Ballester a mensagem e saudação da Associação dos Artistas Espanhois para os artistas portuguezes.

A comissão pede a todos os srs. atores e atrizes o favor da sua comparencia a fim de dar a esta sessão o maximo do brilhantismo a fim de receber condignamente a comissão portadora da mensagem e corresponder a o alto apreço e estima que nos dedicaram os ilustres colegas do pais visinho.

Estrangeiro

Sabado proximo realisar-se-ha em Paris a primeira representação de «Amitié imprevue» comedia em tres actos de Maxime-David e Grollin. Este espectaculo será dado em beneficio dos actores e escritores combatentes. Na «Amitié imprevue» os autores põem o problema seguinte: Se uma mulher pode amar dois homens ao mesmo tempo.

◆ Realisou-se no teatro Michel o ensaio geral de «Le loup de Gubbio» de Saint Marc.

◆ Chegou já a Paris a companhia de bailados russos, dirigida por Diaghilev.

◆ O «Odeon» fará «reprise» em junho de «La Rabouilleuse» de Emile Fabre.

◆ Termina hoje, no «Gymnase», a série de representações que aquele teatro deu com a celebre peça de Bernstein «Le voleur».

Cartaz do dia

Teatro de declamação

NACIONAL—A's 9—«O Centenario»

POLITEAMA—A's 9,30—«Azas quebradas».

Teatro musicado

AVENIDA—A's 9,15—«A Perola Negra»

APOLO—A's 9,15—«Belo Sexo».

EDEN TEATRO — A's 9—«La Princesa de la Czarda»—Companhia espanhola.

SALAO FOZ—A's 9, e 10,30—«Piparote».

CHIADO TERRASSE—A's 8,30 e 10,30—"Tiro ao alvo!"

Animatografos

OLIMPIA—Rua dos Condes

CINEMA CONDES—Avenida da Liberdade

SALAO CENTRAL—Praça dos Restauradores

Circos

COLISEU DOS RECREIOS — A's 9— Espectaculo de luta.

S. LUIZ—A's 9—«La Passerelle» Companhia franceza.

ULTIMA HORA

Raid Portugal-Brasil

Continua a trabalhar-se activamente na Aviação Maritima para afinar o novo hidro-avião, sendo provavel que o seu embarque no cruzador «Carvalho Araujo», na proxima 2.ª feira devendo esse cruzador sair para Fernando Noronha, nesse dia ou no dia seguinte. O «Carvalho Araujo» de Lisboa a Fernando Noronha só toca em S. Vicente de Cabo Verde para meter carvão, devendo o navio ficar ali até á conclusão da viagem Lisboa-Rio de Janeiro, afim de tambem servir de navio apoio ao hidro-avião.

O cruzador «Republica» chegou hoje a Pernambuco.

A subscrição para o bodo aos pôbres está em 23.283 escudos

Vai aumentando dia a dia a subscrição aberta pelo sr. Governador Civil de Lisboa para o grande bodo que será distribuido a 10.000 pobres da capital em sinal de regosijo pelo feito heroico de Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

O chefe do distrito recebeu hoje mais os seguintes donativos: listas da policia de Segurança Publica, 1.070 escudos; Caixa Economica dos Empregados da Camara Municipal de Lisboa 5$00; lista 219 a cargo da Associação dos Amadores de Navios e Agentes de Navegação do porto de Lisboa 1$00; Casino de S. José de Ribamar 652$50; Casino de Algés 522 escudos; Diogo da Silva Lisboa 10$00; Manuel Ferreira 2$00; Companhia de Seguros Bonança 5$00; C. Silva & Castela Ld.ª 100$00; lista 302 a cargo do proprietario do proprietario do Restaurant Leão d'Ouro 5$00; J. Nunes Correia 5$00; Hotel Duas Nações 20$00. Até ás 17 horas de hoje a subscrição estava em 34:283$87.

Estão já sendo recolhidas as listas dispersas por varios pontos sendo de esperar que em breves dias a subscrição atinja a verba de 50.000 escudos.

Uma grande «verbena»

Os nossos camaradas de «A Imprensa da Manhã» de acordo com a direção do mesmo jornal resolveram realisar em 10 de Junho proximo e aproveitando depois as festas populares de Santo Antonio, S. João e S. Pedro, uma grande «verbena» que se realisa na Praça do Camões.

O producto destas festas reverterá a favor dos pobres da capital será entregue ao sr. Governador Civil de Lisboa para aumentar a subscrição do grande bodo.

Na Praça do Camões serão armadas pequenas barracas destinadas á venda de flores, alcachofras, alecrim, manjericos etc. Haverá tambem uma grande tombola com premios valiosos e uma instalação, de forma rustica em que senhoras da nossa Sociedade farão venda de doces, bolos, vinhos regionais, etc.

O Imperador Chilon Chilonida vai dizer quanto custará, em Portugal, um pãosinho...

Em Paris, o preço do pão baixou para 1 franco. E é pão, não é grude amassada com gesso. Em Lisboa, vai acabar o pão politico, pagando o povo, depois, o seu primeiro alimento — mesmo o seu unico alimento! — pelo preço actual das cebolas. Uma cebolinha, com sua buchita de pão de trigo, atingirá o preço das pedras preciosas, — daquelas brilhantissimas joias com que as *cocottes* de Paris ofuscam a vista dos variadissimos delegados que a politica exporta, periodicamente, para a grande cidade, rainha do mundo! Epicuro reina omnipotente no Terreiro do Paço...

O CRIME DE HOJE

Castigando um explorador

Uma senhora vendo-se perdida depois de explorada pelo namorado alveja-o a tiros de pistola

Hoje, cerca do meio dia, a Avenida da Liberdade, á altura da Alegria, foi teatro de uma scena de tiros, que atraiu ao local grande quantidade de curiosos.

Protagonistas da scena foram a sr.ª D. Beatriz de Azevedo, rua Sociedade Farmaceutica, 43, 1.º direito, e Arnaldo Pimenta de Castro, filho do conselheiro sr. Pimenta de Castro, juiz do Supremo Tribunal de Justiça, e sobrinho do falecido general Pimenta de Castro, rua Silva Carvalho, 155.

D. Beatriz, senhora já de certa idade, estava divorciada ha uns ano de seu marido, o engenheiro sr. Joaquim José de Azevedo, que exerceu o cargo de comissario dos Abastecimentos. Após o seu divorcio, D. Beatriz entrou a namorar o Pimenta de Castro, que se intitulava engenheiro e tais coisas ele conseguiu fazer crer á pobre senhora, que esta a breve trecho se apaixonava por ele. E, atraz dessa paixão violenta, D. Beatriz satisfazia todos os pedidos do namorado passando-lhe para as mãos todos os seus haveres, ou sejam, joias, acções, papeis de credito e dinheiro, tudo no valor de 90 contos, que o Pimenta de Castro foi tratando de dissipar, ou guardar para si, prometendo, no entanto, que casaria com a pobre apaixonada. Ultimamente, o Pimenta recebeu de D. Beatriz 70 acções do Banco Colonial, que ele lhe pedia para ir jogar na Bolsa, mas que depois tratou de vender por 14.000 escudos, por intermedio do sr. Rogerio Ferreira Proença, 1.º oficial do Ministerio das Finanças. Como é natural, o dinheiro foi-se esgotando e D. Beatriz entrou a lutar com certas dificuldades, o que o Pimenta de Castro aproveitou para dar de mão á pobre senhora, tanto mais que havia já contratado casamento com a sr.ª D. Alice Leitão Lima. D. Beatriz, conhecedora da traição do namorado, procurou o conselheiro Pimenta de Castro e contou-lhe o que era passado com seu filho, o mesmo fazendo junto da menina D. Alice Lima.

Tais queixas foram conhecidas, como é natural, do acusado, que resolveu então abandonar de vez D. Beatriz, depois de a ameaçar, dizendo-lhe que a levava para a Africa e que depois lá a mandaria matar pelos pretos.

D. Beatriz, completamente perdida e arruinada, sem a mensalidade de 250 escudos que o marido lhe havia arbitrado, resolveu-se hoje, de manhã, a procurar o namorado, encontrando-o na rua Barata Salgueiro e vindo ambos Avenida abaixo a conversar.

Em certa altura, D. Beatriz, empunhando uma pistola Browing, alvejou o causador das suas desgraças, disparando contra ele cinco tiros, um dos quais levemente o atingiu no rosto.

Emquanto o ferido era pensado no hospital de S. José e depois conduzido a casa, a sua agressora seguia para a esquadra da Praça da Alegria, sendo mais tarde removida para o Governo Civil, recolhendo a um dos quartos particulares, depois de narrar as suas infelicidades ao chefe Martinheira.

Poeira da Arcada

Segundo o boletim de sanidade interna, na semana finda em 13 do corrente, manifestaram-se em Lisboa 6 casos de difteria, 5 de febre tifoide, 1 de tosse convulsa e 14 de variola, e no Porto, 1 de febre tifoide e 2 de sarampo.

—Foram louvados em portaria, os professores oficiais de Vitorino de Piães, concelho de Ponte de Lima, D. Maria da Assunção Leite Vilaça, José Pedro Gonçalves e Candido de Oliveira e Castro, e o sr. João Alves Leite, pela realisação das festas ali realisadas em abril ultimo, distribuindo um bodo ás crianças da escola e oriando para auxiliar os estudantes pobres a «Caixa Escolar Dr. Manuel Vilas Boas, no que tiveram o concurso dos habitantes da freguesia.

—O sr. ministro da Agricultura passou hoje o dia no Luzo.

—O sr. general Souza Rosa, comandante da 3.ª divisão do Exercito, conferenciou, hoje com o sr. ministro da guerra.

Um suicidio

Pelas 15 horas e 30 minutos de hoje, na passagem do nivel do Rego, o guarda da linha suicidou-se precipitando-se para debaixo de um comboio. Teve morte instantanea.

As finanças de Moçambique

O alto comissario de Moçambique continua empenhado em realisar um emprestimo para a provincia na importancia de 10 milhões de libras.

Agressão

Na enfermaria do deposito do Hospital de S. José deu entrada Maria Cardoso, residente no bairro Catarino letras Q V A, 3.º esq. que na charneca foi agredida pelo seu amante José Francisco Roda, o qual se fazia acompanhar de Francisco Luiz, relojoeiro e de Francisco Roberto, motociclista, sendo todos presos e conduzidos para esquadra do Lumiar.

MUSICA

Audição das alunas de D Adelia Heinz

Amanhã pelas 14 horas e meia, realisa-se no salão do Conservatorio uma audição das alunas mais distintas da eximia professora de piano do Conservatorio, D. Amelia Heinz.

Em poucas linhas

Antonio de Souza, calçada dos Barbadinhos 81 2.º, queixou-se de que lhe furtaram da algibeira do casaco uma carteira com 41$50.

—Americo dos Santos Candeias, rua Maria Andrade 17 queixou-se tambem que tendo ao seu serviço como creada Rosa Adelaide Almeida, esta se ausentou para parte incerta levando-lhe varios objectos no valor de 65 escudos.

A guerra civil na China

O que se passa no misterioso paiz da porcelana onde rebentam inopinadamente rebeliões e revoltas

Na China ocorrem acontecimentos de gravidade. A guerra civil, ha tanto tempo iminente, acaba de rebentar com todas as suas violencias e horrores. Segundo os telegramas expedidos, Pekim foi tomada e são contingentes das potencias estrangeiras, ali estacionados, que policiam a cidade.

A China divide-se hoje em dois grandes troços: o do norte e o do sul. Os dois blocos hostilizam-se. São as populações que se odeiam? Não, são os homens publicos, os chefes, os guias, que dão largas á sua desmedida ambição.

De 19 de Junho a 15 de Agosto de 1900 as legações estrangeiras sofreram ataques consecutivos de cinco a seis mil soldados regulares chineses, bem armados, optimamente municiados e dispondo de numerosa artilharia. As escoltas das legações apenas tinham quatrocentos e nove homens, com cerca de oitenta voluntarios, mais uma peça de artilharia italiana de 37 mm., outra Maxim, uma metralhadora austriaca e outra americana. Os contingentes italiano e japonês possuiam poucos cartuchos. Durante êsse largo prazo, os defensores das legações lutaram contra o incendio, fuzilaria, bombardeamento e trabalho de sapa, para fazer saltar minas. Além dos cinco a seis mil soldados regulares, havia uma quantidade enorme de *boxeurs* e de *coolies*. Todos os arsenais e depositos chineses, admiravelmente providos, estavam ás ordens dos assaltantes.

Se a 20 de Junho o corpo diplomatico tivesse ido ao Tsong-li-Yamen, Ministerio dos Estrangeiros em Pekim, como fôra intenção de alguns, nenhum dos seus membros teria escapado á morte ou pelo menos á fuzilaria dos soldados imperiais. O acaso quiz que só o ministro da Alemanha fosse á audiencia. Mataram-no.

Se a 22 a evacuação das legações da Russia fosse por diante, ou se se realizasse alguns dias mais tarde, como se combinara, a delegação de Inglaterra sucumbiria em menos de 15 dias. Foram felizes os sitiados no meio das suas infernais torturas, porque encontraram nalgumas casas abandonadas bastante arroz e trigo para alimentar novecentos refugiados e dois mil e quatrocentos cristãos indigenas, durante mais de dois meses. Se tal não acontecesse, ver-se-iam obrigados a render-se pela fome.

Se os chineses, em vez de envirem a maioria dos seus artilheiros para Tian-Tsan, tivessem conservado alguns bons atiradores em Pekim, não havia maneira dos sitiados se poderem proteger contra a sua artilharia. Mais. Se os chineses fôssem mais ousados e tivessem tentado o assalto dos edificios e das barricadas, tinham-nos esmagado com a sua superioridade numerica.

O exercito internacional chegou a 14 de Agosto á capital chinesa. Se adia por vinte e quatro horas a sua entrada, é natural que não encontrasse um unico europeu vivo. Os chineses tinham cavado por baixo da legação de Inglaterra uma mina de cincoenta e quatro metros. Se rebentasse, mataria mais de cem pessoas e abriria aos assaltantes o refugio das mulheres e das crianças.

A salvação de tanta gente deve-se perfeitamente a um milagre, pois não se pode chamar outra coisa á série de conjunturas que se sobrepuseram umas ás outras para êsse fim. A intervenção dos japoneses foi-lhes particularmente favoravel. Foram eles que, conhecendo melhor a China e os chineses, deram ás tropas aliadas as informações mais exactas e seguras; foram eles que durante o cerco conseguiram fazer chegar a Tian-Tsan os correios que levavam noticias precisas da situação desesperada dos assediados; foram eles que fizeram decidir a marcha para a frente, sem esperar reforços, depois do combate de Pei Tsang.

E' curioso acompanhar o diario dêstes dramaticos acontecimentos.

A 19 de Junho de 1900, ás cinco horas da tarde, é entregue nas legações uma carta do Tsong-li-Yamen anunciando que os almirantes estrangeiros significavam a necessidade de entregar nas suas mãos os fortes chineses de Ta-ku e que davam um prazo de vinte e quatro horas para a execução desta medida, sob pena de recorrer á força. Em virtude deste ultimatum, o governo chinês convida os representantes das potencias, suas familias, o seu pessoal e todos os estrangeiros a sairem de Pekim no dia imediato, ás quatro horas da tarde. O corpo diplomatico responde que é impossivel cumprir essa determinação.

Os ministros acreditados em Pekim começam a medir o perigo que correm. Fazem varias propostas, mas recebem por exclusiva replica o incendio da legação da Belgica, das missões metodistas americanas, de um banco chinês, e da legação da Austria. Durante a noite, a fuzilaria é extremamente nutrida.

A 22 de Junho reune-se na legação da Inglaterra a maioria dos diplomatas, familia e pessoal, por ser o unico edificio que oferece algumas condições de resistencia. O ministro inglês e *sir* Claude Mac Donald, o francês M. Pichon, mais tarde ministro dos Negocios Estrangeiros do seu paiz, durante o periodo mais agudo da guerra.

JUNTA GERAL DO DISTRICTO DE LISBOA

A Junta Geral do Districto de Lisboa representada pelos seus Presidentes, acompanhados do Chefe da Secretaria foi ontem recebida por s. ex.ª o sr. Presidente da Republica, o quem convidou para uma visita á Escola Profissional de Agricultura no Paio Pires. Sua ex.ª dignou-se aceder ao convite, devendo a visita realisar-se num dos proximos dias do mes proximo.

Proseguem com grande actividade os trabalhos para o congresso municipalista que se realisa nos dias: 10, 11 e 12 de Junho proximo. A comissão organisadora reune no proximo segunda-feira 22 do corrente, pelas 17 horas, numa das salas da Camara Municipal.

NA ESCOLA MILITAR

A conferencia do sr. coronel Ferreira Simas

E' hoje ás 17 horas, que o professor e pedagogo, sr. coronel Ferreira Simas realisa no Salão Nobre da Escola Militar a sua anunciada conferencia sobre «Exercito e a Escola».

O distinto conferente, antigo ministro da Instrução, actual director do estabelecimento de Educação femenina de Odivelas, versará com a sua especial competencia e interessante problema que se propõe desenvolver.

A entrada é pelo Largo de Bemposta.

O crime da travessa dos Fieis de Deus

Conforme noticiamos a policia de Santarem prendeu ali há dias José Maria Rodrigues, travessa da Mãe d'Agua, 22 suspeito de conivente no barbaro crime da Travessa dos Fieis de Deus.

O preso que chegou já a Lisboa foi hoje largamente interrogado pelo chefe Tavores, da 2.ª secção e depois acareado com varios moradores da Travessa dos Fieis de Deus vindo por fim a apurar-se que nada tinha com o crime nem com João Manuel Afonso o rapaz indigitado autor do atentado.

O aniversario de Shakespeare

A Inglaterra recorda o sublime cantor da alma humana

O aniversario do nascimento de Shakespeare foi celebrado esta semana nos diferentes partes da Inglaterra. Em Stratford-on-Avon, a nova cidadezinha inglesa onde nasceu Shakespeare, assistiram ás festas do aniversario estudantes personalidades distintas de muitas nações e no teatro erigido á sua memoria houve representações especiais do um certo numero de peças por ele escritas e cujo desempenho foi confiado aos mais notaveis atores e atrizes, tendo a assistencia sido sempre numerosa o entusiastica. E' curioso ver como as pessoas cultas das outras nações imaginam que os inglezes consideram pouco menos que oriamente a memoria e a literatura do seu maior poeta e dramaturgo. Nada poderia ser mais oposto á realidade dos factos presentes, ainda que á primeira vista pareça ser verdade que, á excepção dum certo grupo de criticos e outros novos bem conhecidos, o povo inglez em geral se apresenta quasi indiferente, relativamente a Shakespeare.

A verdade é que Shakespeare é tão verdadeiramente inglez que ele é ogora considerado com um calmo orgulho como uma segura gloria da Inglaterra—como sucede com o nosso histórico parlamento ou com as nossas grandes instituições juridicas. Ele é qualquer coisa mais de que um nome uma figura ou um dramaturgo cujas peças são a pedra de toque familiar da cultura em todas as cidades e aldeias do paiz. Ele é o nosso representante essencialmente inglez, cujo grande e desinteressado patriotismo é a fonte e a inspiração de tudo o que de melhor existe hoje no nosso espirito nacional.

A universalidade de Shakespeare é considerada com jubilo e apreciada com ardor veemente pelos seus compatriotas atuais.

Nós saudamos com alegria, por exemplo, um tributo como esse prestado por uma das jovens nações ultimamente criadas na Europa em consequencia da guerra, e que pedia para que lhe sejam enviados missionarios deste paiz a fim de estimular o culto por Shakespeare.

Nós acolhemos gostosamente homenagens sobretudo como esta, porque Shakespeare simbolisa ainda o génio e o ideal inglezes, e porque, por intermedio de Shakespeare, os outros povos mais facilmente poderão chegar a uma verdadeira compreensão do carater da fundamental do povo inglez.

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações
Londres, cheque.	4 1/4 — 4 1/8
» 90 dias.	4 3/8 —
Paris, cheque.	1151— 1185
Suissa, cheque.	2482— 2576
Belgica, cheque	1053— 1085
Italia, cheque	160— 180
Berlim, cheque.	40— 45
Holanda, cheque	4923— 5072
New-York, cheque.	13093— 13378
Brasil, cheque.	59— 63
Austria, cheque.	1— 3
Noruega, cheque	2355— 2426
Suecia, cheque	3250— 3348
Dinamarca, cheque.	2708— 2790
Libras	61$000 — 63$000

AVISO IMPORTANTE

A Sociedade Comercial Portuguesa de Publicações e Telegrafia, Limitada, com séde no Largo de S. Domingos, 11 (Palacio Conde de Almada), tem a honra de levar a conhecimento do publico que acaba de decretar um grande abatimento no preço dos jornais francezes e inglezes.

Assim os jornais francezes «Matin, Journal» e todos os outros de frs. 0,15 serão vendidos ao publico a $20 em logar de $25. Os jornais ingleses de 1 d. serão vendidos a $40 em vez de $50. O «Times» será vendido a $80; o «Daily Telegraf» a $75; o «Daily Mail» de Paris será vendido a $35 e a Luz de $50.

Tambem leva esta Sociedade ao conhecimento do publico que tendo-se sido obrigada a suspender os seus fornecimentos de jornais e publicações á Tabacaria Ingleza (Praça Duque de Terceira, 18) e Tabacaria Barbosa (Rua Nova do Carmo, 67) os encontrará á venda em todas as outras tabacarias de Lisboa nos sitios mais proximos ás acima indicadas nas Tabacarias «Royal», praça Duque da Terceira, 11; «Internacional» rua do Corpo Santo, 40; «Biblioteca» desta Sociedade na estação do Cais do Sodré; «Monaco», Rocio 21, e «America Gold», rua Nova do Carmo, 15.

As pessoas que desejarem fazer as suas assinaturas de publicação na séde desta Sociedade lucrará assim 20 0/0 alem da vantagem de receber regularmente os jornais nas suas residencias com a maior rapidez.

O CONVENIO Luso-transvaliano

No principio dos trabalhos preparatorios aguardam-se grandes e indispensaveis reformas

Sem quaisquer demoras, é do sabor que começem entre o Governo portuguez e o da União as negociações que serão de extrema importancia para ambas as partes. Ha quasi meio seculo que entre os dois paizes visinhos existem como que sucessivas alianças e ao entrar se na apreciação de cada uma delas não pode passar desapercebido o facto de serem sempre mais completas do que as anteriores no que respeita á satisfação das necessidades de momento dos dois paizes. A Convenção que está a expirar é sem duvida o mais completo dos acordos até hoje existente entre Moçambique e o Transvaal, mas, mesmo esse, já não serve ornando-se necessario um outro melhor e mais eficiente para satisfazer as circunstancias actuais que, sob diferentes aspectos, são inteiramente diferentes das que existiam há dez anos. Durante o periodo até hoje decorrido pode-se dizer que todo o sul da Africa sofreu uma transformação quasi completa porquanto as condições economicas do mundo encontram-se num verdadeiro cáos, foram criados, novos valores e todo o maquinismo da vida industrial e comercial está passando por uma completa reorganisação. Sendo estas as condições é evidente que todos os acordos como o existente até agora entre a Provincia de Moçambique e o paiz a que está estreitamente ligada geografica e economicamente, devem ser refundidos de modo a amoldarem-se ás novas circunstancias, e, mais ainda, deve-se-lhes dar uma forma maleavel e elastica que satisfaça as necessidades previstas para um futuro proximo. E' facil constatar, portanto, que o trabalho que os estadistas dos dois paises teem pela frente é de grande dificuldade e por isso nos esforços que fizerem para conseguirem o maximo de vantagens teem direito a esperar todo o apoio e incitamento do povo cujos interesses estão encarregados de defender. E' natural que a proxima Conferencia desperte grande interesse publico, mas qual será o resultado ainda ninguem o pode dizer. Até agora ainda nenhuma das partes interessadas apresentou propostas definidas e pode até dar-se o caso de as negociações fracassarem não se chegando a qualquer entendimento. E' de esperar, contudo, que assim não aconteça e, por nosso lado, dificilmente poderemos acreditar que esse caso se dê se o problema for tratado com um espirito amigavel reconhecendo-se os interesses mutuos que existem entre os dois territorios. A opinião vulgar é a de que tais conferencias tomam invariavelmente a forma de um jogo de cartas diplomatico em que cada um dos jogadores procura apanhar ao parceiro o maior numero de vasas que pode, mas nesta caso esperamos—e temos até a certeza—que as coisas se hão de passar diferentemente. O assunto exige uma discussão franca e aberta com todas as cartas na mesa e então se á boa vontade manifesta das suas partes se juntar o desejo de cooperação reconhecendo quanto cada um dos paizes pode contribuir para a prosperidade comum, o problema, embora dificilimo, não deve ser insoluvel. O assunto pode ser apreciado sob muitos aspectos importantes, sendo certo que a eles façamos ulteriores referencias.

A Exposição do Rio de Janeiro

A região alemtejana fará-se-ha representar com os seus diversos produtos no grande certamen internacional

Ao traçarmos estas linhas, chega-nos a noticia que alguns dos mais importantes produtores da região alemtejana se inscreveram já para a Exposição Internacional do Rio de Janeiro e que se preparam activamente para remeterem os seus produtos para o Comissariado Geral da Exposição, instalado na Sociedade de Geografia de Lisboa.

Como naturalmente não ignoram os que nos leem, a ocasião é mais do que oportuna, pois que todas as despezas, tais como carga e descarga, transportes, instalação no recinto da Exposição, o proprio seguro, tudo é pago pela verba destinada á nossa representação na grande Feira mundial. O produtor tem a seu cargo apenas as despezas de embalagem e de transporte até á estação de caminho de ferro ou porto de embarque mais proximos.

A devolução dos produtos será feita egualmente por conta do Comissariado Geral, se o expositor assim o quizer e preferir não os vender. Nesse caso, e se ainda o expositor quizer, os seus produtos poderão vir figurar na Feira de Lisboa, que, por lei, é organisada pelo Comissariado Geral da Exposição no Rio de Janeiro, tendo assim uma vantagem dupla.

Uma nação hoje em dia precisa principalmente da exportação para poder viver e progredir. A luta economica é tremenda e todos os paizes do mundo se preparam para irem á capital fluminense. Compreende-se que assim seja. A exportação é uma fonte de ouro e o ouro é hoje mais do que nunca preciso, principalmente para os paizes que apoz a guerra viram a sua moeda mais ou menos desvalorisada.

Mas ainda que não fosse pela vantagem que dai adviria, até mesmo por patriotismo os produtores portuguezes deviam concorrer á Exposição do Rio de Janeiro. Com efeito não faria sentido que numa nação onde se fala a nossa lingua, numa nação onde vivem tantos milhares de compatriotas nossos, brilhassemos pela nossa ausencia. Não, não faria sentido.

Referindo-nos em especial á região alemtejana, ha aqui produtos magnificos que podem e devem conquistar um logar de destaque no grande certamen. Pois que os produtores que ainda se não inscreveram se apressem a fazê-lo. O orgulho regional, quando outro não fosse, a isso aconselha e temos a certeza de que todos os expositores desta região capricharão em apresentar uma representação condigna de todos nós.

Entre as muitas colectividades que se teem dirigido ao sr. Lisboa de Lima a proposito do seu pedido de demissão, figura a Associação de Classe dos Armadores de Navios de Portugal que oficiou comunicando o pezar que lhe trouxe a noticia de tal decisão e solicitando que retirasse tal pedido, a bem dos interesses da Patria.

Alem das numerosas colectividades a que já se aludiu, o sr. engenheiro Lisboa de Lima tem sido procurado egualmente por muitas pessoas que em nome proprio oferecem todo o possivel apoio a Sua Ex.ª.

SPORT

NOTICIARIO

FOOT-BALL

Taça de Honra

Amanhã ás 17 horas, no Campo Grande, o Bemfica e o Vitoria vão disputar esta prova no ultimo desafio oficial da época. O arbitro escolhido é o sr. H. G. Frood do Carcavelos Club e os fiscais de linha os srs. Gomes dos Santos e Antonio Pinho ambos do Atletico.

Não é facil dizer quem será o vencedor notando-se a forma magnifica em que se encontram os dois contendores, mas é quasi certo que vamos presenciar um dos mais interessantes jogos da época.

Antes deste jogo realisa-se a final do Campeonato Geral escolar marcado para as 15 horas em que são adversarios o Azilo Maria Pia e a Casa Pia de 5.ª ficando que será arbitrado pelo sr. Ilidio Nogueira.

LISBOA GINASIO CLUB

Entre os numeros que constituem o magnifico programa da festa que o Lisboa Ginasio Club realiso, no proximo dia 22, no Coliseu dos Recreios, figuram ainda um numero de poses plasticas executado pelo sr. Carlos Moreira, outro de luta greco-romana entre Henrique Soares da Piedade «campeão de levas» em 1921 e Reginaldo Soares Junior, do Ateneu Comercial, vencedor do campeonato de 1922, a quem aquele lançou o repto, e um match-desforra entre os pequeninos lutadores Alvaro Rodrigues Lira e Fernando Rodrigues Lira, discipulos de Manoel Grilo que servirá de arbitro. Outros numeros interessantes. Constituem ainda o programa cuja organização está sendo feita com todo o acerto o boa vontade.

UM MAGNIFICO SARAU SPORTIVO

O de homenagem aos professores Artur dos Santos e Levy Jenochio

O Coliseu dos Recreios tem amanhã á noite uma grande e valiosa festa de esports: o sarau de homenagem aos dois professores de gimnasica Artur dos Santos e Levy Jenochio. O programa tem apresentação do Ginasio Club Português, com as argolas de M. Miranda e M. Silva, o triplo-trapezio sem rede por L. Worm, J. Castelar e A. Mendonça; a classe infantil do ginastica sueca, com 40 crianças; o jogo do pau, a luta e o «box»; e os vôos em que reaparece, depois do gran le desastre sofrido no Coliseu, o primoroso ginasta professor Levy Jenochio. A sala Ermelindo Santos da um assalto de sabre entre o seu mestre e o campeão de Portugal sr. Luiz dos Santos. A Escola Nacional da 20 aluanos em assaltos de espada e a Escola Academica 40 dos seus melhores ginastas em saltos suecos. O Colegio Vasco da Gama mandará um movimentado trabalho de voleio.

Ha ainda pesos e alteres pelo campeão de Portugal sr. Antonio Pereira e por Mario Costa; saltos para a agua, de grande altura para uma pequena piscina, por Emilio Renou, campeão francês de mergulho; e outros trabalhos de verdadeiro interesse.

TAÇA ATENEU

A comissão organisadora resolveu na sua reunião do dia 18: Anular o castigo de repreensão registada ao G. S. Adicence, em virtude da informação do arbitro do desafio Bemfica-Adicence. Anular o desafio Casa Pia-Adicence realisado no dia 14, devido ás irregularidades havidas e ter terminado antes da hora legal. Castigar com repreensão registada os grupos da Casa Pia A. Club e do G. S. Adicence pela forma incorrecta como jogaram o referido desafio.

Castigar com 30 dias suspensão a contar de 14 Maio o jogador do Casa Pia, Raul das Neves, por ter ameaçado o arbitro.

Castigar com egual pena o jogador do G. S. Adicence, Jorge Nogueira por tentar agredir o arbitro.

Homologou os desafios realisados no dia 14.

Belenenses marca 2 pontos por Bom Sucesso não comparecer. Carcavellinhos venceu Cruz Quebrada por 5-0. Ateneu venceu Fosforos por 3 0.

TAUROMAQUIA

Tres artistas notaveis: Simão da Veiga, José Casimiro e «Rodalito»

E' de sensação o cartaz da corrida de ámanhã, no Campo Pequeno. Nele brilham tres nomes de raro relevo: Simão da Veiga, José Casimiro e «Rodalito». Mas, como garantia de exito da corrida, deve ainda contar-se com os nomes dos irmãos Terré, da Golegã, ganaderos bem afamados pelos sucessos seguidos dos seus touros em toda a parte. Mas voltemos aos nomes laureados que referimos. Simão da Veiga e José Casimiro são os cavaleiros de sua preferencia do publico, recebendo o primeiro a alternativa das mãos do segundo. «Rodalito» é um dos mais valentes novilheiros que nos teem visitado e sempre tem sido aplaudido pela sua pericia em bandarilhar, tão grande que no domingo, se algum touro se prestar, fará o cambio tendo deixado entre os pés o seu bandarilheiro «Navarrito».

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Está ámanhã aberto ao publico e domingos seguintes, das 15 ás 19 horas, este interessante museu, no Campo Grande, 382 (lado oriental), fundado pelo admirador do grande artista sr. Cruz Magalhães, revertendo o produto das entradas a favor do Asilo de S. João.

Academia Recreativa de Lisboa

A Comissão eleita, pelos Agremiações Recreativas que se fizeram representar na Assembleia Geral de 2 de Maio do corrente ano, convoca uma nova reunião, no mesmo local, para sabado 20 do corrente pelas 21 horas a fim de dar contas do seu mandato. O presidente da comissão J. A. Madeira.

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

PEDRINHO

por JULIO CESAR MACHADO

Quando a senhora morgada da dos Negros deu a noticia de estar resolvida a vir habitar na côrte, o cura da paroquia, costumado numa doce convivencia de anos á sua conversação e ao seu chá, foi um homem que se sentiu cair das nuvens e que ficou fazendo uma ideia da fatalidade!

Era-lhe tão fagueira a intimidade que havia cultivado naquela familia, no centro de uma alegria frouxamente evangelica, que o deixava desafogar o animo a murmurar dos visinhos: achava tão fecunda a tornada quotidiana, os especiones da casa pareciam-lhe regulados por tão acertada receita, e seduzia-se a tal ponto pelos jantares dos dias de festa, em que por muitas vezes, antes de vir o fumo á sopa, já a fidalga lhe dava para o bolsinho o rebuçado devido ao sermão que pregara na capela, que, o pobre homem, ao escutar a nova da partida, sentiu-se mais infeliz que um cego que perdesse pau e cão!...

—O meu Pedrinho anda triste, padre Venancio, e é de ruim presagio o descontentamento naquelas idades! Deus sabe o que vai custar-me deixar a solidão da aldeia: creei-me com ela; e o ruido da sociedade, que me assustou quando eu era moça, tem de inquietar-me na velhice! Todavia, a felicidade de meu filho é hoje tudo para mim, e eu espero ainda que aquela precoce melancolia se dissipe nos espectaculos do mundo. O coração das crianças tem o seu movimento regulado como o de um relogio, e pára, quando a mão amiga de uma mãe se esquece de lhe dar corda. Que eu não me acuse nunca, meu padre, de não haver evitado a tempo que este menino, cujo caracter tristonho me assusta hoje, veja solitario, um dia, cairem-lhe as folhas da existencia antes da chegada do seu outono!

—Valha-nos Deus! replicava o cura, preparando um conceito. O menino, senhora morgada, sempre me pareceu dotado de caracter circunspecto, proprio a brilhar na idade da razão. Pelo que olha a ser debil e franzininho, bem vemos que está agora a crescer, e que o ensino melindroso, que tem tido, lhe não permite encorpar como esses rapagões do campo, que acordam de pequenos com a enxada ás costas!

—Não me dê razões dessas, cura! Ha verdadeira doença de espirito naquela arvéloa que ali vê!

—Frutas verdes que come! respondia o padre no tom catedratico de quem se despega de uma dificuldade metafisica. Frutas verdes que come, e muitos sóes que apanha!

A morgada fazia um derradeiro esforço e aspirava uma vez mais a ser compreendida do padre, que, mais estupido que uma ameixa, se obstinava a não ter sequer instintos!

—Meu rico, diz-se nas comedias e nas novelas que nós as mulheres, pobres criaturas a quem o mundo atribue todos os defeitos e pequenos do caracter humano, somos apreensivas até á loucura, visionarias até ao ridiculo. E' possivel. A's namoradas e ás esposas, deve isso suceder: creio-o bem. A's mães não acontece assim, e o coração adivinha-nos. Pedrinho é o filho do meu terceiro ano de nupcias, e meu marido já não me tinha amor. E' uma existencia que a tristeza dos pais predestinou, e o pranto da viuvez batisou mais tarde! Tem quinze anos e sente-se infeliz. Não é da sua idade o pálido sorriso que lhe expira nos labios. Na sua fisionomia, crestada pelo sol do campo, parece ler-se o vigor e a força: a palidez da sua vida desmente-a. Têm talvez os extremos do meu amor, quem sabe, concorrido para que um dia o seu espirito se consentisse ainda mais da vida! Mas, se sempre temi que a austeridade do estudo aniquilasse aquela existencia melindrosa e debil!... A sua alma, todavia, parece desprender-se ás vezes do envolucro carnal, e voar liberta para os mundos superiores em que os grandes espiritos se extasiam, mas onde vão devorar-se as almas timidas, que, como uma flôr impelida pelo vento, têm de sucumbir ao sopro inflamado das regiões em que se formam as tempestades!

—Senhora morgada! senhora morgada! ponderava o cura, que não entendera; tenhamos temor a Deus!

—Temor a Deus, sim, padre! E que posso eu mais do que esperar nele que a sua piedade infinita alumie a minha alma numa inspiração, que salve a vida do meu Pedrinho!

O cura encolhia os ombros, amofinado por não poder comover-se. Um pouco de espirito torna os corações bons: espirito de mais, creio que os perde: mas ele, coitado, tinha-o de menos! e enquanto a coração... é melhor não falarmos nisso!

Formou-se um silencio de alguns minutos, em que a morgada parecia concentrar-se numa ideia fixa e o seu olhar tomava a expressão desanimada de uma mãe que presente a morte ao filho. O cura torcia o guardanapo, rolava uma bolinha de pão entre os dedos e bocejava a intervalos breves. As pulsações de um relogio de parede quebravam apenas aquela mudez; e os latidos do cão da quinta, rolando pelo espaço, vinham perder-se ali tristemente...

—O senhor desembargador, se bem me recordo, morreu antes do nascimento deste menino? perguntou emfim o padre, para dizer alguma coisa.

—Na vespera do seu nascimento! respondeu a mãe. Olhe, padre, fale-me de outra coisa. Nunca se deve andar por cima de flôres secas, para nos livrarmos de pisar memorias...

O cura, que estava á espera de uma frase, que lhe parecesse propria a ficar sem réplica, ergueu-se e procurou o chapeu, com os ares molestos de quem recolhe o espirito.

Todos temos a nossa cruz! disse, ao retirar-se. Peço ao Divino fantasia os traços que lhe abrande as suas magoas e lhe resolva tudo para bem!

Deus ha de ouvir-me, padre. E' por um inocente que o imploro.

A criada, que fôra alumiar ao cura, principiou a trancar as portas, como era costume depois da retirada desta visita de cada noite. A morgada conservou-se imovel, fixando a vista vagamente num e outro objecto. A noite ia serena: o vento acoutava as virações e gemia por entre a rama das arvores da quinta. A morgada tirou os pés de dentro do cesto em que uma botija de agua quente lhos aquecia, pegou num castiçal, e dirigindo-se ao quarto de seu filho, entreabriu brandamente a porta.

O pequeno estava acordado e olhou para a mãe sorrindo. Era uma fisionomia angelica em que reluzia o genio e que deixava adivinhar que alguma suprema ideia, raio divino da sua alma, não podia sair do corpo opaco que o sufocava, senão quebrando-se!... Tinha olhos negros e magnificos, uns languidos e avelludados olhos de mulher; a fronte alta, a expressão inquieta e uma vaga melancolia no sorriso, que raramente suavisava o arco inflexivel dos seus labios pálidos.

Não havia ainda amado, mas sonhado. Desenhara mil vezes na fantasia os traços poeticos de uma visão encantada, mas debalde a imaginação dos quinze anos tentara dar côr e vulto áquela sombra adorada no extase de um sonho... Era o vago anhelo de um coração de criança, que já receava não poder esperar da vida a felicidade que se atrevesse a pedir-lhe!

—Ainda não pegaste no sono, filho da minha alma? perguntou-lhe a mãe, abraçando-se a ele entre caricias.

—Já, e sonhei! respondeu a criança num tom de abatimento. Sonhei e vi-a, a ela! Vinha tão bonita, bojei!

—Quem, meu filho?

—A sombra com quem sonho sempre, que vem falar comigo ás noites em quanto durmo, tão discreta e medrosa que me foge ao despertar do sono, fazendo-me chorar o momento em que acordei!

(Continua)

PINTO & SOTTO MAYOR

BANQUEIROS

LISBOA-PORTO

REPRESENTANTES EM PORTUGAL

DO

— BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL —

LISBOA — PORTO

R. do Ouo, 18 a 24 — 28, Paça da Liberdade, 29

Rua do Comercio, 136 a 140

Mario Duarte
Cirurgia da boca e dentes
P. RESTAURADORES, 13
Telef. 914 C.

Agua de CALDELLAS

BANDEIRA DE MELLO, L.^DA

Rua Augusta, 75, 1.º e 2.º

Banco Nacional Ultramarino

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Séde em Lisboa R. do Comercio—Agencia em Lisboa-C. Sodré

Capital Social Esc. 48.000.000$00
Capital Realisado Esc. 24.000.000$00
Reservas Esc. 26.000.000$00

FILIAIS NO CONTINENTE—Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chavès, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Estremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Mirandela, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Povoa de Varzin, Regoa, Santarem, Silves, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real e Vizeu.
FILIAIS NAS ILHAS—Funchal, Ponta Delgada, e Angra do Heroismo.
FILIAIS NO ESTRANGEIRO—Paris Rue do Helder, 8, Londres 37 B Throgmorton Street, New York 28 Liberty Street.
FILIAIS NAS COLONIAS—S. Vicente e S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, S. Tomé, Principe, Cabinda Kinshassa (Congo Belga), Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Belmonte (Bihé), Mossamedes, Lobango, Lourenço Marques, Inhambane, Beira, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique, Ibo, Mormugão, Nova Gôa, Bombaim (India Ingleza), Macau e Dilly.
FILIAIS NO BRAZIL—Rio de Janeiro, Campos, S. Paulo, Santos, Bahia, Pernambuco, Parahiba, Pará e Manaus.

Recomendamo-se ás Filiais deste Banco no Brazil para os saques sobre qualquer localidade de Portugal, Correspondentes nas principais localidades do Continente e Ilhas Adjacentes e em todas as cidades do mundo, operações bancarias de todos os generos, compra e venda de saques, notas e moedas estrangeiras, coupons, operações de Bolsa, cartas de credito directas ou circulares sobre as colonias e todos os paises do mundo.

Banco Colonial Português

Séde:—Rua Aurea, 175 a 191

— LISBOA —

Sucursais:

PORTO — Casa Pinto & Sotto Mayor

RIO DE JANEIRO — Banco Português e Brasileiro

TELEGR. — **Procolonia**

CAPITAL AUTORIZADO: **Escudos 100.000:000$**

CAPITAL EMITIDO: **Escudos 10.000:000$**

SUCURSAIS NA AFRICA OCIDENTAL
e ORIENTAL PORTUGUESA

Correspondentes em todas as localidades do continente, Ilhas e em todas as praças estrangeiras

Efectua todas as operações bancarias: descontos, transferencias, depositos á ordem e a prazo em moeda nacional e estrangeira, contas correntes, compra e venda de cambiais e de moedas e notas estrangeiras, pagamento por ordem telegrafica e por correspondencia, cartas de credito, ordens de bolsa no País e no estrangeiro, compra e cobrança de coupons, emprestimos caucionados, transacções sobre mercadorias, etc.

Sociedade Industrial de Adubos, Pêlos e Grudes, Limitada

Séde em Lisboa—Rua da Prata, 59, 2.º

Endereço telegrafico: JOSELIA

TELEFONES: Séde — Central, n.º 2293
Fabricas — Paio Pires n.º 16
Armazens — Poço do Bispo, n.º 25

FILIAIS: No Porto, Rua de Santa Catarina, n.º 168, 2.º
Em Pampilhosa do Botão, Estrada da Mealhada

FABRICAS: No Seixal, "Moinho do Breyner,,

DEPOSITOS: Lisboa, Poço do Bispo, Porto, Rio Tinto, Runa, Pampilhosa do Botão e Leiria

AGENCIAS: Em varios pontos do paiz

Fabricação especial de adubos compostos de todas as qualidades e para todas as culturas

Superfosfatos, sulfato de amonio, nitrato de sodio, fosfato Tomaz, sais potassicos, guanos e farinhas de peixe

Productora e fornecedora das melhores pulgueiras do mercado

Sulfatos de cobre e de ferro e enxofres

Consultas e informações gratuitas sobre todos os assuntos agricolas.

No proprio interesse dos srs. lavradores aconselhamelos a não fecharem as suas compras sem primeiro nos consultarem.

EXCELENTES RESULTADOS

Anibal Neves, Limit.

Rua da Prata, 242 a 248 — Rua de Santa Justa, 26 a 32

Telef. 3040 C. — **LISBOA** — Teleg.: *Vapor*

SECÇÃO TECNICA

Fornecimentos de maquinas e ferramentas para todas as industrias

Instalações de fabricas e centraes de força

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS de:

Maschinenfabrik Badenia Weinheim (Alemanha)
Locomoveis e semi-fixas de todas as potencias

Saechsische Turbinenbau Und Maschinenfabrik, Meissen (Alemanha)
Turbinas, instalações de cerâmica, etc.

Usines Bodouwée S. A. Liége (Belgica)
Bombas e compressores

Storebro Aktiebolag, Storebro (Suecia)
Maquinas-ferramentas

Badal & C.º Dresden (Alemanha)
Aparelhos de elevação e transporte

Franz Sieper Remscheid (Alemanha)
Ferramentas para industrias e oficios

Berna Lorries, Limited Olten (Suissa)
Camions, tractores de estrada e agricolas, carros de reboque

Edoardo Bianchi S. A. Milão (Italia)
Automoveis, motos e bicicletes

POÇOS ARTESIANOS
Abertura de poços, trabalhos de irrigação

OFICINAS
de reparação de automoveis, construções mecanicas e metalicas, soldadura autogenea

SECÇÃO DE IMPORT E EXPORT
Materias primas, materiaes de construção, tintas, vernizes, productos quimicos, etc.

SECÇÃO CORKY
Pavimentos sem fendas de superior qualidade. Isolamentos para instalações de vapor e frigorificos

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

N.º 4085-12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5

LISBOA — Segunda-feira, 22 de Maio de 1922

Telefone n. 2293—Endereço tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

Os precursores da Quinta Arma

Está decididamente em fóco a aviação portuguesa. Alguns aeroplanos da esquadrilha da Amadora transpuzeram a distancia que vai de Lisboa a Madrid em quatro horas e um quarto, pousando com elegancia e facilidade no aerodromo de Qnatro Vientos. Outros aparelhos, pilotados pelos dois homens sobre os quais a imprensa não tem cessado o mais largo e mais imponente dos panegiricos, tem feito cousas de tal maneira grandes e reveladoras de engenho e audacia, que demonstraram e afirmaram na patria portuguesa a existencia vibrante e orgulhosa duma quinta arma. Bem o tem compreendido o sentimento nacional exaltando e aplaudindo actos de arrojo onde se não verifica apenas a vivacidade instinctiva da raça mas tambem um espirito scientifico e ponderado que não é, infelizmente, habitual nos portugueses.

Todo o paiz fréme neste momento no mais legitimo e mais natural dos entusiasmos, todo o paiz manifesta a sua gratidão e o seu assombro acolhendo em massa todos os alvitres generosos e dignificadores. Está certo e é consolador que assim seja. O pouco que existe foi centuplicado pelo esforço, pela energia, pela boa vontade dos actuais aviadores, quer eles sejam do Exercito quer da Armada. Com efeito, faser mais com tão pouco, tornava-se verdadeiramente impossivel. Cinco milhões de portugueses compreendem a inadiavel necessidade de completar e de aperfeiçoar a «outillage» de tão notaveis aeronautas, não vacilam, não hesitam mesmo em faser sacrificios para que essa «outillage» seja completa e perfeita. Por isso nas subscrições vão abundando as somas necessarias para uma primeira organisação.

Mas alguma cousa existia já. Alguma cousa á sombra da qual se poude mostrar ao mundo que não somos um paiz de energias mortas ou de concepções abortivas. E neste momento em que o «hossana» das multidões elogia os vivos e põe em pedestais de gloria e de triunfo os homens energicos que sabem querer e sabem vencer, uma ideia de piedade, de ternura e de respeitosa saudade para os que foram em Portugal por assim dizer os precursores da quinta arma, seria o complemento indispensavel de todas as manifestações de apreço e de simpatia.

E' sempre, eternamente o caso do beijo de Roxane. Emquanto uns ficam na sombra duma negrura irremediavel, adejam outros nas alturas resplandecentes onde habitam a luz e a notoriedade. Porque chegaram, porque foram os heroes desta «floraison» triunfal, nós nos curvamos e do fundo de alma lhes agradecemos o muito que fiseram por cada um de nós, fasendo incidir abundantemente sobre a Patria o lustre de ações grandes e belas. Mas recordamos tambem numa saudade piedosa, os precursores, aqueles que lançaram em sólo porventura ingrato a semente duma ideia e dum esforço.

Neste momento decisivo em que se glorifica uma corajosa audacia sem limites por que se não recordam aqueles que tombaram gloriosamente? Nós desejariamos citar o nome de Oscar Monteiro Torres, aviador portuguez cuja vida foi uma lucta perpetua em prol da sua ideia generosa, aviador portuguez a quem se devem os primeiros esforços, quasi as primeiras iniciativas da quinta arma entre nós, aviador portuguez que no cumprimento da sua missão e no desenrolar do seu ideal encontrou a morte no campo de batalha em terras de França, nas colinas escalvadas do Artois. Está sepultado em terra estranha, na terra que ele regou com o seu nobilissimo sangue e onde repousam agora os seus despojos, longe das mãos amigas, longe das puras e santas lagrimas daqueles que o estremeciam.

Não. A piedade nacional não pode ir apenas para os vivos. Seria injusto, seria cruel. Quanto é grato no momento do triunfo recordar os martires duma causa ou duma ambição que se realisou finalmente! Glorifiquemos os vivos mas pensemos um pouco nos mortos, a melhor, a mais delicada maneira de demonstrar aos que sobrevivem que não saberemos esquece-los nunca. Neste momento em que todas as homenagens se alvitram, em que todos os esforços se conglobam para fazer brilhar no Olimpo pagão das nossas adorações duas figuras de superior destaque,—piedade! Um pouco de piedade enternecida e grave. Lembremos os precursores que cairam gloriosamente em terras de França. Monteiro Torres dorme em paiz alheio, não tem sob a transparente luminosidade do nosso sol uma campa—a mais modesta—onde possam parar e silenciar aqueles que o conheceram, o admiraram e o amaram. Porque se não trasem para Portugal os seus despojos funebres? Não é só facil de realisar. E' tambem um dever que nos assiste. E' ainda uma forma de glorificar os que neste momento vivem e que muito melancolicamente poderão pensar em como é curta a curtissima memoria dos homens!

A todos nós!

A casa franceza Rodriguet & Marsiot, 13 e 15, Boulevard des Filles du Calvaire, Paris—(até parece que lhe vamos fazer um reclame!) acaba de escrever a um estabelecimento oficial da Republica e parece ser seu costume, com a seguinte edificantissima adresse:

Lisbonne—Espagne

A todos os nossos leitores recomendamos a «maior simpatia» por tão interessante comerciante francez, o sr. G. Marsiot, cavalheiro que não obstante ser o fornecedor de quasi todos os estabelecimentos de ensino portugueses, no respeitante a material de fisica tem o pessimo gosto de tripudiar sobre esse amavel freguez de algumas centenas de mil francos anuais, não lhe dando fóros de paiz com capital.

Pode isto admitir-se?

Como é que não nos fazendo respeitar, nós queremos que os outros nos façam respeitar? Não seria oportuna uma circular do ministerio da Instrução, que repetimos, deixa anualmente naquela casa algumas centenas de contos, proibindo, «tout-court» aos varios conselhos escolares mais relações com tão sabio e gentil fornecedor?

Fica o caso entregue ao patriotismo dos srs. Queiroz Veloso e Costa Cabral. Estará bem entregue?

A Princesa Real da Grecia

Continua perigosamente enferma

ATENAS, 22—Continua estacionario o estado da princesa real Isabel. —B.

Uma fusão ou um entendimento?

Tem-se falado muito e continua a falar-se na pretendida fusão do partido reconstituinte com o partido liberal. Com efeito, elementos categorisados dos dois partidos tem reunido em reuniões preparatorias e preliminares chegando-se á conclusão de que muito possivelmente a fusão se não realisará, tal como a tradução literal da palavra o deixa supor.

Não ha de resto motivo para uma fusão completa e absoluta. Só um acontecimento de envergadura e de radical utilidade politica poderia determina-la. O que pode e deve haver será um entendimento entre os dois partidos, fundamentado em bases solidas e duradoiras mas nunca uma fusão absoluta que de resto absorveria por completo os elementos reconstituintes.

A Alemanha

procura realisar um grande emprestimo internacional

SOUTHMAPTON, 22—Chegaram a bordo do «Olympic» os grandes banqueiros americanos Pierpoint Morgan e Otto Kahn. O sr. Morgan foi ha pouco tempo nomeado membro da comissão de reparações e vem á Europa participar as condições nas quais se poderá conceder á Alemanha um emprestimo internacional.

Os misterios do sertão africano

A Agencia de Angola, plenipotenciaria de sua Magestade Norton de Matos, Imperador e Rei

O sr. Cancela de Abreu enviou á mesa da Camara dos Deputados, de que faz parte o seguinte

Requerimento

Requeiro que, pelo Ministerio das Colonias, me sejam fornecidos, com toda a urgencia, os seguintes documentos:

a) Nota de «todas» as despesas feitas com a ultima viagem do Alto Comissario de Angola ao Congo Belga, incluindo as do navio de guerra que o transportou;

b) Copia do telegrama do Alto Comissario de Angola, pedindo autorisação para ir ao estrangeiro e de toda a correspondencia e dos documentos relativos á sua projectada viagem Loanda-Katanga-Cabo-Marselha;

c) Nota do material e dos automoveis enviados ao mesmo Alto Comissario a fim de, conjuntamente com os já existentes em Angola, serem aproveitados no percurso Loanda-Katanga-Cabo;

d) Ultimo relatorio do Auditor da Fazenda de Angola;

e) Relação de todos os funcionarios da Agencia Geral da Provincia de Angola, nota dos seus ordenados e subsidios e indicação de quais são os que foram transferidos de Angola para a mesma Agencia.

Lisboa e sala das sessões, 19 de maio de 1922.

(a) Paulo Cancella de Abreu.

A simples leitura desta petição sugere a ideia de que o sr. Cancela de Abreu sabe muito bem o que se passa em Loanda, rasoavelmente conhece tambem os bastidores da famosa Agencia Geral da Provincia de Angola. Se o sr. Cancela de Abreu espera para falar á nação, pela copia dos documentos que pediu, pode ir pensando noutro assunto, que, com este, jamais incomodará o monarca de Angola. Isso a avaliar pelo que se tem visto, em circunstancia identicas.

Documentos, não faltam representantes do povo a requere-los ao Poder Executivo; que este satisfaça as requisições, a tempo de serem utilmente aproveitados, é o que se não vê. Quando os proprios chegam é tarde e a más horas, e, na maioria das vezes, ou nunca chegam, por mais que os legisladores se esfalfem a protestar, ou aparecem trocados, incompletos ou ininteligiveis, que é um recurso como outro qualquer para os inutilisar.

Os regimentos das casas do Congresso deviam ser, a este respeito, mais imperativos. Daviam marcar um praso curto para satisfação de requesições semelhantes á que fez o sr. Cancela de Abreu, com cominação penal aos empregados do Executivo que não cumprissem a ordem do Poder Legislativo.

As palavras ficam

O tenente-coronel sr. Cristovão Aires fazia publicar em o nosso colega *Diario de Noticias* uma carta, da qual destacamos as seguintes linhas:

«...a justificação sentimental da nossa entrada na Grande Guerra onde não nos chamaram, nem uma ameaça directa ao nosso territorio, nem qualquer beneficio de ordem material que não solicitámos.-

As ideias de que dá ideia nestas linhas o sr. Cristovão Aires, foram expostas por este notavel jornalista numa reunião de arte a proposito de uma lapide comemorativa da passagem por Lisboa da actriz Cora Laparcerie. Outras frases que o sr. Cristovão Aires pronunciou nessa selecta reunião têm provocado reparos e comentarios de varios outros periodicos — mas deixá-las-hemos de parte para nos referirmos apenas ás que nos parecem de primacial importancia.

Afirmou o sr. Cristovão Aires, segundo o texto da sua propria carta, e perante estrangeiros, que Portugal entrara na Grande Guerra sem para isso ter sido chamado e sem que houvesse uma ameaça directa ao nosso territorio.

Sem pretender de forma alguma molestar o sr. Cristovão Aires, é do nosso mais elementar dever contraditá-lo. Portugal entrou na guerra porque para isso foi convidado. Quando se tratou da apreensão dos vapores ex-alemães, foi invocando uma velhissima aliança que a Grã-Bretanha *insistiu* por essa apreensão. O acto que determinou uma abertura oficial de hostilidades não nasceu unicamente de uma resolução isolada do Governo, mas sim de um conjunto de acordos tomados com o Estado inglês e no que êste invocou, por diversas vezes, a letra dos tratados, solicitando a interferencia directa de Portugal. E' uma pagina de Historia que ninguem poderá refutar.

Para que tambem o sr. Cristovão Aires pudesse declarar que não houve ameaça directa ao nosso territorio, foi com certeza necessario que o brilhante cronista tivesse um lapso de memoria. Com efeito, o sr. Cristovão Aires havia esquecido, neste momento, Naulila, Rovuma e Cuangar, onde não só existiu ameaça directa como tambem invasão por parte da Alemanha, logo após a declaração de beligerancia, em Agosto de 1914. O sr. Cristovão Aires, que é um distinto oficial de infantaria, não poderia com certeza ignorar que, ainda ha bem pouco tempo, a Comissão Tecnica de Infantaria, celebrando a memoria dos soldados de infantaria cahidos na Grande Guerra, começou por citar aqueles que em Naulila, Rovuma e Cuangar tinham caido em defesa da Patria, repelindo a invasão do inimigo.

Estes factos, que ninguem poderá contestar, porque—repetimos—são o passado da Historia, autentico e indiscutivel, não pareceram ao sr. Cristovão Aires suficientes para dizer o contrario daquilo que afirmou. E lamentamos. Lamentamos, porque o sr. Cristovão Aires não é apenas um jornalista, é tambem tenente-coronel do nosso Exercito, oficial muito brilhante, que fez a campanha de França. E é ainda mais e melhor: é professor na Escola Militar, dirigindo, por isso, até certo ponto, a mentalidade dos seus alunos, a quem, decerto, não quererá dar noções menos exactas.

A LEI 1244 COMENTADA E ANOTADA

Continua-se o mirificó rol de inepcias e aponta-se uma inexactidão no nosso septuagessimo sexto caso

Tivemos hoje a visita do coronel de cavalaria reformado sr. José Monteiro Cabral de Vasconcelos a quem nos referiamos no nosso numero de sexta-feira 19 como um dos tres «felizardos» desse dia na nossa secção contra a lei 1244.

O sr. Coronel Vasconcelos, que é o numero 76 da nossa imponentissima lista, é tambem o numero 1 dos nossos reclamantes. Este senhor apoiando-se em factos, argumentos e deduções que em nosso criterio são mais do que suficientes, demonstrou-nos ser inexacta a afirmação que fizemos acerca do seu monarquismo.

Não temos o minimo rebuço em arquivar as declarações peremptorias do sr. Vasconcelos. Antes pelo contrario. Nós somos daqueles que pensam que o Exercito deve ser depurado mas simplesmente ao contrario do que imaginam todos os ... Evangelistas da Secretaria da Guerra. E por consequencia folgamos em poder retificar uma informação que valha a verdade é a primeira em mais de um que se averigua ser menos fundamentada.

O sr. Coronel Vasconcelos é de facto um republicano. Cremos que muitos outros oficiais atingidos pelas leis 1040 e 1244 em virtude dos acontecimentos do norte, em 1919, serão tambem republicanos—o que com concertesa não terá impedido muitos de se verem forçados a coações morais de toda a especie para garantirem a integridade dos seus galões. E' contra isto que nos revoltamos e nos revoltarêmos sempre. Depurar o Exercito forçando os depurados a baixesas morais de toda a especie para os deixar alapardados, será de facto um processo muito pratico mas inteiramente desvantajoso para a dignidade do Exercito. As conclusões a que chegou o sr. Vasconcelos, revelam-nos curiosos detalhes que a seu tempo divulgaremos. Por hoje registamos apenas os desagravos deste oficial que, nos vem confirmar com uma excepção a regra veridica das nossas informações.

Capitão reformado Baltazar Ferraz —Este oficial prestara serviço em infantaria n.º 8 em Braga, como tesoureiro, e proclamada a monarquia, continua prestando os mesmos serviços. Reimplantada a republica, continua prestando os mesmos serviços, cheios então de «fé republicana», valendo-lhe não ser encomodado. «Pasme agora o leitor!!!» No 3.º batalhão de infantaria 8 em Barcelos o capitão reformado João Pereira Vaz, desempenhando naquele batalhão o mesmo serviço que o capitão Ferraz na séde do regimento, é punido com 3 mezes de inatividade, e pela lei 1040 devia ser demitido com mais de 40 anos de bons serviços. E' ou não é isto justiça aos domicilio!...

Alberto Anibal Pinto de Sousa Cruz, major do quadro da reserva — Este oficial encontrara-se fazendo serviço num D. R. e Reserva no Porto, quando ali foi proclamada a monarquia. Quando a junta governativa obrigou todos os funcionarios civis e militares a fazer a declaração de acatamento, este oficial, como todos os outros, e funcionarios civis que, hoje ocupam situações de destaque, fez a sua declaração de acatamento, para assim assegurar que lhe pagassem os seus parcos vencimentos de reforma. Pobre major, se em vez de declaração tem comandado um batalhão, e então arranja atestados «daquele» que durante o mez lhe sugam os poucos vintes quee recebe, escusava de ter de cumprir em Elvas 6 mezes de inatividade com que foi mimoseado a 60 o/o do soldo. E' o caso da «sorte maniversa»...

Francisco Cardoso da Silva Pimenta, alferes de cavalaria 4, acompanhou o seu regimento para Monsanto. Preso, e depois de ter, durante 8 meses, percorrido o Lazareto, S. Julião da Barra, Funchal e novamente S. Julião, responde e é condenado em 6 mezes de prisão correcional sendo então por fim posto em liberdade por lhe ser levado em conta a prisão já sofrida.

Em seguida é colocado em cavalaria, onde esteve fazendo serviço durante 14 mezes, prestando bons serviços e com boas informações.

Era natural, que ficasse por aqui a expiação do seu delito politico, mas, nasce dum aborto legislativo a tão discutida lei 1040, coloca-o no Estado Maior sem comissão, e pouco depois reforma-o, ter estado 18 meses em França, e tivesse frequentado a Escola de Milicianos como 1.º sargento do quadro permanente, passar como oficial, aquele quadro, em virtude duma lei que isso lhe dava direito. Pensava pois, e com justificada razão que, pararia por ahi o ciclo das punições pelo mesmo e unico delicto. Que ingenuidade! A repartição do «Santo oficio» não dorme, e por isso, ei-lo pela ultima O. do Exercito do corrente mez, demitido nos termos do §2.º do art. 2. da 1244, cada vez percebemos menos. Então, é do quadro permanente na 1040, e miliciano na 1244?... Sem comentario.

Alferes Miliciano de infantaria 3 Alberico de Almeida Gomes — Este oficial, proclamada a monarquia, prestou á causa os seu melhores serviços, fazendo parte de forças que, estiveram combatendo os republicanos. Tão dedicados foram os seus serviços que não poderiam deixar de ser recompensados. E como? Ser nomeado escrivão para apuramento das responsabilidade dos seus camaradas, ou não tivesse conseguido provar que era... «dos historicos da velha guarda.»

Na Africa do Sul

Descobre-se mais uma mina de ouro que provavelmente não será explorada

PRETORIA, 22—EM Randfontein descobriu-se uma nova mina de ouro á profundidade de 782 pés.—(Lat. Am.)

N. R.—A descoberta dum novo filão de oiro na região aurifera do Griqueland, não é facto que possa regosijar as Empresas proprietarias da Africa do Sul, E' até provavel que a mina recem-descoberta não seja por emquanto explorada. Com efeito em algumas regiões diminuiu-se a extração e em outras essa extração paralisou quasi por completo para evitar que uma exagerada produção do vil metal produza um depreciamento no ouro amoedado.

Na Camara dos Deputados

reclamam-se contra "A Capital" medidas violentas

PROPOSTA DO SR. JORGE CAPINHA PARA QUE «A CAPITAL» SEJA PROCESSADA — FICAMOS SEM PINGA DE SANGUE!...

Logo no inicio da sessão de hoje o deputado sr. Jorge Capinha pediu a palavra para negocio urgente. Tratava-se — disse o representante da Nação — de desagravar o Parlamento das acusações que lhe fizera *A Capital*, no editorial de 16 do corrente. A Camara hesitou, na primeira votação, em conceder a palavra ao sr. Jorge Capinha, mas, em contra-prova, viu coroados de pleno exito os seus esforços para promover a punição dêste irreverente periodico.

Principiou por dizer que ia ocupar-se de acusações feitas á Camara dos Deputados por um jornal da noite, *A Capital*.

Em editorial de 16 do corrente, *A Capital* fazia as mais tremendas acusações aos parlamentares, confessando (o que muito nos desvaneceu) que o artigo fôra já transcrito pela maior parte dos jornais provincianos. (Apoiados do sr. Sá Pereira). O *Diario de Evora*, por exemplo, transcreveu êstes periodos:

... estão ligados a Companhias, teem dependencias financeiras, enleiam-se numa rede de interesses que só o deixam pesar no paiz quando essos interesses não estão em jogo.

Como é que uma Camara, assim composta, pode ocupar-se, com plena liberdade de espirito e plena liberdade de acção, da regularisação do orçamento e das propostas de finanças!

Os interesses a que aludimos não exigem economias: exigem maiores sacrificios do tesouro: só reclamam novas e colossais especulações.

Na realidade estamos nas mãos de uma plutocracia desalmada. Essa plutocracia carasteriza-se, como é natural, pelo egoismo. Ninguem espera que ela faça qualquer sacrificio que saia da sua bolsa para acudir á patria em perigo.

Não ha nada mais deshumano do que esse egoismo. Comove-se o coração dos despotas! não se comove o coração dos açambarcadores, dos ganhões, dos especuladores. Dir-se-ia que neles a alma de Harpagão se liga a alma de Nero.

Pois bem! Os parlamentos são formados por gente desta especie, ou por criaturas que dela são incondicionalmente serventuarias.

Podem os governos querer reagir. Nada conseguirão. Os partidos estão eivados desta praga. Acolheram-a, acariciaram-a. Sacrificaram-lhe os bons e leais republicanos, desinteressados, idealistas, patriotas.

Foi sempre o grande escolho das democracias republicanas a facil corrupção dos meios parlamentares. Como em cada deputado, em cada senador, existe uma parcela de soberania, o plano dos corruptores é aliar a conciencia desses homens que só deviam pensar no paiz de que são representantes. A França ainda não teve na historia da Terceira Republica nenhum perigo-serio senão o que revelaram os escandalos do Panamá. Os Estados Unidos, o Brasil sofrem dessa lepra. E' o grande, perigoso, lado fraco da Republica.

Entre nós, os partidos não mantiveram independencia. Lançaram-se, a começar pelo partido democratico, que é o mais numeroso e por isso mesmo o mais atacado, nos braços dos especuladores, das «brasseur d'affaires», dos aventureiros que irrompem como cogumelos nas ocasiões da crise. Dai o descalabro a que assistio. Tudo podia remediar o parlamento. Mas quê! Como dissemos dois terços do parlamento são constituidos por essa gente ou estão nas mãos dessa gente, á qual o que convem é a continuação da desordem administrativa...

«De 16 do corrente até hoje — exclama o sr. Jorge Capinha — não houve uma voz que se levantasse a exigir do jornal a prova das suas acusações!»

(O sr. Sá Pereira: apoiado!).

E, para chamar sobre nós o rigor do castigo, envia para a mesa a seguinte

PROPOSTA

Proponho que, no prazo de 48 horas, cada um dos parlamentares desta Camara se pronuncie, perante a mesa e por escrito, declarando se, em face do artigo publicado na Capital *de 16 do corrente, sobre o Parlamento, têm dependencias financeiras ou se se encontra ligado a companhias, preferindo os interesses destas aos do Estado, e que se habilite o ex.mo sr. presidente desta Camara a chamar á responsabilidade o referido jornal, intimando-o a provar as suas afirmações. — (a) Jorge Capinha.*

O SR. PRESIDENTE DA CAMARA RECUSA-SE A RECEBER A PROPOSTA

O presidente sr. Domingos Pereira declara o seguinte, com o aplauso de todos os lados da Camara:

Entendo que não posso tomar conhecimento da proposta. Estou convencido que não ha um unico homem publico que esteja compenetrado de que exista um legislador capaz de preferir os interesses das companhias ou empresas a que, por acaso, pertença aos do Estado. Interpreto, pois, o sentir da Camara não recebendo a proposta e devolvendo-a ao ilustre deputado sr. Jorge Capinha. (Apoiados de todos os deputados, excepção feita do sr. Sá Pereira).

O SR. JORGE CAPINHA INSISTE, DEBALDE, PELA DISCUSSÃO E VOTAÇÃO DA PROPOSTA

O sr. Jorge Capinha não se dá por vencido. Quere que lhe discutam a proposta.

«E' evidente que ao Poder Judicial incumbe chamar á responsabilidade os infractores da lei, mas o Poder Judicial não vê ou não sabe ver (calorosos apoiados do sr. Sá Pereira). O que é preciso — diz com veemencia — é tirar da cabeça de toda a gente a persuassão de que existem legisladores capazes de porem acima dos interesses do Estado os seus proprios ou os das companhias e empresas a que pertencem. (Mais apoiados do sr. Sá Pereira). Insisto pela discussão e votação da proposta.»

O PRESIDENTE SR. DOMINGOS PEREIRA PÕE PONTO FINAL NA QUESTÃO

O sr. presidente da Camara mantem o seu ponto de vista: não dará andamento á proposta. Entretanto, para satisfazer o sr. Jorge Capinha, vai recomendar o exame do artigo ao sr. ministro da Justiça, que, se encontrar motivo para isso, ordenará ao Ministerio Publico que chame á responsabilidade o jornal.

A Camara concorda. O sr. Jorge Capinha, desconsolado, vai á mesa buscar o papel, que preciosamente guardará para legar aos seus vindouros. Que seja o mais tarde possivel, são os votos de *A Capital!*

Como os russos comentam a Conferencia de Genova

Os plenos poderes de Tchitcherine

RIGA, 21. — Dizem de Moscou que na ultima reunião do conselho de comissarios do povo, Lenine declarou que entende que os delegados russos á conferencia de Genova devem regressar imediatamente.

A conferencia de Genova é perfeitamente esteril e a prolongação da permanencia dos delegados russos não servirá para avançar um só passo. Tchitcherine tinha plenos poderes para concluir tratados com todas as potencias que manifestassem desejos sinceros de chegar a resultados praticos.—(Lat. Am.)

Um pau por um olho

A dança dos biliões

BERLIM 22—Dizem de Moscou que o governo dos soviets vai emitir vales do correio de 50 mil e 100 mil rublos. —(Lat. Am.)

O serviço de exames

Nunca mais acabará porque não ha dinheiro para os professores!

Informa-nos de que o serviço de exames nos liceus terá de ser interrompido a partir de 31 de julho, recomeçando em outubro e não podendo, por isso, finalisar em alguns liceus antes do Natal. O motivo consiste no facto de não haver verba suficiente para remunerar tal serviço, devendo, portanto, os professores prestar apenas o serviço diario a que são obrigados.

Actualmente os professores dos liceus recebem 40 centavos por cada hora de serviço de exames.

Leem-se estas coisas e a seguir esfregam-se os olhos por que não se creditam! Não ha palavras, não ha comentarios possiveis para este tremendissimo descalabro!

Theatros e Cinemas

Agenda da semana

HOJE — Nacional — Primeira representação da adaptação de Afonso Gaio, da «Cavalaria Rusticana».
AMANHÃ — Chiado Terrasse — Primeiras representações da revista «Tiro no alvo».
QUINTA FEIRA — Nacional — 7.ª recita de assinatura com as peças «Auto dos Faroleiros» e «Cavalgada das Nuvens».

Nota do dia

Será, efectivamente, amanhã que no Chiado Terrasse subirá á scena a revista *Tiro no Alvo*? E' caso para se duvidar ainda, visto que, desde o dia 26 do mês passado, ela tem sido anunciada e transferida, não sei quantas vezes. E não se suponha que êstes adiamentos constantes não têm uma influencia enorme no sucesso de qualquer peça. Em primeiro lugar, só podem ser tomados á conta de relaxe, pois nada ha que os justifique, e, ao contrario, só poderiam demonstrar uma quasi ignorancia da forma de dirigir e administrar um teatro, que não é licito supôr. Compreende-se que um empresario, por motivos alheios á sua vontade e contra os seus interesses materiais, seja forçado a adiar uma representação por espaço nunca superior a oito dias, desde que, contra a sua espectativa, lhe tenham faltado com scenario ou com o guarda-roupa. Mas, prolongar além de uma semana uma primeira representação, não se compreende, pois nada ha que o obrigue a fixar-lhe nova data, mas pode até, e na grande maioria dos casos assim sucede, dar um resultado contraproducente. Ninguem, quero crer, supõe ir ver no Chiado Terrasse uma *mise-en-scène* superior ás que já hoje é vulgar aparecerem na scena dos outros teatros, com a enorme vantagem para êstes das dimensões muito maiores dos seus palcos. E' por isso que, parecendo que não, a disposição do publico se modifica em casos tais e, geralmente, em lugar da espectativa benevola, vai para o espectaculo armado em critico severo, porque com coisas sérias não se brinca e, para o alfacinha, o teatro entrou decididamente no numero das coisas sérias. Resultado: é que, no *tiro ao alvo* pode muito bem ser que, se por acaso o espectador se aborrecer, o que sinceramente não desejamos, prefira o *pim, pam, pum*, do que caberia uma certa responsabilidade á empresa exploradora.

ALVARO LIMA

Festa de "Chico Redondo" em S. Carlos

Já sabemos que camarotes de primeira ordem e frisas não existem na bilheteira, só restando alguns de segunda e terceira ordem. Lugares de plateia tambem já poucos restam, tal é o entusiasmo que ha para a festa do grande baritono português.

Além dos artistas que tomam parte nos actos das operas *Tosca* e *Bohemia*, D. Manuela Pinto Basto, Alves da Silva, Miguel Orrico, Carlos Orrico, Carlos Ferreira, Antonio Fernandes, cantarão, no acto de variedades, as senhoras D. Angela Pinto, D. Auzenda de Oliveira, D. Aldina de Sousa, D. Beatriz Baptista, D. Jalsiza de Sousa, D. Emilia Fernandes, D. Elvira Loureiro, e os srs. Brazão Gambon, Mendonça, Sales Ribeiro, Fernando Pereira, Carlos e Miguel Orrico, René Point, D. Ascenso de Sequeira (S. Martinho), D. João da Camara (Ribeira), Alberto Rebelo, D. Gabriela Higs, e D. Francisco de Sousa Coutinho (Redondo).

Noticiario

Entre nós

Com a «Rainha do Animatografo», interpretando, pela primeira vez, o papel creado pelo actor José Ricardo, faz hoje a sua festa no S. Luiz, o estimado actor Alfredo de Souza.

◆ No Nacional, com a aplaudida comedia «Carta anonima» e a primeira representação duma adaptação de Afonso Gaio, da peça italiana «Cavalaria Rusticana», realisam tambem a sua festa os aplaudidos artistas Irene e Jorge Grave. A distribuição desta ultima, é a seguinte:

«Santuza» Irene Grave; «Tia Nunzia» Laura Hirsch; «Lola» Ana de Oliveira; «Camila Brazzi» Amelia Croner; «Turidu» Jorge Grave; «Alfio, almocreve» Luiz Leitão; «Tio Brazzi» Antonio Nascimento; «O Prior» Francisco Sena.

◆ Amanhã e depois não ha espectaculos no teatro Nacional para dar logar aos ultimos ensaios das peças «Auto dos Faroleiros» de D. Branca de Gonta Colaço e «Cavalgada das Nuvens» de Carlos Selvagem que, em 7.ª recita de assinatura, subirão á scena naquele teatro, na proxima quinta-feira.

◆ Encontra-se, felizmente melhor, o estimado camaroteiro do teatro Apolo que tinha adoecido com certa gravidade.

◆ Continua mantendo o mesmo sucesso, a companhia espanhola que presentemente, está trabalhando no Eden e que hoje ali representa a conhecida opereta «Casta Sazana», anunciando-se para amanhã a 4.ª recita de assinatura com a opereta, ainda não conhecido entre nós, «El Duquesito ó la Corte de Versolles».

Estrangeiro

No teatro des Champes Elysées inaugurou-se sob a regencia do notavel maestro Tulio Serafim uma serie de espectaculos de opera, iniciados com «Tristão e Isolda» e devendo seguidamente serem cantadas «Parsifal» «Maîtres Chanteurs» e «Lohengrin».

◆ M. Georges de Porto-Riche nomeado «Gerente» director do Odeon, de Paris, a sua nova peça intitulada, provisoriamente, «La petite Patrie», que será representada naquele teatro no proximo mez de outubro.

◆ Tambem na proxima época de inverno será representado no Gymnase uma comedia de Robert de Flers e Francis de Croisset intitulada «Les vignes du Seigneur» cujos principais papeis serão interpretados por Victor Boucher e Jeanne Cheirel.

◆ No Apollo, de Paris, representar-se-ha brevemente a opereta em 3 actos de René-Jeanne e Pierre Closs musica de Sylvabell-Demars, «Troi, boisers».

Cartaz do dia

Teatro de declamação

NACIONAL — A's 9 — «Carta anonima» — «Fidalguia rustica».

POLITEAMA — A's 9,30 — «Azas quebradas».

Teatro musicado

AVENIDA — A's 9,15 — «A Perola Negra»

APOLO — A's 9,15 — «Belo Sexo».

EDEN TEATRO — A's 9 — «La Casta Suzana» — Companhia espanhola.

S. LUIZ — A's 9 — «Rainha do animatografo».

SALAO FOZ — A's 8,30, e 10,30 — «Piparotes».

Animatografos

OLIMPIA — Rua dos Condes

CINEMA CONDES — Avenida da Liberdade

SALAO CENTRAL — Praça dos Restauradores

Pelo Telegrafo

A questão irlandesa

LONDRES, 22. — No sabado, os srs. De Valera e Collins assinaram um pacto, que foi em seguida aprovado pelo *Dail Eireann*, pelo qual se fará a eleição de um terço de deputados e se formará um ministerio de coligação. Depois desta eleição, o poder executivo constará de um presidente eleito como até aqui, de um ministro de defesa representando o exercito, e de mais nove ministros, cinco dos quais da minoria. No caso do governo de coligação julgar necessario dissolver-se, far-se-hão eleições gerais o mais cêdo possivel. — (R.)

Em torno da conferencia de Haya

PARIS, 22 — O correspondente em Washington do *Temps* diz que o sr. Hughes, ministro dos Negocios Estrangeiros, enviou um novo despacho ao sr. Child, embaixador dos Estados Unidos em Roma, dando-lhe detalhadamente as instruções que já lhe tinha telegrafado sobre a Conferencia de Haya. Apesar de se desconhecer o texto do despacho, o *Temps* julga que os Estados Unidos não farão emprestimo algum á Russia emquanto os *soviets* não tiverem restabelecido a ordem no seu paiz. — (R.).

Os ingleses prestam homenagem a Washington

NEW YORK, 22 — Lord French descerrou no sabado, na sala da Fama da Universidade desta cidade, o busto de Washington. — (R.).

Herdeiro em viagem

MALMOE, 22 — O principe herdeiro da Suecia partiu para Inglaterra em visita a seu sogro, o duque de Connaught. — (R.).

A revolução chineza

SHANGAI, 21. — O corpo diplomatico acreditado na China não recebeu ainda comunicação oficial da proclamação da independencia da Manchuria feita pelo general Chang-Tso-Lin. Nem mesmo o governo chinez teve qualquer comunicação do acontecimento.

Os efectivos de Mukden que ha em Luan-Chow elevam-se a 40 mil homens.

O general Wu-Pei-Fu enviou tropas para o norte. Julga-se, porém, que as hostilidades não começarão até ao fim do mez actual, data em que ambos os partidos serão reforçados por novos contingentes. — (Lat. Am.)

Uma explosão d'éter

PARIS, 22. — Em consequencia de uma explosão de éter declarou-se incendio numa fabrica de produtos quimicos em Saint Denis. Ficaram gravemente feridas duas pessoas. O laboratorio ficou quasi totalmente destruido. — (Lat. Am.)

O regresso á Europa da Ex-imperatriz Zita

CADIZ, 22. — Chegou a ex-imperatriz Zita com os seus filhos. Partiu para Madrid acompanhada pelas personalidades que por mandado do rei aqui tinham vindo. — (L. A.)

MADRID, 22. — A ex-imperatriz Zita foi recebida na gare por todos as autoridades civis, militares e eclesiasticas. Foi hospedar-se no palacio do Prado. — (Lat. Am).

A situação financeira do Brazil vista atravez da mensagem presidencial

Realizou-se a 3 de maio a sessão inaugural do congresso nacional, sendo presente a mensagem em que o presidente da Republica dá conta dos negocios de Estado, no ano que transcorreu.

O presidente Epitacio faz indicação das providencias de que carecem os principais serviços publicos e apela para o congresso, a fim de votar com presteza e desvelo as medidas reclamadas por essas necessidades.

A mensagem encerra uma resenha de tudo o que o governo tem feito, em todos os ramos da administração, e responde tambem aos ataques contra o governo, acusado de mal gerir a fortuna nacional.

Contem este documento importante o quadro da receita e despeza durante 1921, apuradas até então e descriminadas por mezes sob o titulo «Quadro demonstrativo da receita e despeza da União», com as seguintes cifras: Total da receita, 664:713 contos; despeza 720:725 contos; «deficit» 55 contos, sem as fracções.

Aludindo ao «stock», ouro diz que o de julho de 1919 quando assumiu o governo, era de 47:390 contos e agora é de 83:763 contos.

Sobre a divida externa, diz que em 31 de Dezembro de 1920 a divida externa fundada apresentava os seguintes totais: libras 103.035.531 e francos 322:240.500 e, em egual data do ano passado, verificava-se de um lado a redução de libras 104:700 e do outro o aumento de 50 milhões de dolars. Este aumento provém do «emprestimo levantado nos Estados Unidos» e a redução procedeu do resgate de titulos do emprestimo do «fuding» de 1898.

Tratando-se da divida interna, informa que esta, em 31 de dezembro de 1920, era de 1.113.486 contos, e em dezembro de 1921, de 1.347.973 contos, demonstrando um aumento de 243.483 contos.

O Congresso Economico em Braga

A sua sessão inaugural

A sessão inaugural do Congresso abriu ás 22 horas. A assistencia é distinta, estando largamente representada a industria, comercio, exercito, clero, corpo consular, Camara Municipal, governador civil, chefe do estado maior, representando o comandante da divisão, professorado, etc.

O sr. dr. Levi Marques da Costa, presidente da comissão executiva do Congresso, em nome desta, convida para presidir á sessão o sr. José Maria Gomes Belo, presidente do Senado Municipal, e para presidentes de honra os srs. governador civil, padre Domingos Basto, representante do sr. arcebispo, representante do comandante da divisão, presidentes da Associação e Ateneu Comercial, Federação dos Sindicatos Agricolas do Norte, da Associação dos Proprietarios e da delegação da Sociedade de Propaganda de Portugal.

O presidente abre a sessão, saudando os congressistas e esperando bons frutos do Congresso.

O sr. dr. Levi Marques da Costa pediu a palavra e agradeceu ao presidente do municipio a hospitalidade com que a comissão executiva do Congresso e os congressistas foram recebidos.

A comissão prossegue na campanha para que se forme em Portugal a opinião relativa aos problemas que mais o devem interessar. Governar dentro de um paiz sem opinião e sem ideias, é uma autocracia, mas quando os interesses da nacionalidade são estudados pelo povo que a compõe, esse povo sobe na escala social.

Interessar o paiz nos assuntos do seu organismo, é realizar uma grande obra. Os assuntos a tratar neste Congresso devem criar grande entusiasmo.

Foi feliz a escolha de Braga para este Congresso, diz o orador, e termina por fazer o elogio do Minho.

Sauda Braga e todas as entidades oficiais ali representadas.

O sr. Antonio Marinho, representante da comissão executiva da Camara Municipal de Braga, sauda os congressistas.

O sr. Alvaro de Lacerda faz o elogio da obra dos congressos que visam a tornar Portugal reconhecido dos proprios portugueses e são uma obra de aproximação entre as forças vivas do paiz.

Sauda o Congresso, em nome da União da Agricultura, Comercio e Industria.

O representante da Associação Comercial de Lisboa, sr. Albert Macieira, sauda o Congresso, dizendo esperar bom fruto dos trabalhos ali realisados.

O representante da Associação Industrial Portuguesa, sr. dr. Correia Guedes, sauda Braga, fazendo o seu elogio; e, referindo-se á obra dos congressos economicos, lembra as glorias portuguesas nas pessoas de Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

Os congressos economicos, diz o orador, chamam todos os portugueses a colaborar nos problemas vitais da Patria.

O representante da Associação Central da Agricultura Portuguesa, sr. dr. Saraiva Vieira, sauda a cidade de Braga, esperando que do Congresso saia obra util.

O representante da Sociedade de Propaganda de Portugal, sr. Roldão y Pego, sauda Braga e refere-se ás belezas do Minho e ao turismo scientifico, citando a proposito o feito dos dois heroicos aviadores. Diz ser necessaria a união de todos os portugueses.

O representante do Centro Comercial do Porto, sr. Rodrigo Pinto Leite, dirige as suas saudações ao Congresso e a Braga.

O sr. Adolfo Azevedo, como presidente da Associação Comercial de Braga, sauda os congressistas e diz que se deve pôr de parte a politica, unindo-se todos na obra de ressurgimento nacional para salvação do paiz.

O sr. dr. Guilherme da Costa e Sá, representante da Federação dos Sindicatos Agricolas do Norte, sauda o Congresso e a União do Comercio e da Industria.

O rev. Domingos Basto, representante do sr. arcebispo, sauda o Congresso, mostrando a importancia do factor moral junto ao factor economico. Referindo-se á obra social do sr. arcebispo, mostra como ele trabalha nos problemas sociais. Historia as glorias portuguesas, lembrando a aventura scientifica dos aviadores.

Sauda tambem os congressistas, como director do *Diario do Minho*, representando a imprensa local.

Em seguida, encerra-se a sessão.

— A banda de infantaria 8, em homenagem aos congressistas, tocou no coreto da Avenida Central.

Tambem em homenagem ao congressistas, o *Diario do Minho* publica um numero especial.

Ultima Hora

Parlamento

Nos Deputados

A SESSÃO DE HOJE

Após a chamada, o sr. presidente da Camara declara aberta a sessão e dá a palavra ao sr. Jorge Capinha, para tratar o negocio urgente, que vai noticiado noutra parte deste jornal.

Antes da *ordem do dia*, entrou em discussão o projecto de lei que altera as taxas de emolumentos dos oficiais do registo civil e dos conservadores, a fim de lhes melhorar a situação economica.

O projecto é atacado vigorosamente pela minoria monarquica, falando o sr. Cancela de Abreu. Os srs. Julio Gonçalves e ministro da Justiça respondem ao fogoso orador da minoria monarquica. A Camara pronuncia-se, com repetidos e calorosos apoiados, a favor deste dois ultimos oradores.

A comissão de Finanças da Camara dos Deputados examinou, durante algumas sessões, as propostas de lei com que a alta burocracia do Ministerio das Finanças pretende salvar a Patria, embora á custa do encarecimento das batatas. Nessas sessões brilhou, pela sua ausencia, o sr. ministro das Finanças, que compareceu apenas a uma delas, reconhecendo-se, *ipso facto*, incapaz de tomar a defesa do monstro.

A comissão de Finanças não é favoravel ás propostas, que nem chegarão a vir á discussão, se o Governo não consentir na sua completa remodelação. Como quer que as discussões fossem apaixonadas, a comissão de Finanças pediu que se nomeasse um relator, sendo designado o sr. Almeida Ribeiro. Este ilustre parlamentar ocupa-se, presentemente, da redacção do relatorio, trabalho que ainda se não suspeita quando terminará.

Passa-se á

ORDEM DO DIA

que é a continuação da discussão do orçamento do Ministerio da Guerra.

Antes da abertura da sessão, esteve reunida a maioria, dizendo-se que examinara, mais uma vez, a possibilidade de conceder melhoria economica aos oficiais de terra e mar e aos funcionarios civis.

Universidade Livre

O Brasil colonial no seculo XVIII

Realisa-se amanhã nesta coletividade a 6.ª lição do curso sobre o Brasil Colonial, que o sr. dr. Antonio Ferrão vem realisando com grande sucesso no intuito de tornar bem conhecido o Brasil em todas as suas fases. Nesta lição tratará das pesquizas, descobertas e exploração das minas. Origem destas, especialmente as de Mato Grosso, Goias e Minas Gerais. Tratará tambem do desiquilibrio economico naquele epoca, devido á exploração das minas; referir-se-ha ás manifestações de sentimento nacional brasileiro e da independencia, segundo alguns autores, e por fim tratará a questão da fronteira do norte com a França e no oeste sul com a Espanha.

Regressando de Genova

Lloyd George entra triunfante em Londres

LONDRES, 22. — Lloyd George foi muito aclamado pela multidão quando no sabado á noite regressou de Genova. Na estação de Victoria o duque de Atholl entregou ao primeiro ministro uma carta do rei Jorge na qual lhe dava as boas vindas e exprimia a esperança de que a sua saude não tivesse sofrido com os seus fatigantes e prolongados esforços pela causa da paz.

Na proxima quinta-feira Lloyd George exporá na camara dos comuns os resultados da conferencia. — R.

Duqueza do Porto

Explique o governo o que isto quer dizer — Ou já não ha leis e tribunais neste paiz?...

O «Diario de Noticias» publicou a seguinte portaria:

Manda o Governo da Republica Portuguesa, pelo Ministro das Finanças, que uma comissão composta pelo dr. Alberto Aureliano da Silveira Costa Santos, ajudante do Procurador Geral da Republica, o qual será o presidente; dr. João Teixeira Direito juiz de direito; dr. José de Figueiredo, director do Museu Nacional de Arte Antiga; Luciano Martins Freire, director do Museu Nacional de Coches, e dr. Custodio José Vieira, chefe da Secção dos Palacios Nacionais e depositario dos bens judicialmente arrolados no Palacio da Ajuda, proceda com a maior urgencia, nos termos da lei de 24 de Julho de 1912 e tendo em vista a lei de 11 de Junho de 1913, á identificação dos bens mobiliarios que constituiam propriedade particular do falecido ex-infante e Duque do Porto, D. Afonso Henriques de Bragança, e que existem nos Palacios do Estado, que a extinta monarquia foram sua residencia.

Paços do Governo da Republica, 19 de maio de 1922. — O Ministro das Finanças, Albano Augusto de Portugal Durão.

Segundo parece, trata-se de deferir a petição que ao Governo da Republica já fez ou virá a fazer Sua Alteza Real a Princesa Maria Pia de Bragança, tia afim do pretendente D. Manuel.

Entendemos que não ha motivo algum para se regatear á augusta princesa o seu direito a haver a herança do seu falecido marido. Simplesmente, isso não é com o Governo, mas sim com os tribunais. Que a excelsa senhora se dirija ao Poder Judicial, porque só êle é competente para julgar do seu direito. Arvorar-se o sr. ministro das Finanças em agente dadivoso do que não é seu, é que não está bem, mesmo porque choca com a impossibilidade moral.

Devemos confessar que não conhecemos as leis citadas na portaria. Se elas autorizam a entrega, já aqui não está quem falou. De resto, vamos consultá-las.

A scena da Avenida

Ao fim da tarde de hoje foi enviada para o tribunal da Boa Hora a sr.ª D. Beatriz de Azevedo que ante ontem na Avenida da Liberdade alvejou com 5 tiros de pistola o seu namorado sr. Arnaldo Pimenta de Castro, estudante de engenharia, em consequencia de se ter recusado em 95.000 escudos negando-se também a contrair matrimonio conforme entre os dois ficara combinado.

D. Beatriz vai apresentar queixa na policia contra o autor da sua desgraça, devendo a policia iniciar depois as suas investigações sobre o escandaloso e obscuro caso.

D. Beatriz recolheu á cadeia do Aljube sem fiança.

A proposito, pedem-nos a publicação da seguinte carta:

Sr. Director de «A Capital»: — Tendo o jornal de que V. é digno director no seu numero de sabado ultimo, feito alusões ao meu nome, quando relatou uma agressão a tiro sucedida na manhã desse dia, venho por esta forma e o mais formal desmentido ás declarações de D. Beatriz de Azevedo, divorciada, no respeitante a minha interferencia numa transação a que se mostra ser contrario e pessoa tive contrario, como mais tarde provará em ocasião oportuna.

No entanto, permita-me V. que informe de que na vespera do crime fui procurado por essa senhora; a qual me pediu que me avistasse com a familia da vitima, a fim de o coagir a consorciar-se com ela, pois em caso contrario, exerceria uma violencia de tragicas consequencias em qualquer pessoa dessa familia, manifestando sempre vontade que essa violencia atingisse a mãe do agredido.

Agradecendo a publicação desta carta no mesmo local em que foi dada a noticia, sou de V. etc. — Rogerio Ferreira Proença — 2.º oficial do Ministerio das Finanças.

Raid Portugal-Brasil

O comandante do cruzador «Carvalho Araujo» e o director dos serviços da aviação maritima tiveram ontem demorada conferencia com o sr. ministro da Marinha acerca da ida de novo hidro-avião a bordo daquele navio. O aparelho deve ficar hoje pronto e o cruzador só o tempo permitir largará amanhã com destino a Fernando Noronha.

O cruzador Republica que está em Pernambuco logo que terminem umas ligeiras reparações que está sofrendo e fique abastecido de mantimentos ocorrão largará para Fernando Noronha a aguardar o Carvalho Araujo.

Os aviadores, segundo comunicaram ao Ministerio da Marinha, estão elaborando um relatorio da viagem que realisaram descrevendo-a minuciosamente.

Poeira da Arcada

Largou hoje do Funchal para Lisboa a canhoneira «Bengo».

— Foi concedida licença ilimitada ao sr. Manuel dos Santos Gil, professor do Conservatorio Nacional de Musica, considerando-se por isso vago o logar que ali exercia.

— Concluiu o exame para major, ficando aprovado, o capitão sr. Paula Pacheco, devendo ser promovido brevemente.

— Pelo vapor «Andes» são amanhã expedidas malas postais para a Madeira, Pernambuco, Pará, Manaus Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos Aires, sendo ás 11 horas a ultima tiragem da caixa geral.

Bodo monumental

A subscrição para o grande bodo aos pobres está em cerca de 35.000 escudos

O major sr. Viriato Lobo, governador civil de Lisboa, conti nua recebendo importantes donativos para avolumar a subscrição a favor do grande bodo que vai ser distribuido por 10.000 pobres da capital em sinal de regosijo pelo feito heroico de Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

O chefe do distrito recebeu hoje mais as seguintes importancias:

João Batista de Barros, & C.ª Ltd., 10$00; Alexandre José da Silva, 20$00; Antonio Borges Sobral, 5$00; Manuel Menues, 5$00; I. Muginstein, 10$00; Schefield House, 10$00; Lista n.º 299 a cargo do Restaurant Club, 72$50; Quete no Cinema «Excelsior» 21$66.

No Governo Civil estão já sendo recebidas as listas que se encontram dispersas por varios pontos da cidade e as quais deverão ser entregues até ao fim do corrente mez.

Em poucas linhas

No Tribunal dos Açambarcadores que funciona no Governo Civil responderam hoje Manuel Henrique Carvalho, Largo de S. Mamede 24 e Virginia Silva, rua dos Douradores 100, 2.º, ambos acusados de abandono de azeite na estação dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste. Foram ambos absolvidos.

— Uma comissão operarios mobiliarios esteve hoje de tarde no Governo Civil solicitando do chefe do districto a liberdade de um seu camarada que se encontra preso.

— A um dos salabouços do Governo Civil recolheu Adelino Francisco, Telheiras de Baixo, que furtou a quantia de 108 escudos a Artur Pedro com fabrica de Ceramica em Malpique.

— Tambem foi preso Antonio Lobo dos Santos, que furtou da gaveta do patrão José Martins, Alameda das Linhas de Torres, a quantia de 170 escudos.

— O major dr. Viriato Lobo governador civil de Lisboa, andou hoje acompanhado do comissario geral da policia, visitando todas as dependencias do Governo Civil e da policia.

Algumas destas dependencias que carecem duma limpeza imediata vão ao que parece sofrer as necessarias beneficiações.

Ecos & Noticias

CASAMENTO

Realisa-se no dia 10 do proximo mez na igreja dos Anjos o casamento do sr. Antonio Farinha com a sr.ª D. Constantina das Neves Marques.

Companhia das Aguas de Lisboa

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

CAPITAL: 7.000.000$00

No dia 22 do corrente abrir-se-ha o pagamento do 0$00 por cada acção de 100$00 desta Companhia, de dividendo votado em relação ao exercicio de 1921, e seguirá em todos os dias uteis, excepto ás quintas-feiras, que são destinadas a pagamento dos dividendos atrasados até ao proximo dia 31.

Terminado este prazo o pagamento só se efectuará ás quintas-feiras.

Os pagamentos efectuar-se-hão em Lisboa na séde da Companhia, Avenida da Liberdade, n.º 20, e no Porto na agencia do Banco Nacional Ultramarino.

Lisboa, 16 de maio de 1922.

O director delegado

A. PEREIRA

Os conflitos operarios em Inglaterra

Reunem os representantes das empresas metalurgicas

LONDRES, 22 — A conferencia realisada hontem entre os representantes das empresas metalurgicas e as 47 associações excepto a associação sindical dos metalurgicos, adiantou bastante a resolução do conflito e a proposta apresentada pelas empresas será apreciada na terça-feira pela comissão das associações. — (Lat. Am.)

Agua da Certã

A agua minero-medicinal da Foz da Certã apresenta uma composição chimica que a distingue de todas as outras até hoje usadas na therapeutica.

E' empregada com segura vantagem nas Diastases — Dyspepsia — Catarros gastricos putrido ou parasitarios; — nas preversões digestivas derivadas das doenças infecciosas: — na convalescença das febres graves; — nas atonias gastricas dos diabeticos, tuberculosos, brighticos, etc.; — no gastricismo dos esgotados pelos excessos ou privações, etc., etc.

A Agua da Foz da Certã não tem gazes livres, é limpida, de sabor levemente acido, muito agradavel quer bebida pura quer misturada com vinho

Sempre a Irlanda!

Desde que o estado livre irlandez apareceu na ... politica, nunca mais houve socego naquele paiz

Posto que o «comité» dos dois partidos indicados pelo Dail Eireann não conseguisse ainda um acordo definitivo, contudo ainda não se dissolveu.

No dia treze realisou outra reunião e fez extraordinarios esforços para apresentar alguma coisa de definitivamente resolvido ao «Dail», no dia seguinte.

Alguns oficiais, que até agora teem estado contra o tratado, mudaram ultimamente de opinião.

Alguns destes oficiais são homens de grande influencia entre as tropas do Sudoeste, e a sua nova resolução é um claro sintoma de um firme movimento a favor do governo provisorio.

As noticias dos resultados obtidos modificam-se segundo a diferente origem dos seguintes trez pontos de partida:

Umas são preparadas pelos membros do Anti-Tratado; outras pelos membros do Pró-Tratado e ainda umas terceiras que os sequazes de Mr. Collins estavam dispostos a apoiar, pelos oficiais do exercito.

O unico ponto comum entre estas noticias de trez origens diferentes é o desejo franco das eleições livres.

Este plano parece extraordinario, pois ele significará a continuação do mesmo «Dail» composto por individuos que serão quasi os mesmos do actual assembléa que ignora ou não quer saber da vontade do povo em ter uma assembléa nacional muito mais partidaria e devotada ao tratado.

Portanto, esse desejo de eleições livres em que todos concordam reveste directamente em favor dos membros de pró-tratado.

A diferença fundamental entre os modos de ver do pro-tratado e o anti tratado é que os dois primeiros exigem o reconhecimento do tratado por intermedio do Dail e o seu reconhecimento moral pelo povo, enquanto que o terceiro exige que nenhuma resolução seja tomada por eleição.

Esta ultima resolução é comica.

Fazer umas eleições nas quais os eleitores não teem poder de escolha e pôr deante delas uma resolução que não é uma saida viavel.

Para que recorrer á farça das eleições se elas não podem decidir nada e em que nenhum eleitor tem liberdade de voto?

Duvidamos se existe no mundo algum partido que, semelhante ao do representado por De Valera e Miss Mac Swiney se aventuraria a levar por deante um plano tão fantastico.

Se as condições de umas eleições livres propostas pelo partido do tratado não são aceitaveis não vale a pena teimar em realisar eleições livres.

Ha comtudo grandes más consequencias em levar por deante a ideia de eleições em que não se manifeste a vontade do povo.

Os republicanos esses teem-se conservado no seu lugar.

Os Estados-Unidos

perante o cáos europeu

O maior acontecimento internacional dos ultimos dias consiste na recusa dos Estados Unidos em compartiparem na reunião dos peritos em Haya, para se procurar regular as questões russas.

M. Hughes, em nome do Governo americano, depois de recordar o interesse que a America tem demonstrado pela Russia, esforçando-se por libertar da miseria as populações das margens do Volga, assevera que os Estados Unidos crêem não poder utilmente comparticipar da Conferencia de Genova.

Esta recusa tem dois fundamentos: O primeiro consiste em o governo americano crêr que a reunião de Haya nada mais será do que o prolongamento da actual conferencia em que os Estados Unidos não quizeram participar. Assim será, sem duvida.

Embora a imprensa aliada, mormente a franceza, se esforce por demonstrar que foram tomadas todas as medidas necessarias para que um tal equivoco não seja possivel e que um tal facto não se pode dar visto que, enquanto em Genova estavam representados quasi todos os Estados pelos seus respectivos chefes de governo, em Haya apenas se encontrará uma comissão de peritos que nada mais poderá fazer do que recomendar aos seus governos um certo numero de soluções, disso estamos absolutamente certos, a reunião de Haya será o prolongamento da Conferencia de Genova, cabendo, portanto, toda a razão aos Estados Unidos.

O segundo baseia-se na Conferencia de Genova, que para outra coisa não serviu do que para evidenciar a ineficacia da reunião de Haya, que, sendo como é, a continuação da Conferencia de Genova, nada fará, visto que se proseguirá seguindo a orientação por que se encarreirou até agora, quando do que, de começo, era preciso tratar de restaurar o poder de produção das nações, restauração impossivel na Russia emquanto ali dominar o bolchevismo.

Ora, sendo a questão da restauração da capacidade produtora de cada nação problemas a resolver pelos respectivos governos, isto é, problema de politica interna de cada paiz, tratando-se da Russia, é a ela que cabe lançar ombros a essa tarefa e não a quaisquer outros governos.

Sendo, porém, evidente como é, que o governo comunista não pensou nunca, nem pensará jámais em restituir ao povo russo o direito de propriedade, condição imprescindivel para que ele possa desenvolver toda a sua actividade produtora, o problema ficará indefinidamente de pé por mais esforços que as demais nações façam.

O fracasso da Conferencia de Genova deixa a Europa ocidental em face da questão russa. E o resto?

O metodo de Lloyd George falhou, como não podia deixar de falhar, no que dizia respeito ás negociações com a Russia.

Na verdade, era tão vão, tão infantil pedir ao bolchevismo para se moderar, como á autocracia para se tornar liberal.

«A Russia — diz o marquês Custine no seu livro *A Russia em 1839* — está hoje apenas a quatrocentos anos da invasão dos Barbaros, enquanto que o Ocidente suportou a mesma crise ha catorze seculos; uma civilização de mil anos mais antiga coloca os habitos, os costumes das nações a uma distancia incomensuravel».

E' o que podemos observar com a revolução bolchevista. Entre o Ocidente e a Russia abriu-se, escancarou-se esse abismo de mil anos.

Tudo o que formava o Imperio dos Tzares sossobrou com o tzarismo.

Na côrte, nas chancelarias imperiais, encontravam-se homens educados á ocidental e que possuiam a mesma educação, os mesmos costumes, quasi as mesmas maneiras de pensar.

Porém, tudo desapareceu com a revolução. E em troca, o que apareceu?

Os russos, de que nos fala o marquês Custine: «Eles não foram formados nesta brilhante escola da boa fé, que na Europa cavalheiresca fez nascer a palavra honra, que durante longo tempo, foi sinonimo de fidelidade á palavra dada».

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações
Londres, cheque	4 1/4 — 4 1/8
» 90 dias	4 3/8 — —
Paris, cheque	1150 — 1184
Suissa, cheque	2418 — 2491
Belgica, cheque	1054 — 1086
Italia, cheque	650 — 669
Berlim, cheque	40 — 45
Holanda, cheque	4925 — 5071
Madrid, cheque	2008 — 2069
New-York, cheque	12693 — 13078
Brazil, cheque	59 — 68
Austria, cheque	1 — [illegible]
Noruega, cheque	2344 — 2415
Suecia, cheque	3266 — 3365
Dinamarca, cheque	2706 — 2728

Libras . . . . . 61$000 — 64$000

O Botequim da Fronteira

Este titulo é talvez um enigma para muita gente.

De que se tratará?

Haverá novas incursões contra o regimen?

Voltará o paiz inteiro a ver-se de novo entre ambições politicas, quando só o socego deve existir na patria lusitana?

Vamos descançar os nossos leitores: «O botequim da fronteira», cujo titulo nos serve de epigrafe, não é nenhum dos existentes entre Portugal e a nação visinha, por onde teem passado os principais caudilhos de causa contraria ao regimen implantado.

Este, a que nos referimos, fica nos confins dos Estados Unidos da America do Norte, fronteiro ao Canadá mas não deixa por isso de merecer menos interesse ao nossa publico.

E' nessas longinquas paragens que um drama intenso, tremendo, se desenvolve; fazendo-nos vibrar, emocionando-nos.

E como se trata dum «film» de grande sucesso, o publico que não falte ao espectaculo desta noite no Salão Central, onde assistirá ao mais extraordinario acontecimento cinematografico da actualidade.

Centenario da Senhora da Rocha

Iniciam-se na proxima sexta-feira 6, com uma conferencia preparatoria, na Liga Naval, ás 9 e meia, as comemorações do centenario do aparecimento da Senhora da Rocha. Será conferente o orador sagrado, dr. Santos Farinha.

No mesmo local, e no dia 31 pelas 4 e meia da tarde, efectua-se uma sessão solene para inauguração de uma pequena exposição de objectos ligados ao culto da Senhora da Rocha, exposição que se conservará aberta nos dias 1 e 2 de Junho. Tanto na conferencia como na exposição a entrada é livre.

As festas religiosas realisam-se no lindo templo, junto ao rio Jamor em Carnaxide, no domingo 28, havendo vistoso arraial na explanada em volta do santuario.

Nesse dia estabelecer-se-hão carreiras de Algés e da Cruz Quebrada.

Cruz Verde

O serviço de saude da «Cruz Verde» (Bombeiros voluntarios da Ajuda) tiveram a gentileza de nos enviar um bilhete postal ilustrado comemorativo da viagem aerea dos aviadores portuguezes ao Brasil, muito interessante e que muito agradecemos.

SPORT

Má lingua...

Todos os que sabem a vida dos jornais, conhecem o que são gralhas.

Mas outro dia na critica do sarau do «Ginasio Club Portuguez», esta secção bateu o record do genero, por obra e graça dos senhores tipografos.

Tendo eu dito que no numero de «alta escola» se tinha destacado o «galope com passagens de mão», o ilustre camarada da tipografia, pôs que se tinha destacado o «galego com passagens de mão».

Ora tenho visto «galegos» passarem com barris, e com bombas, mas com «passagens de mão», é novidade.

A gente aprende até morrer...

* * *

Sua Magestade Dempsey I, o Imperador do box, vai de novo bater-se com Carpentier.

O que é curioso foi o banquete que o americano ofereceu ao francez antes de partir... antes de bater-lhe, quer engorda-lo...

* * *

A «sociedade do elogio mutuo», que firmou arraiais no jornalismo sportivo, diz que sou «má lingua...» Porquê?

Porque digo aquilo que é verdade, aquilo que eles pensam, mas que não teem coragem de dizer, para não lhe estragar o «arranjinho», isto é, algumas coroas que sempre fazem arranjo...

O «trust» do «reclame sportivo» anda por baixo...

* * *

Dizem-nos que o professor Levy, vai fazer durante o verão uma «tournée» sportiva em companhia de varios amadores.

E' uma boa propaganda sobre-tudo se as demonstrações dos «sports» de combate, luta, box, esgrima, forem sinceros.

* * *

Disse que tinha gostado do numero do duplo-trapezio, do sarau do Ginasio Club.

Não sabia que tinha sido ensinado por João Possolo.

Eis a razão porque o numero se destacou no programa.

O dedo do mestre...

* * *

E' possivel que dentro em pouco, um jornal de grande circulação entregue a secção de «sport», a um antigo jornalista da especialidade.

Se conseguirem que este aceite, muitas coisas se vão saber, tiradas dos bastidores do «sport».

Vai ser bom...

RUY DA CUNHA.

Um livro de atletismo

O primeiro livro da biblioteca do jornal «Os Sports» está obtendo grande sucesso

O primeiro livro da biblioteca de «Os Sports», posto á venda ha poucos dias, tem tido por todo o paiz uma grande procura, como era de esperar.

Encerrando preciosos ensinamentos e indicações sobre atletismo, Tecnica e Preparação Atletica, é um livro que todos os homens de sport devem possuir e que todas as colectividades sportivas devem guardar nas suas bibliotecas. A oportunidade da sua publicação não podia ser melhor escolhida, agora que se vão realisar, em muitos pontos do paiz, provas de atletismo.

Este livro encontra-se á venda nas agencias de «Os Sports» no Porto, Olhão, Setubal, Coimbra, Guarda, Alcobaça, Faro e Funchal.

Consta ele dos seguintes capitulos: —Preparação para o sport, condições atleticas, do treino em geral, da velocidade, treino para 100 e 200 metros os 400 metros, os 800 metros, corridas de estafetas, os 150 metros e outras provas de meio-fundo, os 5 000 e os 10.000 metros—corridas de fundo, maratonas, «cross-country», corridas de barreiras, marchas, saltos em altura, saltos em comprimento, saltos á vara, lançamento do peso, lançamento do dardo, lançamento do martelo, esboço duma lição de ginastica de quarto podendo suprir um treino em campo, terrenos e pista, organisação de concursos olimpicos.

Alem disso, o livro traz tambem as tabelas completas dos «records» atleticos mundiais, nacionais, e resultados das olimpiadas e concursos atleticos do S. L. B.

Os pedidos da provincia devem ser feitos directamente a «Os Sports» acompanhados do preço do livro 2$50 acrescido do porte do correio, que é 15 centavos.

NOTICIARIO

LISBOA GINASIO CLUB

Realisa-se hoje, a sua festa anual, no Coliseu dos Recreios

Com a assistencia do sr. Presidente da Republica e com um programa magnifico, realisa-se hoje, como temos anunciado, no Coliseu dos Coliseu dos Recreios, a festa anual do «Lisboa Ginasio Club» que este ano sobreleva a todas as que se teem feito anteriormente. Do programa, vasto e variadissimo, fazem parte trabalhos em paralelas, pesos e alteres, argolas, barra, acrobatismo olimpico, jogo de pau, esgrima de florete, espada e sabre, luta greco-romana, jiu jitsu, demonstrações de defeza em caso de ataque na rua seguidas de um assalto, ginastica sueca (classe infantil), equitação, intermedios e saltos comicos, batuda americana, poses plasticas e um match desforra entre os pequeninos lutadores Alvaro Rodrigues Lira e Fernando Rodrigues Lira, discipulos de Manoel Grilo que abrirá o combate.

Tudo leva, pois, a crer que o espectaculo de hoje seja mais uma gloria a juntar ás que já tem alcançado a prestimosa instituição.

O serviço na Biblioteca Popular

Um nosso leitor escreve-nos pedindo que chamemos a atenção de quem superintende na Biblioteca Particular, rua Ivens 35, para a forma verdadeiramente insolita porque o serviço é ali feito. Serve os leitores um pequeno de dez ou doze anos que diz sempre não haver o livro que se pede, respondendo alem disso grosseiramente a todos os leitores que por acaso ali vão.

O que é facto é que tal estado de coisas não poude continuar e muito menos num estabelecimento do Estado. Para este facto chamamos a atenção de quem de direito.

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

PEDRINHO

por JULIO CESAR MACHADO

A morgada misturou de lagrimas os beijos com que cobria as faces de Pedrinho.

— Dorme, dorme, filho! Tenho medo dêsses sonhos. Esses sonhos fatais! Vê se socegas, para te esqueceres cêdo e partirmos.

— Sempre vamos, mamã?

— Ao romper do dia havemos de ir na estrada. Porque não foi ontem já? Não terá a vida das cidades o condão de desvanecer na tua alma a vaga melancolia que a existencia da aldeia fez nascer?!

A partida teve lugar nessa noite, mas a esperança tornou-se inutil. Pedrinho pareceu cada vez mais triste e mais enleado no labirinto dos seus sonhos. Era uma febril e doente imaginação de criança! Dir-se-ia que não era um anhelo, um desejo vago, uma indefinida esperança, o que lhe devorava o espirito; mas uma recordação, uma saudade, uma reminiscencia... Ele vira já essa mulher que nunca encontrara; falara já com essa mulher, a quem nunca vira; vivera com essa mulher, a quem jamais falara!... Mas onde e quando?

Um tio, que tivera, frade de S. Domingos, velho desconfiado da vida e da sciencia, contara-lhe uma vez algumas passagens tristes de uma triste historia. Eram os amores de duas crianças, que se haviam reconhecido numa vida, depois de se haverem amado noutra. Pedrinho sonhou com isto três noites e lembrou-se às vezes da transmigração das almas.

— Haverei eu já vivido? perguntava ele a si proprio, nas longas noites de insomnia em que esse amor vago e sem esperança, concebido por uma mulher impalpavel, vinha apoderar-se dele ao chegar do sono, para apenas lhe fugir ao acordar. A semelhança de uma figura, como que ha muito tempo esquecida, aparecia-lhe então de uma forma distinta; mas, como por encanto, a visão apagava-se-lhe entre os dedos, no momento de querer tocar-lhe.

E era uma criatura bela, que parecia não ser da terra! Dir-se-ia que a sua pele resguardava a chama sedutora e esplendida do sol quando está nascendo: dentre os seus cabelos saíam raios luminosos e os seus olhos, que deviam ser o espelho da sua alma, pareciam doirar o mundo num relampago.

— Anjo, anjo ou sombra! exclamava Pedrinho, despertando em estase. Porque me foges?

Uma vez, a senhora morgada levou Pedrinho ao teatro. E' uma sensação, que não se repete na vida, o êxtase supremo de quem passa pela primeira vez a noite num teatro! Era um conto do oriente, a peça dessa noite, e a fantasia de não sei que dramaturgo arruinara-se em mil prodigalidades de imaginação. Pedrinho sentia-se outro e a sua alma passava por aquela fase amena e grata, que os francezes chamam *rêverie* e que não é mais do que sonhar acordado!

Uma actriz, sobretudo, prendia-lhe a vista. Era incumbida de um papel de fada e parecia querer alargar até ele o seu condão.

— Quem é, perguntou ele a alguem, esta deliciosa criatura?! Vai, a prestigiosa fada, empalidecer ao acabar da noite e expirar nos primeiros clarões do sol?

— E' Margarida, menino: uma rapariga perdida, que deixou pai e mãe pelo teatro!

— Que gentil talento!

E Pedrinho, ao sair do teatro, já tinha nalma um desejo: vêr Margarida outra vez! A sua vida pareceu acordar no seu primeiro desgosto, quando na noite seguinte encontrou fechadas as portas do teatro.

— O' Margarida!... Margarida! Porque penso eu assim em ti, rainha de uma noite? Que ha em ti de maior e mais poetico do que nas outras mulheres, para que a tua imagem ficasse gravada na minha alma e o teu nome resôe ainda no meu ouvido! Poderás ao mundo parecer má ou vulgar, mas a minha alma adivinha-te, a minha alma que não se ilude! e bem sinto que não és semelhante ás outras, tu que nasceste de um sopro de poesia!...

— Ha duas recitas, que não vejo o pequeno! disse dali a tempo Candida a Margarida, durante um intervalo em que espreitavam pelo oculo do pano de bôca. Morreria acaso, por haver aturado a maçada oito noites, acompanhado pelo criado?

Candida e Margarida eram duas actrizes que se estimavam muito, mas que disputavam sempre uma á outra os melhores papeis e os melhores amantes. Com ambas as coisas, porém, era Candida infeliz. Uma natureza triste e inquieta, um temperamento desconfiado e nervoso, originavam nesta pobre rapariga a amargura perpetua que lhe suscitam os revezes da fortuna e os pesares do coração.

Emquanto a Margarida, era uma criatura bem alheia ao que os quinze anos do meu heroi a figuravam. Tinha uma voz falsa, que disfarçava no calor da dição; tirava ás vezes partido de um gesto, de uma inflexão, de um olhar, mas exagerava sempre o olhar, a inflexão e o gesto: ardente, sincera, excentrica, havia momentos, todavia, em que o seu entusiasmo a salvava e em que ela tinha lagrimas na voz, lagrimas nos olhos, lagrimas no coração.

— Disseram-me que o seu nome é Pedro; Pedrinho, lhe chamam; acha-lo bonito? perguntou Margarida a Candida.

— Se tem um defeito, é sê-lo de mais.

— Rico?

A outra encolheu os ombros.

— Se tem outro defeito, proseguiu Margarida, rindo, é talvez sê-lo... de menos!

— Quere-lo? perguntou Candida.

— Para qual de nós olha?

— Para ambas.

— Não!

— Gostas tu dêle?

— Mais que de mim.

— E se eu gostar tambem?

— E' mais uma coisa em que me contrarias.

— Bem! retrucou Margarida, depois de scismar um instante. Decidirei amanhã.

— No ensaio?

— Na recita, á noite.

— E se não o quizeres?

— Dou-to.

— Guarda-o já! redarguiu Candida. Nem eu o quereria agora!

— Espera! disse Margarida, encontrando com a vista um copo de dados, que tinha de figurar na peça. Tiremos á sorte qual de nós o ha de ter! Jogar por mim. Atira!

A outra chocalhou o copo; os dados marcaram onze.

— Impar, ganhei! O pequeno é meu! exclamou Margarida entre gargalhadas.

— Pobre criança! redarguiu Candida. Sabes que é horrivel havermo-lo jogado aos dados?

Passaram dias. Depois de mil diligencias timidas para chegar até Margarida, Pedrinho conseguiu ser-lhe apresentado numa ceia. A actriz, nesse dia, fazia anos, o que lhe costumava suceder a miúdo, tendo de Janeiro a Dezembro pouco menos aniversarios natalicios do que o ano tem de meses!

Margarida recebeu Pedrinho com um olhar e um sorriso; sorriso de esperança e olhar de promessa: estendeu-lhe uma bonita mão, que ele beijou, e ofereceu-lhe ao seu lado um lugar, que uma vista dos seus olhos parecera implorar-lhe.

Dali a um instante, todavia, oh! Deus piedoso! Ele olhou petreficado e atonito a sua heroina adorada, sem já lhe ouvir a voz com que o tinha encantado, nem lhe avistar o ardente olhar que o seduzira! Era uma voz aspera, era um olhar embaciado! E nem os mais leves traços daquela fisionomia captivadora lhe apareciam senão desfigurados, extintos, perdidos...

Nem brilho na pele, nem luz nos olhos, nem côr nos labios!

CONCLUE DEPOIS D'AMANHÃ

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

N.º 4036-12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5 || LISBOA — Terça-feira, 23 de Maio de 1922 || Telefone n. 2233 — Oficina de ... || Preço 10 centavos

Capinha indignado

Ardendo em indignação, o sr. Capinha, deputado, pedia ontem, na Camara a que pertence, a aplicação de severissimas sancções da justiça contra «A Capital» porque nestas colunas apontámos o facto, deprimente para o prestigio parlamentar e nocivo para o Estado, de haver legisladores que dependem de entidades financeiras ou se encontram ligados a Companhias cujos interesses hoje mais do que nunca, não são evidentemente do molde a irmanarem-se estreitamente com os interesses do Estado. Não os nhecemos o sr. Capinha. Em compensação conhecemos de sobra, como toda a gente, o sr. Sá Pereira que estrepitosamente o apoiou nas suas vociferações tribunicias. Tanto um como outro destes senhores parecem estar convencidos de que nos podem dar lições de republicanismo, o que o mesmo é dizer de dedicação patriotica e de culto pelo sistema parlamentar. E' uma preocupação que nos faz sorrir.

Pensa o sr. Capinha e pensa o sr. Sá Pereira que apresentar um facto de que podem derivar legitimas suspeições sobre a independencia de um certo numero de parlamentares, é ofender e desprestigiar o parlamento. Pois é bom que ambos se compenetrem duma cousa, e é que a instituição parlamentar está acima da inferioridade que a conspiração de alguns parlamentares representa. Na França, a questão do Panamá revelou a existencia de muitos parlamentares que punham acima dos seus deveres, como legisladores, interesses proprios que não eram confessaveis. Quem sofreu sancções severas da justiça não foi a imprensa que se revoltou contra o facto: foram os parlamentares que pensavam mais nas acções do Panamá do que nos altos interesses da Patria. Mas ninguem quiz atingir a instituição parlamentar, isto é, o proprio parlamento. O parlamento numa Republica, não é uma casa com varios homens reunidos: é uma instituição indispensavel da democracia triunfante, o equivale a um principio.

Se dissemos que era um mal do parlamento que está funcionando o facto de fazerem dele parte muitos deputados e senadores que teem ligações ou dependencias com Bancos e Companhias, ligações e dependencias de varia especie, mais ou menos directas, e que por vezes quasi invisiveis quer reais, foi precisamente porque zelamos a instituição parlamentar, e o nosso desejo, como o de todos os bons republicanos, é que, como a mulher de Cesar, o parlamento nem possa ser suspeitado.

Mas como poderá deixar de o ser, se ha deputados, como este sr. Capinha, que manda para a mesa uma proposta concebida nos seguintes termos:

"Proponho que no praso de 48 horas cada um dos senhores parlamentares desta Camara se pronuncie, perante a mesa e por escrito, declarando-se em face do artigo publicado na "Capital,, de 16 do corrente, sobre o Parlamento, tem dependencias financeiras ou se encontra ligado a Companhias, **preferindo os interesses destas ao do Estado, e se habilite o ex.mo** *Presidente desta Camara a chamar á responsabilidade o referido jornal, intimando-o a provar as suas afirmações,,*

Isto é fantastico! O deputado Capinha, calorosamente apoiado pelo seu colega Sá Pereira, resolveria a questão moral resultante da suspeição que atingia membros do parlamento, convidando-os a declarar, não se tem dependencias com financeiros e ligações com Companhias, e coagindo-os a libertarem-se desses dependencias ou ligações, mas sim se, embora cativos dessas dependencias ou jungidos a essas ligações, estão ou não dispostos a preterir o interesse do Estado pelos seus interesses particulares! Quer dizer: tudo terminaria com a declaração dos parlamentares que em tais condições se encontram, de que nem por sombras lhes passam pela ideia os seus interesses ou dependencias quando entram no velho casarão de S. Bento. Simplesmente, Capinha não se lembrou de que tal declaração era absolutamente escusada. Porque de duas uma: ou os deputados de que se trata são patriotas, dotados da maior isenção e dignidade, e não se compreende então para que se lhes exigiria uma declaração de tal natureza, ou não o são, e nesse caso, sendo capazes de preterir os interesses do Estado pelos das Companhias ou por financeiros de que dependem, nada lhes custaria responder duma maneira e proceder doutra.

Imagine o sr. Capinha que tal declaração era exigida a creaturas que já houvessem dado provas de desonestidade, a burlões, a falidos, por exemplo; e diga-nos que valor teria uma declaração de tal ordem, só dando aparentemente a impressão do maior zelo pelos interesses do Estado?

E, nesse caso, de que serviriam certas incompatibilidades que a lei eleitoral preceitua, não tendo, contudo, previsto todos os casos? Se bastasse que um director de companhias ou um dependente da alta finança declarasse, no parlamento, que preferiria os interesses do Estado aos seus proprios interesses, conspiçados com os das entidades a que estivesse ligado, então não havia necessidade de estabelecer incompatibilidades para o exercicio das funções parlamentares. Bastaria essa simples formalidade, e o parlamento poderia fingir-se convencido, duma maneira puramente convencional, como sucedia com o juramento, exigido no tempo da monarquia, aos deputados republicanos, de que defenderiam as instituições quando na realidade iam ao parlamento para combater essas instituições.

O deputado Capinha estava infeliz, decididamente, as suas proezas não são dignas da arena parlamentar. Nem mesmo ajudado pelo deputado Pereira, que é a alegria do publico, nem mesmo assim se saiu bem da sua estreia, porque quer-nos parecer que foi a sua estreia. Recolha a sua indignação, sr. Capinha, e quando muito falo por si e por muitos dos seus colegas, mas não por todos, porque não será necessario nenhum trabalho de Sherlock Holmes para descobrir ainchados em companhias e empresas importantes grande numero de colegas, e alguns dos de maior influencia politica. Quanto ás dependencias, por vezes obscuras e complicadas, de parlamentares com elementos financeiros cujos negocios não são por via de regra, fontes de beneficios para o Estado, tambem só o sr. Capinha é que se mostra incredulo na sua existencia. O sr. Capinha é republicano? Pois tem mais que fazer do que quer arredar suspeições, que nada no mundo pode desvanecer, e que comprometem a Republica e o parlamento que é a sua principal instituição. E' empenhar toda a sua acção para que nenhum parlamento da Republica possa ser suspeitado, em consequencia de albergar no seu seio creaturas em condições de legislar com uma absoluta independencia de certos interesses e determinados negocios.

A pesca em Cabo Branco

O encalhe do barco "Emilia" 500 mil escudos de prejuizos

O que disse á «Capital» um membro da Direcção da Companhia de Pesca

O encalhe do vapor de pesca «Emilia» sugeriu-nos, ha tempos, esta entrevista que teriamos já publicado se, em Lisboa, não fosse ainda dificil colher dados, informações, noticias, para duas colunas de jornal.

A nossa missão é ardua—e, muitas vezes, inutil. E devemo-nos dar por muito satisfeitos quando, ao cabo de um dia de luta, se consegue a mais pequena vitoria. Se nós, á laia de prologo, quizessemos dar conta aos nossos leitores dos passos que demos para conseguir o que passamos a escrever talvez nunca mais acabassemos. O leitor que imagine, se não tiver mais nada que o preocupe.

Q uando apurámos no «Frigorifico», ali em baixo, em Santos, no meio de sacas de carvão e de homens encarvoados até á alma, que a Direcção da Companhia de Pesca era na rua do Alecrim, e que lá nos podiam fornecer todos os dados que quizessemos, erguemos, como os crentes, ao ceu, os nossos braços, em acção de graça!...

O membro da Direcção que nos recebeu é um velho simpatico, com o negro do seu luto rigoroso e a brancura das suas barbas. E ambos sentados á volta duma grande mesa—o jornalista e o velho—com um grande mapa aberto á nossa frente como se fossemos o infante D. Henrique e estivessemos no Promontorio de Sagres —á nossa primeira pergunta respondeu:

—Os vapores que se destinam á pesca em Cabo Branco voltam rumo de Lisboa para a ilha Alegranza, a ilha mais ao norte do grupo das Canarias,—e podem continuar a viagem por oeste de Lanzarote e Fuerte Ventura até ao banco de pesca a 20 graus sul. Outras vezes passam por oeste das ilhas citadas, e á vista dela, demandando o mesmo cabo.

—Mas no caso do barco «Emilia»...

—Presumimos que não se seguiu esta derrota e que o vapor andou com rumo errado, tendo ido encalhar no falso cabo Bojador que está a 26,25 graus de latitude norte e 14,5 graus de longitude oeste, quando a menor distancia entre as Canarias e a costa de Africa é de 55 milhas.

—E em que estado se encontra esta costa?

—Está, por assim dizer, abandonada. Ha um governador hespanhol no cabo Juby, outro em Riodouro que dista do cabo 310 milhas aproximadamente. Provavelmente os tripulantes do «Emilia», depois do barco encalhado, saltaram para terra, tendo sido, então capturados pela gente dali que vive da pesca e do que o mar arroja —capturando-os no intuito de obterem resgate, como correu aqui que pediam 700 pesetas por cada homem, isto é 14 mil pesetas, visto serem 20 homens.

—Qual a atitude do nosso governo?

—O nosso governo procedeu com grande actividade, solicitando do nosso encarregado de Negocios em Tanger as necessarias providencias. Este dirigiu-se ao alto comissario espanhol que se pôs em comunicação com os governadores dos cabos Juby e Riodouro, obtendo este que a tripulação embarcasse no vapor «S. Carlos» que se dirigia para Las Palmas, se guado as comunicações do nosso Ministro dos Estrangeiros—que nos consta ter já agradecido ao governo de Madrid o alto serviço prestado.

—O «Emilia» ficou totalmente perdido.

—Sim, completamente perdido, e era um dos nossos melhores barcos de pesca, 500 mil escudos de prejuizos, não falando na demissão do cargo para o capitão que tão mal o governou!

—Pode dizer-nos agora alguma coisa sobre o regimen da pesca?

—A pesca exerce-se dos 20 aos 22 graus sul, a uma distancia da costa de 25 milhas, não se avistando muitas vezes terra. A navegação para estes barcos de pesca é conhecidissima pelos inumeros barcos portugueses que ali vão, sendo o ultimo que regressou o «Maria Leonor». A navegação é segura e desafogada, não havendo policiamento. Não ha contracorrenteza estrangeira.

—Quantas viagens fazem ao todo?

—4 a 5 viagens por mês.

—E pesca variada, não é verdade?

—Variadissima. Toda a qualidade de peixe.

Não tinhamos mais nada a perguntar visto termos persentido que nada mais havia a responder.

E aqui está uma entrevista com barco encalhado, homens captivos, e cheiro a marisco—embora sem assunto que coubesse numa nova «Historia Tragico-Maritima».

A lei 1244 comentada e anotada

Dormem serenamente os "Evangelistas"

Citamos hoje entre os nossos casos habituais um que se deu na «monarquia do sul». E' o primeiro duma serie que em breve entrará na publicidade. A pesquisa de elementos para o comentario e elucidação da nossa campanha torna-se, quando se trata dos acontecimentos desenrolados em Monsanto, de muito dificil execução. Esses acontecimentos não tiveram a amplitude dos do Porto, e alem disso desenrolaram-se no curto espaço de dois ou tres dias.

Na tremenda desorganisação que lentamente vai invadindo todos as forças produtoras ou dirigentes do paiz, os poderes competentes marcham na cegueira propria daqueles a quem Jupiter quer perder. Assim em Bysancio, no senado da Porta de Ouro, os pais da patria do imperio grego passavam os dias discutindo rimas e hexametros, quando já os turcos batiam ás portas de Constantinopla.

Por isso pode parecer que a nossa tarefa diaria vai esbarrar perante a impassibilidade de bonzos com que são dotados os nossos fabulosos maiores Evangelistas. Não ha erro maior. Eles continuarão laborando a sua espantosa cosinha de dolo, de inepcia, de corrupção e de compadrice—mas não impedem, não impedirão nunca que a onda cada vez maior da indignação e do descontentamento publicos, vá subindo e os submirja repentinamente com a mesma facilidade com que se deita fóra uma ponta de cigarro.

Decerto os evangelistas encolhem os ombros perante a opinião publica que eles ingenuamente supõem inexistente. Quando uma arrancada energica e decisiva os limpar em dois segundos, será já tarde demais para reflectir e ver-se-ha toda a gente na necessidade de os depurar a eles para em seguida, com viabilidade, depurar o Exercito duma fórma justa e racional. Que se não iludam nem encolham os ombros. A vassoura, que os ha de varrer, pode aparecer dum momento para o outro, quando menos o esperarem E depois de lhes termos suportado o mal, com certesa não lhes vamos ouvir a caramunha. Mais documentação:

Alferes de cavalaria, Cesar Augusto Martins de Carvalho.—Este oficial acompanhou o regimento de cavalaria 4, aonde se encontrava fazendo serviço, para Monsanto, comandando o trem de combate. Prestou ali os seus melhores serviços no reabastecimento de munições até que, sendo perdida a causa, e no «salve-se quem puder» foi dos que realmente se salvou. Veio apresentar-se no regimento, onde continuou fazendo serviços, e sendo preciso que eles fossem de molde a não desmentirem os seus foros de «bons republicanos», serviu de testemunha de acusação em todos os processos levantados contra os oficiais que conhecia, e mesmo contra aqueles que nunca conheceu. Sem jamais ser encomodado, gosa em Alcobaça no seu regimento de cavalaria 4 a recompensa dos seus serviços e do seu... «republicanismo».

Tenente de infantaria 3, Manuel Joaquim Domingues. — Este oficial era alferes de infantaria 3 quando proclamada a monarquia. Aderiu, prestando os seus bons serviços. Foi encarregado de conduzir tropas republicanas, missão de que se desempenhou com proficiencia. Reimplantada a Republica, como «amicus certus in res incerta cernitur» teve a sorte de o encarregado de lhe levantar o processo, ser de qualidade, gosando hoje em pleno socego e paz o espirito que vem depois de passar a tormenta. Emfim, é dos nossos...

O CONVENIO LUSO-TRANSVALIANO

O que disse na Africa do Sul um dos delegados portugueses, coronel Sá Carneiro, e como a Asssociação do Trabalho Indigena encara o acordo -:- -:- que se está debatendo -:- -:-

Como se sabe encontram-se já na Africa do Sul para tratarem do novo Convenio luso-transvaliano os delegados portugueses sob a presidencia do general Freire de Andrade. Entrevistados alguns desses delegados o coronel Sá Carneiro disse que não seria politico dizer qual o ponto de visto português presentemente. «Nós teremos que discutir a situação detalhadamente em Moçambique, disse ele, mas não queremos antecipar-nos. Não nos demoraremos ali mais de uma semana, mas em todo o caso nós não queremos estabelecer o nosso programa sem ter falado com o general Smuts e sem ouvir as suas ideias e do Governo da União sobre o assunto. E' possivel que este ponto de vista nos obrigue a mudar os nossos pedidos e por esta razão nós não podemos revelar presentemente a nossa politica».

Sá Carneiro disse ainda que a delegação tinha o maior desejo em completar o seu trabalho tão depressa quanto possivel e voltar para Portugal.

Não via dificuldades em chegar-se a um acordo com o Governo da União, e contava que dentro de um mez tudo estivesse concluido.

Certamente poderia surgir a dificuldade de ser impossivel estar de acordo, mas os seus desejos eram de negociar um bom contracto e estavam preparados a fazer sacrificios dentro de certos limites.

Um triste incidente era a doença do general Freire de Andrade, antigo Governador Geral de Moçambique e actualmente presidente da delegação.

O general Freire de Andrade foi proibido pelo medico de sair do leito e de receber visitas, o que o impedia de acompanhar os coroneis Sá Carneiro e Galvão na sua viagem a Lourenço Marques. Desejava contudo informações completas sobre a opinião de Moçambique acerca da renovação do contracto. E' possivel que o general Freire de Andrade seja forçado a conservar-se no seu quarto durante bastante tempo.

Uma das coisas que mais interessou os delegados portugueses foi a noticia da reunião anual da WNLA em Johannesburg, em que o seu presidente frizou que os indigenas portugueses eram a coluna vertebral do fornecimento da mão de obra indigena no Rand.

«Esta afirmação, disse o coronel Sá Carneiro, dá uma grande força á nossa causa e é o reconhecimento feito abertamente de um factor sobre o qual sempre temos insistido».

O coronel Sá Carneiro prevê que as negociações estejam terminadas satisfatoriamente dentro de um mez, e nós fazemos votos para que assim seja. So assim suceder isso é um sinal de que de ambos os lados ha a melhor boa vontade em cooperar num trabalho decisivo e ao maximo. Por agora apenas podemos repetir que os augurios são bons. Até agora ainda não foi indicada a politica da União sobre o assunto, mas para mostrar o espirito que existe fóra das esferas governamentais, temos as importantes declarações feitas ha pouco pelo presidente da Associação do Trabalho Indigena, em que reconheceu que a mão de obra indigena portuguesa era indispensavel á industria mineira da União e que sem ela não podia haver nem progresso, nem desenvolvimento para as minas de ouro.

Está é egualmente uma declaração franca e se ela for correspondida aqui reconhecendo-se que a Provincia de Moçambique beneficia consideravelmente do facto dos seus indigenas poderem participar num emprego tão remunerador, ou, encarando a questão por outro lado, se a União reconhecer que o porto de Lourenço Marques é sob todos os pontos de vista essencial para o desenvolvimento do comercio do Transvaal e nós francamente nos identificarmos com a opinião obvia de que é de vantagem geral para Moçambique que o comercio se desenvolva ao maximo; se, como dissemos, este for o espirito que se manifeste em ambas as partes, então podemos confiadamente esperar que o problema tenha uma solução.

De resto estamos convencidos que a conferencia e o seu resultado será mais uma questão puramente comercial do que uma transação politica, e de que as clausulas do acordo a que se chegar serão o produto do trabalho de homens de negocio cujo pedra de toque é o progresso economico e industrial manifestado na prosperidade geral e no bem estar do publico.

Os elementos dirigentes da União, pelo seu lado, não diminuem a importancia vital que tem para eles a mão de obra do negro de Moçambique. Na reunião anual da Associação do Trabalho indigena o seu presidente H. O. Buklo referindo-se á mão de obra de Moçambique disse que o numero de indigenas da costa Oriental empregados pelos socios da Associação em 4 de Dezembro de 1921 era de 280.000 homens dos quais 180.000 tinham todas as condições fisicas para poderem trabalhar fora dos seus territorios. Assim temos nas minas apenas metade dos indigenas existentes e é obvio que, entrando em linha de conta com o facto de ser intermitente o seu periodo de trabalho no Rand, isto é que os indigenas metade estão nas minas e a outra metade nas suas terras, não se pode esperar que aumente de uma maneira consideravel o numero de indigenas para as minas recrutados no territorio português ao sul do paralelo 22.

Na verdade a procura de mão de obra indigena a dentro do territorio português, sendo maior, tambem tende a diminuir o numero de indigenas para as minas e neutralisará certamente qualquer aumento que doutro modo se poderia dar em virtude do crescimento natural da população.

Referindo-se á Convenção o presidente disse: «E' me desnecessario frisar a importancia absolutamente vital da mão de obra portuguesa para a industria mineira mas é igualmente verdadeiro que é semelhantemente de importancia vital para a situação financeira da Provincia de Moçambique que os seus indigenas possam participar no emprego remunerador das minas. E' tambem naturalmente certo que muitos dos indigenas teem maneira de vir trabalhar no Rand, haja ou não haja convenção, mas as mais consequencias desse procedimento irregular são manifestas e julgo que não haverá duvida de que se chegará a um acordo mutuamente satisfatorio, que continue a regular a imigração no Rand dos indigenas portugueses. Felizmente, durante a ultima greve, os indigenas portugueses não foram requisitados em tão elevado numero como os indigenas da Africa do Sul, o que veio demonstrar mais uma vez que os indigenas portugueses constituem a espinha dorsal da mão de obra das minas.

Um "cliché,, russo

Nos bastidores do bolchevismo

Segundo um telegrama de Helsingfors a situação na Russia cada vez se torna mais afflitiva, em consequencia da crise alimenticia. Cerca de 10 milhões de creanças estão presentemente debatendo-se com a fome, tendo perecido já, aproximadamente, 1 milhão delas. A região do ocidente do Volga está já inteiramente despovoada. Nas aldeias, as casas estão sem tecto e a maior parte delas não teem portas nem janelas. Na região de Ajtai, outrora prospera, faleceu 45 por cento da população. Ao lado da fome alastra-se a epidemia, grassando o tifo com grande intensidade em todo o territorio russo. Mais de 70 por cento dos postos de socorros de Saratow estão sem medicos. Encontram-se cadaveres insepultos e algumas pessoas fazem a sua propria cova onde se enterram vivos. Homens e mulheres respeitaveis teem sido conduzidos aos bosques e ali assassinados, tendo muitos mães preferido atirar os filhos ao rio e suicidarem-se. Familias inteiras teem morrido nos porões dos navios.

A par disto chegam tambem noticias da Russia dizendo que Bela Kun o celebre ditador bolchevista da Hungria, foi internado como louco furioso, pois só numa semana ordenou fusilamento de numerosos súbditos do distrito russo em que ele autoridade.

OS CRIMES DA LEGALIDADE

Uma mendiga vai morrer a um dos calabouços do Governo Civil

A policia administrativa prendeu no domingo passado, por ser encontrada a mendigar nas ruas da capital, uma pobre velhinha de 70 anos pouco mais ou menos, de nome Maria Urbana.

Recolheu a presa a um dos calabouços do Governo Civil e, como se apresentasse enferma, foi conduzida no dia seguinte ao hospital de S. José, mas uma vez ali não a quizeram receber, alegando que a Maria Urbana estava sã como um pêro, motivo por que de novo recolheu aos calabouços, aguardando que lhe fosse dado destino conveniente.

Pois esse destino foi dado hoje pela 15 horas á pobre Urbana. A desgraçada seguiu numa maca rodada para a morgue, visto ter aparecido morta, de manhã, no calabouço!

E é assim que numa cidade que se diz civilizada e onde, ao que parece, existem hospitais e uma Assistencia Publica, se procede para com uma desgraçada que precisa de socorros imediatos.

E não dá Deus Nosso Senhor uma chuva de... picaretas sobre tão zelosos e benemeritos cidadãos encarregados de olhar pelos pobres...

O sr. Velhinho Correia vai ser julgado em conselho de guerra

Informam-nos que brevemente se realisará, em conselho de guerra, o julgamento do sr. Velhinho Correia, acusado de inconfidencia e traição por motivo da publicação de documentos contendo segredos de Estado,—caso que, como os leitores se recordam, muito apaixonou a opinião publica.

E' advogado do sr. Velhinho Correia o sr. dr. Raul Portela.

As reformas tributarias

Provocam em Espanha grande agitação politica

MADRID, 23.—O sr. Bergamin, ministro da Fazenda, não oculta o seu desgosto pelo que está ocorrendo no Congresso com as suas propostas de lei. Declarou que enquanto a maioria se conservar unida, ainda suportará todas as «ficelles» dos parlamentares oposicionistas, mas, se aquela se desagregar e apresentar emendas que transformem a essencia dos seus projectos, apresentará então a sua demissão na propria camara com caracter irrevogavel.

O presidente do conselho concorda com este modo de ver do ministro da Fazenda.—(Lat. Am.)

MADRID, 23.—Está anunciado para hoje um grande debate no Congresso sobre as reformas tributarias. Anuncia-se que falará Maura que presidiu ao governo anterior que iniciou as referidas reformas mas, segundo se diz, falará contra o governo. O sr. La Cierva será igualmente contrario ao governo, mas esse não falará; falarão por ele os seus amigos, visto que o ilustre ex-ministro da Guerra está ainda na disposição do cumprir a penitencia que se impoz de dez anos de silencio.

A opinião dos conservadores está muito dividida acerca do destino das reformas tributarias. Os amigos de Bugallal opinam que no Congresso poderão ser aprovadas com emprego da «guilhotina» mas que no Senado não passarão.—(Lat.-Am.)

A ressurreição alemã

Uma enorme fabrica de munições

BERLIM, 23.—Uma poderosa companhia alemã adquiriu por cincoenta anos a vasta oficina Wolkersdorf perto de Viena que antes da guerra empregava trinta mil operarios no fabrico de munições.—(Lat. Am.)

A questão irlandeza

As ruas de Belfast transformadas em campo de batalha

LONDRES, 22. — Continuam as lutas entre catolicos e orangistas nas ruas de Belfast. Foram incendiados o castelo de Shames e numerosos quarteis de policia. As vitimas em Belfast foram nestes dias 4 mortos e 9 feridos. O conselho de ministros do Ulster reuniu-se para estudar os meios de pôr termo a esta abominavel situação. Assevera-se que sir James Craig vai reclamar reforços de tropas inglezas.—(R.)

A delicia de viver na China

As companhias chinezas de navegação, não tendo sido atendidas pelo governo de Pekin, contra os piratas, que ultimamente teem apreendido e saqueado navios chinezes, resolveram dotar os seus barcos com canhões e um contingente de gente armada. Esta resolução foi tomada em virtude de 30 piratas, disfarçados em passageiros, terem tomado de surpreza e roubado tudo quanto levava o navio «Kwanglee», reputado no valor de vinte mil libras, a um dia de viagem de Hong-Kong.

Exposição de rosas

O floricultor portuense Alfredo Moreira da Silva inaugura no dia 27 do corrente, no salão do Palacio Nacional de Belas Artes, á rua Barata Salgueiro, uma exposição de rosas. A' inauguração que deve verificar-se pelas 14 horas desse dia, deve assistir o chefe do Estado

Exposição do Rio de Janeiro

Em breves dias poderá o publico da capital fazer uma ideia do que vão ser os pavilhões portugueses na Exposição do Rio de Janeiro pelo exame dos respectivos projectos que vão ser expostos em Lisboa numa das ruas da Baixa.

A grandeza desses pavilhões, onde, em area coberta ha 6000 m2, é a natural consequencia da quantidade de productos a expôr.

Inicialmente projectados de reduzidas dimensões foi indispensavel aumenta-los mais e mais á proporção que se ia registando a enorme afluencia de productos que os boletins de inscrição enviados pelos expositores mencionavam com destino á Exposição.

O interesse dos expositores tem-se manifestado ainda de uma forma especial na resolução tomada por muitas dezenas deles que, não se limitando a entregar os seus productos ao Comissariado Geral para este os expedir sem despesa para eles na Exposição do Rio de Janeiro á sua conta teem encarregado artistas da execução de «stands» especiais para os seus productos.

Algumas dessas instalações custam muitos milhares de escudos aos expositores e pelo aspecto artistico que as caracterisa, devem concorrer enormemente para o brilhantismo da nossa representação.

Os pavilhões portugueses que, como dissemos, o publico vai em breves dias conhecer, custariam 2100 escudos brasileiros ou seja cerca de 3600 escudos em moeda portuguesa se fossem construidos no Rio de Janeiro segundo estimativas ali feitas por importantes casas construtoras, por isso o Comissariado Geral num louvavel espirito de economia resolveu construi-los em Portugal, reservando para o Rio de Janeiro, alem do trabalho das fundações que só ali podiam ser feitas, o de montagem de pavilhões, o que lhe permitiu reduzir o custo total de 3600 escudos a pouco mais de 2000.

Esta resolução teve ainda a vantagem de deixar em Portugal a maior parte do dinheiro que os pavilhões custam; e por isso mesmo que o esqueleto deles é em ferro e os demais elementos que os constituem são na sua maioria susceptiveis de larga duração, permitindo que sem avarias os pavilhões, finda a Exposição, se possam desarmar e utilisar em qualquer outro local, quasi todo o dinheiro do seu custo representa uma inversão do capital que em dinheiro novamente se pode transformar pela venda dos pavilhões finda a Exposição.

O mesmo não sucederia se os pavilhões fossem construidos em madeira. Custavam, talvez, um pouco menos mas finda a Exposição os seus elementos constitutivos tinham um valor diminuto.

Com egual criterio procederam outras nações que se fazem representar na Exposição do Rio de Janeiro com os pavilhões facilmente montaveis e desmontaveis.

Os funcionarios que, requisitados aos serviços publicos onde poderam ser dispensados, estão a servir no Comissariado Geral são apenas 33 e não a legião a que teem aludido várias pessoas que muito se interessam pela causa publica.

Sucede ainda que estes 33 funcionarios não recebem quaisquer vencimentos pelo Comissariado Geral e apenas continuam a receber os vencimentos a que tinham direito pelos serviços publicos a que pertencem.

Pelos citados 33 funcionarios estão distribuidos todos os complexos serviços do Comissariado Geral, serviço de secretaria, serviços de propaganda, serviço de contabilidade, serviços tecnicos, projectos e execução dos pavilhões, fiscalisação em 14 oficinas de Lisboa que estão executando trabalhos para os mesmos pavilhões, assistencia aos expositores em todo o paiz para a melhor e mais perfeita apresentação dos productos, decorações gerais dos pavilhões, instalações electricas para iluminação e fornecimento de força motriz para maquinas a expor em movimento, serviços de transportes, expedição, despacho e recepção, armazenagem, seguros, embarques, etc., etc.

E' de notar que sendo a maior intensidade de trabalho do Comissariado justamente o da preparação para a Exposição, isto é, o que resulta da propaganda a realisar nos territorios da Republica, trabalho de construção dos pavilhões e da recepção dos productos dos expositores até ao seu envio para o Brazil, se tudo isso se tem feito em Portugal com 33 funcionarios, significa que um numero muito menor deles basta para o que haja a fazer no Rio de Janeiro. Portanto só uma parte daquele numero terá realmente que fazer no Brazil e só essa parte é a que ali irá.

Mas alem dos funcionarios publicos, indispensavel era ao Comissariado, para vários dos serviços, ter ao seu dispor auxiliares tecnicos e pessoal braçal.

Por uma questão de economia, o Comissariado tem procurado obter esse pessoal nas praças da Armada. Ali foi portanto buscar electricistas, mecanicos, guardas para os seus armazens em Lisboa onde já tem mostruarios e material que valem centenas de contos, e pessoal que lhe fez todo o serviço de carga e descarga de milhares de toneladas de mercadorias e material que está sendo recebido na Alfandega e que tem de enviar para o Brazil.

Este pessoal da Armada continua recebendo os vencimentos a que tem direito pelo Ministerio respectivo, nenhuns outros recebendo pelo Comissariado. 15 sargentos e 32 praças constituem esse pessoal auxiliar, o ha um mês apenas porque só agora ele era necessario.

Os serviços do Comissariado Geral estão instalados em Lisboa, em varios locais, por conveniencia do serviço e por economia, visto tudo se ter conseguido sem haver casas alugadas de que se pague renda.

A Sociedade de Geografia e a Associação Comercial de Lisboa cederam salas prra os serviços de secretaria do Comissariado Geral, informações e registo de inscrições.

A Cruzada das Mulheres Portuguesas gentilmente facilitou que num edificio que lhe pertence se instalassem os serviços de decoração geral dos pavilhões e o da organisação do catalogo e mais publicações do Comissariado.

A Fabrica Vulcano egualmente cedeu uma das suas salas de desenho para todos os trabalhos tecnicos, tais como projectos para os Pavilhões e centralisação da fiscalisação nas fabricas.

Pelo Ministerio da Guerra foi cedido na calçada da Ajuda um enorme hangar onde os escultores Costas Motas estão executando toda a decoração ornamental em staf.

Na Alfandega de Lisboa foi possivel obter dois vastos armazens para a recepção da carga que não pode permanecer ao ar livre.

Nos recintos do Porto de Lisboa foi cedido o espaço necessario para a armazenagem de todos os elementos dos pavilhões que sem prejuiso podem estacionar fóra de armazens.

Theatros e Cinemas

Agenda da semana

HOJE — Chiado Terrasse — Primeiras representações da revista «Tiro ao alvo».

QUINTA-FEIRA—Nacional. Primeira representação do «Auto dos Faroleiros» e «Cavalgada das Nuvens».

SEXTA-FEIRA — Politeama. Recita da actriz Angela Pinto.

Primeiras representações

TEATRO NACIONAL — «Pidalguia rusticana», *adaptação á scena de Afonso Gaio.*

Em festa de Irene e Jorge Grave, subiu ontem á scena, no Nacional, uma adaptação da ópera de Mascagni, que o publico recebeu, se não com sucesso, pelo menos com simpatia e que deu lugar a que a festejada interpretasse um papel dramatico, cuja emotividade não conseguiu transmitir ao publico. O desempenho não se pode dizer que fosse brilhante e ao actor Leitão recomendamos um pouco mais de observação, para não dar lugar a gargalhada, como ontem sucedeu, gesticulando com um jarro de vinho, que acabara de encher, como se o mesmo estivesse vazio. São, é certo, pequenos pormenores, mas é justamente nessas minucias que o publico avalia do valor do artista.

Scenarios com propriedade e os festejados aplaudidos.

ALVARO LIMA

Nota do dia

Os jornais deram a noticia de ter sido nomeada societaria do Teatro Nacional a actriz Mercedes Blasco. Não vi ainda o decreto e não julgo oportuna a ocasião para comentar o facto, contra o qual me insurgi desde o seu inicio. Mas, como tal nomeação representa uma excepção para que não ha motivo, desde que, como sèria licito supôr, os poderes publicos atendessem, como é de justiça e em primeiro lugar, aos superiores interesses da arte, é caso para fazer a seguinte pregunta: a lei organica que, presentemente, rege o Teatro Nacional estabelece o numero de desaseis societarios que o Govêrno poderá elevar a 18 quando assim o entenda, mediante a informação do respectivo comissario do Governo, entidade que, de acordo com o administrador do teatro, melhor do que ninguem pode avaliar da necessidade de tal modificação. Parece provado que tal aumento se deva fazer desde que, toda a gente o sabe, o Teatro Nacional tem, presentemente, um numero de escriturados quasi igual, senão superior, ao dos seus societarios, a maioria dos quais gozam, sem trabalho de maior, os proventos que auferem e a lei lhes confere. Sendo assim, como justificar a nomeação da sr.a Mercedes Blasco, absolutamente estranha ao repertorio do teatro, não dando andamento e eu sei porquê, aos requerimentos feitos por varios artistas para preenchimento das vagas existentes? Que eu saiba, requereram Clemente Pinto, Samwel Diniz, Jorge Grave, Laura Hirsh e Irene Grave.

Sei tambem que a politica, sempre a maldita politica, se tem metido de permeio e, devido a ela, se não fizeram ainda as nomeações dos requerentes que, para tal, forem escolhidos.

Ha empenhos, ha interesses e é já velho o adagio que, *quem não tem padrinhos, morre mouro.*

Consta que injustiças se pretendem fazer, mas eu quero crer que os srs. Santos Tavares, Augusto Pina e Augusto Gil se não prestarão a servir *cotteries* e se empenharão em que justiça e só justiça seja feita.

Em minha opinião e porque, conforme é meu uso e costume, digo sempre o que penso, partindo do principio de que existam três vagas, desde que o numero de societarios deva ser elevado a dezoito, três nomes ha que pelas provas dadas e porque ao seu esforço e á sua boa vontade muitas vezes se tem recorrido com o aplauso unanime do publico, não podem, nem devem ser preteridos. São eles Samwel Diniz, Clemente Pinto e Laura Hirsh. Tudo o mais é politica. Haja, pois, honestidade. Nomeie-se quem tem direito a ser nomeado e releguemos a um segundo plano o que o imortal Bordalo tão justamente apelidou de *grande porca.*

ALVARO LIMA

A festa de «Chico Redondo»

Tem sido grande a procura de bilhetes para a festa de D. Francisco de Sousa Coutinho (Chico Redondo) que se realisa na proxima quinta feira no teatro de S. Carlos. O programa consta do 1.o acto da «Bohemia», 3.o da «Tosca» e de um acto de variedades em que tomam parte, entre outros os artistas e amadores Angela Pinto, Auzenda de Oliveira, Manuela Pinto Bastos, Aldina de Sousa, Alves da Silva, Sales Ribeiro, Fernando Pereira, D. João da Camara (Ribeiro), D. Ascenso de Siqueira (S. Martinho), etc.

Noticiario

Entre nós

Em festa do actor Otelo de Carvalho, empresario do Foz, será representada uma nova peça de Antonio Carneiro, intitulada «A eterna questão».

◆ A companhia Barreto-Ballester, representa amanhã no Eden, em 5.a recita de assignatura, duas peças do «genero chico» «La marcha de Cadiz» e «El niño judio». Na quinta-feira, tambem em recita de assinatura, «Los papiros» dos Quintero e sexta-feira em recita extraordinaria «Duo de l'Africana».

◆ As «maquetes» da primeira jornada do «Auto dos Faroleiros», a subir á scena no Nacional, foi executado sob a direcção de Augusto Pina.

◆ E na proxima 5.a feira que, como dissemos, se realisa, no restaurant Tavares, um almoço de despedida e homenagem ao actor Amarante.

◆ Comquanto ainda se não saiba o teatro onde a companhia Cremilda-Chaby fará a futura epoca de inverno, sabe-se porem desde já que essa companhia fará a temporada em Lisboa e que será aberta uma assignatura para as seguintes 8 peças. «Amor Antigo» do dr. Augusto Castro «Abade de Constantino,» «Paris», tradução de M. Duarte e Alberto Moraes, «Poliche», de Batarile, «A feia omensada,» «Cama, meza, roupa lavada» de Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa «O Homem do Dia» de Machado Correia «Bonecos Articulados,» do dr. Claudio de Sousa.

Cartaz do dia

Teatro de declamação

POLITEAMA—A's 9,30—«Azas quebradas».

Teatro musicado

AVENIDA—A's 9,15—«A Perola Negra»

APOLO—A's 9,15—«Belo Sexo».

EDEN TEATRO — A's 9 —«El Duquesito» e «La Corte de Versalles». Companhia espanhola.

S. LUIZ—A's 9—«A Ceia dos Cardiais».

SALAO FOZ—A's 8,30 e 10,30—«Piparote».

Animatografos

OLIMPIA—Rua dos Condes

CINEMA CONDES—Avenida da Liberdade

SALAO CENTRAL—Praça dos Restauradores

Pelo Telegrafo

Um tratado de comercio

BELGRADO, 22. — Vão começar brevemente as negociações para a elaboração do tratado de comercio entre a Hungria e a Jugo-slavia.—(R).

Politica grega

ATENAS, 22. — Tendo-se demitido o gabinete Stratos, o rei encarregou de novo Gounaris de formar ministerio.—(R).

Relações franco-belgas

BRUXELAS, 22. — O sr. Poincaré anunciou ao governo belga que o governo francez estava disposto a recomeçar as negociações economicas com a Belgica depois do dia 10 de junho.—(R).

Um grande roubo

BERLIM, 22. — Um banqueiro americano foi roubado num hotel desta cidade tendo-se os gatunos apoderado de mais de meio milhão em joias e valores.—(R).

Pesos e medidas na Polonia

VARSOVIA, 22.—A comissão industrial da Dieta decidiu apresentar um projecto de lei adotando o sistema metrico de pesos e medidas em todo o territorio da Republica polaca.—(R).

O casamento do principe imperial Japonez

TOKIO, 23.—No mez de junho proximo serão oficialmente anunciados os esponsaes do principe regente do Japão com a princesa Negaki, filha mais velha do general principe Kuni.—(R).

O dr. Loebe

STUTTGART, 22. — Com a idade de 80 anos faleceu nesta cidade o dr. Loebe, muito conhecido pelos seus estudos sobre as doenças da nutrição.—(R).

O professor Laveran

Notavel microbiologista, discipulo de Pasteur, faleceu em Paris

PARIS, 22.—Morreu o professor Laveran, microbiologista muito notavel. Era vice-presidente da Academia de Medicina. Em 1907 recebeu o premio Nobel pelos seus estudos sobre bacteriologia especialmente sobre o paludismo e a doença do sono. Tambem era membro da Academia das sciencias e professor na escola de medicina do Val-de-Grâce.—(R).

Ultima Hora

PARLAMENTO

Nos Deputados

A's 15 horas em ponto, o sr. Baltazar Teixeira, primeiro secretario, faz a chamada. Já se sabe que ha numero: basta atentar na velocidade com que o sr. Baltazar Teixeira vai declinando os nomes dos seus pares. E tanto assim é, que ás 15 e 10 o presidente sr. Domingos Pereira declara aberta a sessão.

O sr. presidente do Ministerio está presente. Nas galerias, estão, ao todo, dez curiosos, representantes daquela multidão de ingratos, que, com a ausencia, demonstra tão pouco interesse pela elaboração das leis.

Num grupo conversam, animadamente, os srs. chefe do Governo, Almeida Ribeiro e Velhinho Correia. Este ultimo ilustre parlamentar e ex-ministro das Finanças parece empenhado em convencer os seus interlocutores. Deve tratar-se de assunto grave. Como o sr. Velhinho Correia pediu a palavra, ouviremos o que vai dizer...

ANTES DA ORDEM DO DIA

Continua em discussão o projecto de lei alterando as taxas de emolumentos dos conservadores e oficiais do registo civil.

Entra no uso da palavra o *leadér* catolico sr. Lino Neto, que faz a analise do diploma na parte em que ele tem contacto com o registo civil em materia religiosa.

COVERSÃO INSTANTANEA EM LEI DAS PROPOSTAS DE FINANÇAS

Emquanto o sr. Lino Neto sustenta uma sabatina com muitos deputados que o rodeiam (o caso passa-se lá, longe, no outro extremo da sala, fora do alcance dos ouvidos jornalisticos...). O sr. Velhinho Correia percorre as bancadas, procurando obter apoio para um original projecto de lei.

Trata-se de fazer votar imediatamente e a titulo provisorio as leis tributarias, a fim de habilitar o Governo com os recursos materiais necessarios para satisfazer as reivindiações economicas da oficialidade de terra e mar e do funcionalismo civil.

Consta-nos, á ultima hora, que o sr. Velhinho Correia foi muito instado para adiar a apresentação do seu projecto, que encontrou repulsa numa grande parte dos deputados acerca dele consultados.

E' certo que o chefe do Governo e o sr. ministro das Finanças estavam na disposição de o apoiar. Parece que o sr. Velhinho Correia preferiu, adiar a apresentação do projecto ao Parlamento, dando dele conhecimento, todavia, ao grupo parlamentar democratico na sua primeira reunião.

CONTINUA O DEBATE PARLAMENTAR—UM ASPECTO NOVO, BASTANTE ORIGINAL

O debate parlamentar tomou, durante uma meia hora, um aspecto curioso. Lá, longe, junto do sr. Lino Neto, aglomeraram-se muitos deputados, que travaram com este parlamentar uma discussão por vezes tempestuosa. Entre todos, destacaram-se os srs. ministro da Justiça e Cancela de Abreu. Foi precisa a intervenção do presidente sr. Domingos Pereira, que pediu ao sr. Lino Neto para suspender o seu discurso até que os representantes do povo reocupassem os seus lugares.

Uma circunstancia se verifica: a superioridade de erudição do sr. Lino Neto é manifesta.

O que este deputado pretende é isto: derrogar a lei que prescreve a obrigatoriedade do registo civil antes da celebração do batismo ou casamento catolicos. Nesse sentido, manda um documento para a mesa. A Camara é manifestamente desfavoravel á reforma.

A discussão do projecto sobre emolumentos dos conservadores e oficiais do registo civil interrompe-se, após um discurso do sr. Almeida Ribeiro.

Vai passar se á

ORDEM DO DIA

O sr. presidente da Camara lê o seguinte telegrama:

BARCELONA, 22. — A Liga Regionalista felicita fraternalmente a Patria Portuguesa pelo exito da travessia aerea do Atlantico pelos heroicos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral. Viva Portugal! — *Abadal*, presidente.

Continua em discussão o orçamento do Ministerio da Guerra, ficando no uso da palavra o sr. Juvenal de Araujo, da minoria catolica.

No seu discurso, o orador ocupa-se principalmente dos serviços de automoveis do Ministerio da Guerra, mencionando aquilo a que chama um boato corrente e segundo o qual se desviam verbas orçamentais para sustentar a opulencia desses serviços.

A sessão continua.

No Senado

Preside o sr. Gaspar de Lemos secretariado pelos srs Ramos Pereira e Sousa Varela—Aprovaram a acta 32 senadores.

No seu fauteuil encontra-se, já completamente restabelecido da operação que sofrera, o sr. Mendes dos Reis, que agradeceu a manifestação que o Senado lhe fizera.

O sr. Oriol Pena protesta contra o jogo em Vizeu, o qual fora sustado apenas temporariamente, voltando agora a ser desenfreado e insurge-se tambem contra uma sindicancia mandada fazer pelo sr. ministro da Instrução a duas professoras em Vila Nova de Ourem, pelo facto de terem encerrado a escola no dia da peregrinação a Fatima.

O sr. ministro do Interior promete tomar imediatas providencias no sentido de reprimir o jogo desejando que o Parlamento se pronunciasse sobre o facto. Quanto ao inquerito feito ás duas professoras afirma ter sido feito apenas por elas terem faltado ao cumprimento dos seus deveres e não por serem religiosas.

O sr. Fernando de Almeida refere-se ao caso do recenseamento eleitoral em Alemquer e ás perseguições feitas a Camara daquela localidade.

O sr. ministro do Interior afirma estar pendente um acordão do Supremo Tribunal Administrativo o qual deseja ver esclarecido.

São 17 horas. A sessão continua.

Raid Portugal-Brasil

O sr. ministro da Instrução recebeu o seguinte telegrama:

BARCELONA, 20. — A mocidade nacionalista felicita a patria dos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral, que reverdecem os louros da fraterna nação luza. (a) Marti Esteves.

Embarcou hoje pelas 13 horas no cruzador «Carvalho Araujo» o novo hidro-avião que foi rebocado até aquele navio pela lancha a gazolina dos serviços de aviação maritima. O aparelho ficou colocado na tôpa do cruzador.

Maquina que descarrila

Na ponte de Chão de Maçãs descarrilou a maquina dum comboio de mercadorias, não havendo, porem, desastres a registar.

Conselho de ministros

O conselho de ministros reuniu-se hoje na secretaria do Interior, durando a sessão desde as 11,30 até pouco depois das 14 horas. Alem de assuntos de administração publica, o conselho, segundo a nota oficiosa, examinou os projectos de reorganisação de serviços, apresentados pelos srs. ministros da Marinha e da Agricultura, resolvendo que se não levem ao Parlamento reformas parciais de quaisquer serviços publicos, por estar pendente uma proposta de lei para remodelação de todos esses serviços.

SUICIDIO

Ramiro José, proprietario do predio onde se acha instalada a esquadra do Campo Grande suicidou-se ali hoje disparando uma espingarda sob o queixo. O tresloucado teve morte instantanea.

Bombas abandonadas

Um garoto que hoje de manhã andava com outros de brincadeira no Casal Ventoso foi al encontrar numa furna, uma bomba de dinamite.

Participado o caso á policia seguiu para o local o chefe e alguns guardas da esquadra dos Terramotos e sendo passada uma busca á referida furna ali foram encontradas mais 13 bombas de forma esferica.

Foi tudo conduzido para a esquadra e mais tarde removido para o Governo Civil e entregue por fim á policia de Segurança do Estado.

A gréve dos Mobiliarios

Duas prisões

Por incitamento á greve foram presos na rua de S. Lazaro, Alberto Costa e Antonio Manoel, operarios da industria mobiliaria.

Uma comissão de mobiliarios procurou junto do chefe de distrito obter a sua liberdade, tendo respondido o sr. Viriato Lobo aos comissionados que nada nesse sentido poder fazer visto o caso estar afeto á policia de investigação.

Em poucas linhas

Foi presa Georgina de Figueiredo travessa da Agua de Flor, 46 3.o por ter furtado uma nota de 100$00.

Coisas do nosso paiz

Sr. Redactor:—Sendo V. Ex.ª denodado defensor de tudo quanto é justo, venho rogar-lhe a especial finesa de me conceder um cantinho do seu lido e conceituado jornal a fim de podermos tornar do dominio publico não só interesses da capital como tambem a forma demasiada e brusca como em geral somos tratados por aquelles que julgando-se senhores do «quero posso e mando» nos ameaçam depois de lhe darmos o pão de cada dia.

Sucede que tendo tirado no proximo passado dia 13 do corrente mez pelas 19 horas na estação do Rocio dois bilhetes para Leiria em 2.ª classe, os ida-e-volta para embarcar no dia 14 (no comboio 201 que parte do Rocio as 8,20 horas) ali me foi dito pela propria empregada bilheteira, e ainda por um outro empregado que se encontrava presente, que a validade dos ditos bilhetes era com terminus no dia 17 do mesmo e corrente mez. Embarquei, e como as leis e regulamentos deste nosso infeliz paiz divergem de dia para dia, de momento para momento, tornei a informar-me do praso dos mesmos bilhetes na estação do meu destino (Leiria) e ali me foi confirmado por um factor que indagando o seu nome me disseram chamar-se Furtado. Nisso fiquei conforme, e assim procedi descançadamente nos meus negocios até ao dia em que a validade dos bilhetes terminava.

Vim do regresso no proprio dia da terminação dos bilhetes em companhia de um empregado meu. Passada uma hora do meu embarque foram os referidos bilhetes revisados por um empregado que me disseram ser chefe do revisores, e que nisso ficou conforme sem a minima pergunta ou desconfiança.

Horas depois, foi-me dito pelo citado empregado que lhe entregasse os bilhetes em virtude de lhe ter surgido qualquer duvida. Assim o fiz, e só depois da passagem de algumas estações me veio informar não terem validade (que como atraz deixo dito me disseram ter validade até ao dia 17, em que seguia viagem.) Ainda que nada conforme para com a minha consciencia, em face das informações dadas sobre a sua validade, paguei a importancia exigida de 23$30 sem que relativamente a isso ligasse importancia. Mas como nunca ludibriasse ninguem, nem mesmo desejo ser ludibriado, indaguei do revisor do serviço do mesmo comboio, se podia fazer a minha reclamação se assim o entendesse justo, ao que respondeu que sim. Chego ao Rocio, e como ao sair eu tivesse pedido para me deixar passar com o bilhete afim de poder formular a minha reclamação, pelo empregado porteiro me foi dito nao o poder fazer sem autorisação do seu chefe, que pouco saber chamar-se Ferreira.

A ele me dirigi, em termos que sempre usei e costumo usar perante a delicadesa que esse dever me impõe, ao que por ele me foi dito energicamente, e sem ter tomado conta da minha explicação que tais bilhetes não podia levar e que só á Companhia pertenciam. Continuei a fazer-me explicar como quem pede uma esmola em paiz conquistado por aquoles que se julgam senhores de tudo isto, ao que num modo improprio de um lugar de tal forma categorisado de um senhor chefe da estação da capital, numa forma bastante brusca e indecente me intimou a sair da gare sem que tais bilhetes pudesse trazer para provar a minha reclamação.

Não é a valorisação dos meus prejuisos que me leva a este desabafo, sr. redactor, mas sim a infelicidade da vulgaridade destes casos, com empregados como este, não compenetrados dos seus deveres, quer profissionais quer morais, que não só envergonham a Companhia como tambem todo o pessoal que dela faz parte.

E' tanto mais a prova de que afirmo o facto de estarem presentes alguns empregados da Companhia bem como civis e a propria policia que comentaram o caso.

Alem de que nesta data eu directamente reclamo á Companhia no caso que o assunto requero, rogo no entanto a V. não descure este assunto que só envergonha o nosso paiz.

Subscrevendo-me de V. etc.—Antonio Jorge.

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações	
Londres, cheque.	4 1|4 —	4 1|8
» 90 dias.	4 3|8 —	—
Paris, cheque	1139—	1173
Suissa, cheque.	2419—	2493
Belgica, cheque	1051—	1083
Italia, cheque.	649—	669
Berlim, cheque.	40—	48
Holanda, cheque.	4931—	5090
Madrid, cheque	2029—	2090
New-York, cheque.	12695—	13080
Brazil, cheque.	59—	63
Austria, cheque.	1—	3
Noruega, cheque.	2302—	2372
Suecia, cheque	3278—	3377
Dinamarca, cheque.	2707—	2760

Libras . . . . . 62$000 — 64$000

SPORT

Saraus de amadores...

Acabaram de vez as festas de ginastica feitas por amadores.

Os antigos saraus do Real Ginasio, exclusivamente feitos por amadores saraus cuja brilhantismo nunca mais será excedido, nunca mais se repetiram.

Hoje ha festas do club, mas não festas de amadores.

Deixou de ser a propaganda do sport, a razão de ser destas festas, e os promotores, na ancia de arranjarem publico escolhem todos os numeros que julgam capazes de fazer receita, misturando amadores e profissionais.

Talvez sob o ponto de vista «dificuldade» os espectaculos ganhassem, mas perderam aquele «cachet», de distinção, aquele sabor especial, que cá as festas do «amateurismo» puro teem.

E' claro que antigamente havia mais por onde escolher, e os amadores não se exibindo senão uma vez por ano, despertavam curiosidade naquela unica exibição.

Hoje, como se diz no «Estudante alsaciano», tudo mudou...

Até nos saraus de sport ha intermedios comicos...

Maneiras de ver...

RUY DA CUNHA.

NOTICIARIO

CAMPEONATO DE BOX

Encerrou-se ontem a incrição para o Campeonato Regional de Box da Federação Portugueza de Box, cuja organisação está a cargo de Ginasio Club Portuguez.

Inscreveram-se: Ateneu Comercial de Lisboa, Ginasio Club Portuguez, Grupo de Armas e Sport, Grupo Recreativo «Os Chóras».

O campeonato realisa-se nos dias 27 e 29 do corrente ás 21 horas.

ESGRIMA

No Ginasio Club Portuguez cuja sala de armas é dirigida pelo grande mestre Antonio Martins e que tem estado bastante concorrida, realisa-se brevemente o Brassard de Espeda, em poule a 3 toques.

Já estão inscritos: Armando Bayly, Rui de Oliveira, D. Pedro de Alarcão, José R. Meourjão, José Perdiz Ribeiro, Francisco Antonio Paiva e Raul Eloy Pereira.

FESTA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FISICA

Começaram ontem e prolongam-se pelos dias 25, 26 e 28 as provas interescolares de educação fisica.

Inscreveram-se perto de 140 concorrentes do Colegio Militar, Pupilos do Exercito, Casa Pia, Escola Central de Reforma, Escola Primaria Superior de Cintra, Liceus de Camões, Passos Manuel e Pedro Nunes.

O juri fez a seguinte distribuição na disputa das provas:

Dia 23—No Stadium, ás 16 1\|2 horas.

Iliminatorias do jogo de barra, Liceu Pedro Nunes e Pupilos do Exercito; ás 17, desafio de Foot-Ball, 3.º agrupamento—Casa Pia e Pupilos do Exercito. No Sporting Club de Portugal, 16 1\|2, desafio de Foot-Ball, 2.º agrupamento—Colegio Militar e Pupilos do Exercito.

Dia 25—No Stadium ás 16 1\|2. Iliminatorias dos desportos atleticos menos as lutas de tracção.

Dia 26—No Stadium as 17 1\|2, desafio de Foot-Ball, 2.º agrupamento, Liceu Pedro Nunes e Pupilos do Exercito.

No Sporting Club de Portugal a mesma hora, Foot Ball, 3.º agrupamento, Liceu Pedro Nunes e Casa Pia.

Dia 28—No Stadium ás 16 1\|2, parada de ginastica, finais dos desportos atleticos e lutas de tracção.

A «SEMANA DE ARMAS PORTUGUEZA»

Organisada anualmente pelo Centro Nacional de Esgrima, realisa-se este ano na segunda quinzena de Junho,

Os missionarios e o trabalho indigena

Um dos pontos em que mais insiste a metodologia missionaria, que aproveita os ensinamentos da experiencia colonial, é a insubstituivel necessidade da iniciação do preto no gosto pelo trabalho. A Congregação do Espirito Santo viu, desde o principio o que o missionario nato Padre Antonio Barroso concluia após os primeiros passos nas lides de Africa: que a evangelisação do padre não passaria de vegetação espiritual sem raizes, se não viera a evangelisação do missionario leigo o trabalhador a firmar o solo e as bases do viver cristão.

Os agentes da civilisação cristã poderiam, sem inconsequencia, ser contrarios ao emprego, pelos colonisadores, da mão de obra indigena para a transformação e valorisação das plagas africanas. Pode haver queixas contra abusos de tal ou qual agente engajador por conta de empresas de fomento, mas recriminar contra o proprio engajamento seria advogar a esterilidade e defender a indolencia.

E até... (sejamos francos, que o pieguismo ultra-sentimental não serve senão para toldar a visão clara das coisas!) tratando-se de africanos, não podemos eximir-nos a admitir da parte dos Governos uma certa medida de trabalho coagido. E não são os missionarios, fartos de conhecer o preto «por fora e por dentro», que irão escandalisar-se, num humanitarismo de mocinho romantico, por as autoridades irem sacudir para a alegria do trabalho retribuido e dignificante populações indolentes, que nunca sonharam senão uma felicidade de preguiça. As populações de selvagens são populações de crianças, apregoa o «senso comum» dos coloniais em peso; ora nunca humanitarismo se enxofrou de ver forçados ao trabalho os pequeninos apaixonados da borga infinda.

Somos tutores daquela raça infantil não temos direito algum a escravizala, mas podemos, e até devemos, tirala da inercia mole em que lhe apetece vegetar e arrasta-la para a actividade que, aproveitando a todos nós, lhe de tambem a ela meios para um viver mais alto e mais nobremente feliz

* * *

Os chocolateiros de Cadbury, atroando os ares da opinião, com o badalar chocalhado do «cacau escravo» não andavam mordidos pelo ferrão sagrado do amor á Humanidade preta. O que os remordia era a excelencia do cacau de S. Tomé, que a nossa industria sabia tirar da actividade fomentada dos negros.

Os ingleses não caem na idiotia, que parecem caridosamente desejar de nós, de deixar espreguiçar-se á vontade, á sombra da palmeira, os musculosos Nigerianos que acham não precisar nada do «olu óibo» (trabalho do branco) uma vez que o uber solo lhes dá ventre cheio com «dois meses» de labor «anual», e que o sol bendito do 5 ºlat Norte lhes faz remediar com meio covado de vestidol Quando é conveniente abrir um troço de estrada para uso dos brancos, explorar uma pedreira calcarea e trazer a pedra para os fornos, ou mesmo extrair carvão das minas e não se encontram para isso voluntarios, expedem-se ordens aos chefes negros das diferentes povoações, estes mandam tocar o tambor do «olu»; e na manhã seguinte, o homem, ou mancebo, ou mulher da classe convocada que não aparecer, entram-lhe por casa dentro os esbirros do chefe e confiscam quanto lá encontrarem.

Quando da campanha contra os alemães dos Camarões, despejaram-se, para serviço forçado dos «cô ios» inglêses, muitas aldeias da Nigeria do Sul; muitos dos pretos assim mobilizados não voltaram nunca.

Nas minas de carvao de Enugu só agora começa a haver suficiente mão de obra espontánea. Durante muito tempo os chefes forneciam trabalhadores e recebiam êles os salarios, enriqueceram com estes; e á gentalha que, comendo á sua custa, suara por ordem dos chefes faziam estes o favor de dar ás vezes a «gorgeta» de 2 shillings, ao despedi-los, no fim do mê de trabalho!

Quando algum europeu humanitário (como quiz ser uma vez por outra o proprio rabiscante destas linhas) dizia a um amigo, governador britânico, daquelas faltas de lisura dos magnates pretos, a resposta infalivel do liberal saxão era assim: — «Olhe lá, ele será maróto, mas tem pulso: no chefado dele ha ordem e obedece-se!»

(Para o mais liberal dos governos colonizadores o critério é esse: deixe lá os chefes, se eles sabem manter ordem... seja embora á custa dos pequenos comidos).

A colonização latina é um pouco menos liberal... para os bandidos espertos.

Entre os engajadores para as Plantações pode haver abusos e houve-os sempre; mas esses abusos não se cometem com a desdenhosa conivencia das nossas autoridades. Portugal quere obrigar os negros a sairem da inércia, quere os ver trabalhar; mas mas vigia para que os trabalhadores não sejam escravos, antes possam vir a abençoar o trabalho que temiam e ver-se, por ele, soerguidos á felicidade e a altura de homens.

J. Correia

Sociedade de Propaganda de Portugal

A comissão organisadora do Congresso Internacional de Turismo, realisado em Maio de 1911, em Lisboa, vai entregar á Sociedade de Propaganda de Portugal, na sua séde, pelas 9 horas da noite de 26 do corrente, o retrato do seu falecido e prestantissimo colega Luiz Fernandes, que foi relator geral daquele Congresso e era vice-presidente da Comissão de propaganda hoteleira da mesma Sociedade.

Associação do Registo Civil

A Associação do Registo Civil promove uma sessão de homenagem aos falecidos coronel Antonio Maria Batista, Pedro Boto Machado, dr. Antonio Macieira, tenente José Martins cujos retratos serão descerrados nessa ocasião.

Assistem o Chefe do Estado, Presidentes do Ministerio, Senado e Deputados; Ministerio, oficialidade superior, Directorios dos tres partidos republicanos, etc.

A sessão é no dia 28 ás 13 horas.

Oradores: Antonio Maria da Silva, drs. Pereira Osorio, Domingos Pereira, Magalhães Lima, Orlando Marçal, João Luiz Ricardo, Pires do Vale Agostinho Fortes; D. Maria Arade, Barros Queiroz, Barros Lima e Sá Cardoso.

Os bilhetes podem ser procurados na Associação do Registo Civil, no Largo do Intendente, 45 1.º.

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

PEDRINHO

por JULIO CESAR MACHADO

Que fizera dos gestos rasgados e sublimes com que acompanhava as palavras? Que fizera mesmo das inflexões suavissimas, que lhe matizavam cada frase? Que havia feito da graça, do gesto, da beleza da Margarida da scena, esta Margarida da orgia, cujo halito acusava o abuso dos licores e de que até o olhar revelava os extravios da impureza?!

A ceia tinha todo o aspecto de uma ruim festa. Pedrinho nunca vira coisa mais feia, do que gente grosseira a comer

— Como seriamos felizes, disse um dos convivas a Margarida, se este Porto fosse tão sêco como o teu coração!

A rapariga riu-se. Era estupidez? era bondade? O bem e o mal tocam-se de tão perto, que é impossivel saber onde acaba um e onde principia o outro.

— Dize mais! retrucou ela. Todos nós sabemos que é uma condição do teu caracter não abrires a boca — quer para falar, quer para beber — senão... á custa de alguem!

Eram destas as galanterias que ali se trocavam e a sociedade parecia divertir-se assim. Propoz-se uma saude a Pedrinho e aos seus amores. Todos os olhos se fixeram em Margarida.

E' inutil! redarguiu ele. Se não amo ninguem!

— Ninguem! disse a actriz, sorrindo, nessa idade e com esses olhos não amar ninguem!?

Considero-me muito inferior para que aspire a ser amado como eu o sonho, e sinto-me muito altivo para aceitar o amor que me poderiam dar!

— Ah! ah! replicou a rapariga, numa gargalhada. Como é então preciso ser, para lhe agradar?

— Ter alma e ser bela!

Duas coisas menos raras, exijo eu no homem que me fizer a côrte! redarguiu ainda Margarida em tom azedo, ferida no seu amor proprio. Contar vinte anos e ter bigode!...

Pedrinho fez-se córado. Era o adoravel pudor dos quinze anos, que o arguia de ainda não ter barba! Tambem, para que fôra ele ali! se por mais que quizesse corromper a sua consciencia, ela podia absolvê-lo em voz alta, mas tinha de o condenar baixinho!... Sentia-se só, coitado dele, e a solidão mais terrivel é a que, ao entrar da vida, se encontra no centro da sociedade!... Margarida tentou reconciliá-lo e estendeu-lhe a mão, que ele repeliu, frenetico, com uma expressão de colera indomavel.

— Vai-te, disse-lhe. Não mereces o amor que eu te podia dar, nem o amor que cheguei a sentir por ti! O teu reino não é o coração, é o palco; o teu futuro não é a serenidade dos afectos, mas o ruido dos aplausos. Estremeço agora ao encarar o abismo em que a paixão ia precipitar-me. Podia comprar as tuas caricias e os teus beijos, mas a quem compraria, para t'as dar a ti! as sensações que o meu amor ia pedir-te? Não! Tu guardas a alma no camarim, onde conservas o pó de arroz com que nos seduzes!

Margarida olhava-o, pasmada, e estava a ponto de o tomar por doido.

— Adeus! disse-lhe ele ainda, erguendo-se e apertando-lhe a mão. Adeus para sempre! Tenho pena que não pudesses entender-me, porque és incapaz de sentir e comprender é igualar! Sabes tu! Se eu elevasse a Deus um voto pela tua felicidade, seria a pedir-lhe que não te desse bexigas!... Aliás ficará perdido o teu futuro, que todo depende dessa pele suave e magnifica, que á noite, ao clarão das luzes, encanta e desvaira. Adeus, Margarida! Fica com a tua frieza, que eu fujo com o meu amor!

Instantes depois de Pedrinho partir, Candida foi encostar-se á cadeira de Margarida e balanceou-a para a acordar do turpor e atonia em que caira.

De que te esteve ele a falar?

De um sonho que tivera. Viu uma mulher que sou eu e que não se parece comigo. E' meio louco!

Pareceu-te meigo?

Vaidoso como tu!

Lisonjeou-te alguma vez?

Ofendeu-me sempre.

E sofreste-o?

Se me agrada, se lhe quero assim!

O resto da noite, para Pedrinho, passou-se em claro. Tudo foi scismar e empreender mil planos. A coragem de nunca mais ver Margarida pareceu consolar a sua alma. Com o chegar do dia, porém, veiu o desejo de ir ainda uma vez ao teatro e adquirir a certeza de que não a amava se nenhuma impressão sentisse ao vê-la. Baldado empenho. O fogo daqueles olhos e o som daquela voz tiveram o poder de encantar novamente e a sua alma de criança não teve forças para repelir uma hora de sedução. Loucura é isso? Quem sabe?! Os efemeros não vivem senão um segundo; mas, se é um segundo de felicidade... vivem bastante!

Isto passava-se pelo carnaval. Os actores haviam ajustado entre si irem depois do teatro a um baile publico. Duas ou três actrizes tinham prometido fazer parte do rancho e do numero destas era Margarida. Esta noticia deu-a um actor a Pedrinho, convidando-o a ser da caravana. Na ideia de matar impressões de amor pela Margarida da scena com o inevitavel desgosto que a conversação e as maneiras da Margarida da vida real lhe iam ministrar, Pedrinho aceitou. Logo depois do espectaculo, subiu para um dos caleches, de que só restou um lugar a preencher. Noutro, já os quatro lugares estavam tomados. Faltava Margarida apenas.

— Teremos que esperar boas horas! disse um actor. Margarida entra na ultima scena e levará seculos a despir-se!

Neste momento, porém, ouviu-se uma gargalhada penetrante e fina: era a actriz que subia para o caleche, vestida ainda com o traje da scena.

Para os não fazer esperar! disse ela, fixando a vista em Pedrinho, que estremeceu quando a sentiu a seu lado.

Os caleches partiram. Pedrinho contemplou a actriz, sem poder sequer falar-lhe. Que surpreza foi a sua ao vê-la vestida e caracterizada assim! A mão de Margarida descançava sobre a dele e os olhos de ambos encontravam-se num febril e apaixonado olhar. Vinha num costume de princesa grega, com uma larva tunica de damasco amarelo bordado de vermelho, cinto de seda e as mangas largas do traje oriental. Pedrinho nunca a havia visto tão bela, tão moça, e tão poetica! Uma atmosfera de milagrosa claridade parecia cercá-la e apoderar-se das almas convidando-as a adorá-la. Brilhava por uma graça ideal e o olhar parecia fixar-se-lhe no infinito. Pedrinho dizia a si proprio que aquela singular beleza não era da terra! A scena da vespera, a fatal scena da ceia! impedia Margarida de lhe dirigir a palavra: a ele, impedia-o de lhe falar o encanto em que ela viera mergulhá-lo. Que de inefaveis revelações traiu o humido olhar do pequeno, enquanto a actriz permanecia calada olhando-o, e que ele sentia todo o seu sangue afluir-lhe ao coração! No momento de se apearem, Margarida poz a mascara e estendeu a mão a Pedrinho, que lha apertou cheio de paixão; mas nem uma palavra de algum deles cortou o silencio que toda essa noite guardaram.

No meio do baile, a actriz, que dera o braço a um dos seus companheiros, dissera-lhe com um fundo suspiro:

Porque não consenti eu que a Candida gostasse dêle?!

Disseram-me que é rico! replicou o actor.

Que me importa?

Não te importa que seja rico?! redarguiu o homem, espantado.

Gosto dele! disse Margarida.

— Dêste pequeno?

CONCLUE AMANHÃ

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

N.º 4087-12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5 || LISBOA — Quarta-feira, 24 de Maio de 1922 || Telefone n. 2233 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

Perguntas insoluveis de toda a especie:

Existirá realmente em Lisboa uma instituição denominada Policia?

Factos são factos

O incidente levantado pelo sr. Capinha na Camara dos Deputados, ácêrca de um artigo de *A Capital*, em que se aludia ás naturais suspeições que podem pesar sobre parlamentares que tenham participação em companhias e empresas ou dependencias, mais ou menos directas, de entidades financeiras, suscitou ontem, á *Luta*, algumas observações que, pelo seu caracter ambiguo, não podem passar sem reparo.

Segundo parece deduzir-se dessas considerações, a *Luta* consideraria o que disse a *Capital* como uma especie de campanha de difamação.

Se assim é, está a *Luta* absolutamente enganada. *A Capital* não faz nem nunca fez campanha de difamação. Tem, pelo contrario, sido vitima delas, e, para o provar, não será necessario ir muito longe. Bastaria recordar o que aconteceu no periodo anterior á nossa *participação na guerra, pela qual* sempre patrioticamente pugnámos. Nessa ocasião, a *Luta* desdobrou-se numa especie de edição suplementar, cujo fim era cobrir-nos de calunias, atribuindo a interesses inconfessaveis a nossa atitude. Foi então que, a não estarmos em êrro, tanto na folha, que era o desdobramento da *Luta*, como nas esquinas das ruas, começaram a aparecer, em grandes letras, anuncios do *Festim de Baltazar*. O *Festim de Baltazar* era a alusão incisiva da *Luta* aos fabulosos lucros, que, no seu entender, nos advinham do facto de prégarmos a participação na guerra.

Não está, pois, *A Capital* acostumada a ser caluniadora, mas sim a ser caluniada. E o que admira é a desfaçatez com que certas criaturas se atrevem a negar a verdade dos factos por toda a gente conhecida para chamar sobre os que zelam as boas tradições parlamentares a reprovação do publico iludido pelos seus protestos.

A verdade é que não fazemos, nem estamos fazendo uma campanha contra o Parlamento. O que dissemos, duma maneira geral e sem citar nomes, foi chamar a atenção do paiz para um facto que pode ser prejudicial e que justifica naturais suspeições. Dissémos que parlamentares ligados a companhias ou dependentes da alta finança dão azo a supôr-se que possam atender mais aos interesses dessas companhias e dessas finanças do que aos interesses nacionais. Tão legitimo é êste receio, que a lei eleitoral estabeleceu certas categorias de inelegibilidade, sem contudo poder prever todos os casos.

Que havia a fazer para nos desmentir? Declarar que no Parlamento não havia ninguem nas condições referidas. Então nós teriamos mentido e era justo que fossemos entregues á repulsa da opinião publica e á acção da justiça, como a *Luta* aconselha. Mas nós não mentimos, e facil se torna provál-o.

Não quizemos dizer nomes para que se não supozesse que apenas razões de caracter individual ou partidario nos moviam. Nem estamos resolvidos a apresentar aqui um estendal de nomes. Mas, para prova de que ha parlamentares, e até parlamentares que fazem parte do Governo, ligados a companhias mais ou menos importantes, e algumas da maior importancia financeira, basta apontar o que se passa com o actual Ministerio.

Porventura, não será o sr. Antonio Maria da Silva um parlamentar, e dos mais influentes, ocupando agora a presidencia do Ministerio? Sem duvida, e o sr. Antonio Maria da Silva é engenheiro consultor da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses.

Não está em condições identicas de parlamentar e de membro do Governo o sr. Victor Hugo de Azevedo Coutinho, ministro da Marinha? Pois o sr. Victor Hugo de Azevedo Coutinho pertence ao conselho fiscal da Companhia do Gaz e é do Conselho de Administração da Companhia de Moçambique.

Não sucede o mesmo com o sr. Portugal Durão, ministro das Finanças? Pois o sr. Durão é director de varias companhias e entre elas a da Zambezia.

Não sucede o mesmo com o sr. Lima Basto, ministro do Comercio? Pois o sr. Lima Basto faz parte de varias empresas e entre elas uma para a criação e engorda de gado.

E, se não estivessemos apenas procedendo a um trabalho rapido de memoria, não nos seria dificil descobrir que outros membros do Governo pertencem a varias empresas e companhias. E são apenas onze!

Quer dizer: pelo menos, a maioria do actual Governo, todo composto de parlamentares, é constituido por pessoas que têm interesses ou dependencias de companhias e organizações financeiras.

Como se vê, não caluniámos. O facto dá-se. E o presidente da Camara, o sr. dr. Domingos Pereira, não aceitando a proposta do sr. Capinha, não fez mais do que evitar uma verdadeira *gaffe*, porque sabe tão bem como nós que isto é assim. Não é, de resto, o sr. Domingos Leite Pereira um dos directores da Companhia dos Ascensores Mecanicos? Não se reputará s. ex.ª caluniado porque apontamos aqui o seu nome, porque sabe perfeitamente a consideração que sempre nos tem merecido e até o apoio que por varias vezes lhe temos dado. O que queremos demonstrar, é que não mentimos e que o facto a que aludimos constitue, de uma maneira geral, um perigo para o prestigio do Parlamento.

E' o que temos a dizer á *Luta* e a todas as boas almas que nos apodem de caluniadores, porque nos referimos a factos que toda a gente pode conhecer, porque são publicos.

Os Serviços Graficos do Exercito

O deputado sr. Eugenio Aresta apresentou um projecto de lei extinguindo os Serviços Graficos do Exercito. Este projecto, de envolta com alguns outros que pretendem reooganisar o Exercito e comprimir despesas que podem desaparecer, vai baixar á respectiva comissão e oportunamente será discutido.

Sempre combatemos pela urgente e inadiavel necessidade de pôr um dique á torrente das despesas inuteis mas tratando-se dos Serviços Graficos do Exercito, instituiçao que vive quasi se pode dizer pelos seus recursos proprios, e que não traz despesa ao Estado, não se compreende onde possa existir a economia. O material adquirido pelo Ministerio da Guerra quando montou este serviço, decuplicou hoje de valor e o Estado possue neste ramo de serviços, maquinas e material cuja importancia sobe hoje a centenas de contos de reis.

Se os poderes publicos extinguem essa direcção, que destino dará ás suas pertences? O mesmo que tem dado a tantos outros, quer dizer, uma porção de material carissimo irá apodrecer em barracões ignorados sem proveito para ninguem como de resto sucedeu a todo ou quasi todo o material tipografico que veiu de França e que chegou em um estado lastimoso a Portugal, sendo a muito custo aproveitado.

Extinguir os serviços graficos é inevitavelmente perder algumas centenas de contos para afinal não realisar economia alguma visto que, alem de um subsidio anual de 6 contos de reis, infima parcela que nenhuma importancia tem, nem chega quasi para pagar o aluguel da casa onde estão instaladas as oficinas,—os serviços graficos nenhum outro rendimento teem do Estado.

Acresce alem disso que as oficinas graficas do Exercito fabricam e fornecem toda a infinita quantidade de impressos de que necessitam o Exercito e varios outros Ministerios. E vendem-nos por preço que quando não é inferior é igual ao dos concorrentes civis.

E' pois um elemento regulador de preços e basta esta circunstancia para que a sua missão já seja util. Se amanhã os serviços graficos deixarem de existir e de fornecer mediante um preço minimo, imediatamente a industria particular que antigamente fornecia os Ministerios, elevará os preços a seu belo prazer e não haverá outro remedio mais do que sujeitar-se.

E' este inevitavelmente o resultado que se obtem extinguindo os Serviços Graficos do Exercito.

A LEI 1244

anotada e comentada

Tenente de infantaria n.º 3, Julio Gonçalves. Este oficial, tendo-se reformado em França, voltou de novo á efectividade quando regressou ao paiz, sendo colocado como ajudante do 3.º batalhão em Barcelos. Proclamada ali a monarquia, prestou-lhe os seus melhores serviços, quer na transmissão de ordens, quer na organização dos serviços de que foi encarregado. Reimplantada a Republica, e como precisasse para da guilhotina se salvar, e nada de maior lhe acontecesse, ei-lo a prestar os seus mais fervorosos serviços como testemunha de acusação nos processos levantados aos seus camaradas, conseguindo assim manifestar-se um grande... *esteio republicano*.

Alferes de cavalaria, em serviço na Esquadrilha de Aviação, Antero Fernandes. Este oficial acompanhou o regimento de cavalaria 4 para Monsanto, onde esteve até á altura em que compreendeu que a cartada estava perdida. Como «o seguro morreu de velho», não esteve com mais aquelas: conseguiu escapar-se, indo apresentar-se ao seu regimento, continuando ali a fazer serviço como um dos mais dedicados servidores das instituições republicanas. E como prová-lo á evidencia? Servindo de testemunha de acusação dos seus camaradas, ou não fosse um dos nossos e dos mais chegadinhos...

Um futuro "raid"

Entre New-York, Rio e Lisboa

O telegrafo trouxe-nos o seguinte telegrama:

RIO DE JANEIRO, 23.—O governo brasileiro vai auxiliar os aviadores que vão tentar o «raid» New-York-Rio-Lisboa.—(R.)

Esta noticia sucinta em tres curtas linhas, encerra a ideia de um emprehendimento aereo cuja realisação é eriçada das mais temerosas dificuldades. Alem de depender dum aparelho de invulgar perfeição precisa tambem de pilotos e de aviadores fora do comum. De facto o Brazil póde encomendar o primeiro e encontrar os segundos entre os elementos que constituem a sua aviação maritima—mas a viagem permanece da mesma forma mais do que incerta, quasi irrealisavel no estado actual da aviação. De New York ao Rio de Janeiro medeiam em «linha recta» mais de 7000 quilometros e com essa linha recta é impossivel de seguir o percurso total entre estes dois portos que deverá andar proximo de 10.000 quilometros.

Terão os aviadores de pousar em varios pontos do litoral americano para se reabastecerem de gasolina e de transpor uma parte do Atlantico reputada como das peores, especialmente entre as Antilhas, boca do golfo do Mexico e peninsula da Florida. Para essa parte do globo não ha previsões possiveis sobre as condições metereologicas.

Acresce além disso que na segunda parte da pretendida viagem, Rio-Lisboa, essa viagem só poderá fazer-se com viabilidade em determinada epoca do ano, abril ou maio, conforme o estabeleceram Gago Coutinho e Sacadura Cabral que justamente escolheram esse periodo para tentarem o actual raid, o que nos leva a supor que já não será possivel este ano tanto mais que a sua realisação definitiva depende de trabalhos preparatorios que se não improvisam e que demandam estudos lentos e ponderados.

Terão os notaveis aviadores da republica brasileira um invento, um aperfeiçoamento ao genero do de Gago Coutinho, que lhes permita tentar essa experiencia?

Exames a pataco a hora!

E' natural que este ano corram muito irregularmente os trabalhos de apuramento nos liceus portugueses

Nos meios academicos da instrução secundaria, e muito especialmente nos liceus de Lisboa lavra um panico muito grande pelo facto de se supôr que este ano, os professores não estão dispostos ao trabalho exaustivo dos exames pela quantia, hoje ridicula de 40 centavos, ou sejam com a depreciação da moeda, no maximo, o antigo e conhecido pataco nacional.

E, se a indignação lavra nesses funcionarios, que são dos que quer queiram quer não trabalham, porque as suas repartições—as aulas—são demais movimentadas, para que possam gosar tranquilidades—o panico lavra especialmente nos pais dos alunos, que vêem os seus filhos prejudicados, que é como quem diz os seus interesses.

Realmente, a nós chegaram-nos cartas, das quais escolhemos a que se segue, para lhe dar publicidade, e que sobre o assunto versa. Não nos parece justo que tendo o Estado funcionarios indispensaveis, e cuja alta missão é indiscutivel, como seja a de ensinar crianças, se reconheça o direito de remunerar duma fórma ridicula um trabalho averiguado e honesto.

O sr. ministro da Instrução, professor como é, não pode deixar de compreender o que sejam horas de exame pagas á quantia de 40 centavos a hora, menos de metade do que ganha o mais rude carroceiro de Lisboa. E' esta a inversão completa da Sociedade, verdadeiramente asfixiadora em que vivemos, e para a qual, nestas condições não é possivel requerer aplauso das camadas que deviam ser o seu mais poderoso sustentaculo

Defende o professorado liceal, de motu-proprio e sem interesse algum encoberto. «A Capital», no seu velho programa de justiça equitativa e humana, reclama do ministro titular da Instrução aquelas providencias que é admissivel esperar do seu criterio.

Segue a edificante carta que motivou estas linhas, e que hoje o correio nos trouxe:

Sr. Redactor—Em nota da Arcada de hoje noticiam as gazetas que o sr. Ministro da Instrução vai determinar que em 31 de julho se interrompam os exames liceais visto o Estado não poder pagar condignamente aos professores o serviço extraordinario de exames e estes, por dignidade propria não poderem trabalhar a 40 centavos por hora. Não é isto o que a nota diz mas é o que se deduz da leitura das suas entrelinhas.

Como pai dum futuro examinando não posso deixar de protestar contra esta deliberação de s. ex.ª que vem prejudicar o meu filho e muitos outros estudantes que vão ficar impossibilitados de fazer exame na epoca propria; o rapaz chama-se Zózimo de Sousa Junior e não poderá entrar a exame antes de 12 a 15 de Agosto, «no caso de se fazer o serviço nas condições do ano passado». A fazer-se o serviço nas novas condições que parece serem tanto do agrado do sr. Ministro, o meu filho só será marcado para exame em janeiro de 1923, supondo que o rapaz tenha o numero 100 na pauta, o que não é de admirar atendendo ao nome.

Decerto o sr. Ministro não atendeu esta hipotese quando fez aparecer nos jornais a nota da Arcada a que faço referencia no principio desta carta; por isso venho incomodar V. pedindo-lhe o especial obsequio de, por meio do seu apreciado jornal, fazer chegar ao conhecimento do sr. Ministro o grande prejuiso que para os pais resulta da execução do pensamento de S. Ex.ª e se me é licito apresentar um alvitre tendente a evitar a interrupção no serviço de exames, ouso lembrar ao sr. Ministro que talvez se podesse acabar com os exames da segunda e quinta classes que em boa razão, não deviam existir. Assim se evitariam trabalhos, despesas, e nós, os pais, veriamos os nossos filhos passarem de classe o que constitue, afinal de contas, o fim principal de quem traz os filhos nos estudos.

Agradece o bom acolhimento.—De v. etc., O pai dum aluno.

Lisboa, 23 de Maio de 1921.

Pelo ministerio da Instrução somos informados que a verba destinada ao pagamento de trabalho suplementar dos professores é a mesma do ano passado não se tendo recebido até agora nenhuma reclamação do professorado, segundo afirmam.

A lei da fome

O Governo, não atendendo ás reclamações da opinião publica, colocou a Nação numa deploravel curvatura de espinha: tudo de cocoras!...

Os jornais da manhã publicam o seguinte telegrama:

LONDRES, 22 — Em resposta a uma pregunta que lhe foi feita na Camara dos Comuns, o sub-secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros disse que o governo português informou recentemente o ministro britanico em Lisboa de que tenciona submeter brevemente á aprovação do Parlamento um projecto de lei em que, na medida em que o permita o interesse nacional, se terá em conta as representações do governo inglês a respeito dos navios britanicos que entrarem nos portos portugueses.

O sub-secretario dos Negocios Estrangeiros acrescentou que o governo português manifestou estar disposto a fazer concessões ao governo britanico, num espirito amigavel.

Trata-se da celebre Lei da Fome. Um ministro qualquer, dos muitos a quem o acaso das revoluções tem guindado aos pincaros da gloria barata do Terreiro do Paço, lembrou-se de criar um imposto, alcunhado de protector da Marinha mercante nacional, incidindo sobre os navios estrangeiros que demandem portos continentais portugueses. O tributo foi por tal forma exagerado que um barco que, antes da nova lei, pagava sete a nove contos, passou a esportular noventa contos ou mais. E' claro que os efeitos não deixaram de se fazer sentir, sem demora: sobre as Necessidades cairam as reclamações do corpo diplomatico, especialmente dos ministros da Inglaterra, França, Holanda a Belgica; ao mesmo tempo, o preço dos generos de alimentação importados do estrangeiro subiram consideravelmente; e, em seguida, começou a acentuar-se a fuga da navegação estrangeira dos portos continentais de Portugal, em beneficio óbvio, dos portos da visinha Espanha. E agora, finalmente surge a fatal humilhação de termos de ceder uma parte da nossa soberania, submetendo-nos á vontade imperativa da soberana Inglaterra!

Dois jornais, principalmente, não cessaram de chamar a atenção dos governantes para a conveniencia de emendar, a tempo e a horas, o erro praticado. Esses jornais foram o «Comercio do Porto» e «A Capital». Foi o mesmo que nada. A asneirola manteve-se, teimosamente, casmurramente. Mas agora, perante a pressão da poderosa Inglaterra, o Governo põe de cocoras o paiz, põe-nos a todos nós, portugueses, na posição de rafeiro amocado de vergastadas pelo dono enervado com tanta tolice junta. Devemos confessar que é demais!

De resto existe uma legitima causa do mau humor britanico. Nós não temos tratado de comercio com a Inglaterra, mas temo-lo com os Estados Unidos. Ora este ultimo paiz é favorecido com o decreto 257 no Imposto da Fome; emquanto que a navegação mercante britanica tem que o pagar integralmente. E' preciso não ter a menor noção da validade das coisas para admitir que a Inglaterra aceitaria esta condição de inferioridade que o Governo portuguez pretendeu impor-lhe em face dos Estados Unidos. E é assim que somos governados!

Ainda não ha muitos dias que um deputado pedia contra nós os rigores mais excessivos. Mas porquê, santo Deus? A imprensa não pode, neste regimen democratico por excelencia, nado e criado pelo maior estadista do mundo, que foi o fundador do democratismo agora dominado pelo sr. Antonio Maria da Silva,—a imprensa não pode clamar contra os erros dos governantes ou pedir a punição dos delapidadores da fazenda publica e dos injuriadores da dignidade nacional? Curiosa epoca em que vivemos!

O governo portuguez vai, diz o despacho, fazer concessões ao governo britanico. Não sabemos que concessões são, nem mesmo virá a saber-se, porque o Governo vive áparte da Nação, indiferente ás necessidades e á miseria publicas. Entretanto se, por acaso, ainda existem homens publicos aos quais interessam as questões economicas, podendo distrair, a favor delas, uma parcela do tempo gasto nas discussões estereis da politica de campanario,—que esse politico interrogue o Governo, a fim de que este diga se mantem a Lei da Fome ou se está disposto a leva-la ao Parlamento, para revisão. Porque sem consentimento do Poder Executivo, o Poder Legislativo não dá pio. Que tristissima comedia!

Um dia de festa na cidade

Realisa-se ámanhã a terceira festa da flôr em Lisboa

Amanhã a flor de caridade, portadora de sorrisos, enxugadora de algumas lagrimas, vai percorrer a cidade de Lisboa. Todas as faces frescas, todas as mocidades em botão, sobraçando as rosas que se expandem entre os arvoredos da cidade, as flores humildes e as flores de luxo, a pompa magestosa dum jardim abençoado, — vão percorrer as praças, invadir os escritorios, chilrear pelas redações dos jornais. O esforço gentil e caridoso que pela terceira vez vai procurar um resultado condigno junto do publico da capital tem este ano á sua frente a senhora condessa de Burnay, seguindo a esteira de seu marido para quem a caridade e o prazer de fazer bem foram durante a sua vida dois cuidados primaciais.

A iniciativa generosa cuja origem se deve á notavel escritora D. Genoveva de Lima Mayer, tornou-se uma praxe, uma bela e doce praxe nesta cidade egoista e desatenta onde os caridosos de raça tem de forçar a indiferença dos caridosos de ostentação. E amanhã, nos prodromos deste verão que se denuncia creador a flor de Lisboa, deixará mais uma vez de ser uma simples flor, regalo dos olhos, para ser tambem uma meiga flôr, alivio de desgraçados.

A furia americana

Lincham e torturam um negro do Estado da Georgia

NEW YORK, 23 — Em Macon, na Georgia, foi linchado um pequeno preto de 15 anos, acusado de ter assassinado uma mulher. A multidão matou-o a fogo lento tendo durado a tortura 15 minutos. Emquanto estava a ser queimado, o preto, que se chamava Charles Atkins, declarou ter um cumplice, que está sendo procurado. Foram mandadas seguir tropas para a região. — (R.).

O descarrilamento em Chão de Maçãs

Ficou esta madrugada restabelecida a linha do Norte que estava interrompida devido ao descarrilamento que hontem se deu no comboio 2108 de mercadorias, na ponte de Chão de Maçãs, tendo ficado apenas dois vagons avariados e a maquina fóra dos trilhos; todos os comboios de Lisboa ao Porto, funcionam regularmente como nos dias anteriores.

O maquinista do comboio descarrilado que se chama Francisco Nunes e o fogueiro Frederico Liborio, apenas sofreram o susto e é devido á sua energia que o desastre não foi maior.

No local compareceram os engenheiros srs. Vicente Ferreira e Gritenfield de Melo, dirigiram os trabalhos para o restabelecimento da linha, e já retiraram para Lisboa. Todo o material do comboio descarrilado e bem assim, as mercadorias que foram salvas estão guardadas no Entroncamento.

Na Ponte de Chão de Maçãs onde se deu o desastre, já em 1899 houve outro descarrilamento tendo caido todo o material ao rio, havendo mortes e muitos feridos.

O futuro Embaixador do Brazil

Lisboa, que ha bem pouco tempo ainda lamentou a perda da alta individualidade que era Fontoura Xavier o embaixador do Brazil, aguarda que o governo daquela Republica nomeie o seu substituto, e correm já pretensas candidaturas sobre diplomatas de carreira, entre elas a de Rodrigo Octavio uma das mais notaveis mentalidades de tribuno que o Brazil conta o que ao lado de Ruy Barbosa tomou por vezes atitude de destaque na politica brazileira e tambem como secretario das relações exteriores do Brazil.

Indigitam-se tambem Luiz de Sousa Dantas e Pedro de Toledo. O primeiro, atual Embaixador do Brazil junto do Quirinal é um diplomata distinto e uma rara inteligencia de intelectual. O segundo ocupa neste momento o cargo de Embaixador do Brazil em Buenos Ayres. A sua personalidade tambem sabia marcar na Republica Argentina.

Os Embaixadores do Brazil na Belgica e na Alemanha, respectivamente os srs. drs. Barros Moreira e Guerra Duval parece terem sido indicados tambem, para substituir na Embaixada do Brazil em Portugal o sr. Fontoura Xavier.

São todos eles figuras marcantes da intelectualidade brazileira que honrosamente saberão substituir o finissimo diplomata que era o sr. Fontoura Xavier.

Raid Portugal-Brasil

O «Farey 17» seguiu hoje para Fernando Noronha

Cerca das 13 horas de hoje largou do nosso porto em direcção a Fernando Noronha o cruzador «Carvalho de Araujo» que leva comsigo o «Farey 17», o novo aparelho em que os nossos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral vão completar o «raid» Lisboa-Rio de Janeiro.

O sr. ministro da Marinha, acompanhado do seu pessoal de gabinete, esteve a bordo do «Carvalho de Araujo» visitando as acomodações do hidro-avião. A' partida daquele cruzador, ouviram-se as sereias de varios navios surtos no Tejo, tendo-se produzido entusiasticas aclamações.

A Espanha e a guerra do Rif

A população espanhola não só se desinteressa como até hostilisa a ideia da supremacia militar em Marrocos

MADRID, 23 — O ministro da Guerra, respondendo a boatos espalhados por alguns jornais, declarou que não marcharão mais tropas para Marrocos e que, bem pelo contrario, o governo está no proposito de continuar a trazer para a peninsula todas as forças que não sejam imprescindiveis para a defesa e tranquilidade da nossa zona. — (R.)

Em pouco tempo

A questão irlandesa

O Conselho de ministros de Inglaterra considera a situação grave

LONDRES, 24.—Reuniu-se hontem o conselho de ministros por causa da situação na Irlanda que é considerada muito grave.

Parece que o governo deseja que o mandado para o tratado seja dado pela maioria do eleitorado da Irlanda do sul, o que não é possivel nos termos do acordo celebrado entre De Valera e Collins que não parece que venha a obter a aprovação da população do sul.

Todos estes pontos devem ser esclarecidos numa conferencia que se realisa, em Londres, no fim desta semana.—(R).

DUBLIN, 24. — Respondendo a uma entrevista tanto De Valera como Collins disseram ter as maiores esperanças numa paz duradoura. De Valera disse que dentro duma semana o sul e o oeste da Irlanda deviam estar completamente pacificados e que empregariam todos os esforços para evitar mais disturbios. O partido militar que era contra o tratado tambem já aprovou o acordo.—(R).

Trotzky iracundo

Ameaça a Europa inteira

VARSOVIA, 23 — Trotsky fez um violento discurso, dizendo que não são as conferencias que darão á Russia o que ela necessita, o que só se conseguirá no dia em que o exercito vermelho atravessar as fronteiras dos Estados capitalistas e fazer flutuar sobre a Europa a bandeira vermelha.

Acrescentou que seria possivel que o exercito vermelho tivesse necessidade de provar, este verão, a sua força combativa. (R.).

«OS SPORTS»

Publica-se hoje mais um numero deste interessante bi-semanario de sports que dia a dia está tendo maior acolhimento.

A super-população das capitaes

150.000 habitantes a mais em Madrid

MADRID, 23 — A ultima estatistica publicada pelo Instituto Geografico acusa um aumento de 150 mil habitantes nesta cidade nos dois ultimos anos. — (R.).

PELA AMERICA LATINA

A Republica do Perú

O SEU MOVIMENTO INTELECTUAL, OS SEUS HOMENS E OS SEUS ARTISTAS OS INTERCAMBIOS E A SUA ACTIVIDADE COMERCIAL

Numa tarde outunal, bela, encantadora, em que a luz do sol espargia pela terra os seus raios potentes e coruscantes, desci vagarosamente a vasta Avenida da Republica, passo sob o tunel onde o comboio roda estrepitosamente e uma vez no Campo Pequeno bato á porta do Consulado do Perú, grande republica da latino-America, que D. Eduardo Herrera, proficientemente sabe representar em Portugal.

Uma criadita, loura e delgada, leva o meu cartão ao ilustre diplomata e pouco depois somos introduzidos, num pequeno escritorio «trotoir» mobilado simples mas delicadamente, um escritorio muito modesto, muito artistico, onde paira a vaga encantadora dum ...dedos de mulher. Um solitariol E sobre ele repousam, sorriem, encantam, flores da nossa terra, dum aroma subtil, meigo, belo, feminino. Pouco distante ha um relogio que badala pousadamente tres horas.

Eduardo Herrera, vem ao nosso encontro.

—Muito prazer em ve-lo por esta sua casa!...

—Caro doutor! E' ainda a faina jornalistica. Uma entrevista com v. deve ser interessante e esse interesse aumenta, por se tratar de um diplomata.

—Oh! Não.—protesta. Tratemo-nos sem cerimonia. Somos colegas.

—Se assim o deseja...

—Eu sou um homem acostumado a viver a vida não como ela deve ser vivida, mas sim pela forma, pelo sistema, que mais apropriado julgo para ser compreendido.

—Sim. Eu sei que v. é tão romantico como simples. São essas as suas credenciais, não é verdade?

—Talvez. Muito obrigado.

—Não me agradeça. Falo-lhe como se falasse a mim proprio. Quando falo com uma pessoa como v. que é um amigo, um colega, um intimo e que por isso mesmo me sabe compreender e advinhar, tenho a impressão de que a alma voa-me pelos labios para o abraçar, aperta-lo muito contra o peito, para que v. possa sentir mais de perto a sentimentalidade, a intimidade e o significado sincero das minhas palavras.

«Estamos em pleno contraste. V. um portuguez romantico, eu um peruano boçal.

—Não exageremos...

—E' facto. Mas veja bem, a semelhança que ha entre nós, as nossas raças. Ponhamos as vossas almas ao lado das nossas almas e confrontemos. Nada de diferente. A mesma ideia romantica, poetica, idealista. A mesma ancia de horisontes novos em que a arte possa expandir-se para bem de todos, a mesma forma de pensar, de viver, de governar?

Eduardo Herrera fala despreocupadamente. A sua palavra é eloquente e o seu gesto grandioso.

—Portugal e Perú estão perfeitamente irmanados, são estas as palavras sinteticas e basilares, não é?

—Ora pois. V. compreende-me, v. atinge quanto eu imaginava. Era essa ideia que eu fazia de si quando me falaram dos seus versos.

—Titubiei. Oh! não falemos disso. Versos simples, despretenciosos.

—Gosto deles, sabe? Interesso-me por tudo quanto seja portuguez, mórmente quando se trata de assuntos de arte. Creio não haver nenhum escritor portuguez,—dos mais consagrados, é claro,—que eu não tenha lido. Por todos a mesma admiração e para todos um pouco da minha alma de artista e prosador.

Haverá, em parte alguma poeta tão grande em toda a sua extraordinaria pujança de artista, como Guerra Junqueiro, esse velho romantico e idealista que conquista a alma, atrai os corações!

Ha treze anos que estou em Portugal. No meu paiz era jornalista. Aqui sou consul quando querem, mas a minha especial predileção, quasi profissão, tem sido o estudo. Estudar a modelação dos homens e das coisas, as feições da arte e da sciencia, e, digo com toda a pujança dos meus pulmões: Adoro Portugal! E' ainda a minha alma que se expande em esfusiante alegria quando grito bem alto um bravo aos aviadores portuguezes que dir-se-ia recapitularmos extraordinarios feitos de Cabral e Gama.

Mas já que falavamos dos escritores portuguezes não percamos o fio da conversa.

—Conhece todos?

—Conheço ou creio conhecer, atravez as suas obras. Pessoalmente não conheço nenhum. Tenho lido todas as obras de Herculano, e Oliveira Martins, Camilo e Eça Queiroz, um pouco de Marcelino Mosquita e dos modernos aprecio imenso Julio Dantas, Augusto de Castro, Fialho de Figueiredo e Henrique Lopes de Mendonça.

Acompanho e aprecio o movimento dos novos e ha nomes que prometem.

—Falemos um pouco do seu paiz. Literato por excelencia, v. pode dizer-me muitas coisas.

—Sim o Peru tem uma vasta cultura intelectual. A sua maior gloria é esse extraordinario nome de Santos Chocano e logo adiante poderemos mencionar Luiz Fernandes Cisneros, Joseph Galvez, Ricardo Palma, Filipe o Clemente Pardo e na historia tem-se consagrado José de la Riva Aguero e Gonzalez Prado.

O filosofo Francisco Garcia Calderon tem uma vasta biografia, e é uma rara inteligencia do meu paiz. São deles as explendidas obras: «Hombres y ideas de nuestro tiempo», «Democracias latinas de America», «El dilema de la guerra».

No Perú ha tambem um grande orador que a America do Sul aprecia extraordinariamente. E' Mariano Corvejo. Quando ele fala na sua palavra eloquente e mascula, no seu gesto grande e largo, as multidões escutam-no com a alma suspensa dos seus labios.

Em pintura, temos no Peru o grande nome de Merino, capaz de rivalisar com Malhoa, Enso, Bacelfor, e grande artista peruano que com seus quadros pujantes de talento conseguiu enriquecer e hoje está milionario. Não esqueçamos tambem os grandes talentos de Hernandez, Agurto, Munica, o celebre autor da «Ollante» quadro historico, episodio dramatico do tempo em que os zincaros dominavam no Peru.

Por aqui já V. pode fazer ideia do que é essa pleiade brilhante de homens do Peru.

E' verdade que a sua cultura vai em especial da França mas os peruanos sabem alongar até ao inverosimil as ideias que lhes brotam do cerebro e é por isso que a arte se intensifica cada vez mais e cada vez melhor.

Um calice do Porto.

—Viva Portugal! Os escritores, os jornalistas, os aviadores lusitanos!

Muchas gracias douctor!—titubiei no meu fraco espanhol.

—Oh! Não! Fale na lingua castiça de Camões!

—Viva o Peru lidimamente representado na vossa distinta personalidade!

—Viva!... E os calices entrechocam-se, confundem-se no mesmo ideal na mesma fé, nos mesmos sentimentos.

A entrevista estava terminada, mas não nos damos ainda por satisfeitos, na ancia sempre crescente, na avidez insatisfeita de saber de perto a vida das grandes nações que florescem na America latina lamentavelmente desconhecidas quasi, neste pedaço abençoado da Europa.

Procuro saber tudo. Insisto, interrogo, e numa curiosidade natural de jornalista, entro a conversar na vida comercial, em tudo quanto possa interessar a Portugal.

O Peru é rico, tem minas de ouro, de prata, de cobre, de wolframio, exporta para a França, para a America do Norte, para a Italia e Inglaterra grandes quantidades dos seus melhores produtos que são, alem dos já apontados, a lã, o algodão, a borracha, a carne congelada, o gado bovino, e as frutas.

Estas exportações que na sua totalidade são sensivelmente superiores á soma das importações, porque o Peru pouco ou nada importa, aumenta consideravelmente a riquesa nacional. Alem de os produtos peruanos serem bastante apreciados no estrangeiro, acresce as boas condições em que eles se podem ali adquirir porque os impostos são diminutos e os mercados vastissimos. Com a exportação feita pelos mercados do Peru tem aquela republica progredido bastante e como essa exportação tem aumentado nos ultimos anos mostram-o as estatisticas da alfandega de Lima, a capital da republica. Em 1914 a importação dos principais produtos deu a totalidade de 24.000.000 de libras e no ano de 1921 a soma da importação atingiu 46.010.000 libras.

—E acha V. oportunidade em negociar qualquer acordo comercial entre Portugal e o Peru?

—Deixe-me dizer que um acordo ou tratado comercial é sempre importante porque do comercio entre si é que estão hoje vivendo muitas nações europeias. Um tratado que porventura viesse a realisar-se com Portugal teria uma importancia muito particular, porque os produtos portuguezes são extraordinariamente apreciados no Peru; não só os vinhos do Porto, Madeira e Douro, como tambem as conservas, a cortiça, etc.

Um cigarro! Aceitamos. Um relogio soluça ao longe as cinco horas da tarde, a hora do chá, a hora das confidencias, a hora das promessas e das alegrias e entre efusões de amisade e a promessa de lá voltarmos assim nos retiramos do elegante palacete do Campo Pequeno.

Maria Walcamp
= NAS =
Garras do Dragão

Maria Walcamp, a famosa interprete do «Az de Oiros» e da «Luva Vermelha», tão discutida pelos principais empresarios da America do Norte, onde as suas belissimas faculdades de artista são pagas a peso de oiro, vai reaparecer no lindo ecran do Salão Central.

O novo film, intitulado «Nas garras do Dragão», em 12 episodios, 24 partes, alem do seu entrecho cheio de novidade, dando logar ás mais extraordinarias aventuras da intrepida artista, muito deve agradar á curiosidade do nosso publico, por ser passado no Japão, na China, nas Filipinas e nos Estados Unidos.

Não se trata de cenarios apropriados, mas sim dum conjunto de dificeis viagens empreendidas por Maria Walcamp para o desempenho de «Nas garras do Dragão», o ultimo dos seus grandes sucessos.

O Salão Central veste hoje soberbas galas com a apresentação da soberba pelicula, devendo a sua estreia realisar-se na «matinée» e repetindo-se no espectaculo da noite, acompanhada do comovente drama em 6 partes «O botequim da Fronteira», que o publico recebeu com o maior agrado.

A palavra dum chefe vermelho

Rakovsky, descreve a evolução do bolchevismo e afirma que ele constitue um governo pacifico e estavel : : :

A personalidade do russo Rakovsky prestigia-se com tres titulos; presidente dos Soviets e comissario do povo em Kiev capital de uma republica de quarenta milhões de habitantes membro do conselho central em Moscou, o que quer dizer ministro, e delegado da União dos Soviets a Genova.

Jules Sauervein o correspondente do «Matin» de Paris, conversou ali com Rakovsky, longamente durante toda uma noite. Afirma Sauervein que o seu famoso interlocutor era descendente de uma culta familia revolucionaria, de Dobroudja, foi educado com recursos e nada tem da ironia corrosiva de um Radek Gentleman de maneiras finas, com uma feição romana nos traços delicados e imperiosos, fixa-nos, falando um estranho olhar ao mesmo tempo duro e persuasivo.

Rakovsky tem um grande cuidado de medir as suas expressões e de precisar o seu pensamento com detalhes documentados. Fala fluentemente o francez: fez os seus estudos em França.

Conversaram Rakovsky e Sauervein sobre a Conferencia de Genova, em que ele ao lado de Titcherine e outros representa a Russia de hoje e as suas declarações ao correspondente do «Matin» revestem-se duma importancia invulgar.

Extraimos do artigo de Sauervein os topicos mais interessantes:

Que contêm as condições de Genova? Oferecem garantias á Russia e as pedem. Das garantias solicitadas, eis o que lhe direi:

—Nós já modificamos ha um ano a nossa legislação. A comissão extraordinaria está em via de desaparecer e os crimes e delitos, tantos politicos como de direito comum, são cada vez mais afectos aos tribunais ordinarios.

A PROPRIEDADE PRIVADA

A propriedade privada existe: com efeito, em lugar das apreensões violentas que se faziam contra os civis, nós mantemos agora um imposto de tal natureza, segundo a fertilidade do solo, o numero de membros da familia e a extensão da propriedade. O resto, necessario ou superfluo, pertence ao civil, que, desde que o seu imposto esteja pago, comercia á vontade e vive em paz.

A nossa industria é organizada em *trusts*. A' testa de cada um destes *trusts* está um conselho que procede como uma pessoa juridica. Estas pessoas fazem entre si o comercio. As reformas foram feitas não com o cuidado preventivo de agradar aos capitalistas estrangeiros, mas porque ao comunismo da guerra sucedeu naturalmente um regimen de paz que permite transacções com os Estados não «sovieticos».

Eu não quero absolutamente, continua o enviado russo, que me acusem de traçar um quadro idilico a respeito de uma situação cheia de dificuldades. Nós temos na Ukrania cinco governos sobre doze devastados pela fome, assim mesmo, porém, fizemos um verdadeiro progresso adoptando a nossa organização socialista.

A AUTORIDADE SOVIETICA

A autoridade sovietica é tão incontestada na Ukrania como na Russia. O mundo inteiro, demais, poderá felicitar-se por estarmos nós lá, pois que se, por desgraça, nós desaparecessemos, a Russia seria mergulhada num caos, de que a propria idade média não oferece exemplo.

Em Genova, trata comnosco para nos impor condições incompativeis com a nossa existencia politica, tratarem-nos como a uma colonia, e por isto nada de estavel vei-o da conferencia, nem ela aproveitará a ninguem. Ao contrario se comnosco tivessem procedido como deante de um Estado soberano e indispensavel ao restabelecimento economico do mundo, nós poderiamos com os nossos recursos satisfazer os desejos de todas as potencias..;

A RIQUESA DO SOLO RUSSO

Os nossos bosques são imprescindiveis á Inglaterra, as nossas minas petroliferas, de que a França tem necessidade, o carvão, o manganez, do qual temos o monopolio, o minerio de ferro, tais são as riquesas que os tecnicos franceses conhecem, e com o que nós poderemos formar uma base de garantias para quaisquer operações comerciais com a Russia.

Antes de sonhar com o estreitamento de relações franco russas é mister imaginar qual tem sido a situação do paiz dos Soviets durante quato anos: seis milhões de homens arregimentados, quinze apreensões na Russia, sete na Ukrania. E todas essas massas atiradas duma frente a outra, sem transportes.

Os camponezes estavam arruinados e aterrados pelas atrocidades da guerra civil, e com isto crescia a sensação de imperialismo que pairava sobre as nossas cabeças. A quem atacamos? Desafio que me respondam.

AS DIVIDAS

Defende-mo-nos e eis tudo. Eu creio poder afirmar que em todos aqueles complots contra nós, a França foi a alma. Ha uma explicação. O governo francez esteve convencido de que nós poderiamos entrar em combinações hostis ao seu paiz.

Hoje, nós podemos entender. Não vejo um unico ponto de possivel choque no mundo entre os dois paizes. Vejo, ao contrario, boas oportunidades para a prestação reciproca de serviços. Mas ha uma questão de dividas: é necessario que ela seja resolvida praticamente, com um espirito de realismo e não de chicana.

O que é verdade, é que a relevancia economica e o pagamento das dividas devem seguir paralelamente, e que se essa questão se regular rapida e comercialmente, por meio de contratos, nós pagaremos sem dificuldades, dentro da medida de nossas forças.

E' preciso que tenhamos a felicidade de persuadir a França de que nunca fomos nem seremos inimigos, e que a União das Republicas sovieticas forma, da Ukrania ao Oceano Pacifico, um governo estavel, com o qual se pode entender e trabalhar.

Benjamim Chaves

Faleceu esta madrugada o sr. Benjamim Chaves, antigo sub-inspector das Alfandegas, pai do sr. Benjamim Chaves, oficial do Ministerio da Agricultura, avô do sr. dr Pedro Roberto Chaves, assistente da Faculdade de Medicina, cunhado do sr. Camelino Pedro Roberto da Cunha e Silva, director geral dos serviços florestais, sogro e tio dos antigos ministros da Marinha e Finanças srs. João Manuel de Carvalho e Francisco Rêgo Chaves.

Era natural da ilha Terceira, contava 84 anos e estavá muito relacionado em Lisboa, onde a sua figura interessante era sempre bem vinda. Foi, a par de pianista muito distinto, um dos primeiros jogadores de bilhar, em cujo meio o seu nome era citado.

Deixa viuva e filhos, aos quais damos os nossos pezames. Não ha convites para o funeral, que se realiza ámanhã, pelas 5 horas, para o cemiterio oriental, de casa de sua residencia, na rua da Penha de França.

Em poucas linhas

Silvina dos Reis, rua do Arco do Limoeiro, 44, 1.º, queixou-se que Henrique Carlos de Albuquerque, morador com a queixosa, lhe furtou uma pele de raposa, no valor de 180$00.

—Ana Joaquina, rua do Guarda-Mór, 20, 1.º, queixou-se que no dia 20 do corrente, os gatunos, aproveitando a sua ausencia, entraram na sua residencia e dali levaram artigos de vestuario no valor de 174$00.

—Foram presos Antonio Augusto, rua da Bempostinha, 74, 1.º e Carlos Luiz, rua da Rigueira, 73, 1.º, por haverem furtado um pacote de talheres no valor de 103$36 a Manuel Joaquim da Silva, com estabelecimento de vidros e louças na rua da Palma.

—Pelo sr. governador civil foi nomeado para proceder a um inquerito aos actos do administrador do concelho de Cintra, o sr. Aurelio Neto, chefe da 1.ª repartição do Governo Civil de Lisboa.

—Recolheu a um dos calabouços do Governo Civil, Arnaldo Luiz Nunes, rua Victor Cordon 24, que burlou em 2.100 escudos o seu patrão Castanheira Amorim, rua da Rosa, 44, 1.º O Nunes fora encarregado de ir receber umas contas e uma vez de posse do dinheiro gastou-o em seu proveito.

ULTIMA HORA

PARLAMENTO

Nos Deputados

A SESSÃO DE HOJE

E' o sr. Nunes Loureiro quem preside á sessão de hoje, que foi aberta, com 48 legisladores, ás 15 horas.

A sessão não oferece interesse, a não ser que surja algum incidente imprevisto. Antes da ordem continua a discussão do projecto de lei aumentando os emolumentos do registo civil; em seguida continuará o debate acerca do orçamento do ministerio da Guerra. Ambos os assuntos são aridos, incapazes de emocionarem quem quer que seja. Neste momento, por exemplo, discursa copiosamente o sr. Diniz da Fonseca, da minoria catolica, que reclama, é claro, que se restituam á Igreja muitas, senão todas, as regalias que lhe foram subtraidas pela lei de separação da Igreja e do Estado. O discurso é pronunciado atravez da desatenção quasi unanime da Camara.

A Mesa recebeu um atencioso convite da Associação dos Empregados do Comercio afim de que os representantes da Nação se dignem comparecer nas festas com que a Associação comemora o 50.º ano da sua fundação. Os festejos realisam-se como é sabido no dia 28 do corrente.

ORÇAMENTOS — PROPOSTAS DE FINANÇAS

E sr. Domingos Pereira está na disposição de acelerar tanto quanto de si dependa a discussão e votação dos orçamentos e propostas de finanças. A este proposito se diz que o ilustre Presidente da Camara dos Deputados presentiu alguns possiveis atritos dentro do seu grupo politico, onde não faltava quem insinuasse que a Camara, no seu funcionamento, não recebia, da parte da presidencia um influxo acelerador bem acentuado Afim de que cessem por infundadas e injustas tais suspeitas, o sr. Domingos Pereira está na disposição de utilisar todo o tempo possivel nas discussões e votações parlamentares, marcando sessões diurnas e noturnas sem excepção de sabados e domingos.

E' quasi certo que os orçamentos estarão votados até 20 de Junho. Mas as propostas de finanças? Eis o escolho fatal! Se for possivel—e o Governo faz nisso empenho—as propostas entrarão em discussão, mas é muito duvidoso que elas cheguem á altura das votações. Antes disso...

ORDEM PUBLICA

Apesar dos boatos que tem circulado, supomos que o Governo não tem apreensões acerca da estabilidade da ordem publica. Entretanto é certo que ainda não sofreu encerramento, mesmo temporario, a questão da melhoria da situação economica dos oficiais de mar e terra e suas familias. O que se está ainda procurando é uma solução imediata, que encontra insuperavel resistencia no sr. ministro das Finanças e no Director Geral da Contabilidade Publica, sr. Ricardo Malheiro.

ENCERRAMENTO DA SESSÃO LEGISLATIVA

Se for possivel liquidar, até fim de junho, as questões orçamentais e tributarias, o congresso adiar-se-ha para 2 de dezembro. Os srs. ministros da Justiça, Comercio e mesmo todo o Governo empenham-se ainda, pela resolução doutros problemas, como o do inquilinato e dos Transportes Maritimos do Estado. E' todavia, duvidoso que tudo isto se consiga. Cremos que a questão do inquilinato hade criar gravissimas dificuldades, se é certo, como se diz, que os proprietarios dos predios urbanos ficam autorisados a elevarem despropositadamente as rendas.

Deram-nos a proposito, o seguinte exemplo: quem, em 1914, pagava 8 escudos pela casa que habita, passa a pagar uns 50 escudos.

Se é assim, não sabemos. Mas, se é inutil se torna acrescentar, á noticia, o menor comentario acerca dos resultados provisorios.

Ao sr. Diniz da Fonseca segue-se, no uso da palavra, o sr. Amadeu de Vasconcelos. Durante a discussão o sr. Amadeu de Vasconcelos leu á Camara uma certidão firmada pelo sr. Adelino d'Oliveira Pinto Furtado, conservador do registo civil da freguesia de S. João da Praça, de Lisboa, onde se diz que F... foi batisado, «sendo madrinha N. S. da Conceição, solteira, de profissão domestica, prima do batisado e moradora na casa do dito»; no final da certidão disse que «a madrinha não assina por não saber escrever». A Camara riu e nós tambem.

No Senado

Preside o sr. Gaspar de Lemos secretariado pelos srs. Pessanha das Neves e Fernandes de Almeida. Aprovam a acta 32 senadores.

Na mesa é lido um oficio da Associação dos Empregados do Comercio de Lisboa, convidando os senadores a assistir á solenisação do seu 50.º aniversario.

O sr. Vasco Marques chama a atenção do sr. ministro do Interior para a maneira irregular como se pretendeu fazer o acto eleitoral em Camara de Lobos. Refere-se tambem á maneira ilegal como no Funchal são passadas guias de transito para farinhas.

O sr. ministro do Interior promete tomar providencias imediatas.

O sr. Tomaz de Vilhena, volta a referir-se ao facto do sr. Governador Civil de Castelo Branco acumular aquele cargo com o de presidente da Junta Geral daquele distrito. Combate energicamente a jogatina que ali se faz, sendo de opinião que ela não seja regulada mas sim reprimida.

São 17 horas e não ha ordem do dia. A sessão continua.

UM ASSALTO

Na Azinhaga da Fonte do Forno foi hoje de madrugada assaltado por dois audaciosos larapios, Manuel Joaquim Pires, residente em Bemfica. Os assaltantes manietaram e amordaçaram o Pires, roubando-lhe depois das algibeiras uma carteira com 500 escudos, o relogio, a corrente, tendo-lhe ainda roubado o casaco que levava vestido.

Apóz a proeza os gatunos puzeram-se em fuga e o roubado dirigiu-se ao Governo Civil afim de apresentar a competente queixa.

"O Raid,, Lisboa-Madrid

Regressam ámanhã a Lisboa os aviadores portugueses que tomaram parte no raid Lisboa-Madrid.

Os intrepidos aviadores são esperados no Campo da Amadora, das 10 para as 11 horas

O serviço da Companhia dos Telefones

Consta que vai ser oficialmente recomendado ao respectivo comissario do Governo que chame a atenção da direcção da Companhia dos Telefones para as continuas irregularidades praticadas pelas telefonistas das duas estações, especialmente da do norte.

Com os proprios serviços dos Ministerios, as telefonistas descuram os seus deveres, ou não prestando atenção ás chamadas, ou fazendo as ligações erradas, ou ainda interceptando abrutamente as comunicações, tal qual como sucede, em maior escala, com os particulares. Parece que será sugerida á companhia a necessidade de serem substituidas por pessoal competente e cumpridor dos seus deveres as telefonistas que são incompetentes e desleixadamente estão procedendo.

Dos calabouços do Governo Civil fugiu hoje um preso

Evadiu-se esta manhã dos calabouços do Governo Civil conseguindo iludir habilmente a vigilancia do guarda de serviço, Mario Franco de 22 anos, preso como suspeita de ser o autor de diversas burlas que praticara, usando do truc conhecido pelo processo do «azeite», tendo numa das casas onde cometeu uma burla roubado um cordão de ouro com medalhas, no valor de mil escudos.

O Mario Franco, que tem já no cadastro 4 prisões por furto, é impressor e mora na rua das Salgadeiras 43, 1.º ou no Rio Seco, 10.

E' baixo, tem o rosto oval, tres sinais pretos na cara, faltando-lhe alguns dentes na frente e metade do indicador da mão direita.

Encontrava-se na cadeia do Limoeiro desde 7 do mez de Fevereiro findo, tendo sido hontem removido para o Governo Civil.

E' filho de José da Silva Escobar Franco, impressor na cidade do Porto.

Por algumas das burlas, que o evadido confessou, esteve preso no posto policial de Algés um nosso colega da imprensa, com o qual nada tinha.

A policia procura activamente o foragido.

Ecos & Noticias

CASAMENTO

Foi pedida em casamento pelo sr. Antonio Vicente Gregorio ao sr. dr Francisco Martins, a sr. D Maria Tereza Cid Palha Figueira Rêgo, filha da sr.ª D: Sofia da Conceição Palha e do sr: Antonio Luiz Palha Figueirôa Rêgo, já falecidos, abastados proprietarios em Runa, para o sr. Miguel Lopes, comerciante.

O enlace realiza-se no proximo mês.

Theatros e Cinemas

Agenda da semana

AMANHÃ—Nacional—7.ª recita de assinatura.
SEXTA-FEIRA — Politeama — Festa artistica de Angela Pinto.

Primeiras representações

EDEN TEATRO—El duquesito *tres actos pela companhia hespanhola*

A companhia hespanhola que funciona no Eden Teatro deu ontem ao publico da Lisboa a representação de uma opereta, «El Duquesito», que não é propriamente o genero que devem explorar a graça e a vivesa hespanholas. «El duquesito» embora se oiça com agrado é uma opereta desprovida de originalidade girando em volta dum motivo já muito conhecido e gasto por sucessivas tentativas teatrais. Os artistas do visinho paiz, que são sempre notaveis no seu genero nacional de zarzuela, encontram-se ligeiramente deslocados em operetas da indole do «El duquesito» muito embora seja de justiça acentuar a probidade do seu trabalho, devendo citarem-se a 1.ª «tiple» Lopez e Pedro Barreto.

Primeiras exibições

A ATLANTIDA. *Film em duas jornadas por Jacques Feyder, extraido do romance de Pierre Benoit*

No proximo sabado estreia-se no Coliseu o film francez «A Atlantida», cuja exibição nos foi oferecida amavelmente pela empreza, ha dias no Politeama.

André Brun, figurando no programa da «matinée», entre o pouco que quiz dizer, frizou o facto deploravel de não se passarem em Portugal as modernas fitas, ultimas maravilhas duma arte que não se sabe já até que limites irá.

Realmente, e este é o ponto principal a destacar perante a vinda a Lisboa de «A Atlantida», não se compreende como o nosso meio animatografico esteja tão escasso ainda, não acompanhando os progressos da grande arte; dificuldades certamente de toda a especie impedem que passemos dos «films» folhetins, das comedias inferiores dos primeiros comicos; talvez a ausencia de capitais ou iniciativas façam com que Lisboa não tenha um cinema moderno, um salão com todos os requisitos para a nova arte, e apenas apresente tres ou quatro corredores que em qualquer outra cidade europeia, para não dizer mundial, são casas de espetaculo de 2.ª ou 3.ª categoria. As boas vantades que tem emprestado ao cinema nacional o seu trabalho e o seu valor tem-se contentado com os lucros que a situação lhes dá, e quedam-se por ai. Mas o certo é que em cinematografia, vamo-nos atrazando, distanciando da vanguarda progressiva em que caminha a imensa industria da arte silenciosa.

* * *

Tudo isto vem a talhe de foice, por causa da «Atlantida». A «Atlantida» é da cinematografia franceza uma das mais recentes glorias. Depois do sucesso desproporcionado da obra estranha, curiosa, original de Pierre Benoit, só uma arte sem limites, de recursos imensos, só um enorme exercito de artistas podia pôr de pé, viver essa mesma obra. E' o triunfo do cinema, a maior prova da sua amplitude de criação.

A «Atlantida» posta em film por Jacques Feyder é para qualquer cinejista uma obra de arte. Seguindo par a par o romance, cheio duma verdade que é sempre rial, quasi sem scenarios senão os naturais, ajuntando aos sentimentos a côr e a hora, reunindo interpretes como Napderkouska, Mademoiselle Zribe as fisionomias explendidas de Jean Angelo, Melchior, Franceschi, tem o interesse duplo do que vale como «film» moderno, e do que representa como romance de amor, de seducção e de misterio.

Pode a «A Atlantida» para o nosso publico que não conhece a ousada fantasia criadora de Pierre Benoit, espalhada pelas paginas do seu romance, não ter o interesse que, ai cançou em França? Não o crêmos porque o «film» só por si é um belo romance para os olhos, uma historia fantastica, de aventuras de amor que toca o coração sem exprimir com o inverosimil grotesco e brutal da fantasia cinematografica americana de que estamos fartos.

Um oficial francez Saint-Avit destacado no extremo sul da dominação saharica, conto ao seu companheiro porque o capitão Morhange que partiu em missão pelo deserto não voltou.

Foi ele, Saint-Avit que o matou. A causa desse assassinio foi uma mulher, Antinéa, belga feiticeira, habitando um palacio no Hoggar, oasis unico que ficou da ilha Atlantida, depois do cataclismo que, nos inicios do mundo tranformou no continente africano os mares que a cercavam.

Morhange e Saint-Avit ficaram prisioneiros de Antinéa, a cujo podêr amoroso ninguem resistia. No seu palacio ha uma sala de Marmore vermelho, onde Antinéa coloca os corpos de seus maridos transformados em estátuas de ouro, depois de terem morrido ou loucos de paixão ou assassinados e um dia cahidos no desagrado.

Morhange resiste. E' por este que Antinéa se apaixona ferozmente, e leva Saint-Avit a matá-lo, exasperado de ciume, e dominado por um estupidificante.

Voltando assim, horrorisado, Saint-Avit foge; se não favorecido, pelo menos tolerado por Antinéa, que, consciente do enigma atraente de sua beleza, tem a certeza que ele, como os outros ha-de voltar. E justamente, depois da passagem por Paris, a atração dos misterios e dos longes do deserto, levam Saint-Avit a partir novamente a caminho da Atlantida.

E' isto? Não. Isto é o magro esqueleto. Tudo se pode imaginar de curioso na vida torrida da Africa Central ali passa; pilhagem de Tonarega, incendio de cidades, morte de camelos, colunas de Spahis, crepusculos e alvoradas melancolicas, tudo é natural, lento, humano, verdadeiro. Que fica da «Vida», ao fim! E afinal é apenas a Arte aplicada a uma grande e bela fantasia.

A. F.

Nota do dia

Diariamente assistimos a inovações em coisas de teatro, que, com franqueza, somos forçados a comentá-las, tal o ridiculo que nos acarretam. E' o caso do cartaz reclame que os varios jornais publicam sobre as peças que amanhã subirão á scena no Teatro Nacional.

Pelo facto da sr.ª D. Branca de Gouta Colaço se estreiar como autora dramatica, do seu nome não ser o de uma pessoa desconhecida nas letras e da sua posição e relações sociais não serem factores para despresar, tratou-se imediatamente de procurar tirar o melhor partido possivel do caso e vá de anunciar a *première A*, a *premiere B* e a *premiere C*. E' de gargalhada! Como se fosse possivel haver mais do que uma primeira representação! O que é deveras lamentavel é que o facto se dê no Nacional, que não tem o direito de troçar com o publico e que as entidades que superiormente o dirigem consintam em transformar o teatro oficial num *balcão* de negocio.

ALVARO LIMA

Noticiario

Entre nós

◆ Com um acto de variedades e a ultima representação da opereta «A Boneca», realisam hoje no S. Luiz, a sua festa anual, os cronistas daquele teatro, Vasconcelos e Sá e Mota Marques.

◆ A companhia Amelia Rey Colaço está ensaiando a peça «O segredo» que subirá á scena após as representações de «O Regresso» de que se fará reprise em festa de Angela Pinto, na proxima sexta feira.

◆ A companhia Lucilia Simões no seu regresso do Brazil, tenciona pôr em scena, as seguintes peças: «Après moi», de Bernstein, «La danse devant le miroir» de François de Curel e «Gioconda» de d'Annunzio, contando Erico Braga que, devido á influencia de Antonio Ferro, o autor desta ultima venha a Lisboa fazer uma conferencia.

◆ No Coliseu dos Recreios, realisa-se amanhã a estreia da cançonetista mexicana e transformista original senorita Zorondo La Bella que de passagem por Lisboa, regressada da America do Norte dará apenas um unico espetaculo. As transformações serão feitas á vista do publico.

Publicaremos amanhã a critica da revista que hontem, subiu á scena no Chiado Terrasse, do nosso camarada Alvaro Lima.

Cartaz do dia

Teatro de declamação

POLITEAMA—A's 9,30—«Azas quebradas».

Teatro musicado

AVENIDA—A's 9,15—«A Perola Negra»
APOLO—A's 9,15—«Belo Sexo».
EDEN TEATRO — A's 9 —«La Marcha de Cadiz» e «El Nino Julio». Companhia espanhola.
S. LUIZ—A's 9—«A Boneca» e um acto de variedades.
SALÃO FOZ—A's 8,30 e 10,30—«Piparote».
CHIADO TERRASSE—A's 8,30 e 10,30—«Tiro ao Alvo».

Animatografos

OLIMPIA—Rua dos Condes
CINEMA CONDES—Avenida da Liberdade
SALÃO CENTRAL—Praça dos Restauradores

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações
Londres, cheque	4 3/16 — 4 1/18
» 90 dias	4 5/16 — —
Paris, cheque	1163 — 1200
Suissa, cheque	2460 — 2540
Belgica, cheque	1076 — 1110
Italia, cheque	662 — 684
Berlim, cheque	42 — 47
Holanda, cheque	5005 — 5165
Madrid, cheque	2055 — 2113
New-York, cheque	12880 — 13290
Brazil, cheque	59 — 58
Austria, cheque	1 — 3
Noruega, cheque	2389 — 2374
Suecia, cheque	3327 — 3377
Dinamarca, cheque	2740 — 2791

Libras . . . . . 64$000 — 66$000

Salão da Liga Naval Portugueza

No proximo dia 28 realisa-se no salão da Liga Naval Portuguesa um recital de piano organisado pela sr.ª D. Adelaide de Lima Cruz e em que se apresentarão os discipulos desta notavel artista.

No programa, que é magnifico, figuram entre outros autores, Beethoven e Gluck.

A Provincia na "Capital,,

RIO DE MOINHOS (Abrantes)—Devem realisar-se nos dias 23, 24 e 25 de Junho proximo as grandes festas dos Taboleiros, as quais são iniciadas por uma alvorada de 21 morteiros, seguindo-se-lhe matança de bois destinando-se a carne a ser distribuida pelos pobres; vistosas cavalhadas, corridas de sacos, concurso de tiro aos pombos, missa a grande instrumental com sermão, procissões, kermesses, concertos musicais, fogo de artificio, preso, do ar e aquatico dos mais habeis pirotecnicos de Viana do Castelo, etc.

Estes festejos que ha muito se não realisavam pelo grande dispendio a que obrigam são levados a efeito devido á iniciativa particular.—(C)

MORTAGUA—O grupo dramatico de Tondela, sob a direção do sr. dr. Luiz Carlos, veio ontem dar um espetaculo no Teatro Club desta vila.

Subiram á scena as comedias «O Seguro de Vida» e «Quem Desdenha» que tiveram aplausos pelo desempenho que as principais figuras do grupo de amadores souberam imprimir aos papeis que lhe foram distribuidos.

No dia 18 de Junho tambem o nosso Teatro Club será visitado pelo grupo teatral de Santa Comba Dão.—(C)

MONTEMÓR-O-NOVO. — Acha-se vago o logar de Inspector Escolar deste circulo de Montemor. Esta vaga foi motivada pela reforma do inspector primario, sr. Antonio Justino Rodrigues de Andrade.

Ao sr. ministro da Instrução pedimos providencias para fazer preencher esta vaga.—(C)

Os ultimos ecos da Conferencia

O que dizem os delegados

Os derradeiros pormenores da conferencia de Genova são-nos dados pelas opiniões formuladas a seu respeito pelos representantes das nações.

Ouçamo-los, pois.

Barthou surge em primeiro logar.

Mostrou-se muito reservado, afirmando que preferia falar depois que tivesse estado em Paris. Contudo permitiu que, por ele, alguem falasse:

«Viemos a Genova com um plano bem definido: o dos principios de Cannes.

A delegação franceza veio aqui com o desejo de dar todo o seu concurso, o mais justo e o mais activo á conferencia e de não se deixar arrastar para fins que as potencias, que a convocaram, tinham procurado antecipadamente afastar.

«As comissões economicas financeira dos transportes e do trabalho elaboraram resoluções excelentes, em que a França se poderá inspirar.

A comissão politica, que tinha a mais dificil missão, não se sahiu de todo o mal.

Mesmo sobre a questão russa, um trabalho bastante sério se realisou. O contrato está feito».

Não são necessarios comentarios demasiados. As comissões economica financeira, etc., fizeram alguma coisa, no dizer do delegado de Barthou, mas a comissão politica... E como, em principio, não é possivel levarem-se a bom termo as soluções dadas aos varios problemas, que eram da competencia daquelas comissões estudar e resolver, sem que se solucione a questão maxima, que é, sem duvida, a questão politica... «nil novi sub sole».

Deve seguir-se a opinião da Alemanha. Vejamos as declarações de Wirth:

«A conferencia de Genova é uma especie de estatua antiga a que falta a cabeça e os pés. Seria um erro completal-a.

Entraremos na Alemanha com a esperança de que as nossas relações com a Russia serão cada vez mais estreitas.

Não temos as menores esperanças nos resultados de Haya».

E' desnecessario mais. Wirth é da nossa opinião: A conferencia de Genova não teve pés nem cabeça.

Por seu lado Rakowski, diz estar muito satisfeito com os resultados morais obtidos, visto que se criou uma atmosfera favoravel á aproximação dos povos, e afirmou:

«Não creio que o terreno estaja já bastantemente preparado para um acordo verdadeiramente pacifista. O primeiro passo está dado. Aguardemos agora Haya. Sob o ponto de vista interno e externo a situação melhorou».

Um optimismo proprio de russos, não é assim?

Para Lloyd George, «o resultado principal da conferencia consistiu na demonstração feita de que a Italia caminha firmemente com a Inglaterra para um fim comum».

E' pouco não é verdade?

Contudo, estas palavras dizem bastante.

Poucas são, na verdade, mas julgamol-as suficientes para perturbarem o somno a algumas nações.

SPORT

NOTICIARIO

FOOT-BALL

Vai terminar a epoca.

Os desafios de domingo, ultimos que a nossa Federação organisa, tem um duplo fim.

Caritativo e desportivo. Reverte a favor do Azilo de Cegos Antonio Feliciano de Castilho, da Escola-Oficina n.º 1, da Associação «O Enxoval do Recem-nascido» e do Fundo da Assistencia da Associação do Foot-Ball de Lisboa o produto liquido das entradas.

Os clubs correspondendo desinteressadamente ao apelo da Associação não esqueceram as pobresinhos.

São dois os desafios de domingo. O primeiro ás 15 horas entre o União Lisboa e o Sacavenense terá como juiz o sr. Ilidio Nogueira.

O segundo ás 17 horas entre o Sporting e o Bemfica será arbitrado pelo sr. Candido de Oliveira.

Não é necessario dizer quem são os jogadores de domingo. Bastará saber-se que o União e o Sacavenensa obtiveram no campeonato de promoção os primeiros logares, e que o primeiro entrou na 2.ª divisão vencendo o Casa-Pia Atletico, campeão de Lisboa em 1920-21; que o Bemfica é o detentor da Taça de Honra e o Sporting é o campeão de Lisboa na epoca que vai fundar.

Eternos rivais, vão decerto fazer um jogo como o de 7 de maio, que foi considerado o melhor da epoca.

TAÇA LUSITANIA

Desafios homologados de 21 do corrente: Fosforos empatou com Nacional 2 a 2; Bom Sucesso vence Ateneu 6 a 1; Bemfica vence Cruz Quebrada 9 a 1.

Desafios para 28 do corrente: Nacional contra Bom Sucesso, campo do Bom Sucesso ás 9 horas. Juiz sr. Antonio Ferreira da Cunha do G. S. C. Q.; Bemfica contra Ateneu, campo de Bemfica ás 10 horas. Juiz sr. Rui Costa do G. S. C. Q.; Fosforos contra Cruz Quebrada, Rampa Lumiar A' ás 17 1/2 horas. Juiz sr. Acacio Risques Pereira do S. C. P.

CAMPEONATO CIVIL E MILITAR DE SABRE

Realisa-se no dia 3 de Junho proximo o Campeonato Civil e Militar de Sabre que o Ginasio Club Portuguez organisa anualmente.

A inscrição é aberta a todas as salas de armas portuguesas a quem já foi enviado o respectivo regulamento podendo alguma que o não recebesse requisita-lo na secretaria do club, bem como os respectivos boletins de inscrição.

A inscrição encerra-se no dia 31 do corrente ás 23 horas devendo realisar-se a reunião dos delegados das salas concorrentes no dia 1 de Junho ás 21 horas.

A taxa de inscrição é de 5$00 por cada concorrente.

São concedidas trez medalhas sendo de vermeil para o 1.º e de prata para o 2.º e 3.º classificados e respectivos diplomas.

SPORT LISBOA E BEMFICA

Encerra-se no proximo dia 2, a inscrição para o concurso de Desportos Atleticos que se realisa nos dias 10 e 11 de Junho, organisado por este club.

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

PEDRINHO

por JULIO CESAR MACHADO

— Desta adoravel criança; de amor não sou digna!

— Que loucura! Que uns copos de Porto te apaguem essa ideia! Vamos ceiar ao botequim!

Quando Pedrinho tornou nessa noite a avistar a actriz, encontrou-a a uma mesa, cercada de homens, com quem ria, a gritar e a contender com os que passavam. Ao ver Pedrinho, tornou-se palida e escondeu a cabeça entre as mãos. A embriaguez a que chegara, porque o actor a obrigara a beber até se embriagar, não lhe riscara todavia da lembrança as feições dele, e ao reconhecê-lo, tremeu de vergonha e de raiva pela consciencia do estado em que se achava. Pedrinho deixou logo o baile, e na manhã seguinte escreveu esta carta á actriz. Pobre Pedrinho! Era a primeira vez que ele escrevia a uma mulher!

«E-me impossivel permanecer aqui, Margarida! O meu espirito acusa o meu coração, e é triste sempre o amor que a razão desdenha! Porque não pode a gente amar e detestar, quando quizer? Para que me está Deus condenando a um amor sem amor, e a um odio sem odio?! Conheço agora que irresistivel encanto me prende á sua voz e ao seu olhar... Mas, — pois que é preciso assim! — não tornarei a encontrar esse olhar, nem a escutar essa voz. Julguei que tinha esquecido tudo, vencido tudo. Louco! Quando a vi junto de mim, prestigiosa e sedutora, naquele traje de teatro, a minha paixão incendiou-se de novo pelo primeiro raio de luz que os seus olhos despediram sobre mim! Vence-me e prostra-me. Quando a minha alma se julga livre do amor, tento vê-la outra vez e encontro-me a amar de novo! Fraqueza é isto! E' força; força funesta do teu poder. Mas, teimar num amor assim, que ha de morrer ao aproximar-te, e nascer quando eu te vir na scena... Teimar num amor assim para quê? Adeus, e sê feliz! Pela minha salvação te juro, que te fujo por te adorar! Esta noite irei ainda ouvir-te, e depois nunca mais! Tenho na vida, como se tem nos campos, medo da altura em que se vê de mais perto o céu! Margarida, adeus!...»

Quando, á noite, criança imprudente, quiz ir pela ultima vez brincar com o fogo, o porteiro do teatro entregou-lhe uma carta com a recomendação instante de que a lêsse antes do subir do pano. Pedrinho voltou ao salão e leu estas palavras: — «Fique, e será feliz. A Margarida da noite da ceia ha de desaparecer para sempre, e cairá ao seu primeiro amor a frieza que lhe vivia na alma; porque Margarida é outra agora! Margarida ama! sofre! espera! Quero vê-lo esta noite depois do espectaculo. Se a sua obstinação fosse tão longe, que desdenhasse agora o amor que me acordou; se, apesar dos meus rogos, insistisse em partir, seria esta a minha ultima noite de teatro. No intervalo do segundo acto, mandarei procurá-lo á plateia. Dirá então a quem eu ahi enviar, se consente em ter dó de mim! Livre-me Deus que a resposta não seja marcar-me a hora a que devo esperá-lo depois da recita: o publico não me ouviria no terceiro acto.»

Pedrinho sentiu uma singular impressão por esta carta.

— Quem me diz que não seja chalaça de bastidor, aposta entre comicos que se propõem a rir á minha custa, se eu não partir depois do que escrevi?

Deu-se o sinal do erguer do pano, e Pedrinho entrou na plateia. Representava-se não sei que negro drama de conspiradores.

Margarida abria a peça por uma longa fala; a fraqueza e o abatimento, que se lhe revelavam nas feições, faziam supôr que convalescente apenas de alguma doença, que a houvesse afastado do teatro, deixara naquela noite o leito pelo tablado, e tentara a luta suprema da vontade contra a fraqueza fisica. Quanto mais palida se mostrava, mais negra profundidade tinha o seu olhar: quanto mais emagreciam as linhas da sua gentil fronte, mais deixavam transparecer o fogo sombrio da sua alma; e quando a inspiração chegou e a languidez se extinguiu a pouco e pouco, sairam daquele colo de cisne gritos e ais, que quebrariam um tronco de Hercules... Palpitante de amor, ebria, inquieta, delirante de raiva e de ciume, estremecia e elevava-se em agonias de gigante... Por um momento os seus olhos, aqueles olhos soberbos de voluptuosidade e de luz, pareceram procurar o lugar de Pedrinho e despediram sobre a criança um olhar suave, meigo, humilde, um doce olhar de esperança!

— Impossivel! disse Pedrinho a si proprio. E' impossivel partir se conduz para ti, não sei! Dir-se-ia que na tua fronte vejo brilhar a minha estrela!...

E, impetuoso e desvairado, ergueu-se e saiu. A actriz acompanhou-o com a vista e sentiu-se tremer de terror. Ele fugia-lhe!

Pedrinho vagou pela rua, como louco, e pediu á sua alma o animo e a fé! — Margarida! Margarida! dizia ele. Oh! deixa-me partir! A' semelhança das princesas encantadas, de que resam as lendas, perderias o encanto se um dedo te tocasse! E' a scena e a arte a tua vara de condão... Quando as luzes se apagam e o publico te abandona, continuo a vêr-te. Que instinto me-na, a tua vara magica quebra-se, como o poder instantaneo das fadas, que morrem ao nascer do dia... O imprudente que se atreve a fixar o sol, encontra a vista perseguida por um aterrador circulo escuro: pois sim! seja a recordação e a saudade o castigo de te haver amado! Ficar e vêr-te de perto, seria a queda do teu reinado: o meu amor é o trôno que te ergui, e a ilusão o reino em que te adoro; se saisses desse reino, perdias o trôno!

Um indefinido desejo, um vago presentimento talvez, pareceu conduzi-lo de novo ao salão do teatro.

Encontrou-o apinhado de gente, e, apesar de conseguir romper por entre os grupos e chegar até á plateia, ninguem encontrou ali. Os camarotes estavam desertos e o lustre principiava a apagar-se.

— A's dez horas! Mas, são dez horas! Pois é possivel que o espectaculo terminasse já?

Acabava de atirar esta pregunta ao primeiro vulto que topou, quando lhe apontaram para um anuncio em que encontrou estas palavras: «Por haver desaparecido a actriz Margarida, não é possivel continuar o espectaculo. O publico pode receber o importe dos seus bilhetes.» Ao lembrar-se então da carta que Margarida lhe escrevera, um terror subito se lhe apoderou do animo e as lagrimas do remorso escaldaram pela vez primeira aquele rosto de criança.

A actriz não havia prevenido ninguem do que planeara. A pobre rapariga saira num entreacto, escondida no velho capote de uma comparsa, e fôra, a pé, andando, andando, até chegar á humilde casa que a vira nascer e de que a sua alma havia tido saudades muitas vezes. A filha perdida voltava ao lar domestico, contrita e em lagrimas. Das suas pompas da scena, nenhuma memoria, nenhuma recordação levava: abandonara com os aplausos do publico os aneis e dadivas dos amantes: voltava pobre, desamparada e triste, como partira. A celebridade e os amores tinham sido para ela um sonho, e a infeliz, ao menos, acordou nos beijos de sua mãe!...

Quando Pedrinho voltou á Dos Negros, a senhora morgada recebeu parabens gerais das melhoras do menino. Ele falava, cantava e lia. Era a febre! O cura considerou-o salvo, quando lhe disseram que para em tudo estar mudado até já dormia horas inteiras. Fez-se uma festa em acção de graças e o sermão deu-o por pronto. Ninguem ali adivinhou que a criança era mais infeliz que nunca e que o sôno dos olhos é horrivel, quando o coração não dorme!...

Era possivel nesta situação, ainda, fazer dele um poeta: mas, a mãe mandou-o a Coimbra para alcançar doutor. O pequeno viu o Mondego e atirou-se ao rio.

FIM

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

N.º 4038—12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5

LISBOA — Quinta-feira, 25 de Maio de 1922

Telefone n. 2298—Endereço tel. CAPITAL | Oficina de Impressão — Rua da Bica, 71 | Preço 10 centavos

Perguntas insoluveis de toda a ...ncle:

...ará a politica portugueza ... caminho utilitario, de bom senso e de patriotismo?

Singularidades

Ha factos que não podem passar despercebidos em virtude da sua singularidade. O que se passou ha pouco, no Banco de Portugal, na sua sessão plenaria, em que se decidiu reformar os estatutos para se poder aumentar a circulação fiduciaria, e o que se passou hontem na Associação Comercial de Lisboa, tambem em reunião plenaria, para se analisar as propostas de finanças, pertence certamente ao numero desses factos.

No Banco de Portugal, perante uma assembleia de conspicuas e sabedoras individualidades representando desenas de milhares de contos, ninguem levantou a voz para a mais leve observação a uma medida, cujo fim é permitir que seja cada vez maior a circulação fiduciaria. Ninguem pediu a palavra para a discutir. Foi aprovada sem nenhuma especie de observação. E, todavia, estavam ali muitas pessoas que sabem perfeitamente para que abismo nos arrasta a continua estampagem de novas notas; já quasi inteiramente desprovidos de qualquer valor intrinseco. Quem sabe mesmo se, cá fóra, protestam indignadamente contra esse aumento! Mas na assembleia geral do Banco, nem um gesto, nem uma palavra de desaprovação. Com a cumplicidade de todos a chamada inflação fiduciaria ficou amplamente garantida.

Vejamos agora o que se passou hontem na Associação Comercial. Não tinha a direcção desse importante organismo nenhuma opinião assente sobre as propostas de finanças. Falaram varios oradores, uns condenando-as, outros aplaudindo-as; mas, exceptuando esses dois votos, nem um argumento de peso, nem qualquer alvitre apareceram que permitisse avaliar o interesse com que essa associação representante do comercio mais importante do paiz tenha seguido o formidavel problema financeiro e economico que oprime a sociedade portuguesa. Se no Banco de Portugal, tratando do aumento da circulação fiduciaria, foi singular o silencio em que a assembleia se manteve, na Associação Comercial não foram menos singulares a vacuidade mental, a falta de estudo, o manifesto desinteresse por uma questão de tamanho alcance como é a das propostas financeiras do governo.

Que quer isto dizer? A que conclusão devemos chegar depois de verificarmos estes estranhos factos?

Precisamente não o sabemos; mas dir-se-hia que, no fundo, tanto as entidades bancarias como os elementos comerciais estão satisfeitos com a situação actual. Umas até a agr vam, para um futuro proximo; os outros não tratam de a melhorar em cousa alguma. Insensibilisou-se o espirito ou paralisou-se o cerebro? Em qualquer dos casos, o paiz não pode contar com entidades que, de animo leve, agravam a sua situação, ou que com egoismo revoltante, deixam continuar um estado de cousas em que evidentemente prosperam.

Seja! Mas emquanto a especulação e a deshumanidade se confundem, o custo da vida assume proporções espantosas. Ha já em Lisboa muitos milhares de pessoas que não ganham para comer. Essa dôr é obscura, anonima. Nem por isso deixa de ser terrivel. E dia a dia ela vai conquistando terreno. Todos os dias aumenta a legião dos condenados do inferno social. Comtudo a verdade é que ela não tardará a fazer explodir consciencias atormentadas.

Grandes, tremendas responsabilidades, as dos que reduzem o universo ás suas pessoas. Como não sofrem supõem que não se sofre, ou que esse sofrimento nunca constituirá um perigo. Debalde a historia lhes narra catastrofes; debalde os acontecimentos lhes passam em frente. O que se pretende é que dure esta situação, cada vez mais correcta e aumentada: regabofe para uns, tortura para outros. Mas já não pode durar muito.

Coisas de Teatro

Os misterios da Casa de Garrett

Como um assunto de Arte pura e simples se pode transformar num caso de politiquice nacional

(Com vista ao sr. ministro da Instrução)

Falar da Casa de Garrett, que aos poderes governantes deveria **merecer**, como todos os teatros do estrangeiro, em identicas circunstancias, merecem dos respectivos governos uma atenção, um cuidado e um escrupulo dignos dos fins para que foi criado, é reacender uma velha fogueira de cujo rescaldo se evolam ainda, e sempre, malquerenças, inimisades, invejas e intrigas. E quando, como no nosso primeiro teatro de declamação, mercê dos interesses criados, do apadrinhamento de vaidades balofas e de uma politica mal intencionada, alguem ousa, serena e reflectidamente, dizer verdades, que outro fim não têm que o de zelar o bom nome do nosso teatro, cuja decadencia dia a dia vimos apregoando, justificada pelo consentimento passivo de tudo o que é irregular e por vezes deshonesto, êsse alguem é alvo, quasi sempre, de doestos, de sorrisos e de ironia e o menos que consegue alcançar é o odio dos alvejados, quasi sempre os impotentes.

Desde longos anos que a forma irregular por que tem funcionado o Teatro Nacional Almeida Garrett, regido por leis que, de cada vez que são actualizadas, mais escaninhos deixam para que aquela casa de espectaculos possa ser governada á margem do codigo, vem merecendo reparos de todos os que se julgam no plenissimo direito de procurar concorrer para o alevantamento da arte histrionica em Portugal. Como, porém, o pouco apreço que se liga ás coisas de arte, na nossa terra, foi sempre motivo impeditivo de uma subvenção por parte das estações oficiais, unica forma de, sem peias, autonoma e livremente se poder exercer a administração daquela casa de espectaculos, de maneira a dignificar a scena portuguesa, o nosso primeiro teatro de declamação não poderá jámais alcançar e conseguir o objectivo para que foi criado, desde que, apesar de todas as suas regalias, tenha de buscar fora um comanditario, que, comercialmente, procura, dentro do negocio que faz, auferir a maior soma de interesses materiais e morais ao capital empregado. E assim é que, seja quem fôr o gerente, dentro dêste circulo vicioso, ha de amoldar-se a exigencias, empenhos e amisades, relegando a um plano secundario o cumprimento restricto dos seus deveres, de nada lhe valendo a boa vontade e os bons desejos de acertar, visto que outras influencias mais categorizadas, em determinados momentos e sempre que se queiram exercer, neutralizam a acção benefica que, porventura, deseje infiltrar num meio que lha não aceita, que absolutamente lha repudia, porque é preciso acompanhar a evolução dos tempos e vivemos em pleno seculo XX.

Pertenço ao numero dos que, por mais de uma vez, tem procurado chamar a atenção do publico e dos governantes da Nação para o abandono a que tem sido votado aquele teatro, que pelas suas tradições merecia bem um profundo respeito e um pouco mais de disvelo e de carinho. Rejubilei com a nomeação do sr. Augusto Pina para administrador, confiado no seu esforço, aliado a uma boa vontade e a um *savoir faire* de que, seja dito em abono da verdade, tem dado provas na epoca prestes a findar.

Mas, como a politica, decididamente, para em tudo se imiscuir, resolveu defrontar-se com Garrett, começando por lá meter a sr.ª Mercedes Blasco, para acudir á sua situação angustiosa, quando é certo que, ha bem pouco tempo ainda, sendo ministro da Instrução o sr. dr. Vasco Borges, êste titular decretava, em identicas circunstancias, uma esmola pela Assistencia Publica á grande actriz Virginia, *gloria da scena portuguesa*, ha que vergar aos que, nesta terra, governando o paiz a seu belo prazer, entendem que em teatro um atomo apenas da sua inteligencia é mais que suficiente para pulverizar, reduzir ao nada qualquer obstaculo que se lhes depare, impedindo a satisfação de um capricho, de uma vaidade ou de qualquer conveniencia de partidarismo politico.

Ora, como não posso aceitar como bom êste principio, não tendo a pretensão de fazer vingar o meu criterio, limito-me a lavrar o meu protesto, chamando a atenção do sr. ministro da Instrução para os factos que vou relatar e lhe explicarão, de sobejo, as razões do meu artigo, feito com a consciencia do cumprimento do meu dever de critico, sem coacção, influencia ou pedido, seja de quem fôr, e a que me não prestaria.

O decreto que, presentemente, rege o Teatro Nacional é o n.º 5.787-C, de 10 de Maio de 1919, precedido de considerandos por tal forma judiciosos, que, ao lê-los, se tem a impressão de que a arte teatral portuguesa é qualquer coisa que profundamente interessa os poderes publicos. O artigo 2.º dêsse decreto reza o seguinte:

«A nova sociedade será constituida normalmente por 16 socios, numero que poderá elevar-se a 18 para a admissão de artistas de merito relevante, se o Comissario do Governo o propuzer, ouvido o Administrador e a assembleia geral dos socios.»

São presentemente societarios do Nacional os seguintes artistas: Brazão, José Ricardo, Joaquim Costa, Rafael Marques, Augusto de Melo, Luiz Pinto, Ilda Stichini, Maria Pia, Augusta Cordeiro, Laura Cruz, Palmira Tôrres, Jesuina Motilli, Albertina de Oliveira, Helena de Castro e Mercedes Blasco, ao todo 15 artistas, dos quais 9 actrizes e apenas 6 actores.

Parece, á primeira vista, que, devendo a companhia do teatro funcionar normalmente com um numero de 16 societarios, apenas existiria uma vaga. Mas não é assim, muito embora se procure falsear o espirito da lei com o fim unico de preterir direitos e não prestar a devida justiça a quem de direito.

Os srs. Eduardo Brazão e José Ricardo não podem ser considerados como fazendo parte do quadro ordinario do Teatro Nacional, visto que, sob proposta do respectivo Comissario do Governo, ingressaram naquele teatro como artistas de merito relevante. E assim é que os lugares preenchidos são apenas 13, para o que basta lêr o artigo acima indicado, e as vagas a preencher em numero de 3.

Nem outra interpretação pode ser dada á lei, desde que se saiba que os requerentes aos lugares vagos foram efectivamente informados, por quem superintende no teatro, de que eram essas as vagas que existiam, deixadas em aberto, como aliás é do dominio publico, pela morte de Pato Moniz e Lucinda do Carmo e pela saida de Lucinda Simões e Palmira Bastos. Quando mesmo não estivessemos dentro do são criterio, duas preguntas nos ocorriam. Porque não se poria agora em pratica um precedente já aberto? Torna-se ou não necessaria a elevação a 18 do numero dos societarios da Casa de Garrett? Certamente, o sr. ministro da Instrução não deixará de reconhecer tal necessidade, desde que o Comissario do Governo e o respectivo gerente o informem, como é seu dever, de que presentemente são escriturados daquela casa de espectaculos os seguintes artistas: Clemente Pinto, Jorge Grave, Luiz Leitão, Nascimento, Antonio de Melo, Artur Duarte, Teixeira Soares, Francisco Sena, Leopoldo Soares, Laura Hirsh, Irene Grave, Ana de Oliveira, Amelia Croner, Maria Helena, Acacia Reis, Maria Sampaio e Sarah Cunha, ao todo 17 artistas, mais do que o numero de societarios, perfazendo com êstes um total de 32 figuras! Ninguem compreende que qualquer teatro de declamação tenha necessidade de uma companhia de que não ha memória em Portugal, com grave prejuizo dos alunos da Escola de Arte de Representar, cujos direitos estão consignados no artigo 14.º do citado decreto de 10 de Maio de 1919.

Eu quero crer que o sr. ministro da Instrução ignora êstes factos e só assim se compreende que, da sua parte e apesar dos informes do Comissario do Governo e da boa vontade da Direcção Geral das Belas Artes, tais nomeações se não tenham já feito, pondo de parte empenhos pessoais e procurando tão somente dar ao caso a solução que se recomenda aos superiores interesses da arte, nomeando os artistas que, pelo seu merito, pelo seu passado e pelo seu trabalho, são dignos de ingressar no Teatro Nacional Almeida Garrett.

Estou informado de que requereram a sua nomeação as senhoras Laura Hirsh, Ester Leão, Irene Grave e os srs. Clemente Pinto, Samwel Diniz, Calazans, Artur Duarte e Jorge Grave. A minha opinião já ha dois dias a manifestei neste jornal, sem que dela se possa inferir menor respeito ou menos consideração pelos concorrentes, que, em minha consciencia e apesar do seu valor, que não contesto, devem ser protelados. Limito-me, portanto, a chamar a atenção do sr. ministro da Instrução para um assunto cuja resolução não deve obedecer mais que a um principio elementar de justiça, desprezando e deitando no cesto dos papeis velhos as cartas de empenho que lá lhe levarem os seus amigos e correligionarios.

E, se alguma duvida pode ainda existir no espirito de s. ex.ª, facilmente a pode resolver. Consulte o Contencioso sobre a interpretação a dar á lei e convoque o Conselho da Arte Dramatica para que êste se pronuncie sobre os meritos de cada um dos concorrentes, que é êsse um dos fins para que o mesmo foi criado.

ALVARO LIMA

"RAID" LISBOA-MADRID

Na chegada do avião «Vasco da Gama» o capitão Sousa Maia fala á "Capital"

Esperavam-se esta manhã, na Amadora os aviões que ha dias efectuaram a viagem Lisboa-Madrid. Com efeito, ás 9 horas e 40 minutos da manhã aterrava no campo do parque de Aviação da Amadora o avião «Vasco da Gama» tripulado pelo sr. Sousa Maia que esta madrugada levantou vôo de Madrid.

Por volta das nove horas da manhã o campo de «aterrissage» da esquadrilha começou a animar-se. Esperavam-se os aviadores proximamente pelas 10 horas. Algumas senhoras, manifestamente das familias dos aeronautas aguardavam tambem com justificada impaciencia. Se as circunstancias favorecessem a viagem de volta como haviam ajudado a viagem de ida, a tentativa Lisboa-Madrid não teria sido apenas uma expedição mas tambem um pouco um passeio agradavel.

Conversa-se animadamente por pequenos grupos. Céu azul, rutilante; um ceu para o vôo das aguias e dos aviadores. Uma ligeira anciedade risonha, começa a desenhar-se nas fisionomias. Um mecanico afirma convictamente:

—Ainda é cedo. Nunca poderiam ter saido de Madrid antes das cinco horas da manhã. Até ás 10 não é tarde, tanto mais que poderiam encontrar-se circunstancias imprevistas no caminho.

—Quais?

—Que sei eu? Um desarranjo no motor, uma orientação errada, nevoeiro...

—Com efeito.

Poucos momentos depois para as bandas de leste avistava-se um ponto negro no espaço avolumando-se a olhos vistos. Vozes exclamam.

—Lá chega o primeiro.

Um perito reconheceu-o logo. Era o aparelho Martin, denominado «Vasco da Gama» e tripulado pelo capitão Antonio Sousa Maia, comandante da esquadrilha «Republica». Com efeito dez minutos depois o «Vasco da Gama» aterrou com uma perfeita elegancia e do «capót» surgiu a figura alta e angulosa do notavel aviador, com o sorriso simples e despreocupado de quem acaba de acender um cigarro. Não tinha nada a aparencia de um homem acabado de percorrer oitocentos quilometros em dois pares de horas. Fresco e sempre risonho o capitão Sousa Maia abraçou e foi abraçado por varias pessoas. Eram justamente 9 horas e quarenta minutos da manhã—hora do pequeno almoço.

—Já quebrei o jejum... em Madrid —diz-nos o brilhante oficial. E agora vou almoçar... em Lisboa.

Encaramo-lo como se encara um homem que toma as suas refeições diarias em varios pontos do globo e é pontual a todas elas...

—E a viagem?

—Para lá magnifica. Um encanto. Uma «randonnée» triunfal. Viajámos quasi sempre de conserva, quasi que nos não perdemos de vista. Descemos em Quatro Vientos com pouquissimo intervalo uns dos outros

—E em Quatro Vientos?

—Recebidos por uma forma de que nem pode fazer ideia. Por muito que esperassemos da proverbial fidalguia dos nossos visinhos, a maneira porque nos acolheram ultrapassou as nossas mais exageradas previsões.

—Contam, provavelmente, retribuir a visita em breve, vindo até Lisboa?

—E' possivel. A aviação espanhola está trabalhando duma forma notavel. Como sabe é uma nova utilisação do engenho humano que progride de dia para dia a olhos vistos e que já está produzindo maravilhas. Os nossos visinhos espanhois trabalham afincadamente e posso garantir-lhe que muito em breve produzirão maravilhas.

—Mas vem só? Não houve desastre nos outros aviões?

—Absolutamente nenhum. Apenas uns ligeiros incidentes...

—Não chegam então os seus camaradas?

—Não. O aparelho pilotado pelo tenente Paiva Simões, tendo como observador o tenente Rodrigues Alves, teve de descer em Badajoz ou melhor, ao sul de Badajoz por causa do nevoeiro. Houve um acidente que reclama a ida de um mecanico.

—E vai seguir para Badajoz algum mecanico?

—Deve seguir.

—E o outro?

—No outro avião em que vinham os tenentes Ayala Montenegro e Pais Ramos respectivamente observador e piloto, houve um acidente um pouco mais importante. Ao norte de Caceres tiveram uma «panne» que os forçou a descer.

—Importante?

—De relativa importancia?

—E poderão proseguir viagem.

—Não. Os tripulantes deste ultimo avião terão de vir no caminho de ferro. E' preciso reparar o aparelho e não é facil faze-lo em condições, no local onde tiveram de pousar.

—E a sua viagem?

—Tambem não foi isenta de contrariedades. Em certa altura o meu motor começou trabalhando mal. Resolvi descer mas a dificuldade era encontrar sitio proprio. Um ponto luminoso que lobriguei na superficie do solo fez-me supor tratar-se dum sinal. Preparei-me para aterrar mas verifiquei pouco depois que se tratava duma simples fogueira. Estava na altura de Navalmoral, relativamente perto da fronteira. Mesmo com o motor escasso resolvi proseguir e de facto não tive de arrepender-me desta resolução. Algum tempo depois galgava a fronteira portuguesa—e cá vim parar.

—Vem satisfeito?

—Satisfeitissimo. Debaixo de todos os pontos de vista o nosso «raid» Lisboa-Madrid deixa-nos a todos excelentes impressões. Não só fomos recebidos por uma forma verdadeiramente carinhosa como já lhe frizei tambem, debaixo do ponto de vista tecnico e especialista a nossa digressão foi proveitosa.

—Saude?

—Magnifica.

—Disposições para outro «raid»?

—As melhores. Em breve.

—Cançasso?

—Nenhum.

—E' de ferro!

—Temperado.

—Bem. Obrigado. Adeus.

—Até á vista.

Coisas da China

Morticinio geral de todos os oficiais

PEKIN, 25.—O general vencido Chang-Tso-Lin ordenou uma execução geral dos oficiais do seu exercito, que completamente desmoralisado, fugiu para o norte.—(R.)

A politica Sul-Africana

Está preparando o terreno para o convenio luso-transvaliano

CABO DA BOA ESPERANÇA, 24.—O sr. Jagger, ministro dos caminhos de ferro, referindo-se ás vivas queixas feitas contra o tratamento defeituoso dado em Lourenço Marques ao carvão de exportação do Transvaal disse que o governo determinou obviar ao «handicap» do desenvolvimento da industria do Transvaal. Neste caso os portugueses seriam os primeiros a salientar os inconvenientes da medida adoptada, mas o governo está estudando o assunto e desse estudo resulta que seria desejavel a alternativa de crear outros portos no territorio britanico. Esta questão supõe-se ter constituido um dos traços salientes nas negociações entaboladas para o tratado que deve substituir a convenção de Moçambique a qual não faz nenhum progresso material.—(H.)

LÁ LONGE...

Moçambique hipotecada aos ingleses

Leiloam-se as ultimas pratas do fidalgo arruinado
Daqui a pouco nem a camisa do corpo nos fica, para recordação!...

E DEPOIS?...

Ha cerca de um mez que aqui demos a noticia de que o governo autonomo de Moçambique estava negociando um grande emprestimo externo. O nosso colega «O Mundo» confirma a versão, acrescentando que o sr. Brito Camacho não abandonará o Alto Comissariado sem ter realisado o empreendimento.

«O Mundo» esclarece as condições em que o negocio está sendo apalavrado. Ha consignação dos rendimentos aduaneiros, do imposto de palhota e dos rendimentos de emigração; o emprestimo far-se-ha em duas emissões, sendo a garantia hipotecaria dividida em metades, para cada uma dessas emissões; o capital é nominalmente de 5 milhões esterlinos, ao juro de 8 o/o e tipo de 84, o que significa que sómente 84 o/o do capital será entregue ao governo de Moçambique, sendo o restante absorvido, naturalmente, por comissões e outros encargos da operação; preceitua-se que todo o montante recebido será dispendido na Gran-Bretanha, por intermedio dos banqueiros que financiam o negocio.

Se as informações de «O Mundo» são exatamente a expressão da verdade—e não temos duvida alguma nisso, antes pelo contrario—a operação é simplesmente ruinosa para a economia da colonia mas—e isso é o pior—sugerem graves apreensões acerca da estabilidade do dominio portuguez em toda a provincia de Moçambique. Os principais rendimentos fiscais ficam entregues ao «controle» estrangeiro, o que pelo menos, é vexatorio; mas, ainda por cima, a colonia torna-se tributaria da Inglaterra, que passa a observar a parte mais importante dos rendimentos fiscais: a tutela pode transformar-se em senhorio. Tudo isto é extremamente grave.

Não sabemos o que pensa o Governo a tal respeito. Nem a respeito de coisa alguma. Pode ser que não pense nada. E' mesmo o mais certo. E, se um dia se resolver a pôr de lado os problemas momentosos do administrador de Alcabideche ou do regedor de Paio Pires, o Governo dirá, a um jornal londrino, algumas palavras confusas, que para cá serão reexportadas pelas agencias telegraficas. E' o costume. E costume desde que seja mau faz lei entre nós, como se verifica todos os dias. Pois, apezar disso e mesmo sob a pressão das querelas com que fomos ameaçados em pleno Parlamento, não queremos faltar ao dever de expor o que pensamos, embora com antecipado reconhecimento de que a nossa voz se perde no deserto da criminosa indiferença partidarista. Tal politica, tal governo!

Maniganciaram-se as Cartas Organicas. A reforma foi combatida por «A Capital». Este jornal nunca aceitou o principio autonomico colonial, não porque ele seja fundamentalmente mau, mas porque conhece excelentemente os homens e as coisas de Portugal. Adiante, que aguas passadas não movem moinhos. Realisada a autonomia, nomearam-se os Altos Comissarios, mandando-se para Angola o sr. Norton de Matos e para Moçambique o sr. Brito Camacho. Foram dois grandes erros, que vieram dar plena razão as apreensões que determinaram a oposição de «A Capital» Não foram nomeados Altos Comissarios os srs. Norton de Matos e Brito Camacho. O Alto Comissario de Moçambique é todo o velho partido unionista, reforçado com evolucionistas, centristas, lealistas e não sabemos que mais multidão; e o Alto Comissario de Angola é o todo poderoso partido democratico, sem excepção das aguerridas hostes que colaboraram no pronunciamento militar de 19 de outubro. Daqui se deduz, sem fazer um esforço mental capaz de provocar a admiração do ilustre deputado Capinha, que discordar do sr. Brito Camacho é atrair os vituperios dos unionistas, que nele teem um dos seus deuses lareiros; e não admitir que o sr. Norton de Matos é tão infalivel como o Papa é dar vazão á deleza dos seus correligionarios democraticos, que olham para o general como se ele tivesse sido deificado pelo sr. Sá Pereira, cuja qualidade de livre-pensador lhe dá singular autoridade para conferir tal investidura.

Os dois estadistas a quem a Republica entregou os destinos coloniais são intangiveis, embora os unionistas vejam com pessimismo a administração do sr. Norton de Matos e os democraticos não possam resignar-se a que o Governo de Moçambique não fosse entregue a um dos seus. Os dois poderes equilibram-se. Contra a Nação? Parece não haver duvida, no que respeita a Moçambique, se tiver confirmação a versão de «O Mundo».

Se não fosse o vicio original, herdado da monarquia, de sistematicamente se defender o que faz um chefe politico—ainda que ele seja, como o sr. Brito Camacho, um grande homem incompreendido — o Governo teria, na letra e no espirito das Cartas Organicas, o suficiente para exercer um direito, mesmo que ele chegasse ao extremo de opor um veto ás deliberações dos Altos Comissarios. Recorda-nos que existe, nos diplomas que deram autonomia ás colonias e que, «ipso facto», lhe negaram a independencia, um artigo facultando ao ministro das Colonias o direito de fiscalisação sobre os Governos de Angola e Moçambique. O Governo, pelo ministerio das Colonias, pode intervir neste caso do emprestimo a Moçambique. E, acima dos governos quer metropolitano quer coloniais, está o Parlamento, que pode avocar a si o exame da questão, antes de escrita a ultima palavra e aposta uma irrevogavel assinatura contratual. Não faltam, pois, remedios a aplicar. O pior, porem, é que os liberais faziam questão da infalibilidade dogmatica do sr. Brito Camacho, como semelhantemente aconteceria com os democraticos se, por acaso, se tratasse do sr. Norton de Matos. Assim com tais costumes e tais homens, não sabemos que futuro nos espera. Acabaremos por nos resignar a imitar um qualquer simio da Guiné que, prestes a afogar-se, deita as mãos á cabeça, abre escancaradamente a bôca e deixa-se ir para o fundo, para acabar mais depressa?

Ao sr. Comandante da Policia

Senhor!

Temos reclamado. Para punir esta execravel audacia de erguer a nossa voz, fomos punidos implacavelmente com o abandono da Praça Luiz de Camões, abandonada pela policia aos selvagens do Ocidente.

Baixando o tom, pedimos, pedimos com humildade, com abjecção: policia, senhor! policia para a desventurada rua do Norte! Em italico e em primeira pagina suplicamos afflitivamente. O sr. Carrão de Oliveira adefriu o nosso pedido rastejante e angustiado. Mandou um policia, Jesus! mandou um policia!...

(Dois minutos de silencio em memoria dêsse policia martyr...).

...Mas depois retirou o policia. Nunca mais os nossos olhos afogados em melancolia tornaram a vêr êsse esteio da ordem, êsse templo de moral!... Desapareceu dêste mundo, onde as mais belas coisas têm o peor destino.

E agora, de novo desprovidos de policia, com a rua do Norte e a Praça de Camões infestadas de garotada, gemendo e chorando neste vale de lagrimas, como havemos nós de pedir? Não! Nós já não reclamamos; nós já nem mesmo pedimos: nós apresentamo-nos em silencio, mudos, espectrais, liridos, pedinchando apenas com os olhos marejados de um pranto ineficaz. Um policia, senhor! Um «policia» Mesmo que seja empalhado! mesmo que seja de papelão! Tudo serve desde que afugente a garotada que vem jogar o foot-ball para a nossa porta. Não é um pedido, senhor! Não é uma reclamação, senhor! E' um urro, senhor! é um simples urro de martyres abandonados por V. Ex.ª!

Os novos impostos

Do nosso colega «Comercio do Porto»:

Em Portugal todas as dificuldades financeiras do tesouro publico se resolvem pela criação de novos impostos. Poucos paises, na verdade, estarão, em materia de impostos, tão sobrecarregados como o nosso.

Os nossos estadistas não conhecem outro meio de que lançar mão. E' preciso dinheiro, o Estado não o tem, o tesouro está exausto? Muito bem: as contribuições é que o pagam; mais tantos por cento sobre esta ou aquela contribuição, sobre este ou aquele imposto e resolve-se o grave problema.

Ninguem cuida de saber se com o agravamento das contribuições, se com a criação de novos impostos encarece, paralelamente, a vida, se tudo, proporcionalmente, aumenta. O que é preciso é resolver as dificuldades sem grandes canceiras. E esta, neste abençoado paiz, só se consegue pelo imposto.

Errada noção, tremendo erro dos que assim julgam combater um mal com a aplicação de um remedio que vai, inevitavelmente, fazer resurgir, mais adiante, um mal peor.

Não nos emendamos.

Todos os governos têm lançado mão de impostos para cobrirem as deficiencias do tesouro e para fazerem face aos encargos cada vez mais importantes do Estado. E' o grande expediente, é a panacéia maxima dos estadistas em Portugal.

No entanto, nenhum homem publico, nenhum governo — a quem este nome de governo calha — procura o remedio para a solução de um mal tremendo que torna hoje este paiz um daqueles em que a vida é das mais dificultosas.

Esse remedio seria em primeiro lugar a redução das despesas e depois a execução de obras de fomento, o auxilio inteligente á lavoura, a criação de novas linhas ferreas, o melhoramento das que já existem, o cuidadoso estudo dos nossos portos, a resolução, emfim, de tantos problemas de que depende a reconstrução economica do paiz.

Roma e Pavia não se fizeram num dia, dir-nos-hão.

Certamente, Roma não se fez num dia; mas, em Portugal, os problemas protelam-se de tal forma, são postos de parte, na maioria dos casos com um desapego tão grande dos maiores interesses da Patria, que, poderemos crer que se Roma se não fez num dia, no nosso paiz as obras mais instantes de fomento se não farão nunca.

E' desolador constatá-lo.

Mas aquele que temesse ou recusse apontar caos seus contemporaneos os males de que enfermamos praticaria um pessimo serviço ao seu paiz.

Nestas colunas nunca recusamos louvores a quem os mereça; mas tambem nunca duvidamos de pôr acima das conveniencias destes ou daqueles os interesses maximos da Patria, que o mesmo é dizer — os nossos proprios interesses.

Novos impostos porquê e para quê? Compreender-se-ia a aplicação de novos impostos se eles se destinassem para o bem comum, para a aplicação de obras de fomento, para a protecção dos nossos portos de mar, para o melhoramento da rede ferroviaria e dos transportes maritimos e terrestres.

Se assim fosse, estamos certos que ninguem, profundamente portuguez e patriota, deixaria de sujeitar-se a mais um sacrificio sabendo de antemão que dele resultaria o bem de todos.

Mas novos impostos apenas para se dispender com um excesso de oficiais que nenhum serviço prestá ao paiz; para sustentar uma legião de funcionarios que nem carteiras têm para trabalhar; para se dispersar inutilmente, sustentando no estrangeiro comissões dispendiosas e adidos militares, que são dispensaveis num paiz empobrecido, como o nosso; é que ninguem, nenhum governo tem o direito de impôr sem que essa exigencia seja justificada por uma cuidada, honesta e zelosa redução de despesas; por uma administração severa dos dinheiros publicos e, principalmente, pelo desejo de se começar, emfim, a grande, a urgentissima obra de reconstrução nacional que se impõe.

Novos impostos porquê e para quê?

Quem tem o direito de pedir este sacrificio ao paiz? Os funcionarios que não trabalham, os delegados de comissões ao estrangeiro; os que, em vez de servirem o paiz, se colocam ao lado dos profissionais da desordem, para lançarem o paiz em constantes perturbações que o desacreditam lá fora?

Não e não!

Nenhum governo, nenhum estadista tem esse direito.

E' preciso dinheiro. O Estado não pode arcar com as despesas que tem a fazer?

Pois bem, exija-se ao paiz esse sacrificio, mas primeiro entre-se pelo caminho da moralidade, acabando-se de vez com essa tristissima comedia da redução de despesas, que ainda se não fez.

Para se exigir e obter um sacrificio, principiemos por lhe dar o exemplo; para que o paiz acredite que o sacrificio que lhe pedem é justo, mostre-se que assim é; que é para obras de fomento, que é para o bem geral que esse sacrificio se pede e não para, como até aqui, se atirar perdulariamente, com gesto de milionarios, pelas janelas fora, um dinheiro que representa o suor de milhares e milhares de criaturas!

Pensem bem nisto os governos e compreenderão a relutancia do paiz em sujeitar-se a novos e pesados sacrificios.

Novos impostos? Não, emquanto continuar este tremendo caos em que temos vivido até aqui!

Um comissario de policia casamenteiro

A viuva Dunham, da cidade de Newark, no Estado de New Jersey, desejando casar de novo, teve a ideia de escrever ao acaso, a um dos funcionarios civis duma cidade qualquer. Caiu a sorte ao comissario Milke Clark, do Estado de Omaha, que recebeu a carta da referida viuva pedindo para ele diligenciar obter-lhe um esposo, pedido que ele procurou satisfazer com toda a solicitude, visto ser um homem extremamente atencioso. Encontrou um ferroviario, que se dispoz a casar com a viuva; pô-los em contacto e, passado pouco tempo, realisava-se o casamento.

O caso deu brado e, avolumado extraordinariamente, fez crer a toda a gente que Clark era um angariador de esposos, sem rival, e a partir dessa data o desgraçado funcionario não tem tido mãos a medir, pois recebe por dia mais de cincoenta cartas de jovens casadoiras e de viuvas que pretendem maridos. Mas o mais curioso é que não são só as mulheres que solicitam a intervenção do maravilhoso comissario; são já tambem os homens que pedem para lhes arranjar esposa.

As mulheres então convictas de que só em Omaha é que encontrarão o noivo sonhado, ao passo que os homens estão tambem persuadidos de que só na região Nebraska poderão encontrar o seu tipo feminino ideal.

A agencia Central New, que dá publicidade ao facto, diz que Clark está disposto a pôr somente em contacto os seus correspondentes de ambos os sexos da sua capital, mas certamente esta decisão não satisfará por completo os inumeros partidarios do casamento que se lhe dirigem diariamente.

Faculdade de Medicina de Lisboa

O Conselho da Faculdade de Medicina de Lisboa, convocado pelo ex.mo Reitor da Universidade de Lisboa, reuniu em 16 do corrente e aprovou por unanimidade as seguintes moções:

«O Conselho da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, reunido pela primeira vez depois da sessão de 29 de abril, sob a presidencia e por convocação do ex.mo sr. Reitor da Universidade:

1.º—perfilha inteiramente a doutrina da moção votada pelo Senado Universitario de Lisboa, na sessão de 4 de maio, sobre a questão que provocou o movimento da nossa Faculdade;

2.º—agradece o valioso apoio do Senado e dos Conselhos das Faculdades da Universidade de Lisboa, do Senado Universitario de Coimbra, da Faculdade de Medicina do Porto, Escola Superior de Medicina Veterinaria;

3.º—agradece a atitude dos srs. Professores jubilados, Professores livres, Assistentes e Estudantes da Faculdade assim como dos Estudantes das outras Faculdades e Escolas Superiores que os acompanharam na defesa dos legitimos prorogativas universitarias;

4.º—consigna no acto um voto de reconhecimento aos srs. Deputados e Jornalistas que tomaram a defesa da causa das Universidades.»

«O Conselho da Faculdade de Medicina saúda o sr. Reitor da Universidade de Lisboa que se digneu convocar a sua reunião e delega nele todos os poderes para resolver a oportunidade do regresso dos professores ás suas funções docentes e aproveita o ensejo para por ainda uma vez:

1)—Protestar contra a lei 861 que é preciso que seja revogada para honra do ensino superior em Portugal;

2)—Instar novamente pela nomeação do sr. professor dr. José de Matos Sobral Cid para a cadeira de Psiquiatria ficando suprimido o lugar de professor supranumerario de Psiquiatria forense.»

Ecos & Noticias

Pela ex.ma sr.ª D. Miquelina Simões Neves, esposa do sr. Manoel das Neves, importante comerciante da nossa praça, foi hoje pedida para seu filho sr. Armando Simões Neves a mão de mademoiselle Tereza de Oliveira Netto, gentil filha da ex.ma sr.ª D. Virginia da Conceição Netto esposa do nosso prezado amigo Jacinto de Oliveira Netto.

ULTIMA HORA

Parlamento

Nos Deputados

A SESSÃO DE HOJE

A verdade devo dizer-se: a maioria democratica, agora, é assidua. Se-lo-ha por muito tempo? Veremos. O que é certo é que já ha trez dias que a sessão abre ás 15 horas. Hoje o chamada acusou, a essa hora, 57 legisladores presentes. Não sabemos se é «record».

A questão do aumento de saldo aos oficiais de terra e mar continua a preocupar o Governo e a sua maioria. Hoje, antes da sessão, reuniram os democraticos, numa das salas do Senado, com a presença do sr. Antonio Maria da Silva e não sabemos se algum outro membro do Governo. Os deputados interromperam a reunião para virem responder á chamada, mas, feita esta voltaram a reunir.

O ponto de vista do sr. Antonio Maria da Silva é este: votam as propostas de finanças e o Governo dá os subvenções. Mas acontece que a «escala» tributaria não é de agrado de muitos democraticos, embora todos concordem em principio com a exagerbação fiscal.

Procura-se, é claro, uma formula e não falta quem admita que ela venha a ser concretisada em novo aumento de circulação fiduciaria.

Os liberais opõem-se mas os recenstituintes acabarão por concordar, para que o governo não se demita.

As senhoras da «Festa da Flor» ainda não vieram ao Parlamento. Ha pouquissimos deputados floridos.

As galerias estão ornamentadas por quatro jovens, na galeria particular, e dois na galeria publica. Isto é sinal certo de que nada se anuncia de interessante, sob o ponto de vista parlamentar. A ordem do dia que abrange toda a sessão, compõe-se da continuação dos debates sobre os emolumentos dos oficiais do registo civil o orçamento do Ministerio da guerra, o contra-peso é figurado nos orçamentos dos Ministerios das Colonias e Instrução, que o sr. Domingos Pereir a, á cautela, foi incluindo na lista.

OS DEBATES

Hoje é o sr. Cancela de Abreu, da minoria monarquica, que troveja na tribuna.

Trovejar é um modo de dizer. Não ha trovão nenhum. Gastam-se alguns tropos que são bisos jogadas pelo ilustre parlamentar monarquico á minoria católica: «arcades ambo»... O sr. Lino Neto, que sentiu em cheio algumas estocadas, tem um sorriso amarelo. Ha outros deputados inspirados, não sendo provavel que a discussão termine hoje. E como a ela se segue o prosseguimento do debate sobre o orçamento do Ministerio da Guerra, dispensamo-nos de seguir com atenção, limitando nos a mencionar um ou outro incidente, se vier a surgir.

A EMISSÃO DE CEDULAS MOEDA

Tem-se emitido por esse paiz fóra, muito papel-moeda, por conta de Camaras Municipais, Misericordias, etc. O Governo quer pôr cobro a tal desatino. Enviou, por isso, uma proposta de lei á Camara dos Deputados, proposta que já sofreu o exame da comissão de finanças. Esta é de parecer que o artigo 1.º da futura lei seja assim redigido:

«E' expressamente proibida a emissão e circulação de cedulas, vales, senhas ou qualquer outra formula representativa de moeda, que não tenham sido emitidas e postas em circulação, em qualquer ponto do paiz, pela Casa da Moeda e valores selados legalmente autorisada nos termos da lei.

Mas ha uma excepção, assim concebida:

Emquanto o Governo não puder obter meios pratico, e regular a situação dos trocos miudos, ficam as camaras municipais dos diversos concelhos do Pais autorisadas a emitir vales ou senhas, impressos ou cunhados, representativas de moeda, até ao valor de $02, etc.

UNIÃO DOS VINICULTORES DE PORTUGAL

Foi hoje distribuido aos representantes do povo o parecer da comissão de legislação civil e criminal favoravel ao projecto que permite a reforma dos estatutos da «União dos Vinicultores de Portugal».

Os fascistas irrequietos

atravessam a fronteira da antiga Servia

BELGRADO, 25. — Um grupo de fascistas passou a fronteira Yugoslava em Kastav e atacou o posto servio sendo repelido. Duas companhias de infantaria italiana atacaram depois o posto que teve de recuar e foi socorrido por outro destacamento Yugoslavo. Os italianos que atacaram á baioneta voltaram a passar a fronteira deixando cinco mortos e alguns feridos.—(R.)

Crise ministerial

Corre insistentemente que o Ministerio pode vir a declarar-se em crise de um momento para o outro

Nos Passos Perdidos da Camara dos Deputados circulava insistentemente o boato de crise ministerial iminente. A crise era atribuida á possibilidade de se poderem dar acontecimentos a que o Governo não deseja enfrentar.

O grupo parlamentar democratico tem estado reunido numa das salas do Senado. Nos corredores, ouve-se a voz dos oradores, parecendo que a discussão é acesa.

A reunião dos democraticos terminou ás 17 horas. O sr. presidente do Ministerio veiu ocupar o seu lugar na bancada ministerial da Camara dos Deputados.

Os parlamentares desmentem, com bastante frouxidão, os boatos de crise ministerial iminente. Nota-se, em todo o caso, um evidente nervosismo em quasi todos.

Prisão de oficiais

Julgamos poder afirmar que já deu entrada no Ministerio da Guerra uma indicação para serem presos alguns oficiais como suspeitos de implicados no 19 de Outubro. E' natural, portanto, que as prisões se efectuem no prazo maximo de 48 horas.

Segundo uma versão que nos parece merecer credito, o numero de prisões é superior a vinte.

Informações recebidas no ultimo momento dizem-nos que foram presos o coronel Manuel Maria Coelho, capitão Sarmento Rodrigues e tenente Malta.

A's seis horas da tarde

Continua a afirmar-se que o capitão de fragata sr. Filipe Dias de Carvalho deixará brevemente o cargo de governador de Cabo Verde.

Ao que parece, tal resolução é motivada pelo facto do Governo central não ter concordado com a forma como aquele funcionario procurou resolver a crise alimenticia no arquipelago.

O comandante do cruzador *Carvalho Araujo* expediu um telegrama ao Ministerio da Marinha comunicando que segue a sua derrota sem novidade.

Correu com brilhantismo a festa solenisando o aniversario da fundação da Provedoria da Assistencia Publica. O sr. ministro do Trabalho declarou ser indispensavel fazer quanto antes a remodelação de todos os serviços da Assistencia.

Em resposta, falou o dr. Sobral de Campos, conhecido anarquista e director do Asilo de Mendicidade, contrariando as opiniões do ministro, o que levou este a declarar que lhe não admitia discussões.

A festa da «espiga» na Imprensa Nacional correu com grande animação. Todas as salas se encontravam muito bem ornamentadas, produzindo belo efeito um hidroavião construido na oficina de carpintaria da mesma Imprensa.

O sr. ministro da Instrução enviou hoje ao sr. dr. Gomes Teixeira, reitor honorario da Universidade do Porto, o seguinte telegrama:

«Com a mais viva satisfação, apresento a V. Ex.ª boas vindas, felicitando-o novamente pela distinção merecida e justa concedida ao sabio eminente, que tanto brilho tem honrado a sciencia.»

A actividade bolchevista

Os russos organisam-se...

ROMA, 24.—Ficou concluido entre o governo italiano e o governo russo um acordo destinado a organisar a aviação na Russia.

A Italia fornecerá os aeroplanos, instalará e organisará os aerodromos e as linhas comerciais, fornecerá os pilotos e os instrutores. O grande centro de aviação será estabelecido em Odessa.—(R).

RIGA, 24.—Dizem de Moscou que os representantes dos soviets em Londres iniciaram negociações com os grandes industriais belgas para o fornecimento de 80.000 toneladas de rails de aço.

Julga-se que o fim destas negociações é preparar um terreno favoravel para a conclusão dum tratado de comercio com a Belgica e exercer influencia sobre a atitude dos delegados belgas na proxima conferencia da Haia.—(R)

A "Festa da Flôr,,

As senhoras invadem o recinto da Camara dos Deputados

A's 16 e 30, as senhoras da «Festa da Flor» entraram no hemiciclo da Camara dos Deputados e espalharam-se pelas bancadas, solicitando, mui graciosamente, os donativos dos representantes da Nação. Estava discursando o sr. ministro da Justiça, em resposta ao sr. Cancela de Abreu. O ilustre titular continuou imperturbavelmente o seu discurso, mas deu-o por terminado, a breve trecho, para receber a flor e entregar o seu obulo.

O sr. João Camoezas, em negocio urgente, fez o elogio do altruismo das senhoras da «Festa da Flor», proferindo um breve discurso em homenagem ao benemerito gesto e propondo que, na acta da sessão, se lhe consignasse um voto de louvor. A Camara aprovou por aclamação, com muitos e vibrantes apoiados.

As senhoras retiraram-se visivelmente satisfeitas com a atitude da Camara Popular.

Informações recebidas na

As senhoras da comissão distribuiram-se em grupos logo de manhã por varios pontos da cidade ostentando ao peito o distintivo com as cores da cidade encimado pela Cruz Vermelha e sobraçando açafates ornamentados com fitas de variadas cores e nos quais se amontoavam as pequenas flores que haviam de ser distribuidas pelo publico.

A' hora marcada para o peditorio foi este iniciado tendo as senhoras tomado como que de assalto os escritorios, casas comerciais, bancos, companhias, etc.

O Parlamento, como noutro logar dissemos tambem não foi poupado e mesmo sucedendo ás repartições publicas.

Em toda a parte as senhoras foram recebidas com inequivocas provas de deferencia e simpatia vendo-se ao fim da tarde por todas as ruas senhoras e homens ostentando ao peito a tradicional florsinha representativa do obulo destinado á benemerita Cruz Vermelha.

Não se pode precisar o total do peditorio isto durante o dia de hoje. Só amanhã ou depois esse peditorio será conhecido.

Os Armazens Grandella deram apenas 2$50. Ha donativos importantes de 1.000 escudos para baixo.

As propostas de finanças e a queda do governo

O Governo vai pôr, numa das primeiras sessões do Parlamento, talvez amanhã ou depois, a questão das propostas de Finanças de que faz questão fechada, para serem votadas sem demora. Se o Parlamento não sancionar a orientação do chefe do Governo, o Ministerio demitir-se-ha colectivamente.

E' possivel que as oposições republicanas transijam em parte na questão das propostas de Finanças, sugerindo ao Governo e ao Parlamento uma plataforma que ainda não está assente qual seja.

Em geral, admite-se como caso ocasional da prevista crise o facto de se considerar muito proxima a eclosão de certos acontecimentos, aos quais, como já dissemos, o Governo democratico não deseja fazer face.

A oposição ao Governo e porventura as suas dificuldades provêem da manifesta divergencia havida dentro do partido sobre a forma de encarar os acontecimentos de 19 de Outubro e porventura pelo caso recente suscitado pelo sr. dr. José Domingues dos Santos.

PELO TELEGRAFO

A furia americana

CONROE (Texas).—Foi queimado vivo um negro de 19 anos acusado de ter ultrajado uma branca.—(R.)

Um traidor condenado

ROMA, 25.— O conde Morozza della Rocca antigo chefe do gabinete do ministro da Guerra foi condenado a seis anos e oito meses de prisão por ter vendido á Austria durante a guerra documentos maritimos e planos militares.—(R).

A viagem do principe de Galles

SINGAPURA, 25.—Passou neste porto o couraçado «Renown» conduzindo a seu bordo o principe de Galles que regressa a Inglaterra.—(R.)

A organisação Alemã

BERLIM, 25.—O Reichstag votou um credito de 500 milhões de marcos para auxiliar os pequenos proprietarios.—(R.)

Como foi enterrado o explorador Shackleton

Como se sabe o viajante inglez Shackleton, o celebre explorador do Polo Antartico faleceu recentemente, no decurso de uma ultima viagem de exploração e de descoberta.

Era desejo pessoal de Sir Ernest Shackleton que o seu corpo ficasse á entrada do Polo Antartico e a pequena e simples cerimonia que precedeu o seu enterro, em Gritviken, povoação da Georgia do Sul, numa encosta de um outeiro entre as sepulturas de outros marinheiros foi, ao que parece, justamente como ele a teria desejado. O seu cadaver foi transportado aos ombros de robustos pescadores escocezes e a unica musica que ali se ouviu foi o canto funebre dos marinheiros noruegueses. Uma mulher a unica por certo que se encontrava na ilha, colocou sobre o feretro, entre as coroas, um ramalhete de flores colhidas de fresco, o proprio composto da flora gelida a que o pranto seguiu desde a capela luterana, sendo saudado pelos navios, até ao cemiterio por sobre os ossos de baleia e atravez dos circulos que do monte descem melancolicamente.

A ordem dada por Shackleton á expedição tinha sido executada, e com o capitão Frank Wild, seu experiente comandante, á sua frente o pequeno navio «Quest» continuou a sua perigosa viagem pelo Oceano Glacial Artico. O «Quest» ancorou agora em South Georgia para se aprovisionar de novo de carvão, tendo-se adquirido a seu bordo muitos conhecimentos scientificos e experimentado arduos perigos em tempestades terriveis. Numa distancia de 2.800 milhas o «Quest» viu-se obrigado a abrir caminho por entre enormes massas de gelo que por vezes ameaçavam destruir o seu forte costado e baluartes. Na ilha dos Elefantes a tripulação desembarcou para matar elefantes marinhos do que eles se serviam como abastecimento de carvão. Experimentaram-se horriveis furacões, mas, apezar desua proa, o grupo de exploradores vai navegando pelo Sul de novo com um constante coragem.

O espirito que impele a tais feitos transparece luminosamente duma carta cheia de coragem e de veemencia que Sir James Barrie tornou publica esta semana. Foi a ultima carta por ele recebida do capitão Scott, o celebre explorador do polo artico, e foi encontrada com os cadaveres de Scott e dos heroicos inglezes que com ele morreram. Cito uma passagem:—«Estamos encurralados num sitio sem conforto nenhum... Os nossos pés gelados, etc., sem combustivel e a uma longa distancia da comida; mas for-lhe-ia bem ao coração estar na nossa barraca e ouvir os nossos canticos e a nossa alegre conversação... Mais tarde. Nós estamos nesse momento muito perto do fim. Nós resolvemos acabarmos comnosco o ver se coisas assim; mas tomamos a decisão de morrer naturalmente».

Morreram heroicamente. Scott e Shackleton foram homens que os inglezes exaltam como sendo ambos dos mais nobres da sua raça.

As Propostas de Finanças

Na Associação Comercial de Lisboa—As moções pendentes da discussão

Em virtude da hora adeantada da noite—1 hora da madrugada—a sessão extraordinaria da assembleia geral da Associação Comercial de Lisboa para apreciar as propostas de finanças foi suspensa. Os respectivos trabalhos devem proseguir amanhã, sexta-feira, ás 21 horas prefixas.

A concorrencia que ontem era numerosa, deve avultar na sessão de amanhã pelo interesse que a calorosa discussão travada entre os srs. Oliveira Soares, João Nascimento dos Santos, Ernesto Schoroter e Alfredo Ferreira despertou.

As moções já admitidas á discussão e representativas das duas correntes manifestadas na Assembleia são as seguintes:

Moção do Ernesto Driesel Schooter.—Considerando: Não ser pelo aumento de impostos, que em absoluto aniquilarão toda a economia do paiz que possivel será regularisar a situação financeira e melhorar a dos cambios, melhoria para a qual devem convergir todos os esforços;

Resolve a Associação Comercial de Lisboa aconselhar o Governo e as Camaras a que não sejam agravadas as enormes contribuições que já hoje são pagas, sem que «antecipadamente» sejam postas em execução medidas de economia nas despezas orçamentais, as quais por larguissimas importancias poderão ser reduzidas desde que o Governo e as Camaras se compenetrem dessa absoluta necessidade.

Moção do sr. José de Oliveira Soares.—A Assembleia Geral da Associação Comercial de Lisboa reconhecendo a absoluta necessidade de se enveredar, em materia financeira, por medidas eficazes ao equilibrio orçamental, de forma a evitar a continuação da inflação fiduciaria e o consequente desvalorisação da moeda aprova em principio as propostas de finanças apresentadas pelo Governo ao Parlamento.

Julga porém necessario que, o Parlamento, examinando com minucioso cuidado os orçamentos dos diferentes Ministerios, consiga uma apreciavel redução de despesas no orçamento de 1922-23 de maneira a que as percentagens de tributação de todas as Cedulas apresentadas sejam mais favoraveis e mais consentaneas á capacidade tributaria do Paiz.

Para conjugação destes dois factores, afigura-se-lhe indispensavel, que pela Direcção Geral das Contribuições e Impostos do Ministerio das Finanças, seja apresentado ao Parlamento a percentagem de cada uma das novas Cedulas de tributação, de forma á tornarem-se conhecidos como base de discussão, quais as cifras de incidencia a tributar para apreciação dos respectivos projectos, visto que as percentagens estabelecidas sem consideração alguma de cifras podem ser deveras exageradas e prejudiciais á economia Nacional.

Theatros e Cinemas

Agenda da semana

HOJE — Nacional — 7.ª recita de assinatura.

AMANHÃ — Politeama — Festa artistica de Angela Pinto.

Medalhão

Angela Pinto

Faz amanhã a sua festa no Politeama aquela cujo nome encima este medalhão e que é, sem contradita possivel, uma das grandes figuras da scena portuguesa. Dentro da pequenez do nosso meio teatral, é ela a unica artista-genérica que temos e tal afirmativa, basta para fazer a apologia do seu valor que, em qualquer paiz, que não o nosso, lhe teria conquistado já a celebridade com todas as compensações artisticas e materiais.

Claro está que, em Portugal, pode, quando muito, continuar a ser pobre, com uma felicidade, porem, para ela, a de poder troçar das chamadas Convenções Sociais, o que já não sucederia se, algum dia, tivesse tido a lembrança de lhe conceder S. Tiago, uma comenda que, a tantos outros, tem saido numa rifa.

Primeiras representações

CHIADO TERRASSE — «Tiro ao alvo», revista em 2 actos de *Luiz Aquino, X. de Magalhães e L. Rodrigues, musica de Del Negro, Hugo Vidal e Portela.*

Tivemos finalmente ensejo de assistir á representação do *Tiro ao alvo!*

Talvez por que a revista é um genero de teatro, cujo objectivo principal é a critica, torna-se dificil criticá-la, de tal forma tem sido explorada, não permitindo sequer o comentario de quaisquer factos que tenham interessado a opinião publica, pela antecipada certeza que existe, de estes já terem sido comentados, pouco tempo antes, em qualquer outra revista, tão vertiginosamente elas se sucedem.

Melhores ou peores, a tecnica da sua factura não tem sofrido grandes inovações, entre nós, e a propria fantasia tem de ser comesinha pela restrição do publico que, por maior que fosse o sucesso, seria sempre diminuto para compensar condignamente o esforço material da empresa que pensasse em fazer qualquer montagem, tal como se faz lá fóra. E assim é que a critica a peças deste genero, em Portugal, tem de ser circunscrita ao que é possivel *fazer-se* entre nós.

A revista do Chiado Terrasse não será optima, mas ouve-se com agrado e é, sem sombra de duvida, bem melhor do que muitas outras que temos visto, com a agravante da pequenez de um palco, cujas resumidas dimensões não dão margem a que, no mesmo, possam brilhar scenario, guarda-roupa e o trabalho de qualquer ensaiador.

Resente-se principalmente do desequilibrio entre o primeiro acto, o melhor, e o segundo que se arrasta, sem conseguir satisfazer a espectativa do publico, após a representação do primeiro. Este tem a valorizá-lo o quadro de comedia quasi resumido ao efeito de uma frase, cuja interpretação, por interessante, consegue prender a atenção do espectador, que aplaude de ainda, sem reservas, o *terceto dos pedintes, os olhos bonitos*, e recreia a vista no guarda-roupa do grupo das *atiradoras*, porventura o mais feliz do *costumier*.

A companhia do Chiado Terrasse não tem *estrelas*, mas como, á frente da mesma, figura a sr.ª Maria de Lourdes Cabral, cujo trabalho tive ocasião de apreciar pela primeira vez, permita-me aquela gentil artista que eu não tome parte no côro dos elogios incondicionais que tenho lido, depois da sua estreia no Apolo. Preciso é que lhe aponte as razões da minha discordancia, convencido, como estou, de que tomará as minhas palavras como interpretes do bom desejo que tenho de a vêr progredir. Tem, é certo, figura e voz, duas condições essenciais á vida que abraçou, mas a sua gesticulação não é ainda suficientemente equilibrada, e assim é que, se, por vezes, os seus braços se agarram em demasia ao corpo, outras há em que os movimenta em gestos desordenados, o que lhe prejudica não só o trabalho mas a estetica da figura. No que respeita á voz, justamente porque a possue bem timbrada, elevando-a com facilidade, prolonga-a por vezes de tal forma nos registos agudos, que prejudica as transições para os registos medio ou grave. Excluidos êstes defeitos, que o tempo e a boa vontade da artista se encarregarão de corrigir, de justiça é de notar o seu porte, naturalmente distinto, vestindo elegantemente, como ainda ontem o provou na canção dos *olhos*.

Julieta Rodrigues, bem em determinados papeis, que se conjugam com o seu temperamento e a sua maneira de ser, fazendo-se aplaudir no *fado*, na *buzina* e na *pedinte*.

Finalmente, distinguindo-se ainda do vulgar e podendo, se quizer, marcar o seu lugar naquele genero de teatro, Judith de Sousa, que, com pequenas *rabulas*, sobresae pela sua graciosidade.

Mal escolhida a actriz Dina Peixoto para chefiar o quadro das *frivolidades*, e, não desmanchando o conjunto, Angelita, Isaura, Mily e Maria Odette.

Encarregou-se Alegrim do *compère*, tirando partido do papel, que mais brilhante poderia ainda resultar se o tivesse convenientemente estudado.

Elogios incondicionais nos merece Santos Carvalho, pela forma brilhante, honesta e detalhada como desempenha as suas *rabulas*, das quais destacaremos a do quadro de comedia, absolutamente perfeita.

A musica, coordenada na sua maior parte, tem numeros felizes e de facil audição. Rosa Mateus fez o que pode e mais se não pode exigir num tão exiguo palco, destacando-se a marcação do terceiro quadro (camara escura).

Scenarios limpos e muito bom o do sexto quadro, de Reis, filho.

As apoteoses não produzindo o efeito que seria de esperar em palcos maiores e mais afastados da plateia.

ALVARO LIMA

EDEN TEATRO—Marcha de Cadiz e El Niño Judio, *pela companhia hespanhola*

A companhia hespanhola que funciona presentemente no Eden Teatro retomou hontem o seu genero habitual, com grande satisfação do nosso publico, que prefere as «troupes» hespanholas a zarzuela a qualquer outro genero de teatro. Com a «Marcha de Cadiz», saltitante de leveza e de graça, muito conhecida nas nossas plateias e a primeira representação em Lisboa do «El Niño Judio» organisou a Empresa Ballester um espectaculo leve e que teve o condão de despertar a plateia. A senhora Na... e Ballester foram inexcediveis de chiste numa zarzuela que pelas suas situações hilariantes e musica muito feliz, vão com certeza tornar querida do nosso publico. «El Niño Judio» é, com efeito uma das melhores zarzuelas que ultimamente se tem composto em Hespanha.

Cartaz do dia

Teatro de declamação

S. CARLOS—A's 9—Festa artistica do baritono D. Francisco de Sousa Coutinho (Chico Redondo).

NACIONAL—A's 9—«O Auto dos Faroleiros» e Cavalgada das Nuvens».

POLITEAMA—A's 9,30—«Asas quebradas».

Teatro musicado

AVENIDA—A's 9,15—«A Perola Negra»

APOLO—A's 9,15—«Belo Sexo».

S. LUIZ—A's 9—«A Boneca» e um acto de variedades.

EDEN TEATRO — A's 9 — Companhia espanhola—«Los Papiros».

SALAO FOZ—A's 8,30 e 10,30—«Pipa-rote».

CHIADO TERRASSE—A's 8,30 e 10,30—«Tiro ao Alvo».

Animatografos

OLIMPIA—Rua dos Condes

CINEMA CONDES—Avenida da Liberdade

SALAO CENTRAL—Praça dos Restauradores

de Cadiz» e «El Nino Julio». Companhia espanhola.

A Exposição do Rio de Janeiro

A cinematografia portuguesa no Pavilhão de Honra

O Comissariado Geral do Governo na Exposição do Rio de Janeiro assinou um contrato com os srs. João Germano Gonçalves e Correia da Mota para a confecção de «films» cinematograficos destinados a serem exibidos no Rio de Janeiro e, eventualmente, em todo o Brazil, fazendo-se, pela imagem, a propaganda das industrias e actividades comerciais portuguesas. O contrato não impõe encargos alguns materiais ao Comissariado: A parte artistica dos «films» foi confiada a um profissional competente.

Como se vê, o Comissariado não despreza nenhum meio para o bom resultado da comparencia de Portugal á Exposição do Rio de Janeiro. No Pavilhão de Honra existirá um recinto destinado especialmente a diversões e o Comissariado estuda atentamente os meios de manter, durante os sete mezes que durará o certamen, esse aspecto, que concorrerá para chamar o publico a visitar a secção portuguesa. Excelente seria que os profissionais de diversões pensassem no partido que lhes seja possivel tirar da existencia do nosso salão de festas, vindo, com a sua iniciativa, ao encontro da boa vontade do Comissariado, certo de que este dará, em compensação, todas as facilidades possiveis.

* * *

O sr. engenheiro Lisboa de Lima, Comissario Geral do Governo na Exposição conferenciou largamente com o sr. ministro do Comercio sobre assuntos relativos á representação do nosso paiz naquele importante certamen.

* * *

Já foram eleitos pelos expositores de arte os artistas que constituem o juri que irá ao Brazil.

* * *

Devido ao grande numero de produtos madeirenses o vapor que transportar os produtos de Lisboa tocará na ilha da Madeira.

O problema Colonial

Festa na Escola Militar

Continuando a serie de conferencias do actual ano lectivo, que o Conselho de Instrução da Escola Militar resolveu, tem lugar no proximo sabado, 27 ás 17 horas, a interessante conferencia do professor, sr. major Ultra Machado sobre o «Problema Colonial». E' assunto da mais palpitante actualidade e que tratado por um antigo colonial, que desempenhou diferentes cargos e foi Governador Geral de Angola, mais tarde sobraçou a pasta das Colonias, está despertando um vivo interesse nos nossos meios militares, navais e coloniais.

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações
Londres, cheque. . .	4 3/16 — 4 1/18
» 90 dias. . .	4 5/16 —
Paris, cheque. . .	1161— 1197
Suissa, cheque. . .	2456— 2531
Belgica, cheque . . .	1079— 1112
Italia, cheque. . .	662— 682
Berlim, cheque. . .	40— 45
Holanda, cheque. . .	5005— 5159
Madrid, cheque . . .	2043— 2106
New-York, cheque. . .	12879— 13275
Brazil, cheque. . .	59— 53
Austria, cheque. . .	1— 3
Noruega, cheque. . .	2348— 2421
Suecia, cheque . . .	3317— 3419
Dinamarca, cheque. . .	2765— 2850
Libras	64$000 — 66$000

O cáos internacional

O «Temps» analisa algumas palavras de Lloyd George.

Não ha melhor maneira para se conseguir formar uma opinião segura e acertada do que foram os resultados da conferencia e das consequencias que lhe advirão do que registar e estudar as considerações que á sua roda borda a imprensa estrangeira.

Os nossos leitores lêiam e meditem que, no fim, serão da nossa opinião: a conferencia de Genova foi de efeitos contraproducentes, cavou mais fundo o abismo que separa as nações da Europa, tornou mais flagrante as divergencias entre as nações aliadas e... condenou á morte a aliança franco-inglesa.

O «Temps» diz:

«Antes de deixar Genova, Lloyd George, num jantar oferecido á imprensa, pronunciou palavras significativas: «A minha propria aldeia está cheia de ruinas normandas—e tudo isto são ruinas».

Se Lloyd George assim se exprimiu não foi positivamente pelo prazer de descrever a sua terra natal.

Habituado a falar por imagens, deu ás suas palavras um sentido simbolico. As muralhas normandas que estão em ruinas representam, sem duvida, a amisade franco-inglesa.

Falou tambem numas muralhas romanas. Referiu-se á amisade anglo-italiana. Lastimamos que o primeiro ministro inglez, querendo deixar aos seus ouvintes uma derradeira recordação de Genova, tenha escolhido esta comparação.

Lastimamos, antes de tudo, porque a Europa tem necessidade de calma e não de rivalidades. Por outro lado, se é sempre prejudicial opor as nações entre si, esta operação é particularmente condenavel, tratando-se da França e da Italia.

Lloyd George tomou o partido contra o tratado de Versailles, contra a França.

A hora da guerra passou. A situação em que a Europa ficou depois de alguns anos de luta feroz entre as nações desta parte do mundo não é de molde a permitir infantilidades. Moral, intelectual e politicamente as nações estão pelas ruas da amargura. De todos os lados, por todos os cantos e esquinas surgem aos olhos das nações, que pretendem viver, figuras espectrais, fantasmagoricas, cadavericas: Ruina, desorganisação, desordem, bolchevismo... morte...

E' preciso que as nações recobrem o perdido. E' necessario que as nações se reabilitem. E' urgente que a Europa resurja do cáos em que se debate, em que se vai definhando e escravisando.

Para isso, para que seja possivel atingir esse objectivo é imprescindivel que renasça o espirito de interdependencia, de pacificação, de confiança internacionais. E' preciso que a paz seja um facto, porque sem paz não pode haver ordem e sem ordem não ha governo, mas apenas a anarquia.

Assosciação do Registo Civil

Esta associação efectua no proximo domingo, no Teatro Nacional uma sessão solene de homenagem aos falecidos cidadãos, coronel Antonio Maria Batista, Pedro Boto Machado, Antonio Caetano Macieira Junior e tenente José Martins. Pelos serviços que os homenageados prestaram á Patria e á Republica, esta consagração tornase uma festa nacional tendo que a ela assistem sus ex.ª o Chefe do Estado, os Presidentes do Ministerio, do Senado e da Camara dos Deputados alem do Governo, autoridades, elemento oficial etc.

SPORT

NOTICIARIO

CAMPEONATO DE BOX DO SUL

E' nos dias 27 e 29 do corrente pelas 21 horas, que no Ginasio Club Portuguez, se realisa este campeonato, sob a direcção da Federação Portuguesa de Box, estando inscritos os seguintes, concorrentes:

Ateneu Comercial de Lisboa—Luiz Mendes, Paulo Moraes, Guilberto Fernandes.

Grupo d'Armas e Sport—Artur Costeiro, Julio Barcelo, Francisco Barceiro.

Club Recreativo os Choras—Faustino Rodrigues, Antonio Subtil.

Ginasio Club Portuguez—Abel da Cunha, Aragão Andrade, Vasco Sobral Dias, Gabriel Sobral Dias.

«TAÇA ATENEU»

Na sua reunião de 24, resolveu a Comissão Organisadora:

Castigar com 30 dias de suspensão a contar de 21 do corrente o 4.º Grupo do Sport Bom Sucesso por no desafio que jogou com o Carcavelinhos ter abandonado o campo solidarisando-se com um dos seus jogadores que insultou o arbitro.

Homologou os seguintes desafios realisados em 21:

Carcavelinhos venceu Bom Sucesso 5-0 Belenenses marca 2 pontos por o Marvilense não comparecer, Casa Pia vence Fosforos por 5-0 Bemfica, venceu Ateneu por 11-2.

Desafio para o dia 28:

Belenenses-Cruz Quebrada no Lumiar, ás 10 horas, juiz Alfredo Silva (G. S. A.), Casa Pia-Bemfica, em Palhavã, ás 10 horas, juiz João F. Costa (C. S. A.), Ateneu-Alliance, nas Laranjeiras ás 10 horas, juiz Faustino Alcaide, Internacional marca 2 pontos contra o Bom Sucesso.

ASSOCIAÇÃO DE FOOT-BALL DE LISBOA

Comunicações oficiais.

Desafios para o dia 28 de Maio (domingo) União Lisboa contra Sacavenense no Campo Grande, ás 15 horas, juiz o sr. Albertino Gomes.

Sporting contra Bemfica, no Campo Grande; ás 17 horas; juiz o sr. Candido d'Oliveira.

Estes desafios são organisados com o concurso desinteressado dos Club e o seu produto reverte em partes eguais para as seguintes instituições de caridade:

Fundo de Assistencia da A. F. C. Escola-Oficina n.º 1; Asilo-Escola Antonio Feliciano de Castilho; Associação «O Enxoval do Recemnascido».

HOCKEY CLUB DE PORTUGAL

A fim de se formarem definitivamente os «teams» representativos do «Hockey Club de Portugal», a secção de Foot-Ball pede a todos os socios que praticam este sport, para comparecerem no proximo domingo 28, das 11 ás 10 horas, no seu campo de Sete Rios, para se inscreverem como jogadores do Club e prestarem o seu compromisso.

No passado domingo, um grupo do «H. C. P.» jogou um desafio de foot-ball com o «1.º Setembro Foot-Ball Club», que foi vencido por 5 goals a 0.

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

Uma recita do "Roberto do Diabo"

por JULIO CESAR MACHADO

I

Cantava-se, nessa noite, o *Roberto do Diabo*.

Nunca na minha vida estive tão preocupado. Havendo sentido mil vezes o rabo do diabo zurzir-me invisivel, quiz ir conhecer na historia de Roberto o grande drama de alguma existencia levada do demonio, em que as contrariedades apresentassem mais espinhos do que tem de crinas a guedelha de Satanaz!... Julgava-o um homem crivado de credores, esse fatal Roberto! Um louco que empenhara a amante! Um jogador que vendera a filha!... Um filho que apostara a mãe!... Antevia a contradança fantastica de mil ilusões perdidas! mil esperanças quebradas! mil oprobrios! mil fatalidades! mil infernais loucuras!...

«Salta, Roberto! Salta, para apanhares no ar o braço oculto que te surra! Aguenta, pobre infeliz, o encontrão dos tolos e a pedrada dos vilões! Geme sorrindo! e morde-te de raiva! E' o diabo que te persegue! que te belisca! que te azorraga! Salta, Roberto! Salta, desgraçado!...

Ergueram o pano.

Estava-se no Lido, em frente do porto de Palermo. Na praia em que Lord Byron passeava aquela tarde de outono em que uma das suas amantes, simples rapariga do povo, lhe saiu ao caminho e o agarrou pelas guelas, perdida de ciumes, de uma fidalga: — *Cran cane della Madona! E' questo il tempo d'andare al Lido?*

Roberto e Bertran, servidos por uma caterva de pagens e escudeiros, estão em banquete.

Bertran parece-me um velho libertino, um bragante, licencioso, para quem o mundo é uma camara-optica, sem significação! Ele faz-se passar aos olhos da sociedade por um habitante do sombrio imperio, que passeia pela terra em viagem de recreio. E' isto verdade? Não é isto verdade? Eu nada sei. Roberto é o fruto dos amores de Bertran com uma princesa da Normandia. O diabo, e seu filho! Os costumes dissolutos deste gordo devasso principiavam a inventar no animo de Roberto tendencia para o jogo e para as orgias. Alice, porém, aparece ali, — a pura e inocente Alice! — perseguida pelos pagens e agarrada pelos cavaleiros. Roberto reconhece nela uma menina da sua terra, e diz aos tafues:

— Esta donzela é minha visinha, e peço que nenhum de vós se atreva a dar-lhe beliscões, como estais fazendo. Isso são coisas proprias á porta do Marrare, mas inconvenientes á ilharda da praia do Lido!

Alice, penhorada por esta fineza, resolve amá-lo para lhe agradecer. Porém, Roberto, que em tendo uma gota de vinho é a sinceridade em pessoa, confessa-lhe que o seu coração está dado a uma princesa. A donzela atribue este singularissimo acontecimento a conselhos do gordo libertino, e tomalhe tal quezilia que até lhe observa semelhanças com o diabo que está no painel dos pés de S. Miguel da sua aldeia! Bertran, charlatão de primeira qualidade, começa a dar-se ares infernais, fazendo caretas satanicas e assustando a rapariga a ponto de a fazer fugir.

Principia aqui a grande luta do elemento do bem, e o do mal. Roberto sente uma força que o impele para Alice, — emquanto Bertran emprega o seu poder para a segurar.

— Que fazemos nós esta tarde? pergunta-lhe Roberto como quem se enfastia.

— Vamos a Carriche!

— Mau tom! Isso é pessimo tom, amigo Bertran!

— Então, vamos jogar e perder os cabelos!...

— Isso agora sim! A' moda de Cintra!...

E Roberto joga. E perde sempre! E perde tudo!... Mas, Bertran dizlhe que *o oiro é uma quimera*, e o inocente jogador contenta-se com este aforismo, dá o braço a seu pai e vão passear sem um real na bolsa.

II

Esta opera é tetrica! disse-me no intervalo um homem que estava sentado ao meu lado.

— Hibrida! respondi-lhe.

— Anomala!... acrescentou.

— Acefala!... repliquei-lhe.

Olhámo-nos um instante em silencio. Nenhum de nós sabia o que julgar do outro. Qual de nós dois caçoava? Ele parecia-me grave, excentrico, um pouco fantastico talvez. Era um homem pequenino e proporcionado, que tinha a figura de um pequeno de doze anos e a sisudez de um estadista de sessenta. Não tinha barba, nem sobrancelhas. Um chinó de cabelos extremamente loiros cobria-lhe a cabecinha, despovoada e nua, como a palma da mão. Dir-se-ia uma velha, vestida de homem nas folias carnavalescas.

Um amigo meu, que passava, chamou-me pelo meu nome todo: apertámo-nos mutuamente a mão; o homem pequenino abriu desaferadamente os olhos, e, medindo-me de alto a baixo, preguntou-me num tom de voz flauteado:

— E' porventura o senhor o folhetinista?

— Eu proprio, senhor! respondi.

— Muito prazer tenho em o conhecer!

— Terei muita alegria se lhe puder servir!

— A sua opinião sobre esta opera?

— Conheço apenas o primeiro acto, que me pareceu magnifico!

— Tem uma qualidade apenas, replicou o homem pequenino, roendo as unhas. — A qualidade constante de Meyerbeer, que é dispôr, admiravelmente, dos recursos da arte, que a nossa alma sente pela instrumentação, a diferença de cada caracter. Veja como se reconhece o inferno *à priori*, em Bertran; o perfume mistico dos anjos, em Alice; a luta da alma com a materia, do espirito do bem com o espirito do mal. A musica deste alemão tem ideias; mas não tem grandeza sem ao de leve. Por que?! Alice, perseguida, parece ser a situação simbolica da inocencia neste mundo!

Deu-se o sinal para continuar a opera. O homemsinho, que já tinha comido duas unhas, principiou a comer a terceira.

III

Bertran é o tipo do falso amigo. Perverte Roberto por maus conselhos e maus exemplos. Recolhemse tarde todas as noites, leva-o a sitios de má companhia, e escolhe para as suas conversações os assuntos mais despejados. Uma vez, como não tenham onde passar a noite, apresentam-se num convento de freiras mortas, e, por artes diabolicas, fazem-nas dançar! Como se compreende isto? Porque é que isto se tolera? Ignoro. Sei apenas que Bertran, vivendo habituado a tais extravagancias, teve o espirito de se prevenir com o seu capote para não se constipar, e aparece embuçado ao fundo, perturbando pela sua presença o repouso das aves da noite, que fogem assustadas.

Eis-me, diz então o pai Bertran, que tem o fraco de falar só! Chegámos ao convento destas irreligiosas cuja baida, ao que se diz, era queimar a uns certos deuses um incenso impudico, fazendo reinar o prazer nestes lugares, em que cumpria observar a virtude!

Principiam alguns pirilampos a percorrer a galeria. As freiras mortas e enterradas, tão depressa lhes dá o faro de haver homem no convento, saltam dos seus tumulos, e querem conversa com Bertran; porém, o gordo demonio dizlhes por esta forma:

Reverendissimas! Desejo apresentar-lhes um amigo meu a quem estimo como á menina dos meus olhos, e espero que o seduzam vossos encantos, visto que o meu intuito é pervertê-lo, e pregar com ele em casa do diabo!

(Continua)

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

N.º 4038-12 — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5

LISBOA — Sexta-feira, 26 de Maio de 1922

Telefone n. 2298 — Endereço tel. CAPITAL — Officina de Impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

Perguntas insoluveis de toda a especie:

Ha, no Exercito portuguez mais soldados do que officiais?

O emprestimo de Moçambique

Referimo-nos ontem ás circunstancias em que está sendo negociado um grande emprestimo externo para a provincia de Moçambique. As suas condições, segundo os informes do «Mundo», aos quais nos reportamos, são profundamente calamitosas. Consignam-se os rendimentos mais importantes da colonia, aceita-se o «contrôle» estrangeiro, não só deprimente, mas lesivo do nosso dominio naquela provincia. E' positivamente um perigo a que, com natural pasmo, nós vemos assistirem indiferentes o parlamento e o Governo.

Com efeito, nem uma só voz se levantou ainda no parlamento para tratar deste momentoso assunto. Nenhum dos partidos representados na Camara se comoveu. Não admiraria que esse silencio se observasse por banda do partido liberal, no qual se encontra englobado o antigo partido unionista, cujo idolo era e é o sr. Brito Camacho, alto comissario em Moçambique e negociador do emprestimo, feito por intermedio da casa Hornung, que tem beneficiado da sua proteção. Mas se, como aqui dissémos, quem está em Angola, com o sr. Norton de Matos, é todo o partido democratico, e quem está em Moçambique é o sr. Brito Camacho, hoje com todo o partido liberal, poderia ainda subsistir uma esperança. Era a de que, nos negocios de Angola, os liberais não estivessem sempre pelos ajustes, como o partido democratico, solidario com um seu antigo marechal, e que, nos negocios de Moçambique, os democraticos não estivessem decrici mariamente dispostos a sancionar tudo quanto o antigo chefe unionista, o sr. Brito Camacho, lhe apetecesse fazer.

Tal não sucede, porem. Para nossa maior desgraça, dir-se-hia que existe um acordo secreto entre liberais e democraticos para que os primeiros não ataquem o governo do sr. Norton de Matos em Angola, e os segundos procedam de igual forma em Moçambique relativamente ao sr. Brito Camacho.

Mas não haverá na camara, ao menos, uma voz independente que chame a atenção do paiz para o emprestimo de Moçambique, realisado em condições tremendas para os interesses e o prestigio de Portugal? Isso bastaria, porque o caso é tão grave, os seus perigos manifestam-se com tanta evidencia, que a mais simples exposição seria suficiente para esclarecer o publico, e obrigar o Governo ás resoluções necessarias.

O parlamento tem o direito de dizer a ultima palavra sobre o emprestimo, e o Governo, por sua parte, não pode ser um servo inconsciente das resoluções dos altos comissarios, sobretudo quando elas afectem interesses gerais. Então não ha um ministro das Colonias? Esse ministro é o sr. Rodrigues Gaspar que, seja-lhe feita essa justiça, frequentemente tem reagido contra certos escandalos e atribuições latitudinarias de governo, nas nossas colonias. O sr. Rodrigues Gaspar não pode deixar de intervir neste caso. Cabe-lhe o dever de pôr a questão em conselho de ministros, tal qual ela é. E esta questão é daquelas sobre as quais se põe resolutamente e dignamente uma pasta.

Se assim não suceder, se nem partidos, nem parlamento, nem Governo, disserem uma palavra, esboçarem um gesto, tomarem uma resolução num caso de tal forma melindroso e cujas consequencias são incalculaveis, razão haverá para repetir a melancolica frase atribuida ao grande ministro de D. José: «Adeus, Portugal, que te vais á véla!»

O ARRANQUE DA PELE...

O novo regimen do inquilinato

OS ALÇAPÕES INVENTADOS PELO SR. MINISTRO DA JUSTIÇA PARA SURPREENDER A BOA FÉ DO POVO — TODAS AS RENDAS DE CASA SERÃO AUMENTADAS, SEM EXCEPÇÃO, Á VONTADE DO SENHORIO

O sr. ministro da Justiça enviou para a mesa da Camara dos Deputados uma proposta de lei, estabelecendo novo regimen nas relações entre senhorio e inquilino. Vamos analizar esse documento, que o *Diario de Noticias* publica hoje na integra. Referir-nos-hemos, em primeiro lugar, aos predios urbanos, dividindo o exame e a critica em parcelas, principiando, naturalmente, pelas questões que mais interessam o publico.

A PROPOSTA GOVERNAMENTAL PERMITE A ELEVAÇÃO ILIMITADA DAS RENDAS

I

O diploma a que o sr. ministro da Justiça ligou o seu nome é o mais audacioso ataque que se tem feito, desde tempos imemoriais, á economia dos ricos, remediados e pobres. A avaliar pela aparencia, a redacção do diploma obedeceu ao proposito de iludir o povo, fazendo-se grande uso de rabulices muito proprias de um advogado da Boa Hora, mas simplesmente execraveis num estadista da Republica. Trata-se de um documento hipocritamente redigido, onde a finalidade, que é a elevação ilimitada das rendas dos predios urbanos, é encoberta com o véu de uma esperteza saloia, talvez usual entre os taberneiros que falsificam o vinho com que envenenam os fregueses, mas absolutamente deslocada num documento que o sr. ministro da Justiça ousa submeter ao exame de pessoas que são mais inteligentes do que êle. Demonstremos.

II

O artigo 13.º da proposta preceitua o seguinte:

«Nas rendas dos predios urbanos, que não excedam mensalmente em Lisboa e Porto 200$00, nas outras cidades 100$00 e 50$00 nas demais terras do continente da Republica e ilhas adjacentes, é absolutamente proibido aos senhorios elevá-las, ainda mesmo com o acôrdo dos inquilinos, sob pena, para ambos, de desobediencia qualificada e de incorrerem, alem disso, na multa de 300$00 a 500$.»

Quem lê isto e não lê mais nada, persuade-se de que, realmente, *fica absolutamente proibido aos senhorios elevar as rendas que não excedam, mensalmente, 200$00 em Lisboa e Porto, 100$00 nas outras cidades e 50$00 nas demais terras*. Absolutamente proibido, diz o ministro proponente. Mas, logo a seguir, em paragrafo, estabelece excepções ao absoluto, que fica reduzido a nada, desta vez absolutamente. Eis o que diz o paragrafo:

«A proibição dêste artigo não prejudica o direito de elevar as rendas, nos termos dos artigos 15.º e 16.º desta lei.»

Onde digo que digo, digo que não digo: onde se diz que fica absolutamente proibido elevar as rendas, deve lêr-se exactamente o contrario. Os senhorios ficam, na realidade, com absoluta liberdade (desta vez é que é absoluta) para arrancarem aos inquilinos o dinheiro que quizerem e mais alguma coisa. E' o que vai ver-se.

III

As excepções ao artigo 13.º são as consignadas nos artigos 15.º e 16.º, diz o paragrafo. Mas, antes, diz o artigo 14.º:

«Art. 14.º Nas rendas respectivamente superiores ás designadas no artigo antecedente pode o senhorio ou inquilino concordarem em qualquer elevação de renda.»

Quer dizer: quem paga mensalmente mais de 200$00 em Lisboa e Porto, 100$00 em outras cidades ou 50$00 noutras terras, ha de entender-se com o senhorio para pagar mais, tudo quanto êle quizer, — ou mudar-se. Mas, mudar-se, para onde? Não lhe será possivel fazê-lo, como já não é. Logo, paga. O senhorio receberá mensalmente o valor do predio, que continuará a ser dêle. E' o bolchevismo... ás avessas. Mas isto é regimen para as rendas superiores ás quantias fixadas no artigo 13.º Para as outras é a mesma coisa. E' agora ocasião de mostrar claramente a indecorosa rabulice com que o sr. ministro da Justiça procura favorecer os amigos do sr. Carvalho da Silva, deputado da minoria monarquica e prestigioso presidente da Associação dos Proprietarios.

Vamos vêr, pois, a sorte que o sr. ministro da Justiça reserva aos inquilinos que pagam *menos de 200$00* em Lisboa e Porto, 100$00 em outras cidades e 50$00 em outras terras.

IV

A sorte é esta: hão de pagar, tambem, o que o senhorio quizer. O tal *absolutamente* do artigo 13.º fica destruido no artigo 15.º, desta forma expresso:

«Na falta de acôrdo a que se refere o artigo antecedente ou quando ás rendas não ultrapassem as mencionadas no artigo 13.º, se o senhorio pretender o aumento ou o inquilino a diminuição da renda, observar-se-ha o seguinte»:

Eis o gato: quando as rendas *não ultrapassem as mencionadas no artigo 13.º*, isto é, quando forem iguais ou inferiores a 200$00 em Lisboa e Porto, 100$00 nas outras cidades e 50$00 nas restantes terras, *as rendas podem ser aumentadas pelo senhorio*, mediante certas regras. Vejamos quais são essas regras.

V

Digamos, desde já, que entregam o inquilino, indefeso, nas mãos do senhorio.

As rendas fixadas em contractos vigentes em 23 de Novembro de 1914, que foi o inicio da carestia geral da vida, podem ser acrescidas:

a) — dos encargos das respectivas contribuições;

b) — das despesas de conservação;

c) — dos premios de seguros;

d) — de outras despesas obrigatorias a que o senhorio esteja legalmente obrigado.

Trata-se, pois, de uma rede varredoira contra o inquilino que tenha contracto vigente em 23 de Novembro de 1914. Ha de pagar tudo ao senhorio: contribuições, despesas de conservação, premios de seguros e, ainda, outras despesas indeterminadas. O inquilino paga o predio em que habita, paga-o integralmente, desde os alicerces ás aguas furtadas, — e paga até os concertos!

VI

Se o contracto data de 28 de Setembro de 1917 e se as rendas, lá fixadas, excederem 18$00 em Lisboa, 15$00 no Porto, 10$00 nas outras cidades e 5$00 nas restantes terras do continente, podem ser aumentadas com os acrescimos fixados acima.

VII

E se os contractos não estão compreendidos nas datas atrás indicadas, as rendas fixar-se-hão, tendo em vista:

a) — as despesas com a edificação do predio;

b) — o valor do terreno;

c) — o valor de todos os pertences ou anexos.

CONCLUSÃO

Fiquemos hoje por aqui. Basta o que fica exposto para que a população citadina se convença do perigo que a ameaça. Mas o que escrevemos é apenas o pano de amostra. Havemos de referir-nos, detalhadamente, a outros aspectos da questão, demonstrando, sem sombra de duvida, a habilidosa má fé que presidiu á redacção do documento.

Este artigo tem um objectivo: pôr o povo de sobre-aviso. Se quizer continuar a dormir, pode fazê-lo. Quando acordar, está roubado! Porque, se hoje já não tem pão, amanhã não terá casa.

SOUSA COSTA

O notabilissimo autor do "Romeu e Julieta" "vê traduzida em espanhol" a "Sempre Virgem"

Arthur Sagastegui, um nome que recentemente apareceu nas letras de Espanha, acaba de verter para a rica, scintilantissima lingua de Zorila e de Espronceda, o notabilissimo romance «Sempre Virgem», dum dos nossos primeiros romancistas portugueses, o prosador rico de destresa e de flexuosidade que é Sousa Costa.

A tradução excelente, elaborada cuidadosamente faz por si só o elogio dos povos de Espanha, pleiade que flores ce de dia para dia e lança de novo nas letras do visinho paiz o nome consagrado e querido do autor chelo de observação e de ternura que é Sousa Costa.

Tratando-se deste nome vincado e vencedor, auguramos um exito pleno ao trabalho de Arthur Sagastegui e pela conquista de mais um louro saudamos efusivamente o escritor a que não chamaremos distinto por horror do lugar comum, mas que nas letras portuguesas tem indiscutivelmente desenhado com rigor uma epoca, uma sociedade e um conflito de paixões, no «Coração de mulher», nos «Excentricos», na «Ressurreição dos mortos» e em tantas outras obras de subido valor onde sempre transparecem a sua rara elegancia, o seu delicadissimo espirito e o profundo amor da sua terra.

Cumprimentando Sousa Costa, felicitamo-nos tambem um pouco. Sempre que a literatura portuguesa tem oportunidade de se desenvolver no estrangeiro, infiltrando-se e comentando-se em meios incomparavelmente mais vastos do que o nosso, devemos acolher com justificado interesse a tentativa.

Recordaremos que a Espanha moça e fresca, com uma literatura cheia de originalidade e de imprevisto, traduz habitualmente pouco. Ocupando-se da obra de Sousa Costa, vibrante, palpitante de fé e de desejo de vencer — dá-nos bem a nota do interesse que essa obra desperta.

A subscrição do "dia do Imperio"

Rendeu tres mil contos

LONDRES, 26 — A subscripção realisada no dia da festa do Imperio a favor dos hospitais de Londres rendeu 50.000 libras. — (R.)

As finanças do Estado

O «Dia» dizia hontem que de 1910 para a actualidade os impostos com que os variados governos teem sobrecarregado o contribuinte são já enormes. Comparando o orçamento de 1907-08 — com o agora apresentado para 1922-23, julgamos ser elucidativo comparar algumas epigrafes das receitas:

	1907-08	1922-23
	Contos	Contos
Receitas geraes	68.291	261.552
Despezas	69.250	588.907
Deficit previsto	959	327.355

RECEITAS

	1907-08	1922-23
	Contos	Contos
Contribuição industrial	1.811	24.000
Dita predial	3.998	19.650
Dita sumptuaria	114	800
Dita de registo	3.073	17.900
Imposto de selo	2.898	12.750
Especialidades farmaceuticas	23	630
Receita por meio de estampilhas	—	8.500
Imposto de transito caminhos ferro	293	4.500
Real de agua	1.323	2.172
Imposto do pescado	226	3.000

Demonstrado fica como as receitas teem aumentado e é quasi exclusivamente pelo agravamento de impostos que elas passaram de

68.291 contos em 1907-08

para

261.552 » em 1922-23

Estes numeros não teem, na realidade contestação possivel. Outras receitas e despesas se modificaram extranhamente, encolhendo umas, estendendo outras. Estamos chegados á capacidade maxima de imposto. Mas não se cura de fomentar riquezas, crear iniciativas, desenvolver energias. Isso não. Do que se trata é de arrancar ao proximo o resto da pele que ele ainda possue!

FIGURAS NOSSAS

Estevão Amarante

A proposito da homenagem de hoje fala-se da grande figura do actor popular e a proposito de tudo fala-se de Teatro. O «Ganga», o «João Ratão», o «Fandelirio», o «Sabastião Brabosa»... a mais moça e admiravel galeria artistica dos nossos dias.

A' hora do calor a que lhes, escrevo, aqui a dois passos, entre amigos ricos e pessoas consideraveis, Estevão Amarante, saboreia com Colares, Burjasos e manteiga fresca a mais util e proveitosa homenagem que nós ainda sabemos dar: um almoço.

E' natural que no momento passavante dos vinhos espumosos, saltem com as rolhas das garrafas, discursos profundos e respeitaveis, retormas admiraveis de dramaturgia, e opiniões definitivas sobre a «mixed-pickles».

Não tendo ido almoçar á sala doirada do Tavares eu limito-me daqui, a escrever estas sinceras linhas de amizade e de admiração, hoje autenticos «Ors-d'oeuvre» dos entusiasticissimo pitéu do jornalismo diario.

Escrever sobre Estevão Amarante é-me sumamente grato. Eu acho que tudo merece quem tão disveladamente se dedica á sua arte e á sua profissão. Esse espirito profissional das carreiras artisticas tão complexo de sentir o gravo de interpretar — se é tão facil passar dele á cristalisação das energias, ou o que é peor á mecanisação dos mais puros interesses estéticos — tem-no Estevão Amarante na mais harmonica e equilibrada proporção.

Ele é actor cujo esforço é continuado e persistente e cujo fulgurante e belo talento de histrião de raça, admiravelmente instintivo e duma assimilação creadora e facil conquista logo pela expontaneidade, pela sinceridade dominadora, pela frescura de exteriorisação.

As suas creações, estudadas entre o povo, sentidas e vividas para o mesmo povo, teem um sabor de verdade inegualavel, de verdade transparente e atraente, daquela verdade humana, decalcada sobre a propria vida, modelada sob a fórma destas existencias que se entrechocam na nossa vida de todos os dias.

Actor vindo do povo, da argila mole da terra, impregnado dos mais lindos sentimentos étnicos e das puríssimas germinações do sentido creador dos nossos homens e das nossas mulheres, Amarante, involuntariamente, despreocupadamente, foi já sobre as quatro taboas desconjunctadas dos teatros da feira, iluminado em momentos de genio por uma aureola de esplendor fulgurante, a propria e glorificadora idiosincrasia da Raça.

O «João Ratão», «patinado» pelo «frisson» patriotico da guerra, entre berças de giestas e môrros soalhentos da provincia; o «João Ratão», picante, corado, montinso de aventuras de amor, encontrou sob a mescla cinzenta do grande actor popular, um coração de portuguez, com todos os seus defeitos e todas as suas virtudes para o interpretar, palpitante de graça e de mocidade.

O «Saloio do Sanguinhal» do «Conde Barão», de olho redondo e vidrado, e dues maçãs reinetas na face tenra, todo de chaneca e perna fina, a dedilhar na guitarra a estupidez duma canção do arrabalde, com o namoro de taché e as arrecadas falsas — encontrou sob o fato domingueiro e o saco de retalhos de Amarante o seu interprete extraordinario.

O «Fandelirio» da Mouraria, de olheiras roxas como luar e beiços sensuais, com requebros de viela, agil e elastico como um gato das vielas da rua — ele proprio filho da rua — raspando na guitarra os bordões dum eterno fado cheio de estilisações subtis, — mais de soluços que de palavras — encontrou sob o capote de fadista, a peliça de pele ordinaria e a camisa côr de laranja, ainda do mesmo Amarante, o poder de emoção, de ritmo dramatico, de amorosa vibração, que só uma alma muito grande ou um instinto muito inteligente podiam tornar possiveis.

* * *

A estas horas Amarante está já a acabar de almoçar.

Em sua honra toda a critica teatral espalita agora os dentes. Vou jurar que se ouviram discursos, discursos magros, discursos que espremidos não dão nada, discursos sêcos — discursos «triple-sec» como diria Antonio Ferro.

A Luiza Satanela, atriz da «Perola Negra», a perola branca das atrizes, petitosa a esta hora dos almoços como a manteiga fresca gelada, e picante sempre como os «mixed-pickles» do Tavares, não lhe faço eu agora os discursos definitivos sobre dramaturgia — beijo-lhe as mãos.

O homem que passa

Uma branca no Imperio de Annam

causa geral consternação no paiz dos mil elefantes

LONDRES, 25. — Informam telegramas recebidos nesta capital que reina a maior consternação no harem de Khai-Dinh, o imperador do protectorado francez de Aham, conhecido por «Filho do Ceu» e sucessor do Trono dos mil Elefantes, porque o «senhor» está disposto a se casar com uma joven branca.

Os cortesãos ainda se encontram mais impressionados, porque se o Imperador se casa com uma joven branca terá que aceitar a monogamia, e suas restantes esposas teriam que ser distribuidas pelos cortesãos, os quais se declaram pouco dispostos a aceitar, devido ao elevado custo da vida que os impede de manter mais mulheres do que as que já teem — (R).

Tchitcherine em Genova

Tchitcherine foi descrito como uma especie de Talleyrand bolchevista mas muito lhe falta para isso. Mesmo quando é impertinente parece totalmente desprovido da envergadura necessaria a um revolucionario. Não tem nada nem de Dante nem de Robespierre. Em Genova, por toda a parte não recebeu senão atenções e gentilesas. Em certo baile onde o delegado russo se encontrava, as mulheres cobriram-no totalmente de flores

Lloyd George amuado

Fará á França advertencias... desagradaveis

PARIS, 25. — Apesar das recentes manifestações de simpatia á França realisadas em Londres, a imprensa francesa mostra-se receosa com os intentos que se atribuem a Lloyd George.

Anuncia-se que esta no seu discurso projectado sobre a conferencia de Genova, se referirá ao vencimento do dia 31 de maio, fazendo diferentes advertencias á França que sejam talvez inoportunas e desagradaveis. — R

Pio XI sairá do Vaticano?

ROMA, 25. — Volta a falar-se da possibilidade de que o Papa saia do Vaticano. Se tal facto se realisar para o que só falta vencer alguns pequenos obstaculos, Pio XI abandonará o Vaticano no mez de Julho para passar uns dias no Castelgandolfo a uns vinte quilometros de Roma que pertence ao Papa em virtude da lei chamada de Garantias. — (R).

N. R. — A lei de garantias é a que pôe á disposição do Papa alem de in tressess morais uma estreita faixa de terra que se prolonge junto do Tibre até ao litoral perto de Ostia. Não reconhecida pela soberania do Papa embora se lhe ofereçam vantagens materiais. Esta foi proposta em Berne em 1870 logo depois da extinção do poder temporal do Papa.

Vai de novo brilhar o gas em Lisboa?

A companhia pensa no caso

Dizem os jornais que brevemente que muito brevemente vai voltar a existir o gaz na cidade de Lisboa. Interrogada a Companhia a tal respeito diz esta entidade que efectivamente pensa em restabelecer o antigo processo de iluminação.

Pois seria melhor que não pensasse; infinitamente melhor. Alem do bonito preço porque viria a ficar o gaz, a Companhia não pode ignorar que esse modo de iluminação, por isso mesmo que é dispendioso e já hoje primitivo, está sendo metodicamente posto de parte em todas as capitais Europeias. Nas grandes cidades americanas, se são muito modernas, não ha gaz, se tem já uma existencia relativamente longa e possuem antigas canalizações, aproveitam-nas apenas e não as ampliam. Assim é que a moderna e mais recente «Villa Luz» que é hoje o Rio de Janeiro, quasi que não tem gaz; assim é que Buenos Ayres a Paris da America do Sul, está sistematicamente acabando com ele. Mas em Lisboa onde se faz tudo ao contrario de toda a parte, pensa-se em voltar ao gaz.

Não poderá aduzir-se que o gaz não serve apenas para a iluminação e sim para mil aplicações da industria. Foi de facto assim em tempos que já lá vão. Mas hoje todas as industrias o dispensam utilisando a corrente electrica. A isso se viram obrigadas ha tempos a prescindir do gaz por necessidade, prescindem hoje dele por dispensavel.

Acresce alem disso que a canalisação da cidade de Lisboa, por isso mesmo que ha muito tempo não funciona, deve estar inteiramente deteriorada sendo sem duvida necessario para a reparar, somas que com certeza atingiriam centenas de contos.

Não seria preferivel gastar essas somas em ampliar e desenvolver a nossa actual instalação electrica, que é hoje impropria duma cidade de mais de meio milhão de habitantes?

A ETERNA-LEI 1244

Um caso curioso na «monarquia do sul»

Começamos colecionando alguns casos sobrevindos na ocasião em que uma parte da guarnição de Lisboa emigrou para a serra de Monsanto. Hoje damos um á estampa. Houve no seu mais facilidade em se alapardarem os heroicos e esse o motivo porque tem escassado até hoje a biografia dos protagonistas — mas com isso não queremos crêr lacunas na documentação pitoresca das leis 1040 e 1244 e mostrar até que ponto ela é irritante e inepta, — não nos dispensamos de um ou outro caso mais pitoresco revestido, está claro com todos os caracteres da mais indiscutivel autenticidade.

E ahi vai ele:

Alferes da Administração Militar, Palma Graça. Este oficial foi provisor de todas as forças monarquicas que estiveram em Monsanto. Foi ele, por conseguinte, que abasteceu essas forças, concorrendo para que nada lhes faltasse e pudessem cumprir a missão que as levou para aquela aventura. Dizem os que presenciaram esses serviços, que o oficial em questão se houve de uma maneira digna dos melhores elogios...

Como todos os que em Monsanto estiveram, foi preso. Mas, como teve lampada acesa em Meca, foi posto em liberdade, vendo o seu auto arquivado, o que não aconteceu com a maioria dos seus camaradas, que sofreram as consequencias das muitas leis que dahi por diante sairam dos cerebros privilegiados dos varios Evangelistas... Este oficial, que entrou, e muito bem, no rol dos nossos, teve como premio dos seus serviços o ser promovido a tenente e ser hoje o tesoureiro da Direcção da Aeronautica Militar. Estamos convencidos que, com tanta sorte, podi... voar com a maior tranquilidade e confiança, que nada lhe acontecerá... felizmente para ele, para nós e para o regimen, que tem ali um bom defensor...

Uma princesa russa

Prefere a pena de morte a 5 anos de prisão

REVAL, 25 — Por implicada num movimento anti-bolchevista foi condenada a 5 anos de prisão a princesa Gagarin, mas esta pediu ao Tribunal sovietista que lhe comute esta pena pela de morte. — (R.)

A revolução de Maio

A republica Argentina vê passar mais um aniversario da sua independencia

Passa hoje o aniversario da revolução de onde saiu a independencia da Republica Argentina e conhecida naquele paiz da America latina como a *Revolução de Maio.*

A meiados dêsse mês de 1810, uma fragata inglesa levara a Buenos Aires a noticia: — que havendo caido a Espanha em poder de Napoleão, só restava aos espanhois a cidade de Cadiz, onde tivera que refugiar-se a *Junta Central* de Sevilha. Tendo causado esta noticia grande agitação entre o povo, o vice-rei D. Baltazar Hidalgo de Cisneros, brigadeiro da Real Armada, dirigiu-lhe uma proclamação, pedindo que permanecesse fiel ás novas autoridades, estabelecidas em Cadiz, representativas do rei legitimo Fernando VII.

Neste comenos apresentaram-se ao vice-rei varios chefes patriotas solicitando-lhe um *Cabildo Aberto* para se informarem da vontade do povo, ao que Cisneros não teve outro remedio que anuir.

Os *Cabildos* eram uma antiga instituição espanhola adoptada na America pelos soberanos castelhanos, equivalendo ás actuais Juntas Economico-Administrativas, ainda que com maior soma de privilegios e liberdades, o que lhes permitia trabalhar com melhor exito em prol dos progressos morais e materiais do paiz. Os seus membros chamavam-se *cabildantes* e eram os habitantes de melhor nota e os mais recomendaveis por seu amor ás localidades em que desempenhavam as suas funções, que eram gratuitas.

A honestidade com que administravam as rendas publicas e a energia com que defendiam os seus proprios direitos e os do povo os fizeram celebres através do tempo e da Historia. Como os *Cabildos* consubstanciavam o principio da soberania popular, nos momentos graves e solenes convocavam o povo para deliberar sobre lançamentos de impostos, melhoramentos locais, emprestimos e solução de conflitos.

Neste congresso popular, depois de largos debates, triunfou o partido patriota, depondo o vice-rei e delegando no *Cabildo* a autoridade suprema. Este desastre não desalentou, porém, o partido espanhol, que em nova reunião logrou nomear uma *Junta* de quatro membros, sob a presidencia do vice-rei; mas o povo, apoiado então pelos batalhões crioulos, em atitude ameaçadora, obrigou Cisneros a renunciar.

Na manhã de 25 daquele mês, grande massa de povo se reuniu na Praça Maior da Vitoria (hoje *Praça de Mayo*), exigindo em gritos a nomeação de outra *Junta*, composta somente de *filhos do paiz*. Dois fogosos jovens apresentaram á assembleia a lista dos patriotas que deviam formar a nova *Junta;* e sendo aceita, prestaram juramento os seus membros, perante um crucifixo e a mão sobre o Livro dos Santos Evangelhos.

Com este sucesso, chamado na Historia a *Revolução de Maio*, ficou inaugurada, sem derramamento de sangue, a gloriosa *época da Independencia*, cujo aniversario é justamente celebrado na Republica Argentina.

Em seguida, as cidades de Chuquisaca, na Bolivia, e Quito, no Equador, levantaram o estandarte de rebelião, sob as mesmas bases e programas que se viram do norte a Montevideu, nomeando Juntas do Governo e depondo os governadores, com o pretexto de que intentavam entregar o paiz a Napoleão.

Até os habitantes da cidade da Paz se levantaram em armas aos gritos de — *morram os chapetones* — organisaram um governo independente e dirigiram-se aos povos da America incitando-os á revolta contra a Espanha.

De modo que a *junta* de Montevideu, além de ter sido a primeira que se constituiu na America, havia conseguido levar a sua influencia ás mais longiquas regiões do continente, iniciando os povos no segredo dos movimentos revolucionarios e dando-lhes um programa de combate nas futuras emergencias que haviam de produzir-se.

Por isso, Montevideu se orgulha com o indisputavel titulo de haver sido ela que enfraqueceu o caminho por onde, mais tarde, havia de lançar-se a revolução americana a conquistar a independencia e a liberdade do Continente.

Academia de Sciencias de Portugal

Na ultima sessão ordinaria da Academia de Sciencias de Portugal o sr. Gomes de Carvalho, lembrando deliberações já tomadas com relação á representativa da Academia na exposição do Rio de Janeiro propoz [illegible] Buavida Portugal [illegible] credenciais que o habilitem como Delegado da Academia junto da Direcção da referida exposição, tendo sido aprovada a proposta [illegible]

Um novo projecto de lei

Corrige e aumenta o "diluvio dos coroneis"

Os parlamentares Eugenio Aresta, Virgilio Costa, Lucio Martins e Lelo Portela apresentaram no Parlamento a seguinte proposta de lei que por nos parecer curiosissima tambem nos merece especial referencia:

Art. 1.º—Todos os oficiais promovidos nos termos da Lei n.º 1239 de 24 de fevereiro de 1922, receberão os vencimentos do posto anterior, em cujo quadro serão contados, até terem vacatura no quadro do posto a que foram promovidos.

Art. 2.º—As vacaturas provenientes das promoções nos termos da Lei n.º 1239 não serão preenchidas, enquanto os oficiais promovidos não entrarem, por vacatura, no quadro do posto a que ascenderam.

Art. 3.º—Serão promovidos, depois de satisfeitas as condições de promoção exigidas pela Lei n.º 1239 e sem prejuiso do lugar que ocupavam na escala á data da publicação da Lei referida, todos os oficiais mais antigos, dentro da mesma arma ou serviço, do que o mais moderno promovido por virtude da citada Lei 1239.

§ 1.º—Os oficiais a que se refere este artigo que não tenham ainda satisfeito as condições de promoção, serão promovidos logo que as satisfaçam, indo ocupar na escala de antiguidades o lugar que tinham á data da publicação da Lei 1239, se a promoção se der antes de lhe pertencer por vacatura ao posto imediato.

§ 2.º—Aos oficiais a que se refere este artigo e ás vacaturas provenientes da sua promoção, serão aplicaveis as disposições dos artigos 1.º e 2.º desta Lei.

Art. 4.º—Aos oficiais promovidos nos termos da Lei 1239 e artigo 3.º desta Lei aplicar-se-hão os limites de idade do posto em cujo quadro são contados.

§ unico—A estes oficiais, quando tenham passagem ao quadro de reserva ou sejam reformados antes de terem entrado no quadro do posto a que ascenderam, ser-lhes-ha calculada a pensão em relação aos vencimentos que percebem.

Art. 5.º—Os oficiais de que trata esta Lei continuam desempenhando, até terem vacatura no quadro do posto a que ascenderam, as comissões de serviço e comando de tropas que por disposições legais devem ser desempenhadas por oficiais do posto anterior, excepto no comando de tropas para os promovidos a capitães e majores.

Art. 6.º—Fica assim interpretado o art. 1.º e seu § unico da Lei 1259 e revogada a legislação em contrario.

Sala das sessões, 25 de maio de 1922. —Os Deputados—(aa) Eugenio Aresta, Virgilio Costa, Lucio Martins, Lelo Portela.

Este assunto tem sido tratado varias vezes pela «Capital» e sempre com o bom senso e a ponderação que o caso requer em face do tremendo desequilibrio que representa.

Com este projecto que é um magnifico complemento á lei 1239 bastará crêr que fique depois alguem que não tenha nos braços uma dusia de galões pelo menos. O artigo 3.º é uma cousa maravilhosa. E mais se depreende de todo este magnifico projecto que outras mudanças se preparam. Com efeito, pela lei 1239, afirmou-se que oficiais do «diluvio», não trariam encargos para o Estado visto continuarem percebendo o soldo do posto anterior. Prepara-se a modificação desse estado de cousas que de resto não enganaram ninguem.

Até onde? Até onde?

PELO TELEGRAFO

Um novo invento de grande utilidade

FERROL, 26.—O sr. Serret poz á disposição do governo um novo aparelho radiofaro, inventado por ele, que indica a posição dos navios no alto mar. As experiencias a que se vai proceder, durarão 15 dias.—(Lat. Am.)

Trigos e farinhas

MADRID, 26.—Discutiu-se o novo regimen de trigos e farinhas. O sr. Cambó tratou do assunto sob todos os aspectos. O sr. Matesanz defendeu energicamente os agricultores.—(Lat. Am.)

As despesas do Banco de Espanha

MADRID, 26.—O Banco de Espanha resolveu adquirir varios edificios contiguos aos que ele ocupa. O preço está avaliado em 6.750.000 pesetas. —(Lat. Am.)

A Galisa batida por um temporal

VIGO, 26. — Caiu em Lalin uma tormenta com chuvas torrenciais e granizo. A ponte de Cortuto ficou destruida e cortada a entrada de Santiago a Orense.—(Lat. Am.)

Acordo italo-germano

ROMA, 26. — Entre a Italia e a Alemanha foi concluido um tratado para a restituição das propriedades sequestradas durante a guerra. —(Lat. Am.)

ULTIMA HORA

Parlamento

Nos Deputados

A SESSÃO DIURNA

A sessão abre ás 15 horas. Lê-se a acta, lê-se o expediente e não se põe á votação coisa alguma, nem mesmo a acta, porque não ha numero suficiente. Não admira. Ontem houve sessão diurna e noturna. Os ilustres deputados, exgotados pelo serão, são tardios na comparencia á sessão diurna de hoje. E esta noite ha sessão tambem. Isto é trabalhar até á exaustão!

Continua em discussão o projecto de aumento de salarios aos oficiais do registo civil. Reeditam-se os velhos argumentos contra e pró á lei da separação. Quem tiver interesse leia os debates das Constituintes.

Na segunda parte da Ordem do Dia marcaram-se os debates sobre os orçamentos dos Ministerios das Colonias e Instrução Publica.

São 15 horas e meia. Não está presente nenhum membro do Governo. Nas galerias, ha seis individuos. Um dêles, encostado a um canto, dorme como um bemaventurado.

INFORMAÇÃO EXACTA ACERCA DA SITUAÇÃO POLITICA

O Governo está seguro da coesão da maioria democratica, que votará os orçamentos e as propostas de Finanças, até fim de Junho proximo, quasi sem discussão. Está assente que apenas se pronunciarão alguns deputados mais conhecedores dos problemas financeiro e economico e apenas o suficiente para não deixar sem resposta a oposição liberal e monarquica.

Se fôr indispensavel, os reconstituintes reforçarão as votações, mas a sua atitude definitiva pode modificar-se, se forem coroados de exito os esforços, ainda não terminados, para a fusão com os liberais.

OS OFICIAIS DO REGISTO CIVIL SÃO EXCLUIDOS DO AUMENTO DE EMOLUMENTOS

Após uma discussão, que parecia eternizar-se, a Camara aprovou, na generalidade e especialidade, o projecto respeitante a oficiais do registo civil. Deu-se um caso interessante: a Camara excluiu dos beneficios da lei os funcionarios de Lisboa. Isto não foi feito sem protestos veementes, quasi tumultuosos, de uma parte da Camara.

A sessão continua.

No Senado

Preside o sr Gaspar de Lemos secretariado pelos srs. Mendes dos Reis e Aragão e Brito.

Acta aprovada por 32 senadores.

Os srs. Aragão e Brito, Mendes dos Reis e Ramos de Miranda ocupam-se da demora havida por parte da Comissão de guerra para se pronunciar sobre um projecto de lei referente á G. N. R. Apura-se finalmente que se trata dum projecto de lei de interesse pessoal para um veterinario e resolve-se aguardar o parecer.

O sr. Santos Garcia insurge-se contra o facto de Evora não cumprir o «modus vivendi» estabelecido para o fabrico do pão.

O sr. ministro da Agricultura promete tomar providencias.

O sr. Teixeira da Silva congratula-se com a anunciada visita do sr. Presidente da Republica aos Açores. (São 16 3). A sessão continua.

O arcebispo catolico de Washington

agride pudicamente as saias curtas

WASHINGTON, 26—O arcebispo catolico desta cidade publicou uma pastoral prohibindo que se ministrasse a comunhão ás senhoras que se apresentassem com decotes excessivos e com as saias muito curtas.—(R.)

O naufragio do «Egypte»

BREST, 26. —Os marinheiros portugueses fizeram celebrar, na Egreja de S. Luiz um oficio funebre pelos seus camaradas, naufragos do vapor «Egypte». Assistiram o consul português e autoridades.—(H.)

Excursão dos estudantes de Vizeu—Homenagem a Sacadura Cabral

VIZEU, 26—Os alunos da 6.ª e 7.ª classes do Liceu partem brevemente em excursão de estudo ás principais [illegible] da Beira [illegible] Caterico da Beira [illegible] que [illegible] Sacadura Cabral.—(Particular)

As prisões dos oficiais outubristas

Esta manhã foram presos, em suas casas, os srs. coronel Manuel Maria Coelho e capitão-tenente da armada Serrão Machado. Estes oficiais foram para a Trafaria.

Parece que o numero exacto de prisões a efectuar sobe a vinte e uma.

Segundo uma versão, que nos merece credito, muitos dos oficiais agora presos não são suspeitos de concorrerem para os morticinios de 19 de Outubro. São, apenas, acusados de rebelião militar.

Efectivamente, o movimento de 19 de Outubro constituiu crime militar, sobre o qual não recaiu nenhuma amnistia. Nestas condições, os tribunais militares, recebendo os autos organisados pelo sr. dr. Alexandrino de Albuquerque, conhecem oficialmente do crime de rebelião militar e pronunciam os oficiais sindicados como organizadores e propulsores do movimento.

Se assim é, facilmente se depreende que as prisões podem ainda ser aumentadas, em tão grande numero foram os oficiais que se comprometeram no movimento.

Não mencionamos os nomes dos oficiais contra os quais se diz que ha ordem de prisão. Não queremos, em circunstancias tão delicadas, concorrer para a circulação de boatos que amanhã possam sofrer fundamentado desmentido.

Não nos consta que haja mandado de prisão contra qualquer civil, com excepção do sr. dr. Veiga Simões. A respeito da situação do ex-ministro dos Estrangeiros dos Governos Outubristas, ouvimos que êle se ausentara de Lisboa, parecendo ter-se refugiado no estrangeiro.

E' SOLICITADA A PRISÃO DO CAPITÃO VIRGILIO COSTA

Na mesa da Camara dos Deputados foi recebido, ás 16 horas, um oficio do general sr. Adriano de Sá pedindo autorização para efectivar a detenção do deputado sr. Virgilio Costa, capitão de engenharia, pronunciado pelo crime de rebelião perpetrado em 19 de Outubro do ano passado.

O sr. Virgilio Costa não compareceu hoje aos trabalhos parlamentares. Diz-se que se ausentou ontem para o estrangeiro.

E' certo que a Camara concederá a autorização pedida, suspendendo as imunidades ao parlamentar indiciado.

Ao fim da tarde fomos informados de que receberam intimações para se apresentarem á prisão os seguintes oficiais:

Coronel Nobre da Veiga, tenente-coronel Marreiros, capitães Virgilio Costa, Sousa Guerra, Sarmento Rodrigues; tenentes Jorge de Carvalho, Rosa Mateus, de engenharia, seu irmão Rosa Mateus, da Administração Militar, e Malta; alferes Lopes Soares e Fialho.

Tambem recebeu intimação o guarda-marinha Benjamin Pereira.

O alferes Lopes Soares, da Policia, ao receber ordem de prisão, dirigiu-se para o Quartel General, acompanhado do tenente Pio e dos seus camaradas alferes Boavida e José Carlos, sendo alvo de uma grande manifestação de simpatia á saida do Governo Civil, ouvindo-se estridentes vivas á Patria e á Republica. Os oficiais que se apresentaram no Quartel General, tomaram ali o compromisso de honra de se apresentarem ámanhã, ás 11 horas, á prisão devendo seguir todos para o forte da Trafaria.

Como é natural, as prisões foram o assunto de todas as conversas, chegando a correr boatos de revolução.

As tropas receberam ordem de prevenção rigorosissima.

Se prevalecer o criterio que dá aos oficiais presos o crime de rebelião, o Chefe do Estado ficará em cheque, visto ter chamado ao Poder elementos que o tribunal possivelmente reconhecerá como revoltosos.

Uma festa no Stadium do Lumiar

No dia 28 do corrente, vai realisar-se no Stadium do Lumiar uma demonstração de gimnastica e sports atleticos em que tomarão parte todas as escolas secundarias da capital.

Acontece, porém, que algumas destas escolas só recentemente começaram a treinar-se, indo portanto para os respectivos exercicios num pé de inferioridade em relação aos alunos de outros estabelecimentos de ensino que tiveram largo tempo de treino.

Com esta declaração visa-se a prevenir o publico [illegible]

A Festa da flôr

Continuou hoje o apuramento das importancias colhidas com a festa da flor realisada hontem nesta cidade estando apurados já 25 contos.

Foram 200:000 flores que se venderam.

Raid Portugal-Brasil

O grande bodo aos pobres

O major sr. Viriato Lobo, governador civil de Lisboa, recebeu mais as seguintes importancias para a subscrição que se acha aberta a favor do grande bodo que vai ser distribuido aos pobres:

Quete aberta no restaurante *Trocadero*, lista n.º 300, 11$70; João da Mata, 5$00; Cipriano Nunes Fonseca, 2$50; Marco Leitão, 5$; comissão politica do P. R. P. em Alemquer, 12$50; lista n.º 225, 10$; Restaurant Central, 35$; chefe sr. Alfredo Maria, da Investigação, 25$; Henrique Silva, 50$; A. de Almeida Frazão, 5$; José Teofilo de Oliveira, 2$50; Luiz Augusto Madeira, 50$00.

A subscrição encontra-se em 34.652$23.

FELISBERTO GUEDES

Realisou-se o enterro do sr. Felisberto Guedes, para o cemiterio Oriental tendo sido muito concorrido o seu prestito funebre. Felisberto Guedes foi durante muitos anos o companheiro de Silva Porto na provincia de Angola onde viveu largo tempo.

A falta de agua em Lisboa

O sr. Carlos Pereira, director da Companhia das Aguas de Lisboa, conferenciou hoje com o sr. ministro do Comercio, sobre a questão da falta de agua na capital.

Homenagem a D. Carolina Michaelis

A comissão organisadora da festa em honra da sr.ª D. Carolina Michaelis, professora da faculdade de letras de Coimbra, convidou o sr. ministro da Instrução a assistir á sessão solene hoje, e pedindo-lhe, em nome da academia que concedesse feriado geral em todas as escolas universitarias. O sr. dr. Augusto Nobre, não podendo ausentar-se de Lisboa, por motivo de trabalhos parlamentares, faz-se representar naquela festa pelo reitor da Universidade, sr. dr. Antonio Luiz Gomes, a quem tambem autorisou a conceder o feriado pedido pelos estudantes.

MAUSOLEU a Machado Santos

Na reunião que ontem se efectuou, de amigos do malogrado Almirante Machado Santos, que se constituiram em comissão sob a presidencia do sr. Presidente da Republica, e se propuzeram fazer construir um mausoleu destinado a perpetuar a memoria do Fundador da Republica, compareceram a tomar posse dos seus logares os srs. dr. Magalhães Lima e coronel Melo Simas os quais, em palavras sinceras patentearam o seu estado de alma magoada pelos inclassificaveis atentados de 19 e 20 de Outubro do ano passado, e a sua admiração profunda pelas nobres qualidades do glorioso desaparecido.

A Comissão, tomando conhecimento do expediente, notou com satisfação a afluencia de subscritores de todas as classes sociais e valiosissimas adesões.

Deu conta dos trabalhos já realizados, a sub-comissão nomeada para organisar um espectaculo no Coliseu dos Recreios, cedido pela Empresa para tal fim, revertendo o producto para o Mausoleu.

Em breve se tornará publico o programa respectivo, que por certo, pelo fim, a que se destina, demonstrará como ainda é pequena a vasta sala do Coliseu quando vibra em unisono a alma portuguesa.

A subscrição está em 574$50.

Rumores da livre America

O ministerio do interior dos Estados Unidos conforme noticias recebidas de Washington, está estudando a posse da ilha de Wrangel, uma ilhota no mar Atico, de grande valor estrategico, dominando o N. E. da Siberia, na qual o explorador canadiense Stefanson implantou o pavilhão inglês. O telegrama acrescenta que a opinião oficial afirma que os Estados Unidos tomaram posse da ilha em 1881.

Este assunto está despertando um grande interesse pelos tecnicos do mar, que consideram a ilha de grande importancia estrategica.

Para evitar os continuos roubos nas ruas de New York inaugurou-se um serviço de camions-blindados para transportar valores. Cada camion é acompanhado por uma escolta armada e tem um cofre forte num compartimento blindado.

Dois retratos notaveis

O sr. Cyriaco de Cardoso, da Fotografia Artistica, rua do Coronel Pacheco 11 1.º, Gorlo, teve a gentileza de nos vir mostrar duas grandes ampliações dos retratos de Gago Coutinho e de Sacadura Cabral que amanhã são expostos ao publico numa das «vitrines» da casa Damião, ao Chiado.

Trabalho perfeitissimo de fotografia e dum trabalho cuja paciencia compreenderão bem os entendidos, o trabalho da Fotografia Artistica é notavel debaixo de todos os pontos de vista especialmente no retoque que é inexcedivel.

A situação politica na Madeira

Realisou-se ha dias uma reunião de delegados de varias agremiações republicanas com as comissões politica e administrativa do Centro Republicano 5 de Outubro, afim de tratarem da actual situação politica da Madeira.

Esta reunião que foi presidida pelo sr. C. Vasconcelos que deu conhecimento das «démarches» junto do presidente do Governo, para ser concedida a demissão, não ao sr. coronel Nobre da Veiga, do cargo de governador civil do Funchal mas aos actuais administradores dos concelhos do Funchal, Camara de Lobos, Sant'Ana e Porto Santo, por não merecerem confiança ás instituições.

Seguiu-se o sr. Manuel Lopes que apresentou uma proposta no sentido de se instar junto do presidente do governo pela demissão imediata do administrador do concelho do Funchal que é um inimigo da Republica segundo se afirma.

Na mesma ordem de ideias usaram da palavra os srs. Carlos Pedro da Silva e Teodoro Gomes Vieira, resolvendo nomear uma comissão constituida por representantes de varias agremiações afim de reunirem novamente no proximo dia 29 no Centro Republicano Radical á rua de S. João da Praça, 90, 1.º.

Uma pobre velha atira-se para debaixo dum automovel

Hoje de madrugada, na rua da Junqueira, uma pobre mulher cuja identidade se desconhece e que costuma vaguear por aquele sitio constantemente embriagada, atirou-se para a frente do automovel 497 que era guiado pelo «chauffeur» Antonio de Sousa, que foi preso.

A desgraçada mulher foi conduzida ao posto de socorros da Cruz Vermelha na rua da Junqueira e recolheu sem fala, em estado comatoso á sala de observações do Hospital de S. José.

Algumas pessoas que passavam e presencearam o desastre, são unanimes em afirmar que o «chauffeur» não teve a mais ligeira culpa.

Os bolchevistas

restituem á Polonia o que em tempo roubaram

MOSCOU, 26—Partiu no dia 17 para Varsovia um comboio com 27 wagons carregados com arquivos, sinos de egrejas e outros objectos tirados á Polonia. —(R.)

O mundo caminha

Curiosa maneira de alugar casas

Os proprietarios de Lisboa estão positivamente tratando de, por todas as maneiras acabar com os seus inquilinos antigos.

Cada vez é menor o numero dos felizes que estão ainda pagando as rendas de 1914. Esses vão sendo lentamente iliminados por um conjunto de circunstancias que principia na morte do arrendatario e termina na expulsão violenta do mesmo arrendatario logo que o senhorio tem pé para isso.

Vão por consequencia vagando algumas casas em Lisboa—das antigas e o expediente de que se servem os proprietarios para as realugar não é precisamente o mesmo que em todos os tempos se empregou.

«Quantum mutatis ab illo!» Dantes colavam-se escritos nas janelas. Agora não se põe absolutamente nada e o proprietario oferece a casa vagante em hasta publica. E' a quem mais der! Durante um certo praso recebe propostas dos pretendentes e arremata depois as paredes ao maior oferente!

E é por estas e por outras que o aluguel de casas em Lisboa é aqui ela aflitiva, angustiosa coisa que todos estão vendo!

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anonima—Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Assembleia Geral Ordinaria dos srs. Accionistas

Nos termos dos artigos 31.º e 39.º dos Estatutos desta companhia, aprovados por Alvará de 30 de Novembro de 1894, é convocada a Assembleia Geral Ordinaria dos srs. accionistas possuidores de 100 ou mais acções, segundo os preceitos do artigo 28.º dos mesmos Estatutos, para se reunir em Lisboa, na séde social, no dia 30 de Junho proximo futuro, pelas 16 horas.

ORDEM DO DIA

1.º — Conhecer das contas respectivas ao exercicio de 1921, do relatorio do Conselho de Administração e do parecer do Conselho Fiscal e votação sobre essas contas;

2.º — Apreciar quaisquer propostas dos srs. accionistas, apresentadas segundo a parte final do artigo 38.º dos Estatutos;

3.º Eleger dois vogais do Conselho de Administração, nos termos do artigo 13.º dos mesmos Estatutos, podendo haver reeleição, segundo o referido artigo;

4.º Eleger dois vogais do Conselho Fiscal, nos termos do artigo 24.º dos ditos Estatutos, podendo haver reeleição segundo o referido artigo.

Para os srs. accionistas poderem tomar parte nesta assembleia, devem as acções nominativas ter sido averbadas até ao dia 30 de Maio corrente, inclusivé, e as acções ao portador terem sido depositadas até ao meio dia do dia 15 do mês de Junho futuro:

Em Lisboa — Na séde da companhia, no Banco de Portugal, no Banco Comercial de Lisboa, no Banco Lisboa & Açores, no Banco Nacional Ultramarino, no Montepio Geral e no Crédit Franco-Portugais;

No Porto — No Banco Comercial do Porto;

Em Paris Nas caixas do Comptoir National d'Escompte de Paris, do Crédit Lyonnais, da Societé Générale de Crédit Industriel et Commercial, da Société Générale pour favoriser le développement du Commerce et de l'Industrie en France, do Banque de Paris et des Pays-Bas e do Banco Nacional Ultramarino;

Em Londres Nas caixas dos banqueiros Glyn, Mills, Currie & Company;

Em Genebra - Nas caixas da Société de Banque Suisse.

Os documentos legais estarão patentes na Contabilidade Central da Companhia desde 15 do mês de Junho proximo futuro.

Os bilhetes de admissão á Assembleia Geral serão passados pela Comissão Executiva da Companhia, em vista das acções averbadas ou dos recibos dos depositos das acções ao portador.

A assembleia constitue-se e poderá validamente deliberar nos termos dos artigos 32.º, 33.º, 36.º, 37.º e 39.º dos Estatutos.

Lisboa, 23 de Maio de 1922.

O presidente da mesa da Assembleia Geral, *Francisco José Fernandes Costa.*

Theatros e Cinemas

Primeiras representações

EDEN TEATRO—*Los Papiros* —*zarzuela comica dos irmãos Quinteros.*

A companhia Ballester, dando ontem ao publico de Lisboa uma zarzuela dos notaveis dramaturgos espanhois, com musica do maestro Pablo Lima, não facultou, na realidade, aos espectadores um trabalho notavel ou mesmo merecedor de ser ouvido. Os irmãos Quinteros, utilizando uma fabulação já bastante estafada em teatro, produziram um entrecho que é, afinal, o que menos importancia tem no genero zarzuela, sobretudo quando a musica tem a viveza e a graça que se requerem. Ora, o que é facto, é que a musica de *Los Papiros* é tambem pouco feliz, de forma que resultou da estreia da nova zarzuela uma grande inatenção do publico, que a deixou passar com geral indiferença.

O desempenho, excelente.

Noticiario

Entre nós

Deixou de fazer parte da companhia do teatro Chiado Terrasse a actriz Ilda Silva sendo contratada para a companhia do teatro Maria Vitoria.

● Foi adiada para data ainda não determinada a festa da graciosa actriz Laura Costa, a qual será levada a efeito no teatro Salão Foz.

● E' de Luiz Salvador a nova apoteose que será apresentada na revista «Porto, tantos de tal» que vai á scena no Apolo em 2 de junho.

● O primeiro quadro da revista «Lua nova» que subirá brevemente á scena no novo teatro Maria Vitoria, parodiando a peça «O centenario» representará o centenario do «Pirolito que bate que bate» que se lembra de reunir todas as canções portuguesas.

● A revista «Miau» com que abrirá a epoca de verão o Sá da Bandeira do Porto, é um arreglo das revistas «Piparote» e «Tiro ao alvo».

Cartaz do dia

Teatro de declamação

NACIONAL—A's 9—«O Auto dos Fariseleiros» e «Cavalgada das Nuvens».

POLITEAMA—A's 9—«O Regresso».

Teatro musicado

S. LUIZ—A's 9—1.° e 2.° actos da «Morenitas»—Uma conferencia—Um acto de variedades.

APOLO—A's 9,15—«Belo Sexo».

EDEN TEATRO — A's 9 — Companhia espanhola—«El Duo de la Africana» e «El Niño Judio».

CHIADO TERRASSE—A's 8,30 e 10,30—«Tiro ao Alvo».

SALAO FOZ—A's 8,30 e 10,30—«Piparote».

Animatografos

OLIMPIA—Rua dos Condes

CINEMA CONDES—Avenida da Liberdade.

SALAO CENTRAL—Praça dos Restauradores.

Exposição do Rio de Janeiro

UMA CIRCULAR DO COMISSARIADO AOS PARLAMENTARES E EXPOSITORES

Assinada pelo engenheiro sr. Lisboa de Lima, Comissario Geral do Governo na Exposição Internacional do Rio de Janeiro foi distribuida a todos os srs. parlamentares e expositores inscritos a seguinte circular:

«Tem-se falado tanto nos ultimos tempos do Comissariado Geral do Governo na Exposição do Rio de Janeiro, atribuindo á sua administração actos tão extraordinarios e orientação tão extravagante, que indispensavel é restabelecer a verdade, pois bem poderia ser tomado como confirmação das estranhas causas que á tal proposito se teem dito e escrito o facto de sobre elas se manter o silencio até agora guardado.

Tenho procedido assim para evitar supôr-se que defendendo o Comissariado Geral defendia a minha permanencia no alto cargo em que contra vontade me investiram, e que por mais de uma vez tenho tentado deixar vago para que outros mais competentes o venham ocupar.

Mas nem eu posso continuar á frente dos serviços do Comissariado Geral na situação que a inconsciencia de uns e a maldade de outros lhe criaram, sob pena de me tornar cumplice do desastre que para a nossa representação tal situação, a manter-se determinará, nem me julgo já no direito de continuar silencioso perante a atmosfera que se criou á volta do Comissariado Geral porque o mesmo seria contribuir tambem para o tremendo desastre para que corremos á desfilada e de olhos fechados.

A verdade foi sempre simples de expôr; e eu repto quem quer que seja a provar que de exatidão carece alguma das afirmações que a seguir faço.

A orientação seguida e mantida pelo Comissariado Geral desde 17 de Novembro ultimo, data em que lhe foi permitido iniciar os seus trabalhos tem sido:

a)—Provocar a mais completa e a mais brilhante representação do trabalho nacional na Exposição do Rio de Janeiro;

b)—Conseguir uma apresentação desse trabalho na Exposição em moldura que nos dignificasse, mas sem excessos de luxo ou de ostentação que exigissem dispendios que a nossa situação financeira não permite;

c)—Tudo dispôr para que os sacrificios que a nossa representação nos exigisse tivessem uma larga compensação no estreitamento das relações intelectuais entre as duas Republicas Irmãs, no aumento do seu intercambio comercial e num melhor tratamento dos produtos portugueses á sua entrada no Brazil;

d)—Utilisar a oportunidade que a Exposição do Rio de Janeiro nos oferece para mostrarmos ao mundo, pelas provas do nosso trabalho que ali levassem da metropole, das ilhas e das colonias, que temos acompanhado o mundo nos seus processos de trabalho e na utilisação das riquezas naturais que possuimos.

Como proceder para cumprir o programa esboçado?

A)—Fazer uma grande propaganda da nossa participação na Exposição do Rio de Janeiro;

B)—Projectar e construir os pavilhões portugueses que podessem comportar os produtos do trabalho nacional que conseguissemos para êsse fim reunir;

C)—Manter durante a Exposição os pavilhões e os produtos neles expostos na mais eficiente apresentação para que por ela se facilitasse que atingidos fossem os objectivos de ordem economica e de dignificação do trabalho nacional que determinaram e justificavam os sacrificios que ao Tesouro Publico custava a nossa representação na Exposição do Rio de Janeiro.

Como prever antecipadamente o dispendio a realisar com cada um dos trabalhos a que se referem as alineas A) B) C) se esse dispendio era variavel com as circunstancias emergentes, impossiveis de prevêr ao ser votada a lei que criou o Comissariado Geral?

A despesa com o trabalho a que se refere a alinea A) dependia absolutamente do ambiente que nos territorios da Republica existisse em relação á participação do trabalho nacional na Exposição do Rio de Janeiro.

Apesar de se ter conseguido a mais dedicada das colaborações para essa propaganda por parte de todas as associações economicas do país a quem para tal fim me dirigi, e por parte de toda a rêde de serviços publicos, quer administrativos, quer dependentes dos Ministerios da Instrução, Agricultura, do Trabalho e do Comercio, quer finalmente por parte das Camaras Municipais, uma intensa propaganda directa junto dos produtores, realisada por funcionarios do Comissariado Geral, foi necessaria para se atingir aquela brilhante participação do trabalho nacional que o registo das inscripções dos expositores veio assegurar.

Verba avultada forçadamente custaria, custou e continua custando essa propaganda com as deslocações dos agentes do Comissariado dela encarregados. Mas sem essa acção directa não seria possivel vencer o desinteresse da maioria e a hostilidade de muitos em relação á participação do trabalho nacional na Exposição do Rio de Janeiro, desinteresse ou hostilidade que causas diversas e especialmente a da incerteza de perduravel quietação politica no país explicam, embora, não justifiquem.

Tudo se tentou para reduzir ao minimo essas despesas; as que até hoje se fizeram foram as que não era possivel deixar de fazer.

A despesa a que se refere a alinea B) era evidentemente dependente da importancia do trabalho nacional que se conseguisse levar á Exposição do Rio de Janeiro.

Seria pequena a despesa se diminuta fosse essa representação; cresceria ela na razão directa da quantidade dos mostruarios a expor.

E como de desejar era que a representação do trabalho nacional fosse a mais completa possivel, tal objectivo só se alcançava á custa de um maior dispendio com os pavilhões que a tinham de receber.

Foi o que sucedeu. A brilhante representação assegurada, exige que com os pavilhões nacionais se gaste a maior parte dos dois mil e quinhentos contos votados para a representação Portuguesa pela lei que criou o Comissariado Geral.

* * *

A despesa a fazer com a manutenção da representação Portuguesa durante a Exposição, despesa a que se refere a alinea C), dependeria evidentemente da grandeza da representação e do tempo que ela tivesse de conservar-se exposta ao publico.

Já dissemos que a importancia da representação Portuguesa deve exceder as mais optimistas previsões, nada menos de 6.000 m2 de superficie coberta nos pavilhões que ela exige; o tempo de duração da Exposição que era, ao votar-se a lei n.° 1233, e portanto os 2.500 contos para o Comissariado Geral, de dois meses e sete dias, passou a ser, por determinação recente do governo brasileiro de quasi sete meses, triplicou assim o tempo dessa duração e portanto a despesa que com ela ha a fazer.

* * *

Pelo que fica exposto se deduz que sendo já considerada exigua a verba de 2.500 contos votada para a Exposição quando se não podia prever a importancia que a representação nacional atingia e se calculava ser apenas de 1/3 do que realmente é a duração da Exposição, impossivel seria manter dentro de tão reduzida verba o custo da nossa participação no grande certamen mundial do Rio de Janeiro, dadas as circunstancias expostas.

Pois é justamente quando o publico e os poderes do Estado teem de considerar a situação do Comissariado Geral com a ponderação e a reflexão que a dignidade nacional e os altos interesses nacionais exigem, que se lança sobre o mesmo Comissariado Geral a suspeita de que a desorganisação, o desperdicio, a desorientação, e não sei mesmo se a deshonestidade se instalaram nesse serviço publico, pondo em risco o exito da representação de Portugal na Exposição do Rio de Janeiro.

Como prova de tais afirmações ou se lançam a publico acusações vagas e imprecisas ou se citam factos que são arrojadas fantasias sem o mais ligeiro fundo de verdade.

Estabelecido porem o descredito do Comissariado Geral de mais não se necessita para que o desastre da representação nacional seja um facto. Podem os Poderes publicos votar as verbas que forem necessarias para as despezas que ainda ha a fazer; podem dar todas as facilidades para que de hoje para o futuro nada falte ao Comissariado Geral para bem se desempenhar das funções que lhe incumbem; os pavilhões serão construidos no recinto da Exposição a provar que Portugal não faltou ao honroso convite da Republica sua Irmã; o pessoal do Comissariado Geral cumprirá o seu dever procurando representar dignamente a Patria no grande certamen mundial, mas os expositores portugueses não se arriscarão a entregar os seus valiosos mostruarios a um serviço publico sobre que se levantaram as suspeitas que por ahi correm; e os Pavilhões serão então demasiadamente grandes para o pouco que dentro deles se conseguirá reunir.

* * *

A situação é de uma gravidade extrema, para se evitar o desastre que ela pode determinar, urge que se averigue se é verdade como eu afirmo:

Que o Comissariado Geral tem ao seu serviço apenas o pessoal que é indispensavel aos multiplos trabalhos em curso.

Que o Comissariado Geral não paga vencimentos aos funcionarios que tem ao seu serviço, que continuam recebendo os antigos vencimentos pelos serviços publicos a que pertencem.

Que, até agora, do pessoal do Comissariado Geral apenas seguiu para o Rio de Janeiro 1 engenheiro e um apontador.

Que o Comissariado Geral nunca pensou nem pensa levar ao Rio de Janeiro representantes de colectividades economicas, mentais ou artisticas porque essa não é a sua função.

Que todas as despezas feitas teem tido a prévia sanção da comissão de assistencia ao Comissariado composta de autenticos representantes de todas as modalidades do trabalho nacional.

Que a mais escrupulosa economia tem presidido a todos os actos de administração do Comissariado Geral, estando escrupulosamente escrituradas todas as receitas e todas as despezas.

Que importantes receitas proprias promovidas pelo Comissariado Geral estão já garantidas e são destinadas, não só para pagamento de certas despezas como as da publicidade, mas para se conseguir diminuição dos sacrificios do Tesouro Publico com a Exposição.

* * *

O Comissariado Geral repta quem quer que seja a provar que as cousas se não passam como afirmado fica, facilitando aos senhores Parlamentares e aos senhores Expositores todas as informações e todas as provas das afirmações que acabam de ser feitas.

O signatario entende dever ainda facilitar a consolidação do credito dos serviços do Comissariado Geral mantendo o seu pedido de demissão e o de uma rigorosa sindicancia aos seus actos, o que não vai prejudicar o seguimento dos trabalhos do Comissariado que sob orientação mais competente do que ao signatario foi possivel imprimir-lhe terminará honrosamente para o Paiz e com dignidade para a Republica, o trabalho que ao Comissariado Geral foi cometido.»

Os mortos que se recordam

A consagração de domingo

Uma justa homenagem no domingo se efectua aos devotados republicanos, coronel Antonio Maria Batista, Pedro Boto Machado, Antonio Caetano Macieira Junior e tenente José Martins, já falecidos.

E' um preito de saudade que a Associação do Registo Civil presta aos seus devotados consocios que á Republica prestaram serviços revelantissimos. Preside á patriotica homenagem o Chefe do Estado no teatro Nacional.

Farão uso da palavra os srs. Antonio Maria da Silva, drs. Pereira Osorio, Domingos Pereira, João Luiz Ricardo, Magalhães Lima, Agostinho Fortes, Orlando Marçal, Pires do Vale, coronel Sá Cardoso, D. Maria Arade, Tomé de Barros Queiroz e Barros Lima.

A' sessão solene na qual serão descerrados os retratos dos homenageados, assistem os presidentes das duas casas do Parlamento e do Ministerio, centros republicanos, centros escolares com os estandartes, Governador Civil, Comandante da Guarda Nacional Republicana, Comandante da 1.ª Divisão do Exercito, Instrução Militar Preparatoria, Cruz Vermelha, Escoteiros, Bombeiros Voluntarios, etc.

Tudo se conjuga portanto para que a sessão solene tenha uma imponencia condigna do valor dos homenageados e dos serviços por eles prestados á Patria.

Os poucos bilhetes que ainda restem podem ser requisitados na Associação do Registo Civil, devendo ser publicado egualmente um numero especial, com os retratos dos extintos e que será distribuido durante a sessão.

A Provincia na "Capital,,

Atentado grave

VILA VIÇOSA, 24.—Na noite passada, foi cobarde e brutalmente agredido, nesta vila, por um tal Leandro Velez, o bemquisto proprietario sr. Silveira Menezes.

O autor do barbaro atentado evadiu-se após a sua criminosa proeza, que denota uma perversidade muito for do comum:

Ha indignação geral contra o criminoso. A justiça está procedendo.—(C).

Hidro-avião do "A B C zinho,,

O enorme entusiasmo que despertou entre a petisada e os adultos a graciosa e engenhosa construção do Lusitania, fez esgotar rapidamente o «A B C zinho», obrigando a empreza a fazer uma edição de folhas soltas para a construção do Lusitania.

Pois tambem as dez mil folhas de papel e cartão se venderam quasi que por encanto e houve que fazer nova edição que foi hoje posta á venda.

As novas folhas são ampliadas com os retratos dos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral nos trajos com que empreenderam o glorioso raid.

Já estão á venda em toda a parte e devem ter o exito da primeira tiragem.

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações
Londres, cheque. . . .	4 3/16— 4 1/16
» 90 dias. . . .	4 5/16— —
Paris, cheque. . . .	1157— 1193
Suissa, cheque. . . .	2454— 2530
Belgica, cheque	1079— 1112
Italia, cheque. . . .	662— 682
Berlim, cheque. . . .	45— 50
Holanda, cheque. . . .	5005— 5159
Madrid, cheque	2038— 2101
New-York, cheque. . . .	12879— 13275
Brazil, cheque. . . .	59— 63
Austria, cheque. . . .	1— 3
Noruega, cheque. . . .	2353— 2426
Suecia, cheque	3325— 2427
Dinamarca, cheque. . . .	2700— 2885

Libras . . . . . 68$000 — 65$000

Albergue das Crianças Abandonadas

A comissão que tomou a seu cargo a organisação das festas comemorativas do 25.° aniversario da fundação do Albergue das Crianças Abandonadas, tem continuado a receber importantes adesões, entre as quais figuram mais duas bandas de musica, Concentração Musical 24 de Agosto «Banda da Republica» e Academia Filarmonica «Verdi». Tanto uma como a outra, nunca deixaram de abrilhantar com a sua presença, as festas deste Albergue, desde a sua iniciativa.

Numa das recitas e concertos musicais que se projectam realizar no elegante teatrinho do Albergue, tomará parte o celebre e popular guitarrista sr. Carmo Dias.

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

Uma recita do "Roberto do Diabo"

por JULIO CESAR MACHADO

As freiras fazem um gesto de assentimento a este desejo de Bertran, que volta costas.

— Então já retira?

— Vou buscar o meu amigo e cá lho deixo em meu lugar. Quero hoje deitar-me cedo! Ando moido!

— Faça o que quizer!

Tão depressa aparece Roberto, as freiras sentem reanimar-se pelo instinto das paixões e tiram dos tumulos alguns objectos dos seus prazeres profanos, copos, dados, amforas, que sei eu?! E arrancam os vestidos; e enfeitam a fronte de corôas de cipreste! e não escutam, não desejam, não pedem senão prazeres! A dança torna-se bacanal ardente de mulheres de seio nu e tranças caidas... Roberto quere fugir; tem pudôr ainda, o honesto moço: mas, as freiras agarram-no e pucham por ele em risco de o romperem: uma oferece-lhe um copo, outra um beijo: a abadessa de Santa Rosalia procura seduzi-lo por uma dança voluptuosa e provocante; as freiras dançam-lhe em redor, a noite vai serena, o ar está quente, as estrelas brilham no ceu, as bacantes empalidecem de desejos, e o convento não está alumiado senão pelos raios tentadores da lua... A abadessa leva-o insensivelmente até um tumulo, que está aberto — e deixa-o abraça-la, indicando-lhe um ramo de cipreste, que ele deve colhêr... O mancebo, embriagado de amor, toca esse talisman e as freiras formam em redor dele um cordão; o cruel, porém, tem animo de lhes fugir; a vida que as animava extingue-se gradualmente, cada uma delas vem cair prostrada á beira da sua sepultura, e, pelo interior das celas, rompe um suspiro infernal...

IV

O homem pequenino escutava, tremulo, encostando um dedo de cera aos labios lividos. Dir-se-ia que a incerteza do crime ou do remorso se apoderava dele: debil:

— Que generos de literatura tem tentado?

— Principiei, como toda a gente... por fazer versos!

— E deixou de os fazer, porquê?

— Sacrifiquei-me ao publico para não o sacrificar a mim!

— Modestia adoravel. Porque não escreve um drama de enredo lugubre? O publico gosta imenso da literatura horrivel! Quere encarregar-se de dramatisar a minha historia?

A sua historia?

— Porque não!

Olhei-o; estava azul, não azul celeste, mas azul... diabolico. Se o teatro se alumiasse nesse momento á luz bruxuleante de um fogo de artificio, aceitá-lo-ia sem réplica por um demonio de magica! Ele pareceu meditar um instante: depois, disse-me desta forma:

— Sou um dos herois da historia que vou contar-lhe. Ou, não sou. E' melhor não ser. Faça de conta que eu nada lhe disse. E' certo apenas que se a natureza não favorecesse ás vezes pela riqueza de faculdades os instintos do crime, as eventualidades do destino ou do acaso nem sempre tomariam a seu cargo enredar a acção de mil atentados fatais. O heroi da minha historia era uma dessas organizações em que a energia da resolução rivaliza com a facilidade do engenho. Se houvesse querido ser homem politico, o seu nome talvez hoje escurecesse a gloria de Richelieu, de Mazarin, de Pombal, ou de Cromwell; e se a sorte tivesse feito dele um desses desherdados atrevidos, que têm por divisa como os salteadores de Schiller — «Guerra aos castelos, paz ás cabanas!» é certo que a temeridade do seu caracter aventureiro o haveria tornado mais temivel do que os fatais herois de estrada, que contaram os crimes pelos dias!...

Todavia, o ambito da sua existencia fôra sempre acanhado. Ricardo nascera debaixo do tecto obscuro de uma aldeia, cavada entre duas serras. Descendente de uma familia de lavradores, aprendera com as bençãos de seu pai e as orações de sua mãe a domar a efervescencia da sua indole e os caprichos da sua organização.

Ele tinha vinte e três anos. Quando a minha historia principia, vira expirar sua mãe, vitima da idade e da doença, e não soltara uma lagrima ao apertar as mãos geladas da pobre enferma, que um momento antes de expirar lhe pedira na anciedade de quem antevê a eterna separação:

— Deixa-me dar-te o ultimo beijo, Ricardo!

Instantes depois, o mancebo voltou o rosto enxuto e sereno para um canto do quarto, onde chorava convulsivamente uma rapariga, abraçada a um velho, que repetia uma oração, e disse-lhe:

— Nossa mãe morreu, Joana!

Cobriu com a dobra do lençol o rosto livido da defunta, passou um braço sobre o ombro de sua irmã, e, levando-a do quarto, continuou dizendo-lhe:

— Não chores assim! Os teus olhos tornam-se feios pelas lagrimas. Deixa-me enxugá-los com os meus beijos! Tens dezenove anos, Joaninha, e nessa idade não ter mãe é ser anjo e não vêr o ceu! Ha de passar-se na tua alma uma tormenta de angustias e saudades, mas ergue a fronte e esquece! Has de ser velha um dia, e morrerás talvez sem que te chorem. Perdeste tua mãe... Tens-me a mim!

A rapariga respondeu debilmente:

— Tenho meu pai!

Ricardo sorriu-se.

— Teu pai! E que esperas dele, pobre velho sem animo, que ali está ainda no quarto de nossa finada mãe, rezando por não poder chorar!

— Não blasfemes, meu irmão! disse a rapariga com uma expressão angelica. Não blasfemes, porque tambem não choraste!...

— A tua dôr não foi tão grande, Joaninha, que te impedisse de me observares! replicou Ricardo com o seu frio sorriso. Escuta. Tu não compreendes a robustez da minha organização, nem adivinhas sequer quanto é tenue a tua! Nossa mãe acaba de nos faltar e nestes primeiros tempos estremecerás de susto ao mais leve som que se assemelhe ao da sua voz, ao mais subtil passo que dê ideia do seu andar, a qualquer coisa natural e simples em que encontres uma lembrança, ou que te desperte uma saudade. Não deves permanecer nesta casa. Voltarás depois. Espairece agora pelos campos e procura no aroma das flores, na frescura da brisa, no palido clarão do despedir do sol pelas cumiadas dos montes, a tranquilidade que não encontrarias aqui. Irás para casa de tua madrinha, e que a sua predilecção por ti encontre carinhos, que amenizem o pungir das tuas saudades. Partirás para a semana!

— Não! Ricardo! Não desamparo meu pai.

— Eu o acompanharei. Precisa mais do amparo de um homem, do que das meiguices de uma criança. Partirás!

A vontade de Ricardo era sempre respeitada em casa. A rapariga, treze dias depois, teve de obedecer, e partiu acompanhada pelo irmão.

Durante o caminho nenhum deles soltou uma palavra. Dir-se-ia que o coração de Joaninha adivinhava alguma coisa mais fatal ainda do que a morte de sua mãe... A estrada era longa e a tarde declinava. Havia na palidez do sol uma côr estranha e de mau presagio: pareciam ensanguentados os seus ultimos raios! Ao regressar a casa, e desde o momento em que Joaninha deixou de avistar seu irmão, Ricardo conheceu que ia desamparado moralmente porque, enquanto tivera aquele anjo ao seu lado, sentira-se forte e sereno de animo: e agora, sentia-se fraco, isolado e medroso.—Anoitecera. O firmamento principiava a olhar a terra com todos os seus olhos... A brisa da noite espreguiçava-se brandamente e levava no seu regaço mil segredos de crime e mil segredos de amor...

(Continua)

PINTO & SOTTO MAYOR

BANQUEIROS

LISBOA-PORTO

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

— BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL —

LISBOA — R. do Ouo, 18 a 24 — Rua do Comercio, 136 a 140

PORTO — 28, Paça da Liberdade, 29

Mario Duarte
Cirurgia da boca e dentes
P. RESTAURADORES, 18
Telef. 814 C.

Agua de CALDELLAS

BANDEIRA DE MELLO, L.DA

Rua Augusta, 75, 1.° e 2.°

Banco Nacional Ultramarino

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Séde em Lisboa R. do Comercio—Agencia em Lisboa-C. Sodré

Cap.tal Social Esc. 48.000.000$00
Capital Realisado Esc. 24.000.000$00
Reservas Esc. 26.000.000$00

FILIAIS NO CONTINENTE—Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Estremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Mirandela, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Povoa de Varzim, Regoa, Santarem, Silves, Torres Vedras, Vianna do Castelo, Vila Real e Vizeu.
FILIAIS NAS ILHAS—Funchal, Ponta Delgada, e Angra do Heroismo.
FILIAIS NO ESTRANGEIRO—Paris Rue de Helder, 8, Londres 27 B Throgmorton Street, New York 28 Liberty Street.
FILIAIS NAS COLONIAS—S. Vicente e S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, S. Tomé, Principe, Cabinda Kinshassa (Congo Belga), Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Belmonte (Bihé), Mossamedes, Lubango, Lourenço Marques, Inhambane, Beira, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique, Ibo, Mormugão, Nova Gôa, Bombaim (India Ingleza), Macau e Dilly.
FILIAIS NO BRAZIL—Rio de Janeiro, Campos, S. Paulo, Santos, Bahia, Pernambuco, Para'iba, Pará e Manaus.

Recomendam-se ás Filiais deste Banco no Brazil para os saques sobre qualquer localidade de Portugal, Correspondentes nas principais localidades do Continente e Ilhas Adjacentes e em todas as cidades do mundo, operações bancarias de todos os generos, compra e venda de saques, notas e moedas estrangeiras, coupons, operações de Bolsa, cartas de credito directas ou circulares sobre as colonias e todos os paizes do mundo.

Banco Colonial Português

Séde:—Rua Aurea, 175 a 191

LISBOA

Sucursais:

PORTO — Casa Pinto & Sotto Mayor
RIO DE JANEIRO — Banco Português e Brasileiro

TELEGR. — **Procolonia**

CAPITAL AUTORIZADO: Escudos 100.000:000$
CAPITAL EMITIDO: Escudos 10.000:000$

SUCURSAIS NA AFRICA OCIDENTAL e ORIENTAL PORTUGUESA

Correspondentes em todas as localidades do continente, Ilhas e em todas as praças estrangeiras

Efectua todas as operações bancarias; descontos, transferencias, depositos á ordem e a prazo em moeda nacional e estrangeira, contas correntes, compra e venda de cambiais e de moedas e notas estrangeiras, pagamento por ordem telegrafica e por correspondencia, cartas de credito, ordens de bolsa no País e no estrangeiro, compra e cobrança de coupons, emprestimos caucionados, transacções sobre mercadorias, etc.

Sociedade Industrial de Adubos, Pêlos e Grudes, Limitada

Séde em Lisboa—Rua da Prata, 59, 2.°
Endereço telegrafico: JOSELIA

TELEFONES: Séde — Central, n.° 2293
Fabricas — Paio Pires n° 16
Armazens — Poço do Bispo, n° 25

FILIAIS: No Porto, Rua de Santa Catarina, n.° 168, 2.°
Em Pampilhosa do Botão, Estrada da Mealhada
FABRICAS: No Seixal, "Moinho de Breyner„
DEPOSITOS: Lisboa, Poço do Bispo, Porto, Rio Tinto, Runa, Pampilhosa do Botão e Leiria
AGENCIAS: Em varios pontos do paiz

Fabricação especial de adubos compostos de todas as qualidades e para todas as culturas

Superfosfatos, sulfato de amonio, nitrato de sodio, fosfato Tomaz, sais potassicos, guanos e farinhas de peixe

Productora e fornecedora das melhores purgueiras do mercado

Sulfatos de cobre e de ferro e enxofres

Consultas e informações gratuitas sobre todos os assuntos agricolas.

No proprio interesse dos srs. lavradores aconselhamelos a não fecharem as suas compras sem primeiro nos consultarem.

EXCELENTES RESULTADOS

Anibal Neves, Limit.

Rua da Prata, 242 a 248 — Rua de Santa Justa, 26 a 32

Telef. 3040 C. — **LISBOA** — Teleg.: *Vapor*

SECÇÃO TECNICA

Fornecimentos de maquinas e ferramentas para todas as industrias
Instalações de fabricas e centraes de força

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS de:

Maschinenfabrik Badenia Weinheim (Alemanha)
Locomoveis e semi-fixas de todas as potencias
Saechsische Turbinenbau Und Maschinenfabrik, Meissen (Alemanha)
Turbinas, instalações de cerâmica, etc.
Usines Reduvwée S. A. Liége (Belgica)
Bombas e compressores
Storebro Aktiebolag, Storebro (Suecia)
Maquinas-ferramentas
Badel & C.° Dresden (Alemanha)
Aparelhos de elevação e transporte
Franz Sieper Remscheid (Alemanha)
Ferramentas para industrias e oficios
Berna Lorries, Limited Olten (Suissa)
Camions, tractores de estrada e agricolas, carros de reboque
Edoard[illegible] S. A. Milão (Italia)
Automoveis, motos e bicicleter

POÇOS ARTESIANOS
Abertura de poços, trabalhos de irrigação

OFICINAS
de reparação de automoveis, construções mecanicas e metalicas, soldadura autogenea

SECÇÃO DE IMPORT E EXPORT
Materias primas, materiaes de construção, tintas, vernizes, productos quimicos, etc.

SECÇÃO CORKY
Pavimentos sem fendas de superior qualidade. Isolamentos para instalações de vapor e frigorificas

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

N.º 4099-12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5 || LISBOA — Sabado, 27 de Maio de 1922 || Telefone n. 2293—Endereço tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua do Bica, 71 — Preço 10 centavos

Os espectaculos maravilhosos: As 11 horas e 52 minutos apareceu na Praça Luiz de Camões o policia de giro. Era o guarda 1196.

Complicações

As prisões que ontem se anunciavam e, que segundo presumimos, hoje devem ter sido efectuadas, com a apresentação voluntaria dos oficiais incriminados, nos fortes onde ficarão detidos, estão chocando vivamente a opinião publica. E' inutil nega-lo. A opinião publica caracterisa-se por uma sensibilidade finissima e por uma rectidão absoluta. O que se está passando não é de molde nem a serenar essa viva sensibilidade nem a satisfaser esse espirito de rectidão.

Ninguem deixou de vibrar, indignadamente, com os sucessos da noite tragica. De um a outro extremo do paiz não se ouviu senão um clamor de justiça. Mas de ahi até supor que o paiz deseja o castigo de outras pessoas que não sejam as verdadeiramente responsaveis pelos crimes da noite tragica, vai uma distancia impossivel de transpor.

Por isso mesmo já os articulam veementes protestos contra a demora no apuramento das responsabilidades da noite tragica. E' que ninguem duvida que entre os presos, se ha culpados, tambem ha inocentes. E não ha o direito de estar sacrificando inocentes. Faze-lo não é estar servindo a justiça: é estar cometendo um crime.

Mas, como se isto fosse pouco, eis que se vai mais longe. Até agora prendia-se pela mais simples referencia, ao caso da noite tragica. Agora já isso não bast . Começa-se a prender palo crime de rebelião, e por esse criterio dentro em pouco não haverá cadeias em Portugal para conter os presos, porque no movimento de outubro entraram milhares de militares e civis.

Santo Deus! Isto parece feito, de proposito, para comprometer a Republica, e não a deixar dar um passo! Então agora é que se vai tomar contas aos revolucionarios de outubro dos seus actos de rebeldia e de insubordinação? O movimento de outubro fracassou, tanto em relação ao seu programa, como em relação ás suas faculdades governativas, mas a verdade é que ele, logo de inicio, aceite ou sancionado tanto pelos altos poderes do Estado como pelos proprios partidos contra os quais era dirigido, e cujo concurso teve, por sua vez, de aceitar. Sancionou-o o sr. Presidente da Republica, nomeando o governo escolhido pela Junta Revolucionaria. Sancionaram-o os partidos, organisando com elementos outubristas, ministerios de concentração. O outubrismo creou uma situação de facto contra a qual ninguem reagiu, de direito. Não vemos que diferença, no ponto de vista da sua organisação, se pode notar entre este movimento e o de 14 de maio, por exemplo. Sendo assim, claro se torna que é verdadeiro destempero querer coartar agora um movimento como, em circunstancias normais, se poderia tratar imediatamente de qualquer act de indisciplina no Exercito!

Mas não! Houve quem supusesse que certos factos politicos podem ser tratados como simples ocorrencias policiais. Perfeito engano. Nesse caso, iriamos dar á monarquia, porque todos os movimentos feitos na vigencia da Republica, bem como aquele que a implantou, podem ser considerados só sob o aspecto de disciplina militar. E então não seria só o movimento de 19 de outubro que assim poderia ser considerado, seria tambem o de 5 de dezembro, o de 14 de maio, até o de 5 de outubro. Todos representaram, como secamente o definem os codigos militares, os crimes, de conluio e rebelião. Repito: não haveria cadeias em Portugal para lá meter toda a gente que nesses movimentos, vestindo uma farda, se capacitou de que ia finalmente contribuir para a maior felicidade da Patria, e maior desenvolvimento da Republica. Iriamos ter á monarquia e havia de ser a absoluta, porque na constitucional deram-se inumeros casos de perturbação de ordem publica. Não lhe faltaram as revoluções, os pronunciamentos, e por fim aceitavam-se os factos consumados. O que se está dando com as ideias do outubrismo nada tem, na realidade, com o fracasso violento da sua tentativa. Estamos num momento de uma anormalidade: desaprovamos as proprias ideias outubristas. Mas isso não quer dizer que desconheçamos ter esse outubrismo alcançado uma hora de triunfo, como o 14 de maio, que mais tarde a trica politica desbaratou nos seus mais essenciais intuitos. Foi isso acaso razão para prender os seus apaniguados e pretender-se responsabilisar todos os elementos que nele tomaram parte!

Não. Por que se procede neste momento duma maneira diversa?

Não o sabemos; mas temos a sensação, vaga embora, de que em tudo isto, anda um secreto proposito de prejudicar a Republica, enredando-a em toda a especie de dificuldades, graves e imprevistas,

NOS BASTIDORES DA POLITICA

O sr. Domingos Pereira entre a cruz e a caldeirinha

Se ha, neste momento, um homem publico verdadeiramente . . . encravado, é o sr. Presidente da Camara dos Deputados. A expressão não pecará por demasiadamente correcta mas a verdade é que não encontramos outra que dê tão clara expressão do nosso pensamento.

O sr. Domingos Pereira foi acusado (muito amigavelmente, é claro) de não imprimir aos trabalhos parlamentares aquela velocidade tão ambicionada pelo Governo e seus mais dilectos amigos. Para varrer a testada, o ilustre Presidente da Camara dos Deputados marcou duas sessões nocturnas, a seguir. A segunda, que foi ontem, já se encerrou por falta de numero. E quando o sr. Domingos Pereira se propunha marcar sessões para hoje e amanhã caiu-lhe em cima metade da Camara, a pedir misericordia. O sr. Domingos Pereira resignou-se: a primeira sessão ficou marcada para segunda-feira. Se, depois desta eloquente e decisiva experiencia, os seus amigos politicos persistirem em o censurar, é porque, positivamente, obedecem a uma «partipris» sem razão justificavel e contra o qual não vale a pena o sr. Domingos Pereira defender-se.

Estará realmente demissionario o sr. ministro da Instrução Publica?...

Nas furnas do Terreiro do Paço existem insondaveis misterios. Pretender esclarece-los é tarefa superior ás forças humanas,—e muito mais a nós que, de humanos, só temos a ascendencia do grande Pacheco, com licença das lenderias luvas do sr. Alfredo Pimenta . . . Ora leiam vosselencias o que vai a seguira digam-nos depois ou não digam, como lhes aprouver — se temos ou não razão.

«No gabinete do sr. Ministro da Instrução encalharam (é o termo...) todos os papeis para despacho. Depois do caso Lopo de Carvalho, o ilustre titular que preside ao abecedario nacional perdeu a memoria da mecanica da sua omnipotente assinatura. Não despacha Não despacha nem por um decreto! E os negocios da pasta pararam, embora a Terra não tenha desistido da viagem habitual em torno do Sol.

Essa atitude do sr. Augusto Nobre corresponde á dos ministros demissionarios. Será realmente essa a situação politica do ilustre e brilhante titular da pasta da Instrução Publica?»

Formulas pacificadoras da nova fase do perigo outubrista

Alguns politicos de influencia estão empenhados em preparar soluções ao caso outubrista na sua nova fase. Pensa-se em votar, rapidamente uma amnistia geral, que abrania os militares que se pronunciaram em 19 de outubro, e que teria como consequencia a restituição á liberdade de todos aqueles que não forem suspeitos na convivencia ou pratica de crimes comuns.

Esta solução encontra resistencia no Governo. A este seria mais agradavel apressar os julgamento, dando por findas as investigações e votando-se, se tanto fosse preciso, uma lei que abreviasse decisivamente as formalidades processuais.

E' provavel que, na segunda feira, o caso seja tratado no Parlamento, Se houver tempo.

CONTRA O POVO!...

O novo regimen do inquilinato

Quem quizer casa ha-de pagar o que o proprietario quizer — E, se não se submeter á ganancia, vai para a rua, sem apelação nem agravo

Eis o que o Governo encontrou de melhor, para a salvação nacional?...

Ficou demonstrado, no nosso artigo de ontem e sem possibilidade de contestação capaz, que, pela proposta que o sr. ministro da Justiça teve a audaciosa inconsciencia de apresentar na Camara dos Deputados, os senhorios ficam habilitados a elevar as rendas dos predios e por uma forma tão favoravel para êles, que se pode dizer, em bom verdade, que êsses acrescentamentos são ilimitados. O sr. ministro da Justiça, que parece ter feito a proposta por encomenda da Associação dos Proprietarios, de que é presidente o bulicoso *leader* da minoria monarquica, sr. Carvalho da Silva, não se esqueceu, como excelente rabulista, de jungir o inquilino á decisão dos tribunais, fornecendo a êstes a arma indispensavel á protecção eficaz dos interesses do senhorio. Veja-se, no texto, se é ou não como dizemos.

(Releia-se o artigo ontem publicado).

VIII

O calculo das rendas é assim preceituado:

«Calculada a importancia correspondente ao valor, encargos, despesas e melhoramentos a que se referem os n.º 1.º e 2.º da alinea *c*), a renda anual e global do predio será a correspondente a 4 por cento dessa importancia e a renda correspondente a cada inquilino a que resultar da divisão proporcional daquela renda pelos diversos andares ou compartimentos ocupados por cada inquilino.»

Temos, pois, que, para fixar a renda, o senhorio fornecerá os seguintes elementos, *que só êle tem e cuja verdade não é possivel contestar*:

a) — o valor do predio;

b) — os encargos do predio (seguro, contribuições, etc.);

c) — outras despesas (?) indeterminadas;

d) — dispondio com melhoramentos.

As quantias fixadas nestas alineas serão aquelas que o senhorio quizer. Ele e mais ninguem é que sabe quanto lhe custou o predio e quanto pagou pelos encargos varios. Como as parcelas são ao seu arbitrio, a soma dará a importancia que lhe convier. Quatro por cento dêsse total ha de ser cobrado totalmente aos inquilinos, sendo essa importancia dividida por todos igualmente, *podendo pagar tanto o inquilino de um primeiro andar de luxo como o misero operario das aguas furtadas*.

Digam-nos, depois desta altissima demonstração de genio, se é crivel que o sr. ministro da Justiça não julgou ter previsto tudo.

Bem sabemos que o texto fala em divisão proporcional. Mas isso fica no papel, podendo o senhorio fazer o que quizer, visto que é êle que regula a proporção.

É que ainda possua pestanas, ou se o seu padeiro deve ou não andar consumido de remorsos!

IX

Não (...) deve a sua (...) tica, com os seus botões) é bom prevêr tudo. E apressou-se a redigir êste enigma, que entregamos á decifração dos mais habeis charadistas:

«Se, determinado o quantitativo da renda, pela forma acima referida, êste exceder ou fôr inferior á renda existente, esta será aumentada ou diminuida nessa conformidade.»

E' uma renda flutuante. Naturalmente obedece ás variações da temperatura. Anda para cima e para baixo. Em ultima instancia, quem tem de decidir é o tribunal, assim:

«A determinação do quantitativo da renda a que se refere êste artigo será feita pelo juiz de direito, em processo sumario, com informação de louvados.»

Pobre Poder Judicial, que passou, desde ha tempos, a servir de pau para toda a colher e que terá até de interpretar o furor hieroglifico do sr. ministro da Justiça! Se, ou o senhorio ou o inquilino não se submeterem a um acôrdo qualquer, toca para o tribunal, arrazando a bolsa com vistorias em que intervêem louvados. Não é possivel dar-se maior demonstração de ignorancia das condições economicas dos cidadãos contra os quais se legisla. E é assim que somos governados!

AS PERTENÇAS DOS PREDIOS URBANOS

I

Não contente com incluir nas rendas os encargos proprios do senhorio e que só a êle aproveitam, como, por exemplo, os premios de seguros, o advogado-legislador preceitua que se incluam nos arrendamentos mais o berbicacho das pertenças dos predios, que são as seguintes (§ 4.º do artigo 2.º da proposta de lei):

a) — as canalizações de agua e gaz;

b) — as portinholas da electricidade;

c) — os elevadores.

E, se o inquilino quizer utilizar essas pertenças, terá de fazer as ligações á sua custa, respondendo, para com o senhorio, por quaisquer prejuizos.

Para melhor compreensão, façamos a transcrição integral do citado § 4.º do artigo 2.º:

«Consideram-se pertenças de predios urbanos, e assim incluidas no arrendamento, as canalizações de agua e gaz, as portinholas e colunas montantes de electricidade e os elevadores existentes no predio, á data do arrendamento, não podendo o senhorio, sob pena de desobediencia qualificada, impedir os inquilinos de se servirem livremente destas pertenças, bem como de estabelecerem as canalizações, colunas e ligações das respectivas portinholas, para seu uso, desde que façam a montagem e ligações á sua custa, sem prejudicar as instalações já feitas.»

REVALIDAÇÃO DOS CONTRACTOS DE ARRENDAMENTOS

Uma vez convertida em lei a proposta do sr. ministro da Justiça, todos os contractos de arrendamento, até então existentes, ficam nulos, sendo necessario revalidá-los. E' o artigo 4.º que o diz. E' verdade que êle está redigido de uma maneira muito confusa, que se presta a interpretações varias. Entregamo-lo ao leitor, que o entenderá, se puder:

«Os contractos de preterito devem ser revalidados nos termos desta lei, se não obedecerem ás formalidades exigidas ao tempo da sua celebração, uma vez que haja documento dimanado do senhorio pelo qual se mostre a existencia do arrendamento.»

II

A revalidação do arrendamento tem de se fazer no prazo de 60 dias, a contar da promulgação da lei.

III

Se o inquilino se recusar a fazer a revalidação, o senhorio fica com o direito de o despejar, sem mais formalidades, mas

IV

se fôr o senhorio que se recuse á revalidação, o inquilino faz o deposito legal *e só depois do contracto revalidado pagará a renda ao senhorio* (§ 1.º do artigo 4.º da proposta). De modo que, se interpretarmos á letra, o inquilino, para continuar a habitar o predio, terá de pagar duas vezes, uma ao Estado (deposito) e outra ao senhorio, depois de revalidado o contracto. Se a interpretação se cingir ao espirito da lei e não á letra, o inquilino, ainda assim, ficará numa situação de inferioridade em relação ao senhorio, que é tratado com gratissimo amor, emquanto o inquilino (pobre dêle!) é chibatado pelo instrumento de sete rabos que o sr. Afonso Costa deixou esquecido atraz da porta do gabinete ministerial das Justiças dêste imperio-bufo.

V

O sr. ministro da Justiça não se dispensou de dar uma amostra do seu espirito jocoso no documento cuja analise fazemos, com uma paciencia digna de melhor causa. Eis o que diz o § 3.º do artigo 4.º da proposta:

«Serão todavia validos, e como tais devem ser recebidos em juizo, os arrendamentos anteriores á vigencia desta lei, que satisfaçam ás formalidades nesta exigidas.»

Não é verdade que o ilustre titular da pasta da Justiça é um cavalheiro muito engraçado? A proposta, uma vez convertida em lei, muda tudo, transforma tudo, inaugura um regimen novo, de *fond en comble*. Como será possivel, pois, encontrar um arrendamento antigo que satisfaça *a todas as formalidades* do novo regimen? Mas o sr. ministro da Justiça fez muito bem em meter na lei o cerebroso produto extravasado do jocoso paragrafo. Os dramaturgos classicos arranjavam sempre forma de introduzir um trecho de farça na tragedia melodramatica. Era uma valvula de segurança. Fazia sorrir, provocava mesmo o riso aberto e franco, aliviava a alma. Vê-se que o sr. ministro da Justiça é lido nos classicos.

CONCLUSÃO

Fica demonstrado o seguinte:

1.º — Que os senhorios podem aumentar as rendas, a seu arbitrio;

2.º — Se o inquilino se não submeter, *recusando-se á revalidação do arrendamento*, é posto fora da sua casa, sem mais formalidades, mediante uma sentença de despejo do tribunal competente.

O sr. ministro da Justiça armou ainda, com mais outras gazuas, a rapacidade dos senhorios. Mas isso fica para amanhã.

Os professores de ginastica dos Liceus

A resistencia passiva que se faz ... não sejam atendidas as reclamações do professorado de ginastica dos Liceus, é enorme. Ninguem faz a menor ideia.

Chega-se a inventar coisas estupendas, tais como: «os actuais professores de ginastica dos Liceus jámais passarão a efectivos, «porque não possuem a ilustração suficiente para nos conselhos discutirem assuntos transcendentes...» Mas podem fazer parte de Comissões oficialmente nomeadas para elaborarem o Regulamento da Instrução Secundaria. Que... melhor prova da sua competencia?

Outras vezes é porque nalguns Liceus figuram como professores de ginastica barbeiros e alfaiates.

E' possivel que assim seja; mas a culpa só é de quem lhes aceita os requerimentos, ou o conselho que os ... firma bem; e o fal barbeiro ou alfaiate é realmente um bom professor, ou o conselho escolar é que dá a sua incompetencia, que se mete em assuntos para os quais lhe falta o verdadeiro conhecimento.

De resto o ser-se alfaiate ou barbeiro não é desprimor para ninguem. Alfaiates eram os irmãos José, Francisco e Carlos X Iredo, o todavia os dois primeiros foram ginastas extraordinarios e distintos professores, principalmente Francisco Xafredo que produziu muitos e bons ginastas.

O professorado de ginastica nos Liceus, é tão parco em remuneração que não é para admirar que a maioria dos professores exerçam outra profissão que lhes dê mais alguns proventos.

Hoje um dia o professor de ginastica dos Liceus ganha 109$00 mensais, desde Outubro a Junho.

Não pode dar mais de 3 ou 4 faltas regulamentares que podem ser justificadas e portanto relevadas; mas se excede aquele numero, lá sofre um desconto.

Tem de pagar 5$00 para a Caixa e selo e ... mas não tem direito a aposentação, por isso que é ... provisorio.

Durante os meses de julho, agosto, setembro e meados de outubro nada ganha porque é ... provisorio.

No fim do periodo escolar, pelo encerramento da epoca, requer para que atestem a forma como desempenhou o cargo. No devido prazo requere para concorrer ao cargo que a epoca transacta tinha e junta o atestado passado pelo conselho escolar, e mais outros que a lei exige. O conselho escolar aprova-o e vai a respectiva informação para o Ministerio da Instrução. O ministro lavra o respectivo despacho, depois da Repartição de Sanidade o classificar. Segue a nomeação para a assinatura do Presidencia da Republica, o Conselho Superior de Finanças visa o diploma e o «Diario do Governo» publica os nomes.

Depois é aguardar a abertura da epoca e cumprir o seu dever em concordancia com o horario que lhe foi distribuido.

O futuro Embaixador do Brasil

Segundo um telegrama da Havas, consta que será o sr. Callogeras, actual ministro da Guerra da Republica Brasileira, o indigitado Embaixador do Brasil em Lisboa, em substituição do sr. Fontoura Xavier, recentemente falecido.

O sr. Paulia Callogeras, de origem grega, que tem ocupado a pasta da Guerra, sob a presidencia do sr. Epitacio Pessoa, não é militar.

Temperamento combativo e autoritario dum homem na força da vida, a sua administração tem sido sempre comentadissima pela imprensa fluminense que diariamente lhe dirige os ataques mais violentos.

Registamos o telegrama da Havas a titulo de curiosidade porque não se torna verosimil a vinda do sr. Paulia Callogeras.

O Presidente Epitacio Pessoa termina o seu mandato muito brevemente e com ele sairá da administração do Estado o sr. Callogeras.

A exemplo do que se faz nos regimens presidencialistas, todo o pessoal superior dos Ministerios e das Embaixadas sai com o dr. Pessoa. E é sempre o sucessor que determina uma nova ordem de coisas.

Ora o sr. Callogeras, por isso mesmo que é um dos amigos mais devotados do sr. Epitacio Pessoa, não tem na verdade probabilidades de ser do sr. Artur Bernardes.

E' o que torna a sua candidatura pouco verosimil. No entanto a politica reserva sempre surprezas.

A pena de morte em Espanha

Dois condenados no patibulo

Realisou-se anteontem, em Leida, a execução de Angela Ballester e de seu marido, que roubaram o mataram uma mãe e sogra.

Os reus nunca se confessaram-se autores do roubo.

Na prisão armaram-se duas celas em capela. A's tres da madrugada comungaram. A mulher chorava, o marido, Antonio, fuma incessantemente e oferecia cigarros a todos.

Não tinha podido dormir, pelo estado dos seus nervos. A's cinco chegaram as autoridades. Os defensores não deixaram nunca os sentenciados.

A's cinco e meia começaram os preparativos da execução que era pelo garrote.

Armou-se o patibulo no pateo; subiu-se para ele por oito altos degraus.

Era a estreia do verdugo Rogelio Perez. Já com a argola fatal no pescoço o reu quis abraçar os pais. Sem a patético.

O verdugo estava impressionadissimo, e vacilou nos primeiros preparativos, esquecendo-se de amarrar os pés ao infeliz. Ao apertar o torno para asfixiar o condenado, não o conseguiu matar, pois o esganado era muito forte. O corpo deu varios saccadidelas, numa das quais caiu o veu que cobria o rosto, oferecendo um espectaculo horroroso. O condenado beijava o crucifixo, rezava e pedia perdão. Por fim, foi morto.

A mulher gritava na cela. Com ... da ao patibulo teve, já depois da ... sentada, de ser mudado o assento ... não oferecia garantia.

Morreu mais depressa, num ester... tor unico.

O verdugo declarou:

— Foram as primeiras e unicas execuções que fiz. Antes quero ser mendigo que tornar a comer neste ... do que exercer este oficio.

A população está consternada ... se que os reus não mereciam ... condenação.

Um desastre na aviação

utilisa completamente um avião em Cartagena

MADRID, 26.—No aerodromo de «Cuatro Vientos» receberam noticias de Cartagena participando que no aerodromo de Los Alcazares se despenhou de grande altura o aparelho tripulado pelo capitão Rodrigues e o tenente Montero, ficando este morto e aquele gravemente ferido.

O acidente foi devido a uma avaria de motor.—(R.)

A... RAÇA

O sr. José de Azevedo diz que é moda agora dizer a raça. O sr. Lino Neto (catolico), a proposito do argumento, já espera menos da Divina Providencia do que «do fundo moral da raça».

Mas, porque motivo se atiram com estas historias da *raça*, que não tem fundamento por onde se lhes pegue em face da sciencia?...

A raça! Que quota parte será afinal dos pretos, dos canecos e dos mulatos, que invadiram as administrações, nesta deliciosa *blague* da raça?

A fantasia americana

procura na vida paradisiaca as mortas alegrias do Eden

NOW-YORK, 26.—Como demonstração de que os homens e as mulheres modernos não variam notavelmente dos seus antepassados apesar das comodidades da civilisação, um jovem casal de Boston, o sr. e a sr.ª Suter dispõem-se a empreender a sua viagem de noivos vivendo como Adão e Eva no Paraiso Terreal. Vão passar o verão e o inverno nos bosques de Maine. Não levam alimentos nem objectos de qualquer especie que lhe permita acondicionar a sua vida á dos demais mortais. Na sua residencia permaneceram em completa desnudez. Suter tem 27 anos e a noiva 23. A região que escolheram para a sua vida campesina é ainda mais selvatica do que o Paraiso e está habitada de ... e outros animais selvagens. O ... entretanto é bastante suave.—(R.)

O governo dos soviets

Preocupado com a agitação religiosa na Russia

VARSOVIA, 27.—Dizem de Moscou que o governo dos soviets se mostra muito preocupado com a agitação causada na Russia com o processo do patriarca Tikhon e com a atenção com que o clero estrangeiro pertencente a outras religiões está seguindo as fases do processo. O conselho dos comissarios do povo encarregou o comissario da justiça de elaborar as medidas necessarias de forma a tornar impossivel qualquer intervenção do clero da Europa Ocidental. Os soviets preveem que as egrejas catolica e anglicana queiram enviar delegados para assistir aos debates. Em consequencia de instrucções dadas pelo departamento politico foram feitas muitas buscas nas casas dos membros do alto clero a fim de provar as suas relações com o patriarca.—(R.)

Um bolchevista em propaganda

é preso na capital do Peru

LIMA, 26. — Foi capturado pela policia um conhecido bolchevista que vinha realisando uma intensa propaganda revolucionaria entre os operarios. Foram-lhe tomadas varias armas, folhetos e livros, bem como alguns documentos que demonstram as suas relações com o governo dos Soviets.—(R.)

Na Irlanda

Esboça-se a perseguição religiosa

DUBLIN, 26—Desde o dia 21 de Julho de 1920 até 13 de Maio de 1922 foram mortos na Irlanda 337 catolicos e feridos 1.383.—(R.)

Os oficiais milicianos

O nosso colega «Republica» referia-se ontem aos oficiais milicianos afirmando terem sido convocados mais de 600 que estavam afastados do Exercito por terem findado a sua missão e que esses 600 oficiais reingressem de novo no Exercito.

Ha aqui uma inexactidão. Uma comissão nomeada especialmente para tratar dos oficiais milicianos, dos seus serviços e definir as suas situações, deu agora por terminados os seus trabalhos. Nesses trabalhos verificou quais os milicianos que por varias circunstancias deveriam sair do Exercito, definiu a situação dos que lá poderiam permanecer e organisou ainda a lista daqueles que presentemente nossas actividades, podem retomar os seus galões, se isto lhes convier. Não houve pois convocação alguma... Alguns centenas de milicianos estão fazendo serviço neste momento e continuarão prestando-o, todos aqueles cuja situação seja considerada regular. Apenas isto.

A revolta da esquadra alemã

COMO ELA TEVE INFLUENCIA NO EPILOGO DA GRANDE GUERRA

Começa-se agora a fazer alguma luz sobre a revolta da esquadra alemã, que teve tão decisiva importancia na marcha e epilogo da grande guerra.

A 3 de Agosto de 1917, os fogueiros e os marinheiros diplomados do *Prin-Regent-Luitpold* êste couraçado tinha tão má reputação, diz Delage, que os oficiais dos outros navios o alcunharam de navio de degredados — recusaram levantar ferro. Desembarcaram oitocentos homens. O navio foi mandado para o ancoradouro de Schillisec, isolado. O chefe dos insubordinados foi, ao que parece, fusilado e um grande numero de marinheiros presos. Estas medidas de rigor não impediram, longe disso, a propagação do movimento. A bordo do *Kaiserin*, a guarnição pretextando que o rancho era intragavel, recusaram fazer qualquer trabalho. O oficial de quarto foi assobiado. Um grande numero de insurrectos foram desembarcados e substituidos por bisonhos recrutas, mas ainda mais contaminados que os outros.

Uma noite, o comandante do *Koenig-Albert* recebeu uma facada entre as espaduas, no momento em que entrava no seu escaler quando regressava de jantar a bordo de outro navio. O *Friedrich-der-Gron*, o *Margraf*, o *Kronprinz*, o *Wesphalen*, o *Ostfrierland*, o *Thuringen* estavam tambem invadidos pelo contagio. Só ficavam alguns navios fieis. As insubordinações, no entanto, ainda não apresentavam sintomas de revolta organizada, isto é, tornavam-se necessarios alguns meses de preparativos revolucionarios, que haviam de acabar de minar a disciplina a bordo da esquadra alemã.

Era em terra que funcionavam os organismos directores da revolução. Constituiam uma organização secreta poderosissima. Os homens, aquartelados nos depositos, encontravam-se ahi ás ordens de oficiais fatigados ou de valor militar inferior. Eram facilmente acessiveis á propaganda. Um dos chefes, o fogueiro Kuhnt, antigo edil socialista de Kiel e de Chemnitz, arranjou proselitos em Wilhelmshafen durante o inverno de 1917. A revolução foi cuidadosamente preparada: organizaram uma lista de cargos para os conjurados, estabeleceram o plano do movimento ponto por ponto e designaram em cada esquadra um navio especial que devia servir de ponto de reunião aos revolucionarios.

Estes navios deviam ser comandados por oficiais marinheiros, geralmente reservistas, que trabalhavam no maior segredo. Gozavam da inteira confiança das guarnições. Os chefes tinham previsto a resistencia de um grande numero de unidades e concebido um plano destinado a reduzir pela fome os navios que andavam no mar, recusando-lhes viveres e carvão. Imprimiu-se, por êsse tempo, uma enorme literatura revolucionaria para uso dos marinheiros, como por exemplo a tragedia maritima de Goering, intitulada *Batalha Naval*. Da Suissa mandavam folhetos e brochuras; redigiam em Zurich conselhos para a distribuição de projectos dêste teor: «E' importante, diiza-se ali, adquirir homens de confiança entre os soldados. Devem fazer-se presentes aos licenciados que regressam ás suas unidades: charutos, cachimbos, tabaco; embrulhem tudo isso em manifestos e juntem-lhe folhetos». Os revolucionarios aproveitaram igualmente, parece, reuniões desportivas organizadas nas grandes cidades como Bremen, Hamburgo e Dusseldorf e mesmo festas musicais tão frequentes na Alemanha.

A 30 de Agosto de 1919, o antigo marinheiro Haase declarava publicamente numa reunião do club dos marinheiros de Geestemunde: «Desde o principio de 1915, que temos sistematicamente trabalhado para a revolução na esquadra. Cada dia djas davamos dez *pfennigs* das nossas soldadas. Relacionamo-nos com deputados do Reichstag, espalhavamos manifestos revolucionarios. Eu, confessava, fui condenado á morte, como outros, mas a sentença só se executou em dois de nós. Da mesma maneira um chefe do partido socialista dos independentes de Magdeburgo, Walter, declarou: «A revolução não nos surpreendeu. Tinhamo-la sistematicamente preparado desde 25 de Janeiro de 1918; catequizavamos os soldados que partiam para o *front*, organizavamos os desertores, arranjavamos-lhes documentos falsos, dinheiro e manifestos...»

Dois outros chefes do movimento, Lotas Popp e Karl Artelt, escrevem: «Foi em Kiel que apareceu a melhor conexão entre a revolução alemã de Novembro e a propaganda independente. Não foi por puro acaso que a revolução se propagou a Kiel. A's tropas de terra faltava a coesão interna; na marinha, pelo contrario, tinham ficado agrupados. Tinhamos possibilidade de formar grupos revolucionarios. Era o ponto de partida de um movimento bem organizado e de grande envergadura». A oficialidade ignorava êste movimento. Os oficiais viviam afastados dos seus subordinados, descuidados e desdenhosos.

Em Agosto de 1918 recolheram-se na costa ocidental da Jutlandia cento e trinta cadaveres de marinheiros. Faziam parte de um bando de revoltosos. Não querendo embarcar em submarinos, tinham conseguido apoderar-se de dois torpedeiros e de dois destroyers e tentaram alcançar um porto noruegês. Estas quatro embarcações foram perseguidas pelos cruzadores e afundadas a tiro de peça.

A revolução russa levara um grande fermento á Alemanha. Achou ali bom terreno e desenvolveu-se. Se hoje todos os paizes, com excepção da França, têm uma certa contemplação pela Alemanha, como o declarou Mr. Asquith no seu ultimo discurso, a causa fundamental é essa. Uma nova revolução na Alemanha, a união desta potencia com a Russia, poriam toda a Europa central e ocidental a ferro e fogo.

O barão de Rotschild em Lisboa

Ontem teve lugar a bordo do yatch francez «Athma», pertencente ao Barão e Baroneza de Rotschild um ch oferecido por aqueles titulares a que assistiram Mr. de Lagaronne encarregado de Negocios da França e visconde de Leygue, condessa de Sabugosa, Mlle. Yolande d'Ormeezen, filha do conde de Ormeezen antigo ministro da França em Londres, que se acha igualmente a bordo daquele yatch. Este deve deixar o nosso porto na proxima terça-feira em direcção a Cadiz. Mlle. Yolande d'Ormeesen irá amanhã, domingo, visitar Sintra acompanhada de Mr. de Lagaronne e do visconde e viscondessa de Leygue.

Recita dos quintanistas de Medicina

E' já na proxima 3.ª feira 30 que os alunos do 5.º ano de medicina realisam a sua festa de despedida a favor da Caixa de Auxilio dos estudantes pobres.

Nessa noite sobe á scena, no teatro Politeama, em unica representação a revista em 2 actos e 4 quadros «Esnigôma» original dos quintanistas Caeiro Carrasco, Formosinho Sanches, José Picoto e Raul Viana, com musica parte original e parte coordenada pelo quintanista José de Padua Junior.

Para essa mesma noite o quintanista Formosinho Sanches escreveu uma tragedia em «verso classico» intitulada «As danações do Fausto ou uma cadeira a voar»

Os bilhetes que restam encontram-se já á venda no porteiro da Faculdade de Medicina.

A falencia do banco Hupmann

A população de Havana tenta linchar o seu director

HAVANA, 26. — O publico ao conhecer a quebra do banco Hupmann, pretendeu assaltar o edificio. O director e varios empregados foram encarcerados, acusados de ter intervindo em negocios ilicitos que produziram a catastrofe economica. A quebra deu-se por dez milhões de dollars.—(R.)

Theatros e Cinemas

Primeiras representações

TEATRO NACIONAL — «Auto dos Faroleiros» de *D. Branca de Gonta Collaço* e «Cavalgada das Nuvens», 1 acto de *Carlos Selvagem*.

Ao abrigo, decerto, do art.º 31 do decreto de 10 de Maio de 1919 que rege, actualmente, o nosso primeiro teatro de declamação, proibindo as estreias de autores dramaticos na Casa de Garrett salvo casos excepcionais, que o Comissario do Governo autorisará mediante parecer fundamentado e sob proposta do Administrador, estreiou-se, ha 2 dias, naquela casa de espectaculos, como autora dramatica, a Ex.ma Sr.ª D. Branca de Gonta Collaço. Esse privilegio que lhe foi conferido e que a tantos outros é negado, representa, por parte dos dirigentes daquele teatro, uma honra de que a autora se deve ufanar e mercê da qual, eu me vejo no embaraço duma tarefa ingrata, qual a de criticar o trabalho da sr.ª D. Branca de Gonta, senhora do meu maior respeito, cujos trabalhos literarios, de ha longos anos, me habituei a ler e a admirar e a quem, mais uma vez, quero deixar, consignada a expressão da minha sincera homenagem.

Acima de tudo, porem, está o respeito que devo á missão que exerço e ao publico que faz favor de me ler e como infelizmente, tantas vezes sucede, é lamentavel, muito lamentavel, que a grande maioria dos meus colegas me criem e a bem poucos mais, a situação dum odioso que não merecemos, simplesmente porque desassombradamente procurâmos exercer, dentro dum criterio que pode ser falivel mas que tem a desculpal-o a sinceridade, a ingloria e ardua tarefa que nos é confiada, pondo de parte as chamadas convenções sociais que permitem que, a uns se fale duma maneira, sem preocupações de maior e a outros, conscientemente exteriorisemos o que não sentimos, falseando um direito que nos assiste, do qual não usamos e que é a principal razão de ser do nosso desprestigio. Isso mesmo terá reconhecido a sr.ª D. Branca de Gonta Colaço, cuja lucida inteligencia lhe terá deixado adivinhar o que ha de falsas amabilidades e de mentidos elogios no coro de louvores á roda da sua peça que ela, como estreiante, tenho a certeza, não supoz nunca, perfeita. Toda a sua obra já conhecida é cheia de uma deliciosa emoção de beleza, em todos os seus versos se respira uma emotividade bem femenina, mas ligal-os em dialogo, dar-lhe forma vida e colorido no palco, é tão colossalmente dificil para quem nunca se tenha dedicado á tarefa de fazer teatro que poucos, muito poucos, conseguem alcançar um verdadeiro triunfo, que não o sucesso de estima que a sr.ª D. Branca de Gonta Collaço, ha dois dias teve no palco do Nacional, por parte dos seus amigos, dos admiradores do seu talento como poetiza distintissima que é, finalmente de todos que, como pessoas de boa educação lhe não quizeram empanar a sua primeira noite de teatro com a mais leve sombra de um desgosto.

A sua peça e, propositadamente lhe não chamamos auto, não tem a recomendal-a nem a originalidade nem a perfeição de factura e os seus versos, ficam, por vezes, muito aquem do brilhantismo de tantos outros, dispersos, da ilustre poetisa, excepção feita aos do prologo e final. Dialogos ha em que o estro é pobre, forçando a rima a logares comuns, faltando lhe uma qualidade essencial, a emotividade. Simbolismo em teatro de ha muito o vem praticando esse grande mestre da scena que se chama Eduardo Schwalbach e que, como ele proprio confessa, dificilmente versaja. E comtudo, quando ele em tantas das suas revistas nos apresenta as figuras da Historia que a sr.ª D. Branca de Gonta Colaço faz prespassar no seu «Auto dos Faroleiros», a plateia vibra e, espontaneamente, aplaude. Ora isso não sucedeu na peça, ha dois dias representada e eu não quero fazer a imerecida ofensa aos artistas do teatro Nacional, de supôr que colegas seus, menos categorisados, num genero de teatro diferente e inferior, sejam capazes de dizer melhor versos do que ele. Demais, todos procuraram dar á representação uma interpretação que não pudesse desvalorisar a peça que lhes tinha sido confiada e alguns mesmo como Stichini, Laura Cruz, Irene Grave, Ana de Oliveira, José Ricardo e Clemente Pinto merecem, em meu criterio, aplausos incondicionais, Artur Duarte, agradou-nos no primeiro quadro e pena é que, nos restantes, a sua voz não tivesse as transições necessarias, com manifesto prejuizo do papel.

Quanto a «mise-en scene», perfeitamente á altura do que deveria ser sempre o teatro Nacional, quer no que respeita ao guarda-roupa quer ao scenario, devendo destacar-se d'este, o panotelão do segundo quadro como optimos.

A musica de Herminio Nascimento com propriedade e cheia de harmonia.

A acompanhar o «Auto dos Faroleiros», abrindo o espetaculo, representou se ainda um acto de Carlos Selvagem com o titulo acima, que nos dizem ter sido a sua primeira peça e na qual se afirmam já, as brilhantes qualidades do escritor, definitivamente consagrado pelo publico, nas peças «Entre giestas» e «Ninho de Aguias». Tambem o assunto não é novo e, quer no livro quer no teatro ele tem sido já tratado. Muito semelhante na ideia, ao conto de Alphonse Daudet «O cerco de Paris», e quasi identico e tratando o mesmo assunto, ao ultimo acto da peça «Alcacer Kibir» do chorado D. João da Camara não se explica, portanto, senão por ter sido o seu inicio como escritor de teatro o desconhecimento duma das mais lindas obras do que foi, incontestavelmente, um dos maiores homens do teatro da nossa terra.

O desempenho foi, no geral bom, merecendo destaque nos papeis principais, Brazão que ouvia a descrição da batalha, dando á fisionomia todas as «nuances» requeridas pelo seu dificil papel, que na scena da morte foi absolutamente perfeito e Clemente Pinto que, dia a dia, vem afirmando o seu valor e marcando o seu logar na scena portugueza.

De lamentar é que o sr. ministro da Instrução não vá, a meudo, ao teatro, de forma a estar mais em contacto com os nossos artistas e poder avaliar do seu valor, o que muito contribuiria para emitir criterio proprio, nas nomeações a fazer para as vagas de societarios, não se sujeitando ás imposições dos seus amigos politicos.

ALVARO LIMA

Nota do dia

No restaurante Tavares realizou-se ontem o anunciado almoço de homenagem ao actor Estevam Amarante e actriz Luiza Satanela, que hoje partiram, de longada, para terras de Santa Cruz, onde, certamente, serão festejados, como o foram entre nós, mercê de uma companhia de conjunto e do amor e carinho com que cuidam da sua arte, com uma probidade que, gostosamente, o constatamos dia a dia, vai rareando.

Não quiz Estevam Amarante partir sem que, modestamente, em tom comovido e em voz baixa, não se fosse supôr ou interpretar a sua lembrança como um vulgar reclame da sua personalidade, lembrasse aos amigos reunidos o desejo que teria de não vêr esquecidos naquela festa os camaradas que sofrem. Fazia anos o filho doente de Mercedes Blasco, cuja situação angustiosa é do dominio publico e assim é, que, sem se discutir o merito, sem apreciações descabidas naquela festa, nenhum dos convivas se negou a, dentro das suas posses, tentar minorar o negrume de uma miseria, não olhando mais do que ao intuito da iniciativa alvitrada.

Bem haja Estevam Amarante e que veja a sua *tournée* coroada do mais brilhante exito material e artistico, são os nossos votos muito sinceros.

ALVARO LIMA

Cartaz do dia

Teatro de declamação

NACIONAL—A's 9—«O Auto dos Faroleiros» e «Cavalgada das Nuvens».

POLITEAMA—A's 9—«O Regresso».

Teatro musicado

S. LUIZ—A's 9—Festa artistica do maestro Luiz Gomes—«A Ceia dos Cardiais»—um acto de variedades 1.º e 2.º actos da «Moreninha».

APOLO—A's 9,15—«Belo Sexo».

EDEN TEATRO — A's 9 — Companhia espanhola—«El Trobol» e «El Assombro de Assombro».

CHIADO TERRASSE—A's 8,30 e 10,30—«Tiro ao Alvo».

SALAO FOZ—A's 8,30 e 10,30—«Piparote».

Animatografos

OLIMPIA—Rua dos Condes

CINEMA CONDES—Avenida da Liberdade

SALAO CENTRAL—Praça dos Restauradores

Jardim Zoologico

O festival, que ámanhã se realisa no Parque das Laranjeiras, comemorando o 38.º aniversario da inauguração do Jardim Zoologico, será abrilhantado pela banda do Corpo de Marinheiros, que executará o seguinte programa:

Ribadavia, marcha; Carnaval Romano, ouverture—Berlioz; Festa di Nozze, fantasia in 3 tempi—Manente; Huguenottes, seleção — Meyerbeer; Balada oriental—Dereme; Rosamund, Suite—Schubert; Danças Hungaras n.os 5 e 6—Brahms; Um vôo, marcha dedicada aos aviadores Sacadura Cabral e Gago Coutinho, por Fernandes Fão.

ULTIMA HORA

A prisão dos oficiais outubristas — Uma versão governamental — Vão continuar as perseguições?...

A's 11 horas da manhã de hoje embarcaram no Bom Sucesso os oficiais que já foram presos como implicados no pronunciamento militar outubristo. Eis os seus nomes: coroneis Manuel Maria Coelho e Nobre da Veiga, tenente-coronel Marreiros, capitão-tenente Serrão Machado, capitães Sarmento Rodrigues e Antunes Guerra, tenente Deslandes e alferes Lopes Soares.

Estes oficiais eram acompanhados por outros, encarregados da captura pelas autoridades militares competentes.

Alguns amigos pessoais tambem acompanharam os presos. Entre outros, vimos os srs. capitão Paulo Pacheco e tenente Pio, êste ultimo oficial da Policia Civica.

Os presos foram alojados no Presidio da Trafaria, onde não ficaram incomunicaveis, podendo ser visitados aos domingos e quintas-feiras.

Devem chegar hoje a Lisboa, sob prisão, o major sr. Arez, que estava em Pinhel, alferes de artilharia sr. Fialho e capitão sr. Sousa Guerra.

E' certo que o sr. Virgilio Costa, capitão de engenharia e deputado da Nação, se ausentou de Lisboa para parte incerta. Supõe-se que já passou a fronteira.

Nos meios governamentais faz-se correr o boato — aliás inacreditavel — de que o chefe do Governo só ontem á noite teve conhecimento dos mandados de captura expedidos pelas autoridades militares, tendo recebido a noticia pelo sr. governador civil de Lisboa.

Hoje devem ser efectuadas mais prisões.

Raid Portugal-Brasil

Subscrição para a compra das insignias da Torre e Espada

Os empregados da Companhia de Seguros «O Futuro» enviaram á administração deste jornal a quantia de cinco escudos, que ficam á disposição da comissão de que é presidente o ilustre general sr. Gomes da Costa.

A camara franceza

vai autorisar a prisão dos deputados anti-militaristas

PARIS 27. — Foram entregues na mesa da Camara os pedidos de prisão dos deputados comunistas Vaillant Couturier, autor do artigo anti-militarista, publicado no jornal comunista e Coolin gerente do mesmo jornal.—(H.)

Um atentado dinamitista

Hoje, pelas 17 horas e 30, os moradores do Chiado e imediações, bem como as pessoas que a essa hora transitavam por aqueles sitios, foram sobresaltados por um grande estampido que partira dos lados do teatro da Trindade.

Toda a gente correu para o local e a breve trecho vinha a saber-se que mãos criminosas haviam feito explodir uma bomba no saguão do predio n.º 40 da rua da Trindade, contra as trazeiras do grande armazem de mobiliario da firma Barbosa & Costa, no largo Rafael Bordalo Pinheiro. As trazeiras do referido armazem têm, á altura do 3.º andar, a janela da oficina de estofadores e a qual fica fronteira á janela da escada do predio n.º 40.

Foi no patamar da escada e dessa janela que, talvez grevistas mobiliarios, arremeçaram a bomba contra a oficina fronteira.

Felizmente, o atentado não teve consequencias, pois que a bomba, explodindo ao ser arremeçada, foi apenas esburacar as paredes do acanhado saguão, partir os vidros de varias janelas e os canos de grés destinados aos exgotos.

No local compareceram o sr. governador civil e seus secretarios, agentes da P. S. E. e da investigação, guardas da segurança e o chefe de piquete no Governo Civil, tendo a policia procedido a varias diligencias, que não deram resultado.

Apenas os locatarios do 3.º andar informaram terem visto sair da escada, momentos antes da explosão, dois individuos, um dos quais conduzia uma corda.

"O Raid,, Lisboa-Madrid

Ultimos ecos da visita dos aviadores portugueses aos seus camaradas da monarquia visinha

A's 8,45 horas chegou á Amadora o aeroplano n.º 2, com os tenentes Paiva Simões e Rodrigues Alves, de regresso de Barqoilhos, perto de Badajoz, onde tinham aterrado em virtude do nevoeiro que os surpreendeu durante o vôo entre Madrid e Amadora. Esta segunda etapa da viagem não foi perturbada por qualquer acidente.

Um desastre

Que pode ser ou não criminoso

Um automovel guiado pelo profissional José Fragoso, morador na rua do Possolo, 46, 1.º atropelou na rua da Junqueira, esta manhã, um menor de 7 a 8 anos presumiveis e de identidade desconhecida. A criança morreu sendo o cadaver conduzido á Morgue.

O «chauffeur», que foi preso pela policia, pretendeu evitar o desastre, guiando o carro de encontro a umas arvores. O veiculo ficou inutilisado. A policia investiga sobre se houve ou não culpabilidade no acontecimento.

As impressões do publico acerca das prisões dos oficiais outubristas

Levantou a maior celeuma a prisão dos oficiais indicados como implicados no 19 de Outubro, sendo os conhecedores de coisas de leis os primeiros que se manifestam contrarios ás prisões, afirmando tratar-se de uma violencia, porquanto os inqueritos ordenados unicamente se referem aos acontecimentos sangrentos e nunca a rebeliões, como agora se diz. Afirma-se mais que o processo foi mal organizado pela repartição da Justiça da 1.ª divisão, pois que foi confeccionada nota de culpa a oficiais montados no artigo 319.º do Codigo Penal e os quais não comandaram forças.

O processo transitou do Quartel General para o 1.º Tribunal Territorial em Santa Clara, onde só ontem deu entrada, tendo sido nomeado promotor o general sr. Carmona, comandante da 4.ª divisão.

O major sr. Paulo Pacheco defenderá o alferes sr. Lopes Soares, da Policia, dizendo-se, no entanto, que êste oficial sairá em breves dias da Trafaria, porquanto foi preso sem razão.

Hoje, ao fim da tarde, constava que todos os oficiais que tomaram parte no movimento de 19 de Outubro iam entregar-se á prisão, caso, no prazo de 8 dias, não seja modificada a situação dos seus camaradas agora detidos.

Conselho de Ministros

O conselho de ministros reuniu-se hoje em sessão ordinaria, na Secretaria do Interior, durando a sessão desde as 11 horas até pouco depois das 13. Segundo nota fornecida á imprensa, o conselho tratou de assuntos correntes de administração publica.

Nota oficiosa

Pela presidencia do Ministerio foi hoje fornecida á imprensa a seguinte nota oficiosa:

«Não é verdade que tanto na reunião do grupo parlamentar democratico como em qualquer dos ultimos conselhos de ministros, se tenham discutido as prisões dos oficiais ou que sobre o assunto se tenham tomado quaisquer resoluções. O Governo limitou-se a satisfazer, por intermedio dos ministros das respectivas pastas, as requisições para mandar apresentar na 1.ª divisão do Exercito os 15 oficiais (e não 21 porque 6 já estão presos ha tempo), incriminados pela respectiva autoridade judicial, uns no artigo 319.º e outro no artigo 368.º do Codigo Penal.

Tambem nos informam oficiosamente não ser verdade que o general sr. Adriano de Sá tivesse consultado o Governo sobre se considerava o movimento de 19 de Outubro uma revolução triunfante ou uma rebelião militar.

Comandante da Guarda Republicana

O general sr. Vieira da Rocha comandante geral da Guarda Republicana, conferenciou hoje com o sr. presidente do Ministerio.

Em poucas linhas

Queixou-se Francisco Augusto de Almeida, de que lhe haviam furtado da sua residencia, Azinhaga da Torrinha, quinta de Pedro Serrão, ao Rego, diversas roupas de cama no valor de 96$00.

—Manuel Vicente Pinto rua das Janelas Verdes 136, foi preso por haver furtado a seu patrão Tomaz Vasques Fernandes a quantia de 350$00.

—Encarnação Maria rua Gil Vicente 7 pateo, foi presa por haver furtado um relogio de prata no valor de 30$00 a Antonio Gonçalves Rebordão pateo do Pinzaleiro 26.

Os primeiros resultados da Conferencia

Doze milhões de liras para transmitir á Europa o fracasso de Genova

GENOVA, 26. — O sr. Maichesi, director do serviço telegrafico e telefonico da Conferencia de Genova facilitou á imprensa os seguintes detalhes sobre o trabalho realisado pelos seus subordinados:

Transmitiram-se mais de 5.000.000 de palavras e a delegação japoneza só por si gastou em telegramas mais de 1.000.000 de liras. Num dia as receitas chegaram a 250.000 e noutro transmitiram-se para Londres 4.000 palavras.

Em Genova e na Riviera italiana instalaram-se 600 telefones para uso das diferentes delegações e até as pequenas estações telegraficas, como as de Rapallo e de Santa Margarita transmitiram cerca de 4.000 palavras em pouco mais de um mez, tendo os delegados bolchevistas contribuido com cerca de metade desta cifra.

Ao todo enviaram-se 150.000 telegramas tendo-se recebido uma quantidade igual entre 10 de abril e 14 de maio. Gastaram-se doze milhões de liras em telegramas e telefonemas. —(R.)

Congresso municipalista

Por iniciativa da Junta Geral do Districto de Lisboa, realisa-se nos dias 10, 11 e 12 do proximo mez de Junho, este Congresso que, segundo nos informam, está despertando extraordinario interesse, tendo aderido grande numero de municipios do paiz e quasi todas as Juntas Geraes de Districto, que se farão representar devidamente.

Acabamos de receber a tése que no mesmo Congresso se propõe apresentar e defender o sr. Costa Gomes, ilustre presidente da Junta Geral do Districto de Lisboa, subordinada ao titulo «Autonomia e descentralisação administrativa», a qual constitue uma vigorosa defesa do municipalismo, e um ataque cerrado á centralisação que tem sido o peor cancro da nacionalidade.

Agradecemos os exemplares recebidos, prometendo desde já seguir com o maior interesse os trabalhos do Congresso, cujo programa aguardamos para lhe darmos toda a publicidade.

SPORT

NOTICIARIO

ESGRIMA

E' amanhã, 28, que tem lugar na Quinta das Laranjeiras, em Sete Rios, a prova de espada que o Hockey Club de Portugal vai efectuar; a inscrição é aberta a todos os socios, encerrando-se uma hora antes de iniciada a prova.

Dirige os assaltos o distinto mestre de armas sr. Veiga Ventura.

O alto comando por escolha

Numa serie de substanciais artigos vem o coronel sr. Sousa Dias, inspector da arma de infantaria da 3.ª divisão do exercito tratando no «Primeiro de Janeiro», com relevo e proficiencia, o assunto que nos serve de epigrafe, a proposito de certa proposta ultimamente apresentada na Camara dos Deputados, segundo a qual a promoção aos altos postos do exercito passaria apenas a ser um exclusivo de certos previlegiados da fortuna, ou melhor daqueles que, por suas artes, a mesma fortuna sabem habilmente corrigir.

O articulista que aos estudos militares tem dedicado uma atenção especial, na sua carreira militar, insurgindo-se, naturalmente, contra um tal sistema de promoção, mostra as flagrantes injustiças a que ele deu logar na Alemanha e na França, onde algumas elevadas mentalidades, como Ludendorf, Galieni Pitain e o proprio Foch foram, durante muito tempo, votados ao ostracismo, por efeito de uma politica mesquinha, a que a grande guerra, cobrindo-os de gloria, veio emfim pôr um justo termo.

Conhecedores do nosso meio, onde tão flagrantes injustiças se praticam, a todo o momento, vêmos as cousas pelo mesmo prisma do sr. coronel Sousa Dias, condenando o odioso projecto que, a ser convertido em lei do paiz, constituiria uma nova enchadada, talvez a mais profunda de todas aquelas com que ha muito tempo vem sendo cavada a ruina do exercito e feita a desarmonia dos seus elementos.

Caminhe pois o sr. coronel Sousa Dias, sem hesitações ou desfalecimentos, porquanto encontrará a encoraja-lo, na sua campanha honesta e justa todos os seus camaradas que trabalham, e que pretendem ver garantido o seu futuro pelo esforço apenas da sua inteligencia e do seu estudo que seria um crime pôr-se em jogo, por efeito de influencias politicas ou quaisquer outras que não assentem no merito individual comprovado, como o articulista diz, em provas publicas de insofismavel apreço.

Confessamos que o seu primeiro artigo nos deixou uma explicavel má impressão, pelo receio que uma porta mal fechada, facilitasse a pratica da monstruosidade que vinha condenando, com desaire até para os excluidos, o que seria devéras lamentavel e muito peior do que a escolha pura e simples que se pretendia levar a efeito.

Releve-nos, pois, o sr. coronel Sousa Dias o nosso reparo, pela satisfação que nos trouxe com o esclarecimento leal das suas doutrinas que tão belamente calarão decerto no animo de todos os homens honestos.

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações
Londres, cheque	4 3|16 — 4 1|16
» 90 dias	4 5|16 — —
Paris, cheque	1176 — 1212
Suissa, cheque	2456 — 2531
Belgica, cheque	1084 — 1117
Italia, cheque	677 — 698
Berlim, cheque	42 — 47
Holanda, cheque	5007 — 5161
Madrid, cheque	2030 — 2092
New-York, cheque	12879 — 13275
Brazil, cheque	59 — 58
Austria, cheque	1 — 3
Noruega, cheque	2360 — 2433
Suecia, cheque	3327 — 3429
Dinamarca, cheque	2812 — 2899

Libras . . . . . 64$000 — 66$000

A eterna agitação da Irlanda

Um mar de sangue e um montão de ruinas

Quem diria que, quando a Inglaterra chegou a um acordo com os representantes da Irlanda e findou a luta entre os dois povos, uma outra luta, mais feroz e mais assassina, na Irlanda se desencadearia?

Na verdade, ninguem o podia prevêr.

Comtudo a luta existe e por mais esforços que os representantes das duas correntes tenham feito para tentarem uma aproximação, para conseguirem uma plataforma conciliatoria, o certo é que a guerra civil, com as suas tremendas consequencias, é um facto.

Dia algum passa que não cheguem até nós novas noticias de tragicos atentados, de sinistros acontecimentos ali desenrolados e emquanto esse sudario de crimes passa sob os nossos olhos, nós não conseguimos ver que Collins e De Valera realizem o acordo tão desejado e que ponha termo a essa luta fratricida.

E' certo que, de vez em quando, uma restea de luz parece pretender surgir por entre as negruras da situação, mas rapido se extingue e apaga. E como não extinguir-se e apagar-se se não deparamos com um unico comunicado ácerca da situação irlandeza em que, ao mesmo tempo que se annunciam problematicos acordos, se não narram horrorosos acontecimentos?

Agora mesmo temos ante nós um telegrama desse genero:

Por um lado vemos Collins e De Valera abraçados num acordo pacifista, segundo o qual as duas partes litigantes constituiram um bloco nacional de coligação que, em circunstancias determinadas, se devem preparar para as eleições, umas eleições que garantam a continuação do entendimento que o «Dail Eireann» teria recebido com unanimes aplausos, e por outro assistimos a mais um acto dessa já longa tragedia, vendo proseguir a guerra civil no norte, onde um grupo de homens armados assaltou um castello que pertencia a um velhinho de 82 anos que tinha a infelicidade de ser o presidente do parlamento de Belfast e que, a muito custo, foi salvo pelos seus servidores mas não sem que visse a sua casa destruida, incendiada, transformada num montão de ruinas.

E' este o estado calamitoso em que se encontra a Irlanda.

Batem-se denodadamente, tenazmente, heroicamente pela sua independencia. Conseguiu-a de um governo estrangeiro que a dominava, mas não a conseguiu dos seus proprios filhos que teimam em encharca-la num mar de sangue, que teimam em transforma-la num montão de ruinas.

O Papa e os "Soviets"

A tremenda intriga que em volta do caso se tece

A imprensa internacional tem-se dado, nos ultimos dias, a publicar as noticias mais contraditorias e mais sensacionais sobre as falsas ou reais relações entre o Vaticano e a Republica dos «soviets».

Muito embora o proprio Ciceria, no coloquio que teve com o arcebispo de Genova, tenha clara e abertamente declarado que o governo de Moscou, em homenagem á liberdade dos cultos, que de um modo efectivo não respeita, é contrario a qualquer concordata com a Santa Sé, aparecem, no entanto, jornais que deram como realisado o acordo religioso do governo dos «soviets» com a Santa Sé.

Parece haver interessados em fazer acreditar que a mais alta autoridade moral da terra tem entendimentos com o governo bolchevista. Os outros, os contrarios aos «soviets» e á união da egreja russa com a de Roma — «Caput mundi» — lançaram tambem a mesma infundada noticia. Estes não ignoram que a igreja russa foi, durante a tremenda perturbação provocada pelo bolchevismo, a unica força moral que resistiu a Lenine, mas tendo recuperado com o patriarcado de Moscou aquela independencia que lhe faltava sob o regimen do Tzarismo, os pan-russos receiam que a igreja oriental venha a ser um instrumento politico no dia em que se der a derrocada do regimen de Lenine.

Ora, parece que ha interessados em fazer acreditar que a Santa Sé esteja de acordo com o governo bolchevista em dar força á sua rival:—a igreja russa.

Parece-me que não ha necessidade de revelar a absoluta falta de fundamento destas noticias, tanto ela é evidente. Basta reparar nalguns trechos da carta do Santo Padre ao cardeal Gasparri para fazer resplandecer a verdade em toda a sua inteireza.

As palavras do Papa foram de facto dirigidas ás «infelizes povoações», não a este ou áquele governo, por um sentimento de humanitarismo.

As populações infelizes, comquanto separadas da comunhão romana, são objecto das preocupações do Vigario de Cristo, o qual se eleva acima das lutas politicas e das proprias divisões religiosas para ir em socorro daqueles que sofrem na Extrema Europa.

Só o farisaismo mais refinado poderá persistir em fazer crer que outro seja o pensamento do Santo Padre.

Correm outras noticias, algumas de procedencia parisiense, as quais não perdoam ao Santo Padre o facto de não reprimir o bolchevismo antes de ir em auxilio das populações infelizes. E, tomados de furor ultra-nacionalista, dão curso a insinuações inconsistentes, que não vale a pena de desfazer. Somente direi que tais campanhas jornalisticas são tendenciosas e movidas pelo egoismo nacional, porquanto a atitude do Santo Padre na questão russa foi a dum verdadeiro padre de todos os fieis, pronto a socorrer todos os infelizes embora estes estejam fóra do gremio catolico apostolico romano.

Um vôo em volta do globo

Valtenta-lo o major Blacke

Os directores dos principais periodicos de todas as partes do mundo teem mostrado um enorme interesse pelo proximo vôo em volta do globo, e o major Blake tem recebido propostas esplendidas é atraentes para vender á imprensa o resultado das suas experiencias. Diz ele que espera começar o seu vôo de 30.000 milhas, no qual será acompanhado por um amigo, o capitão Norman Macmillan, no fim deste mez. A derrota escolhida difere ligeiramente da que planeara o falecido Sir Ross Smith, sobretudo com a ideia de encurtar tanto quanto possivel a parte mais longa da viagem ao passar por mar, a qual, segundo a nova combinação, é á um pouco mais de 800 milhas.

Passará pela França, Italia, Grecia, Egypto, Mesopotania e India e dali á China e ao Japão.

Do Japão voará pelo caminho que leva ás ilhas Aleutinas até Alaska, Canadá e Estados Unidos. A travessia final do Atlantico será da Terra Nova á Groenlandia, e da Groenlandia á Islandia e, finalmente, da Islandia á Escocia. «Não espero, disse o major Blacke que comecem a dar-se grandes dificuldades para mim até que atinja a India». Este grande vôo será realisado não só por um aviador britanico mas tambem com um aparelho britanico.

Escola Militar

E' hoje ás 17 horas, que no Salão Nobre da Escola Militar o ilustre professor e antigo colonial, sr. major Utra Machado, realisa a sua conferencia sobre o «Problema Colonial».

O naufragio do "Egypt"

O paquete «Egypt» deixara Londres a caminho de Bombay. Levava a bordo 291 homens de equipagem e 45 passageiros.

A's 7 horas da manhã de sabado encontrava-se a 28 milhas do farol de Aimen. O mar estava bastante agitado e fazia um nevoeiro muito espesso.

Iam os passageiros a dirigir-se para a sala de jantar quando um choque tremendo se produziu. O navio havia sido abordado por bombordo, entre as duas chaminés, pelo «Seine» que fazia carreira para o Havre.

E' indiscritivel o panico que se sucedeu.

Os passageiros que não ficaram feridos devido ao choque subiam, estonteados, loucos, para a ponte.

O capitão e os oficiais do navio, embora tivessem tomado todas as disposições para lhes garantir o salvamento, viram, porem, dentro em pouco que a equipagem, composta, na sua maior parte, por indús, se apoderava das embarcações e se opunha, de revólver em punho, a que as mulheres e as crianças delas se aproveitassem.

TAUROMAQUIA

O belo divertimento de Algés

Realisa-se amanhã mais um dos atraentes divertimentos taurinos da Praça de Algés, onde se passam horas alegres.

O espectaculo tem, alem da corrida de touros, garraios e vacas, com os seus amadores e o seu intervalo comico, uma ferra de novilhos, faina animadissima e cheia de peripecias e trambulhões, para a qual se constituiram dois grupos de pegadores que disputarão um premio.

Um dos grupos, formado por rapazes da Praça da Figueira, é composto por Antonio José, Firmino Pereira, Fernando Guerra, Artur Esteves, Francisco Algarvio, Diogo Domingos, Camilo Martins, Adelino Nobre, Antonio Rato, Antonio Coxo, Acacio Martins, e Francisco Quaresma; o outro grupo é formado por Artur Reis, Seterio Martins, Luciano Moreira Junior, José Dias, José Anibal e Amilcar Moreira.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Sociedade Anonima — Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Assembleia Geral Ordinaria dos srs. Accionistas

Nos termos dos artigos 31.º e 39.º dos Estatutos desta companhia, aprovados por Alvará de 30 de Novembro de 1894, é convocada a Assembleia Geral Ordinaria dos srs. accionistas possuidores de 100 ou mais acções, segundo os preceitos do artigo 28.º dos mesmos Estatutos, para se reunir em Lisboa, na séde social, no dia 30 de Junho proximo futuro, pelas 16 horas.

ORDEM DO DIA

1.º — Conhecer das contas respectivas ao exercicio de 1921, do relatorio do Conselho de Administração e do parecer do Conselho Fiscal e votação sobre essas contas;

2.º — Apreciar quaisquer propostas dos srs. accionistas apresentadas segundo a parte final do artigo 28.º dos Estatutos;

3.º — Eleger dois vogais do Conselho de Administração, nos termos do artigo 13.º dos mesmos Estatutos, podendo haver reeleição segundo o referido artigo;

4.º — Eleger dois vogais do Conselho Fiscal, nos termos do artigo 24.º dos ditos Estatutos, podendo haver reeleição segundo o referido artigo.

Para os srs. accionistas poderem tomar parte nesta assembleia, devem as acções nominativas ter sido averbadas até ao dia 30 de Maio corrente, inclusivé, e as acções ao portador terem sido depositadas até ao meio dia do dia 15 do mês de Junho futuro:

Em Lisboa — Na séde da companhia, no Banco de Portugal, no Banco Comercial de Lisboa, no Banco Lisboa & Açores, no Banco Nacional Ultramarino, no Monte pio Geral e no Crédit Franco-Portugais;

No Porto — No Banco Comercial do Porto;

Em Paris — Nas caixas do Comptoir National d'Escompte de Paris, do Crédit Lyonnais, da Société Générale de Crédit Industriel et Commercial, da Société Générale pour favoriser le développement du Commerce et de l'Industrie en France, do Banque de Paris et des Pays-Bas e do Banco Nacional Ultramarino;

Em Londres — Nas caixas dos banqueiros Glyn, Mills, Currie & Company;

Em Genebra — Nas caixas da Société de Banque Suisse.

Os documentos legais estarão patentes na Contabilidade Central da Companhia desde 15 do mês de Junho proximo futuro.

Os bilhetes de admissão á Assembleia Geral serão passados pela Comissão Executiva da Companhia, em vista das acções averbadas ou dos recibos dos depositos das acções ao portador.

A assembleia constitue-se e poderá validamente deliberar nos termos dos artigos 32.º, 33.º, 36.º, 37.º e 39.º dos Estatutos.

Lisboa, 23 de Maio de 1922.

O presidente da mesa da Assembleia Geral, *Francisco José Fernandes Costa.*

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

Uma recita do "Roberto do Diabo"

por JULIO CESAR MACHADO

— Oh noite! exclamou Ricardo. Porque não é negro o teu manto e porque o vejo bordado de tão explendidas safiras? Parece que a natureza não quere hoje dormir! Dez anos da minha vida, por uma noite escura!

E, acaso, providencia, ou fatalidade, — a noite escureceu.

O vento, que soprou por instantes rijo e desenfreado, aquietou-se de repente. As nuvens aglomeravam-se carregadas e sombrias. A solidão era completa. A noite ia tão escura que nem se divisavam ao cabo da estrada as sombras alvadias das casinhas da aldeia.

O lavrador sustentava em casa sua velha mulher, seus filhos Ricardo e Joana e um antigo rendeiro, homem de boas contas e de vida santa, quasi tão velho na casa como qualquer das paredes dela. A mulher do lavrador morrera. Joana ausentara-se: a casa nesta noite ia estar habitada apenas pelo lavrador, Ricardo e o rendeiro.

O mancebo esperou que todos em casa dormissem; depois, levantou um dos tijolos da parede e encontrou o que ali guardara: — um punhado de cabelos. Foi feroz então, foi formidavel de atrocidade, a expressão que lhe tomou o semblante.

— Ei-los! exclamou. Ei-los, os que me hão de salvar!

E soltou uma gargalhada dilacerante, diabolica. Tirou da cinta uma faca de mato, dirigindo, pé ante pé, ao quarto de seu pai... O velho dormia um daqueles sonos pesados, que na idade madura sucedem ás grandes desgraças: o tal sono de Napoleão depois da batalha de Waterloo!

Quem sabe, — pobre velho! se estaria nesse instante sonhando com a alma da defunta e se a imaginação o ia conduzindo até ao periodo virente dos seus amores?

Ricardo olhou tudo em redor de si e teve medo: medo de estar só.

Mas, a resolução veiu subita. O parricida ergueu o braço e enterrou a faca de mato na garganta do ancião.

Depois, — a enormidade do crime deu-lhe animo. O velho não soltara um só grito. Ricardo encostou o ouvido ao peito do assassinado e não ouviu a mais debil pulsação.

— Morto! disse.

Então, abriu uma das mãos do cadaver e fez-lhe segurar o punhado de cabelos, que levava.

Em seguida fechou a porta e saiu.

Desde muito tempo que Ricardo acalentava a ideia de matar seu pai. Queria deixar a aldeia e partir rico. O lavrador havia ganho fortuna e a herança era agora a unica cogitação do filho. Roubá-lo e desaparecer, seria declarar-se ladrão: mais valia que a morte do pai desse ao filho o direito da posse.

A simplicidade campestre existe em toda a parte, talvez, — menos no campo. O aldeão pervertido deu o grito de emancipação do camponês. O aldeão das eglogas morreu com elas e a civilização deixou chegar a sua vara magica até á choupana e á eira. Outr'ora, onde acabaram os pastores e as pastoras, começaram os aldeões. Agora, onde acabaram os aldeões, isto é, os rusticos, principiaram os lavradores, livres, astutos e ambiciosos.

O mancebo meditara, sobretudo, na maneira de cometer o parricidio sem risco de o culparem. O quarto de Ricardo era tambem o do rendeiro: cada cama do seu lado. Ao sair do quarto de seu pai, as mãos do parricida iam ainda ensanguentadas: depois de se assegurar que o rendeiro dormia, agarrou-lhe a jaqueta, estendida aos pés da cama, e enxugou o sangue a sitios diversos dela, — mas que, ao rendeiro, não fossem faceis de observar, quando, de madrugada, descuidosamente a vestisse!

E, é esta a fatalidade! — os cabelos que o assassinado tinha numa das mãos, como arrancados ao assassino no furor da luta, eram do rendeiro! — porque Ricardo havia tido durante os ultimos tempos o cuidado de guardar todos os cabelos que encontrava no pente de que o rendeiro se servia, quando se penteava.

V

A orquestra interrompeu-nos.

Quem é que não estremece aos primeiros acordes da introducção do terceiro acto do *Roberto?* A musica ri de uma forma lugubre: as rebecas parecem arremedar o delirio, as imagens estravagantes e as alucinações da febre, de uma noite de Sabbat! Lembra a praia arida e sinistra, em que palpitam ao vento magros arbustos, emquanto as bruxas horrorosas, descarnadas, de sexo indeciso e duvidoso, dançam misteriosamente em redor de Macbeth e atiram á sua alma esta maxima: «O belo é horrivel, o horrivel é belo!»

A historia do homem pequenino e esta musica de uma ironia lugubre produziam-me o efeito do so[illegible] um pesadelo no infinito, uma noi[illegible] obscuro de uma alma perdida [illegible]te do inferno!

A vista representa os rochedos de Santa Irena, paisagem sombria e montanhosa. Vêem-se as ruinas de um templo antigo e a entrada para uns subterraneos. Uma cruz de pau está no meio da estrada.

Bertran não é propriamente o diabo; isto é, não tem a honra de ser o rei dos anjos caidos: é um diabo subalterno, um diabo inferior, um diabo de segunda qualidade, um pobre diabo! A licença com que veiu á terra expira nesse dia: dentro em poucas horas tem de abandonar o filho e voltar ás trevas e ás chamas, ao fogo e á escuridão, á alegria infernal e á dôr maldita! Ouve-se o côro dos demonios, que diz: «Celebremos as festas do sombrio imperio! E' preciso esquecer o céu!...» E Bertran recorda-se nessa hora, com saudade, dos dias que passou na terra, rapidos instantes de felicidade, de alegria, de amor, quando ele amava a condessa e era amado por ela. Os diabos têm ás vezes coração, e a saudade é o seu maior martirio. Deve ser uma sensação excentrica, a de se recordar, uma alma maldita, das terrestres aventuras, e ter saudades no inferno das noites do teatro lirico, em que um oculo branco se lhe fixava e a alva e delicada mão de uma senhora da sociedade tirava do *bouquet* uma flôr para lhe enviar! Que lembranças não terão aqueles pobres condenados, das festas e prazeres da terra, dos caprichos e amores, dos devaneios e triunfos da existencia humana! E, se é verdade que o amor traz o erro e o crime, não deve o inferno estar cheio dos que amaram neste mundo?

A anciedade de Bertran é uma coisa de que não ha memoria: horrivel e desesperada anciedade de um pai, que só não terá de separar-se do filho, se o levar consigo para o reino doloroso, onde a esperança morre ao entrar! Vive insensivel é o tormento dêsses desgraçados. Não amar, não poder amar, não amarem nunca: tal é seu destino; tal é o inferno! Mas no coração de Bertran o arrependimento pareceu nascer, e Deus, na sua bondade, ou na sua vingança talvez, permitiu-lhe que amasse. Desde êsse dia cruel, a sua alma sentiu apenas por êsse Roberto os receios, a felicidade, os tormentos da terra: o filho tornou-se para êle vida e ser. Agora, porém, a meia noite vai [illegible] a sorte de ambos depende apenas de o Roberto aceitar o pacto inutavel que roube a sua alma a Deus!...

VI

De maneira que, — continuou o homem pequenino, — o rendeiro, pela madrugada, partiu para o trabalho, conforme o seu costume. Mal haveria, contudo, andado duzentos passos, quando Ricardo poz a aldeia em motim, gritando como louco que haviam assassinado seu pai e que prendessem o rendeiro, porque, em tão fatal circunstancia até do mais seguro desconfiava.

(Continua)

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

N.º 4091-12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5 || LISBOA — Segunda-feira, 29 de Maio de 1922 || Telefone n. 2293—Endereço tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

Perguntas insoluveis de toda a especie:

Quando começam a discutir-se no Parlamento os interesses vitais da nacionalidade?

MOMENTO CRITICO

Seria puerilidade pretender negar que a situação do paiz não é, pelo menos, inquietadora. Todos os males de que a sociedade portuguesa vem enfermando ha longo tempo teem-se agravado sensivelmente. Pode dizer-se que esse agravamento é patente todos os dias. Nestas circunstancias todos os incidentes que surgirem na politica ou na administração publica não podem deixar de complicar ainda este estado de coisas já tão complicadas e dificeis.

Estão a ponto de entrar em discussão no parlamento as propostas de finanças. Afigura-se-nos que já toda a gente formou um juiso, embora geral, sobre essas propostas. Elas são aterradoras, e são ineficazes. São aterradoras porque, como se diz vulgarmente, levam couro e cabelo, e são ineficazes porque ninguem duvida de que se traduzirão por parte da agricultura, da industria e do comercio, atingidos num novo encarecimento de vida. Desta arte, o problema economico fica sem solução, e o problema financeiro que dali depende tambem não encontrará solução de qualquer natureza.

Egualmente se propõem as camaras discutir o projecto de lei do inquilinato. E' outro monstro, de disposições sibilinas e contraditorias, que na realidade agrava senhorios e inquilinos, Se porventura ficar convertido em lei, provocaria a maior confusão, sem nenhuma especie de resultados praticos.

Enquanto tantos interesses estão em jogo, enquanto o paiz se encontra agitado pelas mais sombrias apreensões, levanta-se ainda esta carrapata de prisão oficiais que, por qualquer modo, se salientaram no movimento outubrista. E' mais lenha para a fogueira, tanto mais que nem sequer parece haver a hombridade de declarar, ao certo, a rasão porque esses oficiais foram presos. Por um lado, ao que se diz, parece que os querem dar como implicados nos acontecimentos da noite tragica. Por outro lado, afigura-se que os responsabilisam pelo acto da rebelião que constituiu o movimento outubrista.

No primeiro caso, seria natural que desde já se elucidasse o publico sobre o caracter de responsabilidades que se lhes pretende atribuir. No segundo caso, não se compreende por que se segue com os revolucionarios de 19 de outubro uma norma diferente daquela que tem sido usada para outros revolucionarios.

Como se vê, enxertou-se na politica mais um acontecimento grave e que, por esse facto, ainda mais grave ficou sendo. Elle é tão estranho que até assistimos ao espectaculo curioso de aparecerem os monarquicos a protestarem contra todas as aparencias duma perseguição a republicanos.

Não pode ser! O espirito publico está enervado com todas estas dificuldades, com todos estes exageros, contra todas estas irregularidades, que em vez de aplanarem o caminho da justiça o estão obstruindo com toda a especie de obstaculos. No fundo, no que menos se pensa é da justiça. Mentiriamos a nós proprios se não confessassemos que o que se está passando é tão singular que legitima desconfianças e suspeições. Dir-se-hia que ha o proposito de crear uma enorme confusão de que resulte uma formidavel desordem. Quem pensa em aproveitar com essa desordem? Evidentemente, os pescadores de aguas turvas, tanto aqueles que só desejam um regresso ao passado como aqueles que cogitam em forçar a mão ao futuro. Entre estes dois extremos está a Patria, a que conseguem ofender e a Republica que muitos pretendem ferir.

UM PROBLEMA DE TEATRO

AS VAGAS E OS VAGALHÕES DO "NACIONAL"

O teatro Nacional foi o Palacio da Inquisição.

Está dito tudo.

Ainda hoje, em plena devastação pombalina do Rocio, o Nacional tem uma esquadra de Policia—nas suas bases.

E, valha a verdade, quantas superiores rasões de «cabo de esquadra» não tem orientado a velha sala vermelha de D. Maria II? Aquela esquadra é um simbolo, um simbolo subterraneo, um simbolo fresco, mas insofismavelmente um simbolo!

Houve no antigo palacio jónico um «Inquisidor Geral»—hoje ha apenas um «Administrador Especial», mas um fio de tradição vagamente os une: Aqui muito para nós, com que «Fé» se tem erguido o «Auto» dos Faroleiros? E nesse «Auto de Fé» mistorioso, quem se imolou, e sobretudo quem se «amolou», com uma montagem carissima?

Mas, esse logo sagrado de arte em que ardeu vossaicamente certo dinheiro, teve ainda a poetisa-lo a figura sempre aristocratica e patricia de D. Branca de Gonta, e para uma senhora encantadora são permitidos caprichos como o de ver em scena um livro de lindos versos, como os sabe fazer a filha de Thomaz Ribeiro.

* * *

Esta historia das vagas do mar agitado do Nacional,—uma historia tragico-maritima em que o nosso bom Augusto Pina espera a boia onde se agarre, e que o conduza a porto de salvamento, estas vagas que ameaçam enguli-lo, são complicadas e graves para a gente se decidir a mergulhar.

A ti bom leitor que andas fóra desta vida de trapos e de papel pintado e que de teatro só sabes que os «fauteills» custam seis mil reis, não sei se te interessa um pouco de conversa sobre estas intimidades indiscretas de camarins—mas é de crêr, porque esta coisa vulgar de ler o jornal tem ainda muito, podes crer, de espreitar com tranquilidade pela fechadura do mudo.

Falemos pois.

A companhia do Nacional divide-se abertamente em dois campos: A velha guarda, em cujas filas formam a massa compacta das actrizes antigas societarias, e onde brilham os nomes de Brazão e José Ricardo, e o pequeno pelotão dos novos, diminuto em numero mas onde a figura de Ilda Stichini, com a sua bela e ascencional carreira, se impõe com simpatia.

Até aqui, a companhia do Nacional, dirigida pelas horas mais «vagas» do S. Luiz Galhardo, foi na realidade uma coisa «vaga». «Vagas» peças francesas de segunda ordem, «vagos» conjunctos de terceira ordem, e actrizes «vagas» de primeira ordem. Mas, com a entrada do sr. Augusto Pina, o caso começou decididamente a tomar outros aspectos.

Era uma «vaga» de esperança...

Durante a presente época havia ainda a muleta dos encargos da gerencia passada, o que era realmente um facto, e é justo dizer-se, que se como administrador a sua influencia se não sentiu ainda, ao menos como scenografo, a «Maison Cernée», o «Centenario» e o cartaz de agorá, ahi estão a atestar um disvelo e uma honestidade de processos, agradavel, de registar. Mas, para o ano? Vai ficar o Nacional com um conjunto mais desiquilibrado ainda do que o deste ano? Representar-se-hão eternamente as ressequidas traduções francesas? Contratar-se-hão os sem trabalho, continuará o Nacional, mais ou menos creche, como até aqui?

Eis o que não pode ser!

Não, O sr. Augusto Pina não é o S. Galhardo com os seus 100 negocios á hora. O sr. Augusto Pina, pode e quer dedicar-se ao teatro Nacional, fazer dele alguma coisa, transforma-lo num belo teatro moderno, deixa o seu nome ligado a uma época de brilhantismo e de renome.

E' preciso pintar o papel, mas tambem é preciso saber entregar os papeis, Já lh'o disse uma vez: «Meu amigo, o senhor tem feito toda a vida «maquettes» de cartão—desde que dirige o Nacional tem que fazer peças de teatro, «maquettes» de vida...»

Ora como pode o sr. Augusto Pina, conseguir, para o ano, alguma coisa de brilhante, de moço, de util para o teatro portuguez?

O sr. é habil, é diplomata, e correcto—não sei se será «empresario» de teatro, empresario no que esta palavra tem de complexo, de profundo, Esperemos que sim. Se o é, já viu muito bem, que com a velha dispensa do Nacional, o piteu ha-de ser sempre o mesmo: mais «salsa» para a direita, mais «rabanete» para a esquerda o publico pode de longe cheirar o torcer o nariz—o que quer dizer—não ir lá.

Tudo aquilo precisa renovamento. Renovamento nos que estão, renovamento nos que hão de vir. Aos primeiros, disciplina-los. Aos segundos, escolhe-los.

Quem ha de ser? Irene Grave? Samwel Diniz? Clemente Pinto?

Certamente. Abertamente lho digo, eu que não recebi encomenda de os defendr, São todos novos, tem todos trez meritos, são todos trez preciosissimos no elenco do Nacional. A sua entrada definitiva para o grupo de artistas que trabalha na «Casa de Garrett» tornaria de futuro possiveis os melhores conjuntos, aos quais não faltariam os mais subtis predicados de exito. Ficaria no Nacional, —como deve ser e é preciso que seja—a primeira companhia de declamação portugueza, aquela onde era possivel organisar e fazer teatro até toda a altura que nós queremos vê-lo.

Mas, ha ainda, diz-se outros pretendentes, e são ainda, alguns deles artistas de categoria.

Embaraços burocraticos, perfumados vagamente de «Haubigant» tolhem toda a acção inteligente do Comissario do Governo e da Direção das Belas Artes.

—¿Em que se resumem esses embaraços, ao que se diz, o que vence as «vagas» do Nacional?

Os «vagalhões» da Politica.

Não pode, nem deve ser.

Não ha sofismas de lei, rabulices de advocacia que possam prejudicar, gente nova, de talento, que quer e pode trabalhar honestamente. Tolher a entrada dos trez nomes apontados, é crear os mais graves embaraços a Augusto Pina, que amanhã certamente os não terá para serviço «a dias», e prejudicar indiscutivelmente a futura epoca do nosso primeiro teatro.

Nomear só um, é apenas, injusto e revoltante.

O recurso da reunião do Conselho teatral, para a interpretação da lei e para a escolha dos candidatos a eleger, parece-me liberal e acertada. Tem pelo menos uma independencia fora do alcance de «cotteries» inconfessaveis.

Mas, é preciso, que acima de tudo se defenda, aquilo que todos sentem e todos os de boa vontade, vêem:

Que o teatro Nacional precisa de gente nova!

Quer isto dizer que os que lá estão como societarios não tem valor?

De forma nenhuma. E' precisamente para valorisal-os que eu defendo, «á outrance» a entrada dos novos elementos citados.

Augusta Cordeiro, actriz de valor, mulher culta e inteligente, tem uma galeria de personagens que só a honram, e é com saudade que hoje eu a vejo trabalhar, sempre aborrecida e contrariada, encarando mal a vida e a arte, como se não houvesse para a sua situação artistica tão grandes papeis, ainda a criar. Maria Pia, a artista de inegualavel distinção, de inconfundivel «charme», a interprete ideal das damas centrais, cuja voz duma aristocracia e duma limpidez raras, dá sempre á sena a sugestão duma sala «ancien-regime».

Palmira Torres, cujo valor todos tem em grande conta, e que tantas vezes tem representado com a mais inteligente compreensão e o melhor estilo; Lança Cruz, que ainda ha pouco na «Triste Viuvinha» foi a deliciosa figura que ouvimos; Albertina de Oliveira, e ainda todas as outras, que de repente nos não ocorrem, são actrizes de valor e de cotação.

Ilda Stichini, a quem atraz nos referimos já, e que hoje, mercê de apetidões naturais e dum esforço cheio de inteligencia está á beira duma consagração como iminente criadora das ingenuas dramaticas, e como actriz generica de primeira plana, completa esse notavel ciclo de portuguezas que são as societarias do nosso teatro oficial de declamação.

Vem agora a oportunidade de se elevar duma forma excepcional esse teatro.

Eleva-se pois.

Entrem para o teatro Nacional os que devem entrar. Trabalhem com fé com interesse profissional, Aprendam nesse grande exemplo, de Brazão e de José Ricardo.

Sejam bemvindo

Um homem que passa

O CONVENIO LUSO-TRANSVALIANO

As primeiras noticias positivas

Os jornais da manhã publicaram o seguinte telegrama:

«CABO DA BOA ESPERANÇA, 27 — Não decorrem serenas as negociações para o Convenio Luso-Transvaliano ácerca da percentagem a atribuir ao caminho de ferro de Lourenço Marques no trafego para a zona de competencia e do recrutamento de mão de obra para as minas do Rand.

As autoridades da União não estão muito dispostas a conceder o «deferred pay» que os portugueses reclamam para a totalidade dos salarios dos pretos emigrados. Para a provincia de Moçambique essa reclamação é vital, porque estabeleceria um manancial de ouro para a provincia.» — (Lat. Am.).

São, por ora, as noticias mais positivas que temos recebido do proximo convenio e, mesmo assim, de procedencia inglesa. Com efeito, nós não sabemos nada do convenio, das suas bases futuras ou das reivindicações que a missão portuguesa foi tratar de formular. Nada. O Governo, segundo o seu habitual costume, esqueceu-se de dar ao paiz, por intermedio do Parlamento, as indispensaveis informações. Limitou-se a nomear as mentalidades que se lhe afiguraram mais aptas para a missão que teriam de desempenhar — e a isso se limitou até agora.

O telegrama que acima reproduzimos, caindo assim de chofre sem prévia orientação da opinião publica, vem, como é natural, provocar surpresas não isentas de receio. Dá-nos êle a indicação de que o Governo sul-africano não está disposto a um acordo sobre a percentagem a atribuir ao caminho de ferro de Lourenço Marques sobre a receita no trafego geral da rede sul-africana. O convenio antecedente concedia a êste caminho de ferro receitas e percentagens, que sucessivos acordos posteriores têm alterado para melhor. Agora, vê-se que não está disposto a continuá-los.

Por outro lado, o *deferred pay* consiste no facto do negro que vai trabalhar para o Rand e que é pago em ouro, receber a totalidade dos seus salarios, de volta ao seu distrito e já em territorio português. Até aqui tem recebido os seus vencimentos dentro da União, o que significa que, ao chegar á fronteira, já não traz absolutamente comsigo a minima parcela de ouro, que os intrujões e comerciantes de toda a especie se encarregam de auferir por mil processos.

A União tambem se mostra adversa á alteração dêste estado de coisas. E' natural, é mesmo muito provavel, que se comece por negar em globo concessões que se farão mais tarde parcialmente. O que não é natural é que o paiz tenha conhecimento delas de chofre, sem aviso prévio, o que dá bem a ideia da nulidade e da desatenção de quem tem por primeiro e inadiavel dever informar e orientar o paiz.

A Situação

Vão ser publicados certos documentos historicos

Annunciam-nos, para breve, a publicação de documentos secretos, que farão luz, parece, quanto á preparação e execução de acontecimentos historicos que até agora têm permanecido numa relativa obscuridade. A publicação será feita como pamfletos e é atribuida a elementos politicos afectos ao outubrismo.

Ordem Publica

Ao contrario de certos boatos postos em circulação, quere-nos parecer que não ha motivo para apreensões, sendo certo que todos os politicos, seja qual fôr o campo em que militem, se empenham para manter inalteravel a ordem publica, embora não desistam de fomentar uma certa agitação nos espiritos, procurando interessar os cidadãos nos varios e complicados problemas da actualidade. Bom é que assim seja: do mal, o menos...

Conferencias

Com o sr. ministro das Finanças conferenciaram ontem alguns banqueiros e entre êles o sr. Candido Soto Maior, recentemente chegado do estrangeiro.

REPROVADO!...

O novo regimen do inquilinato

A proposta do sr. ministro da Justiça é unanimemente regeitada por inquilinos e senhorios — O grande estadista pode orgulhar-se de ter batido um «record»!...

O Governo deve estar radiante com a popularidade de que goza. Noutros tempos, quando um Ministerio se sentia combatiante ou anemiado, procurava robustecer-se, afirmando arteiramente que tinha por si a opinião publica. O actual gabinete nem isso pode alegar! A corrente popular é-lhe manifestamente adversa, não numa ou noutra classe, mas em todas. E porquê? Porque os cidadãos se sentem ameaçados de mais espoliações, que conduzirão, fatalmente, á impossibilidade do sustento diario das familias. O Governo representa o Estado; mas nós, cidadãos, somos a Nação. O actual Ministerio levou, pois, á conclusão de que a Nação tem de defender-se do Estado. Que original crise, esta, em que todos nos debatemos, sem se avistar, por emquanto, a salvação!

A proposta de lei sobre inquilinato, apresentada no Parlamento pelo ilustre jurisconsulto da pasta da Justiça, conquistou maxima repulsa. Não a aceitam os inquilinos porque a proposta autoriza os senhorios á elevação ilimitada das rendas dos seus predios; são lhe adversos os senhorios porque compreendem muito bem que ela é inexequivel. Em resumo: o sr. ministro da Justiça foi reprovado. Fez exame e foi reprovado.

Se a sensibilidade politica não estivesse embotada nos homens do Governo, o Ministerio demitia-se, confessando a sua irremediavel impotencia e a sua incomensuravel insciencia. Mas a couraça da vaidade defende-o... Os ministros são cegos para verem as desgraças dos homens, são surdos para ouvirem os clamores da multidão. E não ha remedio, por emquanto, senão aturá-los. Que situação!

Façamos, porém, o nosso dever. *A Capital* tem tradições que a obrigam a dizer a verdade, *toda a verdade*, ao povo. E é isso que nos força a continuar a analise da famosa proposta de lei do inquilinato. Continuemos.

O DESPEJO DOS PREDIOS URBANOS

I

Pela actual lei, os senhorios não podiam, pelo menos com facilidade, despedir os inquilinos. A proposta de lei que o sr. ministro da Justiça parece ter aprendido de cór e assinado de cruz, dá todas as facilidades ao senhorio contra o inquilino. Este vai para a rua:

a) — Se não estiver pelas exigencias do senhorio quanto ao aumento da renda;

b) — Se o senhorio quizer a casa para sua habitação;

c) — Se o inquilino fizer má visinhança;

d) — Se sublocar sem autorização, ou mesmo autorizada em determinado caso;

e) — Se o senhorio quizer fazer obras;

f) — Por outras causas especificadas na lei geral ou a falta de cumprimento das obrigações do contracto.

Estas não são as causas unicas do despejo. São as principais. A simples leitura destas é suficiente para convencer toda a gente que *o senhorio despede o inquilino sempre que quizer.*

II

A alinea *a)*, acima exposta, é regulada pela seguinte disposição (n.º 6 do artigo 16.º da proposta):

«A recusa do arrendatario em revalidar o contracto de arrendamento, pela forma estabelecida nesta lei, ou a fazer novo contracto com o aumento de renda permitido ou fixado judicialmente.»

O inquilino submete-se ou não se submete ás exigencias pecuniarias do senhorio. Na primeira hipotese, fica na casa; na segunda, vai para a rua, porque não revalida o contracto de arrendamento anterior. E' muito simples. E' certo que o aumento da renda pode, havendo discordancia, ser fixado pelo tribunal, mas toda a gente compreende que poucos chefes de familia dispõem de dinheiro para mover a justiça, que é cara e fica carissima com as diligencias de vistoria a que o inquilino terá de recorrer para fazer valer o seu direito unico recurso que o inquilino tem, se não quizer vir habitar para os bancos da via publica, é pagar ao senhorio o que êle lhe exigir. O dilema para o inquilino é êste, no fim de contas: ou paga e não come, mas tem casa, ou não paga para poder alimentar-se e vem fazer companhia aos cães vadios.

Não se fala, por ser desnecessario, num *barbicacho* que o sr. ministro da Justiça introduziu na proposta, *sempre a favor do senhorio*, e que consiste na expressão *pela forma estabelecida nesta lei*, porque tais palavrinhas, aparentemente inocentes, dão elasticidade infinita ás causas legais do despejo.

III

A lei actual não permite o despejo com o fundamento de que o senhorio quere habitar a casa. A proposta enviada ao Congresso preceitua o contrario:

«Artigo 9.º Quando o senhorio, que não residir em casa que lhe pertença, quizer habitar a casa que deu de arrendamento, só poderá fazê-lo quando se verifique:

1.º Que desde 1 de Janeiro de 1921 está, como inquilino, pagando renda que excede 20$ mensais a renda que recebe da casa que arrendou ou de que esta é susceptivel, nos termos da presente lei;

2.º Que o aumento da despesa que lhe resulta de não viver na casa que deu de arrendamento lhe não permite a sua condigna sustentação e de sua familia;

3.º Que a parte do predio que pretende habitar é apenas um andar ou pavimento.

§ unico. Em todo o caso, a acção de despejo não poderá ser intentada senão depois de um ano, a contar do fim do prazo do arrendamento ou da sua renovação, devendo ser instruida com documento da Repartição de Fazenda para prova da data do arrendamento.»

E' dificil imaginar coisa mais complicada. O inquilino, que tiver de pleitear com o senhorio a posse da habitação, tem de defender-se no tribunal, gastando dinheiro — e não pouco. — Não haverá senhorio que deixe de aproveitar-se da faculdade de despejo que lhe é concedida. E é curioso verificar que o infeliz autor da proposta não hesita em promover uma contradança de inquilinos, desarrumando o que está arrumado para privar da habitação uma familia. Se houver alguem, depois disto, que afirme que não somos um paiz riquissimo em estadistas de alto lá com êles, é porque, realmente, é dificil de contentar. Até admira como, dêsse artigo, não tiramos recursos exportativos!

Interrompemos aqui o artigo. Somos forçados a fazê-lo porque o espaço não é tão elastico como a consciencia e a insciencia politicas dos homens que tão sacrificadamente (pobre-sinhos dêles!...) nos fazem o inapreciavel beneficio de nos governar. Mas continuaremos amanhã. De resto, não ha pressa. Mesmo porque sentimos bem nitidamente que a proposta do sr. ministro da Justiça está destinada a ir empoleirecer os arquivos do Congresso da Republica. Assim seja!

O Palacio Municipal de Londres

Estão sendo dados os ultimos retoques no novo Palacio Municipal do Condado de Londres—enorme e notavel edificio cuja construcção durou uma porção de anos situado na extremidade oposta da ponte de Westminster quando se vai da Camara dos Comuns, ou antes, do Palacio do Parlamento.

Será destinado a servir de estabelecimento central das repartições da administração local para a vasta área da metropole, e como construcção aumenta sem duvida consideravelmente a já tão impressiva aparencia do aspecto do bairro municipal e aristocratico de Westminster. A construcção do edificio foi interrompida pela guerra, sendo por conseguinte passados dez anos desde que os trabalhos começaram. Este imenso cais abrange pelo menos dez quilometros só em corredores e custou [illegible]. Deve ser inaugurado pelo rei em julho com grande solenuidade.

As colonias portuguezas

O algodão em Moçambique

Em Moçambique, o Alto Comissario indeferiu em tempos o pedido de um grupo de capitalistas portugueses, alguns dos quais interessados na industria algodoeira para lhes ser concedido o exclusivo por dez anos de fiação e tecido de algodões. Por êsse motivo, vai o referido grupo recorrer para o ministro das Colonias e para o Conselho Colonial, pois que o seu objectivo é fundamentalmente patriotico, vizando a nacionalizar o comercio de algodões na provincia, que hoje está todo nas mãos dos ingleses. Esse comercio orça por cinco mil contos anuais, dos quais apenas 2 por cento são portugueses. Como o fundamento do indeferimento foi o protesto de algumas associações industriais que, por principio, se opõem a tudo quanto limite a liberdade de industria, vai o referido grupo procurar interessar no empreendimento toda a industria algodoeira da metropole, sendo o exclusivo por dez anos a resultante da necessidade de aprendizagem do pessoal indigena, montagem de maquinismos, contrução de edificios e conquista do mercado.

E' geral a opinião de que o empreendimento é dos de maior alcance que na provincia se tem tentado.

O assucar em Angola

Em Angola, a baixa do preço do açucar está fazendo sentir os seus efeitos nas fabricas açucareiras, que vão lutando, dia a dia, com maiores dificuldades. As noticias, que das Antilhas chegam áquela provincia, por intermedio da America do Norte e da Europa, são desanimadoras. Só em Cuba, ha cerca de 900 mil toneladas de açucar, que, em lotes de 100 mil, são mandadas refinar nos Estados Unidos, para dali seguirem para a Europa para serem vendidas por preço inferior ao que agora vigora.

A opinião, porém, é favoravel ao consumidor, pois que os fabricantes de açucar tiveram, durante a guerra, fartos lucros, que, segundo parece, pretendiam manter indefinidamente, o que se não pode admitir. Suscita-se mesmo a questão de saber se não seria razoavel, em virtude dêsses espantosos lucros, que êsses fabricantes restituissem ao Estado, a titulo de imposto de lucros de guerra, as importancias que receberam como indemnisação pela transformação da industria do alcool pela do açucar.

A CELEBRIDADE DE GAGO COUTINHO VISTA POR ELE PROPRIO

Do correspondente especial do «Comercio do Porto» em Fernando Noronha:

«Sacadura Cabral, Gago Coutinho Muzanty e todos os oficiais do «Republica» foram convidados a almoçar a bordo do «Bagé».

Ahi ouvimos Gago Coutinho, lagrimas a borbulhar nos olhos, dizer:

—A minha nomeação só veiu fazer-me mal. Veiu encravar os meus estudos de cartografia, ou então ir prejudicar qualquer colega meu o que seria muito doloroso para mim. Alem disso a celebridade é uma coisa horrivel. Não se pode ir a qualquer parte que não se seja apontado a dedo. Um aborrecimento.

E o comandante do «Bagé»:

—O sr. almirante não vê os jornalistas? Tudo quanto se diz, pronto...»

As migalhas da guerra

Explodem 500.000 granadas

PARIS, 29. — Rebentou um grande incendio num deposito onde havia mais de 500.000 granadas com gazes asfixiantes em La Hauterive. Foram distribuidas mascaras contra os gazos pelas vilas proximas duas das quaes já tiveram que ser evacuadas. Forças do exercito providas de mascaras tentam dominar o incendio que já causou enormes prejuizos materiaes mas que parece ainda não ter feito vitimas.—(R).

Os hotentotes manifestam-se

e são batidos pela policia da União Sul-Africana

PRETORIA, 29. — Dizem de Windhoek que houve um recontro entre as forças de policia e rebeldes hotentotes bem armados tendo morrido 4 inimigos e feitos prisioneiros nove; a policia teve um morto.—(R).

NO PARAISO BOLCHEVISTA

Como a Russia se converteu num paiz de arquimilionarios

Está transformada a Russia num paiz de nababos. Constata-o um jornalista, citando as importancias fantasticas que se pagam pelas coisas, ainda as mais insignificantes.

Principiando pela franquia postal, note-se que, custando ha tres meses a estampilha duma carta para o estrangeiro 3.000 rublos, essa taxa foi agora elevada para 60.000, o que no cambio normal corresponde a 160.000 pesetas. Deve, porem, acrescentar-se que o papel e envelope respectivos, importam em 20.000 rublos, ou seja o soldo anual dum ministro no tempo do czarismo.

Em principio do mez de março vigorava em Moscou a seguinte tabela de preços.

«Uma libra de pão branco 200.000 rublos; uma libra de pão negro—mistura horrivel que provoca nauseas—, 120.000 rublos; manteiga, 400.000 rublos, assucar, 350.000; batatas, 75000; e um ovo 40.000 rublos.

O vestuario fica por um preço fabulosissimo. Assim, para se fazer um fato ordinario não se podem gastar menos de 70 a 80 milhões. Um par de botas custa 10 milhões; uma camisa 3 milhões; e um sobretudo usado, comprado no famoso «Mercado da Torre Sujarev», fica por 10, 15 e 25 milhões.

Como tivesse ficado no tinteiro o projecto de eletrificação destinado a salvar o povo russo—segundo afirmava Lenine — ha necessidade de comprar lenha e essa vende-se á razão de 5 milhões um carro pequeno.

Um passeio em carro electrico custa 60.000 rublos; e um passeio de trem, só acessivel a novos ricos, fica pela modica quantia de 3 milhões de rublos.

Tais são os preços da vida; mas a morte tambem fica muito cara: um modesto caixão de pinho, simples, sem guarnições, custa uns tres a cinco milhões. O coveiro, pelo trabalho de abrir a cova, leva meio milhão pelo menos; e como um carro para a condução do cadaver para o cemiterio exige um desembolso de varios milhões, os parentes do morto veem se obrigados a servir se dum pequeno carro de mão ou a conduzir aos ombros o caixão.

Os preços aumentam dia a dia. E' impossivel fazer calculos: se hoje se dão 2 milhões para as compras é quasi necessario dobrar-se essa quantia no dia imediato.

A vida, em taes condições, torna-se absolutamente impossivel; e nestas condições a maioria da população sofre de fome e morre de inanição.

Um simples operario, ou um funcionario modesto ganha actualmente 10 a 20 milhões mensaes; mas claro está que com isso não se pode viver no paraiso de Lenine.

Para prover ás necessidades mais indispensaveis, deve-se ganhar pelo menos 60 a 80 milhões por mez; mas para se conseguir essa importancia só ha o recurso da especulação comercial, dos negocios ilicitos a venda de materiaes roubados nas fabricas, etc. Esses roubos fazem-se descaradamente, á vista de todos.

Ninguem oculta essas pequenas operações: o nivel moral baixou consideravelmente e o que antigamente se considerava uma acção deshonrosa já não indigna ninguem.

Até os escritores e professores, que sempre se distinguiram pela sua honradez e idealismo, tratam de fazer especulações para poderem viver.

Um escritor declara que por cada folha de 10 paginas leva dois milhões de rublos e que se vê obrigado a escrever, pelo menos, dois livros por mez sem o que não pode sustentar sua familia.

Nesta conformidade, imagine-se como serão as despesas do tesouro russo, pagando aos inumeros comissarios, empregados publicos, etc.!

As maquinas rotativas trabalham sem descanço, estando em circulação mais de cincoenta triliões de papel moeda! Pois apesar desta fabulosa montanha de papel, o Estado já não pode salvar da fome os milhões de habitantes dos campos do Ural, das margens do Volga ou do sul da Russia, nem a população dos grandes centros urbanos.

Não se sabe onde tudo isto vai parar. Mas de qualquer fórma que seja, Lenine e os seus colegas cumpriram a sua promessa convertendo a gente mais humilde em arquimilionaria.

Simplesmente são arquimilionarios famintos, que mendigam um bocado de pão!

Salão Central

«Nas garras do Dragão»

A' medida que vão sendo exibidos os episodios desta surpreendente pelicula de aventuras, mais extraordinario se vai tornando o arrojo da famosa artista Maria Walcamp, na protagonista.

A eminente actriz fazendo decorrer o film «Nas garras do Dragão» nos lindissimos paizes—a China, o Japão, as Filipinas, e os Estados Unidos, faz-nos assistir a scenas para nós completamente desconhecidas deliciando-nos com os costumes e os panoramas daquelas longinquas paragens.

No espectaculo desta noite será exibido o 3.º episodio intitulado «A sepultura aquatica», figurando tambem no programa o primeiro e o segundo. E' o que se chama um espectaculo sensacional.

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações
Londres, cheque	4 3/16 — 4 1/16
» 90 dias	4 5/16 — —
Paris, cheque	1178 — 1209
Suissa, cheque	2460 — 2536
Belgica, cheque	1083 — 1117
Italia, cheque	675 — 696
Berlim, cheque	43 — 47
Holanda, cheque	5016 — 5170
Madrid, cheque	2033 — 2095
New-York, cheque	12881 — 13277
Brazil, cheque	50 — 53
Austria, cheque	1 — 3
Noruega, cheque	2360 — 2433
Suecia, cheque	3327 — 3120
Dinamarca, cheque	2812 — 2899

Libras . . . . . 64$000 — 66$000

"Contemporanea"

Publicou-se o 1.º numero desta excelente revista, impressa com extraordinario luxo, profusamente ilustrada e com a colaboração dos primeiros nomes literarios do momento. E' seu director o sr. José Pacheco sendo as instalações deste mensario no Chiado 74.

A «Contemporanea» constitue uma novidade no seu genero sendo certo que pela sua confecção é uma das mais interessantes e mais originais revistas de Arte que ultimamente tem aparecido.

Contra o alcoolismo

O deputado sr. dr. João Camoesas realisa hoje, segunda-feira, ás 21 horas, no Centro Tomaz Cabreira, Rua Alves Correia 85-1.º, a 1.ª sessão da «Quinzena anti-alcoolista» promovida pela Liga Anti-Alcoolica Portuguesa, falando sobre «Legislação estrangeira contra as bebidas alcoolicas» sendo a entrada livre, e havendo outros oradores delegados das varias agremiações anti-alcoolicas da capital.

O 19 de Outubro

A Direcção do Centro Escolar Republicano Dr. Alberto Costa, e a comissão politica do Partido Republicano Portuguez da freguezia de St. Estevão, protestam energicamente contra as prisões a proposito do movimento de 19 de outubro.

A Direcção do Centro Escolar Republicano Dr. Alberto Costa, põe á disposição as salas do mesmo Centro com séde na rua dos Remedios n.º 164-1.º para qualquer reunião que desejem efectuar referente ás prisões que recentemente se teem feito.

Taxa militar

Termina amanhã 30, o pagamento da taxa militar do ano de 1921, no 2.º e 4.º Bairro Fiscais.

Os conhecimentos que ficarem por pagar serão relaxados e transitarão para o Tribunal das Execuções Fiscais.

MUSICA

O Recital de D. Adelaide Lima Cruz

Ontem, nos salões da Liga Naval, a eminente professora e artista que é a sra. D. Adelaide Lima Cruz, fez-se ouvir num magnifico recital, perfeitamente á altura dos seus raros meritos de consagrada.

O maravilhoso programa que constituiu por todos os motivos um justo titulo de gloria para aquela senhora e um legitimo orgulho para todos nós portugueses, soube colocar a sua interprete na mais alta consideração de todos os ouvintes que enchiam as lindas salas imperio do palacio do Calhariz.

«A Bla ien-aimées beente» de Beethoven teve uma maravilhosa e sentidissima interpretação, em estilo e em flasticidade.

Ainda as peças de Pierre de Breville e Ernest Chausson tiveram tambem por parte de quem as executou, um grande poder emocional de exteriorisação e uma educadissima e fulgurante orientação artistica, na sua dicção.

A' sra. D. Adelaide Lima Cruz e a sua filha, cuja nova obra «Dieu Pau» conquistou imediatamente o auditorio rafiné e numerosissimo, está reservada a mais justa consagração, aqui, ou em qualquer grande meio musical, e —seja-nos licito uma opinião, a sra. Lima Cruz e sua filha deveriam, para honra de todos nós, tentar uma excursão ao Brasil, ou á Argentina, para que uma grande cantora moderna e uma notavel compositora, ambas portuguesas conquistassem pára Portugal os titulos de gloria a que teem direito.

Ainda o 19 de Outubro

No forte da Trafaria não entraram hoje, presos, novos oficiais. Em S. Julião da Barra deu entrada a seu pedido o tenente Rosa Mateus, de engenharia.

Associação de Classe dos Trabalhadores de Teatro

Realisa-se ámanhã, 29 do corrente, pelas 15 horas prefixas no Eden Teatro, uma matinée Artistica organisada por esta Associação, em honra dos artistas espanhois representados pela companhia Barreto-Ballester.

A grande propriedade ingleza

Depois de ter sido o monumento vivo da tradição ingleza, sossobra na hasta publica

LONDRES, 29. — Continuam a ser vendidas muitas propriedades historicas inglezas. O coronel Cameron of Lochiel poz a venda as suas historicas propriedades na Escocia.—(R).

A redução das franquias postais

dentro do Imperio e nos Estados Unidos

LONDRES, 29.—Começam amanhã a vigorar as novas taxas mais baratas de franquia postal para as colonias inglezas e para os Estados Unidos. A redução foi de meio penny.—(R).

Uma oferta de valor

Dez mil libras para os hospitais de Londres

LONDRES, 29. — Comemorando as suas bodas de prata Sir Otto Beit enviou um cheque de dez mil libras para a subscrição a favor dos hospitaes de Londres.—(R).

Portugal e Brazil

A unificação das taxas postais

No momento em que tantas provas de apreço, de carinho e de fraternidade se trocam entre Portugal e o Brasil, devemos não esquecer outras, cujo valor pratico sirva de estimulo ao estreitamento das relações entre os dois paizes. A unificação das taxas postais seria uma destas provas, talvez a mais proficua, dada a influencia que os correios exercem na aproximação e reciprocidade dos interesses internacionais. As taxas da correspondencia e de todas as transmissões postais devem ser uniformes de Portugal e Colonias para o Brasil, e do Brasil para Portugal e Colonias. Obter-se-ia com esta medida uma forte intensificação nas relações luso-brasileiras e celebrar-se-ia por um acto fecundo de administração este pujante espirito de raça que está cruzando o Oceano em tão altas manifestações de solidariedade. Quando os nossos aviões fazem a travessia aerea do Atlantico em homenagem ao Brasil e quando as nossas artes e industrias se preparam para honrar a civilização brazileira na grande Exposição Internacional do Rio — os dois Estados deviam estabelecer uma convenção postal para que entre eles não haja diferenças de estampilhagem na correspondencia.

Os nossos compatriotas da Capital Federal interessam-se vivamente por este assunto. Vimos um oficio da Camara Portuguesa de Comercio e Industria do Rio de Janeiro, dirigido á Associação Industrial Portuense, em que a primeira destas benemeritas colectividades solicita á segunda o seu apoio a favor de uma petição já enviada á Presidencia do Governo português para que «a unificação das tarifas postais — diz textualmente o oficio — entre os dois paizes (Brasil e Portugal) se faça de modo que a correspondencia para Portugal e Colonias, ou vice-versa, seja selada de acordo com as taxas postais internas de cada uma das Republicas».

A direcção da antiga e prestimosa agremiação portuense apressou-se a assegurar á sua congenere do Rio de Janeiro que tomava o texto do seu oficio na maior consideração e que procuraria empenhar-se junto dos poderes publicos para que se converta em realidade uma aspiração tão justa, tão nobre e tão vantajosa. Se nos orgulharmos com os altissimos progresss do povo brasileiro: se queremos que ele seja nosso irmão; e se, para o engrandecimento reciproco dos dois paises nós nos decidimos a compartilhar com ele nos grandes cometimentos da vida contemporanea — não devemos esquivar-nos a um tratado postal que facilite a correspondencia comercial e particular, á semelhança do que já existe entre os Estados Unidos da America do Norte e a Grã-Bretanha e seus dominios.

Não ha motivos para supôr que o Governo se recuse a um melhoramento de tão elevada importancia, antes nos parece certo que, neste sentido, o decreto n.º 8.156, de 22 do corrente, abre o caminho ás negociações de um acordo postal com o Brasil de uniformização e simplificação das taxas. Este diploma reduz e unifica, como as excepções indispensaveis, as taxas entre Portugal e Colonias, tornando-as menores e simultaneamente iguais na reciprocidade das permutas. E' um grande passo dado para o convenio postal entre os governos de Portugal e Brasil. Basta que o nosso Ministerio dos Estrangeiros, auxiliado pelo embaixador português no Rio, formule a conveniencia da simplificação e unificação das taxas postais ao ministro das relações exteriores do Brasil, para que este se digne prestar ao assunto a consideração que ele merece e que á Camara Portuguesa de Comercio e Industria do Rio considera do maximo alcance, tanto para o enlaçamento da amisade que une as duas nações irmãs, como para o desenvolvimento do intercambio comercial que têm mantido. A imprensa brasileira tambem advoga este principio. Acompanhamo-la nos seus votos, aplaudindo-os com a certeza de que o convenio postal de igualização tarifaria entre os dois paises é uma das mais belas ideias que têm surgido neste carinhoso movimento de expansão da sentimentalidade lusitana em louvor do Brasil.

Foi na sessão do conselho director da Camara Portuguesa de Comercio e Industria do Rio, realizada a 27 de Março ultimo, que o seu ilustre primeiro secretario, nosso compatriota, sr. A. J. Gomes Barbosa, fez a proposta para que pela patriotica corporação fosse tomada a iniciativa de sugerir aos dois governos a celebração do acordo postal. As ideias uteis têm em si mesmas a sua melhor recomendação. Estamos em 1922, centenario da Independencia, visita dos aeronautas portugueses, certamen internacional de arte e trabalho — é de crêr que neste ano se realize tão louvavel pensamento.

ULTIMA HORA

PARLAMENTO

Nos Deputados

Abertura da sessão ás 15 e meia horas, com o sr. Domingos Pereira na presidencia, o sr. Vasco Borges na sua poltrona ministerial, poucos espectadores nas galerias e um ar soturno e morno no hemiciclo.

O sr. ministro do Trabalho manda para a meza uma rectificação a uma proposta já aprovada. Trata-se ainda dos bairros Sociais.

O sr. Carvalho da Silva agarra o protesto pelos cabelos e diz coisas sobre a proposta do inquilinato (que não está em discussão) comunicando que está de acordo com o aumento das rendas.

O presidente da Camara ademoesta o orador de que está fóra da ordem visto que não é a proposta do inquilinato que está em discussão. O sr. ministro da Justiça pede a palavra.

Fala o sr. Alves dos Santos. Diz que a proposta em discussão tem por fim dar ao Governo a faculdade de contratar mais empregados.

Replica do sr. ministro do Trabalho:

«O sr. Alves dos Santos fez uma afirmação infundada, leviana...

Protesto dos liberais. Abundancia de murros nas carteiras. Gritaria.

O sr. ministro do Trabalho não se perturba. Continua a defender se atacando o sr. Alves dos Santos. A audacia ministerial impôs-se: a gritaria liberal cessa e o sr. Vasco Borges prosegue, defendendo a proposta com veemencia.

O sr. Alves dos Santos manda uma emenda para a Meza.

O governo da discordia é este: a proposta ministerial dá autorisação para contratar pessoal suficiente para a conservação dos bairros sociais. Os liberais, pela voz do sr. Alves dos Santos, pronunciam-se contra; os monarquicos tambem conforme declaração do sr. Carvalho da Silva; ao bloco juntam-se os catolicos, capitaneados pelo sr. Dinis da Fonseca: o sr. ministro do Trabalho está em perigo. Mas já o sr. Moura Pinto lança agua na fervura e é possivel que tudo venha a compôr-se.

E foi o que aconteceu: a proposta ministerial foi aprovada, regeitando apenas alguns deputados liberaes. O sr. Cancela d'Abreu, monarquico, comentou:

—Parabens ao sr. ministro do Trabalho!

Muito merecidas as felicitações porque, sem duvida, o sr. Vasco Borges soube, habilmente, afastar o perigo que tão de perto ameaçou a estabilidade do Governo.

AS PRISÕES DOS OFICIAES OUTUBRISTAS TRATADAS EM NEGOCIO URGENTE

O sr. Nuno Simões, em negocio urgente, aprovado pela Camara, vai tratar das prisões dos oficiais outubristas.

«Deseja que o sr. presidente do ministerio diga ao Parlamento e ao Paiz quaes foram os artigos do Codigo Militar que foram invocados para se efetivarem as prisões. Isto é indispensavel para que as responsabilidades das prisões sejam atribuidas a quem de direito.»

Só depois de feitas estas declarações é que serão licitos comentarios.

Responde o sr. Presidente do Ministerio. Muitos deputados aproximam se da bancada ministerial.

Não tem duvida alguma em satisfazer os desejos do sr. Nuno Simões, porque não viola segredo de justiça.

«Nenhum portuguez, digno deste nome, quer a obscuridade no apuramento das responsabilidades nos crimes tremendos de 19 de outubro; mas tambem não admite que hoje quem quer que seja que ambicione o castigo de inocentes. O que é, pois, necessario é deixar que a justiça livremente se pronuncie, libertando os inocentes e punindo os criminosos. Por emquanto só ha presumidos delinquentes.

Cita artigos da lei, demonstrando a legitimidade das prisões. Nestas condições, a situação é esta: todos os oficiais são apenas «presumidos delinquentes»; o chefe do governo apenas deu sancção ás requisições do Poder Judicial; não pode fazer outra coisa, porque, se o fizesse, inverter-se-hia a ordem, que o Governo tem de manter custe o que custar e doa a quem doer.

Ele, orador, tambem tem responsabilidades nos actos revolucionarios. Delas se orgulha porque não deve obediencia aos governos que se colocam fora da lei. Mas salvou muita gente e entre ela um general do Estado Maior, que lhe deve a vida.

Ninguem pode emiscuir-se na questão das prisões: só o Poder Judicial. Ele dirá em tempo competente onde estão os criminosos e os inocentes.

Até lá, eu e todos temos de suspender os nossos juisos, deixando á Justiça a liberdade de se pronunciar.

Na replica o sr. Nuno Simões dá-se por satisfeito.

A discussão sobre este caso fica encerrada.

A sessão continua.

Um furto de 4.140 escudos

Os gatunos entraram por arrombamento am casa do dr. Victor Augusto das Neves, rua Julio Diniz, A J., rez-dochão, donde levaram varios objectos avaliados em 4.140 escudos.

Foi apresentada queixa á policia que investiga o caso tendo já comparecido na casa assaltada o pessoal do posto antropometrico afim de extrair dos moveis as impressões digitais.

Furto de 100 escudos

Procurou-nos a sr.ª D. Georgina de Figueiredo, travessa da Agua de Flor, 46, 3.º, para nos dizer que ao contrario do que aqui publicámos, foi ela a roubada na importancia de 100 escudos e não de forma alguma os roubou, como por lapso se disse.

Desordem entre dois Filhos da Noite

Um deles que recebe uma facada no coração vai morrer ao Hospital

Hoje de tarde, dois «Filhos da Noite», envolveram-se em desordem na Madre Deus. Eram os contendores dois amigos inseparaveis mas ao que parece por causa de uma divisão de lucros dum furto, desavieram tendo um dos contendores agredido o antagonista com um fundo golpe no peito.

A facada foi certeira ao coração pelo que o ferido veiu a falecer quando já se encontrava no hospital de S. Jo. é tendo o cadaver recolhido á casa mortuaria.

O morto chamava-se Manuel Antonio e residia na calçada da Cruz da Pedra 8. E' por enquanto desconhecido o nome do assassino sabendo-se apenas a sua alcunha—«O Cachecol»—e que reside na rua do Estefania 18.

O assassino evadiu-se.

A amnistia aos presos de 19 de Outubro

Na Secretaria da Guerra realizou-se ontem demorada conferencia entre o titular da pasta e os srs. presidente do Ministerio, ministro da marinha e capitão Rêgo, chefe da Repartição de Justiça do Quartel General da 1.ª Divisão do Exercito.

Consta que se tratou da redacção da proposta de lei concedendo a amnistia por delito de coligação militar, que abrangerá a maioria dos oficiais que se encontram presos com motivo do movimento de 19 de Outubro.

A viagem do "Carvalho Araujo"

Pelas 5 horas de hoje foi recebida no Ministerio da Marinha uma comunicação do comandante do cruzador *Carvalho Araujo* dizendo que o navio seguia bem, que o tempo havia melhorado e que devia chegar hoje, ás 16 horas, a S. Vicente de Cabo Verde, onde meterá carvão e frescos, seguindo depois directamente para Fernando de Noronha.

Os naufragos do vapor «Emilia»

Apresentaram-se hoje no Instituto de Socorros a Naufragos os tripulantes do vapor *Emilia*, que, como a imprensa referiu, foram aprisionados pelos kabilenos do Rio de Ouro.

Foi-lhes concedido um subsidio pecuniario e passagens para as terras das suas respectivas naturalidades.

Theatros e Cinemas

Nota do dia

Por uma má compreensão de direitos e obrigações, todos os dias recebo das diversas empresas teatrais, por intermedio dos seus reclamistas, varias copias a papel quimico dos reclames das suas peças, do desempenho das mesmas, de tudo, emfim, quanto directamente as pode interessar e que, nem sempre, é o que interessa ou pode, sequer, prender a atenção do publico.

Da minha parte e porque sou avesso a elas, raras vezes lhes dou publicidade, porque entendo que assim devo proceder, desde que me não trazem o bilhete de recomendação da administração do jornal, que é, como quem diz, o sinal de pago. Já o mesmo se não dá com as noticias que as mesmas empresas me queiram remeter e que, dentro desta secção tenham direito a uma publicidade, que representa, é certo, um determinado interesse por parte das empresas, mas que representa, tambem, o dever da sua publicação desde que se cuide de trazer o publico bem informado do que se passa no mundo dos bastidores. Para essas, toda a minha atenção e todo o meu cuidado. Para as outras, desde que directa ou indirectamente não dêem a mais pequena parcela de lucro ao jornal, devo fazer a declaração expressa de que não poderão esperar de mim o acolhimento desejado, o que, aliás, não deve preocupar as respectivas empresas que não julgam *A Capital* orgão digno de uma publicidade que pagam nos demais colegas.

Não se suponha que, da nossa parte, existe o desejo de fazermos um reclame a nós proprios ou sequer o pensamento de uma imposição contraria á nossa maneira de sentir. Apenas o bem desejo de aclararmos a nossa atitude, que poderia ser tomada á conta de favoritismo a A ou B, nos leva á declaração que fazemos, tendente a evitar, futuramente, um duplo trabalho, qual o das empresas terem de tirar mais uma copia em papel quimico e nós o de lermos noticias que nos não interessam e que veem ocupar o lugar das que supomos interessantes. Todas as outras, repito, serão recebidas de braços abertos e credoras dos nossos melhores agradecimentos.

ALVARO LIMA

Noticiario

Brasil

A companhia Maria Matos fez «reprise» no Palacio Teatro do Rio de Janeiro, onde está trabalhando com o mesmo sucesso da primitiva, a engraçada comedia de Chagas Roquette «Senhor Roubado».

● Seguiu do Rio de Janeiro para a Bahia a Companhia Dramatica Nacional da qual é primeira figura a actriz Italia Fausto.

● A companhia do teatro Vaudeville de Paris, inaugurou a temporada oficial do teatro Municipal do Rio de Janeiro com a peça «Les ailes brisées» de Pierre Wolff.

● Seguidamente ao «Gato por lebre» subiu á scena no Republica a revista de Lino Ferreira, Artur Rocha e Alvaro Santos, «A princesa Magalona».

● A actriz Justina de Magalhães, de companhia do teatro Apolo de Lisboa, fez a sua festa artistica com a revista de Schwalbach «Dia do Juizo».

● Dum jornal brasileiro recortamos o elenco da companhia que funcionará no Rio de Janeiro no teatro do Centenario, em que figuram alguns artistas portugueses o que tem levantado grande celeuma na imprensa carioca. Essa companhia ficou assim constituida:

Dama brilhante, Lucilia Peres. Dama dramatica, Maria Castro. Ingenua dramatica, Ceo da Camara. Coquete, Iracema de Alencar. Dama de comedia, Davina Fraga. Ingenua de comedia, Laura Serra. Damas centrais, Gabriela Montani e Maria Falcão (portuguesa). Dama caracteristica, Nathalina Serra (portuguesa). Lacaio, Olga Barrato. Utilidades, Tulio Barlini e Carmen Fernandes. Galan dramatico, Antonio Ramos (portuguez), Galan comico, Martins Veiga. Centros, Ferreira de Sousa, Chaves Florence, Carlos Torres, (portuguez). Eduardo Pereira. Segundos galans, Alvaro Pires e Alvaro de Sousa. Utilidades, Aldino Ferreira, Raul Barroso, Nestorio Lips, Felipe dos Santos. Ponto, Luiz Rocha. Contra-regra, Augusto Maia. Maquinista, Anisio Fernandes. Secretario, Alvaro Colás. Ensaiador, Eduardo Vitorino.

Estrangeiro

O «comité» de leitura da Comedia Franceza, aceitou, por unanimidade a peça «La Carcasse», de M. M. Denys Amiel e André Obey.

● Deve ter subido ontem á scena no Odeon, a peça em 5 actos de Emile Fabre extraida dum romance de Balzac «La Rabouilleuse».

● No Vaudeville, estreiou-se a opereta em 3 actos «Monsieur Dumollet» de M. Victor Jannet, «couplets» de M. Hugues Delorme e musica de Louis Urgel.

● Foram adquiridos para Inglaterra e America os direitos de representação da peça «La Passante» de Kistemaekers que será, brevemente representada em Londres, no Strand Theatre.

● A «Maison de l'Oeuvre», irá representar na proxima epoca de inverno uma nova peça de M. Crommelynck, intitulada «Tripes d'or».

Reclames

E' já amanhã que no S. Luiz se realisa a festa artistica e despedida do velho actor José Maria Correia organisada por uma comissão de artistas desse teatro. Representa-se pela ultima vez esta temporada a opereta portugueza «A Leiteira de Entre Arreios» na qual o homenageado desempenha o papel de «Jurisconsulto».

Alem desta opereta haverá um acto de variedades em que tomam parte os amadores e artistas Antonio Garcia, Isabel Frogoso de Almeida, Aldino de Sousa, Sales Ribeiro e o festejado que cantará a valsa da opereta «Os sinos de Corneville».

Cartaz do dia

Teatro de declamação

NACIONAL—A's 9—«O Auto dos Faroleiros» e «Cavalgada das Nuvens».

POLITEAMA—A's 9—«O Regresso».

Teatro musicado

S. LUIZ—A's 9—«A Boneca».

APOLO—A's 9,15—«Belo Sexo».

EDEN TEATRO — A's 9 — Companhia espanhola—«La Mujer Artificial».

CRIADO TERRASSE—A's 8,30 e 10,30—«Tiro ao Alvo».

SALAO FOZ—A's 8,30 e 10,30—«Piparotes».

Animatografos

OLIMPIA—Rua dos Condes

CINEMA CONDES—Avenida da Liberdade

SALAO CENTRAL—Praça dos Restauradores.

A inextrincavel rêde das dividas

O que diz o sr. Bonar Laud a respeito do cáos europeu

Bonar Laud, pronunciou ha uns dias, em Londres, um curioso e interessante discurso em que procurou analisar a actual situação internacional, ao mesmo tempo que procurou indicar a melhor orientação a seguir, o mais amplo caminho a empreender e que conduzissem as nações á troca de relações de amisade mais proficuas e duradoiras.

As declarações desse politico da Inglaterra são tanto mais oportunas e importantes quanto é certo que derivam de um homem que foi um dos mais audazes e inteligentes colaboradores do primeiro ministro inglez e chefe do partido conservador durante a conferencia da paz e incidiam precisamente sobre uma das mais emaranhadas e graves questões que sobre a meza verde das discussões internacionais hoje se debate: a questão das reparações e o caso das sancções a que lançar mão no caso da Alemanha pretender isentar se ou alijar o cumprimento desta pesada obrigação.

Quer sobre o primeiro como sobre o segundo caso divergem, em absoluto, as opiniões franceza e ingleza.

Sabe-se perfeitamente que estes desentendimentos não são caso unico na historia das relações franco-britanicas e porque assim é, não se perturbam grandemente, nem sequer se dão ao trabalho de construir nas suas imaginações qualquer castelo de destemperadas consequencias.

Tudo se arranjará da melhor maneira—certo, dizem e repetem todos á uma.

Não o entendemos assim.

Imagine-se que em vez de se tratar das tres nações em questão, Inglaterra, França e Alemanha, se tratava apenas de tres creaturas vulgares A, B e C.

Representando C. o devedor e A e B os credores, e admitindo que ao mesmo tempo que C se negava a pagar a divida contraida baseando-se na sua falencia absoluta, o credor A estava disposto a perdoar-lhe a quota parte de que deveria ser reembolsado, não lhes parece que B se encontraria numa situação um pouco critica para poder agir de forma a fazer cumprir os compromissos tomados por C? Não lhes parece, igualmente, que dada a falencia do devedor não havia probabilidades duma concordata?

Restava a B usar dos meios violentos, dir-nos-hão.

Para quê? retorquiriamos nós. Pois se o devedor, a menos que com terceiros contraisse um outro emprestimo, não tinha onde cair morto, que lucraria com isso o credor B? Nada, absolutamente nada, a não ser uma rixa, uma luta que, para o devedor e para o credor, se poderia muito bem transformar num caso de vida e de morte.

O caso das reparações é um caso identico ao que acabamos de apresentar.

A Alemanha afirma não poder pagar as reparações enquanto não lhe fôr permitido um emprestimo externo.

A Inglaterra entende que a Alemanha tem razão e por isso não só a acompanha nos seus protestos, como aconselha a França a ser tanto quanto possivel moderada nas suas exigencias, porque se assim não fizer lhe retirará o seu apoio, o que, a dar-se seria o mesmo que priva-la de quaisquer exigencias, porquanto entende que o tratado de Versailles não lhe dá o direito de usar de quaisquer sanções isoladamente.

A França, por seu turno, quer, a todo o transe, receber o producto das reparações. Precisa dele para tentar equilibrar o seu orçamento. Embora fique desacompanhada nas reclamações e porque entende que o tratado de Versailles lhe dá o direito de usar de quaisquer sancções, está disposta a agir e exigir a satisfação desse compromisso.

Que ficará só frente a frente com a Alemanha, disso temos quasi a certeza e, nestas circunstancias, o que virá a dar-se, o que nos reservará ainda o futuro?

«Os alemães não podem ser considerados os unicos responsaveis pelos prejuizos da guerra. E', comtudo, justo que eles paguem «tudo quanto possam».

Tudo quanto possam, viram, leitores.

Transcrevemos estas frases de Bonar Laud, como transcreveremos outras para que não julguem que inventamos. E devemos acrescentar que elas traduzem e representam perfeitamente o sentir da opinião publica ingleza:

«Vi, num destes dias, nos jornaes, uma carta escripta pelo presidente do conselho francez, onde ele fala da possibilidade de uma iniciativa da França para impôr isoladamente o tratado de Versailles. Esta carta fala de uma acção isolada. Fiquei surpreendido, confesso-o, ao lêr que, segundo o tratado de Versailles, um dos aliados teria o direito, por exemplo, de entrar só no Ruhr. Se assim se fizer, vêde o que imediatamente sucederá: Se um aliado tem o direito de assim proceder, um outro terá o direito de lhe dizer:

«E nada tenho com essa empreza». Seria precisamente o que á Alemanha conviria.

Não haveria maior desgraça para a França e Inglaterra do que uma similhante iniciativa.»

E' escusado mais. Isto basta, chega perfeitamente não só para elucidar os nossos leitores como para reforçar as nossas afirmações e justificar as previsões que aqui sempre temos bordado quando pômos, face a face, as opiniões franceza e ingleza sobre questões de politica internacional.

E que nos reservará o futuro? O dia de amanhã — mais uma vez perguntamos.

SPORT

Coisas de sport...

Dempsey chegou á America, levando de sua curta visita á Europa um monoculo, e o contracto para a segunda edição do «match» com Carpentier.

E' uma bonita soma que o campeão americano vai embolsar, apesar dos jornais ingleses dizerem que deve ser a luta do gato com o rato, dos franceses dizerem que é uma loucura opôr de novo o francês ao colosso americano, e de os americanos chamarem ao combate, um negocio...

* * *

Deixou bastante a desejar sobre o ponto de vista de «sport», o sarau que o Lisboa Ginasio Club, levou a efeito no Coliseu outro dia.

Foi propaganda ao contrario... Juizo...

* * *

Ao que se diz, vão oficialmente ser convidados para ir ao Brazil, varias «equipes» de «sportmans».

A «D. Intriga» e a «D Incompetencia», vão juntar-se de novo para a seleção...

* * *

Num sarau de «sport», ultimamente realisado houve amadores de força, que anunciando pesos levantados, por engano certamente, exageraram...

Quando haverá entre nós a compreensão da palavra amador?

Dos concursos fogem eles.

E' o medo da balança...

RUY DA CUNHA.

Respondendo ao senhor Abel

Só hoje tive conhecimento dum arrasoado que o amador de box Abel Cunha, professor obsequioso do «G. C. P.» publicou em alguns jornais refutando a minha opinião sobre uma pessima exibição de «box» que fez no sarau do Coliseu promovido pelo «G. C. P.»

Ancioso por um «reclame», que os seus meritos ainda não mereceu, alarga-se em comentarios que não veem ao caso, com o unico fito de que falem nele, pretendendo ao mesmo tempo fazer espirito, o que parece não ser o «lado forte» do simpatico Abel...

Vamos ao caso...

Critiquei, no uso dum direito de que não abdico, de que estando «anunciado no cartaz um combate de box entre Abel e o profissional Marius» em logar disso, se tivesse feito uma exibição.

A isto que não tem resposta, o nosso amigo contesta que:

Eu ainda não reparei se os cartazes annunciam Combate, e se assim é, eu peço mil desculpas ao sr. Ruy da Cunha; mas olhe que eu não tenho tempo para andar atraz dos tipografos a recomendar-lhes para reclame da m[inha] pessoa, que anunciem Combate. *Porque realmente Abel Cunha contra um profissional francez, tinha qualquer coisa «d'épatant».*

O a devia reparar, e não devia ter consentido, enquanto ao combate entre os dois não era «efratant» como diz era «asneira»...

Foi portanto pelo cartaz que falei, visto que eu esperava uma coisa, e me saiu outra.

Logo tenho razão...

Depois como eu lhe chamasse professor o nosso Abel reclama dizendo que:

Nunca fui professor de box do G C. P. mas sim ajudante dos professores Xavier de Araujo e Mario Gall, sucessivamente. Lá que os outros me chamem professor, não sou o culpado.

A isso chamo a atenção do meu contraditor, para que leia um aviso que está á entrada do «G. C. P.» em que se diz ser a classe de «box» dirigida por Abel da Cunha.

Ora que ensina é porque é professor...

Logo tive razão ainda desta vez.

No que diz sobre que eu não simpatiso comsigo não tem resposta.

Já o tenho elogiado, como o tenho criticado, continuarei a dizer o que penso, e que no actual momento é o seguinte:

O Abel Cunha é um amador de «box», com qualidades, que pode vir a ser «alguem» dentro desse «sport», mas a quem subiu um pouco á cabeça a nobre arte...

Abel, Abel,

«Ay que reprimir-se...»

RUY DA CUNHA

Um combate de "box,, em Londres

LONDRES, 29.—Hontem no Palacio de Cristal, Bombardier Wells foi vencido por knock-out ao sexto round por Frank Goddard.—(R.)

NOTICIARIO

FOOT-BALL

Vai realisar-se o torneio da Taça «Mutilados da Guerra»

Organisado pelo jornal «Os Sports» com a colaboração da A. F. L., vai realisar-se ainda esta epoca o torneio da Taça «Mutilados da Guerra», reunindo nos primeiros dias de junho na redacção daquele bi-semanario os representantes dos clubs das divisões a fim de se assentar definitivamente na organisação do torneio.

O produto liquido deste torneio é destinado para os hospitais de Mutilados da Guerra actualmente existentes em Lisboa.

O LIVRO DE ATLETISMO EDITADO PELO JORNAL «OS SPORTS»

Está tendo larga procura o livro de Atletismo que o jornal «Os Sports» editou da autoria do sr. dr. Salasar Carreira, primeiro volume da biblioteca que «Os Sports» se propõe fazer.

O seu preço é de 2$50 e pelo correio 2$60.

Os que se divertem

Promovido pelo Grupo «Os Azelhas» realisou-se ontem um passeio fluvial a Aldegalega, no barco «Duas Virgens» expressamente cedido para esse fim, reinando sempre entre os excursionistas uma alegria estridente, por entre os acordes dos instrumentos musicais de que se fazia acompanhar o mencionado grupo.

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

Uma recita do "Roberto do Diabo"

por JULIO CESAR MACHADO

O rendeiro foi despertado do silencio do seu caminho por alguns gritos confusos, que o vento acarretava da aldeia, e, sentindo que a algazarra se aproximava, viu quasi todos os habitantes do logarejo em tão extraordinario alvoroço, que preguntou logo qual era a causa de tal motim.

Depois de ouvir a noticia da morte do lavrador, o rendeiro caiu num espasmo. Ficou frio, branco, tremulo, convulso.

E Ricardo disse para os do rancho:

— Este homem empalideceu!

E como o rendeiro permanecesse petrificado, de forma que nem falar podia, houve logo uma voz que exclamou:

— Este homem nem se atreve a falar!...

A multidão, que era, como todas as multidões, estupida, repentina em juizos, e rapida em deliberações, gritou:

— Agarre-se este homem!...

Foi horrivel então, porque o primeiro que se aproximou dele distinguiu logo na jaqueta as manchas de sangue.

A turba examinou e convenceu-se de haver encontrado o reu. Como tigres, lançaram-se sobre o velho, que nem tinha força para resistir a um só.

E Ricardo bradou, desvairado:

— Assassino! assassino!

E a turba, conduzindo á cidade o velho rendeiro, cercado de maldições e de injurias, gritava a uma voz:

— Assassino! assassino! assassino!

Os tribunais decidiram que este homem fosse condenado á forca. O povo retirou-se contente e aplaudiu a sentença. Ricardo, que assistira á sessão, foi apertar a mão aos jurados; e, erguendo os olhos ao ceu, exclamou para os juizes:

— Ha um Deus que vê tudo, senhores doutores! Que tudo que é mau castiga; tudo que é bom esclarece!

E, como era dia de finados, ele foi orar á igreja.

O templo estava cheio. Os fieis rezavam. Ricardo rezou tambem.

VII

— Dia de finados! dizia Ricardo a si mesmo, espalhando a vista pela igreja e vendo todos ajoelhados, a lêr em livros e a bater nos peitos. Por quem se está orando aqui? Dize-me tu, loirita, loirita, que vais saindo e molhando os dedos na agua benta: por quem rezaste tu? Por teu pai, que te faltou em pequena, e de quem já te não lembras? por tua tia, que morreu ha dois anos, e de quem só recordas os ralhos com que te oprimia? por tua velha prima, aquela parenta afastada, — afastada porque era pobre, e todos os parentes pobres são parentes afastados! — que te serviu de aia desde os quinze anos, e não te deixava chegar á janela, quando, ao principio da noite, ias deitar a linha á carta do namorado?... [illegible] do namorado? Tu, por quem rezaste, morenita de olhos grandes e trança negra? Por teu irmão, o capitão, que só uma vez te deu um beijo, ao voltar da guerra? por tua mãe, que te batia em pequena por cada colhér de assucar que tu comias? por teu tio, o bacharel, que nunca te pegou ao colo para não se amarrotar? — E tu, minha triste e palida, que orvalhas de pranto o teu livro de orações! é por teu marido, que tu enganaste? ou por teu marido que te enganou? — Estais vós bem certas, bem seguras da consciencia e da razão, de não ser ao acaso que rezais, sem caridade especial por uma ou outra alma, sem intenção por um ou outro morto? Jurarieis mesmo que não entra de nenhuma forma no sentimento da vossa prece nenhuma imagem, nenhuma memoria, nenhuma lembrança dos vivos?... Sentis a vossa alma, nesta hora, toda recolhimento, toda religião, toda saudade? Fugiu de vós a faculdade do mal, durante estes segundos de oração? Pobres rosas desmaiadas pela tristeza e pela dôr, que perdeste a côr e o perfume, — não conservais vós ainda os espinhos que podem de novo dilacerar o coração que alguem vos der? Eis-vos graves, austeras, taciturnas. Ha amargura no vosso veu de crepe; no vosso olhar, tambem. Estais vós chorando simplesmente pelos que estão mortos, ou pelos que mereciam estar vivos? E indiferente: oh! se é indiferente; por Deus! Orações pelas almas dos vossos defuntos, sem escolha e sem preferencia!? Fazeis bem, talvez; toda a gente vos dirá, que seja esse o dever de bons cristãos: mas, dessa maneira, em que está a saudade nisso?! Mais logo, ao cair do dia, quando o sol se despedir de nós e as brisas da tarde varrerem o pó dos mausoleus, quando ninguem vos vir, ninguem vos lastimar, e tudo estiver sereno, quieto, melancolico, — quantas lagrimas cairão sobre um tumulo, que simples corôas de perpetuas levará uma saudosa mão á morada solitaria daqueles por quem agora estais rezando entre os vivos?

VIII

Dois dias depois o rendeiro subia ao patibulo, conforme ao que ordenava a sentença.

Nessa noite, Ricardo, sem conseguir dormir, passou as mais crueis e angustiosas horas, que Deus pode ter dado a uma criatura humana.

Na manhã seguinte observou que todos o olhavam com um espanto misturado de terror e se afastavam dele como assustados. Ricardo olhou-se a um espelho e viu os seus cabelos, ainda na vespera loiros e magnificos! — brancos, hirtos, medonhos!

[illegible] grito dilacerante e divisou na fronte uma grande mancha vermelha, que lhe tomava da testa aos olhos; uma verdadeira nodoa de sangue!

Então, bradou desvairado: —Parricida!

E caiu fulminado pela colera do Eterno!

IX

— Que me diz á historia? preguntou-me o homem pequenino, brilhando-lhe os olhos de anciedade.

— A historia vale um milhão!

— Vale um milhão. E' bem dito! Quere escrevê-la?

— Talvez.

— Confidencia inteira, pois. Sabe quem é o heroi?

— Qual heroi?

— O heroi da historia!

— Ricardo?

— Exactamente: sabe quem ele é? E' capaz de guardar um segredo?

— Conforme a importancia dele!

— Um segredo da maior importancia!

— Diga lá!

— Agora, é impossivel. Este sugeito, que me acompanha, observa-nos.

Vi ao lado dele um homem alto e magro, de casaco cinzento e bengala de cana da India.

— Quem é? [illegible]-lhe eu.

— O mais cruel dos homens!

Olhei-o pasmado: a orquestra deu o sinal.

— Silencio! continuou ele. Ouçamos o ultimo acto do *Roberto!*

Estava-se no vestibulo da catedral de Palermo. A' esquerda, um nicho e uma imagem de Nossa Senhora, como indicio de ser lugar de asilo. A *madona* protectora salvava os infelizes, que a justiça humana agredisse. Roberto entra correndo, perdido, em desordem, como louco; o principe de Granada, seu rival, venceu-o no combate.

— Sorte fatal! exclama. Até a minha espada me atraiçoou na justa! Tudo hoje quere perder-me!

Excepto eu, eu, que te quero tanto! diz Bertran. Tu quebraste o misterioso ramo de cipreste, que devia unir-te á tua namorada, e a estas horas já ela é do teu rival!

(Continua)

PINTO & SOTTO MAYOR

BANQUEIROS

LISBOA-PORTO

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

— BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL —

LISBOA — R. do Ouro, 18 a 24

PORTO — 28, Praça da Liberdade, 29 — Rua do Comercio, 136 a 140

Mario Duarte
Cirurgia da bocca e dentes
P. RESTAURADORES, 13
Telef. 814 C.

Agua de CALDELLAS

BANDEIRA DE MELLO, L.DA

Rua Augusta, 75, 1.° e 2.°

Banco Nacional Ultramarino

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Séde em Lisboa R. do Comercio—Agencia em Lisboa-C. Sodré

Capital Social Esc. 48.000.000$00
Capital Realisado Esc. 24.000.000$00
Reservas Esc. 26.000.000$00

FILIAIS NO CONTINENTE—Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Mirandela, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Povoa de Varzim, Regoa, Santarem, Silves, Torres Vedras, Vianna do Castelo, Vila Real e Vizeu.
FILIAIS NAS ILHAS—Funchal, Ponta Delgada, e Angra do Heroismo.
FILIAIS NO ESTRANGEIRO—Paris Rue de Helder, 8, Londres 27 B Throgmorton Street, New York 93 Liberty Street.
FILIAIS NAS COLONIAS—S. Vicente e S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, S. Tomé, Principe, Cabinda Kinshasa (Congo Belga), Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Belmonte (Bihé), Mossamedes, Lubango, Lourenço Marques, Inhambane, Beira, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique, Ibo, Mormugão, Nova Gôa, Bombaim (India Ingleza), Macau e Dilly.
FILIAIS NO BRAZIL—Rio de Janeiro, Campos, S. Paulo, Santos, Bahia, Pernambuco, Parahiba, Pará e Manaus.

Recomendam-se ás Filiais deste Banco no Brazil para os saques sobre qualquer localidade de Portugal, Correspondentes nas principais localidades do Continente e Ilhas Adjacentes e em todas as cidades do mundo, operações bancarias de todos os generos, compra e venda de saques, notas e moedas estrangeiras, coupons, operações de Bolsa, cartas de credito directas ou circulares sobre as colonias e todos os paizes do mundo.

Banco Colonial Português

Séde:—Rua Aurea, 175 a 191

LISBOA

Sucursais:

PORTO — Casa Pinto & Sotto Mayor

RIO DE JANEIRO — Banco Português e Brasileiro

TELEGR. — **Procolonia**

CAPITAL AUTORIZADO: Escudos 100.000:000$

CAPITAL EMITIDO: Escudos 10.000:000$

SUCURSAIS NA AFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL PORTUGUESA

Correspondentes em todas as localidades do continente, Ilhas e em todas as praças estrangeiras

Efectua todas as operações bancarias: descontos, transferencias, depositos á ordem e a prazo em moeda nacional e estrangeira, contas correntes, compra e venda de cambiais e de moedas e notas estrangeiras, pagamento por ordem telegrafica e por correspondencia, cartas de credito, ordens de bolsa no País e no estrangeiro, compra e cobrança de coupons, emprestimos caucionados, transacções sobre mercadorias, etc.

Sociedade Industrial de Adubos, Pêlos e Grudes, Limitada

Séde em Lisboa—Rua da Prata, 59, 2.°

Endereço telegrafico: JOSELIA

TELEFONES: Séde — Central, n.° 2293
Fabricas — Paio Pires n° 16
Armazens — Poço do Bispo, n.° 25

FILIAIS: No Porto, Rua de Santa Catarina, n.° 108, 2.°
Em Pampilhosa do Botão, Estrada da Mealhada

FABRICAS: No Seixal, "Moinho do Brogner"

DEPOSITOS: Lisboa, Poço do Bispo, Porto, Rio Tinto, Ruas, Pampilhosa do Botão e Leiria

AGENCIAS: Em varios pontos do paiz

Fabricação especial de adubos compostos de todas as qualidades e para todas as culturas

Superfosfatos, sulfato de amonio, nitrato de sodio, fosfato Tomaz, sais potassicos, guanos e farinhas de peixe

Productora e fornecedora das melhores purgueiras do mercado

Sulfatos de cobre e de ferro e enxofres

Consultas e Informações gratuitas sobre todos os assuntos agricolas.

No proprio interesse dos srs. lavradores aconselhamelos a não fecharem as suas compras sem primeiro nos consultarem.

EXCELENTES RESULTADOS

Anibal Neves, Limit.

Rua da Prata, 242 a 248 — Rua de Santa Justa, 26 a 32

Telef. 3040 C. — **LISBOA** — Teleg.: *Vapor*

SECÇÃO TECNICA

Fornecimentos de maquinas e ferramentas para todas as industrias

Instalações de fabricas e centraes de força

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS de:

Maschinenfabrik Badenia Weinheim (Alemanha) — Locomoveis e semi-fixas de todas as potencias

Saechsische Turbinenbau Und Maschinenfabrik, Meissen (Alemanha) — Turbinas, instalações de ceramica, etc.

Usines Bodnowde S. A. Liége (Belgica) — Bombas e compressores

Storebro Aktiebolag, Storebro (Suecia) — Maquinas-ferramentas

Rudel & C.° Dresden (Alemanha) — Aparelhos de elevação e transporte

Franz Sieper Remscheid (Alemanha) — Ferramentas para industrias e oficios

Berna Lorries, Limited Olten (Suissa) — Camions, tractores de estrada e agricolas, carros de reboque

Edoardo Bianchi S. A. Milão (Italia) — Automoveis, motos e bicicletes

POÇOS ARTESIANOS
Abertura de poços, trabalhos de irrigação

OFICINAS
de reparação de automoveis, construções mecanicas e metalicas, soldadura autogenea

SECÇÃO DE IMPORT E EXPORT
Materias primas, materiaes de construção, tintas, vernizes, productos quimicos

SECÇÃO CORKY
Pavimentos sem juntas de superior qualidade. Isolamentos para instalações de vapor e frigorificos

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

N.º 4092-12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5

LISBOA — Terça-feira, 30 de Maio de 1922

Telefone n. 2293—Endereço tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

Os espectaculos maravilhosos:

Um ... fatia n'um cabo electrico na pra... Luiz de Camões levou um dia int... a concertar com manifesto prejuizo de duzias de industrias que perderam totalmente o seu dia de trabalho.

Processos comuns

A prisão de varios oficiais que se salientaram no movimento de 19 de outubro tem irritado profundamente os seus correligionarios, e a esse facto se atribue o boato que hontem correu insistentemente, da publicação de determinados documentos que se diz lançarão muita luz sobre os bastidores das conspirações, intentadas desde os ultimos tempos do reinado de D. Carlos.

Ao mesmo tempo, lia-se hontem no «Dia» uma local em que, protestando-se contra uma suposta conjura politica, destinada a reduzir varios oficiais superiores á situação de generais sem comissão, se acrescentava que, se tal sucedesse, viriam a lume «importantes documentos, até hoje ineditos, acerca dos aspectos politicos da nossa intervenção na guerra, documentos esses que deixariam muito mal colocados alguns dos que procuram vibrar no nosso Exercito, já tão abalado, esse golpe mortal.»

E' interessante aproximar estas informações, porque elas mostram que tanto do lado do extremismo outubrista, no campo radical, como do extremismo monarquico, no campo conservador, se observam processos identicos. Tanto dum lado como do outro se levanta a arma da «chantage» politica para fazer vingar propositos que só podem ser prejudicados com o emprego de tal arma.

Em nenhuma parte do mundo se procederia assim. São processos que definem o caracter das seitas. E quando porventura eles venham a ser considerados como regulares e usuais podemos reputar perdida a sociedade em que se empreguem.

Se entre os elementos outubristas que se afirma serem os detentores dos documentos sobre as conspirações passadas ha quem tenha abstraido pelo menos do bom senso, esse alguem refletirá certamente que nada poderá afigurar-se mais estranho do que o facto de se produzirem esses documentos apenas com o intuito de exercer uma determinada pressão ou de satisfazer uma determinada vingança.

O mesmo diremos acerca dos elementos monarquicos que, segundo a confissão do «Dia», só esperam que alguns generais sejam, como dizem, preteridos, para lançar á publicidade certos documentos da natureza politica, referentes á participação na guerra.

Ou esses documentos, tanto os que os outubristas possuem como os que os monarquicos deteem, interessam ao paiz, sendo necessaria a sua publicidade ou essa publicidade é prejudicial. Podia ser que fosse um dever patriotico ou republicano publica-los.

Nesse caso já deviam ter sido publicados. Tornar, porem, essa publicidade dependente deste ou daquele acto dum governo, nesta ou naquela materia que em nada se relaciona com a importancia dos documentos aludidos, é realisar uma verdadeira «chantage» que necessariamente repugna a todos os caracteres honestos.

Temos descido muito realmente. Mas não se podia imaginar que tivessemos descido tanto. Que ao menos este incidente nos faça medir a profundidade do abismo a que estão arrastando este paiz tantas más paixões. As aproximações de processos entre extremistas monarquicos e republicanos são já duma singular eloquencia. Resultados desta politica bastarda, essa que até o conceito da honra miseravelmente se perde.

A grande propriedade ingleza

tendente a desaparecer, produz de facto a morte da tradicionalista nobreza de Inglaterra

LONDRES, 30.—A Inglaterra está passando pela mais funda transformação de ha seculos para cá. E' a mais acentuada consequencia da guerra. Os aristocratas inglezes estão vendendo as suas propriedades por acharem demasiadas as contribuições que sobre elas foram lançadas. Ora a grande propriedade rural era a base do poder e a razão de ser da aristocracia que só na Grã Bretanha, por virtude disso conseguiu chegar até hoje com o prestigio e a influencia de outros tempos. O que a aristocracia ingleza está fazendo, é considerado como o suicidio dessa poderosa classe. Faltando-lhe o apoio da grande propriedade rural, confundir-se-hão os aristocratas com os argentarios e capitalistas e entrarão em competencia com eles.—(Lat. Am.)

Politica Internacional

A grande espectativa da Europa, e a misteriosa atitude da Alemanha

Pagará ou não pagará?—O praso termina amanhã...

A politica que, dentro das fronteiras de um paiz, raras vezes consegue ser mais do que uma tempestade num copo de agua — sal vo quando se dão *outubradas* — é sempre, debaixo do ponto de vista internacional, algo de complicado e sinistro, embora com os seus laivos tambem de baixa comedia — em conferencias protocolares, por exemplo.

Agora, que estamos todos numa espectativa tremenda, ignorando a atitude que a Alemanha vai tomar amanhã, fim do prazo concedido para o pagamento de todas as dividas contraidas, a emoção é funda em todos os circulos politicos, como se estivessem á beira de um precipicio todas as chancelarias europeias.

Que irá responder a Alemanha á comissão de reparações?

Ninguem, decerto, pode alimentar esperanças de que a Inglaterra se ponha ao lado da França. Mas como ficará resolvida a parte do tratado de Versailles sobre a ocupação da margem esquerda do Rheno? A França e a Belgica, que foram as que maiores danos sofreram com a guerra, mostram-se intransigentes no que respeita a reparações. Já não tomará esta atitude intransigente a pratica Inglaterra — onde Lloyd George pontifica — sempre pronta a transigir com o pretexto de que é impossivel e, talvez mesmo, contraproducente, obrigar a Alemanha a pagar, quando ela não tem por onde, emquanto não se resolver a negociar um grande emprestimo.

Mas — o grande, o tremendo misterio das chancelarias! — outra razão muito mais poderosa anima a Inglaterra quanto ao seu grande desejo de não querer a ruina da Alemanha. A Inglaterra apesar da sua força, apesar do seu prestigio, apesar do seu Lloyd George, receia o desenvolvimento exagerado da França, o que certamente não deixaria de se produzir, dado o esmagamento da Alemanha. A Inglaterra está agora para com a França, como, antes da guerra, para com a Alemanha. Isto é, em portuguez correcto: de pé atraz.

A França, paiz de grandes recursos... diplomaticos, onde não se esqueceram ainda as tradições protocolares de Richelieu, pode, de um momento para o outro, originar habilidosamente uma situação parecida com a da época napoleonica — o que não convém á Inglaterra de forma alguma.

A França é um grande povo — apesar dos seus *boulevards* parisiens
es, cheios de frivolidade e artificio. Foi um dos que se bateram com mais sinceridade e gloria. Deu Pétain, deu Joffre, deu Foch... Tem uma alma sublime e uma chama patriotica, que se torna dificil extinguir. A Inglaterra vê tudo isto... E, diante do dinheiro alemão e da supremacia franceza, manda o dinheiro ao diabo, como coisa de pouca monta, para só encarar a possibilidade de evitar que se desenvolva na alma da França a anciedade que devorou Prometeu... mas que podia acontecer que a não devorasse a ela.

A hora é, pois, de grande, de tremendissima emoção em todos os circulos politicos. Em Portugal, ali em baixo no Terreiro do Paço, ou ali em cima em S. Bento, não sabemos o que se passa. E' possivel que se não passe nada. Os nossos queridissimos pais da Patria são até, talvez, capazes de ignorar que termina ámanhã o prazo para a Alemanha cumprir... o que a comissão de reparações lhe impoz.

Coitado de Portugal, que se vê obrigado, não sabemos porque castigo, a compartilhar de todas estas emoções, com Lloyds Georges de barro!

Que irá acontecer ámanhã?

— A Alemanha pagará, não pagará? A Inglaterra — sempre finoria — manter-se-ha na transigencia *piedosa* para com a Alemanha — ou exigirá o dinheirinho devido? E a França? E a Belgica? E — vá lá, ainda, que com sacrificio nosso — e Portugal?

O Governo do sr. Antonio Maria da Silva é capaz de ter pensado hoje vinte vezes nos boatos corriqueiros de alteração de ordem publica e uma só vez, em *dolce far niente*, neste grave problema de politica internacional.

— Mas tem razão. Os Lloyds Georges verdadeiros que se governem.

E este calor *chiadesco* não permite que se pense em coisas complicadas. Isto tudo de reparações fica muito longe de Lisboa, do Terreiro do Paço, de S. Bento.

Mas que calor, que calor infernal!

— Pst, ó rapaz... Uma carapinhada!

Um navio russo

chega a Hull arvorando a bandeira dos "soviets"

LONDRES, 30.—Chegou a Hull com um carregamento de madeira um navio arvorando a bandeira da republica dos «soviets». A vida a bordo inspira-se no comunismo puro. Oficiais e marinheiros comem á mesma meza e usam o mesmo traje com pequenissimas diferenças. Em todos os camarotes ha retratos de Lenine e Trotsky.—(R.)

SANTOS TAVARES, O COMISSARIO DO GOVERNO JUNTO DO TEATRO NACIONAL ALMEIDA GARRET, DE QUEM HOJE PUBLICAMOS UMA CARTA ACERCA DE ASSUNTOS DO MESMO TEATRO

A lei da fome

O sr. Norton de Matos protege... a navegação estrangeira

O governo conseguiu pôr em execução a celeberrima «Lei da Fome», tributando exagerad-mente as empresas de navegação estrangeira, a pretexto de proteger a Marinha mercante nacional. Os principaes resultados imediatos foram estes: encarecimento dos generos de importação, porque sobre eles fizeram os armadores incidir proporcionalmente a extorsão governamental; abandono dos portos continentaes portuguezes por aquela navegação estrangeira que não quiz ou não pode submeter-se ao novo regimen; finalmente, maior frequencia dos portos espanhoes, preferidos pela navegação estrangeira.

Em Angola o sr. Norton de Matos fez o contrario. Dir-se-hia que Angola já não é territorio portuguez e que, na realidade, o ilustre general se proclamou o Cromovell daquelas longinquas paragens, desde que outurgaram a Carta Organica, especie de constituição liberalmente presenteado aos indigenas do sertão africano em beneficio dos brancos que por lá andam. O Alto Comissario de Angola concedeu vantagens especiaes para a saida dos productos de exportação, o que aproveita, é claro, á navegação estrangeira e não á nacional.

O que se encontra, neste caso, de mais interessante, é isto: os Altos Comissarios governam como entendem, sem para nada se lhes importar com a discordancia de interesses entre a Metropole e os Dominios Coloniaes. Daqui á independencia é um passo!...

Misterios e mais misterios...

Os documentos secretos existem ou não?... Versão acerca dum livro de actas, arrecadado no estrangeiro

Começam a circular os mais estranhos boatos acerca da existencia dos documentos secretos, a que ontem nos referimos. Algumas informações conseguimos obter.

Limitamos-nos a referir uma delas, cujo aspecto romantico não deixa de oferecer interesse.

Afirmam-nos que existe realmente um livro de actas revolucionarias, anteriores ao regicidio, mas não muito.

Num dos documentos arquivados no livro foram apostas duas assignaturas. Dizem-nos que o falecido Presidente Sidonio Pais pretendeu apoderar-se do livro, chegando a oferecer uma quantia importante a dois conhecidos revolucionarios, um dos quais era o unico que podia retirar o livro do cofre forte onde estava depositado. A oferta foi repelida.

Parece que outras deligencias foram praticadas por um chefe de governo, com insucesso identico.

Segundo hoje corria insistentemente resolveu-se, em principio, a publicação de todos os documentos destinados a esclarecer, como tambem foi noticiado por outros jornais, acidentes historicos de extrema obscuridade, mas que teem relação com a tentativa revolucionaria que, em 28 de janeiro de 1908, precedeu o regicidio de 1 de fevereiro do mesmo ano.

Isto foi escrito por conta dos informadores. A titulo de comentario diremos que nos parece tratar-se duma especulação da baixa politica,—e mais nada. Talvez que os malevolos boatos se prendam com a historia divertida duma conta firmada por um homem eminente, com a qual já se pretendeu exercer «chantage». O caso não tem importancia, mas talvez um dia breve o narremos, muito simplesmente.

O vôo em torno do globo

O major Blacke desce em Marselha com avaria

MARSELHA, 30,—Em virtude duma aterrisage muito violenta o aparelho em que o major Blacke e os seus companheiros estão realisando a viagem á volta do mundo ficou bastante avariado na helice quando ontem aterrou junto desta cidade.—(R.)

REU CONFESSO...

O novo regimen do inquilinato

Raciocinio ministerial: todos contra a proposta, logo ela é excelente

O sr. ministro da Justiça sabe latim. Por isso, lhe dizemos: *rem habemus confitentem*. O reu confessou. O ilustre jurisconsulto do *mons parturiens* confirma o que aqui temos escrito. Numa entrevista concedida ao nosso colega *A Vitoria*, o já celebre ministro democratico não duvida afirmar que, efectivamente, a sua proposta de lei autoriza os senhorios a elevar ilimitadamente as rendas dos inquilinos. Ele tem, a tal respeito, o apoio da minoria monarquica, que já ontem declarou, pela voz autorizada do sr. Carvalho da Silva, prestigioso presidente da Associação dos Proprietarios, que está de acordo com o Governo da Republica na extorsão que se prepara em desfavor do povo. Mas o melhor é transcrever, integralmente, as declarações do sr. ministro da Justiça.

O redactor d'*A Vitoria* preguntou:

— E quanto a arrendamentos?

E o sr. ministro da Justiça — grande amigo do povo!... — respondeu:

«— Considerei duas categorias de arrendamentos: os que já estavam feitos em 1914 e os que foram assinados posteriormente.

Para os primeiros, parti do principio de que se tratava de um contracto liberrimo e que admitia então todas as modificações que qualquer das partes desejasse introduzir-lhe. Ora, a partir dessa época, o senhorio fez despesas e despesas importantes: despesas de reparação, sobretudo. Justo é que procure cobrá-las, valendo-se do seu capital imobilizado. Autoriza-o a que assim proceda a minha proposta. E' humano que êle não perca, já que não pode ganhar, de acordo com o aumento de custo da vida.

Para os predios construidos depois dessa data, estabeleci como base de contracto uma avaliação a partir da qual o senhorio poderá cobrar até um juro de 7 por cento. E' o juro que paga o Banco de Portugal. Creio que não é exagerado nem excessivo.»

Exagerado ou excessivo? Não, ex.^mo sr., não será... para v. ex.^a. Más preceituar que a fixação das rendas de casas será a resultante dos elementos informativos fornecidos pelo senhorio, é entregar a bolsa dos inquilinos, aberta escancaradamente, á voracidade dos proprietarios. Melhor que isto, nem o sr. Carvalho da Silva era capaz de inventar!

De resto, o sr. ministro da Justiça reconhece que a proposta tem a repulsa de gregos e troianos.

Assim, tendo o redactor de *A Vitoria* observado que os inquilinos não são os que mais se queixam, logo o sr. Catanho de Menezes rectificou:

« Engana-se. Inquilinos e senhorios têm-se pronunciado igualmente contra as medidas que pretendo pôr em pratica. E suponho que está nisso o melhor elogio que a minha obra poderia desejar.»

Oh, ingenuidade santissima, onde foste esconder-te! O sr. Catanho de Menezes sabe e constata que a sua proposta concitou a reprovação dos interessados, senhorios e inquilinos, isto é, de todos os portuguezes, porque, claramente, todos são uma coisa ou outra ou ambas: logo, raciocina o grande homem de Estado, logo... a razão está do meu lado e o berreiro unanime é o meu maior elogio. Este raciocinio é tão subtil, que escapa aos mortais e só os deuses o podem compreender. Como são felizes, os homens do Governo!

Abandonemos, porém, o sr. Catanho de Menezes e deixemo-lo coçar-se voluptuosamente com o triunfo das suas congeminações legislatiferas. Prosigamos no exame da proposta, que é o que importa á defesa do povo.

O DESPEJO DOS PREDIOS URBANOS

(Releiam-se os artigos anteriores)

IV

Se o inquilino fizer má vizinhança, pode ser despejado. A disposição legal reza assim (n.º 3.º do artigo 18.º da proposta):

«A má vizinhança, proveniente de factos habitualmente praticados e tão ilicitos e deshonestos que afrontem ou vexem os demais inquilinos.»...

Esta disposição é das poucas que mereceu o apoio da opinião pu-blica. Tambem, não admira: o sr. ministro da Justiça havia de acertar uma vez, ao menos por acaso!

V

A sublocação é motivo de despejo. Assim o preceitua a proposta de lei, no n.º 5.º do artigo 18.º:

«A sublocação, embora autorizada por escrito, quando se efectue por quantia superior ou proporcionalmente superior á do primitivo contracto de arrendamento.»

Esta disposição fere uma parte da população e, desgraçadamente, aquela que de menos recursos materiais dispõe. Referimo-nos aos individuos que não têm familia e que não necessitam, para sua habitação, senão de um quarto alugado. Na vigencia da lei actual essas pessoas arranjavam, com maior ou menor dificuldade, onde dormir: se a proposta do sr. ministro da Justiça fôr convertida em lei, terão de fazer prodigios de diplomacia para porem o principal inquilino de acordo com o senhorio, e só o conseguirão á custa da propria bolsa. Os individuos que vivem em quartos alugados eram, até hoje, explorados pelo principal inquilino; daqui por diante serão vitimas de duas ganancias rivais. Que prodigiosa habilidade, a do legislador!

VI

Se o senhorio quizer fazer obras, despede o inquilino, diz o n.º 7 do artigo 18.º:

«A necessidade de obras indispensaveis e urgentes para conservação do predio e que não possam ser executadas sem que o predio seja desocupado, devendo estes factos ser verificados por vistoria judicial.»

Aparentemente, está bem. Simplesmente o legislador esqueceu-se (?) de preceituar uma cominação ao senhorio que, tendo pretextado a necessidade de fazer obras para obter o despejo não as faça dentro de praso curto e improrogavel. Sem essa cautela, a disposição não serve senão para fornecer ao senhorio uma arma a mais contra o inquilino.

VII

Como se tudo isto fosse pouco para colocar o inquilino á mercê do senhorio, o sr. Catanho de Menezes dispara contra ele este gaz asfixiante (n.º 8.º do art. 18), preceituando que são causas de despejo:

«Todos os demais casos especificados na lei ou a falta de cumprimento das obrigações do contracto.»

Quer o senhorio ter o inquilino na mão? Não lhe arrenda a casa sem que no contracto se especifique a obrigação... de que ele ha-de ir á missa todos os dias! Se não for é motivo legal de despejo. Essa ou outra qualquer obrigação, que mais convenha ao senhorio e, principalmente, que seja absurda.

CONCLUSÃO

Finalisamos este como os anteriores artigos. O sr. ministro da Justiça fez uma lei contra os inquilinos. E' verdade que os senhorios tambem estão descontentes. Que eles insistam em reclamar que, estando no poder o sr. Catanho de Menezes, acabarão por se dar por completamente satisfeitos. Em todo o caso, devemos confessar que são dificeis de contentar!

O crusador "Carvalho Araujo,,

Segundo comunicação recebida de S. Vicente de Cabo Verde, o crusador «Carvalho Araujo», que conduz, o hidro-avião, largou pelas 17 horas de ontem, daquele posto, com destino a Fernando Noronha.

O presidente Harding

acrescenta mais um feriado aos muitos já existentes

WASHINGTON, 30. — O presidente Harding decretou que o dia de hoje fosse considerado de luto nacional pelos soldados e marinheiros americanos que morreram em todas as guerras em que os Estados Unidos tomaram parte.—(R.)

"A Capital,,

Um desarranjo grave na corrente electrica cujo cabo principal passa na Praça Luiz de Camões, paralisou o serviço das nossas linotypes até proximo das cinco horas da tarde motivo por que a informação do nosso jornal é hoje menos completa, tendo-nos visto forçados a retirar uma grande parte de original pela absoluta impossibilidade de o compôr.

Graves acontecimentos em Macau

O governador que ia regressar á metropole volta de novo á Provincia

HONG KONG, 29.—Foi declarada a gréve geral dos chinezes em Macau. Todos os negocios estão suspensos. —H.)

No Ministerio das Colonias foi recebido o seguinte telegrama do Governador de Macau:

«Achando-me ontem em Hong-Konf, por motivo de avaria no vapor onde regressara á metropole e tendo conhecimento de se ter declarado a greve em Macau, regressei temporariamente á colonia. Remeto o telegrama em que o encarregado do Governo relata os acontecimentos.»

Este telegrama não foi ainda recebido no Ministerio, sabendo-se, porém, que se trata duma greve de trabalhadores chinezes.

Um telegrama de Hong-Kong em data de hontem, comunica que o movimento grevista de Macau tomou um caracter anti-estrangeiro.

Um bando de grevistas atacou uma pequena força portugueza, desarmando o oficial. As forças portuguezas tomaram depois a ofensiva matando muitos chinezes.

O sr. ministro das Colonias recebeu de Macau um telegrama participando apenas ter-se ali declarado uma greve.

Nada mais adeantava o referido telegrama aguardando o ministro que lhe sejam enviados mais pormenores.

"As vagas e os vagalhões do Nacional"

A forma puramente impressiva com que foi escrito o nosso artigo de ontem subordinado a este titulo, pode deixar supor que o sr. Luiz Galhardo tem ainda interferencia directa ou indirecta na gerencia de qualquer teatro de Lisboa.

Estamos autorisados a declarar que o sr. Luiz Galhardo, que durante alguns anos foi um dos mais brilhantes e dos mais audaciosos empresarios dos teatros de Lisboa, nada tem neste momento com nenhum deles, sendo absolutamente estranho a todos os assuntos de bastidores.

O emprestimo da Victoria

constituiu uma «victoria» de 150.000 libras para um jornalista inglez

LONDRES, 30.—Terminou o julgamento de Horacio Bottomley, jornalista muito conhecido e membro do parlamento, acusado de ter fraudulentamente desviado em seu proveito 150.000 libras de obrigações do emprestimo da Vitoria e de outros. Este sensacional julgamento que durante oito dias apaixonou a opinião publica em Londres terminou com a condenação do acusado em sete anos de penitenciaria.—(R.)

As feiras fluctuantes

CONSTITU[illegible]A FORMA MUITO MODERNA E MU[illegible]NTERESSANTE DE PROPAGAR OS GRANDES MERCADOS

As feiras de amostras constituem uma das formas mais modernas de propaganda comercial. Quasi todas as nações que desejem fomentar o seu comercio de exportação recorrem á acção destas instituições, como instrumento de penetração economica. Uma das modalidades das feiras de amostras são as feiras flutuantes.

A Alemanha foi o primeiro paiz que poz em pratica este sistema de propagando mercantil. Assim o Exportbureau do Deutsche Export-Bank de Berlin de acordo com a Sociedade de Geografia Comercial, organisou em 1886 a primeira exposição comercial flutuante que fez uma volta ao mundo visitando os portos extrangeiros mais importantes, viagem que se repetiu algumas vezes mais.

Em cada porto de escala os representantes dos expositores forneceram aos visitantes todas as informações pedidas sobre preços e condições de venda das mercadorias. Independentemente das visitas a bordo, havia mostruarios que eram trazidos para terra para serem submetidos directamente á apreciação da clientela.

Depois da guerra a Alemanha ofrecia o veleiro «Schwabbe» para organisar uma exposição flutuante. O itenerario da viagem desse veleiro deverá ser o seguinte: Dinamarca; Suecia, França e Portugal.

Em França as exposições flutuantes foram preconisadas por Henry Bachruch membro do comité do Conselho do Comercio Exterior que publicou em 1906 uma brochura intitulada Projet d'Exposition flottante. Croisière commerciele.

Mais tarde, em Marselha, fundou-se uma sociedade para a realisação do emprendimento identico, publicando-se uma brochura intitulada: Exposition française flottante. Croisière commerciale autour du monde. Este folheto continha um mapa indicando o itinerario da viagem, e o plano do navio. Em Nantes, quasi que simultaneamente, organisou-se uma sociedade para o mesmo fim. Os propositos das duas emprezas não tiveram efectivação. Só ultimamente é que a França organisou uma exposição flutuante a bordo do «Raoul Briquet», que acaba de percorrer os portos do mar Baltico. Acaba tambem de se fundar em França uma sociedade que comprou um vapor de 2.000 toneladas, cuja primeira viagem, com uma feira de amostras a bordo, terá o seguinte derrote: portos de Libau a Riga, na Letonia; de Reval, na Estonia, e de Helsingfors, na Finlandia.

Na Inglaterra constituiu-se o Floating exhibition syndicate, com sede em Londres, que organisou em Setembro de 1906 uma exposição flutuante a bordo do vapor «Cambroman». Constituiu-se tambem a British Trade Ship C°, que com um vapor de 10.000 toneladas contava percorrer 45.000 milhas, indo com uma exposição flutuante visitar a America do Sul, Oriental, a Africa, a Australia, o Japão, a China, a India e outros portos. Em breve o vapor «British Trade» de nove mil toneladas, largará, em Junho, do porto de Londres para dar a volta ao mundo, expondo as manufacturas e industrias inglezas. Esta viagem durará duzentos e sessenta e sete dias, dos quais 119 serão de exposição nos diferentes portos. O vapor percorrerá 38.000 milhas e visitará trinta portos diferentes. O barco Exposição levará tudo o que é necessario para os negocios: secretaria, secção de informações, biblioteca, escritorios e salões de conferencias e, além disso, passageiros de 1.ª classe e camarotes para os expositores. Tambem terá salões para as instalações dos productos, de modo que estes possam ser vistos com toda a facilidade.

Na Holanda, uma sociedade acaba de afretar um vapor de mais de 6.000 toneladas para fazer a seguinte viagem, com uma feira de amostras a bordo: New-York, Filadelfia, Nova Orleans, Vera Cruz, Havana, Porto do Principe, Guayara, Porto de Espanha, Pernambuco, Baia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos-Ayres.

Os Estados-Unidos preparam neste momento a mais grandiosa das feiras flutuantes de amostras de que ha memoria. O grande transatlantico «São Luiz» vai ser afretado. Partirá de New-York e só regressará a este porto no fim de um ano. Visitará o Norte e o Oeste da Europa, o Mediterraneo setentrional, o mar Egeu, Constantinopla, o Mar Vermelho, a India, Java, Nova Zelandia, Australia, Africa do Sul, La Plata, o Brazil e as Antilhas.

O Japão tambem se prepara para tornar conhecidos, por este meio, do mundo consumidor os productos das suas industrias. A Internacional Company of Tokio está construindo um vapor de 12.000 toneladas para o Mundo Comercial Flutuante, que terá por fim visitar anualmente os portos mais importantes do mundo. Este vapor chamar-se-ha «Kitukea Maru» (o vapor da boa fortuna). A bordo viajará sempre uma embaixada japoneza composta de comerciantes, economistas e personalidades representativas da intelectualidade e finança japoneza com o fim de, por meio de conferencias e outras formas de propagando, tornar conhecido o Japão e estudar nos diversos portos a melhor forma da conquista dos mercados pelo comercio japonez.

Na Belgica trabalha-se activamente para lançar um empreendimento desta natureza.

A Italia realisou o ano passado um belo cruzeiro comercial com a sua Fiera Navigante Italiana del Mediterraneo e dell'Atlantico, que no sua viagem partindo de Napoles foi a Malta, Rodes, Alexandria, Bengazi, Tripoli, Tunis, Argel, Tanger, Lisboa Barcelona, Marselha e Genova. O roi de Italia cedeu para este cruzeiro o seu biate «Trinacria».

Antes da partida, a comissão organisadora da feira flutuante realisou um estudo tecnico dos mercados comerciais que se propunha visitar, estudo que abrangeu a capacidade de absorpção de cada mercado, suas necessidades de mercadorias, politica comercial seguida etc. Estes estudos previos foram feitos com o concurso do governo, camara de comercio, consulados, legações e ainda por meio dos Osservatori Comerciali dos «I. I. I.».

Numa brochura de reclamo, Fiera Campionaria Navigante di Mediterraneo e dell'Atlantico (Piazza Cavour, 5,—Milano) vem transcrito em sintese o resultado desses trabalhos muito interessantos. O «Trinacria» tinha a bordo imenso material de reclame, como catalogos, bilhetes, impressos e ainda colecções de projecções cinematograficas e estereoscopicas. Trazia tambem a bordo trez grandes projectores com as cores da bandeira italiana para de noite projectar no ceu as trez cores da Italia. Tinha a bordo instalada uma estação de telegrafia sem fios destinada a transmitir telegraficamente as compras realisadas nos respectivos expositores e receber na mesma as confirmações de vendo, que eram entregues imediatamente aos compradores.

O «Trinacria» veiu a Lisboa no verão passado. Foi a primeira fluctuante que esteve no porto de Lisboa. A missão comercial que viajava a bordo foi recebida festivamente, tendo a sua estada em Lisboa visitado o Instituto Superior de Comercio, que reputou ser uma das melhores escolas europeias do ensino superior comercial.

A «Italia Rivelata», num artigo muito documentado, indica quais foram os resultados obtidos pela viagem do «Trinacria». A industria e o comercio italiano ficaram melhor inteirados da nova orientação que tem de seguir, E, assim, pensam realisar um novo cruzeiro mercantil pela America do Sul e Extremo Oriente.

As feiras flutuantes, quando inteligentemente organisadas, são verdadeiros instrumentos de prosperidade economica.

MOSES BENSABAT AMZALAK

Pelo Telegrafo

A circulação fiduciaria na Austria

VIENA, 29—Em 15 de Maio a circulação de notas na Austria era de 351.461 milhões de coroas o que representa um aumento de 6.590 milhões e meio de coroas em uma semana.—(R)

O litigio da ilha Sakhaline

TOKIO, 30—O Japão aceitou a proposta do governo de Vladivostok para se recomeçarem as negociações sobre a questão das pescas da ilha Sakhaline que teem estado em litigio. —(R)

Roma, campo de batalha

ROMA, 29—A policia que tem feito nestes ultimos dias milhares de prisões em consequencia dos conflitos entre comunistas e fascistas, manteve 183. Os bairros populares continuam ocupados por tropas com metralhadoras. O dia de hoje decorreu tranquilo e os serviços publicos já começaram a funcionar.—(R)

Os Estados Unidos afastam-se dos negocios europeus

WASHINGTON, 30—Em resultado de conferencias havidas entre o sr. Hughes e o embaixador francez, sabe-se que a França foi oficialmente informada que os Estados Unidos não se recusam em principio em admitir um inquerito. A situação russa.—(R)

Os "soviets,, na espectativa

MOSCOU, 29—O comité central dos soviets decidiu que não se fizesse redução alguma no exercito vermelho até que termine a conferencia da Haia.—(R)

Um presente para o rei da Servia

NEW-YORK, 30—Os servios residentes na California mandaram ao rei Alexandre como presente de casamento uns magnificos arreios mexicanos.—(R)

Ultima Hora

Parlamento

Nos Deputados

HOJE HA DUAS SESSOES: UMA DIURNAE OUTRA NOTURNA

Na sessão da tarde de hoje continua a discussão do projecto que aumenta os emolumentos dos oficiais do registo civil. Ha muitas emendas e substituições. Não é possivel, claramente, seguir os debates, que, aliás, tambem não oferecem interesse.

Na segunda parte da sessão discutir-se-hão os orçamentos.

AS PROPOSTAS DE FINANÇAS

Como já foi noticiado, o sr. Almeida Ribeiro apresentou o seu relatorio acerca das propostas de finanças. Duma forma geral, mateem-se as propostas, mas foram introduzidas algumas modificações, que suprimem as maiores durezas.

Quando se reuniu a comissão de Finanças para os primeiros exames as propostas de finanças, o sr. Barros Queiroz, «leader» dos liberaes, fez esta curiosa declaração:

—Evidentemente, eu não posso deixar de aprovar as propostas porque elas são, essencialmente, minhas.

Parece, pois, á primeira vista, que os liberaes dariam o seu voto ás propostas, embora com uma ou outra modificação. Cometeu-se, porem, uma gaff: politica, que arrastou os liberaes á oposição: o sr. Almeida Ribeiro foi nomeado relator sem audiencia do partido liberal, o que indispoz singularmente o sr. Barros Queiroz e os seus amigos politicos. Como represalia, os liberaes apresentarão um contra-projecto ás propostas, o que prolongará os debates e tornará incertas as votações. O Governo conta, em todo o caso, com o apoio decisivo dos reconstituintes para arrancar ao Parlamento, antes de findo o ano economico, reformas tributarias que deem ao tesouro publico um indispensavel reforço de numerarios.

No Senado

Preside o sr. Pereira Osorio, secretariado pelos srs. Ramos Pereira e Aragão de Brito. Acta aprovada por 32 senadores.

O sr. Vasco Borges chamou a atenção do Governo para a mendicidade que se exibe por essas ruas.

Protesta, mais uma vez, contra a demora havida por parte das entidades competentes, no sentido de proceder ao julgamento dos oficiais implicados no 19 de outubro.

O sr. Presidente do Ministerio declara que o problema da assistencia está preocupando seriamente o governo. Em relação aos acontecimentos da noite sangrenta, repete que o poder executivo nada tem que ver com a acção do poder judicial e essas prisões foram mandadas fazer a pedido do general da 1.ª divisão.

São 17 horas. A sessão continua indo entrar-se na ordem do dia.

Conselho de ministros

O conselho de ministros reuniu-se hoje em sessão ordinaria. Segundo a nota oficiosa facultada á imprensa, examinou diversas medidas legislativas a apresentar ao Parlamento e ocupou-se da resolução de varios assuntos de administração.

O 19 de Outubro

Nos centros de reunião ainda hoje era discutido com certo calor e interesse a "carrapata", que a repartição de Justiça do Quartel General armou ao Governo, indicando a prisão de mais 15 oficiais como implicados nos acontecimentos tragicos da noite de 19 outubro. Os oficiais que se encontram detidos no forte da Trafaria mostram-se maguadissimos com o facto de ter sido entregue um caso de tanta responsabilidade a um oficial cuja competencia julgam não ser suficiente para assunto de tamanha gravidade. No entender dos prisioneiros da Trafaria o caso devia ser entregue a um experimentado oficial da Justiça Militar que examinando o processo veria que nenhumas responsabilidades eles tiveram nos morticinios que são os primeiros a condenar.

Boatos de novas prisões ainda hoje voltaram a correr, mas ao que nos consta elas não serão efectuadas, não chegando a efectivar-se a captura de 11 chefes de policia que egualmente colaboraram no movimento. Não só os elementos outubristas como outros do partido Democratico continuam condenando as recentes prisões tendo-se esboçado a ideia de todos os oficiais e civis que colaboraram no movimento se entregarem á prisão no praso de 8 dias.

Tal resolução foi conhecida do Chefe do Governo que está empregando as maiores diligencias junto dos seus amigos para evitar uma nova "carrapata,,.

O problema internacional traduz uma viva preocupação em toda a Europa

PARIS, 30. — A hora é de funda emoção nos circulos politicos. Todos estão ancisosos por saber o que sucederá amanhã, termo do praso dado á Alemanha para responder á comissão de reparações.

Ninguem alimenta esperanças de que a Inglaterra se ponha ao lado da França e a questão está em saber se o governo francez se resolverá a aplicar só e isolado as sanções de que fala o tratado de Versailles, isto é, a ocupação da margem esquerda do Rheno. A França e a Belgica que foram as que maiores danos sofreram com a guerra mostram-se intransigentes no que respeita a reparações.

A Inglaterra está, porem, sempre disposta a transigir com o pretexto de que é impossivel e até contraproducente obrigar a Alemanha a pagar quando ela não tem por onde umquanto não negociar um grande emprestimo.

Outra razão anima a maneira de vêr ingleza e é que não convem arruinar a Alemanha, porque nesse caso ficaria a França com todo o poder no continente europeu e poderia originar-se uma situação parecida com a da epoca napoleonica o que á Inglaterra não convem de forma alguma. —(Lat-Am.)

Prisão de um assassino

A policia da esquadra do Caminho de Ferro prendeu hoje de manhã o temido desordeiro e emerito candongueiro «Manuel Cache-Col» que hontem em Xabregas, conforme referimos, após uma questão com o seu socio e companheiro Manuel Antonio Calvinho, matou-o, vibrando-lhe uma facada no coração.

O assassino recolheu mais tarde a um dos calabouços do Governo Civil, não tendo o policia de investigação procedido ainda a quaesquer diligencias ór não ter recebido a participação policial respectiva.

Dr. Julio Martins

O sr. ministro do Trabalho mandou lavrar hoje uma portaria dando o nome do dr. Julio Martins, recentemente falecido, no Hospital da Misericordia de Sousel, em homenagem ao seu republicanismo.

Torpedeiro francês no Tejo

Procedente de Oran chegou hoje de manhã ao Tejo o contra torpedeiro francez «Matelot le Blanc». E um navio de 1.000 toneladas com 115 homens de guarnição.

Conselho de Arte e Arqueologia

Foi confirmada superiormente a nomeação do sr. Antonio da Natividade para vogal auxiliar do Conselho de arte e arqueologia da segunda circunscrição, Coimbra, na região alcobacense.

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações
Londres, cheque	4 5/16 — 4 1/16
» 90 dias	4 5/16 —
Paris, cheque	1176 — 1212
Suissa, cheque	2462 — 2538
Belgica, cheque	1085 — 1119
Italia, cheque	680 — 701
Berlim, cheque	47 — 52
Holanda, cheque	5031 — 5186
Madrid, cheque	2032 — 2094
New-York, cheque	12882 — 13278
Brazil, cheque	50 — 53
Austria, cheque	1 — 1
Noruega, cheque	2305 — 2376
Suecia, cheque	3329 — 3431
Dinamarca, cheque	2812 — 2899

Libras . . . . 61$500 — 66$000

Sport

Má lingua...

Sobre uma opinião que aqui emiti, duma exibição de box ha dias feita em publico, a pessoa visada não concordou, até aqui bate certo.

Mas porque razão em logar de se dirigir unicamente ao jornal que escrevera sobre o caso, se fez uma especie de circular para quasi todos?

Para se arranjar uma publicidade gratis...

O que nós chamamos uma esperteza...

* * *

O actual professor de box do G. C. P. de nome Abel, numa carta dirigida aos jornais diz com uma «grande modestia», que no club andam todos atraz dele. E' o Abel para aqui, o Abel para ali, etc.

Parece uma imitação da celebre cançoneta do Alegrim:

«Oh Miguel, oh Miguel oh Miguel...»

* * *

A revista o «Foot-Ball», trata no ultimo numero da necessidade de se não permitirem desafios de «foot-ball» na estação actual, devido ao calor.

E' sabido que o «foot-ball» é um «sport» de inverno, e que a teimosia de se fazerem «matchs» debaixo deste calor, é nociva em extremo.

O que pensa a «A. F. L.»?

* * *

O nosso amigo dr. Carreira respondeu a um cliente o seguinte:

Os melhores lutadores que estiverem em boa são Constante, Ochôa e Fournier.

Ora o diagnostico está errado...

Os melhores são Ochôa, Constant e Masselti.

RUY DA CUNHA.

Ciclismo

A 14.ª corrida de Paris a Bruxelas foi ganha por Sellier que levou 10 horas 29 minutos e 40 segundos; a precorrer os 410 kilometros do percurso.

Bilhar

O jogador Haremans, num «match» fez numa serie 818 carambolas, o que constitue o «record» do mundo da serie feita em «match».

O jogador Spink, tem o «record» de serie de 1.027, mas foita começando com as bolas na posição escolhida por ele.

Box

Numa reunião pugnista franco-italiana que se disputou em Paris, foram feitos 5 grandes combates entre boxeurs italiano e francez.

Entre os adversarios estavam Nilles campeão dos pesados de França e Spella campeão de Italia da mesma categoria.

O boxeur sul-americano Firps, que foi expressamente á America do norte para combater Dempsey, continua a sua serie de victorias. Firps é mais alto e mais pesado que Dempsey.

Aeronautica

Um francez, Boyuel, está construindo um dirigivel monstro. Tem dimensões 290 mil metros cubicos, pode fazer 10 mil kilometros sem parar, e pode levar 300 passageiros. Terá 8 motores de mil cavalos cada e 8 helices.

Exposição do Rio de Janeiro

Os industriais do norte que concorrem ao grande certamen internacional do Rio de Janeiro, teem tomado numerosas paginas do catalogo oficial para efeitos da propaganda e publicidade com que contam conquistar os vastos e ricos mercados Sul-Americanos, num momento unico para a industria e para o comercio mundial. Efectivamente a propaganda e a publicidade lançadas por meio do catalogo oficial são, sem duvida alguma, mais eficazes e perduraveis, não só porque a tiragem do catalogo atinge duzentos mil exemplares que circularão pelas mãos de milhões de pessoas, como ainda porque se trata de uma obra primorosa de arte que ficará a atestar, pelos tempos fóra, o progresso do trabalho nacional nas suas multiplas e variadas modalidades. A publicidade do catalogo oficial da secção portugueza na Exposição do Rio de Janeiro é a unica ainda que directamente interessa ao Comissariado Geral, visto que toda a sua receita reverte em favor de encargos por êle tomados.

* * *

Numa das montras dos importantes armazens do sr. Ramiro Leão, encontra-se desde ante-ontem em exposição a planta do Pavilhão das industrias portuguezas, que vae ser montado no grande certamen internacional do Rio de Janeiro.

A área dos pavimentos, rez do chão e galeria, tem mais 5000 metros de superficie do que próviamente havia sido estipulado.

Theatros e Cinemas

Nota do dia

Do meu presado camarada Santos Tavares recebi a carta que se segue e cuja publicação, quando mesmo não pedida, se impunha, não só pela oportunidade do assunto nela versado, mas ainda porque tenho sempre um grande prazer em publicar a defesa, seja de quem fôr. E, tratando-se de Santos Tavares, proporciono aos meus leitores uma colaboração que reputo valiosa e que, pena é, tão rara se vá tornando no jornalismo, mercê, quero crer, dos seus muitos afazeres.

Meu caro Alvaro Lima

Li o seu artigo de «A Capital» de sabado, referente ás primeiras representações no Teatro Nacional Almeida Garrett, das peças «Auto dos Faroleiros» e «Cavalgada nas Nuvens» e li-o com aquele interesse carinhoso que v. sempre me merece. Das suas opiniões sobre o valor das obras representadas não tenho que cuidar, é de ver; são suas, pertencem-lhe, e v. expõe-as com toda a clareza, e com uma tão manifesta sinceridade que não são do molde a suscitar malquerença seguer. Isto dito, para que se não julgue que é a parte propriamente impressionista do seu artigo a que quero subtilmente aludir — «je connais mon monde»—vamos ao que aqui, palreiro, me traz. V., meu caro Alvaro Lima, cito, a proposito da estreia da senhora D. Branca Colaço, o artigo 31 do decreto de 10 de Maio de 1919, que proibe as estreias de autores dramaticos na Casa de Garrett, e as casas excepcionais que o Comissario do Governo autorisará mediante parecer fundamentado e sob proposta do Administrador. De facto, assim é, e eu alegro-me por ter, talvez pela primeira vez na imprensa, falar-se do Teatro Nacional com a presumida garantia de que o articulista conhece os diplomas para esse Teatro, em vigor. Ainda bem. Melhor nos entenderemos, dado que, na grande maioria dos casos, os adversarios, e são legião, desconhecem tudo que em materia de legislação ao Teatro do Estado diz respeito. Por vezes, quando o ataque, tem apenas a virulencia da ignorancia a justifica-lo, limito-me a sorrir; mas quando, como no caso presente, há possivelmente um intuito de benevola ancidade, sou o primeiro a vir á estacada explicar os incidentes, a repor os factos no seu campo exacto, para que a verdade se concilie com a justiça. Assim, dir-lhe-hei que o Administrador da Sociedade Artistica fez a proposta conforme o artigo 31, para que o «Auto dos Faroleiros» fosse representado, e o Comissario do Governo, em oficio de 11 de abril ultimo, fundamentou o parecer favoravel aquela representação. E quer v. saber, quais as razões, além de outras, que a tal o levaram? Pois bem, dir-lhe-hei ainda quo foram as seguintes:

«Por, em obediencia, á lei, haver a obrigação de levar á scena peças originais em 1 acto, e, destas ter obtido a «Cavalgada nas Nuvens» mas já afastada da epoca, todas as sanções para ser aqui representado, e ter sido até agora impossivel montal-a por não haver outra que, com ela, formasse espectaculo de duração normal e por o «Auto dos Faroleiros» vir obviar a esta circunstancia».

«Por assim se organisar mais um espectaculo com peças originais portuguezas alem das que a lei determina e sem prejuizo destas».

Já v. vê que a lei não foi postergada; tendo-se atendido até á organisação de mais um espectaculo com originais portuguezes, sem prejuizo dos quatro «pelo menos» a representar em cada temporada.

E entremos agora na parte verdadeiramente quebradiça e fragil do seu artigo, porque, meu caro Alvaro Lima, divirjo com embargo, a razão primordial e unica que me faz conversar mais demoradamente aqui consigo, que pôde nesta replica um travo de bonhomia e de cordial entusiasmo — o silencio imposto cansa, não é verdade?—é precisamente o espinho ductil que, sarrateiro e malicioso, mas provocante, as primeiras linhas do seu artigo se insinua. Tem elegancia, o maldito. Lembra aquele verso do poeta brazileiro, dos «Sonetos e Rimas»:

Aspide oculta em calic de violeta.

Ora oiça:—quando v. diz: «Esse previlegio que lhe foi conferido (á D. Branca de Gonta Colaço) e que a tantos outros é negado, » v. é vitima de um erro de precipitada informação, ou de um lapso de memoria, e o nosso erro ou nesse lapso, que não creio propositado, oh! não, que o diabo do espinho ductil começa a insinuar-se e a pretender ferir... apenas a epiderme, claro, donde não pode jorrar o sangue de uma agressão — por inexistente.

E quer v. saber quantos outros escritores, desde que exerço as combativas, exaustivas funções de Comissario do Governo, teem gosado de igual previlegio? Vá contando-os. Cito de cór. João Correia de Oliveira (os Lobos), Alfredo Cortez (Zilda), Sousa Costa (Frei Satanaz), Lourenço Cayola (A Derrocada) e Humberto de Luna, Samuel Rita o Norberto de Araujo, estes trez ultimos ainda esperando a hora das suas iniciações, para as quais, já dei tambem parecer fundamentado. Mas, obtemperará v. que a excepção vai sendo a regra geral, de forma que este outro aspecto da questão é, por sua vez, ofensivo da lei. Eu explico: — (e minha paciencia é sem limite, ou não fosse Santos). Sempre que a peça apresentada, peça original, entende-se, tem, além de qualidades presentidas ou expressas, a firma de um nome de artista isso me basta para, em consciencia, lhes poder abrir os braços. Claro que ha peças recusadas, filiando-se essa recusa no disposto no artigo 31. São aquelas que tanto no Administrador como ao Comissario do Governo se apresentam como tentativas timidas, de geito mal incerto ou de uma pobreza d'arte franciscana. E sobre v. sabe, meu caro Alvaro Lima que—e deixe falar quem fala—se mais originais portuguezes viessem surgissem no Teatro Nacional, mais se representariam, só bem que não haja um unico autor de peça apresentada que a não julgue uma obra de arte perfeita e indiscutivel.

E, para que me não acuse de palrador impenitente, envio-lhe com um abraço, agradecimentos pela publicação desta carta no jornal.

Lisboa, 29-5-22.

SANTOS TAVARES

A sinceridade com que procuro escrever sempre os meus pobres artigos, escassez do tempo para os poder fazer convenientemente — e Santos Tavares conhece bem a vida do jornal — não permite, por vezes, que eles sejam susceptiveis de quaisquer emendas, de forma não a transformá-los na sua essencia, mas a precisá-los melhor e mais claramente no que pretendo escrever. E assim é que não desconhecendo que o artigo 31.° do decreto que presentemente rege a Teatro Nacional, constitue quasi regra geral para a admissão das peças a representar no teatro do Estado — e não cabe, nesta replica, o comentario a fazer a tal facto — o Santos Tavares vem, felizmente, proporcionar-me o ensejo de, mais fielmente, traduzir a expressão do meu sentir. Livre de mim a ideia de que não tivesse havido da parte do Comissario um parecer fundamentado! Conheço, de sobejo, muitos dos trabalhos organizados pelo fiscal do Governo, que me habilitam a, sem sombra de lisonja, avaliar da inteligencia, do desassombro e da honestidade com que Santos Tavares, cumprindo os deveres do seu espinhoso cargo, consegue levar aquela cruz ao Calvario. O que me mereceram maiores reparos — e me fez citar, como uma excepção, a estreia, como autora dramatica, da ex.ma sr.a D. Branca de Gonta Colaço, foi a exuberancia da *mise-en-scene*, a riqueza de scenario e guarda-roupa, que representam um dispendio que não é vulgar, a que o publico não está habituado e que demonstra, em meu criterio, uma excepção da gerencia do Nacional em favor da sr.a D. Branca de Gonta Colaço. E, felizmente, que, segundo me informam, a peça sofreu mutilações de varios quadros, pois, de contrario, não seria facil avaliar a quanto subiria tal montagem.

Argumentar-me-ha o meu caro Santos Tavares que eu nada tenho que ver com isso e que, por sua vez e com uma grande propriedade, foram montadas as peças *Os Lobos* e a *Zilda*, visto que as outras que se citam não foram valorizadas pela *mise-en-scene*.

E' certo, mas eu suponho, com aquela sinceridade que toca, por vezes, as raias da irreverencia, que, embora filiadas num genero de teatro, absolutamente oposto, qualquer das peças aima referidas eram bem mais credoras do *ad referendum* das entidades que superintendem no Teatro Nacional Almeida Garrett. As proprias razões citadas por si, meu caro Santos Tavares, são de uma inconsistencia tão frouxa, que não revolam mais do que a sua extremada benevolencia e os primores da sua boa educação. Porque, de duas, uma, ou a peça da sr.a D. Branca de Gouta merecia uma completa aprovação pelo seu real valor, sem entrar na sua apreciação detalhada que nos poderia levar até ao ponto de — embora simbolicamente — ouvirmos apregoar no palco do Nacional que o *Presente* anda ligado á *Desorientação*, ou o seu valor, por relativo deveria ser relegado a um segundo plano, observando-se ainda o preceituado no artigo 39.° da lei que rege o nosso primeiro teatro de declamação.

E, para finalizar, permita, meu caro Santos Tavares, que eu sinceramente me felicite por dois motivos: o primeiro, o ter-lhe merecido atenção especial o meu artigo, proporcionando-me o enorme prazer de o ler, o que, tão raramente sucede; segundo, o ter feito justiça á sinceridade dos meus escritos, que outro fim não tem que o de procurar exercer com dignidade os encargos que me confiam.

ALVARO LIMA

Cartaz do dia

Teatro de declamação

NACIONAL—Ás 9—O Auto dos Faroleiros» e «Cavalgada das Nuvens».

POLITEAMA—Ás 9,30—«Kapigoma» — «As danações de Fausto ou Uma cadeira a voar».

Teatro musicado

S. LUIZ—Ás 9—1.° e 3.° actos da opereta «A Leiteira de Entre Arroios», um acto de variedades e «Homenagem a Correia».

APOLO—Ás 9,15—«Belo Sexo».

EDEN TEATRO — Ás 9— Companhia espanhola—«El Duo de la Africana, E Pobre Valbuena e La Revoltosa».

CHIADO TERRASSE—Ás 9,30 e 10,30—«Tiro ao Alvo».

SALAO FOZ—Ás 8,30 e 10,30—«Piparotes».

Animatografos

OLIMPIA—Rua dos Condes

CINEMA CONDES—Avenida da Liberdade

SALAO CENTRAL—Praça dos Restauradores.

A EMBRULHADA CHINEZA

Os generais chinezes fazem tropelias de toda a especie abrindo o fogo contra as forças internacionais

HONG KONG, 30 — Teem havido violentos combates entre o exercito de Sun Yat Sen e as tropas da provincia de Kiangsi que retiram na direcção de Nanking.

As tropas do general Chang fizeram fogo sobre uns soldados das forças internacionais mas foram logo apresentadas desculpas quando o oficial americano que as comandava apresentou o seu protesto no quartel general chinez.—(R.)

A NOSSA PRIMEIRA RECAPITULAÇÃO

2.ª Edição

Os oficiais envolvidos na rêde das leis 1040 e 1244

(Campanha de "A Capital")

Apresentam-se nesta edição popular os casos extravagantes que "A Capital" tem notificado diariamente ao publico e que transformaram a chamada depuração do Exercito numa serie de inepcias proprias do Grão-ducado de Gerolstein

Capitão José Eugenio Ribeiro de Almeida. Este oficial encontrava-se em diligencia no Porto, comandando uma companhia. Proclamou-se a monarquia e recebeu ordem de se incorporar na coluna que marchou para o sul. Tomou parte no combate de Angeja. Reimplantada a Republica foi preso e demitido pelo então ministro da guerra sr. Helder Ribeiro. Entrou para a Penitenciaria de Lisboa, como civil, respondendo nessa qualidade em conselho de guerra (sendo absolvido «por unanimidade». O sr. Helder Ribeiro, o ministro que o havia demitido, reintegrou-o no Exercito, punido porem com 3 mezes de inatividade que cumpriu em Elvas. Já meio doido provavelmente, este oficial era positivamente uma bola neste tumultuar de decisões. E não ficou por aqui o desfilar perpetuo de situações diversas. Em virtude da lei 1040, publicada «dois anos depois», este oficial era demitido, depois das suas prisões no Porto e na Penitenciaria, dos seus oito mezes de Elvas, depois de sua absolvição maxima, depois de todo este fadario do Judeu Errante. Poderia supor-se que a coisa ficava por aqui. Mas não. Surge a emenda, nasce a lei 1244, e o capitão Ribeiro de Almeida é reformado!

O capitão da A. M. Eduardo Napoleão Soares de Moura e Castro. Este oficial estava na Povoa do Varzim onde era tambem professor oficial. Nesta dupla qualidade fez «duas declarações por escritos, reconhecendo duplamente a monarquia. Essas declarações estão juntas ao seu processo disciplinar. Nada sofreu. E é hoje de toda a nossa confiança...

Antonio Pinto, alferes de infantaria. Aceitou a monarquia fazendo para isso a declaração por escrito e aos Santos Evangelhos. Coadjuvou como ajudante do regimento todo o serviço regimental naquele periodo anormal, trabalhando para que tudo andasse como «um relogio» e não houvesse a menor hesitação no cumprimento de todas as ordens. Num dos dias de efemera monarquia em Penafiel, os srs. Fernando e Manuel Guedes, grandes proprietarios daquela cidade, deram na sua casa da Avelada uma festa noturna comemorando aquele movimento. O alferes Pinto não faltou a ela, tendo no brinde que fez esta bela imagem: «a minha espada só se desembainhará para o serviço de S. M. El-Rei e pela monarquia». Veiu a Republica e a «transformação» foi rapida... «Rapa» dum braçal verde o encarnado enfia-o no braço, e declara-se membro do comité revolucionario!!! Foi louvado em ordem regimental «pelo auxilio que prestou no lugar de ajudante do regimento para a reimplantação da Republica fazendo parte do comité revolucionario, tendo sido um dos melhores auxiliares com a sua lealdade, no que mostrou muita dedicação pela Republica». «Nota elucidativa: Em Penafiel só houve comité revolucionario depois da reimplantação da Republica!... O «Jornal de Penafiel» orgão do partido democratico daquela cidade, publicou então uma noticia afirmando que aquele oficial tinha praticado «tudo aquilo» como «espião», e pelo seu grande amor á Republica!!! Este truc foi largamente explorado na defesa de muitos oficiais comprometidos, truc que nos «bonitos meninos» bons resultados produziu... Este oficial é hoje tenente e continua como ajudante do regimento de infantaria 32. Este sim, este é que é dos nossos...

Capitães de infantaria Pedro de Andrade de Piçarra e Gouveia e Jaime Rodolfo Novais e Silva. Pertenciam ambos estes oficiais á Guarda Republicana do Porto tomando ambos parte na proclamação da monarquia. Continuaram na Guarda, então «Guarda Real» com «corôa e tudo» nos bonets. Os seus autos foram arquivados! São de confiança porque o primeiro faz serviço actualmente no ministerio da guerra e o segundo encontra-se arregimentado na Figueira da Foz.

Fernão Conceiro da Costa, alferes de cavalaria ao tempo dos acontecimentos do Norte, hoje tenente. Este oficial fez parte da coluna do tenente-coronel Corte Real Machado que se bateu no sul com as tropas republicanas em varios combates. Não teve o menor castigo. Este oficial é sobrinho do nosso ministro sr. Conceiro da Costa.

Manuel Joaquim Camelo major reformado do exercito colonial. Este oficial jurou «por escrito» e aos Santos Evangelhos aderir á monarquia, o que realmente fez de alma e coração... Andou de corôa no bonet e não foram poucas as que ofereceu aos seus camaradas... para eles não gastarem dinheiro... Tomou parte em todas as manifestações oficiais e particulares que se fizeram em Penafiel assistindo ás exequias de D. Carlos e de D. Luiz Filipe, no dia 1 de Fevereiro, ajudando a missa «fardado», como sacristão... Nada sofreu. Teve bons padrinhos nos mandões da terra, o que lhe não levamos a mal, tendo como recompensa dos serviços prestados o ser nomeado para a Taxa militar no distrito de recrutamento 32, lugar que actualmente exerce a contento de todos...

Alferes da A. M. Antonio Vaz de Almeida. Este oficial depois da reimplantação da Republica no norte esteve preso 125 dias, punido depois com três mezes de inactividade, e agora pela lei 1244 foi reformado! O seu comandante Joaquim da Silva Geraldo, major da Administração Militar, comandavá o 3.º grupo da Companhia de Administração Militar na Povoa do Varzim. Deu todas as ordens de serviço ao alferes, que apenas as cumpriu. Pois o alferes «apanhou» e «apanha tudo», e o comandante «que é dos nossos», nada sofreu sendo nomeado «como recompensa» inspector dos Serviços Administrativos da 4.a Divisão. Passado um ano requereu a reforma, gosando actualmente os prazeres do descanso e da tranquilidade bem adquirida... Não o censuramos por isso.

Capitão, hoje major, Fernando Pedro Alfalo de Chelmicki da Administração Militar. Este oficial era capitão, e no Porto durante o tempo em que ali esteve a monarquia, fez, por conta da Junta Governativa, compra e distribuição de fardamento para as tropas, organisou comboios de viveres destinados ás colunas que combatiam as forças republicanas. Nada sofreu!/ Foi louvado por ordem da 3.a Divisão!!! E está actualmente em Lisboa na 2.a Repartição do Ministerio da Guerra!

Alferes Joaquim da Fonseca Patacas, da Administração Militar. Era o ajudante do major Chelmicki, coadjuvando-o portanto em todos os serviços de que aquele oficial foi encarregado. Nada sofreu como aconteceu ao seu hierarquico superior!

Tenente coronel de Infantaria Acacio Mongo de Abreu. Este oficial estava no Estado Maior e em virtude da ordem da Junta Governativa fez a sua declaração de acatamento ao novo estado de coisas, como de resto o fizeram centenas de individuos. A sua declaração «foi o unico delicto cometido» mas como não fez desaparecer mais tarde a sua declaração, «como tantos outros o fizeram», foi punido com 4 mezes de inactividade e pela lei 1244 foi reformado!

O alferes de infantaria Carlos Manuel Teixeira Malheiro, chegado á França e passados uns meses, sem que tivesse ao menos ouvido o troar do canhão, por não ter passado da Base, é reformado: Regressa a Portugal, e em virtude duma nova lei do paiz, (1917-1918), vai á junta medica e volta ao serviço activo. Quando se proclamou a monarquia no norte, aderiu a ela «com todas as véras da sua alma», num acatamento «por escrito e aos Santos Evangelhos», pelo que lhe é levantado o respectivo processo disciplinar. Qual foi a recompensa que o sr. ministro da guerra de então, lhe deu pelos seus relevantes serviços á Patria, á Republica, á Monarquia e novamente á Republica? Mandou-lhe arquivar o processo, encontra-se actualmente ao serviço, e nada sofreu! Este é dos nossos... e sempre nossos...

O tenente d'infantaria João Herminio Barbosa, tem 24 anos de serviços prestados na Africa e toda a campanha da França, pelos quais lhe resultou ser «apenas» condecorado: «Torre Espada do Valor, Lealdade e Merito (oficial)—Duas cruzes de guerra — Medalha de bons serviços—Medalha da Victoria—Medalha de prata de exemplar comportamento—Medalha comemorativa das Campanhas—Medalha 9 de abril—Distintivo do valor militar, e uma serie de louvores, um dos quais por ter praticado em Campanha, actos de que resultaram beneficios para a «Patria e Humanidade». Este oficial, como na quasi totalidade os que se encontravam no norte a quando dos acontecimentos politicos monarquicos de 1919, viram-se envolvidos nesses acontecimentos, sem os terem aconselhado ou fomentado, mas coagidos pela força das circunstancias a acatarem, e cumprirem as ordens superiores que recebiam, por se encontrarem arregimentados. Como a todos sucedeu, pelo mesmo delicto politico, e em face da legislação «ultra novissima», foi lhe levantado um auto de corpo de delicto, e um processo disciplinar, isto é, «duas redes», para que «o peixe» não podesse escapar... Em virtude do auto respondeu em conselho de guerra e ficou absolvido «por unanimidade».

Vamos á outra rede: processo disciplinar. Qual a recompensa dos serviços por este oficial prestados? Foi pelo ministro da Guerra de então «na rede que lhe restava», punido com a pena de uns mezes de inatividade. Este oficial, cumprida a penalidade, volta ao serviço, o qual prestou com boas informações; mas vem a celebre lei 1040, lança o para o Estado Maior da arma ha perto de 2 anos, cerceando os vencimentos a quem tem a seu cargo mulher e 9 filhos, o que motivou ser lhe concedido, enquanto esteve na inactividade, a pensão da Torre e Espada com que é condecorado. Depois de 2 anos numa situação de incertezas e mal definida, aparece lhe agora a «emenda pior que o soneto» da lei 1244 que o reforma, por não ter sido, como tantos outros, «persona grata», e os serviços prestados não serem de natures politica! Este... não é dos nossos...

Major de infanteria Afonso Henriques Barbeitos Pinio. Este oficial, durante a monarquia comandou o regimento de infanteria 9, assumindo o comando militar de Lamego. Assistiu ás exequias por alma de D. Carlos e principe D. Luiz Filipe; forneceu forças e dirigiu combates contra as forças republicanas; perseguiu sargentos e musicos mandando-os presos para a casa de reclusão do Porto, «por serem republicanos». Devido a grandes influencias politicas não foi punido e hoje comanda um batalhão isolado em Barcelos. E' de confiança.

Alferes de infanteria Francisco Cardoso e Silva. Este oficial não é dos protegidos, foi punido com quatro mezes de enatividade e foi reformado em virtude da lei 1244. A falta cometida foi ter em 28 de Janeiro de 1919, tomado parte numa formatura dum batalhão que prestou honras á bandeira monarquica. Este oficial «provou» que foi nomeado em virtude da ordem regimental, cuja copia juntou ao processo, e em que se vê, «pela redacção dessa mesma ordem», que a formatura não era para aquele fim, sabendo-se extra-oficialmente que era para uma revista de fardamento. Sete oficiais que tomaram parte nessa formatura não foram punidos!

O chefe de musica Antonio Romano, de infantaria 13, foi punido com trez mezes de inactividade e foi agora reformado pela lei 1244. Cometeu o «crime» de «por ordem superior» mandar tocar á banda regimental o hino da Carta na ocasião em que se prestava as honras á bandeira monarquica.

Chefe de musica Augusto Guerreiro Alves. Era do regimento de infantaria 32, praticou egual «crime» com a agravante de «por sua livre vontade» incorporar-se numa manifestação monarquica que percorreu as ruas de Penafiel com vivório e foguetório! «Foi-lhe arquivado o processo por falta de fundamento!!!». Fez-se revolucionario quando se implantou a Republica e conseguiu ser louvado em «Ordem regimental por ter prestado serviços á Republica!!!»

Alferes da Administração Militar Antonio Seixas Alves Pires. Tinha regressado de França de licença este oficial, tendo lhe sido ordenado ir fazer serviço no 3.º Grupo de Administração Militar na Povoa do Varzim. Passados dias após a proclamação da monarquia no norte, foi-lhe passada guia de marcha para se apresentar no comando da 3.a Divisão. Cumpriu a ordem do seu legitimo superior e a Divisão mandou o apresentar na Inspecção dos Serviços Administrativos afim de fazer o serviço de processos. Passados dias ordenaram lhe que acompanhasse um comboio com generos da estação das Devezas para a de Estarreja. Por somente cumprir ordens como oficial disciplinado que sempre foi, esteve preso 90 dias. Foi punido com 6 meses de inactividade e agora pela lei 1244 foi reformado! Tambem não é dos nossos...

Manuel Leal de Magalhães tenente coronel de infantaria. Era este oficial 2.º comandante de infantaria 29. Veiu a monarquia e continuou o serviço aderindo a ela. Andou de corôa no bonet, convocou as classes licenceadas paraque não faltassem homens para defender as novas instituições. Determinou aos seus subordinados a entrega da declaração de acatamento á causa monarquica como se prova pela nota que se enviou ao tenente do seu regimento João Herminio Barbosa «que está assinada pelo seu proprio punho» e se encontra junto ao auto que se levantou a este oficial para ele poder provar que não cumpriu tal ordem apesar de a ter recebido «por escrito» para o fazer. Foi, emfim, um bom auxiliar... Como recompensa foi nomeado comandante da Guarda Republicana em seguida ao 13 de fevereiro, Apostamos que ninguem põe em duvida o seu republicanismo desde menino e moço...

Joaquim Jacinto Figueiras tenente chefe de musica. Era chefe de banda da Guarda Republicana no Porto ao tempo de Paiva Conceiro. O «seu crime» foi cumprir as ordens do seu comandante continuando a reger a banda. Este «terrivel» desacato foi punido com tres meses de inactividade e foi agora reformado!

Eugenio Ivo de Parada e Silva Leitão capitão de infantaria. Ao proclamar se a monarquia aderiu a ela fazendo a declaração «por escrito» ao novo regimen, declaração que está junta ao seu processo e irrefragavelmente clara. Em seguida á reimplantação da Republica conseguiu «arrancar» o seguinte louvor em ordem regimental:—«Louvado pela sua dedicação á Republica e espirito de sacrificio de que deu provas, pedindo a sua demissão de oficial do exercito logo em seguida á restauração da monarquia e como não lhe fosse aceite declarou que não assumia o comando de tropas contra forças republicanas, começando desde então a organisar elementos republicanos para derrubar a monarquia, tendo sido aclamado comandante do regimento a seguir ao movimento revolucionario de 13 de fevereiro».—Nota elucidativa: Nunca pediu a sua demissão de oficial porque não apareceu tal declaração como se prova pelas declarações dos seus camaradas, não comandou forças porque lhe não pertenceu, visto o comandante com o maximo escrupulo só ter feito nomeações «por escala» sem indagar se o nomeado era monarquico ou republicano, ninguem soube até hoje que elementos organisou para derrubar a monarquia, ninguem o aclamou comandante do regimento de infantaria 32, ele é que se aclamou, bem assim o tenente coronel Manuel Mesquita Monteiro que chegou a mandar um telegrama para a divisão nesse sentido não tendo nem um nem outro assumido esse comando por serem demasiadamente «forta cores»... O resto do louvor... está certo... Pois está hoje na Guarda Fiscal é de confiança, e podem contar com ele para tudo... e mais alguma coisa...

O major reformado Antonio José Pires Moreira fazia serviço na companhia de saude no Porto, quando da proclamação da monarquia. Não se salientou em coisa alguma, aderindo ás novas instituições «como todos». Foi punido com 9 mezes de inactividade, esteve preso no Porto 123 dias, e agora pela lei 1244 são-lhe cerceados os vencimentos de oficial reformado.

O chefe do precedente tenente coronel medico Antonio da Cunha Prelada que dava as ordens mas que soube «jogar de porta», tendo um pé na Republica e outro na monarquia nada sofreu. Diz ele que o mundo não se fez para os tolos... E' hoje sub-chefe dos serviços de saude da 3.ª Divisão do Exercito.

Alfredo Augusto Ribeiro da Fonseca, capitão de reserva. Este oficial ao ser proclamada a monarquia no Porto apresentou-se á Paiva Conceiro e apesar de revolucionario de 5 de outubro deu-se como perseguido pela Republica e preterido na promoção pelo que foi mandado apresentar em infantaria 18 «pondo os galões de major»! Magnifico! Ao voltar da Republica «tirou os galões de major» e com este «tira» e com este «põe», conseguiu atestados que lhe fizeram «arquivar» o processo continuando no serviço efectivo. Reformou-se voluntariamente tempos depois...

Antonio Ribeiro da Silva, alferes de infantaria. Este oficial encontrava-se de licença de campanha em Penafiel. Regressára de França bastante doente e gazeado. Recebeu ordem de se apresentar no regimento sendo nomeado subalterno duma companhia que marchou para Vila Real. Foi punido com os seguintes castigos: 1.º 6 meses de inactividade; 2.º 1 mez de prisão correcional; 3.º tendo-lhe sido aplicada a lei 1040, por ter estado na guerra, «foi simplesmente» reformado, porque «se não tivesse tido a sorte» de ter estado em França «era simplesmente demitido»; 4.º com a lei 1244 são-lhe cerceados os vencimentos que tinha como reformado, porque aquela lei, para ainda a tornar mais odiosa, diz que não é aplicado aos oficiais reformados em virtude da lei 1040, o disposto na lei 1039! O seu antigo comandante do regimento, tenente-coronel Alexandre Carneiro Pinto, que não esteve em França, foi-lhe arquivado o auto disciplinar, punido com trez meses de prisão correcional, e agora reformado. Este oficial proclamou a monarquia com toda a solenidade no quartel, assistiu a festas, deu ordens oficiais, fez sair todas as forças requisitadas, etc.; etc. O seu comandante de divisão, coronel Henrique Batista da Silva que deu ordens para toda a divisão, durante algum tempo em que a monarquia esteve no norte, e que não esteve na França, foi punido sómente com a reforma! O pobre do subalterno que apenas cumpriu ordens apanhou «a metralha toda». O comandante do regimento que «o nomeou», e o comandante da divisão que «requisitou a força», e que eram protegidos tiveram penas muito menores.

Alferes Joaquim Ferreira da Silva, de infantaria 20, fez parte como subalterno, duma companhia que combateu contra as forças republicanas. Esteve algum tempo preso, mas como «teve bons padrinhos», foi tudo «abafado» e nada sofreu continuando a fazer serviço no seu regimento e com certeza que «é de confiança!». Este oficial é miliciano e todos os outros seus camaradas milicianos que cometeram faltas muito menores foram «todos demetidos» em virtude da lei 1244.

Inacio Chumbo, tenente de infantaria. Era este oficial da guarnição do Porto quando ali foi proclamada a monarquia, combateu em Estarreja contra as tropas republicanas. Reimplantada a Republica nomeou-se a si proprio comandante de infantaria 6 publicando uma ordem regimental proclamando a Republica! Foi-lhe levantado um processo que «foi mandado arquivar» encontrando-se actualmente este oficial arregimentado em Tomar. E é de confiança!

Alferes Alfredo Temudo Corte Real e Domingos Martins Romão. Estes oficiais eram ambos de infantaria 32 quando ali se proclamou a monarquia. O primeiro fez parte da «Juntinha». Aderiram ao «novo sol que aparecia para nos salvar» segundo a opinião do primeiro... Assistiram a todas as festanças oficiais e extra-oficiais que se faziam em Penafiel todos os dias. Fizeram a declaração «por escrito» de acatamento á monarquia e passagem ao quadro permanente, visto serem milicianos, que esta declaração envolvia. Quando se reimplantou a Republica «armaram» em revolucionarios, e como naturalmente provaram ter sido republicanos desde nascença, nada sofreram! São ambos oficiais milicianos. O primeiro está em Lisboa, o segundo no Porto, em infantaria 6, e pela lei 1244 «todos» os milicianos com muitissimo menos responsabilidades que estes oficiais, foram demitidos.

Joaquim Jeronimo Cordeiro de Brito Faria, capitão, hoje major de infantaria. Este oficial estava no Porto quando se proclamou a monarquia. Aderiu a ela, «andou de corôa real no bonet», prestou os seus serviços no quartel general da 3.ª divisão com o coronel Accioli, hoje demitido para que tudo «corresse bem...» Nada sofreu... Teve bons padrinhos...

Agostinho Alves, tenente da A. M. Encontrava-se arregimentado na Povoa de Varzim. O seu regimento, pela voz do seu comandante, major Silva Geraldo e por ordens «escritas e verbais» deste senhor emanadas, aderiu á monarquia. O tenente foi punido com 3 mezes de inactividade que cumpriu em Elvas, e agora pela lei 1244 foi reformado! O comandante nada sofreu! E' de confiança.

Capitão de infanteria Antonio da Cruz Junior. Este oficial estava arregimentado em infantaria 32 quando a cidade soube da proclamação da monarquia no Porto e a ela aderiu tambem. O comandante de infantaria 32 proclamou então a monarquia das janelas do quartel, mandou convocar as reservas, desembestou com tremendo aparato belico, bandeiras, hinos, toda a lira e harpa completa. Passados porem 19 dias, ou por estar mal de saude ou por outro motivo que de facto não vem a talho da fouce, este comandante deu parte de doente. E o oficial mais antigo, o capitão Cruz Junior, assumiu o comando, agarrou se desesperadamente ao telegrafo, preveniu do facto a 3.ª divisão de que dependia, reclamando novo coronel, novo comandante. E de facto horas depois aparecia vindo do Porto, uma outra vitima, que estando de licença de campanha, tinha sido intimada a recolher ao regimento depois de uns dias de demora, que a custo conseguira, e que, por ser mais graduado teve de assumir o comando interino. O primitivo comandante tenente-coronel Alexandre Carneiro Pinto, o que proclamou o que convocou, o que acedeu, o que se conformou logo, viu arquivado o seu processo disciplinar e nem pena disciplinar lhe aplicaram. O capitão Cruz Junior que, pela força das circunstancias e obedecendo a uma disposição militar teve de contra-vontade, comandar o regimento durante horas apenas foi punido com 3 meses de inactividade! E agora pela lei 1244 foi reformado! Este oficial combateu em Africa contra os alemães de quem esteve prisioneiro. Bonita paga de serviços á Patria!

A lei que se publicou apoz a reimplantação da Republica no norte, dava atribuições ao ministro da Guerra para aplicar os seguintes castigos: Inatividade Reforma, Separação do serviço e Demissão. Entre outras anomalias deu-se a seguinte: O coronel Henrique Batista da Silva foi comandante da 3.ª divisão durante algum tempo em que esteve implantada a monarquia no norte. Foi punido com a «reforma». Entendeu o ministro da Guerra que a sua falta mereceu a «segunda penalidade». O major medico Antero Augusto Ferreira de Magalhães, cuja falta foi continuar a prestar os serviços clinicos sem se preocupar com monarquia ou republica, foi punido com 3 meses de inatividade, «primeira penalidade». Vem a lei 1244 que não atinge o coronel Batista, mas atinge o seu subordinado major Magalhães, «reformando-o!». O oficial que cometeu menor falta, na opinião do ministro da Guerra que estudou os processos, «é punido duas vezes», o que cometeu maior falta, tendo exercido um logar de destaque, na opinião do mesmo ministro, «é punido uma vez!»

Capitão de infantaria 8 Francisco Lopes. Este oficial comandou uma companhia composta de praças dos regimentos de infantaria 8 e 29 que saindo de Braga foi para Caminha e Viana do Castelo, guarnecer o litoral desde Espozende a Povoa de Varzim, afim de evitar o desembarque das forças republicanas. Não teve castigo algum. E' tambem «dos nossos...»

Tenente de infantaria 3, Guilherme da Purificação Mendes. Marchou com uma companhia de Viana do Castelo para Estarreja onde combateu contra as forças republicanas. Tambem não sofreu castigo algum. E' sustentaculo... dos velha a nós...

O major Manuel de Oliveira Serrano do quadro auxiliar, estava em Penafiel quando se proclamou a monarquia. Fez a declaração da adesão, tomou parte no cortejo que percorreu as ruas da cidade com vivorio e foguetorio! Embandeirou as janelas da sua casa com bandeiras só azues e brancas. Iluminou-se com lampadas azues e brancas. Arranjou atestados dos democraticos da terra, em como era antigo e bom republicano... Nada sofreu e a Republica pode certamente contar com ele... e bem assim a monarquia se cá voltar...

Manuel Silvestre Vilhena, coronel de infantaria. Encontrava-se em Penafiel no Estado Maior. Fez a declaração por escrito de adesão á monarquia. Engalanou as janelas da sua casa com bandeiras azues e brancas, e iluminou-as com profusão de luzes. Nada sofreu por ser amigo dos democraticos da terra, que muito lhe deviam, quando foi presidente das juntas de inspeção. Foi arvorado em oficial sindicante, e devido a ele muitos oficiais foram presos e condenados...

José Antonio de Oliveira Bastos, alferes de infantaria. Comandou forças que sairam de Barcelos para a Regoa e daqui para Lamego para combater tropas republicanas. Tambem não sofreu castigo algum. «E' dos nossos...»

José Alves de Sousa Cardoso, tenente coronel do quadro de reserva. Entrou no quartel de cavalria 9, a cujo efectivo ainda pertencia, na ocasião em que o clarim tocava a selar, e perguntando o que havia responderam-lhe que se tratava duma formatura para a recepção do ministro da Guerra. Embora estranhasse a alteração, entrou no quartel onde encontrou já montada a força disponivel do regimento e arreado o seu cavalo. Quando se preparava para montar foi chamado á secretaria e ahi informado de que estava restaurada a monarquia em Lisboa, Santarem, Coimbra, Vizeu e outras cidades, devendo por determinação superior confirmar-se o referido acto em parada-geral no Monte Pedral, para o qual convergia naquele momento toda a guarnição do Porto. Seguiu, pois, para o local indicado persuadido de que procedia correctamente e com a sua habitual subordinação, assistindo pacificamente (sem exercer quais funções) á cerimonia que se celebrava e da qual pouco ou nada percebia devido á grande distancia a que se encontrava do ponto principal. Por esta naturalissima manifestação de obediencia, foi preso demitido, separado do serviço com 50 0/0 de vencimento, preso novamente, submetido a conselho de guerra e punido por este (apesar de nenhuma testemunha o acusar) com 5 mezes de prisão correcional, demitido segunda vez pela famosa lei 1040.

Antonio Fernandes, era capitão do Secretariado Militar, chefe da 1.ª repartição do quartel general da 3.ª divisão. Quando foi proclamada a monarquia exercia aquele logar, continuando a executal-o a contento da junta governativa que nele tinha absoluta confiança. Em nada foi incomodado, dizendo-se abertamente que assim aconteceu por ter tido a sorte de ter um filho, segundo sargento, que estava filiado no revolucionario Grupo da Nau Catrineta do Norte. Olha se não fosse... não teriamos a lamentar mais uma victima das leis 1040 e 1244? Felizmente que tal não aconteceu, e aquele oficial é hoje major.

Zeferino Antonio Monteiro Falcão, tenente-coronel da Administração Militar. Como o seu camarada anterior, este oficial fazia serviço no quartel general da 3.ª divisão como chefe dos serviços administrativos. Proclamada a monarquia aderiu a ela, continuando a exercer o mesmo logar, não tendo havido a menor alteração nos serviços correndo tudo na melhor ordem, merecendo rasgados elogios do Paiva Conceiro. Reimplantada a Republica foi-lhe levantado um auto, que em nada o incomodou, porque continuou a exercer o mesmo logar, auto que por fim foi mandado arquivar! Este oficial, reformou-se depois, gosando o descanço em Chaves, sua terra natal.

Alferes Veiga Cabral da A. M. Este oficial foi director da sucursal da Manutenção Militar no Porto, quando da monarquia. Era o que dirigia todos os serviços no Saboral, fornecendo o pão para as tropas monarquicas. Nada sofreu! Este é dos nossos...

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

Uma recita do "Roberto do Diabo"

por JULIO CESAR MACHADO

—Que meio ha-de tira-la dos seus braços? dize!

—Apenas um se oferece á tua vingança! responde Bertran com entono sinistro.

—Venha lá esse! diz Roberto.

—Fazo ajuste comigo de seres dos nossos, e vamos já daqui ao tabelião, porque ha u[m] correr e viver, e não conheço coisa melhor do que o preto no branco!

—Com tanto que eu me vingue!

—Aceitas?

—Aceito.

—Vamos ao tabelião!

Vão para sair, ouvem-se canticos religiosos, que partem da egreja. Roberto pára, escuta, e demora-se, ao recordar-se de que era aquela a toada melancolica e singela, que ele ouvia na infancia, quando sua mãe rezava as orações da noite.

—Oh! Vai-te! diz Roberto, Vai-te, Bertran! Tu és o meu inimigo!

—Não digas despropositos! Ser teu inimigo, eu que, não gosto de ninguem senão de ti!

—Mas, quem és tu, Bertran?

—Quem sou eu! Pois não o adivinhas?! Não tens ouvido aquela canção da Normandia, que diz assim:

Nascêra na Normandia
Filho de Reis—, casta flor,
Bertha,—que a todos sorria,
Mas a nenhum tinha amor,—
De seu pae á corte um dia
Chega um fidalgo, que a mão
Da nobre princeza queria—
Ela,—pedra até então,—
Tornada agora mulher,
Dá-lhe inteiro o coração,
D'onde é que o fidalgo vinha?
Quem tanto poder lhe dera?
Dizem que do inferno o tinha!...
Que o proprio demonio era!!

D'esse fatal casamento
Maldito um filho nasceu;
«Roberto o Diabo»,—instrumento
Das iras todas do céo...
A alegria num momento
Troca em susto,—troca em dor;
Da choça ao palacio vae
E com falar seductor,
Rouba ao marido o so pae
Da esposa—e filha—o amor!
Oh castas pombas da terra,
Fugi,—fugi de Roberto,
Que o seu mal veneno encerra;
E dele o inferno está perto!

—E então!

—Então, Roberto és tu, e o diabo sou eu!

—Tu és o diabo! Está só pelo diabo! Que os diabos te levem!

—Imprudente! Sou o diabo, mas sou o principe a quem Berta amou!

—Então és meu pae!

—Sou teu pae!

—E's meu pae!...

—Percebes agora, filho das minhas entranhas,—não, enganei-me, isto era bom que fosse tua mãe que falasse—percebes agora, meu cavalheiro, a pressa que eu tenho de irmos lavrar a escriptura? A' meia noite, se não houvesses assentido a isto, perdia-te para sempre, a ti, meu filho! meu unico bem! Aqui tens este pedaço de pergaminho, e este punhal de fogo; assigna aqui o teu nome, e pódes ir passear para onde quizeres!

Quando o mancebo estende a mão, Alice tira do seio o testamento da mãe de Roberto, em que ele lê pelos seus proprios olhos:

A minha ternura, oh! filho,
Vela sobre ti do céo!
Foge da alma maldita
Que na terra me perdeu!

A lucta torna-se horrivel para Roberto: de um lado, o diabo cae-lhe aos pés; do outro, Alice mostra-lhe o céo. Ouve-se um trovão; é meia noite! Meia noite! A terra abre-se, Bertran desaparece. Roberto cae aos pés de Alice. Ao longe musica, cantos celestes e religiosos: a egreja de Palermo abre as suas portas: os fieis enchem o templo, a princeza está na capela-mór, de joelhos com toda a côrte; ao lado dela uma cadeira vaga, que é a de Roberto,—porque o rival com quem ele se bateu não era o principe de Granada, mas um enviado do inferno, a quem Bertran incumbira o duelo na esperança de salvar o filho, tanto o diabo sabe ser bom pae! E' inutil dizer que a instrumentação deste final tem o quer que seja, que dá idea de um dia de eleições em que Satanaz tentasse vencer Deus. Os instrumentos de latão berram como almas no purgatorio; as rabecas dizem coisas malditas: a orquestra dá o ultimo arranco deste drama do mal: as vozes dos anjos mal se ouvem, só o inferno é grande nesta opera, só o inferno é belo, só o inferno nos chama! Musica que faz mal á alma, como a traição de uma noiva. E' um mundo de idéas confusas; são gemidos em vez de suspiros: é o hino da fatalidade...

O homem pequenino aplaudiu com entusiasmo. Os seus olhos redondinhos e scintilantes flamejavam de alegria. A impressão que lhe produzia o «Roberto do Diabo» foi tal, que ele esqueceu-me no fim, e já ia a sair de braço dado com o sugeito que o acompanhava, quando eu, tocando-lhe levemente no hombro, lhe perguntei:

—Então, o segredo?

—Ah! O segredo! Pois bem, eu lh'o digo, mas veja bem se me perde! O heroe da historia... Ricardo...

—Que mais?

—Sou eu!

—O senhor.

—Eu proprio.

—Nesse caso, como é que me disse, ha pouco, haver sido fulminado pela colera do Eterno!?

—E fui; e sou, e ainda hei de ser mais. Se quizer saber tudo, procure-me amanhã. Que de particularidades posso contar-lhe! Que de mysterios, a que levarei o véo! Eu rasguei a alma no mundo, meu amigo; quando a gente se rasga num prego, trata de se coser; —quando se rasga no mundo, é a mesma coisa! ando a coser-me!

—Anda a coser-se?

—Anda a coser-me, sim! Aqui está o meu «adresse»: dê-me amanhã, o prazer de almoçar comigo; riremos muito! A vida humana é uma pantomima atroz. Não é o diabo que nos quer perder, é o mundo. Bertran, é a sociedade! Quando se acaba de assistir a uma recita desta opera, devia cada um ir para casa matar-se. E' verdade que o suicida é um desertor, e quem sabe se será condenado a completar o seu tempo em outro corpo?

Esta ultima idéa produziu-me uma impressão estranha. Ele apertou-me a mão e saiu. Na manhã seguinte fui procural-o, e estavam a metel-o numa sege quando eu cheguei; levavam-o para Rilhafoles. Estava doido desde a vespera!

FIM

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

N.º 4092-12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5 || LISBOA — Quarta-feira, 31 de Maio de 1922 || Telefone n. 2293—Endereço tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Boa, 71 — Preço 10 centavos

Perguntas insoluveis de toda a especie:

Quando terminará a imensa intriga politica levantada em redor dos acontecimentos de 19 de Outubro?

NAS COLONIAS

Até ao momento em que escrevemos, não temos conhecimento de quaisquer informações sobre o que se passou ou porventura se está passando ainda em Macau. O ministerio recebeu um laconico telegrama do Governador daquela nossa colonia, que vinha em viagem para Lisboa, a fim de gosar um periodo de licença, telegrama em que o sr. Correia da Silva declara que regressa ao seu posto em vista de se ter declarado uma gréve em Macau, o que, desde logo indica a alta gravidade dos acontecimentos desenrolados. E que realmente a situação se tornou grave, prova-o um telegrama da Agencia Havas, recebido de Hong Kong, em que se declara que a gréve tem um caracter anti-estrangeiro, tendo-se dado já um conflicto grave entre os chineses grevistas e as forças portuguesas, de que resultou a morte de um certo numero de discolos.

Não surpreendem estas noticias aqueles que embora superficialmente tem seguido a agitação que ha tempos se está desenhando em certos portos da China, com um caracter bolchevista. Ha dois ou tres meses, uma gréve de caracter pessimo rebentou em Hong Kong, entre os descarregadores maritimos, forçando á imobilidade de mais de tresentos navios nesse porto, que é um dos mais importantes do mundo. A gréve teve o carimbo bolchevista, distribuindo o partido comunista de Hong Kong manifestos em que aconselhava os trabalhadores, seus irmãos, a pôr o pé na garganta de todos os capitalistas. O movimento a custo foi dominado, havendo efusão de sangue, visto que se registaram mais de trinta vitimas. Nessa ocasião, os jornais de Hong Kong, e a propria imprensa de Macau, tiveram ensejo de acentuar que tais agitações eram fomentadas por agentes russos, com dinheiros dos «soviets», que pensam primeiro do que tudo bolchevisar o Oriente para depois se arremessarem, como uma nova horda de vandalos, sobre o ocidente europeu.

Sinais evidentes dessa tentativa gigantesca se encontram na indisciplina e na hostilidade que os chineses de Macau já ha tempos vem manifestando contra os portugueses, e se conjugarmos esse estado de espirito com a anarquia que já campeia por toda a China, onde trez exercitos se empenham, uns contra os outros, numa sangrenta guerra civil, chegaremos á conclusão de que é para temer que a gréve desencadeiada em Macau não seja apenas um incidente transitorio, mas sim corresponda a um tenebroso plano, de incalculaveis consequencias.

Todos estes factos justificam o interesse, diremos mesmo a anciedade com que são esperadas noticias de Macau. E essas noticias não chegam; faltam indispensaveis pormenores, e se, alguma coisa se sabe não é por intermedio das instancias oficiais que, todavia, deveriam estar habilitadas a conhecer com rapidez e segurança, o que se passa.

Está á frente do ministerio das Colonias o sr. Rodrigues Gaspar, cujas qualidades de energia e perseverança são conhecidas. E' de esperar que s. ex.ª dê providencias imediatas para que o paiz inteiro seja informado de tudo quanto se relacione a acontecimentos de tal magnitude. Nós não podemos estar aqui em condições de saber menos o que se passa nas nossas colonias do que o proprio estrangeiro. Dir-se-ia que já nada pertence a Portugal. Tanto parecem afastar-se cada vez mais de nós as colonias quando a época se caracterisa precisamente por uma aproximação cada vez mais estreita, em todos os paises que procuram tornar bem solida a homogeneidade nacional.

Não se sabe o que vai por Macau, onde talvez corra o sangue portuguez, assim como não se sabe em que condições se trata efectivamente de negociar o emprestimo de Moçambique. E' uma situação intoleravel, que não pode continuar. E nós temos esperança no patriotismo e na decisão do sr. ministro das Colonias que, para honra do paiz e prestigio da Republica, não pode deixar lavrar a suspeita de que o governo se encontra inteiramente alheiado dos mais importantes assuntos e das mais graves questões coloniais.

Um martirio de nova especie!

Alem de todos os martirios que nós, lisboetas, já estamos habituados a sofrer, surge agora mais um. Entendeu a Companhia do gaz e electricidade que havia de meter um cabo condutor de energia na rua da Barroca. Não tem o facto nada de extraordinario, antes revela uma iniciativa progressista, propria do seculo das luzes. Mas para este louvavel melhoramento, cortou a mesma companhia a corrente a dezenas de industrias que não podem laborar sem ela e que lamentavelmente se veem de braços cruzados sem maneira de poderem trabalhar.

Sucede alem disto que ante-ontem ardeu um dos cabos condutores na Praça Luiz de Camões, complicando ainda mais o problema e englobando «A Capital» no numero das vitimas. Esta reparação que em qualquer cidade civilisada demoraria no maximo duas horas, arrasta-se ha tres dias. Tres dias durante os quais nos tem quasi constantemente faltado a corrente para mover as nossas maquinas! O que temos por emquanto na Praça de Camões é um imenso acampamento com barracas, taboas, caldeiras de derreter asfalto e varios individuos tristonhos e pensativos que se dispõem a pensar na forma de concertar a coisa. E nós cá vamos estando parados arcando com um prejuizo que só podem conhecer aqueles que sabem quanta soma de esforço e de despesa demanda um jornal.

A rainha dos "Stadios,,

Lavou o estomago em Nova York

NOVA-YORK, 30—Miss Andrey Munson, conhecida em toda a America como rainha dos «Stadios» tentou suicidar-se tomando pastilhas de clorato. Foi-lhe feita a lavagem do estomago e está livre de perigo, ainda que muito abatida.

Recusa-se a declarar o que a levou a tomar tão desesperada resolução.—(Lat. Am.)—

A LEI 1244

anotada e comentada

Quem está bem deixe-se estar

Semião Nunes Victoria—alferes de infantaria. Estava este oficial; a quando dos acontecimentos do norte, na Guarda Republicana do Porto. Nessa qualidade esteve no Monte Pedral onde se proclamou a monarquia. A Guarda Republicana foi «oficialmente» crismada em guarda real, e como o ditado diz que quem está mal é que se muda, o nosso alferes não se encontrando mal lá ficou na guarda real. A monarquia «tranbulhou», e o alferes agarrado sempre ao ditado continuou a ficar, apesar da guarda real passar novamente a crismar-se em Guarda Republicana! Felizmente nada aconteceu a quem por tantas metamorfoses passou, e ninguem estranhará que o Regimen conte com ele, como um dos seus mais dilectos defensores . . .

As mirabolantes cousas da China

Um ex-imperador e uma primeira concubina dão que falar

LONDRES, 30—Dizem de Pekin que o ex-imperador Hsuan Tung vai casar brevemente e no mesmo dia com a neta do governador da provincia de Kirin que será a primeira mulher e com a filha de His Chon que foi ministro da monarquia deposta. Esta joven terá o titulo de primeira concubina, posição honorifica e de especial relevo na côrte chinesa que mantem no exilio toda a pragmatica dos tempos em que reinava.—(R.)

REPUBLICANOS PINTADOS...

O novo regimen do inquilinato

A proposta de lei do sr. ministro da Justiça é atentatoria da liberdade de comercio
Ela é inconstitucional e, mesmo convertida em lei, ninguem lhe deve obediencia

Ainda se não sabe, ao certo, o que pensam, colectivamente, os inquilinos dos predios urbanos ácêrca da proposta de lei do inquilinato perpretada contra êles pelo sr. ministro da Justiça, escorado por todo o Governo. Ainda nem ao menos se pronunciaram, em assembleia, os inquilinos de Lisboa. Dir-se-ia que tanto se lhes dá como se lhes deu. Pois deixemo-nos todos nós ficar nêsse *dolce far niente* de um comodismo inerte e não nos queixemos, mais tarde, se o fisco, de braço dado com o proprietario urbano, nos assaltar a casa, puzer os tarecos na rua e nos arrancar a pele e o osso que nos restam, depois de extraida a polpa carnuda pelo bisturi das propostas de finanças. Depois, é pagar e não bufar! Porque, se bufarmos, cae-nos em cima toda a força do Estado, apoiado na lei que deixámos aprovar, com estupida indiferença, e mimoseia-nos com o argumento contundente ou perfurante do sabre e do projectil.

Se não se conhece a opinião da multidão inquilina, sabe-se, com certeza, o que não pensam os senhorios. Eles não pensam o que dizem. Pensam o contrario. Na realidade, estão satisfeitos. Representam, porém, a comedia do descontentamento, para iludir a boa fé dos inquilinos. Dizem que a lei é má para que os habitantes dos seus predios a julguem boa. Que os inquilinos se deixem adormecer nesses cantos de manhosa sereia e verão depois quanto lhes custa a ingenuidade!

Nós já demonstramos isto: *pela proposta, os senhorios podem elevar ilimitadamente as actuais rendas, sem excepção.* E' preciso organizar a resistencia contra esta formidavel extorsão. *A Capital* cumpre o seu dever apontando o perigo. O resto não é comnosco.

Posto isto, continuemos a escalpelisar o monstro, que tem mais que se lhe diga e muito por onde se corte.

SUBLOCAÇÃO DOS ARRENDAMENTOS

A sublocação é proibida nos termos do artigo 7.º da proposta, que diz isto:

«Art. 7.º E' proibida a sublocação dos arrendamentos de predios anteriores a 28 de Setembro de 1917 (lei n.º 828), embora neles seja expressamente consentida, se houverem completado o tempo da sua duração expresso no contracto.

§ 1.º Os arrendamentos posteriores a essa data só podem sublocar-se quando no contracto ou em escrito posterior o senhorio o consentir expressamente.

§ 2.º O escrito a que se refere o paragrafo anterior deve ser assinado pelo senhorio ou por outrem a seu rogo, sendo a assinatura dêste reconhecida pelo notario, na presença do rogante.»

Já mostrámos, em artigo anterior, quanto estas disposições veem prejudicar todos aqueles que vivem em quartos alugados, porque, sendo, em regra, celibatarios, de mais casas não necessitam. Eles ficarão á mercê do principal locatario e do senhorio, ambos empenhados em lhe tirarem a camisa do côrpo a pretexto de consentirem na sublocação de um simples aposento. Mas ha ainda no artigo 7.º uma outra iniquidade, que fere inutilmente interesses, adquiridos á sombra das leis vigentes á época do primitivo contracto. Efectivamente, a sublocação não pode fazer-se *ainda mesmo que seja expressamente consentida.* Eis uma disposição draconiana, que castiga desapiedadamente senhorios e inquilinos e que a ninguem aproveita, nem mesmo ao Estado. Pelo contrario, o Estado é lesado, ainda que não seja senão pelas dificuldades que cria á população citadina, aumentando o seu mal estar e concorrendo para criar aquele estado de espirito colectivo a que convencionalmente se deu o nome de atmosfera revolucionaria. O § 1.º do artigo 7.º, acima transcrito, põe na dependencia do senhorio a sublocação do mais modesto aposento de um predio, o que confirma o comentario exposto.

TRESPASSES DE ESTABELECIMENTOS E CONGENERES

I

E' permitido, como na lei ainda vigente, o trespasse de estabelecimentos comerciais ou industriais para o mesmo ramo de comercio ou industria. A disposição é a do artigo 8.º da proposta:

«Art. 8.º O trespasse de estabelecimentos comerciais ou industriais só poderá ser feito por escritura publica e neste compreende-se sempre a sublocação, sem necessidade de autorização do senhorio, se fôr para o mesmo ramo de comercio ou industria.»

Está bem. No trespasse de um estabelecimento para o mesmo ramo de comercio ou industria ha dois valores completamente distintos: o valor predial e o valor comercial. Este pertence exclusivamente ao comerciante ou industrial, que, com o seu esforço e o seu capital, criou a corrente da freguesia que valorizou a casa trespassanda. Por isso mesmo, é absurda a disposição que

II

manda entregar ao senhorio uma parte do valor do trespasse. O sr. Catanho de Menezes mostrou desconhecer a verdadeira natureza das coisas ao introduzir a seguinte excepção, expressa no § 2.º do artigo 8.º, transcrito acima:

«§ 2.º O senhorio terá direito a 15 por cento sobre o preço do trespasse e o Estado 10 por cento, não podendo nunca esta percentagem calcular-se sobre quantia inferior a vinte vezes a renda anual e deverá ser paga no acto da respectiva escritura, sem o que o trespasse será nulo e de nenhum efeito.»

Dá-se, de mão beijada, 15 por cento do montante do trespasse ao senhorio, que arrecada o produto do trabalho alheio, recebendo uma parte da valorização do estabelecimento, valorização para a qual não concorreu, e, mesmo, em certos casos, até contrariou.

O sr. ministro da Justiça deitou abaixo toda a prateleira onde avaramente arrecada a sua esperteza, preceituando ainda, á cautela, que uma percentagem, que, pela letra da proposta de lei, se não sabe, ao certo, se é a do senhorio, a do Estado ou mesmo ambas, nunca pode ser inferior a vinte vezes a renda anual da loja. E' evidente que esta disposição foi ditada pelo mais puro arbitrio. Tanto podia ter-se escrito vinte vezes, como cem vezes, como mais, como menos. Legislou-se ás cegas. Mas, ainda por cima, se inutiliza, num grande numero de casos, a disposição que autoriza os trespasses, porque êstes, manifestamente, não poderão efectivar-se entre os pequenos comerciantes ou industriais, porque o valor real do trespasse pode não atingir o limite minimo de vinte vezes a renda anual da loja. Suprime-se assim, com uma penada, a liberdade de comercio e industria. Nestas condições, a disposição parece-nos inconstitucional.

III

Positivamente, o sr. Catanho de Menezes foi atacado de inquilinofobia. Não perde pitada: sempre que se lembra, carrega no inquilino com o peso da sua ferula jurisconsulteira. No § 1.º do artigo 8.º o inquilino apanha mais esta dose:

«§ 1.º O senhorio terá sempre o direito de preferencia, excepto se o trespasse fôr para descendentes, ou para ascendentes em primeiro grau.»

Os nossos legisladores, todos mais ou menos feitos á pressa, gostam de complicar, de enredar. A sua administração é tudo quanto ha de mais chinesa, se é certo que na Celestial Republica ainda se usam os processos que tornaram celebre a sua embrulhada diplomacia. Como bom discipulo de tão nefasta escola, o sr. ministro da Justiça não deixou de meter o senhorio no negocio dos trespasses, dando-lhe até direitos de opção! Nós lembramos ao sr. Carvalho da Silva que tome a iniciativa de abrir uma subscrição entre os senhorios a fim de se erigir uma estatua ao sr. ministro da Justiça. Deita-se abaixo a estatua de D. José, ergue-se, em vez dela, um chafariz simbolico das lagrimas dos inquilinos e suplica-se ao sr. Catanho de Menezes que consinta que a sua vera efigie sirva de coroação ornamental ao monumento. Ficaria optimo!

CONCLUSÃO

A questão dos trespasses de estabelecimentos comerciais ou industriais não fica ainda suficientemente analizada. A falta de espaço força-nos a deixar para amanhã a continuação do artigo.

Como se constroe a cidade de Lisboa

E COMO O SR. DAVYS («WAIT A BIT») FALA DA INCINERAÇÃO DE CADAVERES NUMA CIDADE TOTALMENTE DESPROVIDA DE HABITANTES

—E essa curiosissima cidade de Lisboa, tem já muitos habitantes?

—Nenhum habitante.

—Como?

—Nenhum habitante.

O sr. Davys cruzou a perna e acendeu o cachimbo.

—Nenhum habitante. Lisboa não tem por ora uma população como ainda quasi a não tem Roma, Paris ou Viena. Já foi de Denvert até ao Erie?

—Já.

Passou então por todas essas cidades. Não as notou, é simples. Na velha Europa os senhores vão ampliando as suas grandes aglomerações á medida que o acrescimo da população o exige, não é assim? Nós fazemos ao contrairo. Preparamos uma cidade e aguardamos os bipedes que hão de vir povoa-la, convidamos até as populações a virem dar-lhe vida. Entre Massachussets e o Maine, lançamos os fundamentos de sete ou oito cidades de importancia regular. Entre elas encontram-se, Paris, Londres, Lisboa, Madrid, Viena, que batizámos com os nomes das suas similares europeias.

—Ideia pouco imaginativa.

—Não havia lá absolutamente ninguem. Desbastamos florestas, desbravamos matagais, enxugámos pantanos e ao terreno assim preparado démos um nome, o nome da sua terra por exemplo: Lisboa. E assim, «ipso facto» foi fundada a cidade de Lisboa.

—Com essa facilidade não admira que se possam fundar milhares de cidades...

—Não é tanto como lhe parece. No terreno absolutamente vasio que constituia a area de Lisboa, depois de batisado, reinaram, de facto, a solidão e o silencio... durante quinze dias. O tempo indispensavel para proceder a operações preliminares. Com efeito durante estes quinze dias, tratou-se da organisação de varios serviços. Fundaram-se a «Improvements City» para os esgotos, a «Eletric Company» para os «tramways» eletricos, a «Coal Company» para abastecer de carvão as industrias locais, a «New light of Lisbon» para a iluminação e telefones, alem de muitas outras de menor importancia.

Passados quinze dias do que lhe falei, dez mil operarios tecnicos de todas as actividades desabaram sobre o terreno solitario da futura cidade. O solo foi revolvido, puzeram-se canos de exgoto, desenrolaram-se fios assentaram-se os «rails» dos «tramways». Neste meio tempo um exercito de calceteiros empedrava as ruas, desenhava os passeios, bordava os «squares» articulados com a elegancia e o conforto das cidades modernas. Jardineiros vieram plantar jardins civilizados. Dois mezes depois na cidade de Lisboa não havia ainda uma casa—mas em qualquer parte do terreno da futura «urbs» qualquer pessoa poderia falar ao telefone depois de ter vindo de carro electrico.

—Falar ao telefone com quem?

—«Wait a bit». Espere um momento. Depois de tudo isto feito começou-se a pensar em edificações. Imediatamente se ergueu o «Bank of City» com 17 andares. Fizeram-se a egreja catolica, o templo luterano e uma grande sala de concertos. Por este tempo fundou-se e instalou-se a sociedade crematoria para incineração dos cadaveres.

—Mas os cadaveres?

—Ainda não ha cadaveres. Não ha por enquanto. Espere um momento. «Wait a bit». Em resumo todos os grandes organismos sociais estão aptos a funcionar. Está tudo a postos.

—Esperam-se apenas os habitantes.

—E' isso mesmo. E não lhe parece mais racional esta forma de organisar uma cidade moderna? O elemento humano chega e encontra tudo pronto.

—Menos a casa.

—Questão de dois meses. E' o menos importante. Mas encontra imediatamente o seu banco para os negocios da vida e a sua egreja para os negocios da consciencia. O resto é secundario. Calculamos edificar a cidade em seis ou sete meses.

—Grande?

—Por enquanto uma cidade para oitenta ou cem mil habitantes. Daqui a seis ou sete anos a nossa Lisboa do Novo Mundo deverá ser mais populosa que a sua velha Lisboa tradicionalmente irrequieta.

—E Londres, Paris, Roma?

—Pelo mesmo processo. Vão em bom caminho. Em breve serão gente.

O sr. Davys, «bussiness-man» até ás pontas das unhas, bamboleia-se na «rocking-chair».

—Para nós a fundação duma cidade é sempre um negocio. Um negocio monstro em que se perdem ou se ganham milhões. Toda a parte sul do Massachussets estava positivamente indicada para a creação de grandes centros humanos. Não podiamos nem deviamos esperar que a reunião dos elementos indispensaveis a uma cidade se fizesse pela força das coisas. Tornava-se necessario provoca-la e activa-la.

—Resta então agora chamar os habitantes?

—Ninharia. Desde que consigamos como de resto já está conseguido, vantagens no imposto individual e maiores facilidades na «struggle for life», todos os «cockney's» da livre America surgem logo em multidão. São esses elementos—um pouco misturados, é certo, mas extremamente uteis,—que vão constituir o fundo da nossa futura população tanto para Lisboa, como para as outras cidades similares.

—E' em todo o caso agradavel para nós portuguezes, a existencia duma cidade com o nome de Lisboa, em territorio da livre America.

O sr. Davys soprou o fumo do cachimbo:

—Não vejo porquê. Chamou-se-lhe Lisboa como se poderia chamar-lhe qualquer outro nome...

—Não é amavel...

—Mas tem o merito da franqueza.

A guerra civil no Extremo Oriente

O movimento alastra na provincia de Kangri

HONG-KONG, 31. — As tropas do Sun-Yat-Sen capturaram a fortaleza de Tayuling uma das mais importantes da provincia de Kiangsi.—(R.)

O capitão aviador sr. Antonio Maia que ultimamente realisou com pleno exito o vôo em aeroplano, Lisboa - Madrid - Lisboa.

Vêr em Ultimas Noticias os Acontecimentos de Macau

A festa nacional de ginastica

E o esforço dos professores da especialidade

Já mostrámos em artigos sucessivos a situação falsa que tinham os professores de ginastica, dos Liceus, e a mesquinhez dos seus vencimentos. Tambem já mostrámos todos os deveres a cumprir e o nenhum direito a gosar. Agora vamos mostrar a sua competencia tecnica.

A maioria dos professores de ginastica dos Liceus é composta por oficiais do exercito, professores especialisados e medicos. Dos oficiais do exercito todos reconhecerão a ilustração que possuem e os conhecimentos adquiridos tanto na Escola do Exercito como na Escola Pratica de Infantaria em Mafra. Dos professores especialisados, o maior numero foram bons e mesmo distintos ginastas, que pelo muito amor á cultura e educação fisica procuraram por um estado honesto e apropriado adaptarem-se á ginastica pedagogica.

Estes professores teem uma competencia tecnica enorme e que em nada são inferiores aos tão reclamados professores estrangeiros. Deem-lhe os meios necessarios, e eles mostrar-se-hão grandes, tão grandes como os melhores.

Mas mesmo quando se quizesse pôr em duvida o alto valor dos professores de ginastica dos Liceus, bastava a explendida impressão deixada nos espectadores que foram ao Stadium vêr a «Festa Nacional de Ginastica».

Só quem não foi lá é que não sabe o quanto perdeu em não ter visto «uma lição de ginastica» executada por 2 mil alunos das escolas oficiais (Asilo Maria Pia, Casa Pia, Colegio Militar, Escola de Reforma em Caxias, Escola Primaria Superior D. Antonio da Costa, Instituto Pupilos do Exercito e os Liceus de Camões, Gil Vicente, Passos Manuel e Pedro Nunes).

Magnifico efeito e belo conjunto. Todos andaram muito bem, mas não podemos deixar de mencionar o Liceu de Gil Vicente que se apresentou irrepreensivelmente uniformisado, marchando com garbo e muito homogeneos na lição de ginastica.

Na concentração feita no Campo Grande, já se fizeram notar pela disciplina e precisão de movimentos e a sua entrada no Stadium foi saudada com palmas pela forma como marchavam.

No desfile em continencia, foi o unico Liceu a quem foram feitas elogiosas referencias pela maneira garbosa como sempre se mantiveram. Sem desdouro para os restantes Liceus, o Liceu de Gil Vicente foi o que melhor e em maior numero se apresentou.

Depois do desfile o sr. dr. Pacheco de Miranda (chefe da Sanidade Escolar), dr. Pinto de Miranda (Inspector da ginastica), tenente coronel Gomes de Oliveira (que dirigiu a parada), os professores de ginastica e um aluno representante de cada Liceu, foram á tribuna presidencial cumprimentar e agradecer ao sr. Presidente da Republica, chefe do Governo e ministros da Instrução e da Guerra.

O sr. Presidente da Republica num belo improviso, mostrou a sua enorme satisfação por ver o cuidado com que era ministrada a educação fisica e perante a mocidade a quem apertava a mão, vendo-a tão bem desenvolvidos, o Portugal futuro seria bastante forte e reocuparia o seu antigo logar. Felicitava os professores pela bela obra que estavam produzindo porque com tais educadores a Patria jamais poderia desaparecer.

O dr. Pacheco de Miranda teve uma conferencia com o sr. ministro da Instrução, e o professor sr. Sousa Magalhães, delegado pelos professores de ginastica, solicitou do sr. ministro da Instrução que depois do brilhantismo da prova publica dada pelos professores de ginastica, era chegada a oportunidade de no Parlamento (visto estar em discussão o orçamento do Ministerio da Instrução) advogar a causa dos professores de ginastica, melhorando-lhes os vencimentos e dando-lhes a efectividade que ha tanto solicitam e que já ha muito deviam ter.

O sr. ministro respondeu que realmente era justo e nesse sentido já tivera uma conferencia com o sr. dr. Pacheco de Miranda, ficando de estudar convenientemente o assunto. Quanto á efectividade supunha desnecessario ir ao Parlamento pois que sendo já lei, bastava o decreto, e quanto á melhoria de vencimento, consultaria o Governo e as respectivas comissões visto tratar-se de uma justiça com a qual concordava. O sr. Magalhães agradeceu as palavras do sr. ministro dizendo que seria com satisfação que os professores as receberiam logo que vissem tudo na legalidade.

Se assim fosse, seria caso para se dizer: «finis coronat opus»

ULTIMA HORA

As ultimas prisões

O que sobre elas diz o sr. Fausto de Figueiredo, um dos incluidos na «Lista Negra»

Com os titulos acima transcriptos publica a «A Imprensa da Manhã» uma entrevista onde o sr. Fausto de Figueiredo, um dos homens publicos que escapou, pela fuga aos assassinos de 19 de outubro, expõe o seu modo de ver acerca das ultimas prisões de oficiais do Exercito e da Armada. Tomamos a liberdade de transcrever a entrevista, porque as opiniões do sr. Fausto de Figueiredo estão de acordo com os de «A Capital», já por vezes expostas.

....

O sr. Fausto de Figueiredo foi procurado em sua casa na madrugada de 19 para 20 de outubro. Havia a intenção de o assassinar.

Ele era uma das pessoas cuja opinião sobre as ultimas prisões devia ser interessante. Quiz que fizessemos as perguntas por escrito, para da mesma forma nos responder.

Perguntamos:

1.º Que pensa v. ex.ª sobre as ultimas prisões?

2.º Como julga a atitude tomada pelo Governo?

3.º Qual deve ser a orientação a seguir neste momento?

4.º Considera o dr. Alexandrino de Albuquerque investigador imparcial?

As respostas são tão claras quanto possivel:

1.º Constituiu para mim, como aliás para quasi toda a gente, uma surpreza desagradavel, porquanto entre as pessoas presas se encontram individuos de alta categoria militar e politica que pelos seus antecedentes me forçam a julgá-los incapazes de uma acção criminosa.

2.º Desde que o assunto foi entregue á justiça, entendo que a atitude do Governo se deve exercer sómente no sentido de lhe facilitar, fóra de qualquer coacção, os meios indispensaveis á rapida, á urgentissima solução do caso, a fim de que sejam postos em liberdade os que nos morticinios do 19 de outubro não tenham a mais ligeira responsabilidade.

3.º Entendo que todos devemos aguardar com serenidade que os tribunais se pronunciem, fazendo todos votos porque a justiça se exerça pronta e rapidamente, o que é tão indispensavel aos acusados, como á satisfação da consciencia nacional.

4.º Repugna tanto á minha consciencia admitir, por hipotese, sequer, que haja alguem capaz de, num assunto de tamanha gravidade e importancia como este, no qual estão em jogo o brio e a honra de tantas pessoas, por a mais leve porção de parcialidade, que eu não tenho sequer a coragem de encarar a monstruosa hipotese de ver no juiz, encarregado desta missão, criatura diferente daquela que a opinião nacional reclama.

O militarismo alemão

Revive e renasce como a Fenix, das proprias cinzas

MUNICH, 31. — O kronprinz Ruprecht da Baviera e Ludendorff, ambos fardados, passaram revista ás associações de marinheiros. Uma enorme multidão presenciou o desfile prorompendo em aclamações entusiasticas. Foram enviados telegramas de felicitação ao kaiser e ao kronprinz alemão.—(Lat-Am.)

A Espanha

Desiste de continuar a sua ação militar em Marrocos até obter resultados positivos

MADRID, 31.—No conselho de ministros, o titular da pasta da Guerra deu conta do seu procedimento e das forças em operações em Marrocos. Terminaram as operações em Tazzut. Hoje espera-se que o inimigo se submeta, ficando a campanha reduzida á perseguição de alguns bandos de guerrilhas.—(Lat-Am.)

Politica franco-inglesa

Lord Derby faz a apologia do ponto de vista francez

LONDRES, 31.—Lord Derby falando num club, preconisou a franqueza de explicações entre a França e a Inglaterra e deu razão á França que se acusa falsamente de militarismo, e não se querer expôr a terceira invasão. Concluiu por dizer que seria necessario chegar a acordo entre os aliados para forçar a Alemanha ao pagamento.—(Lat-Am.)

A irradiação da peseta ofusca o escudo bruxuleante

Dizia ha dias um correspondente raiano que vira atravessar a fronteira de Portugal para Espanha um rebanho de bois, que calculara em 200 cabeças. O caso não é novo. Já o ano passado, no Parlamento, se contou a historia de um negociante espanhol de gado se mostrar muito satisfeito por lhe terem sido apreendidas 25 rezes.

— O senhor tem um prejuizo tamanho — disseram-lhe — e está tão contente!

— Pois então? — respondeu o negociante — emquanto sacrifiquei esse pequeno numero, consegui entreter o fisco e passar por outro ponto 1.500 cabeças!

Chegou o abuso do contrabando a tal excesso, que já ha noticia de se queixar contra ele o proprio comerciante espanhol honesto. Vão de cá para Espanha não apenas os gados, mas numerosos generos da produção agricola das nossas riquissimas provincias do Minho, Traz-os-Montes e Beira Alta. Azeite, cereais, frutas, legumes, batatas, ovos, doce, leite, queijos, tudo entra no paiz vizinho por contrabando. E o que sucede na raia do norte, ha de suceder nas do centro e do sul, onde quer que os nossos lavradores extraiam do solo português esses produtos admiraveis, que tanta falta fazem no mercado interno.

Tuo quanto nasce nesta terra abençoada de Portugal é melhor do que quanto se gera em outra qualquer parte do mundo. O vinho e o azeite, a carne e o peixe, o trigo e o centeio, as flores e os frutos, sendo portugueses, têm um aspecto e um sabor especiais. O estrangeiro que os aprecia, consagra-lhes louvores, homenageia-os dando estalinhos com a lingua no paladar.

Em Portugal, é tudo para o estrangeiro a rastos de barato. Trazendo na carteira libras, *dollars* ou francos, come e bebe *á la gurdia*; e se converter o resto que lhe sobre em escudos, pode vestir-se e calçar-se, á vontade, para todo o ano. A bondosa e fertilizante terra de Portugal! Só és avara para os teus proprios filhos!

Sim; porque os que nasceram á sombra das tuas florestas, embalados pela brisa maritima das tuas praias, aquecidos ao calor do teu sol doirado, são os que sofrem as amarguras mais crueis. Eles só têm escudos — os outros têm libras, têm dollars e têm pesetas. Oh! As pesetas! Esse dinheiro, outrora miseravel, que se infiltrava como um parasita nas nossas moedas de dois tostões e que nós engeitavamos com asco, expulsando-as da nossa opulenta algibeira! Um dia, em Espanha, disseram-nos: — *«Si usted no tiene duros, pague usted com mil réis.»* Bons tempos! A peseta não valia mais de 170 réis; e as cinco pesetas, portanto, 850 réis. O nosso mil réis dava ao espanhol um premio que não era para desprezar.

O Congresso Municipalista

Inaugura os seus trabalhos a 10 de Junho

E' no proximo dia 10 de Junho pelas 13 horas que terá logar no salão nobre dos Paços do Concelho a sessão inaugural do Congresso Municipalista presidida pelo Chefe do Estado.

O Congresso, para que se inscreveram já o grande maioria das Camaras Municipais do Paiz e as Juntas Gerais do Distrito, como vinculo dos seus Concelhos, vai ser uma magna assembleia dos legitimos representantes do povo onde será tratada a importantissima questão da descentralisação administrativa.

A primeira sessão abrirá ás 14 horas presidida pelo Presidente da Junta Geral do Distrito de Lisboa em que serão discutidos os grupos de teses.

1.º—Autonomia e descentralisação administrativa.

2.º—Federação dos Concelhos no distrito.

3.º—Federação das paroquias no Concelho. A sessão será encerrada ás 18 horas seguindo-se um chá oferecido aos srs. congressistas nos Paços do Concelho.

A segunda sessão será ás 21 horas presidida pelo Presidente da Camara Municipal de Lisboa em que serão discutidos os grupos de teses:

4.º — Municipalisação,

5.º—Fomento municipal,

6.º—Instrução, teses a) a i). A sessão será encerrada ás 24 horas.

No dia 11 ás 13 horas terceira sessão 1.ª parte presidida pelo Presidente da Camara Municipal de Braga em que serão discutidos os grupos de teses:

7.º—Assistencia.

8.º—Providencia;

9.º—Legislação Municipalista: Encerramento da sessão.

4.ª sessão, 1.ª parte ás 21 horas presidida pelo Presidente da Camara Municipal de Coimbra. 2.ª parte presidida pelo presidente da Camara Municipal de Evora, discução e votação de pareceres das comissões e de teses diferentes das do plano geral. Encerramento da sessão ás 24 horas.

No dia 12, A's 12 horas verificar-se-ha a sessão de encerramento na Escola Profissional de Agricultura presidida pelo Presidente da Camara Municipal de Vizeu. Encerramento do Congresso; visita ás propriedades da Junta Geral e suas instalações agricolas zootecnicas e tecnologicas. Haverá um almoço servido no campo aos srs. Congressistas

No Parlamento Francez

Fala-se da Alemanha e do sr. Lloyd George

PARIS, 31 — Discursando na Camara, o sr. Maurice Barrès, muito aplaudido, disse que a Alemanha não segue, sem duvida, os traços da politica de Bismarck, mas isso não basta. E' impossivel perder de vista os manejos dos antigos chefes militares, denunciados pelas descoberta de armamento pelos movimentos de tropas na fronteira polaca, atentados da Alta Silesia, ódio á França prégado nas escolas alemãs, ameaças do tratado de Rapallo e sucesso dos livros preconisando a luta contra as ideias do Ocidente. O remedio para a situação actual está no tratado de Versailles e a França deve defender o espirito ocidental contra a concepção prussiana do direito da Força. Acrescentou que todos os franceses desejam ardentemente trabalhar na reconstrução economica da Europa, mas esta obra não se efectuará por meio de concepções estreitamente economicas, pois está subordinada á regeneração moral e espiritual, sendo preciso manter os meios que o tratado de Versailles põe á disposição dos povos para pacificar os espiritos. Falando das responsabilidades da guerra e indignando-se com os artigos do sr. Hennessy, um dos representantes da França na Sociedade das Nações; o sr. Poincaré respondeu dizendo que o sr. Hennessy não representava já a França naquela Sociedade. — (H.).

PARIS, 31 — Na discussão na Camara, o socialista sr. Sombat procurou definir a mentalidade do sr. Lloyd George e a razão da sua atitude. O orador, fazendo aluzão ás campanhas levadas a efeito no estrangeiro, dando a França como animada de espirito de conquista e imperialismo, disse que os franceses devem convencer os seus amigos ingleses e italianos da vontade pacifica da França.

Acrescentou que havia interesses para a França em que os homens de autoridade como o sr. Poincaré afirmem que a França é um paiz pacifico e não forcem o governo francês a seguir uma politica contraria.

Os socialistas, acrescentou o sr. Sombat, reconhecem que as reparações devem ser pagas pela Alemanha. Terminou por pedir que a França retome a tradição da revolução francesa, que fez da França a libertadora dos povos.—(H.).

Poeira da Arcada

Reuniram hoje, em conferencia, no Ministerio da Instrução, para estudar, em face do orçamento, o meio pratico de aumentar as dotações da Universidade de Coimbra, os srs. ministro da Instrução, deputado Alves dos Santos e o sr. Abel Dias, chefe da Contabilidade daquele Ministerio.

A respectiva proposta de lei a apresentar, na sessão de hoje, na Camara dos Deputados, foi elaborada nesta reunião.

A questão irlandesa

Na camara dos comuns o sr. Churchill adia novamente a sua exposição

LONDRES, 31 — Ontem, na Camara dos Comuns, o sr. Winston Churchill tornou a adiar para ámanhã a sua exposição sobre a situação na Irlanda e disse que a evacuação de Dublin pelas tropas inglesas tinha sido temporariamente suspensa.

As cidades de Strabane e Clifford, no limite dos condados de Tyrone e Donegal, foram assaltadas por tropas republicanas, havendo grande tiroteio durante toda a noite, que causou muitas mortes. — (R.).

A Republica Imperial

Oferece medidas dilatorias sem demonstrar nada de positivo

PARIS, 31 — A resposta da Alemanha á Comissão de Reparações diz que ela fará os maiores esforços para reduzir a divida flutuante á importancia em que estava no dia 31 de Março, mas que isto só será possivel se lhe fôr concedido um emprestimo internacional.

Aceita o controle aliado, contanto que a sua soberania não seja atingida; proibirá a exportação de capital e procurará rehaver o já exportado, apresentando medidas legislativas para este fim.—(R.).

O 19 de Outubro

Afectos ao outubrismo

Os elementos que teem estado em sessão permanente realisam amanhã a sua ultima reunião a fim de definitivamente se assentar sobre o caminho a seguir. A manifestação de domingo proximo aos presos não tem a menor sombra de protesto contra o governo, mas é natural que passado o domingo ou seja na proxima semana algo se dê de sensacional.

Afirmou-nos hoje um outubrista, que caso aos detidos não seja dado destino rapido, natural é que o governo se veja depois em embaraços para arranjar prisões para novos presos.

E o nosso informador dá-nos a entender que as prisões não chegarão para receber 2 ou 3000 individuos que voluntariamente se apresentarão.

O que tudo nos indica é que a «carrapata» dia a dia se vai agravando sem que haja quem providencie a tempo...

Na Camara dos Deputados

Os acontecimentos de Macau

Havia a intenção, por parte de alguns parlamentares, de interrogar o sr. ministro das Colonias acerca dos sucessos de Macau, logo que o titular da pasta comparecesse em qualquer das casas do Parlamento. Até á hora de fechar este jornal ainda o sr. ministro das Colonias não deu entrada no edificio.

Interrogado a tal respeito o sr. ministro declarou não ter recebido noticia alguma de Macau, reservando as suas declarações quando tivesse de fazê-las, unicamente para o Parlamento segundo nos informaram no seu gabinete.

Entretanto o telegrafo distribuia os seguintes telegramas:

HONG-KONG, 30.-Confirma-se a noticia de uma gréve das tripulações dos juncos no porto de Macau, tendo sido cometidos actos de hostilidade contra a costa e contra a policia daquela cidade.—(Lat. Am.)

HONG-KONG, 30.—Nos tumultos de Macau, ontem mencionados, houve 74 mortos e varios feridos. Pela tarde chegou a Macau uma canhoneira ingleza. Receia-se que haja falta de viveres.—(H.)

Declarações do sr. ministro das Colonias na Camara dos Deputados

Interrogado pelo sr. Ginestal Machado, o sr. ministro das Colonias declarou o seguinte, acerca do conflicto ocorrido em Macau:

Um chinez desrespeitou um soldado indigena e foi preso. Como protesto declarou-se uma greve e produziram-se manifestações tumultuosas defronte da esquadra policial onde estava o preso e até nas ruas da cidade. A força publica interveio, conciliatoriamente. Um oficial foi agredido e desarmado. A força, então, fez fogo. Nos tumultos foram mortos 35 chinezes e feridos 33.

A' data do ultimo despacho telegrafico a ordem estava restabelecida.

Parlamento

Nos Deputados

HOJE HA DUAS SESSÕS, UMA DIURNA, OUTRA NOTURNA

Para ordem do dia, continuam na tabela o projecto que eleva as taxas dos emolumentos dos oficiais do registo civil e os orçamentos dos Ministerios da Agricultura, da Instrução e do Comercio. Não são, como se vê, assuntos para o publico. E' natural, pois, que os debates decorram sem interesse.

A sessão diurna — unica que interessa este jornal — abre ás 15 e 40 minutos, com 38 legisladores presentes. E' o sr. Domingos Pereira que preside. O sr. dr. Bacelar, que é o segundo secretario, lê a acta como convém: velocidade e pouca voz.

Os debates veem da sessão anterior. Trata-se do artigo 8.º do projecto sobre emolumentos do registo civil. Segue-se a discussão dos outros artigos, falando exuberantemente alguns deputados de todos os lados da Camara.

O sr. Amadeu de Vasconcelos, democratico, pronunciou um discurso interessante, fazendo a defesa dos funcionarios do registo civil. O que mais interessou a Camara foi o ataque, muito pronunciado, do ilustre deputado aos seus correligionarios da maioria, que não se pronunciaram favoravelmente aos aumentos de salarios e emolumentos dos oficiais do registo civil. «Os oficiais do registo civil — exclama o orador — têm servido os interesses da Republica com uma dedicação acima de todo o elogio. O que me surpreendeu — e muito dolorosamente — foi que dêste lado da Camara partissem alguns ataques contra as legitimas reivindicações dêsses funcionarios. Alguns dêles, sr. Presidente, ganham ainda 30 escudos mensais. Isto é vergonhoso e, principalmente, desprestigioso para a Republica».

O sr. Amadeu de Vasconcelos ouviu alguns frouxos apoiados, com excepção do sr. Sá Pereira, que, como de costume, os disparou com voz tonitroante.

A sessão continua.

No Senado

Preside o sr. Pereira Osorio, secretariado pelos srs. Ramos Pereira e Fernando de Almeida. Aprovam a acta 29 senadores.

ANTES DA ORDEM DO DIA

O sr. Julio Ribeiro manda para a mesa, justificando-o, um projecto de lei melhorando a situação dos antigos reformados da Imprensa Nacional, e renova a iniciativa do seu antigo projecto sobre a lei do inquilinato.

Os srs. Pais Gomes, Aragão e Brito e Vicente Ramos, instam mais uma vez pela remessa de documentos ha tempos pedidos por varios ministerios.

O sr. Santos Garcia lê e envia para a mesa um telegrama recebido de Cabeção, no qual os habitantes daquele conselho pedem providencias para a falta de assistencia medica.

O sr. Ferreira de Simas refere-se ás brilhantissimas festas de domingo passado no Stadium, nas quais tomaram parte cerca de 1500 rapazes e enaltece os resultados da educação fisica para o desenvolvimento da raça, censurando, no entanto, que alguns desses exercicios sejam demasiadamente violentos para os rapazes.

O sr. Afonso de Lemos ratifica o relato inserto em alguns jornais, relativos ao projecto sobre a construção da linha ferrea de Portel a Viana do Alemtejo.

A sessão continua.

Virgilio Costa

Não é exacto que o sr. capitão Virgilio Costa, deputado, se tenha ausentado de Portugal. Este parlamentar continua ocupando-se da sua vida normal não pensando em partir para o extrangeiro.

Em poucas linhas

São ámanhã enviados para o tribunal da Boa Hora Stela da Rocha, Virginia Mariana da Conceição, Henrique Vieira Serrão e Francisco Belo Fialho, que desfalcaram a farmacia Natividade, no Rocio, na quantia de 20 contos em artigos farmaceuticos.

O guarda civico n.º 1802 da esquadra da rua do Comercio, ao saltar, hoje de tarde, na rua Augusta, para um carro electrico, fê-lo com tanta infelicidade que partiu uma perna, sendo conduzido ao Hospital de S. José.

Foram presos Francisco Augusto de Almeida, Antonio Fernandes e Isidro Henrique dos Santos, todos da Azinhaga da Torrinha P. S., que furtaram uma porção de sacas, no valor de 160 escudos, a Pedro Serrano, rua da Magdalena, 273, 1.º.

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações
Londres, cheque	4 3,16 — 4 1,16
» 90 dias	4 5,16 — —
Paris, cheque	1176 — 1212
Suissa, cheque	2462 — 2538
Belgica, cheque	1050 — 1124
Italia, cheque	678 — 699
Berlim, cheque	46 — 53
Holanda, cheque	5041 — 5168
Madrid, cheque	2031 — 2098
New-York, cheque	12879 — 13278
Brazil, cheque	59 — 63
Austria, cheque	1 — 3
Noruega, cheque	2315 — 2386
Suecia, cheque	3335 — 3437
Dinamarca, cheque	2841 — 2928
Libras	64$00 — 66$00

Raid Portugal-Brasil

A grande subscrição para o bodo aos pobres está em 37.581 escudos

O major sr. Viriato Lobo, Governador Civil de Lisboa, continua recebendo importantes donativos para o grande bodo que vai distribuir pelos pobres por motivo do feito heroico de Gago Coutinho e Sacadura Cabral. Hoje foram recebidos no Governo Civil mais as seguintes verbas:

Lista n.º 366, 20$00; Chapelaria High. Life, 25$00; Grupo Dramatico Sportivo Estefania 17$00; Joaquim Leiteiro 3$15; um anonimo 10$00; Lista n.º 287, 50$00; Restaurant Corpo Santo, 30$00; Listas a cargo da Administração do 4.º bairro 1,325$65; Club Internacional, lista 368, 600$00; Casa Palisy Galvany 20$00; lista n.º 239, 8$80; Associação de Classe dos agentes de passagens e passaportes 250 escudos; listas n.os 47, 48, 79 e 84 a cargo da secretaria do Congresso da Republica 117 escudos.

Até ás 17 horas de hoje a subscrição estava em 37.581$33.

—No dia 6 de Junho proximo realisa-se no Coliseu dos Recreios o grande sarau com o concurso de todas as empresas teatrais e cujo producto reverte a favor do bodo.

A 8 do mesmo mez na Praça de Algés terá logar uma grande tourada com o mesmo fim devendo os espadas contratados em Espanha lidar os seus touros em hastes limpas.

A conjuração russo-germanica

Os dois principais industriais da Alemanha auxiliam a Russia

PARIS, 31 — O *Petit Parisien* publica uma carta de Berlim anunciando a formação de uma grande companhia germano-russa com o capital de trinta biliões de marcos papel, tendo a sua séde em Moscou, e da qual Stinnes e Krupp são os principais acionistas.—(R.)

O tratado russo-italiano

A aguia de Fiume e a de Tsarkocselo conversam acerca de interesses comuns

ROMA 30.—Afirma-se que Tchitcherine e o poeta Gabriel D'Anunzio tiveram uma extensa conferencia em Gardona Maviera acerca do tratado russo-italiano e sobre outras questões as quais talvez não seja extranho o pleito de Fiume.—(R.)

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anonima—Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Assembleia Geral Ordinaria dos srs. Accionistas

Nos termos dos artigos 31.º e 39.º dos Estatutos desta companhia, aprovados por Alvará de 30 de Novembro de 1894, é convocada a Assembleia Geral Ordinaria dos srs. accionistas possuidores de 100 ou mais acções, segundo os preceitos do artigo 28.º dos mesmos Estatutos, para se reunir em Lisboa, na séde social, no dia 30 de Junho proximo futuro, pelas 16 horas.

ORDEM DO DIA

1.º — Conhecer das contas respectivas ao exercicio de 1921, do relatorio do Conselho de Administração e do parecer do Conselho Fiscal e votação sobre essas contas;

2.º — Apreciar quaisquer propostas dos srs. accionistas, apresentadas segundo a parte final do artigo 38.º dos Estatutos;

3.º — Eleger dois vogais do Conselho de Administração, nos termos do artigo 13.º dos mesmos Estatutos, podendo haver reeleição, segundo o referido artigo;

4.º — Eleger dois vogais do Conselho Fiscal, nos termos do artigo 24.º dos ditos Estatutos, podendo haver reeleição segundo o referido artigo.

Para os srs. accionistas poderem tomar parte nesta assembleia, devem as acções nominativas ter sido averbadas até ao dia 30 de Maio corrente, inclusivé, e as acções ao portador terem sido depositadas até ao meio dia do dia 15 do mês de Junho futuro:

Em Lisboa — Na séde da companhia, no Banco de Portugal, no Banco Comercial de Lisboa, no Banco Lisboa & Açores, no Banco Nacional Ultramarino, no Montepio Geral e no Crédit Franco-Portugais;

No Porto — No Banco Comercial do Porto;

Em Paris—Nas caixas do Comptoir National d'Escompte de Paris, do Crédit Lyonnais, da Société Générale de Crédit Industriel et Commercial, da Société Générale pour favoriser le développement du Commerce et de l'Industrie en France, do Banque de Paris et des Pays-Bas e do Banco Nacional Ultramarino;

Em Londres — Nas caixas dos banqueiros Glyn, Mills, Currie & Company;

Em Genebra — Nas caixas da Société de Banque Suisse.

Os documentos legais estarão patentes na Contabilidade Central da Companhia desde 15 do mês de Junho proximo futuro.

Os bilhetes de admissão á Assembleia Geral serão passados pela Comissão Executiva da Companhia, em vista das acções averbadas ou dos recibos dos depositos das acções ao portador.

A assembleia constitue-se e poderá validamente deliberar nos termos dos artigos 32.º, 33.º, 36.º, 37.º e 39.º dos Estatutos.

Lisboa, 23 de Maio de 1922.

O presidente da mesa da Assembleia Geral, *Francisco José Fernandes Costa.*

Theatros e Cinemas

Agenda da semana

AMANHÃ —Avenida—Primeira representação da companhia Chaby-Cremilda, com a peça de André Brun «A Maluquinha de Arroios».
—Politeama—«Reprise» do «A menina virtuosa».
SEXTA FEIRA—Apolo—«Reprise» da revista «Porto tantos de tal».

Nota do dia

A' roda da festa, ha duas semanas, efectuada no teatro S. Luiz, em beneficio do maestro Manuel Benjamin, alguma coisa se passa que é muito desagradavel e que se póde prestar a comentarios desfavoraveis daqueles que não conhecem suficientemente o beneficiado e os membros da comissão organizadora dêsse beneficio.

Intuitos absolutamente louvaveis levaram essa comissão, no bom desejo de prolongar, tanto quanto possivel, o bem estar de Manuel Benjamin, a estabelecer-lhe uma mesada de 450 escudos, comprometendo-se de *motu proprio* á realização de um novo festival, logo que o pequeno capital agora realizado não desse margem á continuação do pagamento de tais mensalidades.

Por sua vez, Manuel Benjamin e muitas das pessoas que o rodeiam acham deprimente tal tutela, desde que, antecipadamente, se não impuzeram condições que êle aceitaria ou não e que dariam ao publico a liberdade mais ampla de com elas concordar ou divergir, para o que bastaria satisfazer a importancia dos bilhetes adquiridos á comissão nomeada ou directamente á pessoa a favor de quem se projectava o beneficio.

Palavra puxa palavra, o que é certo é que, contra a espectativa geral, se pensa já em advogados para derimir a questão, o que dá a publico uma impressão de uma falta de solidariedade que só prejudicial pode ser pára a classe dos artistas dramaticos e que, por sua vez, pode igualmente ser interpretada como falta de gratidão da parte de Manuel Benjamin, cuja festa, sem o concurso, o carinho e a boa vontade dos demais colegas, não poderia ter sido levada a efeito.

E' o tal caso de duas partes litigantes, ambas com razão. Qual a maneira de solucionar o conflito? Em minha opinião, muito facilmente: desligando-se a comissão organizadora da festa de uma tutela que, por proveitosa, ela supunha dever ser credora, tão sómente, de agradecimentos, entregando na sua totalidade o produto liquido da mesma ao beneficiado, e se, o que eu não quero crer provavel, tal importancia não tiver a aplicação util que ela desejaria, só por tal facto, a mesma se deve sentir desobrigada de qualquer influencia futura na vida de Manuel Benjamin. Mesmo porque o publico será, nessas condições, o primeiro a não acorrer a qualquer festival, desde que, ao contrario do seu sentir, o seu obolo não seja aplicado com aquela conta, peso e medida que deve ser o principio basilar da administração dos pobres.

ALVARO LIMA

Cartaz do dia

Teatro de declamação

NACIONAL—A's 9—«O Auto dos Faroleiros» e «Cavalgada das Nuvens».
POLITEAMA—A's 9,30—«O Regresso»

Teatro musicado

APOLO—A's 9,15—«Belo Sexo».
EDEN TEATRO — A's 9— Companhia espanhola—«La Marchadé Cadiz, La Revoltosa e La Huertas».
CHIADO TERRASSE—A's 8,30 e 10,30—«Tiro ao Alvo».
SALAO FOZ—A's 8,30 e 10,30—«Piparotes».

Animatografos

OLIMPIA—Rua dos Condes
CINEMA CONDES—Avenida da Liberdade
SALAO CENTRAL—Praça dos Restauradores.

O porto franco de Copenhague

A Dinamarca domina a entrada do Baltico. Desde tempos imemoriais que as tres vias maritimas dinamarquesas (Sund, Storebaelt e Lillebaelt) têm sempre sido os grandes caminhos naturais para a Russia, para a Finlandia, para a Estonia, para a Livonia, para a Lituania, para a Polonia, para o Nordeste da Alemanha e para os reinos orientais e meridionais da Suecia.

Entre as vias comerciais dinamarquesas, o Sund teve sempre a parte do leão no trafego do Baltico; teve mesmo o seu quasi completo monopolio durante um periodo muito longo. Está para o Baltico como o Dardanelos para o mar Negro. Logo em 1100, o celebre estadista dinamarquez—o bispo Absalão—que submeteu as tribus do Baltico e conseguiu transformar piratas cruéis em pacificos comerciantes compreendeu a excepcional posição geografica da pequena aldeia, por ele transformada num centro comercial do Baltico, batisando-a de Kjoebenhavn (Copenhague), palavra dinamarquesa que significa «Porto dos Comerciantes».

Copenhague desenvolveu-se mais rapidamente, que qualquer outra cidade dinamarquesa, e gradualmente este «porto dos comerciantes» tornou-se a capital da Dinamarca e residencia dos reis dinamarqueses e do seu parlamento e politica e intelectualmente, como comercialmente, a metropole do Norte. Foram longos e tenazes as suas lutas com as cidades hanseaticas e com outras invejosas da sua posição e do trafego cada vez mais importante, mas conseguiu sempre conservar a maior parte do comercio do Baltico.

Depois da grande guerra, o director americano do abastecimento designou Copenhague como o entreposto e o centro de distribuição dos alimentos e productos destinados a ser distribuidos na Escandinavia e nos Paises Balticos.

A importancia do porto, sobretudo do porto franco de Copenhague, foi depois disso posta em relevo pelas maiores revistas e pelos maiores jornais comerciais do mundo, entre outros «The Journal of Commerce and Commercial Bulletin» (New-York), «The Financier» (Londres) e o «Exportateur Français» (Paris), o qual, no numero de 1 de Julho de 1920, resume as vantagens do porto franco. O artigo conclui fazendo resaltar que «existe na Dinamarca e nos Paises Balticos um imenso campo de acção para o comercio francez — e portanto para a cultura franceza — a cuja exploração a França não deve ficar estranha, tanto mais que ela encontrou sempre e encontrará sempre nos dinamarquezes amigos fieis que conhecem a sua cultura e que compreendem a delicadesa e o gosto dos seus productos».

As primeiras escavações para a construção do porto franco de Copenhague foram feitas ha mais de 25 anos. Venceu rapidamente as dificuldades do inicio e ao fim de pouco tempo não havia na sua área um unico metro quadrado que não estivesse ocupado pela industria ou pelo comercio de alem-mar e os cais estavam cheios de navios e de mercadorias que um alargamento consideravel do porto e dos terrenos a ele pertencentes, se tornou uma necessidade urgente.

Os trabalhos de alargamento terminaram em 1920, juntando 157.000 metros quadrados á extensão das suas aguas e respectivamente 33 0|0 e 55 0|0 ao cumprimento dos cais e á capacidade de armazenagem.

*

Além da sua excelente situação o porto franco de Copenhague oferece um grande numero de vantagens áqueles que precisem de as utilisar. Sob o ponto de vista pratico, o porto é um estado internacional no Estado dinamarquez. A administração não está sujeita a qualquer fiscalização da parte das autoridades dinamarquezas: apenas as taxas dos direitos de armazenagem e de mão de obra não podem ser aumentadas sem autorisação do Governo dinarmaquez; são certamente os menos elevados de todo o norte da Europa.

A principal vantagem do porto franco é a sua isenção de qualquer direito alfandegário. Mercadorias de todas as especies são desembarcadas, armazenadas, manufacturadas e transbordadas para outros paizes, sem pagarem um centimo á alfandega ou ao Tesouro dinamarquez. Só tem que passar pe'a alfandega quando forem destinadas ao consumo ou ao uso dinamarquezes e forem transportadas para o territorio dinamarquez. Graças á construção ideal, á administração dos armazens e ao emprego de todas as maquinas e engenhos mecanicos modernos, o desembarque e o reembarque das cargas são feitos num tempo minimo, fazendo assim do porto de Copenhague, não só o porto de escala mais barato do Norte da Europa, mas tambem o mais rapido.

O porto franco de Copenhague é o porto de destino ou de escala da maior parte das grandes linhas maritimas, e o numero de grandes linhas que utilisam o porto de Copenhague aumentou depois do armisticio. Copenhague está por consequencia em relações diarias com os paizes visinhos do Baltico.

*

A «Companhia Anónima do Porto Franco de Copenhague» foi fundada em 7 de Julho de 1894, com o fim de administrar um porto livre segundo as regras e leis estipuladas na concessão dada á Companhia em 27 de Abril, nos termos da lei 44 de 31 de Março de 1891. A construção foi começada imediatamente pela administração do Porto de Copenhague sendo, todavia, todas as instalações feitas por conta da Companhia Anónima do Porto Franco de Copenhague. O Porto Franco foi aberto ao comercio a 9 de Novembro de 1894. Até 1 de Janeiro de 1920 a Companhia do Porto Franco tinha gasto em construções do porto a quantia de 14.312 695 coroas.

Em 24 de Abril de 1915, foi celebrado um acordo entre a administração do Porto de Copenhague e a Companhia do Porto Franco, a respeito dum alargamento do Porto Franco que comportava a anexação dos territorios livres situados ao norte do porto franco e pertencentes ao Porto de Copenhague. Por este acordo a Administração do Porto devia construir á sua custa, uma nova bacia, assim como os cais necessarios.

Todavia as despezas de instalação para este alargamento deviam ser suportadas pela Companhia do Porto Franco conforme o § 2.º da concessão de 27 de Abril de 1892.

Pela concessão a Companhia do Porto Franco tem o previlegio de administrar o porto franco durante um periodo de 80 anos.

O Conselho de Administração não pode pagar despesas não compreendidas no orçamento ou exceder a quantia votada, a não ser com o assentimento dos 4 membros eleitos pelo Ministro e pela Administração do Porto. No caso da Administração do Porto recusar sancionar qualquer detalhe das despesas, a decisão final pertence igualmente ao Ministro das Obras Publicas.

O extracto das contas annais deve estar pronto, o mais tardar, quatro meses depois do fim do ano comercial e deve ser revisto por dois peritos contabilistas, sendo um nomeado pelos acionistas da Companhia e o outro pelo Ministro das Obras Publicas. Os contabilistas são pagos pela Companhia, mas o Ministro das Obras Publicas fixa a quantia que deve ser paga ao contabilista nomeado pelo mesmo ministro. Os peritos tem o direito de examinar em qualquer ocasião todos os livros, caixas e papeis da Companhia e de obter da direção todo o auxilio e todas as informações necessarias.

No fim de 25 anos, contados do dia em que o Porto Franco de Copenhague foi aberto ao trafego, o Governo dinamarquez tem o direito de exigir que todos os bens da Companhia, incluindo o fundo de reserva, sejam transferidos para o seu nome ou para o da Administração do Porto de Copenhague. Mas neste caso, o Governo dinamarquez ou a Administração do Porto de Copenhague, alem de reembolsar as obrigações emitidas pela Companhia com a sanção do Ministro das Obras Publicas, tem de comprar todas as acções possuidas pelos acionistas da Companhia, ao preço medio a que tenham sido cotadas na Bolsa de Copenhague nos ultimos 10 anos.

O Conselho de Administração compõe-se de 8 membros, dos quais 2 nomeados pelo Governo e investidos de autoridade em tudo o que respeita ás questões do porto, e 2 pela Administração do Porto de Copenhague, escolhidos entre os seu proprios membros; os outros 4 devem ser eleitos pela assembleia geral dos acionistas, sendo indispensavel a qualidade de acionistista. O membro mais velho do Conselho eleito pela assembleia dos acionistas deve ser substituido no fim de cada ano.

O capital da Companhia é de quatro milhões de coroas em acções de 2.000 coroas cada. A emissão e transferencia das acções da Companhia não pode aumentar o seu capital pela emissão de acções ou de obrigações, a não ser que este aumento tenha sido autorizado por lei.

As despesas totais do Porto de Copenhague para a construção do Porto Franco ascendiam em 1 de Janeiro de 1921 a 21.545.163 coroas, a que é necessario juntar 4.000.000 de coroas para o ultimo alargamento.

A divida de obrigações da Companhia atingia nesta época 13.500.000.

Foram previstos novos alargamentos para o Porto Franco de Copenhague; o custo elevar-se-ha a cerca de 12 milhões de coroas só para o alargamento do porto; os entrepostos exigirão tambem grandes despesas.

SPORT

Em pratos limpos...

O facto que deve prender de hoje em deante a atenção da gente de sport entre nós, é a representação de Portugal no Brasil no tempo da exposição.

E' absolutamente necessario que se não siga o sistema que tão mau resultado deu até agora, e que nos deu a figura pouco brilhante, digam o que digam de Stokolmo, de Anvers e de Madrid.

Juntem-se esforços, ponham-se de parte compadrios, vaidades de club etc, e que vá quem tiver o direito de ir pelo seu valor e honestidade sportiva.

Se o não fizerem, limitar-se-ha a nossa representação a um passeio, interessante sob o ponto de vista turismo, mas nulo como representação atletica...

* * *

O nosso amateurismo está cada vez mais embrulhado. Perdeu se a noção da diferença entre amadores e profissionais, os clubs consentem, as Federações não interveem e cada vez é maior a confusão.

Ora parece-me que é tempo de acabar com a confusão, e pôr cada um no seu logar...

Como posso considerar amadores, a quem intitulando-se como tal, consente que se anunciem combates de box, e se apresente a fazer exibições.

A quem por qualquer motivo, se apresenta ao lado de profissionais, quando poderia fazer alarde dos seus discipulos, no que lucraria mais o sport sob o ponto de vista propaganda?

Como posso considerar amador o atleta que num sarau faz anunciar que tal barra de alter pesa mais do que realmente pesa?

Como posso considerar amador o lutador que em festas de profissionais presta o seu concurso, lutando com profissionais?

Porque não interveem as Federações cuja principal razão de ser, é disciplinar a familia sportiva?

Porque lhes falece a autoridade moral, visto que usam e abusam o seguinte sistema.

«Deixa andar, corra o marfim»...

O jornalismo sportivo é um dos grandes culpados desta embrulhada, como provarei num proximo artigo.

E é por isso que eles não querem que eu escreva...

RUY DA CUNHA.

NOTICIARIO

NATAÇÃO

No proximo mez de junho inicia Ginasio Club Português uma classe de natação aos alunos da Casa Pia de Lisboa como já vem fazendo desde ha longos anos com excelentes resultados para os alunos daquela benemerita instituição.

Recebem anualmente instrução de natação na classe do Ginasio Club cerca de 100 alunos que ficam promptos a nadar numa media de 10 lições.

Esta classe funciona numa pescina que a Casa Pia tem na cerca.

Tenciona a Direcção do Ginasio Club Português no dia da abertura da classe fazer uma festa de natação na piscina grande, com os alunos do ano transacto fazendo tambem entrega das medalhas das provas finaes do ano findo.

CAMPEONATO DE BOX

Terminou hontem no Ginasio Club Português, o Campeonato Regional de Box, que decorreu com desusado entusiasmo.

Foram os seguintes resultados:
Minimos—Faustino Rodrigues
Levissimos—Gabriel Sobral Dias
Leves—Abel Cunha
1|2 Leves—Abel Cunha
Medios—Francisco Barceló
1|2 Medios—Aragão Andrade

Arbitrou o sr. Manoel da Silveira e Oscar da Silva da Federação Portuguesa do Box.

FESTA DE GINASTICA EM SETUBAL

O Ginasio Club Português a convite da Victoria Foot-Ball Club de Setubal vai ali no proximo mez de junho realisar uma festa ginastica com um programa constituido por alguns dos melhores numeros de ginastica que representou no Sarau do Coliseu dos Recreios ultimamente realisado.

Esta festa está despertando bastante entusiasmo em Setubal por o Ginasio Club já ali o ano passado ter realisado uma interessante e animada festa.

LIGA PORTUGUEZA DOS CLUBS DE NATAÇAO

Delegação de Lisboa

«Realiza-se no proximo dia 10 de Junho, por ocasião das grandes festas da Cidade o inicio do Campeonato de Water-polo que este ano é pela primeira vez, em Lisboa, disputado em 3 categorias. O campeonato escolar para disputa da taça Alfredo Soares terá logar neste mesmo dia. A inscrição para os campeonatos de Water-polo, fecha no proximo sabado, 3 de Junho pelas 24 horas.»

TAUROMAQUIA

A corrida de beneficencia de domingo

Está organisada com elementos verdadeiramente valiosos a corrida que no domingo se realisa no Campo Pequeno a favor do Cofre de Beneficencia de «O Seculo». Lidam-se touros todos puros e já isso representa uma das melhores garantias que um cartaz de touros pode oferecer. Descendentes de sementaes espanhois, esses touros pertencem ao creador de Montemór sr. João Manuel da Veiga Malta, que faz a sua estreia em Lisboa como ganadero. São oito formosos animaes que serão lidados pelo matador de novilhos Antonio Calvache e por um luzido grupo de artistas portugueses, entre os quaes sobresaem o cavaleiro Simão Luiz da Veiga e seu filho Simão da Veiga Junior, que do seu pae vae receber a alternativa. Antonio Calvache chamado em Espanha o toureiro senorito, pela elegancia do seu porte e trato e porque na verdade é rapaz da melhor sociedade, tendo abraçado o profissionalismo por aficion mas trabalhando quasi exclusivamente em festas de caridade, é um lidador artistico e adornado, que o nosso publico vae aplaudir com pleno agrado. Traz um bom peão de brega.

Os nossos peões são Rocha e Luciano, que bandarilharão com ferros de palmo um touro embolado á espanhol; José Costa e Mateus Falcão, tomando ainda parte os toureiros espanhois Alfarero e Punteret e o valente grupo de forcados vilanfranquense, de que é cabo Manuel Burrico, grupo habil e unido que com os touros puros vae fazer brilhar a portugueza sorte da péga.

O antigo aficionado e pegador amador sr. Leopoldo Finzi, ainda não esquecida figura de corridas famosas e tardes de gloria, dirigirá a corrida. Tocarão a banda da casa e a banda da Armada.

Exposição do Rio de Janeiro

Está já quasi inteiramente completo o mostruario que a joalharia Reis Filhos, do Porto, apresentará na exposição internacional do Rio de Janeiro. Em todos os trabalhos se nota, a par da mais artistica e primorosa execução, a ideia levantada de exaltar Portugal, atravez da simbolisação de culminantes figuras e acontecimentos que marcam gloriosamente na nossa historia.

O mostruario que a joalharia Reis Filhos destina á exposição está avaliado em mil e quinhentos contos.

Conferencias na Escola Militar

E' no proximo sabado, dia 3 de junho, que o professor da Escola Militar tenente-coronel Henrique Pires Monteiro, realisa a sua conferencia subordinada ao titulo «O Metodo Fayol na Organisação Militar», cujo objecto se resume na tentativa de aplicar o metodo industrial de Fayol aos estudos de organisação militar e especialmente á constituição dos quadros; sendo esta tentativa sugerida pela afirmação corrente de que os exercitos se industrialisam.

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

OS NOIVOS

por JULIO CESAR MACHADO

Encontrava-a, muitas vezes, aos domingos, em casa de uma familia da minha amisade, onde costumava ir jantar.

Era uma menina de quinze anos, graciosa e viva, de olhos negros como a noite, de sorriso claro como o dia. Nunca o sol alumiara sobre a terra mais alegre e descuidosa criatura, nem a palheta de um pintor conseguira toques mais pronunciadamente doces do que duas pequeninas pregas, que se lhe desenhavam nas faces quando os labios se lhe entreabriam num sorriso!

Chamava-se Maria do Carmo. Tratavamo-la por Carminho quasi sempre. O seu genio travesso apresentava-lhe a indole de um diabrete. Quebrava por gosto e rasgava para se entreter. Era um demonio, mas um demonio bom; — antes isso do que um anjo... mau!

A primeira vez que a encontrei tinha ela doze anos. Cresceu-me diante dos olhos; de domingo para domingo fazia diferença na altura! Era uma coisa galante para vêr, a ufania com que ela nos contava que havia feito descer a bainha de um vestido.

De repente, num belo dia em que a encontrei ao Chiado, disse-me sorrindo com o seu ar mais gracioso e mais afavel:

— Que de novidades nestes dois meses em que não nos temos visto! Caso-me ámanhã.

Depois, apertou-me a mão, que eu lhe abandonei extatico, e entrou para uma modista, pulando de alegria.

No dia seguinte teve lugar o casamento e recebi convite dali a uns dias para uma *soirée*, que os noivos davam.

O marido de Carminho era um homem de quarenta anos, que parecia ter trinta; isto é decerto preferivel a ter trinta e parecer ter quarenta. Eu conhecia-o de vista, mas não sabia nada a seu respeito.

Um amigo meu, que estava no baile, e com quem o vi conversar na melhor intimidade, foi o incumbido de me dar explicações. Era um moço poeta, que interrompera os seus estudos universitarios por uma loucura amorosa, e que andava em Lisboa passeando a sua melancolia.

— Meu caro Carlos, disse eu, dando-lhe o braço, preciso da tua boa veia de observador; explica-me o noivo!

— Um homem de trinta anos.

— Ouvi dizer quarenta.

— Quarenta, ou trinta, como tu queiras; mas trinta anos é uma feição e quarenta é uma idade; por isso, te digo que o meu amigo Gonçalo Dantas, cavalheiro da provincia, que gastou em Lisboa a sua fortuna e o seu coração, guardou apenas o seu espirito... para fazer um casamento!

— Um especulador!

— Um homem do mundo.

— Julgas que a noiva possa ser feliz?

— E julgas que êle proprio o possa ser?!

— Porque não! Uma menina que entrou na vida por uma porta doirada e que possue a duplice felicidade de ter um nome de familia que a dispensaria de uma fortuna e uma fortuna que a dispensaria de um nome de familia!

— Sim! Dizem-me que o pai é ahi visconde não sei de quê!

— E o teu amigo Dantas?...

— O meu amigo Dantas é um homem que conhece a vida, uma coisa em que tu só tens ouvido falar.

— E que a tornará infeliz, embora lhe salve aos olhos do mundo as aparencias de vitima!

— Admira tu no amor a superioridade das mulheres; elas representam sempre o papel de desgraçadas e deixam-nos o de tirano, que a nôssa vaidade aceita ás vezes com desvanecimento. Para que te obstinas a vêr uma namorada numa noiva — e para que insistes em não vêr na noiva uma mulher? Gonçalo Dantas é um homem educado, que sabe sorrir e calár-se até! Essa menina deixou-se encantar menos pelo espirito dêle do que pelo desejo de dançar no seu proprio baile de nupcias: ela tem quinze anos; a familia prometeu-lhe uma boneca para o dia do seu casamento: essa criança é um anjo, se assim o queres, mas os anjos podem enfastiar-se das harmonias celestes e pedirem á terra a agonia dos seus hinos. Ela quiz casar, meu amigo, eis tudo; Hamlet fez para um caso dêstes o seu *that is the question!* Quando uma mulher nos induz á tentação, tornou-se nossa cumplice; não nos pode ser juiz. O noivo é um homem distinto, que ha de ser sempre para ela um marido delicado e amavel.

— Amavel, é possivel.

— E delicado!

— Não é provavel. A delicadeza é um metal, que não tem liga; a amabilidade já tem, — já pode ter! — alguma em pequena porção que seja!...

— E que importa que suceda assim? O que conheces tu de verdadeiro na vida? O ultimo acto dela até... uma bela morte, não é quasi sempre senão uma ultima mentira! Julgas tu extremamente sincera a noiva?

— Crês sincera a inocencia?

— A inocencia... Seja. Que sabes tu dela, meu bom amigo, que sabes tu da inocencia que não seja o que vem nos livros? Onde a viste, que te disse, como cumpriu as promessas que te fez e de que forma compensou a confiança que lhe adiantaste? O que é preciso no mundo para dar ares da inocencia, — ter quinze anos? E' preciso então não andar nos bailes desde os treze! As polkas, as shotisches, as redowas, todo êsse frenesi que põe prematuramente em relevo as graças de uma menina, são o primeiro ataque á sua pureza e á sua candura! Olha para elas! Repara! Os homens apertam as senhoras nesta valsa, — não vês? — como uma obreia aperta uma carta! Olha a noiva: que gentil criatura, realmente! Mas tem mau sorrir; sorri com os labios sem sorrir com os olhos! Oh! desconfia... desconfia sempre de pessoas assim. E' uma criança sem aspirações e sem alma, aposto; toda vaidades!

— Conhece-la já.

— Não a conheço, adivinho-a. Os presentimentos, meu amigo, são as sombras visiveis de corpo que não se vê. Esta rapariga é fria!

O noivo chegou-se a nós nesta ocasião.

— Vem cá, Carlos, disse êle; quero apresentar-te a minha mulher.

E Carlos foi pelo braço de Gonçalo Dantas.

— Com quê, — disse-lhe Carlos a meia voz, — estás casado!

— Dispensa-me da tua piedade! respondeu o marido, rindo.

— Ao contrario! Quero saudar pelo pasmo a tua heroica resignação!

— Que queres! As dôres imutaveis... não soltam nem um grito!...

Estavam diante de Carminho.

— O sr. Carlos Eduardo de Lemos, meu amigo, disse o noivo. Escuso lembrar-te que sabes de cór quasi todos os seus versos; é o suficiente para não lhe falares em tal, visto que êle não tem a coragem de se declarar poeta nesta sociedade de Lisboa, que principia a não crêr neles!

Carlos Eduardo conversou todo o tempo do baile com Carminho e tomou parte em duas contradanças, a pedido seu. Era dêstes dandies carinos sem coragem, que tremem no *chevalier seul*. Fazia-se palido como uma cidra, depois vermelho como uma romã e em seguida lívido como um defunto; todavia, aguentou-se o melhor que poude, e quando, pelo fim da noite, tive pela primeira vez o prazer de o tornar a possuir, pareceu-me um homem contente de si e do mundo.

— Que tal conversa a noiva, preguntei-lhe.

— Oh! Não me fales nisso. Uma tagarela insofrivel, que me moeu o espirito e a palavra. Isto faz-me por força uma doença. Não ha maneira de conversar com semelhante preciosa, que fala tudo, que fala sempre, que fala mais que sempre! Toda a noite, meu amigo, toda a noite! Tenho o inferno dentro de mim!...

(Continua)